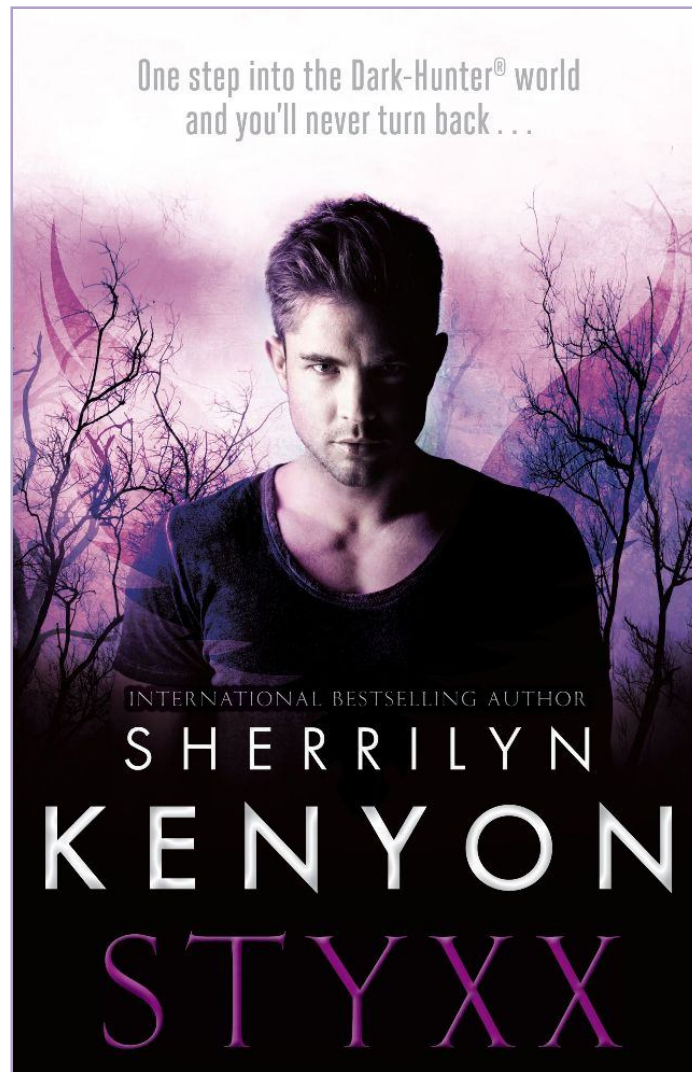


Sherrilyn Kenyon – Dark Hunters 31

Styxx



PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Tradução: Ana, Clarice, Luci, Miriam, Renata, Tininha

Revisão e formatação: Carol



Comentário da Ti: Olha, no começo eu pensei: quanta desgraceira, quanto sofrimento. Haja páginas para descrever tanta dor, tanto massacre... credo! E confesso: foi desgastante. Styxx é um personagem odiado pelas fãs dos DH, e se eu sempre pensei que essa escritora fosse boa, desta vez tive certeza. Ela transformou completamente a visão que todos tinham do Styxx.

Toda moeda tem dois lados, e este livro veio para resgatar de vocês, leitores, a autoestima perdida por este guerreiro. Um livro denso, mais da metade dele de sofrimento. Mas também é um livro de resgate. É óbvio que este livro não poderia ser feito correndo, pois poderíamos deixar passar meandros que seriam vitais para o entendimento do livro. Mais de 900 páginas de sangue, suor e lágrimas. Ele te arranca soluços, risadas (poucas, mas arranca) e mais uma vez nos faz pensar que os vilões não são maus à toa. Styxx fez com que víssemos Ash por outro prisma, e este não muito agradável. Limpem seus corações e deem uma chance para este guerreiro tão sofrido, mas que para mim se tornou um dos meus heróis favoritos. Livro emocionante.

Justamente quando você pensava que o juízo final acabou...

Séculos atrás, Acheron salvou a raça humana, aprisionando um antigo mal empenhado na destruição absoluta. Agora o mal foi desencadeado e quer vingança.

Como irmão gêmeo de Acheron, Styxx nem sempre esteve ao lado dele. Eles passaram mais séculos indo pela garganta um do outro do que protegendo as suas costas. Agora Styxx tem a chance de provar sua lealdade à seu irmão, mas somente se estiver disposto a negociar sua vida e futuro com Acheron.

A deusa atlante da ira e da miséria, Bethany, nasceu para corrigir erros. Mas nunca foi uma tarefa que ela gostou.

Até agora.

Ela deve a Acheron uma dívida que promete pagar, não importa o que aconteça. Ele vai se juntar aos seus companheiros deuses no inferno e nada vai pará-lo...

O herói: Styxx

Irmão gêmeo idêntico de Acheron, Styxx nasceu para a riqueza e poder. Durante sua vida mortal, Styxx acreditava ser o irmão mais velho. Por causa das escolhas de vida de Acheron e sua recusa em ouvir as advertências de Styxx, foi humilhado por estar relacionado com Acheron. O fato de eles serem idênticos na aparência tornou tudo pior para ele, e foi ridicularizado toda sua vida por isso. Por causa de seu próprio isolamento provocado por ser Acheron.

A heroína: Bethany

Filha do deus egípcio Set e da deusa atlante Symfora, Bethany foi levantada no panteão atlante como deusa da Ira, da miséria e da caça. Era uma tarefa que nunca saboreou e iria encontrar a paz de suas funções ao escapar para o reino humano, onde se apaixonou por um jovem fazendeiro chamado Hector. Por ele, somente, ela estava disposta a desistir de sua divindade e viver como uma mortal em seu mundo. Mas no mesmo dia em...

NOTA DA AUTORA

Escrever sobre a história é sempre uma perspectiva difícil. Para começar, historiadores em si são extremamente argumentativos em relação a qualquer coisa que não pode ser provada ou que não está esculpida em pedra... que é a grande parte da história humana. Anos atrás, Norman Cantor escreveu um livro fantástico chamado “A invenção da Idade Média”, que mostra as visões e opiniões de um historiador e fundamentou muito suas pesquisas e conclusões. Passei muitos anos no campo da história, e em grupos de historiadores profissionais, defendendo papéis e opiniões / conclusões suficientes para saber em primeira mão o quanto nossas opiniões diferem e como virulentamente todos nós vamos defendê-las.

Dito isso, a primeira parte desse livro existe fora de qualquer evidência arqueológica atual, e antes da maior parte da história humana. Existem milhares de sítios arqueológicos que são debatidos quanto à sua idade e quão avançados eram quando estavam se desenvolvendo. Sítios que, honestamente, sabemos muito pouco sobre, o que pode ser interpretado de várias maneiras. E o registro histórico é escrito e reescrito a cada ano, novas evidências e descobertas e interpretações são introduzidas.

No reino dos Dark Hunters, no momento em que esse livro se passa, o mundo antigo é muito mais avançado do que o registro humano que temos atualmente. Não está errado. Simplesmente faz com que seja ficção.

Na minha série, após a morte de Acheron, Apollymi lança todo o mundo de volta à Idade da Pedra e é por isso que somos ensinados na escola que a Grécia antiga não é tão avançada como a que eu escrevi para Acheron e Styxx. Não é imprecisão histórica da minha parte, ou a falta de pesquisa, mas é o mundo ficcional que criei.

A Grécia e o Egito de Acheron e Styxx antecedem nossas histórias atuais para esses países. Uma vez que não possuem registros escritos da época de Atlântida (exceto a menção de Platão da cidade condenada muitos séculos depois de que foi destruída), sem falar nos milhares de anos antes de Atlântida que compõem o mundo de Bathymaas¹ e Aricles².

¹ A primeira e original deusa da Justiça, Bathymaas foi criada para manter Set preso e no lado em que ele deveria permanecer. Devido seus deveres de justiça, ela acredita que é incapaz de sentimentos. Isso é algo que faz com que entre em conflitos com outros deuses, incluindo Leto que não consegue perdoá-la por não punir Hera pela maldição que Hera lançou contra ela e seus filhos. Mas quando uma amarga, cruel traição lhe custa tudo, Bathymaas se torna o pior pesadelo da humanidade e dos deuses.

Algumas das cidades soberanas e países no livro, como Didymos, são fictícios, enquanto outros, como Atenas e Thebas, são reais. No entanto, uma vez que não possuem registros escritos para este período de tempo, e dada à forma como as cidades e países podem mudar (às vezes muito depressa), tomei liberdade com elas.

Além disso, o grego que Styxx e Acheron teriam falado não é igual ao grego moderno ou mesmo a antiga escrita tradicional/grego clássico. Os idiomas são uma entidade viva e os significados das palavras estão constantemente mudando. Tal como, há vinte anos dizer que algo estava “doente” seria negativo. Hoje, pode ser negativo ou positivo dependendo do contexto. O idioma está sempre evoluindo. Para dar ao meu mundo imaginário um senso de realismo, incorporei essa tendência humana nos livros.

Da mesma forma, pode haver palavras ou frases que poderiam ser interpretadas como modernas que realmente não são. O homem antigo era muito criativo com seu vocabulário e insultos. Em alguns casos, usei sua criatividade registrada e em outros, encurtei para coisas como “foda-se,” que soará atual. Não quer dizer que seja estritamente uma frase moderna (temos inúmeros exemplos históricos de seu uso escrito). No passado, eles teriam dito isso e normalmente enfeitado com detalhes. Enquanto isso, palavras como “idiota”, que podem soar modernas, são realmente de origem grega - μωρός - que foi escrita em textos no século V a.C. e tem o significado moderno da palavra. Não sabemos quantos anos essas palavras realmente têm, só podemos avaliar a sua idade até que sejam escritas. Mas normalmente as palavras e frases estão ao redor muito tempo antes da escrita ser registrada, especialmente nos tempos históricos.

O único termo verdadeiramente anacrônico³ no livro é “inferno”, mas não tinham o conceito moderno de inferno no mundo antigo, teriam somente usado as palavras Dozakh ou Pyriphlegethon. Para simplificar, mantive o nosso termo moderno. Grande parte do nosso conceito atual pode ser atribuído ao zoroastrismo⁴ antigo cerca de 3.500 anos atrás, que por sua vez significa que o conceito estava ao redor mais tempo do que nós podemos provar, mas que foi

² O filho mais velho de uma família de três filhos, Aricles não tinha nenhum desejo de ser um soldado, mesmo que suas habilidades de combate estivessem entre as melhores do mundo. Quando seu irmão fica determinado a usar o uniforme de soldado, Aricles se une a ele com uma promessa ao seu pai que traria seu irmão inteiro para casa. O que nunca contou é o quanto suas novas vidas mudariam para sempre, ou o risco que um amor proibido iria custar a ele.

³ Que contém elementos estranhos ao contexto temporal no qual está inserido.

⁴ O zoroastrismo, também chamado de masdâismo ou parsismo, é uma religião monoteísta fundada na antiga Pérsia pelo profeta Zaratustra, a quem os gregos chamavam de Zoroastro. É considerada como a primeira manifestação de um monoteísmo ético. De acordo com historiadores da religião, algumas das suas concepções religiosas, como a crença no paraíso, na ressurreição, no juízo final e na vinda de um messias, viriam a influenciar o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, mas sua influência foi filosófica e não religiosa como alguns relatam, não houve sincretismo religioso entre essas crenças e sim um compartilhamento filosófico entre alguns pontos do Zoroastrismo. Não existem provas e nenhuma ligação distinta entre estas religiões, já que as concepções que o Zoroastrismo compartilha com o Judaísmo já existiam antes de sua criação, este é um erro comum que se propagou entre muitos, mas não tem nenhuma fixação histórica.

popularizado uma vez que a religião se espalhou através da história registrada. A palavra “inferno” em si remonta a Noruega medieval. Escolhi usá-la no livro para simplificar as coisas para os leitores modernos e transmitir os significados adequados sem ter que explicar e dar a história de cada palavra antiga, pouco conhecida. Enquanto as pessoas do período dos personagens teriam usado outras palavras para tudo o que dizemos e fazemos, mantive uma linguagem mais moderna para não sufocar o leitor com constantes lições de história que prejudicam os personagens e a história.

Minha opinião, dados os meus extensos anos de pesquisa, é que as pessoas são e sempre serão pessoas. Quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas. Quando ministro cursos sobre as sociedades antigas, uma das coisas com as quais começo a aula é a citação da obra de Aristófanes “As Nuvens” (423 a.C.):

“No entanto certamente esses são os princípios pelos quais meu sistema de ensino criou os homens que competiram na Maratona. Mas ensino os homens da atualidade, de modo que fico chocada, quando um homem no Parthenon, segurando o escudo antes de sua pessoa, negligenciava a Tritogenia⁵, quando deviam dançar. Portanto, o jovem escolhia com confiança a melhor causa, e você aprenderá a odiar a Agora⁶, e abster-se de banhos, a ter vergonha do que é infame, a enfurecer-se se alguém zombar de você, a se levantar dos assentos quando os idosos se aproximam, a não se comportar mal perante seus pais, e a não fazer nada insultante, porque vai formar em sua mente uma imagem de modéstia: E não sair correndo para uma boate, para que não, enquanto boquiaberto depois dessas coisas, seja atingido com uma maçã por uma devassa, prejudicando sua reputação: E não contradizer seu pai em nada; Nem chamá-lo de Gepeto, para repreendê-lo pelos males da idade, os quais foram cultivados em nossa infância.

No entanto, certamente você deve gastar seu tempo na academia, muito elegante; não falando grosserias no mercado local, como os jovens de hoje em dia; ou arrastado em um tribunal por um processo insignificante, ganancioso, mesquinho, desonesto; mas você deve descer para a Academia e correr debaixo das oliveiras sagradas junto com algum camarada modesto, cercado de juncos brancos, impregnado de teixos, e tranquilamente desatento, de folhas de álamo branco caídas, regozijando-se na estação primaveril, quando a figueira sussurra para o olmo.

⁵ Um dos sobrenomes de Athena que significa: Nascida da própria água, pois o nome Tritão parece estar associado à água em geral.

⁶ Agora era o centro da vida artística, atlética, espiritual e política da cidade.

Se você fizer estas coisas que eu digo, e aplicar sua mente nelas, sempre terá um tórax robusto, uma aparência clara, ombros largos, uma língua pequena, quadris largos, pouca lascívia. Mas se você praticar o que os jovens de hoje em dia fazem, você terá em primeiro lugar, uma aparência pálida, ombros pequenos, um tórax estreito, uma língua grande, quadris pequenos, grande lascívia, um longo psefisma⁷; e esse enganador o persuadirá a considerar que tudo o que é insultante é honrado, e o que é honrado é insultante; e, além disso, o encherá com a lascívia de Antímaco.

Seu discurso violento contra as crianças de sua época e a falta de respeito e decoro uma vez pronunciado e novamente por um longo tempo desde que os humanos têm escrito histórias e histórias. De todas as minhas leituras de obras antigas, em todos os países e em muitas línguas antigas, a única coisa que sempre acho é que enquanto nossos brinquedos e civilizações e leis mudam, o básico animal humano nunca faz. Enquanto alguns podem tentar e esperar melhorar, outros não fazem.

Pessoas são pessoas, e todos nós somos seres muito complexos, a soma de nossos passados e emoções, e nossa entrada sensorial.

Como em todos os livros, me esforço para fazer justiça aos personagens e mostrar à complexidade da motivação e emoção humana. Porém mais do que isso, tento mostrar que, enquanto uns desmoronam em situações difíceis, nem todo mundo faz. E que a tragédia e o trauma que pode destruir uma pessoa também podem ser o que dá a outra a habilidade de superar e construir um futuro melhor.

Não temos que nos tornar ou permanecer as vítimas que a vida às vezes nos torna. Com suficiente força e coragem, nós podemos superar e aprender a prosperar apesar dos horrores e tragédias das quais sobrevivemos.

Como Platão disse: “Seja gentil com todos os que você encontrar, porque todos nós estamos lutando uma batalha feroz.” Esse é o lema da minha vida e é o que vejo através do meu próprio inferno e horas de escuridão. Acredito na beleza e no poder do espírito humano porque sei como pode ser duro ganhar a batalha pela sanidade e segurança. Sei como é difícil deixar para trás um passado brutal que nunca devia ter existido.

⁷ Decreto da assembleia do povo, equivalente ao plebiscito entre os romanos.

Todo dia é uma nova batalha e embora eu possa perder algumas dessas lutas, eu nunca vou perder a minha guerra. Eu não posso controlar o passado ou alguns dos pesadelos que fui forçada a viver, mas eu posso e controlo o meu presente e eu não deixarei esses abutres roubarem outro momento de minha vida.

Todos nós temos momentos de fraqueza, mas que vem com a força de sabermos que ainda estamos aqui. E ainda importamos.

Todos nós.

Com isso, dedico esse livro para todos os soldados do mundo, passado, presente e futuro, que pegam em armas todos os dias e permanecem como muros diante da humanidade e se recusam a vê-lo cair para o ataque feroz de quem iria nos destruir sem motivo algum, exceto que eles são tão descontentes com sua própria existência que não podem suportar ver alguém feliz. Não os deixem ganhar.

Somos todos sobreviventes e somos seres humanos lindos que merecemos sonhar e sermos mentalmente sãos.

Os deuses fazem reis, tolos e peões de todos nós...

De igual modo, mas com diferente duração.

Savitar



Primeira Parte



19 de junho de 9548 a.C.

— Você perdeu, idiota. Meu filho ainda vive, e um dia, vamos nos banhar em seu sangue.

Vestido com a armadura da cavalaria grega para esconder sua identidade, Archon, o Rei dos deuses atlantes, congelou no meio do corredor escuro quando ouviu a voz zombeteira de sua esposa brava em sua cabeça. O terror apertou seu estômago.

— O que você disse?

— Bem, — Apollymi projetou mentalmente para ele, arrastando as palavras, — caro Senhor Rei Deus Inteligente, vós que sabeis tudo, ainda estou presa em Kalosis e esse bebê que você segura em seus braços está morto. O que isso diz a você?

Que sacrificou a criança errada.

Maldição! Tinha certeza que era a criança certa...

Estremecendo em absoluta agonia pelo que fez, Archon ouviu os gritos da Rainha atlante de onde a deixou em seu quarto quando ela amaldiçoou a todos pela morte de seu filho recém-nascido. Era um ato imperdoável, mas Apollymi não deu a ele nenhuma escolha. Ela se recusou a dar seu filho e escondeu a criança aqui no mundo mortal de forma que Apostolos viveria apesar da ordem de Archon de que o menino fosse morto.

Se o seu filho recém-nascido se tornasse adulto, todos eles morreriam. O panteão atlante e seu povo. Mas Apollymi não se importava. Desde que Apostolos vivesse, o resto deles poderia queimar.

Desolado pela vida inocente que ele erroneamente tomou, Archon deu o corpo do bebê para um guarda a sua direita para que pudesse ser devolvido a sua mãe de luto.

— Onde está seu filho, Apollymi? — Ele exigiu em sua cabeça.

Ela riu da raiva dele.

— Onde você nunca o achará. Vá em frente, sacrifique toda rainha grávida e seu pirralho no reino mortal. Eu o desafio!

Archon olhou para os três deuses com ele, que também estavam disfarçados como ele, com armadura da cavalaria. A Rainha atlante acredita que são gregos vingativos enviados para assassinar seu filho. Uma vez que eram os deuses que ela e seu povo adoravam, não podiam arriscar que ela os odiasse. Não quando a adoração do povo de Atlântida alimentava seus poderes.

E se eles procurassem pelo reino mortal para achar o filho de Apollymi onde outros deuses governavam, teriam que fazer com muito cuidado. Especialmente se a missão fosse para sacrificar

príncipes. Os humanos chamariam os seus próprios deuses, que então exigiriam retribuição de seus seguidores, e seria um banho de sangue divino entre panteões rivais.

Estive lá. Fiz isso.

E não tinha sido nem um pouco agradável.

Sem dúvida era o que Apollymi tanto ansiava, se não mais, do que o retorno de seu filho. Nascida dos poderes mais sombrios do universo, a primeira deusa da destruição vivia unicamente para a guerra. Era o ar que respirava.

Revoltado e furioso com seu erro, Archon se transportou do mundo humano até o corredor do templo principal em Katoteros, onde os deuses atlantes governavam seu povo. Os três deuses que foram com ele o seguiram para Atlântida.

No momento em que os quatro se tornaram corpóreos em seu ornamentado templo, os outros deuses atlantes olharam para eles esperançosamente.

— Bem? — Misos, o deus da guerra, perguntou. — Você o pegou?

Archon balançou sua cabeça dourada e estreitou seu olhar sobre Basi. Bonita e sedutora, a deusa dos excessos, frequentemente bêbada, foi a pessoa que tomou e escondeu o filho de Apollymi fora de seu alcance. Infelizmente, a beberona não tinha nenhuma lembrança de onde colocou o bebê, somente que foi na barriga de uma humana já grávida... talvez. Talvez não.

Grande ajuda, vadia. Obrigado.

Foi por isso que Apollymi escolheu a bêbada e o forçou a fazer esse ato deplorável. Quando se tratava de dar qualquer tipo de informação útil, Basi era inútil.

Archon trocou a odiada armadura grega de pele em favor de sua verdadeira forma, a de um perfeito homem loiro em seus vinte e poucos anos, e vestiu seu manto atlante formest⁸ azul escuro.

— Você pode se lembrar de mais alguma coisa?

Medo obscureceu a bonita testa de Basi.

— Não, Archon. Só me lembro de Polly me dizendo para escondê-lo em uma rainha... sim. Era uma Rainha. Acho que estava na Grécia, mas não me lembro. Talvez Sumer... Akkadia ou Egito? Acho que a Rainha tinha o cabelo escuro... mas poderia ter sido loiro ou vermelho... talvez.

Precisou se controlar para não matá-la por sua estupidez.

Seu irmão, Misos, suspirou profundamente. Com o cabelo preto e uma barba cheia, Misos era tão diferente na aparência de Archon como era em seus poderes divinos em guerra.

⁸ Manto usado pelas pessoas em Atlântida.

— Então o que vamos fazer agora?

Archon resmungou a única opção que tinham.

— Vamos sair e caçar aquele bastardo. Custe o que custar.

Chara, a rechonchuda deusa ruiva da alegria e da felicidade, franziu o cenho para ele.

— Se nos aventurarmos nos domínios de outros panteões para procurar, teremos que esconder nossos poderes de seus deuses. Como vamos achar Apostolos sem eles?

Não seria tão fácil, mas...

— Conheço minha esposa. Existirá algo nele diferente dos outros mortais. Não vão confundir Apostolos quando o virem, e duvido que nossos poderes ajudarão de qualquer forma desde que ela o tem protegido muito cuidadosamente. Enquanto isso, os que permanecerem em Katoteros enquanto nós o procuramos podem chamá-lo e deixá-lo louco. Isso também deve nos ajudar a encontrá-lo. Ele será o príncipe mortal que ouve as vozes dos deuses atlantes, mesmo que não nos adore.

Bet'anya Agriosa levantou-se de onde estava sentada ao lado de sua mãe, Symfora. Com longos cabelos pretos e perfeita pele cor caramelo, ela distinguia-se dos outros deuses da Atlântida.

— Para registro, quero declarar o meu descontentamento com tudo isso. Posso ser a deusa da ira e da miséria, mas acho desagradável e errado caçar uma criança inocente e matá-la por causa da profecia acidental de três garotinhas.

Archon olhou para ela.

— Minhas filhas podem ser jovens, mas elas têm o poder de dois panteões. Você melhor do que ninguém sabe o quão poderoso isso as torna. — Enquanto suas filhas nasceram dele e da deusa grega Themis, Bet'anya era atlante e seu pai era o deus egípcio Set, um dos seres mais poderosos existentes.

Alguns até alegaram que Set era mais poderoso que Apollymi, e isso era algo que Archon não queria por a prova.

Bet'anya arqueou uma sobrancelha.

— Então, você não me teme?

Isso não era verdade, mas Archon não era burro o suficiente para deixá-la saber disso. Bet'anya sozinha detinha uma grande quantidade de poder obscuro e não queria confrontá-la. Ninguém com um cérebro faria. A última vez que um deus fez, o mundo quase acabou sobre ele.

— Você não detém os mesmos poderes que Apollymi. E não sabemos quais poderes o filho dela tem.

Misos concordou com a cabeça.

— Como filho de Apollymi e Archon, ele poderia facilmente ser o mais poderoso de qualquer panteão.

Archon inclinou a cabeça para seu irmão.

— Temos vinte e um anos para achar esse menino e matá-lo. Não podemos falhar. Quanto mais cedo ele for destruído, melhor será para todos nós.

Bet'anya trincou os dentes quando começaram a dividir o mundo entre eles. Apollymi sempre foi uma de suas aliadas. E Bet não estava aqui quando os outros deuses atlantes uniram seus poderes para prendê-la no reino do inferno de Misos, Kalosis. Pessoalmente, ela não podia culpar Apollymi pela sua raiva. Eles a encurralaram e a prenderam enquanto pediam a vida do filho dela.

Ela também mostraria a eles exatamente quão sombrios eram os seus poderes.

Mas, gostando ou não, Bet'anya fazia parte desse panteão e pela honra era obrigada a caçar essa criança.

Ela só faria sem pressa.

Seu bisavô, Misos, se aproximou dela.

— O que você está pensando, minha filha?

— Que é um dia triste quando um mero bebê pode ameaçar um panteão tão poderoso.

— Apesar de concordar, gostaria de lembrar que panteões caíram por muito menos. — Ele beijou sua testa.

— Tudo bem Tattas. — Ela usou o termo atlante para avô. — Ficarei com o sul da Grécia e Egito onde posso usar meus poderes para encontrá-lo... se ele estiver lá.

Ela olhou para o líder dessa amaldiçoada missão e falou com ele.

— Tenho uma pergunta, Archon... você sacrificou um cidadão atlante e um príncipe por engano. Como é que aqui em casa, onde você tem plenos poderes, não pôde perceber que o bebê era mortal?

— O filho da Rainha fedia a poder de um deus. Sem mencionar que o marido morreu bem antes de sua concepção e para nosso conhecimento, ela não teve outros amantes. Cheirava a interferência de Basi. — Ele resmungou baixo em sua garganta. — Obviamente, eu estava errado. Deveria ter sabido que Apollymi não tornaria isso fácil para nós.

Bet'anya arqueou uma sobrancelha. Só existia um deus fora de seu panteão que poderia ser.

— Era filho de Apollo?

— Muito provável.

Ela encolheu-se interiormente. Apesar de não ter medo dos deuses gregos, não queria estar em outra guerra sangrenta com eles. Toda vez que foi contra a estupidez desenfreada deles, sentiu como se uma parte de sua própria inteligência fosse sugada.

— E você pensa que o deus grego vai concordar com as suas ações?

Archon não estava preocupado, no mínimo.

— Por que ele iria se importar? Ele tem bastardos em abundância que ignora. Além disso, ele não ousaria sacudir nossa jaula desde que Atlântida é o único lugar onde seus apollitas podem viver e prosperar. Nenhum outro panteão os tolerará entre seu povo.

E os apollitas em guerra eram uma fonte constante de descontentamento em Atlântida, mas Archon não via isso dessa maneira. Para ele, era outro grupo de seres para honrar os deuses da Atlântida e alimentar seus poderes.

Para ela, eram criaturas mais propensas a dar as costas para eles do que continuar a adorá-los. Tudo o que era grego deixava sua pele arrepiada. Os odiava acima de todas as raças.

Com o canto do olho, Bet'anya viu Epithymia se esquivar por uma porta lateral. Alta, bonita e dourada, ela era a deusa do desejo.

Curiosa sobre o que a deixou tão nervosa, Bet'anya foi atrás dela.

— Epi?

Fora do salão, ela imediatamente congelou.

— Sim, Bet? O que posso fazer por você?

— O que não confessou?

Epithymia se enrijeceu.

— O que não vou confessar.

Recusando-se a jogar esse jogo, Bet'anya gesticulou em direção ao salão de onde saíram.

— Então talvez eu deva dizer a Archon sobre isso?

— Não se atreva! — Epithymia agarrou o braço dela e a arrastou para um canto de forma que não poderiam ser ouvidas por ninguém. — Tenho que fazer algo que não quero fazer.

— Matar um bebê?

Epithymia zombou.

— Quem me dera. Seria fácil. — Isso de uma deusa de poderes leves? Se Epithymia fosse tão rápida para matar, explicaria muito sobre a tendência de Bet'anya para a violência.

— Apollymi me alistou em seu esquema e tenho que fazer isso. Se não fizer... não posso lhe dizer o que ela exerce sobre mim, porque não posso pagar para alguém aprender. Aquela cadela!

Bet'anya franziu a testa.

— O que ela pediu para você fazer?

— O parto do filho dela.

Bet'anya inspirou bruscamente naquela implicação.

— Ele ainda não nasceu?

Ela balançou a cabeça.

— E se você disser a uma alma, juro que me juntarei a Apollymi contra você.

A ira nublou sua visão quando Bet'anya olhou para ela.

— Não me ameace. Deusa ou não, vou me alimentar de suas entranhas. Mas, nisso você não tem o que temer. Não tenho nenhum desejo de matar um bebê indefeso.

Epithymia a soltou.

— Bom. Porque tenho um plano. Apollymi quer que eu supervisione o nascimento dele para ter certeza de que nada vai sair errado, e eu mesma pretendo fazê-lo.

O estômago de Bet'anya se apertou pelo que a deusa estava lhe dizendo.

— Pretende tocar um bebê que nascerá sem os poderes de um deus?

Ela assentiu com a cabeça.

Isso era tão frio...

— Os humanos vão destruí-lo em seu desejo de possuí-lo. E vão odiá-lo por isso.

Epithymia piscou para ela.

— Estou somente seguindo as ordens de Apollymi. Ao pé da letra.

— Por que não conta para Archon?

— Se eu fizer isso ela arrancará meu coração e o devorará. Eu não deixaria aquela cadela brava por nada. Não posso sequer insinuar onde aquela criança está ou qualquer outra coisa sobre o seu nascimento. Ela me obrigou a jurar.

E deuses atlantes nunca poderiam violar seus juramentos. Por isso, fazem o possível para nunca fazer um.

— Seria mais amável matá-lo no momento do parto do que deixá-lo com o seu toque e sem proteção.

Epithymia levantou as mãos.

— Apollymi não me deixará. Então estou fazendo isso do jeito dela. E se você soltar uma palavra...

— Eu juro, nunca direi aos caçadores onde ele está ou o que você fez. — Assim que essas palavras deixaram os seus lábios foi que percebeu o que disse. Foi apenas um deslize que amaldiçoou o pobre Apostolos.

Epithymia olhou para ela.

— Não quis dizer... — não havia necessidade de explicar. — Tudo bem. Ainda posso matá-lo se o encontrar.

Epithymia relaxou.

— Boa sorte, Agriosa. — Ela partiu para seu próprio templo, colina abaixo.

Bet'anya suspirou com a saída de Epi ao se referir ao fato que também era uma deusa da caça. Odiou o pensamento de fazer mal a uma criança.

Qualquer criança.

E ainda...

O que ela disse era verdade. A morte seria o ato mais amável. Caso contrário, aquela criança viveria uma vida de absoluta agonia. Ninguém deveria ser condenado a um destino tão horrroso.

— Sinto muito, Apostolos.

Como em todas as batalhas, quando o ferimento de um soldado era mortal, não importava sua idade, e não existia nenhuma dúvida que ele morreria disso, a melhor coisa era acabar com o seu sofrimento com um único golpe fatal.

Cometeria esse golpe de misericórdia e rezaria para que um dia Apollymi pudesse entender e perdoá-la. Era para o bem de todos.

Especialmente para o menino.

Sua única esperança era achar a criança primeiro. Os outros deuses não seriam tão misericordiosos com ele.

23 de junho de 9548 a.C.

O Rei Xerxes olhou para o menino recém-nascido que dormia tranquilamente em seus braços. Como sua alegria podia ter se transformado rapidamente em amargura? Por um momento, acreditou ser o mais abençoado de todos os reis. Que os deuses lhe concederam dois filhos para governar o seu vasto império.

Agora...

Será que ainda tinha um?

Não havia nenhuma dúvida de que o primeiro, Acheron, nasceu dos deuses. Que a rainha, sua esposa se prostituiu com eles e deu origem a ele.

Mas Styxx...

O rei estudou cada centímetro da perfeita criança dormindo aconchegada contra seu corpo. — Você é meu? — Estava desesperado para saber a verdade.

A criança parecia ser um simples bebê humano. Ao contrário de Acheron, cujos olhos de uma cor prata viva giravam como um redemoinho, os de Styxx eram de um azul vívido e perfeito. Entretanto os deuses eram sempre traiçoeiros.

Sempre enganosos.

Será que Acheron era seu filho e esse aqui não? Ou nenhuma criança pertencia a ele?

Ele olhou para a sábia mulher idosa que proclamou Acheron como filho de um deus, logo após seu nascimento. Decrépita e enrugada, ela usava pesadas vestes brancas que foram ricamente bordadas em ouro. Seu cabelo grisalho estava enrolado ao redor de uma coroa de ouro ornamentado.

— Quem é o pai dessa criança?

A mulher fez uma pausa em sua limpeza.

— Majestade, por que você me pergunta algo que já sabe?

Porque ele não sabia. Não com certeza. E detestava o gosto de medo que queimava sua garganta e deixava um gosto amargo. Medo que fazia seu coração palpitar.

— Responda-me, mulher!

— Verdade ou mentira, acreditará em qualquer resposta que darei?

Maldita pela sua sagacidade. Como os deuses podiam ter feito isso com ele? Ele fez sacrifícios e rezou para eles sua vida inteira. Devotamente e sem blasfêmia. Por que eles manchariam seu herdeiro dessa maneira?

Ou pior, tomariam o seu herdeiro?

O apertou ainda mais, fazendo o bebê acordar e gritar. Uma parte dele queria jogar a criança no chão e vê-la morrer. Pisoteá-la até o esquecimento.

Mas e se esse fosse seu filho? Sua própria carne e sangue...

A mulher sábia disse que era.

Porém, ela apenas transmitia o que os deuses lhe disseram, e se eles mentiram?

Irritado e traído, ele foi até a mulher e colocou o bebê em seus braços. *Deixe que outra pessoa o console nesse momento.* Não podia aguentar a visão de qualquer criança.

Sem outra palavra, precipitou-se para fora do quarto.

No momento que ficou a sós com o bebê, a velha se transformou em uma mulher jovem e bonita com longos cabelos pretos. Vestida de vermelho vivo, ela deu um beijo na cabeça do menino e ele imediatamente se acalmou.

— Pobre, pobre Styxx, — a deusa Athena sussurrou enquanto o balançava em seus braços para acalmá-lo.

— Tal como o seu irmão, o seu será um futuro desagradável. Sinto muito, não posso fazer mais por qualquer um de vocês. Mas o mundo humano precisa de seus heróis. E um dia, todos precisarão de você.

10 de março de 9543 a.C.

Cinco anos depois.

— Você, ladrãozinho miserável!

Styx olhou para o grito estridente de sua irmã mais velha. Ryssa se erguia sobre ele e seu irmão gêmeo Acheron enquanto brincavam com seus cavalos de madeira e soldados no chão.

Por que estava sempre tão zangada com ele? Não importa o que fizesse para tentar agradá-la, nunca era suficiente.

Ryssa o odiava. Sempre o odiou.

— Eu não peguei nada.

Curvando o lábio, ela diminuiu a distância entre eles e o puxou do chão pelo seu braço.

— Onde colocou isso, seu pequeno verme inútil? — Ela exigiu, sacudindo-o com tanta força que sentiu como se fosse arrancar seu braço.

Styx tentou se soltar, mas ela era muito mais forte que ele.

— Colocou o quê?

— O cavalo de brinquedo que meu pai me deu no meu aniversário. Sei que você os coleciona e sei que você o pegou. Onde está?

— Não toquei nele.

— Você é um mentiroso!

Ela o lançou em direção ao chão e foi procurar nas coisas dele novamente.

— Onde você escondeu?

Styx encontrou o olhar de Acheron.

— Você pegou? — Ele sussurrou para seu irmão.

Acheron sacudiu a cabeça.

Então quem?

— O que você está fazendo aqui?

Todos eles congelaram ao som de fúria na voz de sua babá. Antes de Styxx poder explicar que convidou Acheron para brincar com ele, a babá levou seu irmão para longe.

Acheron gritou com o aperto da babá em seu braço pequeno.

— Quantas vezes disse para você ficar em seu próprio quarto?

Styxx entrou em pânico quando percebeu que Acheron ainda segurava um dos soldados em sua mão. Embora tivesse dado para seu irmão, sabia o que aconteceria se alguém o visse com Acheron.

Seu irmão seria castigado. Novamente.

Querendo apenas proteger Acheron, Styxx ergueu-se do chão e pegou da mão de Acheron.

Acheron ofereceu a ele um pequeno sorriso de gratidão antes de ser levado.

— Você!

Ryssa zombou quando olhou para o brinquedo que ele segurava.

— Você é tão egoísta. Você nunca pensa em ninguém além de si mesmo. Ia doar deixá-lo ficar com um brinquedo? Hein?

Ela gesticulou para os outros dispersos no chão.

— Nada é suficiente para você, não é? Você sempre quer mais e não se importa de quem toma.

Ela puxou o brinquedo da mão dele, cortando sua palma no processo, e saiu do quarto.

Desolado, Styxx ficou sozinho. Odiava ficar sozinho com uma paixão que não fazia nenhum sentido. Com frequência, perguntava-se se nasceu com um gêmeo. Com certeza os deuses não teriam lhe dado um irmão se para ele significava sempre estar sozinho.

E ainda assim, passava muito de sua vida sozinho.

Suspirando melancolicamente, Styxx olhou ao redor do quarto, que estava cheio de brinquedos. Ele daria alegremente todos eles se pudesse ter somente uma pessoa para brincar. Ryssa se recusava porque não gostava dele e ele era um menino fedorento, e, segundo ela, era muito estúpido para acompanhar os jogos que brincava com Acheron. As outras crianças se afastavam dele porque seus pais tinham medo que pudessem machucá-lo, fosse por acaso ou de propósito, e atrair a ira do seu pai.

Acheron era o único que o acolhia como um companheiro. Mas seu pai exigiu que ficassem separados.

Styxx olhou para o brinquedo do seu irmão e desejou com todas as forças que tudo fosse diferente para ambos. Preferia que tivessem nascido pobres agricultores a ter que suportar o fardo dessa família miserável e sua maldade.

Ele colocou o brinquedo de lado. Mais tarde, depois que todos estivessem dormindo, devolveria para o seu irmão.

* * *

— Acheron?

Styxx sussurrou, cutucando o irmão para que acordasse.

Lentamente, Acheron piscou abrindo os olhos. Esfregando-os com seu punho, Acheron se sentou na cama. Styxx empurrou o pedaço de pão doce em seu rosto, fazendo Acheron sorrir no momento que o viu.

— Não trouxe mel, me desculpe. Mas...

Styxx abriu sua pequena bolsa de pano para mostrar os figos açucarados que ele pegou.

— Consegui surrupiar seu favorito.

Os olhos de prata de Acheron se iluminaram.

— Obrigado! Mas você não devia. Poderia ter sido pego.

Styxx deu de ombros.

— Eu não teria sido ferido por causa disso.

Pelo menos não fisicamente, as surras eram reservadas para outras ofensas. Entretanto existiam momentos quando ele preferiria apanhar a ouvi-los chamá-lo de imprestável ou de outros nomes.

Contente por ajudar a seu irmão, Styxx observou Acheron despedaçar o pão. Desde que ambos foram mandados para a cama sem a ceia, Acheron estava morrendo de fome. Mas como sempre, Styxx foi incapaz de dormir e uma vez que o palácio se acalmou, escapou para a despensa.

— O que você comeu?

Acheron perguntou.

— Pão... com seu mel.

Sorriu abertamente com sua culpa.

Acheron riu.

— Isso foi errado.

Styx indicou a pequena bolsa.

— Pensei que você preferiria ter os figos.

— Você podia ter me dado uma escolha.

— E eu teria se minha barriga não estivesse roncando. Cheirava tão bem, não podia suportar mais isso. Tive que comer algo a caminho aqui. Desculpe-me.

— Então vou te perdoar.

Acheron segurou o pão.

— Quer mais?

Ele balançou a cabeça, recusando. Embora ainda estivesse faminto, sabia que Acheron estava muito mais.

Franzindo a testa enquanto comia, Acheron inclinou a cabeça.

— Não pode dormir novamente?

— Eu tentei.

Morpheus tinha um rancor contra ele por motivos que só os deuses sabiam. Não importava o quão duro Styx tentava, o sono sempre lhe escapava.

Acheron deslizou de volta para o seu catre, dividindo o espaço.

Grato mais do que tudo, Styx aceitou o convite silencioso e deitou-se ao lado de Acheron.

Dentro de alguns minutos, ele estava dormindo. Acheron terminou sua refeição então colocou a bolsa sobre a túnica de Styx. Lambendo a última parte de açúcar de seus dedos, ele se enrolou atrás de Styx, costas com costas, encostando a sola dos pés dele com a do seu irmão. Desde que podia se lembrar, dormiram assim sempre que podiam. Nenhum deles gostava de ficar sozinho ou separado, e sua família ainda parecia determinada a mantê-los assim. Era algo que nenhum deles entendia.

Como ambos desejavam que pudessem ser deixados sozinhos.

E Styx era quem ele mais amava.

Seu irmão era o único que o tratava como se fosse normal. Styx não o odiava como seus pais faziam, nem o adorava como um deus encarnado como Ryssa era propensa a fazer.

Eles eram irmãos. Brincavam. Riam. E lutavam por tudo o que valia a pena. Mas sempre que a luta terminava, limpavam a sujeira e eram amigos novamente.

Sempre e para sempre.

Fechando os olhos, Acheron ouviu as vozes que estavam continuamente em sua cabeça. Styxx as ouvia também. Mas, enquanto Acheron só ouvia os deuses, Styxx ouvia aquelas e muitas, muitas mais. Era uma das razões pela qual o seu irmão tinha tanta dificuldade para dormir. Sempre que estavam juntos, as vozes na cabeça de Styxx paravam de gritar com ele e o deixava livre para descansar. Styxx somente podia ouvir os pensamentos de Acheron, então, e Acheron era muito cuidadoso com eles.

Mas no momento em que eles ficavam separados, as vozes retornavam a Styxx com ímpeto. A constante falta de sono deixava seu gêmeo irritável na maioria dos dias e o deixava com dores de cabeça terríveis. Dores de cabeça tão ferozes que às vezes seu nariz sangrava com elas, e estava frequentemente passando mal do estômago.

Ninguém entendia isso. Eles acusavam Styxx de fingir a dor. E ambos tinham medo de dizer aos outros o que eles ouviam. Todo mundo, exceto Styxx, já o odiava o suficiente. Acheron não tinha vontade de dar a eles outro motivo.

Quando Styxx tentou contar aos outros sobre as vozes, foi ridicularizado e punido por mentir. Até Ryssa o acusou de fazê-lo para chamar a atenção. Então os dois aprenderam a manter o segredo e não contar para ninguém. Nunca.

Existiam muitos segredos que os dois compartilhavam.

E prometeram um ao outro que um dia, quando estivessem crescidos e ninguém pudesse detê-los, deixariam este lugar e iriam para outro onde as pessoas não os tratassem mal.

Assim como seu irmão gêmeo, Acheron não podia esperar por esse dia chegar.

09 de maio de 9542 a.C.

— Sente-se direito! Sua postura parece a do filho do peixeiro.

Styx vacilou com o tom bravo de seu pai e endireitou-se imediatamente em sua desconfortável cadeira de ouro onde suas pernas estavam dormentes de ficar penduradas. Mas, se as dobrasse debaixo dele, a raiva de seu pai seria maior do que pela sua má postura. Enquanto seu pai frequentemente o elogiava, especialmente quando estavam em público, havia outros momentos quando seu pai estava tão irritado que nada do que fazia o satisfazia. Momentos quando seu pai parecia se ressentir de cada respiração que ele dava.

Hoje era definitivamente um desses dias.

— Estamos lhe aborrecendo, menino?

Styx balançou a cabeça depressa, resistindo à vontade de gemer em voz alta quando a dor dividiu o seu crânio com absoluta agonia. Sempre odiava suas enxaquecas e a de hoje era mais dolorosa do que o normal. O que tornava impossível manter a concentração. Pior, sentia como se fosse vomitar a qualquer momento. O que seu pai acharia imperdoável.

O que? Você é uma mulher grávida, menino? Você vomita como tal. Aprenda a controlar seu estômago. Você é um homem, pelo amor dos deuses. Os homens não vomitam a cada minuto. Eles se controlam e a seus corpos a todo o momento.

Seu estômago se agitou violentamente, enviando mais dor latejante em sua cabeça, que o deixou ainda mais enjoado. A constante oscilação entre a cabeça e estômago foi suficiente para fazê-lo querer gritar em agonia.

— Poderia me dar licença, pai?

Seu pai se virou para olhá-lo furiosamente.

— Para que?

— Não me sinto bem.

Suavizando significativamente.

— Venha aqui.

Styx deslizou de seu pequeno trono e resistiu ao impulso de estremecer como se mil agulhas espetassem suas pernas dormentes. Sabia que era melhor não deixar seu pai notar o que a dor lhe causava, atravessou o estrado até o enorme trono dourado do seu pai. Era tão grande que o topo de sua cabeça loira mal alcançava o braço dele.

Vestido com uma estola branca e roxa e manto que combinavam com a túnica de Styxx, o rei deu-lhe um suspeito olhar furioso. O cabelo e barba loiros do seu pai cintilavam sob a luz da coroa de folhas de ouro que um dia seria de Styxx.

Como sempre faziam nesse dia a cada semana, passaram a manhã toda lidando com os problemas e preocupações dos nobres e das pessoas que queriam uma audiência com o rei. Desde que isso era algo que Styxx teria que fazer uma vez fosse o governador desse reino, no último ano seu pai o fez ficar e escutar de forma que podia usar a sabedoria de seu pai uma vez que herdasse a coroa. Enquanto Styxx estava ali, nunca se movia ou falava. Só observava.

O “privilégio” de assistir essas sessões e a “alegria” de um instrutor que vivia para derrubá-lo foram seus exclusivos presentes de aniversário no último verão quando completou cinco anos.

Com um cenho feroz franzindo sua testa, seu pai tocou a testa de Styxx.

— Você não está com febre. O que está sentindo?

— Minha cabeça dói.

Ele revirou os olhos.

— E?

Quero vomitar e estou terrivelmente tonto. Mas ele sabia por experiência própria que seu pai só ridicularizaria aquelas queixas.

— Isso é tudo, pai. Mas a dor é feroz.

Seu pai olhou para ele.

— Você um dia será rei, menino. Você acha que eles pararão uma guerra ou uma insurreição porque tem uma leve dor de cabeça?

— Não, senhor.

— Isso é certo. O mundo não para por algo tão trivial. Agora se sente e escute. Observe seus deveres futuros. Seu povo é muito mais importante do que o seu enfado e eles merecem sua atenção.

Mas não era tédio. Cada fragmento de luz ou indício de som perfuravam sua cabeça com uma dor tão ruim que ele queria bater em sua própria cabeça. Por que ninguém podia entender suas dores de cabeça e o quanto doía?

Lágrimas de dor e frustração se formaram, mas rapidamente piscou para limpá-las. Aprendeu há muito tempo que enquanto seu pai consolava Ryssa sempre que ela chorasse, ele nunca toleraria lágrimas de seu filho. Styxx era para ser um homem, não uma menina mimada...

Tentando não sacudir sua cabeça enquanto se movia, Styxx retornou a sua cadeira.

— Sente-se!

Seu pai gritou imediatamente.

Styxx ficou erguido e depois estremeceu de dor. Não mostre...

Mas era tão difícil não fazê-lo. Engolindo sua agonia, olhou pela janela para ver Ryssa no jardim com Acheron. Estavam rindo enquanto perseguiam um ao outro brincando. O que não daria para estar do lado de fora com eles no bonito raio de sol.

Não que importasse. Mesmo que sua cabeça não doesse, Ryssa nunca o giraria assim. Ela nunca ria com ele ou lhe faria cócegas. Seu amor era somente reservado para Acheron.

Virando a cabeça, tentou não pensar nisso quando outra onda de sofrimento perfurava seu cérebro.

Styxx se debruçou para frente ao mesmo tempo em que o sangue jorrou de seu nariz. *Não! Por favor, não agora... Por favor, deuses.* Apertou seu nariz com a mão, tentando estancá-lo antes que seu pai notasse.

— Majestade? Sua Alteza está bem?

Styxx entrou em pânico com a pergunta do guarda, que trouxe toda a atenção do seu pai para ele.

Fúria obscureceu o cenho do seu pai.

— Fez isso de propósito?

Sim, cortei meu nariz de propósito e não significa que seja só para ofendê-lo, pai. Sou realmente talentoso.

— Não, pai. Vai ficar tudo certo. É apenas outro sangramento do nariz. Vai parar em alguns minutos.

O Rei curvou os lábios com desgosto.

— Olhe para você! Está imundo. Não desonre aqueles ao seu redor ou sua posição dada divinamente com tamanha sanguinolência.

O Rei apontou o queixo para o guarda que delatou Styxx para levá-lo para o criado que era encarregado de mantê-lo imaculado e apresentável a qualquer momento que estivesse em público.

— Leve o príncipe para o quarto dele e cuide para que seja limpo e trocado.

Ótimo, pareço um bebê ou filhote.

Ele fez uma reverência antes de cruzar o salão para ficar na frente de Styxx.

Já temendo o que isso significaria para ele mais tarde, Styxx manteve suas narinas apertadas e deslizou de sua cadeira dirigindo-se para seu quarto. Quando atravessou o átrio da sala do trono em direção ao palácio principal, parou novamente para assistir Acheron e Ryssa rindo e brincando no jardim. O sangramento em seu nariz piorou quando as vozes gritaram muito mais alto do que antes.

As lágrimas encheram seus olhos. Ele queria gritar por tudo, e quando Acheron caiu e arranhou os joelhos, Styxx não pôde suportar mais. Ele caiu no chão, agarrando sua perna e gritando quando sua dor finalmente o dominou completamente.

Por favor, deuses, por favor, deixem-me morrer...

Acheron veio correndo para o seu lado.

— Styxx? Você está bem?

Não. Vivo em um estado de dor física constante que ninguém entende ou tem misericórdia. E estava cansado disso. Deuses queridos, ele não podia ter uma única hora onde algo não doesse?

— Styxx?

Ele não podia responder a seu irmão, não enquanto doía tanto e de tantas maneiras. Em vez disso, olhou fixamente para o sangue na pele danificada de Acheron. Ele sentia exatamente a mesma lesão no seu próprio joelho e ainda assim sabia que se olhasse para sua perna, não teria nenhum ferimento para explicar a dor latejante que sentia lá.

— Não se machuque novamente, Acheron, — Styxx finalmente respirou. — Por favor.

Acheron franziu o cenho enquanto Ryssa se aproximava. Ela se ajoelhou no chão ao lado de Styxx.

— Por que você está deitado aqui?

Styxx se levantou antes que ela zombasse de sua dor, também.

— Eu cáí.

Ela olhou em torno do caminho.

— Não existe nada para você tropeçar. O que? Você viu Acheron cair e não podia suportar vê-lo receber cinco segundos de atenção mais do que você?

Styxx olhou para ela enquanto mais agonia dividia seu crânio.

— Sim, foi exatamente isso o que aconteceu.

— Está com outra dor de cabeça? — Acheron perguntou.

Styxx acenou com a cabeça, e em seguida, fez uma careta.

Ryssa zombou.

— O pai diz que você só finge ter para fugir de suas responsabilidades.

Ele gesticulou em direção a sua túnica suja.

— E o sangue que me cobre?

— Provavelmente feriu a si mesmo por simpatia. Conheço você. Não faz nada além de chamar atenção.

Isso foi tão... nunca.

Incapaz de lidar com a crítica, Styxx segurou sua cabeça dolorida com a mão direita e seguiu para o seu quarto com seu criado e guarda em seu rastro.

Acheron começou a segui-lo, mas Ryssa o deteve.

— Deixe-o ir, Acheron. Só vai deixá-lo em problemas como sempre faz. Venha. Vamos brincar mais.

* * *

Horas mais tarde, Styxx estava deitado na cama, fazendo o possível para não se mover ou respirar. De repente, sentiu uma mão gentil em seu cabelo. Soube imediatamente quem era. Só uma pessoa era amável ou atenciosa com ele.

— Acheron?— Ele sussurrou.

Sem responder, seu irmão rastejou na cama atrás dele.

— Sua cabeça está melhor?

— Na verdade não. E a sua?

— Dói, mas não tanto como a sua, acho. Eu ainda posso funcionar com a minha.

Acheron tocou os recentes machucados nas costas nuas de Styxx que latejavam até mais do que sua cabeça.

— Por que você foi castigado?

— Deixei as sessões do tribunal cedo. Como Ryssa, pai não acreditou que minha cabeça dói. Pensou que eu estava tentando evitar minhas responsabilidades.

Algo pelo que seu pai não tinha absolutamente nenhuma tolerância.

Acheron colocou os braços ao redor dele e o abraçou.

— Sinto muito, Styxx.

— Obrigado.

Styxx não falou por vários minutos enquanto as vozes em sua cabeça finalmente ficaram mais fracas e a dor de cabeça diminuiu o suficiente que quase podia respirar normalmente de novo.

— Acheron? Por que você acha que posso sentir sua dor, mas você não sente a minha?

— Ryssa disse que é a vontade dos deuses.

Mas, por quê? Styxx suspeitava que não devesse ser tão importante para os deuses quanto Acheron. Por que mais sentiria os ferimentos de seu irmão enquanto Acheron era imune a sua dor? Era como se os deuses quisessem se assegurar que Styxx protegeria seu irmão de todo o dano. Como se ele fosse divinamente escolhido para ser o saco de pancadas de Acheron...

— O que você acha, Acheron?

— Não sei. Mas, pelo que entendo, por que os deuses abandonaram essas pessoas tão terríveis, enquanto falam tão alto em nossas cabeças. Não faz sentido, não é?

Acheron virou e encostou as costas e os pés contra Styxx. Enquanto estavam deitados silenciosamente na escuridão do quarto de Styxx, Acheron segurou a mão de Styxx na sua.

— Sinto muito que Ryssa seja tão má para você. Ela só acha que você é adorado e mimado enquanto me tratam mal.

— O que você acha?

— Vejo a verdade. Nossos pais suspeitam de você, também. E enquanto são bons para você às vezes, também são muito, muito maus.

Sim, eles são. E ao contrário de Acheron, não podia reclamar. Ninguém acreditou quando fez isso. O acusaram de ser mimado e depois desconsideraram sua dor, como se fosse insignificante, ou pior, tinham um prazer perverso com seu sofrimento como se merecesse porque era um príncipe enquanto eles não eram. Às vezes pensava que seria melhor ser Acheron. Pelo menos seu irmão sabia o que receberia sempre que seus pais estavam ao redor. Styxx nunca sabia até que fosse muito tarde.

Às vezes seu pai era amável, e às vezes...

Ele atacava como se odiasse Styxx até mais do que Acheron. Não fazia nenhum sentindo e era terrivelmente confuso para sua jovem mente. Por isso, não queria estar ao redor de seus pais ou de sua irmã.

Era melhor evitá-los e a confusão que causavam.

Suspirando, apertou mão de Acheron e deixou que o toque silenciase as vozes que o encorajavam que se suicidasse. Eles eram impiedosos em seus insultos.

Você é veneno. Então, enquanto você viver, você vai sofrer!

Mas, se ele morresse, Acheron morreria também. A mulher sábia declarou isso quando nasceram. Suas vidas foram unidas pelos próprios deuses e não havia maneira de desfazê-lo.

Talvez seja por isso que você sofre.

Os deuses estavam tentando fazê-lo matar Acheron. A odiar seu irmão de forma que Styxx matasse a ambos. Fazia sentido de certo modo. Talvez pensassem que se torturassem Styxx o suficiente, ele cresceria tão cansado que estaria desesperado o suficiente para matar Acheron e terminar com sua própria agonia. *Era por isso que seus olhos eram diferentes?* De forma que se ele matasse seu irmão, não estaria olhando em seus próprios olhos azuis quando fizesse isso?

No entanto, não podia odiar a única pessoa que o amava. A única pessoa que podia confortá-lo e acalmar o mal em sua cabeça.

Deuses ou não, miséria ou felicidade, Acheron era seu irmão. Para sempre e sempre. Era a única família que Styxx realmente tinha.

E uma coisa que aprendeu em sua curta vida era que não podia confiar em ninguém. Nem mesmo nos deuses. Pessoas mentiam ao redor dele. Constantemente. Mesmo sobre pequenas coisas. Apenas Acheron era confiável e honesto. Apenas seu irmão não tentava prejudicá-lo ou tentava trair seu pai. Então como podia ferir a única pessoa em sua vida que o tratava como algo mais que um objeto para ser desprezado? A única pessoa que não sorria disfarçadamente de satisfação sempre que ele era prejudicado?

— Amo você, Acheron.

— Amo você, também, irmão.

Styxx inclinou a cabeça até que descansou contra a de Acheron e finalmente deixou cair às lágrimas que nublaram seus olhos o dia todo. Podia mostrá-las para Acheron. Seu irmão entendia e nunca zombava dele por elas.

— Você acha que nunca deixaremos esse lugar e encontraremos a paz?

— Não. Acho que nascemos para sofrer.

A parte mais triste? Assim fez.

— Pelo menos temos um ao outro.

Acheron assentiu.

— Irmãos, sempre e para sempre. Nunca serão capazes de tirar isso de nós.

30 de agosto de 9542 a.C.

— Ele está atravessando os portões agora!

Styxx levantou os olhos de suas lições para ver Acheron na entrada com um sorriso enorme em seu rosto. Não tinha que perguntar sobre o que Acheron estava falando. Seria o tio deles, Estes, que sempre vinha para visitá-los nessa época do ano. Era o único evento que todos esperaram com igual prazer.

Seu coração batia com a mesma excitação que Acheron sentia, olhou para seu tutor, Mestre Praxis.

— Poderia me dar licença, senhor? Por favor?

— Claro, Sua Alteza.

Styxx afastou seu pergaminho para o lado e correu para Acheron. De mãos dadas, correram pelo corredor escadas abaixo até que estavam na porta da frente onde os empregados estavam reunidos para saudar seu tio. Ryssa já estava lá fora nos degraus de pedra, a poucos metros de seu pai.

Seu sorriso murchou enquanto um terror frio enchia cada parte de seu corpo. Como seu pai o saudaria? Por alguma razão, não podia ouvir os pensamentos do seu pai e a postura rígida do Rei não deu nenhuma pista sobre o humor do velho.

Acheron soltou sua mão e se esgueirou até Ryssa para que seu pai não o notasse. Como Styxx desejava poder ir até ela para proteção também, mas Ryssa nunca deu boas-vindas à sua presença. Somente à sua ausência.

Os músicos começaram a fanfarra enquanto seu pai se virou em sua direção. Styxx se preparou para o desprezo do seu pai.

Em vez disso, seu pai sorriu calorosamente e estendeu a mão para ele.

— Aí está você, meu menino precioso. Estava prestes a enviar um criado para buscá-lo. Venha receber seu tio.

Talvez seu pai estivesse de bom humor...

Sorrindo mesmo quando seu estômago deu um nó com força, Styxx tomou a mão de seu pai e permitiu que ele o colocasse no colo.

É melhor se lembrar disso. Não se pode prever quando ele vai abraçá-lo de novo.

Era verdade. Foi levado a tentar se agarrar a qualquer memória de bondade dos seus pais em relação a ele. Foi o que o viu através dos ataques cruéis e períodos de palavras de ódio.

Styx se deitou a cabeça no ombro do seu pai e fechou os olhos. Como desejava que pudesse ser sempre assim. Acima de tudo, desejava que Estes vivesse com eles. Seu pai era muito mais amável e mais feliz sempre que seu irmão estava por perto. Como ele e Acheron, Estes e seu pai tinham um vínculo especial. Um que era evidente já que seu pai esfregou as costas de Styx e o abraçou, como apreciava isso.

Seu pai não o soltou até que procissão de Estes parou a carruagem. Brilhando com armaduras de ouro e mantos vermelhos vivos e estandartes, os homens do seu tio eram tão impressionantes quanto o seu próprio tio. Mas, o que nunca deixou de surpreender Styx era quanto o seu tio era o favorito do seu pai. No primeiro olhar, eles também podiam passar como gêmeos, embora Estes fosse três anos mais jovem. Idênticos em altura, tinham a mesma constituição, cabelos loiros ondulados, e barbas.

Em completo traje militar, Estes desceu de sua carruagem e, rindo, correu até os degraus para abraçar seu pai.

— Xerxes! Como senti sua falta!

— E eu de você, irmãozinho! Como foi sua viagem?

— Qualquer viagem que me leva até minha família é boa, sem dúvida.

Estes se inclinou então ficou boquiaberto com Styx.

— Esse é o meu pequeno esquilo que cresceu e está parecendo com um pequeno adulto? Quantos anos tem agora, filho? Dez-ou-oito? Uma pontuação?

— Tenho seis anos, tio!

Styx sorriu de prazer então se lançou sobre Estes, que o pegou com uma risada e o abraçou.

— Não sou tão grande quanto você. Mas um dia...

— Você será uma torre por cima de mim, pequeno esquilo. Não há dúvida.

Estes beijou sua bochecha e o abraçou tão forte que Styx gemeu. Seu tio o levou degraus acima até onde Ryssa e Acheron esperaram. Os cabelos loiros de sua irmã caíam até sua cintura em brilhantes cachos dourados. Vestida de roxo, era realmente a menina mais bonita de toda a Grécia, se ao menos a personalidade combinasse.

— Ah... minha bela Ryssa, você é uma visão. Mais bonita cada vez que a vejo.

Ela corou e então se moveu para abraçá-lo.

— É tão bom para ver você, tio.

Estes desceu Styx quando viu Acheron.

— E o pequeno Acheron... olha o quanto você cresceu, também. Eu mal reconheço você e Styxx. Venha e me abrace.

Acheron pulou nos braços dele e o abraçou apertado.

— Você está lutando com os atlantes novamente?

Seu tio sempre os presenteava com as histórias de suas gloriosas batalhas contra seus inimigos. Um lendário, estrategista invicto, Estes era um dos soldados mais respeitados de todo o mundo.

— Não ultimamente, meus queridos. Infelizmente, estamos tentando a paz com eles.

— Paz?

Seu pai zombou.

— Isso não é possível quando eles são a causa.

— Então diga você, irmão, mas os outros reis gregos estão tentando, e eu fui nomeado embaixador de Atlântida enquanto eles negociam os termos de paz.

Isso pareceu satisfazer seu pai, um ótimo negócio.

— Bem, se alguém pode fazer as pazes com aquelas gralhas, é você. Agora venha e vamos colocar as coisas em dia.

Estes beijou a bochecha de Acheron e em seguida o deixou ao lado de Styxx.

— Lembrem-me mais tarde, meninos, tenho presentes especiais para você dois.

Seu pai franziu os lábios.

— Por que você o mima quando é óbvio que ele não é um de nós?

Estes acariciou a bochecha de Acheron.

— É um menino bonito, Xerxes. Se não fosse pelos olhos esquisitos, você nunca saberia que ele não é irmão de Styxx.

Acheron estremeceu com as palavras que Styxx sabia que cortava seu irmão até o osso. Começou a confortá-lo, mas Ryssa pegou Acheron no colo e o embalou. Acheron deitou sua cabeça no ombro dela e fechou os olhos. Antes de Styxx poder se mover, ela entrou com Acheron enquanto seu pai e Estes se retiravam para o escritório do seu pai.

Sozinho, Styxx assistiu como todos se afastaram. Ele foi completamente esquecido.

Novamente.

Suspirando pelo fato comum, entrou para que pudesse retornar à seus solitários estudos. Outros meninos de sua idade se reuniam para estudar, mas seu pai não o queria atrasado por aqueles que eram mais lentos. Era muito mais importante que Styxx, como um futuro rei, memorizasse tanto quanto pudesse tão rápido quanto fosse possível. Por isso, ele tinha os melhores tutores eruditos que seu pai podia obter e era obrigado a utilizar e não desperdiçar seu tempo. A incapacidade de avançar ao ritmo que seu pai estabeleceu era a mais severa das punições para ambos, os tutores e Styxx. Então seus tutores, temerosos da ira do rei, eram brutais com suas expectativas, e Styxx tinha que continuar ou ser castigado primeiro por eles e então por seu pai. O rei deu a todos os seus tutores carta branca para fazer sua vida miserável, se ele fizesse alguma coisa que eles não aprovassem.

Você será responsável por todos neste reino, menino. Deve aprender a se concentrar e pensar em cada assunto complicado e obstáculo. Não deixarei meu trono para um tolo insensato.

Porque seu pai herdou o trono tão jovem, não se importava que Styxx ainda fosse uma criança. Se alguma coisa acontecesse com o rei, Styxx avançaria para o trono imediatamente. Podia passar vinte anos desde agora, ou amanhã. No caso do último, era crucial que fosse treinado e preparado para aceitar suas responsabilidades como rei.

Não há lugar na vida do herdeiro para passatempos infantis ou perseguições tolas. Cada homem, mulher, e criança desse reino o buscariam pelo seu bem estar e futuro. Por milhares de anos, Didymos permaneceu como a maior das soberanas cidades gregas. Invicta. A Casa de Aricles é a mais antiga na Terra e temos uma gloriosa história de heróis renomados, abrangendo incontáveis gerações. Se os deuses quiserem, continuaremos a ser a maior de todas elas. Não permitirei que você manche o nosso império ou manche os nomes de nossos estimados antepassados Aricles. Quando olham para você, não veem o Príncipe Styxx, veem o filho de Xerxes da Casa de Aricles. Cada palavra que você disser ou ação que você tomar reflete em mim e eu trabalhei muito duro para alcançar minha excelente reputação para ter isso estragado por você ou qualquer outra pessoa.

Acheron e Ryssa eram sortudos. Seu pai não os via como uma extensão de si mesmo. Sempre que eles faziam algo errado, o rei não considerava isso uma afronta para seu bom nome. Eles eram ensinados juntos, e em um ritmo muito mais vagaroso, pelas mulheres do séquito de Ryssa. Às vezes Styxx podia ouvi-los rindo pelas paredes enquanto seus tutores impiedosamente o instruíam.

Mas, pelo menos Praxis não era muito severo. Era muito mais paciente e compreensivo do que os outros.

Você ainda é um menino, Alteza. Eu sei que é difícil para você se sentar por horas a fio e se concentrar. Vamos dar uma breve pausa e deixar suas lições serem absorvidas antes de começarmos a próxima sessão.

Às vezes ele até trazia doces para Styxx para comerem enquanto trabalhavam.

Enquanto Styxx se aproximava dos degraus, viu sua mãe esperando nas sombras. Uma versão mais velha de Ryssa, ela foi uma beleza celebrada em sua juventude. Mas, muitos anos abusando do álcool envelheceram sua beleza de forma que agora parecia mais velha que seu pai.

Por um momento, pensou que ela poderia estar sóbria. Mas à medida que se aproximava, o cheiro excessivo roubou seu fôlego.

— Qual bastardo é você?

Ela zombou.

— Styxx, mãe.

Furiosamente, ela estreitou o olhar, como se não acreditasse nele.

— Onde está o outro?

— Com Ryssa.

Um sorriso finalmente curvou seus lábios.

— Minha preciosa Ryssa... ela deveria me visitar essa manhã.

Ela se moveu para a escadaria então tropeçou. Styxx se moveu para ajudá-la. A princípio, ela rejeitou o toque dele, mas depois de um momento relaxou e permitiu que ele desse o ombro de forma que ela pudesse subir os degraus sem cair e se machucar.

— Quem chegou agora a pouco?

Ela perguntou enquanto caminhavam pelo corredor, em direção a seus aposentos.

— Tio Estes.

— Bom. Isso fará o velho *skatophage* feliz por um tempo.

Styxx não comentou, mas estava contente porque seu pai não estava por perto para ouvir sua esposa o chamando de comedor de esterco. Nenhuma dúvida de que iria chateá-lo muito.

Ele a levou para o quarto dela e a depositou na banqueta. Quando começou a se afastar, ela estendeu a mão e o agarrou pelos cabelos, em seguida o puxou para mais perto.

— Por favor, mãe. Você está me machucando.

Ele tentou afastar a mão dela, mas ela o segurou mais rápido e com a força de todas as Fúrias.

Ela bufou com desdém.

— Você não sabe o que é dor. Tente parir um bastardo ingrato de suas entranhas, seguido por outro de sua raça. Então veja como o amor do seu marido por você se transforma em ódio por

causa deles. Isso é dor. Mas você... você é o herdeiro precioso, amado, que ele adora. Você é tudo que ele ama agora.

Engraçado, não sinto isso dele. Não enquanto seu pai censurava tudo o que fazia. Para cada pedaço de elogio que recebia, seu pai fazia questão de fazer pelo menos três críticas para acompanhá-lo.

Ela suavizou o aperto em seu cabelo, mas não o deixou ir.

— Você tem o cabelo como o seu pai. Eu adorava passar minhas mãos por ele à noite. Naquela época, ele era só meu e me amava muito. Ele teria feito qualquer coisa por mim... à noite, ele não podia esperar para me levar para a cama.

Lágrimas encheram os olhos dela.

— Por que você teve que nascer?

Soluçando, ela puxou seu cabelo então o golpeou.

— Saia de minha frente! Você me dá nojo!

Styxx correu do quarto o mais rápido que podia. Sua bochecha ardendo de golpe, mas ele sabia melhor do que deixar sua mãe sozinha assim. Seu pai ficaria muito bravo, quando soubesse que Styxx a abandonou quando era óbvio que ela precisava de alguém para vigiá-la. Enxugando suas lágrimas, foi para a pequena antecâmara onde suas criadas se reuniam para costurar e fofocar.

— O que você está fazendo aqui?

A criada mais velha resmungou assim que o viu na entrada.

— Eu fui informado por Sua Majestade que você não tem permissão para estar nessa parte do palácio. Ela não tem nenhum desejo em vê-lo.

Ele ignorou o veneno dela.

— A rainha está no quarto dela e a chama.

Ela passou bruscamente por ele sem dizer uma palavra. As outras o olhavam fixamente como se fosse a sujeira que sujava seus sapatos. Olhavam assim para ele sempre que estava longe do pai e odiava isso. Acima de tudo, odiava como o faziam se sentir como se fosse a sujeira em seus sapatos.

Erguendo o queixo, olhou para uma de cada vez.

— Eu sou seu príncipe e herdeiro. Não podem me olhar sem minha permissão, — ele lembrou a eles. — Ou irei chicoteá-las por isso.

Bateu a porta e se virou para encontrar Ryssa no corredor atrás dele.

Ela deu-lhe um olhar que o fez se sentir muito mais inferior do que as criadas fizeram.

— Pequeno tirano miserável. Acha que é muito melhor do que os outros. Não é, sabe. É apenas um porquinho mimado que não é nada sem o pai. Espero que um dia você receba exatamente o que merece.

A sinceridade do olhar dela e a crueldade das palavras partiram seu coração. Por que ela não podia, apenas uma vez, dizer algo amável para ele? O que ele fez para ela? Nada, e ele estava cansado de seus insultos.

— Cale a boca, cadela. Odeio você! Gostaria que estivesse morta e queimada!

Ryssa agarrou o braço dele e o sacudiu.

— Como ousa falar assim comigo e usar uma palavra tão imunda!

— Styxx!

Ele estremeceu com o tom furioso do seu pai. Sabendo o que seguiria, puxou seu braço contundido do duro aperto e passou por Ryssa até o topo da escada de forma que pudesse ver seu pai abaixo, em pé ao lado de Estes.

Fabuloso. Agora seu pai se exibiria para seu irmão mais novo.

— Venha aqui, menino!

Seu coração batia acelerado com o medo que ele não se atrevia a demonstrar, Styxx desceu os degraus.

— Sim, pai?

— O que eu disse sobre respeitar a sua irmã? Ela é a única princesa desse reino. Como tal, é para ser valorizada acima de tudo.

Era tão injusto. Se ele fosse Ryssa, poderia se lamentar e dizer a seu pai o que aconteceu. Mas sabia por experiência própria que só pioraria. Os homens não se queixam, e, sobretudo não os reis. Eles assumem as repercussões de suas ações e mantêm suas cabeças erguidas, custe o que custar.

Ainda assim, não era rei. Não ainda. E definitivamente não era um homem.

— Ela começou, pai.

Ele agarrou seu braço no mesmo lugar que Ryssa o torceu, causando em Styxx uma careta.

— Como ousa! Não desrespeite seu pai e com certeza não desrespeite seu rei, — ele rosnou.

— Nunca!

Seu pai puxou seu braço e o arrastou em direção a sala da guarda até que chegaram ao posto de castigo real. O torturador ficou em pé imediatamente e fez uma reverência.

Seu pai o jogou para o homem alto, musculoso, que Styxx odiava com todo seu ser.

— Vinte chibatadas, e mais dez se ele choramingar ou chorar.

O agressor assentiu respeitosamente.

— Vou receber imunidade, Majestade?

— Aye, é claro.

O torturador virou seus olhos escuros para Styxx.

— Sua Alteza?

Irritou-o ser forçado a conceder imunidade para a pessoa que estava prestes a chicoteá-lo. Mas, uma vez que a morte era a sentença para qualquer um que atacasse um membro da família real, tinha que ser feito antes do agressor poder executar as ordens do rei contra um príncipe. E se não concedesse, seu pai só faria as coisas piorarem para ele.

— Aye. Eu concedo, — ele sussurrou.

— Quando você terminar, leve-o para o quarto dele e certifique-se para que o mantenham lá até de manhã sem conforto.

— Sim, sua Majestade.

Seus lábios tremiam por suas lágrimas reprimidas, Styxx observou quando seu pai o deixou sozinho com uma montanha gigante em forma de homem. Por ofensas menores, que nunca parecia cometer, tinha um bode expiatório que levaria seus castigos por ele. Mas, para qualquer coisa que fosse julgado um insulto pessoal à sua família, Styxx, diferentemente de Ryssa, tinha que suportar tudo sozinho. A princesa nunca foi chicoteada por nada. Ela era muito preciosa e delicada para tal. Acima de tudo, ela não estava sendo preparada para a masculinidade e a realeza.

E agora que foi concedida a imunidade para o torturador pelos dois, ele teria um grande prazer em machucá-lo. Sempre tinha. Mesmo que Styxx não chorasse ou choramingasse, ainda receberia o castigo mais severo que seu pai pediu. E tudo porque o torturador, assim como Ryssa, pensava que ele era um pirralho mimado indigno que precisava ser humilhado.

Pensa que é muito melhor do que o resto de nós. Você não é, porcaria. Você é apenas o filho de um homem rico. Cria de uma prostituta bêbada e de um deus.

Rindo em ávida expectativa, o torturador o puxou para a pequena sala que era reservada somente para os castigos privados de Styxx, e o inclinou no banco de açoites. Empurrou um

pedaço de couro na boca de Styxx para ele morder e abafar seus gritos para que sua dor não incomodasse os outros ou envergonhasse seu pai. Amarrou as mãos de Styxx a frente do banco para segurá-lo no lugar e ter certeza que ele não tentaria correr, então desnudou suas nádegas para a surra.

Styxx colocou seu rosto contra a pedra fria e tentou ser valente. Ele fez. Mas quando o torturador passou levemente o chicote contra suas coxas nuas para deixá-lo sentir o quanto era grosso e duro, ele se urinou por medo da dor que viria.

— Você será um rei inútil, — ele zombou, então o chicoteou com toda a sua enorme força.

Horrorizado e com dor, Styxx segurou seus gritos o quanto pôde, mas no final, ele era tão inútil como todos pensavam. Não podia evitar, especialmente porque o torturador não se apressou. Ao contrário, prolongou bastante, esperando a dormência passar antes de golpeá-lo novamente.

Pelo menos ele desviou a atenção de Styxx das contusões em seu braço e bochecha. Provavelmente devia ser grato por isso.

Quando finalmente acabou, o torturador o arrastou para o quarto e o trancou dentro. Os criados já tinham entrado e retirado os lençóis e travesseiros da cama. Exceto sua cama e penico, tudo foi removido.

Cansado e dolorido, Styxx mancou em direção a sua cama, mas estava machucado demais para subir nela. Em vez disso se deitou no chão de pedra e desejou não ser filho de ninguém. Odiava ser um príncipe. Esperava-se demais dele e todo mundo o menosprezava por isso.

Até sua própria irmã e mãe.

Só uma vez queria ser livre para sair e brincar como as outras crianças faziam. Para ser acolhido por eles como outro companheiro de brincadeira e não fugir de medo ou ódio. Enquanto eles brincam com despreocupado abandono, ele tinha que aprender a falar, ler, e escrever atlante, grego, Akkadian, egípcio, Sumerian, e um milhão de outros idiomas sem importância. Outras crianças têm que participar de divertidos jogos e competições amigáveis, enquanto ele tinha que dominar esgrima e táticas militares ensinadas a ele por instrutores que o detestavam ainda mais do que os outros. Instrutores que o derrubavam no chão e tinham prazer sempre que ele sangrava.

Levante-se, Alteza. Na batalha, já estaria morto ou capturado. Tem que lutar contra o mais duro de todos para que seus homens o respeitem e estejam dispostos a dar sua vida sob seu comando. Ninguém segue um covarde, não importa se ele usa uma coroa.

Não ria, menino, não é real. Não sorria ou eles pensarão que você é mole ou estúpido. Deve ser controlado e digno em todos os momentos. Nunca baixe a guarda. Eles são seus súditos, não seus amigos, e você é seu futuro rei. Nunca se esqueça disso.

Soava sem parar em sua cabeça junto das vozes dos deuses e dos pensamentos horríveis de outras pessoas.

Não via nenhuma vantagem em ser rei. Se isso significava que você não podia apreciar o riso ou... bem... nada.

Gostaria que Acheron fosse o herdeiro.

Mas assim que teve esse pensamento, se encheu de vergonha. Nunca desejaria esse tipo de miséria para o seu amado irmão. Acheron já tinha o suficiente para lidar.

— Um dia serei rei, — ele chorou, batendo o seu pequeno punho contra o chão. E quando fosse, as coisas seriam muito diferentes para ambos. Ninguém jamais faria que ele ou Acheron se sentissem assim novamente.

Nem mesmo sua irmã.

03 de fevereiro de 9541 a.C.

Muito tempo depois da meia-noite, Styxx estava deitado, tentando dormir, mas era impossível. Se a dor em seu crânio não fosse insuportável o suficiente, Acheron foi espancado mais cedo pela grave ofensa de encontrar o olhar de seu pai enquanto passavam pelo corredor.

Suas costas queimavam em solidariedade com os ferimentos do seu irmão. Ainda não sabia como ele jantou sem chorar ou gritar de agonia, mas agora que estava sozinho, podia se contorcer e gemer em paz.

Por que eu não posso simplesmente morrer?

Com certeza a morte seria melhor do que viver assim. Como uma cabeça podia doer tanto e não matar a vítima ou danificar o cérebro?

Como?

Respirando bruscamente entre os dentes, ouviu alguém em sua porta. Congelou em pânico. Não podia ser Acheron. Ambos estavam com muita dor para deixarem suas camas.

A porta se abriu para mostrar seu pai pela tênue luz do fogo. Isso não podia ser uma boa coisa. Seu pai nunca o perturbou de noite.

O que eu fiz agora?

Esse era um pensamento estúpido. *Não fiz nada. Em vez disso, o que ele acredita que fiz?*

Styxx fechou os olhos, fingindo dormir e rezando para que seu pai o deixasse em paz. Em vez disso, seu pai se sentou na beirada da cama. Styxx prendeu a respiração, com medo do que isso significava. *Por que ele estava aqui? O que ele poderia querer comigo a essa hora?*

Não fiz nada.

Comportou-se bem durante semanas. Apenas Acheron tinha agido ultimamente. Não que culpasse seu irmão. Ambos estavam cansados da forma como eram tratados.

Seu pai enfiou os dedos no cabelo de Styxx. A mão dele era tão grande que podia segurar a cabeça de Styxx em sua enorme palma.

Os olhos de Styxx se abriram enquanto esperava a dor que tinha certeza de que viria a seguir.

No entanto, seu pai começou a passar a mão pelos cachos loiros de Styxx, brincando com eles, os afastando de seu rosto. Talvez não estivesse bravo com ele, afinal. Esperando o melhor, encontrou o olhar de seu pai, à luz do fogo, mas não ousou falar uma palavra. Havia uma rara ternura no olhar de seu pai, misturada com preocupação.

— Você me faz lembrar muito de Estes, quando ele era um menino. As coisas que você diz e faz... faz-me pensar em nossa infância juntos e de quanto sinto falta. Até mesmo esse era o quarto dele naquela época.

Seu pai passou o dedo polegar sobre a sobrancelha de Styxx e sorriu com as memórias. De repente, o cheiro de álcool na respiração do rei o atingiu. Seu pai estava terrivelmente bêbado.

Mordendo o lábio, Styxx orou para que seu pai não voasse em uma das lendárias fúrias que sua mãe tinha sempre que caía muito profundamente em seus copos.

— Ele era meu único amigo. Ainda é. Você não tem ideia do que é ter um irmão como ele. Um que você pode confiar que nunca faria qualquer coisa para trair você.

Seu pai estava errado sobre isso. Acheron era o melhor amigo que alguém podia pedir. Nem Estes poderia igualá-lo.

Inclinando-se mais perto, seu pai olhou para ele, enquanto o segurava pelo queixo. Ele girou a cabeça de Styxx de forma que pudesse estudar seu rosto de diferentes ângulos.

— Parece conosco... mas você é realmente meu filho?

— Pai.

— Não fale comigo!

Styxx fechou a boca enquanto uma nova onda de terror tomou conta dele. O que seu pai faria?

Seu pai puxou o cobertor de forma rude para que pudesse inspecionar cada centímetro do corpo de Styxx.

— Parece tão humano.

Styxx queria gritar enquanto a dor o torturava com força, sempre que seu pai tocava as áreas de seu pequeno corpo contundido pelo espancamento de Acheron. Mas não ousou deixar seu pai saber que estava machucado quando não existia nenhuma razão óbvia para isto.

Seu pai o virou de costas. A mandíbula de Styxx tremia enquanto lágrimas encheram seus olhos. Havia uma boa razão pela qual estava mentindo sobre seu estômago. Sua respiração difícil, viu como seu pai puxou a faca de seu cinto.

Ele vai me matar?

— Mas você é humano? Tenho que saber.

Antes que Styxx pudesse se mover ou reagir, seu pai agarrou seu antebraço em um aperto impiedoso, então cortou violentamente. Incapaz de conter-se, Styxx gritou enquanto o sangue cobria seu braço e encharcava seus lençóis.

— Doce Hera, — seu pai respirou.

— O que eu fiz?

Ele tentou agarrar o braço ferido de Styxx, tentando estancar o fluxo de sangue.

— Sinto muito, Styxx. Perdoe-me, meu filho.

Suas mãos tremiam, seu pai enrolou o braço de Styxx com um pano que rasgou dos lençóis de Styxx, então o puxou em seus braços e o embalou enquanto Styxx chorou silenciosamente.

— Shh, pequeno. Está tudo bem. Está tudo bem.

Mas não estava e Styxx sabia. Desde o seu nascimento, seu pai questionou seu parentesco. Se não com palavras, então pelo descuidado brilho que Styxx via sempre que eles estavam a sós.

— Não é sua culpa, filho. É aquele demônio bastardo. Ele é o culpado por tudo isso. Ele é o único que me fez duvidar de você. Toda vez que vejo seu rosto... enche-me de violência.

Não apenas o rosto de Acheron. Era seu rosto, também.

Seu pai segurou sua cabeça em sua grande mão e beijou-lhe a testa, em seguida, sua bochecha.

— Você é meu menininho. O herdeiro que rezei e fiz sacrifícios para os deuses. Eu sei que você é. Eu sei.

Lágrimas encheram seus olhos quando ele lançou um olhar desconfiado para Styxx.

—Você não?

Como poderia responder a uma pergunta que não tinha certeza? Seu pai sentia a mesma coisa e ele sabia do fato. Que não era certo. Não era normal. Enquanto Acheron tinha os olhos de um deus, Styxx era a pessoa que sentia as dores das feridas do seu irmão. Era a pessoa que ouvia pensamentos soltos das pessoas aleatoriamente. Ouvia as vozes dos deuses muito mais alto que Acheron. Sentia as emoções das pessoas e ação pretendidas, mesmo quando tentavam esconder dele, e previa o tempo sem falha.

Mas o pior eram as dores de cabeça impiedosas que o atormentavam o tempo todo.

Talvez não seja humano.

Com toda honestidade, Acheron parecia ser muito mais normal do que ele.

— Responda-me! — Seu pai rosnou.

— Você é meu filho?

Só havia uma resposta a dar. Certa ou errada.

— S-s-sim.

Seu pai colocou cabeça de Styxx sob o queixo e chorou enquanto continuou a balançá-lo. Não o soltou novamente até bem depois do amanhecer. Em seguida, deitou Styxx na cama e o envolveu em seus lençóis manchados de sangue como se nada tivesse acontecido. Beijou a testa de Styxx, deu um leve aperto no ombro dele e então o deixou só.

Assustado e ferido, Styxx olhou para o curativo improvisado que seu pai envolveu ao redor de seu antebraço. Com a mão tremula, desenfaixou para ver o que já suspeitava... que já estava se curando da cruel ferida. No final do dia, estaria quase completamente desaparecida, com somente uma cicatriz para marcar sua localização.

Eu não sou humano mais do que Acheron é.

E o pai dele absolutamente iria matá-lo se soubesse a verdade.

30 de agosto de 9541 a.C.

Styx abriu a porta do quarto para encontrar Acheron no outro lado. Soltou um suspiro de alívio.

— Graças aos deuses que é você.

— Por que sua porta está bloqueada novamente?

Deu de ombros, não querendo dizer a Acheron ou a qualquer outra pessoa sobre a visita à meia-noite do rei. Desde fevereiro, fazia questão de fechar e bloquear sua porta toda noite para não receber outra surpresa indesejável.

— O que está fazendo aqui?

Styx perguntou, tentando desviar a atenção do seu irmão de uma pergunta que não tinha intenção de responder.

— Trouxe o presente que Estes deu para você. Deixou no andar de baixo. Depois do que aconteceu no ano passado, quis ter certeza que você manteria esse.

Styx tomou o cavalo de madeira da mão de Acheron e ofereceu um sorriso que não sentia.

Você não merece nada até que aprenda como se comportar civilizadamente e com honra. Palavras cruéis de seu pai que ainda o assombravam.

— Obrigado, Acheron.

Styx se moveu para colocar o cavalo no parapeito da janela onde mantinha sua coleção deles. Depois do pesadelo do ano passado, não sentia o mesmo sobre seus cavalos de madeira. Em vez de serem uma fonte de orgulho e prazer, todos o recordavam seu pai o forçando a queimar o bonito cavalo atlante que Estes lhe trouxera, enquanto suas pernas doíam de seus golpes e seu ego de molhar a si mesmo. E todo tempo Ryssa sorria com prazer por ter sido forçado a destruir seu presente pelo seu — insulto — a ela.

Suspirando, afastou-se do parapeito.

— Um conjunto nosso de pérolas.

Acheron franziu o cenho.

— O que?

Styx conhecia profundamente o cenho franzido de Acheron.

— O que? Você me perguntou o que consegui para o aniversário da mãe.

— Não, não fiz. Só pensei em perguntar a você.

Styx rangeu os dentes quando percebeu que leu a mente de Acheron. É melhor ter mais cuidado. Tal deslize perto de outra pessoa pode ser fatal.

— Deve ser nosso sangue gêmeo.

Isso era uma aposta segura sempre que estava com Acheron. Seu irmão aceitou aquela explicação sem pergunta ou malícia.

Agarrando a pequena caixa de madeira de sua mesa, a levou para Acheron.

— Quer dar para ela?

Ele balançou a cabeça.

— É melhor você fazer isso. Ela preferiria de você, acho.

E ele preferiria não vê-la de modo algum. Na maioria das vezes que estava com a sua mãe, o olhava como se fosse transparente.

— Vamos acabar logo com isso?

— Eu vou se você for.

Honestamente, prefiro ter meus olhos arrancados e comê-los.

Mas parte de ser um rei era fazer coisas que não queria sem queixas ou hesitação. Cabeça alta. Costas retas. Não mostrar nenhuma emoção. Mesmo que tenha apenas sete anos de idade.

Styx segurou a caixa no peito, já temeroso.

— Talvez ela ainda esteja desmaiada e nós podemos deixar isso com suas criadas.

Esperando o melhor resultado, pegou a mão de Acheron e o levou pelos corredores da parte de trás do palácio para quarto de sua mãe.

Na porta, Styx hesitou por tanto tempo que Acheron se moveu para frente dele e bateu em seu lugar. Poucos segundos depois, a criada mais velha abriu para olhar fixamente para eles sobre o nariz.

Styx ignorou seu desdém.

— Nós viemos para desejar a rainha um feliz aniversário. Ela está acordada?

Sem dizer uma palavra, a empregada recuou, abrindo a porta o suficiente para permiti-los entrarem no quarto. Sua mãe estava sentada em uma cadeira próxima à janela, olhando para fora.

Inseguro de seu humor, Styx hesitou. Por que seus poderes sempre falham quando mais precisa deles?

— Ela está sóbria? — Acheron sussurrou em sua orelha.

— Não sei.

Sua mãe soltou um suspiro exasperado.

— Parem de sussurrar. Ou entram ou saiam. De preferência o último.

Styx começou a ir.

Acheron o empurrou para frente.

Obrigado, irmão.

Atravessando o quarto, Styx segurou a caixa em direção a ela.

Ela franziu o cenho.

— O que é isso?

— Feliz aniversário, mãe, — disseram em uníssono.

Um raro sorriso iluminou o rosto dela quando pegou a caixa e abriu para achar o colar de pérolas que Styx comprou no mercado. Com a esperança de agradá-la, trocou um de seus cavalos esculpidos por isso.

— Obrigada.

Ela o puxou para um abraço frio, mecânico.

Olhos arregalados, Styx encontrou o olhar boquiaberto de Acheron. Antes de perceber o que Acheron estava fazendo, seu irmão avançou.

— Feliz aniversário, mãe. — Acheron se moveu para abraçá-la.

Gritando de indignação, ela deu-lhe um tapa forte no rosto.

— Fique longe de mim, seu monstro repugnante!

O nariz de Styx explodiu com sangue enquanto a dor penetrava em sua bochecha, crânio, e olhos. Maldição, para uma bêbada, sua mãe tinha um golpe forte.

Ela continuou a insultá-los enquanto corriam para a porta e então corredor abaixo. Não pararam até que alcançaram o final da escada.

Sua respiração difícil, Acheron virou-se para encará-lo.

— Por que fazem isso comigo?

— Não sei. São loucos.

— O que em nome de Zeus aconteceu com você?

Styx se estremeceu ao som da voz brava de seu pai enquanto limpava o sangue em seu rosto. Encolheu-se com a visão de gotículas de sangue em sua túnica branca. Poucas coisas chateavam seu pai mais do que vê-lo desalinhado em público.

— Você bateu nele? — Ele acusou Acheron.

Acheron balançou a cabeça.

— Mentiroso! — Ele se moveu para pegá-lo pelo braço.

— Pai, não! — Styx o impediu de atacar seu irmão.

Acheron se abaixou, em seguida, correu como um louco pelas escadas e fora da vista.

Seu pai arrancou depois de Acheron, mas Styx o agarrou pelo braço e o segurou no lugar.

— Ele não fez isso, pai. É apenas outra hemorragia nasal. Tenho o tempo todo.

— Xerxes?

Styx olhou além de seu pai para ver seu tio diminuindo a distância entre eles.

— Tio, por favor, diga-lhe que Acheron não me machucou. Não é nada.

Estes deu um olhar cético de Styx até seu pai.

— Não se parece nada para mim, criança. Ao contrário, é um ferimento grave em seu rosto. É óbvio que alguém o golpeou.

— Não foi Acheron.

Styx se soltou de seu pai para poder segurar suas narinas juntas para conter a hemorragia.

— Vou ficar bem, pai. Sinto muito pela sujeira.

Esperando ter dado a Acheron tempo suficiente para se esconder, ele os deixou e foi para seu quarto limpar seu nariz e mudar suas roupas.

Ele mal terminou de se vestir alguns minutos depois quando ouviu Acheron e Ryssa gritando. O que em nome do Olimpo?

Normalmente, ele era o único a gritar com Ryssa. Não se parece com Acheron gritar com ela por nada. Mas quando deixou seu quarto, percebeu que era algo muito pior do que uma briga entre irmãos.

Os soldados estavam arrastando seu irmão escadas abaixo, em direção à porta da frente. Apavorado, Styx correu atrás deles. Não os alcançou até que estavam no lado de fora. Tentou alcançar seu irmão, mas seu pai o segurou enquanto Estes levava Acheron nos braços para longe.

Styx olhou para seu pai.

— O que está acontecendo?

— Estes está levando-o para viver em Atlântida.

Isso foi um golpe muito mais duro do que aquele que ainda ardia em seu rosto.

— O que? Não! Não!

Styx tentou sair do aperto de seu pai para chegar a seu irmão, que estava lutando duramente com Estes todo o caminho.

— É para o melhor. Ele é um perigo para todos nós, especialmente você.

Como eles podiam ser tão estúpidos? Seu irmão era o único que nunca o machucaria intencionalmente.

— Acheron! Por favor, pai! Não tire meu irmão de mim! Por favor!

— Styx!

Acheron estendeu as mãos na direção dele enquanto Styx fez tudo o que pôde para chegar nele.

Ninguém os escutou. Tampouco tiveram dó nem piedade pelos meninos.

De coração partido, Styx lutou para se soltar de seu pai e viu como seu tio e irmão, cavalgavam longe da vista. E enquanto iam, soube que Estes não acabou de tomar seu irmão dele.

Ele tomou tudo.

* * *

Completamente devastado pela perda da companhia de Acheron, Styx abriu a porta do quarto de Ryssa. Os soluços dela eram implacáveis. Durante horas, ele a escutou dando rédea solta às mesmas emoções que o açoitavam. Mas, se chorasse como ela fazia por Acheron, seu pai teria batido nele por isso.

A solidão desoladora era terrível. Era como se alguém tivesse cortado seu braço e o golpeasse com ele. Sentia-se roubado e traído. Sem Acheron, não tinha ninguém a quem recorrer. Ninguém para conversar. Ninguém que iria abraçá-lo e se certificar de que estivesse bem quando se machucasse.

Estava completamente sozinho e desesperado por algo a que se agarrar, mesmo que isso significasse abraçar a irmã mais velha que o odiava.

— Ryssa?

Ela se afastou de sua aia que a segurava, tentando confortá-la de sua dor. Respirando com dificuldade, ela o olhou como se a culpa de que Acheron tivesse ido fosse dele.

— O que quer, sua pequena besta egoísta?

Styx mordeu o lábio em indecisão. O humor dela era extremamente volátil. Mas o que tinha a perder agora?

— Eu poderia ser seu irmão mais novo, também... como Acheron.

Ela curvou o lábio enquanto mais lágrimas caíam pelo rosto.

— Você? Você é a razão porque eles tomaram meu irmão de mim. Só porque se parece com ele, isso não o torna ele. Nunca poderia ser meu Acheron. É só uma pobre cópia dele. Saia da minha frente. Você me enoja.

Chorando, enterrou a cabeça contra o ombro de sua aia. A velha afagou-lhe carinhosamente, enquanto o ignoravam completamente.

— Mas eu poderia te amar também, irmã. Se você me deixasse.

Gritando, ela se soltou de sua aia e agarrou o braço dele.

— Eu não quero o seu amor, pirralho. Não sabe nada de amar os outros. Só você mesmo.

Ela o empurrou porta a fora e a fechou em seu rosto.

Os lábios de Styx tremeram quando olhou para a porta fechada, com lágrimas nos olhos.

— Eu poderia aprender a amar, se apenas um de vocês me ensinasse como, — ele sussurrou.

Mas nenhum deles queria amá-lo e sabia disso. A única pessoa que o amou foi-se agora. Roubado dele.

Não tenho ninguém. E odiava ficar sozinho. Gêmeos não nasceram para ser separados. Era apenas a metade de um todo.

Irmãos, para sempre e sempre.

Era o pacto deles. Styx enxugou as lágrimas em seus olhos enquanto ia para o quarto de Acheron. Mas não havia nada aqui. Como o seu coração e alma, que estava vazio. A única posse deixada para trás era o travesseiro plano, usado de Acheron.

Com lágrimas escorrendo pelo seu rosto, foi para a cama e puxou o travesseiro para os seus braços, então foi para seu próprio quarto. Colocou o punho sobre a boca para abafar seus soluços enquanto colocava o travesseiro de Acheron no chão próximo à parede. Deitado sobre ele, pressionou sua coluna contra a parede e então seus pés, tentando fingir que era seu irmão em

suas costas. Mas a parede estava tão fria, e enquanto o travesseiro cheirava a Acheron, simplesmente não era o mesmo.

Não podia segurar sua mão ou falar com ele palavras de consolo. Era apenas um travesseiro.

Seu irmão saiu de seu mundo. A dor e a agonia eram tão ferozes que não podia suportar. Era como se alguém o tivesse atingido no peito e arrancado seu coração.

— O que devo fazer?

Styx olhou seus cavalos de madeira e viu aquele que Acheron trouxe para ele mais cedo naquele dia. A ira nublou sua visão. Como Estes ousou dar a ele aquilo e então tomar Acheron. Ele pensou que um estúpido cavalo podia substituir o amor do seu irmão?

Não é?

Incapaz de suportar, correu para o parapeito e quebrou todos os cavalos finamente esculpidos em pedaços. Pisou-os no chão até que estivessem estilhaçados. Não queria vê-los novamente. Nunca!

Quando chegou ao último inteiro, parou. Era o cavalo que Ryssa deu a Acheron no aniversário dele, dois anos atrás.

Vai mantê-lo para mim, Styx? Eu lamentaria se fosse perdido.

Puxando na direção dele, o embalou contra seu peito.

— Não vou deixar isso ser danificado, Acheron. Estará aqui para o seu retorno. Eu prometo.

Não importa onde vivam ou a que distância, ainda eram irmãos.

Para sempre e sempre.

18 de junho de 9537 a.C.

Quatro anos depois.

Suspirando fortemente, Styxx escolhia entre as mercadorias do comerciante, tentando achar algo como presente de aniversário que sua irmã pudesse gostar. Infelizmente, Ryssa tinha o tudo que se podia imaginar.

Ele hesitou em um colar.

— Você não tem dinheiro suficiente para isso, Alteza.

Styxx recuou ao som malicioso do seu criado, que regozijou em poder dizer isso para ele. Em voz alta. Houve vários risos dissimulados de clientes próximos pelo comentário.

Resmungando baixo, afastou-se do colar. Odiava ser envergonhado. Sofreu suficiente disso de sua irmã, mãe, pai, tutores, e instrutores. A última coisa que queria era outro criado zombando dele publicamente, também.

Embora Styxx tenha pedido a seu pai um empréstimo, ele recusou duramente. Se quiser mais dinheiro, trabalhe mais duro para isso. Algo difícil de fazer tendo em conta a magnitude de sua carga de estudos, as sessões do tribunal que tinha que assistir, as obrigações de seu treinamento de guerra, sessões de estratégia, e obrigações no templo.

E o pequeno fato que ele já trabalhava em média vinte e duas horas semanais.

E ele raramente era pago por isso.

— Eles têm artigos mais baratos aqui que estou certo que você pode pagar, vossa Alteza.

Styxx recuou ainda pela arrogância do seu criado.

Recusando-se a ser ainda mais envergonhado, Styxx saiu sem uma palavra.

Seu criado o seguiu com o mesmo olhar petulante.

— Alteza? Você...

— Está dispensado, — Styxx se virou para seu criado assim que estavam do lado de fora da tenda.

— Retorne ao palácio imediatamente, servo. Tive o suficiente de você por um dia.

— Styxx!

Ryssa gritou quando passou por ele naquele exato momento.

Por que, deuses... por quê?

Styxx a ignorou e se recusou a ceder nisso. Era ruim o suficiente os outros o repreenderem e o envergonharem o tempo todo. Não estava disposto a tolerar isso em público para outros rirem dele, também.

— Tenho a minha guarda. Deve partir. Agora!

O criado olhou para ele, mas não teve nenhuma escolha exceto obedecer.

Ryssa agarrou o braço de Styxx, afundando suas unhas em sua carne até que estava certo que teria meias-luas por isso.

— Isso foi rude!

E agarrar seu braço na frente de todo mundo não era? — Deixe-me ir, — ele rosnou.

Ela apertou seu agarre.

— O papai terá um ataque se o vir aqui sem o seu criado.

— Tenho meus guardas.

Ela o empurrou para trás.

— Bem. Espero que o pegue, pequena besta. Você merece isso.

Sem uma palavra, ela virou-se em direção ao seu guarda e escolta e o deixou.

Styxx esfregou os pequenos cortes que ela deixou para trás em sua carne. Definitivamente não sentia vontade em conseguir um presente agora. Mas se não fizesse, seu pai ficaria furioso.

Era esperado, afinal.

É melhor ser rápido. Ryssa correria para contar sobre ele. Não tinha nenhuma dúvida. Ela sempre fazia. Seu coração batia forte com medo de ser pego em público sem seu servo, entrou na próxima tenda, onde frequentemente comprava presentes para seu pai.

Ficou bastante surpreso por achar Mestre Praxis no interior. Mas, desde que esse era geralmente o tempo de estudos de Styxx com ele, fazia sentido que o Mestre Praxis também estivesse executando algumas tarefas.

Seu tutor inclinou a cabeça para ele.

— Príncipe Styxx... como vai a sua procura do presente?

— Inútil até agora, senhor. Mas estou esperando encontrar algo aqui.

— Talvez eu possa ser útil?

Styx sorriu para ele.

— Espero que sim, Mestre Praxis. Caso contrário não terei tempo antes do banquete dela.

Seu tutor devolveu-lhe o sorriso.

— Então vamos contar isso como uma lição de economia.

Styx estava mais do que grato pela ajuda.

O dono saiu da parte de trás com um anel para Mestre Praxis.

— Saudações, jovem Príncipe.

— Saudações, Mestre Claudius.

Styx perambulava olhando para os colares enquanto seu tutor terminava sua compra.

— Acho que você não está fazendo compras para Sua Majestade, — o dono perguntou assim que veio para ajudar Styx.

— Não, senhor. Minha irmã.

— Ah... Sua Alteza esteve aqui mais cedo.

Ele puxou um par de pentes de cabelo de pérola. Primorosamente gravados, eram muito bonitos.

— Únicos. Ela ficou bastante tempo com eles, mas disse que teria que perguntar a seu pai sobre o preço.

Styx mordeu seu lábio.

— Quanto?

— Para você, Alteza, um tetradrachm⁹.

— É pouco caro, não é? — O Mestre Praxis perguntou ao dono.

— Essas são as pérolas de melhor qualidade disponível, como a prata e o ouro. E o acabamento é inigualável.

Styx suspirou enquanto seu rosto se aquecia ainda mais de embarço.

— Temo não ter muito.

— Quanto você tem para gastar? — O dono perguntou.

⁹ Tetradrachm (em grego: τετράδραχμον) era uma moeda grega de prata equivalente a quatro dracmas. Esteve em grande circulação em 510-38 a.C.

— Metade disso.

Trouxe todas as economias dele, inclusive o dinheiro que reservou para um conjunto de dados que queria comprar para seu aniversário na semana que vem.

— Estaria interessado em uma troca?

Styx hesitou, então assentiu.

— O que tem mais... seu broche.

Seu coração se apertou com o preço. O rei deu o broche para ele no ano passado e era uma de suas possessões mais valiosas. Ele mordeu o lábio em indecisão.

Mestre Praxis franziu o cenho.

— É um preço caro, Alteza. Talvez ela gostasse de um bracelete?

Ela tinha gavetas cheias deles.

— Ela realmente gostou disso?

Ele perguntou ao dono.

— Ela gostou, de fato.

Styx olhou ao redor, mas não viu nada tão bonito... e se não a fizesse feliz, seu pai ficaria furioso. Um rei deve se sacrificar pelo bem de seu povo. Sempre seria esperado dele.

Ele olhou para o Mestre Praxis.

— O bem de muitos é sempre melhor do que o bem de poucos.

Ainda assim, ele realmente amava seu broche.

A sua irmã nem tanto.

Styx tocou o broche que era sua única peça de adorno adulto.

Nós devemos mimar nossas mulheres, menino. Uma mulher feliz torna um lar feliz. Uma infeliz nos faz beber.

Seu estômago doeu pela perda, Styx assentiu e desprendeu seu broche. Entregou junto com suas moedas para o joalheiro, que fez seu aprendiz embrulhar o presente.

— Ela ficará emocionada, Alteza, — Claudius disse.

Mestre Praxis pareceu entusiasmado com a compra que Styx fez.

— Obrigado.

Styxx pegou os pentes de cabelo e saiu.

Mestre Praxis o seguiu.

— Gostaria de caminhar para casa comigo, Alteza?

— Sim, por favor. Obrigado, Mestre Praxis.

E enquanto caminharam, seu tutor revisou a lição de filosofia que suspendeu por um dia para que Styxx pudesse realizar outras tarefas.

No momento em que chegaram ao palácio, seu pai estava esperando-o na entrada com um olhar furioso em seu rosto que deu um nó no estômago de Styxx.

— Onde está seu criado?

— Eu o dispensei mais cedo.

— E olhe para você. Em público... uma vergonha para mim.

Seu pai pegou o pequeno manto de lã que Styxx estava segurando no lugar com sua mão.

— Onde está o broche que dei a você?

Styxx trocou um olhar com o Mestre Praxis e suplicou com os olhos que não dissesse ao seu pai o que ele fez. Se soubesse que Styxx permutou com um comerciante como um peixeiro sem dinheiro só iria aumentar a raiva de seu pai.

— Perdi, pai.

— Perdeu!

Seu pai maldisse.

— Suba e se arrume.

Styxx subiu para encontrar Ryssa sorridente no corredor. Ele queria jogar o presente nela.

Mas o custo para ele era demasiado caro.

Styxx a ignorou e foi para seu quarto onde o criado o estava esperando para auxiliá-lo e, acidentalmente, espetá-lo e contundi-lo enquanto ajeitava o traje de Styxx.

Sobre o broche perdido, seu criado buscou um broche de infância de estanho da madeira de Styxx. O criado acabou de ajeitar o pequeno manto de lã quando seu pai juntou-se a eles.

— Deixe-nos.

Styxx prendeu a respiração com medo do tom agudo do seu pai.

— Uma vez que provou ser tão irresponsável, estou devolvendo seu presente de aniversário para o comerciante. Não há necessidade em dar-lhe qualquer coisa até que aprenda a valorizar mais o preço das coisas.

Styx abriu a boca para protestar, em seguida se calou. Seu pai não escutaria.

— Sim, pai.

— Mestre Praxis está em sua sala. Sugiro que não o deixe esperando.

Tomando cuidado para não correr, porque só os camponeses faziam isso, Styx foi para a sala no final do corredor onde seu tutor estava sentado com um olhar furioso.

— Por que você não disse a seu pai o que aconteceu com seu broche, príncipe?

Porque um broche perdido custaria a Styx um presente de aniversário. Uma permuta significaria uma severa surra.

— Só camponeses permutam. Ele teria ficado furioso se soubesse que fui fazer compras sem moedas suficientes.

— Isso não é suficiente, Alteza. O custo era extravagante e estou perplexo por que você não levou qualquer outra coisa.

Styx soltou um suspiro cansado de frustração enquanto explicava seu dilema para seu tutor.

— Se meu pai fosse comprá-los — ele iria, dada a propensão de Ryssa de ser extremamente persistente — e fosse informado que passei por eles por algo menos caro, embora Ryssa claramente os quera muito — e Claudius diria a ele que me disse — eu teria muito mais problemas. Enquanto meu pai espera e aceita que Ryssa terá que perguntar sobre comprar de joias, não é aceitável para eu fazer isso. Um príncipe deve sempre ser visto como rico e respeitável. Isso, — ele apontou para seu broche barato, — era dos males o menor.

Com o cenho franzido, Mestre Praxis suspirou.

— Nossa lição de hoje era sobre Scylla e Charybdis, mas penso que devemos seguir em frente. Já está bem versado em ficar preso entre uma rocha e um lugar duro, Alteza, e ter que navegar com sucesso as águas traiçoeiras que os dividem.

21 de junho de 9537 a.C.

Styxx estava sentado no escritório com seu pai e o Mestre Praxis, revisando seu progresso semanal, quando Ryssa irrompeu no cômodo. A princípio, temeu que ela estivesse brava. Mas, quando ela chegou mais perto, ele viu o sorriso brilhante em seu rosto.

— Pai! Olha o que um mensageiro trouxe!

Ela estava emocionada quando abriu as mãos para mostrar os pentes que Styxx comprou.

— Acheron os enviou! Sempre o melhor irmão, não é?

Mestre Praxis ficou boquiaberto enquanto encontrava o olhar de Styxx.

Subversivamente, Styxx tocou os lábios com o dedo para implorar a seu tutor que não contasse.

— São lindos, Ryssa.

Zombando dele, ela os colocou no cabelo e se virou para seu pai.

— Vou usá-los hoje à noite no banquete! E em cada banquete de agora em diante. Como ele sabia que os queria? Não são magníficos, pai? Não posso esperar que Matisera os vejam!

Ela saiu apressada para mostrar à sua mãe.

Seu pai encarou Styxx.

— O que você tem para sua irmã?

— Eu não tive tempo, pai. Sinto muito.

A expressão do seu pai prometia a retribuição das Fúrias.

— Então sugiro que você ache algo. Rápido! E nós conversaremos sobre isso mais tarde.

Eufemismo para uma surra vindoura.

— Sim, pai.

— Vá. Saia da minha frente.

Styxx juntou seus pergaminhos enquanto Mestre Praxis o acompanhou para fora da sala.

— Estou extremamente perplexo, Alteza.

Styxx apontou o queixo para onde Ryssa estava mostrando os pentes para uma de suas criadas.

— Se eu os tivesse dado, ela não estaria tão excitada, asseguro. Ela os teria colocado em uma caixa e nunca os usado novamente. Eles significam muito mais para ela vindo do meu irmão.

— Mas você pagou caro por eles, e não só em moeda.

O olhar do seu tutor baixou para o lado de Styxx onde seu manto de lã caiu e expôs sua pele contundida.

Styxx o puxou de volta para o lugar antes que alguém visse.

— Os presentes são para o deleite do destinatário, não para o doador, Mestre Praxis. E se eu tiver que pagar um preço tão caro, prefiro vê-la apreciar seus pentes do que não.

— Você é um bom rapaz, Alteza. E espero que o presente dela para você seja tão nobre.

Styxx reprimiu uma risada irônica. Ryssa já deu o presente dele... uma aula escaldante de por que ele não foi merecedor esse ano.

Mas era bom para ele. Diferentemente de sua irmã, não colocava nenhum valor nos objetos que, mais cedo ou mais tarde, seriam levados ou destruídos como punição.

30 de agosto de 9536 a.C.

Um ano depois.

— Levante-se, seu amante de porcos desprezível!

Styxx viu tudo vermelho com o insulto que o acusava de molestar porcos. Levantando-se do chão onde foi violentamente jogado, olhou para Galen, seu instrutor de combate. Ergueu impassível seu escudo redondo e sua espada de madeira, e se preparou para sua próxima rodada de “pise no Príncipe até a inconsciência”.

— Amante de porcos? Desculpe Mestre Galen, mas sua esposa é velha demais para mim.

Isso conseguiu a reação desejada. Galen ficou louco com ele e o atacou.

Rápido e furioso, arremessando golpe letal sobre golpe letal, Galen inutilizou a xiphos¹⁰ de Styxx quando o homem mais velho quebrou centímetros do cabo de madeira grossa e curvou a parte de metal do hoplon¹¹ de Styxx ao redor do braço dele com golpes que derrubariam uma árvore grossa. Algo que dizia tudo sobre a força lendária de Galen. Era tudo o que Styxx podia fazer para não morrer. Finalmente se rendeu e soltou sua xiphos, que não o estava ajudando a manter sua posição até a pouco, então usou ambos os braços para ajustar o escudo para impedir de ser assassinado pelo antigo soldado que era trinta centímetros mais alto e tinha seis vezes seu peso. Aliás, um dos braços musculosos de Galen era do mesmo diâmetro da cintura de Styxx.

Seu hoplon estava sendo mais uma arma do que uma fonte de proteção. Seu braço esquerdo debilitado que ainda estava se curando de quando Galen o quebrou durante o treino vários meses atrás doía e ameaçava ceder debaixo do ataque feroz.

Gritando de raiva, Galen o chutou com tanta força que o levantou de seus pés e o jogou no chão, deitado de costas. Styxx atingiu a terra com tanta força que o ar deixou seus pulmões com tal força que sentiu como se ambos os pulmões colapsaram.

Atordado pela dor, Styxx olhou fixamente para seu instrutor pela abertura de seu capacete de bronze. Galen arrancou dolorosamente o hoplon de seu braço e lançou de lado então começou a chutá-lo impiedosamente nas costelas com toda sua força bruta.

Seus braços estavam tão entorpecidos e danificados pelos golpes anteriores, que Styxx não podia nem sequer começar a se proteger dos pontapés.

¹⁰ Espada.

¹¹ Escudo.

— É essa a sua resposta, rapaz, quando você é atacado? Soltar sua xiphos e então se esconder atrás de seu hoplon como um rato encurralado? O que você acha que um inimigo faria com você em um campo de batalha?

Se eu tiver sorte, me matar.

— Diga-me, onde está sua língua afiada agora?

Não era sua boca que estava danificada. Ao contrário, tinha que extrair ar suficiente de seus pulmões para falar.

— Basta!

Galen deu um último chute na virilha de Styxx antes de atender o grito do rei.

Segurando-se, Styxx viu estrelas enquanto a bÍlis subia em sua garganta. Droga, isso dói. O velho chutou como um estouro de rinocerontes.

Seu instrutor curvou-se para seu pai, enquanto Styxx se contorcia na miséria absoluta.

— Majestade. A que devo a honra?

— Queria ver o progresso do meu filho, como não... Deixe-nos agora.

Com um olhar furioso para Styxx que prometia vingança por fazê-lo parecer incompetente perante o rei, Galen inclinou a cabeça, então fez uma retirada precipitada.

Ainda tossindo e ofegante, Styxx rolou e se forçou a ficar em pé. Soltou a virilha e se endireitou embora tudo o que quisesse fazer era se deitar até que pudesse respirar novamente.

Repulsa e desprezo do seu pai o golpeou muito mais duro do que o último pontapé de Galen. Styxx cuspiu no chão o sangue de seus dentes frouxos.

— O que foi que eu vi? — Seu pai rosnou.

O meu traseiro sendo chutado por seu general aposentado. O homem era cego? Havia uma razão para Galen uma vez ter comandado o exército inteiro didymosiano. Mais forte que Atlas, o velho urubu nunca foi derrotado por ninguém.

E definitivamente não por um rapaz magro.

Seu pai golpeou tão forte sua couraça, que forçou Styxx a dar um passo para trás.

— Soltou sua xiphos?

— Estava tentando me proteger, — Styxx explicou.

Seu pai empurrou o capacete da cabeça de Styxx e o lançou no chão com desgosto. O golpeou no tórax de novo.

— Não é digno dessa excelente armadura. A desonra.

Seus olhos azuis brilhavam com fúria um momento antes de ele estapear a cabeça de Styxx com força por trás.

— Covarde!

Enfrentando-o sem medo, Styxx lambeu o sangue em seus lábios, então enxugou com as costas da mão.

— Sou apenas um garoto, pai. Não um soldado crescido.

Apenas dez-e-dois... Galen usava sandálias que eram mais velhas.

Seu pai o agarrou pelo cabelo e o empurrou para frente.

— Você me envergonhou com seu medo afeminado, — ele gritou no ouvido de Styxx. — Pensei que estivesse criando um rei e não uma rainha. Eu devia fazer você lutar usando um das túnicas e pingentes da sua irmã.

Empurrou-o para longe, na direção dos vestiários.

— Mude suas roupas, vá até a sua mãe e a acalme, então vai ser chicoteado pela sua covardia e insolência. Entendido?

Styxx deu-lhe a saudação mais sarcástica que conseguiu.

— Entendido... meu rei.

Um pé no saco.

A expressão repugnante no rosto do seu pai prometia severa retaliação mais tarde. Que assim seja... não conseguiu satisfazer as altas expectativas do rei.

Maldita surpresa.

Aborrecido consigo mesmo e com seu pai, Styxx recuperou seu capacete e hoplon. Quando foi levantar sua espada, seu pai o chutou para o chão.

— Você não ganhou o direito de tocar em uma xiphos didymosiana, nem sequer um treinamento, e não terei sua mão fraca e afeminada a profanando. — O rei a recuperou e saiu. Entregou a espada para Galen em seu caminho para fora da arena.

Suspirando, Styxx se levantou e novamente pegou sua hoplon danificada e capacete, logo mancou para fora para trocar de roupa.

Galen o encontrou somente fora do vestiário.

Sem dizer uma palavra, Styxx entregou impassível ao soldado veterano seu escudo extremamente curvado. Um hoplon que permaneceria sem pintura até Styxx provar ser merecedor de um símbolo de batalha.

No ritmo que ia, nunca seria.

Doente com o pensamento do que estava esperando por ele, Styxx colocou seu capacete com a armadura no manequim de palha, então se moveu para se despir. Enxugou outra rodada de sangue de sua boca com as costas de sua mão, antes de lambar o ferimento que seu pai lhe deu.

Galen parou a poucos metros de distância.

— O que o rei lhe disse?

— Que devo ser chicoteado pela minha covardia.

Para sua surpresa, Galen estremeceu.

— Eu não devia ter perdido a paciência com você, Alteza.

Styxx bufou.

— Meus inimigos não se deterão. Por que você devia?

Balançando cabeça, o olhar de Galen caiu para braço de Styxx enquanto ele removia suas braçadeiras de bronze.

— Doce Hera!

Styxx olhou para baixo até ver que o seu braço esquerdo estava terrivelmente inchado. Estava maior do que o antebraço musculoso de Galen. Os cordões do bracelete deixaram impressões tão profundas, que já formaram contusões ao redor dele.

— Quebrou novamente?

Styxx fechou e abriu seu punho, em seguida, girou o pulso e inclinou o cotovelo. Doía, mas tinha mobilidade total.

— Não. Está tudo bem. Apenas inchou pela briga.

— Deve doer e ainda age como se não fizesse. Como pode suportar isso?

— O que posso dizer, Mestre Galen? A agonia de meus testículos esmagados distrai minha atenção.

Para sua surpresa, Galen riu pela primeira vez desde Styxx o encontrou.

— Venha, jovem príncipe. Deixe-me ajudá-lo a sair de sua armadura.

Styxx franziu a testa enquanto seu temor aumentava. Não estava acostumado às pessoas sendo boas com ele. Estava realmente assustado.

— Por que está sendo gentil comigo?

— Culpa, Alteza. É uma coisa poderosa.

— Por que devia sentir culpa?

— Eu o julguei mal, e não faço isso com frequência.

Styxx ficou ainda mais confuso do que antes.

Galen colocou a mão no ombro de Styxx de forma respeitosa e solidaria. Somente Acheron o tocou desse modo.

— Se você fosse o pirralho que pensei que fosse, meu senhor, estaria se queixando sobre o quão injusto é ser castigado depois do meu ataque injustificado. Mas me ocorreu que nos últimos dois anos que o tenho treinado, você nunca reclamou nem chorou uma única vez sobre o que lhe fiz durante os treinos. Nem mesmo quando quebrei seu braço.

— Isso foi minha culpa. Você me disse para não segurar o meu escudo dessa forma e esqueci.

Styxx olhou para o braço, que estava quatro vezes o seu tamanho habitual.

— É uma lição que não vou esquecer nunca mais.

Os olhos cinzentos de Galen se suavizaram.

— Como eu disse, Alteza, se você fosse o pirralho real, não pensaria isso. Ainda estaria me culpando por isso e pedindo meus testículos em sua bandeja dourada.

Galen desamarrou a couraça de Styxx e a ergueu sobre a cabeça, em seguida, colocou-o no manequim para ele.

Sem saber o que dizer sobre isso, Styxx desatou sua saia decorativa de tiras de couro e a deu para Galen.

Seu mestre fez uma careta para o inchaço que estava ainda mais grave, e os hematomas estavam ainda mais proeminentes do que antes.

— Devemos enfaixar seu braço.

Balançando a cabeça, Styxx se moveu para desatar as caneleiras.

— Irritaria o meu pai.

— Como assim?

Galen puxou a túnica de linho branco e a manta de lã roxa de Styxx de onde estavam guardadas, em seguida, as colocou no banco ao lado de seu pé.

— Ele já me considera fraco. Se enfaixar, ele pensará que estou fazendo isso para adiar ou diminuir a severidade da minha punição. Confie em mim, não será bom para mim.

Styxx colocou suas caneleiras e calçados na prateleira, em seguida, tirou a prática túnica vermelha. Dobrou-a e a colocou ao lado deles.

Virando-se, flagrou o cenho franzido no rosto de Galen enquanto olhava fixamente para o lado nu de Styxx.

Ele olhou até ver as contusões vermelhas e roxas ao longo de suas costelas e sobre o seu tórax que já estavam se formando onde o homem mais velho o chutou depois que caiu. Sem contar as outras contusões já desbotadas de coisas preferia esquecer.

Galen ergueu seu olhar para Styxx.

— Eu já te disse sobre a primeira vez que lutei na batalha, Alteza?

Styxx rapidamente se lavou fora da grande bacia de água.

— Não, senhor.

Galen respirou fundo enquanto Styxx se secava, em seguida, puxou sua túnica e prendeu um cinto em torno dele.

— Estava tão assustado que sujei minha armadura. Molhei as pedras de forma que quando o meu comandante foi atacar o inimigo, escorregou e caiu sobre elas.

Espantado, Styxx olhou para ele. Queria rir, mas não se atreveu.

— Ele ficou com tanta raiva que depois da batalha, me deu vinte chicotadas por isso.

Styxx não tinha certeza de como reagir a isso. Estava tanto divertido quanto horrorizado. E a última coisa que queria fazer era ofender o homem que rotineiramente partia a cara dele.

Galen deu Styxx seu manto real.

— O que estou tentando dizer a você, Alteza, é que todos os homens, não importa o quão bem treinado ou corajoso, tem momentos de profundo medo. Nenhum homem jamais deveria ser julgado pela primeira e única vez que usa a sua espada para se proteger quando está diante de um oponente muito maior e mais feroz. Ao contrário, deve ser visto por todas as vezes que não fez.

Ele inclinou a cabeça respeitosamente para Styxx.

— Embora tenha me aposentado e jurado que nunca guerreararia novamente, ficaria honrado em andar ao seu lado para a batalha, jovem príncipe, e lutar sob a sua bandeira. Mesmo se tivéssemos que lutar contra esse dia.

Seu olhar cinzento se intensificou.

— Já não vejo o menino que você é, mas sim o homem que um dia será... E esse homem será realmente feroz.

Essa foi a coisa mais amável que alguém já disse para ele.

— Obrigado, Mestre Galen.

Golpeando o ombro com o punho, Galen o saudou.

— Coragem, bom príncipe. Um dia o rei verá em você o que vejo.

Apreciou as palavras, mas sabia melhor. Seu pai nunca iria vê-lo como algo além de um erro horrível.

— Novamente, obrigado.

Galen ofereceu-lhe um sorriso reservado.

— Descanse bem essa noite, Alteza. Amanhã não terei misericórdia de você.

— Estou ansioso por isso, — ele disse sarcasticamente.

O riso de Galen o seguiu para fora do edifício.

Suspirando com medo súbito das suas funções vindouras, Styxx se dirigiu para a colina e para o palácio com seus guardas atrás de si. Desde que eram um elemento tão permanente de sua vida, a maior parte do tempo não os notava.

Não até que os pensamentos deles anulavam os seus, de qualquer maneira. Deuses, como odiava as vozes que não lhe davam sossego.

Sem parar, entrou no palácio e foi até seu quarto para recuperar o presente de aniversário de sua mãe do peitoril da janela. Fez uma pausa quando acidentalmente descobriu o cavalo de madeira de Acheron. A dor o golpeou como força, enquanto as lágrimas não derramadas o sufocavam.

Como sentia falta do seu irmão. Não existia uma hora no dia em que ele não se perguntava o que estava acontecendo com Acheron. Se estava bem e feliz.

Tentando o seu melhor para não pensar sobre algo que não podia mudar, embrulhou o cavalo de volta em seu pano e recuperou a pulseira de ouro que comprou para sua mãe. Levou três meses para economizar o dinheiro para isso.

Porque seu pai queria que apreciasse o que custava para seus cidadãos ganhar a vida, Styxx não recebia um estipêndio como outros nobres. Em vez disso, era obrigado a doar trabalho para os sacerdotes do templo e escribas. E, se realmente deixasse o seu pai bravo, o chefe do estábulo o odiava apaixonadamente. Seu pai pagava um salário por seu trabalho, desde que aqueles para quem trabalhou falassem muito bem do seu trabalho. Isso era bom para ele, exceto quando mentiam para seu pai por ciúme mesquinho. Uma vez que não sabiam como seu pai era com ele em privado, achavam engraçado depreciar seus esforços com comentários improvisados como, é um príncipe mimado afinal, Majestade. O que se pode realmente esperar de alguém como ele? Eles não tinham ideia de que seu pai recebia qualquer relatório de sua “preguiça” como uma crítica pessoal e embaraçosa. Nem sabiam que Styxx, ao contrário de Ryssa, que recebia tudo que desejava, não recebia nenhuma outra moeda de seu pai. Assim, para cada dez horas trabalhadas, tinha a sorte de ser pago por duas.

Sim, seu pai o vestia e o alimentava como convinha a sua posição, mas todos os fundos de caridade que era esperado de um príncipe, como também todos os presentes para sua família e empregados, saíam do que Styxx ganhava. Os presentes tinham que estar em pé de igualdade com o que um rei daria ou o seu pai também veria aquele fracasso como um insulto pessoal.

Somos conhecidos pelos presentes que damos.

Styxx suspirou quando pensou nos presentes que seu pai “outorgou” a ele como a “honra” de frequentar chatas reuniões do senado e sessões do tribunal.

Então, acho que você é um filho da puta mesquinho, pai.

Mas Styxx nunca foi autorizado a ser assim “amável”. Irritado, tocou a pulseira que tinha o rosto de Artemisa, deusa padroeira da pátria de sua mãe, gravado no centro. Era delicada e primorosamente gravada. Nunca viu nada mais bonito.

Talvez dessa vez ela sorrisse para ele.

Só não jogue em meu rosto como fez no ano passado e terei chicotadas acrescentadas as que já estão vindo para mim.

E depois dessa encantadora reunião com sua anfitriã materna, tinha aquela surra pela qual ansiar.

Khalash!

Puxando seu manto para esconder seu braço inchado, dirigiu-se para os aposentos dela para acabar com isso.

Bateu na porta e esperou a criada responder. Por sua rotina normal, a empregada não falava com ele, a cadela que cuidava de sua mãe desde que era uma menina o responsabilizava pela ruína dela e o menosprezou apaixonadamente por isso.

Com um lábio curvado, Dristas abriu mais a porta e permitiu-lhe entrar enquanto seus guardas permaneceram fora.

Sua mãe estava andando em frente a janela que dava para o pátio traseiro. Ela estava mais agitada do que o habitual.

Homens! Odeio todos eles. São porcos desprezíveis, incrédulos que devem ser sacrificados e destripados. Todos deles! Que todos apodrecem no Tártaro pela eternidade!

Styxx parou quando os pensamentos enfurecidos dela tocaram em sua cabeça. Esse definitivamente era um mau momento.

Quando começou a se virar e ir embora, sua mãe o viu.

— O que está fazendo aqui? Não é minha Ryssa.

Isso era uma afirmação definitiva. Seus grandes poderes de observação nunca deixaram de atordoá-lo.

Ergueu a pequena caixa de madeira de forma que ela pudesse vê-la.

— Trouxe seu presente de aniversário, Matisera. Mas vejo que é um mau momento.

Deu um sorriso de escárnio para ele.

— Outra bugiganga barata... homenagem sem sentido de um ingrato inútil.

Não é verdade. O preço foi bastante caro. Devia ter gasto o dinheiro no cavalo que eu queria. Pelo menos teria conseguido um pouco de alegria fora disso.

E um pouco de afeto para começar.

— Deixarei aqui na mesa para você.

Deixou, seu coração dolorido pelo ódio que sua mãe sentia por ele.

— Feliz aniversário.

Desejando poder fazê-la sorrir, apenas uma vez, virou e foi embora.

No momento em que fez, ela gritou de indignação.

Antes que Styxx pudesse ver o que estava errado com ela, sentiu uma mordida afiada em seu ombro direito. Todas as criadas começaram a gritar. Suas vozes, tanto em sua cabeça quanto fora, eram tão estridentes que não podia entender nenhuma delas. Quando se virou, sentiu outra dor cruel no braço, seguida por outra e outra. Incapaz de compreender a origem da sensação, olhou para sua pequena mãe e viu a faca ensanguentada na mão dela quando ela a puxou fora de seu corpo.

Ela se moveu para apunhalá-lo novamente.

Styxx pegou o pulso dela e o segurou com seu braço ferido. A ponta da faca pairou diretamente sobre o seu coração que era o que ela teria apunhalado se ele não tivesse parado o golpe.

— Matisera?

— Eu não sou sua mãe, bastardo!

Ela arrancou a mão de seu aperto enfraquecido. Em seguida, segurando a faca em ambas às mãos, caiu contra ele, usando o peso do seu corpo inteiro para enterrar a faca profundamente no peito dele.

Styxx caiu no chão enquanto seus guardas finalmente correram até o quarto para agarrá-la. Atordoado e em estado de choque, olhou para o teto com horror do que tinha acontecido.

Sua mãe o apunhalou.

Repetidamente.

A faca ainda estava enterrada em sua carne... até o cabo. Mordendo o lábio, estendeu a mão até ela e a puxou. Sangue quente encharcou as suas roupas, enquanto esperava finalmente morrer. Um agudo zumbido em seus ouvidos suprimiu o som de todas as vozes em sua cabeça, enchendo-o com uma inesperada sensação de paz.

— Styxx?

Ouviu a voz do seu tio de longe. Mas não tinha nenhuma vontade de voltar para dentro do inferno que ele vivia. Ao invés disso, fechou os olhos e esperou por Hermes para levá-lo até Charon para que o antigo deus pudesse transportá-lo ao seu lugar de descanso final.

21 de junho de 9535 a.C.

Styxx esfregou a testa quando o tédio ameaçou matá-lo, enquanto seu pai conferia com os músicos, sobre o que iria ser tocado durante o banquete de maioridade de sua irmã mais tarde esta noite.

Apesar do que Ryssa pensava, ela era sem dúvida a favorita de seu pai. Embora seu aniversário fosse há dois dias, todas as preparações para ele foram adiadas em favor das dela. Seu pai até mesmo o levou de lado há três meses para dizer-lhe isto.

Você entende garoto. Ela alcança a maioridade e isto não é tão importante para você este ano.

Na verdade, ele não queria qualquer tipo de celebração, cada vez mais. Os aniversários nunca lhe pressagiavam nada de bom, de qualquer maneira. Nem para ele ou para qualquer outro.

Na melhor das hipóteses, tudo o que eles lhe lembravam de era que, compartilhava seu aniversário com um irmão que era proibido de ver. E não era como se tivesse quaisquer amigos para convidar. Apenas os usuários que tentavam agradar seu pai ou a ele.

Ainda que tivesse a ilusão de que alguém pudesse gostar dele como pessoa, sua habilidade de ouvir o pensamento das outras pessoas, rapidamente reprimia aquela idiotice.

Príncipes não tinham amigos.

Embora, ultimamente, ele teve bastante garotas, e até mulheres maduras de todas as classes sociais fazendo inúmeros avanços em direção a ele. Mas elas não se importavam com ele também. Ao contrário, queriam manter o direito de se gabar de ser a primeira amante dele. Ou melhor, se tornarem a mãe de um de seus filhos bastardos, de forma que teria que sustentá-las para o resto da vida delas. Ele mal podia se mover sem que uma delas o encurralasse e tirasse as roupas, ou tentasse acariciá-lo, e enquanto a maioria dos homens dariam boas-vindas a isto, o fato de que ouvia o pensamento delas faziam com que evitasse suas armadilhas insensíveis. Era uma morte súbita da luxúria, quando se sabia, sem sombra de dúvidas, que a mulher não podia suportá-lo, e que estaria falando de você assim que tivesse terminado, e não de um modo favorável.

Ele preferia morrer virgem a ser ridicularizado por sua inépcia.

— Pai!

Styxx se encolheu com o grito de raiva de Ryssa, quando ela correu para dentro da sala, segurando um de seus elaborados himations¹² em seus braços. *Seja o que for que a afligisse, por*

¹² Vestimenta composta de um pedaço de pano, jogado sobre o ombro esquerdo e colocado em volta do corpo, usado na Grécia antiga.

favor, não deixe ser dirigido a mim. Ryssa o culpava por tudo, inclusive pelo ataque brutal de sua mãe sobre ele no ano passado.

Ela não o teria apunhalado se não tivesse merecido isto! Minha mãe é uma mulher gentil que não prejudicaria uma alma. Conheço você, Styxx. Você deve ter dito algo terrível a ela para provocar isto! Ela nunca o teria atacado caso contrário. Admita isto, você ameaçou ou insultou-a, não foi?

Zeus o ajudasse, mas se chovesse hoje à noite durante o banquete dela, de alguma maneira isto também seria culpa dele.

Seu pai afastou-se dos músicos para saudá-la.

— Olhe! — Ela empurrou a peça de vestuário nele. — Eles esmagaram o bordado de meu himation! O que vou fazer?

Vá nua querida irmã. Oh espere... melhor ainda, vista um de seus dois milhões de outros vestidos. Nada como se ela não tivesse uma dúzia de baús abarrotados com eles.

Seu pai pegou o rosto dela em suas mãos. O olhar terno no rosto dele foi o suficiente para fazer o lábio de Styxx curvar. Se ele ousasse reclamar sobre algo tão trivial, seria publicamente envergonhado na melhor das hipóteses, espancado na pior das hipóteses.

— Não se irrite. Eles podem consertar isto, gatinha.

— Não, pai. Está arruinado. — Lágrimas enormes caíam de seu rosto. Não admirava que seu pai as menosprezasse. — Apenas não participarei. Não posso. Todos rirão de mim. — Ela estreitou os olhos azuis gélidos em Styxx, que endureceu quando seu estômago se apertou.

Aí vem isto...

— Você distraiu minha empregada, não é?

Ele teve que lutar para manter o veneno longe de sua voz. — Não.

— Você está mentindo! Vi o modo que você a olhava. Era revoltante.

— Não olho para sua empregada, Ryssa. Não sei nem mesmo qual era a responsável por seu vestido.

— Então não sabe se a distraiu ou não, não é? Você sabe!

Styxx lançou a cabeça para trás exasperado, mas não queria que seu pai pulasse em cima dele por desconsiderar a dor dela. Além disso, a birra histérica de Ryssa era suficiente para qualquer um lidar.

— Provavelmente destruiu minhas sandálias, também. Você adoraria que todos eles rissem de mim esta noite, admita isto. — Ela bateu o pé para ele.

— Não quero que ninguém ria de você, cabeça de bode. Apenas não me importo. — Styxx virou-se para ir embora.

Mas Ryssa não iria deixá-lo ir. Ela agarrou seu braço e puxou-o para encará-la. — Por que não pode apenas aprender a ficar feliz por outra pessoa? Hã?

Honestamente, eu ficaria feliz se pudesse aprender a ficar feliz por mim. — Diferentemente de você, Ryssa, não desperdiço meu tempo me preocupando com outras pessoas.

— Exatamente meu ponto. Você é tão egoísta e frio, isto é nojento.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Ele disse, mas ela já estava saindo. Ele começou a lançar as mãos em um gesto obsceno, então pegou o olhar zangado e os pensamentos perturbadores do seu pai, sobre o fato de que Styxx não estava dando a sua irmã o devido respeito.

Ao invés disso, Styxx levantou as mãos em sinal de rendição impotente, enquanto Ryssa encurralava seu pai com suas reclamações contra seu irmão que nada poderia fazer para agradá-la.

Exceto morrer.

— Você vê papai! Vê como ele trata as pessoas com esse flagrante desrespeito por seus sentimentos? Como alguém tão frio e insensível pode ser rei? Zeus nos ajude com ele em seu trono.

Eu sei. Não estou apto para respirar o precioso ar de vocês, e deveria cair morto onde estou.

Ele ficou surpreso que ela não veio atrás dele com uma faca como a mãe dele o fez. *Deuses me salvem de cadelas histéricas.*

Styxx começou a se virar, mas exatamente quando se moveu, uma inacreditável dor feroz atravessou sua língua. Era tão ruim que não conseguia respirar por isto, e isto o mandou diretamente de joelhos, enquanto sua cabeça girava.

O que em nome de Hades?

Ele sentiu como se estivesse sufocando em sangue, e em vez de aliviar, isto piorou. Incapaz de suportar gritou em agonia absoluta.

Oh deuses, Acheron... o que eles estão fazendo com você agora?

Era a única explicação racional. Ao longo dos anos, aprendeu a esconder as dores fantasma que vinham quando não estava esperando por elas. A maioria ele entendia. Eram os açoitamentos ou espancamentos. Puxões de cabelo. Queimaduras. A fome embora ele tivesse acabado de

comer... Mas outras, como esta, não entendia o que as causava. Tudo que sabia era o quanto machucava.

— Styxx?

Ele ouviu a voz de seu pai, ainda que não pudesse responder. Sua língua estava muito inchada. Embora muitas vezes não mostrasse os traços físicos dos ferimentos de Acheron, ele às vezes tinha peculiares marcas ou lugares inchados em seu corpo. Mas nunca nada como isto aconteceu antes.

Arqueando as costas, ele tentou focar-se em qualquer outra coisa. Ainda que fosse impossível. As lágrimas escorriam por seu rosto, enquanto sua visão nadava.

— Ele está fingindo. — Ryssa rosnou, chutando as pernas dele. — Ele está com ciúmes por eu estar recebendo toda a atenção, e não pode suportar isto.

O conselheiro sênior de seu pai ajoelhou-se no chão ao lado dele, de forma que pudesse inspecionar a boca machucada e a língua inchada de Styxx. — Majestade, é o bakkheia. — Um tipo de loucura causada por Dionísio que parece infectar aqueles que ofenderam o deus do vinho. — Acho que ele está possuído.

Não! Styxx tentou a melhor forma de dizer a palavra.

Nada saiu.

Seu pai ajoelhou-se do outro lado dele. — O que nós faremos?

— Devemos levá-lo para Dionysion e deixar os sacerdotes cuidarem dele.

Styxx balançou a cabeça, tentando detê-los. Enquanto trabalhava nos templos, ouviu muitas histórias sobre o que acontecia àqueles considerados loucos. Ou a qualquer um que acreditavam ter ofendido a um Deus.

Mas ninguém escutou. Eles não podiam entendê-lo. Nem ao menos tentaram.

Antes que pudessem detê-los, seu pai chamou os guardas e o carregaram para o templo de Dionísio no meio da cidade.

Impotente contra sua dor inexplicável, Styxx escutou quando seu pai explicou ao sumo sacerdote, como ele tinha sido acometido sem nenhuma razão. Como tinha histórico de enxaquecas, vômitos, e doenças “imaginárias”. Que ele raramente dormia. E que sua mãe enlouqueceu logo depois de seu nascimento, e sucumbiu a seus cálices, em um acesso de raiva no ano passado, apunhalou Styxx e então tentou se matar na frente dele.

— Foi bom que você o trouxe aqui, Majestade. Você tem razão. Ele está possuído e podemos definitivamente fazê-lo melhorar para você.

Styxx balançou a cabeça quando o terror agarrou-se apertado em seu peito. — P p p ai?

— Shh garoto. Os sacerdotes o ajudarão.

Styxx tentou agarrar a palla¹³ de seu pai, desesperado para ir para casa, mas seu pai tirou suas mãos das roupas dele, enquanto os sacerdotes aproximavam-se e colocavam correntes nele.

As últimas palavras que ele ouviu de seu pai antes de eles o arrastarem para longe, o enojaram ainda mais.

— Eu concedo a você e seus sacerdotes imunidade completa. Faça qualquer coisa que precisem para curá-lo.

¹³ Pedaco de pano retangular oblongo, usado por damas romanas, e preso com broches.

21 de junho de 9535 a.C.

Styx sufocou quando os sacerdotes forçaram uma mordaça em sua boca. Eles já o tinham despidido e o penduraram no centro do templo para que pudessem começar a “tratá-lo”.

Um dos sacerdotes desenhava símbolos com sangue de cordeiro sobre seu corpo, enquanto outro trazia um par de tesouras e um punhal cerimonial. Eles acenderam incenso e velas, enquanto entoavam pelo perdão de Deus por qualquer pecado que Styx cometeu contra ele. Então para seu completo horror, começaram a cortar pedaços de seu cabelo e queimar os cachos em uma tigela de ouro.

Gritando em torno da mordaça, tentou detê-los, mas com seus braços estendidos e acorrentados, não havia nada que ele pudesse fazer.

— Não lute conosco, Alteza. Nós não somos aqueles que o possuem, e lhe causam este problema e agonia. Nós estamos apenas tentando ajudá-lo.

O sacerdote mais velho acenou com a cabeça, enquanto dolorosamente serrava um punhado de cabelo de Styx. — Temos que deixá-lo menos atraente para os demônios que habitam seu corpo. Eles não têm serventia para um anfitrião feio, e fugirão de você uma vez que não mais os atraia.

Querido Deus... o que você está planejando fazer comigo?

Pedaço por pedaço, eles removeram todo o cabelo de sua cabeça, então rasparam seu couro cabeludo antes de pintar mais símbolos lá. O cheiro de cabelo queimado lhe fazia mal.

Olhe para o lado positivo... Você não terá que se preocupar com seu pai puxando seus cabelos agora.

Ou mais nenhuma mulher avançando nele.

— Nós devemos sangrá-lo primeiro?

Styx tentou encolher-se para longe do sacerdote que fez aquela pergunta.

— Não. Seu caso é muito extremo. Acenda as hastes. Teremos que chamuscar os demônios nele.

Chamuscar? O que por Hades era isto?

Dois sacerdotes massivamente enormes soltaram suas mãos. Styx lutou contra eles, fazendo tudo que podia para se libertar. Mas eles o seguraram rápido e o arrastaram para uma sala menor, onde foi colocado em uma fria mesa de pedra. Suas mãos foram esticadas e acorrentadas de forma que não podia movê-las. Em seguida, prenderam algemas ao redor de seus

tornozelos, e então abriram suas pernas tão amplas que sentiu como se fossem quebrar seus quadris.

O sacerdote mais velho avançou e colocou uma mão na cabeça de Styxx. — Shh, Alteza. Pare de lutar conosco. Aceite o que está sendo feito. Isto é para seu próprio bem, afinal.

Os olhos de Styxx arregalaram quando os viu arrastarem um caldeirão em brasa, que continha uma dúzia de atizadores nele. Por favor, deuses, não! Ele nem sequer sabia onde pretendiam colocar aquilo.

Um sacerdote mais jovem avançou com um longo pedaço de pano branco.

— Amarre-o apertado. — O sacerdote mais velho disse. — Não queremos castrá-lo por acidente.

Castrar? Castrar!

— Enquanto o rei nos deu imunidade para tratá-lo, ele é nosso príncipe, não podemos deixar quaisquer marcas que aparecerão quando ele estiver vestido.

— Se não deixarmos nenhuma marca visível, como isso afastará os demônios de possuí-lo novamente?

— Eles vêm todas as marcas. Até mesmo as escondidas debaixo da roupa, os demônios não vão querer um anfitrião com cicatrizes.

Apesar do fato de que isto fazia sua cabeça latejar, Styxx gritou para que eles parassem com esta loucura. Mas a mordança e sua língua inchada impediram suas palavras de ser inteligíveis, o que fez apenas os sacerdotes acreditarem ainda mais que os demônios do mal tinham controle sobre ele.

Por favor! Não estou possuído. Era a dor de Acheron que ele sentia. E isto já machucava o suficiente. Ele não precisava mais esta adicionada aquela.

Eles não lhe prestaram nenhuma atenção, enquanto o sacerdote jovem usava seu pano para amarrar o pau de Styxx rente a seu corpo.

— Aqui, o velho sacerdote disse, movendo o mais jovem de lado. — Precisamos de acesso às partes mais sensíveis do corpo dele, onde vai doer mais. Os demônios odeiam a dor.

Bem, aí está então... Ele teria o suficiente para que nenhum demônio deva incomodá-lo jamais.

O sacerdote foi até o caldeirão e puxou uma luva de couro espessa sobre a mão esquerda. Ele mexeu os carvões com a ponta de um atizador, antes de trazer isto para cima. Sussurrando uma oração, o sacerdote colocou a mão contra o escroto de Styxx, movendo-o de lado, antes de colocar a haste abaixo da parte superior interna da coxa de Styxx.

Styx gritou tão forte pela dor que causou uma hemorragia nas cordas vocais. As lágrimas escorriam por seu rosto quando a queimadura escaldante tirou todas as outras dores de sua atenção. Era a coisa mais excruciante que já sentiu. O cheiro de sua carne queimada o fez nausear, quando o sacerdote puxou o atizador fora de sua perna.

— É Isto. Traga-me outra haste.

Styx tentou lutar, mas isto era inútil. Tudo o que podia fazer era ficar aqui e receber o que quer que eles fizessem. E com cada atizador colocado nele, ele odiou seu pai. Mas acima de tudo, odiou os deuses que fizeram isto com ele.

E no fundo de seu coração, odiou Acheron. Se não fosse por seu irmão, nada disto estaria acontecendo. Foram os olhos prateados de Acheron que traíram suas origens. Acheron que não conseguia esconder-se entre as pessoas.

Foi a dor de Acheron que o fez cair hoje.

Batendo sua cabeça contra a pedra, Styx desejou morrer. Por que sua mãe não o matou no ano passado? Por quê?

Mas não importa o quão firme ele rezou, os deuses se recusaram a ter misericórdia dele. Príncipe ou não, seu único propósito nesta vida era sofrer e sangrar.

E estava de saco cheio disso.

Por favor, deuses... por favor, alguém me ajude!

22 de junho de 9535 a.C.

— Apollo? — Dionísio invadiu o templo aberto dourado de seu irmão no Olimpo parando a sua frente. — Sei quanto você ama coisas de grande beleza, assim devo mostrar-lhe isto. — Ele riscou para fora da sala.

Suspirando com profunda irritação, Apollo colocou de lado a lira que estava dedilhando, quando seu meio irmão Dionísio decidiu incomodá-lo. — Onde você está Dion? Não tenho intenção de jogar este jogo.

Com o cabelo curto marrom escuro, Dionísio voltou a ficar na frente dele. — Não use este tom comigo, irmão. Confie em mim. Você vai querer ver o que tenho em meu templo em Didymos.

Desta vez, Apollo o seguiu, e estancou quando viu o bonito rapaz que alguém cuidadosamente acorrentou à parede. Até com seu cabelo tosquiado, o garoto tinha características que pareciam ter sido esculpidas pelos próprios deuses. Ele nunca tinha visto tal beleza no reino mortal.

— Ele é parte deus?

Dionísio balançou a cabeça. — Puramente humano. Mas olhe para aqueles olhos incríveis. Você não poderia olhar para eles para sempre?

Verdadeiramente. Eles eram um fascinante azul perfeito. O mesmo intenso azul do Egeu que Apollo sempre favoreceu.

As condições do rapaz, porém, eram deploráveis. — Por que ele está amarrado e sangrando?

Dionísio tomou um grande gole de seu vinho então ignorou o kyx sobre Apollo. — Os idiotas pensam que eu o possuí.

— E você o fez?

— Não, mas estava pensando que você poderia querer. — Dionísio deu-lhe um sorriso lascivo.

Sorridente, Apollo engoliu sua bebida antes de retornar a taça e aproximar-se do macho humano. Era bem verdade que ele ficava atraído por qualquer humano bonito, macho ou fêmea. Cada um deles tinham suas vantagens e diversão.

E até mesmo marcado pelos sacerdotes, este aqui ainda estava bem além da beleza de qualquer um que Apollo tinha visto em muito tempo.

Dionísio moveu-se para ficar próximo dele. — Sei que ele ainda é um pouco jovem, mas...

— Ele tem a idade de Ganymede. — Como este aqui, Ganymede nasceu um humano mortal. Um príncipe de Troia. Sua beleza impecável atraiu Zeus, que o trouxe para o Olympus para servir como seu copeiro... entre outras coisas. No entanto Ganymede não era nem de longe tão bonito quanto este garoto. Até sangrando e precisando de um banho, ele fez Apollo ficar com água na boca para saborear aquela pele dourada. E aqueles lábios... Cheios e perfeitos, feitos para beijar.

Dionísio moveu-se para o lado oposto do garoto. — Ele é o príncipe e herdeiro de Didymos. Pensei que se nada mais, poderíamos marcá-lo para usar mais tarde.

Apollo bufou. — Marcá-lo? Irmão querido, eu quero pregá-lo.

Dionísio deslizou seu olhar abaixo pelo corpo do príncipe. — Ele tem a bunda mais bonita que jamais vi, e os sacerdotes foram gentis o suficiente para manter suas partes importantes sem danos. — Ele drenou seu kylix. — E você ficará feliz em saber que ele está pendurado como um deus... Devo deixá-los a sós?

— A menos que deseje assistir.

Dionísio arqueou uma sobrancelha curioso. — Você compartilhará?

* * *

Styxx fez uma careta quando o ar ao seu redor remexeu. Em um segundo estava sozinho. No próximo, havia dois homens na sala com ele. Alto e de cabelos escuros, eles estavam limpos, barbeados e vestidos como nobres e não como sacerdotes.

— Você sabe quem nós somos, príncipe? — Aquele à sua direita perguntou.

Incapaz de falar com sua garganta áspera e dolorida, Styxx balançou a cabeça.

— Deveria. Você tem nos convocado há algum tempo agora.

Deuses? Styxx tentou dizer a palavra, mas nada saiu.

Aquele a sua direita debruçou-se para sussurrar intimamente. — Você tem um nome?

Levou várias batidas de coração para reunir um som. — Styxx. — Isto saiu como um rouco coaxar.

— Então, Styxx. — O outro disse, inclinando-se sobre seu lado esquerdo. Ele correu a mão pelo peito de Styxx abaixo, levantando arrepios por todo seu corpo. — Você gritou para todos os deuses do Olimpo para salvá-lo... Gostaria que nós o libertássemos?

Desesperado para estar longe da tortura, ele acenou com a cabeça.

O outro deus começou a afagar seu mamilo não marcado. Lambendo os lábios, ele sorriu para Styxx. — Para cada favor que lhe é concedido jovem príncipe, você terá que nos dar algo.

Mas você não parece ter alguma coisa para oferecer... além de si mesmo. — O deus cobriu os lábios de Styxx com os dele e o beijou apaixonadamente.

Gritando, Styxx virou a cabeça e fez o que pôde para libertar-se.

O outro deus fez um som de desapontamento para ele. — Você realmente prefere ser torturado que nos ter libertando-o? — Foi à vez dele de beijá-lo.

Styxx engasgou.

Ofendido o deus afastou-se olhando para ele. — Agora isto foi rude. — Ele empurrou o linho dos quadris de Styxx, deixando-o completamente nu.

O terror o consumiu com o que eles pretendiam. — Por favor, não. — Ele suspirou.

Aquele que o expôs deslizou seu olhar para o outro. — Estupro é coisa sua não minha. Embora, no momento, possa ver atração. Ainda assim... — Ele retornou sua atenção para Styxx. — Sua última chance, querido. Quem você prefere ter tocando este seu corpo delicioso? Eu ou os sacerdotes?

Styxx olhou para ele e respondeu sem vacilar. — Os sacerdotes.

— Muito bem. Você escolheu. — Ele deu o pano para o outro deus. — Troo to perídromo. — Coma até se empanturrar...

Então ele desapareceu.

Apollo mordeu o lábio novamente, enquanto percorria seu olhar abaixo pelo comprimento do corpo nu do príncipe. Ele deixou-se prolongar no osso do quadril... aquele que era um de seus favoritos para morder. — Você realmente prefere ser torturado há passar um dia em minha cama?

O príncipe assentiu com a cabeça vigorosamente.

Ofendido, Apollo suspirou. — Eu devo adverti-lo. Coisas ruins acontecem para aqueles que se negam a mim. — Ele apertou seu corpo contra todo o comprimento do príncipe, então enterrou seus lábios contra o pescoço dele.

Styxx lutou como um leão.

Que pena. — Tudo bem então, humano. Se não posso brincar com você de um jeito, eu o terei de outro.

Os olhos de Styxx arregalaram quando viu os dentes caninos do deus se alongar em um conjunto de presas afiadas. O deus abaixou a cabeça de forma que pudesse morder a jugular de Styxx. A dor rasgou através dele como fogo. Ele teria gritado, mas nenhum som saiu quando o deus bebeu seu sangue. A sala girou como onda após onda com a tontura o consumindo.

O tempo parou quando Styxx sentiu sua força de vontade escoar.

Depois de alguns minutos, ele estava tão fraco pela perda de sangue que mal podia segurar a cabeça. A mordida o deixou ofegante e com uma dor excruciante. Sorrindo para ele, o deus segurou seu rosto e angulou sua cabeça até que seus olhos se encontrassem. O deus lambeu o sangue de Styxx dos lábios, então se inclinou para lamber o que restou no pescoço de Styxx.

Ele beliscou o queixo de Styxx. — Eu o possuo agora, pequeno humano. Você está ligado a mim para sempre. — Ele roçou a mão no peito de Styxx. — Poderia fazer com que implorasse que eu o tomasse. Mas acho que como castigo por sua rejeição, deixarei os sacerdotes fazerem isto por mim. Devo deixá-lo aos ternos cuidados deles, e quando cansar disto, chame por mim para salvá-lo e considerarei isto. — Ele o beijou novamente, apenas que desta vez foi rude e extremamente doloroso. — Apenas lembre-se qual é o pagamento por sua liberdade. Você virá de boa vontade para minha cama por uma semana. E de bom grado tomará meu pau onde quer que eu deseje colocá-lo.

Sugando o fôlego bruscamente entre suas presas, ele deu um último olhar para o corpo de Styxx. — Estarei esperando, pequeno príncipe. Mas não me faça esperar muito tempo. Caso contrário, lamentará isto. Prometo a você. — Então ele se foi.

Ainda mais horrorizado do que tinha estado antes, Styxx, pendurado por seus braços, odiou a todos, e tudo em sua vida. Então, os deuses do Olimpo haviam respondido-lhe com algo muito pior do que aquilo que estava enfrentando.

Não posso acreditar nisto.

De qualquer modo, ele iria ter uma vara enterrada em sua bunda...

Se fosse esperto, aceitaria a oferta do deus e sairia deste lugar. Certamente ser amante de um deus seria melhor do que a tortura pelo que estava passando.

Então, dado o desrespeito de seu pai por suas amantes...

Styxx definitivamente não queria ser um desses. Enquanto os sacerdotes marcavam seu corpo, temiam a raiva de seu pai de que pudessem deformá-lo demais.

O deus não temeria nada. E embora os olímpios não fossem deixar cicatrizes físicas, deixariam no coração de Styxx e em sua alma. Algo que sabia que nunca curaria.

Que assim seja.

Como tudo na minha vida, posso sofrer isto em silêncio. Ele não tinha escolha.

26 de agosto de 9535 a.C.

Mentalmente entorpecido e frio, Styxx olhou fixamente para a parede diante dele, enquanto estava deitado de lado, dolorido por toda parte. Até piscar seus olhos doía. Ele não tinha ideia de quanto tempo sofreu o “tratamento” deles para a loucura. As sessões de tortura há muito tempo obscureceram, enquanto os sacerdotes buscavam expulsar os demônios dele.

No fim, isto não fez nada exceto marcar seu corpo e deixá-lo com dor de cabeça, até mais grave do que estava antes. Acima de tudo, o fez odiar cada membro de sua família. E todo os deuses que viviam no Olimpo.

A porta atrás dele abriu.

Lágrimas encheram seus olhos, enquanto esperava que eles o arrastassem de volta para a sala, que aprendeu a desprezar com cada parte de seu ser. — Venha, Alteza. Você tem uma visita.

Visita? Seu pai finalmente teria vindo buscá-lo?

Styxx tentou ficar em pé, mas suas pernas estavam muito fracas para sustentar seu peso. O sacerdote avançou e cobriu seu corpo nu com um manto áspero, e então o puxou pelo braço. Styxx soltou um gemido quando seu lado cheio de bolhas encostou-se à estola áspera do sacerdote. Ignorando-o, o sacerdote ajudou-o a caminhar pelo corredor abaixo até a última sala à esquerda. O sacerdote abriu a porta então o empurrou por ela.

Suas pernas fraquejaram quando a porta fechou atrás dele.

— Styxx?

Ele ergueu a cabeça para encontrar seu tio se aproximando.

— Zeus querido, o que eles fizeram com você?

Styxx não conseguiu responder. Sua garganta estava muito áspera dos gritos arrancado dele durante seu tratamento.

Estes o embalou em seus braços como uma criança. — Você pode falar?

Styxx balançou a cabeça, estremecendo quando mais dor passou por ele.

— Aqui. — Estes puxou um pequeno odre de vinho de seu cinto, e o segurou para ele dar um gole.

Queimou, mas o gosto era maravilhoso. Ele não teve nada exceto leite estragado, água contaminada, e outras coisas asquerosas que eram concebidas para expulsar os demônios de seu corpo. Engolindo com dificuldade, ele lambeu os lábios secos, rachados. — P-p-por favor, tio. — Ele sussurrou. — Leve-me para casa.

Estes rangeu os dentes, enquanto seus olhos chamejavam de raiva. — Não posso pequeno esquilo. Xerxes disse que você tem que ficar aqui, até que esteja curado. Ele ficaria furioso se eu o levasse para casa sem o consentimento dele.

Uma lágrima deslizou pela bochecha de Styxx com aquelas palavras, queimando as feridas que foram deixadas dos golpes que ele já não sentia mais, quando ele os recebia. Tanto que Estes se gabava de sua bravura em batalha. No fim, ele que viveu em um país estrangeiro, estava com medo de seu pai como todos os outros.

Covarde do caralho.

— Falarei com seu pai em seu nome. Ele tem vindo aqui vê-lo?

Styxx balançou a cabeça.

— Conseguirei tirá-lo daqui, eu prometo. Deuses, não posso acreditar que Xerxes tolerou isto. — Estes o deitou de costas no chão. — Voltarei assim que puder.

Não me deixe. Por favor, tio. Não posso aguentar mais. Não posso.

Sou apenas um garoto...

Mas seu tio se foi antes que ele pudesse dizer uma palavra.

Sua respiração ofegou e a dor o percorreu, Styxx percebeu que pela primeira vez em meses, não estava acorrentado. Se pudesse chegar até a porta que Estes usou, seria capaz de escapar. Aproveitando essa oportunidade, forçou-se a ignorar a agonia de suas queimaduras sangrando e os ferimentos, para rastejar pelo chão de paralelepípedos áspero. Levou vários minutos, mas finalmente alcançou a porta.

A alegria espalhou por ele quando se pôs de joelhos e tocou o trinco.

Quase lá...

Styxx estava tão perto da liberdade agora que podia até saborear isto em sua língua ressecada.

Ele tinha acabado de abrir o trinco quando a porta atrás dele abriu. Apavorado, empurrou-se contra a madeira e forçou-o a ficar em pé. Quando tentou correr, alguém bateu nele, jogando-o no chão.

Não!

Rudemente, um sacerdote rolou por cima dele e bateu o corpo machucado de Styxx contra as pedras. — Onde você pensa que vai, Alteza?

De volta para Tártaro.

Styx virou a cabeça para que visse os raios de sol por uma janela aberta, no corredor do templo. Ele não via o sol desde que seu pai o jogou ali. Sem uma palavra, ele estendeu a mão para ele, querendo senti-lo apenas mais uma vez. Mas o sacerdote agarrou-o e o arrastou de volta para sua cela escura onde o deixou sozinho.

Fechando os olhos, Styx fez seu melhor para lembrar como era sentir o sol sobre sua pele, quando ouviu a porta trancá-lo em seu sofrimento. Ele não estava louco quando o puseram ali, mas com o passar dos dias, sentiu sua sanidade deslizando. Fez o possível para segurar isto, mas qual era o propósito?

— Por quê? Por que não pode me matar ou tirar minha sanidade? — Styx caladamente pediu ao deus que vinha frequentemente atormentá-lo.

— Tudo que tem que fazer é dizer a palavra mágica, pequeno príncipe. Você sabe meu preço.

Os olhos de Styx se encheram de lágrimas. — Não serei seu prostituto. Minha liberdade não vale isto.

— Não? — O deus zombou. — Bem então se divirta com seus sacerdotes.

30 de agosto de 9535 a.C.

— Nós tivemos progresso. Mas os demônios do mal são atraídos por sua grande beleza e riqueza. Eles estão lutando duro contra nós.

Styxx abriu seus olhos quando ouviu o sacerdote entrando em sua câmara de tortura. Por um minuto inteiro, ele não pôde respirar quando viu seu tio e seu pai com o idoso.

Seu lábios estremeeceram quando esperança passou por ele. Estava finalmente terminado? Seguramente seu pai não podia deixá-lo assim... Não se o amasse.

Estes se apressou para o lado dele e colocou uma mão suave em sua cabeça careca. — Styxx? Pode me ouvir?

Ele deu um aceno fraco com a cabeça.

Um tique começou em sua mandíbula quando Estes olhou de volta para seu pai. — Vê o que eu lhe disse? Eles o arruinaram.

Styxx encontrou o olhar de seu pai, mas a falta de sentimento lá o acertou mais forte do que os golpes dos sacerdotes. Como seu pai não conseguia ficar indignado ou horrorizado?

Qualquer coisa...

Mas o rei ficou lá, estoicamente. Insensível a sua dor. — É para seu próprio bem, irmão.

Para seu próprio bem...

Styxx ria se aquelas palavras não doessem tão profundamente.

— Como você pode dizer isto? Olhe para ele. Eles o têm cicatrizado insondavelmente. Ele nunca será o mesmo.

— As cicatrizes são necessárias, Alteza e Majestade. Eles afastam os demônios de desejar seu corpo jovem.

Mas elas não afastaram os deuses de desejá-lo. A ironia disso o adoeceu mais ainda.

Estes amaldiçoou. — Isto é loucura, Xerxes. O garoto precisa ir para casa.

Não o quero em casa novamente até que esteja normal. Queime isso tudo fora dele.

Styxx estremeceu quando ouviu o frio pensamento brutal de seu pai.

— Você ainda sofre de enxaquecas? — Seu pai perguntou-lhe.

Ele sabia que não deveria dizer nada diferente do que seu pai queria ouvir. — Não, Majestade.

— Você está mentindo.

Styxx desesperado ofegou em pânico. — Por favor, pai. Farei qualquer coisa que você pedir. Por favor, não me deixe aqui.

— Isto é o demônio nele falando. Ouça como sua voz mudou Majestade? O quão rouco e profundo?

Demônio? O idoso era tão louco quanto ele o acusava de estar? Ele estava rouco de meses gritando.

Seu pai foi impiedoso. *Agora você entende o que significa ser rei. Não poder permitir que suas emoções nublem suas ações ou julgamento. Você faz o que tem que fazer.* Os pensamentos de seu pai fizeram-lhe mal. — Você precisa ficar até os sacerdotes limparem seus demônios.

Styxx soluçou em voz alta pelo horror pelo qual seu pai estava relegando-o. Ele não podia ajudar a si mesmo. A agonia era demasiada brutal para suportar mais.

O rei virou em direção aos sacerdotes com o lábio enrolado. — E para o bem de todos os deuses, você pode impedi-lo de gritar como uma mulher? Estou cansado disso e ele é velho demais para lamentar-se assim. — *Como pude gerar algo tão fraco e patético?*

Styxx olhou para ele, odiando tudo sobre seu pai. *Deixe-me acorrentá-lo em uma pedra e queimá-lo até a medula de seus ossos, você escroto. Veja então se chorará ou não...*

Furioso com Styxx por chorar, seu pai saiu furioso com os sacerdotes, arrastando-os atrás dele.

Estes tocou seu rosto contundido. — Sinto tanto, Styxx. Continuarei tentando convencê-lo a libertá-lo. Farei o possível por você, eu prometo.

E então Estes também se foi.

O olhar de Styxx caiu na antiga cicatriz em seu antebraço, onde seu pai o cortou anos atrás. O rei ainda não acreditava que ele era seu filho. Como ele podia deixá-lo aqui sofrendo se achasse isto?

Estou sozinho neste mundo.

Com exceção de Acheron. Aquele bastardo sortudo que estava com Estes, que tinha algum amor por eles. Certamente seu tio estava cuidando melhor de seu irmão do que isto.

Mas as dores fantasma que sentia às vezes em lugares horríveis de seu corpo, o fez pensar. Alguma coisa machucava Acheron...

E isto também era altamente desagradável.

A porta abriu novamente. — Hora de ser sangrado novamente, Alteza.

Styx fechou os olhos de forma que não visse as sanguessugas, com as quais eles estavam prestes a cobri-lo. Seu estômago saltou com repulsa, quando toda a razão o abandonou.

Nunca irei para casa. A menos que concorde em ser prostituto do deus, este seria seu destino. Ele poderia também aprender a aceitar isto. A esperança nada mais era do que uma cadela inconstante que zombava dele diariamente.

Rangendo os dentes, tentou bloquear a dor e os sacerdotes. Para sonhar com um lugar onde alguém pudesse aprender a amá-lo.

Mas sabia que tal lugar não existia. Foi amaldiçoado ao nascer e não existia nenhum conforto para aqueles que os deuses condenavam. Nenhuma paz.

Nenhum paraíso.

Amargo e cheio de ódio, ele riu alto. — Vá em frente e me sangre, seu suagroi. Tome todo meu sangue. — Se ele estivesse sangrando então talvez o deus que vinha vê-lo o deixasse em paz.

— Não olhe para ele. É o demônio nos insultando. Estamos finalmente fazendo progresso.

Não, eles não estavam. Estavam transformando-o em algo que não queria ser.

Seu pai.

Frio. Calejado. Insensível.

Anos atrás, ele implorou à sua irmã para ensiná-lo como amar. Ela rejeitou seus apelos com sua frieza. Afrodite cuspiu nele naquele dia e virou as costas para uma criança que apenas queria pertencer a alguém.

Foi Odia e Lyssa que o levaram para seus seios e o amamentaram. Ele bebeu o calor do veneno delas. E deixou isto levar a dor embora. Sua família falhou em ensiná-lo a amar, mas do mundo e de seus braços calejados, ele finalmente aprendeu como odiar completamente.

02 de janeiro de 9534 a.C.

—Tenho que admirar sua força, pequeno príncipe. Apesar de achar espantoso, tenho que respeitar isto. Especialmente dado tudo que você sofreu. — O deus roçou sua mão contra o pescoço de Styxx.

Styxx depressa se afastou então fez uma careta de dor.

— A este respeito, — o deus continuou, — penso que eu deveria estar insultado e altamente ofendido, que prefira ser tão abusado a estar comigo... mas você é jovem, assim o perdorei... Por enquanto.

Deitando no chão de sua cela, Styxx não se preocupou em olhar para o deus, que retornou para torturá-lo novamente. Estava acostumado com suas visitas. O Olímpio frequentemente vinha para açoitá-lo o espírito e a vontade de Styxx, enquanto os sacerdotes açoitavam seu corpo.

— Sou verdadeiramente tão repugnante para você? — Bem ciente de que Styxx não responderia, ele empurrou Styxx de costas então passou as mãos sobre as queimaduras e crostas na pele de Styxx. — Eu poderia curar tudo isto.

— Não serei seu prostituto. Não serei prostituto de ninguém.

O deus sorriu. — Fala como um verdadeiro príncipe. Mas aqui está a coisa. Mais cedo ou mais tarde, todos se prostituem por alguma coisa. E estou cansado de observá-lo ser machucado.

Então pare com isto, seu bastardo!

— Não é tão fácil. Você quer sair...

Styxx balançou a cabeça, recusando-se a pagar o preço exigido pelo deus.

O deus rosnou para ele, então agarrou sua mandíbula em um aperto feroz. — Certo. Tudo bem. Sei que um dia, existirá algo pelo qual você estará disposto a se prostituir, e então virá até mim de joelhos. E irá me receber. Enquanto isso, antes deles fazerem mais danos a sua beleza, vou alterar minhas condições. Se quiser ir para casa... tire suas roupas e deite-se aqui com seus braços abertos e os joelhos separados. Deixarei minhas roupas, mas você me embalará como um amante, enquanto me alimento de você.

Styxx se encolheu ao pensar nisto. Mas dadas as outras coisas que ele colocou nestes últimos meses, isso não pareceu tão ruim. Além disso, o deus se alimentaria dele de qualquer maneira. Sabia disso como um fato. O Olímpio atou os dois juntos e não havia nada que Styxx pudesse fazer para deter isto.

— Tenho sua palavra de que não me estuprará? — Styxx aspirou através de sua garganta rouca.

— Juro sobre o Rio Styx que desta vez, não o estuprarei. Mas, apenas enquanto me abraçar e me deixar alimentar-me, até que esteja satisfeito.

Posso ir para casa então?

— Terei que enviá-lo para casa no dia seguinte.

Styx balançou a cabeça em consentimento.

O deus retirou-se dele e observou enquanto ele lentamente tirava sua grossa estola. Nu, Styxx deitou-se de costas no chão e fez como o deus pediu. Virando a cabeça de forma que o deus tivesse acesso a seu pescoço, ele fechou os olhos e esperou.

Apollo levou um momento para saborear esta pequena vitória, que sabia que custou ao príncipe muito de seu orgulho. Honestamente, esperava que Styxx recusasse. — Lembre-se das condições de nosso acordo, humano. Até que eu esteja satisfeito. Se falhar em me embalar como um amante, posso tê-lo de qualquer jeito que eu quiser.

Styx acenou com a cabeça novamente.

O deus aproximou-se dele lentamente. Styxx fechou os olhos com força, esperando pela mordida familiar. Só que desta vez, o deus não usou sua jugular. Ao contrário, ele afundou suas presas na artéria femoral de sua coxa.

Styx mal se conteve antes de empurrar o deus para longe. Qualquer violação de seu acordo...

Seria muito mais humilhante que isto.

Sua mandíbula tremeu e Styxx forçou-se a afundar a mão no cabelo escuro do deus, e embalar o corpo dele como se apreciasse o toque do deus. A bÍlis subiu em sua garganta. Mordendo o lábio, ele tentou focar-se em qualquer outra coisa para afastar-se para longe deste momento de horror absoluto.

Lágrimas pinicavam em seus olhos. A única coisa boa era que sempre que o Olímpio estava por perto, as vozes em sua cabeça paravam. Ele não ouvia nada. Mas agora, até mesmo esta distração seria bem vinda.

Quando o deus finalmente terminou, ele rastejou por cima de seu corpo, e então apertou-se contra Styxx. Styxx teve que forçar-se a não enrolar os lábios ou lutar quando sentiu a ereção do deus em sua coxa, empolada através do pano da estola do deus. Ele pegou o queixo de Styxx na mão e forçou-lhe a encontrar seu olhar. — Um dia, príncipe, eu o terei completamente.

— Você pelo menos me dirá seu nome agora, de forma que saiba a quem evitar?

O Olímpio riu. — Quando estiver bem fundo dentro de você príncipe, lhe direi meu nome de forma que saiba quem honra você.

03 de janeiro de 9534 a.C.

— Bem-vindo ao lar, garoto.

Sobre os degraus do palácio, Styxx inclinou a cabeça para seu rei, enquanto puxava seu clâmide¹⁴ mais apertado ao redor do corpo. Não porque estivesse com frio, mas porque não queria ser tocado por ninguém, nunca mais. — Obrigado por sua benevolência magnânima, Majestade.

Ele tinha sorte de seu pai ser estúpido o suficiente para pegar seu sarcasmo.

Engolindo o ódio amargo, ele sentiu pena de todos eles, Styxx varreu seu olhar pelos empregados reunidos para recebê-lo. Não que eles tivessem sentido falta dele ou se importassem. Pelo contrário, seu senhor ordenou-lhes para estarem aqui. Mas o pior eram suas vozes em sua cabeça.

Ele é tão louco quanto sua mãe.

Por que eles o libertaram quando é óbvio que não está melhor?

O que é um desperdício de vida?

Como pode este ser nosso rei?

Styxx fez o possível para bloquear seus pensamentos, mas era impossível. E quanto mais os ouvia, mais o ódio dentro dele elevava-se. Como eles ousavam olhá-lo por baixo de seus narizes. Ele não era um desperdício patético. Ele não pôde evitar nascer do modo que era e, certamente não pediu isto.

Custou-lhe tudo que tinha não amaldiçoa-los. Mas a última coisa que queria era que seu pai o levasse de volta para Dionysion para mais tratamento.

Se pôde aprender a ignorar a depravação e horrores que testemunhou e sofreu nestes últimos meses, então ele certamente poderia ignorá-los.

— Vejo que você retornou. — O tom frio de Ryssa definitivamente não ajudou seu humor. — Você não parece como se tivesse sofrido algo. Parece bem e saudável, com exceção desta estúpida cabeça careca.

Ignorando seus infantis pensamentos cruéis, Styxx encontrou seu frio olhar. Ela era bonita, ele lhe daria este crédito. Mas tinha pena por qualquer homem que fosse ficar preso com uma cadela tão insensível em sua cama.

— Venha Ryssa. — Seu pai disse sorrindo nela. — Abrace seu irmão.

¹⁴ Manto usado pelos antigos gregos, preso ao pescoço por um broche.

A repulsa nos olhos dela revirou seu estômago. Prefiro abraçar uma serpente. E seu cabelo crescerá de novo. Não fará com que pareça viril. Você é repugnante sem ele. E o que é esta voz? Tentando soar mais amadurecido? Por favor...

Styx forçou-se a não tocar sua cabeça, quando os pensamentos interiores dela cortaram-lhe até os ossos. Ele não podia evitar o dano causado a sua voz. Diferente de seu cabelo, isso seria uma lembrança permanente dos meses que passou gritando em agonia, e implorando por uma clemência que nunca chegou.

— Está tudo bem Majestade. — Ele disse a seu pai. — Prefiro ir para meu quarto... se me permite?

Ele franziu o cenho. — É claro.

Styx abaixou a cabeça e não olhou para cima novamente até que estivesse trancado em um lugar, onde ninguém pudesse prejudicá-lo.

Mesmo assim, não se sentia seguro aqui. Nunca se sentiria seguro novamente. Como ele poderia? A qualquer momento, seu deus “patrão” sem nome poderia achá-lo e alimentar-se, ou apalpá-lo.

Todos os sacerdotes haviam lhe ensinado o que era um novíssimo inferno. No passado, ele detestava estar sozinho. Agora desprezava estar com as pessoas, também. E enquanto a dor e as vozes continuassem a atormentá-lo, ele agora tinha ataques de pânico frequentes quando estivesse com sua guarda baixa.

Seu deus não identificado poderia estar espreitando em qualquer sombra...

Pior, aprendeu que ele era tão dispensável quanto Acheron. Se desagradasse a seu pai de qualquer forma, seria devolvido e deixado lá. Então não teria nenhuma escolha exceto recorrer ao Olímpio que queria possuí-lo.

Styx removeu sua clâmide e então silvou quando sua mão começou a arder sem nenhuma razão. Isto parecia como um dos ferros quentes com que eles o torturaram. Sacudindo a mão, ele tentou fazer isto parar, mas isto não iria.

Maldição, Acheron!

O que em nome de Hades ele estava fazendo? Por que seu irmão não podia se comportar e não ser machucado?

Styx soprou o ar fresco através de sua palma enquanto lágrimas o cegavam. *Por favor, não faça isto comigo novamente. Não quero voltar para aquele maldito templo.*

Da próxima vez, seu pai poderia nunca mais permitir que retornasse para casa.

Um medo frio agarrou seu coração. — Serei perfeito. Eu juro. — Tudo o que seu pai quisesse que fosse, seria sem argumento. Sim, ele o odiava, mas odiava aquele templo acima de tudo.

Styx congelou quando viu por um momento a si mesmo no espelho de sua penteadeira. Ryssa estava certa. Ele estava horroroso.

Ele correu a mão por seu couro cabeludo, onde apenas um pouquinho de cabelo estava crescente novamente. Virando-se, ergueu a bainha de sua túnica curta. Embora a maior parte estivesse curada, as bolhas e cicatrizes eram até mais apavorantes que sua cabeça. Enquanto curava-se mais rápido do que os humanos, isto não queria dizer que não fosse ficar com cicatriz. De fato, todo seu lado esquerdo, de sua axila até sua coxa era uma linha sólida de cicatrizes malignas. Elas ficavam bem junto com àquelas em seu ombro e tórax, onde sua mãe o apunhalou.

— Que diferença faz?

Cicatrizado ou não, mulheres ainda clamariam pela cama dele. Os homens ainda alimentariam seu ego.

E cada um o menosprezaria tanto quanto sua irmã e mãe fizeram, e seus insultos tocariam em seus ouvidos. Com toda honestidade, ele tinha que dar crédito à sua família. Pelo menos eles não se aborreciam em esconder seus verdadeiros sentimentos. Abertamente o insultavam a cada oportunidade que tinham. Podia quase respeitá-los por isto.

Doente e bravo pelo seu destino, ele agarrou o vinho sobre sua mesa e levou-o para sua cama, onde tinha intenção de embriagar-se o suficiente para impelir até o último pedaço disto de sua mente. — Finalmente a entendo, Mãe.

16 de agosto de 9534 a.C.

Saudações tio. — Styxx fez uma reverência formal para Estes, quando o encontrou na escadaria do palácio.

Estes curvou uma sobrancelha com sua distante formalidade. — Nenhum abraço para seu tio, pequeno esquilo? — *O que aconteceu com você, garoto?*

Recusando-se a reagir aos pensamentos de seu tio, Styxx olhou para seu pai antes dele prontamente concordar, então deu um passo para trás fora do alcance de Estes. Ele ainda não gostava de ser tocado por ninguém.

— Ele está se tornando um homem bastante digno, não é? — Seu pai perguntou, batendo no ombro de Styxx.

Ele fez tudo o que podia para não encolher-se ou fazer uma careta. Somente seu pai seria estúpido o suficiente para confundir desconfiança com dignidade.

— Tio! — Ryssa correu adiante para abraçá-lo e beijá-lo.

Grato pela distração dela, Styxx deu mais três passos para longe deles e cruzou as mãos atrás das costas.

Estes olhou por sobre o ombro de Ryssa, enquanto ela tagarelava sobre alguma tolice. Styxx evitou seu olhar. Era duro superar o fato de que a última vez em que seu tio o viu, ele estava deitado quebrado e nu em uma mesa, e soluçando como uma mulherzinha.

Um evento que seu pai nunca hesitava em atirar em seu rosto. *Eu deveria deixar minha coroa para Ryssa. Pelo menos quando ela chorar é compreensível.*

Mas, mais do que isso, era a raiva de Styxx por Estes não ajudá-lo quando mais precisou. Apesar de todas as suas promessas, seu tio foi para casa para Acheron, enquanto Styxx passava mais outros quatro meses sobre aquela mesa, sendo sangrado e torturado. Somente agora ele estava de volta sua plena força e completo novamente.

Gostaria que todos vocês estivessem mortos.

Styxx limpou a garganta machucada, que ainda soava como se tivesse com um frio intenso, até mesmo quando não estava. Ele tinha perdido uma completa oitava de alcance, cortesia dos sacerdotes. — Pai? Posso ser dispensado? Vou encontrar-me com Mestre Galen para praticar.

Ryssa curvou os lábios para ele. — O quão impensável você é? Vai praticar exatamente quando o tio retornou?

Seu pai ergueu a mão para silenciá-la. — Seu irmão está com certo sobre suas prioridades, Ryssa. E estou contente por vê-lo mostrar um pouco de ambição pela primeira vez. — Ele inclinou a cabeça para Styxx. — Você está dispensado.

Styxx deu-lhes um curto arquear antes de dirigir-se para baixo, em direção ao ginásio com seus guardas a reboque. Embora não apreciasse a prática de batalha como uma regra, seria muito melhor ele ter Galen derrubando-o ao redor um pouco, do que enfrentar a vergonha e o horror que sentia sempre que se lembrava de implorar para seu tio não abandoná-lo com seus algozes.

E então, observar como o bastardo o abandonou.

Duas vezes.

Era o mesmo sentimento cruel que tinha sempre que era obrigado a frequentar qualquer celebração no templo.

Sua aversão pelos deuses neste momento deve ser lendária. E ele desprezava o fato de que publicamente, tinha que adorar os mesmos deuses que o condenaram nesta existência. Pelo anônimo para o qual ele tinha rezado.

Enquanto isso, todos lhe diziam o quão sortudo e privilegiado era por nascer príncipe.

Os estúpidos, bastardos cegos podiam ter tudo isso.

A raiva obscureceu seu olhar quando entrou no pequeno ginásio que foi construído para o uso privado da família real. Era idêntico ao maior ginásio público na cidade, com exceção do tamanho. Enquanto os outros nobres treinavam e eram formados no ginásio público, este aqui era reservado para Styxx. Como tudo mais que acontecia com ele, treinava sozinho, quando a maioria dos garotos de sua idade treinava com os amigos.

Claro, ajudaria se ele realmente tivesse alguns deles...

Galen o encontrou na entrada de seu vestiário. — Você chegou cedo, Alteza.

Styxx hesitou. — Se tiver qualquer outra coisa para fazer...

— Não, está tudo bem. É bem-vindo aqui a qualquer hora, você sabe isto.

Styxx inclinou a cabeça para ele. — Fico vestido ou nu?

A maior parte de seu treinamento de habilidade era feito nu, mas o atual treinamento de batalha exigia que ele vestisse sua armadura, de forma que pudesse se acostumar com o peso excessivo dela. E esperava-se que para construir suficientes músculos para que pudesse usá-la em batalha.

— O que Sua Alteza prefere neste dia?

Sangue.

— Armadura.

— Então vestido meu senhor, e devo encontrá-lo no campo.

Styx passou por ele e foi para onde sua armadura estava armazenada. Assim que abriu o peito na vertical, parou para ver a couraça que ele mesmo tinha comprado um mês atrás, para substituir a que superou a ponto de não poder mais fechá-la. Quando perguntou tolamente a seu pai pelo dinheiro, o rei curvou seu lábio em desdém.

Pela maneira como se encolhe quando luta, você merece nada além de meu desprezo e sua antiga armadura de criança. Quando provar-se merecedor de uma armadura de homem, eu a substituirei. Até então, passe sem.

Mas o bastardo não sabia como ele lutava. Ele não o via treinar em anos. Então Styx tinha tirado cada porção de sua poupança para comprá-la, com Galen sendo amável o suficiente para oferecer-lhe um empréstimo para o capacete combinando e as caneleiras.

Para um grisalho velho cão de guerra, Galen podia ser incrivelmente gentil. Ele era a coisa mais próxima de um amigo e pai que Styx havia conhecido.

Suprimindo um sorriso para sua bela armadura, Styx passou a mão sobre ela. Negra como sua alma, a couraça era moldada na forma de um perfeito peito musculoso de um macho adulto. As dobradiças eram de folhas de ouro e a cabeça dourada de Athena descansava no centro, logo abaixo de seu pescoço. Em ambos os lados do rosto dela estavam dragões de frente um para o outro. Dois pequenos círculos de ouro descansavam acima de seus mamilos. E cinco cabeças de dragões de ouro estavam cravejadas em cada correia de couro de suas pteruges¹⁵.

Era a única coisa bonita que ele possuía.

Talvez um dia, serei digno disto.

Empurrando esse pensamento de lado, ele removeu sua túnica e clâmide, e substituiu-as pela túnica de lã preta e grossa que acolchoava sua armadura.

Ele amarrou sobre suas pteruges antes de erguer a pesada couraça. Entretanto a maioria dos soldados portavam escudeiros para ajudá-los, mas Styx foi treinado sem usar um. O pensamento era de que na guerra, ninguém poderia ser confiável em volta de um rei. Era muito fácil subornar empregados para sabotarem equipamentos ou deslizar uma faca em suas costelas, enquanto ele o vestia. Até mesmo os guarda-costas eram conhecidos por assassinar seus encarregados. E dado o passado de Styx, não havia nenhuma maneira em Hades, que jamais permitisse alguém a proximidade que pudesse prejudicá-lo.

Não depois que sua própria mãe tentou acabar com sua vida.

¹⁵ Tiras decorativas de couro, usada pelos guerreiros e soldados romanos e gregos ao redor da cintura, ou nos ombros ou atrás do capacete.

Tentando não pensar sobre isto, agarrou sua caneleira e atou-a, em então seu vambraces¹⁶. Ele levou um momento saboreando o peso pesado do bronze martelado que recobria seu corpo. Sua armadura era a coisa mais íntima de um abraço de mãe que já conhecera. Existia algo extremamente reconfortante sobre isto.

Um raro sorriso enrolou um canto de seus lábios, quando lembrou-se de tentar experimentar isto pela primeira vez com Galen ao seu lado.

— Como se sente Alteza?

— Incrível. Sinto-me invencível nisto.

Um lento, sorriso irônico espalhou-se através do rosto de Galen. — Não sinta. — Ele disse com sua sagacidade curta habitual.

Se Styxx amasse alguém neste mundo, seria Galen. Enquanto Galen era severo às vezes, seu treinador pelo menos tinha um pouco de consideração por ele.

Styxx tocou a dura plumagem de crina de cavalo preta e branca de seu capacete. A mesma cabeça de Athena que embelezava sua couraça descansava acima, guardando seu nariz, e dragões correspondentes percorriam cada lado do capacete.

Ele colocou-o sobre sua cabeça, e então agarrou sua espada plana e seu escudo sem pintura, que rapidamente lembraram-lhe de que não era realmente um soldado ou um homem.

Apenas um garoto incompetente, brincando de guerra e conseguindo seu rabo sendo chutado por um antigo soldado aposentado.

Em um piscar de olhos, toda a grama de orgulho que temporariamente reuniu, escoou para fora dele. O tempo para conseguir meu cérebro esmagado.

Estranhamente, ele estava esperando ansiosamente por isto.

Sou um masoquista bastardo. Suspirando, ele dirigiu-se para a arena, onde Galen já estava vestido e esperando.

Galen o saudou assim que entrou em campo. Styxx retornou o gesto.

— Pronto Alteza?

— Dê-me o seu melhor.

Galen riu. — Este é o espírito, jovem príncipe. Adoro quando ouço a batalha em sua voz. Isto me aquece. — Ele investiu contra ele.

¹⁶ Armadura usada para proteger o antebraço.

Styxx mal bloqueou seu impulso e cambaleou para trás com sua força. Seu braço inteiro pinicou e ficou entorpecido. Maldição, para um homem velho, Galen tinha uma quantia assombrosa de força.

Mordendo o lábio, ele rolou os ombros, esperando aliviar um pouco sua miséria.

Galen parou um pouco para permitir-lhe tempo para recuperar-se. — Você está ferido, Alteza? — Eufemismo de seu instrutor em perguntar se ele foi espancado por algo. Porque frequentemente treinavam nus, Galen sabia exatamente o quão severo o rei podia ser com seu herdeiro, sempre que Styxx o desagradava.

O que ele fazia muito. Às vezes não fazendo nada além de respirar na mesma sala.

— Não, senhor. Apenas desajeitado. Estou me acostumado ainda ao peso da nova armadura. Ela me desequilibrou.

— Isto faz uma grande diferença, não é? — Galen virou sua espada, pegando-a pela lâmina então ofereceu o cabo para Styxx.

Ele franziu o cenho.

— Você precisa da espada de um homem para lutar com um, e não aquele brinquedo desequilibrado que você segura. — Galen suavemente tocou com o punho da espada a couraça de Styxx. — Vá em frente, Alteza. Já é tempo.

Styxx lançou sua espada de ferro de lado e pegou a de Galen em sua mão. Enquanto testava o peso e fazia algumas oscilações práticas, Galen foi recuperar outra de sua sede.

O idoso estava certo. Havia uma diferença enorme em como esta xiphos parecia em comparação ao ferro que Styxx usava. Até mesmo o aperto do couro desgastado. Ele olhou fixamente para a afiada lâmina serrilhada em forma de folha, que provavelmente tirou dúzias de vidas na mão magistral de Galen. As palavras *Pela Glória de Pallas Athena* estavam gravadas no bronze, e o círculo no punho levava o mesmo emblema da cabeça da deusa que a armadura de Styxx tinha.

— Aconteceu alguma coisa, Alteza?

Styxx ergueu os olhos da espada para Galen, quando ele retornou com uma combinando. — O que há entre você e Athena?

— Todo homem escolhe um deus para invocar na batalha. Ares, Apollo, Deimos, Phobos, Zeus, Nike, Poseidon... Para mim, sempre será o Pallas Athena. — Galen olhou para seu próprio punho onde o rosto dela encarava-o. — Alguém pode lutar com orgulho, poder, vaidade, cobiça ou ódio, mas a guerra deve sempre ser abordada com uma medida igual de sabedoria e força. Não é apenas suficiente saber quando lutar, mas saber quando abaixar a espada e negociar. Nem tudo no mundo vale a pena lutar.

Styx considerou aquilo por um momento. — Há algo que valha a pena lutar, Mestre Galen?

— Claro.

Em sua vida, ele não conseguia pensar em uma única coisa pela qual ele derramasse seu sangue para proteger. — O que?

— Amor e família.

Styx reprimiu um bufar. Ele não conhecia nada de amor, e o que conheceu de família podia passar sem. — Pátria não?

— Pátrias vêm e vão bom príncipe. Elas só valem a pena preservar quando a perda delas causaria danos para as pessoas que você estima.

Assim como Styx disse, não havia nada pelo qual lutar. Mas estava curioso sobre uma coisa...

— Por quem você luta Galen?

— Uma vez, lutei por minha bonita e gentil esposa, que deixou este mundo em uma idade extremamente jovem. — Ele estremeceu como se alguém o tivesse atingido. — Mesmo depois de todos estes anos, sinto sua ausência como uma dor física, e espero que um dia você encontre uma mulher tão fina e decente... Uma cujo rosto encha seu coração com orgulho e amor. — Ele ofereceu a Styx um sorriso áspero. — Agora, eu lutaria por minha filha e netos. E sempre lutarei por você, Alteza.

Aquelas palavras o aqueceram. Já que Galen raramente dizia qualquer coisa terna, ou até gentil, Styx sabia que ele quis dizê-las.

Galen ergueu sua espada. — Agora, vamos continuar com esta lição ou continuar esta conversar como idosos?

Styx levantou seu escudo. — Certamente, vamos começar a surrar meu rabo.

Rindo, Galen balançou a cabeça. Styx recuou e respondeu com golpe baixo de sua espada, seguido por um ataque com seu escudo. Galen bloqueou seu ataque, então avançou com uma saraivada de golpes que eram difíceis de desviar. Esta era a única coisa que Galen ensinou, que Styx deveria usar cada parte de seu corpo como uma arma, e não reter nada de volta. Na guerra, tudo o que importava era sobreviver... de preferência com todas as partes do corpo ligados.

Mas enquanto eles lutavam algo dentro de Styx explodiu. Uma enxurrada de...

Força? Poder?

Ele não estava certo do que era. Mas uma porta interna abriu e com ela veio uma habilidade de saber o movimento exato que Galen faria, bem antes de ele fazê-lo. Styxx às vezes foi capaz de fazer isto em outras situações, mas nunca em batalha.

Hoje, isso mudou.

De repente, Styxx podia desviar ou bloquear todas as estocadas e golpes. Pela primeira vez, Galen foi forçado a recuar de seus ataques e proteger-se.

A visão de Styxx escureceu até que já não via mais Galen como um homem, mas sim um objetivo a ser destruído. Ele perdeu todo o sentido de onde estava ou por que treinava afinal. Ou até mesmo do fato de que treinava. Ao invés disso, ele choveu golpes após golpe com o hoplon e a xiphos através do escudo de Galen, até que quebrou o revestimento de madeira espesso e retorceu o bronze fora de forma.

Sem escolha, arquejando e debilitado, Galen lançou o inútil hoplon de lado e então enterrou a ponta de sua espada no chão, antes de ajoelhar-se na frente de Styxx. — Eu me rendo justo príncipe!

Aplausos ecoaram.

Abaixando sua espada, Styxx franziu a testa até que localizou a fonte do mesmo. Estes e seu pai estavam parados no portão principal. Seu tio abriu-o e entrou arrastando seu pai dois passos atrás dele.

— Impressionante pequeno esquilo. — Estes parou para recuperar um novo escudo do banco encostado na parede deles. — Mas vamos ver como você se sai contra um guerreiro em seu auge e não um idoso.

Ele pegou a xiphos de onde Galen o tinha plantado, então usou-o para saudar Styxx.

Um lento sorriso perverso curvou seus lábios. — Você tem certeza, tio? Odiaria feri-lo no dia de sua chegada. Talvez você devesse descansar primeiro?

Estes riu. — Arrogante... adoro isto. Mas prepare-se para ver seu ego humilhado.

Isso seria diferente do normal, como?

Styxx retornou a saudação dele, e esperou que seu tio fizesse o primeiro movimento.

Ele fez. O som de metal colidindo ecoou pelas paredes de pedra cercando-os. Desta vez, não só fez com que Styxx visse os movimentos antes de seu tio fazê-los, ele ganhou força em cada golpe. Era como se estivesse sugando a força vital de Estes. Enquanto seu tio ficava mais fraco, ele ficava mais forte. Em questão de minutos, tinha seu tio desarmado e deitado de costas com a ponta de sua xiphos apertada contra a garganta de Estes.

Com a respiração irregular, Estes ergueu as mãos para o alto em rendição. — Eu me rendo bom Styxx.

Styxx enterrou sua espada no chão e removeu seu capacete, colocando-o no punho. Ele estendeu o braço para seu tio, para ajudá-lo a ficar em pé.

Estes estava incrédulo. — Pelos deuses, você nem está respirando com dificuldade. Oh, ser tão jovem novamente... — Ele olhou para Galen. — Meus mais altos cumprimentos para você, Mestre Hoplomachos¹⁷. Você fez um trabalho surpreendente com a habilidade de meu sobrinho. Faz um longo tempo desde que alguém me desarmou, quanto mais me derrubou no chão. — Então ele olhou para o rei. — Irmão, se nós tivéssemos Styxx do nosso lado na guerra, nós nunca teríamos entrado em conversações com atlantes. Teríamos enterrado-a.

Seu pai finalmente fechou a boca escancarada. — Não tinha ideia de que ele era tão qualificado. O garoto tem escondido isto muito bem. — Ele se virou para olhar para Styxx. — Não é a toa que procurou uma nova armadura.

E você negou-me isto com desdém zombeteiro...

Idiota.

Mas não havia rastro disto agora. Seu pai realmente parecia quase orgulhoso.

O rei empurrou o queixo para o escudo de Styxx. — É hora de decorarmos aquele seu aspis, garoto, e forjá-lo com uma xiphos e kopis de guerreiro. Você está finalmente pronto para defender meu trono.

Aquelas palavras deveriam deixá-lo feliz. Ao invés disso, Styxx sentiu apenas o vazio. Não havia nenhum orgulho ou satisfação dentro de seu coração. Na verdade, ele não queria mais elogio de seu pai. Já não lhe importava mais o que o bastardo pensava. Não quando sabia como seu pai realmente se sentia no que lhe dizia respeito.

A menos que fosse perfeito, ele era um lixo a ser lançado de lado e ridicularizado.

Ou pior, esquecido.

Todos os meses em que foi torturado, seu pai não sentiu sua falta. No que dizia respeito a esse assunto, seu pai mal tinha olhado para ele ou conversado com ele desde seu retorno. A única razão para o rei estar aqui agora era porque Estes queria vê-lo treinar.

Por que se preocupar em desperdiçar nosso tempo...? O garoto luta como uma methusaí¹⁸. Prefiro observar a grama crescer no jardim.

¹⁷ Foi um tipo de gladiador da Antiga Roma, cujas armas e armaduras imitavam as dos hoplitas (soldados da infantaria pesada) gregos.

¹⁸ Idosa, mulher muito velha.

Seu pai estreitou o olhar para seu hoplomachos. — Galen, vá buscar um escrivão e faça-o projetar um emblema real para meu filho. Algo merecedor de um príncipe campeão. Uma águia ou um leão, talvez.

Estes balançou a cabeça. — Estou pensando em um pégasos ou um tridente.

— Uma Phoenix. — Styxx disse. Não existia nada mais adequado para ele. Forjada pelas chamas do Rio de Pyriphlegethon de Hades, ela emergiu. E como uma fênix, ele realmente não existiria até que seu pai estivesse morto e enterrado.

O rei inclinou a cabeça para ele. — Você ouviu meu filho, Galen. Phoenix então.

— Vou ter isto feito, Majestade, e entregar seu novo hoplon dentro de um mês.

Enquanto Galen e seu pai iam embora para discutir o assunto, Estes avançou.

— Seu pai está certo, Styxx. Você está se tornando um ótimo rapaz.

Styxx não comentou nada enquanto recuperava seu capacete e a espada. — Como está meu irmão em sua custódia, tio?

Um tremor estranho atravessou Estes que Styxx não conseguiu definir. E embora ele tentasse, não podia discernir os pensamentos de seu tio sobre o assunto.

— Ele está muito bem. Feliz. Saudável. Parecendo exatamente como você.

— Com exceção dos olhos dele. — Styxx lembrou-lhe.

— Com exceção dos olhos dele.

E as marcas de cicatrizes...

Tentando não pensar sobre isto, Styxx retornou para seu hoplon na parede, então entrou na sede de Galen com Estes a um passo atrás dele. — Acheron já perguntou de mim?

— Ele pergunta. Frequentemente. Um dia, eu gostaria de ter os dois juntos. Acho que todos nós apreciaríamos muito isto. — Havia algo muito mais estranho em seu tom. Algo que enviou um calafrio abaixo pela espinha de Styxx.

Ainda assim ele não conseguia ouvir um único pensamento de seu tio. Como isto era possível?

Transtornado pela anomalia, Styxx colocou a xiphos de Galen na prateleira onde seu treinador normalmente a guardava.

— Então me diga jovem Styxx. Alguma mulher já chamou sua atenção ou o coração?

Isto era tudo que podia fazer para não enrolar seu lábio em repulsa por aquela pergunta. Entre sua mãe e a insensatez detestável de Ryssa, e as mulheres volúveis que se jogavam nele constantemente, atar uma a ele era a última coisa em sua mente. — Não.

— Não? — Estes estava espantado, como se não pudesse entender tal coisa. — Como pode ser tão jovem e bonito, e não estar apaixonado?

Poderia ajudar se ele não fosse um completo estranho para esta emoção. — Acho as mulheres tediosas e exigentes. Chatas e pouco atraentes. Não tenho nenhum interesse nelas.

Estes curvou uma sobrancelha para isto. — Você prefere a cama de homens, então?

Desta vez, ele esfregou o rosto com nojo quando as memórias o assaltaram. — Deuses, não. Dificilmente. Não acho a cama de ninguém atraente.

Seu tio engasgou chocado. — Virgem ainda? Em sua idade? Inconcebível. Seu pai e eu tínhamos bastardos em grande quantidade, quando nós tínhamos quinze. E seu irmão há muito tempo já encontrou os prazeres para estar nos braços de outras. Não posso nem começar a contar as amantes que Acheron teve.

— Acho que não sou o homem que meu irmão é. — Claro que isto ajudou a não passar a maior parte do ano sendo torturado por demônios que você não teve.

Depois daquilo...

Ele não teve nenhum desejo de ser tocado por ninguém, de jeito nenhum.

Styx deixou a sede de Galen e caminhou em direção ao vestiário.

Estes seguiu atrás dele. — Ei, não tive intenção de ofendê-lo com meu espanto. Falei sem pensar.

Sim, você teve imbecil. Por que outra razão mencionou isto?

Ainda indignado com os insultos, Styxx não disse nada enquanto desamarrava sua couraça. Estes o ajudou a removê-la. Enquanto seu tio a levava para o manequim, Styxx removeu sua túnica preta e pegou outra branca.

Quando seu tio retornou em sua direção, Estes suspirou bruscamente ao ver as inúmeras cicatrizes feias no corpo do Styxx. Esticando-se seu tio colocou a mão sobre o lado esquerdo do peito arruinando de Styxx. — Sinto tanto pelo que aconteceu com você.

Sua fúria ascendeu com a inútil simpatia, Styxx afastou-se de seu tio de forma que pudesse desamarrar sua caneleira.

— Styxx...

— Por favor, tio. Não tenho nenhum desejo de conversar sobre isto. O que está feito está feito.

E você me disse isto naquela época. Nunca mais serei o mesmo. Toda a experiência, combinada com o ataque injustificado e brutal de sua mãe, roubou-lhe qualquer sensação de segurança ou valor.

Na melhor das hipóteses ele se sentia como um intruso indesejável em sua família, na pior, um enteado bastardo menosprezado. Ele acabou querendo estar longe de todos eles.

Estes fez careta quando viu as cicatrizes adicionais que se alinhavam em suas costas e virilha. — É por isso que você não tomou uma amante?

Em parte, mas não pelas razões que Estes estava pensando. Ele não estava pronto para responder perguntas sobre aquelas cicatrizes, e porque um príncipe que nunca tinha ido para uma batalha as teria. — Todo o meu equipamento está bom e em funcionando adequado. Isso não tem nada a ver com minha decisão. Os sacerdotes tomaram grande precaução em assegurar de não me deixar impotente, ou estéril. — Seu tom era tão frio quanto à raiva em seu coração sobre isto.

E Estes finalmente percebeu o quão volátil este assunto era para ele. — Certo. Isto não é de minha conta. Mas estou aqui por você, Styxx. Se precisar de mim.

Não, você não está. Você é uma bastardo covarde de merda. E este era o problema que tinha com seu tio. Como todos os outros, Estes mentiu em seu rosto. Seu valente, nobre tio, cujas ações heroicas eram contadas e recontadas por historiadores, poetas e escribas, ficou com muito medo de seu pai, para trazê-lo para casa contra os desejos de seu pai, e salvá-lo de seu tormento. Ao invés disso, o herói de guerra enfiou seu rabo entre as pernas e saiu, deixando uma criança sofrendo. Como ele poderia perdoar isto?

O olhar de Styxx foi para a cicatriz de doze centímetros em seu antebraço, que seu pai deu-lhe, e a dor do passado atormentou-o com força. Ele estava tão cansado disso tudo. As mentiras, a dualidade. O ódio.

As expectativas falhas da parte de todos.

Ele moveu-se para lavar-se. — Se não se importar tio, gostaria de ficar sozinho por algum tempo.

— Pensei que odiasse isolamento.

Isso foi antes dele ser forçado a isto, e aprender a fazer uma paz amarga com as vozes que gritavam e sussurravam em sua cabeça. — As pessoas mudam.

— Então eles fazem. — Estes bateu-lhe nas costas. — Devo deixá-lo em sua própria companhia. Mas saiba que eu amo você, sobrinho.

Se amar significa abandonar alguém quando estão impotentes e sendo vitimados, então ele podia passar sem isto. Mas o que conhecia sobre os encantos de Afrodite?

Aquela cadela odiava-o como todos os outros.

Um tique apareceu em sua mandíbula quando ele olhou para seu capacete e a imagem de Athena que zombava dele, também. Ele deveria arrancar aquele emblema e substituí-lo pelo de Eris ou de Odia. Eles eram os únicos residentes do Olimpo com quem podia se relacionar.

Styxx enxugou-se e se vestiu, então virou seus clâmides ao redor de seus ombros. Ele fez um capuz para proteger seu rosto. A última coisa que queria era ir para casa onde seu pai iria fazer mais exigências dele. Ryssa o ultrajaria com sua língua rançosa, e alguma prostituta fortuita agarraria seu pau, e tentaria enfiá-lo dentro dela.

Quero apenas cinco minutos de paz...

Havia um novo jogo na cidade. Se ele se apressasse, não perderia mais que algumas linhas. Pelo menos lá ele poderia esquecer este mundo por algum tempo, e viver em outro. E enquanto estivesse sentado nas cadeiras comuns, ninguém o aborreceria. Ele poderia ser apenas como todos os outros...

Pelo menos por um pouco de tempo.

Erguendo a mão, segurou o capuz no lugar, enquanto corria para o abrigo insignificante que tinha.

* * *

— Estes?

Seu irmão apareceu sobre o pergaminho que estava lendo na mesa de Xerxes, através da sala. — Sim?

Com os braços dobrados sobre o peito, Xerxes se encostou contra a parede atrás dele. — O que pensa honestamente sobre Styxx?

Estes deu-lhe um olhar arqueado. — Como assim?

Xerxes hesitou e debateu com a questão que o atormentava constantemente. Uma que não ousava suspirar uma palavra a ninguém que não fosse seu irmão. Apesar de duvidar da paternidade de Styxx em particular, o garoto era o único herdeiro que tinha. Publicamente, ele deveria sempre agir como se não houvesse nenhuma dúvida sobre sua lealdade ao Príncipe Styxx. Se Styxx não herdasse, a guerra civil despedaçaria seu reino e não haveria ninguém forte o suficiente para juntá-lo novamente.

E enquanto Estes fosse forte o suficiente para mantê-lo em sua vida, ele nunca seria pai de um herdeiro. O que em última instância destruiria a orgulhosa Casa de Aricles.

Xerxes nunca poderia permitir isto.

Didymos tinha que ter um rei forte, incontestado, em seu trono. Ainda que isto significasse colocar um homem lá que ele não tinha gerado.

— Ele parece... estranho?

Estes recostou-se em sua cadeira de madeira e pensou sobre a pergunta. — Ele está naquele ponto desajeitado onde não é garoto nem homem, mas uma combinação dos dois, irmão. Seu corpo está mudando e crescendo mais rápido do que pode acompanhar, e ele está sendo assaltado por desejos potentes que nunca conheceu. Ele também está enfrentando a realidade de que um dia, depois que você se for, ele decidirá e será responsável pela maior cidade soberana grega e seu exército, e o povo. Honestamente? Nós éramos todos estranhos na idade dele. Você mais do que eu.

Xerxes riu. — Ninguém era mais estranho do que você, irmão. — Mas Estes estava certo. Na idade de Styxx, Xerxes ficava apavorado todos os dias de perder seu pai, e ter que assumir a responsabilidade de um trono que não estava pronto para ascender. Ele ficava tão nervoso sobre isto que levou seu pai à loucura com sua preocupação constante com sua saúde.

E ele mal tinha dezessete, quando seu pai sucumbiu à uma enfermidade súbita.

Ainda assim, ele não sentia isto vindo de Styxx. O príncipe era extremamente distante e afastado dele e de todos os outros. Às vezes, ele até temia que o garoto pudesse fazer uma tentativa contra sua vida.

Xerxes suspirou. — Talvez. Mas ele realmente não nos favorece, não é?

— Você está louco? Ele tem o mesmo cabelo loiro e olhos azuis. Os mesmos ombros largos.

— Suas feições...

— São as dele mesmo. Concedida. Ainda assim, a maioria dos homens mataria para ter um garoto tão bonito. Se você duvida disto, ofereça-lhe no mercado e veja o quão rico você ficará.

— Não vou vender meu filho! — Xerxes rosnou.

— Então admite que ele seja seu?

Xerxes bufou com o artifício de seu irmão. Estes sempre conseguiu manobrá-lo. Era o que fazia seu irmão um comandante militar tão brilhante. Ele sempre podia pensar nove passos à frente de qualquer outro, e sabia como manipular as pessoas para conseguir que elas fizessem exatamente o que ele queria.

Mesmo assim, Xerxes não podia deixar de sentir a sensação em suas entranhas, que lhe dizia que Styxx tinha um pai que não era ele. Que Styxx era mais irmão de Acheron que filho de Xerxes.

Estes esfregou sua barba. — Irmão, você viu as cicatrizes que Styxx carrega?

Xerxes franziu o cenho. — Que cicatrizes?

— Ele é seu filho. Como pôde não percebê-las. Elas recobrem a pobre criança. Por suas costas abaixo, atravessando sua virilha e costelas... Sem mencionar que sua própria mãe tentou matá-lo, e sua irmã mais velha o repreende toda vez que ele fala e muitas vezes quando não o faz, e o tempo todo você ri dos ataques dela e pensa que seu desrespeito é bonitinho. Diante de tudo isto, penso que ele tem o direito de estar um pouco estranho de vez em quando. Ele já passou tantas tragédias e desafios em sua curta vida que, a maioria dos homens experientes na vida.

Isso poderia ser parte do que ele sentia.

Mas houve tempos em que sentia um ódio absoluto por ele irradiando do garoto. Tempos que sentia como se Styxx estivesse tramando e conspirando contra ele. — Ele esconde coisas de mim.

— Devo lembrá-lo dos segredos que nós escondemos de Papai? Começando com aquela garota escrava de cabelos vermelhos, que nós compartilhamos quando estávamos com nosso tio Arel?

Ele riu da memória das duas melhores semanas de sua vida. — Ela era um doce deleite.

— Realmente.

Talvez Estes estivesse certo, afinal... — Suponho que estou exagerando. Apenas me preocupo com ele e nosso reino.

— É isso que reis e pais fazem.

Xerxes riu. — Então sou grande em ambos.

— Claro que é.

Xerxes sorriu para o irmão que amava mais que qualquer coisa. — Sinto sua falta quando você se vai. Odeio que posso vê-lo apenas uma vez por ano, e sempre uma curta permanência.

— Talvez eu possa permanecer mais tempo em minha próxima visita. Talvez leve Styxx para caçar por uma semana sem você? Ele poderia confiar em mim se estiver longe daqui e suas responsabilidades. Então poderia observá-lo e ver se é normal ou não, e reportar-lhe o que acho.

— Ideia maravilhosa. E acho que ele gostaria disso. Ele tem estado bastante triste e retirado por algum tempo agora.

Estes sorriu. — Vou esperar ansiosamente por meu tempo a sós com Styxx. Seu cabelo deve voltar ao seu comprimento normal até lá, e seu corpo mais desenvolvido.

— O que isso tem a ver com qualquer coisa?

— Ele devia ter mais confiança nele mesmo. Sentir-se mais como um homem e menos como um garoto assustado.

Xerxes ridicularizou. — Duvido que ele possa ter algo menos. Este outro assunto que me irrita com que lhe diz respeito. Ele se esconde como um camponês apavorado e não como um príncipe. — E isto também o faz duvidar da paternidade de Styxx. Seguramente, ele não seria pai de um ratinho tão assustado.

Estes atravessou a sala e bateu-lhe no ombro. — Esqueça isto, irmão. Eu cuidarei de meu sobrinho e suas necessidades. Prometo-lhe. Uma semana comigo e ele será uma pessoa completamente diferente. Confie em mim. Sei exatamente como fazer dele um homem.

09 de maio de 9533 a.C.

Styx sentou-se sozinho na sala de jantar, bebendo vinho enquanto tentava silenciar os deuses gritando em sua cabeça. Ele não sabia por que no dia de seu aniversário, eles estavam muito piores do que o normal, mas estavam. Era como se buscassem levá-lo à verdadeira loucura.

Deixem-me em paz!

Ainda assim, eles enfureciam.

Ele adicionou outra rodada de vinho e água em seu cálice, e se perguntou quanto mais teria que consumir antes de desmaiar por causa disso. Seguramente ele estava quase lá. Estava nisto por horas agora e tinha entornado quase três jarros cheios.

Quando se recostou em sua cadeira, sentiu uma presença na sala com ele. A esta hora da noite, ninguém deveria estar acordado com exceção dos soldados patrulhando do lado de fora. Até sua guarda pessoal estava agora cochilando do lado de fora no corredor.

Preciso substituí-los por dois que não ronquem tão ruidosamente.

Virando a cabeça, ele encontrou uma das empregadas de sua irmã em pé na entrada, observando-o.

— O que você quer? — Ele rosnou.

— Eu vi a vela e pensei que tivesse deixado acesa por acidente.

Claro que deixou. Porque velas eram sempre deixadas abandonadas assim...

Mentirosa. Apenas uma vez, ele gostaria de encontrar uma mulher que admitisse honestamente que o procurou porque queria foder com ele. Ao invés disso, jogavam seus joguinhos como se ele fosse estúpido demais para perceber a verdade.

— Como você pode ver agora, não está. — Ele tomou um grande gole de seu vinho.

Em vez de partir, a bonita loira aproximou-se mais. Lambendo os lábios sugestivamente, ela se debruçou contra a mesa próximo a ele. — Você gostaria de um pouco de companhia, Alteza?

— Não particularmente.

— De verdade? — Ela arrastou a mão sobre seu seio direito, deixando o mamilo duro e projetado pelo fino linho branco.

Fascinado, ele não pôde afastar seus olhos disso, enquanto sua boca ficava cheia d'água por algo mais doce que o vinho.

Ela deslizou para mais perto, de forma que pudesse escarranchar seus joelhos. Seu corpo endureceu ao vê-la assim. Os lados de seu peplos¹⁹ separaram-se, mostrando-lhe toda a extensão de sua carne deliciosa. — Você já tocou o seio de uma mulher, meu senhor?

Bêbado demais para pensar, ele não conseguia falar.

Então ela estendeu a mão e removeu o broche de seu peplos. O material caiu de sua cintura, expondo a parte superior de seu corpo para seu olhar faminto. A garganta dele ficou seca. Embora seus seios de alabastro não fossem muito grandes, eles eram bem formados e facilmente encheriam sua mão.

Lambendo seus lábios, ela deslizou seus quadris para cima da mesa na frente dele, então ergueu a bainha de seu vestido até as coxas, e deixou-o relancear uma imagem dos pelos loiros ondulados na junção de suas coxas. — Você gostaria de me tocar?

O cálice caiu de seus dedos entorpecidos, quando uma necessidade incessante de estar dentro dela o consumiu. Ela se debruçou de costas sobre a mesa e curvou seus joelhos, de forma que ele tivesse uma visão perfeita dela. Em seguida, alcançou entre suas pernas e correu os dedos para baixo em sua fenda molhada. Ele assistia com admiração silenciosa, enquanto ela suavemente se abria para ele.

— Bem? — Ela perguntou sua voz cheia com uma fome necessária, enquanto enfiava os dedos profundamente em seu corpo, e lentamente se masturbava para ele. Gemendo, ela empurrava seus quadris contra a mão, e montava seus dedos até que eles ficaram escorregadios e úmidos.

Sua respiração ficou ofegante, e ele arqueou uma sobrancelha com suas ações. *Bem, você não parece com se precisasse de mim...*

— O que está acontecendo?

A empregada deixou escapar um pequeno chiado, quando saltou da mesa e cobriu-se.

Styxx suspirou quando viu a forma irada de Ryssa na entrada, os olhos como punhais encarando-o... agradecendo aos deuses por ela não ter um em sua mão, ou provavelmente estariam enterrados em seu peito agora. — Nada, doce irmã.

Ela enrolou os lábios com desgosto, quando enfrentou sua rebelde empregada. — Você deveria ter ido buscar algo para eu beber, Eirene.

— Perdoe-me, minha senhora.

Agora a empregada estava submissa e envergonhada? Sério?

— Vá para cima!

¹⁹ Manto solto usado pelas mulheres na Grécia antiga.

— Sim, minha senhora. — Ela abaixou-se para recuperar seu broche, dando-lhe uma visão privilegiada de sua bunda bem torneada, quando fez isso.

Com um último suntuoso grunhido, Ryssa virou-se e os deixou. No momento em que sua irmã se foi, Eirene levantou os olhos do chão e sorriu para ele.

— Se precisar de mim Sua Alteza, não estou longe. — Levantando-se, ela pressionou seus dedos nos lábios dele alegremente, de forma que pudesse cheirar e saboreá-la.

Completamente desinteressado no fedor de uma prostituta, Styxx limpou-se quando ela o deixou. As pessoas, e especialmente as mulheres nunca cessavam de surpreendê-lo.

Você deveria ter aceitado o que ela ofereceu.

Mas ele não tinha nenhum interesse em uma boceta comunitária, que dava boas-vindas a qualquer pau à mão. Seu pai provavelmente tinha até mesmo fodido suas orelhas. E aquele pensamento imediatamente o suavizou. Não tinha nenhum desejo de atar-se a uma vadia rancorosa e louca como sua mãe ou Ryssa, porque estava duro com seus encantos.

Ele preferia cuidar de suas próprias necessidades.

Ou foder uma cabra.

Balançando a cabeça para clareá-la, ele recuperou seu cálice do chão e colocou-o na mesa. Então se dirigiu para a cama. Sozinho.

Quando alcançou o topo das escadas, encontrou Ryssa esperando lá por ele.

— Fique longe de minhas empregadas, você me ouviu?

— Então você deveria dizer as suas empregadas para ficar longe de seu irmão.

Ela estapeou-o. — Elas são servas. Não podem dizer-lhe não, e você sabe disso. É revoltante tê-lo espreitando-as no minuto em que viro minhas costas.

Styxx enxugou o sangue dos lábios, quando seu zumbido deu lugar à raiva. — O que quer de mim, Ryssa?

Quero que você morra.

Sua resposta não dita estapeou-lhe mais forte do que a mão dela o tinha. Sua mão fez apenas seus lábios sangrarem. Aquelas palavras furiosas cortaram seu coração rapidamente, e ele a odiou por fazê-lo se importar com o fato de que sua própria irmã o desprezava.

— Quero que fique longe de mim e de minhas empregadas. Elas são mulheres boas e decentes. Não seu próprio harém particular.

Por que você não pode ser como Acheron? Ele nunca espreita outras pessoas.

Ele cerrou os dentes. O que ela diria se conhecesse quantas amantes seu precioso Acheron tomou, enquanto Styxx ainda era tão virgem quanto no dia em que entrou neste mundo? E isso foi até mesmo enquanto um deus o perseguia atrás de sua virgindade, junto com todas as fêmeas sem parentesco com ele.

Ela não acreditaria nisto. Por alguma razão, ela queria odiá-lo e deixou seu caminho para encontrar razões para alimentar seu ressentimento e fúria.

Tudo o que sempre fiz foi tentar agradá-la e a mamãe. Mas aqueles dias tinham acabado. Havia algumas pessoas que não conseguiam ficar contentes, não importa o quão duro ele tentasse, e não havia nada que pudesse fazer sobre isto. Estava cansado de bater a cabeça contra aquela parede.

Sua cabeça já doía o suficiente. Ele não precisava de uma concussão para piorar isto.

— Boa noite, doce irmã. Desejo que Morpheus a embale amavelmente em seu colo. — Virando-se, caminhou para seu quarto e trancou a porta, para que outras das empregadas dela não se perdessem a caminho da cozinha.

Sua cabeça pulsava, ele foi para a cama e lançou-se sobre ela.

Havia alguma coisa mais traiçoeira neste mundo do que uma mulher, especialmente quando a vadia estava conspirando?

10 de maio de 9533 a.C.

Compassando pelo chão de seu templo pessoal, Archon amaldiçoou quando outro aniversário se passou sem terem localizado o pirralho desaparecido de sua esposa Apollymi.

O tempo estava ficando extremamente curto...

Se eles não encontrassem Apostolos e o matassem, sua “adorada” esposa iria libertar os poderes do pequeno bastardo, e os dois se juntariam para destruir cada membro de seu panteão.

Começando por ele.

Ele olhou para sua irmã, Epithymia. A deusa atlante do desejo prometeu-lhe que Apostolos morreria. Ela esteve lá em seu nascimento e o tocou, de forma que qualquer um que o visse desejaria seu corpo. Os humanos deveriam ter rasgado a criança ao meio.

E mais um ano se passou e ele ainda vivia.

— Você tem que nos dizer onde ele está. — Archon rosnou para ela.

— Isto não importa. Ele não está lá.

— O que quer dizer?

— Depois de alguns anos, voltei e o pirralho tinha desaparecido.

Archon amaldiçoou. — Como ele pode se esconder de todos os nossos poderes coletivos?

Ela deu-lhe um olhar divertido. — Você teve que se casar com uma deusa primitiva... Lembra-se? Nenhum de nós poderia tocar nos poderes de Apollymi. A vadia é potente, é por isso que você está com tanto medo dela.

E uma vez que o filho dela entre na maioridade será o fim de tudo.

— Sua melhor opção é continuar martelando-o com vozes e dor. Mais cedo ou mais tarde, ele será obrigado a se suicidar.

— E se ele não fizer isto? — Archon perguntou.

— Sugiro que aprenda a nadar. — Ela riscou-se para fora de seu escritório.

Archon amaldiçoou. Eles teriam que acelerar seus planos. Não havia nenhuma escolha. Ainda que tivesse que despedaçar o mundo humano à parte, precisava da cabeça daquele garoto em uma bandeja. Mais cedo ou mais tarde.

18 de agosto de 9533 a.C.

Styx aguardava ao lado de seu pai com a coluna rígida como uma vareta, enquanto fazia o melhor que podia para ignorar as vozes que lutavam entre si o tempo todo, dentro de seu crânio. O mais alto era o tom estridente da víbora que conhecia muito bem.

Ryssa.

Você é um pirralho tão estragado. Você me repulsa. Em pé aí como se já fosse rei. Você não é nada além de um desprezível provocador. Estou surpresa de que não tenha ordenado a outra pessoa para tomar seu lugar, para dar às boas-vindas as visitas do tio.

Ele deslizou seu olhar para ela. E ela deu-lhe um frio sorriso zombeteiro. Tanto faz. Ele nunca a perdoaria por sua reação a ele anos atrás, de qualquer maneira.

Contra sua vontade, suas palavras sórdidas se repetiam em sua mente. — Você é a razão de tirarem meu irmão de mim. Só porque se parece com ele, isto não faz de você o que ele é. Nunca poderá ser Acheron. Você é apenas uma cópia pobre dele. Saia de minha vista. Você me enoja.

Amo você também.

Desde aquele dia, ele fez o possível para cumprir com os desejos dela. Ele apenas interagiu com ela, quando absolutamente necessário. Mas, o que mais o confundia era como ela podia odiá-lo por isso, quando não sabia nada sobre ele. E ainda assim, ela se sentia no direito de hostilizá-lo. Ao ponto de se envolver nisto, como um familiar manto aquecido.

Você está contente que Acheron se foi. Sei que está. Sei que fez papai mandá-lo embora, de forma que não tivesse qualquer competição. Você é um animal feio e egoísta. Seu delírio mais atual contra ele.

E ela estava definitivamente errada. Ele sentia falta de seu irmão mais do que as palavras poderiam transmitir. Infelizmente, dadas às coisas que sentiu todos estes anos, ele tinha um pressentimento ruim de que o Acheron que existia hoje, não era nada como a memória que mantinha de seu amado irmão.

Não mais do que ele não era o mesmo Styx que foi quando um garoto.

O tempo muda todas as coisas. E raramente elas mudam para melhor.

Sorridente, seu pai deu-lhe uma palmada nas costas. — Aí vem ele.

Com um nó no estômago, Styx seguiu seu pai escada abaixo para esperar, enquanto Estes e sua comitiva inesperada desmontavam e aproximavam-se deles. Por que tantos cavalheiros estavam com seu tio? No passado, Estes sempre vinha sozinho com sua escolta.

Hoje, ele montava com cinco outros como comitiva...

Depois de fechar a distância entre eles, Estes puxou Styxx para um abraço apertado. — Olhe para você, meu sobrinho precioso. — Então sussurrou em seu ouvido. — Você se tornou até mais bonito do que seu irmão. — Ele apertou os bíceps de Styxx. — Mais corpulento, também.

E estranho como, diferente de sua irmã vaidosa e vazia, Styxx não se sentia atraente. Sempre que alguém se aproximava dele, assumia que tinha muito mais a ver com seu título do que com sua pessoa. Um instinto normalmente, totalmente confirmado por seus pensamentos.

Até os olímpios que o queriam, sempre o chamaram por seu título. Raramente por seu nome.

— Obrigado, tio. Como está meu irmão? — Styxx sussurrou, sabendo que se seu pai escutasse a pergunta, ele ficaria furioso com ele. Toda vez que perguntava de Acheron, ou implorava que seu pai permitisse que seu irmão viesse fazer uma visita, seu pai o batia ou o insultava por isto.

Estes olhou para cima para se certificar que seu pai ainda estava fora de alcance auditivo, antes de responder. — Extremamente bem. Você deveria considerar vir para uma visita. Adoraria tê-lo.

— Papai nunca permitiria que eu partisse. — Pelo menos não para uma viagem que Styxx realmente poderia apreciar. Sendo uma viagem para Tártaros... o velho não poderia expulsá-lo rápido o suficiente.

— O que é isto? — Seu pai perguntou quando se reuniu a eles. — Você não está tentando roubar meu herdeiro, não é?

— Eu o levaria em um piscar de olhos se você me deixasse.

— Ele tem muitas obrigações aqui em casa.

Como limpar estábulos e decorar templos que ele odiava, escutar choramingos, reclamações insignificantes, e observar a sabedoria “benevolente” de seu pai, o que significava hãhã e huhu sobre tudo o que seu pai fazia, como se o bastardo já não tivesse bajuladores o suficiente.

— Pequena. — Estes se virou para Ryssa e a pegou em seus braços.

Styxx franziu a testa quando pegou os homens de Estes dando-lhe olhares peculiares. Entretanto se eles encontraram Acheron na casa de seu tio em Atlântida, estavam provavelmente perguntando-se, como todas as pessoas faziam, se Styxx tinha alguma divindade nele também.

A única coisa que não sentiu de ter seu irmão com ele foi o modo como as pessoas queriam alinhá-los e inspecioná-los, como se eles fossem monstruosidades da natureza, porque combinavam tão perfeitamente.

Com exceção de seus olhos.

E agora suas cicatrizes externas, e a voz, já que Styxx não perdeu a rouquidão de seu tempo passado em Dionysion. Como Ryssa era tão rápida para apontar, ele perpetuamente soava como se estivesse resfriado.

Uh, não fale, e pelos deuses, não tente cantar. Sua voz é repulsiva. Você soa como se precisasse limpar a garganta.

Soltando Ryssa, Estes recuou e gesticulou em direção a seus amigos. — Já que estou aqui para levar Styxx por uma semana...

A carranca de Styxx aprofundou quando olhou para seu pai para confirmar. Ninguém tinha lhe dito isto.

Seu pai nem mesmo encontrou seu olhar.

— ...Pensei que ele apreciaria uma festa por isto. — Estes continuou. — Permita-me apresentar meus amigos. — Ele puxou o homem mais próximo a ele para cima dos degraus, para saudar Styxx e seu pai. — Lorde Kastor, cujo pai é um filósofo em Ithaca. Kastor foi enviado para Atlântida como um tutor de vários filhos proeminentes. — Não mais velho do que seus vinte e poucos anos, Kastor tinha cabelos escuros e uma barba fina, com um nariz espesso.

Eles trocaram amabilidades.

Estes gesticulou para os três que estavam juntos. — Também do reino grego, Lorde Noe de Atenas... — Ele parecia estar mais perto da idade de seu pai, mas extremamente sem atrativos, com uma papada atarracada e uma barba preta espessa e desleixada. — Leon da Macedônia... — Pelo lado comum, ele era alto, com cabelos vermelhos, e muito magro, e mais provável que em seus trinta e tantos anos. — Nestor também é um ateniense... — Seu cabelo marrom enrolado ao redor de um rosto ossudo, que apresentava um tipo exótico de beleza.

Descendo as escadas, Estes foi até o último homem em seu grupo. — E um príncipe de Atlântida, que é primo de segundo grau da atual rainha... Xan. — Perfeito na forma e no rosto, Xan tinha o tipo físico que Styxx daria qualquer coisa para possuir. Ele continuava a trabalhar para isto, mas até agora...

Ele tinha um caminho longo a percorrer. Seus músculos estavam altamente definidos, mas muito magro.

O grupo curvou-se diante de seu pai, e então para ele, com exceção de Xan, que se encontrava equiparado a eles. Ele apertou as mãos de seu pai, então se virou com um sorriso amigável para Styxx. — Esperava ansiosamente por isto desde que Estes me convidou. Ouvi dizer que você é o homem certo para montar, Príncipe Styxx.

O elogio inesperado o deixou resolutamente desconfortável. — Não sei nada sobre isto, mas é um prazer conhecê-lo, Vossa Alteza.

Esta deverá ser uma semana agradável com meu passatempo favorito, e um príncipe bonito para inicializar.

Estes estava certo. Ele combina com Acheron em todos os sentidos, exceto que Styxx tem lindo olhos perfeitos. Fascinante.

Estou tão contente que mudei de ideia sobre vir...

Styxx balançou a cabeça quando os comentários silenciosos deles o assaltaram, e em seguida atropelaram uns aos outros tão rápido, que ele não podia mais distinguir as palavras individualmente, os quais eram uma mistura de grego e atlante.

— Cavalheiros. — Seu pai disse cheio de diplomacia de sua coroa. — Por favor, venham para dentro e descansem um pouco. Tenho muitas libações para suas boas-vindas.

Ryssa os levou para dentro.

Styxx puxou seu pai de lado. — Por que não me contou sobre isto?

— Por que está reclamando? Eu gostaria de poder passar uma semana com meu irmão e não ter nenhuma responsabilidade.

— Não sabia que estava trazendo uma comitiva com ele. Mas não vejo nenhum problema nisto. Nós dois pensamos que você apreciaria um retiro de caça com seu tio, longe da tensão do palácio. — Seu pai o deixou nos degraus enquanto seguia atrás dos outros.

Rangendo os dentes, Styxx quis amaldiçoar todos eles. Será que ninguém em sua família conhecia uma coisa tão básica sobre ele? Como podia compartilhar uma casa todos os dias com pessoas que conhecia tão pouco sobre sua personalidade?

Ele não podia permanecer ao redor de estranhos. De jeito nenhum. Nem gostava de caçar.

Como eu saio disto?

Talvez Galen pudesse quebrar meu braço novamente...

Mas a pior parte? Ele tinha um sentimento ruim em seu âmago, de que algo terrível iria acontecer. Ele apenas não sabia o que.

19 de agosto de 9533 a.C.

Styxx não podia se lembrar da última vez em que tinha sido tão feliz. Tanto quanto odiava admitir isto, ele estava contente que seu pai e tio fizeram-lhe isto. Era maravilhoso estar fora sem seu pai importunando-o, e a constantemente putaria de Ryssa. Nenhum tutor dizendo-lhe o quão estúpido ele era. Nenhum relance abaixo pelos corredores para ter certeza de que sua mãe não estava lá, antes de caminhar por eles. Nenhuma empregada ou mulheres devassas agarrando seu pau.

Até mesmo com sua cabeça pulsando, isto era ótimo.

Eu podia definitivamente viver assim durante algum tempo.

— Aqui. — Estes lhe deu um punhado de carne seca enquanto eles se escondiam próximo a um riacho, à espera que cervos farejassem a isca que deixaram para eles.

Styxx comeu rapidamente. — Isto está delicioso. O que tem nisto?

— Uma erva especial que cresce apenas em Atlântida. Nós não temos nada com isto aqui na Grécia.

— Você deveria importar isto. Faria uma fortuna.

Estes sorriu. — É exatamente o que eles me dizem. — Ele deu a Styxx um odre de vinho.

Styxx tomou um rápido gole, então o abaixou quando ouviu folhas farfalhando onde tinham deixado a isca. Puxando seu arco, encaixou sua flecha, em seguida inclinou-se para vê-lo.

Estes se moveu para ficar atrás dele, tão perto que podia sentir a respiração de seu tio atacando por trás de seu pescoço. — Firme. Segure o tiro.

A cabeça dele inclinou, Styxx esperou.

— Erga seu cotovelo. — Estes sussurrou em seu ouvido. Ele suavemente empurrou-o até mostrar a Styxx como ficar corretamente. — Quadris alinhados. — Seu tio deixou as mãos cair nos quadris de Styxx e retorceu-os ligeiramente. Quando fez isso, a virilha de Estes apertou-se contra sua bunda, deixando-o perceber que seu tio estava completamente ereto.

Os olhos de Styxx se arregalaram em choque.

— Lance!

Completamente inconsciente da trajetória da flecha, Styxx deixou-a voar e rapidamente saiu do abraço de seu tio, de forma que houvesse alguma distância entre eles.

Mas Estes agiu como se nada tivesse acontecido.

Ele imaginou aquilo?

Estes sorriu. — Você o pegou, pequeno esquilo! Parabéns.

Com seus pensamentos ainda no contato íntimo perturbador, e se tinha ou não sido intencional, Styxx piscou não entendendo o que Estes disse.

Xan bateu em seu ombro quando se juntou a eles. — Grande tiro, Styxx.

Só então Styxx percebeu que ele tinha conseguido matar. Os outros homens já estavam com o cervo, inspecionando-o. Noe tinha um pequeno cálice que estava usando para recolher um pouco de sangue do cervo.

— O que você está fazendo? — Styxx perguntou a ele.

— É sua primeira matança. Você sempre bebe o sangue de sua primeira. — Noe segurou o cálice para ele beber.

Fazendo uma careta de desgosto, Styxx hesitou.

— Está tudo bem. — Estes disse por detrás dele. Ele puxou o odre de vinho e mais da carne seca. — Tenho isto pronto para expulsar o gosto. Mas isto é um rito de passagem que todos nós fazemos.

Xan pegou o arco de Stixx e sorriu para Estes.

Não tendo certeza sobre isto, Styxx ergueu o cálice de sangue. Fechando os olhos, ele bebeu aquilo, em seguida estremeceu com repulsa, quando o metálico gosto salgado assaltou suas papilas gustativas.

Eca... como um estômago de deus poderia beber sangue humano?

— Aqui. — Estes trocou o cálice pela carne.

Styxx rapidamente empurrou isto em sua boca e mastigou-o, em seguida bebeu o vinho. Seu tio estava certo novamente. Isto felizmente matou o gosto imediatamente.

— Todos nós jantaremos bem hoje à noite. — Leon sorriu ironicamente para seus amigos.

Kastor piscou para Leon. — Coisa boa também, porque estou faminto pelos quartos traseiros de um fanfarrão sem máculas. Ainda que isto signifique compartilhá-lo com todos vocês.

Eles todos riram.

Franzindo a testa, Styxx não entendeu o que era tão engraçado sobre o comentário dele.

— Então quem vai começar a limpar nossa comida? — Nestor perguntou.

Estes lançou sua adaga para aterrissar aos pés de Nestor. — É sua vez de esfolar e cozinhar a carne de veado. E vocês cinco podem juntar palhas para a sobremesa. — Seu tio pôs as mãos nos ombros de Styxx, e o guiou para longe dos outros. — Venha, Styxx. Vamos limpar este sangue fora de você.

— Que sangue?

— Em sua túnica.

Olhando para baixo, Styxx se encolheu, quando percebeu que tinha derramado um pouco de sangue do veado em suas roupas. *Sou completamente incompetente.*

Qual era a novidade?

Estes agarrou seu alforje e o levou para onde o riacho alargava em um córrego. Ele entregou sabão e uma toalha para Styxx. — Você poderia tomar banho para tirar o suor do dia, também.

Enquanto Styxx foi se limpar, Estes começou uma pequena fogueira. Quando ele retornou para suas roupas, seu tio estava sentando em um cobertor, misturando ervas em uma pequena panela de barro.

— O que você está fazendo?

Estes gesticulou para que se aproximasse. — Você já ouviu falar de Eucharistisi?

Styxx agitou a cabeça. — O que é isto?

— Outra planta especial que cresce em Atlântida. Verdadeiramente, é um lugar de maravilhas e admirável. Eles têm a medicina mais avançada que já se viu. — Estes ateou fogo às ervas, depois soprou as chamas até deixá-las em brasas. — Gostaria de experimentar?

Styxx hesitou. Elas não pareciam particularmente apetitosas, entretanto nem a carne parecia, e ela estava excepcionalmente gostosa. Ajoelhando-se ao lado de seu tio, ele pegou as ervas com os dedos.

Puxando a panela de volta, Estes riu. — Você não as come, meu caro rapaz. Você inala sua fragrância. — Ele levantou um pequeno cálice que estava preso na panela. — Ponha isto sobre o nariz e a boca e aspire profundamente.

— É seguro?

— Muito. Você sabe que nunca o machucaria. Amo você demais para isto.

Você definitivamente vai apreciar isto, pequeno esquilo...

Styxx franziu o cenho com o pensamento de seu tio. — O que isto faz?

— Aliviará sua enxaqueca e a dor que você passou fora daqui.

Ele faria qualquer coisa, menos cortar sua cabeça para conseguir que aquela dor latejante diminuísse. Entre seu tio, os cinco amigos de Estes, e os quatro guardas que montavam com eles, sua cabeça era nada mais do que uma bagunçada cacofonia do pensamento deles. Eles eram tão opressivos, não conseguia nem entender mais do que uma palavra fortuita ou duas de cada vez.

Se funcionasse para silenciar o barulho, ele compraria alqueires disto.

Puxando o cálice até seu rosto, Styxx fez como Estes instruiu. Isto cheirava como alguma fruta exótica e fazia sua cabeça bombar. Mas a melhor parte era que bloqueava completamente as vozes dos deuses e das pessoas em sua cabeça.

Por aquele silêncio apenas, ele estava agradecido além da medida.

— Aqui. Tome mais vinho.

Styxx pegou o odre e bebeu profundamente dele. Mas este era diferente daquele que tomou mais cedo. Mais picante. Bateu no seu estômago, e então se espalhou por suas veias com uma espessura morna que ele podia sentir. A paz mais tranquila que jamais conheceu caiu sobre ele, como se estivesse dormindo enquanto acordado.

Então do nada, seu corpo pareceu como se engolfado por chamas. Ele soprou ar frio através de sua pele.

Estes tomou o vinho de sua mão e o colocou de lado. — Está tudo bem, Styxx. Não lute com isto.

Não lute com o que? Aquilo queimava e ardia. Ele esfregou o pescoço, tentando esfriar sua carne. — Eu estou tão quente...

— Passará em um minuto.

Styxx lambeu os lábios repentinamente secos, quando o fogo em seu corpo caiu... diretamente para sua virilha. No instante que isto aconteceu, aquilo lhe deu uma ereção diferente de qualquer uma que já teve antes. Todas as partes de seu corpo doíam com uma necessidade feroz de ser tocado. Com os olhos arregalados, ele olhou fixamente para Estes, que sorria.

Estes se moveu para se sentar atrás dele. Ficando de seus joelhos, ele escovou os cabelos de rosto de Styxx para trás, e se inclinou para sussurrar em seu ouvido. — Você é virgem ainda?

— Sim.

De repente com medo, Styxx tentou levantar-se, mas Estes o segurou rapidamente. Antes de ele poder escapar, seu tio prendeu-o de braços no chão com seu braço torcidos atrás de suas costas. O pânico o encheu quando percebeu o que seu tio planejava para ele.

Rezando que estivesse errado, ele se encolheu quando Estes enterrou a mão nos cabelos de Styxx, e usou seus joelhos para manter as coxas de Stixx separadas. — O que você está fazendo, tio?

Estes jogou sua túnica ao lado deles e apertou seu corpo nu no de Styxx. — Você não tem ideia do quão difícil foi esperar até que você estivesse velho o suficiente para isto. Fui forçado a vender a virgindade de Acheron para recuperar o empréstimo que tive que fazer para seu treinamento. Mas a sua, pequeno esquilo, pretendo saborear tomando-a por horas.

28 de agosto de 9533 a.C.

— Temos que deixá-lo sóbrio.

— Será que precisamos realmente?

— Mais um dia, Estes. Podemos levá-lo de volta no dia seguinte.

— Se o mantivermos por mais tempo, meu irmão enviará uma equipe de busca. Ele é o herdeiro real afinal, e nós estamos bem dentro do reino de seu pai.

— Sim, mas quero estar enterrado profundamente no reino de Styxx uma última vez.

Eles riram.

— Vamos lá Estes. Quero apenas mais um passeio no garanhão real.

Sua cabeça rodava, Styxx tentou o possível focar-se no que eles discutiam sobre ele, mas não conseguia. Alguém despejou algo morno abaixo de sua garganta. Amargo, que o levou a engasgar e sufocar.

Então isto o fez arfar violentamente.

Estes o rolou para cima quando seu estômago descarregou. Repetidamente. Isto continuou durante um longo tempo, até Styxx achar que nunca mais pararia de regurgitar.

Mas, finalmente, seu estômago assentou e sua visão começou a clarear. Completamente fraco, nu e dolorido, com contusões por toda parte de seu corpo, ele deitou-se sobre um cobertor sujo.

— Vamos, garoto. — Estes disse, sua voz distorcida e lenta para a mente entorpecida de drogas de Styxx. — Nós precisamos lavá-lo e limpá-lo.

Não foi senão quando Styxx estava até a cintura no córrego, que começou a recordar a última semana que esteve com seu tio...

Sabe Estes, você deveria levá-lo para Atlântida. Eu lhe pagaria uma fortuna para estar com ele e seu irmão ao mesmo tempo.

Não, melhor ainda, assistir aos dois estarem um com o outro.

Styxx cobriu seus ouvidos, tentando apagar as coisas que não queria se lembrar de ter ouvido. As coisas que não queria lembrar-se de ter feito...

Um horror absoluto o consumiu. Ele começou a fugir, mas Estes o pegou e o segurou apertado contra seu corpo nu.

— Shh. Acalme-se.

— Você... você... — Styxx não conseguia dizer que seu tio e o seu bando de amigos o estupraram.

Repetidamente.

Sua risadas, enquanto eles se revezavam com ele ecoavam em seu ouvidos. Lágrimas reuniram-se em seus olhos quando a vergonha encheu cada centímetro de seu coração sangrando. Como seu tio que amava tanto pôde fazer isto com ele?

Deuses, seu pai confiava neste homem. Ele o trouxe para sua casa...

Estes reforçou seu domínio sobre ele. — Você queria ser um homem como Acheron. Agora você é.

Não, seu tio o usou como se fosse um penico parado lá para atender suas necessidades, sem respeitar seus sentimentos ou a humanidade. Pior que isto, o bastardo o prostituiu para seus amigos.

As pernas de Styxx fraquejaram, quando se lembrou de Estes rindo depois de terminar com ele a primeira vez. *Rachei seu cuzinho apertado para você. Agora quem quer reparti-lo melhor?*

Oh deuses... Agora ele entendeu algumas das dores fantasmas que sentiu nos lugares mais privados de seu corpo. E soube exatamente o que Estes fez com seu irmão.

— Acheron é seu prostituto.

Estes sorriu orgulhosamente. — Você não está tão treinado como ele está ainda, mas um dia você será uma boa foda, prometo.

Styxx empurrou-se dele e tentou correr, mas escorregou nas pedras e caiu na água.

Estes o agarrou novamente. — Não seja assim, pequeno garanhão. Acheron apreciaria isto. Ele até implora por meu pau. Como seu gêmeo, você também irá.

Vergonha, horror e agonia cortaram em tiras sua alma. — Você é repugnante! Perverso! Vou contar a meu pai o que você fez!

O humor fugiu do rosto de seu tio com aquela ameaça. Pegando os braços de Styxx em um aperto brutal, ele encarou-o com fúria. — E em quem você acha que Xerxes acreditará? Seu amado irmão mais novo, que permaneceu à suas costas e protegeu seus segredos, ou o filho de uma demente, puta bêbada, que já foi tratado por instabilidade mental? Você respira uma palavra sobre isto para ele e não apenas assegurarei que nunca herde o trono, como farei com que resida em Dionysion permanentemente. E uma vez que seu pai o abandone lá, subornarei os sacerdotes e o levarei para Atlântida, onde se juntará a seu irmão como um pedaço de cu de alto custo, que alugarei para qualquer um com moeda suficiente.

— Você não ousaria.

— Tente-me. — Estes correu sua língua para baixo pela garganta de Styxx, então riu. — Fodê-lo pequeno esquilo, quase fez estar longe de Acheron tolerável. Agora seja um bom garoto e lave-se, ou devo fazer isto por você. — Ele abaixou a mão para ilustrar sua oferta.

Styxx vomitou novamente.

Estes o empurrou para longe. — Limpe-se e seja rápido com isso ou darei a Nestor seu dia adicional com você.

Envergonhado e abalado, Styxx afundou na água, desejando morrer. Ele se sentiu tão sujo. Tão imundo e sujo. E enquanto se lavava, lembrou-se das mãos deles sobre ele, enquanto violavam todas as parte de seu corpo.

Naquele momento uma raiva profunda se apoderou dele, e quis atacar e matar todos eles. Por que seus poderes falharam em adverti-lo quando mais precisou deles? Por quê?

Porque havia muitos deles com Estes. Seus pensamentos pisotearam um sobre o outro, o dos deuses e os seus próprios, a ponto de não poder discernir qualquer um deles isoladamente. Isto era parte do que lhe dava tais enxaquecas ruins.

— Foda-se! — Ele gritou. Mas as palavras foram dirigidas mais para si mesmo do que qualquer outra pessoa.

Por que confiei em Estes?

Ele sabia disso muito bem. Ninguém jamais poderia ser confiável. Como pôde esquecer aquela lição vital?

Porque Estes mostrou-lhe generosidade quando ninguém mais o fez. Ele era da família, e família não deveria ser assim. Eles deveriam amar uns aos outros. Proteger uns aos outros.

Quem disse?

Styxx riu amargamente com seu pensamento. Isso era verdade. Ryssa estaria emocionada além da conta, por vê-lo sendo usado assim e reduzido ao nível de uma prostituta comum.

Espero que consiga o que você merece. Quantas vezes ela disse aquilo para ele? Alguém precisa pegá-lo e marcá-lo.

Estes pegou muito mais do que isto.

Lágrimas encheram seus olhos e derramaram-se sobre suas bochechas. Ele não sentia como se isto fosse o que merecia, mas talvez fosse. Ele arruinou sua mãe. E se ele fosse o verdadeiro peão dos deuses e Acheron não fosse, ele arruinou seu irmão inocente também.

Apesar de tudo que Stixx estragou em sua vida, isso era o verdadeiro arrependimento que tinha. Ele deveria ter se manifestado e contado a verdade a seu pai. Que tinha os poderes dos deuses, enquanto Acheron apenas tinha olhos divinos. Então eles seriam odiados igualmente.

Juntos.

O que faço agora?

Quero apenas ir para casa.

Era infeliz lá, mas era o único lugar que tinha. Deveria fugir e deixar tudo isso para trás.

E fazer o que? Ele não tinha nenhuma habilidade prática. Era um príncipe que conhecia a diplomacia e idiomas. Inútil no mundo real. Além disso, se era assim que sua família o tratava, o quão pior seriam os estranhos?

— Onde quer que você esteja Acheron... espero que não se sinta do modo como me sinto agora.

Mas ele sabia muito bem. Não havia nenhuma maneira de Acheron ser usado assim e não sentir o mesmo.

Desprezível. Impotente. Desprezado.

No entanto, o pior era o ódio de si próprio.

Você é um príncipe! Sua mente gritava para ele. Herdeiro do trono de Didymos. Tire sua bunda daí! Agora! Quem é você para reclamar sobre seu destino?

— Sou um prostituto usada. — Ele suspirou quando a dor atormentou-o novamente. Como poderia manter a cabeça erguida depois disso, sabendo o que eles fizeram-lhe durante uma semana inteira? Foi ruim o suficiente quando os sacerdotes o mantiveram e o torturaram, enquanto tentavam expulsar os demônios que não existiam. E o desconhecido Olímpio fazendo ofertas lascivas provocantes com a promessa de liberdade.

Isto era muito pior.

Deveria ter deixado *o deus ter-me. Pelo menos teria sido libertado de Dionysion mais rápido*. Se apenas soubesse então como seria seu destino, ele teria aceitado isto. Então o deus teria protegido-o deles...

Talvez.

Doente até a alma, Styxx deixou a água e vestiu-se de forma que pudesse deixar isto para trás tão depressa quanto possível.

Se pudesse apenas chegar em casa, Estes e o outros partiriam. Ninguém jamais saberia o que aconteceu com ele aqui. Poderia manter segredo. Era bom nisto.

Tenho apenas que chegar em casa.

Styxx não falou uma única palavra durante todo o caminho de volta. Enquanto eles montavam, seu olhar permanecia nos guardas que tinham sido enviados junto para protegê-lo. Guardas que seu tio tinha subornado...

Não com moeda, mas com Styxx.

Mesmo agora, ele podia ouvir o riso zombeteiro deles. Eles acharam o que tinha sido feito com ele engraçado, e assistiram e participaram com um contentamento que era nauseante.

Filho mimado de um rei... Isto é por todas as vezes que tive que abaixar meus olhos para você e seu pai. Deixe o pau real tomar um pau na bunda por todas as dores que tive que sofrer...

Da próxima vez que desviar meu olhar de você Alteza, saiba que será em estar batendo no seu doce rabo que estarei pensando.

Styxx não sabia se poderia deixar seu quarto novamente, sabendo que eles estavam a serviço de seu pai. Como poderia enfrentar qualquer um novamente?

E quando seu pai os encontrou nas escadarias do palácio com um sorriso largo, vergonha e humilhação golpeou-o muito mais forte. Como seu pai olharia para ele se soubesse como foi usado?

O olhar de Styxx caiu na cicatriz em seu braço que seu pai lhe deu. E soube a verdade.

Seu pai o odiaria e o culparia por isto.

— Como foi? — Seu pai perguntou com um prazer que adoeceu Styxx ainda mais.

Estes riu. — Nós montamos principalmente. Digo a você irmão, não existe nada melhor que sentir seu ganhão real favorito debaixo de você.

A bÍlis subiu para a garganta de Styxx.

— Styxx pegou seu primeiro cervo e fizemos dele um homem. Foi uma grande semana, irmão. Todos nós lembraremos para o resto de nossas vidas, não é, Styxx?

Styxx encolheu-se com o duplo sentido, que agora ele entendia completamente.

Seu pai franziu a testa para ele. — Você está bem, garoto?

Ele queria dizer-lhe a verdade, mas um olhar de Estes e soube que seu tio estava certo. Seu pai se achava o mundo de seu irmão, e suspeitaria de um filho que não estava realmente certo que lhe pertencia. Era por isso que favorecia tanto Ryssa. Com o nascimento dela, não existia nenhuma dúvida.

Styxx nunca teria a plena confiança ou o amor de seu pai.

— Príncipe Styxx se encheu com muitos figos ricos esta última semana para seu gosto, eu receio.

Styxx estremeceu a referência ousada de Nestor ao seu estupro, que foi diretamente sobre a cabeça de seu pai. Isto era para envergonhá-lo, e aquela flecha atingiu seu alvo, matando-o.

Estes arrepiou o cabelo de Styxx. — Nestor está certo. Ele participou demais de nosso néctar potente irmão, e ainda está doente por isto. Perdoe-me por corromper seu herdeiro e abri-lo para atividades mais varonis, do que ele estava preparado. Ainda assim, o evento o esticou bastante e o ensinou coisas que ele não esquecerá tão cedo.

Cada palavra cortava-o como vidro dentado através de seu coração. Todos eles zombavam abertamente de sua dor e degradação em suas mãos. Pior, divertiam-se com isto.

Styxx rangeu os dentes para não mostrar qualquer emoção. Estes estava testando-o e ele sabia disso. Lançavam o que fizeram em seu rosto para ver se quebraria e os trairia, enquanto Estes estivesse aqui com seus amigos para mentir contra Styxx, se ele dissesse uma única palavra sobre o que eles fizeram.

Era por isso que Estes os trouxe junto. Quem acreditaria em um garoto louco contra dois príncipes, um dos quais era um herói de guerra condecorado, e quatro nobres? Eles estariam unidos para chamá-lo de mentiroso, para que Estes pudesse mandá-lo de volta ao templo. E lá...

Ele sentiu câimbras no estômago com absoluta infelicidade.

Seu pai o puxou para seus braços e deu-lhe palmadas nas costas. — Meu pobre Styxx. A primeira ressaca é a pior de todas. Mas você tem que aprender a passar por isto. Ou nunca terá outra. — Beijando sua fronte, ele o soltou e foi saudar seu irmão.

Styxx olhou para seu tio quando seu pai abraçou Estes, ressentindo-se do afeto que seu pai tinha por ele. Por cima dos ombros de seu pai, Estes o mediu da cabeça aos pés com um luxurioso sorriso insultante. Evitando seu olhar, Styxx pegou os sorrisos presunçosos dos amigos de seu tio. E quando Nestor piscou para ele e baixou seu olhar para a virilha de Styxx enquanto lambia os lábios, ele praticamente correu escada acima e entrou no palácio.

Ryssa o encontrou exatamente na porta e varreu seu corpo com seu sorriso zombeteiro. — Você deve pensar que é algo verdadeiramente especial agora. Depois de sair com o tio e seus amigos, como se fosse igualmente nobre. Mas você não é um homem, Styxx. Ainda é uma patética, criança mimada.

Ele nunca quis esmurrá-la mais do que queria neste momento. Como ela podia olhar em seus olhos e não ver o horror dentro de seu coração? Não ver o quão agitado e chateado ele estava? Foi preciso tudo o que tinha para não arremessá-la contra a parede atrás dela. — E você é uma vadia estúpida.

Ela ofegou quando ele passou por ela como um furacão. Gritando, ela correu para denunciá-lo.

Honestamente, ele não se importava. Não haveria nada pior que seu pai pudesse fazer com ele agora. Nenhum espancamento possivelmente poderia machucar mais do que aquilo fez.

Ele começou a subir as escadas para a despensa, e então parou e abriu-a para pegar dois jarros de vinho. Com eles na mão, ele retrocedeu para seu quarto e trancou-se lá dentro. Não tinha nenhuma intenção de deixar a segurança destas quatro paredes, até muito tempo depois que Estes e os outros fossem embora.

Puxando o travesseiro de sua cama, colocou-o no chão para almofadar seu corpo dolorido, e se esbaldar com o vinho não diluído, querendo que isto levasse embora sua vergonha. Mas tudo que podia fazer era criar um abrigo temporário, e sabia disso.

Repetidas vezes, contra sua vontade, sua mente continuava repetindo a miséria absoluta a qual tinha acabado de sobreviver. Não importa o que fizesse, ouvia suas vozes e sentia suas mãos em sua carne.

Por favor deuses, conversem comigo e afoguem isto.

Mas tudo que ouvia era Estes e o outros rindo e zombando dele. Quanta ironia, que a única coisa que tinha encontrado para silenciar totalmente os sons em sua cabeça, foi lembranças que vendeu sua alma para banir...

30 de agosto de 9533 a.C.

Por dois dias completos, Styxx ficou entrincheirado em seu quarto, até que ouviu os cavalos se reunirem no calçamento para a partida de seu tio. Certificando-se de ficar longe de vista, ele abriu a janela apenas o suficiente para olhar para baixo e verificar os sons.

Obrigado deuses, eles estão partindo...

— Onde está o príncipe? — Seu pai exigiu sobre as escadas.

Ryssa fez uma cara irônica. — Ninguém o viu, papai. O mais provável é que esteja fora engravidando uma serva. Afinal, ele ficou uma semana inteira sem uma. Deuses não o permitam.

Styxx a desprezava por isto.

Estes encolheu os ombros pela “rudeza” de Styxx estar fora. — Não se preocupe com isto, Xerxes. Não estou ofendido. Estou certo de que ele sente como se tivesse tido o suficiente de mim esta última semana. Dê-lhe meus cumprimentos quando o vir, e diga-lhe que mal posso esperar até minha próxima visita. Espero ansiosamente ser seu companheiro de equitação no futuro.

O estômago de Styxx encolheu com aquelas odiosas palavras e a ameaça oculta sob elas.

— Você é tão gentil, titio. — Ryssa beijou-lhe de leve na bochecha. — Que os deuses o acelerem para casa.

— Que os deuses destruam sua carruagem e derramem suas entranhas por toda a parte. — Styxx rosnou. — Ou melhor ainda, envie seu barco para o fundo do mar.

— Deuses o acelerem, irmão.

Styxx não conseguiu respirar novamente até que viu seu tio e sua comitiva montar para fora dos portões. Só então ele se inclinou para trás e relaxou. Ele expulsou um longo suspiro.

Seu pesadelo estava finalmente terminado. O bastardo tinha ido e não poderia mais tocá-lo.

Ele estava seguro novamente...

Mas seu alívio foi de curta duração quando os guardas bateram em sua porta. A princípio não iria responder a isto, mas quando os ouviu pedindo por um aríete, ele soube que se não saísse seu pai nunca seria aplacado com um simples pedido de desculpas.

Forçando-se a estar forte, ele abriu a porta para encontrar quatro guardas corpulentos esperando para escoltá-lo até o escritório de seu pai.

Styxx se preparou para fúria e a preleção de seu pai.

Eles marcharam com ele por todo o caminho até dentro do escritório de seu pai, e não se afastaram até que se aproximou da escrivaninha de seu pai, onde o rei estava sentado com Ryssa em pé atrás dele. Seu pai o olhava com um veneno que Styxx desejava que fosse letal.

— O que você tem a dizer, garoto?

— Não me sinto bem, Papai. Por favor, me perdoe. Acho que peguei algo. — E espero que não seja alguma doença venérea.

— Você acha que me importo o quão mal você se sente?

Não. Claro que não se importava. Ele nunca se importou quando Styxx estava doente.

— E esta será a resposta quando você for rei? Rastejar para sua cama a qualquer hora que não se sinta bem, e deixar o reino apodrecer enquanto descansa?

Styxx fez tudo o que podia para não zombar daquelas palavras naquele momento, com a recitação da preleção de seu pai perpetuamente marcada a ferro em sua mente.

Seu pai levantou-se e invadiu seu caminho para ficar na frente de Styxx. — E o que foi isto que ouvi sobre chamar sua irmã de vadia?

Ele cortou um olhar assassino para Ryssa, que sorria ironicamente para ele. — Ela entendeu-me mal.

Seu pai olhou sarcástico para ele. — Não minta para mim! E isto é cheiro de álcool em você? É isto?

Não, o álcool não era o cheiro pungente. Pelo contrário, era o afrodisíaco que Estes forçou abaixo por sua garganta por nove dias seguidos, então o forçou a vomitar. Não importa o quão duro ele tentou, não podia livrar-se do cheiro rançoso. — É um pouco do remédio que Estes me deu.

Seu pai balançou a cabeça. — Você envergonha o nome de Didymos e nossos nobres antepassados de Ariclean. Dou-lhe todo o luxo e a consideração que um homem pode dar a seu filho, e como você me retribui? Fica deitado na cama até tarde como um vagabundo. Não permitirei isto, Styxx. Não irei! — Ele o empurrou de volta para os braços do guarda mais forte. — Leve-o para repreendê-lo e veja que receba cinquenta chibatadas. Mais, se ele chorar.

Styxx estremeceu com a severidade de seu castigo.

— Quanta mais, Majestade?

— Tantas quanto forem preciso para fazê-lo parar.

Styxx encontrou a expressão de satisfação no rosto de Ryssa.

— Acho que ele deveria ter mais papai, pelo que me disse. Foi completamente desnecessário.

— Cinquenta é suficiente, gatinha. Além disso, ele sempre chora como uma mulherzinha.
— Ele zombou de Styxx. — Deveria pôr um vestido em você.

Por que não? Era a única degradação que Estes tinha lhe poupado.

— Tire-o de minha vista.

Styxx não se incomodou em seguir os guardas. Ele foi à frente. Afinal, estava intimamente familiarizado com o caminho para o torturador.

No momento em que entrou na sala da guarda, o torturador olhou para cima com uma sobrancelha arqueada com sua aparição súbita.

— Cinquenta. — Styxx rosnou. — Mais, se eu me lamentar.

Ele franziu o cenho. — Quantas mais?

— Até que eu pare, e sim você está perdoado. Agora vamos apenas acabar com isto. — Styxx entrou na sala e tentou apagar as vozes dos guardas em sua cabeça, enquanto esperavam do lado de fora para o torturador espancar-lhe. Eles estavam apreciando seu castigo até mais do que sua irmã.

Ele pegou o pedaço de couro do torturador e colocou-o na boca, em seguida, assumiu a posição que conhecia muito bem. Um sorriso lento enrolou os lábios do torturador quando amarrou as mãos de Styxx no poste.

Não se preocupe, eu não vou me urinar. Ele logo passaria daquele ponto.

Escovando os cabelos de Styxx para trás de seus olhos, o torturador abaixou o rosto até que seus olhares se encontrassem. — Estou completamente perdoado, Alteza, por minhas ações contra você?

Styxx franziu o cenho. — Sim. — Ele disse em torno do couro. O homem era maluco? Por que precisava que ele repetisse isto?

O torturador escolheu o maior bastão, em seguida moveu-se ao redor de forma que pudesse expor as nádegas cheias de cicatrizes e doloridas de Styxx.

Colocando seu rosto contra a pedra fria, Styxx segurou sua respiração e esperou que o bastão fosse esfregado contra sua pele, como um sinal que as chibatadas começariam. Ao invés disso, ele sentiu as mãos calejadas do torturador empurrando suas pernas de forma que pudesse correr as mãos por baixo das coxas de Styxx, sobre as cicatrizes que os sacerdotes lhe deram.

— Meu irmão disse que você tinha a mais doce bundinha que ele já montou. Nunca tive a bunda de um nobre antes, não importa o quão real fosse. Mas tenho que dizer que sonhei em fazer isto com você por anos.

Gritando em horror, Styxx tentou libertar-se, mas as cordas estavam muito bem presas.

— Shh Alteza. Você coopera e me certificarei de que podemos chegar a um doce acordo a respeito de seus castigos de agora em diante.

* * *

Uma hora mais tarde, Styxx permanecia no canto de seu quarto de punição, tentando achar um minúsculo pingo de dignidade. Mas não tinha sobrado nenhuma. Pior, não podia parar as lágrimas, não importa o quão duro tentasse.

Sou uma mulherzinha.

Ele foi usado como uma.

A porta abriu atrás dele. Seu estômago encolheu quando temeu que o torturador tivesse retornado para mais. Certamente pelos deuses, o bastardo estava bem satisfeito até agora...

— Por que você ainda está aqui?

Grande. Era seu adorado pai. Exatamente o que ele precisava.

— Responda-me, garoto.

— Não me sinto bem.

Seu pai enrolou o lábio com desgosto. — Estou tão cansado desta desculpa. Você não pode inventar uma mentira melhor? E estas lágrimas... você é fraco e patético! — O rei bateu com a mão em cima da mesa onde o torturador tinha...

Styxx vomitou com a lembrança.

Saltando para trás, seu pai segurou seu rosto. — Acho que você está doente.

Com a respiração irregular, Styxx passou uma trêmula mão sobre a boca e fez o possível para controlar suas emoções furiosas e cruas.

Pela primeira vez, as características de seu pai suavizaram, como se o bastardo finalmente tivesse algum sentimento terno por ele. Ele o puxou para seus braços. Styxx teve que forçar-se a não recuar.

Ou chorar mais.

— Venha, criança. Deixe-me ajudá-lo a ir para a cama e ter um banho preparado. Você deseja que uma empregada o ajude a tomar banho?

— Não. — A última coisa que queria era outro par de mãos em seu corpo, especialmente porque ainda podia sentir a evidência da intrusão do guarda deslizando para fora dele. Se qualquer um o banhasse, saberiam o que tinha acontecido.

— Certo. Não deveria ter sido tão severo com você. Se soubesse que estava realmente doente, não teria sido.

Talvez você devesse escutar quando tento dizer-lhe algo, meu velho.

Mas ele nunca o fazia.

— Pai! — Ryssa empacou quando os viu nos degraus. — Como ele irá aprender alguma lição enquanto o mimar assim?

— Já chega, gatinha. Seu irmão está gravemente doente. Posso sentir a febre que radia por suas roupas e as minhas. Você deveria ter pena dele.

— Tenho pena é deste império, quando ele se sentar em seu trono.

Styxx olhou para ela.

— Papai, ele está me ameaçando novamente.

Seu pai parou ao lado dela. — Como assim?

— O modo como ele olhou para mim agora mesmo. Como se pudesse transpassar-me.

— Você bem poderia lembrar-se que um dia ele será seu rei, gatinha. E ele se conduziu com honra hoje. Caminhou para o torturador sem ajuda, e não fez nenhuma reclamação. — Olhando para baixo, ele apertou os braços ao redor dele. — Estou orgulho de você Styxx.

Ótimo. Depois de tudo o que fiz para agradá-lo, é meu estupro que o deixa orgulhoso.

Putá merda.

Styxx não conseguia encontrar o olhar de seu pai. Não quando ainda podia sentir as mão do torturador o apalpando. Ele tentou afastar-se, mas seu pai agarrou-o mais apertado. Levou cada grama de força de vontade para não quebrar com as lembranças que se agitavam.

— Por favor, papai, preciso deitar-me durante algum tempo. — Ele engasgou com outro espasmo.

Seu pai finalmente acelerou o passo e o levou para seu quarto, bem na hora que ele alcançou o penico.

— Devo mandar buscar um médico?

— Não... ficarei bem. Preciso apesar ficar sozinho. — Styxx começou a se sentar, então pensou melhor nisto. Entre as surras e as outras coisa, não tinha certeza se poderia se sentar novamente.

— Deixe-me saber se precisar de alguma coisa. — Finalmente seu pai recuou.

Styxx rastejou sobre a cama e lentamente deitou-se. Fechando os olhos, tentou imaginar-se em outra vida. Uma onde fosse recebido com uma mão amorosa, que nunca se tornasse violenta com ele. Uma onde ninguém o odiasse sem motivo...

Em sua mente, ele viu a imagem de uma mulher. Ela seria tão doce quanto o sol da manhã, com a voz de uma ave canora. E sorriria sempre que ele se aproximasse dela. Com um sorriso verdadeiro que dizia que gostava de sua companhia...

Não seu título.

Mas ele sabia que sonhos nunca aconteceriam para ele. Plebeus se casavam por amor. Príncipes casavam por alianças. Seu casamento seria negociado, e ele seria afortunado se ela o tolerasse tempo o suficiente, para conceber seu herdeiro. O único amigo verdadeiro que já tinha conhecido em sua vida inteira, estava trancado longe em Atlântida, sofrendo infinitos dias como este aqui.

Como faço para nos tirar disto?

Havia apenas uma resposta. Se pudesse curar-se o suficiente para montar pela manhã, ele poderia chegar a Atlântida antes de Estes. Esperando que seu tio e seus amigos levassem seu tempo retornando para casa.

Ele podia libertar Acheron e então eles... fariam alguma coisa. Não importa o que. O objetivo era conseguir tirar ambos deste tormento, e encontrar um lugar onde o mundo os deixasse em paz.

Mas, mesmo enquanto tinha este pensamento, ele não podia evitar se perguntar se tal lugar existia.

08 de setembro de 9533 a.C.

Droga, Estes, quantos quartos tem em sua casa?

O número parecia ser infinito. A vila do seu tio era muito maior do que o palácio principal em Didymos. Pior, Estes tinha uma equipe completa de criados e guardas que Styxx deveria evitar. Já que era bem depois da meia noite, ninguém devia ser acordado. No entanto, havia um número de criadas e homens caminhando.

Mas, o que o deixava doente, era a razão para todos os quartos. A maioria nos quais procurou foi criado como quarto de jogos sexuais com diferentes temas e adereços. E cada vez que abria um, seu coração se despedaçava mais pelo que tinha sido feito para Acheron.

Eu o odeio, pai.

Nenhum ser humano devia ser reduzido a isso. Muito menos seu irmão.

Styxx encostou-se a outra porta e pressionou a orelha contra ela para escutar. Não ouviu ninguém em seu interior, também. Olhando para a direita e para a esquerda, lentamente, cuidadosamente a abriu. Quando não viu ninguém, deslizou dentro para confirmar. Como os outros, fora criado com suportes de imobilização sexual e uma grande cama próxima a uma lareira enorme.

Aproximou-se da cama então congelou. Lá no meio dela estava Acheron, dormindo pacificamente sobre seu estômago. Aquela visão o lançou de volta à sua infância quando entrava sorrateiramente no quarto de Acheron à noite para conversar, brincar, ou dormir. Sempre que estava só em sua cama, Acheron dormia naquela posição. Mas ele nunca dormia assim quando estavam juntos.

Um impulso irresistível de se enroscar nas costas de seu irmão e pressionar seus pés nos de Acheron passou por ele. E despertou uma dor brutal pelo que eles dois perderam nesses últimos anos.

Amor fraternal inocente.

Amizade.

Duas coisas que não sabia se eles ainda teriam ou não. Mas a única coisa que não podia negar era o quanto seu irmão significava para ele. O quanto ele amava Acheron.

Para sempre e sempre.

No entanto, o homem naquela cama agora era um completo estranho para ele. As mudanças no corpo de Acheron o golpearam com uma dura dose de frio, realidade perturbadora.

Engraçado como, mesmo estando bem ciente das mudanças em seu próprio corpo ao longo dos anos, veio aqui esperando ver o mesmo irmão mais novo que foi tomado.

Mas isso não foi o que ele achou.

Ambos eram homens crescidos agora e nem tinham muita semelhança com os gêmeos que foram separados. Como ele, Acheron era mais alto do que a maioria dos homens gregos, magro, com músculos bem definidos que ainda estavam no processo de crescimento. A pele de Acheron era ligeiramente mais pálida do que a de Styxx, ainda que ambos possuíssem o mesmo cabelo loiro ondulado. Styxx mantinha os seus cortados passando pelas suas orelhas enquanto os de Acheron caíam pelos ombros.

Seu irmão estava completamente nu, exceto pelos aros de ouro em seus tornozelos, pulsos, bíceps, e pescoço. Uma fina corrente de ouro ligava seu bracelete ao bíceps. Styxx estremeceu com eles e o que significavam. Essas correntes, tsoulus, eram colocadas em homens jovens e mulheres que eram essencialmente mantidos como mascotes para as perversões sexuais da classe governante. Enquanto seu pai nunca possuiu um, Styxx conhecia muitos nobres, príncipes, e reis que não eram tão gentis. Homens que se gabavam de sua propriedade e como amavam humilhar seus escravos, que não tinham nenhuma escolha exceto levar essa vida.

Mas o que o deixava mais bravo com tudo eram as pequenas presilhas nos aros dos pulsos e nos dos tornozelos. Essas eram para amarrar seu irmão em posições diferentes, para que o seu dono tenha acesso a seu corpo para fazer o que quisesse, enquanto Acheron seria impotente para detê-lo. O fato de que foram fundidas em ouro e estavam nos membros de Acheron, mesmo enquanto dormia disse tudo.

Seu tio usou bem o seu irmão e frequentemente.

Styxx queria matar Estes pelo que fez. Bastardo desprezível.

Aproximando-se, baixou o olhar para a mão aberta de Acheron onde Estes queimou a marca de escravo em sua palma. Aquela visão o indignou ainda mais quando percebeu que foi a dor que sentiu no dia que voltou para casa de Dionysion.

Apesar de o seu tio ter lhe dito o que fazia com Acheron, tinha esperança que Estes estava mentindo ou exagerando o abuso.

Mas não havia como negar isso.

Seu irmão realmente era um prostituto bem usado.

Mas o que mais ferrou com a sua cabeça foi o fato de que, enquanto sabia que era Acheron naquela cama, viu a si mesmo lá. Eles eram idênticos em todos os sentidos, com exceção de seus olhos e cicatrizes físicas. Mas por um pequeno defeito de nascimento que podia ter sido seu tão facilmente quanto era de Acheron, seria o único a ser comprado e vendido todos os dias de sua vida.

Cerrou os dentes com a injustiça da caprichosa sorte ao azar. Era tão injusto.

Isso acaba agora!

Custe o que custasse, tiraria Acheron desse pesadelo. Styxx se ajoelhou no chão e chegou a tocar em seu irmão. O cheiro forte de frutas o golpeou duro. Era o mesmo cheiro daquele maldito afrodisíaco que seu tio o forçou a tomar. *Por favor, seja mais coerente do que fui.*

— Acheron?

Sussurrou, sacudindo o ombro do seu irmão.

Gemendo baixo, Acheron virou o rosto na mão de Styxx e lambeu sua palma.

Styxx puxou sua mão, atordoado e transtornado pelas ações de Acheron.

— Irmão?

Tentou novamente.

Acheron se aproximou dele.

— Idikos, — ele suspirou.

A palavra atlante o golpeou como um punho em sua virilha. Era um escravo usado pelo seu mestre.

— Acheron!

Ele disse mais nitidamente, o sacudindo.

— Acorde!

Seu irmão se ergueu nos cotovelos imediatamente, mas estava tão débil que não podia se concentrar. Claro, estava drogado. De que outra forma Estes poderia mantê-lo aqui?

— O que você quer de mim, Idikos?

Acheron perguntou em atlante. Ele estava tão fora de si que não tinha nenhuma ideia para quem estava falando. Inclusive seus pensamentos eram palavras incoerentes que eram uma mistura de grego e atlante. Pior, ele manteve seu olhar no chão como todos os escravos eram forçados a fazer.

Styxx segurou o rosto de Acheron em suas mãos e inclinou seu queixo até Acheron encontrar seu olhar.

— Olhe para mim, irmão. Lembra-se de mim?

Styxx? A agonia desesperada de Acheron golpeou seu estômago duramente.

— Sim, adelphos. Vim para levá-lo daqui.

Isso conseguiu romper o estupor drogado de Acheron. Seus olhos prata arregalados giravam como redemoinhos enquanto o terror o consumia. Soltou-se das mãos de Styxx e deslizou de volta para a cama para se esconder em um canto.

Styxx se lançou na cama atrás dele.

— Temos que nos apressar. Onde estão as suas roupas?

— Não posso partir, — Acheron disse em um sussurro baixo, feroz.

— Sim, você pode.

Acheron encontrou o olhar dele e balançou a cabeça duramente. Um tique fazia sua mandíbula mexer.

— Eu não posso partir.

— Está louco para ficar aqui?

Styxx olhou ao redor para todos os brinquedos sexuais e a identificação no colar de Acheron que o marcava como propriedade e não um ser humano. Todos os escravos eram vistos como nada mais do que ferramentas com pés.

— Vou te proteger.

— Você não pode.

Deuses, o que fizeram a ele para que ficasse tão assustado e tremer com a simples ideia de ser libertado?

Styxx tentou dar sentido aos pensamentos apressados de Acheron, mas ele não estava pensando em um único idioma. Ao invés, em aproximadamente nove deles, apenas quatro dos quais Styxx era verdadeiramente fluente. Ele também usou palavras que Styxx não tinha certeza, mas que tinha um pressentimento de que tinham a ver com sexo.

— Ouça-me!

Ele disse, segurando o rosto de Acheron novamente. Seu irmão se recusou a olhar para ele.

— Estes não estão aqui. Cavalguei dia e noite, parando somente para trocar os cavalos, para ter certeza de que chegaria primeiro, assim poderia ajudá-lo. Eu não sabia o que ele estava fazendo com você, irmãozinho. Mas agora que sei, juro para você que o mantereí seguro.

— Você não pode.

— Por que você não acredita em mim?

Dessa vez Acheron encontrou o olhar dele, e a vergonha abominável, miséria, e dor nos olhos do seu irmão roubou seu fôlego.

— Porque você estava comigo e eu não podia detê-los.

— Você era um bebê.

Acheron sacudiu a cabeça.

— Você não sabe... você não sabe.

— Saber o que?

Um momento depois, Styxx ofegou bruscamente enquanto os pensamentos de Acheron giravam ainda mais rápidos e com tanta emoção que perfuraram seu crânio com dor. O que em nome de Hades?

— Acheron, acalme-se. Onde estão suas roupas?

— Não tenho nenhuma.

Claro que não tinha. Por que iria ter? Um tsoulus não precisa para suas funções.

Styxx tirou a capa e a enrolou em volta de Acheron. Depois que fossem embora, compraria algo para Acheron vestir. O importante agora era tirá-lo daqui antes que um guarda ou criado os ouvisse.

Ele tirou seu irmão da cama, mas era difícil levá-lo através do quarto. Acheron lutou com ele todo o caminho até o ponto que Styxx estava pronto para bater nele por isso.

Ele está com medo.

E eu não estou?

Se eles fossem pegos... ele não queria pensar nas consequências. Frustrado e irritado, Styxx bateu seu irmão contra a parede.

— Dane-se tudo, Acheron. Pare com isso! Vou levá-lo daqui. Pare de lutar contra mim.

Acheron olhou para ele com tanto ódio que o cortou.

— Você acha que pode controlar as coisas porque é um príncipe. Mas você não controla nada!

— Acho que estou colocando o meu na reta por você, irmão, e você está sendo estúpido. Estou bem ciente do que está em jogo... para nós dois. Mas não podemos viver assim. Não eu e definitivamente não você.

— Acheron!

Ambos congelaram com o berro alto de Estes.

Merda! Como o filho da puta voltou tão rápido?

Porque levou dois dias para Styxx se recuperar o suficiente para viajar. Ele devia ter contado com isso. Mais do que isso, seu tio deve ter se apressado para voltar para Acheron.

Seu irmão começou a ir para Estes.

Styxx agarrou os ombros dele e o parou.

— Nós temos que sair. Agora! Existe outra maneira de sair daqui?

Foi só então que percebeu que não existia nenhuma janela para esse quarto.

Antes que Styxx pudesse se mover, Acheron gritou.

— Aqui, Idikos!

— Por que você faria isso com seu próprio irmão?

Acheron deu-lhe um olhar frio e duro.

— Eu não tenho irmão. Meu irmão me vendeu para isso.

Estou me protegendo.

Querendo bater em Acheron pelo seu pensamento egoísta que leu alto e claro, Styxx cobriu a boca de Acheron com a sua mão, e o agarrou. Sem um plano bem definido, o puxou em direção à única outra porta no quarto. Isso os levou para uma câmara de banho. Styxx tentou levantar Acheron para levá-lo, mas seu irmão soltou seu peso, tornando isso impossível.

Mesmo assim, não podia deixá-lo aqui e salvar o seu próprio rabo. Não podia.

Styxx ainda estava tentando levá-lo até a porta no lado oposto do quarto quando Estes entrou no quarto que acabaram de sair.

Ele foi frio enquanto o queixo de Estes caiu.

Depois de alguns segundos, um lento sorriso curvou os lábios do seu tio.

— Bem, bem... que presentes os deuses dão aos que são fiéis.

Styxx soltou Acheron e correu para a porta do lado oposto, mas Estes o pegou antes que pudesse abri-la. Ele o golpeou contra a parede com força suficiente para retirar o ar de seus pulmões.

— Meu pequeno esquilo... se você queria ficar comigo, tudo o que tinha a fazer era perguntar.

— Eu odeio você! Solte-me!

Apesar de suas lutas, Estes tirou algo de sua bolsa, mantendo-o contra a parede.

— Acheron!

Styx estendeu a mão para ele.

— Ajude-me, irmão!

Sacudindo a cabeça veementemente, Acheron recuou e caiu no chão em desprezível submissão.

Furioso com ele, Styx empurrou Estes com todas as suas forças. Afrouxou o domínio de Estes o suficiente para que fosse capaz de se libertar. Mas não conseguiu se afastar antes que Estes o pegasse novamente. Dessa vez, ele cobriu o rosto de Styx com um trapo.

Styx gritou e lutou, mas antes que pudesse fazer alguma coisa sua visão entorpeceu e o quarto girou. Um instante depois, tudo ficou escuro.

* * *

Styx despertou lentamente para se encontrar amarrado a uma cadeira. Demorou alguns segundos para clarear sua visão o suficiente para ver que estava no escritório do seu tio. Estes se sentou atrás de uma grande mesa em uma cadeira acolchoada semelhante ao trono do seu pai. Mas o que realmente o irritou foi Acheron ajoelhado no chão frio de pedra do lado direito de seu tio. Completamente nu, Acheron olhava para o chão. Ele se sentou sobre as pernas com as mãos apoiadas nas coxas separadas, dando fácil acesso a Estes.

Seu idiota de merda!

Se Acheron apenas tivesse corrido com ele, não teriam sido pegos.

— Então você está finalmente acordado.

Styx ergueu o olhar para o seu tio.

— Você não pode me manter aqui.

— Não? Você cavalgou sozinho. E tenho certeza que não disse a seu pai onde estava indo. Sei com absoluta certeza que não disse a ele o que pretendia fazer quando chegasse aqui. Mesmo que ele soubesse onde você estava, tudo que eu tenho que dizer é que você partiu e que não tenho nenhuma ideia do que aconteceu com você. Você é um príncipe. Quaisquer uns dos inimigos ou rivais do seu pai adorariam colocar as mãos em você. Pelo resgate. Tortura... e outras coisas. Você não tem nenhuma ideia de quanto dinheiro um príncipe vale no mercado.

Sorriu como se o pensamento o aquecesse por completo.

— Especialmente um tão jovem, bonito, e claro. Os loiros de olhos azuis são os mais apreciados de todo, mesmo quando estão marcados e usados.

Estes agarrou um figo açucarado que estava em um pequeno prato sobre a mesa. Embalou-o na palma de sua mão, em seguida, estendeu-o para Acheron. Segurando a mão de seu tio com as duas mãos, Acheron tomou em sua boca, e lambeu gentilmente a palma da mão de Estes e chupou os dedos.

A visão repugnou Styxx.

— Por causa de sua arrogância e ações, você me deixa em um pequeno dilema.

Estes pressionou seu polegar na boca de Acheron para que seu irmão pudesse chupá-lo de forma que Styxx soube rapidamente que seu irmão era extremamente habilidoso com o uso da língua para agradar os outros.

— Diga-me, Styxx, você sabe o que são erotiki sfairi?

Bolinhas eróticas? Essa seria a tradução mais próxima. Uma que o fez temeroso em responder.

— Vou apostar que você não sabe.

Ele puxou sua mão.

— Acheron, abra sua boca e deixe seu irmão ver a sua.

Quando Acheron obedeceu, Styxx temeu vomitar. Abaixo do centro de toda a língua de Acheron estava uma linha sólida de pequenas bolas de prata que foram perfuradas nela.

Então essa foi a dor que sentiu ao ser “tratado” no templo.

— Você sabe para o que são usadas?

Styxx olhou para ele.

— Acho que posso adivinhar.

Estes deu-lhe um cruel, sorriso sarcástico enquanto puxava a bainha de sua túnica até que estava completamente exposto ao olhar de Styxx da cintura para baixo.

Styxx rapidamente desviou o olhar enquanto a bÍlis subia em sua garganta.

— Acheron? Vamos mostrar ao príncipe o que você pode fazer com suas joias.

Styxx fechou os olhos enquanto Acheron se levantou em seus joelhos e se inclinou sobre a cadeira de seu tio. Ele não queria ver isso. Mas não podia fechar seus ouvidos enquanto seu irmão fazia seu tio gozar.

— Pare!

Styxx rugiu enquanto lutava contra as cordas que o prendiam apertado.

Mas não tiveram misericórdia dele, só pararam quando Estes estava completamente satisfeito.

Seu tio respirou com dificuldade então riu enquanto acariciava o cabelo de Acheron como a pele de um animal de estimação.

— Como senti falta da sua doce boca, Acheron. Vou aumentar o seu preço para os que vierem amanhã. Mesmo que você esteja bem usado para sua tenra idade, você também é muito mais talentoso do que qualquer um que eu conheça. Agora vá... prepare-se para o seu próximo patrono.

Sem uma única palavra ou qualquer protesto, Acheron se levantou e obedeceu.

Horrorizado, Styxx tentou o seu melhor para apagar tudo isso. Por que ainda tentou salvar Acheron disso? Seu irmão parecia tão satisfeito e receptivo. Como, ele não tinha ideia. Ele preferia morrer a se submeter a um animal como Estes ou viver uma vida assim.

Levantando-se, Estes se moveu para ficar a seu lado. Ele agarrou a mandíbula de Styxx em um aperto feroz.

— Olhe para mim, rapaz!

Abriu os olhos.

— Sei o que você está pensando. Você nunca suportaria ser tratado assim. Você lutaria até a morte. Afinal, você me derrotou quando lutamos na arena. Você poderia me derrotar de novo. Mas acho que vou te ensinar algumas coisas só para você saber exatamente o quão poderoso você realmente não é.

Apertou ainda mais os dedos na mandíbula de Styxx.

— Primeiro, quando você me ganhou, estava em uma luta justa com regras de combate. Na vida real e na guerra, não existe tal coisa e nunca uma luta justa. Mas vou lhe dar uma chance. Se for daqui até a porta da frente, libertarei vocês dois. Farei até melhor que isso. Darei aos dois uma escolta para casa com fanfarra para os braços amorosos do seu pai. Tudo o que você tem que fazer é chegar à porta da frente.

Ele cortou as cordas que prendiam Styxx.

Sabendo que era um truque, mas sem nenhuma ideia de qual, Styxx arremessou para a porta. A maldita coisa estava trancada. Ele se atrapalhou com o trinco. Antes que pudesse abri-la, Estes o agarrou.

Styxx o acotovelou no estômago.

Estes o ergueu pela cintura e o lançou no chão. Rolando, Styxx ergueu-se sobre seus pés e tentou alcançar a espada que estava na parede de Estes. Estes o pegou pela cintura novamente e envolveu seu corpo inteiro ao redor de Styxx. Eles caíram no chão. Styxx fez seu melhor para romper o agarre, mas era impossível.

Pior ainda, nessa posição, podia sentir a dura ereção de Estes contra seu quadril.

Seu tio pressionou a mão contra o pescoço de Styxx, apenas sob a mandíbula. Ele sufocou quando sua respiração foi cortada. Seus ouvidos zumbiam.

E quando ele desmaiou, sentiu seu tio lambe sua garganta.

— Você pensa que foi fodido antes, pequeno esquilo? Você está prestes a aprender a segunda lição.

22 de outubro de 9533 a.C.

Sua cabeça girava e seu corpo doía como se tivesse sido atropelado por uma debandada de cavalos, Styxx acordou para se encontrar em uma cama com lençóis pretos. Havia um grande fogo rugindo apenas em frente a ele junto com quatro braseiros. Começou a se mover, então percebeu que seus braços e pernas estavam presos nos postes da cama pelos mesmos aros de ouro que Acheron usava.

Agora tinha um conjunto idêntico de aros em seus pulsos, tornozelos, bíceps, e pescoço.

Furioso, puxou tão forte quanto pôde.

— Pare antes que se machuque.

Olhou para Estes enquanto seu tio se aproximava da cama com uma pequena bandeja. Colocando-a ao lado dos quadris de Styxx, ele deslizou sobre o colchão.

Styxx tentou insultá-lo, mas tinha uma mordaca em sua boca que o impedia.

Estes despejou um espesso líquido leitoso sobre as pontas dos dedos. Uma vez que estavam bem cobertos, os deslizou no reto de Styxx.

Styxx gritou em protesto.

— Pare!

Estes passou outra vez.

— Estou tentando ensiná-lo como se cuidar a caminho de casa. Acredite em mim, você vai querer o gel anestésico, especialmente porque você estará montando um cavalo na próxima semana, e provavelmente algumas outras coisas, também.

Styxx cerrou os dentes enquanto lágrimas de frustração e vergonha encheram seus olhos. Por mais que odiasse admitir, o fresco, gel calmante parecia bom, e foi um longo caminho para fazer essa parte do seu corpo não queimar e pulsar mais.

— É isso aí, meu garanhão real. Relaxe.

Estes puxou a mão, então adicionou mais gel antes de reaplicar em Styxx.

— Você quer ter certeza que está bem coberto.

Em seguida, Estes pegou o pote de barro vermelho. Retirou uma pequena haste e encontrou o olhar furioso de Styxx.

— Isso é chamado de supositório. É para a dor que está dentro.

Styx gritou novamente enquanto seu tio o pressionava profundamente em seu corpo.

— Shh. Pare de apertar. Precisa entrar longe o suficiente para que seu corpo o mantenha ou não vai fazer nenhum bem.

Styx rosnou enquanto mais humilhação o apunhalava.

Depois de um minuto, Estes o puxou de volta e enxugou as mãos em uma pequena toalha, úmida. Existia um brilho de maldade, arrogância em seus olhos gelados.

— Agora que está furioso, quero que note que a última coisa que se lembra é de estar em meu escritório logo após Acheron sair. Não sei se você se lembra de nossa luta ou não, mas que foi há seis semanas.

A respiração de Styx o deixou como se tivesse levado um soco. Seis semanas? Não. O bastardo estava mentindo. Tinha que estar.

Seis semanas?

— Atlântida tem muitas inovações maravilhosas. E se superam em medicamentos e conhecimento de ervas e seus efeitos nos seres humanos em suas emoções e memória. É por isso que a sua dor deve estar desaparecendo agora mesmo.

Estava certo. Nem mesmo sua cabeça doía.

— A primeira coisa que aprendi quando fui enviado aqui foi como manipular suas ervas e medicamentos. Assim como você não tem lembranças das últimas seis semanas, Acheron não tem nenhuma lembrança de sua estadia aqui. Mesmo que tenha estado com ele de vez em quando nas últimas semanas, e embora você tenha tentado libertá-lo. A última memória que ele tem de seu irmão foi do dia que nós partimos de seu palácio.

Styx estava atordado.

— Essa é a sua segunda lição. Posso tomá-lo do seu pai em qualquer momento e ser seu dono. Você nem vai saber que fiz isso. Nem vai saber o que foi ou está sendo feito com você. Mas será um participante disposto. De fato, aprendi algumas coisas fascinantes sobre eu mesmo que não vou esquecer tão cedo. Tal como posso fazer você chupar um pau em menos de um dia, e em menos de dois, posso fazer você implorar para ser fodido até seu rabo sangrar.

Styx sentiu náuseas com aquelas palavras. Ele estava deitado.

Ele tinha que estar.

— Sei que você não acredita em mim. Mas juro a você, ter você e seu irmão juntos foi uma das minhas melhores lembranças. E você não tem ideia de quanto dinheiro eu ganhei com os dois nas últimas semanas... ah, e só para você saber, sua frase mais pronunciada, enquanto estava aqui? “Mão, bunda, ou boca? Onde quer gozar, meu senhor?”

Enquanto Styxx estava amordaçado, Estes suspirou como se estivesse saboreando a memória.

— Deixá-lo ir para casa é a coisa mais difícil que acho que já fiz. Por isso, tem que agradecer ao seu pai. Então, sugiro que o trate com todo respeito.

Passou a mão nas nádegas de Styxx.

— Tanto como amo esse pequeno rabo de vocês, sei o quanto você significa para o meu irmão. E eu amo meu irmão. Nunca lhe faria mal.

Está louco! Será que ele não sabe quanto sofrimento isso causaria a seu pai se ele soubesse o que Estes fez?

— É por isso que sei que você não vai dizer nada sobre o tempo que passamos juntos. Porque se eu tiver que matá-lo por sua causa, não haverá ninguém que me impeça de te possuir e foder para sempre. Nada que me impeça de vendê-lo para qualquer um que eu escolher.

Estes passou as mãos pelas costas de Styxx.

— Enquanto o mantive aqui, tenho escrito para Xerxes para deixá-lo saber que você ia ficar aqui. Ele pensa que você quis conversar comigo em privado e tentou me encontrar antes que eu deixasse Didymos, e que o convenci a vir ficar comigo aqui por algumas semanas para que pudéssemos criar vínculo. Disse a ele que continuaria seus estudos enquanto estava comigo... e o fiz. Quando foder alguém e perceber que tem conhecimento e habilidades que os deixam implorando para que fique com eles, você saberá a quem agradecer. Se fosse você, não diria a isso a ele, entretanto. Diria que você estava praticando suas habilidades de conversação, economia e política com os nobres e príncipes da Atlântida. O que é verdade. Você tem sido bastante diplomata enquanto eu o prostituo, e você aprendeu todo um novo vocabulário atlante.

Estes se inclinou para frente e mordeu a coxa de Styxx com força, Styxx gritou de dor.

— Você também dirá a Ryssa que Acheron está bem e feliz. E que você teve um grande momento com seu irmão e comigo... o que você fez. E na próxima vez que eu for visitá-lo em Didymos, você me receberá e terá muito prazer em fazê-lo. De agora em diante, como Acheron, você fará qualquer coisa que eu pedir a você.

Porcaria!

Estes sorriu.

— Eu vejo aquela fúria, sobrinho. Mas deixe-me mostrar uma coisa.

Ele saiu da cama para ir buscar um espelho de mão. O trouxe e ergueu os quadris de Styxx para mostrar que todos os pelos púbicos foram removidos. E tão perturbado com isso, empalideceu quando viu uma marca a ferro muito perto de seu pênis. A palavra puta "tsoulus" em

atlante e grego. Se isso não fosse ruim o suficiente, abaixo das palavras estava uma pequena versão do selo de escravo que Acheron teve marcado a ferro na mão.

— Uma vez que seus pelos cresçam novamente, ninguém saberá que existe exceto eu, você e o guarda que paguei essa manhã para marcar com ferro isso aí... e qualquer amante que você permita chupar seu pau. Teoricamente, se o perturbar muito, você pode pedir que alguém marque com ferro por cima. Claro, eles saberão o que é. E mesmo que você distorça a marca, será óbvio o que você fez e por que você fez.

Estes afastou o espelho.

— Agora, tudo que tenho que fazer é reportá-lo como um escravo perdido em qualquer lugar fora de Didymos e será devolvido a mim ou vendido no mercado. E se lembre, meu pequeno esquilo, não acabei de marcar você como um escravo. Eu o marquei como um tsoulus treinado. Se você quiser saber o que acontece com qualquer tsoulus que é pego sem seu idikos, converse com Acheron. Uma vez foi tudo que precisou para ele aprender a não deixar esse palácio sem mim e uma significativa escolta.

Foi por isso que seu irmão se recusou ir com ele.

Grande.

— Por último, no caso de você estar pensando que pode subornar um de meus empregados para dizer a seu pai que o manteve aqui contra sua vontade... nenhum deles exceto dois membros da minha guarda pessoal sabe que você está aqui. Nenhum deles. E enquanto você foi fodido em numerosas ocasiões por vinte e dois homens diferentes, sem contar comigo, eles nunca soltarão uma palavra sobre isso por muitas razões.

Estes devolveu o espelho para a mesa de cabeceira.

— Como eu disse, estou deixando-o ir nesse momento com uma advertência porque eu amo Xerxes, e mesmo que ele não tenha certeza sobre suas origens, ele o ama, e sua perda iria devastá-lo completamente. Mas você nunca deve chegar perto de Acheron ou Atlântida novamente, ou possuirei você de corpo e alma. Então em lugar de se preocupar com seu irmão, devia ser preocupar mais com seu próprio delicioso e comestível rabo.

Ele ergueu o tornozelo direito de Styxx, livrando-o do gancho que o prendia. Em seguida, removeu a braçadeira de ouro. Então se moveu para o outro.

— Oh... quase esqueci.

Ele voltou para a cabeça de Styxx e retirou a mordaça.

— Abra a boca.

— Foda-se!

Estes riu.

— Pequeno garanhão, você já foi. Muitas vezes e de muitas formas, e fará de novo muito mais. Agora abra sua boca.

Styx x recusou.

— Fique a vontade. Mas tenha cuidado. Se a erotiki sfairi em sua língua golpear seus dentes, irá quebrá-los.

Não.

Styx x esfregou sua língua contra o céu da boca e em seguida congelou de horror. Era verdade. Ele tinha uma.

Estes piscou para ele.

— Não é tão habilidoso em usá-lo como Acheron, já que ele tem muito mais experiência, mas você aprendeu muito rápido... Agora, posso retirar?

Styx x abriu a boca imediatamente.

Rindo, Estes tirou, e em seguida se levantou com um sorriso.

— Vou guardar como lembrança de nosso doce tempo juntos, e na esperança que um dia você será estúpido o suficiente para voltar aqui.

Ele soltou o braço direito de Styx x.

— Agora se prepare para partir enquanto tento achar uma escolta que o levará para casa sem cavalgar cada passo do caminho. E não se preocupe se não o fazem, enviarei algumas ervas que ajudarão com qualquer dor que sinta.

Então ele se foi.

Atordoado até o âmago do seu ser, Styx x ficou deitado ali, tentando absorver tudo o que Estes havia dito. Tentando chegar a um acordo com o que foi feito a ele sem o consentimento ou conhecimento dele.

Coisas que não se lembrava de nada.

Depois de alguns minutos, se levantou e foi tomar banho. O fato de saber instintivamente onde doía deu maior credibilidade a tudo o que Estes disse a ele.

No banheiro, espelhos revestiam todas as quatro paredes, congelou com a visão de si mesmo. Seu cabelo estava mais longo e tinha um pouquinho de pelo no queixo e bochechas. Mas o que o encheu de completa consternação foram as marcas por todo o corpo. Não apenas as marcas que ainda estavam em carne viva e sangrando, mas dezenas de hematomas, arranhões, e

marcas de mordidas. Ele podia ver onde alguém chupou, diferentes partes dele, e em alguns lugares, como em suas coxas e braços, havia impressões de mãos inteiras.

E não tinha nenhuma lembrança disso. Nem um único vislumbre.

Parte dele era grata por isso. No entanto, era a coisa mais desconcertante que se poderia imaginar. Saber que foi violado e usado e não saber nada das pessoas que fizeram isso com você.

Não é completamente verdade. Conhecia Estes.

Cobrindo o rosto com as mãos, queria gritar de horror.

Pelo menos Acheron não se lembrava. Ao contrário de Styxx, seu irmão nunca saberia o que aconteceu com eles. O que foram forçados a fazer.

É tudo minha culpa. Tudo. Se tivesse ficado em casa, como Estes disse, não teria acontecido. Devia ter se preocupado mais com sua própria bunda do que com Acheron.

Nunca mais cometerei esse erro novamente. Veio ajudar seu irmão e Acheron o entregou a seu tio. Foi uma lição que ele não esqueceria. Nunca.

Nunca perdoaria Acheron por isso. Como poderia? Tendo em conta o distorcido que Estes era, foi o pior tipo de traição.

Styxx olhou para as palavras que marcavam sua virilha e novamente se encheu de fúria. Enquanto Acheron foi marcado com um símbolo de escravo em geral, ele tinha “prostituto” escrito em seu corpo.

Em dois idiomas.

Se qualquer um visse isso, seria pior que os tendo perguntando sobre as cicatrizes que os sacerdotes deram a ele. Saberiam que Styxx tinha se prostituído.

Não. Treinado e então prostituído.

Consumido pelo ódio e fúria, Styxx levantou o banquinho próximo a ele e o golpeou contra o vidro, quebrando-o. Gritando com o peso de sua humilhação, bateu na parede até que esteve esgotado e cansado demais para continuar.

Cercado por vidro quebrado, caiu de joelhos e passou as mãos pelos cabelos. Como iria encarar seu pai? Ou qualquer outro sabendo o que fizeram com ele?

Acheron estava certo. Com todo o seu título e posição social, Styxx era impotente.

28 de outubro de 9533 a.C.

As mãos de Styxx se agitavam enquanto eles cavalgavam pelos portões do palácio de seu pai. Ele não encontrava nenhuma alegria em volta ao seu lar. Apenas uma sensação terrível de medo e desolação. Mas, pelo menos agora, estaria livre dos homens de seu tio, que provaram ser tão depravados quanto o bastardo ao qual serviam.

Ao se aproximarem do palácio, ele olhou para ver seu pai, Ryssa, e seus servos reunidos para dar-lhe as boas-vindas. Os músicos começaram sua fanfarra.

Levou cada grama de sua força de vontade, para não esporear seu cavalo de volta, e impulsioná-lo em uma corrida mortal para afastar-se o mais longe daqui quanto podia. Ele não podia imaginar o castigo que seu pai lhe daria por partir sem avisar. Já podia ouvir o discurso em sua cabeça.

Isto é a resposta para seus problemas, garoto? Fugir como um covarde? Abandonar seu reino porque não se sentiu bem, etc... etc...

Ele teria sorte se não fosse estapeado nas escadarias, na frente de todos.

Desmontando, Styxx respirou fundo e forçou-se a subir os degraus até onde seu pai esperava. Ele tinha subido apenas dois deles antes que seu pai viesse apressadamente até ele, e o agarrasse em um abraço feroz. Ele agarrou a cabeça de Styxx por trás com sua mão enorme, e o segurou como se ele fosse uma criança pequena.

— Senti sua falta, garoto. — Ele suspirou antes de se afastar e plantar um beijo em cada bochecha de Styxx. — Não, garoto não. — Ele pôs as mãos nos ombros de Styxx e sorriu para ele. — Você é um homem e não devemos esquecer isto.

Quem é você, e o que em nome de Hades você fez com meu pai?

Apavorado, Styxx olhou ao redor, mas ninguém mais parecia achar isto estranho.

Seu pai o puxou de volta para seus braços, e o segurou lá por um minuto inteiro, antes de beijar sua cabeça e o soltar. — Como foi sua viagem?

Eu teria preferido viajar para Tártaros com escorpiões amarrados em minha virilha.

— Bem.

— Você parece como se tivesse crescido novamente. Juro que está mais alto a cada dia. Deixe-me saber se sua armadura não se encaixar, e mandarei fazer outra imediatamente.

Você está fodendo comigo não é, meu velho? Nós vamos entrar no palácio e então você vai me espancar até eu me cagar.

Pegando seu braço, seu pai o levou até Ryssa, que o saudou com sua habitual indiferença arrogante.

Pelo menos alguém não tem compartilhado o lótus.

Ela beijou ligeiramente cada uma de suas bochechas. — Quero que saiba que você quase matou seu pai de preocupação. Até receber a carta do tio, ele pensou que você tivesse sido sequestrado ou pior.

— Ryssa! — Seu pai estalou. — Ocupe seu lugar, mulher.

— Estou ocupando meu lugar, papai. Ele deveria saber o que o fez passar com seu egoísmo irrefletido. É hora de ele aprender a pensar em alguém além de si mesmo.

— Ora, não lhe dê atenção. Ela é uma mulher. Não entende as necessidades dos homens. Venha Styxx, tenho vinho aquecido, pão e queijos frescos para você. Estou ansioso para ouvir como as coisas estão com Estes e Atlântida.

Styxx sentiu o olhar de sua irmã sobre ele, por todo o caminho para cima. E também notou que uma pessoa não estava lá. — Como está mamãe?

Seu pai suspirou profundamente. — Sempre na mesma. Perdida em seus cálices.

E odiando a todos eles com cada gole que tomava. Com exceção de Ryssa, a qual nunca poderia fazer mal.

Quando entraram na sala de jantar, seu pai o soltou para que ele pudesse se sentar, enquanto os servos traziam-lhe refrescos.

Isto confundiu sua mente até mais do que aquilo que Estes fez com ele. — Papai? Posso perguntar uma coisa?

— Absolutamente.

Styxx indicou o mini banquete que estava sendo servido. — O que é tudo isso? Eu estava esperando sua raiva e censura. — A parte de trás de sua mão na minha boca...

— Para ser honesto, estou bravo. Furioso, de fato. Mas quando seu tio me escreveu, ele me lembrou de algumas coisas.

Seu estômago ficou apertado com o medo. — Como assim?

— Que com sua idade eu era casado e esperava minha primeira criança.

Tanto a esposa de seu pai como a criança, morreram durante o parto. Ele se casou com a mãe de Styxx um ano mais tarde.

— E que eu era apenas poucos meses mais velho do que você, quando ascendi ao trono. Ele estava certo. Eu ainda o vejo como uma criança, e há muito tempo o trato como uma. Nunca deveria ter lhe batido em seu retorno. Você é muito velho para isto. É hora de eu e seus tutores, confiarmos para dar-lhe a base que você precisa para ser o homem que eu sei que pode ser. Há muito tempo, permiti que meus medos e dúvidas manchassem minha visão no que se refere a você. — Ele bateu com a ponta do dedo contra a mesa. — Deste dia em diante, isto vai mudar.

Inclinando-se para trás, seu pai chamou por seus servos. — Vá buscar os presentes do príncipe.

Completamente chocado, Styxx não se moveu até que eles trouxeram para dentro um kopis²⁰, uma xiphos e um hoplon, e os colocou na mesa diante dele. Eles deveriam ter sido dados há ele meses atrás, mas seu pai se recusou.

Você não está apto para eles...

Levantando-se, seu pai deu-lhe a espada. — Galen me assegurou que isto iria agradá-lo.

Pasmo com a beleza disto, Styxx levantou-se e desembainhou-a. Semelhante à de Galen, esta estava marcada com uma coroa de louros e as palavras “para ser, ao invés de parecer”. — Então ele olhou para seu hoplon vermelho, que tinha uma fênix preta com a mesma coroa. A crista era coberta com as palavras “eu defendo”. — Mesmo sendo informado da criação deles, esta era a primeira vez que realmente os estava vendo.

— Obrigado, pai.

Seu pai inclinou a cabeça para ele. — Você é agora o campeão deste reino, e ganhou a honra.

Estranho, ele se sentia mais como uma fraude. Não era um homem. Na verdade, ele queria se esconder até que sua vergonha e dor fossem embora.

Como você olharia para mim pai, se soubesse o que foi feito comigo. Que era tão fraco e ineficaz, que foi dominado e usado contra sua vontade, e que a única coisa que pode fazer foi gritar enquanto eles o violavam.

Até seu torturador...

Seu pai deu-lhe um abraço rápido. — Sei que você está cansado de sua jornada. Vá e descanse. Podemos conversar mais tarde.

Sim, ele estava cansado. Mas, mais do que isto, estava confuso e não tinha ninguém a quem recorrer com isto. Ninguém em quem confiar. A realidade amarga disso golpeou-o com força. Ele estava sozinho em seu inferno, e talvez esta fosse a maneira que deveria ser.

²⁰ Faca pesada com uma lâmina curva, usada como ferramenta para abater animais.

Porque os deuses sabiam que ele nunca iria querer que alguém soubesse os horrores que tinha passado.

Quando ele virou-se para partir, seu pai o deteve. — A propósito, seu quarto foi mudado.

— Perdão?

— Era o quarto de um garoto.

Carrancudo, ele seguiu seu pai pelos degraus para a ala oposta, onde as câmaras de seu pai estavam. Enquanto o quarto de seu pai ficava no fim do corredor, o de Styxx ficava na saída das escadas agora.

Seu pai abriu a porta, e em seguida, recuou para Styxx entrar. No momento em que ele o fez, seus olhos se arregalaram. Enorme em comparação ao seu antigo quarto, este era finalmente, do tamanho do de sua irmã. Composto por quatro salas que se abriam uma para a outra, tendo sua própria sala de jantar, aposentos, área estar, e sala de banho.

— Será que isto o agrada?

— Sim, Majestade.

Seu pai começou a partir, então o agarrou para outro abraço apertado. — Sua irmã estava certa. — Ele sussurrou no ouvido de Styxx. — Pensei que tinha lhe perdido para sempre. Rezei para os deuses que você nunca soubesse a tristeza e o medo que senti em meu coração, quando descobri que você partiu sem explicação, e rezei para que eu nunca sinta isto novamente. Eu amo você, Styxx. Do fundo de minha alma.

A incongruência dessa declaração, com as coisas que seu pai disse e fez para ele no passado...

Isto se classificava com uma das declarações semissóbrias de sua mãe, de amor e afeto materno que ela ocasionalmente dava. E tudo isto o deixou perplexo.

Se você realmente me ama, como pôde banir meu gêmeo como se ele não fosse nada?

Como seu pai pôde tê-lo abandonado, quando estava quebrado e sangrando em Dionysion?

Não importa o que seu pai diga, faça, ou dê, nada jamais iria desfazer qualquer uma daquelas ações. Como poderia?

Batendo-lhe no ombro, seu pai virou-se e partiu.

Styxx deixou suas espadas e o escudo na mesa de jantar, e tentou entrar em acordo com tudo o que aconteceu com ele em uma quantidade tão pequena de tempo. Nada parecia real neste momento. Era como se ele tivesse entrado em um sonho, separado de seu corpo e do mundo.

E enquanto ele não tinha nenhuma memória do que Estes lhe fez nestas últimas semanas, tinha pleno conhecimento da festa de caça, do torturador e da jornada para casa.

Nunca mais serei o mesmo...

Styx abriu a bolsa e retirou as ervas que seu tio tinha enviado para casa com ele. Querendo ficar fora de tudo, foi para a cama. Mas nem isso era reconfortante.

Seu pai colocou todos os seus lençóis e travesseiros aqui, não sabendo que o travesseiro menor sobre a cama pertenceu a Acheron.

Styx rangeu os dentes como uma onda de dor tão forte, que deixou seu coração sangrando, devastando-o. Eles foram tão próximos quando garotos. Os melhores amigos. Ele compartilhava tudo com Acheron.

E agora...

Acheron o odiava tanto quanto Ryssa. Seu irmão não tinha nenhuma utilidade para ele.

Ele estremeceu ao lembrar-se das perversões confessadas por Estes, sobre seu tempo em Atlântida. Ele ainda não sabia se era verdade ou não. *E espero pelos deuses que eu nunca saiba.* Porque não estava certo de que pudesse lidar com isto, se fosse a verdade.

Soltando seu manto, olhou para as contusões que provavam seu uso. Por que estas malditas coisas já não curaram? Não que isto importasse. Mesmo depois que elas desaparecessem, ele ainda estaria marcado a ferro como uma prostituta.

Aquela marca ficaria com ele para sempre.

Incapaz de lidar com isto, ele soltou um punhado de ervas no kylix próximo a sua cama, e despejou vinho sobre elas. Quanto mais cedo pudesse se drogar ou embriagar-se para esquecer, mais feliz ele seria. Ele engoliu isso goela abaixo em um gole, então olhou para o travesseiro que o lembrava da infância que ele perdeu. O amor e amizade que nunca teria novamente.

A inocência.

Acima de tudo, lembrou-se do fato de que, quando arriscou sua vida para salvar Acheron, Acheron gritou por Estes, e provocou que Styx fosse levado. Enquanto tentava libertar Acheron, Acheron o prendeu.

— Você filho da puta fodido! — Ele rosnou, agarrando o travesseiro. Com a raiva o estimulando, ele o lançou no fogo e deixou as chamas o queimarem até as brasas.

Então caiu de joelhos no chão, e tentou o melhor possível apagar tudo. Mas era inútil. As novas memórias o torturavam até mais do que as antigas tinham.

Estou condenado.

E não havia como tirar de sua mente que o açoitava mil vezes pior, do que qualquer torturador jamais poderia.

30 de outubro de 9533 a.C.

— Você disse ou fez algo para sua irmã?

Styxx levou um momento para as palavras de seu pai fazerem sentido. Ele a viu apenas uma vez desde seu retorno. Ela perguntou-lhe sobre Acheron e ele se recusou a falar uma palavra qualquer sobre Atlântida. Ela o chamou de egoísta, estapeou-o, e saiu.

Piscando, ele olhou por cima de seu café da manhã e balançou a cabeça. — Não, pai. Por quê?

— Ela foi visitar minha irmã em Atenas. Sei que ela tem seus caprichos e viaja, mas este aqui parece mais súbito do que o normal.

Styxx esfregou a testa enquanto sua cabeça girava. Embora as ervas que Estes lhe deu deixassem seus pensamentos confusos, elas removiam a dor e as vozes. Valia a pena o tempo de reação retardada para ter aquela pequena paz.

— Ryssa não conversa comigo sobre tais coisas. Talvez devesse perguntar a mamãe.

— Ela se enfurece se eu ficar próximo dela.

Mas ela nunca tentou apunhalá-lo no coração.

— Então estou perdido, papai. Nunca entendi a mente de Ryssa.

— Eu me pergunto se tem qualquer coisa a ver com a empregada dela...

— A empregada?

— Aquela que você engravidou. Ryssa tem estado em um péssimo humor, desde que a pivete confessou isto. Ela a despediu imediatamente.

— Eu não fiz...

Seu pai ergueu a mão para silenciá-lo. — Eu cuidei do assunto. Não deixe isto preocupá-lo.

Se estivesse sóbrio, ele provavelmente iria, mas como ele estava... tanto faz

Seu pai o deixou.

— Eu ainda não dormi com ela. — Ele murmurou, agarrando seu kyllix de vinho. Ele nunca tocou em uma mulher e agora duvidava que alguma vez o fizesse.

Até mesmo sua esposa.

A última coisa que queria era arriscar-se que alguém visse a palavra em sua virilha. E com uma mulher, se fizesse, ela correria e contaria a todos sobre isso, porque isto era o que todas elas

faziam. Ele ainda não tinha encontrado uma capaz de manter um segredo, a menos que isto a protegesse.

Quanto aos homens?

Ele preferia morrer a fazer isto novamente. Então aqui estava ele, um bem treinado prostituto que era celibatário. Ele ria se todo o assunto não o enojasse tanto.

Estes tomou muito mais do que sua virgindade e inocência... mais que seu irmãozinho, ele roubou parte da alma de Styxx e todo o seu futuro.

Como ele podia confiar em qualquer um agora?

Todos os seus sonhos de encontrar uma mulher que pudesse amá-lo... foram-se tão rápido quanto Estes o drogou naquela primeira vez.

Ele odiaria seu tio se tivesse sobrado algum espaço para isto. Mas ele odiava a si mesmo demais para odiar a qualquer outro.

Foda-se isto, ele rosnou silenciosamente enquanto agarrava sua bolsa e retirava mais ervas. Ele estava acabando com elas. Mais tarde, iria até a cidade e veria se poderia encontrar alguém que as vendesse.

Por enquanto.

Ele aspirou bruscamente quando uma dor súbita passou por ele, e colocou sua mão em sua virilha, onde a marca ainda doía às vezes. No momento em que seus dedos acidentalmente roçaram seu pau, ele retirou a mão para longe.

Não posso nem ao menos me masturbar agora. Porque toda vez que se tocava, até para tomar banho ou urinar, ele se lembrava de Estes segurando-o com as mãos entrelaçadas...

Fazendo uma careta de desgosto e horror, Styxx agarrou o resto das ervas e esvaziou-as em seu cálice. — Quero apenas esquecer tudo.

Ele bebeu todo o conteúdo do cálice e amaldiçoou em voz alta. Por que, quando Estes teve a capacidade de remover isto, seu tio o deixou com a memória dos nove dias que passou com eles no bosque?

Porque ele é um filho da puta sádico do caralho.

E Styxx era seu prostituto bem usado.

04 de novembro de 9533 a.C.

Styxx apertou sua mão antes que seu pai a visse tremendo incontrolavelmente. Eles estavam realizando sessões de audiência pública para os nobres e cidadãos, e sabia bem como seu pai reagia sempre que tentava desculpar-se. Ele rangeu os dentes para impedi-los de vibrar.

O que há de errado comigo?

Ele se sentia doente e desorientado, e pela primeira vez, não tinha se drogado. Teoricamente, estava sóbrio. Mas certamente não parecia daquele modo.

— Majestade? Sua Alteza está bem?

Styxx se encolheu diante do senador que fez a pergunta. Por que alguém sempre tinha que puxá-lo para a fogueira?

Seu pai olhou para ele, e então ficou boquiaberto. — Styxx? Você está doente?

Ele enxugou o suor dos olhos. — Estou bem, pai.

Para seu choque, seu pai aproximou-se dele. — Olhe para mim.

Ele obedeceu quando seu pai colocou a mão em sua testa.

— Vá buscar um médico! — Seu pai recuou. — Teris? Leve o príncipe para sua cama e seja rápido com isto.

Ele deveria estar próximo da morte, para seu pai ficar preocupado com isto. — Estou bem, pai. Nós podemos continuar.

Seu pai balançou a cabeça, quando Teris, o guarda pessoal de seu pai, moveu-se para erguer Styxx. — Cancele o resto das sessões com minhas desculpas. Diga-lhes que retomaremos pela manhã.

Quando Teris aproximou-se para tocá-lo, Styxx saltou de seu trono. — Posso caminhar. — Mas isto não foi fácil. Ele estava muito atordoado.

— Pelo menos deixe Teris ajudá-lo.

Styxx balançou a cabeça. Ele nunca mais queria sentir outro par de mãos masculinas em seu corpo novamente. Eles poderiam todos apodrecer no Tártaro.

De repente, do nada, Galen apareceu ao seu lado. — Dê-me seu braço, Alteza.

Styxx relaxou na presença da única pessoa em quem ele confiava, e fez como Galen ordenou. Pelo menos quando Galen bateu em torno dele, estava cômodo sobre isto.

E Styxx sempre tinha uma arma em sua mão.

Galen passou o braço ao redor dos ombros dele, e o encaminhou para seu quarto. Sem uma palavra, ele pôs Styxx na cama, em seguida afastou-se quando o rei avançou para estar próximo de Styxx.

— Galen? — Styxx chamou.

O idoso virou-se da porta. — Sim, Alteza?

— Obrigado.

Ele o saudou. — Sempre que precisar de mim, bom príncipe. Estarei sempre à sua disposição.

Seu pai tocou a testa de Styxx novamente. — Não entendo por que você está suando, já que sua pele está tão fria.

Ele não sabia também. Pelo último par de dias, ele irrompeu um suor e tremia sem nenhuma razão aparente. Nunca durou tanto tempo e, felizmente pôde esconder isto.

Até hoje.

Ele não estava certo do que fazia isto diferente. De repente, ele espirrou e seu nariz sangrou. Ele amaldiçoou, apertando suas narinas juntas, enquanto se sentava apesar do quarto rodopiar. O lado inteiro de seu rosto queimava. Naquele momento, ele soube o que estava acontecendo.

Acheron. Alguém tinha atingido o rosto de seu irmão. Forte. Tanto que Styxx teve vários dentes soltos por causa disso.

Mas ele não podia deixar seu pai saber disso.

— Aqui. — Seu pai deu-lhe uma toalha. — Pensei que suas hemorragias nasais tinham parado.

— Não, senhor. — Ele apenas conseguiu escondê-las melhor de seu pai ao longo dos anos.

Styxx enxugou seu rosto. Seus olhos se arregalaram quando sentiu uma nova dor no último lugar que queria sentir uma. Levou cada pedaço de força que tinha, para não chorar quando algo o empalou. O que Estes estava fazendo com seu irmão?

Ele estava desesperado para chegar à gaveta onde mantinha o gel anestésico, mas não ousava usar isto enquanto seu pai pairava tão perto. Nem podia permitir que seu pai visse seu desconforto. E era impiedoso. Como se estivesse sendo partido pela metade.

— Finalmente. — Seu pai disse quando o médico juntou-se a eles.

O médico fez uma reverencia para seu rei. — Sua Majestade. Fui informado que o príncipe está indisposto.

— Ele está. — Seu pai afastou-se para que o médico pudesse examinar o corpo do Styxx.

Styxx encolhia-se toda vez que o homem o tocava.

— De onde vieram estas contusões, Alteza?

— Do treinamento. — Ele mentiu.

Seu pai franziu o cenho. — Não achei que você tivesse treinado desde seu retorno.

— Mestre Galen não estava lá. Treinei sozinho.

Franzindo a testa, o médico afastou-se. — Então como é que você feriu a si mesmo?

— Foi com o pessoal e a lança. — Styxx acrescentou rapidamente.

O médico suspirou antes de falar com o rei. — Acho que para estar seguro, devíamos sangrá-lo.

— Não! — Styxx rugiu com primitiva, pura fúria queimando em suas veias. Depois do que aqueles sacerdotes fizeram com ele, não poderia suportar o pensamento de ser sangrado novamente. Nunca esqueceu a questão de ter um deus sugando seu sangue.

— Styxx! — Seu pai estalou.

— Bata-me. Mate-me. Não me importo. Não serei sangrado. Nunca!

O médico afastou-se da cama como se estivesse apavorado. — Ele está possuído novamente, Majestade?

A fúria de Styxx deu lugar ao pânico. — Não. Pai estou bem. Juro por todos os deuses.

A dúvida nos olhos de seu pai fez seu coração disparar.

— Por favor, pai. Eu imploro a você. — *Não me mande de volta para lá. Por favor, não posso...*

O tempo ainda se manteve até que seu pai balançou a cabeça. — Se precisar ser sangrado...

— Meu nariz sangrou. Certamente há o suficiente sobre a cama já.

— Senhor...

Seu pai ergueu a mão, cortando o homem. — Concordo com o príncipe. Mas se ele não estiver bem pela manhã, prosseguiremos com seu remédio, médico. Agora deixe-nos.

Com um pequeno arquear, ele partiu.

Franzindo a testa, seu pai moveu-se para ficar próximo à cama. — O que há de errado com você?

— Fui sangrado à beira da morte pelos sacerdotes, pai.

— E eles o curaram.

Você bastardo estúpido. — Não, pai. Isto me enfraqueceu de uma forma que não posso explicar. Basta dizer, que tive cura o suficiente para ter certeza que de fato não funciona. Isto vai passar por conta própria, por favor, confie em mim.

— E se você estiver possuído?

Ele quase podia rir disto. Como poderia estar possuído pelos deuses que o abandonaram?
— Pai, por favor. Tive sangramento nasal por toda minha vida. Quanto a isto... é uma doença do estômago. Eu me sinto indisposto desde esta manhã, e não quis aborrecê-lo reclamando. Não é nada.

Seu pai inclinou a cabeça. — Devo concordar com você então. E enviarei um servo para cuidar de você.

— Prefiro ficar sozinho.

Ele franziu a testa. — Você está...

— Papai, por favor... não quero ninguém aqui, perturbando-me de qualquer forma. Vou ficar bem sozinho.

— Deixarei alguém postado na porta. Chame se precisar de alguma coisa.

— Obrigado.

Assim que seu pai se foi, Styxx rolou para fora da cama até o baú, onde escondia sua pequena bolsa. Com suas mãos tremendo, agarrou um dos supositórios e rapidamente administrou isto, junto com o gel entorpecente.

Com a respiração ofegante, ele retornou para a cama e suspirou, embora ainda pudesse sentir a mesma coisa que estava causando dor tanto nele como em seu irmão. Fechando os olhos, desejou que ainda ignorasse o que era. Porque agora que sabia exatamente o que estava sendo feito a Acheron, ele entendia o verdadeiro horror que seu irmão vivia.

E não havia nada que pudesse fazer sobre isto. Ele tentou libertar seu irmão e Acheron se recusou.

Maldito seja ele por isso.

Styxx ofegou quando outra dor o apunhalou, e então riu amargamente. Seu irmão não era o único maldito. Eram os dois. Duas vidas amarradas em completa e absoluta miséria.

15 de novembro de 9533 a.C.

Styx passou a mão pelos cabelos enquanto sua cabeça bombeava. Ele estava tão chapado agora, que daria a sua mãe uma boa corrida. As ervas que comprou na cidade eram muito mais fortes do que a mistura de Estes. O comerciante não tinha brincado quando lhe disse que aliviaria qualquer doença que o atormentasse.

Mas honestamente, ele não queria se sentir assim. Queria apenas ser normal novamente.

O que você sabe sobre normal?

Nada. Ele nunca foi normal. Não como as outras pessoas. E tudo por causa de seu irmão. Se Acheron tivesse nascido com olhos humanos, ninguém nunca teria sabido. Nenhum deles teria sido torturado...

Um golpe soou em sua porta.

— Sim? — Ele ergueu a cabeça para ver uma serva bonitinha lá.

Ela se curvou. — Sua Majestade solicita que se junte a ele no pátio exterior, Alteza.

Solicita... Ele adorava sempre que seu pai usava tais palavras. Como se Styx tivesse escolha no assunto. Se ele não fosse, seu pai ficaria furioso.

Ele chacoalhou a cabeça para limpá-la, então se forçou a ficar em pé.

A empregada não se moveu quando ele aproximou-se dela. Em vez de sair de seu caminho, ela se plantou de forma que ele teria que roçar seu corpo luxuriante para sair.

Mordendo seus lábios, ela deu-lhe um ansioso olhar quente. — Você gostaria que eu preparasse seu quarto enquanto está fora, Alteza? Eu poderia facilmente estar aqui em seu retorno. — *Seria a melhor amante que você já teve. Eu poderia e de bom grado chupar seu néctar até que fique cego com isto...*

Ela era bonita e tentadora. Mas neste momento, sua marca ainda estava claramente óbvia. Ele teve sorte do médico não tê-la visto. A última coisa que queria era ela fofocando para o resto dos servos sobre seu príncipe ser um prostituto.

— Não, obrigado.

Ela fez um beicinho com seus lábios sedutores. — Talvez mais tarde, Alteza? — *Se eu pudesse carregar um bastardo real, nunca mais teria que trabalhar novamente.*

Isso reprimiu sua ereção melhor que um banho gelado. Diferente de seu progenitor, ele não acreditava em abandonar as crianças que gerasse. O mundo e as pessoas eram extremamente cruéis com isto. — Não. Obrigado.

Ele a deixou e encabeçou para onde seu pai estava esperando do lado de fora, no brilhante sol da manhã que partia sua cabeça com dor. Levantando a mão para proteger seus olhos injetados de sangue, ele parou próximo à cadeira almofadada que seu pai estava reclinado. — Você me chamou Majestade?

Seu pai bufou. — Esperava que levasse mais tempo para responder.

— Como assim?

— Deveria estar apreciando os encantos da pequena atrevida que lhe enviei. Esperava que ela fosse agradá-lo. Ela é extremamente talentosa. Uma das melhores que temos.

Grande. Apenas o que ele procurava. Uma prostituta dos refugos de seu pai.

— Perdoe-me, pai. No passado, sempre que demorava depois de uma convocação, você não levava isto muito bem.

Seu pai riu. — Isto é verdade. No futuro, quando enviar um homem ou mulher mais velha para você, venha rapidamente. Mas quando for uma encantadora serva... não se apresse. — Ele gesticulou para a cadeira ao lado dele. — Venha e se sente comigo durante algum tempo. Tem algumas coisas que desejo discutir com você.

Sua cabeça ainda estava bastante confusa, Styxx moveu-se para a cadeira, e fez o possível para evitar que seu pai percebesse suas condições.

Um servo aproximou-se para despejar vinho, então retornou para uma distância fora de alcance de ouvir.

— Nós podemos entrar em guerra logo.

Styxx arqueou a sobrancelha para isto. — Com quem?

— Os arcadianos. Eles estão invadindo Corinto, e como você sabe, os Coríntios têm sido nossos aliados há muito tempo. O rei Clietus solicitou-me um compromisso de forças, de forma que ele possa repelir os Arcadianos.

— Por que você está confidenciando comigo?

— Gostaria de saber o que você faria se fosse rei.

— Encontraria-me com meus conselheiros e não com meu filho sem experiência.

Seu pai realmente riu disto. — Eu me encontrei com meus conselheiros, e tomei uma decisão, mas queria saber o que você faria em meu lugar.

Ah, isso explicava esta lição fútil. — Você está pondo-me à prova.

— Estou realmente.

— E se eu falhar?

— Prefiro que falhe como príncipe do que como rei.

Styx tomou um pequeno gole de vinho e recostou a cabeça, enquanto seus pensamentos rodopiavam. — O que seus conselheiros disseram?

— Que nós devemos isto aos Coríntios, para ajudá-los. Eles têm sido aliados vitais por muito tempo. Não acham que devemos fazer um novo inimigo, quando não temos... Então me diga garoto, o que você faria?

Tomaria uma decisão enquanto não estiver chapado.

Mas ele não poderia dizer isto a seu pai. Então respondeu o melhor que podia com sua mente enevoada, com as lições que Galen o ensinou. — A decisão de ir para a guerra não é apenas pensar no que acontecerá se você ganhar. Mas, principalmente pensar sobre o que acontecerá se falhar, e pesar os benefícios de ganhar contra as consequências de perder. O que eu não faria seria enviar bons homens de Didymos para morrer por um rei fraco demais, para assegurar seu trono sozinho. Se os arcadianos ganharem dos coríntios, eles não pararão. Nunca o farão, e como os dorianos, seus soldados são profissionais ferozmente treinados, que são inumanos em seus âmagos cruéis. — *Enquanto isto, a maior parte dos soldados coríntios e didymosianos são cidadãos comuns que treinam apenas alguns dias a cada mês, ou duas semanas ao ano.* — Os arcadianos mantêm muito mais território e tem quatro vezes o exército dos coríntios. Ainda que enviemos todos que treinamos, não será suficiente para pará-los, e os coríntios cairão. Então, com raiva de nós por nossa aliança e ajuda, os arcadianos virarão sua atenção para Didymos, sabendo que estaremos debilitados agora, pela guerra, e incapazes de repelir seu exército maior. Pelo contrário, eu enviaria um emissário e tributos para o rei de Arcádia, para iniciar uma aliança com eles. Especialmente desde que os arcadianos margeiam os dorianos, que são nossa maior ameaça. Caso os dorianos não voltem seus olhares para nossas riquezas e terras, isto nos beneficiaria a ter uma aliança com o reino que os limita ao norte e leste, enquanto os temos ao Sul. Até com suas forças muito bem treinadas, os Dorianos não podem ganhar uma guerra com três frentes, contra um inimigo unido com desdém mútuo por eles.

— Por que os arcadianos deveriam confiar em nós, depois que teríamos acabado de quebrar uma aliança com os coríntios?

— Que tolo realmente confia em um aliado? O rei arcadiano é mais esperto que isto, e entenderá e respeitará que você é muito inteligente para ser levado a uma guerra perdida. Além disso, ele sabe que uma aliança conosco poderá ajudá-lo se os Dorianos vierem após a participação deles. Se isto não for uma razão suficiente, o rei de Arcádia ficou viúvo recentemente. Sua filha virgem é uma das mais bonitas de todas as mulheres da Grécia. Ofereça a mão dela para adoçar o empate.

Eu devia ter pensado sobre isto.

Styx fingiu não ter ouvido o comentário mental de seu pai. — Então o que você faria pai?

— Eu segui a sugestão dos meus conselheiros. — *E pergunto-me se podemos chamar de volta o emissário...* Ele ergueu seu cálice em saudação a Styx. — Talvez seja hora de nomeá-lo como um de meus conselheiros.

Styx zombou. — Seus conselheiros ficariam altamente ofendidos por ter-me em suas fileiras, dada a minha idade e experiência de guerra. Eles tomariam isto como uma afronta pessoal, e pensariam que você está zombando deles com minha presença.

Seu pai franziu o cenho. — Quando se tornou tão bom em diplomacia?

Nascendo. Ele foi forçado a navegar tanto com os humores e caprichos de sua mãe, quanto de seu pai por toda sua vida. Mas seu pai nunca perguntou sua opinião antes, e no passado ele estava muito sóbrio para dá-los.

Seu pai estreitou os olhos nele. — Aqui está minha próxima pergunta. Você teria a mesma resposta se os Coríntios fossem liderados por uma rainha bonita ao invés disso?

Styx riu com o pensamento.

Seu riso morreu um momento mais tarde, quando olhou para cima para ver sua irmã se aproximando. Pelo olhar comprimido em seu rosto, ele se perguntou se ela não ouviu sua sugestão para casá-la. Ela estava em um pique feroz e não se importou que percebessem isto.

Isso despertou o irmão mais novo nele, e não pôde resistir a irritá-la mais. — Ei, é a cabeça de bode. Onde você esteve querida irmã?

— Longe. — Ela retrucou furiosamente com um olhar glacial que deveria tê-lo deixado em pedaços sangrentos no chão. Rudemente, ela o dispensou e virou-se para enfrentar seu rei. — Papai, eu poderia ter uma palavra a sós com você?

Seu pai olhou para ele antes de responder. — Qualquer coisa que tenha a dizer-me pode ser dita na frente de seu irmão. Um dia Styx será seu rei também, e você responderá a ele.

A expressão no rosto dela dizia que não poderia pensar sobre nada pior. Como se ela soubesse de verdade como o inferno e a miséria eram. Entretanto ninguém jamais bateu nela por qualquer ofensa. E nunca a prenderam...

Styx estremeceu com as lembranças cruéis, e açoitou uma vadia que o golpeava todas as vezes que se aproximava. Se não fisicamente, verbalmente.

Ele devia ser chicoteado, Papai... Ele não é nada mais que um intimidante egoísta mimado.

Todas as vezes que podia, ela piorava seus castigos. Não havia nenhuma dúvida que se estivesse na viagem de caça, ela os teria encorajado a serem ainda mais duros com ele. Mais cruéis.

Se estivesse sóbrio, ele provavelmente não teria dito nada a ela. Mas hoje...

— Isto é verdade. — Ele disse maliciosamente, tomando outro gole de seu vinho. — Isto significa que você terá que beijar meus pés como todos os outros.

Como se alguém já tivesse...

Seu pai riu para ele. — Você é um patife.

Ryssa mordeu o lábio e o alfinetou com um olhar glacial, que dizia claramente que desejava que ele estivesse morto e queimado. Que se ressentia de cada respiração que ele dava.

— Então por que você está aqui, gatinha? — Seu pai perguntou. — Deseja alguma nova quinquilharia ou roupa?

— Não. Quero trazer Acheron para casa.

Styx desviou seu olhar quando aquelas palavras o transpassaram, e fizeram seu coração saltar uma batida. Ela de alguma maneira sabia o que Estes tinha feito com eles?

Seu pai estalou indignado. — Agora veja isto, o que deu em sua cabeça tola? Eu lhe disse várias vezes como me sinto. Aquele monstro não pertence a este lugar.

Um apavorante terror espalhou-se por Styx, quando roçou sua mão contra as palavras que Estes marcou a ferro em sua virilha. Se seu pai mandasse buscar Acheron agora, Estes poderia expor a ambos apenas por maldade vingativa.

E como Styx poderia negar o que claramente estava marcado a ferro sobre seu corpo?

De fato, não havia como dizer o que Estes faria, ou Acheron, no que dizia respeito a este assunto. Seu irmão ficou louco quando Styx tentou libertá-lo. Acheron estava completamente dócil e submisso com todos os caprichos de Estes.

E se Acheron dissesse que Styx foi um participante voluntário? Que ele implorou-lhes para prostituí-lo...

Styx franziu o lábio e falou em voz alta antes que pudesse se conter. — Por que você o quer aqui? Ele é um perigo para todos nós.

— Um perigo como?

De uma maneira que você não pode nem ao menos imaginar, garotinha.

O rei olhou para ela. — Você não sabe do que um semideus é capaz. Ele pode matar seu irmão enquanto ele dorme, matar-me, matar a todos nós.

Acheron poderia dizer ao reino inteiro que sou um prostituto que ele ajudou a treinar... Sem dúvida, ela apreciaria ver sua humilhação tornar-se pública. Saber como ele foi degradado e abusado.

Por Acheron, ela lamentaria. Por ele, ela apenas ria.

Espero que você consiga o que merece...

Ryssa bateu o pé. — Por que você não teme por Estes?

— Estes o mantém sob controle.

Styxx rangeu os dentes enquanto aquelas palavras ecoavam em sua cabeça. Então seu pai sabia que Estes drogava seu irmão. No que dizia respeito a este assunto, ele poderia até saber que Estes batia em Acheron por submissão. E por que ele deveria se importar? Os deuses tinham testemunhado que seu pai muito raramente o poupava de uma surra.

Por tudo o que sabia, seu pai enviou para Estes os chicotes que usava em Acheron. Aquele pensamento o adoeceu a ponto de quase vomitar.

O que mais seu pai sabia?

— Acheron pertence aqui, conosco. — Ryssa disse, com a voz embargada com emoção.

Seu pai ficou em pé. — Você é uma mulher, Ryssa, e muito jovem para isto. Sua mente se ocupará melhor com moda e decoração. Planejando seu vestido para uma festa. Acheron não pertence a esta família. Ele nunca pertencerá. Agora vá encontrar sua mãe e fofocar. Styxx e eu temos assuntos importantes para discutir.

Ela olhou para ambos. — Assuntos mais importantes que seu próprio filho?

— Ele não é meu filho!

Aquelas palavras cortaram o coração de Styxx. Toda vez que seu pai dizia isto, uma parte dele morria. Porque ele sabia a verdade.

Não havia como negar a legitimidade de um gêmeo e abraçar outro. A cicatriz em seu braço testemunhava a dúvida do rei, no que dizia respeito à Styxx.

Assim como Acheron...

Ryssa balançou a cabeça. — Então toda aquela história que me contou sobre proteger Acheron estava errada?

Seu pai franziu o cenho. — Sobre o que você está falando?

Os lábios dela tremeram antes de responder. — Você me disse quando eles levaram Acheron para longe, que estava fazendo isto para protegê-lo. Disse que os dois herdeiros não

deveriam ser criados juntos, pois seriam um alvo adicional para os inimigos. Disse que traria Acheron para casa, quando ele fosse velho o suficiente. Você nunca teve a intenção de trazê-lo para cá, não é?

— Deixe-nos!

Ela virou-se nos calcanhares e saiu como um furacão.

Atordoado, Styxx repetiu suas última palavras em sua cabeça. — Você disse realmente isto a ela, pai?

Ele se sentou com um bufo. — Quem sabe? Quem se importa? Disse-lhe o que tive que dizer para impedi-la de me chatear. Ouça minhas palavras Styxx, não há nada mais irritante do que uma mulher querendo do seu jeito.

Ignorando aquele último pedaço, Styxx preparou-se para a pergunta que precisava que fosse respondida. — Por que enviou Acheron para Atlântida? A verdade, pai.

Porque sempre que olho em seus olhos miseráveis, eu odeio você. O pensamento de seu pai partiu seu coração.

— O que isto importa? — Seu pai estalou furiosamente. — Acheron não é um membro desta família. Ele não pertenceu a este lugar.

— E o fato de que ele compartilha meu rosto?

— Um truque dos deuses.

Mas eu sou o único com poderes. Acheron tem apenas os olhos.

E seu pai o odiaria e o negaria também, se alguma vez imaginasse aquela verdade.

Eu realmente não sou nada...

Pior, ele não tinha nada.

09 de dezembro de 9533 a.C.

Styxx estava dormindo quando alguém o agarrou e o arrastou de sua cama no meio da noite.

— Onde ele está?

Seu atacante arremessou-o contra a parede com muita força, sua respiração deixando seu corpo.

— Maldição, garoto! Responda-me, ou então Deus me ajude, eu o estriparei!

Styxx finalmente reconheceu a voz de Estes na escuridão. Mas pela sua vida, não entendia por que seu tio estava tão bravo. — Ele foi para Arcádia.

Estes olhou sarcástico. — Não meu irmão, seu puto estúpido. O seu! O que você fez com Acheron?

O que?

Styxx encarou-o sem entender. — Ele está com você.

Estes o esmurrou no estômago, então começou a chover golpes nele tão rápido e furiosamente, que Styxx não podia nem erguer os braços para se defender. Ele estava muito atordoado pelas ervas, pelo sono, e agora pelos golpes. Caindo no chão, ele tentou rastejar para longe, mas Estes o seguiu, chutando-o tão forte quanto podia a cada passo.

Depois de alguns minutos, ele agarrou Styxx então o empurrou de costas e o prendeu no chão. Ele apertou seu antebraço contra a garganta de Styxx, cortando sua respiração.

Ofegante e na mais absoluta miséria, Styxx encarou Estes. O luar atravessa o rosto de seu tio, mostrando-lhe a extensão de fúria de Estes... não que o espancamento não tivesse lhe dado uma pista.

— Onde você colocou seu irmão?

— Eu não o vi desde que deixei Atlântida.

Estes o sufocou com força, os ouvidos de Styxx zumbiam. Sua vista escureceu.

— Não minta para mim.

— Não estou.

O mal refletia nos olhos impiedosos de seu tio. — Vamos ver, não é? — Ele puxou algo de sua bolsa e forçou-o na boca de Styxx.

Styx tentou cuspiu, mas Estes não o deixou. Ele se sentou em seu peito e o segurou lá com a mão na boca e no nariz de Styx até que ele fosse forçado a engolir.

— Se você estiver mentindo para mim, garoto... se tirou Acheron de mim, todos em todo o império e na Grécia, saberão o puto que você realmente é. Todos saberão quanto você implorou para ter um pau empurrado em sua boca e rabo. Você está me ouvindo?

Rosnando em fúria, Styx tentou seu melhor para lutar com seu tio, mas isto foi inútil. Estes era muito mais forte e maior.

E ele não se mexia.

Ele segurou as mãos no rosto de Styx até que a droga que ele deu-lhe fizesse efeito.

A respiração de Styx o abandonou com um suspiro, quando o quarto rodopiou e ele perdeu o controle completo de seu corpo e mente.

Seu tio finalmente soltou suas mãos. — Você pode me ouvir?

Ele respondeu contra sua vontade. Era como se não tivesse nenhuma habilidade para controlar suas próprias palavras. — Eu o ouço.

— Onde está Acheron?

— Eu não sei.

— Quando você o viu pela última vez?

Styx piscou lentamente quando a memória retornou. — Quando ele segurou meus tornozelos, enquanto eu era marcado a ferro com uma prostituta por seu guarda. Você o teve soprando através da queimadura, e então lhe ordenou para sair.

— Você não o viu desde então?

— Não.

Estes acariciou os cabelos de Styx para trás de seu rosto. — O que mais você lembra sobre Atlântida, pequeno Styx?

Uma única lágrima deslizou do canto de seu olho, quando as memórias repugnantes o assaltaram. — Tudo.

Seu tio sorriu em seu rosto. — Tudo? Vamos colocar isto a prova, não é?

12 de dezembro de 9533 a.C.

Styx acordou coberto de sangue e contusões, e todo dolorido. Sua cabeça latejava e sua garganta estava tão áspera, que se perguntou se estava sangrando também.

— Aqui.

Algo bateu-lhe na cabeça, então caiu sobre o colchão ao seu lado.

Confuso, ele abriu os olhos para ver Estes no quarto, não muito longe. Naquele momento, os últimos dois dias bateram nele.

— Você bastardo do caralho!

— Mas não sou eu o marcado a ferro como uma prostituta.

Styx olhou para ele.

— Tome o remédio. Sei que está rouco e com dor. Mas eu queria mostrar um ponto. Tão ruim quanto foi, teria sido muito pior se você tivesse o ajudado... e se não puder encontrar seu irmão, voltarei para você.

— E meu pai?

— Ele está em Arcádia, não está? Pena que não foi com ele. Mas ele o deixou para trás, para atender a qualquer coisa que poderia surgir aqui em casa.

Os dentes de Styx batiam com mais dor atormentando-o. Estes tinha espancado-lhe e o estuprou também. Mas pelo menos não o distribuiu para os outros.

Desta vez.

— O que está esperando, Alteza? Você quer que eu o ajude a administrar isto?

— Não! — Styx rosnou. — Não quero nunca mais suas mãos em mim novamente.

— Bem, isto não vai acontecer. — Estes empurrou seu queixo em direção a um pequeno baú próximo à cama. — Deixei-lhe um presente. Agora sairei para procurar por seu irmão. Eu o encontrarei, e se descobrir que o ajudou de qualquer forma, você lamentará isto.

Com a mão tremendo, Styx puxou o supositório para fora da bolsa que seu tio tinha lançado sobre ele, e inseriu-o enquanto Estes assistia.

Estes o rolou de costas. Ele segurou o queixo de Styx em sua mão. — Não se preocupe, todos os hematomas curarão antes que seu pai retorne. Para os seus servos... eu disse a eles que você estava doente com sua hemorragia nasal, e que estava cuidando de você. — Ele bateu-lhe levemente no rosto duas vezes. — Você pode querer manter a mentira por mais alguns dias.

Ele deslizou para fora da cama e passou um sorriso faminto sobre o corpo nu de Styxx. — Até a próxima vez, sobrinho querido.

Styxx sentiu as lágrimas não derramadas pinicarem seus olhos, enquanto olhava fixamente para o teto. Que os deuses o amaldiçoem, Acheron! Se pretendia fugir, por que não podia ter vindo com Styxx?

Por quê?

Porque isto o teria poupado destes últimos dois dias de abuso...

Bem no fundo, ele odiava seu irmão. Mas outra parte dele estava feliz que Acheron estivesse livre. Que conseguiu sair debaixo do punho hostil de Estes.

Ainda que isto significasse um inferno para ele mais tarde, esperava que Acheron nunca fosse achado. Então pelo menos um deles poderiam ter alguma paz e felicidade.

20 de fevereiro de 9532 a.C.

Era um dia excepcionalmente quente quando Styxx se sentou nas cadeiras comuns do ginásio, assistindo o jogo abaixo. Seu pai deu-lhe a manhã de folga, enquanto conversava com seus conselheiros sobre a guerra. Existia uma chance de que seu pai poderia ter que viajar novamente, e queria que Styxx ficasse.

Algo que o aterrorizava.

Nenhum deles ouviu falar de Estes. Styxx não sabia se isso era uma coisa boa ou ruim. Estes achou seu irmão ou Acheron ainda estava livre?

Esperava o último, mas desde que Estes o deixou só, temia que seu irmão tivesse sido achado.

Suspirando, olhou para a direita e congelou quando fez contato visual com um homem que nunca viu antes. Era um interesse licencioso que Styxx estava familiarizado por mais tempo do que queria estar.

Styxx puxou o capuz, certificando-se que nenhuma parte de seu rosto estava a mostra.

Assim que o jogo acabou, levantou-se para sair. Mas não foi muito longe antes que o homem que o estava olhado fixamente o pegou pelo braço e o forçou a parar.

A princípio Styxx pensou que ele poderia tê-lo reconhecido, mas se ele sabia quem era Styxx, saberia mais do que tocá-lo.

— Nasceu livre? — O homem perguntou. *Deuses, espero que não. Eu adoraria tê-lo sem problema.*

— Desculpe-me?

Ele passou um olhar faminto pelo corpo de Styxx.

— Quero conversar com você por um momento.

Styxx se virou e colocou o máximo de distância entre eles quanto podia. Mas o homem o seguiu e o pegou fora do ginásio.

Dessa vez, seu aperto foi feroz.

— Não vire as costas para mim, rapaz.

— O que você pensa que está fazendo?

Uma profunda voz masculina rosnou.

— Sabe a quem está se dirigindo?

Styx deu a cabeça para ver Dorus, o filho mais novo do conselheiro principal do seu pai. Embora só falassem de passagem, conheciam-se há anos.

Mas a última coisa que queria era ser revelado assim. Deu um olhar de advertência para Dorus.

— Quem é ele?

O homem exigiu.

— Meu servo, — Dorus disse rapidamente, compreendendo o ardil.

— Solte-o, agora mesmo. Ou vou ter você preso por tentar fugir com minha propriedade.

O homem soltou.

— Ele pertence a você?

Uma luz especulativa escureceu seu olhar.

— Já o alugou?

— Não.

— Gostaria de começar?

Dorus se enrijeceu de raiva.

— Novamente, eu digo não. Agora, se você nos desculpar.

Estalou os dedos para Styx, que saiu logo atrás dele. Depois que contornaram um edifício, Dorus parou e olhou para trás.

— Ah, graças aos deuses, ele se foi.

Styx deu um suspiro de alívio que até Dorus ergueu uma sobrancelha curiosa para ele.

— Não quero ser rude, Alteza, mas o que está fazendo vestido como um plebeu?

— Fui a um jogo.

— E?

Styx deu de ombros.

— Não quis me sentar no camarote real. Ninguém me deixa sozinho lá.

Alguém estava sempre tentando servi-lo ou o acompanhando. Era uma interrupção constante até o ponto que não podia ouvir os atores.

E todo mundo fora do camarote o olhava com ódio.

— Então você foi com roupas comuns e sentou na área comum sem seus guardas... fascinante.

Styxx congelou quando percebeu que não estava ouvindo os pensamentos de Dorus. Como era raro e maravilhoso. Não acontecia muitas vezes, e amava o silêncio mental.

— Obrigado por sua ajuda. Não vou esquecê-la.

Dorus se curvou para ele.

— Sempre ao seu dispor, Alteza. E caso deseje ir novamente, deixe-me saber e conseguirei os piores lugares na casa.

Styxx quase riu de seu inesperado humor. Começou a sair, em seguida parou. Não havia nada para fazer no palácio. Mas o homem ao lado dele parecia um companheiro decente. Pelo menos por algumas horas.

— Dorus? Gostaria de jantar comigo?

— Seria uma honra, Alteza.

Styxx abaixou o capuz enquanto caminhavam em direção a um pequeno centro onde poderiam comer em relativa paz.

O dono veio imediatamente e se curvou na frente de Styxx.

— Alteza, é tão bom vê-lo novamente. Venha, tenho uma mesa privada para você.

Ele os levou pelo pequeno edifício, para uma mesa e cadeiras em um canto na parte de trás que tinha uma cortina para protegê-lo do resto dos ocupantes.

— Gostaria do seu pedido habitual?

— Por favor, Cosmo. Obrigado.

Ele correu para fazer.

Styxx se sentou de costas para a parede enquanto Dorus tomou a cadeira em frente a ele.

— É bom ser rei, não é? — Dorus brincou.

Se o bastardo soubesse a verdade... — Príncipe, e sim. Alguns dias são.

— Mas não todos os dias?

Styxx engoliu com força. Era muito raro desfrutar os privilégios de sua posição. Mas não ia confiar em alguém que não conhecia direito. Alguém que o acharia mesquinho por reclamar.

— Estava no jogo?

— Não, Alteza. Estava retornando para casa do mercado, quando o vi. A princípio, não tinha certeza se estava certo. Mas estava.

Cosmo retornou com taças de vinho, enquanto seus servos traziam a comida. Styxx e Dorus derramaram um pouco de vinho no chão como tributo aos deuses antes de tomarem sua própria bebida.

Styxx passou várias horas com Dorus, conversando sobre tudo e nada. No momento em que se separaram, tinha um amigo. Pelo menos foi isso que assumiu que eram. Desde que nunca teve um antes, não estava certo.

Provavelmente só falou com você porque é príncipe. Talvez. Mas ele pareceu sincero em seu interesse. E desde que Styxx não podia ouvir os pensamentos dele, por que não? Ainda que Dorus tivesse segundas intenções, foi agradável rir e conversar com alguém por uma vez, mesmo não sabendo se a pessoa pensou que era um completo bundão, absolutamente mimado.

— Onde estava?

Ele fez uma pausa no interior do palácio com o tom exigente do seu pai.

— Na cidade.

Franziu o cenho quando viu a carranca severa do rei.

— Algum problema?

— Recebi notícias perturbadoras de seu tio.

Styxx ficou frio enquanto o pavor tomou conta dele.

— O que ele disse?

— Acheron fugiu. Ele escreveu para perguntar se o vi. E você?

Styxx se forçou a não demonstrar emoção nenhuma.

— Não, pai. O tio disse mais alguma coisa?

Como me prostituiu para outros.

— Para falar a verdade não. Perguntou por você e te mandou um presente.

Seu estômago se contorceu com medo.

— Que presente?

— Não o abri. Está em seu quarto. Por que você não se refresca? O jantar será servido em aproximadamente uma hora.

Deu a seu pai um arco curto antes de ir para o quarto com as penas trêmulas. O que Estes enviou para ele?

Isso não pode ser bom.

Fechando a porta de seu quarto, viu a caixa esperando na mesa. Seu coração palpitava enquanto cruzou o quarto, e em seguida ergueu a tampa e amaldiçoou em voz alta. Dentro estava o erotiki sfairi que seu tio removeu de sua língua e a pequena identificação de ouro que ficou ao redor seu pescoço. A identificação de um tsoulus.

Styx abriu a nota.

Se eu não tiver minha propriedade de volta em minha casa até o seu aniversário, você tomará o lugar dele. Se fosse você, faria tudo o que puder para ajudar o seu pai a encontrá-lo.

Styx fechou a caixa e começou a lançá-la no fogo. Mas se conteve.

E se fosse encontrado parcialmente queimado?

Então a escondeu no peitoral da janela. Ia levá-la e lançá-la no mar, no dia seguinte.

A nota, porém, queimou, certificando-se de não deixar vestígios para trás.

O que vou fazer?

Recusava-se a ajudar Estes a encontrar Acheron. Nunca poderia viver consigo mesmo se devolvesse seu próprio irmão para aquela existência.

Está disposto a ser um prostituto no lugar dele? Depois do que ele fez com você?

Acheron o traiu e o segurou e riu enquanto Estes o marcava como um tsoulus.

Bem-vindo a meu mundo, irmão. Quero que pense em mim toda vez que ver “prostituta” ao lado do seu pau.

Estava furioso com isso e as duras palavras de Acheron. Queria o sangue do seu irmão por isso.

Mas querer sangue e realmente condenar alguém a algo tão horrível.

Não posso fazer isso. Não era seu pai.

Além disso, já era um prostituto. E como Estes mostrou, podia ser atacado, mesmo na segurança de sua própria cama. A cama, não dormia nela desde então. Não podia suportar. Toda noite, arrastava seus cobertores para a antessala para dormir no chão e toda manhã, os retornava para sua cama para que ninguém soubesse.

No entanto, se Estes cumprisse sua ameaça, todo mundo saberia o que era.

E como foi usado.

21 de junho de 9532 a.C.

— Não entendo as mulheres.

Styx não disse nada enquanto seu pai continuava a criticar Ryssa enquanto viajavam para o palácio de verão. Seu pai a chamou para casa e ela se recusou a retornar.

Então lá estavam eles, indo buscá-la.

— O que tem em suas cabeças?

Styx deu de ombros.

— Piolhos?

Seu pai riu.

— Só você para melhorar meu humor hoje.

Suspirando, seu pai desmontou.

Styx deslizou para o chão enquanto os guardas desmontavam. O palácio parecia vazio. Entretanto sempre parecia quando não estavam na residência.

Normalmente, teriam se mudado há um mês, mas com a guerra iminente, seu pai decidiu ficar mais perto do continente e no palácio que era mais fácil proteger e mais central.

Seu pai esperou que os guardas abrissem a porta antes de entrarem e encontrarem o palácio vazio por dentro, como parecia do lado de fora. Mas, enquanto procuravam por ela, era óbvio que alguém estava na residência. A mobília estava descoberta em vários dos quartos pequenos, e os aposentos de Ryssa estavam com flores frescas.

O rei balançou a cabeça enquanto olhava ao redor.

— Ela deve estar lá atrás.

Styx seguiu seu pai pelas portas e jardim.

— Ela sempre preferiu o pomar, — lembrou a seu pai. Entretanto tinha um ataque a qualquer momento em que Styx tentava se juntar a ela lá. A última vez que ficaram aqui, ela ainda o golpeou na cabeça com uma maçã quando ele foi dizer a ela que tinha recebido uma carta de sua tia. Então ela teve a coragem de dizer para seu pai que ele a estava espiando.

Recebeu uma dúzia de chicotadas por isso. *Uma mulher precisa de sua privacidade, menino. Não espione a sua irmã.*

Nunca contou a seu pai sobre a maçã que levou na cabeça. Porque que seu pai o teria visto como um bebê chorão, que teria resultado em outra surra.

Quando entraram no pomar, Styxx desacelerou ao som de duas vozes.

Ryssa e Acheron.

Queria agarrar seu pai e puxá-lo para longe daqui, mas era muito tarde. Seu pai os viu e estava furioso com isso.

Ryssa se levantou de onde estava sentada no chão ao lado de Acheron.

— Pai. Por que está aqui?

— Onde você estava?

Ele exigiu enquanto se movia para frente.

— Já estamos no meio do ano e ninguém viu você.

— Eu te disse você, queria tempo.

— Pai?

A voz excitada de Acheron interrompeu Ryssa e desviou a atenção de seu pai em direção a ele.

Droga, Acheron. Por que não pode aprender quando correr?

Por outra parte, Acheron correu. Só não na direção certa. Seu rosto iluminado de alegria, correu para abraçar o pai.

Styxx estremeceu quando seu pai empurrou Acheron o afastando cruelmente e rechaçou seu irmão gêmeo com uma careta repugnante que o cortou como um punhal. *Como pode ser assim com ele e dizer me amar?*

Eram absolutamente idênticos.

Exceto pela marca “prostituta” na virilha de Styxx.

Acheron franziu o cenho em confusão enquanto olhava para Ryssa por uma explicação.

Sinto muito, Acheron. Não queria que você soubesse. Os pensamentos de Ryssa eram altos e claros. Ela mentiu para Acheron todo esse tempo. Dizendo-lhe que seu pai o amava e o receberia em casa.

Cadela estúpida. Por que ela seria tão cruel?

Mas, essa resposta ele sabia... nenhuma mulher jamais pode ser confiável. São todas animais traiçoeiros. Sua mãe o ensinou bem com esse conhecimento.

— O que ele está fazendo aqui?

Seu pai exigiu.

Styxx não estava prestando muita atenção neles quando Acheron fixou um olhar nele. Seu irmão parecia tão feliz em vê-lo... definitivamente não foi a mesma recepção que Acheron deu-lhe em Atlântida quando Styxx tentou libertá-lo.

De muitas formas, esse não era o mesmo Acheron absolutamente. O homem a sua frente era muito mais parecido com o irmão que uma vez conheceu. O irmão pelo qual Styxx arriscou sua vida.

E o pensamento de que seu pai enviaria Acheron de volta para Atlântida o horrorizou.

Por que não corre mais do que isso, irmão?

Por que sua irmã estúpida não levou Acheron para algum lugar realmente seguro?

— Guardas!

Seu pai gritou.

Styxx estremeceu, desejando poder agarrar seu irmão e correr. Mas eles os pegariam e não tinha como dizer o que seu pai poderia fazer com eles.

O que Estes faria ou diria sobre isso.

Ryssa ficou boquiaberta.

— O que está fazendo?

Ela gritou com seu rei e pai.

Não havia piedade nos olhos de seu pai.

— Estou enviando ele de volta onde pertence.

Acheron ficou de queixo caído enquanto se virou em direção a Ryssa com olhos aterrorizados.

Ela balançou a cabeça.

— Você não pode fazer isso.

Seu pai se virou para ela com um olhar tão odioso que a fez dar um passo para trás com medo.

— Perdeu a cabeça, mulher? Por que mimaria um monstro?

— Pai, por favor, — Acheron implorou, caindo de joelhos diante dele. Passou os braços em torno da perna do rei.

— Por favor, não me devolva. Farei qualquer coisa que você pedir. Juro. Serei bom. Não olharei para ninguém. Não machucarei ninguém.

Acheron beijou os pés do rei com reverência.

Styxx pensou que fosse vomitar com a visão que o lembrou dele quando foi torturado em Dionysion. Fez os mesmos apelos, e seu pai o abandonou sem compaixão ou consideração.

Da mesma maneira que fez com Acheron.

— Não sou seu pai, verme. — Chutou Acheron longe, então olhou para sua mais querida Ryssa com veneno.

— Eu te disse, ele não pertence a essa família. Por que me desafiou assim?

— Ele é seu filho, — ela soluçou.

— Como pode negá-lo? É o seu rosto que ele tem. O rosto de Styxx. Como pode amar um e não o outro?

Porque ele não me ama, cadela. Não é verdade.

Seu pai se inclinou e agarrou o queixo de Acheron firmemente em sua mão. Ele o puxou mais ou menos em pé de forma que Acheron encarasse Ryssa.

— Esses não são meus olhos. Esses não são os olhos de um ser humano!

Ryssa virou-se para ele então, chorando.

— Styxx... ele é seu irmão. Olhe para ele.

Ele olhou para seu pai em pânico, sem saber o que seu pai faria se ele defendesse Acheron nesse momento. Com o mau humor que seu pai se encontrava, era mais provável que se virasse contra Styxx como estava contra Acheron.

É melhor deixar o velho se acalmar do que irritá-lo ainda mais.

Desculpe, irmão. Dá última vez que coloquei o meu na reta por você, me entregou sem pensar duas vezes ou um pinga de remorso.

Não... pior, ajudou a me prostituir e a me marcar como um.

Seu intestino deu um nó, Styxx balançou a cabeça e repetiu as palavras cruéis que Acheron disse para Estes em uma situação bem parecida.

— Eu não tenho nenhum irmão.

Seu pai empurrou Acheron de volta.

Acheron ficou ali em silêncio, com os olhos ofuscados pela dura realidade de como seu pai se sentia sobre ele. Era algo que Styxx lidava todos os dias de sua vida.

Mas o que doía era que conhecia exatamente os pensamentos na mente de seu irmão. Eram os mesmos que o assombrava constantemente. Acheron estava revivendo toda a perversão de Estes. Cada asqueroso, toque humilhante.

Seu irmão abaixou a cabeça e se abraçou.

— Leve-o de volta à Atlântida! — O rei ordenou aos guardas.

Styxx se encolheu ante a dura sentença de seu pai. Uma frase que o estúpido bastardo nem sequer compreendia. Mas Styxx sabia.

E também Acheron.

Sem uma palavra de protesto ou luta, Acheron os seguiu até a frente do palácio.

Voltou a ser o escravo petrificado que causou a captura de Styxx.

Ryssa olhou para o seu pai com ódio queimando profundamente em seus olhos.

— Estes abusa dele, pai. Constantemente. Ele vende Acheron...

Seu pai lhe deu um tapa.

— Esse de quem fala é meu irmão. Como você ousa!

Atordoado, Styxx ficou de olhos esbugalhados. Seu pai nunca levantou a mão para ela. O que só confirmava o que Estes disse a ele. Seu pai defenderia Estes até o amargo fim.

Mesmo contra seus próprios filhos.

— E esse é o meu irmão que você abandonou. Como você ousa!

Ryssa grunhiu antes de sair depois de Acheron.

— Puta mentirosa! Assim como sua mãe bêbada!

Styxx não podia respirar quando aquelas palavras duras bateram nele. Seu pai nunca falaria de sua querida gatinha assim. Se virava-se contra sua preciosa filha, Styxx não tinha uma única esperança.

— E se ela não está mentindo, pai?

A expressão no rosto do seu pai o fez dar um passo para trás.

— Você vai difamar meu irmão, também?

Não com esse olhar em seu rosto, meu velho. Não sou tão estúpido ou bêbado.

— Perdoe-me, pai.

Querendo colocar distância entre eles, Styxx correu atrás de Ryssa.

Encontrou-a na frente do palácio. Acheron mantinha a cabeça ainda mais baixa do que antes. Seu abraço era tão apertado que os nós dos dedos estavam brancos.

— Acheron? — Ryssa suspirou.

Ele recusou-se a olhá-la enquanto Styxx pairava na porta atrás deles.

Ela afastou o cabelo do rosto de Acheron com uma ternura que nunca tinha mostrado Styxx.

— Acheron, por favor. Eu não sabia que eles viriam hoje. Pensei que nós estávamos seguros.

— Você mentiu para mim, — ele disse simplesmente enquanto olhava fixamente para o chão.

— Você me disse que meu pai me amava. Que ninguém nunca ia me fazer sair daqui. Jurou para mim.

Styxx sacudiu a cabeça enquanto sua própria raiva e dor o rasgavam. Como ela podia mentir para Acheron assim? Certamente ela pediu pelo retorno de Acheron tanto quanto ele tinha e recebeu o mesmo não cheio de ódio de seu pai, que nunca reconheceria seu outro filho.

— Eu sei, Acheron, — ela soluçou.

Acheron se virou para ela em seguida, para olhá-la com um ódio abrasador.

— Você me fez confiar em você.

— Eu sinto muito.

Styxx teve que conter o riso amargo. Sente, Ryssa? Sério? A idiota patética não tinha nenhuma ideia do que Estes iria fazer com Acheron em seu retorno. Mas Styxx sabia. Seu tio já tinha mostrado a ele.

Acheron iria desejar estar tão morto quanto Styxx fez.

Seu irmão sacudiu a cabeça.

— Eu nunca pisei fora de meus aposentos sem escolta. Nunca sai de casa. Idikos me castigará por partir. Ele vai... — Terror encheu seus olhos enquanto se abraçava com mais força.

O estômago de Styxx se agitou. Ele deu um passo a frente, em seguida parou. Se tentasse ajudar Acheron agora, eles dois pagariam. Muito caro.

Os cavalos foram trazidos para frente.

Seu irmão olhou para Ryssa.

— Gostaria que você tivesse me deixado como eu estava.

Ela devia. Porque isso ia ser muito pior para ele. O Acheron que lutou com ele meses atrás em Atlântida foi relegado a seu destino. O na frente dele agora tinha saboreado a vida sem Estes e suas perversões.

Devolvê-lo para aquilo agora...

Sua irmã piorou tudo. Estes apertaria seu controle sobre Acheron ainda mais. Seu irmão nunca iria conhecer outro momento de paz ou liberdade. Não enquanto Estes e seu pai vivessem.

Styxx se forçou a ficar sem dizer nada enquanto os guardas arrastavam Acheron para uma carruagem. Seu irmão nunca olhou para trás enquanto o levavam para longe.

— Acheron!

Maia, a filha da cozinheira gritava, enquanto vinha correndo pela porta.

Só então Acheron olhou para trás. Seu rosto estoico, lágrimas brilhavam em seus turbulentos olhos de prata.

Styxx ofegou, sabendo melhor do que deixar seu pai ver suas emoções. O rei era muito volátil. E a última coisa que Styxx precisava era uma surra. Não se fosse fazer o que planejou.

Ryssa caiu de joelhos e puxou a menina em seus braços. As duas choraram até que seus ouvidos zumbiram.

— Levante-se!

Seu pai rosnou quando finalmente juntou-se a eles.

— Não vou deixar você chorar por alguém como ele.

— Eu odeio você! — Ela gritou.

Styxx a agarrou pelas costas antes que seu pai a golpeasse novamente ou fizesse algo pior com ela.

— Vá para o seu quarto, Ryssa. Agora.

Ela passou por Styxx com o desdém mais feio que se possa imaginar.

— Eu queria que fosse você quem achei amarrado àquela cama! Você eu teria deixado lá para ser usado como o prostituto desprezível que é. É o que você merece pelo modo que usa as pessoas e as descarta!

Por um minuto inteiro, Styxx não pôde recuperar o fôlego, enquanto aquelas palavras brutais lhe deram um tapa mais forte do que qualquer golpe. Em sua mente, viu-se na cama novamente sendo usado como se fosse nada.

Sabendo que se ele ficasse, a surraria ele mesmo, Styxx a deixou para seu pai.

Respire. Acalme-se. Ela não sabe.

Ainda assim, a dor não foi embora. Ela realmente quis dizer o que disse. Ouviu seus pensamentos. Não tinha nenhum amor ou consideração por ele que fosse, e ficaria feliz em condená-lo à custódia de Estes para ser um prostituto no lugar de Acheron.

Seu ódio por ele era tão irracional e sem fundamento quanto o do seu pai por Acheron.

Styxx apertou o estômago com a mão, dor, vergonha, e horror o atormentaram. Mas, por baixo de tudo, havia a agonia amarga da rejeição de Ryssa a ele. Por que ela o odeia tanto? Nunca em sua vida fez nada para ela.

— Styxx?

Vacilou ao chamado de seu pai. Piscando, respirou fundo e se forçou a conter suas emoções. Que os deuses o ajudassem se seu pai o visse assim.

Styxx não podia estar mais ferido. Só queria um pouco de paz por alguns minutos.

— Majestade?

Disse quando retornou para o lado do seu pai.

— Ficaremos essa noite e partiremos ao amanhecer.

— Sim, senhor.

Styxx hesitou.

— Pai? Você se importaria se eu tirasse algumas horas para mim essa noite?

Um lento sorriso curvou seus lábios.

— Existe um bordel na cidade que é um dos melhores em toda a Grécia. Divirta-se.

Indignado com os pensamentos do seu pai, Styxx esperou até que ele fosse embora antes de se encaminhar para o estábulo. Tão rápido quanto pôde selou dois cavalos descansados e saiu atrás do seu irmão.

Pelo amor dos deuses, Acheron. Não faça que me peguem novamente.

* * *

Styxx ficou para trás, até que teve certeza que os guardas estavam dormindo. Tomando cuidado para não fazer qualquer barulho, caminhou até Acheron, que estava amarrado a uma estaca no chão.

— Acheron?

Sussurrou, tocando seu irmão no ombro.

Acheron despertou com um sobressalto. Fez uma careta quando viu Styxx pela luz enfraquecida da fogueira.

— O que está fazendo aqui?

— Estou libertando-o.

Quando Styxx foi cortar a corda, Acheron o parou.

— O que está fazendo?

Perguntou a Acheron em um sussurro chocado.

— Você já me disse que eu não era seu irmão. Por que realmente está aqui?

Styxx olhou para ele.

— Você me negou primeiro.

Com uma carranca feroz, Acheron zombou.

— Nunca na minha vida neguei você! Você e seu pai foram os únicos que me expulsaram.

Styxx rangeu os dentes. Acheron realmente não tinha nenhuma memória de sua permanência em Atlântida. De nada. E infelizmente, esse não era o momento para discutir sobre isso.

— Temos que ir.

— Ir para onde?

— Qualquer lugar. Não posso deixá-lo. Não outra vez.

Acheron pegou sua mão então a empurrou de volta antes que pudesse cortar a corda.

— Você é um fodido estúpido? Você sabe o que acontece com rapazes nessa idade sozinhos?

Sim, mas não estavam drogados e fora de si agora. Enquanto um deles sozinho era fraco, dois deles podiam proteger um ao outro.

— Eu posso trabalhar como um mercenário. Eles fazem um bom dinheiro.

— E eu sou o que? A prostituta do acampamento?

Acheron perguntou incrédulo.

— O que você pensa que eles fariam comigo enquanto você está fora brincando de herói e guerreiro? Sério?

Deu um olhar brutal para o corpo de Styxx.

— E não se engane, Alteza.

Zombou o título.

— Você tem a mesma isca anormal que eu tenho que faz todo mundo que o veja querer fodê-lo, também. A única razão pela qual você é deixado sozinho é, porque é um príncipe conhecido. Se você pensa que é melhor do que eu, o desafio a entrar em uma cidade onde não o conhecem e veja o quão rápido é jogado no chão e fodido até que não possa andar em linha reta.

Aquelas palavras o rasgaram, especialmente a parte que era verdade. Mas ainda...

— Você realmente quer que o deixe aqui?

O olhar furioso de Acheron o cortou.

— Quero que todos vocês me deixem em paz. Para sempre. Já terminei com você.

Entendeu bem esse sentimento e declaração.

Mesmo assim, Styxx não podia deixar seu irmão indefeso. Puxou a adaga do cinto e a enterrou no chão entre eles.

— Faça-nos um favor. Quando voltar, conduza-a direto até o coração morto de Estes.

Acheron deu a ele outro olhar de desprezo.

— Você é o soldado. Por que não faz você?

Querendo acalmar seu irmão e fazê-lo voltar a razão, Styxx o agarrou.

— Acheron.

Afastou-se das mãos.

— Você está morto para mim. Está morto para mim desde o dia que os deixou me levarem de minha casa.

Styx ficou horrorizado que ele lançasse aquilo na sua cara.

— Eu tinha sete anos.

— Eu também.

A fúria obscureceu o olhar de Styx. Por esse babaca egoísta, que tinha algo contra ele que não podia combater, foi prostituído? Espancado?

Marcado?

— Foda-se, Acheron!

— Por que não? É o único que não foi.

Styx ridicularizou.

— Não de acordo com Estes.

— O que isso quer dizer?

Incapaz até mesmo de contemplar aquele pesadelo, Styx levantou as mãos em sinal de rendição.

— Você tem uma arma. Use-a, se for homem suficiente. Já terminei com você, irmão. Nunca mais arriscarei meu traseiro pelo seu. Nunca.

Levantando-se, Styx olhou para baixo, para seu irmão gêmeo, em seguida, virou-se e foi embora.

Não pode salvar quem não quer ser salvo.

Como Ryssa, Acheron não fazia nenhum sentido para ele. Se fosse Acheron e tivesse qualquer chance de ficar longe de Atlântida, pegaria.

Mas por Hades...

Seu prazo estava quase acabando. Agora Estes teria seu mascote de volta. Styx não teria que ir para Atlântida no lugar do seu irmão. Devia estar feliz.

Mas não estava. Como podia ser feliz quando seu irmão estava tão apavorado e abatido que nem sequer tentava mais lutar?

Nessa, ninguém ganhou. Muito menos Acheron.

Styx lançou-se sobre o cavalo e tomou as rédeas do que trouxe para seu irmão. Contra sua vontade, olhou para trás para ver Acheron deitado no chão em volta da fogueira do acampamento como se estivesse completamente contente em voltar para a casa de Estes.

Parte dele ainda queria correr para o acampamento e forçar seu irmão a partir. Mas Acheron e Estes já o mostraram o que conseguiria com isso no final.

Fodido.

Quando alguém está se afogando e tenta salvá-lo, é mais provável que o afoguem antes de você puxá-los.

Acheron fez bastante dano a ele. Não permitiria que fizesse mais, não importa quanta piedade Styxx sentisse por ele em seu coração.

— Boa sorte, irmão. Que você possa encontrar a paz algum dia.

23 de junho de 9532 a.C.

— Feliz aniversário, pequeno canalha!

Com a cabeça latejando de dor, Styxx mal teve tempo de abaixar-se, quando Ryssa arremessou seu presente nele. Atingindo a parede ao lado de seu rosto.

— Qual é o seu problema?

— Você! Todos os dias que tenho que olhar para você, sabendo o que Acheron está passando, é um que eu te odeio mais.

Styxx inclinou-se e pescou seu “presente” do chão. Ele ergueu-o para que ela visse.

— Obrigado, querida irmã. Vou conservar isto para sempre, e especialmente pela maneira com a qual foi recebido.

Torcendo o rosto, ela silenciosamente zombou de suas palavras.

— Você pensa que é muito inteligente. Você não é nada além de um imbecil, pirralho mimado.

— Um envolto tão apertado no amor familiar que me sufoca. — Ele disse sarcasticamente.

— Você absolutamente me enoja. Como pode estar aqui em seu conforto, enquanto seu gêmeo sofre assim?

Não era fácil, mas Acheron não lhe deu escolha alguma.

Styxx curvou seus lábios para ela. — O que você sabe disto?

— Sei que Estes o vendeu!

Styxx congelou quando viu seu pai aproximar-se deles. Se ele ouvisse uma palavra disso...

Não havia como dizer o que o rei poderia fazer com ela.

Ele abaixou seu tom de forma que apenas Ryssa pudesse ouvi-lo.

— E será melhor você ouvir-me, irmã querida. Para seu próprio bem. Estes nunca faria tal coisa. É mais uma de suas mentiras projetadas para que libertemos Acheron. Você entendeu?

Ela estapeou-o tão forte que seus ouvidos zumbiram pelo golpe.

— Você é um egoísta, covarde desprezível! Eu queimo pelo dia em que estarei sobre seu cadáver. Melhor ainda, alegremente pagaria qualquer valor para vê-lo prostituir-se um dia do modo como Acheron está.

Styxx olhou para ela, quando estas palavras pinicaram lembranças que ele tentava manter enterradas.

— E você deveria estar agradecida por eu não ser rei ainda. Teria chicoteado-a por tal deslealdade. — Enxugando o sangue de seus lábios, ele a deixou e dirigiu-se para seu quarto.

— Styxx?

Ele hesitou com a chamada de seu pai do andar de baixo. Dado o quanto seu rosto queimava, sabia que a marca da mão de sua irmã estaria claramente evidente.

Merda...

— Sim, pai. — Ele disse sem se mover.

— Você podia vir aqui, por favor?

Duas vezes merda.

Suspirando, Styxx virou-se e diminuiu a distância entre eles.

Os olhos de seu pai arregalaram quando ele viu a marca.

— O que aconteceu com você?

Styxx esfregou a mão sobre seu rosto ardendo.

— Disse algo para uma mulher que não deveria.

— Que mulher? Diga o nome e mandarei chicoteá-la pela audácia.

Claro que você iria... Mas honestamente, ele não queria arriscar isto.

— Está tudo bem, pai. Alguns podem dizer que eu mereci isto.

Isso não aplacou o rei afinal.

— Você é o príncipe e deve ser respeitado como tal!

Isso incluía seu tio o molestado, ou seu gêmeo? Ele teve que morder de volta aquela hostilidade antes que conseguisse muito mais que um bofetão de uma vadia.

— Você precisa de algo, pai?

— Quero repassar cuidadosamente o banquete de hoje à noite com você.

Styxx olhou para Ryssa em pé ao lado de sua mãe no parapeito da escada. Ambas o encaravam como se um buraco o atravessasse. Ele estava tão cansado disso tudo. Das mentiras, da decepção.

Da vergonha.

Mas pior era o conhecimento de que se a verdade viesse à tona, Ryssa se regozijaria. E sua mãe, também. As duas provavelmente pagariam a Estes por uma cadeira na primeira fila, para assistir seu tio arregaçá-lo.

Sem saber que Styxx estava distraído, o rei continuou. — Você se importaria de ver o Senador Nileas, sobre a proposta que disse que tinha para mim ontem? Ele deve estar no fórum a esta hora do dia.

— Vou ter isto resolvido, pai. — Ignorando sua mãe e irmã, Styxx deixou o palácio, em seguida dirigiu-se ao fórum no centro de cidade.

Seu rosto finalmente parou de queimar, quando alcançou o edifício onde muitos dos nobres juntavam-se para beber e filosofar, longe de suas esposas. Desde que podia ouvir o pensamento deles, e sabia que a maioria deles o desprezavam com um veneno que fazia Ryssa parecer com uma fã dedicada, ele tendia a evitar este lugar sempre que podia.

Ironicamente, a única coisa que eles criticavam e mantinham contra ele na maioria, era o fato de que se recusou a escolher um deles como seu “mentor”. Ao contrário, ele designou Galen em vez de um nobre, porque sabia que Galen não esperaria que se curvasse quando estivessem a sós. Nem Galen esperaria favores políticos dele mais tarde.

E o velho cão de guerra mantinha pelo menos um módico respeito por ele. Enquanto sua escolha foi extremamente não convencional, deu-lhe um pesadelo a menos para suportar.

— Onde está Nileas? — Styxx perguntou ao primeiro senador que encontrou no complexo.

— Nos fundos, Alteza. Com Patrokles.

Styxx parou e virou-se em direção aos dois guardas que o seguiam. Os nobres não gostavam de “plebeus” espionando-os enquanto falavam livremente.

— Fiquem aqui. Estarei de volta logo.

Relutantemente, eles obedeceram.

Styxx caminhou através do edifício até que ouviu duas vozes que bloquearam suas pernas.

— Estou dizendo-lhe neste momento, que isto é verdade. Tive tanto o príncipe quanto um garoto que parecia com ele, com exceção de seus olhos, em Atlântida, em minha cama ao mesmo tempo.

— Você está mentindo!

— Pergunte a Melus se duvida de mim. Ele estava lá também, e teve uma rodada com os dois.

— Quando?

— No outono passado.

— Você é muito mentiroso.

— Sou mentiroso? Da próxima vez que estiver ao redor de Styxx, derrube algo e olhe por baixo de sua túnica. Todo o lado esquerdo e sua bunda são horrivelmente marcados de cicatrizes. Ele até tem uma marca em seu rabo e no mamilo esquerdo.

Styxx não podia respirar quando aqueles detalhes o atormentaram, e verificava a verdade da ostentação. Quando Estes lhe disse que o vendeu, Styxx presumiu que todos os homens eram de Atlântida.

Não...

— Você não tem ideia como isto é uma distração, vê-lo agora quando tudo que posso pensar é quanto adoraria tê-lo de joelhos na minha frente novamente. Você não pode dizer isto olhando para ele, mas ele tem a língua mais surpreendente. Não conheço quem treinou o príncipe, mas kudos²¹ para um aluno tão hábil.

Incapaz de lidar com isto ou enfrentar os homens que estavam conversando sobre ele deste jeito, Styxx virou-se e partiu. Quando retornou ao palácio, tudo o que ele pôde fazer era não gritar em horror. O pânico tomou posse completamente dele.

O que eu faço?

Aquele merda acabaria eventualmente alcançando seu pai. E não havia como presumir o que ele faria com Styxx por isto. A única coisa que sabia com certeza era que seu pai encontraria alguma razão para culpá-lo por todo o calvário.

Todos saberiam que ele era um prostituto. Que estava marcado como um tsoulus...

Quantos outros gregos e didymosianos o compraram?

Estes havia mentido sobre o número?

Eles sabem que sou um prostituto...

Meu pai vai executar-me brutalmente por isto.

Apavorado, ele caminhava furioso em círculos em seu quarto, enquanto tentava decidir o que fazer.

E ele tinha um banquete hoje à noite, onde todos eles estariam presentes... rindo e relembrando. Possivelmente derrubando coisas para verificar suas cicatrizes.

²¹ Elogio.

Poderei ouvir seus pensamentos.

Se ele chegasse ao redor de qualquer um que tenha dormido com ele, saberia disso. O pensamento deles anulariam os seus.

Não posso fazer isto.

Mesmo que seu pai o espancasse. Ele não poderia ir para aquele banquete. Como poderia caminhar lá fora com a cabeça erguida, enquanto “prostituto” estava marcado a ferro em seu corpo, e havia homens na multidão que o tinham comprado e fodido com ele?

Com as mãos tremendo, Styxx agarrou o vinho de sua mesa e bebeu-o.

Não, ele precisava de suas ervas.

Ele foi até o baú e retirou o último lote que seu tio lhe trouxera. Depois de tomar três vezes a quantia normal, ele usou o dedo para misturar isto no vinho, em seguida bebeu em dois goles.

Por favor, deuses, por favor, deixem-me morrer...

Ele deitou-se no chão e fechou os olhos, esperando e rezando para que nunca mais os abrisse novamente.

24 de junho de 9532 a.C.

— Você me enoja!

Por que não estou morto? Styxx gemeu enquanto seu pai continuava a gritar com ele através da dor martelando em sua cabeça.

— Nunca fiquei tão envergonhado em toda minha vida!

Então você devia tentar acordar nu, amarrado em uma cama por seu tio, que o vendeu para homens que você é forçado a ver repetidamente.

— Como pôde fazer isto comigo? — Seu pai continuou pelo trilho.

Oh sim, eu realmente o ferrei, meu velho... Não sou a pessoa que o mandou para a floresta para ser estuprado, e depois ridicularizado por seus estupradores por dois dias.

Aquele que o deixou para ser torturado por seu próprio bem, por seus amados sacerdotes.

Ele ria se não fosse tão malditamente patético. Lambendo os lábios ressecados, Styxx abriu os olhos para ver seu pai em pé sobre ele.

— O que eu fiz?

— Você ficou aqui na cama bêbado, enquanto realizávamos um banquete em sua honra. Você sabe como isto pareceu?

Que sou o príncipe mimado, feliz que todos estupidamente pensam que sou?

— Foi tão desrespeitoso comigo e com os senadores e suas famílias. Isto é o tipo de rei que você quer ser? É isto?

Não quero ser rei afinal, especialmente não com os senadores que pagaram a meu tio para me foder.

— Levante-se! — Seu pai o chutou.

Styxx fez uma careta antes de se sentar. Seus olhos se arregalaram imediatamente, quando seu estômago embrulhou. Ficando em pé, ele mal chegou ao penico antes de seu estômago perder todo o conteúdo.

— Olhe para você. Você é patético. Nunca em minha vida tive uma visão mais desgostosa.

Você devia sair mais. Ele vomitou novamente.

Seu pai passou-lhe um olhar impiedoso. — Assim que terminar com sua auto-absorção, e auto-infligida doença, você será açoitado por isto.

Styx x enxugou a boca. — Você disse que eu era velho demais para isto.

— Você é velho demais para agir como uma petulante criança fora de controle. Se você vai se comportar como uma, vou tratá-lo como uma.

Ele começou a protestar então seu estômago revirou novamente.

— E pretendo assistir cada golpe que receber.

Styx x fechou os olhos, agradecido além da conta por aquela clemência, ainda que isto significasse mais golpes nele. *Graças aos deuses*. Ele quase poderia sorrir do alívio que sentiu.

Puxando uma respiração ofegante, ele se escorou contra a parede e olhou para seu pai.

— Acho que preciso de ajuda para caminhar para baixo para isto.

— Você acha isto engraçado?

Engraçado, realmente. Em um tipo de história de horror de alguma maneira. Por que não rir neste momento? As lágrimas certamente não lhe conseguiram nada além de escárnio. Por que não tentar uma abordagem diferente?

— O que quer que eu diga pai? Sinto muito? Tudo bem. Sinto muito. Por favor, encontre uma suave misericórdia benevolente em seu coração para me perdoar, pela desonra e prejuízo que lhe causei com minha negligência.

— Você ousa zombar de mim? Não, você não sente muito mesmo. Mas irá. — Ele chutou os pés de Styx x. — Guardas!

Eles imediatamente entraram.

Styx x os varreu com um olhar encoberto, perguntando-se se algum deles tinha fodido com ele, também.

Seu pai recuou, de forma que eles pudessem prendê-lo com garras apertadas, que apreciavam dar-lhe tanto sofrimento quanto possível.

— Leve Sua Alteza para o torturador.

Styx x estremeceu quando eles o puxaram em pé, e o arrastaram para baixo. Seus insultos não ditos soavam na cabeça dele, junto com aqueles que seu pai lançava nele.

Como se eu me importasse.

Eles abriram a porta para a sala dos guardas, e o arrastaram para dentro. Os olhos do torturador iluminaram com ganância, cheios de luxúria prazerosa, quando ele o viu lá.

Styx x deu-lhe um sorriso frio. — Azar, meu velho. Meu pai pretende assistir.

Isso tirou a alegria dele, mas o olhar que o substituiu prometia a Stixx uma terrível retribuição.

Oh sim, isto vai machucar. Muito.

Assim seja.

— Setenta chibatadas.

Até mesmo o torturador ofegou com a gravidade da ordem de seu pai.

Styxx encontrou o olhar de seu pai sem vacilar e riu. — Por que parar por aí, pai? Por que não chegar até cem?

— Continue com esta insolência e eu irei.

Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, o torturador empurrou o couro em sua boca.

— Pelo amor dos deuses, Alteza, cale-se. — Ele respirou no ouvido de Styxx.

O torturador encontrou o olhar de seu pai. — Estou perdoado, Majestade?

— Sim.

— Alteza?

Importava o que ele achava? Quem foi o bastardo que apresentou esta formalidade distorcida?

Olhando para seu pai, Styxx assentiu brevemente.

O torturador o levou para sua “bonita” sala, e o amarrou ao banco que ele conhecia tão bem. Styxx observava em silêncio enquanto o torturador selecionava a chibata, em seguida, foi para trás dele erguendo sua túnica e expondo suas nádegas para a surra.

— Espere! — Seu pai disse antes de começar.

Styxx rangeu os dentes com medo, quando um novo horror ocupou seu coração. Estes tinha marcado a ferro “prostituta” lá, também?

Deuses, o que ele via?

— Remova sua mordaça.

— Sim, Sua Majestade. — O torturador puxou o couro, e então deu um passo para trás e desviou o olhar.

— De onde vêm estas cicatrizes em suas coxas e nádegas, garoto?

Styxx ficou boquiaberto com a estupidez daquela simples pergunta.

— Eles queimaram e sangraram os demônios para fora de mim, pai. Você não lembra?

— Com marcas quentes?

Não... com frias.

O velho estava senil? O que ele pensava que eles usaram? Pétalas de rosas?

— Você viu meus ferimentos quando Estes o trouxe para dentro.

Seu pai arrastou a túnica de Styxx até expor o lado esquerdo de Styxx e as horríveis, cicatrizes enrugadas que o marcavam da axila até coxa. Por vários segundos, seu pai não disse nada, enquanto seu olhar passava rapidamente sobre elas, em seguida até a cicatriz no antebraço de Styxx, onde o bastardo o cortou, e finalmente nas cicatrizes que as mãos ternas de sua mãe carinhosamente haviam lhe dado.

Felizmente, Styxx estava curvado, de forma que a cicatriz mais horrível que o marcava como um prostituto estava escondida do olhar de seu pai.

— Você está dispensado. — O rei finalmente disse para o torturador.

Curvando-se, ele os deixou.

Seu pai engoliu em seco. — Nunca olhei realmente para seu corpo, quando você estava em Dionysion. Apenas olhei para seu rosto.

Engraçado, não pareceu deste jeito para ele. Teria jurado que seu pai olhou para seus ferimentos com satisfação doentia.

Seu pai cobriu o flanco de Styxx com sua túnica, assim ele não teria mais que olhar para as cicatrizes.

— Quantos meses você esteve lá novamente?

Aquela pergunta golpeou-o com força.

— Você não lembra?

Seu pai balançou a cabeça.

— Mas você lembra, não é?

Como ele podia esquecer?

— Cada batida do coração que passei lá sob os cuidados ternos dos sacerdotes, está marcado a ferro em minha memória, pai.

Seu pai estremeceu, em seguida desatou suas mãos. *Você já passou por coisas o suficiente, garoto.*

Styx se levantou, enquanto seu pai partia sem outra palavra.

Com a cabeça martelando, Styx caminhou de volta para seu quarto. Sabia o quão ruim as cicatrizes na parte da frente dele eram. *Quanto pior seriam aquelas que estavam em suas costas, para que seu pai ficasse tão revoltado com elas?*

Eu deveria pedir aos senadores que já me foderam, que as vissem também.

Ele apertou a mão em seu crânio, desejando que pudesse apertar sua cabeça, até que tirasse tudo isto para fora, para sempre.

Não posso aguentar mais isto. Ele era muito jovem para ter todo este horror. Jovem demais para sofrer assim, quando não havia fim disto à vista. Nenhuma saída...

Foda-se, Acheron.

Desde que seu irmão tinha jogado isto em seu rosto, ele notou quanto às palavras de Acheron eram verdadeiras. Os olhares famintos de todos que o viam. Os olhares e ações que assumiu que eram por ser príncipe. Mas Acheron estava certo. As pessoas desejavam seu corpo até mesmo quando não sabiam que ele tinha um título. E eram muito mais agressivos quando não sabiam.

Ainda que ele fosse embora, eles o tratariam da mesma maneira que seu tio tinha tratado. Como um pedaço de carne saborosa em uma mesa de banquete. Ele se tornou seu irmão...

Uma bem paga, excessivamente usada prostituta.

Não que ele já não fosse.

Quero apenas um simples momento de paz, onde minhas lembranças não cortassem em tiras minha alma. Um dia sem dor.

Sem nenhum pensamento melhor, ele lavou-se e trocou de roupas, então sorrateiramente passou pelos guardas, para pegar seu cavalo.

Havia apenas um pensamento em sua mente quando saiu montando do estábulo, em direção ao elevado litoral.

Para acabar com este infernal pesadelo de uma vez por todas.

* * *

Styx amaldiçoou quando freou seu cavalo e deslizou da sela de modo que estivesse no sólido, chão inerte. — Ah, deuses... *Por que hoje de todos os dias ele tinha que ter uma de suas enxaquecas mais cruéis?*

Doía tanto que ele mal podia respirar. E então aquilo começou...

Aquela maldita hemorragia nasal.

Incapaz de suportar isto, ele afundou de joelhos e não se incomodou de tentar parar seu nariz. Pressionando sua mão nos olhos, ele olhou para o mar lá em baixo. As ondas colidiam contra as rochas pontiagudas. Parecia tão calmo e agradável.

Ele lembrou quando era uma criança e seu pai o levou para os navios, para encontrar-se com seus capitães e proprietários, e observou os filhos dos pescadores brincando e rindo na rebentação. Ele quis se juntar a eles, mas seu pai se recusou.

É entretenimento comum para pessoas comuns. Você é um príncipe. É hora de agir como um.

Como um príncipe, de acordo com seu pai, ele não podia se misturar com eles. A familiaridade os levaria a vê-lo como um ser inferior. *Você deve sempre manter-se em um padrão mais alto, e conduzir-se com dignidade. Um rei pode apenas liderar quando outros o respeitarem.*

E quem poderia respeitar um rei que foi amarrado de rosto para baixo, acima de um banco de punição e violado? Um que foi trocado e vendido, e...

Marcado a ferro.

Styx gritou de raiva. *Estou farto deste mundo. Já tive o suficiente.*

Isso era o que veio fazer aqui. Acabar com isto. Ele observou a rebentação abaixo com um olhar faminto. Um passo. Então ambos ele e Acheron estariam livres deste horror. Livres para brincar nas ondas e rir como as outras pessoas faziam...

Você é mais forte que isto!

Ele era? Ele não se sentia forte. Não hoje. Hoje, sentia-se como o miserável incompetente que o acusaram de ser. Sentia-se usado e impotente.

Envergonhado com o núcleo de sua alma enegrecida e queimada.

Um passo...

Sem mais enxaqueca ou hemorragia nasal para sofrer. Sem mais exultante humilhação empurrada por sua garganta abaixo. Sem mais ódio encarando-o pelos olhos de sua mãe e irmã. Pelos olhos de todos que pensavam que era amado, um príncipe mimado que não tinha nenhuma preocupação no mundo inteiro.

Eu só quero paz.

Determinado a ver isto passar, Styxx forçou-se em pé. Seu cavalo, Troian, fungou em seu ombro. Styxx afundou a mão na macia, longa crina preta, e então lhe deu uma batinha suave. Troian tinha sido seu único amigo verdadeiro.

Ele abraçou seu cavalo apertado.

— Está tudo bem, garoto. — Ele tirou as rédeas, sabendo que seu cavalo retornaria ao estábulo sem isto, e deste modo não precisaria temer que Troian enroscasse isto em algo, e acabasse machucado ou preso.

Depois de acariciar o pescoço do cavalo uma última vez, ele afastou-se. Seu coração batia em um ritmo que combinava com sua cabeça, enquanto observava as ondas se aproximarem. Machucaria quando ele batesse nas pedras, mas esperava que não durasse muito tempo.

Com sorte, ele estaria morto antes de bater nelas.

Ele soltou as rédeas no chão e virou-se, para que pudesse ver o campo em que foi criado e preparado para governar. Isto sobreviveria sem ele. Seu povo provavelmente ficaria em melhor situação. Pelo menos eles agora teriam um rei que seria merecedor de sua coroa.

Um que não foi ridicularizado e vendido.

Engolindo a dor que nunca passava, Styxx recuou e caiu no nada.

Ventos percorriam sobre seu corpo caindo, chicoteando seu cabelo e roupas. Pareceu levar uma eternidade antes que batesse na água. Ele bateu nela tão forte, que jurava que cada osso de seu corpo despedaçou-se. As ondas corriam sobre ele, arrastando-o até as profundezas frias do mar azul vibrante. Ele engoliu e engasgou com a água que violentamente invadiu seu corpo, então cuspiu e tossiu.

Tudo ficou preto.

Mas depois de um breve período do nada, ele ainda estava vivo.

Mesmo debaixo d'água...

Como? Não podia ser possível. Não podia. No entanto, a rebentação o levou para terra firme e o atirou rudemente contra isto.

Machucado e ferido, ele deitou-se na areia, doído e gelado.

E miseravelmente vivo.

Não posso nem morrer direito. O quão patético eu sou?

Enquanto estava deitado lá com mais dor do que já conhecerá, uma crua, odiosa verdade estapeou-lhe no rosto. Os deuses não tinham nenhuma intenção de poupá-lo, nem mesmo uma

batida de coração, da miséria que o tinham condenado. Eles nem mesmo lhe permitiriam a morte como um meio para escapar disto.

Vocês bastardos doentios!

Ele choraria pelo desespero que sentia, mas não havia mais lágrimas em seus olhos. *Por que se preocupar? Todas as lágrimas só causaram com que apanhasse mais.*

Desgostoso, ele se arrastou para fora da água e cambaleou até a encosta. Sentia um tornozelo quebrado. Talvez seu braço também. Não que isto importasse.

Nada importava agora que conhecia seu verdadeiro lugar no mundo. Não ser rei ou príncipe.

Nem mesmo ser humano...

Estou condenado e amaldiçoado. Para sempre.

Com um suspiro áspero, ele rastejou até a estrada e parou, quando viu quão longe teria que ir para chegar em casa. Mesmo se estivesse inteiro, isto ainda estaria muito longe.

Como ele estava certo agora...

— Nunca poderei farei isto. — Não deste jeito.

Talvez alguns bandidos pudessem...

O quê?

Matá-lo?

Ele riu imaginando o desespero atônito deles, quando soubessem que ele era imortal, então estremeceu quando a dor rasgou por todo seu corpo. Não havia utilidade em mentir aqui. Não faria nenhum bem.

Forçando-se, ele cambaleou ao longo da estrada o melhor que podia.

Depois de um tempo, ele viu uma pequena parada nas árvores à sua direita, que levava a um pacífico riacho borbulhante. Precisando descansar por alguns minutos, ele dirigiu-se para lá.

Estava tão focado em conseguir um simples gole de água, que não notou a minúscula garota com uma vara de pesca, até que ela disparasse em pé com um grito de alarme. Ela brandiu uma pequena faca na frente dela, com habilidade suficiente para dizer que era bem competente no uso disso.

Por um minuto inteiro, ele não conseguiu respirar com a visão dela. Ela era a beleza encarnada. No entanto, não a mesma beleza frágil perfeita de Ryssa. Com a pele morena clara brilhante e espessos cabelos negros, ela tinha olhos da cor da luz, verdes dourados preciosos. Seu

vestido vermelho e branco drapejado sobre seu corpo magro destacava o fato de que ela era muito bem proporcionada. Tão voluptuosa... Ela também era muito mais alta que a irmã dele. Mas ainda era mínima em comparação a ele.

Ele nunca em sua vida tinha visto alguma coisa mais convidativa... Mais bonita ou pura.

— Quem é você? — Ela exigiu segurando a faca ainda mais apertado. — Se você me tocar o esfaquearei, eu juro.

Styxx franziu o cenho, quando percebeu pelo modo como ela movia a cabeça e o braço, que era completamente cega, e ele sentiu-se como um completo idiota por apavorá-la.

— Por favor. — Ele disse, lutando para respirar através de sua dor. — Acalma-se. Sinto muito se a assustei, não quero machucá-la. Ainda que eu quisesse, não estou em forma de fazer nada mais do que sangrar em você, em minhas condições atuais. Prometo-lhe garota, que tenho muito mais a temê-la do que você a mim.

Ela endireitou-se e finalmente abaixou a faca.

— Quantos anos você tem?

— Dezesseis. Agora por favor, preciso apenas me sentar por um momento, para recuperar o fôlego e então a deixarei com seu... o que quer que esteja fazendo. — Ele caiu de joelhos e gemeu alto.

Ela retornou a faca para a bainha em seu pulso.

— Você está bem?

— Sim... — Ele silvou quando mais dor dilacerou seu centro. — Não. Na verdade não. Eu...

O que ele iria dizer? Que saltou de um precipício tentando morrer, apenas para descobrir que era imortal?

Não era uma confissão sábia de forma alguma.

— Meu cavalo me lançou.

Ela estalou em simpatia por ele.

— Coitadinho de você. Precisa que eu o ajude?

Ele se conteve antes de rir da oferta dela. Realmente, não havia nenhuma ajuda para ele.

Ainda assim, foi uma das coisas mais amáveis que alguém já ofereceu no que lhe dizia respeito.

— Obrigado, mas está tudo bem. Preciso apenas de um momento para me sentar e tentar lembrar como respirar. — Styxx se debruçou sobre a água para espirrar em seu rosto, e lavar um pouco do sangue e suor. Sua mão tremeu quando seu estômago arfou de agonia disso tudo.

Em uma batida de coração, contra seus melhores esforços, ele desmoronou na água. Levou vários segundos, antes que pudesse forçar-se de volta para a margem. *Grande... agora estou coberto de lama também.* Deixei isto para que parecesse com um completo idiota incompetente na frente da garota mais bonita que já conheceu.

Uma que não estava tentando molestá-lo.

Ela engatinhou em direção a ele, batendo suavemente contra o chão até localizar sua perna. Lentamente, ela percorreu seu caminho até seu quadril, e por trás de seu ombro e então na cabeça. Ela se afastou no momento em que tocou em seu rosto.

— Você está sangrando.

— Desculpe... aqui... — Ele rasgou uma parte de sua túnica e usou-a para limpar a mão dela.

Ela franziu a testa com suas ações.

— Por que está limpando minha mão, quando é você quem está sangrando?

— Não quero que suje seu vestido.

— Mas você está sangrando. — Ela estava incrédula.

— Está tudo bem. Realmente. Faço muito isto.

Ela pegou o pano improvisado da mão dele e levou até a água e o umedeceu, então retornou para gentilmente lavar seu rosto machucado.

Deitado de costas, Styxx fechou os olhos com a ternura de sua mão graciosa em sua pele. Ela cheirava como lírios e eucalipto. Como calor e raio de sol. E uma parte dele se perguntou se sua brilhante pele impecável tinha um sabor tão doce quanto parecia.

— Qual é o seu nome?

— Bethany.

Ele repetiu isto silenciosamente, saboreando as bonitas sílabas de um nome que nunca ouvira antes.

— E você?

Ele se conteve antes de responder automaticamente. Como o dela, seu nome era incomum, especialmente para um homem. Se ela o ouvisse, saberia imediatamente quem ele era,

e não queria que o odiasse do modo como todos o faziam. Para ela, ele não era o mimado, príncipe idiota. Ele era apenas...

Um incompetente plebeu idiota.

— Hector.

Ela sorriu para ele. — Hector, você sabe onde está seu cavalo?

— Temo que ele foi à procura de um cavaleiro mais competente que não o envergonhará no futuro.

Ela riu alto. Um claro, doce som que fez seu coração disparar. Ela apertou os lábios.

— Como pode brincar quando está com tanta dor?

— Para ouvir você rir, minha senhora, eu alegremente me jogaria de uma centenas de precipícios.

Inclinando a cabeça, ela franziu o cenho.

— Você está flertando comigo, Hector?

Ele estava?

— Eu... eu não sei.

Ela arregalou os olhos castanhos dourados.

— Você não sabe?

— Não sou exatamente experiente com mulheres, minha senhora. Não costumo conversar com elas. Então não estou certo se isto seria considerado flertar ou não.

Ela afastou-se para enxaguar o pano.

— O que você faz que não esteja ao redor das mulheres?

Ah... maldição. O que pessoas normais faziam? Os homens interagiram com mulheres em uma vida normal? Ele não tinha nenhuma maneira de saber.

— Eu... um... eu trabalho para meu pai. A única menina que fico perto é minha irmã, e nós realmente não conversamos. E definitivamente não flerto com ela.

— Espero que não. — Sorrindo novamente, ela moveu a mão para passar por baixo de seu pescoço, sentindo mais lesões. Apesar da dor excruciante que estava sentindo, o toque dela ateava fogo em seu sangue. Ele não podia explicar isto, mas havia algo familiar e reconfortante nela. Como se a conhecesse a vida inteira.

— Por que está aqui sozinha Bethany? Não há ninguém a vigiando?

Ela se afastou.

Ele pegou a mão dela e segurou-a suavemente.

—Eu... eu não quis dizer isto deste modo. Simplesmente me preocupo que esteja aqui sem proteção.

— Tenho minha faca.

— E admiro isto em você, mas...

— Venho aqui frequentemente para me sentar e pescar. Normalmente ninguém me perturba.

Sem dúvida a última coisa que ela queria era um puto amaldiçoado, sangrando para arruinar o resto de sua manhã.

— Perdoe-me, minha senhora. — Styxx rolou de lado para partir.

— Hector? O que está fazendo?

— Eu a deixarei em paz. Sei o que é precisar de um tempo sozinho, e não tê-lo. Perdoe minha intromissão.

Ela colocou a mão gentil em seu ombro e o empurrou de volta para baixo.

— Você não está se intrometendo. Agora se deite quieto e me deixe certificar-me de que nada está quebrado. Se estiver, irei conseguir ajuda e volto.

— Estou realmente bem, minha senhora. Eu já manqueei e rastejei uma boa distância. Preciso apenas de um momento para descansar, antes de continuar meu caminho. — Sugando o fôlego, ele colocou a mão nos olhos.

— O que foi?

— Nada, minha senhora. Tenho enxaquecas que me afligem com frequência, e para minha sorte sempre tenho isto, e estou com uma que está tentando partir meu crânio ao meio neste momento. Porque não estou com dor suficiente para agradar aos deuses.

Ela estalou a língua.

— Pobre Hector. Aqui... — Ignorando o fato de que ele estava encharcado, ela ergueu sua cabeça e colocou-a no colo dela. — Já me disseram que tenho um toque de cura, quando se trata de tais coisas.

Ele começou a negar isto, mas no momento em que ela afundou as mãos em seu cabelo úmido e começou a esfregar seu couro cabeludo, isto diminuiu a dor imediatamente. As vozes que

sempre o atormentavam ficaram tão lânguidas, que mal podia ouvi-las. Até seus pensamentos estavam escondidos dele. Era tão maravilhoso não ouvir nada...

Suspirando com abençoada paz, ele fechou os olhos e saboreou o doce perfume dela, e seu precioso toque consolador. Pela primeira vez em sua vida, embora estivesse molhado, sangrando e ferido, ele estava aquecido e satisfeito.

Ele respirou profundamente seu cheiro doce e sorriu.

* * *

Bethany parou quando percebeu que Hector adormeceu em seu colo, enquanto tocava em seus cachos macios. *Eu deveria ficar ofendida?* Entretanto ele estava gravemente ferido. Embora negasse isto, sentiu seus numerosos ferimentos e o sangue que manchava suas roupas e a pele. Ela podia sentir o cheiro disto.

Como uma deusa, ela tinha o poder de curá-lo, mas refreou-se. Isto o deixaria desconfiado, e embora ele não fosse nada além de um mero humano, ela apreciou a breve troca peculiar. Ninguém nunca tinha sido tão preciosamente doce com ela. Tão atencioso. Não, a menos que quisessem algo, e ela desprezava tais pessoas falsas.

Ela preferia ser amada por si mesma, não por seus poderes ou favores.

Mas esta era a maneira que isto funcionava. Pessoas rastejando, deuses permutando, e ela nunca tinha um momento de paz de suas maquinações e esquemas. Era por isto que vinha aqui sempre que podia, para estar sozinha com seus pensamentos, e fingir durante algum tempo que ela era normal...

O que quer que fosse normal.

Fechando os olhos, ela tentou retratar como seu misterioso Hector se parecia. Se ela entrasse em sua forma de deusa, ela poderia vê-lo. Entretanto poderia ficar terrivelmente desapontada. Ele era um humano afinal, e ela estava acostumada à beleza extraordinária dos deuses.

Não. Melhor usar sua imaginação que arriscar-se a descobrir que ele era um sapo horroroso. Além disso, se ela aparecesse como uma deusa na Grécia, os Olímpios rolariam no chão com um acesso de raiva. Deuses não lidavam bem com outros deuses invadindo seus territórios sem um convite expresso. E eles tinham dificuldades o suficiente com a Grécia. Não precisavam de mais uma guerra rompendo, por causa de algum garoto camponês e a curiosidade dela.

Ela cuidadosamente roçou as mãos sobre ele. Seu rosto tinha uma ossatura fina e perfeitamente proporcional. Ele tinha um nariz aquilino e longos cabelos tão suaves quanto às asas de um pássaro. E enrolando ao redor de seus dedos um restolho varonil ao longo de seu queixo, provocava sua pele. Seus lábios eram cheios e suaves e diferentes de seu corpo, que era duro como pedra e tonificado. Pelo comprimento de seus braços e tamanho de suas mãos, ela

poderia dizer que ele era tão alto quanto um deus, ou um atlante. Mas seu sotaque era resolutamente grego. Sua voz era grave, rouca e agradável.

Tendo em conta que ele era grego, ela não deveria nem estar falando com ele. Apesar de não estar mais em guerra com os gregos, sua trégua era uma coisa muito frágil e ela não confiava que os gregos não a quebrassem.

Mais dia menos dia, eles poderiam voltar a guerrear.

Mas, seu Hector não era um político e não era um deus. Nenhum deus jamais estaria enalhado em forma tão deficiente na qual estava.

Ele precisaria de seu cavalo para chegar a casa.

Usando um pouco de seus poderes na medida em que podia, ela procurou o éter até que o encontrou, e então o chamou para ela. Levou alguns minutos, mas finalmente o cavalo veio e cutucou seu ombro.

— Você foi malvado lançando seu mestre. — Ela disse suavemente para o cavalo. — Tente não machucá-lo no futuro.

O cavalo relinchou então saiu pastando. Bethany murmurava e cantarolava enquanto Hector dormia pacificamente em seu colo. Não sabia o porquê, mas a presença dele a acalmava, embora ele estivesse inconsciente. Havia algo tão suavemente sincero nele. Tão inocente e honrado. Humilde.

Coisas com o qual ela não estava acostumada.

Enquanto tomou um punhado de amantes pelos séculos, nenhum jamais a fez sentir-se assim...

Protetora com eles.

Isto era muito estranho.

Ele era como um animalzinho. Assim seria como sua mãe o chamaria. Ainda que isto não o descrevesse também. Ela roçou a mão ao longo de sua bochecha, onde seu cavanhaque coçava seus dedos. Queria correr sua língua ao longo dele, apesar de não querer assustar ou ofendê-lo.

Não sei o que há sobre você, Hector...

Mas ela queria beijar seus firmes lábios entreabertos. Ao invés disso, ela roçou um beijo na testa dele e deixou o cheiro morno e masculino de sua pele lavar sobre ela.

— Durma bem, meu querido. — Ela preferia muito mais brincar com os suaves cabelos dele do que pescar de qualquer maneira.

* * *

Styx acordou com o som mais surpreendente do mundo. Era um contralto baixo, gentil. E alguém estava acariciando seu rosto...

Com medo que fosse seu tio o molestando, ele levantou-se rapidamente com uma maldição para encontrar o rosto alarmado de uma beleza encarnada.

— Hector? — Aquele doce suspiro o fez sentir-se como um completo idiota, que a assustou novamente.

— Bethany, sinto muito. Esqueci onde estava. Eu adormeci?

Ela assentiu com a cabeça.

— Por várias horas agora.

Ele olhou para o céu confirmando o que ela lhe disse. O sol estava bem no meio do dia.

— Perdoe-me. Não tive a intenção de mantê-la. Espero que você não esteja em apuros.

Estendendo a mão para tocar seu rosto, ela sorriu.

— Não estou em apuros. Estava começando a me preocupar com você, entretanto. Estou contente que finalmente acordou.

Relutantemente, Styxx afastou-se de seu toque terno, espantado por sua cabeça não estar mais doendo. E que as vozes ainda estivessem silenciosas. Era tão estranho estar com alguém e não ter nem ideia do que pensavam sobre ele.

— E olhe... — Ela estendeu a mão em direção à água. — Seu cavalo retornou.

Ele sorriu para o fato de que Troian estava do lado oposto de onde ela gesticulava.

— Então ele voltou. Aparentemente, ele gosta de ser envergonhado, afinal.

— Estou certa de que você não o envergonhou.

Styx levantou-se devagar. Embora seu corpo não estivesse completamente curado, estava muito melhor agora do que estava quando desmaiou no colo dela.

— Já tomei o suficiente de seu dia, minha senhora. Não a aborrecerei mais.

— Você dificilmente é um incomodo.

Ela era extremamente gentil e doce.

— Não sei nada sobre isto. Sangrei em seu bonito vestido e a usei como travesseiro. Não posso ver como não sou nada exceto um incômodo.

— Meu vestido vai lavar e não foi um sofrimento sentar-me com você, enquanto você dormia.

— Obrigado, minha senhora. Você é muito gentil. Gostaria que a ajudasse a ficar em pé?

— Isto é muito galante de sua parte. — Ela segurou a mão dele com um gesto delicado, feminino.

Styx apertou mão dela entre as suas e a ajudou a levantar. Ela era tão minúscula quanto ele suspeitava. Ela mal alcançava seus ombros. Seus cabelos suaves caíam contra a pele de seu braço em uma carícia leve, que acelerou as batidas do seu coração. Ele sentiu um desejo súbito de enterrar seu rosto naquelas escuras madeixas, e inalar o perfume de sua pele até que estivesse bêbado. Um perfume que agora se agarrava nele e em suas roupas, deixando-o tão duro que era impossível pensar direito com ela próxima a ele.

— Você gostaria que eu a levasse para casa? — Ele perguntou.

— Isto não é necessário. — Ela meneou os dedos dentro de sua mão. — E estou em pé agora. Você pode me soltar.

O calor explodiu em seu rosto quando largou a mão dela, embora ele não quisesse.

— Há alguma maneira de eu poder agradecer-lá por sua generosidade hoje?

Ela franziu a testa.

— Você não tem que pagar-me por ser amável, Hector.

— Você é muito diferente das pessoas que conheço. Todos esperam algum tipo de recompensa por qualquer gesto caridoso.

Ela levantou-se na ponta dos pés para sussurrar em seu ombro ao invés de seu ouvido.

— Não sou uma destas pessoas. Mas existe uma coisa que acho que gostaria.

Ele sorriu com a doçura de suas ações.

— Qualquer coisa.

— Tão logo o sol brilhe, estarei aqui no princípio e no fim de cada semana. Se seu cavalo lançá-lo novamente em um destes dias, não me oporia em vê-lo aqui, enquanto descansa em seu caminho para casa.

Seu coração disparou com estas palavras.

— Sêrio?

Ela assentiu com a cabeça.

— Estarei aqui amanhã, também.

— Então estarei aqui, e prometo que não sujarei seu vestido. — Ele pegou sua mão uma última vez e deu um beijo casto sobre suas juntas. — Uma jornada segura para casa, minha senhora.

Ela fez uma reverência para ele.

— E para você, meu senhor.

Seu coração ficou mais leve do que jamais pôde se lembrar disto ter acontecido, Styxx balançou-se sobre seu cavalo e levou um momento observando-a reunir graciosamente seus artigos.

Ela parou.

— Você está observando-me, Hector?

As habilidades dela o assombraram.

— Não posso evitar gentil Bethany. Você é bonita demais para as palavras, e não me refiro apenas a seu rosto. Você move-se com tanta graça e confiança que me deixa sem fôlego.

— Para uma mulher cega, você quer dizer?

— Para qualquer mulher. E não quis ser desrespeitoso com você, de qualquer forma.

Ela sorriu.

— Não foi.

Styxx rangeu os dentes enquanto olhava para a pequena clareira deles.

— Sinto-me terrível deixando-a aqui sozinha. Está certa de que não deseja que eu a leve para casa?

— Meu pai não aprovaria. Ele iria querer interrogá-lo e não acho que você está em cima para isto hoje.

E se seu pai o visse, ele poderia reconhecê-lo. E isto poderia ser desastroso.

— Muito bem então. Estou indo agora. Até amanhã.

— Até amanhã, bom Hector.

Styxx afundou as mãos na crina de seu cavalo, e usou as mãos para guiar Troian para casa. E a cada passo que punha de distância entre eles, seus pensamentos ficavam com a mais bonita gentil criatura que já conheceu. Uma que era tão pura e inocente como desejava ser.

Você mal a conhece.

Verdade, mas ele queria conhecê-la melhor. Ninguém já o fez sentir-se como ela fazia. Engraçado e bem-vindo. Heroico e nobre, embora tudo o que fez foi sangrar por toda parte dela, e dormir em seu colo. *O quão estúpido foi isto?*

De alguma maneira, ela aliviou a dor de seu coração e fez tudo melhorar. Fê-lo sorrir até quando queria chorar. Como ele poderia deixar tal milagre?

Que os deuses tivessem misericórdia dele, mas ele a queria com tudo o que tinha.

O que pode oferecer a uma mulher tão linda? Você é um prostituto inútil, cheio de cicatrizes. Ela ficaria horrorizada se soubesse o que seguiu hoje.

Teria sido tão gentil se soubesse a verdade sobre ele? Ou enrolaria o lábio e correria? Mas ela não sabia o que ou quem ele era. Para ela, ele era apenas um homem normal.

E para ele, ela era a perfeição.

Contando os segundos até que pudesse vê-la novamente, Styxx desmontou na unidade, em seguida lentamente subiu os degraus do palácio.

Maldição, isto doía.

Será que eles realmente precisavam de tantos?

Os guardas abriram a porta para o palácio. Styxx tinha acabado de alcançar os degraus que levavam ao seu quarto, quando a voz de seu pai o deteve.

— O que aconteceu com você?

Ele parou com a abordagem de seu pai, e soltou um suspiro cansado. Seu pai ficaria furioso com seu estado desleixado.

— Eu escorreguei do meu cavalo.

— Seus tutores disseram que você não frequentou as aulas, nem seu treinamento.

Não diga. Verdade? O homem não podia ver sua dor. Ele estava imundo, coberto de hematomas, cortes, sangue, lama e sujeira... Ainda assim seu pai o repreendia.

— Eu cáí, pai. Tinha a intenção de retornar mais cedo, mas tive que encontrar meu cavalo. Por favor, me perdoe por minha falta de consideração com todos vocês.

Como sangrar durante meu caminho para casa...

O olhar de seu pai afiou em advertência.

— Cuidado com seu tom, garoto. Agora, devo chamar o médico para você?

Styxx balançou a cabeça.

— Vou sobreviver. — Ele disse amargamente. Neste momento, reconheceu a verdade do que a mulher sábia proclamou em seu nascimento. Ele podia morrer apenas se Acheron morresse primeiro. Enquanto seu irmão vivesse, ele viveria, também. Ou talvez ambos fossem imortais. De qualquer modo, não tinha nenhuma necessidade de temer a morte agora.

Thanatos²² nunca chegaria para ele.

Talvez se fosse decapitado...

Porem, será que queria testar aquela teoria? Podia ser bastante grotesco caminhar por aí carregando sua cabeça nas mãos... Dada a perversidade dos deuses, qualquer coisa era possível.

No entanto, quando pensou em Bethany, ele não estava mais pensando em viver neste pesadelo infernal. Não se pudesse passar outro dia com ela como este.

Só que, de preferência estaria acordado para isto.

A testa de seu pai franziu, quando ele finalmente percebeu que Styxx não estava sangrando sem motivo.

— Você está certo de que está bem?

— Tudo bem, pai — Styxx deu um passo, e então parou.

— Majestade? Posso pedir-lhe um favor?

A carranca dele se aprofundou.

— Sim. Claro.

Styxx duvidava que seu pai ficasse tão complacente, uma vez que ouvisse isto. Mas ele tinha que tentar, ainda que isto significasse mais humilhação para si mesmo.

— Poderíamos, por favor, trazer Acheron para casa?

A raiva escureceu os olhos de seu pai.

— Você sabe como me sinto sobre isto. Ele foi mandado embora para sua proteção. Por que quer trazê-lo de volta?

Porque ele é meu irmão...

E ele não podia suportar o pensamento do que lhe estava sendo feito. Não importando o que Acheron dissesse ou pensasse, ele não queria deixá-lo em Atlântida. Não com Estes.

— Não lhe preocupa que ele pode estar sendo machucado, enquanto está longe de nós, e assim causar-me mal?

²² Personificação grega da morte

— Estes o mantém guardado. Não existe nenhum perigo para ele lá.

Sendo tão inteligentíssimo, você é muito estúpido.

Por que seu pai era tão cego aos vícios de Estes e de ninguém mais? Styxx não podia nem imaginar ter alguém o amando assim. Alguém que nunca julgaria ou o odiaria, não importando suas atrocidades cometidas.

E nada disso importava agora...

— Por favor, pai. Nunca mais, em toda a minha vida, lhe pedirei por qualquer outra coisa.

— E isto é uma coisa que nunca lhe darei. Entendido? Agora vá se limpar. Sua sujeira e fedor me ofendem. Você cheira como uma mulher.

Sim, ele cheirava. Teve que morder de volta um sorriso com a memória que o cheiro de Bethany despertava. Se ele pudesse, levaria o cheiro dela sobre ele para sempre.

Styxx começou a passar por seu pai, apenas para tê-lo agarrando seu braço com um apertão. Ele estreitou o olhar, enquanto dava a Styxx um duro, olhar feroz.

— Sei que você guarda segredos de mim, garoto. Você sempre o fez.

Porque sempre que tentei contá-los a você quando era criança, você me golpeava por causa deles.

Agora estes segredos apenas dariam a seu pai uma razão real para odiá-lo e se ressentir.

— E não acredito em você sobre hoje. Acho que há mais por onde esteve.

Styxx manteve suas características em branco, e seus olhos encobertos.

— Como claramente pode ver pai, cáí e fui gravemente ferido. — A única coisa sobre a qual tinha mentido era sua intenção de retornar para casa.

— Saia de minha vista. — Ele o empurrou.

De bom grado. Styxx subiu as escadas da melhor maneira que podia.

Quando virou em direção a seu quarto, ele desacelerou com a aproximação de sua irmã e mãe no corredor superior. A risada delas morreu no momento em que elas o viram.

Ele inclinou a cabeça para elas respeitosamente.

— Mãe. Ryssa.

Uma profunda carranca enrugou a testa de sua mãe.

— O que aconteceu com você?

Por um momento, ele pensou que pôde detectar uma nota de preocupação maternal. Mas a ondulação adicional dos lábios dela zombando dele, disse que isto não existiu ou foi passageiro.

— Eu fui lançado.

— Do que? — Sua mãe riu amargamente. — Da cama de uma prostituta? Você emite um forte mau cheiro. Você deve ter se chafurdado nela por horas.

— Ela não é uma prostituta. — Ele rosnou antes que pudesse se conter.

— Homens. — Sua mãe zombou para Ryssa. — Eles são sempre inconstantes com seus afetos. Reze filha, que nunca dê seu coração para um. Eles não se importam menos com isto, tão longo você os acolha em seu corpo. — Ela virou-se com um olhar cheio de ódio para ele. — No futuro, sugiro que se recomponha, antes de retornar para casa. Você é o príncipe deste reino. Não acho que seja demais esperar pelo mínimo de decoro e vestuário de você, quando deixar suas prostitutas para trás.

Styx sentiu sua mandíbula tremer.

— Eu sei mãe. Ofendo toda minha família. Se não com minhas maneiras ou voz, então com meu vestuário, e acima de tudo, é meu pênis que ofende mais a você e Ryssa.

Elas ofegaram bruscamente.

— Xerxes! — Sua mãe gritou.

— Chicotear-me não mudará nada. Você fala com Ryssa sobre homens quando não sabe nada sobre nós. Nunca se preocupou em aprender. Somos criaturas simples, realmente. Vocês têm apenas que ser gentis conosco. — Ele inclinou a cabeça ao som da aproximação de seu pai.

— Você chamou? — Seu pai perguntou.

Styx respondeu por ela.

— Ela vai dizer a você como eu ofendi a ela e Ryssa com a verdade, pai. Como usei uma linguagem inadequada na frente de senhoras. Você deseja que tome banho primeiro ou depois que for espancado?

Seu pai franziu o cenho.

— Você não é o mesmo de antes. O que o mudou?

Styx engoliu a dor que o sufocou. Ele foi estuprado, prostituído, espancado, e ameaçado com isto, viu seu pai transformar seu gêmeo em gelo. Ele teve seu irmão amaldiçoando-o por tentar ajudá-lo, e então descobriu que não podia morrer. Como tudo isto poderia não mudá-lo?

— A vida me mudou, Majestade. Vivo apenas para servi-lo e a meu povo. Não tenho nenhum outro propósito.

Seu pai endureceu.

— Está sendo espertinho comigo?

— Não, Senhor. Diga-me como agradá-lo e o farei.

— A insolência dele deveria ser castigada, pai. Ele zomba de você e nos insulta.

— Olhe-me nos olhos, garoto. Você está zombando de mim?

Styx encontrou seu olhar sem vacilar.

— Não, Senhor. Por que iria?

— E o que disse para sua mãe e irmã?

— Eu meramente comentei sobre a ironia de mamãe ensinar Ryssa sobre homens, quando ela não sabe nada sobre nós. E como a minha parte que verdadeiramente as ofende é na maior parte meu pênis.

Sua mãe gesticulou furiosamente nele.

— Você vê como ele nos trata.

Pela primeira vez, seu pai riu.

— Ele fala a verdade. Não devo castigá-lo por isto.

Os olhos de sua mãe chamejaram antes de ela avançar e golpear Styx onde seu rosto já estava machucado.

Styx sentiu o gosto de sangue em seus lábios, quando os cortes existentes reabriram.

— Lamento todos os dias que você tenha nascido. — Ela passou por seu pai com um sorriso zombeteiro, antes de sair como um furacão com Ryssa arrastando-se atrás dela.

— Ignore-as, garoto. As mulheres têm apenas duas utilidades. Na cama e como ferramentas de barganha. Diferente disto, você faria bem em evitá-las. E falando nisso, eu paguei outra de suas prostitutas mais cedo enquanto estava fora.

— Como é?

— Uma das servas veio até mim com uma filha, que afirma ser sua. Não tenha medo, instalei-as para você, e elas não voltarão para atormentá-lo.

Styx rangeu os dentes.

— Não é minha.

Seu pai riu. — Claro que é. Não se preocupe. Não estou bravo. Acontece. Não posso nem começar a catalogar todos os bastardos que tenho. O truque é mandá-las para longe o suficiente, de forma que nem você nem seus filhos acidentalmente tropecem em uma de suas filhas bastardas.

Styxx balançou a cabeça em descrença pela indiferença de seu pai com algo que achava altamente ofensivo. E o fato de que seu pai pagou para alguma mulher desconhecida, enquanto ainda era virgem...

Bem, não tecnicamente depois de Estes e os animais com os quais ele viajava. No entanto, até mesmo com os servos e os outros lançando nele pelos últimos anos, ainda tinha que dormir com uma mulher. Qualquer mulher. Ele nem sequer tinha beijado uma. Esteve com tanto medo de envergonhar-se com sua inexperiência.

E agora... ele não tinha nenhum desejo de estar com uma que poderia descobrir sua marca.

Sem mencionar que depois de ter sido abusado, não iria para a cama com alguém que não tivesse autoridade para rejeitá-lo. A última coisa que queria era fazer sexo com alguém que não queria estar com ele.

Seu pai bateu-lhe de leve no ombro.

— Vá limpar-se e descansar em paz. Eu o verei no jantar.

Styxx curvou-se ligeiramente antes de ir para seu quarto e fechar a porta. Não sabia o que mais machucava. O fato de que sua própria mãe o desprezava por coisas que não fez, ou o fato de que a única coisa de que seu pai orgulhava-se era de algo que não fez.

Chiando de dor, ele rapidamente sentou-se em sua cama quando seus pés começaram a queimar. Acheron estava sendo açoitado lá. Ele sabia disso. Enquanto seus próprios pés nunca foram atingidos, ele tinha levado com o açoite em sua bunda o suficiente para reconhecer a sensação.

Foda-se, Estes.

Pelo menos desta vez ele estava sozinho para que pudesse lidar com a dor, e não tinha que fingir que não sentia nada. Sentando-se, apertou seus pés avermelhados no chão. Enquanto se movia, ele sentiu o cheiro de lírios e eucalipto.

Bethany.

Ele fechou os olhos e convocou uma imagem de seu bonito rosto, e toque gentil. O som da voz dela enquanto cantava para ele. Pela primeira vez em sua vida, sabia exatamente o que queria.

E sua mulher perfeita tinha o mais belo dos nomes.

* * *

— O que você está fazendo?

Bethany parou ao som da voz de Archon atrás dela. Descamando-se de sua pele humana, ela virou-se para o olhar do rei dos deuses de Atlântida. Com pouco mais de dois metros de altura, ele pensava que todos os membros de seu panteão deveriam curvar-se diante dele.

Mas, Bethany não estava para ser intimidada diante de ninguém. Até mesmo um dourado magnífico deus rei.

— Sugiro um novo tom para você, Archon, quando dirigir-se a mim... Um com menos graves.

— Você deveria estar procurando por Apostolos!

O filho atlante perdido que Archon tinha tolamente gerado com sua rainha, Apollymi, o grande destruidor de todos os mundos.

Bethany tinha que dar crédito a Apollymi. O fato de que a deusa rainha conseguiu esconder seu filho, e mantê-lo protegido de todos os seus poderes combinados, era extremamente impressionante. Ninguém mais poderia ter sumido com ele.

— Estava procurando por ele, Archon. Na Grécia, como você sugeriu.

— E?

— E o que? Apollymi ainda está aprisionada e estou aqui sozinha. Obviamente, Grande Senhor Rei dos Deuses, não tenho seu filho nem o matei enquanto estive fora.

Os olhos de Archon chamejaram com fúria.

— Você é a pessoa que precisa observar seu tom.

Bethany ridicularizou sua ira.

— Não me ameace. Preciso lembrá-lo do que aconteceu da última vez que lutou com uma deusa deste panteão? Não funcionou muito bem para você, não é? A última coisa que quer agora é que me junte às fileiras com sua esposa contra você.

Um tique agitou-se ferozmente em sua mandíbula.

— Temos apenas cinco anos antes que ela libere os poderes dele, e os dois nos ataquem. Algo que não estará bem para você também... Posso senti-lo lá fora. Sei que está vivo e bem.

— Então você, — ela pressionou a ponta do dedo contra seu tórax volumoso, — ache-o. Como seu pai, isto deveria ser fácil para você.

Ele rosnou para ela antes de sair apressadamente.

Rolando os olhos, puxou o pequeno pedaço da túnica de Hector de seu bolso, e sorriu para a suavidade do tecido. Ela ergueu-o até o nariz para que seu perfume pudesse aquecê-la novamente.

Que tolíce estar tão apaixonada por um simples garoto, especialmente porque sempre zombou dos deuses que tomavam amantes humanos. Ela nunca entendeu a atração deles. Eram frágeis e patéticas pequenas criaturas.

Mas não Hector. Mesmo enquanto sangrava em cima dela, ele foi engraçado e doce. Gentil. Atencioso.

Precioso.

— Bet'anya? Você está bem?

Ela encontrou o olhar de Chara quando a Deusa atlante da Alegria juntou-se a ela na entrada do salão principal em Katateros, o reino paradisíaco de Atlântida, onde os deuses fizeram suas casas. Com o cabelo vermelho chamejante e a pele cor de alabastro, ela era absolutamente atordoante. Alta e voluptuosa, Chara estava sempre sorridente e rindo.

Bethany devolveu o tecido para o bolso, antes que a outra deusa o visse.

— Estou bem. Por que pergunta?

— Você está sorrindo. Isto me assusta.

Bethany riu disto, o que fez com que Chara desse um passo para trás.

— Agora estou apavorada. Quando a deusa da ira e miséria está feliz... isto não poderia pressagiar nada de bom para os outros.

Verdade, entretanto Bethany não podia evitar isto. Ela nasceu da Escuridão, Caos, Morte e Lágrimas. Era difícil ser alegre com aquele tipo de concepção e criação.

Mas apenas o pensamento de Hector fazia seu coração iluminar.

Quão ridícula eu sou?

— Alguma vez você já... — Bethany hesitou insegura se queria deixar alguém saber o que se passava em sua mente.

— Alguma vez eu já o quê?

Bethany olhou em torno da enorme, sala branca de mármore para ter certeza de que ninguém mais poderia ouvi-las.

— Já estive com um humano? — Ela sussurrou.

Chara deu um sorriso brilhante.

— Muitas e muitas vezes. Eles podem ser muito divertidos.

— Assim parece.

Isso fez com que uma de suas sobrancelhas vermelhas levantasse em sua testa. — Presumo que você encontrou um em particular que lhe agradou?

Bethany encolheu os ombros com uma indiferença que ela definitivamente não sentia.

— É estúpido, não é? Ele estará velho e morto em algum momento...

— Ele não tem que estar. Você pode poupá-lo disso.

— Por que iria? A obsessão nunca dura mais do que uma respiração ou duas. Estou certa de que estarei entediada com ele, da próxima vez que nos encontramos. Se nos encontrarmos novamente.

— Não deixe Agapa ouvir que você disse isto. Você irá ferir seus sentimentos.

Bethany bufou.

— A deusa do amor pode pegar suas sementes e colocá-las em um lugar bastante desconfortável. Não quero que seu veneno germine em mim. Nunca.

Rindo, Chara torceu o nariz.

— Agora esta é a Bet'anya que conheço e amo. Sempre uma pessimista.

— Sempre uma realista. Você deveria tentar isto algum dia.

— Não, obrigada. — Chara balançou-se na ponta dos pés. — Prefiro sonhar e ver a beleza do mundo e todas as suas possibilidades.

— Isto seca e morre. Todas as coisas o fazem.

— Mas não nós. — Chara lembrou-lhe. — Somos eternas.

— Mas com algumas limitações.

Chara levantou as mãos para o alto.

— Reconheço esta briga. É bom ver seu santo mal-humor de volta. Senti muito sua falta.

Bethany era ranzinza e intratável. Ela sempre foi deste modo. Mas, por uma breve tarde, tinha estado alegre. E ela riu...

— Devo estar ficando doente.

E tinha coisas melhores para fazer do que perder tempo com um Zé ninguém mortal. Ela tinha um deus perdido para encontrar, antes que a deusa da destruição fosse solta e destruísse todos eles. Isto e apenas isto era no que ela precisava estar focada.

25 de junho de 9532 a.C.

Styx segurou a respiração enquanto refazia seu caminho para a pequena clareira onde Bethany disse que estaria. Levou horas para afastar-se de seu pai e tutores. Depois de ontem, seu pai resolveu observá-lo mais de perto, e tinha sido forçado a escapar.

Ele demorou muito tempo? *Ela já se foi?*

Emocionalmente devastado com o pensamento, ele atravessou as árvores e estremeceu quando não viu nenhum rastro dela. *Maldição!* Ele a tinha perdido por causa deles.

De repente, ele ouviu os passos lânguidos de algo se movendo nas árvores.

— Bethany? — Ele chamou.

O barulho imediatamente parou.

— Hector?

O alívio o inundou tão rápido e furiosamente que quase perdeu o equilíbrio. Ele apressou-se em direção à voz dela, e encontrou-a a poucos metros de distância no denso bosque. Vestindo um vestido verde claro, com seus cabelos puxados para cima em uma linda cascata de cachos soltos, ela tinha uma cesta em um braço e sua vara na outra mão.

— Estou aqui. — Ele soltou seu cavalo para tocar no ombro dela, de forma que ela pudesse localizar seu paradeiro.

Ela imediatamente sorriu.

— Pensei que tivesse mudado de ideia.

— Não. Nunca. Sinto muito. Simplesmente não pude sair mais cedo.

Bethany suspirou quando ele tomou sua mão na dele e beijou-a. O cheiro morno, masculino dele encheu sua cabeça e fez seu coração acelerar. Um desejo assustador, inesperado de abraçá-lo atravessou-a e teve que se forçar a refrear-se.

— Trouxe-lhe um pouco de cordeiro e queijo com vinho.

— Eu adoro queijo. É um de meus favoritos. — Depois de pegar sua vara, ele colocou algo em sua mão. — Trouxe-lhe flores.

Ela roçou os dedos sobre o pequeno buquê. O sorriso dela se alargou com a suavidade das pétalas.

— Papoulas?

— De fato, são.

— Obrigada. — Levantando-se, ela colocou um beijo casto em sua bochecha.

Styxx fechou os olhos e saboreou a sensação dos lábios dela em sua pele. Ele sofria querendo afundar a mão em seus cabelos, e mantê-la lá contra ele até que o próprio tempo parasse de se mover.

— Sinto muito estar atrasado. Se você precisar partir...

— Não preciso. Não de verdade. — Ela começou a voltar em direção ao córrego.

— Aqui, deixe-me levar isto para você. — Styxx tomou a cesta de seu braço.

Enquanto caminhavam, ela puxou um cobertor da cesta na mão dele. Assim que alcançaram o lugar dela, estendeu-o no chão. Espantava-lhe como ela se movia com tanta facilidade e graça, quando não podia ver nada. Como se lembrava do lugar exato em que esteve, quando se encontraram.

— Posso perguntar-lhe algo pessoal?

Ela pausou.

— Depende. Do quão pessoal estamos falando?

Ele colocou a vara contra uma árvore.

— Isto... não importa. Não deveria ter mencionado isto.

Ela arqueou uma sobrancelha para ele.

— Agora você tem minha completamente curiosidade. O que é?

— Eu... um... — Ele coçou nervosamente o rosto, com a esperança nos deuses que não a ofendesse com sua estupidez.

— Você nasceu cega?

Ela riu suavemente enquanto tirava seus itens da cesta.

— Você e eu temos definições completamente diferentes da palavra “pessoal”. Não, não nasci cega. E enxergava no momento do meu nascimento.

— É por isso que você se move tão facilmente?

— Não. Movo-me facilmente porque não sou velha.

Foi a vez dele de rir.

— Não foi isso que quis dizer.

— Sei o que quis dizer e não, é porque tenho os sentidos superdesenvolvidos que permitem que eu saiba onde as coisas estão, e isto é por que tendo a cantarolar ou fazer barulhos à medida que ando. Sempre que me aproximo de algo, o som ecoa de volta disso, deixando-me saber o que está em meu caminho.

— Sério?

Ela assentiu com a cabeça, enquanto se sentava sobre o cobertor.

— E quanto a você? Você nasceu com sua visão?

Ele riu novamente.

— Eu de fato nasci. Embora não tenha nenhuma memória disto. E às vezes isto não funciona tão bem como deveria. — Ele colocou a cesta ao lado dela, em seguida sentou-se no lado oposto do cobertor, de forma que pudesse admirar o modo com que a luz atravessava sua pele que lembrava-lhe do morno, mel escuro. — Você mudou seu cabelo.

— Eu o enrolei.

— Eu gostei disso... entretanto gosto dele liso também. — Ele acrescentou rapidamente.

Seu bonito e cativante sorriso imediatamente o endureceu.

— Meu pobre Hector. Você realmente não fica muito confortável ao redor das mulheres, não é?

— Nem um pouco, mas tenho que dizer que você é muito mais fácil de conversar do que a maioria.

— Como assim?

Você não zomba de mim, por outro lado...

— Acho que tem haver com o fato de que a encontrei na altura de minha inépcia. Não tenho nenhum outro lugar para ir com sua estimativa, exceto para cima. — Encolhendo-se com aquelas palavras, Styxx pigarreou. Ele tinha falado demais sobre sua estupidez e falta de jeito. Não havia necessidade de lembrá-la disso, quando não precisava. — Tempo agradável, não é?

Ela estalou a língua para ele.

— Você está mudando de assunto. Isto me faz perguntar por quê.

Ele soltou um suspiro cansado antes de responder sua pergunta inicial.

— As mulheres tendem a querer usar-me ou me julgar.

— Usá-lo como?

Ele arrancou uma folha da grama e correu pelas pontas de seus dedos.

— Elas me veem como uma grande bolsa.

— E você é?

— Não. Estou certo de que sou humano. A maioria dos dias de qualquer maneira. As manhãs nem sempre, no entanto. Em vez de uma bolsa, sou muito mais um urso nas primeiras horas do dia.

Seu riso o banhou como o vinho mais doce, e teve o mesmo efeito intoxicante nele.

— Mas você tem dinheiro?

Aquilo conseguiu deixá-lo sóbrio. Ela era como as outras, afinal?

— Por que está perguntando?

— Porque não gosto das pessoas que são ricas. Elas tendem a ser arrogantes e manter a crença de que, qualquer problema pode ser resolvido aplicando mais recursos em direção a isto.

Embora isto fosse verdade sobre seu pai e tio, não era sua filosofia.

— Honestamente, minha senhora. Não tenho nenhuma riqueza pessoal mesmo. — Como seu pai era tão rápido em lembrá-lo... Tudo pertencia a seu pai. Até o cavalo que montava — Sou bastante sem valor.

— Você definitivamente não é sem valor.

— E por isso, gostaria de lembrá-la que você é cega. — Styxx encolheu-se novamente, quando aquelas palavras deixaram seus lábios. *Oh deuses, como podia ter sido tão estúpido e insensível?* — Bethany, não quis dizer...

— Shh. — Ela apertou os dedos em seus lábios. — A verdade não me ofende, Hector. Sou cega. Não posso negar isto. Mas, por causa disso, vejo muito mais claramente que aqueles que têm olhos funcionando.

Ela pegou o pão, cortou um pedaço pequeno e estendeu para ele.

— Aqui, querido. Talvez isto remova o gosto de pé de sua boca.

Sorrindo, ele começou a pegá-lo dela e antes que pudesse impedir-se, debruçou-se e comeu da mão dela.

Bethany estremeceu com a sensação dos lábios dele contra seus dedos, quando ele pegou o pão com os dentes. Ela o ouviu derramar e misturar o vinho nas duas taças que ela tinha embalado. Com o mais tenro dos toques, ele pegou sua mão e colocou-a contra o cálice. Roçando o dedo sobre a borda, ela teve que morder de volta um sorriso. Ele apenas o encheu até a metade.

— Você definitivamente não está tentando me embriagar.

— Não creio em aproveitar-me dos outros.

— Então você é um homem raro.

— Só um honrado.

Sua doce humildade a aqueceu.

— Como disse, você é muito raro.

— Você realmente acredita nisto? — Ele perguntou naquela sua voz ricamente profunda.
Ela poderia escutar a ressonância viril disso o dia todo...

— A experiência me ensinou bem que a maioria irá mentir ou enganar para conseguir uma mão melhor. É por isso que prefiro a solidão à interação social.

Ele tomou um gole, em seguida colocou seu cálice de lado.

— E odeio estar sozinho, ainda que isto pareça estar sempre sendo forçado sobre de mim.

Ela franziu o cenho com a dor que ouviu em seu tom.

— Por que odeia estar sozinho?

— É solitário.

— Você pode estar cercado pelas pessoas e ainda estar só.

— E isto é uma lição que aprendi também. Ainda assim, é melhor ser distraído pela multidão, do que ficar com as memórias que não servem para nenhum propósito, além de torturar a consciência e açoitá-lo o coração.

A sabedoria dele a surpreendeu. Ele parecia muito mais velho do que seus anos.

— Você não é velho o suficiente para ter tais arrependimentos.

— A dor não respeita idade, minha senhora. Às vezes penso que a Algea aprecia seguir vítimas mais jovens somente por despeito. — Styxx hesitou quando um olhar aflito atravessou seu semblante. — Perdoe-me, minha senhora. Não quis ser tão sentimental. Manchei seu sorriso bonito, e isso definitivamente não era minha intenção. Como disse, passo muito tempo sozinho. Isto me deixa carente de todas as graças sociais.

Ela balançou a cabeça.

— Acho sua conversa sincera e seus comentários sentimentais refrescantes. Não tenho paciência para a malícia e menos ainda para oradores ardilosos, que mascaram suas garras atrás

de duplos sentidos, e vias habilmente praticadas. Então me dê sua honestidade, Hector. É por isso que esperei por você hoje, quando nunca espero por ninguém.

Como ela fazia isto? Ela o fazia se sentir tão...

Humano. Digno. E era tão fácil para ela. Enquanto outros o degradavam, ela o fazia sentir-se como se pudesse voar.

— Você não é como ninguém que já encontrei antes, Bethany.

Ela dobrou o queixo, na maneira mais atraente que ele já tinha visto.

— Espero que não. Orgulho-me de ser única neste mundo.

Ele endureceu ainda mais e desejou que tivesse coragem de roubar um beijo dela.

— E bem que você deveria.

Ela engoliu o pedaço de pão.

— E você?

— E eu o quê?

Ela se debruçou para frente e franziu o nariz.

— Do que se orgulha de si mesmo?

Da estupidez. Era o que ele parecia possuir em abundância, mas não tinha nenhum desejo de desistir tão cedo dela.

— Nada.

— Estou falando sério, Hector.

Ele afastou o olhar dela.

— Este sou eu.

Ela aproximou-se dele até o perfume dela fazer sua cabeça bombear novamente.

— Não há nada em que você se sobressaia? Honestamente?

Antes de ele poder deter-se, a verdade jorrou.

— Irritar meu pai, e definitivamente minha irmã. Posso transformá-la de uma beleza sorridente para uma megera vingativa, meramente caminhando por uma sala. Meus poderes a este respeito são verdadeiramente um temor inspirador. Mas, não tenho nenhum orgulho disso. E como viu em primeira mão, minha habilidade com cavalos é até mais carente do que minhas graças sociais.

— Tem que haver algo em que seja bom. Seguramente você pode me citar alguma coisa além de irritar sua família.

— A única outra coisa que sou talentoso é em esconder a dor por trás do estoicismo.

Bethany congelou quando ouviu o tormento dentro dele. Seu coração partiu-se por ele, ela avançou para tocar a mão dele, mas não pôde encontrá-la.

— Sinto muito, minha senhora. Não quis dizer... deveria ir embora. — Ele estava se afastando, ela podia ouvi-lo recuar.

— Hector? Por favor, não vá. Fique comigo.

Styx saboreou as palavras que ninguém nunca tinha dito para ele antes. Nenhuma vez. Ao invés disso, as pessoas estavam sempre o mandando embora. Antes que pudesse deter-se, ele retornou para o lado dela.

Ela levantou as mãos para senti-lo.

— Você ainda está aqui?

Ele colocou sua mão na dela e permitiu-lhe que o puxasse para baixo, próximo a ela. O desejo de aconchegar a mão dela em seu rosto era tão forte, que não estava certo de como conseguiu aguentar-se.

— Estou aqui.

O sorriso no rosto dela o golpeou.

— Será que devemos falar do tempo?

— Qualquer tópico que agradá-la.

Ela passou os dedos por seu queixo e lábios.

— A única coisa que é difícil em não ver, está em julgar humores às vezes. Desde que não posso ver sua expressão, não posso saber o seu agora. Você é bom em esconder isto.

— Meu humor é que estou feliz e satisfeito apenas sentado com você, Bethany. — Ele tirou uma mecha perdida de cabelo de seu rosto. — Você nem mesmo precisaria conversar comigo.

— Mas eu gostaria de conhecê-lo.

Aquelas palavras o transpassaram.

— Não há nada realmente para conhecer. Eu trabalho. Estudo e às vezes durmo.

— O que faz por diversão?

Nem uma maldita coisa. Com exceção de uma...

— Eu cavalgo até este córrego, onde há uma garota surpreendente que me manipula com belos sorrisos, vinho e pão de forma que possa remover o gosto de pé de minha boca.

Ela balançou a cabeça para ele.

— E antes de mim?

— Não existia nada antes de você, Bethany. Não tinha prazer algum.

Bethany hesitou com aquelas palavras. Ela ouviu a sinceridade na voz dele. Mas, ele estava falando sério?

— Nenhum?

Ele colocou a mão dela em seu rosto, de forma que ela pudesse sentir sua expressão séria.

— Nenhum.

Antes que pudesse deter-se, ela o puxou para seus braços e o abraçou. Os braços fortes dele a cercaram com calor, enquanto aspirava o cheiro dele. Ele a segurava como se ela fosse inexplicavelmente preciosa. Como se a amasse...

Mas ela sabia muito bem. De fato, ele podia estar mentindo sobre tudo. A maioria dos homens, em sua experiência, o faziam.

Ela sentiu a mandíbula dele tencionar quando apertou os braços ao redor dela, e aconchegou a cabeça dela em sua mão. Ele respirou fundo em seu cabelo, então a soltou.

— Não posso acreditar que nenhum homem se casou com você.

— Quem disse que quero me casar?

— Você não quer?

Ela balançou a cabeça.

— Recuso-me a responder a alguém por qualquer coisa. Minha vida é minha, assim como meu corpo. Ninguém jamais vai me comandar. Eu o ofendi?

— Nem um pouco. Aprecio seu espírito e espero que você sempre o tenha.

Ela franziu o cenho.

— Por que diz isto?

Styx ficou em silêncio, enquanto seu passado se agitava dentro dele. Ele poderia ter mantido sua convicção em algum momento de sua vida, mas não pôde lembrar-se de um tempo, quando não se sentiu como um cão chicoteado cansado.

— A vida tem um modo de quebrar até mesmo o mais forte entre nós.

A respiração de Bethany arfou, quando ouviu a agonia subjacente dele.

— O mais forte dos metais é forjado debaixo das mais violentas das condições, meu senhor. É enterrado profundamente nos carvões mais quentes, e então batido e batido até que esteja curvado em uma forma. Então se torna a mais forte, mais letal das armas. Uma coisa de beleza e força absoluta.

Mas só quando for empunhado pela mão certa. As palavras que Galen tinham sussurrado para ele, e finalmente entendeu o que o idoso quis dizer sobre as razões para lutar.

Pela segurança desta mulher, ele lutaria sozinho.

— Você tem a perspectiva mais surpreendente, minha senhora.

— E você não.

— As minhas são muito mais desoladoras. É uma de responsabilidade e expectativa. Mas, prefiro muito mais ver este mundo por seus olhos do que pelos meus.

— Mas meus olhos são cegos.

— E ainda, como disse, eles veem muito mais do que os outros... Minha linda Bethany. Sinto como se a conhecesse a muito mais tempo do que um dia, e não sei por quê.

Bethany ficou em silêncio. Ela sentia o mesmo e isto não fazia sentido algum. Por que ele a atraía quando nenhum outro tinha?

O que mais a atordoava era que ele não a estava a agarrando ou até mesmo tentando beijá-la. Era tão respeitoso com o espaço dela e seu corpo.

Seu Hector era diferente de qualquer homem que já conhecerá.

Ele suspirou.

— Está ficando tarde e não quero que fique fora sozinha na escuridão. Preciso deixá-la ir.

Ela tinha a sensação de que ele não estava apenas conversando sobre este encontro.

— Você me visitará novamente?

— Isto irá agradá-la?

— Irá.

— Então eu virei. — Ele levantou-se e então a ajudou a ficar em pé.

Quando se abaixou para arrumar sua cesta, ela bateu a cabeça na dele.

— Uou! — Eles disseram ao mesmo tempo.

Rindo, Styxx endireitou-se e percebeu que, uma vez mais, todas as vozes em sua cabeça estavam quietas. Ele nunca as ouvia quando estava com ela.

Por quê?

— Espero que eu não tenha lhe dado uma concussão, minha senhora.

Ela esfregou a cabeça.

— Ainda não, mas temo que possa estar tentando. — Erguendo-se na ponta dos pés, ela encostou seu rosto no dele. — Até nossos próximos encontros.

Ele fechou os olhos e saboreou a sensação do corpo dela próximo ao seu, e a respiração dela contra seu pescoço.

— Estarei contando as batidas do coração.

Styxx deu-lhe a cesta e a vara e observou, enquanto ela desaparecia na floresta. Ele não se moveu até que ela tinha desaparecido completamente de sua visão.

Não havia nada que quisesse mais do que ficar com ela para sempre. Mas isto era um sonho impossível. Seria mais provável que ele convencesse seu pai a trazer Acheron de volta para a linha de sucessão.

E ainda...

Ela é apenas mais um truque que os deuses enviaram para torturá-lo, com algo que você sabe que nunca será digno de ter.

Era verdade. Por que outro motivo ela estaria aqui?

26 de julho de 9532 a.C.

— Styxx! Entre aqui, há um assunto de grande importância que preciso falar com você.

Resistindo ao desejo de soltar um suspiro frustrado, Styxx subiu os degraus e dirigiu-se ao escritório de seu pai.

Justamente o que estava esperando ansiosamente. *Outro discurso de como eu o desapontei.*

Ele entrou na sala e fechou a porta atrás dele.

— Sim, pai?

— Sente-se.

O que fiz agora?

Styxx obedeceu, enquanto seu pai recostava-se em sua própria cadeira para olhá-lo com uma intensidade inquietante. Sim, isto iria ser ruim para ele.

Seu pai coçou a barba como se buscando as palavras certas.

— Uma questão preocupante chegou até mim.

O sangue deixou seu rosto. *Ele descobriu que sou um prostituto...*

Não exagere. Acalme-se.

— E isto seria, pai?

— Você não gerou nenhum bastardo.

Um suspiro de alívio o deixou tão de repente que ele ficou ligeiramente tonto por isto. *Como isto era uma coisa ruim?*

— Descobri que a última prostituta que paguei não é sua, e então fui investigar as outras apenas para descobrir que nenhum delas dormiu com você, também.

Se seu pai apenas o tivesse escutado, ele saberia disto muito mais cedo.

— Como você descobriu pai?

— Nenhuma delas sabia de suas cicatrizes.

E isso iria fazê-lo. Não era como se algumas delas pudessem ser escondidas de uma amante.

Styx suspirou. Seu pobre pai. A única coisa de que se orgulhava era das crianças bastardas que Styx não tinha.

— Não vejo como isto seja um problema.

— Incomoda-me que não possa encontrar nenhuma mulher que você já tocou.

Sua raiva explodiu com aquele comentário, e Styx levantou-se em pé.

— Isto não é uma discussão que quero ter.

— Sente-se!

Ele debateu o mais sábio curso da ação. Bem, não necessariamente o mais sábio, mas o que o deixaria com mais dignidade. Infelizmente, era a última atitude que queria tomar.

Ele afundou de volta em sua cadeira.

Seu pai moveu-se para permanecer ao lado dele. Segurando seu queixo, ele forçou Styx a encontrar seu olhar.

— Você é Ganymede?²³

Styx fechou suas feições com a acusação. Não apenas porque ele não era, mas porque seu tio e os outros o usaram como se fosse.

— Não!

— Está tudo bem se for. Embora eu prefira o suave invólucro de uma mulher, sou conhecedor de lançar uma bunda digna ou duas nos meus dias.

Styx encolheu-se com aquele pensamento que o fez querer vomitar. Havia coisas que ninguém queria saber sobre seus pais, e isto estava definitivamente no topo de sua lista.

Mas seu pai não teve misericórdia dele à medida que continuou.

— Realmente Styx, isto não é nada para se envergonhar. Estes sempre teve uma preferência por homens, e isto nunca me incomodou.

Styx sentou-se em silêncio atordoado, enquanto o ódio fluiu espesso por suas veias. *Você sabia como ele era, e soltou-me com ele? Que tipo de pai faria uma coisa desta?*

Sua mandíbula despencou.

— Mas meu irmão tomou mulheres em algumas ocasiões. Quando me disse que tinha visto seu treinamento em Atlântida, presumi que eram prostitutas que tinha usado.

Oh, isto estava ficando ainda melhor e melhor.

²³ Um garoto de Troia que Zeus levou para ser seu amante e copeiro dos deuses.

— O que ele disse a você sobre meu tempo em Atlântida?

— Não fique bravo com Estes. Apenas expressei minha preocupação de que você não estava agindo como a maioria dos homens de sua idade... que passou sobre as mulheres que lhe enviei para seu prazer. E que me preocupava que os sacerdotes poderiam tê-lo danificado.

Styx esfregou o rosto, querendo esmurrar seu pai. Sim, eles o danificaram, mas não da maneira que ele achava. *Deuses... quanto mais desta merda teria que sofrer?*

— Estes me contou que quando ficou com sua primeira amante, você ficou bastante envergonhado por causa de suas cicatrizes, mas uma vez que começou, esqueceu sobre elas. Ele disse que não deveria preocupar-me sobre sua habilidade de execução. Que ele viu que você fica ereto. No entanto... quando soube que as empregadas estiveram mentindo sobre você usá-las... fiquei preocupado. Como você pode ser rei sem herdeiros?

Como ele podia ficar sentado aqui com seu pai falando com ele desta maneira, e não morrer de abjeto horror, vergonha e humilhação?

As maravilhas do mundo nunca deixavam de surpreendê-lo, também.

— Então tomei a incumbência de instalá-lo com uma amante.

Styx ficou boquiaberto para ele.

— Eu não quero uma amante, pai.

— Então uma prostituta. Macho ou fêmea. Sua escolha.

— Eu tenho a maldita certeza de que não quero isto! — Ele rosnou quando mais dor transpassou-o.

Isso acendeu a fúria de seu pai, quando olhou para ele.

— Então me explique o que está acontecendo com você? Por que meu filho é tão casto quanto minha filha? É deplorável.

Deplorável?

Talvez você devesse ter pensado sobre isto, antes de deixar-me para ser maltratado por seus sacerdotes e deuses. Ou melhor, ainda...

Por seu irmão pervertido.

Styx levantou-se devagar para ficar em pé, e acalmou sua raiva, antes que fizesse alguma coisa com seu pai que nenhum deles esqueceria ou perdoaria.

— Não preciso de sua ajuda para transar, pai. Realmente.

Quando ele abriu a boca para falar, Styxx levou o braço até rosto de seu pai, para que ele pudesse cheirar sua pele.

— Tenho uma mulher. Não que isto seja de sua conta.

Seu pai sorriu com alívio, quando sentiu o perfume feminino único de Bethany, de lírios e eucalipto.

— Você está apaixonado?

Styxx assentiu.

— É para onde eu desapareço quando não pode me encontrar.

— Graças aos deuses do Olimpo! — Seu pai o trouxe para um abraço. — Ela é nobre?

— Não.

— Então por que não deixa...

— Isto é da minha conta, pai. Apreciaria se ficasse fora disso e longe dela... por favor. Ela é uma boa mulher, decente e não a envergonharia de qualquer maneira.

— Como ser amante do príncipe pode envergonhar alguém?

Como, de fato?

Havia momentos em que ele verdadeiramente odiava o homem que o gerou.

— Quero que ela seja deixada em paz. Estou falando sério, pai.

Seu pai levantou as mãos em rendição.

— Tudo bem. Ficarei fora de seus casos, exceto para dizer que... terá que se casar com uma princesa em certo ponto, e produzir um herdeiro com ela.

— Eu sei. Mas não sou rei ainda.

— Não. Você não é. — Seu pai bateu-lhe no braço. — Muito bem, então. Verei você no jantar.

Styxx inclinou a cabeça para ele, e então se dirigiu para seu quarto. Seu pai realmente teria um surto se soubesse que ainda não tinha beijado a mulher que amava. Que tudo que fizeram nos encontros, foi sentarem e ocasionalmente se abraçar.

Mas isso era mais do que suficiente para um homem a quem foi dado tão pouco, que se lembrava de todos que já recebera.

18 de agosto de 9532 a.C.

Bethany sorria enquanto Hector lia sua lição de filosofia para ela, enquanto ela reclinava no círculo aconchegante e musculoso de seus braços. Ela tinha suas mãos enroladas ao redor do antebraço dele, que repousava em seu estômago, enquanto seu queixo descansava em cima de sua cabeça. O corpo dele era tão duro e rijo, ainda que ao mesmo tempo extremamente confortável. Ela amava passar tardes como esta com ele. Ele lia seus apontamentos em voz alta e depois eles discutiam as ideias por dias. Em toda sua vida, ela nunca encontrara ninguém mais inteligente ou pensativo. Ninguém mais amável e humilde.

Mesmo agora, sua ereção se apertava contra ela, mas ele não dizia uma palavra sobre isto. Ele nunca dizia. Nem ele a pressionava para qualquer coisa além do prazer de sua companhia.

Ele ficava contente em apenas segurá-la e conversar sobre absolutamente nada por horas a fio. Ela nunca conhecera um homem como este. Erguendo as mãos, ela encostou seus dedos contra a mandíbula dele de forma que ela pudesse sentir os duros músculos de lá trabalharem enquanto ele falava naquela voz grossa e profunda que a acalmava melhor do que néctar.

Quando ela passou sua mão contra os lábios dele, sua ereção empurrou em resposta. Apesar disso, ele lia para ela entre beliscões gentis e brincalhões em seus dedos.

Depois de alguns minutos, ele pausou e colocou seus apontamentos de lado. Ele se debruçou contra a árvore atrás deles e colocou suas grandes mãos na bochecha dela.

— Bethany?

— Sim?

Ele mordeu seu lábio inferior enquanto hesitava. Ela sentiu a batida do coração dele acelerar contra sua omoplata. Se ela não o conhecesse, ela pensaria que ele estava com medo de algo. Mas seu Hector era sempre destemido e franco.

Hector respirou fundo antes de falar novamente. — Você se importaria muito se eu a beijasse?

O sorriso dela se alargou. — Não, meu doce. Eu quero você há semanas.

Ainda assim, ele hesitou.

— O que está errado?

Ele engoliu com força. — Eu nunca beijei uma mulher antes. Então, por favor, não fique ofendida ou pense mal de mim se eu ferrar com tudo por causa da minha inaptidão.

Seu pobre e doce Hector. Ele era tão envergonhado às vezes... mas sempre tão precisamente sincero e honrado. Querendo agradá-lo também, ela puxou os lábios dele contra os dela.

Styxx rosnou de prazer quando a língua dela brincou com a dele. Nunca em sua vida ele tinha saboreado qualquer coisa melhor. Com o mais doce sorriso, ela mordicou seu lábio e, então, deu um beijo tão abrasador que o deixou atordoado e ofegante.

Bethany afundou as mãos em seus cachos suaves, enquanto ela explorava a boca mais doce que ela já saboreara. Para um homem que reivindicou nunca ter beijado, ele era excepcional nisto. Ela poderia respirá-lo o dia todo.

E quando ele finalmente se afastou, colocou o dedo polegar sobre o lábio inferior dela como se estivesse saboreando o gosto dele.

— Isso foi muito melhor do que imaginei. Obrigado. — Ele beijou a ponta do nariz dela e, então, sua frente.

Fechando os olhos, ela se aconchegou de volta em seus braços e o deixou segurá-la novamente. — Por que você é tão reservado comigo, Hector?

— O que você quer dizer com isso?

— A maioria de homens não ficaria contente com um mero beijo. Nem eles iriam esperar tanto por isto. Por que você é diferente?

— Não é apenas por seus beijos que espero, minha senhora. É sua tenra companhia que significa tanto para mim... apesar de que agora que eu tive um beijo seu... — Ele deu um beijo casto em seus lábios.

Ela riu e lhe deu um beijo muito mais profundo. *Mmm... o gosto dele e o comprimento de seu longo e duro corpo...* Ele era tão loucamente deleitável. Nunca em sua vida ela quis um homem tanto quanto ela queria este aqui.

Humano ou não.

Querendo agradá-lo tanto quanto ele a agradava, ela tomou sua mão e a levou em seu peito.

Styxx perdeu o fôlego quando a sentiu pelo linho suave e seu corpo endureceu ao ponto da dor. Lentamente, ele correu sua mão pelos contornos de seus seios e, então, passou seu dedo pelo mamilo tenso. Com seu corpo queimando, ele queria tanto se afundar bem no fundo dela que ele até poderia saborear isto.

Mas ele nunca a desonraria assim. Nunca faria alguém chorar por ter tocado nele. Especialmente não sua Bethany.

Ele involuntariamente vacilou quando lembrou como se sentiu quando Estes purgou as drogas de seu corpo e ele compreendeu como o usaram rudemente.

Como ele não era nada.

Bethany se afastou franzindo a testa. — O que está errado, Hector?

— O que você quer dizer?

— Você se afastou como se algo ruim passasse por sua mente. O que o aflige, meu senhor?

Suspirando, ele deitou sua cabeça contra a dela. — Eu sou terrivelmente cicatrizado, Bethany.

— Eu nunca senti nenhuma em você, exceto aquela em seu antebraço.

Não querendo pensar no corte que seu pai lhe dera, ele tomou a mão dela e a conduziu para pele que ele sempre manteve coberta com sua túnica.

Bethany hesitou quando ela sentiu a carne enrugada que cobria suas costelas. Suas cicatrizes eram verdadeiramente profundas e numerosas. — O que aconteceu?

— Eu fui queimado.

— Oh, Hector...

— E existem mais. Em lugares mais privados.

Girando em seus braços, ela se ajoelhou entre suas pernas. — Você sabe que eu não me importo.

— Mas *eu* me importo.

Ela beijou a mão dele e lhe ofereceu um sorriso agridoce. — Então eu pacientemente esperarei até que você confie mais em mim. Mas saiba que eu jamais iria machucá-lo de qualquer forma.

Styx olhou fixamente para ela em temor. Ela foi a primeira pessoa em sua vida a dizer aquilo para ele, mas ele ousaria confiar nela? Todo mundo em sua vida, inclusive seu gêmeo, o traiu. Confiança sempre significava dor profunda...

E Bethany iria machucar mais do que tudo.

Mesmo assim, ele não podia evitar o que sentia por ela. O quanto ela significava para ele. Em todo o mundo, ela era a única coisa que importava. Colocando o rosto dela em suas mãos, ele a beijou. — Eu amo você, Bethany.

— E eu amo você.

— Então vá embora comigo.

Ela se afastou franzindo a testa. — O que?

— Agora. Hoje. Vamos deixar este lugar e...

— Hector, eu não posso fazer isto. Eu tenho coisas que preciso fazer aqui. E você também. O que seu pai diria?

— Eu não me importo.

— Sim, você se importa. Eu conheço você. Você é um homem responsável. É parte do que eu amo em você. Você sempre põe as necessidades dos outros antes das suas próprias.

Sim, mas desta vez, ele queria ser completamente egoísta. Em toda sua vida ele nunca quis qualquer coisa do modo como ele queria esta mulher. Por ela, ele desistiria de tudo que ele tinha e muito mais.

— Eu desistiria de tudo isso por você, Beth.

Ela apertou sua bochecha contra a dele. — Mas com o tempo você poderia mudar de ideia.

— Não, eu não irei.

— Eu sei que você quer dizer isto hoje. Mas o tempo e as circunstâncias têm um modo de zombar de nossas melhores intenções, e eu não estou disposta a correr este risco.

Suspirando, ele deitou a cabeça contra os seios dela e a deixou embalá-lo lá. O coração dela batia lentamente contra sei ouvido enquanto sua respiração caía contra sua pele. O cheiro dela o aquecia mais que o sol. Honestamente, ele nunca mais queria deixar o círculo de seus braços. Era o único lugar que ele já sentiu como se fosse bem-vindo.

Adorável.

Bethany sorriu para baixo. Seu Hector nunca falhava em surpreendê-la.

Ela apertou seus braços ao redor dele, desejando que pudesse deixar tudo atrás e estar com ele. O quão maravilhoso seria?

Mas os outros deuses viriam atrás dela e eles o matariam por distraí-la de suas tarefas.

Depois de alguns segundos, ele ergueu a mão para passar contra o seio que encarava. Para o choque completo dela, ele enganchou seu dedo no material de seu peplos e o puxou para o lado de forma poder soprar ar fresco acima de seu mamilo nu até ele enrugar apertado.

Era muito diferente dele...

Ela franziu a testa. — Hector? O que você está fazendo?

— Espero que não ofendendo você. Desde que você não me bateu ou não arrancou meu cabelo, assumo que tenho a permissão?

Ela sorriu para baixo. — Você tem permissão.

O coração de Styxx bateu mais rápido à vista do seio nu, perfeito e luxuriante. Com a boca cheia d'água, ele moveu a cabeça de forma que pudesse provar o cume tenso. Ele gemeu com o incrível gosto dele quando rolou a língua em torno da aréola e, então, sugou suavemente.

Bethany embalou a cabeça dele quando ele se moveu para saborear o outro seio. Seu corpo estava tão quente e cheio de necessidade que era tudo que ela podia fazer para não se trair como uma deusa. Ela o queria tanto dentro de si que era absolutamente doloroso.

Inclinando-se para trás, ela o puxou e soltou os alfinetes que seguraram seu vestido, de forma que ele tivesse acesso completo a seus seios. Então ela passou a mão contra sua ereção dura.

Styxx congelou quando uma lembrança ruim passou por ele...

— Hector?

Ele permitiu que a voz doce dela o mantivesse no presente e não no que Estes tinha feito para ele. — Eu estou aqui mesmo, amor.— Ele plantou um beijo em seu estômago, antes de empurrar seu vestido acima dos seus quadris, até tê-la completamente desnuda ao seu olhar.

A garganta dele ficou seca pela sua beleza simples e sem defeito. Diferentemente dele, não existia uma cicatriz em seu corpo em nenhum lugar.

Franzindo a testa, ela alcançou sua roupa para se cobrir. — Hector?

Ele se sacudiu mentalmente quando percebeu que estava sentando parado em frente dela. — Eu estou aqui mesmo, preciosa. — Ele tomou a mão dela e a levou até seu rosto enquanto ele deitava seu corpo acima do dela. — Eu só estava temporariamente atordoado pelo quanto você é bonita.

— Então você é perdoado por me assustar. Eu pensei que você ia fugir e me abandonar nua no bosque.

— Eu nunca faria isso com você. — Ele teve certeza de manter sua pele contra a dela, de forma que ela pudesse senti-lo contra ela.

Quando ela alcançou para remover o chiton dele, ele pegou sua mão.

— Algo está errado?

Ainda que ela sentisse a marca em sua virilha, ela de modo algum iria saber que dizia “prostituto”.

Mas isto ainda estava lá. A crueldade de seu passado zombando dele. E por causa das cicatrizes daquele tempo e dos padres, ele tinha escasso pelos pubianos. Tão pouco que a marca era facilmente vista e nem um pouco coberta.

Ele inclinou sua cabeça para baixo e rangeu os dentes. — Antes de nós irmos mais longe... — Ele levou a mão dela até as cicatrizes em suas coxas e nádegas.

Bethany inalou com força quando sentiu o que tinha sido feito para ele. Quando ela tocara a lateral do corpo dele, assumira que aquilo tinha sido causado por fogo. Mas estas... ela podia sentir o esboço de uma chibata. Tinham deixado profundas ondas na parte interna de suas coxas, todo o caminho até seu escroto. Existiam lugares onde ele tinha pouco pelo nas cicatrizes. Mas o que torceu seu coração foi o grande número delas. Ele fora torturado inúmeras vezes.

— Por que alguém faria isto com você?

— Eles achavam que eu estava possuído pelo deus Dionísio. E os padres pensaram em queimar os demônios do mal de mim.

Com o coração partido pelo que eles fizeram, ela colocou a mão sobre a bochecha dele. — Meu pobre bebê. Eu sinto tanto que eles machucam você deste jeito.

— Por favor, não diga isso a ninguém.

— Eu nunca seria tão cruel.

Ele a beijou então. De uma forma tão lenta e tenra que a fez prender a respiração. Quando ela alcançou para remover o chiton dele, ele se empurrou para trás.

— Desculpe, — ele sussurrou. — Eu não gosto de ser visto.

— Eu não posso ver você, Hector.

— Isto não é verdade. Você é a única em minha vida que vê. — Desta vez ele permaneceu perfeitamente quieto enquanto ela o despiu.

— Você está bem? — Ela perguntou.

Ele colocou a mão dela em sua bochecha, anuiu e, então, mordiscou seus dedos e palma. Bethany suspirou em puro prazer. Ninguém havia feito amor com ela deste jeito. Não existia nenhuma pressa. Na verdade eles estavam explorando e compartilhando não só seus corpos, mas uma parte de suas almas.

— Você é tão bonita, — ele sussurrou contra a garganta dela quando passou rapidamente a mão acima de seu quadril e coxa.

Ela abriu suas pernas para ele.

Styx hesitou quando percebeu que ela era um pouco mais experiente nisto do que ele... e muito menos envergonhada. — Beth? Você já esteve com outros homens, não é?

Ela ficou rígida debaixo dele. — Eu estive, mas eu não sou uma puta.

Ele pegou no rosto dela, desejando que ela pudesse ver sua sinceridade. — Eu nunca chamaria você disto. Não era o que queria dizer. Eu só... só não quero acidentalmente machucar você com minha inexperiência. Ou desapontar você.

Bethany sentiu lágrimas picarem o fundo de seus olhos. Ele era sempre tão preocupado em não deixá-la para baixo. Apesar de ele raramente mencionar sua família, esta preocupação sempre presente a fazia saber o quão severo eles deviam ter sido com ele.

Sobre tudo.

— Você nunca vai me desapontar, Hector. — Ela tomou a mão dele na sua e a levou para o centro de seu corpo.

Styxx não conseguiu respirar quando sentiu o quão molhada e morna ela estava. Mas suas mãos nas dela...

Ele vacilou com a memória de Estes.

— O que está errado, akribos²⁴?

Incapaz de responder, Styxx não teve nenhuma outra escolha exceto afastar-se. Ele não podia lidar com as memórias dolorosas que o golpeavam e o deixavam impotente e agitando.

Maldição, seus bastardos! Por que ele não podia esquecer o que eles fizeram para ele por apenas uma batida do coração? Por quê?

Eu sou desprezível.

Bethany franziu a testa ante as reações dele até ela compreender tudo. Sua relutância em beijar ou a tocar. Seu medo de machucá-la...

As cicatrizes que provinham das partes mais íntimas de seu corpo. Todo caminho até seu escroto.

Ele sofrera algo muito pior que apenas ser queimado. Alguém o estuprou e o torturou.

Neste momento, ela sentiu seus poderes de deusa surgirem. Ela era a deusa de fúria e da vingança. Era seu trabalho vingar-se daqueles que tinham sido tão injustiçados.

Ele é grego.

Não importava. Ela queria o coração de quem fizera isto para um homem tão gentil e atencioso.

Limpando sua garganta, ele alcançou o chiton dela para vesti-la. — Eu sinto muito. Isto foi um engano. Eu não devia ter...

²⁴ Querido

Bethany colocou a mão nos lábios dele para Pará-lo. — Deixe-me substituir seus demônios por uns mais felizes

— Eu não sei se você pode.

— Você me deixará tentar?

Styxx a puxou contra ele e a segurou perto enquanto auto-abominação e ódio cortavam sua alma. — Eu sinto muito, Beth. Você merece um homem, não...

— Você é um homem,— ela disse, interrompendo-o. — Muito mais que qualquer um que eu conhecesse. Não é apenas machucar os outros ou depreciá-los. Respeito e generosidade exigem mais coragem porque as pessoas aproveitam-se destes. Eu não sei os horrores que o assombram, mas sei que você não permitiu que isso destruísse a parte mais bonita de você. Você tem o coração de um leão. Destemido. Diga-me o que é mais valioso que isto?

Styxx saboreou a sensação da mão dela em sua bochecha. Apesar das suas palavras comovidas e maravilhosas, ele se sentia fraco e patético. *Eu nem mesmo posso fazer amor com a mulher para quem dei meu coração.*

Para todos os intentos e propósitos, eles o castraram.

Ela mordiscou o queixo dele. — Esqueça os animais que machucaram você. Pense só na mulher que ama você com todo o seu coração, e esta, Hector, é uma parte de mim que nenhum homem já tocou antes. Nem mesmo chegou perto. Você é o único que tem ele. E o único que terá.

Ele prendeu a respiração quando ela beijou seu caminho tórax abaixo e correu a doce língua acima de seu mamilo cicatrizado. Ela se afastou para sorrir para ele e então o empurrou levemente para que deitasse no chão. Ele obedeceu. Ela se escarranchou sobre ele e tomou as mãos dele nas suas e, então, as levou a seus seios. Grandes e bem formados, eles encheram suas mãos. Inclinando-se um pouco para frente, ela deslizou abaixo em seu estômago para descansar contra seus quadris.

No momento em que ela fez isso, seu corpo explodiu e ele ficou muito mais duro que antes. Com um sorriso mais amplo, ela começou a cantarolar para ele. Entre o som de sua suave música e a doce visão dela nua em seus braços, ele esqueceu sobre tudo mais. Não existia nenhum passado para machucá-lo. Nenhuma preocupação futura.

Apenas Bethany.

Ela se ergueu sobre seus braços e deslizou suas pernas entre as dele em um movimento sensual que o deixou ofegante. Ainda cantarolando, ela beijou toda a extensão de seu abdômen até as cicatrizes que ele odiava tanto. Mas quando ela as beijou, ele não mais as percebeu de qualquer forma. Ela passou as mãos através dos pelos na junção de suas coxas e, então, brincou suavemente com eles.

Ele inalou profundamente quando o prazer o nocauteou no chão. Com um sorriso travesso, ela o tomou completamente em sua boca. Por uma leve batida de coração, relampejou em sua memória uma lembrança que ele não queria. Mas ele se recusou a ficar lá. Ao invés disso, a observou brincar com ele enquanto ela continuava a cantarolar.

Com sua mão tremendo, ele a abaixou para acariciar a bochecha dela e deitar a parte de traz dos dedos contra a pele tão suave que torcia seu coração.

Bethany saboreou o gosto salgado dele enquanto ele suavemente afundava as mãos em seu cabelo. Ela sabia que ele estava lutando para esquecer. Ele ficava tenso e então relaxava. Ainda que ele corajosamente ficasse com ela. Naquele momento, ela desejou poder ver o rosto do homem que tinha sido tão machucado e ainda assim tinha muito a dar.

Mas sua aparência não importava para ela. Neste momento, ela não se importaria se ele fosse um sapo. Ele tinha seu coração e era tão cego quanto seus olhos em forma humana.

Querendo apenas acalmá-lo, ela deu uma última lambida e, então, rastejou sobre o longo comprimento de seu corpo para deitar sobre ele.

Styx suspirou pelo prazer das suaves curvas dela contra sua pele. Colocando as mãos na cabeça dela, ele a beijou profundamente e, então, rolou acima dela. Ela abriu as pernas de forma que o corpo dele ficasse entre suas coxas enquanto eles se beijavam.

Ela não sabia disto, mas salvou sua vida. Nos momentos mais escuros, quando ele quisesse nada além de morrer, ela apareceria e daria uma razão para levantar-se toda manhã. Agora, ele viveria somente pelo tempo que eles compartilharam. Isto fazia tudo o mais ser suportável. Apenas saber que ele poderia ver seu sorriso doce. Ouvir sua preciosa voz...

Ele beijou seus lábios e, então, cuidadosamente, deslizou-se dentro dela. Eles simultaneamente gemeram. Por um minuto inteiro ele não pode respirar quando o calor do corpo dela o embalou e o possuiu. Era tão bom que o fez tremer. Este era o primeiro momento de felicidade verdadeira que ele já conhecera.

Ela não tinha nenhuma ideia o quanto significava para ele. Palavras nunca poderiam expressar a profundidade que seu coração batia somente para ela.

Styx retirou o cabelo que caía em volta do rosto dela e olhou fixamente para seus olhos castanhos dourados, desejando que ela pudesse ver o quão feliz o fazia. — Eu amo você, Bethany.

Ela sorriu para ele. — E eu, você.

Beliscando o queixo dela, ele lentamente começou a balançar-se contra seus quadris.

Bethany curvou para trás, levando-o mais fundo. Ela gemeu pela espessa completude dentro dela. Ele era absolutamente enorme e ainda assim muito gentil. Ela correu as mãos pelos músculos das costas dele até sua cintura e seguiu em direção às cicatrizes que a faziam querer

caçar quem ousou arruinar sua perfeição e os fazerem pagar por sua crueldade. Mas ela não queria pensar sobre isso agora.

Ela só queria sentir Hector e o amor que ela tinha por ele. Erguendo a cabeça, ela o beijou ligeiramente nos lábios. — Qual é a cor de seu cabelo?

Ele pausou e, então, deu uma leve risada. — Uma hora estranha para perguntar isso, minha senhora.

— Eu sei. Mas eu estou curiosa sobre o homem que está dentro de mim.

— Eu sou loiro, — ele sussurrou em sua orelha quando ele aprofundou seus golpes.

— E seus olhos?

— Azuis.

Ela afundou as mãos em seu cabelo e imaginou os cachos loiros e bonitos que arreliavam sua pele. Então ela localizou as sobrancelhas acima de seus olhos azuis, e suas maçãs do rosto e mandíbulaafiada. Seu Hector era bonito. Ela sabia disto.

Styx mordeu os lábios quando ela encontrou cada golpe seu. Cada parte dele parecia estar queimando e, ainda assim, sentia uma estranha calma. Bethany retirou as mãos do rosto dele e as levou abaixo por seu tórax e, então, mais para baixo.

Ele ofegou quando ela colocou a mão onde eles estavam unidos e o tocou enquanto ele deslizava para dentro e fora dela. O prazer era tão intenso que ele rosnou com isto. Ele sempre adorou como ela usava suas mãos graciosas para ver, mas nunca adorou mais como agora. Acima de tudo, ele amava o fato de ela não ser tímida ou reservada. Ela dava cada parte dela mesma para ele.

Arqueando suas costas, ela clamou quando o agarrou e tremeu em seus braços. Ele aproveitou a oportunidade e começou a se mover mais rápido e com mais força. Ela clamou mais alto e riu.

Aliviado que ele a agradara e não envergonhado por ele mesmo, ele sentiu seu corpo começar a dar a dica. Mas ele forçou isto para baixo até que ele esteve certo de que ela estava completamente satisfeita. Só então ele se enterrou bem no fundo dela e rosnou quando gozou. Seus sentidos cambalearam pelo prazer primoroso.

Por um minuto inteiro, ele não pôde respirar ou pensar enquanto cada parte dele gritava de alegria. Então, muito lentamente, isto desvaneceu.

Satisfeito e respirando de forma irregular, ele se abaixou e saboreou o modo como ela o embalava com seu corpo. Seu coração batia com tanta força que ele estava surpreso que ficasse dentro de seu tórax. Um suave brilho de suor cobria os dois.

Agora ele entendia porque os homens matavam por mulheres. Ele completamente entendia aquela possessividade agora. A necessidade de mantê-la protegida de toda ameaça ou dano. Não existia nada que ele pudesse pensar que competiria com a completa paz e quietude que ele sentia nos braços dela. Ele nunca queria deixá-la.

— Isso foi incrível, — ele suspirou em sua orelha.

— Sim, você foi. — O sorriso dela fez a sua respiração falhar quando ela ergueu a mão de forma que pudesse morder seus dedos e enviar ainda mais calafrios por ele.

Styx inclinou a cabeça quando viu o colar que nunca a deixava. Era sua única joia. Ele puxou suavemente a fina corda de couro até o pequeno disco de prata enredado em seu cabelo preto. Tinha a impressão de um arco e flecha, e parecia como se fosse metade de um amuleto maior. — Por que você sempre usa isso?

Ela desceu as mãos e cobriu as dele com as suas, tocou o colar e, então, sorriu. — Meu pai me deu isto quando eu era pequena para que pudesse me sentir amada onde quer que fosse.

Não era de se admirar porque ela considerava isto um tesouro. Quase todo presente que ele recebera tinha sido eventualmente tirado dele ou destruído como castigo. Era por isso que ele não gostava de receber qualquer coisa mesmo.

— O que o símbolo quer dizer?

— É meu emblema pessoal para a deusa da caça.

Styx correu o dedo por ele enquanto lembrava-se da pulseira que ele dera à sua mãe antes dela o apunhalar. A deusa da caça, Artemisa, era conhecida como a protetora de mulheres e crianças... Ela devia ter favorecido sua mãe acima dele naquele dia.

Ele colocou o disco entre seus seios onde normalmente caia. — Eu espero que ela sempre proteja você, Beth.

— Ela irá.

Não querendo pensar nos deuses que o odiavam tanto como ele os odiava, ele correu seu dedo indicador sobre o lábio inferior dela, desejando que pudesse ficar com ela para sempre. Era tão difícil contemplar a volta para um lugar onde ninguém o queria enquanto ele deitava embalado por seu corpo morno.

Mas, infelizmente, estava ficando tarde e ela não precisava caminhar para casa na escuridão. Se qualquer coisa acontecesse com ela...

Ele ficaria louco por isto. O mero pensamento de qualquer dano que pudesse acontecer com ela, o enchia de ira.

— Tanto quanto odeio me retirar de você, estará escuro logo. — Erguendo-se, ele a levou em seus braços.

Os olhos de Bethany se alargaram quando ele a ergueu como se ela não pesasse nada. Por causa de sua altura, ela estava acostumada a ser do tamanho da maioria dos homens, não se sentindo delicada em comparação a eles. E ninguém a tinha carregado desde que ela era uma criança.

Na verdade, ela amava a sensação disto.

Ele a abaixou na água de forma que ela pudesse se lavar.

— Beth?

Ela pausou. — Sim?

— Eu farei o possível para ver você no fim de semana, mas eu posso não ser capaz. Meu pai normalmente faz um banquete anual que ele realiza para o meu tio, e se eu não estiver, ele ficará furioso.

Endireitando-se, ela colocou as mãos em seus quadris e olhou para a direção que esperava ser a correta. — Então é isso, hein? Você dorme comigo e então me abandona. — Ela o provocou.

— Nunca! — A intensidade da negação dele a chocou.

Ela o alcançou para confortar a dor que ela ouvira. — Eu estou provocando você, akribos. Está tudo bem. Eu verei você na próxima vez.

Ele a puxou contra ele e a segurou como se não pudesse suportar deixá-la ir. — Eu mataria ou morreria por você, Beth. Só por você.

Ela o segurou bem apertado. — Eu sei, querido. Eu amo você também.

Ele a beijou e, então, foi se vestir enquanto ela continuava seu banho.

Quando terminou, ele já tinha tudo pronto para ela. Ela sorriu por sua consideração. — Você realmente não pode esperar para ficar longe de mim, huh?

Desta vez ele tomou isto como uma brincadeira. — O que eu posso dizer, minha senhora? Você é um fardo tão oneroso. O mais cedo eu estiver longe, melhor.

Rindo, ela tomou sua cesta dele.

Ele tomou o rosto dela em ambas suas mãos e a beijou ligeiramente nos lábios. — Fique a salvo, meu coração.

— Você também. — Bethany esperou alguns segundos antes de rir. — Hector? Eu não posso partir se você não me deixar ir.

— Desculpe. — Ele forçou a si mesmo a soltá-la. — Eu a verei mais tarde, minha senhora. Mas nunca logo o suficiente para mim.

— Boa noite, meu leal príncipe. Até que eu sinta você novamente.

As suas palavras cortadas o fizeram prender a respiração. Ela não tinha nenhuma ideia de como ela estava perto da verdade.

Parado, Styxx não se moveu até que a observou desaparecer no bosque. Só então ele se colocou nas costas de seu cavalo e virou em direção a sua casa.

Ele não queria assustá-la com o fato de que ele sabia que a guerra estava próxima. Seu pai e conselheiros estavam se preparando para isto há semanas agora. Todos os seus aliados estavam reunindo-se para marcharem para o sul.

E quando chegasse, ele podia ter que ir lutar nela.

Enquanto ele não estava com medo, não esperava ansiosamente os dias em que e não veria sua Bethany.

Ela esperaria por ele, ou ele seria esquecido assim que partisse?

19 de Agosto de 9532 a.C.

Chocada e confusa, Bethany parou do lado de fora do seu templo no Katateros quando viu Archon com Apollo.

Um deus grego em suas terras sagradas?

Era proibido. Claro que havia sido proibido por Archon, mas ainda...

Por que um deus grego estaria aqui? Foi tão chocante como se um deles fosse ao Monte Olimpo para o chá. Normalmente, sempre que tinha negócios com Apollo eram realizados em um de seus templos em Atlântida.

Curiosa, ela aproximou-se deles para ver o que estava acontecendo. Como ela, Apollo se dizia nascido de mais de um panteão. Havia várias histórias contraditórias sobre a identidade de sua mãe e que o deus grego nunca tinha possuído até qualquer uma delas. Ele gostava do misticismo de tudo.

Uma das histórias fazia dele seu primo através da família de seu pai. Mas ela não achava que ele realmente tinha sangue egípcio nele. Se ele tivesse, ela deveria ser capaz de percebê-lo. Tudo o que ela já tinha percebido a partir do grego era um traço vicioso de crueldade que a fez se perguntar como o seu povo alguma vez pensou nele como benevolente.

Obviamente, ele não deixou os seres humanos gregos vê-lo muitas vezes, ou eles saberiam melhor.

— Você está bem consciente dos meus sentimentos sobre isso, — disse Apollo para Archon. — Se você quer atacar a Grécia, você tem o meu total apoio.

Archon levantou a mão para manter Apollo de dizer mais nada. — Quem está aí?

Ela saiu das sombras.

Ambos os deuses respiraram de alívio, o que a deixou ainda mais curiosa. Por que dão boas-vindas à sua presença, quando era óbvio que eles estavam conspirando algo?

Bethany mudou-se para ficar ao lado de Archon. — O que vocês estão falando?

Archon olhou para Apollo antes de responder. — Guerra.

Isso sempre foi um de seus temas favoritos. As pessoas nunca foram mais honestas do que quando eles estavam lutando por suas vidas. Covardes foram expostos e heróis surgiram do mais improvável dos lugares.

Apollo cruzou os braços sobre o peito. — Eu estava apenas dizendo a seu tio, que, como sempre, eu apoiaria totalmente Atlântida no próximo conflito com a Grécia. Eu não me esqueci

como seu povo acolheu o meu quando Zeus ordenou à morte meus apollitas. É um débito que serei sempre leal a respeito.

Os apollitas eram a raça que Apollo tinha criado depois de um desentendimento com o pai sobre a humanidade. Eram mais altos e mais fortes do que os humanos, e possuíam habilidades psíquicas avançadas, os apollitas tinham rapidamente decidido subjugar os seus irmãos gregos. Algo que Zeus havia tomado como ofensa. Ele ordenou que Apollo matasse seus “filhos” e Apollo se recusou terminantemente.

Sentindo-se triste por eles, os atlantes tinham aberto as suas portas ao apollitas, que haviam se tornado “modelos” para os cidadãos atlantes. Como resultado, as relações entre Grécia e Atlântida haviam estado tensa desde então. E tinha deixado Apollo com lealdade a ambos os panteões e nações.

Até agora, ele sempre ficou do lado deles sobre os gregos, mas Bethany ainda não confiava nele. Ela suspeitava que a sua única lealdade real fosse Apollo e ninguém mais...

Havia apenas algo sobre ele que sempre tinha feito sua pele arrepiar. Uma aversão inata.

— Apenas me diga o que você precisa e farei o meu melhor para que isso aconteça, — Apollo assegurou. — Agora é melhor eu retornar antes que esteja perdido e os outros Olímpios se perguntem onde fui. — Ele desapareceu.

Bethany estreitou seu olhar em seu tio. — Nós mal tivemos uma trégua com a Grécia. Achei que você queria que ela se mantivesse.

— Isso foi antes Apollymi esconder um bebê em suas fileiras. Ele deve ter idade suficiente para lutar agora. Eu estou esperando que ele esteja entre os soldados gregos que temos que matar especialmente se atacarmos toda Grécia. Nossos alvos principais serão os membros da realeza e nobres. Ninguém vai achar estranho se todos eles morrem na batalha, ou como resultado de conquista.

Traíçoeiro...

Co o cenho franzido, Bethany tentou fazer sentido às emoções que sentia por ele. — Apostolos é o seu filho, Archon, não pode...

— Ele não é meu filho. Esse é o problema.

Ela congelou ante essas palavras rosou. — O que você quer dizer?

Ele abaixou sua voz. — Depois do desastre do primogênito de Apollymi, todos nós decidimos que eu iria se casar com ela e mantê-la feliz. Como você sabe, não sou estéril, e nem ela é. Eu propositadamente a impedia de engravidar. E o fato de que eu não sei quem é o pai de seu bastardo é...

Oh, merda. Ela olhou incrédula. — Você honestamente não tem ideia quem é o pai?

— Não. O mais provável seria um de seus Carontes ou outro Deus. — Os Carontes eram o exército de demônios de Apollymi. Moralmente ambíguo, eram máquinas de matar absolutos com os poderes de deuses. Misturar um daqueles com os poderes de Apollymi e com seu exército para apoiá-lo...

Sim, isso seria uma coisa muito ruim.

—Por que você não disse aos outros?

As narinas de Archon queimaram. — Ninguém pode saber que ele não é meu. Você pode imaginar o que eles poderiam fazer por medo?

Ele tinha um ponto. Até mesmo os deuses eram conhecidos por entrar em pânico. E esta situação era altamente digna de pânico.

Um deus trapaceiro desconhecido, sem lealdade e um exército de demônios moralmente ambíguos para comandar... Isso era assustador.

Os olhos de Archon escureceram para vermelho. — Eu não me importo se for preciso abater todo príncipe grego de sua geração, o filho tem que morrer antes que seus poderes sejam liberados.

Por mais que ela odiasse admitir, ele estava certo. —Então vou apoiar esta guerra com você.

—Obrigado. E posso confiar em sua discrição?

—Claro.

Inclinando a cabeça para ela, Archon voltou ao seu templo.

Bethany varreu seu olhar sobre a paisagem de tirar o fôlego de Katateros, que tinha sido a casa dos deuses de Atlântida desde antes da aurora do tempo humano.

Contada entre as mais antigas deusas, Apollymi era uma força poderosa que nenhum outro nunca tinha sido capaz de enfrentar com sucesso, a uma deusa que tinha a muito tempo desaparecido.

E depois de todos esses séculos, Bethany finalmente entendeu o temperamento e a motivação de Apollymi. Em primeiro lugar, pelo marido que ela amou uma vez e que a tinha traído com outras amantes. Em segundo lugar, pela perda de dois filhos. Não foi até Hector que Bethany tinha qualquer conhecimento real do amor. *Se ele tocasse outra mulher...*

Ela o estriparia onde ele estivesse.

Dito isto, ela não conseguia pensar em nenhum dom mais doce do que ter um filho com ele. Estranho como ela nunca quis antes. Ela sempre tinha achado filhos chorosos e grosseiros. Odiosos. Pequenos tiranos que precisavam ser presos até que se tornassem humanos.

Mas agora...

Ela adoraria ter um bebê loiro para segurar e amar. Um com os gracejos rápidos de seu pai e os cachos macios. E se ela tivesse sempre a sorte de ter um, ela aniquilaria qualquer um que o ameaçasse.

Assim como Apollymi.

Honestamente, o pensamento de matar o filho da deusa não caiu bem a ela. Isso nunca aconteceu. Mas às vezes uma pessoa tinha que ser sacrificada por muitos.

Ou não?

Talvez, apenas talvez não houvesse outra saída para todos eles.

20 de agosto de 9532 a.C.

Styx ficou atrás de seu pai enquanto seu tio atravessava os portões do palácio com seus amigos. Seu sangue gelou ao ver a comitiva que acompanhava seu tio e o que isso significava para ele.

Pânico e frio brutal, o agarraram e foi preciso muito esforço para não correr e se trancar em seu quarto. Somente o conhecimento de que seu pai poderia derrubar a porta e golpeá-lo o manteve onde estava.

Estes desmontou e correu para abraçar seu pai.

— Xerxes! É tão bom vê-lo novamente.

— E você, meu irmão. Um prazer como sempre.

Estes subiu os três degraus para puxar Styx em seus braços.

— Como está meu garanhão favorito? — Ele sussurrou em sua orelha.

— Está pronto para montar?

Styx o teria empurrado, mas Estes o abraçou com muita força.

Beijando-o em suas bochechas, Estes recuou para que ele pudesse voltar para o lado do seu pai.

Styx se recusou olhar para os homens que viajaram com seu tio. Não tinha nenhum desejo de ver seus rostos ou a fome que tinha certeza de que escureceu seus olhares. Nem prestou atenção quando seu tio os apresentou.

Seu pai passou o braço sobre os ombros do seu tio.

— Não posso dizer o quanto estou feliz por você estar aqui. Muito mais do que o normal.

— Como assim?

— Tenho que viajar para Thessaly de manhã e não queria deixar Styx sozinho por tanto tempo.

Styx tropeçou com isso.

Seu pai franziu o cenho para ele.

— Você está bem?

Porra nenhuma. Literalmente.

Styx olhou para seu pai.

— Por que não me contou sobre isso?

— Só descobri há dois dias e não queria preocupá-lo.

Contra sua vontade, Styx olhou para seu tio. A luz lasciva nos olhos de Estes o enojava.

— Ficarei muito feliz em ficar o tempo que precisar de mim, irmão.

Claro que sim, seu doente.

Enquanto o seu pai os levava para dentro, Styx hesitou, sua cabeça girando em pânico.
Por que não foi para o palácio de verão com Ryssa e sua mãe na semana passada?

Porque o odiavam e teriam feito sua viagem e estadia miseráveis. Sem mencionar, que não poderia ver Bethany até seu retorno.

Mas isso...

Sentiu-se enjoado de repente. Seu estômago se contorcendo de pavor. Ninguém estaria aqui para manter Estes longe dele. Ninguém.

Dia ou noite...

Com seu coração palpitando, esperou até que seu pai estivesse só para falar com ele.

— Pai?

Suspirando, ele se virou para Styx exibindo agitação em seu rosto.

— O quê?

— Por favor, posso ir com você para Thessaly?

Seu pai fez uma careta.

— Está louco? Didymos precisa de alguém na capital para tomar decisões, especialmente agora que a guerra é iminente.

— Estes está aqui. Ele pode fazer isso sem mim. Por favor, pai.

Mesmo assim seu pai olhou para ele.

— Ele não é o herdeiro. Você é. Estamos à beira de uma guerra. Nosso povo precisa saber que tem uma liderança forte se tenho de me ausentar por qualquer razão.

Styx não podia respirar enquanto medo real se apoderou dele. Não podia ficar aqui com Estes. Sozinho...

— Por favor, pai.

— O que há de errado com você?

As ameaças de Estes soaram em sua cabeça e não tinha nenhuma dúvida de que seu tio executaria qualquer e cada uma delas. Não hesitaria em arrastar Styxx para Atlântida e o usá-lo para seus jogos pervertidos e lucro pessoal.

Styxx não podia dizer uma palavra de seus temores para seu pai. Se ele dissesse...

De alguma forma, como Ryssa, seu pai o culparia por causar isso. Seria expulso como Acheron e então forçado a se prostituir para viver.

Não tenho ninguém...

Sem escolha, recuou.

— Nada, Majestade.

— Então me deixe em paz para fazer os preparativos.

Styxx se curvou, então foi para o quarto dele, pretendendo se trancar nele até que seu pai retornasse.

Trancou a porta e se virou apenas para perceber que não estava sozinho. Merda.

Estes estava sentado na saleta.

— Saudações, lindo sobrinho.

— O que está fazendo aqui?

Estes baixou o olhar faminto para a virilha de Styxx.

— Tenho certeza que sabe o que quero.

Styxx se dirigiu para a porta, mas Estes o interrompeu mais rápido do que pensou que um homem podia se mover.

Estes se recostou contra a porta com um sorriso sarcástico.

— Devemos chamar o seu pai?

Respirando ofegante, Styxx olhou para ele.

— Por que me vendeu para didymosianos?

Isso eliminou um pouco da arrogância do bastardo.

— O que?

— Ao contrário do que me disse, os ouvi conversando. Dois dos senadores do meu pai. Quantos mais de nossos cidadãos sabem o que fez comigo?

Essa luz lasciva cruel retornou aos olhos do seu tio.

— Realmente não penso que queira ser respondido. Por causa de sua mente. Mas não se preocupe. Não dirão a seu pai. Ele os mataria por isso.

Estes o abraçou.

— Agora me dê umas boas-vindas adequadas, sobrinho.

Moveu-se para beijá-lo.

Styx o empurrou.

— Fique longe de mim.

Tentou correr para seu quarto, mas Estes deu-lhe uma rasteira, derrubando-o no chão.

Antes que pudesse se levantar, Estes o prendeu com o braço torcido dolorosamente contra sua coluna e seu pulso entre os ombros.

— Shh, pequeno esquilo.

Ele mordeu o lóbulo da orelha de Styx então sussurrou em seu ouvido.

— Enquanto adoro seu irmão, existem algumas coisas que faz você superá-lo.

Ele enfiou algo na boca de Styx e segurou sua mandíbula fechada.

— Andorinha.

Styx fez seu melhor para cuspi-lo, mas foi inútil. Contra sua vontade, Estes forçou garganta abaixo.

Rindo, Estes beijou seu pescoço.

— É isso aí, meu pequeno garanhão. Nós vamos ter muita diversão nas próximas semanas, enquanto esperamos pelo retorno do seu pai. Mas não se preocupe. Vou ser gentil e não vai se lembrar de nada.

O quarto começou a girar.

Styx fechou os olhos enquanto pensava em Bethany. Se não aparecesse por semanas, ainda estaria lá para ele?

Ou será que sua longa ausência faria odiá-lo, também?

17 de setembro de 9532 a.C.

Styx sentiu uma única lágrima deslizar no canto do seu olho quando seu tio terminou com ele e “desmontou”. Como seu mais recente jogo retorcido, eles o amarraram de braços em uma mesa com seus braços e tornozelos estendidos e presos nas pernas da mesa. Mas o pior foi a falsa rédea que Estes usou para amordaçá-lo. Uma rédea que utilizaram enquanto o “montavam”.

Rindo e o parabenizando por suas “habilidades”, os amigos do seu tio aplaudiram Estes e lhe deram um kyllix de vinho. Estes tomou um gole, em seguida, pegou um punhado de azeitonas antes de retornar e se ajoelhar ao lado da mesa, para se encontrar com o olhar envergonhado de Styx.

Ele estalou a língua.

— Desculpe, pequeno Phallus²⁵. Não percebi que você estava lúcido, e prometi que não faria isso com você, não é?

Afastou o cabelo do rosto de Styx.

Gritando de raiva e horror, Styx tentou se libertar. Queria tanto a garganta do seu tio, que podia saborear.

Estes riu, então recuou.

Antes que Styx pudesse se conter, seu olhar varreu o quarto para ver que existiam apenas seis homens nele. Fechou os olhos com força quando a completa humilhação o encheu. Era o principal entretenimento para uma festa de nobres de Didymos...

Maldito seja, Estes!

Sou amaldiçoado.

Estes pressionou a cabeça de Styx contra a mesa, em seguida, beijou-lhe a testa.

— Shh, esquilo. Acalme-se antes que se machuque.

Ele abriu a pequena caixa que estava perto da cabeça de Styx e vasculhou.

— Isso deve mantê-lo calmo e submisso novamente.

Styx estremeceu. Estava tão cansado de ser drogado, especialmente contra a sua vontade.

Estes saiu de sua linha de visão de forma que pudesse inserir a droga da maneira mais rude possível, enquanto os outros ofertavam pelo próximo passeio nele. Enquanto seu tio segurava dentro dele para ter certeza que produziria efeito, Xan avançou para falar a sós com Estes.

²⁵ Falo, pênis.

— Ouvi que a princesa retorna semana que vem.

— Ela volta, realmente.

— Quanto custa uma noite com ela?

Estes estalou a língua.

— Não posso fazer isso. Ela tem que ir para o leito nupcial pura. Ou então meu irmão teria ambas nossas vidas.

— Uma mulher tem mais do que um orifício em seu corpo. Coloque um cinto de castidade nela e dê seu preço. Eu a quero, Estes.

— Será tão caro e dispendioso como minha doce sobrinha.

— Eu sabia que seria. Você vai fazer isso?

— Irei fazê-lo.

Styx tentou lutar quando aquelas palavras o golpearam, mas não havia nada que pudesse fazer quando sua cabeça e o quarto começaram a girar. Fechando os olhos, ofegou e deixou a droga levá-lo de sua crueldade.

* * *

Styx despertou quando alguém soltou suas mãos da mesa. Gemendo, estremeceu quando a rédea foi rudemente arrancada de sua boca e viu seu tio na frente dele.

Estes soltou suas pernas.

— Levante-se.

Styx tentou, mas seus braços e pernas estavam dormentes por terem sido amarrados por tanto tempo. Seu corpo inteiro estava rígido e dolorido. Não tinha certeza de quantas horas ou dias se passaram. Com Estes e suas ervas, nunca saberia dizer.

Seu tio o cobriu com uma formosa atalante.

— Sua irmã e mãe retornaram cedo.

Afastou-se de Styx.

— Preciso de você lúcido o suficiente para recebê-las.

Styx lambeu o sangue do canto de seus lábios enquanto tentava focalizar.

Resmungando, Estes o agarrou e o arrastou para o banheiro. Ele o derrubou no chão a beira da piscina, em seguida, mergulhou a cabeça de Styx na água para reanimá-lo.

Styxx tossiu e cuspiu enquanto seus pensamentos finalmente clarearam o suficiente para ele pensar por si mesmo novamente.

— Sua mãe e irmã atracaram alguns minutos atrás. Estão a caminho de casa. Lave-se, vista-se e me encontre lá embaixo. Rápido.

Estes mergulhou sua cabeça mais uma vez, em seguida, levantou-se e saiu.

Respirando com dificuldade, Styxx tossiu a água para fora de seus pulmões, em seguida, se arrastou até a piscina para limpar o cheiro de Estes e dos outros. E enquanto fazia isso, lembrou-se da proposta de Xan para Ryssa.

A aceitação de Estes.

Deuses queridos, eles iam fazer isso com Ryssa. Aquilo o deixou sóbrio imediatamente. Embora Ryssa o odiasse, ele não podia permiti-los estuprar sua irmã. A vergonha a mataria. Ela não era forte o suficiente para sobreviver a algo tão horrível.

Ou pior, ela diria para seu pai que a expulsaria por isso. Uma princesa danificada seria inútil para o rei, e ela era estúpida o suficiente para pensar que seu pai não faria isso com ela.

Styxx saiu da piscina e se vestiu rapidamente. Quando pegou a sua navalha, congelou com a visão do seu reflexo. Seus olhos estavam fundos e inchados. Vermelhos e irritados pelas drogas. Quase não se reconheceu. Perdeu peso e estava extremamente pálido. Seus pulsos estavam machucados e cortados onde lutou para se libertar e havia pequenos cortes ao redor de sua boca por causa da rédea. Até seus lábios estavam rachados e sangrando.

Agarrando a navalha, rapidamente se preparou de modo que nem sua mãe nem Ryssa o repreenderiam por seu desrespeito em encontrá-las desleixado. Assim que pôde, desceu para encontrar Estes e os criados esperando para saudar o enviado real.

Estes sorriu ao vê-lo.

— Esqueço o quão bonito você é quando está fresco e em pé.

Styxx o agarrou e o empurrou até a parede.

— Toque na minha irmã, seu bastardo, e me banharei em suas entranhas.

Seu tio riu.

— Ryssa não tem nenhum interesse para mim. Nunca teve. Apenas desejo homens bonitos.

— Você a vendeu e...

Estes agarrou sua garganta em um aperto que o imobilizou imediatamente.

— Mantenha suas ameaças impotentes para você mesmo. Não sou um de seus servos para ser intimidado por uma carranca real, rapaz. Sou um veterano de mais batalhas que alguma vez verá. Engoli homens maiores e mais duros do que você. Então, não pense por um momento que você pode ficar sóbrio e me intimidar. Ameace-me novamente e rezará para os deuses para retornar para os dias onde realmente me importava com o que acontecia com você. Entende?

Apertou ainda mais até o ponto que Styxx quase perdeu a consciência.

Então ele o empurrou e o soltou.

Arquejando enquanto o sangue retornava a sua cabeça e perfurava seu crânio com uma dor tão terrível que Styxx viu estrelas, ele olhou para o filho da puta. *Tenho que parar com isso.* Já era ruim o suficiente que Estes abusou dele e de Acheron.

Ela é sua irmã, garoto. Você a protege, custe o que custar.

As palavras do seu pai soaram em sua cabeça.

Era a única coisa que nunca deixou de fazer. E era a única coisa que seu pai acharia imperdoável.

Os músicos começaram a tocar lá fora. Estes acenou para abrirem as portas e saírem para recebê-los. Sua garganta ainda queimando pelo aperto de Estes, Styxx o seguiu, em seguida, desceu os degraus assim podia ajudar sua mãe e irmã descenderem de sua carruagem.

No momento que ela o viu, sua mãe curvou o lábio.

— Você está espantoso. Não sei de qual prostituta você se retirou em minha chegada, mas você podia pelo menos ter se lavado antes de se aproximar de sua mãe.

Ela se recusou a segurar sua mão. Ao invés, ela o roçou rudemente ao passar por ele, deixando todo mundo saber que a rainha não tinha nenhum uso para seu filho.

Mas, então, estava acostumado a isso.

Ele estendeu a mão para Ryssa.

Como sua mãe, se recusou a tocá-lo. Ela desceu e passou por ele com seu desdém.

— O que fez? Bebeu e fornicou todo dia desde que pai foi embora? Seu estado é abominável.

Deveria deixar você ser estuprada por um bando, cadela, e jogá-lo em seu rosto. Ver então como você suportaria ser arreada e montada como um cavalo.

Ryssa dirigiu-se para as escadas.

Styxx a puxou para uma parada.

— Precisamos conversar.

Ela puxou o braço fora de seu aperto.

— Apesar do que pensa, você não é rei ainda. Você não me ordena.

— Ryssa...

— Volte para sua prostituta e vinho, irmão. Ou melhor, pelos deuses, durma um pouco e fique sóbrio antes que seu pai o veja e descubra que um patético inútil herdará seu trono.

Ao contrário de sua mãe, Ryssa ignorou Estes e continuou até o palácio.

Rindo, Estes se moveu para palmear as costas de Styxx.

— Isso certamente foi grosseria delas, não foi?

Ele se inclinou para sussurrar para Styxx.

— Então me diga, sobrinho. Está pronto para me pagar para ver sua irmã ser violada e colocada em seu lugar?

Uma parte dele queria vê-la tão mal que o assustou. Estava tão cansado das críticas de Ryssa e da sua mãe, quando não fez nada para merecê-lo.

Serviria a Ryssa saborear a degradação que ele conhecia muito intimamente. Mas quando seu olhar caiu em Xan e viu o tamanho gigante do atlante, sabia que aquele bastardo despedaçaria sua irmã. Da mesma maneira que fez com Styxx.

Não importa o quanto a odiava, não podia permitir que isso acontecesse. Tinha que parar isso.

Mas como?

19 de setembro de 9532 a.C.

Desde o retorno da rainha, Estes não ousou manter Styxx tão drogado quanto antes. Era tanto uma maldição quanto uma bênção. E agora, Styxx não queria se lembrar de nenhuma das horríveis horas que passou, enquanto ocasionalmente ouvia sua mãe e Ryssa rindo juntas, enquanto era mantido contra sua vontade no quarto de Estes, ao lado do de sua irmã.

Com alguma sorte, ele nunca teria que se sentir tão humilhado novamente.

Styxx finalmente conseguiu livrar-se a corda de seu pulso sangrando. Levou horas para conseguir isto.

Sua mão queimava do esforço de contorcê-la, de forma que pudesse soltar os fios ásperos e grossos. Tão depressa quanto pôde, ele desatou a outra. Normalmente Estes o acorrentava ou amarrava suas mãos separadas uma da outra. Esta noite, por razões das quais não queria pensar, Estes as amarrou juntas e esticou-as acima da cabeça de Styxx para mantê-lo na cama.

Então o bastardo desmaiou antes de ter a chance de separá-las.

Fazendo uma careta, Styxx tirou a mordaça da boca, enquanto Estes dormia profundamente ao seu lado. Com um suspiro profundo, Estes rolou e jogou a coxa sobre Styxx. Sua mão buscando uma parte do corpo de Styxx que o revoltou. Com cuidado, para não despertar seu tio, desvencilhou-se o suficiente para que pudesse livrar seus tornozelos e deslizar para fora da cama.

Seu coração acelerou, enquanto considerava suas opções. Não havia nenhuma maneira de conseguir falar com seu pai a tempo. Ainda que conseguisse, acreditava plenamente que Estes poderia distorcer isto, de forma que seu pai nunca acreditaria nele. Sua mãe seria inútil. Ryssa era estúpida a um nível supremo.

Se tentasse prender Estes, tudo viria à tona. E não tinha nenhuma dúvida que seu tio o conteria novamente, e então o levaria para Atlântida para ser comprado e vendido.

A única opção real que tinha deixava seu estômago doendo.

Mas isto era a única maneira de fazer tudo isto parar. O único caminho para proteger seu irmão e irmã.

E a si mesmo.

Você é um covarde patético. Seu próprio desdém elevou-se para silenciar as vozes dos deuses em sua cabeça. *Um homem de verdade já teria feito isto.*

No entanto, isto não era tão fácil. Ele nunca feriu ninguém antes. Não intencionalmente.

Tenho que fazer isto. Seu tio o deixou sem escolha. Se não fizesse, Ryssa seria estuprada, também.

Se deixar que isto aconteça, como poderei viver comigo mesmo?

Da mesma maneira que estava vivendo com sua consciência e a humilhação, que Estes e os outros lhe impuseram.

Uma batida do coração de cada vez.

Mas não importava, não poderia deixar Ryssa ser machucada. Não quando podia parar isto.

E Acheron nunca deixaria Atlântida. Não enquanto Estes vivesse...

Com uma mão trêmula e um horror abjeto em seu coração, Styxx puxou seu travesseiro da cama. Segurando-o contra seu peito, olhou fixamente para o corpo nu de seu tio.

Deuses me perdoem pelo que estou prestes a fazer.

Antes que pudesse mudar de ideia ou correr, Styxx forçou-se a socar o travesseiro sobre o rosto de Estes. Estes soltou um berro abafado, enquanto agarrava Styxx e tentava lutar com ele. Styxx enrolou seu corpo ao redor do de Estes, enquanto usava todos os truques que Galen lhe ensinou, para manter-se e ter certeza de que não soltou seu aperto, até Estes ficar inerte em seus braços.

Mesmo assim, esperou com medo de que fosse um truque. Se seu tio tivesse um único fôlego, ele mataria Styxx por isto.

Suas mãos estavam mais frias do que gelo, quando finalmente estendeu a mão para sentir uma pulsação.

Nada.

Ele está morto.

Eu o matei.

Lágrimas encheram seus olhos quando a bÍlis subiu até sua garganta. Ele tinha tirado uma vida. E não uma vida qualquer. A de seu tio.

O amado irmão mais novo de seu pai.

Styxx puxou o travesseiro para revelar os vítreos, olhos abertos de Estes. Ironicamente, Styxx não via o sádico bastardo que passou o último ano molestando-o... viu o tio que foi carinhoso com ele, quando era um menino. A pessoa que lhe trazia presentes e que tentou ajudá-lo.

Incapaz de lidar com o que fez e com o que aconteceu com ele, Styxx correu para o pinico e descarregou seu estômago.

Meu pai me matará se descobrir.

Ele cometeu um assassinato. A sangue frio. Brutal. Um crime capital.

Você não teve nenhuma escolha.

Mas não parecia assim agora. Não com este tipo de finalidade. *Matei meu próprio tio. Minha carne e sangue.*

Horrorizado, Styxx caiu contra a parede e tentou entender por que seus olhos estavam secos. Olhou de volta para a cama e ofegou quando viu as cordas que ele tinha desatado. Elas permitiriam que os outros soubessem que Estes não tinha estado sozinho em sua cama.

Apavorando-se ainda mais, levantou-se e depressa se reuniu e qualquer evidência que traísse sua presença aqui esta noite. O segundo cálice. Sua mordança. Os “brinquedos” que seu tio usou nele. Então fechou os olhos de Estes e pôs a cama em ordem.

Apavorado e nauseado, saiu sorrateiramente do quarto de seu tio e foi para o seu, onde queimou todas as coisas que juntou até que não tivesse sobrado nada que o traísse.

Ele colocou o cálice na mesa e forçou-se a ficar na cama até tarde, uma cama que fazia sua pele arrepiar. Culpa, medo, vergonha e horror misturavam-se dentro dele, anulando qualquer pesar que pudesse ter conhecido. E tudo o que podia fazer era esperar que alguém descobrisse o corpo de Estes.

E acusá-lo de um crime que seguramente custaria sua cabeça.

* * *

Era meio da manhã quando a comitiva de Estes o achou em sua cama. Escutando a comoção do lado de fora, Styxx agarrou seu travesseiro quando o medo envolveu-o apertado e ameaçou sufocá-lo do jeito como matou seu tio.

— Styxx! — Sua mãe gritou enquanto escancarava sua porta. — Venha! Seu tio está morto.

Por um minuto inteiro, ele não conseguiu se mover quando tentou pensar sobre como reagir. O que seria aceitável.

E o que não iria condená-lo.

Antes que pudesse decidir, sua mãe arrancou as cobertas e o travesseiro dele.

— Você me ouviu?

Fingindo dormir, embora tivesse que fechar seus olhos, ele franziu o cenho para ela.

— O que?

— Estes está morto. Ele parece ter morrido durante o sono. Levante-se e se vista cão desprezível! Precisamos de você.

Ele puxou uma respiração irregular e levantou-se para tomar banho e vestir-se.

Quando se juntou à sua família, sua mãe estava ajoelhada no chão ao lado de Estes, lamentando com um pesar que sabia que não sentia. Seu olhar foi para Ryssa, que estava ajoelhada ao lado de sua mãe. Ela tinha lágrimas nos olhos, mas ele sabia que não eram para Estes. Era Acheron em sua mente.

Xan estreitou um olhar suspeito nele, que lhe disse que o príncipe de Atlântida sabia o que ele fez, mas não ousava fazer a alegação sem provas.

— Onde você estava? — Phanes, o conselheiro mais velho do seu pai, exigiu.

Antes que Styxx pudesse responder, sentiu o ar deixar o quarto quando todos os olhos foram para a porta atrás dele.

Virando, Styxx viu seu pai lá com uma dura expressão, enquanto observava a visão de todos em pé sobre o frio corpo nu de seu irmão. Sem uma palavra, seu pai apressou-se até a cama e tocou o ombro de Estes. Ele estremeceu de pesar.

— Deixem-nos! — Seu pai rugiu.

Ryssa ajudou sua mãe a erguer-se e elas fizeram uma retirada precipitada.

Quando Styxx moveu-se para segui-las, seu pai o deteve.

— Não você, garoto. Quero que fique.

O medo perfurou seu coração quando fechou a porta atrás dos outros, então retornou para o lado de seu pai.

— O que aconteceu?

— Não sei pai. Acabei de descobrir sobre ele.

As lágrimas fluíam pelo rosto do rei, quando agarrou Styxx e o puxou para seus braços para abraçá-lo. Soluços violentos agitavam o corpo inteiro de seu pai. Atordoado, Styxx não podia se mover enquanto seu pai lamentava contra seu peito. Nunca em sua vida seu pai tinha mostrado tanta emoção por qualquer coisa.

Mas, o que cortava mais fundo, eram os pensamentos da infância que seu pai compartilhou com seu amado irmão. Quanto ele amou o homem que o filho que ele segurava tinha matado.

Styx endureceu. A raiva brotou dentro dele, exigindo que empurrasse seu pai para longe e lhe dissesse o que seu irmão era realmente. O que Estes fez para ele e para Acheron, e o que planejava fazer com Ryssa. Mas sabia que seu pai nunca acreditaria nele. Da mesma maneira que Ryssa nunca acreditaria que Styx fosse capaz de qualquer boa ação, seu pai nunca acreditaria que Estes fosse capaz de uma ruim.

E ele nunca perdoaria Styx por matá-lo.

Depois de alguns minutos, seu pai recompôs-se e endireitou-se. Enxugou as lágrimas e limpou a garganta.

— Devemos dar-lhe um enterro de estado. Então teremos que ver seus negócios em Atlântida.

Styx inclinou a cabeça para ele.

— Com a guerra iminente?

Seu pai olhou de volta para seu tio e baixou a cabeça.

— Você está certo, garoto. Precisaremos apressar isto. Teremos que enterrar Estes esta noite em nossa cripta, e deixar Atlântida pelas prioridades. Organize para que sua irmã e mãe supervisionem os preparativos do corpo.

Styx hesitou antes de concordar.

— Sinto muito, pai.

O rei puxou a cabeça de Styx para baixo e beijou sua testa.

— Prepare-se rapidamente.

— Desculpe-me?

— Não quero viajar sozinho para Atlântida. Preciso que vá comigo para fazer isto. Você será minha força.

Seu medo e remorso transformaram-se em uma raiva gélida. Para o benefício de seu pai, Didymos poderia permanecer sem um rei em seu trono.

Mas quando ele precisou ir com seu pai...

Não haveria nenhuma maneira por Hades que isto pudesse acontecer.

Se tivesse uma vez considerado minhas necessidades, seu bastardo, seu irmão ainda estaria vivo. Styx olhou para a cama onde foi amarrado e quis dizer a seu pai a verdade. Queria ver o rosto de seu pai quando soubesse que seu próprio irmão transformou ambos seus filhos em prostitutas.

Não. A verdade não traria nenhum bem a ele. Seu pai nunca o amou do modo como amou Estes, e nunca iria.

Styx olhou para a cicatriz em seu antebraço e aceitou uma realidade que não poderia mudar. Curvando-se, deixou seu pai e foi dizer aos outros sobre o enterro, e então fazer as malas.

Quando alcançou seu quarto, Xan estava do lado de dentro, esperando por ele.

O atlante gigante permanecia com suas pernas separadas e os braços dobrados sobre seu peito. A raiva drenou por todas as células de seu corpo.

— Você o matou, não é?

Com todo o treinamento que recebeu desde o nascimento, Styx curvou uma sobrancelha digna de um monarca.

— Do que você está falando?

Um bons vinte centímetros mais alto, Xan moveu-se para dominar Styx e fazer o seu melhor para intimidá-lo com seu tamanho volumoso.

— Fui foder seu apertado cuzinho como Estes ontem à noite. Quando parti, você estava drogado e amarrado na cama. — Xan pegou a mão de Styx e segurou o pulso machucado e cheio de marcas para Styx ver. — Estes não o teria livrado até que se levantasse esta manhã, e você não estava lá quando entrei para fodê-lo novamente.

— Despertei no meio da noite e o encontrei morto ao meu lado. Entrei em pânico.

— Não acredito em você.

— Devíamos levar este assunto a meu pai e deixá-lo decidir a verdade? Mas terá que confessar para ele, como sabe do fato de que eu não podia me libertar.

Xan enrolou os lábios.

— Você pensa que livrou-se disto. Mas os deuses sabem o que fez. Você o matou a sangue frio. Ouvi que as Fúrias em seu panteão têm uma raiva especial, que elas visitam a cabeça daqueles que assassinam sua própria família.

— Então dou boas-vindas a elas de braços abertos. — Styx olhou para ele. — E não sou a pessoa que matou meu tio. Você fez, no momento em que decidiu ansiar por minha irmã.

Xan bateu suas costas contra a parede com tanta força, que a respiração abandonou-lhe.

— Vou sentir falta de Estes. Ele era um bom amigo. Mas acima de tudo, vou sentir falta de observar você e seu irmão chuparem meu pau, até eu gozar entre suas bonitas boquinhas, e observá-lo engolir até minha última gota.

Styxx moveu para atacar, mas o bastardo deu-lhe uma joelhada na virilha e o deixou sofrendo. Tanto física como mentalmente.

* * *

Bethany suspirou enquanto arrumava sua cesta. Novamente. Fazia mais de um mês inteiro desde que ela viu Hector pela última vez. Infel bastardo que ele era, ela fervia mentalmente. Dê aos homens o que querem e não conseguem fugir rápido o bastante.

Como odiava todos eles.

Tentando não pensar sobre como deixou um mero mortal magoá-la, estava quase teletransportando-se para casa quando ouviu um ruído por perto.

— Beth?

A princípio pensou que poderia ser uma ilusão de sua parte.

Até que o ouviu gritar novamente.

— Hector?

De repente, estava ao seu lado, puxando-a suavemente contra ele. Segurava-a tão apertado que ela mal podia respirar, enquanto enterrava o rosto na curva do pescoço dela. Seu corpo inteiro estava tremendo tanto que a assustou.

— Há algo de errado?

— Não agora que finalmente estou com você novamente. — Ele apertou os braços ao redor dela. — Sinto tanto que não tenha estado aqui. Acredite-me, tentei vir. Não pensei sobre absolutamente nada mais, exceto estar com você. Noite e dia.

Aquelas palavras e a verdade em seu tom desesperado trouxeram lágrimas aos seus olhos.

— Pensei que tinha esquecido tudo sobre mim.

— Como poderia esquecer o ar que respiro? Você apenas me mantém.

Ele estava muito mais magro do que era, e havia cortes e inchaços em seu corpo que ela não entendia.

— Você esteve doente?

—Você não tem ideia do quanto aprecio a preocupação em sua doce voz. — Ele segurou a mão dela contra seu rosto e beijou sua palma. — Como tem passado?

— Sentindo sua falta e louca de raiva de mim mesma por isto.

— Verdade?

Ela ergueu a sobrancelha para ele.

— Está encantado com o fato de que estou com raiva de mim mesma?

— Não. Nunca. Nunca deve ficar com raiva de si mesma. Você realmente sentiu minha falta?

— Claro.

Ele beijou sua mão novamente.

— Uma ninharia em comparação ao quanto sofri por você, eu juro.

— Duvidoso.

— Verdade.

E ele ainda estava tremendo incontrolavelmente.

— Por que está tremendo tanto?

— Sua beleza. Isto sempre me deixa tremendo com sua presença poderosa. Ela zombou, embora sua lisonja a aqueceu.

— Você é sempre um mestre eloquente.

— Não. Sou impotente diante de você, minha senhora. Sempre. — Ele ajoelhou-se na frente dela e colocou a cabeça em seu estômago.

Ainda mais preocupada do que antes, Bethany o segurou lá.

— Estou preocupada com você. Sei que algo terrível aconteceu.

— E foi terrível, realmente. Fui impedido de vê-la, minha senhora preciosa.

Ela rolou os olhos com suas tolices.

— Sua terrível, miserável besta imprudente. Você me faz perdoá-lo quando quero estar brava com sua negligência. — Sorrindo para ele, ela passou a mão por seus cabelos suaves.

— Assumirei sua raiva, desde que não se transforme em ódio. Não poderei viver se pensasse que você me odeia.

— Pronto, lá se foi tudo. Nenhum rastro de raiva dentro de mim agora. Maldito seja Hector. Você fede!

Ele pressionou a mão dela em seu rosto, para que pudesse sentir o sorriso dele.

— E como senti falta de você me amaldiçoando.

— E como senti falta de amá-lo, você homem provocador. — Ela levou a mão dele até seu coração para que pudesse senti-lo batendo por ele. — Contra tudo o que tentei fazer para impedir isto, arrastou-se em uma parte minha, onde apenas você poderá me magoar. Você entende Hector? E sou uma mulher vingativa, cuja ira é inimaginável. Não me faça virar isto contra você. Para o nosso bem.

— Enquanto houver um fôlego dentro de mim, nunca farei qualquer coisa intencionalmente para magoá-la, Beth. — Ele ergueu-se em pé e deu-lhe o beijo mais doce que ela jamais conheceu. — Infelizmente tenho que viajar pelas próximas semanas. Mas voltarei aqui assim que retornar. Juro isto.

— É bom mesmo.

Ele a puxou para seus braços e aspirou-a.

— Um dia, vou dizer-lhe o que aconteceu. Mas no momento... — Ele a beijou. — Estarei contando as batidas do coração até que a veja novamente.

Bethany o segurou contra ela e deixou a inocência do beijo dele dar-lhe vida. — Já sinto a sua falta.

— Não tanto quanto sinto a sua.

Styx forçou-se a deixá-la ir e voltou em direção a seu cavalo. Ele levou um momento observando-a levantar sua cesta e a vara, e perguntou-se se ela ainda o adoraria se soubesse o que ele fez. O quanto tinha sido cruel com seu próprio tio.

Ela merecia algo melhor do que ele. Não conseguia entender por que o amava, quando ninguém mais o fazia.

Por favor, não me odeie, Bethany.

Isto seria verdadeiramente pior do qualquer tortura infernal.

26 de setembro de 9532 a.C.

Styxx ficou para trás, quando seu pai e Ryssa abordaram a casa de seu tio em Atlântida. As memórias não desejadas o brutalizavam, quando se lembrou do que lhe aconteceu na última vez em que esteve aqui. E ainda o mais agonizante eram as lembranças que não tinha. Ele nunca saberia exatamente tudo o que tinha sido feito com ele.

Gostaria que pudéssemos queimar isto até o chão...

Nada naquele terrível lugar tinha mudado. Estava da mesma maneira que Styxx se lembrava. Cada pedra repugnante.

Lenas, servo de seu tio, abriu a porta olhando fixamente para eles.

Seu pai endureceu com a insolência do servo.

— Vim para recolher Acheron. Leve-me até ele.

Lenas escancarou mais a porta para admiti-los. Ele passou um olhar acalorado sobre o corpo de Styxx.

Eles são tão espantosamente... parecidos. Pergunto-me se ele é tão bom na cama.

Styxx encolheu-se. Estes não tinha apenas compartilhado Acheron com seus amigos e mecenas, mas também com sua equipe. Enquanto dirigiam-se corredor abaixo, imagens estranhas relampejaram em sua mente.

Eram lembranças?

Elas vinham e iam tão rápido que não conseguia ter certeza do que sua mente queria que visse ou soubesse.

Tentando empurrar aqueles pensamentos de lado, Styxx desacelerou a medida que se aproximavam de um quarto onde os sons lhe eram muito familiares. Lenas deu-lhe um olhar de reconhecimento, antes que abrisse a porta do quarto onde Acheron estava trabalhando com dois mecenas.

— O que em nome de Hades é isto? — Seu pai rugiu.

Com os olhos arregalados com horror, Ryssa cobriu a boca e virou-se.

Styxx não podia respirar com a visão que os saudou. Completamente nu Acheron estava enterrado entre as pernas de uma mulher, enquanto um homem aproveitava-se da posição de cócoras de Acheron, para seu próprio prazer.

O homem afastou-se de Acheron com uma maldição feroz.

— O que significa isto? — Ele exigiu com um ar igualmente imperioso. — Como ousa nos interromper!

Este era um tom que seu pai não apreciava, e Styxx estava extremamente contente que não foi o tolo que o usou.

Acheron deu uma última lambida brincalhona no corpo da mulher, antes de rolar-se de costas. Ele estava deitado descaradamente nu na cama, sorrindo.

— Príncipe Ydorus. — Acheron disse para o homem irritado enfrentando seu pai. — Conheça o Rei Xerxes de Didymos.

Isso tirou um pouco da arrogância do príncipe, mas não muito.

— Deixem-nos. — Seu pai exigiu.

Ofendido, o príncipe juntou suas roupas e a companheira e fez como o rei ordenou.

Movimento sábio, amigo.

Com um cinza doentio expresso em sua pele, que era muito familiar para Stixx, Acheron enxugou a boca no lençol. Com os traços magros, ele usava aquelas malditas faixas de ouro em seu pescoço, braços, pulsos, e tornozelos.

Lambendo seus lábios sugestivamente, Acheron intencionalmente mostrou os *erotiki sfairi* que forravam sua língua. Styxx deu a seu irmão crédito por aquela estupidez. Especialmente quando Acheron deitou com seus cotovelos curvados, e espalhou suas pernas abertas para que seu pai visse o que ele era.

— Então o que o traz aqui, Majestade? — Acheron perguntou seu tom zombeteiro e frio. — Deseja passar um tempo comigo, também?

Styxx vacilou para esta desafiadora oferta raivosa, que sabia ter transpassado seu pai como uma espada. Acheron não tinha nenhuma ideia do que estava colocando em movimento, mas Styxx sabia. Ele apenas não sabia como parar isto.

Pior, eram as lembranças dos tempos em que esteve onde Acheron estava. Ele entendia muito bem aquele ódio e a raiva, de querer atacar e lançar no rosto de seu pai o que Estes os obrigou fazer. Para fazer o rei lidar com a realidade que foi forçada sobre eles contra sua vontade. As emoções voláteis de Acheron o deixava no limite, e o deixava primitivo e sangrando emocionalmente.

— Levante-se. — Seu pai rosnou. — Cubra-se.

Um canto da boca de Acheron ergueu em uma expressão zombeteira. Ele curvou os joelhos e assumiu uma posição sexualmente convidativa, que Styxx ficou contente de que Ryssa não pudesse ver.

— Por quê? As pessoas pagam quinhentas peças de ouro por hora para me ver nu. Você deveria ficar honrado por poder olhar livremente.

Irmão pare!

Mas Styxx não conseguiu articular as palavras, quando detalhes esquecidos o golpearam. De repente, lembrou-se de estar neste quarto.

Com e sem Acheron.

— Quatro mil solas pela primeira metida com eles! Quem quer saborear a divindade e a realeza grega?

— Como você gosta Alteza? Diga-me quanto almeja meu pau... Implore-me como a putinha que você é.

Styxx vacilou enquanto tentava forçar isso tudo para longe e focar-se. Mas era impossível. Ele queria estar em um lugar diferente daqui, e revivendo um horror que nunca deveria ter acontecido para qualquer um deles.

Seu pai agarrou Acheron rudemente pelo braço e o puxou da cama.

Acheron cobriu a mão dele com a sua e estalou a língua para ele.

— São mil peças de ouro por hora se quiser me machucar.

Mil e quinhentos para fazê-lo sangrar... Styxx vacilou quando relembrou a lista de preço de Estes.

O rei soltou desajeitadamente Acheron com tanta força, que ele caiu no chão e esparramou-se nu de costas.

Styxx ofegou quando a dor explodiu em seu próprio crânio. Foi tão forte com um golpe, que por alguns segundos não conseguiu ver direito.

Rindo, Acheron lambeu o sangue de seus lábios, antes de limpá-lo com as costas de sua mão marcada à ferro.

— E mil e quinhentos para fazer-me sangrar.

Styxx recuou quando Acheron confirmou sua lembrança antiga.

Seu pai enrolou os lábios.

— Você é repugnante.

O estômago de Styxx revoltou. Isso era o que seu pai pensaria sobre ele, também, se soubesse que já tinha usado as mesmas pulseiras que Acheron. Ele se viu sangrando no chão, não seu irmão. Isto era exatamente o que aconteceria com ele se seu pai descobrisse que foi vendido.

Se visse a marca que Styxx levava perto de seu pau.

E se ele soubesse que Styxx assassinou seu tio...

Seu pai pessoalmente iria estripá-lo. Da mesma maneira que sua mãe o fez.

Com um sorriso irônico, Acheron rolou de lado e levantou-se do chão.

— Cuidado pai, você poderia realmente ferir meus sentimentos. — Ele caminhou ao redor de seu pai como um orgulhoso leão, espreitando, olhando-o de cima a baixo. — Oh espere, esqueci. As prostitutas não têm sentimentos. Não temos nenhuma dignidade para você ofender.

— Não sou seu pai.

Styxx estremeceu com a gravidade da condenação de seu pai contra seu irmão gêmeo, e lembrou-se o quão torturado e conflituoso seu pai esteve, quando cortou o braço de Styxx.

— Sim, conheço bem a história. Foi lançada em mim anos atrás. Você não é meu pai e Estes não é meu tio. Isto salva sua reputação, se todos acharem que sou um pobre pária que ele encontrou nas ruas e deu abrigo. Tudo bem vender um mendigo sem casa, um desprezível bastardo. Mas a aristocracia franze o cenho para aqueles que vendem seus parentes de sangue.

Como Styxx desejou que fosse verdade.

Seu pai soltou-o novamente.

Styxx limpou o sangue em seu rosto antes que alguém visse. Mas seu pai e Ryssa estavam muito atentos em Acheron para dar qualquer atenção para suas condições. Graças aos deuses por aquela pequena clemência.

Acheron riu imperturbável pelo fato de que seu nariz estava sangrando agora, junto com seus lábios.

— Se realmente quiser me machucar, eu tocarei para pedir pelos chicotes. Mas se continuar a atingir meu rosto deixará Estes incrivelmente bravo. Ele não gosta que alguém arruíne minha beleza.

— Estes está morto! — Seu pai rugiu.

Styxx estremeceu com a pura raiva daquelas palavras.

Acheron congelou no lugar, então piscou como se não pudesse acreditar no que ouviu.

— Estes está morto? — Ele repetiu desprovido.

O rei zombou dele.

— Sim. Deveria ser você no lugar dele.

Acheron respirou fundo e o alívio em seus olhos era tangível. Seus pensamentos tocaram a cabeça de Styxx.

Está terminado. Está finalmente terminado. O distorcido bastardo está morto e estou livre...

Pela primeira vez, Acheron encontrou seu olhar. Styxx viu sua própria vergonha, auto-abominação, e alívio absoluto, espelhados naqueles olhos prateados, refletidos em um rosto idêntico.

E apesar de estarem livres dos atos futuros de Estes, nada jamais apagaria aqueles feitos para eles no passado.

Eu sei irmão. E sinto muito.

O alívio de Acheron deixou seu pai furioso.

— Como ousa não ter nenhuma lágrima por ele. Ele o abrigou e protegeu.

Ridicularizando, Acheron virou seu olhar seco em direção ao rei.

— acredite-me, paguei-lhe bem por seu abrigo e preocupação. Todas as noites quando ele me levava para sua cama. Todos os dias quando me vendia para quem pagasse seu preço.

— Você mente!

Aquelas palavras chicotearam através de Styxx e roubaram seu fôlego, e o deixou boquiaberto em descrença. *Seu pedaço de merda do caralho! Como pode negar o que está diretamente na sua frente? Como podia chamar Acheron de mentiroso, quando testemunhou por isto?*

Naquele momento, pela primeira vez, Styxx estava verdadeiramente contente de ter matado Estes. Seu único arrependimento era que não foi mais violento e doloroso no fim.

Acheron olhou para o rei.

— Sou um prostituto, pai, não um mentiroso.

Com um berro nascido do pesar, fúria e ódio, o rei atacou seu irmão. Ele bateu e chutou furiosamente Acheron, que não se preocupou em revidar ou proteger-se de qualquer forma.

Styxx lutava para respirar sob a ferocidade da agressão de seu pai, quando seu próprio corpo reagia a cada golpe. Isto era tudo o que podia fazer para permanecer em pé. Se não fizesse algo rapidamente, todos iriam descobrir a verdade sobre os gêmeos.

Deuses ajudassem a ambos, se isso acontecesse.

Atormentado em agonia, puxou seu pai para longe de seu irmão.

— Por favor, pai. — Ele disse entre os dentes cerrados, enquanto lutava para não mostrar sua própria dor. — Acalme-se. A última coisa que precisa é ter um ataque do coração. Não quero vê-lo morrer como Estes.

Como esperado, a lembrança de que Estes era mais jovem e morreu de uma suposta convulsão durante o sono, acalmou seu pai e deu a Styxx uma chance de suprimir o dano que seu pai lhe fez. Ele enxugou o sangue de seu rosto novamente, enquanto seu pai olhava para baixo para seu gêmeo.

Ryssa foi para o lado de Acheron.

— Não. — Acheron disse, empurrando-a para longe. Ele cuspiu o sangue de sua boca no chão, onde aterrissou em um salpico vermelho gritante.

— Saia. — Seu pai rosnou para ele. — Não quero vê-lo novamente jamais.

Aquelas palavras bateram em Styxx muito mais forte do que os punhos dele tinham.

Acheron riu daquilo e encontrou o olhar de Styxx sem vacilar.

— Bastante difícil, não é?

O rei avançou nele, mas Styxx se pôs entre eles. Ele tinha que separá-los e resolver isto.

De alguma maneira.

— Guardas. — Ele chamou, querendo que eles levassem seu irmão em segurança, até que seu pai se acalmasse.

Eles imediatamente apareceram.

Acheron olhou para Styxx com um ódio que era palpável. *Sei que me ouve dentro de sua cabeça, irmão. Assim como sempre fazia quando éramos crianças, e quero que veja o quanto seu precioso pai realmente o ama, e pode nos expulsar tão facilmente.*

Diga-me sinceramente, Styxx, você chupa o pau e lambe as bolas do pai a noite? Você deve engasgar com seus testículos e chupá-lo bem duro e seco para ele amá-lo tanto e me renegar.

Raiva, sombria e mortal, cegou-o quando os pensamentos malignos de Acheron bateram com força nele. Como ousava Acheron lançar isto na cara dele, quando sabia exatamente o quanto isto machucava! Estava além da crueldade. Muito mais duro foi a lembrança de que Acheron tinha lubrificado e preparado o corpo de Styxx para os homens para quem Estes o vendeu.

Bem-vindo ao meu mundo, irmão...

Não havia nenhum remorso em Acheron sobre o que foi feito com Styxx, nem mesmo quando Acheron viu as horríveis cicatrizes de Styxx, deixadas pelos sacerdotes. Seu irmão ridicularizou aquilo, também.

Da próxima vez deve deixar as marcas esfriarem, antes de se masturbar com eles.

Naquele momento, Styxx quis matar seu próprio irmão. Gêmeo ou não.

Ao invés disso, Styxx empurrou o queixo em direção a Acheron.

— Ponha este lixo na rua onde pertence.

Acheron ergueu-se em pé.

— Não preciso da ajuda deles. Posso sair sozinho pela porta.

Styxx olhou para ele com o mesmo ódio que Acheron tinha por ele. *É melhor mesmo, enquanto ainda é capaz.*

Ryssa balançou a cabeça.

— Você precisa de roupas e dinheiro.

Seu pai enrolou os lábios.

— Ele não merece nada. Nada além de nosso desprezo.

O rosto machucado de Acheron estava completamente estoico.

— Então sou realmente rico da abundância do que me mostrou. — Em toda sua glória nua, ele caminhou para a porta, em seguida parou para sorrir uma última vez. — Sabe, levou muito tempo para que percebesse por que você me odeia tanto, Majestade. — Acheron prendeu o olhar com o de Styxx. — Entretanto não é a mim que você realmente odeia, não é? O que realmente odeia é o quanto quer foder seu próprio filho.

Seu pai berrou de raiva, enquanto a brutalidade das palavras dele atravessou o coração de Styxx. Naquele momento, Styxx conheceu toda a profundidade da depravação de seu tio. Ele havia erguido um calço permanente entre ele e Acheron.

Um que nada curaria depois disto. Styxx nunca esqueceria este tapa no rosto.

E nem Acheron.

Com a cabeça erguida, Acheron deixou o quarto.

Ryssa transpassou a ambos com todo o peso de sua condenação.

— Como você pode? Eu lhe disse o que Estes estava fazendo com ele, e você negou isto. Como pôde culpá-lo por isto?

Seu pai balançou a cabeça.

— Estes não fez isto. Acheron fez isto a si mesmo. Estes me disse o modo como ele desfilava e ostenta seu corpo. O modo como tentava a todos. Ele é um destruidor do modo como

disseram em seu nascimento. Ele não descansará até que arruíne todas as pessoas que estiverem ao seu redor.

— Ele é apenas um garoto confuso, pai. Ele precisa de uma família.

As palavras dela cortam diretamente em Styxx. *E o que eu sou, irmã querida?* Ela era tão cega e egocêntrica quanto seu pai. Como podia ver Acheron tão claramente e não a ele, afinal?

Entretanto dada a dura brutalidade dos comentários da partida de seu irmão, ele sabia que seu irmão estava muito longe dos pensamentos inocentes, quanto estava das ações.

Naquele momento, Styxx odiou todos eles. Seu pai. Sua mãe. Ryssa e Acheron.

Mas acima de tudo, odiou a si mesmo.

27 de setembro de 9532 a.C.

— Você me causa repulsa, Styxx! Que tipo de homem, e uso esse termo de forma vaga, pode simplesmente se sentar aqui e deixar seu próprio irmão gêmeo ser solto no mundo sozinho? Sem moeda ou roupa? Acheron não é o monstro, você é! Gostaria que fosse você quem o tio tivesse vendido. Deveria ter sido você todos estes anos que foi forçado a ser um prostituto entregue a qualquer um com moeda suficiente! Mas não, senta-se aqui em seu egoísmo confortável enquanto seu irmão é jogado na rua e você não diz nada! Nada! Eu odeio você, Styxx. Espero que um dia você sofra por tudo que fez!

Styxx ignorou o tom estridente da Ryssa enquanto ela protestava contra ele e clamava a ira de todos os deuses do Olimpo para puni-lo. Ela esteve fazendo isto regularmente desde que retornou de ver Acheron sendo despejado.

Mesmo sem os insultos dela, suas próprias emoções estavam em tumulto. Não havia mais nenhuma dúvida de como seu pai reagiria se soubesse que seu herdeiro foi prostituído também.

Ele era um repulsivo sodomita. Ele sabia a preferência de Estes e usou isto a seu favor. *Você acha que não sei como a mente daquele monstro doente funciona? Nada disso foi culpa de Estes. Ele foi vítima do Acheron. Aposto que o bastardo rastejou para dentro da sua cama e implorou a ele por isto.*

Como Ryssa estava indo diretamente contra Styxx, seu pai teve a noite inteira para se enraivecendo com Acheron. Styxx não tinha paz de qualquer um deles. E nem tinham a menor ideia de que cada vez que eles falavam, uma parte dele morria mais.

Realmente, ele só queria fugir de tudo isso.

Mas, um olhar para os estranhos que olhavam para ele com fome até que aprendiam que seu título era real, o mantinham bem ao lado do seu pai. E embora ele soubesse que Acheron estava passando fome, sabia que seu irmão não estava sendo molestado ou espancado.

Pelo menos, ainda não.

Por que você não foi embora comigo quando tentei libertá-lo, Acheron?

Só uma vez?

Então ele não teria conhecido sua Bethany e...

— Merda! — Styxx xingou quando Ryssa o chutou com força na canela.

— Você não está me escutando, está, seu porquinho?

— Ouço cada palavra preciosa que sai de seus lábios delicados, doce irmã.

Ela o chutou novamente.

Silvando, ele olhou para ela e moveu suas pernas de forma que ela não pudesse alcançá-las. Graças aos deuses que ela não era mais alta.

— Por que estou presa com você como meu irmão?

Styx não respondeu quando chegaram às docas e ele desceu do liteira com rodas. Ele estendeu a mão para ajudá-la a descer. Ela cuspiu em seu rosto e ignorou sua mão.

Rangendo os dentes, ele enxugou sua bochecha.

Quando se aproximaram da rampa, ela virou para ele com um sorriso desdenhosamente cruel.

— Eu gostaria que eles te arrastassem pelo deck e te estuprassem o caminho inteiro até em casa como fizeram com o pobre Acheron quando tentei ajudá-lo.

Isso explicava aquelas dores...

— E se você não tivesse sido tão estúpida, Ryssa, isso não teria acontecido. Que tipo de idiota tenta tomar um escravo marcado em um navio de passageiros? Você é velha o bastante para ser tão pueril.

Ela lhe deu um tapa antes de se virar em um acesso de raiva e deixa-lo seguindo seu rastro.

Seu pai deu um tapinha nas suas costas quando o alcançou.

— Eu sei que ela te atormenta, garoto, mas você tem que admirar e respeitar seu espírito.

Ah... o desrespeito da Ryssa era bonitinho e espirituoso, enquanto o de Styx nunca era tolerado.

Franzindo o cenho com desgosto, Styx parou enquanto seu pai continuava. Ele nunca entenderia os padrões duplos complicados e arbitrários do seu pai. E honestamente, estava cansado de tentar.

No topo do convés, Styx parou e olhou de volta para Atlântida. Apesar de tudo, ele desejava o bem de seu irmão e esperava que Acheron fosse para a Grécia antes que a guerra pendente estourasse.

Mas, independentemente disso...

— Que os deuses concedam-lhe paz em algum lugar, irmãozinho.

Dando uma olhada por cima de Ryssa, que o olhava como se fosse sujeira, suspirou sabendo que os deuses não tinham nenhuma intenção de conceder nada para ele.

06 de outubro de 9532 a.C.

Styx puxou as rédeas de Troian para uma parada quando avistou Bethany em seu lugar. Apesar do calor no dia, ela estava coberta do pescoço até o tornozelo em uma peculiar veste branca que cobria cada parte sua. E conforme ela se movia, ele ouvia leves sons de sinos. Ela colocou flores em uma manta junto a um tambor pequeno. Suas sandálias estavam jogadas ao lado da manta, próximas a um jarro de vinho e um pratinho de queijo e pão crocante.

Perplexo e curioso, deslizou de sua montaria e deixou seu cavalo pastar.

— Beth?

Um belo sorriso de boas-vindas curvou seus lábios quando ela girou em sua direção.

— Hector?

— Estou bem aqui, amor. — Ele deixou cair seu alforje próximo à manta e tocou levemente em seu ombro.

Erguendo-se nas pontas dos pés, ela depositou um beijo casto em seus lábios. Seu aroma o golpeou e deixou seu corpo instantaneamente duro enquanto seus sentidos retrocediam aos seus modos gentis e a quente recepção.

— Onde está seu eixo? — Ele perguntou. Ela normalmente o mantinha próximo à lagoa.

Um brilho brincalhão fez seus olhos faiscarem quando ela estendeu a mão para baixo e pegou seu membro duro.

— Aqui mesmo, parece.

Ele arqueou uma sobrancelha por causa daquilo. Como acontecia sempre que ela o tocava, ele não podia pensar direito.

Ela deu um passo para trás.

— Pensei que hoje faríamos algo um pouco diferente.

— O que você quiser, minha senhora.

Ela mordeu seu lábio sedutoramente.

— Você pode tocar algum instrumento?

— Infelizmente, não. Meu pai acha que eles são um desperdício completo de tempo e nada refinado. Por quê?

Ela se afundou na manta e puxou-o para se sentar ao lado dela.

— O porquê é uma surpresa. — Ela agarrou o tambor então o colocou no seu colo. Tomando as mãos dele nas suas, ela mostrou como manter um ritmo básico.

Ele se sentiu estranho e inseguro com o pequeno tambor redondo enquanto esperava que ela criticasse seus esforços. Quando criança, ele tentou tocar flauta, lira e tambor, e viu cada vez detonada por seu pai, irmã ou mãe, que mais do que depressa disseram a ele que era inapto e estúpido para até mesmo tentar, e que os deuses não lhe deram nenhum talento.

Mas Bethany não disse uma palavra. Ela somente sorriu e o beijou, então ficou em pé.

— Não pare. — ela disse quando ele diminuiu o ritmo.

Styx voltou a fazer o que ela ensinou. Franzindo o cenho, ele assistiu enquanto ela puxava címbalos de sua cesta e deslizava-os na sua mão. A seguir, ela retirou um sistrum²⁶. Antes de poder perguntar o que ela pretendia, ela soltou a tira em seu pescoço e deixou seu manto cair no chão.

Com a garganta subitamente seca, Styx congelou ante a visão dela naquele traje extremamente branco como que ele nunca viu. O corpete pequeno era fortemente enfeitado com pérolas e discos de prata brilhantes. Ele espalmou as mãos em seus seios cheios e os ergueu bem altos, deixando o volume deles exposto para seu olhar faminto. O corpete parava justo abaixo de seus seios e deixava seu abdômen completamente nu. Não que importasse. O material era tão fino que podia facilmente ver o esboço cheio de seus seios e os mamilos enrugados que o faziam ansiar por sentir seu gosto rápido. Três fileiras de pérolas caíam da metade superior do corpete para roçar na perfeição de sua barriga, onde ela pintou símbolos egípcios para a deusa Hathor.

Braçadeiras de prata rodeavam seus bíceps. Duas linhas seguravam sinos minúsculos na bainha de sua saia e era o que fazia o som de sinos que ele ouviu quando chegou. Ela usava mais sinos como tornozeleiras.

Sua saia larga e cheia tinha fendas de cada lado que iam de baixo até o cinto de prata enfeitado com numerosos véus brancos firmados para isto. Como o corpete era fino o suficiente ele podia ver a silueta de seu corpo e o cabelo escuro na junção de suas coxas.

— Você parou de tocar, meu senhor.

Ele quis dizer algo inteligente em resposta, mas seu cérebro pareceu ter parado completamente. Sua mandíbula trabalhou, ainda que nenhum som saísse enquanto sua beleza o deixava completamente desorientado. Graças aos deuses que ela não podia ver o quanto ele era idiota. Caso contrário, estaria correndo para o mais longe dele que pudesse. Ele não estava de todo certo se não estava babando em si mesmo.

— Hector? Você ainda está comigo?

²⁶ Instrumento de percussão muito parecido com um chocalho.

— Estou aqui, minha senhora. Só que completamente subjugado pela magnitude de sua graça. Sua beleza me deixou bastante inútil neste momento.

Ela sorriu para ele.

— Continue tocando, meu amor. Eu tenho um agrado para você.

— Não posso imaginar nada mais doce do que eu já estou saboreando.

— Continue tocando.

Ele não tinha certeza de como se arrumou com isso, mas obedeceu. E conforme tocava, ela começou o que tinha que ser a dança mais erótica que já viu na sua vida. A cada movimento gracioso de seu braço ou balanço de seus quadris, seus sinos, címbalos e sistrum tocavam e seu corpo fazia um retinido. Ele nunca viu nada assim. Se era assim que os egípcios treinavam suas filhas, perguntou-se como algum deles se arrumava para deixar seus aposentos. Não era de se espantar que tinham famílias tão grandes...

À medida que dançava, ela se livrava dos véus. Seus quadris e ombros se moviam em perfeito sincronismo, ela se deixou cair ao seu lado e continuou a ondular no ritmo da música que eles faziam. Estava completamente cativado.

Até que ela amarrou um da ponta da sua echarpe até seu pulso e arrastou-o ligeiramente nisto.

Reagindo por puro instinto, Styxx saltou em pé deixando o tambor rolar para longe. Ele rasgou o cachecol delicado dela até que estivesse cortado em tiras.

Bethany congelou quando ouviu a respiração arquejante de Hector e sentiu sua apavorante raiva.

— Hector? — Levou um momento para ela encontrá-lo. Ele estava andando de um lado para o outro próximo a uma árvore e tremendo incontrolavelmente. — Você está bem?

Ele não falava. Andava com um pânico feroz como se esperasse ser atacado.

— Hector? Querido... fale comigo. Diga-me, o que está acontecendo?

Styxx tentou se acalmar, bem que tentou. Mas era tão difícil quando memórias horríveis o assolavam.

— Eu não gosto de ser amarrado a nada. Honestamente, não gosto nem de ter paredes ou portas ao meu redor. — Ele riu amargamente. — Mantenho inclusive uma janela aberta nas noites mais frias só para que eu saiba que tenho uma saída se precisar dela.

Bethany sentiu as lágrimas picarem seus olhos quando percebeu o terror verdadeiro de seu passado. Eles o amarraram para torturá-lo, e provavelmente o estupraram também.

— Eu sinto muito, Hector. Eu não pensei.

Ele a puxou contra ele e abraçou-a.

— Não se desculpe, Beth. Você se esforçou muito para... tornar este dia especial para mim e arruinei isto. Sou eu quem sente muito.

Ela afundou a mão em seu cabelo macio e apertou sua bochecha na dele.

— Nunca se desculpe comigo por sua dor. O que foi feito com você foi errado e isso não foi sua culpa. Você tem o coração mais incrível do que qualquer pessoa que já conheci. Apesar do que o mundo fez contigo, você ainda continua com calma dignidade e humor. É o que amo em você. Você é um verdadeiro guerreiro, valente até o âmago de sua alma.

Styxx engoliu o nó dolorido em sua garganta que o sufocava. Engraçado, não se sentia valente. Sentia-se mais como um rato assustado, encolhido no canto. Nunca entenderia como uma mulher tão maravilhosa quanto Bethany podia permanecer com ele.

Com sua mão trêmula, ele levantou o véu rasgado do chão e devolveu-o para ela. Compraria um novo para ela da próxima vez que fosse ao mercado.

— Vou tentar não exagerar.

Ela apertou seus dedos.

— Eu respeito sua dor, meu senhor. Não farei isto novamente. Prometo. Há muitas outras coisas que podemos fazer.

Ele arqueou uma sobrancelha ao ouvir isso.

— Como o quê?

Ela afrouxou seu cinto e enviou sua saia diretamente para seus pés. Completamente nua da cintura para baixo, sorriu enquanto se ajoelhava na frente dele e ergueu a bainha de sua túnica até que ele estava exposto para ela como ela estava para ele. Para seu completo choque e prazer absoluto, ela lentamente o puxou para dentro de sua boca.

Uma única lágrima deslizou por sua bochecha enquanto realmente sentia seu amor por ele. Somente Bethany nunca o julgou ou causou-lhe mal. Em todo o mundo, só ela o fez se sentir humano e viril. Normal. Ela não o via como um príncipe a ser odiado ou um garoto a ser desprezado. Não inseria ideias e palavras em suas ações que ele nunca teve a intenção.

Bethany o aceitava como ele era. Cicatrizes e tudo. Não usou seu passado contra ele. Não lançou suas palavras em seu rosto. Tudo que fez foi amá-lo com seu coração e bondade rara.

— Eu amo você, Beth. — ele sussurrou.

Ela se afastou para lambê-lo, então sorriu para ele.

— Eu amo você também.

Naquele momento, quase contou a ela a verdade de quem ele era. Mas o medo em seu coração trancou seus lábios. Ser um príncipe nunca o serviu bem. A única felicidade e aceitação que teve em sua miserável existência foi encontrada nestas tardes com ela. Se ele algum dia as perdesse...

Preferia ser confinado no Dionysion novamente.

Nunca me deixe, Beth.

Porque se ela o fizesse, temia o que ele se tornaria. Mas em seu coração, sabia que isto não podia durar. Nada jamais durou.

Não o mal...

E especialmente, não o bem.

14 de outubro de 9532 a.C.

— Eu sei que tem algo na sua cabeça, doçura. O que é?

Styxx suspirou enquanto segurava o corpo nu de Bethany contra o seu. Era muito grato por estes poucos momentos preciosos com ela. Ela estava deitada de bruços com sua cabeça apoiada em seu tórax enquanto ele estava inclinado contra uma árvore antiga onde eles às vezes deixavam coisas um para o outro. Tinha um pedaço de casca fincado em suas costas, mas estava tão contente com ela em cima dele que não se importou ou protestou.

Seus pensamentos buscaram uma maneira de suavizar suas notícias para ela enquanto ele brincava com os minúsculos sinos em forma de concha nos braceletes de prata que ela usava sempre que dançava para ele. Só de pensar nas danças egípcias sensuais que ela apresentava o deixava duro novamente.

Fechando os olhos, ele decidiu que não existia nenhuma maneira fácil de facilitar isto para ela.

— Eu tenho que partir amanhã, minha senhora. E não sei quando voltarei.

Ofegando, ela se sentou imediatamente e quase deu uma joelhada na sua virilha quando tentou sentir sua expressão facial.

Ele colocou a palma da mão dela na sua bochecha e boca de forma que ela soubesse o quanto isto era sério.

— Por quê?

— Atlântida atacou um reino ao Sul. O rei Xerxes está juntando uma contingência para prestar ajuda e marchar contra eles.

— Mas você é filho de um comerciante!

— Ele está exigindo que qualquer homem livre da minha idade ou maior deve ir. — Uma mentira parcial que esperava que ela não o pegasse adiante. A lei estipulava que seu exército consistisse de qualquer homem livre com a idade acima de dezoito anos, e nobres solteiros acima de vinte e um. Era inédito que alguém da sua idade fosse enviado. Mas, apesar dos protestos desafiadores de Galen, seu pai insistia que Styxx fosse lutar.

Nem mais uma palavra, Galen, ou terei você chicoteado... ele vai. Talvez isto finalmente faça dele um homem! — Styxx rangeu os dentes ao lembrar-se das palavras cheias de ódio do seu pai na noite anterior.

Ela sacudiu sua cabeça.

— Não. Não vou deixar você ir.

— Eu não tenho nenhuma escolha.

— Você tem algum treinamento que seja, Hector?

— Algum. — Na verdade, ele tinha muito mais que muitos dos seus homens. A maioria só treinava duas semanas por ano. O resto alternava dias no alojamento público e treinava com os instrutores escolhidos a dedo por Galen alguns dias todo mês.

As lágrimas encheram os olhos dela.

— A guerra é brutal. Isto é... você não pode ir. Não pode! Eu proíbo.

Aquelas palavras aliviaram seu coração e o fizeram doer simultaneamente.

— Eu não quero deixar você, akribos. Acredite em mim. Mas é traição para qualquer homem recusar um hoplon e xiphos quando for chamado. Eu seria preso se eu não fosse.

E ele odiava isto. Bethany sabia de seu tempo juntos e que não havia nada que ele desprezasse mais. Ele nem mesmo gostou quando ela amarrou suas mãos de brincadeira. Seu Hector não aguentava qualquer tipo de jogo de escravidão. Nem mesmo um lenço delicado ao redor do seu pulso.

Ser confinado de verdade o mataria.

Apavorada pelo seu humano, ela alcançou e removeu o colar que nunca tinha sido tirado dela desde o dia em que seu pai o colocou lá. Ela fechou os olhos e o impregnou com o poder protetor. Tomando sua mão, ela colocou o cordão de couro ao redor do pulso dele e prendeu, sabendo que a armadura que protegeria seu braço o cobriria e ele não cairia acidentalmente na batalha.

— Então tome isto e não o remova por nada.

— Por quê?

— Ele te protegerá como sempre me protegeu.

— Beth...

— Prometo a você, Hector. Contanto que você o use, nenhuma lâmina ou flecha poderá te cortar. Nem mesmo uma forjada pelos deuses. Por favor, não tire isto por nada.

Ele beijou sua bochecha.

— Tudo bem. Vou mantê-lo onde o colocou até que eu volte para você.

Com seus sinos tilintando, ela se deitou de volta sobre ele.

Styx sentiu suas lágrimas quentes em sua pele. Por um minuto inteiro, ele não pode respirar. Ninguém jamais derramou uma única lágrima por ele antes. Nem mesmo seu próprio gêmeo. Ele tocou a umidade, espantado por ela.

— Não chore, Beth. Eu não mereço isso.

— Merece para mim, e vou me certificar que os deuses acabem com isto depressa para que você volte para mim. Está levando meu coração com você... Por favor, por favor, tenha cuidado.

— Terei, e estarei contando os minutos até meu retorno.

E pela primeira vez na sua vida, ele quis viver para voltar para casa. Ele finalmente tinha um motivo para isso.

15 de outubro de 9532 a.C.

Vestido com sua armadura preta e bronze, Styxx desceu as escadas em direção à porta da frente com seu elmo embalado debaixo do braço. Escondido pelo seu protetor de braço, o colar da Bethany ainda estava em volta do seu pulso esquerdo onde ela o colocou.

Seu pai, mãe e irmã estavam reunidos para vê-lo sair... em teoria, de qualquer maneira.

Bêbada, sua mãe passou os olhos por ele.

— Que os atlantes estripem você no seu primeiro dia tão rápido que não sinta nenhuma dor por causa disso.

Os servos perto o suficiente para ouvi-la prenderam o fôlego nitidamente.

Styxx nem mesmo reagiu.

— Obrigado, Matisera. De você eu não poderia desejar palavras de despedida mais doces.

A expressão da Ryssa foi tão fria quanto a de sua mãe.

— Sei que você não vai morrer. Tenho certeza que se esconderá atrás dos outros como sempre faz ou vai empilhá-los na sua frente para que possa usá-los como escudo.

— Que os deuses continuem a abençoá-la com sua amável disposição em minha ausência, querida irmã.

Ela zombou dele.

— Espero que seu cavalo jogue-o no meio da batalha diretamente nos nossos inimigos.

— Ignore-as. — Seu pai o atraiu para um leve abraço. — Retorne com honra, menino.

Styxx teve que lutar para não revirar seus olhos. Seu pai o crivou com aquilo na noite anterior.

— Seja o que for que você faça, menino, não ouse me envergonhar com os outros reis e generais. Não vou tolerar isto.

Ἦ Τάιν Ἦ Επί Τάς — seja com seu escudo ou sobre ele.

E com isso em mente, Styxx deslizou seu anel de sinete do seu dedo e entregou-o a seu pai, que fez uma careta ante suas ações.

— Eles não podem pedir resgate por mim se não souberem quem sou e se não tiverem nenhuma prova para me manterem.

— Styxx...

Ele ergueu a mão para silenciar seu rei.

— Guarde-o, pai. Eu não quero isto. — A casa de Aricles era amaldiçoada e não desejava nada com ele que o lembrasse das pessoas que o invejavam a cada fôlego que dava. Se estivesse cavalcando para sua morte então queria apenas o símbolo de Bethany com ele. Deixe-o morrer com seu rosto e memória em seu coração, não o deles.

Sem olhar para trás, Styxx deixou sua “família” e desceu os degraus para onde Galen o esperava com Troian. Pela expressão séria do Galen, Styxx podia dizer que seu mentor estava tão emocionado por suas despedidas generosas quanto ele.

— Está tudo bem, Alteza?

Styxx bateu seu elmo abaixo em sua cabeça em seguida virou-se para a parte traseira do seu garanhão, que era tão negra quanto seu humor. Ele tomou seu hoplon da mão de seu antigo treinador e deslizou-o nas suas costas para a viagem.

— Tudo bem, Galen. Obrigado por perguntar.

Franzindo o cenho, Galen relanceou o olhar para a família real enquanto Styxx esporeava seu cavalo adiante sem se dar ao trabalho de olhar para trás para eles. Sabia como todos eles queriam seu bem-estar.

Deuses dispostos, que todos eles consigam seu desejo de não vê-lo novamente.

25 de outubro de 9532 a.C.

Styx respirou profundamente. Amanhã eles estariam na batalha. Pelas últimas horas, trabalhou com Galen no discurso que ele deveria fazer aos seus homens para mobilizar, unir e inspirá-los para a guerra.

Enquanto cavalgava para frente para fazê-lo, os pensamentos hostis do exército de Didymos assaltaram-no tão rápido quanto flechas de fogo.

Nós temos que seguir essa boceta desprezível na batalha? Sério?

O rei nos insulta ao enviar um menino quando precisamos de um homem à nossa frente.

Quando Didymos se tornou tal piada? Os outros gregos zombam de nós e por que não deveriam? Somos liderados por uma criança que nem tem barba e que ainda devia estar mamando nas tetas da sua mãe.

Mas o que machucava de verdade era que os pensamentos deles refletiram os seus. Pelo menos aqueles que não eram de natureza sexual.

Droga, Estes podia ter feito uma fortuna aqui o vendendo para todos os soldados que quisessem fodê-lo de raiva. Era extremamente desconcertante saber que eles estariam às suas costas amanhã...

Fortemente armados.

Styx montou Troian de forma que pudesse lidar com eles com Galen em um cavalo ao seu lado. Seu estômago encolheu à medida que enfrentava seu óbvio desprezo e desdém. Apesar de estar acostumado a isto, por alguma razão hoje doía mais.

Porque está prestes a pedir a eles para morrer por você e eles te odeiam por isto.

Ele abaixou o olhar para o rolo de papel que estava apertando nas mãos e as palavras que escreveu tão cuidadosamente. *Eu não posso ler isto. Para eles, não soaria sincero.* Eles estavam putos o suficiente. Com sua sorte pensariam que estava zombando deles e atacariam.

Melhor lidar com suas preocupações reais.

Olhe para a boceta real. Ele está assustado demais para falar. Seria esta garotinha assustada supostamente nossa liderança na batalha?

Esse deveria ser nosso futuro rei? Que os deuses nos ajudem.

É tarde demais para defender o exército thraciano?

Erguendo seu queixo, Styxx se forçou a enfrentá-los. Pigarreou então fez um gesto erguendo o pergaminho em sua mão. *Por favor, não deixe minha voz tremer.*

— Eu sei o que todos vocês estão pensando...

Que patética boceta nos lidera?

Aquelas palavras eram ruins, mas Styxx rangeu os dentes para o pensamento que tocou sua cabeça mais alto que os outros — *Nós vamos lutar por um rei que envia seu filho desprezível para se esconder e nos assistir morrer... Pelo menos você podia compartilhar essa sua bundinha conosco antes de nos pedir para morrermos por isto.*

A hostilidade e críticas cresceram até que Styxx não podia falar. Eles estavam certos. Ele não tinha nada a fazer estando aqui. Talvez fosse este o plano de seu pai. Ele ser morto por sua própria gente.

— Chega! — Galen rugiu.

Só então Styxx percebeu que eles não estavam apenas pensando suas hostilidades, muitos tinham gritado também.

O veterano que eles respeitavam olhou-os com raiva.

— Vocês todos deviam ter vergonha de si mesmos. O próprio príncipe veio aqui pessoalmente para agradecer por seu serviço, mesmo quando vocês todos zombam e deboçam dele. Vocês humilham um guerreiro que tem mais coragem que a cavalaria grega inteira. Qualquer outro strategos teria arrebitado vocês por esta imprudência. E não vou vê-lo tão humilhado e insultado quando vocês não sabem nada de suas ferozes habilidades ou caráter nobre verdadeiro. Jurei depois de nossa guerra com Phthia que nunca mais sangraria na batalha por qualquer rei ou causa. Nem lutaria por qualquer bandeira. Ainda assim estou aqui neste dia. Por quê?

Galen plantou sua mão no ombro do Styxx.

— Porque vi, apesar de sua pouca idade, a sabedoria e coragem de nosso strategos. E é uma honra para mim, lutar sob sua bandeira. Quantos homens com a idade de nosso príncipe viriam para a batalha com seu exército sem uma única palavra de protesto? O príncipe Styxx podia estar em casa agora mesmo com uma moça no seu colo e uma taça de vinho na mão. Ao invés disso, ele colocou de lado seu próprio conforto e segurança para estar com todos vocês enquanto lutam por seu pai. Ele não merece seu desprezo, em vez disso, seu respeito.

— Não importa. Ele estará morto na batalha amanhã de qualquer forma.

— Ou fodido no traseiro por um herói atlante enquanto ele sufoca nos testículos de outro.

Seu exército explodiu em risos conforme eles começaram a tomar posição em quem seriam os primeiros a proteger seu príncipe.

Galen começou a ir a para os soldados.

Styxx o segurou ao seu lado.

— Nós não precisamos lutar uns com os outros enquanto temos inimigos em nossas orlas.

Com um tique pulsando furiosamente em sua mandíbula, Galen o saudou e enfiou os joelhos em seu cavalo de volta.

Styxx olhou para seus homens e começou a falar, então percebeu que não existia nada que pudesse dizer que eles não torceriam em um insulto ou tomariam como ofensa. Eles deixaram suas mentes odiá-lo, e como com sua mãe e irmã, não havia modo nenhum de conquistá-los. Uma coisa que aprendeu com sua abençoada família era quando deixar ir e não tentar por uma causa perdida.

Suspirando, ele bateu levemente no ombro de Galen então cavalcou seu cavalo de forma que pudesse retornar à sua barraca.

— Isso mesmo... volte para o seu berço, menino, e deixe os homens fazerem seu trabalho!

Mantendo sua cabeça erguida, Styxx ignorou o riso deles. Pelo menos não é tão ruim quanto a reunião de estratégia.

Enquanto seus soldados eram severos, os comandantes nascidos nobres que foram insultados por sua mera presença e que o provocavam para que falasse uma única palavra, açoitavam-no mais forte com suas línguas que todos os guardas a serviço do seu pai. Seu couro ainda estava em carne viva e sangrando de seus insultos cruéis de ontem. Eles só faltaram correr da reunião na estrada.

Que assim seja.

Se ele tivesse sorte, eles todos estariam bem e alguém cortaria fora sua cabeça na batalha amanhã.

26 de outubro de 9532 a.C.

— Olhe para os patéticos bastardos. — Misos, o deus atlante da guerra, zombou para Bethany, enquanto se juntavam ao exército de Atlântida que estava se preparando para atacar a colônia grega de Halicarnassus, umas das mais ricas cidades gregas. Os atlantes queriam fazer um ponto e mostrar aos seus inferiores irmãos humanos, por que precisavam abandonar as margens de Atlântida.

Mas mais do que isso, estavam aqui para sacrificar cada príncipe grego idiota o suficiente para lutar.

Bethany freou seu cavalo branco alado ao lado do de seu bisavô. Sua mãe, Symfora, a deusa do sofrimento, já estava caminhando para o campo de batalha em expectativa pelos homens que morreriam aqui hoje.

— Você já escolheu seu campeão, Tattas? — Ela perguntou a Misos.

O deus de guerra sorriu para ela.

— Zerilus. — O líder do exército de Atlântida. Com quase dois metros e meio de altura, ele era tão volumoso que diziam que com um balanço de seu machado poderoso, poderia derrubar uma árvore robusta. — Qual o seu, preciosa? Quem é o seu escolhido?

Hector. Mas ela nunca poderia permitir que sua família soubesse que seu coração estava entre o acampamento inimigo, e com um humilde soldado de infantaria.

Então ela escolheu o atlante menos provável de causar-lhe dano.

— Xan.

— O príncipe de Atlântida... uma boa escolha, realmente.

— Agora, se me der licença, Tattas, devo ir para as fileiras gregas e fazer meu trabalho.

Ele riu.

— Certifique-se de que gritem para que um de nós, deuses gregos, os assista. Quanto mais cedo começarmos esta briga, melhor.

Saudando-o com sua espada, Bethany virou seu cavalo alado, Herita, para longe deles e voou para o acampamento grego. Na verdade, não para provocar sua miséria habitual e descontentamento em seus corações, mas sim para encontrar o filho do comerciante que levava o medalhão dela ao redor de seu pulso.

Onde você está Hector?

Honestamente, ela estava impressionada pela quantidade deles. Os gregos acumularam um grande exército em um período muito pequeno de tempo. Tirou o capacete de ouro de forma que pudesse ver melhor os rostos dos homens, que estavam preparando-se para vir para a luta.

A sua direita estava à bandeira de Didymos. Ela dirigiu-se diretamente para o acampamento deles. Quando chegou à parte de trás dele para examinar os soldados de infantaria, um lampejo vermelho claro distraiu-a.

Athena...

Ela podia sentir a presença daquela vadia aqui. Elas tinham um jogo de rancor que era legendário ao longo de todo o mediterrâneo. Um que começou séculos atrás, quando Bethany espetou o escolhido de Athena no coração, durante a batalha.

Então quem é o seu favorito que matarei hoje?

Bethany aterrissou seu cavalo no chão, e em seguida deslizou da sela. Ela tocava cada soldado grego aleatoriamente, enquanto passava por eles, fazendo-os imediatamente encolherem-se com um medo doloroso e angústia mental. Eles não eram seu Hector. Não eram altos o suficiente. Então não se importava se caíssem ou não.

Ela chegou perto de uma tenda e congelou quando avistou o infame príncipe de Didymos, Styxx. Apesar de ter ouvido o nome dele inúmeras vezes, nunca o vira antes.

Nojento arrogante. Este foi o primeiro pensamento dela, quando o viu envolto em sua cara armadura preta, com um clâmide vermelho brilhante, e rigidamente empoleirado nas costas de um garanhão preto excepcional. Um orgulho majestoso drenava de todos os poros do corpo dele. Ainda assim, recortava uma imagem magnífica, com a leve brisa arrepiando os incontáveis cachos loiros, que lhe davam uma aparência pouco ortodoxa, juvenil. As sobrancelhas marrons escuras chicoteavam acima dos olhos inteligentes, tão azuis que pareciam com o Mar Egeu, pela clareza e vivacidade.

A expressão severa deixava as maçãs do rosto afiadas e bem esculpidas. Muito jovem para uma barba tão cheia, ele mantinha um leve pó marrom escuro ao redor de seu queixo e lábio superior.

Ele era verdadeiramente uma coisa de grande beleza.

— Seu aspis²⁷, jovem príncipe.

O olhar de Bethany estreitou quando viu Athena, sob o disfarce de um soldado de infantaria, segurando o escudo vermelho para seu campeão, que não tinha nenhuma ideia da intenção da deusa grega de montar com ele na batalha.

Então este é sua escolha? Sério? Um príncipe arrogante sem experiência de batalha?

²⁷ O mesmo que hoplon - Escudo

Ela riria se não fosse tão patético.

O príncipe inclinou a cabeça para Athena e pegou o escudo que mantinha uma fênix preta no topo, com uma coroa grega de louros e as palavras “eu defendo”. O peso do hoplon dava aos músculos dos braços dele proteção e os definia mais ainda. Ele disse algo para a deusa que a fez sorrir.

Athena deu-lhe seu capacete preto.

Com uma mão, o príncipe deslizou-o sobre sua cabeça, então agarrou a xiphos. Que pena que teria que matá-lo. Beleza como a dele era tão rara no mundo humano.

Se apenas Athena tivesse escolhido outro para favorecer...

Suspirando com o desperdício, Bethany pegou seu arco e encaixou uma flecha. E apontou para o coração do príncipe.

Assim que lançou sua seta, ele chutou seu cavalo para frente.

Droga! A flecha voou passando pelos flancos do garanhão e bateu no poste de uma tenda.

No momento em que isto aconteceu, Athena virou-se para encará-la.

Bethany fez um gesto rude para a deusa grega. Chamando seu cavalo, sacudiu sobre as costas de Herita e voou para longe, antes que a deusa grega pudesse retornar seu fogo.

A batalha estava começando.

Com o coração pesado, Bethany olhou sobre os gregos, esperando que seu Hector estivesse seguro.

— E então? — Diafonia perguntou quando Bethany retornou para seu lado no campo. — Você os agitou?

— Não tanto quanto o usual. Peguei o campeão de Athena e quase o tive. Mas a cadela me viu.

A deusa da discórdia bateu levemente em seu ombro.

— Não se preocupe doce prima. O dia é jovem. Beberemos bem sobre o sangue dos gregos caídos hoje à noite. — Diafonia espalhou suas asas e mergulhou para os soldados com seu irmão Pali ao seu lado. Ela e seu irmão Strife sempre percorriam entre seus inimigos para incitar a ira e criar confusão.

Em momentos como este, Bethany verdadeiramente sentia falta de Apollymi. A deusa da destruição sempre foi sua melhor aliada na batalha.

Oh bem. Eles tinham uma guerra para lutar e ela tinha um príncipe de Didymos para matar.

— Prepare-se, Hades. Estou prestes a enviar-lhe o mais novo animalzinho de Athena para bater em sua porta.

Ela voou para o lado de Xan e manteve seu braço forte ao longo do dia, enquanto ele abatia grego após grego.

Até que finalmente avistou o jovem príncipe de Didymos novamente.

Ele tinha desmontado em algum momento durante a batalha, e estava lutando em pé ao lado de seus homens, com Athena em lugar algum para ser encontrada.

Bethany parou, enquanto assistia a graça e a beleza de sua arte brutal. Alguém tinha treinado bem o príncipe. Mesmo com sua pouca idade, ele lutava como um experiente veterano. Destemido. Não havia hesitação em seus ataques ou bloqueios. Ele atacava cada inimigo sem vacilar ou cansar. Na verdade, parecia estar ganhando força a cada oponente.

Incrível. Sangue encharcava-o, pingando de sua armadura e pele, e ainda lutava em uma dança graciosa absolutamente macabra.

— Styxx! — O berro inesperado de Xan a surpreendeu. Não tinha ideia de que seu príncipe conhecia o campeão de Athena. E julgando pela ira daquele tom, eles não eram amigáveis.

Xan correu para o príncipe, cortando sua passagem pelos homens que estavam entre eles.

* * *

Com o som de gritos, berros e colisão de metal ecoando em seus ouvidos, Styxx dirigiu sua espada pelo meio do homem com quem estava lutando, e mal havia se recuperado, quando uma sombra poderosa caiu através de sua linha de visão. Olhou para cima, assim que um machado veio para sua cabeça. Erguendo o escudo em forma de tigela, ofegou diante do golpe feroz que entorpeceu seu braço inteiro e o forçou a ajoelhar-se. Isto fez um pedaço de madeira voar de seu aspis para o chão.

Depois de arrancar o machado de volta para outro golpe, seu mais novo atacante gritou em frustração. O gigante empurrou o escudo de Styxx, lançando-o para o lado. De algum modo, Styxx conseguiu manter o controle sobre seu hoplon, mas a ação parecia que tinha rasgado-lhe o braço fora de seu ombro.

Styxx rolou com o ataque, e caiu em pé para enfrentar Xan. Por um momento, não conseguiu respirar quando sentiu a lembrança das mãos do bastardo em seu corpo, enquanto ele ria no ouvido de Styxx e o provocava.

Xan estreitou os olhos.

— Devo-lhe uma dívida, pequena boceta. Sua vida pela de Estes.

Como Galen o ensinou, Styxx cerrou a mandíbula para evitar responder ao insulto.

Nunca deixe o inimigo entrar em sua cabeça, garoto. Suas emoções irão matá-lo.

Isto não se tratava de raiva, ego, ou medo. Isto era a guerra. Fria. Brutal.

Final.

Um engano e podia perder um membro.

Ou sua cabeça.

Foco e habilidade eram as únicas coisas que o manteriam vivo e inteiro. E apesar de saber que não podia morrer, não queria viver com partes do corpo decepadas.

Xan balançou seu machado para baixo novamente. Conhecendo o poder daqueles golpes e o fato de que não podia aguentar muito tempo contra eles, Styxx soltou seu hoplon e lançou-se no homem muito maior, dirigindo seu ombro contra o estômago de Xan e forçando o gigante a tropeçar para trás, enquanto o machado deslizava de suas mãos e aterrissava inofensivamente no chão atrás de Styxx.

O príncipe de Atlântida o agarrou quando Xan caiu, derrubando Styxx em cima dele.

— Se você queria chupar meu pau, garoto, tudo que tinha que fazer era pedir.

Styxx remexeu-se para sair de cima dele, mas Xan enrolou seus membros volumosos ao redor do corpo dele e o segurou apertado. Apavorantes lembranças o assaltaram enquanto lutava para não gritar.

— Acho que devo capturá-lo em vez de matá-lo, pequeno príncipe, e então poderá ser meu tsoulos pessoal até que arrebente com seu rabo apertado, e o venda para um negociante de esterco para diversão dele.

Para horror de Styxx, Xan deslizou a mão para baixo para agarrar e apalpar através de sua armadura.

— Deixe isto para os gregos flácidos que enviam suas bonitinhas prostitutas para batalha.

A raiva nublou a visão de Styxx. Algo bem no fundo dele quebrou e libertou-se. Com um grito de batalha nascido de toda uma vida de vergonha, Styxx retorceu-se nos braços de Xan e dirigiu seu kopis no flanco do gigante.

Soltando-o, Xan gritou. Mas Styxx não lhe deu trégua enquanto o apunhalava novamente, até que ele já não estivesse se movendo. Com o coração acelerado e os membros tremendo, ergueu-se sobre o bastardo e viu a pele pálida e os olhos vítreos de Xan.

— Por Acheron. — Ele suspirou.

E por si mesmo.

* * *

Distanciando-se do grego que tinha acabado de matar, Bethany congelou ao ver seu escolhido atlante morto no chão. Chocada até o núcleo de seu ser, ficou boquiaberta, enquanto observava o príncipe grego recuperar seu escudo e partir para seu próximo oponente.

O que acabou de acontecer? Seu campeão nunca tinha sido derrotado antes. Nunca. Foi por isso que se afastou por alguns minutos para lutar com outros.

— Dureza, minha cara. — Athena disse para Bethany aparecendo ao lado dela. — Agora sabe por que escolhi um soldado tão jovem. Ele é destemido e corajoso. Incansável.

Bethany virou-se para esmurrar a deusa, mas Athena já tinha partido.

Tudo bem, vadia... mostrarei-lhe meu poder.

Ela não era apenas a deusa de miséria e ira. Era a deusa atlante da caça.

Bethany ergueu seu arco e partiu atrás de Styxx. Antes que esta batalha terminasse, iria tomar banho em seu sangue. Ela apontou para a cabeça dele e disparou sua flecha.

Antes que ela partisse o crânio dele, ele ergueu seu escudo como se soubesse que estava chegando nele e bloqueou-a.

Não...

Como isto era possível?

Ela tentou novamente. Desta vez, ele evitou a flecha, e a próxima cortou ao meio com sua espada.

Alguém muito mais poderosa que Athena defendia este aqui. E era um poder antigo...

Chthonian?

Se não conhecesse bem, diria que era uma fonte primitiva. Mas não havia como um poder primitivo perder seu tempo com um jovem príncipe humano. Nem mesmo um tão bonito.

Chamando seu cavalo, ela juntou-se às fileiras com seu bisavô para seguir Styxx e acabar com sua existência fétida.

Os brilhantes olhos verdes de Misos arregalaram em surpresa com sua aparição súbita.

— O que está fazendo?

Ela apontou para Styxx.

— Quero aquele morto.

— Ele deve ser de Athena.

— Pegue-o, Tattas!

Ele sorriu para ela.

— Qualquer coisa por você, minha preciosa.

* * *

O príncipe Zerilus berrou quando viu seu primo Xan deitado morto, e Styxx afastando-se de seu corpo. Com a intenção de vingar-se, o gigante atlante foi diretamente para o príncipe de Didymos.

Styxx sabia que algo ruim estava para acontecer, quando os homens ao redor dele recuaram horrorizados, inclusive o atlante com quem estava lutando. Ele praticamente fugiu de Styxx.

Isto não poderia ser bom.

Ele virou-se para encontrar uma montanha de um homem perseguindo-o como uma casa em debandada.

Ah merda...

De repente, sentiu como se tivesse doze anos novamente e Galen estivesse martelando-o com golpes, enquanto ficava deitado impotente no chão, incapaz de contá-los.

O gigante lançou uma lança. Styxx esquivou-se do caminho, mas passou muito perto de seu corpo que raspou em seu bíceps. Ele mal ergueu seu hoplon antes da montanha arremessar uma espada sobre ele com tanta força, que achou que tinha quebrado o braço. Não, não quebrado...

Estilhaçado.

Silvando, Styxx rolou, em seguida verificou para certificar-se de que seu braço ainda funcionava.

Funcionava, mas ele não estava muito contente com isto.

O gigante atacou. Styxx se afastou em seguida, arremessou sua xiphos sobre o braço estendido do oponente. Seu oponente rolou e contra atacou com o golpe de sua espada.

Virando, Styxx afastou-se. O gigante estava respirando com dificuldade, ofegante. Esta era sua chave para sobreviver a isto. Enquanto o homem era insanamente enorme, era muito mais velho, e estava cansando. Se Styxx pudesse apenas ficar fora do alcance e cansar seu oponente um pouco mais, poderia ser capaz de derrotá-lo.

Mas teria apenas uma chance. Se ele perdesse...

Ele estaria testando aquela alegação de imortalidade novamente.

Abaixando a cabeça, Styxx atacou, em seguida lançou-se para trás fazendo com que o homem passasse reto e pisasse diretamente atrás dele. Quando fez isso, percebeu que todos os homens em torno dos dois pararam de lutar, para que pudessem observá-los.

Grande. Uma audiência para minha humilhação e provável morte. Tudo o que eu ansiava...

O que quer que faça meu homem, não me jogue no chão na frente de todos, e apalpe-me antes de me matar.

Seu pior medo além de perder a cabeça, era que alguém pudesse ter visto Xan apalpando-o.

Styxx arqueou as costas quando o gigante balançou-se, por pouco não o atingindo. Então ele ergueu sua xiphos. O gigante deu um passo para trás e lançou seu escudo redondo menor no lado contundido de Styxx. Mais dor explodiu e sua visão escureceu.

Seus ouvidos zumbiam de forma que não conseguia ouvir mais nada além de seu coração batendo em seu peito.

Rindo, o gigante apunhalou diretamente em seu tórax. Em vez de tentar desviar-se do golpe, Styxx ergueu o braço e permitiu que a espada passasse entre seu cotovelo e o flanco. Ele apertou seu braço para baixo no antebraço do soldado para segurar o gigante no lugar, e soltou sua própria xiphos no chão. Com um movimento rápido, Styxx arrancou seu kopis da cintura e atingiu o lado do gigante, entre os cordões de sua couraça de bronze.

Com um feroz silvo, o gigante tropeçou, trazendo sua cabeça para o alcance notável de Styxx. Antes que a besta pudesse afastar-se, Styxx dirigiu o kopis em seu pescoço.

O gigante caiu como um carvalho, arrastando Styxx com ele. Por vários segundos, ninguém se moveu. Não até Styxx respirar fundo e rolar do corpo do gigante.

Um alto e feroz brado elevou-se entre as tropas gregas. Boquiabertos e confusos, os atlantes permaneciam congelados.

Ainda abalado pela proximidade desta luta, Styxx recuperou sua xiphos e o hoplon, e esperou por seu próximo atacante. Mas ninguém parecia ávido para competir com ele agora. Em vez disso, os atlantes esquivaram-se para longe como se apavorados com ele.

De repente, vozes ecoaram.

— Os atlantes estão recuando!

Atordoado, Styxx olhou para cima quando um grito correu através de suas fileiras, e os cocheiros e a cavalaria grega passaram correndo os hoplitas²⁸ e os arqueiros para continuar a

²⁸ Soldados gregos de infantaria que carregam armas pesadas

perseguição. As tropas de Atlântida estavam correndo para os navios e afastando-se. Ele não podia acreditar nisto. Que soubesse nenhum exército atlante jamais se retirou de uma batalha.

Ele começou a persegui-los, mas estava muito cansado e dolorido para tentar. Realmente, tudo o que queria era dormir por um mês ou mais.

Galen riu quando se juntou a ele e bateu-lhe nas costas com tanta força, que Styxx tropeçou com o golpe.

— Você sobreviveu, garoto. E em um único pedaço, nada menos. Bom para você! Bom. Para. Você.

— Hmm... obrigado. O caminho para impulsionar minha confiança, meu velho. — Styxx bufou para Galen, em seguida fez uma careta pelo quão ruim sua cabeça doía. As vozes dos deuses estavam impiedosas durante a batalha, e uma em particular o perseguia.

— Galen? Você já ouviu falar de Bet'anya Agriosa?

— A deusa atlante da miséria e da ira? Oh sim, jovem príncipe. Ela não é uma que você queira evocar para qualquer coisa. Uma vez que se fixe em um curso, ela é implacável. Por quê?

— Ouvi seu nome mencionado por alguns dos soldados e fiquei curioso.

— Pegue o conselho de um velho cão de guerra, filho. Não diga seu nome nem de passagem.

Assentindo, Styxx caminhou em direção a sua parte do acampamento e fez o possível para ignorar as visões horrendas, sons e cheiro ao redor dele. Em todas as direções, homens estavam mortos ou morrendo. Seus gritos e gemidos eram até piores que as vozes em sua cabeça. O chão estava saturado com sangue e outras coisas que não queria contemplar.

No que dizia respeito a esse assunto, havia tanto sangue nele que literalmente pingava de todas as partes de sua armadura, e até de seu nariz. Apesar de que poderia ser seu. Honestamente não poderia dizer.

Enquanto cruzava o campo a pé, percebeu que nem todas as altas vozes que ouvia estavam em sua cabeça latejante. Os homens ao redor dele estavam entoando seu nome.

Chocado até o núcleo de sua alma, ele desacelerou em apreensão. *Por que estão me clamando assim?*

Ele fez algo de errado?

De sua esquerda, um mensageiro vinha correndo até ele. E fez uma reverência.

— Príncipe Styxx? Sua Majestade, Rei Kreon, quer vê-lo imediatamente... sem hesitação.

Mas estava imundo. Coberto de sangue, suor, e sujeira.

Seu pai teria lhe chicoteado ou qualquer soldado se ousasse aparecer assim em sua presença.

Ele olhou para Galen, que piscou para ele em seguida, pegou seu escudo, espada, e capacete.

— Foi convocado, meu senhor. Obviamente, o rei precisa vê-lo imediatamente.

Inseguro do que esperar e extremamente apreensivo Styxx enxugou seu rosto e braços da melhor maneira que podia em sua túnica, enquanto seguia o mensageiro para o acampamento maior, onde o Rei Kreon de Halicarnassus esperava dentro de sua tenda luxuosa, que estava lotada de nobres e chefes de elite de cada unidade e cidade soberana.

Maravilhoso. Uma audiência completa para qualquer nova humilhação que o aguardava. Merda... repetidas vezes, ouvia seus insultos das reuniões anteriores em sua cabeça novamente.

Xerxes enviou seu pirralho para nos observar, quando temos uma batalha para lutar? O que ele está pensando?

Onde está sua babá e ama de leite, garoto?

Devíamos fazê-lo arrotar depois que beber seu vinho?

Vinho? Você quer dizer leite. Aquelas bochechas melosas são muito lisas para qualquer coisa mais forte.

Pobre Galen. Ontem, liderou o exército mais forte de toda a Grécia. Agora está preso trocando a fralda do infante de Xerxes.

Um do bastardos tinha até estalado em seu ouvido.

— Assim como pensei... você ainda consegue ver a placenta nele!

Mantendo a cabeça erguida apesar de seu pânico crescente, Styxx caminhou para o centro passando os bastardos que o depreciaram até alcançar o trono do rei. Ele caiu em um joelho e o saudou.

— Majestade.

— Levante-se Príncipe Styxx.

Ele ficou em pé. Assumindo a postura de um soldado, cruzando as mãos atrás das costas e esperando que o rei dissesse para relaxar. *Por favor, diga-me que não viu Xan agarrar meu pau antes que eu matasse o bastardo...*

Ou fosse algo até pior do que isto?

— Foi-me dito por meus olheiros e generais, que devemos a vitória deste dia ao seu braço da espada, e à inspiração que sua coragem forneceu a todos que o viram lutando sem esmorecer.

Hã?

Embaraçado e até mais nervoso que antes, Styxx olhou ao redor para os homens que estavam reunidos na tenda. Homens que zombaram e o insultaram, poucas horas antes da batalha, sem se importarem com a crueldade do dia anterior, quando abertamente cuspiam nele.

E não lhe desejaram sorte.

O pensamentos atuais deles o dominava ao ponto de não poder escolher nenhum deles. Vários desviram o olhar, pouco dispostos a encontrar seu olhar até mesmo de passagem.

— Foi uma batalha vencida por todos, Majestade. Não lutei mais duro do que qualquer outro.

O rei desceu de seu trono e se aproximou dele.

— Sim, mas você foi a única pessoa que, sozinho, derrubou dois dos mais altos e maiores comandantes heróis do exército de Atlântida. Você é a única razão de eles terem retrocedido.

Ainda mais confuso, Styxx abaixou o olhar esperando ouvir o quanto tinha fodido com algo e envergonhado a todos.

Kreon parou na frente dele com o cenho severo.

— Seu pai está entre o mais arrogante e obstinado dos homens que conheço. Quando soube que estaria conduzindo o exército de seu pai na batalha de hoje, escolhi algumas coisas para dizer sobre isto e nenhuma delas era cortês para qualquer um de vocês. Honestamente, pensei que seu pai estava zombando de mim, como de hábito. Mas parece que os deuses buscaram humilhar minha própria arrogância. E não posso dizer-lhe o quão agradecido estou, que você e Didymos vieram nos ajudar neste dia, jovem príncipe. Enviarei-lhe para casa com presentes para você e seu pai. Agora venha. Ofereço-lhe meu banheiro privado e os serviços de minha escrava mais favorecida.

Por um minuto inteiro, Styxx ficou tão atordoado que não conseguiu responder. Finalmente, encontrou sua voz.

— Obrigado, Majestade. Estou verdadeiramente agradecido por sua generosidade, e apesar de estar muito feliz de aceitar seu banho, muito respeitosamente recuso sua escrava. Embora esteja certo de que ela é tudo o que diz e mais, tenho uma dama me esperando em Didymos, e nunca faria nada para desonrar sua fé em mim... o que espero que entenda.

O rei sorriu e acenou com a cabeça.

— Invejo seu pai pelo herdeiro que criou. E foi uma honra conhecê-lo, Príncipe Styxx. Agora aprecie sua vitória esta noite e as festividades que virão.

* * *

Bethany estava faminta por sangue quando foram forçados a retirar-se da ilha grega. Ela ainda queria a garganta do Príncipe Styxx, mas não podia estar em outro território do panteão com seus poderes de deusa. Não a menos que estivessem lutando.

Mas que porra!

— Como pudemos ser derrotados? — Misos rosnou. — Nós nunca fomos derrotados!

Pali encolheu os ombros com desgosto.

— Você viu o campeão grego? Styxx de Didymos? Alguém já ouviu falar deste bastardo antes?

— Ele é jovem. — Bethany disse. — Eu o vi bem antes da batalha começar. E quase o peguei... Huh! — Doía-lhe que tivesse perdido.

Repetidamente.

Maldito cão grego!

Misos jogou seu escudo no chão.

— Ele é um semideus? Ou Chthonian?

Bethany balançou a cabeça.

— Era um humano com um equipamento de padrão humano. Como pôde derrubar nossos irmãos? Eles têm poderes psíquicos... que deveriam ter cortado através dos gregos como vegetais em um jardim.

Diafonia passou as mãos pelos cabelos escuros.

— Como ele pôde lutar como um imortal?

— Talvez tenha sido treinado por um? — Pali sugeriu.

Bethany rangeu os dentes.

— Athena lutou ao lado dele

Misos ridicularizou.

— Isso não nos parou no passado.

Não, não tinha. Bethany suspirou quando viu seu recém-descoberto campeão em sua mente.

— Foi apenas uma batalha. Ele teve sorte.

Misos estreitou o olhar em todos eles.

— Então vamos fazer com que a sorte do jovem príncipe se esgote.

Quando começaram a dispersar para vigiar a retirada de suas tropas, Apollo juntou-se a eles.

— O que em nome de Hades acabou de acontecer?

Pali deu-lhe um olhar divertido.

— Tivemos nossos rabos chutados. O que você estava fazendo? Cochilando enquanto isto?

Apollo olhou para eles.

— Como vamos tomar a Grécia se formos expulsos de suas orlas, como garotinhas espancadas?

— Nós? — Misos deu um sorriso de escárnio à forma dourada clara de Apollo. — Nós não inclui você, grego.

— Não faz muito tempo, enquanto meu povo estava lutando e morrendo. Especialmente meu neto! Qual deles matou Xan?

— O Príncipe Styxx. — Eles gritaram em uníssono.

Pali bufou.

— Você é surdo, também? Como perdeu seu povo entoando o nome do pequeno bastardo?

Os olhos de Apollo arderam com o reconhecimento repentino.

— Aquele pequeno idiota era o príncipe e herdeiro de Didymos?

— Onde você estava? — Diafonia perguntou. — Obviamente não estava aqui durante a batalha.

— Claro que não. Não podia deixar Zeus ou Athena me ver aliado com nossos inimigos. Cheguei apenas depois que ouvi que vocês estavam retrocedendo. E tenho que dizer que as notícias me chocaram.

Misos cruzou os braços sobre o peito.

— Bem, se gosta de um pouco de vingança, certamente, remova seu príncipe de nossos futuros planos de batalha.

Apollo sorriu maldosamente.

— Não se preocupe meu velho. Cuidarei dele.

26 de outubro de 9532 a.C.

Styx x suspirou quando retornou para sua tenda para tentar dormir. Mas honestamente, sua cabeça doía tanto que não estava certo se conseguiria fazer um único aceno. Lá fora, seus homens e o resto do exército grego estavam celebrando ferozmente. Styx x considerou juntar-se a eles, mas não queria se arriscar a ser ridicularizado ou rejeitado novamente. Teve julgamento o suficiente por coisas que não podia nem resolver, nem mudar.

Depois do banho de Styx x, Kreon havia lhe presenteado com uma fina estola de seda e chlamys de lã a qual vestia, e tesouro suficiente para agradar até mesmo o pai volátil de Styx x.

Para si mesmo, Styx x levava apenas uma coisa. Um pequeno anel de ouro que queria dar a Bethany, quando a visse novamente. Ele o colocou em seu dedo mindinho de forma que não o perdesse acidentalmente.

Apesar dela normalmente não usar nada mais do que o colar que ela lhe deu, e ocasionalmente pulseiras ou braceletes, não tinha certeza de que fosse porque não gostava de outras peças de joias, ou não poder pagar por elas. Mas esperava que sorrisse com o anel.

Apenas não me apunhale pelo presente.

Serviu-se de um kylix de vinho. Com o canto do olho, viu algo lampejar. Virou a cabeça para encontrar um bonito homem dourado dentro de sua barraca. Havia um brilho em sua pele que Styx x viu apenas em outros dois...

Seu sangue gelou.

— Você é um deus?

O homem sorriu zombeteiramente.

— Está me perguntando... ou lembra-se de mim?

O estômago de Styx x apertou de medo. Não... não podia ser.

Certamente não depois desse tempo todo.

O cálice de vinho deslizou de sua mão, quando os dentes do deus alongaram. Styx x tentou correr, mas de alguma maneira o deus o manteve imóvel.

— Estranho como o tempo avança rapidamente, quando você é imortal. Não tive ideia de que meu pequeno príncipe se transformou em um bonito guerreiro tão feroz, que conseguiu derrubar um exército psíquico e matar dois de seus mais fortes heróis... um dos quais era um semideus.

Em uma forma completamente diferente da qual tinha em Dionysion, o deus fechou a distância entre eles e deu a Styxx um gélido sorriso perverso.

— E você está muito mais bonito e deleitável com este cabelo e musculoso.

Ele agarrou a cabeça de Styxx e empurrou-a para o lado.

— Você matou um membro de minha família hoje, pequeno príncipe. Isto é algo que não posso e não vou deixar passar. Desta vez, não haverá negociação. E não lhe mostrarei nenhuma clemência.

O olímpio arrastou Styxx para cima da mesa e lançou-se contra ele, de forma que Styxx estivesse enfrentando um espelho, onde podia ver a si mesmo e o deus que o segurava pelo cangote. Um tique funcionava na mandíbula do olímpio enquanto o olhava com uma fúria potente. Impiedosamente puxou a estola de Styxx até que estivesse nu para ele.

No reflexo do espelho, ele bloqueou o olhar com o de Styxx.

— Como devastou meu exército hoje, vou violar cada parte sua. E toda vez que sentir-me tomá-lo violentamente, príncipe, quero que se lembre de qual de nós é o deus, e que você não é nada além de um pedaço patético de dejetos humano.

27 de outubro de 9532 a.C.

Alteza, os homens estão querendo que... — A voz de Galen cessou bruscamente quando viu Styxx deitando no chão de sua tenda.

Styxx não podia se mover. Mal conseguia respirar. Cada parte dele parecia como se tivesse sido pulverizada. Podia apenas imaginar como deveria estar parecendo. Completamente nu, olhou para seu braço, que estava coberto de contusões e sangue. Não havia nenhuma dúvida de que estava assim por toda parte.

Com exceção de seu rosto. O deus tomou grande cuidado para deixar seu rosto intacto...

— Styxx? — Galen ofegou enquanto cuidadosamente rolou-o de costas.

Com a respiração ofegante, encontrou o olhar de seu antigo tutor.

— Não diga nada... por favor.

Lágrimas encheram os olhos de Galen quando o idoso o puxou suavemente para seu colo, cobriu-o com seu manto, e o segurou como ninguém fazia desde a noite em que seu pai cortou-lhe o braço.

Devo parecer como um bosta completo. Ele nem sabia que Galen possuía qualquer tipo de emoção terna.

Galen embalou a cabeça de Styxx em seu peito e balançou-o como se fosse uma criança.

— Nunca o trairia, meu príncipe.

Só então Styxx relaxou. Contanto que ninguém soubesse, poderia encontrar um jeito de viver com isto, como vivia com tudo mais que tinham feito para ele.

— Nunca deveria tê-lo deixado desprotegido. Presumi que ficaria com os outros e celebraria sua vitória, mas deveria conhecê-lo melhor. — Galen deu um beijo paternal em sua testa. — Ouvi dos homens que derrotou o neto de um deus, e já vi a retribuição deles antes. Devia tê-lo advertido, meu senhor. Sinto muito.

Styxx deu um tapinha no braço dele.

— Está tudo bem... posso ser ensinado.

Galen deu-lhe um sorriso amargo.

— Você é o melhor aluno que já tive. — *E o amo como um filho, garoto...*

Os lábios de Styxx tremeram quando ouviu os pensamentos de Galen.

— Sei que precisamos partir. Estou certo de que estão prontos para embalar as tendas.

— Você não pode montar nestas condições, Alteza.

— Preciso apenas de um pouco de água para tomar banho. Vou conseguir montar.

— Styxx...

— Galen... não os mantereí ou a você aqui. Vamos para casa. — Mas casa não era para onde realmente almejava retornar.

Novamente, a única coisa que desejava agora era uma única respiração sem impedimentos.

03 de novembro de 9532 a.C.

— Bethany?

Seu coração acelerou quando finalmente ouviu a voz profunda e rouca que tinha desejado tanto ouvir.

— Hector?

Ele sentou-se ao lado dela no cobertor e deitou a cabeça em seu ombro, então enrolou os braços ao redor dela.

Pela maneira como ele respirava, ela percebeu que estava com muita dor.

— Você estava ferido?

Ele colocou a mão dela em seu pulso para que pudesse sentir seu colar lá.

— Sem cortes, mas ferido ao ponto de mal poder respirar. Claro, não ajudou eu montar à frente de todos os outros, e escapar para cá para vê-la assim que pude.

Ela o embalou contra ela.

— Você fez isto de verdade?

Ele assentiu com a cabeça.

— Noite e dia. Não estava cansado mesmo, até agora.

Ela beijou sua testa e saboreou o cheiro de sua pele.

— Sua cabeça dói?

— Como se tivesse sido chutado por meu cavalo.

— Então deite-se em meu colo e vejamos como posso ajudar.

— Você já o fez.

Ela sorriu quando ele obedeceu, mas o sorriso dela morreu ao som de sua dor e o modo como sua respiração intensificou. Ele estava tão machucado, que realmente estava tremendo.

— Ouvi que você venceu. — Ela disse, tentando distraí-lo disto.

— Nós ganhamos.

Roçando a mão por seus cabelos, ela sentiu vários inchaços grandes na cabeça dele. Cuidadosamente para não tocá-los, massageou suas têmporas e o couro cabeludo o melhor que podia.

— Você estava assustado?

Sua respiração ficou mais suave agora.

— Petrificado. Mas admitiria isto apenas para você.

Ela parou quando tocou um corte atrás de sua cabeça, onde parecia como se tivesse caído contra alguma coisa.

— Ouvi que o Príncipe Styxx foi o herói da batalha. Você o viu?

Ele ficou quieto por vários segundos.

— Sim.

— E?

— Devia ficar enciumado por estar tão interessada no príncipe? Pensei que dinheiro não importasse para você.

— Não importa. Queria apenas saber sobre este homem que se atreveu a tirar meu doce Hector dos meus braços.

— Mmm... estava muito ocupado lutando para prestar atenção nele.

— É realmente verdade que ele não levou nenhum tributo, mas apenas dividiu isto entre seus homens?

Ele fez um som leve que a deixou perceber que estava deslizando rapidamente para o sono.

Inclinando-se, esfregou o nariz contra o dele, e saboreou a sensação da respiração dele sobre sua pele. Embora a irritasse que tivessem sido derrotados, era grata por seu Hector ter voltado e inteiro. Foi um longo caminho acalmar seu ego devastado. Ainda assim...

Ela tinha um ressentimento para resolver e não iria se esquecer disto. De uma forma ou de outra, Styxx iria pagar pelo que fez para eles no campo de batalha. E seria a mão dela que daria o golpe final naquele pequeno fedelho arrogante.

10 de novembro de 9532 a.C.

Bethany ria enquanto Hector mordiscava uma trilha abrasadora pelo estômago dela até que a tomasse em sua boca. Erguendo os quadris, ela enterrou as mãos nos cabelos suaves, enquanto sua língua dançava sobre ela até que estivesse ofegante e fraca. Em questão de minutos, seu corpo explodiu em felicidade pura. Gritou em êxtase e sua língua ainda continuava a esvoaçar sobre ela, até que estivesse bêbada por seu toque de mestre.

Ninguém tinha uma língua como a dele...

O corpo também.

Lentamente, metodicamente, ele beijou o caminho sobre ela, saboreando calmamente seus seios antes de reivindicar seus lábios. Sentiu a ponta de sua ereção pressionando contra ela, implorando para entrar.

Desesperada para tê-lo dentro de seu corpo novamente, meneou os quadris. Ele aprofundou seu beijo, e entrelaçou os dedos com os dela, em seguida apiedou-se dela e deslizou-se para dentro. Suspirando de prazer, desatrelou suas mãos e foi até onde estavam juntos a fim de poder sentir seu pau, enquanto ele empurrava contra seus quadris.

Styx ofegou com a sensação da mão dela sobre ele. Sua doce Bethany o levava para longe dos pesadelos que não queria se lembrar. Do horror do ataque de Apollo.

— Adoro quando você faz isto.

Sorrindo, ela o beijou.

Ele deveria ter ido para casa dias atrás, mas estava escondido com Bethany em uma pequena pousada na periferia da cidade, onde ninguém sabia quem era. Na verdade, não tinha nenhum desejo de sair daqui.

De deixá-la.

Ela ergueu os quadris para que ele entrasse mais fundo dentro de seu corpo.

— Não posso acreditar no quão faminto ainda está.

— Nunca ficarei saciado no que diz respeito a você, akribos. — Ele mordiscou os dedos dela quando ela os roçou sobre os lábios dele.

Ela gemeu no fundo de sua garganta.

Styx enterrou o rosto contra o pescoço dela enquanto acelerava os golpes. Sabia por experiência própria que, quando ela fazia aquele som e apertava os braços ao redor dele, estava à beira do orgasmo.

Um momento mais tarde, seu doce grito encheu seus ouvidos. Rolou os quadris contra os dela, controlando seu clímax até que ela risse e o beijasse apaixonadamente.

Os lábios dela eram tudo o que precisava para levá-lo ao êxtase. Rosnando em sua garganta, enterrou-se mais profundamente e abraçou-a mais forte. Estranho como encontrava paz apenas com ela. O resto do mundo podia queimar e não se importaria. Não, desde que pudesse sentir a mão dela em seu rosto.

Sentia-se como se sempre a tivesse conhecido. Como se tivesse nascido apenas para amá-la com todas as partes de si mesmo.

Ela suspirou satisfeita.

— Oh, o que faz comigo, meu doce príncipe.

Seu coração balançou com o carinho.

— Queria que não me chamasse assim.

Ela franziu o cenho.

— Por quê?

Muitas pessoas usavam o título para zombar dele. E agora... ouvia a voz repugnante de Apollo dizendo isto em seu ouvido. Isto fazia sua pele arrepiar.

Estava tão agradecido que Bethany não pudesse ver a “maravilhosa” recordação que o bastardo deixou nele. Um símbolo do sol entre suas omoplatas para que todos que vissem isto soubessem que o deus do sol o violou. Toda vez que pensava sobre isto, queria gritar e transpassar sua espada no âmago daquele bastardo.

— Não sou um príncipe, Beth. Sou apenas um homem.

— Mas é muito mais do que isto para mim.

Fechando os olhos, saboreou aquelas palavras e deleitou-se com a sensação das mãos dela deslizando sobre suas costas suadas.

— Seu pai provavelmente vai me matar por sua ausência.

— Estou certa de que o seu não estará contente também.

— Não... ele não estará. — Ele brincou com o lóbulo de sua orelha com os dentes. — Ainda gostaria que pudesse fugir comigo, Beth. Daria-lhe qualquer coisa que pedisse.

— Mas você não pode fugir de suas responsabilidades ou problemas. Eles sempre o seguiram.

— Eles não precisam.

— Por favor, Hector, não arruíne esta semana pedindo algo que não posso dar-lhe.

Ele rangeu os dentes com a dor em seu peito, sempre que pensava em deixá-la para retornar a uma vida que odiava com cada batida de seu coração.

— Tudo bem. Não a aborrecerei novamente com isto.

Alguém bateu na porta.

— O príncipe retornou! — Eles corriam pelo corredor, batendo em todas as portas para anunciar isto.

Styx franziu o cenho, então rosnou quando percebeu que isto significava que seu exército havia retornado para casa.

Não ele.

Bethany traçou a linha de sua sobrancelha.

— Deveria estar marchando com eles para receber as honras.

Sim, ele deveria. Seu pai ficaria furioso quando percebesse que Styxx não estava com os outros.

— Teria que deixá-la a fim de fazer isto. Isto é o que realmente quer?

Ela mordeu o lábio, brincalhona.

— Não. Prefiro que fique onde está neste momento.

— Assim como eu.

Mas haveria o rançoso Tártaro para pagar sempre que a deixasse...

11 de novembro de 9532 a.C.

Passava da meia-noite quando Styxx entrou no palácio pela porta da frente. Ele pensou que estava em casa livre, até que transpôs os degraus e encontrou seu pai lá.

A expressão no rosto de seu pai era tudo menos acolhedora. Seu pai estapeou-o tão forte, que seus dentes balançaram.

— Você está determinado a me envergonhar sempre e humilhar-me publicamente, não é?

Com os lábios já inchando, Styxx enxugou o sangue com as costas da mão.

— Como assim, pai?

— Recusou a oferta do rei, distribuiu o tesouro real para os plebeus sem permissão, e então privou a cidade de recebê-lo em casa, e insultou os nobres e suas esposas não participando do banquete de celebração realizado em sua honra duvidosa.

Era uma grande lista de ofensas esta que seu pai fez.

— O que tem a dizer sobre isto, garoto?

Styxx lambeu os lábios ainda sangrando.

— Achei que o Rei Kreon tinha sido mais que generoso com seus presentes para você, pai. Tanto que não faria falta, o pouco que ele me deu pessoalmente por meus serviços com seu exército. Pensei que aqueles seriam de melhor uso, se fossem para os homens que deixaram suas famílias e arriscaram suas vidas por nós, do que no tesouro para pagar pelas bebidas de mamãe e os vestidos de Ryssa. Perdoe-me por meu egoísmo. Quanto aos nobres e suas esposas, duvido que sentiram minha falta, uma vez que abriu as reservas. E honestamente, não quis ser humilhado ao retornar para casa e ter minha mãe e irmã desprezando-me nos corredores do palácio, ou ver a raiva em seus olhos pelo fato de que desperdicei minha parcela do tributo que ganhei. Então novamente, por favor, me perdoe por insultá-lo enquanto buscava salvar-me de mais embaraço público.

— Devia mandar chicoteá-lo por sua insolência.

— Tudo bem. Gostaria de despertar o torturador ou eu devo? — Styxx começou a passar por ele, mas seu pai pegou em seu braço e o puxou parando-o.

Um tique tremia furiosamente na sua mandíbula, quando encontrou a expressão perplexa de seu pai.

— Não o entendo, garoto. Dei-lhe tudo que um príncipe poderia ter ou querer, e isto não é suficiente. Você é petulante. Imprudente... Talvez devesse ter mantido Acheron e deixado Estes prostituí-lo em seu lugar.

Aquelas palavras bateram nele como um dos punhos de Apollo.

— Você sabia?

— Não... em tantos detalhes. Mas tinha minhas suspeitas.

Styxx não podia respirar quando o frio, da dura brutalidade torturou-o com força.

— Como pôde suspeitar e não fazer nada?

— Fiz isto para protegê-lo e controlar ele.

Styxx bufou.

— Proteger?

— Sua vida gira em torno da dele.

Então...?

— E sobre o agora? Não sabe onde... — A voz de Styxx sumiu quando a realidade brutal golpeou-lhe o rosto. — Você sabe do paradeiro de Acheron.

— Claro que sei. Pensa realmente que por um momento o deixaria solto, quando sua vida está amarrada a dele?

Styxx afastou seu olhar dele antes que cedesse ao desejo de bater no velho bastardo.

— Não sei mais o que pensar pai.

O rei agarrou-lhe.

Styxx afastou-se, fora de seu alcance.

— Não me toque. Como pôde permitir que meu gêmeo fosse comprado e vendido?

A falta de remorso no rosto de seu pai o horrorizou completamente.

— Foi a vingança perfeita. Os deuses prostituíram minha rainha. Era justo que eu prostituisse o bastardo deles.

Como Styxx deveria entender isto? Era certo que Acheron, seu gêmeo idêntico, vivesse na miséria absoluta e fosse usado todo santo dia?

Era por isso que ele estava agora sendo torturado por Apollo? Os deuses estavam exigindo retribuição pelo que o rei fez com um deles? E Styxx era a ferramenta deles?

— E quanto a mim?

Seu pai franziu o cenho.

— O que tem você?

Pelos pensamentos de seu pai, Styxx sabia que o rei não tinha ideia de que Estes o usou, e definitivamente não sabia sobre os ataques de Apollo.

— Estes lhe disse que molestou Acheron?

Seu pai o agarrou pela garganta e o puxou de volta.

— Meu irmão nunca faria uma coisa destas. É mentira o que aquele bastardo disse. Sei muito bem.

Não, ele não sabia. Styxx bateu-lhe a mão para longe.

— Onde está meu irmão?

— Em um lugar onde não pode nos machucar.

Certo então, Styxx poderia matar seu pai mais fácil do que tinha matado seu tio.

— Onde? — Ele perguntou rangendo os dentes.

— Em um bordel.

— Quero o nome.

— Por quê? — Seu pai estreitou o olhar sobre ele. — Quer fodê-lo, também?

Styxx ficou gélido. Não... seguramente não.

— Também?

Seu pai o esbofeteou novamente.

— Nunca toquei naquele imundo. Mas pelo que mais você gostaria de saber onde ele está?

Porque poderia realmente me importar e amar meu irmão.

No entanto, sabia que não deveria dizer aquilo em voz alta. Então, deu a seu pai a única resposta que o bastardo insensível poderia compreender.

— Certamente não quero ter a chance de ir onde ele está, e ser confundido com meu irmão, agora me diga?

Como esperado, isto aplacou a besta miserável.

— Com Catera.

— Obrigado. — Styxx dirigiu-se para as escadas.

— Onde está indo?

— No fim das contas, para Tártaros, com certeza. Por enquanto... para fora.

— Styxx!

Ele ignorou o grito de seu pai enquanto deixava o palácio e dirigia-se ao centro da cidade. Neste momento, realmente não se importava o que seu pai fizesse com ele. Que diferença faria?

* * *

— Se for uma prostituta que você quer...

Styxx cortou o homem com um grunhido feroz.

— Eu lhe disse, quero ver Catera. Agora!

— Ela não vê clientes.

Styxx empurrou o homenzinho de volta para as sombras e abaixou seu capuz.

— Não sou um cliente e a menos que deseje ter este bordel queimado até o chão, e todos presos e executados, sugiro que me traga a dona imediatamente e não diga a ninguém quem sou.

Ele correu para obedecer.

Styxx cobriu a cabeça novamente, certificando-se de manter sua identidade completamente escondida. Seu sangue gelou quando escutou as barganhas sendo feitas ao redor. Pior eram as lembranças passageiras das pessoas que barganharam por ele...

— Posso ajudá-lo?

Ele olhou por cima de seu ombro para ver uma minúscula mulher mais velha, com cabelos pintados de hena vermelho.

— Catera?

— Sim?

— Preciso falar com você a sós.

Ela negou com a cabeça.

— Não faço mais isto.

— Não quero fodê-la, mulher. — Styxx rangeu. — Estou aqui para dar-lhe as condições em que este bordel terá permissão para continuar funcionando.

Ela fez um gesto sutil para um homem forte juntar-se a eles.

Styxx zombou disto. Como se ficasse intimidado depois de tudo o que tinha passado.

— Se valorizar por sua vida e a dele, me verá reservadamente, agora mesmo.

Ela levantou a mão para parar a abordagem do homem. Por vários segundos debateu-se, então movimentou a cabeça.

— Siga-me. — Ela foi à frente até um quartinho na parte de trás do bordel.

No momento em que a porta foi fechada, Styxx abaixou seu capuz.

Toda a cor drenou do rosto dela, enquanto caía de joelhos na frente dele.

— Sua Alteza, por favor, perdoe...

— Está tudo bem. — Ele disse, cortando-a. — Agora se levante.

Ela levantou-se imediatamente.

— O que posso fazer por você, Alteza?

— É de meu conhecimento que tem um... um empregado aqui que se parece comigo.

— Acheron.

Ele não estava certo se devia estar aliviado ou chocado.

— É verdade então?

— É. — O medo e a preocupação alinhavam-se em sua sobrancelha.

— Relaxe, mulher. Quero apenas certificar-me de que ele seja bem cuidado.

Ela franziu o cenho.

— Não entendo.

Pela primeira vez em sua vida, Styxx tirou vantagem de seu posto e posição.

— Não é sua posição entender. Apenas obedecer. — Ele puxou sua bolsa e abriu-a. — Não quero que o sobrecarregue. Ele deve ter metade da semana de folga, para fazer o que lhe agrada, e você se certificará de que tenha o melhor de tudo o que puder fornecer-lhe, incluindo o cuidado quando estiver doente. — Ele deixou a bolsa sobre a mesa. — Enquanto respeitar isto mandarei entregar-lhe dinheiro todo mês. Se qualquer palavra de que foi abusado me alcançar, verei que seja responsabilizada pessoalmente, e as repercussões não serão nem um pouco agradáveis.

Seus olhos brilharam de cobiça.

— Sim, Alteza. Mais alguma coisa?

Ele balançou a cabeça.

— Apenas cuide dele.

Ela abriu a bolsa e seus olhos arregalaram, em seguida sorriu.

— De bom grado. — Ela hesitou antes de fechá-la e deslizá-la em sua mesa. — Posso falar francamente, Alteza?

— Você deve.

Ela correu os olhos sobre o comprimento de seu corpo.

— A princípio, é bastante surpreendente o quanto se parecem. Mas vocês dois não são nada parecidos.

Se isto fosse apenas à verdade. Eles eram muito mais parecidos do que qualquer um poderia imaginar. Porém, havia um assunto importante em que eles se diferenciavam.

— acredite-me, eu sei senhora. Sou o único que é um bastardo letal quando cruzam o caminho. — E com isto, ergueu o capuz e partiu.

10 de dezembro de 9532 a.C.

Era a guerra. Declarada e em grande escala. Seu pai recebeu o anúncio apenas há uma hora e Didymos, junto com todas as cidades gregas soberanas, estava reunindo as tropas. Tinham que partir imediatamente.

Styx suspirou quando não encontrou nenhum sinal de Bethany no lugar deles.

— Beth? — Chamou, na esperança de que ela estivesse perambulando, como fazia às vezes quando não sabia se ele viria.

Não houve nenhuma resposta.

Maldição.

Iria embora ao amanhecer. Tudo que queria era vê-la uma última vez, e dizer-lhe o que estava acontecendo. Entretanto, ela deveria saber. Todos estavam bem cientes de que os atlantes estavam intensificando seus ataques, e determinados a conquistar toda a Grécia. Planejavam sacrificar todas as famílias da realeza que pudessem encontrar.

Mas não era com sua família que se importava.

— Lutarei por você, minha Bethany. — E se certificaria que a Grécia ficasse livre do controle de Atlântida para mantê-la, em paz e segura. O resto deles poderia ir diretamente para o Tártaro pelo que se importava.

Ele olhou para o anel que tinha trazido para ela. Um anel que deveria ter lhe dado em seu retorno de Halicarnassus, mas foi manchado por Apollo e quis esperar e dar-lhe quando não tivesse algo tão brutal manchando a alegria de observá-la recebê-lo.

Inseguro se ela o encontraria, colocou-o dentro da base da árvore onde se encontravam, e esperava que entendesse por que não pôde esperá-la.

Com o coração despedaçado por não saber quando a veria novamente, montou seu cavalo e partiu.

* * *

Bethany queria gritar. Tinha esperado aqui por horas, desejando que Hector viesse. Dado o ataque maligno que Apollo tomou contra seu próprio povo e culpou os atlantes, sabia que estariam enviando Hector para guerrear novamente, e queria vê-lo antes de ele partir.

Desta vez, iria marcá-lo para que reconhecesse que soldado ele era.

Frustrada, deitou-se e colocou a mão sobre a cabeça. Ela fez uma careta quando bateu na árvore atrás dela. Então, roçou a mão contra algo com uma borda afiada. Franzindo o cenho,

virou-se e bateu levemente no pequeno nó da madeira da árvore, onde Hector ocasionalmente deixava-lhe algo.

Não...

Lágrimas encheram seus olhos quando percebeu que ele tinha vindo aqui e o perdeu. Sofrendo, pegou a pequena caixa nas mãos e abriu-a para encontrar um anel dentro.

Desesperada para saber com certeza se foi ele, levou-o até seu templo em Katateros. Mordendo os lábios, pegou-o da caixa para ver um bonito anel de ouro, que tinha um impressionante cavalo alado, algo que lhe disse que gostava sem dizer-lhe que realmente possuía um. E do lado de dentro estavam estampadas as palavras ΦΙΛΙΚΑ. Fielmente seu.

Ele tinha estado lá e ela o perdeu. A dor retalhou-a quando percebeu que poderia nunca mais vê-lo novamente. *Por favor, lembre-se de levar meu colar com você. Por favor.*

E se ele não o usasse. Não, não pensaria sobre isto. Não podia. Se qualquer coisa acontecesse a ele...

Ela choveria Kalosis propriamente sobre todos os gregos. Archon nunca mais teria que temer a criança de Apollymi. Ela seria a única a despedaçar aquele mundo.

Mas como o encontraria?

Porque isto era uma guerra declarada, as tropas gregas estariam combinadas e divididas. Alguns dos regimentos didymosianos poderiam estar na parte sul. Alguns no norte. Ou se homens suficientes fossem perdidos no regimento de Hector, ele poderia ser atribuído para um de outra cidade soberana. Não havia maneira nenhuma de ela saber em que regimento estaria atribuído.

— Vou encontrá-lo, Hector.

Não tinha nenhuma ideia de como, mas não descansaria até que tivesse certeza de que estivesse seguro e inteiro.

Acima de tudo, protegido.

23 de maio de 9531 a.C.

Hephaestion, o deus mensageiro de Atlântida, empurrou as portas do salão principal dos deuses em Katateros.

— O Stygian Omada está em nossas praias!

Bethany olhou por cima da preciosa carta que Hector pagou a um mensageiro, para esconder na árvore no ponto de encontro deles, enquanto os deuses ao seu redor entravam em ação. Ela agarrou o braço de Hephaestion quando ele passou por ela para notificar aos deuses que não estavam presentes, e o puxou para pará-lo.

— O que aconteceu?

— Eles acabaram de desembarcar na praia de Ena. Se não os pararmos agora e os mandarmos de volta para a Grécia, poderão transpô-la para o interior da ilha e tomar a cidade.

Ela viu tudo vermelho com o mero pensamento de um grego em seu amado país. Como ousavam!

— Quem conduz suas forças?

— Styxx de Didymos.

Oh, entendi isto...

Eles tinham nomeado o cão de Athena de Στύγιος ομάδα — Stygian Omada — posteriormente. A fúria ofuscou-a, Bethany pegou sua armadura e chamou seu cavalo e o arco. Desta vez, iria ensinar para aquele bastardo uma lição. Na Grécia, seus poderes eram limitados até mesmo quando montava com o exército de Atlântida, mas aqui em suas próprias terras...

Príncipe Styxx sentiria sua mordida neste dia e iria desejar pelos deuses que adorava que tivesse ficado em casa.

* * *

Exausto da batalha, Styxx enxugou o sangue de seu rosto, enquanto observava seu exército mover-se para dentro da praia onde desembarcaram. Embora tivesse sido uma luta feroz, eles ultrapassaram os guardas de Atlântida que estavam encarregados da segurança externa da ilha deles. A maior parte dos guardas de Atlântida jazia morta na praia. Mas um pequeno contingente escapou para o interior para alertar seu povo.

— Reforçar! — Ele chamou seus chefes. Precisavam estar prontos quando a próxima investida chegasse. Não havia nenhuma maneira dos atlantes deixá-los avançar sem uma acirrada luta brutal por todo o caminho.

Styx estremeceu quando seu flanco começou a sangrar novamente. Maldição... o amuleto de Bethany o protegia apenas de armas. Não de varas de madeira quebradas e da estupidez gritante. Durante a luta de ontem, ele tropeçou contra uma. De alguma forma, isto atravessou as redes de sua couraça para esfaqueá-lo e apunhalá-lo através de suas costelas.

E queimava como fogo grego.

Tentando ignorar a dor, foi recuperar seu cavalo, então parou quando viu fogos ateados ao norte, não muito longe em uma das aldeias. A princípio, pensou que as pessoas de lá poderiam estar sinalizando para a ilha principal. Até que viu as bandeiras gregas que foram colocadas na areia a frente deles.

Merda...

Contra as ordens, seus homens estavam invadindo.

— Galen! — Gritou para seu segundo em comando. — Preciso de meu dekarmatoli. Rápido. — O dekarmatoli era os dez homens que seu antigo tutor selecionou pessoalmente, e encarregou para que Styx estivesse seguro a todo o momento. Depois do que aconteceu em Halicarnassus com Apollo, Galen o protegia como uma mãe galinha psicótica.

Mas agora, Styx iria precisar de homens leais para suprimir esta rebelião antes que começasse.

Balançou-se para cima das costas de Troian e esporeou seu cavalo para o local tão rápido quanto podia.

* * *

Bethany estava furiosa quando riscou na pequena aldeia de Enean, onde seus seguidores estavam implorando desesperadamente aos deuses de Atlântida, por resgate. Enquanto o resto dos deuses foi prestar ajuda ao volume maior de suas forças, ela concordou em vir e checar os habitantes daqui.

A aldeia estava tomada de soldados atlantes feridos... homens feridos que foram sacrificados por gregos ao pé da estátua de seu bisavô, no centro de sua pequena aldeia.

Ela levantou a mão para explodir todos eles diretamente para seu amado Hades.

— Alto!

Este tom profundo e feroz de comandando congelou a todos. Até a ela.

Curiosa, ela franziu o cenho à visão do príncipe de Didymos, enquanto saltava da parte de trás de seu cavalo cor de ébano, e andava a passos largos furiosamente pelos corpos caídos e os gregos que saqueavam, sem qualquer apoio que fosse.

Ele era louco?

Os gregos aqui não eram de Didymos. E não tinham nenhum amor ou respeito pelo jovem príncipe. Algo comprovado pelo escárnio em seus rostos.

Com os olhos azuis cheios de raiva enérgica, Styxx foi direto para os dois soldados que arrastaram uma bela jovem de sua casa para a rua. Era óbvio por seu vestido rasgado o que pretendiam.

— Soltem-a! — Styxx exigiu.

Em vez de seguir as ordens, um grande e forte soldado enrolou seu braço em torno da cintura da garota.

— Ela é pilhagem, Alteza. — Ele zombou do título.

— Ela é uma garota, não propriedade. Agora a solte ou lamentará isto.

— O que? Você mandará seus homens me chicotearem? — Ele riu. — Sou um thraciano. Não nos curvamos diante da coroa didymosiana e não temos medo de seus homens.

Os thracianos aplaudiram em apoio.

Destemido, o príncipe aproximou-se dele como um predador feroz ciente de cada espada ao redor dele, e ainda assim não temia nenhuma delas.

— Então, é hora de aprender a temer-me.

Todos riram das palavras corajosas de Styxx.

Querendo uma visão mais de perto, e garantir que a garota apavorada não fosse machucada de qualquer forma, Bethany riscou para o corpo da garota. Seus braços queimavam com o aperto brutal do soldado.

Ele enterrou o rosto em seu pescoço.

— Ela tem um cheiro doce para uma prostituta de Atlântida. Estou certo de que podemos encontrar uma para você, príncipe. Agora volte para seus próprios homens e deixe esta para aqueles de nós velhos o suficiente para ter pelos pubianos.

O olhar celestial de Styxx não oscilou quando jogou seu braço. Um momento depois, o soldado a soltou e caiu para trás, morto, com uma pequena faca plantada entre os olhos.

O queixo de Bethany caiu com a visão.

Styxx matou um de seus próprios homens?

Para proteger o povo dela?

Sacando sua espada, o príncipe colocou-se entre ela e os homens que vieram até aqui com ele.

— Pegue sua mãe, garota. Rápido.

Atordoada com seu perfeito atlante, ela obedeceu, em seguida observou fascinada, enquanto ele permanecia ali sozinho para defender-se de inimigos de seu próprio exército.

Os gregos o atacaram.

Ele derrubou seis de seus soldados antes que seus reforços chegassem para ficar ao lado dele, contra o resto dos thracianos irritados. Seus homens apressadamente os subjulgaram, e os repeliram.

Styx agarrou aquele que estava ao lado do primeiro homem que matou.

— Diga aos seus thracianos que não estamos aqui para estuprar esposas, irmãs, e filhas. Nossa luta é com a rainha de Atlântida, seus soldados, e seus deuses, não suas mulheres ou crianças. Qualquer grego que desafiar minhas ordens será castrado e oferecido em sacrifício para o deus Dikastis de Atlântida, por seus crimes contra seu povo.

— Acha que eles seriam tão amáveis com nossas mulheres?

Styx o empurrou para longe.

— É por isso que estamos em solo de Atlântida, combatendo-os antes que nos alcancem em nossa pátria. Estamos aqui para proteger nossas famílias da escravidão de Atlântida, e não envergonharei nossos inocentes sacrificando e humilhando os deles. Agora vá e advirta seus homens.

O príncipe retornou para Bethany e a pequena cabana onde a garota estava com sua mãe e irmãs.

Para o completo estupor dela, o príncipe recuperou uma boneca caída fora da cabana, então se ajoelhou no chão da entrada, pela irmãzinha da garota que provavelmente não tinha mais do que dez anos.

Ele ofereceu-lhe a boneca enquanto ela se agarrava a saia de sua mãe.

— Está tudo bem, pequena. — Ele disse de novo em um atlante perfeito. — Não estamos aqui para machucá-la ou a sua família. Tem minha palavra.

Ela olhou para sua mãe em confirmação.

Com olhos arregalados, a mãe pegou a boneca da mão dele e então afastou-se para proteger suas filhas.

Styx curvou-se para elas antes de erguer-se.

— Diga aos aldeões para reunirem-se aqui na praça e eu pessoalmente verei que todos sejam levados para os muros de sua cidade para serem protegidos. Se alguém for incapaz de caminhar ou viajar, avise-nos e os carregaremos.

Ela olhou para ele com desconfiança.

— Isto é algum truque grego?

— Juro por minha vida que não é. Por favor, boa mãe, pelo bem de suas filhas, se apresse. Não sei quanto tempo meu exército poderá segurar os outros gregos para trás, até que escolham lutar contra minhas ordens. Temos de levá-las em segurança.

Ele foi transmitir suas intenções aos seus próprios homens, que agiam como se as ordens fossem típicas e esperadas dele. Foi apenas quando ele tropeçou e encostou-se contra seu cavalo, que Bethany percebeu que estava muito ferido. Sangue pingava por sua perna esquerda.

No entanto, não deixou ninguém perceber isto enquanto apressadamente enxugou-se e montou.

Fiel à sua palavra, ele ajudou a reunir as pessoas e escoltá-las em segurança. Nunca em sua vida tinha visto qualquer coisa como isto. Um grego que matou seus próprios homens para proteger mulheres e crianças de seu inimigo...

Isto era algo desconhecido, especialmente de um príncipe que não mostrou nenhuma clemência por seus inimigos ao longo dos últimos meses, quando lutou com eles. A única coisa que todos sabiam sobre Styxx era que era implacável no campo de batalha. Seu exército por si só, permanecia invicto pelos atlantes. Utilizando novas táticas que eram radicalmente diferentes do resto das forças gregas, Styxx fez uma campanha maliciosa e bem sucedida contra seu povo.

E enquanto mostrava clemência pelas pessoas agora, ela sabia que uma vez que fossem embora, ordenaria que as casas abandonadas fossem vasculhadas por suprimentos, e então queimadas até o chão. Era outra coisa pelo qual era conhecido.

Ainda mais curiosa sobre ele do que antes, parou ao lado de seu cavalo. Ainda no disfarce da garota que ele salvou, olhou para cima observando o príncipe, enquanto vigiava a remoção de seu povo.

Ele mantinha-se com a mesma postura arrogante rígida que a irritou na primeira vez em que o viu em Halicarnassus.

Ou seria arrogância? Agora que estava mais próxima, via o tormento e a dor dentro daqueles olhos azuis. A resignação cautelosa e a exaustão que o fazia parecer muito mais velho. E mais vulnerável.

— Alteza?

As emoções dele evaporaram em uma expressão de estoicismo quando olhou para ela.

— Sim?

Ela colocou a mão em sua perneira preta e bronze e notou exatamente onde e em qual lado estava ferido.

— Obrigada por sua ajuda.

Ele inclinou a cabeça respeitosamente para ela.

Corajosamente, ergueu a mão para roçar o músculo de sua rígida panturrilha entre as redes de sua perneira.

— Por sua bondade, gostaria de oferecer-lhe meus serviços.

Ele cutucou seu cavalo para longe dela.

— Apesar de apreciar sua oferta e estar verdadeiramente lisonjeado, devo recusar.

Confusa, ela começou a se afastar.

— Elea? — Ele gritou.

Pasma que se lembrasse do nome da garota, de quando a mãe dela chamou-a, quase uma hora atrás, ela parou para olhar para ele.

— Alteza?

— Não deixe ninguém, especialmente você mesma, barganhar seu corpo por qualquer finalidade. Os benefícios temporários e imediatos não valem a pena ao custo eterno de sua alma.
— Inclinando-se, suavemente lançou-lhe um broche caro.

Ela pegou-o em sua mão e viu que tinha um emblema da fênix como seu escudo. Era a insígnia de seu Stygian Omada.

Sem outra palavra, virou seu cavalo para que ele pessoalmente pudesse levar uma mulher enferma e sua netinha, para a cidade cercada no interior mais distante.

Atordoada com sua sabedoria inesperada e caridade amáveis, foi juntar-se a eles em sua jornada para a segurança. Uma parte dela ainda esperava que isto fosse um truque de algum tipo.

Enquanto caminhavam, esquadrinhou entre os homens dele, procurando por seu Hector. Mas estes eram todos soldados de cavalaria. Não havia um soldado de infantaria entre eles. Outra honra inesperada para seu povo que usasse nobres e seus melhores soldados treinados, não camponeses, para protegê-los.

E enquanto o observava algo sobre o príncipe lembrou-a de seu amor, mas Hector não estaria ferido. Não se usasse seu encanto, e o usava na última vez em que o viu. Não havia razão nenhuma para pensar que o removeria. Além disso, o príncipe parecia um pouco mais velho de

que Hector. Definitivamente mais austero e seguro de si. Hector era tímido e reservado. Nunca correria para uma briga tão imprudente.

Não, Styxx não era o homem que a deixava queimando.

Mas agora finalmente entendeu por que Athena escolheu este príncipe como seu animalzinho de estimação. Ele era honrado quando os outros não eram. E tratava todos ao redor dele com respeito... como se eles importassem.

Até seus inimigos.

Ainda assim, esta boa ação não mudava nada. Estavam em guerra e eventualmente o destruiria por ter ousado vir até suas praias e matar seus soldados. A compaixão dele hoje tinha dado-lhe um pequeno adiamento, enquanto observava a seus seguidores.

Amanhã, porém, iria atrás dele com tudo o que tinha.

Entrando nos muros da cidade, observou enquanto Styxx suavemente levava a idosa para o templo de Agapa, que foi instalado para receber os desabrigados por estes invasores. Ele entregou-a aos cuidados de um jovem sacerdote, mas não antes de dizer algo que fez a idosa sorrir e amavelmente ergueu sua neta até sentá-la ao lado dela.

Honestamente, surpreendeu-se que nenhum dos atlantes atacaram seus soldados. Seria uma maneira fácil de terminar a guerra agora.

Mas seus povo não era tão traiçoeiro quanto os gregos. Nunca foram. Ao invés disso, honraram Styxx e as intenções decentes de seus homens e permitiram que depositasse os aldeões, em seguida partissem sem incidente.

Chegando o amanhã, entretanto, estariam em guerra novamente.

Com este pensamento acima de tudo em sua mente, deixou o corpo da garota e foi encontrar seu bisavô em seu templo, nesta mesma rua abaixo.

Os atlantes estavam invocando o nome dele e fazendo sacrifícios. Não que precisassem. Misos estaria com eles de qualquer jeito.

Sem ser visto por seu povo, seu bisavô curvou a sobrancelha para sua abordagem.

— Que notícias você tem?

— O príncipe grego está ferido em seu flanco esquerdo, três costelas abaixo. Ele mal será capaz de segurar o hoplon com aquele braço.

— Bom trabalho. Vamos vê-lo morto amanhã, e enviaremos seus gregos pútridos para casa com o rabo dobrado entre suas pernas.

24 de maio de 9531 a.C.

Passava da meia-noite e, como de costume, Styxx não conseguia dormir. Quando menino, as vozes em sua cabeça o impediam de descansar. Agora era sua consciência e lembranças recentes que o assaltavam tão brutalmente. Odiava tudo o que a guerra o forçou a fazer para proteger seus homens e seu povo.

Tudo.

Ele embalou a cabeça dolorida em suas mãos, desejando estar com sua Bethany. O pensamento do toque e cheiro doce dela trouxe-lhe um sorriso raro a seus lábios, enquanto perguntava-se como ela estava se saindo. Se ela tinha encontrado a carta que mandou entregar no ponto de encontro deles. E se estava sendo embalada por Morpheus nos seus sonhos esta noite.

— Alteza?

Ele abriu seus olhos para ver Galen entrando em sua tenda.

— Sim?

— Acabei de receber uma mensagem de que os thracianos estão com raiva, mas cumprindo, no momento.

Styxx suspirou fortemente.

— Diga-me a verdade. O que os irrita mais Mestre Galen? O fato de que não podem estuprar nenhuma mulher que encontrarem, ou o fato de que uma criança exige as ordens deles?

Galen bufou.

— Não vejo nenhuma criança em nossas veteranas fileiras.

Styxx o saudou sarcasticamente com seu kylix.

— Nós dois sabemos que não tenho nada para liderar os homens para a batalha. Os thracianos estavam certos hoje. Não tenho experiência suficiente para isto.

Zombando, Galen se sentou na cadeira ao lado de Styxx, e retomou o vinho que tinha bebido antes.

— Nenhum outro comandante poderia ter nos levado tão longe com tão poucas baixas quanto tivemos. Olhe para sua história, meu senhor. Diga-me o nome de um único homem que já fez isto em solo atlante, com um exército invasor de qualquer terra estrangeira? — Galen parou.

— Houve apenas um. Styxx da Casa de Aricles. Príncipe de Didymos.

Talvez, mas estava cansado do sangue e enojado de observar homens, jovens e velhos, cortados em pedaços, e para que? Poder? Dinheiro? Glória?

Bom era quando você só precisava de um único óbolo para pagar a Charon²⁹ pela travessia final.

Cada decisão que ele tomava, boa ou ruim, terminava com alguém sendo sacrificado. Com alguém gritando por uma mãe, esposa, ou um dos deuses... Quando queimavam casas e possessões de alguém até não restar nada além de cinzas. Uma vida de lembranças e economias para construir, destruídas em poucos minutos de guerra.

Styx passou a mão sobre os olhos, tentando banir as imagens que não o deixavam em paz, mais do que faziam as vozes. Daria qualquer coisa para ter alguns minutos com Bethany, para que ela pudesse beijar para longe seus pesadelos, e dar-lhe algo bonito de se olhar.

Algo bonito para agarrar-se também.

Galen inclinou-se.

— Como está seu flanco, meu senhor?

— Como minha cabeça. Pulsando.

O olhar do idoso caiu para a mão de Styx sobre o cálice.

— Você ainda não está usando o anel de sinete?

O olhar de Styx abaixou para seus dedos nus e encolheu os ombros.

— Qual o propósito? Se eu cair, não valho o preço de um resgate. Por que deveria ir para casa, quando os outros soldados que lutam debaixo de minha bandeira, seriam postos em espadas ou no mercado por nossos inimigos? Seria melhor juntar-me a eles na morte ou na escravidão do que viver em paz, sabendo que falhei em mantê-los seguros. — Despejou mais vinho para si mesmo, em seguida entregou o jarro para Galen, que se recusou a beber mais disto.

Suspirando, Styx brincou com a flauta de Galen, que o idoso estava tocando mais cedo.

— Diga-me Galen, como consegue dormir a noite? Não vi nada comparado com as batalhas que sei que lutou e guiou. Por favor, diga-me como ficar em paz com minha consciência.

A respiração do idoso saiu em um bufo.

— É duro, meu senhor. Não mentirei. E saí deste caminho tarde demais.

— Como assim?

Galen agarrou o prato de azeitonas sobre a mesa de Styx, e pegou um punhado.

²⁹ Barqueiro da mitologia grega que carregava os mortos para o Hades (inferno) pelo rio Stix

— Meu pai era um simples fazendeiro, com uma fazenda minúscula. Odiava trabalhar nisto da maneira que não pode nem imaginar. Todo dia, jurava que iria fugir da merda de porco e do arado, não importando o que tivesse que fazer, ou o quem tivesse que matar. E então um dia, vi um exército atravessando nosso campo. O sol refletindo em suas armaduras, parecendo com deuses orgulhosos. Antes que pudesse impedir-me, corri para eles e juntei-me à suas fileiras. Mas nada, nem mesmo nossos abates ou açougue, prepararam-me para os verdadeiros horrores e a fria brutalidade da vida de um soldado.

Ele engoliu em seco.

— Ainda assim, para mim, foi de longe preferível àquela pequena fazenda que desprezava. A fama e a glória, e em particular a riqueza e as mulheres, mantiveram-me distraído por muito tempo. E então um dia, quando meu exército estava viajando por outro rústico campo, vi a mulher mais linda que os deuses já haviam criado. Seu sorriso encantador me deslumbrou até mais do que tinha aquela armadura, quando era um menino, e então parei, bem ali, para falar com ela.

Galen parou saboreando a lembrança de sua esposa.

— Ela me deu dois filhos bons e duas lindas filhas. E enquanto estava na guerra, ela enterrou nossa filha mais nova que foi atacada por uma febre, e nosso filho que caiu de uma árvore e quebrou o pescoço. Ainda odeio, e sempre odiarei a mim mesmo por deixá-la sozinha para lidar com aquilo em minha ausência. — Lágrimas não derramadas brilhavam em seus velhos olhos cinza. — Meu filho mais velho seguiu-me na guerra e fiquei muito orgulhoso. — Sua voz falhou com o peso de seu amor paterno. — Meu Philip era um leão em campo. Alto, forte, respeitoso e glorioso. Olhava para ele e agradecia aos deuses pela benevolência deles, em me dar um filho tão magnífico. Quem era eu para merecer tal dádiva, quando tinha tirado tantos filhos de seus pais?

Engolindo em seco, ele enxugou os olhos e limpou a garganta.

— E então o dia que todos os pais temem chegou. Ainda posso vê-lo, quando escorreguei e caí na batalha. Fiquei lá deitado pensando que era minha hora de ter meu fio cortado pela tesoura poderosa de Átropos. Gritando, Philip correu em minha direção para salvar minha vida. E assim que me alcançou, sua cabeça foi enviada voando por um único golpe do machado do inimigo. — Seus olhos queimavam de raiva, ele passou a mão pela boca. — Rezo aos deuses, jovem príncipe, que nunca saiba o horror que é procurar entre os corpos, tentando encontrar a única coisa neste mundo do que realmente se orgulhava. Não há pesadelo maior e é um que continua perseguir-me até quando estou acordado.

Com uma força insondável, Galen respirou fundo e acalmou suas emoções.

— Depois que meu Philip morreu em uma batalha que não devíamos estar, quebrei minha xiphos pela metade e jurei que nunca mais me curvaria a chamada de Ares. Tinha terminado com ele e Athena. Então me retirei para aquela fazenda que odiava tanto quando menino, e passei os melhores anos de minha vida com minha doce Thia. Observei nossa última criança se transformar

na mais bonita das mulheres, e desejava ter tido mais para dar a minha preciosa Antígona e seus filhos. Então um dia, outro soldado veio a minha porta e me disse que o rei queria que eu tutorasse seu pirralho para a guerra. Ri na cara dele. Mas não para a poderosa moeda que ofereceu.

Erguendo seu cálice em saudação, Galen sorriu ironicamente.

— Como poderia recusar isto? Além disso, isto me deu a oportunidade de bater no filho mimado do homem que me mandou para uma batalha desnecessária, que tirou a vida do meu garoto.

Styx bufou enquanto bebia seu vinho.

— Louvo sobre seu talento, Mestre Tutor. Sempre que o tempo fica frio, ainda posso sentir algumas de suas boas lições em meus ossos, e em particular, em meu pulso.

Galen alfinetou um olhar malévolo nele.

— No momento em que coloquei os olhos em você Alteza, eu o odiei apaixonadamente. Lá estava você, mal alcançando minha cintura, na armadura do tamanho de uma criança, muito mais elegante do que qualquer uma que já usei nas batalhas pelas causas de seu pai, ou meu Philip usou quando foi sacrificado em serviço, por um rei que não se importava em nada com sua vida ou morte. Você mantinha a cabeça erguida com uma arrogância dominante que me ofendeu até o âmago de minha alma. E quis socar meu punho por seu bonito rosto mimado.

— Pelo que me lembro, foi o que fez. E então chutou meu rabo e arrastou minha cara mimada, em uma pilha de bosta de cavalo.

Galen riu com a lembrança.

— E você não disse uma palavra sobre isto a ninguém. Levantou-se, pegou sua espada de treinamento, e me enfrentou como se tivesse aterrissado em uma cama de papoulas. O tempo todo, a bosta pingando de você.

— Estupidamente pensei que gostava de mim, e temia o que faria se você não gostasse.

Galen balançou a cabeça.

— Eu o conheço melhor do que isso, garoto. Mas levou algum tempo antes que pudesse esquecer o meu ódio, e ver que aquilo que confundi com arrogância desdenhosa, era um desafio aflitivo que estava tentando fortalecer contra todos aqueles determinados a assisti-lo queimar, e fazer a coisa certa pelos outros, até quando lhe custava muito caro. Foi este menino, que tinha o coração de um homem, que me ensinou a respeitar a coroa que cresci desprezando. Uma coroa que jurei nunca mais defender. Perdoe-me pela traição, jovem príncipe, mas ainda odeio seu pai e sempre odiarei. Ele não se importa com nada e não pensa nem um pouco naqueles que lutam por ele. Mas você... é e sempre será uma honra para mim, permanecer com você contra qualquer

inimigo. Em batalha, não se afasta e ordena aos outros para morrerem por você. Você nos lidera, e eu o vi, várias vezes, lançar-se contra oponentes muito maiores e mais fortes para proteger seus homens. Vi você carregar soldados feridos, baixos e altos para a segurança, sem considerar seu próprio bem-estar, mesmo hoje quando estava gravemente ferido.

— E eu vejo os rostos de todos aqueles que não pude salvar. Os rostos daqueles que me olhavam nos olhos, enquanto morriam por minha mão. Quem sou para ser a mão do executor deles?

— Você é Styxx da Casa do mais famoso Aricles, o príncipe e herdeiro de Didymos. E um dia, será rei. Quem melhor para governar o reino, que um homem que percebe que não é um deus, e que conhece o valor e o sacrifício daqueles que o servem e protegem seu povo?

— Não me sinto como um príncipe, Galen. — Ele se sentia como um puto cansado.

— E isso Alteza, é o que faz de você o mais digno para usar a coroa de seu pai.

Styxx riu amargamente.

— Gostaria de me ver com seus olhos. — Via somente em si mesmo apenas suas falhas e deficiências.

Para surpresa dele, Galen o puxou para frente até que seus rostos se tocassem, e o segurou em um abraço paternal. Então Galen beijou sua cabeça e o soltou. Ele colocou o vinho na mesa de Styxx e recuperou sua flauta.

— Devia tentar dormir, Alteza. A luz da manhã trará mais batalha para nossas espadas.

E sombras mais fantasmagóricas para assombrar e atormentar sua consciência...

24 de maio de 9531 a.C.

Invisível aos humanos ao redor dela, Bethany escolheu sua passagem através do acampamento grego, procurando por Hector. Ela continuava a ouvir o nome dele, mas sempre era outro soldado que chamavam. Aparentemente, era um nome extremamente popular entre os gregos.

Frustrada e furiosa, ela parou quando se encontrou fora da tenda do Príncipe Styxx, que era defendida por quatro homens.

Sério? Os gregos o odiavam tanto assim?

Repugnada, olhou ao redor para os homens que dormiam ao relento e lutavam por ele, enquanto os usava para trazer os confortos de casa às custas e esforços deles. E um daqueles burros de carga era provavelmente seu amado Hector. Sua raiva aumentou com a pomposidade dele, entrou na tenda e congelou.

Este não era o ambiente luxuoso que presumiu para um jovem príncipe. A tenda estava vazia, com exceção de uma mesa de estratégia, mapas, um punhado de cadeiras dobráveis, uma pequena bacia para se lavar, seu manequim de braços, e uma simples enxerga de soldado no chão.

Ele nem ao menos tinha um travesseiro...

Já vestido com sua armadura preta, Styxx estava atando suas perneiras. Sozinho.

Onde estavam seus empregados?

Seu cabelo estava muito mais curto do que estivera meses atrás, quando o viu pela primeira vez lutando com Athena. Ele o tinha cortado tão curto que não tinha nenhuma indício de seus espessos cachos loiros. E não estava mais limpo e barbeado. Por causa do capacete que usava ontem, não tinha visto que seu rosto esculpido, o lábio superior, e o queixo estavam cobertos por uma suíça escura. Ele cheirava a óleo, sangue, suor, couro, e cavalo. Um clamor longe do cheiro másculo agradável de Hector.

Enquanto armava-se, não havia nenhum medo neste príncipe. Apenas um tormento silencioso que se arrastava até as extremidades de seu coração. Seus olhos estavam sombreados com um tumulto interno e uma inteligência crua, que poucos mortais mantinham. Ele parecia muito mais sábio do que seus poucos anos.

Quando se endireitou, fez uma careta e colocou a mão em seu flanco ferido. Respirou fundo várias vezes, antes de expelir um suspiro longo e sujeitar seu sofrimento. Agarrou suas espadas e afivelou-as. Seus fortes e definidos bíceps e os ombros ondulavam com cada movimento que fazia.

Por que você me fascina tanto? Não conseguia entender isto, especialmente já que seu coração estava reivindicado por um doce, garoto inocente. Não fazia nenhum sentido. Talvez porque o príncipe e Hector fossem da mesma altura. E suas vozes fossem parecidas...

Ambos eram loiros com corpos magros, definido.

Bethany prendeu a respiração quando a comparação golpeou-a novamente. *Você é meu Hector?*

Poderia ser?

Não. Não era possível. Por que o príncipe fingiria ser filho de um comerciante, para passar o tempo com uma pescadora cega? Um homem do posto de Styxx rapidamente a deixaria saber que era bem nascido. E nunca se dignaria a implorar a uma plebeia para ir embora com ele. Por que iria quando possuía o mundo em que vivia?

Todos sabiam quanto o rei de Didymos amava e estimava seu herdeiro. A qualidade excepcional de sua armadura e o cavalo diziam isto.

Nenhum sacerdote se arriscaria a arruinar o corpo deste homem ou sua beleza, com marcas incandescentes.

Sem mencionar que esta poderosa besta feroz nunca seria desajeitado o suficiente para cair do cavalo, e vaguear sozinho pelo bosque até encontrar seu local de pesca. Seu Hector era hesitante e doce. Tímido e inseguro. Não havia nenhuma incerteza nos movimentos do príncipe. Este era um homem que era confiante de seu papel e lugar.

Feroz.

Ninguém teria jamais ousado estuprá-lo.

E Styxx nunca se dignaria a pedir para beijar uma humilde garota camponesa. Pegaria se quisesse isto, e ninguém ousaria castigá-lo por suas ações. E apesar de ter recusado sua oferta ontem quando estava disfarçada como uma jovem de Atlântida, ele mantinha tal magnetismo e ousadia sexual poderosa, que era óbvio que estava bem tutorado no lado físico do domínio de Agapa. O mais provável era que a menina não fosse bonita o suficiente para seu gosto.

Ou mais provável ainda, muito abaixo de seu posto para que a tocasse.

Sem saber da presença dela, Styxx puxou os cadarços de suas braçadeiras para ter certeza que estavam apertados. Revirando os ombros, agarrou seu elmo e escudo, em seguida deixou a tenda.

— O que está fazendo aqui?

Bethany olhou por cima do ombro para encontrar Athena observando-a.

— Verificando minha próxima vítima.

Athena riu.

— Você não derrotará meu campeão. Seu âmagô é de aço, que gente como você não pode entender. Ele tem o coração de um Titã e a mente de um filósofo.

— Todo mortal cai eventualmente.

— Assim como alguns imortais.

Bethany olhou para ela.

— Você trouxe seu exército sobre nossas orlas. Acredita realmente que a deixaríamos chegar tão perto?

O sorriso zombeteiro no rosto de Athena a fez querer arrancar os cabelos da vadia pelas raízes.

— Vocês não nos deixaram chegar tão longe. Acredito que fizemos isto com vocês batalhando conosco a cada passo do caminho. E continuaremos adiante. Os gregos amam meu príncipe escolhido. Eles o seguirão a qualquer lugar.

— Então deixe todos os seguirem para os Campos Elysian³⁰.

³⁰ Na mitologia grega era o lugar de descanso final das almas dos heroicos e virtuosos, governado por Hades.

27 de julho de 9531 a.C.

Styx parou no jardim de Agriosan, o templo sagrado de Bet'anya Agriosa, a deusa atlante da miséria, ira, e caça. Ela parecia ser a mão direita de Dikastis, o deus da justiça. E era a deusa para quem os atlantes rezavam sempre que eram injustiçados. Aquela que infligia justiça e castigo. O testemunho da crença deles nela era os numerosos katadesmo, pedras de maldições, tabuletas e folhas de chumbo, que cobriam seu altar e jardins. Cada katadesmo mantinha a ação específica que o solicitante queria que a deusa tomasse contra a pessoa que achavam que lhes tinham feito mal.

As severas maldições esboçadas em atlante, em extremos vívidos detalhes, o fizeram imaginar quantos katadesmoi Ryssa tinha inscrito para ele em casa, em Didymos.

Recusando-se a especular sobre um número tão grande, ele franziu o cenho para a estátua de Bet'anya no final do átrio, em um grande charco ao ar livre, que o lembrava da de Athena em Didymos. A deusa de Atlântida era alta e esbelta, vestida com um diáfano peplos, que mostrava o esboço de um corpo perfeito, enquanto corria. Ela segurava um escudo decorado com um cavalo alado em uma mão e uma lança na outra, inclinada sobre seu ombro como se estivesse para lançá-la. Um tufo de cachos incontroláveis esparramava-se abaixo de um elmo atlante, que tinha sido empurrado para trás em sua cabeça, para expor suas bonitas feições. No extremo oposto do charco estava a estátua de um soldado feroz que enfrentava a deusa.

Vestido apenas com um chlamys que caía de seu ombro esquerdo, ele mantinha-se em pé, orgulhoso e desafiador, com um elmo bem parecido com o que Styx usava. Seu longo cabelo esparramava-se passando do ombro direito. Segurando uma xiphos na mão direita, enquanto a esquerda segurava uma aljava de flechas.

— Há algo que possa fazer por você, Alteza? — Uma sacerdotisa perguntou nervosamente.

Styx virou-se ligeiramente para ver uma mulher minúscula que mal alcançava o meio do peito dele. Ele ofereceu-lhe um arqueio leve.

— Perdoe-me sacerdotisa, não queria desrespeitar sua deusa ou a você. A porta do templo estava aberta e fiquei curioso sobre a protetora da cidade.

Seu exército tinha derrotado a cidade atlante de Bettias dois dias atrás, e estavam aguardando reforços para contê-los, antes de continuarem adiante para a ilha principal. Desde que a ocupação começou, estavam trazendo soldados atlantes feridos para o templo ao lado, que pertencia ao deus atlante da cura. Styx tinha supervisionado até o último dos feridos, os depositando aos cuidados dos sacerdotes apenas pouco tempo atrás, e quando começou a voltar para seu acampamento, avistou este templo.

Por alguma razão desconhecida, foi atraído para ele.

— Está familiarizado com nossos deuses? — Ela perguntou.

— Tenho um conhecimento limitado, mas nenhuma verdadeira compreensão. Tal como as duas estátuas aqui. Presumo que ela é a deusa que dá nome a cidade, mas não tenho ideia quem é o soldado.

— É um homem sábio que admite o que não sabe, e que não finge saber algo que ignora. — A sacerdotisa sorriu. — O deles é um conto de suprema infelicidade, Alteza. E é por isto que Bet'anya é a deusa da ira e da vingança. Antes de Dikastis ser consagrado como nosso panteão, Bathymaas era a deusa original da justiça e da ordem. A filha de Chaos, que nasceu dos poderes da luz para equilibrar seu pai e o manter do lado do bem. Durante a primeira guerra dos chthonianos, Bathymaas reuniu uma equipe de sete guerreiros chamados Eperon.

— Como em υπερασπιστούν? — Ele questionou. Ēperaspizo era a palavra grega para “reivindicar” ou “defender”.

Ela assentiu com a cabeça.

— O Eperon era composto de dois humanos, dois apollitas, dois atlantes, e um demônio que os treinou e os liderou. Tinham uma sociedade sagrada encarregada de proteger a espécie inteligente da Terra de todas as ameaças. Mãos selecionadas por Bathymaas, cada um era o epítome da coragem, força, integridade e decência. O melhor de sua espécie. E durante a guerra chthoniana, lutaram em defesa dos inocentes.

Styx estudou a estátua.

— Ele foi o demônio que os liderou?

A sacerdotisa balançou a cabeça.

— Ele foi o maior herói da guerra. Indomável e intrépido. Diziam que nenhum exército podia derrotá-lo, e nenhum herói podia matá-lo. Nem mesmo um coletivo de Mavromino, o mais escuro de todos os poderes. E em honra à deusa que serviu, ele fez um voto de virgindade. Seu coração e alma pertenciam apenas a Bathymaas.

Franzindo o cenho, Styx ficou confuso com sua história.

— Não vejo onde o coração partido entra.

A sacerdotisa puxou um punhado de ervas de sua bolsa e soltou-as nas chamas aos pés da deusa.

— Nossa deusa virgem apaixonou-se por seu herói, embora isto fosse proibido, e estava profetizado que jamais devesse conhecer um homem carnalmente, que seria severamente castigada... Tudo o que conseguia pensar era o quanto ele significava para ela. Mantiveram sua relação secreta até o dia em que um inimigo os descobriu. Ciumento e com raiva, o inimigo deles espalhou para todos a notícia do que os dois amantes tinham feito. Para proteger a honra de sua

dama, nosso herói desafiou seu traidor em combate. Mas, antes que tivesse chance de lutar e restaurar o bom nome da deusa, o deus ciumento que queria Bathymaas para si enganou-a atirando uma flecha de chumbo no coração de seu amado. Ele morreu nos braços da deusa, jurando-lhe que nem se levasse dez mil vidas, ele retornaria para ela, e que nunca amaria ninguém mais que sua preciosa Bathymaas.

Styx estremeceu com uma dor solidária. Ele entendia bem aquele sentimento e faria o mesmo por sua própria dama.

— Quando ele morreu, — a sacerdotisa continuou, — levou o coração dela com ele para o túmulo. Ela, que tinha sido uma deusa nascida da luz, abraçou a escuridão com tudo o que tinha, e seguiu o deus que tirou seu herói dela. Este foi o momento em que a retaliação implacável surgiu. Ainda que não pudesse matar o deus, não sem destruir o mundo. E embora os outros deuses a advertissem disto, ela não se importou. Recusou-se a parar até que a justiça fosse feita e tomasse banho no sangue do deus que odiava.

— Presumo que desde que o mundo ainda está aqui, eles a impediram.

Ela assentiu com a cabeça.

— Sem escolha, os outros deuses se uniram para matá-la. Perseguiram-na para o fundo do deserto onde a encurralaram, mas antes que pudessem tomar sua vida, o pai dela, que era um deus principal, impediu-os. Tirou a metade de seu coração partido, a parte a qual pertencia seu herói, e a fez renascer como Bet'anya, o que significa “Casa da Infelicidade”. Dizem que será uma deusa da escuridão até o dia em que seu Aricles renascerá e deixará seu coração inteiro novamente.

Styx franziu o cenho para o nome familiar e inesperado.

— Aricles?

A sacerdotisa inclinou a cabeça para ele.

— Ele era o irmão do príncipe que fundou sua linhagem real. Depois que morreu, seu irmão mais jovem ficou com seu nome para honrá-lo.

Isso o confundiu ainda mais.

— E então você honra um herói grego no templo de sua deusa atlante?

Os olhos dela chamejaram de indignação.

— Os atlantes nunca honraram nenhum grego.

Mas se aquilo era verdade...

— Esta me dizendo que sou um atlante?

— Didymos foi nossa ilha externa uma vez.

Estranho... nunca ouvira aquilo antes e não estava certo se deveria acreditar nisto.

— Se duvida de mim Alteza, ainda existem mapas da construção da capital da cidade que mostra isto.

Fascinante.

— Quando nos tornamos gregos?

— Mil e duzentos anos atrás, o rei casou-se com uma princesa grega. Seu herdeiro era apenas um bebê quando ele morreu, e a rainha convidou seu irmão para governar até que a criança tivesse idade o suficiente para o trono. O irmão dela começou imediatamente a converter os templos atlantes para seus deuses, e a criança cresceu com eles e suas maneiras, achando-se grego. Sua mãe nunca lhe contou a verdade. Didymos pertence à Grécia desde então.

Styx começou a negar isto, mas quanto mais pensava sobre isto, mais fazia sentido. Didymos era fisicamente mais perto de Atlântida do que da Grécia, e por isto era tão importante mantê-la estrategicamente. Isto também explicaria por que os templos de Didymos tinham mais em comum com os templos de Atlântida do que com os gregos.

— Sou parte apollita, então?

— Não. Sua linhagem é atlante pura. De uma de nossas mais antigas casas. Mas infelizmente, seu sangue está poluído agora. Existe muito pouco de Atlântida dentro de você.

Ainda sem estar certo se deveria acreditar nisto, Styx retornou a conversa para o tópico anterior.

— Então a deusa agora se senta e espera por seu Aricles?

— Infelizmente ela não tem nenhum conhecimento dele. Para evitar que o lamentasse, seu pai removeu a memória de Aricles do coração dela. Não tem nenhum conhecimento de sua existência anterior e função.

— Como isto é possível?

— Seu pai a fez renascer da tristeza e foi-lhe dito que é uma descendente de Bathymaas, e que elas compartilham alguns poderes. Mas, até que seu herói retorne, ela nunca saberá a verdade. O mundo não pode sofrer por causa dela.

Styx franziu o cenho para a história.

— Como é que sabe algo que sua deusa não sabe?

— Porque eu estava lá quando aconteceu, e era uma das criaturas que ajudaram a prendê-la.

Styx recuou quando a sacerdotisa se transformou em um demônio alto e robusto.

— Como ousa sujar o templo de Agriosa, porco grego! Pode ter nascido da Casa de Aricles, mas não é ele! Você não é nada além de um cão humano, impróprio de respirar o ar de Atlântida. — O demônio o empurrou para trás. — E nossa deusa tem uma recompensa acirrada sobre sua cabeça que pretendo coletar.

Styx teve tempo apenas de desembainhar sua espada antes que o demônio atacasse. A besta cuspiu ácido nele. Esquivando-se, apunhalou o demônio e retorceu-se para longe.

Pegou-o na parte de trás de sua armadura. Styx sentiu a marca de Apollo aquecer, antes que algo explodisse o maldito demônio contra a parede do jardim. O demônio caiu amontoado no chão. Rindo, enxugou o sangue de seu rosto.

— Cuidado sobre os deuses que o protegem, cão. Um dia, todos irão abandoná-lo e mostrar-lhe os vermes que verdadeiramente são. — Ele desapareceu em uma nuvem de odor fétido.

Styx esquadrinhou o jardim, procurando por outros atacantes, enquanto recuava para a saída do templo e retornava para a rua.

Então, Agriosa tinha uma recompensa por ele. Perfeito, simplesmente perfeito.

Quanto a Apollo... Styx estava agradecido pela marca que o protegeu do demônio, mas honestamente, teria preferido ter sido estripado à passar pelos horrores daquela noite. Ele ainda tinha ataques de pânico e retrospectos disto. E não tinha nenhuma dúvida de que Apollo iria eventualmente retornar para ele. O deus retornava para todos os amantes que tomava.

Apenas não me deixe morrer aqui. Sozinho. Não neste miserável país que nunca abrigou nada mais, exceto a miséria absoluta para ele e seu irmão.

Se tivesse que morrer, queria ser como seu antepassado estimado e morrer nos braços da mulher que amava, com seus lindos olhos castanhos dourados sendo o que carregaria com ele para a eternidade.

Mas no fundo de seu âmago estava o medo de que seria Apollo que o mataria, e o olhar frio daquele bastardo que estaria para sempre implantado em sua mente.

08 de agosto de 9530 a.C.

Um ano depois

Styxx olhou por cima do mapa em sua mesa enquanto ouvia uma fanfarra alta lá fora.

O que...?

Ele sabia que seu pai não consideraria visitar um acampamento de guerra, especialmente não um em terra estrangeira. E definitivamente, não depois de todo este tempo. Curioso, foi para fora investigar o distúrbio então congelou ante a visão inesperada de seus homens juntos ao redor de sua tenda.

Eles estavam se revoltando?

Diferente de seu cheiro coletivo, que era altamente ofensivo...

No que lhe dizia respeito esse assunto, ele rivalizaria com a parte de trás do seu cavalo também. Não havia nenhum modo de ficar limpo e lutar uma guerra.

Outra onda de brindes irrompeu deles.

— Feliz aniversário, Príncipe Styxx! — Eles gritaram em uníssono, e então brindaram novamente.

Seu cenho franzido se aprofundou.

— Obrigado, mas não é meu aniversário.

— Nós sabemos. — Gaius, um hiparca³¹ que liderava uma de suas unidades de cavalaria, disse enquanto avançava. — Mas soubemos que foi semanas atrás e você não disse nada sobre isto.

Styxx varreu seu olhar por cima dos homens em seu acampamento.

— Não sou o único aqui que teve um aniversário que passou despercebido enquanto estivemos lutando.

Seus homens caíram sobre o joelho diante dele.

Completamente confuso, ele não estava certo de como reagir a seu súbito gesto de dobrar o joelho em deferência diante dele. Na verdade o deixava nervoso.

³¹ Comandante da cavalaria, na Grécia antiga.

Gaius se levantou e trouxe um manto vermelho claro dobrado para ele e o colocou em suas mãos.

— Não é muito, Alteza, mas é tudo que pudemos adquirir sem quebrar suas leis de conduta. Nós fomos juntos comprar isto na cidade por onde passamos ontem.

Espantado com a consideração deles, Styxx o segurou ternamente.

— Obrigado. A todos vocês. Na verdade este é o presente mais nobre que já recebi e devo apreciá-lo como um tesouro.

Gaius o saudou.

— Nós sabemos os sacrifícios que você fez ao nosso lado, Alteza, como também o fato que nos paga extras do seu próprio salário de oficial e não toma quase nada para si mesmo. Embora tente esconder isto, vimos que você vende artigos pessoais para comprar remédios e suprimentos para nós quando precisamos deles, e reduz os seus próprios quando os suprimentos estão escassos de forma que o resto de nós não fique sem. Tudo que você faz por nós tem sido apropriadamente notado e profundamente apreciado. Não há nenhum príncipe ou rei que teria permanecido ao nosso lado ao longo destes últimos dois anos sem ir para casa por alguns dias de conforto. É por isso que nós te respeitamos e seguimos.

— Isso e a glória das vitórias que tivemos. — Um dos homens gritou da multidão.

Riso ecoou.

Subjugado por sua generosidade, Styxx engoliu em seco.

— Que os deuses continuem a nos abençoar com vitória.

— Que os deuses nos abençoem. — Eles repetiram então começaram a entoar seu nome.

Um por um, eles vieram se curvar diante dele.

Humilhado até o fundo do seu ser, Styxx ficou em pé pacientemente e falou com cada membro de seu exército.

Galen foi o último a se aproximar dele.

— Está tudo bem com você?

— Meu ombro está me matando. — Ele disse baixinho enquanto sorria vendo a partida dos seus homens. — Eu podia realmente usar uma cadeira.

Rindo, Galen segurou a ponta da tenda aberta para ele.

— Venha e sente-se, Alteza.

Styx obedeceu e cuidadosamente colocou seu manto em sua mesa. Abafando um gemido, ele se sentou e suspirou. Mais cedo, durante o dia, quando estava lutando, uma lança de madeira quebrada o apunhalou atravessando pela axila de sua armadura.

Da próxima vez que Bethany desse a ele um amuleto de proteção, ele se certificaria que ela incluísse objetos de madeira.

E falta de jeito.

— Você contou a eles que meu aniversário passou? — Styxx perguntou.

Galen deu de ombros.

— Mencionei sem querer para Gaius três dias atrás. Não tinha nenhuma ideia que eles fariam isto.

Styx sentiu lágrimas arderem em seus olhos pelo presente inesperado que significou tanto para ele. Mas não deixaria Galen vê-lo lamentando como uma mulher velha.

— Espero que não tenha contado a eles minha idade.

— Não sou nenhum bobo, Alteza. Apesar de eles saberem que você é jovem, não há necessidade de saberem o quanto seu estimado líder vitorioso realmente é verde. Poderia mandá-los gritando para casa.

Realmente poderia.

Dezoito. Recém completados. E ainda se sentia velho.

Mudando de assunto, Styxx tomou um gole de vinho.

— Já ouviu falar sobre sua Antígona? — Eles receberam um mensageiro no início do dia, e era raro não ter pelo menos uma missiva ou presente para Galen de sua filha.

Galen puxou um colar de conchas debaixo de sua couraça então se sentou próximo a Styxx de forma que pudesse lhe entregar.

— Ela e minha neta me enviaram isto. Estão todos bem e não podem esperar para ver meu rosto grisalho novamente. E sua família?

— Todos bem. — Styxx adivinhou. Ainda que, honestamente, não sabia ao certo. Ninguém, nem mesmo seu pai, entraram em contato com ele. Imaginou que se Didymos tivesse sido invadida ou algo acontecido com eles, sua família mandaria dizer.

Mas dia após dia, quando mensagens chegavam a ele de outros comandantes militares e reis, eram relacionadas com a guerra, não com votos para que estivesse bem. Entretanto, para ser honesto, gostava de pensar que Bethany, apesar de sua cegueira, teria enviado coisas para que ele soubesse que ela sabia seu nome real. Por tudo que ele sabia, ela tentou inúmeras vezes.

Pelo menos que era o que ele esperava e fingia.

Não querendo contemplar seu medo que ela encontrasse outro homem durante sua ausência, Styxx empurrou seu queixo em direção à mesa onde seus mapas estavam espalhados.

— Estava revendo nosso progresso. Devemos atingir a costa do continente de Atlântida em quatro dias.

— Eu ouvi do mensageiro mais cedo que os barcos estão sendo preparados. Nossos homens estão ansiosos para dançar no salão de Apollymi, na capital.

Durante os últimos meses, eles conquistaram seis das ilhas periféricas e os prenderam até que mais forças gregas foram enviadas para ocupá-las, enquanto Styxx marchava em direção à capital da Atlântida. Foi ele quem teve todo tipo de sucesso contra seu mais forte inimigo. Pelo que ouviram através dos mensageiros, o resto das forças gregas estavam sendo destruídas por seus inimigos em casa.

Mas se Styxx e seu exército pudessem tomar o capital de Atlântida e invadir o palácio lá, eles ganhariam esta guerra apesar das perdas que os outros exércitos tomaram. Ele não podia esperar por isto.

— Você já esteve na capital de Atlântida, Alteza?

Styxx tentou não pensar na última vez que viu seu irmão e as coisas ofensivas que ambos disseram um ao outro.

— Estive.

— É tão avançada quanto dizem?

Outra coisa que ele preferia não ter para desviar sua atenção.

— É.

Galen encontrou seu olhar acima do mapa.

— Você realmente acha que nós podemos vencer isto, Alteza?

— Sim, acho. — E Styxx tinha toda a intenção de cravar sua retribuição em várias gargantas atlantes aristocráticas.

Tanto por ele quanto por para Acheron.

10 de agosto de 9530 a.C.

Bethany se afastou para assistir Stygian Omada atravessar outra linha de defesa de Atlântida, apesar das habilidades superiores de seu povo. Enquanto seus irmãos estavam vencendo a luta em solo grego e aniquilando suas casas reais, Styxx estava detonando com eles em casa.

Como isso era sequer possível? Era como se ele pudesse ler suas mentes. Cada tática usada, ele os dirigia com uma habilidade que ia além de sua idade. Repetidas vezes usava manobras do tipo que nenhum deles jamais viu. De alguma forma ele despojou cada fraqueza de guerra grega que seu povo sempre invocou para garantir a vitória.

O bastardo era invencível.

E nas últimas batalhas, enquanto o via superar oportunidades bizarras incríveis e emergir vitorioso quando deveria ter sido colocado em seu túmulo, ela teve uma percepção sobre sua verdadeira identidade.

Era a única coisa que fazia sentido.

Que ironia realmente. O próprio filho que Archon despedaçara seu reino para achar, tinha voltado marchando para casa com um exército grego em seu rastro...

Styxx de Didymos era o filho escondido de Apollymi. Ela apostaria sua vida nisto.

Incitando seu cavalo a fazer a volta, Bethany voou para longe da batalha onde Styxx estava ocupado fazendo os atlantes recuar, e entrou no reino que seu bisavô tinha governado até que os outros deuses juntaram forças para fazer disso a prisão de Apollymi.

Pelo menos até que Apostolos estivesse morto.

Escuro e lúgubre, Kalosis não era a ideia de ninguém de um destino de férias. A menos que realmente os motivos fossem aterrorizantes. Ironicamente, este era o lugar onde Bethany passou a maior parte de sua infância, e um de seus lugares favoritos.

O que dizia muito sobre sua personalidade.

Bethany ignorou os demônios Charonte que a observavam com desconfiança enquanto ela caminhava para o palácio escuro no centro do reino do inferno. Mal vestido, o Charonte era uma raça de demônio perigosa cuja pele era composta de cores que giravam em rodado, normalmente só duas, mas ocasionalmente mais. Tinham asas que combinavam com a cor de seus chifres e seus olhos eram sempre assustadores.

— Onde está Apollymi? — Ela perguntou ao demônio azul mais próximo dela.

— No pátio dos fundos. — Ele disse em seu sotaque único cantante e monótono.

Ela foi refletindo em direção ao corredor escuro abaixo, com cortinas que ondulavam com um vento sem origem.

Bethany empurrou abrindo as grandes portas de vidro que davam para um pátio com enormes paredes de mármore pretas.

Apollymi estava sentada diante de uma fonte que corria para trás até a parede. Usando um vestido preto esvoaçante, a deusa da destruição era tão deslumbrante quanto letal. Seu cabelo longo e branco estava trançado descendo por suas costas e seus olhos um rodado de prata viam bem mais que os outros.

Archon tinha razão para temê-la. Ela não tinha piedade ou compaixão.

— Por que está aqui? — Apollymi grunhiu.

— Descobri o segredo mais desejado de todos os tempos e queria sua ajuda para lidar com isto.

Apollymi deu um sorriso afetado.

— Que segredo é este que você descobriu?

— Seu filho está liderando um exército para dentro de nossa capital.

O sorriso de Apollymi se transformou em uma sobrancelha arqueada e uma expressão inocente.

— Meu filho?

— O Príncipe Styxx de Didymos. Ele é Apostolos, não é?

Apollymi riu alto então se voltou para sua lagoa.

— Boa tentativa. Errada, mas te dou pontos pela criatividade.

Bethany não acreditou nela nem por um segundo.

— Eu sei que é ele.

— Então por que não me traiu com os outros?

— Porque ultimamente vim a entender... seu sacrifício.

Desta vez, a risada de Apollymi foi cruel.

— Você está falando sério que a deusa da miséria e ira está apaixonada? Realmente espera que eu acredite nisso?

— Por que não? Se a deusa da destruição total pode amar... por que não eu?

— Oh, Bet... você é ingênua e tola. E se você estivesse realmente apaixonada, todos nós saberíamos disso. — Apollymi correu sua mão através da água preta. — Meu filho voltará para casa logo, mas ele não vai precisar de um exército estrangeiro para destruir este panteão. Agora vá e deixe-me antes que me lembre de quanto odeio todos vocês.

— Certo, eu vou. Mas queria que você soubesse que os deuses se reuniram e vão matar Styxx no momento em que ele pisar na praia principal. Como um só.

— Isso não me interessa nem um pouco.

Bethany não estava tão certa sobre isto. Embora Apollymi parecesse estar dizendo a verdade, houve um leve faiscar em seus olhos quando Bethany mencionou o nome do Styxx a primeira vez.

O príncipe significava algo para a deusa. Mas se ele não era seu filho, o que era para ela?

11 de agosto de 9530 a.C.

Os deuses de Atlântida se sentaram juntos em seu salão de mármore branco enquanto discutiam o avanço do exército grego que nenhum de seus povos pôde dominar ou fazer recuar.

— Como? — Archon rosnou para os deuses que estavam na frente de seu estrado. — Estamos mais bem armados. Tecnologia superior. Nossos soldados têm habilidades psíquicas, e ainda assim este humano fraco e pútrido e seu exército são capazes de nos passar a perna e chutar nossas bundas coletivas. Pelo amor de nós, alguém pode me dizer como?

Eles trocaram olhares nervosos e enojados.

— Um deus o protege. — disse Bethany, abrindo caminho entre a multidão até que ficou na frente de Archon. — Eu não sei quem, mas é um poderoso. Sempre que tento atirar nele, desvia-se como se pudesse enxergar... o que todos nós sabemos que é impossível.

— Apollymi? — Archon perguntou, indo diretamente para sua suposição inicial.

Dikastis, seu deus da justiça, sacudiu sua cabeça.

— Não pode ser. Não há nenhuma maneira de seu filho estar em Atlântida liderando um exército sem nós sabermos disso. Ele está usando poderes, mas não são nossos. Todos nós sentiríamos se fosse.

— Talvez ele seja apenas muito bem treinado e mais inteligente que nossos exércitos.

Todos se viraram para enfrentar o deus do mar, Ydor. Alto e de cabelos escuros, ele estava em pé separado do resto do grupo.

— O quê? — Ele perguntou inocentemente. — Diga-me que nenhum de vocês teve este pensamento. Já viram este menino? Ele é uma fera no campo de batalha. Há uma fúria queimando dentro dele que é desencadeada no minuto que pega uma espada na mão. Nunca vi um mortal tão destemido. É como se ele estivesse nos provocando para matá-lo e quisesse morrer... Ele definitivamente não é um deus com essa mentalidade.

Archon voltou sua atenção para Bethany.

— Você disse que ele era o campeão de Athena?

Ela assentiu com a cabeça.

— Mas não é Athena que o protege na batalha. É um deus mais antigo. Certamente o restante de vocês sentiu isto também.

Misos concordou com ela.

— Ela está certa, irmão. Eu tentei derrubá-lo com minha própria mão e ele quebrou meu machado.

Com seu rosto ficando vermelho, Archon rugiu furiosamente.

— Então como vamos deter este príncipezinho de merda?

— Apollo. — Movendo-se adiante para falar, Epithymia varreu seu olhar em torno dos deuses reunidos. — Por mais que me irrite dizer isto, aquele grego bastardo é nossa única esperança.

Archon bufou de escárnio pela sua proposta.

— Ele quer este trono. — Pontuou a palavra com um tapa no descanso de braço da cadeira. — Por que ele deteria seu melhor comandante para nos ajudar?

— Porque se os gregos tomarem Atlântida ele teria que compartilhar nosso domínio. Ele estaria como está agora... só outro deus no panteão olímpico, governando aqui debaixo de Zeus. — Epithymia se dirigiu ao grupo inteiro. — Como você disse, as ambições dele são maiores do que isto. Ele quer se sentar em seu trono e todos nós sabemos disso. Não quer o panteão grego aqui mais do que nós. Ele quer que nós os conquistemos, e é por isso que estamos vencendo na Grécia.

Sentando de volta em seu trono, Archon coçou sua barba enquanto considerava suas palavras.

— Faz sentido, e você está certa sobre suas ambições. Mas não podemos dizer a ele a verdade sobre por que precisamos de sua ajuda para lidar com este... humano. Ele zombaria da gente. Então como vamos convencê-lo à nossa causa?

Epithymia deu a ele um olhar divertido.

— Use sua luxúria contra ele. Para um deus de moderação, a libertinagem de Apollo é bem conhecida e documentada. Ele cravará as unhas em qualquer coisa. Animal, vegetal, mineral.

Archon assentiu pensativamente.

— Dizem que a princesa de Didymos é a mais bela de todas as mulheres gregas. Nós podemos usar a irmã do príncipe contra ele. Se a amarrarmos a Apollo, o Rei Xerxes recordará a seu filho e seu exército da cerimônia... deixe-os pensar que Apollo está mudando de lado para estar com a mulher.

Epithymia sorriu.

— Nós dizemos a Apollo que pretendemos usar a trégua para solidificar nossa posição para um ataque maior à Grécia no futuro. Mas que precisamos de tempo para isto.

— Ele é burro o suficiente para engolir isto. — Misos disse com uma risada.

— Bet'anya? — Archon a alfinetou com um olhar. — Você negocia com os gregos.

Ele estava falando sério?

Boquiaberta, ela estava incrédula.

— Eu pareço com Hermes ou, — ela apontou para o belo deus em pé à direita de Archon, — Hephaestion? Eu não sou um deus mensageiro.

— Não, mas é mais poderosa contra Apolo do que nós. Você tem dois panteões que pode convocar. E enquanto ele nos despreza, ele teme a seu pai... e você.

Ah, certo, jogue isso na sua cara. Como ela poderia ajudar? Mas sabia que era inútil discutir. Archon era um completo idiota desse modo.

Bethany levantou as mãos em sinal de rendição.

— Certo. O que você quer que eu diga exatamente?

— Que se ele nos ajudar com isto, nós derrubaremos os deuses do Olimpo e deixaremos a Grécia inteira para ele e seus apollitas.

E isso definitivamente apelaria para o deus e seu enorme ego.

Bethany suspirou.

— Tudo bem. Vou me encontrar com ele. Mas, pelo meu serviço, há uma coisa que eu quero.

Archon arqueou sua sobrancelha.

— E qual é?

Bethany hesitou. Porém, neste ponto, ela não se importava mais se eles zombassem dela pelo seu amor. Apesar de ela se esforçar ao máximo, foi incapaz de localizar uma pessoa cuja vida era importante para ela. E não estava prestes a fazer isto e colocá-lo em perigo.

— Um soldado grego chamado Hector de Didymos. Ele não será prejudicado na luta por ninguém, deus ou qualquer outro.

Ele inclinou sua cabeça para ela.

— Concordo. Agora vá e vamos ver se este grego bastardo sai das nossas costas e de nossas terras.

* * *

Bethany andou de um lado para o outro do lado de fora do templo de Apollo, em Delfos. Apesar de apreciar a arquitetura e beleza da ilha, odiava este lugar e ao deus que o reclamou como lar.

— Meu pai estará com você em breve.

Ela fez uma pausa para estudar Strykerius. Como Apollo, ele era alto e dourado com vívidos olhos azuis que rivalizavam os do Styxx. Os dois príncipes eram provavelmente da mesma idade também. Porém, para ser sincera, Styxx parecia muito mais velho e mais experiente.

— Você é parte atlante? — Ela podia cheirar isto nele. Ao contrário do deus do Olimpo, o filho do Apollo possuía muitos de seus poderes.

— De minha mãe, a rainha.

Bethany franziu o cenho ao se lembrar de Archon e dos outros matando a criança que Strykerius dizia ser.

— O seu filho não morreu ao nascer?

— Strykerius! — Apollo vociferou, fazendo o menino saltar em resposta. — Vá para dentro e nos deixe.

Havia algo extremamente estranho nisso tudo, mas não tinha tempo para se preocupar com isto. Ela tinha um deus idiota para conquistar.

— O que posso fazer por você, priminha?

Ela se encolheu perante o jogo de Apollo sobre os rumores que a deusa egípcia Isis deu à luz a ele. Mas Bethany não se deixou enganar. Sua tia tinha um gosto muito melhor do que se deixar engravidar por Zeus. Não existia néctar suficiente ou vinho no universo para aquela união.

— Fui enviada para negociar os termos.

Apollo deu um sorriso forçado.

— Cansados de terem suas bundas manuseadas por um príncipe grego?

Ela olhou para ele.

— Certo. Eu não preciso disto. Posso ir para casa no Egito e viver bastante feliz enquanto você toma o segundo trono de Zeus, como sempre faz. — Ela começou a partir.

— Espere!

Bethany se virou para encará-lo.

— Sim?

— O que exatamente você está me pedindo?

— Eles querem que você copule com uma princesa grega para distrair seu povo e panteão enquanto nós fortalecemos nosso exército e posição, para renovar esta guerra posteriormente. Nós tomamos a Grécia e derrubamos sua adorável família, e então a entregaremos para você desfrutar.

— Por que você faria isto?

— Porque os atlantes, ao contrário dos gregos, nunca desejaram guerra. Nós preferimos viver em paz. Se a Grécia tiver um único deus, ele — ou neste caso, você — estará muito ocupado para virar seus olhos para nosso litoral. Então os gregos podem ser possuídos por seus apollitas, seu filho terá um trono, você governará o Olimpo e nós poderemos ser deixados em paz.

— E com qual princesa você quer que eu copule?

— A de Didymos.

Um sorriso se estendeu por todo seu rosto.

— Didymos? É mesmo? Eu preferiria muito mais ter seu príncipe que sua princesa.

Bethany deu de ombros com indiferença.

— Por mim você pode ter a ambos que pouco me importo. Mas eu não usaria o príncipe para negociar. Até mesmo os gregos tendem a desaprovar o oferecimento de seus filhos como prostitutas para seus deuses.

Apollo riu.

— Você é sábia, Bet'anya. E você está certa... a propósito, agradeça a Archon por esta alavancagem. Eu apreciei e me lembrarei disto.

Ela inclinou sua cabeça para ele.

— Divirta-se com seu príncipe. Só tire aquele bastardo de nosso litoral.

— Não se preocupe. Ficarei feliz em fazer ambos.

15 de agosto de 9530 a.C.

Com Galen ao seu lado, Styxx assistiu com sombria determinação enquanto seus homens embarcavam nos navios que os levariam para as costas do continente de Atlântida.

Dentro de horas, eles içariam as velas. Ao anoitecer, eles tomariam as praias, e no raiar do dia eles possuiriam Atlântida, e cada atlante se curvaria ao seu Stygian Omada...

— Príncipe Styxx!

Ele se virou ao grito agudo quando um mensageiro entrou no acampamento em uma corrida desabalada. O menino puxou as rédeas do seu cavalo e saltou. Correu para Styxx e se ajoelhou, então estendeu um pergaminho enrolado em direção a ele.

Esta merda não pode ser boa...

Não dada a expressão do garoto ou sua pressa. O medo montando nele mais duro do que o mensageiro fez com seu cavalo, Styxx tomou o pergaminho e viu seis selos reais nele, das maiores cidades soberanas que eram suas aliadas. Aqueles selos incluíam o do seu pai. Nunca nos últimos vinte e um meses seu pai enviou qualquer coisa para ele. E nada assim oficial.

Styxx podia sentir em sua alma que seu dia estava prestes a ser arruinado.

Abriu o rolo de pergaminho e leu. E a cada palavra, seu queixo caía mais. Não... Não depois que eles chegaram tão longe e conseguiram chegar tão perto.

Seus estúpidos filhos da puta.

— Aconteceu alguma coisa, meu senhor? — Gaius perguntou.

Styxx estalou sua mandíbula, fechando-a.

— Estamos sendo chamados de volta para a Grécia. — Ele enunciou cada palavra com grande irritação.

— O quê? — Galen rugiu.

Styxx lhe entregou o pergaminho.

— Todos os reis são unânimes. Eles nos querem de volta à Grécia. Imediatamente. Vamos abandonar todas as futuras campanhas. Se continuarmos nos acusarão de traição.

Galen ficou para trás e deixou escapar indignações enquanto Styxx ia retransmitir suas novas ordens para seus comandantes.

Ainda não podia acreditar nisso, mas desde que todos os reis gregos estavam juntos na decisão de cessar fogo, ele não tinha nenhuma escolha. Se continuasse, veria seu exército inteiro sacrificado.

E seus homens não estavam mais felizes com as notícias do que ele ou Galen.

Sua única queixa sonora era tão unânime quanto a decisão dos reis de parar... *Não é justo que sejamos penalizados porque o restante das forças gregas são perdedores incompetentes.*

Styx concordava com seus homens, mas não podia dizer isso em voz alta.

— Nós somos soldados e obedecemos ordens.

Mesmo quando elas fediam ao ponto mais alto do Monte Olimpo.

— Mas pelo menos vocês todos irão para casa ao encontro de suas famílias agora. — Styx ofereceu como consolo.

Isso enviou uma saudação por suas fileiras desanimadas. E na verdade, Styx não podia esperar para rever Bethany. Fazia quase dois anos desde que sentiu pela última vez sua mão no seu rosto. Via seus doces olhos verdes dourados enquanto o acolhia ao seu lado.

Felizmente ela não achou outro para amar durante sua longa ausência.

Quando retornou para sua tenda, sentiu a marca do sol esquentar em suas costas até que queimou. Styx congelou.

Apollo estava aqui? Ou outro demônio, talvez? Por que qualquer outra razão a marca faria isto? Dando uma olhada por cima do ombro, empurrou seu medo de lado. Eles estavam indo para casa. Por que os atacariam agora?

Entretanto, por que os deuses fizeram tudo que fizeram?

— Odeio vocês, cretinos, — ele rosnou baixinho para os deuses. — Tudo vocês já fizeram foi estragar minha vida. Gostaria que cada um de vocês fosse embora.

E Styx esperava que nunca tivesse que ver outro deus em carne e osso enquanto ele vivesse.

31 de agosto de 9530 a.C.

Galen freou seu cavalo e sorriu.

— Cheire esse delicioso ar com aroma de azeitona, meu senhor... estamos de volta à Grécia.

Styx bufo com o entusiasmo atípico de Galen.

— Acho que a batalha pode ter confundido seus cérebros. Não cheira nem um pouco diferente para mim.

— Claro que cheira!

Styx ridicularizou.

— Eu posso estar errado, mas realmente não acho que o vento para em nossas fronteiras.

Galen balançou a cabeça fazendo um *tsc* para ele.

— Tanto patriotismo em um herói de guerra tão estimado. Você devia ter vergonha.

Sacudindo sua cabeça, Styx varreu o olhar sobre os soldados que lutaram bem e trouxeram honra para todos eles e suas várias cidades soberanas. Mas mesmo assim, existia uma escuridão dentro dele que não estava lá antes. A batalha o mudou. Assim como Estes foi ruim e as atrocidades que seu tio retorcido cometeu, Styx tinha visto um lado muito pior da humanidade que o fez se perguntar por que ele lutava afinal. O que existia na humanidade que valesse a pena salvar?

Você não luta por eles. Luta por Beth e sua vida, só.

— Alteza?

Ele olhou para cima quando Gaius cavalgou até seu lado oposto.

— Sim?

— Há uma hospedaria não muito longe daqui. Nós estávamos pensando se poderíamos acampar perto dela hoje à noite?

— Nós? — Styx olhou para trás ao seu exército.

Gaius deu a ele um sorriso lascivo.

— Existem mulheres lá, Alteza, e já passou um bom tempo para alguns de nós.

Styx trocou um olhar divertido com Galen.

— Se é o que todos vocês desejam. Quem sou eu para negar?

Gaius gritou de felicidade antes de ir contar os outros.

Galen suspirou.

— Queria ser jovem novamente.

— Você não é tão velho.

— Velho suficiente... — Galen cutucou seu cavalo adiante. — Então Alteza, vamos jogar dados em sua tenda hoje à noite enquanto os outros se divertem com suas mulheres?

Styxx ergueu sua sobrancelha ante a presunçosa pergunta.

— Como sabe que não estarei me juntando aos homens?

Galen bufou ao seu desafio.

— Porque conheço o olhar de um homem que quer ir para casa para uma mulher em particular, e nenhuma outra fará. Nem mesmo quando se passou quase dois anos para ele.

Styxx reprimiu um sorriso sobre o fato que Galen o conhecia melhor que ninguém. Uma parte dele odiava ser tão transparente, mas outra estava feliz em saber que pelo menos uma pessoa o via como ele era e não o que eles assumiam que ele fosse.

— Os dados então.

Galen riu.

— Estou ansioso para finalmente te derrotar em alguma coisa novamente.

* * *

Horas mais tarde, Styxx se sentou em sua tenda pensando em sua bela Bethany enquanto seus homens se dividiam entre o acampamento e a cidade, onde a hospedaria estava localizada. Os sons da folia eram altos, uma cacofonia. Misturavam-se com as vozes em sua cabeça até que mal podia pensar direito. Existia simplesmente muitos deles.

Sozinho, ele rolou os dados em sua escrivaninha esperando Galen se juntar a ele. Tinha tirado o colar de Bethany e o deixou ao alcance da mão. Sorrindo, ele o levantou e esfregou seu polegar em cima da marca de arco e flecha que estava estampada em um pequeno disco de prata. Muitas mulheres de sua idade eram devotas da deusa Artemisa que parecia ser uma protetora feroz de mulheres e crianças. E rezou para que a deusa sempre protegesse sua amada de todo mal.

Bethany era a única razão por que ele queria ir para casa e era tudo que sempre esperou ansiosamente.

Logo, meu amor. E desta vez, vou agarrar você para sempre. — Fechando seus olhos, conjurou a visão de seu belo rosto. Seu corpo endureceu imediatamente enquanto a imaginava dançando para ele novamente. Ela segurando-o perto enquanto faziam amor com toda a necessidade que manteve sob feroz restrição pelos últimos dois anos.

Houve uma súbita batida.

Desejando que pudesse ficar em seus sonhos com ela por mais algum tempo, Styxx abaixou seu colar e agarrou seu vinho.

— Entre.

Um soldado ateniense que ele nunca viu antes entrou, levando um pequeno grupo de homens vestidos de forma semelhante.

— Príncipe Styxx?

— Sim?

— Nós ouvimos que você estava chegando a qualquer momento, e queríamos dar as boas-vindas ao lar ao seu exército.

— Obrigado. — Styxx inclinou sua cabeça quando percebeu que os sons lá fora ficaram muito mais silenciosos.

Um sentimento ruim o atravessou quando deu um olhar de relance para suas armas e armadura do outro lado da tenda, próximo ao seu palete. Naquele momento, ficou claro para ele que um de seus dekammatoli³² devia ter escoltado estes homens em sua tenda e não fez.

Styxx estreitou seu olhar neles.

— Então, o que posso fazer por vocês?

— Em suma, Alteza... você pode morrer. — O líder saltou adiante.

Styxx rolou da cadeira. Ele esmurrou o primeiro soldado no plexo solar, chutando-o para trás. Quando ele deu meia volta passando para o segundo, o terceiro deslizou um punhal em seu flanco antes dele poder se esquivar. Styxx silvou de dor então o chutou de volta. Mas era muito tarde. O primeiro se recuperou e o apunhalou nas costas.

Suas orelhas zumbiram do ódio deles e de sua dor. Styxx caiu no chão enquanto eles despejaram punhaladas nele. O sangue quente correu sobre sua pele até que o cobriu.

O líder deles chutou suas costas e se inclinou em cima de seu corpo ensanguentado com um sorriso desdenhoso.

³² Dez homens escolhidos a dedo para protegê-lo.

— Um presente de retorno ao lar, príncipe, dos comandantes que não foram vitoriosos na guerra. — O soldado usou seu punhal para alfinetar a mão que segurava a espada do Styxx no chão.

Rindo, eles o deixaram lá para morrer.

Com dificuldade de respirar, Styxx olhou fixamente para o punhal thraciano enterrado na palma da sua mão e engasgou com seu próprio sangue. Depois de tudo que ele e seus homens passaram, depois de todos os ataques e batalhas que eles sobreviveram contra seus inimigos, foram seus próprios aliados que os aniquilaram na beira de suas casas.

E não por glória ou por família.

Pela insignificante porra do ciúme.

03 de setembro de 9530 a.C.

— Cuidado Alteza, beba devagar.

Styx gêmeu quando alguém ergueu sua cabeça e gentilmente despejou água em sua boca. Em seguida aquela pessoa deitou sua cabeça de volta, de forma que pudesse ver o rosto grisalho e preocupado do Galen. Claro que era Galen quem estava atendendo-o. *Quem mais se preocuparia?*

Seu velho tutor tinha um corte profundo em sua bochecha esquerda, mas fora isso, parecia inteiro.

Styx apertou os olhos por causa da dor e o brilho da luz que entrava através das cortinas pesadas.

— Os homens?

— Aproximadamente a metade sobreviveu.

Metade?

Metade...

Ele estremeceu com a dor mental de sua perda. Essa notícia o cortou muito pior do que os punhais que os covardes usaram nele.

— Pegou os responsáveis?

— Não o suficiente deles. Consegui capturar um dos homens que atacaram você. Eu o sangrei até ficar seco e consegui algumas informações de sua língua traiçoeira.

— E?

— Eles eram mercenários. As moedas usadas para pagá-los eram de todas as cidades soberanas gregas, inclusive Didymos. Você era seu alvo principal. Nossos homens eram só um bônus. — Galen pressionou algo em sua mão ilesa então se retirou.

— Continue. — Galen gritou.

A cama do Styx foi erguida e movida adiante. Galen o colocou dentro de uma liteira para ser levado para casa. Fazendo uma careta de dor, ele abriu sua mão para encontrar o colar de Bethany na sua palma. Graças aos deuses, Galen o salvou. Deixou seu mentor saber que isso era importante para ele.

Ele o segurou junto ao seu coração e fechou os olhos, então pensou em seus homens que foram emboscados e mortos. A raiva o consumiu que ele negligenciou sua guarda. *Por que não foi mais vigilante? Armado? Por que deu a eles liberdade para sair com prostitutas?*

Porque eles finalmente chegaram em casa, onde deveriam estar seguros. Foram por essas pessoas que eles todos lutaram e sangraram para proteger.

Pesar e agonia empurraram sua raiva de lado. Ninguém podia ser confiável. Seu tio e seu pai deveriam ter lhe ensinado isto.

Sua própria mãe.

Será que Bethany um dia viraria as costas para ele também? O pensamento o chutou duro, mas se recusou a deixar estas bestas destruírem sua fé na única mulher que já amou.

Styxx bateu na estrutura da sua liteira. Depois de alguns segundos, os homens lá fora o abaixaram.

Apesar da dor, ele se sentou. Como começou a se levantar, Galen apareceu ao seu lado.

Galen fez uma careta para ele.

— O que você está fazendo?

— Eu não mereço ser carregado.

— Alteza...

— Eu relaxei minha guarda e meus homens foram mortos por isto. Não vou me deitar aqui e ser mimado quando eu deveria ter morrido com eles.

— Styxx! — Galen disse em um estalo, mas Styxx se recusou a escutá-lo enquanto se empurrava para se levantar e fez o melhor que podia para não tropeçar ao deixar a liteira.

— Meu cavalo! — Styxx gritou.

Galen o puxou para dentro de seus braços e o abraçou.

— Eu sei a dor que você carrega, αγαπημένη του γιου μου. — Ele sussurrou no ouvido do Styxx. *Meu amado filho...*

Aquele carinho singelo sufocou Styxx e trouxe lágrimas aos seus olhos. Esta foi a primeira vez na sua vida que alguém se referiu a ele como tal.

— Eu mesmo tenho carregado, — Galen continuou, — mas morrer agora não os trará de volta.

Eu não vou morrer. Ele sabia disso com amarga certeza. E não seria carregado nas costas de homens que foram feridos e de luto.

Um jovem escudeiro trouxe Troian para ele e segurou o cavalo ao seu lado.

Styxx abraçou Galen como um pai então se afastou.

— Meus homens merecem o melhor. — Depois de agradecer o menino que trouxe seu cavalo, ele ignorou o olhar chocado nos rostos dos homens que carregavam a liteira e os soldados enquanto ele lentamente subia na sela sem auxílio.

Ignorando a dor, ele impulsionou seu cavalo com as pernas e montou para frente de suas tropas, em seguida virou-se para enfrentá-los. Um por um, ele varreu seu olhar pelas expressões sombrias de homens que deveriam estar retornando de bom humor. E enquanto os escrutinava, notou que Gaius não estava entre os sobreviventes.

Sentiu um aperto por dentro.

Ele queria dizer alguma coisa, mas as palavras lhe falharam assim como ele falhou em manter seu povo a salvo.

De repente, seus homens começaram a entoar seu nome e ovacioná-lo, então como um só, eles caíram em um joelho.

Styx não podia entender. Ele definitivamente não merecia essa honra depois que eles foram massacrados em casa.

— Bons homens. — Ele disse com um nó na garganta. — Prometi a todos vocês quando nós deixamos Didymos que eu nunca esqueceria o sacrifício que estava pedindo a cada um de vocês para fazer. Que nunca seria caprichoso ou negligente com sua segurança, e falhei com todos vocês. Por isso, eu imploro seu perdão.

Tersus, um de seus conselheiros, incitou seu cavalo adiante.

— Alteza, você não falhou conosco. Estávamos bêbados pela vitória quando fomos atacados. Você era o único sóbrio entre nós. Era nosso dever proteger nosso futuro rei. Seu pai fará com que sejamos chicoteados pela nossa negligência, o que quase conseguiu que você fosse morto.

— Ninguém será castigado pelo que aconteceu. — Styx assegurou a ele. — Você tem minha palavra. Todos vocês já sofreram o suficiente. — Ele fez uma reverência para seus homens. — Agora vamos ir para casa para nossas famílias e rezar para que nunca tenhamos que erguer nossas espadas novamente.

03 de setembro de 9530 a.C.

Exausto e cheio de dor, Styxx estava deitado em seu palete em sua tenda. O médico tinha acabado de verificar suas bandagens e o deixou para que descansasse durante a noite. Mas ele não podia relaxar ou dormir. Repetidamente, imagens deles sendo atacados, da batalha e mil outras coisas que não queria se lembrar o torturaram.

Ele não conseguia respirar. Uma parte dele queria correr como um louco, gritando noite afora. Mas como seria olhar para os homens que confiaram nele com suas vidas?

Tremendo e se embaralhando, ele se forçou a levantar e tropeçou em direção à sua mesa. Despejou vinho em sua taça, tomou tudo de um gole só, então pegou mais.

Do lado de fora ele ouviu a raiva dos seus homens. Eles culpavam os reis por este ataque. Se não tivessem sido chamados de volta tão cedo, eles estariam comemorando uma vitória em Atlântida hoje à noite, não sofrendo derrota em casa.

Pelo seu próprio povo.

E nenhum deles sabia ainda por que foram chamados de volta...

A menos que fosse para serem trucidados.

Certamente que não. Mas, como diria Galen, guerras não eram nada mais do que homens velhos alardeando sobre suas próprias proezas esmeradas enquanto enviavam seus filhos para fora para morrer em seu lugar. E embora existissem muitas ideias políticas pelas quais valia a pena matar, nenhuma valia morrer.

Embora Styxx não mais concordasse com a última.

Puto e revoltado, ele olhou ferozmente para sua mão ferida que segurava a espada enquanto as imagens dos homens que ele matou na batalha o atravessaram rasgando-o.

Não, ele definitivamente não concordava com Galen. Existiam causas políticas pelas quais ele morreria, mas nunca mais mataria por uma. Nem pediria a qualquer outro para fazer isso. A vida era preciosa demais para isto.

Ele só levantaria uma espada para proteger Bethany e Galen. Ninguém mais. E definitivamente nada mais.

— Por que está tão triste, jovem príncipe? Você está indo para casa. Deveria estar contente.

Styxx gelou ao ouvir a voz que ele odiava acima de tudo. Sua respiração se intensificou ainda mais quando levantou o olhar para encontrar Apollo do outro lado de sua mesa.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu vim para dar as boas-vindas ao lar ao príncipe vitorioso de Didymos. Não é isso que eu deveria fazer?

Styx sibilou quando a marca em suas costas esquentou e queimou sua pele. Ele se levantou de um salto só para ter Apolo se materializando bem na sua frente. O deus estendeu a mão para tocar seu rosto.

Ele deu um passo para trás, fora de alcance.

— Não seja assim, príncipe.

Por um momento, Styx considerou gritar chamando seus guardas, mas não havia como dizer o que Apolo poderia fazer com eles. Dois dos dez já foram massacrados em casa. O restante mal tinha sobrevivido.

Ele não sacrificaria outros de seus homens.

— Eu quero que você me deixe em paz.

Apolo riu.

— Isso não vai acontecer. Veja... você está indo para casa agora porque seu pai e os outros reis gregos pretendem oferecer sua irmã como uma virgem em sacrifício para mim.

Está certo que sua cabeça estava nadando de dor e bebida, mas com certeza ele tinha entendido mal o que Apolo acabou de dizer.

— O quê?

Dando um sorriso presunçoso, o deus assentiu.

— É verdade. Eles querem parar a guerra com Atlântida e ter suas terras deixadas em paz. Para me manter feliz e assegurar minha contínua benevolência para a Grécia acima de Atlântida, Ryssa será minha amante santificada.

Ótimo. Ele ria se não fosse tão terrivelmente horrível. Ele matou seu tio para salvar sua irmã de um estupro, só para ter seu pai prostituindo-a para a criatura que ele mais odiava.

Por que me incomoda?

Apolo desapareceu, então reapareceu logo atrás de Styx. Envolvendo os braços ao redor de sua cintura, ele puxou Styx de costas contra ele e se inclinou até inalar o cheiro do cabelo do Styx.

Encolhendo com repugnância, Styx tentou puxar para se livrar, mas Apolo o segurou rápido.

— Só para que saiba, Ryssa não é o que eu realmente quero. — Seus dentes alongaram quando ele aninhou no pescoço do Styxx. — Anseio por alguém muito mais robusto e recheado.

— Solte-me!

Apollo arrastou suas presas em cima da jugular do Styxx e aplicou pressão suficiente apenas para machucar, mas não rompeu a pele.

— Você vai me dar o que quero, príncipe. — Ele sussurrou. — Eu vi o quanto seus homens significam para você, especialmente aquele velho que te mima. Então seja honesto comigo e consigo mesmo. O que você valoriza mais? Sua própria bunda preciosa ou a deles?

Apesar da dor terrível que isto causou, Styxx lutou ainda mais contra ele.

— Eu não vou me prostituir para você! Ouvi muitas histórias sobre o que acontece com seus descartados.

Apollo riu enquanto corria a mão no lugar nas costas de Styxx onde ele queimou sua marca na pele de Styxx e no ferimento onde um de seus atacantes enterrou um punhal no centro daquele odiado símbolo do sol.

— Isto não é nada comparado ao que acontece para aqueles que me negam. Lembra o que eu disse quando você estava no Dionysion? Mais cedo ou mais tarde, todas as pessoas se prostituem por alguma coisa. Se você não me aceitar, verei o restante do seu exército destruído por seus inimigos que ainda seguem sua trilha, buscando terminar o trabalho que eles começaram... seu reino precioso dividido em pó, aquele velho que você ama massacrado e sua irmã treinada e vendida como uma tsoulus no mercado.

O olímpio deixou sua mão cair para onde Styxx foi marcado como um tsoulus e pressionou seus dedos contra a marca, deixando Styxx saber que ele viu a marca da última vez que estiveram juntos.

— E uma vez que eu tiver destruído todas as suas vidas, levarei você para o Olimpo e farei com que sirva a todos nós ao lado do Príncipe Ganimedes. Portanto, sua escolha básica é se prostituir só para mim, a qualquer hora e em qualquer lugar que eu te desejar e ninguém saberá sobre nós, ou se curvar para todos os deuses no Olimpo e passar a eternidade ouvindo os escribas gregos regalarem seu destino como um conto de advertência para os outros durante milhares de anos.

Styxx cerrou os dentes ante suas opções.

— Qual é minha terceira escolha?

— Não existe uma, e se você tentar se matar... digamos apenas, não. — Apollo beijou sua nuca e pousou sua mão em forma côncava ali. — Então qual é sua decisão, pequeno príncipe? E não se esqueça, de qualquer modo, eu ganho.

09 de setembro de 9530 a.C.

Ao contrário de seus homens, Styxx não sentiu nenhuma alegria enquanto cavalgava atravessando os portões do palácio e se aproximava de onde sua “família” esperava para recebê-lo em casa. Honestamente, não sentiu falta alguma deste lugar.

Como era triste, ele preferia estar numa batalha a encarar seu pai, mãe e irmã.

Controlando seu cavalo, ele se preparou para a dor que viria então desmontou lentamente. Embora a maior parte de seus ferimentos se curaram, alguns mais profundos permaneceram, e tudo lhe causava miséria enquanto fazia seu caminho subindo os degraus para saudar seu rei.

Seu pai o abraçou.

— Bem-vindo ao lar.

Styxx inclinou sua cabeça antes de ver Ryssa em pé atrás de seu pai.

— Irmão. — Ela fez uma mesura para ele.

Espantado que não houvesse gelo em seu tom e olhar, ele fez uma curta reverência para ela.

— Irmã.

Seu pai deu um tapinha em suas costas bem onde ele foi apunhalado, em seguida se dirigiu às portas de palácio.

Incapaz de recuperar o fôlego, Styxx congelou quando pura agonia o rasgou. Por um minuto inteiro, doeu tanto que ele viu estrelas. Pior, podia sentir sangue fresco e quente vazando por sua espinha abaixo.

Sem saber que ele reabriu um ferimento, seu pai não soube que Styxx não estava com ele até que alcançou as portas. Ele se voltou com uma profunda cara feia.

Com sua respiração ofegante, Styxx se forçou a continuar em frente. O suor irrompeu em sua testa conforme seu olhar escurecia e ele temeu desmaiar nas escadas.

Seu pai correu seu olhar enfurecido sobre seu exército esparso.

— Seus números retornando não são tão grandes quanto eu esperava.

Styxx deu um olhar cortante furioso para seu pai, mas não disse nada enquanto entrava no palácio.

— Onde está mamãe?

— Eu a exilei e ela se matou na última primavera.

Boquiaberto diante da revelação sem emoção, Styxx girou para seu pai.

— E você não enviou nenhuma palavra para mim?

— Com qual propósito? Ela estava morta. Não havia nada que você pudesse fazer.

Ele não soube porquê, mas a dor o atormentou com força. Mais forte do que jamais pensou que fosse possível dada sua relação tumultuada. Ainda assim, Aara foi sua mãe e ele se entristeceu que ela se foi. Encontrou o olhar indiferente da Ryssa, mas sabia que era uma fachada. Ela e sua mãe foram próximas e sua morte deve ter aguilhoado-a profundamente.

— Minhas profundas condolências, Ryssa.

— Não cuspa em sua memória com sua falta de sinceridade. Não se torna o grande herói de guerra quem tem metade de seu exército massacrado em seu regresso.

— Ryssa!

Ela piscou inocentemente para seu pai.

— O quê? Seus próprios conselheiros são quem estão chamando-o de incompetente e dizendo que você nunca deveria ter confiado seu exército para ele.

E seus homens realmente temeram que seu pai os chicotearia por permitir que ele fosse atacado...

Styxx soltou uma risada amarga.

— Fico emocionado por ser embalado contra o seio amoroso de minha adorada família. Graças aos deuses que eu sobrevivi para retornar para tal afeto. — Ele se dirigiu para as escadas.

— Onde você está indo? — Seu pai estalou. — Tenho uma festa de boas-vindas cheia de nobres para você no salão de banquete.

Styxx olhou de relance para onde esteve parado um segundo atrás. Seu sangue fez uma pequena poça vermelha no chão, marcando o lugar. Ele enxugou o suor da sua testa conforme sua visão escurecia ainda mais.

— Por favor, perdoe-me por meu insulto a você e a eles, Majestade. Mas prefiro sangrar sozinho e não escutar como eu falhei com Didymos e desapontei meu rei, quando eu fui o único comandante grego que ganhou qualquer porra de batalha contra os atlantes de qualquer tipo... e fiz isto em sua terra natal, sem recursos gregos ou reforços para a batalha.

Ryssa ofegou.

— Se eu falasse com você assim, pai, você teria me chicoteado.

Styxx riu amargamente enquanto continuava a subir os degraus, deixando uma trilha de pegadas ensanguentadas em seu rastro.

— Por favor, querida irmã, diga-me uma vez em sua vida inteira de vadia mimada que alguém colocou uma mão em você?

— Você!

— Anos e anos atrás, quando eu tinha metade do seu tamanho. E paguei caro por isto. — Ele virou-se no topo das escadas para enfrentá-los. — Agora me desculpe, amada família, mas preciso me deitar antes de desmaiar, e chorar por uma mãe cujo desprezo por mim só é superado pela vadia da sua filha.

O que aconteceu com você, menino?

Ele bufou com desdém pelo pensamento chocado do seu pai. Como era patético que seu pai não sabia e realmente não se importava em aprender.

Dolorido por dentro e por fora, Styxx foi para seu quarto e puxou um travesseiro da cama. Ele esteve dormindo no chão por tanto tempo que não estava certo de como uma cama se sentiria mais.

Sem se dar ao trabalho de remover sua armadura, caiu no chão e se esticou para descansar.

Ah, bonita casa. Quanto ele abominava isto.

13 de setembro de 9530 a.C.

Bethany brincou com o anel em seu dedo enquanto esperava, mais um dia, por uma visita que estava certa que nunca viria novamente. Seu Hector estava morto. Ela sabia disso.

Senão pela sua guerra, então pelo seu massacre na volta ao lar que teve tudo menos o Príncipe Styxx destruído por Stygian Omada. Enquanto a família tinha rido e regozijado com a deslealdade dos cães gregos, a notícia a atingiu como um golpe.

Hector tinha que estar morto ou teria vindo para ela até este momento.

Enjoada e entristecida mais do que já esteve, ela começou a se levantar quando sentiu uma súbita presença perto dela.

— Quem está aí?

Por vários segundos, ela não ouviu nada.

Então um sussurro baixo e profundo lhe respondeu.

— Um soldado exausto que teme ter sido esquecido ou substituído.

As lágrimas encheram seus olhos e a sufocaram.

— Meu Hector não foi esquecido e ele nunca poderia ser substituído.

Só então ele se ajoelhou ao lado dela e a puxou contra ele. Estava muito mais magro do que fora, mas também muito mais desgastado. Seus músculos estavam muito maiores e mais duros do que antes. Ela embalou sua cabeça nas mãos enquanto ele a balançava nos braços. Embora seu cabelo estivesse mais curto do que quando a deixou, agora tinha uma barba cheia.

— Eu vivi apenas pela chance que pudesse voltar e segurar você novamente.

Lágrimas quentes fluíram por suas bochechas.

— Eu te odeio pela dor que você me causou em sua ausência. Sua besta! O medo que você estivesse morto e queimado...

Ele prendeu a respiração bruscamente quando ela tocou em suas costas.

— Hector?

— Eu voltei, mas não inteiro. — Ele se afastou e cuidadosamente sentou no chão ao lado dela.

— O que aconteceu? Por que você removeu meu amuleto?

— Assim que chegamos na Grécia, eu tolamente tirei para brincar com ele. Não tinha nenhuma ideia de que estávamos para ser atacados por nossos próprios aliados. Mas não tenha medo... — Ele colocou a mão dela em cima do seu pulso para mostrar que seu colar estava de volta no lugar.

— Você foi ferido?

— Eu certamente não apunhalei minhas costas. Porém, dada minha incompetência superior, estou surpreso por não ter encontrado um modo de fazer isso.

Ela beijou sua bochecha.

— É só nas suas costas?

— Infelizmente, não. Levei vinte e quatro punhaladas para minhas costas, mão, flanco e na frente, e uma na minha bochecha esquerda, só para ter certeza que eu estava bem humilhado.

Ela tocou no seu rosto.

— Não nessa bochecha, doçura. Essa não teria me incomodado tanto.

Apesar da gravidade, ela riu. Isso explicava o modo peculiar que ele estava sentado, mas...

— Você não é engraçado... posso fazer qualquer coisa para te confortar?

Ele levou a mão dela até seus lábios e inalou sua pele antes de morder seus dedos, em seguida ele se esticou ao seu lado... com sua bochecha esquerda para cima.

— Você me confortou no momento em que eu te vi aqui. Juro que você ficou ainda mais bonita em minha ausência.

Ela se deitou de frente para ele.

— Estou assustada em tocar você por medo de te causar dor.

Ele espalmou a mão dela sobre seu coração e a segurou lá para que ela pudesse sentir a batida rápida através de sua túnica.

— Mesmo se você me machucar, eu vou gostar.

— Você é tão masoquista.

— Eu realmente sou. — Suspirando, ele deitou sua cabeça no seu braço ao lado da cabeça dela, então moveu a mão dela para seu rosto barbudo para que ela pudesse sentir as expressões em seu rosto. — O que me dói mais é que depois destes longos e árduos meses, eu não posso fazer amor com você como sonhei a cada noite.

Ela moveu a mão para brincar com seus cachos que se enrolaram em torno de seus dedos. Seu cabelo estava mais curto do que quando ele partiu, mas ainda era longo o suficiente para ela mexer.

— Alguém já te disse que sua voz é bem parecida com a do Príncipe Styxx?

— E quando você ouviu a voz dele, minha senhora?

— Várias vezes quando ele esteve em público. Mas você não é nada como ele.

— Como somos tão diferentes?

Ela beijou seu nariz.

— Você é doce e precioso. E não há um único osso arrogante em todo o seu corpo.

— Talvez o príncipe não seja tão ruim quanto você pensa.

Ela arqueou uma sobrancelha ao ouvir aquilo.

— Você o defende?

— Eu sofri e sangrei por ele nestes meses que se passaram. Eu teria que ser um cretino de verdade para não defendê-lo agora.

Ela fez uma careta para ele.

— Não vamos discutir por causa da minha opinião sobre seu príncipe desprezível. Você é o único homem em quem eu quero pensar agora. — Ela o beijou de leve nos lábios. — Senti tanto a sua falta.

Styxx fechou os olhos enquanto ela lambia e provocava seu pescoço. Isto por si só valia a pena voltar.

Mas mesmo enquanto aquele pensamento trazia um sorriso aos seus lábios, o medo fez seu estômago doer. Ele ouviu o mesmo desprezo em sua voz quando ela falou do príncipe que sua família tinha por ele. Como ela reagiria se soubesse quem ele realmente era?

Não importa o fato de que por quase três anos agora, ele mentiu para ela.

Ela odiaria você tanto quanto todos os outros. Pior ainda, ela nunca o perdoaria. Pensaria que ele zombou dela e, como Ryssa, o acusaria de coisas terríveis que ele nunca pensou ou fez ou pretendeu. E se ela soubesse a miserável e degradante barganha que Apollo forçou para cima dele...

Ele queria vomitar conforme o medo e o ódio se misturavam dentro do seu coração.

Por que não posso achar alguém que pode aceitar tudo de mim? O único que me aceitou foi Galen. Só ele viu o coração do Styxx e entendeu suas intenções e ações de verdade.

— Por que está tão triste? Eu disse algo errado?

— Não. — Era tanto mentira quanto verdade. Ele não queria que ela censurasse suas palavras perto dele. Nem mesmo quando elas o chutavam na virilha e o deixavam sangrando. — Não sou mais o garoto que deixou você, Beth. Temo que a guerra tenha me mudado.

— Quanto?

— De maneiras que são difíceis de definir. Passei quase dois anos metido até os tornozelos em sangue e pedaços de corpos. Segurei as mãos de velhos e jovens enquanto eles davam seus últimos suspiros. Vi meninos que eram extremamente jovens, que não tinham idade nem para fazer a barba ainda, tombarem e serem tomados por doenças que não podíamos tratar. Nós queimamos nossos mortos, dia e noite, até que o fedor deles estivesse permanentemente alojado em minha garganta e nariz. Houve dias quando a luta era tão espessa que as flechas dos inimigos e as lanças bloqueavam o sol para nós.

O coração de Bethany se apertou com a dor que ouviu em sua voz. Ela conheceu cada uma das batalhas que ele falou e os horrores. Mas esta foi a primeira vez que ela as viu pelos olhos dos homens com quem eles realmente lutaram. Os homens que não sabiam se sobreviveriam a ela ou perderiam uma parte de seu corpo.

Nunca antes ela entendeu o medo das famílias deixadas para trás e no quanto era duro esperar por uma pessoa querida que eles poderiam nunca mais ver. As lágrimas brotaram de seus olhos enquanto desejava poder tomar aquelas memórias dele.

— Como você suportou?

— Pensando em você. Sabendo que estava aqui dependendo de mim para voltar... que iria chorar se eu não voltasse... não tenho certeza se teria conseguido atravessar algumas das batalhas se você não estivesse em meu coração. — Ele esfregou a mão dela na linha de sua mandíbula. — Eu definitivamente não teria montado para casa tão rápido.

Ela sorriu com o seu humor então o beijou.

— Eu não quero estar sem você nunca mais.

— Espero que não fique. Eu ouvi dizer que as cidades soberanas se juntaram para mais uma trégua que deveria durar.

O estômago de Bethany encolheu com suas palavras. Ela sabia o quanto aquela trégua seria temporária.

— Prometa-me que se algo acontecer e nós tivermos que ir para a guerra novamente, você não lutará.

— Eu não posso fazer isto, Beth.

— Por que não?

Styx cerrou os dentes enquanto buscava uma razão que pudesse dar a ela que não revelasse sua verdadeira identidade.

— Como posso ficar em casa sabendo que os homens que lutaram ao meu lado e me protegeram, homens por quem eu sangrei para proteger, vão morrer? Por mais difícil que seja viver com as memórias da guerra, eu nunca seria capaz de me enfrentar como um covarde.

Ela não tomou suas palavras bem, mas também não discutiu.

Inclinando-se para frente, Styx mordiscou seus lábios, deleitando-se no gosto que sentiu falta mais do que qualquer outro.

— Estou cansado de falar e pensar sobre a guerra. Diga-me como você passou. Seu tio ainda está te incomodando? Sua mãe finalmente matou sua Tia Epi? Como está sua mãe? Seu avô já conseguiu sua espada de volta do irmão dele?

Bethany ficou atordoada por suas palavras.

— Não posso acreditar que você se lembra de tudo isso.

— Não há nada sobre você que eu esqueça.

Bethany rolou de costas e puxou-o para baixo para se deitar contra ela. Ele ficou tenso quando sua dor aumentou, mas depois que alguns minutos relaxou enquanto ela lhe contava histórias parciais sobre sua enorme família. Por alguns minutos ele ficou tão quieto que ela pensou que tinha adormecido. Até que ela percebeu que ele estava lentamente trabalhando seu caminho ao lado do manto dela.

— O que você está fazendo?

Ele trocou seu peso sempre muito levemente, em seguida sua mão deslizou rapidamente pela pele de sua coxa.

— O que sonhei fazer todas as noites desde a última vez que vi você.

Calafrios se espalharam sobre ela no calor de sua mão questionadora para a parte dela que estava imediatamente latejando pelo seu toque. Curvando os joelhos, ela separou suas coxas.

Styx prendeu a respiração bruscamente com a forma como ela já estava molhada. Embora seu corpo protestasse, ele empurrou seu manto de lado e a abriu para seu olhar faminto.

Gemeu enquanto ele brincava com ela. Afundou seu polegar profundamente em seu corpo. Mordendo o lábio, ela montou seus dedos por vários minutos enquanto ele mordiscava sua mão e via o prazer tocando seu rosto.

— Senti sua falta, Beth. — Ele respirou fundo, então abaixou a cabeça para saboreá-la.

Bethany gritou quando sua língua substituiu os dedos. Descendo entre suas pernas, ela afundou a mão em seu cabelo e saboreou o modo como ele lambia e a provocava. Ele usou seus bigodes para exaltar seu prazer enquanto os arrastava por sua abertura, enviando calafrios por ela inteira.

— Goze para mim, Bethany. Preciso provar seu prazer.

Aquelas palavras a enviaram sobre a borda. Jogando a cabeça para trás, ela gritou quando sua libertação a atravessou. Mesmo assim, ele não parou. Lambeu, provocou e chupou cada pedacinho de prazer para fora de seu corpo.

Ofegante e sem forças, ela deitou os dedos em sua bochecha.

— Acho que você me matou, Hector.

— Posso pensar em modos muito piores para ir.

Ela riu, em seguida se sentou e tateou o chão até que o achou.

Styx franziu o cenho quando ela deslizou por seu corpo abaixo.

— O que você está fazendo?

— Devolvendo o favor, meu senhor.

Ele arqueou a sobrancelha quando ela ergueu a bainha de sua túnica e expôs seu pau duro para sua mão quente e macia. Graças a Estes e Apolo, ele normalmente não gostava de ser acariciado ou afagado.

Mas a visão da mão dela em seu corpo... Ele manteve seus olhos abertos para ver como ela curvava sua cabeça e o engolia inteiro.

Prendendo o fôlego, ele estremeceu com a sensação de sua língua rodando e o provocando com pura felicidade. Em seu coração, ele queria que isso durasse, mas tinha passado muito tempo desde que ele esteve com ela.

Muito cedo, ele rosnou enquanto se liberava.

Ótimo...

Ele tinha feito melhor quando virgem. Embarço total o encheu.

— Desculpe, amor.

Ela o lambeu até limpá-lo, então sorriu.

— Por que você está se desculpando por algo que significa o mundo para mim?

— Como assim?

— Pela quantidade de dor que você está sentindo e a rapidez com que gozou há pouco... sei que você não esteve perto de outra mulher enquanto esteve fora.

— Isso eu definitivamente não fiz. — Ele emoldurou seu rosto na sua palma. — Achou o anel que eu deixei para você?

Ela manteve sua mão no alto para ele vê-lo no lugar.

Ele sorriu com felicidade.

— Alguém leu a inscrição para você?

— *Fielmente seu.*

Styx traçou a linha de seus lábios com o polegar.

— Eu não prometo nada da boca para fora, Beth. E eu morreria antes de fazer algo de livre e espontânea vontade para te machucar. Você é a única mulher com quem eu estarei. Sempre. Por minha honra.

Ela sorriu ante as palavras dele, então se levantou. Para seu choque e prazer, ela removeu seu manto, e completamente nua, deitou de costas ao seu lado. Tomando sua mão ilesa, ela beijou sua palma em seguida a colocou sobre seu coração, entre seus seios nus.

— Eu amo você.

Tocado até o fundo de sua alma, ele se debruçou para esfregar o nariz em seus seios, depois sua bochecha.

— Eu amo você também. Eu sempre vou te amar. E rezo para os próprios deuses que eu desprezo para que eles nunca nos separem novamente.

— Deuses que você despreza?

Ele teve que disfarçar sua raiva para não ofendê-la com sua blasfêmia. Ao contrário dele, ela era uma seguidora devota.

— Eu sei que você os ama, Beth. Mas eu não. Eles têm sido muito cruéis comigo por muito tempo.

— Às vezes...

Ele cobriu os lábios dela com os seus.

— Por favor, não os defenda. Você não pode. Mas... se eles apenas mantiverem você comigo, eu poderia um dia perdôá-los e estar em paz com eles novamente.

— Eu vou ensinar você como amá-los.

Lágrimas encheram os olhos dele perante suas palavras. Ele não tinha dúvidas de suas habilidades. Se alguém pudesse convertê-lo, era ela. Afinal, ele não teria conhecido qualquer tipo de amor se ela não o tivesse domado com seu coração gentil e sensível ao toque.

Para isso, ele estava disposto a perdoar os bastardos que o amaldiçoaram.

Só não a levem de mim...

Isso começaria uma guerra muito maior do que aquela que ele estava voltando.

31 de outubro de 9530 a.C.

Styx congelou quando ficou cara a cara com Acheron quando ambos deixaram o ginásio público aberto. Seu irmão vestia uma túnica cinza escuro e manto azul, algo que teria deixado Acheron derrotado se visse. Todas as prostitutas eram exigidas vestir um manto vermelho específico sempre que elas estavam em público.

Mas Styx nunca diria.

Ele estava contente que Acheron parecia muito mais saudável do que da última vez que eles se encontraram. E a ironia que ambos estavam aqui neste dia fingindo ser alguém que eles não eram enquanto faziam a mesmíssima coisa, não foi perdida nele.

Eles eram gêmeos, afinal.

Por um momento, ele pensou que Acheronalaria com ele.

Ele não fez. Ao invés disso, puxou seu capuz mais para baixo acima do seu rosto e pegou a saída do anfiteatro.

Uma parte de Styx queria ir atrás dele, mas para que? Realmente? O tempo e a amargura os dividiram.

Ambos disseram e fizeram coisas um para o outro que eram imperdoáveis.

E ainda assim...

Ele sentia falta do seu irmão. Muito mesmo. Aqueles momentos roubados de amizade quando eles brincavam juntos e riam. Daria qualquer coisa se pudesse voltar para aquele tempo quando o mundo não era tão frio e duro. Voltar para quando não era o que ele era agora.

Apesar de que, além do mais, não estava bastante certo do que ele era.

Estava além de perdido.

Seus soldados o tratavam como algum herói mítico. Seu pai e o senado, como um pirralho mimado que devia ser espancado. Sua irmã, como se fosse um demônio enviado para atormentá-la. E em seu coração, sabia que ele era um assassino...

E um prostituto.

Como seu irmão.

Só Bethany o fazia se sentir nobre e estimado. Mas isso mudaria imediatamente se ela soubesse a verdade de sua identidade ou que Apollo se forçou nele contra sua vontade. Então ela o odiaria para sempre pela mentira que ele contou para se proteger.

Só Galen o tratava como um filho. Mas ele não tinha visto seu velho mentor desde seu retorno. Antes sequer de Galen desmontar, Styxx o enviou para ficar com sua família, ordenou que ele ficasse pelo menos três meses com eles antes de ele sequer considerar retornar à cidade.

Honestamente, Styxx invejava a filha e os netos do Galen. Esperava que soubessem que dádiva era ser querido por Galen do modo que eles eram, e que nunca tivessem o amor do velho como garantido.

— Alteza?

Styxx deu uma parada quando ouviu uma voz familiar. Franzindo o cenho, virou para ver Dorus na multidão.

O nobre vinha diretamente para ele e fez uma curta reverência. Dorus deu uma olhada ao redor como se buscando os guardas sempre presentes do Styxx, mas não disse nada quando não os achou em seu posto habitual. Tendo ficado cansado de cada arroteo seu ser reportado ao seu pai enquanto seus pensamentos insultavam cada coisa a respeito dele, Styxx escapou do palácio para estar sozinho por algum tempo.

— Eu não o vi desde seu retorno, Alteza. Bem-vindo ao lar.

— Obrigado, Dorus.

— Ouvi grandes coisas de suas vitórias. Meu pai disse que você estava indo para a ilha principal de Atlântida quando foi chamado de volta.

— Sim.

— Deve ter sido incrível lutar tantas batalhas vitoriosas. Emocionante.

Estava mais para sanguinária e apavorante. Assustadora. Cansativa. Mil adjetivos vieram à sua mente, nenhum deles bom.

Mas Dorus não queria ouvir a verdade mais do que Styxx queria se lembrar dela.

— Ouvi dizer que eles te elegeram para o senado. Parabéns.

— Eles fizeram. Aos vinte e um, sou um dos membros mais jovens.

Styxx se sentiu tão desconectado por Dorus e outros nobres por causa da sua idade. Ao contrário do rei, seus pais não os mandariam para a guerra por pelo menos mais dois anos. Quanto a este assunto, todas as suas experiências eram tão radicalmente diferentes das deles que acreditavam que ele deveria ser muito difícil de conversar.

Mas pelo menos Dorus tentou. Melhor de tudo, Styxx nunca ouviu seus pensamentos. E por isto, ele era eternamente agradecido.

Dorus, Galen e Bethany eram os únicos que não o bombardeavam sempre que estavam perto. De vez em quando ele poderia escutar alguma coisa, mas de um modo geral, seus pensamentos estavam abençoadamente escondidos e silenciosos.

— Você sabia que existe um novo bordel que abriu próximo de Cateria? Eles têm algumas das belezas mais exóticas que importaram...

Forçando-se a não fazer careta ante algo que ele achava totalmente revoltante, Styxx se segurou para não explodir.

— Não estou interessado.

Dorus riu.

— Eu entendo. Um príncipe nunca tem que pagar por sexo. Imagino que qualquer mulher é sua para a tomada.

Sim...

Se ao menos eu vivesse a vida que todo mundo pensa que vivo... Ele seria muito feliz.

Incapaz de ter estômago para mais desta conversa, Styxx inclinou sua cabeça.

— Perdoe-me, Dorus, tenho um compromisso agora. Espero que não se importe.

Quando Styxx estava passando por ele, sentiu uma sensação estranha na sua pele.

Ele só sentiu isso no campo de batalha... como se algo poderoso o estivesse observando. Diminuindo o ritmo das passadas, olhou ao redor procurando a fonte disso. Mas não tinha nada ali.

Empurrando isto da sua mente, ele voltou para o palácio.

* * *

— O que você está fazendo com Styxx?

Apollo deu uma olhada por cima da lira que ele estava afinando para ver Athena em seu templo, indo diretamente para ele com mais veneno que um ninho de naja.

— Eu não vi a puta irritável, por quê?

— Não a deusa, seu idiota. O príncipe de Didymos.

Apollo arranhou uma nota.

— Imagino o que seu pai estava pensando quando permitiu que você nomeasse seu filho de Rio de Ódio? Para uma puta Titã tão cruel que nenhum de nós até considera cruzar com ela?

— O que isso tem a ver com essa história?

Ele deu de ombros.

— Pensei que estávamos conversando sobre coisas sem importância.

Com suas mãos nos quadris, Athena parou na frente dele.

— Estou falando sério, Apollo. Ele é meu campeão. Por que você...

— Estou fodendo com ele?

Athena arrancou a lira de suas mãos e teve que agarrá-la com força para impedi-lo de bater a cabeça com isto.

— Não force a barra comigo, irmão. Não sou sua fã, e diferente de sua irmã gêmea, eu não temo você.

— O que faço ou não com o príncipe não é da sua conta. De qualquer forma, por que se importa?

Porque não posso tolerar o que foi feito com um menino inocente que devia ter sido mimado e amado. Não lançado na dura existência que ele tem vivido porque você e seus conspiradores atlantes estragaram com sua vida.

Infelizmente, ela não podia dizer isto.

— Tem um montão de mortais para você escolher. Deixe o meu em paz.

— Com ciúme?

— Ele é um leal seguidor meu e você está apenas fazendo com que ele se vire contra todos nós.

Apollo se debruçou de volta contra sua chaise.

— Eu o tenho bem na mão.

Ela estremeceu com seu cruel duplo sentido.

— Não há necessidade de você se meter em nossa relação, querida irmã.

Athena rangeu seus dentes de raiva.

— Eu não entendo por que você não pode deixá-lo em paz quando é óbvio que ele não te suporta.

— Jogue fora suas vestes de virgem, — disse Apollo com um torcer sádico de seus lábios, — você entenderá isto rápido. Ele tem uma bunda muito doce.

Ela curvou seus lábios.

— Você me deixa doente.

Ele zombou de suas palavras.

— E você me aborrece. Agora me devolva meu instrumento e se vá.

Athena quis enfiá-lo onde o “sol” não brilhava. Mas isto não faria bem nenhum. Apollo era um babaca.

— Para um deus de profecia, você é um idiota completo e absoluto. Não pode ver o que está fazendo com ele se não o deixar sossegado?

— Você o quis forte.

Ela rosnou para seu irmão idiota.

— Não gosto disso, não gosto! E deixe-o em paz, Apollo. Estou falando sério! — Encarando-o uma última vez, ela virou e saiu de rompante de seu templo.

Apollo sacudiu sua cabeça e riu.

— Se você não tivesse me ameaçado, eu poderia ter virado meus olhos para outro. Mas... doce Athena, ninguém me ameaça. E eles podem ter certeza que não vou deixar para lá um pedaço de lixo humano.

18 de janeiro de 9529 a.C.

Styxx esfregou a cabeça dolorida, enquanto ele e seu pai iam se encontrar com os senadores e emissários, para discutir a trégua de Atlântida. Apenas isto já seria razão suficiente para fazer seu cérebro doer, mas Ryssa vinha se arrastando atrás deles, lamentando o fato de que seu amado pai estava oferecendo-a como uma cabra de sacrifício. A megera egoísta não tinha nenhuma noção de como era sentir humilhação realmente.

— Pai, por favor...

Maldição, se eles pudessem aproveitar o som dos lamentos nocivos dela, teriam uma arma da batalha dos infernos, para soltar contra seus inimigos.

— Já chega Ryssa. — Finalmente, o velho bastardo cortou-a. — A decisão está tomada. Você será oferecida a Apollo. Precisamos dele ao nosso lado se queremos ganhar esta guerra contra os atlantes. Enquanto continuar a nos favorecer e ajudar, teremos uma chance. Se for sua amante, ele olhará mais amavelmente em direção a nosso povo, e poderá ser influenciado por nossa causa.

— Não é justo!

Porque a vida era sempre sobre justiça.

Oh, e ser tão ingênuo quanto sua irmã.

Assim que se aproximaram do átrio, a conversa deles foi interrompida pelas vozes dos senadores, que estavam lhes esperando do outro lado da parede.

— Ele se parece com Styxx.

Styxx congelou imediatamente quando seu estômago deu um nó. Obviamente, alguns dos senadores descobriram Acheron no bordel de Catera.

Isto não pode ser bom.

A pessoa que falou, o Senador Barax, era amigo de longa data de seu pai, e um de seus principais conselheiros.

Seu pai parou ao seu lado enquanto Ryssa ria tolamente para Styxx. Ela estava completamente exultante.

— O que está dizendo? — Krontes perguntou. Ele também era um amigo e conselheiro do rei.

Barax gargalhou profundamente.

— É verdade. Eles não poderiam ser mais semelhantes do que se tivessem nascidos gêmeos. A única diferença é a cor os olhos.

Embora Acheron tenha partido há uma década, como eles podiam não se lembrar de seu irmão? Aquele pensamento enraiveceu-o até mais do que o tópico deles.

— Seus olhos são sinistros. — O Senador Peles, o amigo mais antigo de seu pai, se juntou a eles. — Poderia dizer que é filho de algum deus, mas não sei dizer de qual.

— E ele está em um bordel, você disse? — Krontes perguntou.

— Sim. — Peles disse. — Estou lhe dizendo Krontes, tem que visitá-lo. Fingir que ele é Styxx me ajudou imensamente a lidar com o pentelho real. Passe uma hora com Acheron de joelhos e da próxima vez que ver Styxx, terá uma perspectiva inteiramente nova.

Eles riram.

— Você deveria ter ido ao nosso banquete ontem à noite. — Barax continuou. — Nós o vestimos com vestes reais e o passamos ao redor como uma cadela no cio.

O estômago de Styxx embrulhou de medo e raiva, e o ódio elevou-se o sufocando. Apesar dos três não terem lhe comprado de Estes, Styxx sabia que existiam membros do senado que tinham.

Membros que estava certo haviam passado à diante as mesmas histórias sobre ter montado o garanhão real.

Styxx quis morrer onde estava.

Rosnando de raiva, seu pai deu a volta na parede para mandar prendê-los por difamar seu herdeiro. O que ele diria se soubesse que Styxx tinha sido humilhado por membros de seu senado como Acheron foi?

Ryssa o encarou com um sorriso zombeteiro.

— Devia ter sido você que eles usaram em vez de Acheron. Você merece isto.

Ele olhou para ela.

— Espero que pense sobre esta maldição, quando Apollo violar seu precioso lombo, irmã.

Ela golpeou-o, então se afastou tempestuosamente.

Fechando os olhos, Styxx se debruçou contra a parede e lutou com a agonia dentro de seu coração. Não apenas por si mesmo, mas por Acheron, que ainda estava sendo comprado e vendido.

Sentiu a presença de seu pai e abriu os olhos para encontrá-lo em pé ao seu lado.

— Isto. Acabou.

Acabou como?

Muito mal para todos eles.

— O que pretende fazer, pai?

— O que devia ter feito desde o começo. — Ele virou-se para partir.

Styxx o parou.

— Pai? O que está planejando?

— Ter aquele bastardo preso e posto em um lugar, onde não possa me envergonhar.

Prisão.

Styxx balançou a cabeça com o pensamento de Acheron sofrendo assim. Mas seu pai rejeitaria qualquer apelo baseado em compaixão. Então usou algo que sabia que seu pai se importaria.

O ego do rei.

— Você não pode. Em vez de ter senadores alardeando foderem com seu herdeiro, terá cidadãos fazendo isto. É isso o que quer?

Seu pai franziu o cenho para ele.

— Traga Acheron para casa pai. Está na hora.

— Você soa como um methusai.

Prefiro ser uma velha a um insensível bastardo.

Styxx quis discutir, mas conhecia aquela expressão. Seu pai já tinha decidido sobre o assunto, e nenhuma lógica seria ouvida neste momento.

Como sempre, teria que encontrar alguma maneira de lidar com o resultado do ódio lunático de seu pai, e tentar o possível para mudar qualquer ação que o rei tomasse, enquanto tentava manter seu próprio rabo fora da linha de fogo.

20 de janeiro de 9529 a.C.

Styx freou seu cavalo até parar, enquanto mantinha Bethany em seu colo. Inclinando-se até enterrar seu rosto contra a nuca dela, inalou o doce cheiro de eucalipto de sua loção e sorriu. Seu cheiro o deixava duro como pedra e fazia sua cabeça girar até mais do que as drogas que Estes tinha usado nele uma vez.

Ela colocou a mão no rosto dele.

— Nós chegamos?

Ele apertou-a gentilmente.

— Chegamos amor. Diria para que fechasse os olhos, mas...

Ela se recostou contra o ombro dele e beijou seu limpo e barbeado rosto. Como não gostava de sua barba que interferia com sua habilidade de sentir as expressões dele, ele deu adeus a isto.

— Não teve graça.

— E ainda assim você disse que ama meu humor. O que há de errado com você, mulher?

— O fato de que estou apaixonada por você. É algo que diz tudo.

Ele riu de sua gentil provocação e então desmontou. Colocando as mãos na cintura dela, puxou-a até que ficasse em pé ao lado dele. Um grande cachorro começou a latir ferozmente.

Ela franziu o cenho ao som.

— Onde estamos?

— Não estava prestando atenção às direções do fluxo?

— Estava, e sei onde estamos, mas não *onde* nós estamos. Ou por que estamos aqui.

Ele deixou seu cavalo pastando e pegou a mão dela para conduzi-la.

— Estamos em um lugar muito especial.

— E isso seria?

Ele colocou a mão dela contra a porta de madeira da pequena cabana de pedra.

Seu cenho aprofundou quando o cachorro latiu mais alto.

— O que é isto?

— Xiu, skylos!³³ — Ele disse para o cachorro e então suavizou seu tom para falar com Bethany. — Comprei isto para você. É um lugar para que escape sempre que o tempo estiver ruim.

Ela ficou rígida.

— Hector...

— Beth, não há nada a atando a isto afinal. — Ele colocou ambas as mãos dela em seu rosto, para que pudesse sentir o quão sincero estava sendo. — É sua pura e simplesmente. Pode manter suas coisas aqui e não ter que carregá-las mais. Tem um grande lago apenas descendo a colina, completamente abastecido de peixes. Certifiquei-me antes de comprá-la.

— Não entendo...

Ele beijou as mãos dela quando o terror o montou com esporas. Desde que voltou para casa, estava sendo torturado com imagens de alguém a machucando. De outro homem tropeçar com o ponto de encontro dela e não estar ferido como ele estava, quando a encontrou lá. Ou pior, Apollo machucá-la para puni-lo.

— Sei que tem sua faca, mas me preocupo com você quando não estou por perto. Constantemente. Eu me sentiria melhor se você tivesse um lugar mais seguro para estar sozinha.

Bethany sorriu enquanto as lágrimas brotavam em seus olhos com a atenciosa generosidade dele. Mesmo assim, não podia evitar provocá-lo.

— Acredito que estava pensando em si mesmo mais do que em mim. Não terá que se preocupar sobre a grama queimar seus joelhos, ou acaso lascivos ramos em seu traseiro.

Ele riu.

— Você me conhece tão bem. Mas devo admitir que sentirei falta daqueles momentos íntimos na árvore. Achei que depois de meu último encontro com seus galhos, estaríamos casados... pelo menos noivos.

Ela gemeu com seu senso de humor distorcido, quando ele abriu a porta. No momento em que fez isto, um cachorro enorme a golpeou.

— Desça! — Hector retrucou, puxando-o para longe. — Beth, quero que conheça... skylos. Ele não tem nome ainda. Mas é do tamanho de um cavalo e está aqui para mantê-la segura também. Tenho uma mulher que virá alimentá-lo toda manhã para você. Ou pode levá-lo quando for para casa... o que preferir. Prefiro que tenha um protetor a todo o momento.

Ela ouviu o medo por baixo do seu tom. Ele realmente estava com medo por ela. Inclinando-se, acariciou as orelhas do cachorro enquanto ele lambia seu rosto.

— Que cor é ele?

³³ Cão

— Preto.

— Oi, garoto. — Ela beijou sua cabeça peluda. — Acho que vou chamá-lo de... Dynatos.

— Então será Dynatos. — Hector concordou, em seguida levou-a para dentro, e gentilmente conduziu-a ao redor para que pudesse descobrir onde tudo estava colocado, e não se machucasse.

A porta da frente se abria em uma sala com uma mesa, duas cadeiras, e um lugar para cozinhar e preparar comida. Havia um quarto à direita com uma cama, um baú, e mais duas cadeiras colocadas diante de uma lareira.

Apesar de minúsculo, era muito confortável.

Ainda assim...

— Não posso aceitar isto de você, Hector. É demais.

— Sim, você pode. Quero que fique com isto.

— Hector...

— Beth... — Ele a puxou com suas costas contra a frente dele e cheirou seu pescoço. — Por favor, fique com isto e me dê alguma paz de espírito sobre sua segurança.

Ele muitas vezes partia seu coração. O que quer que tenha acontecido a ele na guerra, realmente danificou uma parte dele. Enquanto a segurança dela sempre o preocupou antes, agora estava obcecado com isto. Estavam sempre a ensinando novas maneiras de desarmar um atacante, não que precisasse das manobras dele, mas não podia dizer-lhe isto. Sempre que adormecia, ele tinha pesadelos ferozes que o acordavam frenético e furioso.

Mesmo agora, ele tremia em seus braços.

Oferecendo-lhe um sorriso agradecido, beijou o rosto dele.

— Certo, Hector. Obrigada.

Styx fechou os olhos enquanto a abraçava e deixava o cheiro da pele dela acalmá-lo. Não havia nada neste mundo que estimasse mais do que ela. Nada que não fizesse para fazê-la feliz ou mantê-la segura.

— Então. — Ele sussurrou no ouvido dela. — O que devemos testar primeiro? O lago ou a cama?

Ela bufou brincalhona.

— Sabia que você tinha um motivo oculto.

— Ei, dei-lhe a escolha do lago primeiro.

— Umm-hmmm... mas sei que não quis dizer isto.

— Estou sendo um perfeito cavalheiro.

— Isto não é o que a sua parte me cutucando diz. — Ela virou-se em seus braços e o beijou. — Suponho que deva ter pena de você. — Ela mordiscou-lhe o queixo, deixando-o ainda mais duro, antes de abaixasse a mão para apalpar sua ereção. — Mas não. Prefiro peixe. — Rindo, fugiu correndo dele.

Styxx gemeu alto enquanto Dynatos corria atrás dela.

— Você é tão fria, minha senhora! Cruel. Insensível! — Ele a alcançou na porta da frente.

Esperando-a abri-la, ficou surpreso quando ela virou e encostou-se contra a madeira. Enterrou as mãos em sua túnica e o puxou para seus braços para um beijo tão quente, que fez sua cabeça rodopiar.

Em seguida, ajoelhou-se na frente dele e ergueu a bainha de sua túnica.

Styxx não conseguia respirar enquanto ela passava a mão sobre ele, e quando o tomou na boca, fez tudo o que podia para permanecer em pé.

— Eu a amo, Bethany. — Ele suspirou enquanto afundava a mão em seu cabelo suave.

Ela lambeu a parte de baixo dele.

— Eu o amo, também.

Com as pernas tremendo, Styxx estava completamente distraído por ela, quando Dynatos surgiu por trás dele inesperadamente, e bateu em suas costas. Ele mal se conteve contra a porta antes de bater em Bethany.

— Maldito cachorro!

Rindo, ela se afastou.

— Está tendo dificuldades com seu presente, querido?

Styxx tentou empurrar a besta montanhosa de volta.

— Nem um pouco.

Bethany riu ainda mais enquanto ouvia Hector grunhir com as tentativas de tirar o cachorro de seu caminho.

— Está certo de que isto é um cachorro e não um urso?

— Estou achando que é um cavalo, dado o seu peso.

Ela podia ouvir o cachorro saltando e lambendo.

— Ele não parece feroz.

— Ele pode ser quando não é seu. — A porta abriu e então fechou.

De repente, Hector a pegou nos braços e correu com ela para o quarto, onde a deitou na cama.

— Agora, onde nós estávamos?

Dynatos latiu na porta então a abalroou.

— Distraídos, eu acredito.

Hector colocou a cabeça no centro de seu peito e suspirou.

— Juro que estou amaldiçoado.

Rindo novamente, ela trouxe os lábios dele até os seus.

— Posso ignorá-lo se você puder.

Ele ergueu a bainha de seu vestido até que estivesse exposta para sua indagadora mão.

— Definitivamente posso ignorá-lo... E um incêndio na casa... — Ele brincou com seu seio com os lábios. — Fim do mundo...

Ela abriu as pernas mais separadas e sussurrou no ouvido dele, enquanto guiava a mão dele até a junção de suas coxas.

— Então venha para dentro, meu senhor, e toque para satisfazer seu coração.

22 de janeiro de 9529 a.C.

— Para onde Acheron foi levado? — Styxx exigiu quando entrou no escritório de seu pai.

O rei olhou para cima com o cenho franzido.

— Como ousa usar este tom comigo, garoto?

A penalidade por bater no rei era a morte.

Em momentos como este, realmente não se importava. Especialmente já que suas costas, pulsos, rosto, e o lado queimavam, de maneira que o deixava saber que seu irmão estava sendo violentamente espancado. Mas se enfurecesse com o velho bastardo não iria conseguir o que estava procurando.

Embora isto o irritasse, ele modulou o tom.

— Onde ele está pai?

— No andar de baixo. Você disse que o queria em casa. Então ele está.

No calabouço? Era o único “no andar de baixo” que tinham aqui.

— Não era isto o que quis dizer e você sabe disso. — Styxx virou-se, pretendendo libertar Acheron imediatamente.

— Garoto?

Um tique feroz começou em sua mandíbula, quando se virou em direção a seu pai. Além de libertar seu irmão, a última coisa que realmente queria fazer no momento era explicar a seu pai o fato de que, nenhum garoto havia restado dentro do homem que tomou centenas de vidas na batalha por este reino.

— Majestade?

— Antes de considerar colocar sua vontade acima da minha. Ou pensar por um momento sobre isto, porque meu exército acredita que seja algum grande herói de guerra, que querem te seguir, que tem influencia... pense novamente. Sei tudo sobre sua pequena prostituta egípcia cega, e onde vocês se encontram. Sei até que comprou um lugar para ela viver. Sugiro, pela contínua saúde e bem-estar dela, que aprenda a refrear seu temperamento.

Styxx ficou gélido com a ameaça dele contra Bethany.

— Você não ousaria.

Seu pai arqueou a sobrancelha.

— Sou o rei. Faria bem lembrar-se disto. E farei o que me agradar, e você fará o que me agradar ou lhe mostrarei a extensão exata do meu poder. Apesar de odiar ficar sem um herdeiro, ainda estou em uma idade que posso ser pai de outro. Agora... onde você estava indo?

Não faça isso. Matar. Ele.

— Cavalgar.

— Boa escolha. Dê a sua linda amante meus cumprimentos.

Styxx tomou tudo o que possuía para não assassinar seu próprio pai. Mas que bem faria passar a eternidade na prisão? Ou ser decapitado...

Mais cedo ou mais tarde, o bastardo morreria por conta própria. Só que não breve o bastante.

Styxx parou do lado de fora da sala, para olhar para os guardas de seu pai. Eles estavam com o rei em todos os lugares que ele ia. Até no banheiro. Eles ficam parados ao lado de sua cama à noite, até quando fodia. O único lugar em que não estavam era no escritório do rei, mas não havia nenhuma maneira de entrar ou sair daquela sala, exceto pelas portas onde estavam em pé. Se ele matasse seu pai, eles saberiam disso.

Fodam-se todos.

Apesar de não dar a mínima importância com o que acontecesse com ele, nunca arriscaria a vida ou a felicidade de Bethany. Por nada.

— Eles foram condenados à morte.

Seus pensamentos estavam tão focados em Bethany, que levou várias batidas do coração para perceber que Ryssa falava com ele.

— Desculpe?

— Os senadores que o insultaram? Papai condenou seus amigos à morte para provar um ponto, que ninguém deve difamar seu precioso herdeiro. No caso de não saber, pensei que deveria.

Ninguém mencionou isto para ele.

— Pensei que isto a impressionaria.

— Por vê-lo tão satisfeito? Dificilmente.

Seu humor escureceu como resultado da zombaria dela.

— Mas eles foderam com seu amado Acheron. Estou surpreso que não fosse clamar pela morte deles.

Ela olhou para ele.

— Eles abusaram dele por sua causa. Se não o odiassem tanto, nunca teriam tocado nele.

O que fiz para você, Ryssa? Realmente?

— E o que acha que fiz para merecer tanto ódio deles?

— Você é um provocador egoísta. Olha para todos como se estivessem abaixo de você. E fala com eles como se não fossem nada.

Ela era tão louca quanto sua mãe?

— Eu raramente falo. Com qualquer um. Querida irmã.

Ela balançou a cabeça em negação.

— Não entendo você, Styxx. É o único que papai escuta. Poderia nos ajudar e ainda se recusa.

— E você sabe disso como?

— Por sua própria admissão. Você não diz nada. Não se manifestou sobre Acheron, nunca. Da mesma maneira que se recusou a conversar com papai sobre oferecer-me para Apollo.

Oferecê-la para Apollo... Ela morreria para saber a verdade disto.

Ou pior.

Ela se regozijaria e riria.

Ainda assim, sabia que ela não era tão abnegada quanto afirmava.

— Diga-me. O que a aborrece mais, doce irmã? A condição de Acheron ou a sua própria...

Ela estapeou-lhe.

Styxx estreitou o olhar nela.

— Estou ficando cansado de seus golpes, Ryssa.

— Então pare de ser tão idiota.

Pare de ser uma vadia e eu faria.

Ele enxugou o sangue de seus lábios.

— Só para você saber, seu pai não me escuta mais do que a escuta.

— Você é tão mentiroso. Sei disto muito bem. Qualquer coisa que quiser, ele dá.

Certo...

— Você está nos confundindo, doce irmã. É de você que ele gosta profundamente.

— Não. Não é. Vi o modo que você se sentou complacente, quando ele e os outros me disseram que seria sacrificada. Você poderia ter se pronunciado e sei que de fato não o fez. Nem uma única vez!

— Você está certa. Não o fiz.

— Por que não?

Honestamente, não teria importado. Apollo era o único liderando isto, e se Styxx tentasse impedi-lo, Bethany pagaria por sua interferência. Styxx já tinha matado um homem para proteger Ryssa. Não causaria danos para a única pessoa que mantinha seu coração nas mãos, por uma vadia que o invejava por cada respiração que dava.

Mas Ryssa não se importaria com Bethany. Mesmo. Então disse o que ela realmente queria escutar. Uma das principais razões dele ter se submetido a Apollo, ainda que isto o adoecesse até o âmago de seu ser.

— Por causa dos rostos dos homens que vi os atlantes cortarem em pedaços. Se pudéssemos salvar a vida de um soldado a amarrando a Apollo, sou todo a favor disto.

— Então isto não o incomoda em nada, que eu, sua irmã, seja usada como uma prostituta?

Sim, incomodava. Mas a virgindade preciosa dela não era nada comparada aos horrores que viu. Aos horrores que ele e Acheron sobreviveram. Mais cedo ou mais tarde, ela seria oferecida a alguém. E apesar de ela não ser uma esposa para Apollo, eles não a venderiam para um negociante de esterco.

Além disso, seu destino com Apollo era muito mais agradável do que o dele. Pelo menos ela era uma mulher. Toda vez que o olímpio se aproximava dele, queria vomitar e amaldiçoar. Lutar com cada parte de suas habilidades.

Mas não podia. Por causa de seus homens, país, família, Galen e Bethany, ele tinha que se submeter aos caprichos de Apollo, não importando como se sentisse sobre isto.

O rabo coletivo deles ou apenas o seu...

— Diga alguma coisa, seu egoísta bastardo! Oh espere, entendo, você não fala, não é? Com ninguém. — Ela enrolou o lábio. — Você é a pessoa que deveria estar preso e estuprado até que implorasse por misericórdia.

Seu temperamento transformou-se em um desejo que estava farto de ouvir e experimentar.

— Em vez de lamentar-se como uma criança, querida irmã, eu sugiro que faça como o resto de nós teve que fazer. Remova suas roupas, fique de joelhos, e ponha o pau dele onde quer que ele julgue conveniente empurrar isto.

Ela gritou e rumou para o pai deles.

Styxx revirou os olhos enquanto caminhava para os estábulos.

* * *

Bethany cantarolava levemente, quando sentiu um puxão leve em sua vara. Antes que pudesse puxar sua presa, ouviu um cavalo se aproximando em uma corrida furiosa. Hector não deveria estar aqui. Ele normalmente a prevenia de suas visitas para não surpreendê-la, quando chegasse.

Puxando seus pés debaixo dela, no caso de ter que erguer-se e correr, agarrou sua faca quando Dynatos levantou-se e rosnou baixo.

— Beth, sou eu. — Hector aproximou-se, afinal.

Ela expeliu uma respiração aliviada e bateu levemente na cabeça enorme de Dynatos, enquanto ele deitava-se próximo a ela.

— Você disse que não teria nenhum tempo livre hoje.

— Não tenho... mas precisava certificar-me de que estava bem.

Ela franziu o cenho.

— O que há de errado?

— Nada.

— Percebo muito bem. Ouço isto em sua voz. Qual o problema?

Hector se sentou atrás dela e esticou as longas pernas em cada lado de seu corpo. Envolvendo seus braços sobre a cintura dela, abraçou-a apertado e encostou a cabeça contra a sua.

— Sei que prometi nunca pedir novamente, mas, por favor, fuja comigo.

— Querido, não posso.

Ele apertou seus braços ao redor dela.

— Morreria se alguma coisa acontecesse a você.

— Nada vai acontecer. Por que se preocupa tanto?

— Porque vi o pior da humanidade. O que homens fazem quando encontram uma mulher bonita sozinha. E apesar de matar qualquer um que a machuque, não quero que se machuque. Ponto. Não importa o quão duro você tente, nunca conseguira ter estes momentos de volta ou desfazer o dano remanescente que fica em você, em cada pedaço de sua alma por toda a eternidade. — Ele beijou o rosto dela. — Em toda minha vida, tive apenas uma coisa que importava para mim, e ela está sentada em meus braços. Não posso suportar o pensamento de não protegê-la... de precisar de mim e eu não estar aqui para você.

O coração de Bethany doeu com a dor que ouviu na voz dele. Reclinando-se, embalou a cabeça dele. Como desejava que pudesse fugir com ele. Mas teria que desistir de sua divindade para fazer isso.

E sua visão. Para sempre.

Não, não para sempre. Para uma vida humana extremamente finita. Uma, onde estaria tão impotente quanto ele temia. Isto não poderia fazer. Não por um homem mortal, até mesmo um que amasse tanto quanto este aqui.

— Amo você também, Hector. E nunca disse isto para um homem que não estivesse relacionada consanguineamente. Mas não posso partir com você.

— Então me prometa uma coisa?

— O que?

Ele tirou o colar dela de seu pulso e o pôs de volta ao redor do pescoço dela.

— Você não tirará isto, e se alguém tentar machucá-la, você os matará.

— Prefiro que você fique com meu colar.

— E não posso ficar com isto, enquanto você não tem nada para protegê-la.

— Hector...

— Não discutirei sobre isto, Beth. Não tente argumentar.

Styx apertou os braços ao redor dela. Havia algo de mal se aproximando. Podia sentir isto com todos os instintos que possuía. Mas não sabia o que era.

Por si mesmo, não se importava em nada sobre isto. O medo por sua própria segurança o abandonou há muito tempo atrás. Seus medos agora consistiam em apenas uma mulher.

Muitas pessoas tinham feito ameaças contra ela ultimamente. Se ela não partiria, então ele não tinha nenhuma escolha. Tinha que protegê-la.

Não importando o que custasse.

23 de janeiro de 9529 a.C.

Styxx estremeceu enquanto estava do lado de fora da cela, onde Acheron foi colocado. Pior, ele ouvia o medo e angústia nos pensamentos de seu irmão. A raiva com que justificadamente amaldiçoava sua família inteira.

Acima de tudo, ouviu o ódio injustificado e a hostilidade que Acheron mantinha por ele, quando tudo que tinha feito foi tentar ajudá-lo.

Foda-se isto...

Sabendo que suas mãos estavam amarradas ao que se referia a seu irmão, e culpado pelo fato de que valorizava mais a segurança de Bethany, Styxx abriu o buraco minúsculo na base da porta fortificada e deslizou a cesta que trouxe. Pão, vinho, queijo, e os figos açucarados que Acheron adorava quando eram meninos. Não tentou falar com ele. Não havia necessidade. Ao contrário, deixou que Acheron pensasse que era Ryssa quem trouxe a comida.

Afinal, o que poderia dizer para seu gêmeo?

Desculpe irmão. Não posso ajudá-lo?

Enquanto o amo, eu amo mais a outra pessoa?

Isso não cairia bem, e ele compreendia. Se fosse Acheron, lhe odiaria, também.

Deprimido, colocou a mão na porta e apertou os dentes em frustração impotente. Mas o que o machucava mais era saber que, facilmente poderia ser ele naquele quarto em vez de Acheron.

E talvez devesse ser.

A única coisa que o salvou do destino de Acheron eram seus olhos. Era tão ridículo, que riria se não machucasse tanto.

Um dia, Acheron, quando for rei, eu o libertarei. Então ninguém nunca mais o machucará novamente. Juro isto com cada parte minha. Farei isto por você.

Infelizmente para seu irmão, hoje não seria este dia.

22 de outubro de 9529 a.C.

Styxx acordou sentindo náuseas horríveis. Mais uma vez. Ele não se sentia bem em dias e ele sabia por quê. Acheron tinha parado de comer. Mesmo que ele tivesse feito com que pingos de comida fossem levados para a cela, seu irmão tinha escolhido um suicídio lento.

Ao longo da última semana, os sintomas tinham piorado, Styxx tinha considerado contar a seu pai, em seguida, reconsiderou-o.

Ele não iria tirar isso de Acheron. Seu irmão queria um fim ao seu sofrimento. O mínimo que poderia fazer era permitir. Mesmo que doesse como o inferno.

Assim, ele não tinha dito uma palavra a ninguém. Nem mesmo a Bethany. Em vez disso, ele passou a maior parte de ontem com ela, sabendo que não seria muito antes de Acheron os matassem.

Ele balançou a cabeça, tentando limpar a névoa nebulosa. Era inútil.

Styxx pegou o vinho, ignorando a comida. Não importava o quanto ele comia, ele ainda estaria com fome e seu estômago iria continuar a corroer violentamente... Como sempre acontecia quando Acheron morria de fome.

— Styxx? Você está ouvindo?

Piscando, ele encontrou o olhar frio de seu pai. — Majestade?

Ryssa torceu os lábios em uma cara feia. — Ele não ouviu uma palavra, pai. Ele está nos ignorando, como sempre.

— Eu perguntei o que você acha em colocar sua irmã em amarelo e ouro para oferecer ela a Apollo.

— Claro. — O vinho escorregou de sua mão.

— Styxx?

Ele ouviu seu pai, mas ele não podia responder. Seus joelhos se dobraram. Ele bateu no chão duro.

Seu pai e o sacerdote correram para ele. Eles estavam falando com ele, mas ele não podia entendê-los ou responder. Ele estava fraco demais para mexer sua própria mão.

Toda a cor sumiu do rosto de seu pai quando ele levantou-o e levou-o para sua cama. Por um momento, Styxx quase podia fingir que seu pai o amava. Mas ele sabia melhor. Ninguém poderia fazer as coisas que seu pai tinha feito e se preocupar com os seus filhos. Não era possível.

O bastardo nunca o chamou de filho, a não ser que ele estivesse falando com alguém sobre ele. Seu pai nunca tinha usado uma vez qualquer tipo de carinho por ele em tudo. Ao contrário de Ryssa, sua preciosa gatinha...

Styxx piscou lentamente quando lembranças amargas agitavam dentro de sua cabeça.

Ryssa veio para frente para se sentar na cama e segurar sua mão. Com a exceção de esbofeteá-lo, ela não o tinha se dignado a tocá-lo desde...

Nunca.

Estou definitivamente morrendo.

Pensamentos e vozes se misturavam em sua cabeça, mas ele empurrou-os de lado para que ele pudesse evocar uma imagem de Bethany ontem, quando ele deu-lhe um colar de ouro que tinha comprado para ela. Seu rosto tinha iluminado seu mundo como o sol depois de uma longa chuva.

E, em seguida, cantando com sua bela voz e tocando seu tambor, ela dançou para ele com seus sinos tilintando levemente com cada movimento gracioso dos quadris e braços. Não existia nada mais bonito.

Como ele desejava que estivesse em seus braços agora, ouvindo-a cantarolar com seu doce, doce contralto. Mas ele nunca iria ver seu rosto de novo, nunca sentir o seu toque suave em sua pele.

Doendo-se ao pensar que ela estava perdida para ele, fechou os olhos e se rendeu aos deuses que odiava.

29 de outubro de 9529 a.C.

Styx começou a acordar devagar. Fazendo careta, ele lutou para respirar conforme olhava ao redor de seu quarto para encontrar a si mesmo sozinho, com exceção de Galen que cochilava em uma cadeira perto.

Deuses, ele estava com tanta sede.

Ele agarrou a xícara de barro na mesa ao lado de sua cama, mas acidentalmente esbarrou nela.

Galen acordou imediatamente.

— Alteza?

Styx prendeu a respiração de forma aguda quando mais dor o torturou.

Galen se atirou na cama para ter certeza de que ele estava bem.

— Não se mexa. Você esteve extremamente doente.

Styx tentou entender o que estava acontecendo.

— P-por que você está aqui?

— Por que você acha? Ouvi que você estava morrendo.

E Galen deixou sua filha para ficar com ele...

Styx tossiu antes de falar com voz rouca através de sua garganta seca.

— Lamento ter interrompido seu tempo com Antígona.

— Lamenta? Estou bastante certo que você não fez isto de propósito. — Galen o ajudou a se sentar, então despejou um pouco de vinho. Ele segurou a xícara de vinho nos lábios do Styx para que ele pudesse engolir.

— Como se sente?

Styx engoliu antes de responder.

— Como quando você me atropelou com sua carruagem.

Com seus olhos cinza irritados, o velho suspirou.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é?

Styx sorriu depois fez uma careta.

— Quanto tempo estive doente?

— Uma semana.

Uma semana? Ele franziu o cenho para o estado desleixado de Galen.

— Quando você chegou aqui?

— Cinco dias atrás.

Isso explicava o modo como Galen parecia. Ele veio imediatamente e teve uma dura cavalgada.

Styx se tomou a mão do Galen e apertou.

— Obrigado.

Galen inclinou sua cabeça respeitosamente.

— Seus homens todos se reuniram também e estão aguardando notícias a respeito de sua saúde. Acho que a visão da lealdade deles e o amor por você assustou seu pai.

Bonito. Exatamente com o que ele queria lidar.

— Posso lhe pedir um favor, Galen?

— Qualquer coisa.

Styx se encolheu à medida que mais dor o golpeou.

— Existe uma pequena cabana na beira da cidade... parte de uma fazendinha.

— Sua mulher?

Ele assentiu.

— Seu nome é Bethany. Por favor, avise-a que estou doente, mas pensando nela. E que eu a verei assim que puder viajar.

— Você quer que eu a traga para você?

— Não! — Ele lambeu seus lábios rachados então abaixou sua voz de forma que ninguém pudesse escutá-lo. — Ela não sabe, Galen.

— Não sabe o quê?

— Que sou príncipe. Eu... hmm... meio que menti para ela. Ela pensa em mim como filho de comerciante e um soldado de infantaria. Por favor, não diga a ela nada diferente disso.

Galen ficou de queixo caído perante suas palavras.

— Como ela pode não saber?

— Ela é cega.

— E você nunca disse a ela a verdade?

Ele balançou sua cabeça.

— Ela pensa que meu nome é Hector.

Galen riu e bateu suavemente em seu ombro.

— Você é o único príncipe que conheço que não a teria forçado a seu palácio para ser sua escrava ou amante.

— Ela é muito feliz onde está.

Galen deu uma olhada ao redor da câmara toda ornamentada de Styxx.

— Você não acha que ela seria mais feliz em um palácio, coberta de joias?

Styxx ridicularizou.

— Você sabe que não é bem assim. Dinheiro não significa nada para ela, e honestamente, prefiro estar em sua cabana com ela do que aqui.

Galen sorriu para ele.

— Nós criadores de porcos devemos ficar juntos, não é?

— Realmente.

— Descanse, Alteza, e arrumarei esse assunto para você.

* * *

Bethany ficou em pé quando ouviu a aproximação de um cavalo. Pelo som, ela sabia que não era do Hector. Dynatos veio até seus pés para rosar e latir.

Com a mão na faca, ela levantou a cabeça, esperando ver se sua visita era amigo ou inimigo. Até que soubesse com certeza, ela segurava a coleira do Dynatos.

Alguém com uma pisada muito forte aproximou-se indecisamente.

— Você é Bethany?

— Você é...

— Galen. Sou o superior strategos³⁴ do Príncipe Styxx.

Por que o líder do exército didymosiano estaria aqui?

A menos...

— Hector? — Ela tropeçou pela dor de sua morte. Dynatos a circulou, tentando tranquilizá-la.

— Shh, minha senhora. — Ignorando seu cachorro, Galen a puxou contra seu corpo duro e musculoso. — Seu Hector vive, mas está muito mal. Ele me pediu para dar uma palavrinha para você.

Fechando os olhos, ela respirou com alívio e deu uma leve palmadinha em sua mão.

— Obrigada, Mestre Galen.

— Você está tremendo. — Ele disse enquanto a soltava.

— Você me assustou. Pensei que eu tinha perdido meu Hector.

— Então você o ama?

Arquejando, ela assentiu com a cabeça.

— Mais do que minha própria vida.

— Bom, porque ele é completamente devotado a você, minha senhora. Em todas as nossas viagens e batalhas, eu o vi se afastar de incontáveis mulheres dizendo que ele tinha uma senhora em casa cuja confiança e coração ele nunca quebraria de boa vontade.

Aquelas palavras trouxeram um sorriso para seus lábios.

— Realmente?

— Aye. Enquanto outros homens, casados e noivos, ficavam devassos e bêbados, ele se manteve sóbrio e leal. E posso ver por quê. Ele falou de sua grande beleza, mas mesmo suas eloquentes palavras falharam em fazer justiça a você.

Ela sorriu.

— Novamente, obrigada.

— Ele também queria que eu te informasse que virá para você assim que puder.

Lágrimas encheram seus olhos pela consideração de Hector. Mesmo doente, ele pensava nela.

³⁴ Líder do exército.

— Por favor, mande a ele minhas melhoras e diga que não vou respirar de novo até que eu o veja... — Ela engoliu em seco, então usou as palavras de Hector que ele falava sempre que estavam separados por muito tempo. — Que estarei contando as batidas do meu coração até seu retorno.

— Farei isso. Antes de ir, preciso chamar alguém para você ou...

— Agora que sei que ele está bem, eu ficarei bem, Mestre Galen. Obrigada.

Ele bateu levemente em sua mão.

— Se você precisar de qualquer coisa nesse meio tempo, por favor, não hesite em vir até mim. Eu vivo nos alojamentos do palácio.

— Eu aprecio isto, mas ficarei bem.

— Muito bem. Um bom dia, minha senhora.

Bethany não se moveu até que ele tivesse ido. Mas quando ele partiu cavalgando, ela franziu o cenho. Por que um membro de tão alto escalão do exército do príncipe atenderia correndo uma incumbência para um soldado de infantaria?

31 de outubro de 9529 a.C.

Ainda fraco e com dor, Styxx parou na entrada do quarto de Ryssa. Seu pai e irmã estavam no andar de baixo com os sacerdotes e conselheiros fazendo planos para sua união próxima com Apollo.

Com exceção de Galen e o servo ocasional que trazia comida e bebida, Styxx fora deixado sozinho para se recuperar. Entretanto, durante os primeiros dias de voltar a si, seus homens formaram uma linha constlinhada simpatizantes no seu quarto, finalmente, tanto ele quanto Galen os convenceram que podiam voltar para suas famílias. Seu tempo era muito melhor gasto lá do que no quartel.

Hoje foi a primeira vez que ele esteve forte o suficiente para deixar sua cama sem auxílio. E ele foi direto ver seu irmão.

Ryssa ordenou que Acheron fosse trazido para seus aposentos e colocado em sua cama para que ela pudesse pessoalmente supervisionar seus cuidados e atendê-lo. Embora Styxx estivesse grato pela sua preocupação com seu irmão, uma parte dele estava extremamente ciumenta. Ela o veria açoitado e queimado até a morte antes de ela sequer cuidar dele assim. De fato, uma vez que foi determinado que Acheron estava em perigo e não Styxx, ele não a viu mais. Ela passava cada segundo acordada que podia com Acheron, e nem um único inquérito foi feito sobre a recuperação de Styxx.

Claro, ela ficou assim quando Styxx voltou da guerra para casa também. Ela nem uma vez perguntou sobre sua saúde ou ferimentos. Nem mesmo quando eles sangraram abertamente na frente dela.

É o que é.

Sua irmã nunca o amaria. Ele há muito tempo aceitou aquela realidade.

Styxx amaldiçoou silenciosamente enquanto via seu irmão. Sob as ordens “adoráveis” de seu pai, Acheron foi amarrado com os braços e pernas espalhados na cama da Ryssa. Styxx odiava ver alguém tratado assim... amarrado do modo que Estes uma vez fez com ele.

Ele só podia imaginar os pesadelos que isso dava a seu irmão.

E Acheron parecia tão pálido e fraco quanto Styxx se sentia.

Respirando de forma lenta e fácil para não desmaiar, Styxx caminhou pelo piso até que estava em pé ao lado de seu irmão.

Acheron cortou-o com um olhar carrancudo, mas não disse nada.

Styx não podia culpá-lo. As palavras lhe falhavam também. O que irmãos diziam um para o outro depois de tudo que aconteceu para separá-los? Depois de todos os pesadelos que experimentaram juntos e separados?

Mas a única coisa que o impressionou era como a pele do Acheron era sem cicatrizes. Exceto pela marca de escravo na palma de sua mão, seu corpo, ao contrário de Styx, era imaculado. Não existia nenhum sinal do abuso que ele sabia que seu irmão tinha passado. E ele próprio sentiu cada chicotada.

— Por que está me olhando fixamente? — Acheron finalmente rosnou. — Quer me foder também?

Ele se encolheu quando a crueldade do que Estes fez o rasgou.

— Você não tem nenhuma memória de minha ida a Atlântida, não é?

— Você levou seu exército conquistador para suas orlas. Que herói intimidante você é.

Styx ignorou o grunhido venenoso.

— Não... antes disso.

— Quer dizer quando você veio, acabou comigo e me jogou na rua para me prostituir novamente? Sim, irmão, recordo disso vividamente.

Não, Acheron não se lembrava de Styx nas seis semanas com ele. Bom, e mesmo assim...

Ele queria que Acheron soubesse o que ele tentou fazer com ele. Saber que Styx o amou o suficiente para pôr sua própria vida e liberdade em risco para salvar seu irmão. Mas para que se incomodar? Seu irmão queria odiá-lo e talvez Acheron precisasse desse enfoque. Talvez sua ignorância fosse mais amável do que saber que Styx tentou salvá-lo e falhou. Isso manteve a mente do Acheron fora de sua própria dor.

O ódio era muito mais fácil de lidar do que culpa ou remorso. E memórias que não podiam ser alteradas. Styx sabia disso melhor do que ninguém.

O olhar prateado em turbilhão de Acheron queimou nele.

— Eu te odeio, seu fodido pirralho.

— Eu sei. — Styx suspirou, olhando para longe.

— Por que você não me deixou morrer?

Styx riu amargamente pela sua acusação.

— Eu tentei. Acredite em mim, eu não fiz nada para salvar qualquer um de nós.

— Mentiroso!

Não é justo que você viva no conforto enquanto eu vivo no Tártaro! Por que você? O que você faz melhor do que eu? Um par de olhos que eu quero rasgar fora.

Os pensamentos do Acheron açoiaram sua consciência e seu coração.

— Minha vida também não tem sido fácil, você sabe.

— Oh me perdoe, Alteza. O cozinheiro queimou sua torrada esta manhã? Ou a água do seu banho estava muito fria? Seu valete esqueceu de deixar de fora suas vestes certas?

Styxx enrijeceu à medida que seu próprio ódio o inflamava enquanto seu irmão banalizava sua vida e o que ele achava que eram os problemas do Styxx. Acheron era como todas as outras pessoas. Fazia suposições baseado em nada além de estupidez.

— Como se atreve a zombar da minha dor. Se não fosse por você, meu pai... — Ele se segurou bem antes de admitir uma verdade que o cortava no fundo da sua alma.

— Seu pai o quê?

Teria me amado.

Em vez disso, por causa de Acheron, o rei sempre esteve desconfiado e frio. Nunca bastante certo de que Styxx era seu filho. Enquanto seu pai adorava Ryssa completamente, sempre houve uma pitada de reserva em seus olhos quando olhava para Styxx.

E sempre reserva em seu coração quando estavam a sós. Foi por isso que seu pai nunca o chamou de filho.

— Você é foi quem nos traiu, Acheron. Não eu.

— E acho que paguei também por isto. Afinal, sou eu quem está amarrado e nu a uma cama e você é quem está envolvido em vestes militares bordadas a ouro. É para você que todo mundo se curva e procura agradar todos os seus caprichos.

Sim, era assim a sua vida...

Nunca.

Styxx suspirou cansadamente. Não, ambos pagaram por isto. Muito caro. Mas Acheron nunca acreditaria na verdade mais do que Ryssa fez, e ela testemunhou algumas delas. Ainda assim, ela tinha em mente que seu pai o favorecia.

As pessoas fazem sua própria realidade. Foi isso que Praxis o ensinara anos atrás. Centenas de pessoas podem testemunhar o mesmo exato evento e dar duzentas e três versões diferentes dele.

Tudo é filtrado por nossas emoções que mudam ao longo do tempo, jovem príncipe. Como rei, seu trabalho será escutar os dois lados de cada questão e tentar achar a verdade que está em algum lugar entre as versões opostas.

Ele viu a veracidade disso inúmeras vezes quando se sentou com seu pai e tinha escutado os depoimentos dos nobres e cidadãos que vinham um contra o outro. O gesto mais sutil que fosse mal interpretado...

O tom de voz.

Tudo podia levar à guerra.

Até entre irmãos.

Não, especialmente entre irmãos.

Styxx desviou o olhar quando as lágrimas o sufocaram. Ele queria seu irmão gêmeo novamente. Aquele a quem segurou a mão e permaneceu com ele contra os horrores e ódio do mundo deles. O irmão que se esgueirava em seu quarto e deitava às suas costas com seus pés apertados contra os seus. O Acheron que tinha rolado maçãs para ele pelo burquinho na parede que dividia seus aposentos...

Mas aquele irmão se foi para sempre. Não existia nenhum vestígio do Acheron que ele uma vez conheceu. E talvez não existisse nele nenhum jovem Styxx também. A guerra e a vida o mudaram completamente. Talvez Acheron estivesse certo em esquecer como eles uma vez foram. Não há nenhuma tristeza pela sua perda se você não se lembrar dela.

Acheron o varreu de cima abaixo com um sorriso de escárnio.

— Então quando serei arrastado de volta para a merda do meu buraco, Alteza?

— Como eu saberia? Eu nunca deixo o meu.

Styxx ficou espantado que o olhar fulminante que Acheron deu a ele não levantou uma bolha em sua pele.

— Agora quem zomba da dor de quem?

— Eu nunca zombei de sua dor, Acheron. Apenas de sua autopiedade.

— E a sua?

— Suponho que nós dois somos cretinos egoístas. Duas partes de um inteiro.

— Eu não sou uma parte de você. Não tenho nenhum irmão e nenhuma família.

Um tique começou na mandíbula de Styxx quando aquelas palavras o cortaram em tiras pior do que quaisquer outras.

— Pense bem, Acheron, antes de desenhar essa linha de batalha.

— Não sou eu quem desenhou isto. Foi você quando permitiu que eu voltasse para Atlântida.

Seu bastardo! Acheron ousaria jogar aquilo na sua cara?

— Eu tentei te salvar. — Styxx grunhiu. — Eu te ofereci uma fuga e você se recusou a partir comigo.

— Não. Você quis bancar o herói. Me salvar como se eu fosse alguma vadia que seria para sempre grata ao nobre príncipe pela sua boa ação. Se você quisesse realmente me ajudar teria se virado contra seu pai, e não permitido que eles me levassem de volta para Estes.

Claro. Porque seu pai o ouvia tanto. Acheron era tão ruim quanto Ryssa com suas ilusões.

— Se eu me virasse para você naquela época, eu te asseguro que teria encontrado o mesmo destino que você.

— Você deveria, seu covarde.

Isso despertou sua fúria quando Styxx olhou para o corpo imaculado de seu irmão, sem cicatrizes. Um corpo que não foi meses devastado por padres tentando expulsar demônios que ele não tinha, enquanto seu pai seguia como se ele nunca tivesse nascido. Um corpo que não tinha “prostituta” marcado com ferro nele em dois idiomas e não foi marcado por um deus que o cobiçava e o odiou por isso...

Um corpo que nunca viu os horrores de cabeças, cérebros, entranhas e membros passando voando por ele enquanto lutava por sua vida. Ou que segurou as mãos de meninos que deviam estar em casa com suas mães enquanto morriam de diarreia e ferimentos das batalhas ferozes.

De fome.

Sim, é uma merda ser prostituído...

Styxx sabia disso tão bem quanto Acheron. Mas as atrocidades que Styxx sofreu foram muito piores que as de Acheron. Seu irmão nunca viu os horrores que vivia dentro de sua mente e coração. Os pesadelos que nunca deixavam de assombrá-lo... até com seus olhos bem abertos.

Ele agarrou o queixo do Acheron e ignorou a dor que ele causou em si mesmo.

— Eu conheço seus pesadelos, irmão. Você devia ser agradecido aos deuses por não conhecer os meus.

O olhar de desprezo do Acheron se transformou em gelo.

— Eu pagaria qualquer coisa, só uma vez, para ver você dominado e fodido em sua garganta hipócrita.

Aquelas palavras e as lembranças brutais que elas conjuraram de onde Styxx tentava mantê-las enterradas o despedaçaram. Ele quis matar Acheron. Se ele tivesse uma arma com ele provavelmente o teria cortado de um lado a outro. Ao invés disso, ele atacou com o que tinha.

Suas palavras.

— E eu pagaria para ver você fodido no meio da sua bunda até que o sangue escorresse pelas suas pernas e você não pudesse caminhar.

Acheron riu dele.

— Pena que você não estava lá quando isso aconteceu.

Styxx esmurrou-o nas costelas com toda sua força e xingou quando o golpe roubou a respiração de seus próprios pulmões.

— Eu queria que os deuses tivessem deixado você morrer.

Acheron cuspiu nele.

Enxugando a saliva de seu rosto, Styxx ergueu a cabeça e virou-se para partir.

Quando alcançou a porta, o último ato de crueldade de Acheron o acertou com muito mais força que qualquer golpe.

— E enquanto eles me fodiam bem no meio da bunda, Styxx, era a sua bunda que eles fingiam martelar até sangrar... seu nome que eles gritavam e insultavam o tempo inteiro quando estavam dentro de mim ou sempre que eu chupava seus paus até que gozavam em minha boca... inclusive Estes. Se você acha que eu te odeio, Styxx, você não tem ideia do quanto os outros lamentam cada respiração sua.

09 de novembro de 9529 a.C.

Exausto e fraco, Styxx deitou-se na cama da cabana. *Eu preciso apenas de um momento para descansar antes de voltar...* Ele veio para encontrar Bethany, mas ela não estava aqui hoje. A decepção apunhalou seu coração e o encheu com dor. Tudo que queria era sentir a mão morna em sua pele de alguém que se importava com ele.

Engraçado como em todos estes anos ele estupidamente pensou que ter seu irmão em casa com ele tornaria tudo melhor. Em vez disso, era muito pior.

Ryssa usava-o para abastecer seu ódio por ele. Assim como os servos e nobres.

E seu pai...

O rei mal podia encontrar o seu olhar, e quando o fazia o desdém lá arrasava sua alma. Seu pai já não via mais Styxx como qualquer coisa além do bastardo de algum deus que o enganou.

Eu devia ter mantido Galen comigo. Mas enviou o velho para a casa da filha.

Totalmente sozinho, Styxx tinha bebido durante dias, tentando esquecer todos eles e sua zombaria e condenação. Tentando esquecer as palavras de Acheron e os “bons” desejos do seu irmão para ele. Mas isso foi inútil. Ele não tinha qualquer fuga.

A porta da cabana abriu.

Styxx agarrou seu punhal e começou a se levantar quando ouviu uma bela voz que trouxe lágrimas aos seus olhos.

— Hector?

— Aqui, akribos.

Dynatos veio correndo e latindo para dentro do quarto. Styxx grunhiu quando o cachorro se lançou sobre ele e saltou ao redor da cama, então para o chão e voltou novamente. Batendo levemente na cabeça do cachorro enorme, ele caiu contra o colchão.

Bethany empurrou a porta do quarto abrindo-a mais. Vestida com um manto cinza que fazia sua pele brilhar de apesar de seu tom monótono, ela roubou sua respiração.

— Onde você está?

— Na cama.

Ela arqueou uma sobrancelha censurando quando Dynatos retornou ao lado dela.

— Bastante presunçoso de sua parte, não é?

Era tão bom sorrir novamente. Estar perto de alguém que não o odiasse.

— É verdade, mas eu estava esperando que alguma serva perdida aparecesse por aqui e me estuprasse.

Ela se sentou ao lado dele e deu... um olhar arqueado inexpressivo.

— Alguma serva perdida?

— Mmm. — Ele tomou sua mão e beijou a palma. — Você por acaso sabe quem está disponível?

Sua brincadeira se foi, ela franziu o cenho para ele e rapidamente ergueu sua mão de seus lábios até sua fronte. Então ofegou.

— Você está queimando de febre.

— Não admira que eu me sinta tão horrível.

Ela emoldurou seu rosto em suas mãos.

— Hector... está muito alta. Por que você não está na cama?

— Estou na cama.

— Não... na sua cama. Você não devia ter vindo aqui enquanto ainda está tão mal.

— Eu queria ver você.

Mesmo assim, ela estava lívida.

Styx rangeu os dentes quando a sua reação bateu nele como um golpe. Não importa quanto ele tentasse, não conseguia agradar ninguém.

— Pensei que você ficaria feliz em me ver.

— Sim, quando estivesse saudável. Mas poxa, Hector. Droga!

Uma parte dele murchou com cada palavrão. Ele não deveria ter vindo aqui e incomodá-la quando era óbvio que ela preferia fazer qualquer outra coisa. Se ele aprendeu alguma coisa na vida, foi que as pessoas não gostam de cuidar dos outros quando estavam doentes.

Ele estava errado em sobrecarregá-la.

— Desculpe. Eu vou embora. — Ele rolou para se levantar.

Ela o empurrou de volta na cama.

— Não se atreva a se mexer. — Ela grunhiu para ele. — Como pôde fazer isto?

— Fazer o que?

— Arriscar minha vida!

Talvez fosse a febre, mas ele estava completamente confuso agora.

— Eu não estou arriscando sua vida, Beth. Não tenho nada contagioso.

— Sim, você está me matando. Você não entende que cada respiração que puxa é atrelada à minha? Agora tire suas roupas.

Ele reprimiu um sorriso.

— Esta é a minha menina.

— Não. Não por esta razão. Preciso esfriar sua pele.

— Tudo bem... mas será que você poderia, por favor, parar de gritar comigo? Tive minha cota disto durante algum tempo. — Ele tirou seu manto e começou a tremer imediatamente.

Bethany o cobriu com o cobertor, então persuadiu o cachorro a se deitar ao seu lado e mantê-lo aquecido.

— Quem esteve gritando com você?

— Todo mundo. Estou a ponto de começar a pensar que meu nome foi mudado para “Droga” ou “Imbecil”.

Lágrimas brilharam nos olhos dela.

— Eu não estou gritando com você, Hector. Estou assustada por você. Existe uma grande diferença.

— Certo. Mas dentro da minha cabeça é difícil ouvir essa diferença.

Bethany beijou sua testa, a seguir foi buscar água e um pano para que ela pudesse banhá-lo para abaixar a temperatura do seu corpo.

Com sua cabeça latejando, Styxx tremeu ainda mais enquanto acariciava preguiçosamente a cabeça do cachorro.

Retornando, ela colocou a bacia na mesinha ao lado da cama e molhou o pano. Enquanto passava o pano pela sua bochecha, ela tocava com a ponta dos dedos a costeleta ao longo de sua mandíbula e queixo.

— Você não faz a barba há um tempo.

Suas entranhas se contorceram ao insulto involuntário que fez a ela.

— Não tive a intenção de ofendê-la com isto. Eu...

— Eu não estou ofendida, querido. Só surpresa e preocupada. Este não é você, e me diz exatamente o quanto realmente está doente. Não posso acreditar que você veio aqui quando está tão mal. Alguém deveria ter mantido você em casa e cuidado melhor do que isto. Eu poderia bater neles até me cansar pela sua falta de cuidado.

Styxx segurou sua mão contra seus lábios e saboreou a suavidade de sua pele e o cheiro precioso dela. Então beijou sua palma. Deuses, era tão bom estar com alguém que não o odiava.

— A propósito, fiquei surpresa pelo seu mensageiro.

— Galen?

Ela assentiu.

— Como assim?

Bethany correu o pano sobre seu tórax, causando arrepios pelo seu toque.

— Fiquei chocada quando um estranho que era um oficial de tão alto escalão se daria ao trabalho de fazer uma incumbência para um soldado de infantaria.

Styxx se encolheu quando percebeu que Galen acabou dando seu posto como de hábito. Droga...

— É estranho. — Ele admitiu. — Por razões que me deixam perplexo também, o urubu velho gostou de mim. Quando fiquei doente ele realmente retornou de suas férias para me verificar, e foi o único em quem confiei para vir falar com você. Tenho muita sorte que ele concordou. — Era tudo pura verdade.

Ela torceu o pano.

— Eu não acho estranho que outras pessoas vejam a grandeza em você que eu vejo.

— Você e Galen são raros. A maioria das pessoas tem pouca utilidade para mim.

— Eles que saem perdendo. — Ela parou de banhá-lo quando seu pulso roçou no seu pau duro. Sua sobrancelha direita levantou no ato.

— Sei que sua intenção era me esfriar, akribos, mas seu toque macio tem o efeito oposto em meu corpo.

Ela balançou a cabeça.

— Você não está bem suficiente para isto.

— Eu sei, e não foi realmente por isso que vim aqui hoje. Só precisava estar com alguém que se importasse comigo por um tempo.

O estômago de Bethany se apertou pela sinceridade em sua voz.

— Sua família ama você.

— Não, eles não amam. Eu às vezes finjo que sim, mas sei que é o contrário. Você e Galen são tudo que tenho neste mundo. E você é a única que nunca me machucou.

Lágrimas arderam nos olhos dela na dor crua que ele inconscientemente revelou.

— Eu nunca machucaria você.

— E é por isso que vim mesmo estando com febre. Por duas semanas estive com pessoas cuidando de mim por obrigação. É muito diferente de estar com alguém que cuide de você porque se importa contigo.

— Hector...

Ele colocou um dedo em seus lábios para silenciá-la.

— Eu não quero sua piedade, Beth. Quero o fogo dentro de você que me aquece. Vivo para seus insultos e provocações.

— Eu não quero dizê-los.

— Eu sei. Acredite em mim, posso ver a diferença entre suas provocações de brincadeira e as farpas que são destinadas a me sangrar. — Ele a puxou contra ele. — Só me deixe segurar você um pouquinho e então eu a deixarei em paz.

Ela colocou o pano de lado e fechou os olhos, saboreando o calor de seu corpo febril contra o dela. Seu Hector partiu seu coração e ainda assim a segurava com uma força tão tranquila que nunca deixava de surpreendê-la. Ela não entendia os pedaços de sua vida que ele compartilhava. Como sua família podia ser tão imprudente ao cuidar dele?

Seu coração era tão gentil e doce. Ele tentava tanto agradar e cuidar dos outros. Por que alguém seria indelicado com ele? Mas as cicatrizes em seu corpo e as internas que suas palavras traídas diziam exatamente o quanto as pessoas ao redor dele eram descuidadas e insensíveis.

E ela as odiava por isto.

O simples fato de ele ter vindo até ela quando era óbvio que não tinha condições de viajar e ninguém o impediu dizia tudo. Como eles podem tê-lo deixado sozinho nesta condição? Até mesmo por um segundo?

Ela correu as mãos pelas ondulações musculosas em seu estômago. O calor de sua pele era escaldante.

— Você comeu?

— Mmm.

Ela franziu o cenho e sorriu pela sua resposta evasiva.

— Você está acordado?

— Estou. — ele murmurou.

Bethany brincou com a trilha de cabelo que corria de seu umbigo até sua virilha.

— Se você continuar fazendo isto, eu não vou descansar.

Ela percorreu com sua mão por toda extensão dele. Ele prendeu a respiração bruscamente.

— Desculpe. — Ela sussurrou.

— É tão bom. Agora você podia me incendiar e eu não reclamaria.

Sabendo que devia estar lá fora procurando Apostolos, ela depositou um beijo em seu abdômen duro. Era tão estranho como ele a acalmava. Sempre que estava com ele, nada mais importava.

Ela se lembrou de perguntar à sua mãe uma vez quando era pequena por que ela escolheu um deus egípcio para ser seu pai.

— Deuses são criaturas chatas, Bet. A maioria não é nada além de crianças mimadas com poderes que eles nunca hesitam em usar contra os mais fracos. E apesar de seu pai poder ser bem infantil às vezes, existe um perigo para ele. Ele entende seu poder e é feroz com isto. Mais do que isto, ele não se aproveita dos mais fracos, só ataca os que são mais fortes. Foi isso o que me atraiu nele e por isso concordei em ser a mãe de sua filha. Sua força e o fato de que ele nunca, nenhuma vez, usou-a contra mim. Seu pai é como ter um leão de estimação. Você sabe que ele é uma criatura de violência extrema e suprema, cuja mera natureza e único talento é o assassinato, e ainda assim ele se deita ao seu lado e ronrona somente pelo seu toque. Não há nada mais excitante.

— Mas mais do que isso, era como seu pai me fazia sentir. Ele despertou algo dentro de mim que nunca vivi antes. Ele deu vida à minha alma, e eu era uma pessoa melhor só por tê-lo conhecido. Foi por isso que eu quis ter você como um pedaço dele para que pudesse manter e amar, embora nós não tivéssemos permissão para estar juntos. E foi uma decisão que jamais me arrependi. Nem mesmo quando seu pai quase destruiu nosso panteão porque Archon recusou permitir que ele tivesse acesso a você. Seu pai não dá sua devoção sem pensar ou levemente. Quando você receber um pedaço de alguém assim, alguém que naturalmente não confia nos outros, é mais especial do que quando se trata daqueles que são caprichosos com seu amor. Como acontece com todas as coisas, a raridade o torna ainda mais precioso.

Hector não confiava em ninguém. Nem mesmo em sua própria família. E ele nunca tinha dado seu coração, corpo ou seu amor para qualquer outra mulher.

Só ela.

E apesar de ser jovem em anos humanos, tinha uma maturidade e compreensão muito superior a qualquer antigo.

Acima de tudo, sempre que ela estava com ele sentia-se bonita e poderosa. Coisas que foram dadas a ela como uma deusa e mesmo assim...

Ela realmente nunca se sentiu assim até que ele tropeçou em seu mundo e a fez rir.

Era por isso que ela o amava e se arriscava à ira de Archon e dos outros para estar com ele.

Ele valia a pena.

Mas lá no fundo tinha medo de como ele reagiria se algum dia soubesse que ela mentiu para ele a respeito de sua identidade. Ele odiava os deuses e sua interferência na vida humana.

Será que um dia ele aprenderia a odiá-la também?

15 de novembro de 9529 a.C.

Styxx não podia respirar enquanto Acheron era barbaramente espancado no pátio lá embaixo. Contorcendo-se em sua cama, ele enfiou uma porção de seu manto na boca para não gritar de dor. Ele apertou suas mãos no cobertor e curvou suas costas quando mais golpes o atingiram.

Sempre doía quando Acheron era espancado, mas agora...

Sua proximidade física fazia doer mais ainda. Tinha esquecido esse pequeno detalhe.

Ele não podia imaginar o que seu irmão fez para merecer isto.

Claro que você sabe...

Seu pai tinha sido envergonhado de alguma forma. Era a única vez que eles eram espancados assim. E por tanto tempo.

Porra, Acheron.

Levou anos para Styxx descobrir como ficar fora da linha de fogo. Justamente quando ele finalmente aprendeu como evitar a ira do seu pai, entra seu irmão idiota.

Por fim, parou.

Arquejando e sem forças, Styxx ficou deitado na cama, todo dolorido. Mas eram suas costas que realmente ardiam. Graças aos deuses que ele não estava em público quando começou ou estaria a caminho do templo novamente para expulsar os demônios.

Suas mãos mal tinham parado de tremer quando seu pai escancarou a porta. Styxx tentou se sentar, mas a dor ainda era muita para isso.

— Você está doente?

— Com dor de estômago. — Ele mentiu, esperando que isso explicasse o suor na testa e a palidez de sua pele. — Precisa de alguma coisa, pai?

— Encontrei o bastardo na praça esta tarde. Aparentemente, ele se deitou com os seus guardas em troca de sua liberdade. Eles serão executados amanhã de manhã pela sua traição, e ele foi espancado. Se você o ver fora do seu quarto, quero que o prenda imediatamente.

Styxx suspirou pela fúria ridícula que seu pai mantinha contra Acheron.

— Por que se dar ao trabalho, pai? Apenas dê a liberdade a ele.

— É isso o que você realmente quer?

— Sim. Por que não?

— Ele tem o seu rosto. Tudo que ele faz reflete em você.

— Não estou preocupado com isto.

Styxx percebeu tarde demais que foi a coisa errada a dizer. Seu pai invadiu o quarto e o agarrou com raiva.

— Você quer que eles zombem de você como uma prostituta? Que tipo de rei você seria? Ninguém te respeitaria. Eles com toda certeza não te ouviriam.

E no entanto, alguns deles já pagaram para fodê-lo...

— É melhor aprender a se importar, menino. Nas mentes das pessoas, aquele prostituto no final do corredor é você.

Não faça isso... não diga isto...

Mas ele não pôde se segurar.

— Talvez você devesse ter pensado nisso antes de entregá-lo ao seu irmão para treiná-lo e vendê-lo como uma prostituta.

Seu pai bateu nele com as costas da mão com tanta força que o derrubou da cama.

Ofegando, Styxx bateu no chão e tentou sacudir a cabeça para clarear os sentidos. Antes que pudesse, seu pai o chutou com força nas costelas várias vezes.

— Como se atreve! Eu devia te chicotear por tal difamação insolente!

Styxx rolou para cima e olhou para seu pai. Mas desta vez, ele não o insultou.

— Se você quer ser conhecido como uma prostituta, talvez eu devesse ter feito arranjos para vocês dois. É isso que você quer?

Para falar a verdade não.

Seu pai o chutou novamente. *Você me dá nojo. Você não é meu filho. Você não pode ser.*

— Levante-se do chão. Você é um futuro rei e não um camponês rastejante.

Com seu corpo gritando em protesto, Styxx se forçou a se levantar e enfrentou seu pai.

O rei o varreu com um olhar de desprezo.

— Não posso acreditar que eu me encarreguei de você como um herdeiro.

— Então talvez você devesse tratar de adquirir aquela nova rainha e gerar mais filhos.

— Para que? Para que eles possam crescer e se tornarem uma enorme decepção para mim como você é?

— O que posso dizer? Sempre me esforço para ser o melhor que posso em tudo que eu faço.

— Então você conseguiu. Pois você é verdadeiramente o maior erro da minha vida. Eu devia ter esmagado sua cabeça quando você nasceu e me poupado da miséria e do custo de criar você.

Styxx não disse mais nenhuma outra palavra enquanto seu pai saía de seu quarto intempestivamente. Realmente, o que havia para dizer depois disso?

Além de que ele queria que seu pai tivesse esmagado sua cabeça também.

20 de novembro de 9529 a.C.

Styx sentiu o veneno do olhar da sua irmã como uma espada afiada cortando sua coluna abaixo. Olhando de relance para Galen enquanto eles treinavam, viu Ryssa nas tribunas com seu pai, que tinha chegado mais cedo para assisti-los lutar e reclamar sobre o fato que Styx não estava treinando duro suficiente.

— Como você pode ser um herói de guerra contra Atlântida? Como? Eles enviaram somente suas jovens filhas para lutar com você? Eu juro, vi camponeses lutando nas ruas que mostravam mais energia e vigor do que você.

— Se vai bater como uma mulher, deveríamos colocar uma túnica feminina em você. Pelo menos aí seu rosto bonito e corpo poderiam impedi-los de te matar... ou talvez nós devêssemos fazer você se juntar à Banda Sagrada de Beócia e mandá-los te atribuírem um namorado que esteja disposto a proteger sua bunda afeminada na batalha.

— Estou envergonhado, vou te enviar para a guerra depois de ver esta exibição patética. Eu deveria dismantelar sua armadura ou entregá-la para alguém que realmente sabe como usar e não a envergonhe!

Suas queixas foram tão ferozes e imundas que Galen finalmente passou por cima para lembrar a seu pai que apenas três semanas atrás Styx quase morreu, e que ele só estava fora da sua cama há alguns dias. O propósito do exercício era impedi-lo de perder a flexibilidade e reconstruir seus músculos danificados. Não se preparar para a guerra.

Só então seu pai parou de insultá-lo e permitiu que eles treinassem em paz.

Styx franziu o cenho enquanto observava Ryssa gritando. Ele não conseguiu ouvir sua rápida conversa disparada, mas pela forma irritada que ela gesticulou em direção a ele, tinha certeza que era sobre ele e Acheron.

Galen abaixou a espada quando percebeu que Styx estava distraído.

— Pela primeira vez, estou contente que não sou rei.

Styx riu.

— Você não faz ideia. Venho recebendo chibatadas da língua dela o suficiente para saber que é altamente desagradável. Acho que ele é o único que pode usar armadura.

— Você é a causa de sua irritação?

— Quem sabe. Pode ser que o material errado para um vestido foi entregue a ela por engano.

Galen riu, então empurrou seu queixo apontando em direção a eles.

— Seu pai deve tê-la acalmado. Ela parece bastante satisfeita agora.

— Não vai durar. Nunca dura. — Ele pegou o odre de vinho da mão do Galen e saciou sua sede.

— Styxx!

Ele fez uma careta ao ouvir o berro do seu pai. *Do que a vadia o culpava agora?* Devolvendo o odre para Galen, encaminhou-se para lá.

— Pai?

— Aceite meu conselho... caso você tenha uma filha, case-a no dia que ela nascer.

— Vejo que a visita de Ryssa não foi agradável.

— O bastardo está sendo libertado e movido para seu próprio quarto. Só achei que você ia querer saber.

O bastardo. Acheron. Toda vez que seu pai se referia a seu irmão assim, era um tapa na sua cara também, e traía o que seu pai realmente pensava de ambos.

Styxx estava contente que Ryssa foi bem sucedida onde ele falhou, mas não caía nessa de deixar seu pai saber o que realmente pensava.

— Não vejo como isso me afeta.

— Não devia, mas eu quis que você soubesse sobre isto. — E com isto, seu pai o deixou.

Pelo menos seu irmão finalmente teria seu lugar em sua casa novamente. Houve um tempo em que teria se alegrado com aquela notícia.

Agora...

Tudo que Styxx sentia era tristeza. Não porque Acheron teria seu próprio quarto, mas porque ele não tinha mais um irmão. Tinha apenas outra pessoa no palácio que o desejava morto e queimado.

Não, ele pensou amargamente. Acheron desejava que ele fosse estuprado primeiro.

05 de dezembro de 9529 a.C.

Bethany sorriu com a sensação de Hector enrolado contra suas costas, enquanto ele dormia com os braços enrolados ao redor de seu corpo. Sua cabeça descansava em seus bíceps duros, enquanto o rosto dele estava tão enterrado em seus cabelos, que podia sentir sua respiração contra seu pescoço. Ele tinha feito amor com ela por várias horas, que não estava certa se poderia se mover mais tarde.

Não que quisesse deixar esta cama, ou a ele novamente.

Em toda sua vida, nada a tinha feito mais feliz do que seu mortal. E apesar da guerra com os gregos ter terminado antes que eles pudessem lançar a cabeça do Príncipe Styxx contra o muro, honestamente não se importava. Não trocaria nada, até mesmo a garganta do príncipe, em troca dos últimos meses de ter Hector com ela em paz.

Nada se comparava a estas tardes preguiçosas, de estar encasulada por seu corpo longo e duro. De saborear seus lábios que afugentavam todos os pensamentos, exceto quanto o adorava. O quanto queria ter um filho dele...

Não vá por aí.

Ela não podia entender isto. Quanto mais ficava com Hector, mais queria tê-lo permanentemente em sua vida. Pior, até começou a sonhar com um futuro com apenas os três como uma família.

O quão estúpido isto era? Ela era uma deusa, não a filha de um fazendeiro qualquer.

E ainda assim estes sonhos a torturavam.

Dynatos começou a choramingar e arranhar a porta. Ele esteve tão quieto pelas últimas horas que ela esqueceu que estava no quarto com eles.

No momento em que se moveu para atendê-lo, Hector acordou com um sobressalto.

— Beth? — Ele suspirou seu nome como uma adorável oração.

— Dyna quer sair.

Ele fez um barulho desagradável em seu cabelo, antes de afastar-se.

— Eu o porei para fora. Você fica na cama onde está quentinho.

Ela sorriu com sua consideração.

— Tem certeza?

Ele resmungou baixinho enquanto rolava para longe dela.

— Sim.

Rindo de sua irritação moderada, ela puxou as cobertas mais para cima.

— Você não soa como se tivesse.

— Mantenha meu lugar aquecido e prometo que não assassinarei seu cachorro por nos perturbar.

Ela escutou quando ele colocou o cachorro para fora, então remexeu o fogo antes de retornar para a cama. Ele amontoou os travesseiros para cima e reclinou-se contra eles.

— Sinto muito por ter adormecido. Odeio desperdiçar até mesmo uma batida do coração de meu tempo precioso com você.

Ela envolveu-se sobre o peito dele, para que pudesse esfregar a mão contra os sulcos acentuados de seu abdômen. O cheiro de sua pele a fazia ansiá-lo dentro dela novamente, enquanto mergulhava a mão mais para baixo para acariciá-lo.

— Não me importo. — Honestamente, ela adorava o fato que confiasse nela tão completamente. Sabia como raramente ele dormia.

Ele roçou a mão pelos cabelos dela, enquanto suspirava satisfeito.

— Está tarde. Já escureceu... você pode passar a noite comigo?

Bethany hesitou. Eles raramente passavam as noites juntos. Embora ultimamente, tinham feito isto com muita mais frequência, já que seus dias eram muito mais curtos.

Ainda assim, ela deveria estar procurando por Apostolos.

— Quão tarde?

— Não estou certo, mas a lua está bastante alta.

— Não ficará em apuros com seu pai?

Ele não hesitou em sua resposta.

— Enfrentaria milhares de pais irados por mais tempo com você, minha Beth.

— Então vou ficar.

Styxx sorriu aliviado. Não gostava que ela viajasse tão tarde sozinha. Nem mesmo com Dynatos como seu guardião. Não confiava no mundo para deixar sua Beth incólume.

Tocando seu rosto, saboreou a sensação da respiração dela caindo contra sua pele. Isto era o que tinha ansiado tanto, enquanto esteve na guerra. O que o fez o seu melhor para agarrar-se. Não apenas a possibilidade de fazer amor com ela, mas a proximidade que sentia sempre que os

membros dela estavam entrelaçados com os deles. A sensação deles, juntos, formando um único coração. Era a intimidade sentimental que significava tanto, se não mais do que a física. O fato de que podia conversar com ela sobre qualquer coisa e não tê-la julgando-o.

Que ela, sozinha, o amava e o recebeu em sua vida.

Ela afastou-se dele e desenganchou o colar que o pai dela lhe deu.

— O que você está fazendo?

Ela enrolou isto ao redor do pulso dele novamente.

— Quero que use isto.

— Beth...

Ela parou seu protesto com um beijo.

— Estou com uma sensação ruim, Hector. E não sei por quê. Tenho Dynatos me protegendo. Não quero deixá-lo sem nada. Então, por favor... Pegue isto. Deixe-o protegê-lo quando eu não estiver por perto.

— Apenas para fazê-la feliz, minha senhora, e porque isto me lembra de você, quando não está comigo. — Sem mencionar, que não podia contar quantas vezes começou a acariciá-lo por hábito, e sentia-se esmagado por estar sem isto. Durante seu tempo na guerra, isto tinha sido a única coisa que o confortou. Não importa o quão ruim as coisas estavam, ele olhava para o colar dela e se sentia imediatamente melhor. Isto esteve por tanto tempo em sua vida que se tornou parte dele.

Como ela.

Ela sorriu.

— Eu amo você.

— E eu, você. — Ele beijou-a suavemente e inalou o doce cheiro de sua pele. — Case-se comigo, Beth. — Ele suspirou, antes de poder impedir a si mesmo.

Ela afastou-se com uma expressão afiada.

— Hector...

— Não a sufocarei. Eu juro. Mas preciso de você, Bethany. Quando não está comigo, existo como uma sombra. Uma mera sombra de um humano.

— Você sabe que não posso Hector.

Styxx rangeu os dentes. Como ela, tinha um mau pressentimento que não conseguia reconhecer, e não era apenas porque sua irmã estava para ser amarrada a um deus que se

recusava a deixá-lo em paz. Era uma sensação de que Bethany não estaria com ele por muito mais tempo. Que algo iria separá-los.

Ele apenas não sabia o quê.

— Gostaria que você não tivesse que partir. — Ele sussurrou. Ela lhe disse mais cedo que iria viajar com seu pai pelas próximas semanas. — Sentirei sua falta terrivelmente.

— Não tanto quanto sentirei a sua. Mas voltarei assim que puder.

Styxx suspirou quando ela soltou-se de sua mão, para acariciá-lo suavemente com a mão dela. Pior do quanto odiava sempre que tinha que deixá-la, era muito mais doloroso quando ela o deixava. Pelo menos, quando ele partia, sabia que voltaria, não importava como.

Quanto a ela...

Podia apenas esperar que ela retornasse.

— Contarei as batidas do coração até que a veja novamente.

— E farei sua contagem tão breve quanto possível. Prometo.

Fechando os olhos, ele saboreou os dedos dela acariciando-o, tanto quanto fez com aquelas palavras preciosas. Pelo menos a tinha esta noite. Não pensaria sobre o amanhã. Isto chegaria.

Sua única esperança era que o futuro o tratasse muito melhor do que o passado tinha.

E que Bethany mantivesse sua promessa de retornar para ele.

09 de dezembro de 9529 a.C.

Styxx permanecia ao lado direito de seu pai enquanto esperavam por outra companhia real, que foi avistada rumando para o palácio. Exatamente pelo que Styxx estava ansiando, mais testemunhas para a profanação de Ryssa em dois dias.

Durante a última semana os dignitários tinham chegado de todas as partes da Grécia, e como príncipe, era esperado de Stixx atender a todos. E esperava ansiosamente por estes momentos maravilhosos, tanto quanto as visitas de Apollo à meia-noite em sua cama.

Enquanto isso, as palavras particulares e insultos de seu pai tocaram em seus ouvidos, fazendo todos estes momentos “mais doces”.

Quanto mais seu pai via Acheron, mais detestava Styxx. E não havia nada que pudesse fazer atualmente para aplacar o homem. Seu pai estava absolutamente determinado a odiá-lo.

Verdadeiramente, não se importava mais. Ele meramente tratava estes dias, como tinha feito com os meses infinitos da guerra. Enterrou suas emoções profundamente e passava por elas tão mecanicamente quanto possível, na promessa de que logo estaria com Bethany, e ela poderia apagar a miséria e substituí-la com as emoções que valiam a pena sentir.

Mas, quando Styxx viu as bandeiras de seus mais recentes convidados, não pode deixar de sentir-se um pouco melhor.

Rei Kreon de Halicarnassus. Styxx não o via desde que lutou para repelir os atlantes do reino de Kreon. O homem foi gentil com ele e seus soldados, e apreciou isto.

Assim que a comitiva parou, o rei de Halicarnassus e sua corte deixaram suas carruagens e subiram as escadas do palácio.

Kreon deu um breve aceno de cabeça para seu pai em seguida, virou-se para Styxx e sorriu abertamente, antes de puxá-lo para um abraço paternal.

— É tão bom vê-lo novamente, Alteza. E juro por Zeus, que acho que ficou ainda mais alto. Está parecendo em boa forma, realmente.

Styxx sorriu.

— E você, Majestade. Fez uma jornada segura, eu creio?

— Poderia ter sido melhor. Poderia ter sido pior. Lembre-me daqui a pouco, trouxe presentes para você, jovem príncipe.

Styxx olhou para seu pai que não estava contente, no mínimo.

— Aprecio isto, Senhor. Obrigado.

Kreon bateu-lhe nas costas. Então se virou em direção a seu pai.

— Seu filho é a única coisa sua que invejo Xerxes. Espero pelos deuses que você aprecie o presente que lhe foi dado.

Você não tem que viver com o bostinha e sua boca. Ou tolerar seu ocioso mau humor.

Styx endureceu com os insultos silenciosos de seu pai.

Quando os reis subiram as escadas, ele os seguiu, mas ficou para trás. O palácio estava extremamente lotado agora. As vozes eram mais do que podia aguentar, e não tinha nenhuma maneira de bloqueá-las.

Com a intenção de ir para seu quarto, ele não prestou atenção em ninguém até que se chocou com sua irmã.

Literalmente.

Ryssa encarou-o com ódio. *Você fez isto de propósito, não fez, gigante idiota!*

Styx fez uma careta de dor com os adicionais pensamentos irritados dela martelando em sua cabeça.

— Foi um acidente, doce irmã. Perdoe-me.

— Acheron está certo. Você é um idiota.

Ele suspirou.

— Isto faz bem a meu coração, saber as apaixonadas discussões que meu irmão tem sobre mim em minha ausência.

— Acha que isto é engraçado, não é?

— Há muito poucas coisas na vida que acho divertidas, Ryssa. E posso assegurar-lhe, que nenhuma das poucas tem qualquer coisa a ver com minha família.

Ela deu-lhe um letal sorriso de escárnio.

—Deveria ter medo, Styx.

Oh, isto deve ser bom.

— De?

— Se agradar Apollo, terei muito mais poder do que você tem. E desde que ele é o deus das pragas, poderia deixar sua vida miserável. Terei a habilidade de machucá-lo em lugares que não irá esquecer.

Styx riu amargamente de sua ameaça vazia. Ele não seria tão sortudo, mas Apollo não iria quebrar seu atual brinquedo. Os deuses sabiam que Styx estava tentando repelir o deus há meses.

Mas isso não era o que realmente o aborrecia sobre as palavras dela. Era a estupidez cega de Ryssa que mais o ofendia.

— Queridíssima irmã, você manteve este poder sobre mim toda a minha vida, e nenhuma vez, nunca, hesitou em usá-lo.

11 de dezembro de 9529 a.C.

Com o estômago agitado, Styxx deixou o templo de Apollo, enquanto sua irmã estava sendo oferecida ao deus. Apesar do que Ryssa pensava, não aguentaria ver isto. Não que a vadia não merecesse este destino e mais.

Mas o que verdadeiramente o adoecia eram os sorrisos e olhares divertidos que Apollo lhe enviava, durante a formalidade. O deus achava engraçado que todos concluíssem que grande coisa era atar-se a Ryssa, enquanto não era a princesa que o olímpio realmente almejava.

Styxx vacilou quando viu Apollo em sua mente, agarrando-o pouco antes disto começar e o empurrando de costas contra a parede do templo, na área isolada.

— Posso estar com sua irmã esta noite, príncipe, mas é em seus lábios que estarei pensando, quando eu a beijar. Seu duro, corpo musculoso que estarei ansiando...

A única coisa que salvou Styxx de ter uma lembrança pior foi o impecável timing de seu pai. Ainda podia ver a confusão no olhar de seu pai. Quando os encontrou inesperadamente e arrastou seu olhar para Apollo, que tinha ambas as mãos apertadas na elegante túnica branca de Styxx, enquanto o mantinha grampeado na parede com sua perna entre as coxas de Styxx, e sua cabeça curvada para baixo, sussurrando na orelha de Styxx. Styxx, que estava encolhido com a proximidade íntima de Apollo, estava afastando sua cabeça do deus e suas mãos espalmadas na parede ao lado dele.

Com uma confiança na orelha de Styxx, Apollo tinha dissimuladamente se esfregado contra o quadril de Styxx, para que pudesse sentir o quão duro o deus estava por ele. Então soltou Styxx e foi embora como se nada tivesse acontecido.

Afastando-se da parede, Styxx encontrou o olhar raivoso de seu pai.

— Você ofendeu Apollo, garoto?

Não, o bastardo que me ofendeu.

— Não, pai. — A firmeza em sua voz o surpreendeu.

Os olhos de seu pai escureceram de raiva, o rei fechou a distância entre eles, assim podia grunhir reservadamente com Styxx.

— Faça qualquer coisa para estragar isto para mim, e juro que verei com que seja deserdado e jogado na rua com a prostituta de seu irmão. Pensa que sabe o que é tragédia, garoto... você não pode nem imaginar. E não acredite nem por um minuto que Kreon ou qualquer dos outros reis o receberia em seus reinos. Se expulsasse você, nenhum deles ousaria falar com você. Nunca mais.

O ciúme de seu pai o tinha atordado. Não que se importasse. Realmente não podia importar-se menos neste momento. — Juro-lhe, pai, Apollo não está bravo comigo.

Então a parte dele que queria açoitar seu pai e machucá-lo, não pôde resistir de acrescentar.

— Ele estava me abraçando. Foi isso que você viu. Ele meramente estava me dizendo o quanto esperava ansiosamente passar mais tempo comigo no futuro.

— Bom. Veja isto, que continue assim.

Lágrimas pinicavam na parte de trás de seus olhos, enquanto seu pai saía esbravejando. Mas o que mais machucava era que seu pai não vendeu seu filho e sua filha para Apollo, pelo benefício de seu povo ou pela paz.

Ele estava fazendo isto para gabar-se com os outros reis para que pudesse reivindicar que Didymos era a cidade soberana mais favorecida pelos deuses.

Incapaz de lidar com isto mais, Styxx dirigiu-se ao pequeno boticário da esquina, especializado em ervas e medicamentos atlantes. Embora odiasse o que as ervas faziam com ele e jurou que não tocara nelas novamente, precisava de algo para tirar tudo de sua cabeça. Apenas por algum tempo.

Não posso acreditar que matei meu tio por esta merda.

Entretanto talvez fosse por isso que os deuses estavam fazendo isto com ele. Era a retribuição por suas ações. Tudo pelo qual tinha matado Estes para evitar, aconteceu de qualquer maneira, apenas que agora era muito pior. Ryssa ainda estava prostituída, e em vez de Styxx ser detido e estuprado por uma semana ao ano, estava agora à mercê de Apollo sempre que o deus estivesse com tesão.

Apenas a situação de Acheron melhorou.

Com a cabeça pulsando, Styxx caminhou pelo mercado, em direção à loja.

Agora, tudo que realmente queria era estar com Bethany. Ela aliviaria a dor em seu coração e o faria esquecer por alguns minutos, quanto odiava cada parte da vida real. Mas ela não voltaria por uma semana. Sua família estava viajando e o deixou desprovido do brilho de seu sorriso. Honestamente, não podia suportar não estar com ela.

Mas pelo menos levava Dynatos com ela em todos os lugares que ia. Mantinha o enorme cachorro perto dela para que Styxx pudesse respirar, sabendo que Dynatos sempre a protegeria.

— Por favor, senhor... não posso comprar metade do pão?

Styxx parou com a voz da menina quando passou pela banca do padeiro.

— Vá andando! Não quero um mendigo aqui. Moeda ou nada. Não vendo metade de pães.

— Mas não tenho o suficiente. Por favor. É para minha mãe. Ela está doente e faminta...

O olhar lascivo no rosto do homem quando varreu o corpo da jovem adolescente fez o estômago de Styxx revirar.

— Se quiser pagar com algo diferente de moeda, podemos fazer um acordo, menina.

Horrorizada, ela cambaleou para longe e começou a virar-se, então fechou os olhos.

A raiva escureceu o olhar de Styxx quando viu o que ela estava prestes a fazer para alimentar sua família.

Quando ela retornou em direção à banca, Styxx cortou-a. Ele caiu de joelho na frente dela, para que pudesse olhar nos olhos dela.

— Pegue o que precisar e pagarei por isto.

A suspeita naqueles jovens olhos castanhos cortou em tiras seu coração.

— E como quer que eu pague a você, meu senhor?

Aquelas palavras e o que ela estava realmente perguntando o deixaram completamente puto com as Parcas³⁵ que faziam isto a uma criança tão jovem.

— Nada. Eu juro. — Ele deu-lhe uma cesta. — Pegue qualquer coisa que precisar para alimentar sua família.

Quando ela começou a se afastar, Styxx pegou um flash de ouro ao redor do pescoço dela. Parando-a, puxou uma corda esfarrapada para encontrar um grande anel de ouro, amarrado no fim disto.

Anel de um soldado.

— Por favor, não leve isto. — Ela sussurrou. — É tudo o que restou de meu pai.

O reconhecimento golpeou seu estômago como um punho, quando viu a marca que conhecia tanto quanto a sua própria. Eles adornavam um escudo que permaneceu ao seu lado e em suas costas em muitas batalhas.

— Gaius? Filho de Philoctes? Ele era seu pai?

— Você o conheceu, meu senhor?

Raiva e pesar quase trouxeram lágrimas aos olhos dele, quando se lembrou de Gaius e sua generosidade com o manto.

— Você deve ser Helen.

³⁵ Três deusas que controlam o fio do destino

Um sorriso brilhante, finalmente a fez parecer a jovem que ela era.

— Você conheceu meu pai!

Styxx retornou o sorriso dela.

— Sim, eu conheci. Ele me falou muito de você, seus irmãos, sua irmãzinha e sua mãe, e quanto amava a todos vocês. — Ele colocou o anel na mão dela. — E ele foi um grande amigo para mim. Agora junte suas coisas, Helen. Tudo o que precisar ou quiser. Não tenha medo do custo. Agora ou depois.

Lágrimas encheram os olhos dela.

— Obrigada, meu senhor.

Ele a beijou na testa, e em seguida levantou-se, enquanto rapidamente ela fazia as compras.

O padeiro zombou enquanto a observava encher sua cesta.

— Ela não é tão bonita, meu senhor.

Abaixando seu capuz para expor a coroa de louros de ouro que raramente usava, Styxx curvou uma sobrancelha majestosa para o homem.

O padeiro caiu de joelhos.

— Alteza... perdoe-me. Não o reconheci sem seus guardas.

Helen congelou, em seguida arregalou os olhos e ficou boquiaberta.

— Você é o Príncipe Styxx?

— Sou.

Ela curvou-se, em seguida fez uma reverência, então se curvou novamente.

Styxx riu.

— Você não tem que se curvar para mim, Helen. Como disse, seu pai foi um bom amigo, e considero você e sua família.

Isto apenas a confundiu mais.

Fechando a distância entre eles, tirou os cabelos escuros de do rosto dela.

— Pense em mim como seu primo.

— Não gosto muito de meu primo. Ele fede, e me insulta.

— Então pense em mim como o primo que não fede ou a insulta.

Assentindo, ela rapidamente terminou as compras.

Styx passou um irritado olhar para o padeiro.

— Tenha a conta dela enviada para meu escriturário no palácio, e no futuro, qualquer coisa que ela ou sua mãe precisarem ou quiserem, mande para ser faturada por mim. Entendido?

— Sim, Sua Alteza.

Tomando a cesta dela, Styx estendeu-lhe a mão. Ela mordeu o lábio e hesitou. Então a enxugou em seu himation, e colocou-a na dele.

Enquanto o levava para a casa dela, ele notou o modo como ela desacelerou quando passaram por uma banca de frutas.

— Você gostaria de algumas maçãs ou figos?

Ela mordeu o lábio novamente.

— Posso?

Styx soltou a mão dela.

— Absolutamente.

Soltando um grito de alegria, rapidamente ela agarrou uma única maçã e embalou-a com um sorriso.

— Obrigada, Alteza.

Ele segurou a preciosa cabeça inocente dela ao seu lado. Ela nem sequer pensou em pedir mais. Comprou-lhe um saco delas, em seguida continuaram seu caminho.

Assim que se aproximou de sua pequena e dilapidada casa, seus irmãos, que estavam brincando na rua vieram correndo.

— Você conseguiu um pouco de pão? — O irmão mais novo perguntou.

O mais velho olhou para Stixx, desconfiado.

— Por que você está aqui com minha irmã, meu senhor?

— Ele é o príncipe. — Helen sussurrou alto. — Mostre-lhe respeito Iason.

Styx afundou de joelhos para que ficasse mais perto da altura de Iason. Aos nove anos, o menino mostrava a promessa de equiparar-se ao enorme tamanho do pai dele um dia.

— Não tire de seu irmão a tarefa de buscar protegê-la, Helen. É trabalho dele e seu pai ficaria orgulhoso de ver isto. — Ele estendeu uma maçã para Iason. — Gaius era um amigo e estou aqui para ver como sua mãe está.

— Ela está muito doente, Alteza. — Philoctes olhava para o pão com uma fome que lembrou a Styx de Acheron, quando eram meninos.

Ele deu um pão para ele.

Aos sete, era da metade do tamanho de Iason.

— Obrigado! — Ele fugiu com isto.

Helen abriu a porta de sua escassa casa. Styx seguiu-a para dentro com Iason logo atrás dele. Embora escassa, o interior era claro e limpo. Mas não havia nenhuma comida e apenas um punhado de especiarias penduradas em uma parede para secar.

Styx colocou a cesta e as maçãs na mesa no centro da sala. Helen pegou um pão e o levou para o quarto, onde a mãe dela estava deitada em uma pequena cama, com uma criança ao lado.

Pálida e suando, Danae estava tentando brincar com uma menininha ao lado dela, mas era óbvio que deveria estar descansando e não cuidando de crianças.

— Você conseguiu... — Sua voz rouca falhou quando observou Styx com as roupas ornamentadas do festival. Ela tentou erguer-se.

— Por favor, não faça. — Ele disse suavemente. — Não estou aqui para causar qualquer tensão, boa Danae. Deparei-me com Helen no mercado e quis ver como a família de Gaius estava se saindo.

Ela tossiu por vários minutos.

Styx a ajudou a se levantar e a segurou até o espasmo passar. A febre irradiava de seu corpo pequeno e delicado.

— Você já viu um médico?

— Não, meu senhor. — A respiração dela estava tão difícil que retorceu o coração dele. — Não temos nenhuma moeda para tal.

— Estou confuso. A pensão de Gaius não é suficiente?

Danae franziu o cenho.

— Sua pensão foi suspensa, meu senhor. Nosso dinheiro vem do que Helen e eu ganhamos.

— Suspensa? Não entendo. Ele morreu na guerra.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ele morreu em um bordel. Assassinado nos braços de uma prostituta. O homem do rei anunciou isto para todos, quando fui solicitar sua pensão. Como tal, não nos qualificamos.

A crueldade daquelas palavras e ações o queimou com fúria.

— Eu estava lá quando aconteceu, minha senhora. Seu marido era um de meus melhores soldados, e não estava com uma prostituta. — Provavelmente não fosse verdade, mas sua viúva não precisava saber de nada diferente do fato que era inegável. — Gaius amava você e suas crianças para distrair-se. É assim que conheço todos os nomes e idades deles... até da pequena Elpis aqui, que foi nomeada por sua mãe. Gaius morreu em minhas costas e depois de lutar muitas batalhas por mim e Didymos. Seu marido era um grande herói, e eu pessoalmente verei que sua pensão seja reintegrada, e me certificarei de que você receba todas as gratificações devidas a ele e a você.

— Quem é você meu senhor?

— Ele é o Príncipe Styxx, mamãe. — Helen sussurrou.

Os olhos dela arregalaram.

— Alteza... — Ela tentou levantar-se, mas Styxx pressionou-a de costas contra a cama.

— Shh... não se estresse. — Ele olhou para Helen. — Você tem alguém que possa ajudá-la até que sua mãe melhore?

— Eu a ajudo, Alteza.

— E você faz um trabalho admirável. Mas é apenas uma menina e deveria estar brincando, não tendo tanto colocado em seus ombros jovens. — Ele acariciou a cabeça de Danae e ofereceu-lhe um sorriso. — Não verei a família de Gaius tratada deste jeito. — Levantando-se, pegou-a em seus braços.

— Alteza? — Ela ofegou.

Ele a embalou contra seu peito.

— Helen, pode carregar sua irmã e ir buscar seus irmãos?

— Sim, Alteza.

— Bom. Siga-me.

Ele vai nos levar para sermos castigados...

Seus pensamentos amedrontados o atingiram como um golpe.

— Danae, por favor, acredite em mim. Por minha honra e coroa não a prejudicarei, e não permitirei a ninguém mais fazê-lo também.

Ela relaxou, mas a suspeita silenciosa assombrava seus olhos escuros. Não fez nenhum outro protesto, enquanto a carregava pela cidade e para as instalações militares.

— Alteza? — Galen congelou no corredor quando os viu entrando no prédio.

— Está é Danae, esposa de Gaius, e seus filhos. Estou trazendo-os para os aposentos de Gaius para serem cuidados até que ela melhore.

Galen andou até Elpis e a tomou dos braços de sua irmã para levá-la.

— O que você precisa que eu faça?

— Mande buscar meu médico pessoal para atendê-la. Quero um séquito de senhoras enviadas para ajudar a cuidar dela e das crianças.

Danae ficou boquiaberta para eles, enquanto Styxx a deitava na cama, e notou o tamanho e esplendor dos aposentos militares de Gaius. Ele pegou a criança, enquanto Galen iniciava um fogo e pegava água para ela.

Com os olhos mais arregalados do que antes, Danae abriu e fechou a boca com suas emoções a afligindo.

Os meninos corriam ao redor gritando e celebrando, enquanto afligiam sua pobre mãe. Até que encontraram a lança do pai deles.

Styxx pegou-a exatamente quando eles a puxavam da parede. Gentilmente pegou-a das mãos de Iason.

— Vamos esperar até que vocês estejam mais velhos, para usar o armamento. — Quando começou a colocar isto no lugar, algo expandiu morno através de seu flanco. Franzindo o cenho, olhou para baixo para a criança que segurava em um braço. Ela sorriu para ele e golpeou uma mão molhada em seu rosto. — Um Galen... Esta aqui está vazando.

Galen riu.

Danae clamou horrorizada.

— Sinto muito, Alteza! Eu...

— Ora. — Galen zombou, interrompendo-a. — Não é a pior coisa que o garoto teve sobre ele, não é, jovem príncipe?

— Definitivamente não. Mas... — Ele passou Elpis de volta para Galen. — Temo que não tenha nenhuma experiência com este reino doméstico. Nem sequer vi uma pana³⁶, e nunca tentei aplicar uma em uma pessoa tão pequena.

A menina guinchou enquanto enterrava as mãos na barba de Galen e chutava as pernas alegremente.

O sorriso de Galen alargou.

— Eu, por outro lado, tenho mais do que minha quota de experiência de com aplica-las, e cuidarei disto para você.

Styxx retornou a lança para a parede, e viu que a pobre Danae estava perto de morrer horrorizada, com as ações de seus filhos.

— Senhora, realmente. Está tudo bem. Já fui um garoto também, e enquanto meus pais e babás tentavam, temo que falhei no treinamento do lar e maneiras com honras.

Lágrimas encheram os olhos dela.

— Obrigada Alteza, mas duvido que tenha sido tão mal comportado.

— Acredite-me, eu era. Ainda tenho as marcas de ramos para provar isto. — Styxx virou-se para os meninos. Precisava levá-los para fora, para que a mãe deles pudesse descansar. — Adivinhe o que temos aqui para os dois?

— O quê? — Eles perguntaram em uníssono.

— Uma arena gigante para vocês correrem ao redor e brincar. — Levou-os para fora enquanto Helen ajudava sua mãe.

No momento que viram o tamanho disto, os meninos decolaram e começaram um jogo de perseguição. Styxx parou enquanto os assistia brincar e lutar com um abandono selvagem. Mas não eram os dois irmãos com cabelos escuros que via. Era ele e Acheron.

Mesmo agora, podia lembrar-se do som da harmonizada risada deles, enquanto se esquivam e corriam com descuidado abandono. Vendo Acheron levá-lo ao chão.

Eu prendi você primeiro!

Hah! Você bate como Ryssa...

Irmãos... Para sempre e sempre.

Pesar apertou sua garganta. Daria qualquer coisa se Acheron pudesse apenas olhar para ele com algo diferente do que desprezo e ódio. Mas quem podia culpá-lo?

³⁶ Tira de pano

Ele odiava Acheron, também.

Nada jamais os reuniria. O que foi quebrado por suas próprias palavras duras, e as ações dos outros não poderia ser reparado. Era muito tarde para isto. Suspirando com remorso, retornou para encontrar Danae adormecida e Helen no chão, fazendo cócegas em Elpis. Ele foi até Galen, cujos olhos mostravam que estava pensando sobre sua própria filha e netos.

— Coloquei os meninos no quintal.

— Escolha sábia, meu senhor.

— Achei que sim. — Ele puxou Galen para o corredor. — Sabia que eles negaram as pensões para os mortos durante a emboscada?

Galen ficou de queixo caído.

— O quê?

Styx assentiu.

— Foi por isso que os trouxe para cá. Eles não tinham nenhum dinheiro.

— Não tinha ideia, meu senhor. Sabe que eu não tinha.

Styx rangeu os dentes.

— Nem eu... devia ter verificado isto. Mas presumi...

— Não pode culpar a si mesmo.

Ainda assim, o fazia. Ele foi o comandante deles. Era seu trabalho verificar com que seus homens e suas famílias fossem cuidados.

— Fará a contabilidade? Quero ter certeza de que todos consigam o que lhes é devido.

— Certamente, Alteza. Verei isto, pessoalmente.

— Obrigado. — Styx começou a voltar em direção ao palácio, mas Galen o puxou parando-o. O olhar do idoso caiu para onde Elpis sujou a túnica de Styx. Antes que percebesse o que Galen pretendia, o idoso o puxou para seus braços e o abraçou apertado.

Depois de um momento, Galen afastou-se e beijou cada lado do rosto de Styx. Ele segurou o rosto de Styx com suas ásperas e calejadas mãos, e deu-lhe um olhar duro. Então bateu levemente no rosto de Styx, com força suficiente para que quase sentisse como um bofetão.

Mas entendia bem.

— Amo você também, Galen.

— Amor? Ora! Você soa como uma velha. Saia daqui, garoto, antes que fique ofendido com você... e minha espada.

Styx riu para ele.

— Sim, senhor.

Amo você, filho. Mais que jamais saberá.

Styx sorriu com os pensamentos de Galen que aqueceram seu coração, e em seguida o deixou para vigiar as mulheres, até que pudesse enviar ajuda do palácio.

Quando começou a passar pela dispensa, Styx regressou e dirigiu-se para dentro para reunir um prato de frutas. Carregou isto para a arena, onde os dois meninos estavam ainda tentando matar um ao outro, da maneira que apenas irmãos amorosos faziam.

— Ei, meninos?

Eles viraram em sua direção. Estendeu o prato para cima para que vissem, então o colocou em um pequeno banco de madeira. Gritando, eles vieram correndo.

Rindo da maneira como eles desceram como gafanhotos famintos, Styx agarrou uma maçã para si mesmo e os deixou com seu lanche. Mordeu-a e segurou-a com os dentes, antes de puxar seu capuz para esconder sua identidade como normalmente fazia, sempre que andava sozinho.

Ele pegou a maçã em sua mão e mastigou-a, mas seu sorriso enfraqueceu quando deixou o quartel e foi para “casa”.

* * *

Bethany franziu o cenho enquanto seguia o príncipe pela colina, em direção ao palácio didymosiano. Archon enviou-a para cá hoje para vigiar a cooperação de Apollo com seus planos. Mas no momento em que o deus grego lançou o príncipe contra a parede do templo, e viu a vergonha e o tumulto miserável naqueles atormentados olhos azuis, e ficou assombrada com eles.

Pior era a culpa que sentiu por ter dito a Apollo, que poderia ter um homem que obviamente não queria ter nada com ele. A culpa triplicou quando ouviu as palavras frias do rei para seu filho, a aceitação estoica de Styx pelo fato de que seu pai era um idiota egoísta, que mantinha pouca consideração por ele.

Nunca esqueceria a miséria solidária no rosto dele, enquanto observava sua irmã sendo oferecida ao deus. Uma miséria tão potente que temeu que ele estivesse doente, quando finalmente escapou pela parte de trás, para não testemunhar mais daquilo.

Aquele grau de compaixão a surpreendeu.

Contudo, o que verdadeiramente a derrubou foram às ações dele com a família do soldado morto. Que príncipe se dignaria a carregar uma plebeia doente pela cidade?

E toda vez que pensava sobre a pequena menina molhando-o, ela sorria. Não porque isto tenha humilhado o príncipe, mas por causa de sua generosidade.

Não, não generosidade.

Sua humanidade.

Sem mencionar a informalidade e displicência de Galen com Styxx, que falava muito sobre a verdadeira natureza do príncipe. Assim como a preocupação de Styxx pelo fato de que seus homens, tanto os vivos e mortos, não foram tratados de forma justa. E entre aqueles homens que ele se preocupava, estava aquele que mantinha seu coração.

Eu tenho julgado muito mal você...

Mas o mais doloroso de tudo foi o fato de que sem saber, ela prejudicou Styxx. Que lhe ofereceu a Apollo sem considerar como isto o afetaria.

Sou uma vadia...

Querendo compensar, ela o seguiu e notou o modo como seu humor escurecia a cada passo que o levava mais próximo de casa. Enquanto entrava pelas portas do palácio, a agonia amarga naqueles olhos pálidos era tão espessa que a fez segurar o fôlego.

Dentro das paredes do palácio, ele fechou os olhos e ela observou todo o comportamento dele mudar. Enterrou as emoções e manteve a cabeça erguida. Abaixou o capuz e a beleza primitiva, máscula dele atingiu-a até mais do que antes.

Foi-se o homem gentil, doce que levou um prato de frutas para dois meninos, enquanto eles brincavam, e a pessoa que não disse nada indelicado quando uma criança sujou suas roupas caras. Agora, era novamente o príncipe arrogante com a espinha ereta rígida e um olhar defensivo.

Este era o homem que viu na guerra.

Suas características eram absolutamente perfeitas. Sem defeitos. Frio e insensível. O capuz amarrotou suas ondas loiras ao redor de sua coroa de ouro e no rosto, e deu-lhe uma aparência juvenil adorável, com uma presença que era a do guerreiro esmagadoramente feroz e o majestoso príncipe.

E aquele corpo...

Embora Hector possuísse seu coração, tinha que dar crédito ao príncipe. Ele era um lindo espécime viril, enquanto seguia abaixo pelo corredor e batia em uma porta.

Uma jovem empregada abriu-a. Seu rosto iluminou esperançosamente como se estivesse ela acostumada que o príncipe a procurasse.

— Sim, Alteza? Posso fazer algo por você? — Mas sua expressão dizia que preferia estar fazendo algo com ele.

Ele afastou-se como se o interesse da mulher o deixasse desconfortável.

— Preciso que atribua três mulheres para o quartel. Há uma mulher doente lá com seus filhos e ela precisa de ajuda até que esteja recuperada.

A garota fechou o rosto com desgosto.

— A princesa Ryssa não aprovará que façamos tal coisa, e ela é a única com autoridade para designar nossos deveres.

A recusa dela pegou Bethany desprevenida.

Mas aparentemente o príncipe estava acostumado a isto.

— Não há uma mulher decente entre suas funcionárias que possa ajudar a viúva de um herói?

Hestia corajosamente avançou e colocou a mão no peito dele.

— Depende da recompensa, Sua Alteza.

A expressão dele ficou gélida. Sem uma palavra, ele virou-se e desceu por outro corredor. Em seguida parou como se pensando melhor em sua incumbência.

Puxou o capuz para cima e deixou o palácio de volta para a cidade.

Até mais curiosa agora, Bethany o seguiu até uma pequena casa não muito longe do mercado. Ele bateu na porta e depois de alguns minutos, um grande homem corpulento atendeu.

— Darian. — Styxx disse em um tom amigável enquanto estendia a mão para o aldeão.

Sorrindo, Darian agitou o braço do príncipe.

— Sua Alteza... nós estamos sendo chamados para guerrear novamente?

— Não. Com sorte, tudo isto ficará para trás. Mas... tenho um favor a pedir.

— Para você, meu senhor, qualquer coisa. Sabe disso. — Ele abriu a porta mais ampla. — Gostaria de entrar?

Ela esperou que Styxx se recusasse, ao invés disso ele movimentou a cabeça.

— Ficarei honrado de encontrar sua família.

Mantendo se invisível, ela seguiu os homens para a minúscula, ainda assim, confortável casa que estava cheia de mulheres e crianças.

— Gia! Conheça o Príncipe Styxx, o homem que me salvou três vezes da espada do inimigo.

Styxx eriçou-se com o elogio dele.

— Não estou certo sobre isto, mas é um prazer conhecê-la, Gia. Darian me disse frequentemente o quão bonita você era, e posso ver que não exagerou em nada.

Ela estava completamente muda e agitada diante de seu príncipe.

— Crianças! — Darian chamou. — Venham e conheçam o homem que carregou seu pai, e me colocou em seu cavalo real, para cavalgar para a segurança, enquanto continha um exército inteiro para me salvar.

Styxx levantou as mãos para o alto.

— Definitivamente não fiz isto.

— Ele pode não ter contido um exército inteiro, mas me carregou para a segurança e me pôs em seu cavalo, enquanto ficava para trás para lutar.

— Posso ter feito isto. — Styxx sorriu timidamente. — Mas apenas porque sabia o quanto ele queria retornar para todos vocês.

Darian bateu-lhe nas costas.

— Então Alteza, ao que devemos esta honra?

— A família de Gaius está em necessidade.

O humor fugiu do rosto de Darian.

— Como assim?

— Sua viúva está muito mal. Eu a levei e seus filhos para Galen, e lembrei que você mencionou que tinha várias irmãs que estavam sempre procurando por trabalho, como acompanhante e babás.

— Eu as enviarei imediatamente.

— Obrigado. — Styxx puxou sua bolsa.

— Não, nenhum dinheiro é necessário. Cuidamos dos nossos.

Styxx apertou a bolsa na mão dele.

— Sim, nós fazemos Darian. Por favor, considere isto por seus serviços.

Darian hesitou antes de assentir.

— Obrigado, Alteza.

— Obrigado, irmão. — Styxx o abraçou. — Eles estão no quartel, nos aposentos de Gaius. E adoraria ficar, mas é melhor voltar para o banquete de minha irmã, para não a insultar ou a meu pai com minha ausência.

— Dê nosso melhor para a princesa e o rei.

— Eu irei, e se precisar de qualquer coisa, deixe eu ou Galen saber imediatamente.

Darian começou a saudá-lo, em seguida puxou Styxx em um abraço fraterno.

Styxx retornou o abraço antes de caminhar para a porta. Quando ele começou a partir, a filha mais nova de Darian, que parecia ter em torno de seis anos, veio correndo até Styxx.

— Alteza?

Styxx ajoelhou-se ao lado dela.

— Sim, Eleni?

Bethany ficou chocada que soubesse o nome dela, como ficou quando ele saudou as crianças de Gaius pelo nome.

— Obrigada por trazer meu papai para casa. — Ela jogou-se contra ele e o abraçou com força.

Styxx retornou o abraço e beijou-a gentilmente na cabeça.

— O prazer foi meu, akribos.

Um calafrio percorreu a espinha de Bethany, com a maneira que ele disse isto. Ela conhecia aquele tom de voz suave.

Aquelas palavras.

Não...

Isto não é possível.

Com o coração disparado de medo, ela o seguiu depois que ele partiu, e foi comprar ervas que estava mais do que familiarizada. Por que um príncipe iria querer a Raiz de Nyx e Onero? Ambas eram fortes... juntas podiam ser letais.

Styxx não falou com mais ninguém enquanto retornava ao palácio, onde empregados estavam agora apressados com a expectativa dos convidados. Nenhum deles prestou atenção ao príncipe, enquanto subia os degraus para seu quarto.

Ele pôs as ervas em um pequeno baú ao lado da cama, então tirou sua coroa e colocou-a em cima dele. Ele despregou sua túnica e moveu-se para pegar uma túnica limpa.

Bethany não pensou nada sobre isto, até que ele tirou o que estava vestindo e confirmou suas piores suspeitas.

Styx era Hector.

Atordoada, cobriu a boca enquanto seu olhar pegava a visão de seu corpo nu. Um corpo que conhecia todos os contornos. Cada cicatriz horrível que arruinava o que deveria ter sido um físico majestoso, sem defeitos.

Ela ofegou, não podendo evitar olhar. Mais tarde, ficaria brava com as mentiras que ele lhe disse, mas agora, queria chorar enquanto via exatamente quanto dano fizeram a ele. Uma coisa era sentir aquelas cicatrizes. Outra era vê-las e saber o quanto foi abusado e machucado por outros.

E quando ele tirou a braçadeira de ouro e expos seu encanto simples no pulso, que ainda estava ferido desde a última vez que o viu, as lágrimas brotaram em seus olhos. Não apenas porque estava exatamente onde o colocou, mas porque ele levou-o até seus lábios e deu um beijo carinhoso em seu emblema.

Com os olhos tristes e magoados, ele acariciou o colar dela com dedos amorosos.

— Sinto sua falta, Beth. — Ele sussurrou. — Por favor, volte para mim logo.

Ela começou a se materializar no quarto dele, então se conteve. O que você está fazendo?

Ele ficaria furioso ao descobrir que ela era...

Mentirosa?

Ele mentiu para ela, também. Não havia nenhuma maneira que ele pudesse usar isto contra ela.

Moveu-se para confrontá-lo e então parou quando ele virou-se, e ela viu a marca de Apollo em suas costas. Não apenas sobre uma parte... em toda sua totalidade.

Seu estômago revirou.

Os deuses não marcavam levemente ou arbitrariamente os humanos. Para colocarem seu símbolo em um corpo humano era um sinal de propriedade feroz. Um deus tocar em um humano que estava marcado por outro era um ato de guerra.

E Apollo tinha visivelmente reivindicado Styx.

Os deuses de Atlântida a matariam se quebrasse esta aliança temporária, ou ameaçasse o pacto deles com Apolo. Os olímpios teriam todo direito de invocar todos os seus companheiros deuses gregos, para atacá-la e a Styxx.

E Styxx seria aquele que mais sofreria por permitir a outro deus tocá-lo, depois que foi reivindicado por Apolo. Os outros não se importariam de que ele não soubesse de sua identidade verdadeira. Era um abuso de confiança...

O que eu fiz?

Entretanto ela sabia. Insensivelmente brincou com uma vida humana, sem levar em conta o que significaria para o peão. O tempo todo não soube, ou até mesmo considerou por um momento, que o peão que usou era seu coração.

Ela estremeceu quando as lembranças queimaram através dela. Quantas vezes tinha apontado para a cabeça de Styxx na batalha? Não era de se admirar que não pudesse matá-lo. Seu próprio amuleto desviava seus golpes. Aqueles poderes primitivos que sentia eram o de seu pai... os muitos poderes que solicitou para manter Styxx/Hector seguro.

Ele congelou e ergueu a cabeça.

— Bethany?

O som familiar de seu nome nos lábios dele a transpassou.

Styxx passou a mão pelos cabelos.

— Juro que estou ficando louco. Sinto-a até quando sei que ela não está comigo.

Estou aqui, amor.

Ela estendeu a mão para tocar no ombro dele, mas a visão do emblema do sol de Apolo golpeou-a com força.

Guerra.

Por um mero humano...

Como podia fazer aquilo ao seu povo, por um macho humano que estaria morto em poucos anos? Uma vida não valia a de milhares de outras.

Nem mesmo a dele.

Sabia quando começou este jogo que não poderia durar. Que, eventualmente, ela teria que ir embora e deixá-lo com sua vida mortal.

Agora era o momento de terminar isto. Antes que um deles fosse mais longe, em um relacionamento que estava condenado e amaldiçoado.

Além disso, seu tempo para encontrar o filho de Apollymi estava ficando extremamente curto. Tinha que focar-se naquilo e ajudar os outros, enquanto Apollo se preparava para substituir o panteão grego.

Seus olhos se encheram de lágrimas, quando deu uma última olhada nele. Desta vez, ela partiria e não olharia para trás.

— Adeus, Hector. — Ela suspirou, em seguida retornou para Katateros aonde pertencia.

13 de dezembro de 9529 a.C.

Styx sentou-se no trono ao lado de seu pai, querendo bater no homem insensato. Pelos últimos dois dias suas costas pulsaram sem piedade, e tudo porque Acheron ousou encaminhar Ryssa ao templo de Apolo a pedido dela, para a cerimônia de ligação. Ela estava sempre tão preocupada com seu precioso Acheron, e ainda assim continuamente colocava o tolo em risco.

E ousava chamá-lo de egoísta.

Estúpida cabeça de vento. Ela era a pessoa que não se importava com ninguém exceto consigo mesma.

Rangendo os dentes, Styx fez uma careta quando mais dor transpassou-lhe, e enxugou o suor frio e úmido de sua testa. Estava quase para irritar seu pai pedindo para ser dispensado, quando as portas se abriram e os guardas arrastaram Acheron para dentro da sala com eles.

Styx reprimiu uma maldição, quando eles forçaram Acheron de joelhos na frente do trono de seu pai.

O que você fez agora?

Foi pego cutucando o nariz deles?

— De acordo com suas instruções, ele não deixou o quarto, Senhor. — O guarda à esquerda de Acheron disse com firmeza. — Nos certificamos disto.

Acheron lançou um olhar assassino para Styx, como se ele fosse culpado por sua súbita aparição aqui.

Não envie esses olhos prateados cortantes para mim. Irmão, eu o libertaria em uma batida do coração se pudesse.

O rei enrolou os lábios para Acheron.

— Você não estava na praça mais cedo, teritos?

A mandíbula de Styx contraiu com aquele insulto que significava “lesma”.

Para crédito de seu irmão, Acheron deu a seu pai um destemido olhar malévolo. Era um olhar que conhecia muito bem, como o que dava ao pai deles sempre que ele se sentia particularmente suicida.

Não admira que o pai me esbofeteie.

Isto levou tudo que tinha para não aplaudir Acheron.

— Por que eu iria até a praça, pai? — Acheron corajosamente perguntou.

Styxx encolheu-se sabendo o que viria com tal comentário. Seria a mesma sentença que sempre recebia por sua própria estupidez verbal.

— Trinta e seis chibatadas por sua insolência, depois o levem de volta para seu quarto.

Khalash! O rei não era nada se não consistente.

Acheron fechou os olhos quando os guardas o agarraram pelos cabelos, e o arrastaram por um conjunto de portas duplas, que abria para fora em um pequeno pátio.

Obrigado, irmão. Styxx quase engasgou quando a primeira chibatada estalou nas costas de Acheron. Mais suor frisou sua testa, e forçou-se a manter-se quieto e não reagir.

Pense sobre Bethany. Pense sobre...

Outra chibatada maligna rasgou por ele.

Styxx agarrou os braços de seu trono até que suas juntas se projetassem. Seu estômago revirou.

— Você está bem, Alteza?

Ele olhou para o conselheiro que falou. Foda-se, Xoran, por notar. Ele inclinou a cabeça para ele.

— É uma ferida de guerra agitando.

Pela primeira vez, seu pai realmente pareceu preocupado.

— Você precisa de um momento?

Preciso que pare de bater em meu gêmeo, seu idiota.

A respiração de Styxx veio em suspiros curtos, enquanto lutava para se recompor. A última coisa que precisava era mais dor adicionada à que já tinha.

— Apreciaria profundamente por um. Mas não é necessário.

Seu pai ergueu a mão para sinalizar pelo próximo caso então parou.

— Vamos continuar isto depois de almoço.

Graças aos deuses.

Enxugando sua testa, Styxx estreitou o olhar em seu pai. Então o bastardo podia ter clemência. Esta seria a primeira vez.

— Obrigado, pai. — Styxx não se moveu até que o rei, seus conselheiros e os guardas desocupassem a sala.

Reprimindo outro gemido, podia ouvi-los batendo em seu irmão do lado de fora. Ele enterrou a cabeça nas mãos, desejando que encontrasse algo que pudesse fazer para ajudar a ambos.

Mate seu pai.

Ele estremeceu quando este pensamento espontaneamente atravessou-lhe. Como ele podia? A culpa pela morte de Estes, que verdadeiramente mereceu sua morte e mais, ainda o atormentava. Enquanto seu pai era um completo e absoluto bastardo, fazia o que achava que era melhor. Certo ou errado. E Styxx sabia disso de fato, já que podia ouvir os pensamentos do imbecil.

Não, tão irritado quanto o homem estava, ele jamais poderia matá-lo.

Tinha que haver alguma outra maneira de parar esta merda, e ele precisava encontrá-la.

Rápido.

26 de dezembro de 9529 a.C.

— Beth? — Styxx gritou enquanto procurava pela propriedade da cabana. Ela já deveria ter retornado agora. Mas não havia nenhum sinal dela.

O colar de boas vindas que tinha comprado para ela, ainda estava em sua caixa sobre a mesa. Intocado. Como estava sua vara e tudo mais.

Desolado, ele virou Troian ao redor e foi para o córrego, onde eles começaram a se encontrar na primeira vez.

Ela não estava lá também. Não havia nada à espera dele na árvore. Era como se ela nunca tivesse existido.

Onde ela poderia estar?

— Bethany! — Ele gritou mais alto enquanto as lágrimas o sufocavam. Por que não insistiu que ela desse o nome de seu pai?

Você não o aprovaria, Hector.

Porque tinha sido tão relutante em contar a ela mais sobre sua família, honrou sua privacidade. E agora...

Ele não tinha nenhuma maneira de encontrá-la.

Onde você está? Algo poderia ter acontecido? Ela estava doente? Será que precisou dele?

Uma tristeza agonizante o esmagou enquanto lágrimas escorriam por seu rosto. Ela prometeu encontrá-lo hoje, e nunca quebrou sua palavra. Não para ele. Nunca.

Talvez estivesse atrasada. Talvez estivesse apavorado sem nenhuma razão. Era somente o início da tarde...

Ela poderia ainda aparecer.

Forçando-se a se acalmar, voltou para a cabana para fazer um fogo e esperar. Ela estaria aqui. Ela iria.

No entanto, enquanto as horas passavam e o céu escurecia, mais medo o encheu. Embora soubesse que era inútil, passou a noite na cabana deles, esperando por ela. Mas ao meio-dia quando não havia nenhum sinal dela, soube que algo estava errado.

Apenas não sabia o quê.

28 de dezembro de 9529 a.C.

Com o estômago doendo e de coração partido, Styxx entrou no palácio e ignorou o olhar de desdém de seu pai, quando o rei viu seu estado desleixado. Ele não tinha comido ou se barbeado em dois dias. Não enquanto esperava por Bethany chegar à cabana deles.

— Você está doente?

Sim, mas seu pai nunca entenderia.

— Estou bem, pai.

— Você parece vergonhoso.

Styxx nem sequer reagiu. Não se importava. A única coisa que amou se foi, e não tinha nenhuma maneira de achá-la.

Lágrimas pinicavam por trás de seus olhos, quando abriu a porta de seu quarto e viu Apollo em sua sala de estar. *Ah, maravilha. Seu dia não poderia ficar melhor?*

Apollo passou-lhe um sorriso de escárnio.

— Onde você estava?

Styxx suspirou.

— Não sabia que estava me procurando.

O deus materializou-se em suas costas e agarrou seu queixo com um poderoso punho. Ele puxou a cabeça de Styxx para trás até que ele pudesse ver o brilho zangado no olhar de Apollo.

— Você está violando nosso acordo?

Um desespero desolador o encheu. Que diferença faria qualquer coisa agora? Sentia como se toda sua força vital tivesse sido arrancada de seu corpo. Ele não era nada além de uma concha vazia.

— Não.

Apollo acariciou seu pescoço, raspando sua pele com suas presas. Então esmurrou Styxx nas costas com seu punho, derrubando-o para frente.

— Lave-se e retorne para mim. Tive minha cota de choramingo de sua irmã e sua voz chorosa. E não demore muito. Se tiver que vir buscá-lo, não terá muito prazer com isto.

Como se algo disto o tivesse deixado feliz?

Styxx resistiu ao desejo de fazer um gesto obsceno ao deus. A última coisa que queria era ter o bastardo achando que era um convite.

Sem uma palavra, foi tomar banho e fez o possível para não pensar sobre que aconteceria uma vez que terminasse.

Styxx parou dentro de sua piscina quando ouviu Acheron e Ryssa rindo juntos no quarto dela. Os dois sempre faziam isto. Quando ele era um menino, costumava tentar juntar-se a eles, mas Ryssa nunca permitia isto.

Você tem outras pessoas para brincar. Deixe-nos em paz, seu pequeno pirralho.

Mas seus tutores nunca permitiram que brincasse e as outras crianças ficavam com muito medo. Então ele vagava para fora para compensar os amigos.

Ele mergulhou a cabeça debaixo d'água e tentou o possível ignorar seus irmãos. No entanto, a risada e a conversa deles continuou a apunhalar seu coração. Entendia que seu pai duvidasse da relação de sangue deles, mas Ryssa sabia que ele era tão parente dela quanto Acheron.

E com Acheron...

Eles eram irmãos de sangue puro.

E ainda assim eles o ignoravam na melhor das hipóteses, e o repeliam na pior. Tudo o que quis em sua vida foi sentir como se pertencesse há algum lugar.

Que pertencia a alguém.

Ninguém poderia tê-lo. Com exceção do breve tempo que encontrou a felicidade com Bethany. As lágrimas encheram seus olhos, quando olhou para baixo para o colar dela em seu pulso. *Por favor, não me deixe aqui sozinho, Beth. Não posso sobreviver a isto sem você.*

E se ela realmente o tivesse abandonado?

Para sempre?

— Styxx! — O grunhido de Apollo cortou seus pensamentos, enquanto ele fazia a marca nas costas de Styxx queimar.

Com um ofego, Styxx enxugou as lágrimas com as costas das mãos e deixou a água, para fazer o que fazia bem.

Suportar o inferno.

27 de janeiro de 9528 a.C.

— O que está errado com você? — Styxx rosnou quando achou Acheron bêbado e nu no chão do quarto dele.

Zombando dele, Acheron agarrou o odre de vinho que estava embalando debaixo do seu corpo e bebeu.

— Vá embora, seu marica! Eu odeio você! Gostaria que nós estivéssemos mortos... — Sua voz se rompeu em soluços.

A dor de Acheron se estendeu para ele, fazendo-o se sentir tão mal que gritou com ele.

Styxx ajoelhou ao lado do seu gêmeo e afastou o odre.

— Acheron... escute-me. Eu sei que você não tem comido há pelo menos dois dias. — A angústia da fome compartilhada atestava isto. Ele tomou o pão que Hestia havia deixado mais cedo para seu irmão e o estendeu para Acheron. — Você tem que comer alguma coisa. Está entendendo?

— Foda-se... seu puto inútil!

Vacilando com o insulto que o cortou profundamente, Styxx tentou pôr um pedaço de pão na boca de Acheron, mas ele o mordeu com tanta força que sangrou.

Styxx xingou e agarrou sua mão, afastando-a para longe. Ele olhou seu gêmeo, querendo matá-lo.

— O papai vai fazer você ser espancado ou contido e alimentado à força novamente. É isso que você quer?

Lágrimas brotaram nos olhos de redemoinhos prateados de Acheron.

— Não. Meu querer me abandonou. Me deu um tapa. — Ele olhou para Styxx. — Bateu em mim. Porque não sou você! Se eu fosse um príncipe e não um prostituto... mas você é ambos. Você é. Eu sei que é. Você não é isto, mas é. Eu vi. Eles viram... você. Isto...

Acheron estava tão bêbado que estava incoerente. Inclusive seus pensamentos não faziam sentido algum.

Styxx pressionou a palma da sua mão no seu olho enquanto tentava classificar através das loucas divagações do Acheron. Elas eram tão rápidas e absurdas que deixaram seu cérebro doendo.

Soluçando muito, Acheron se enrolou em uma bola no chão.

A garganta de Styxx apertou com a visão da agonia do seu irmão, e em sua própria necessidade de se juntar a ele lá. Assim como ele, seu irmão estava em miséria absoluta por causa de algo que aconteceu. Mas o quê?

Ele sabia que era a última pessoa com quem Acheron queria se abrir. Ele chamaria Ryssa para ele, mas ela estava com Apollo.

Eu sou tudo que ele tem.

Deuses ajudem aos dois.

— Adelphos. — ele sussurrou, colocando sua mão no braço do Acheron. — Por favor, estou tentando te ajudar.

Acheron deu um soco nele.

— Saia de perto de mim!

Quebre o prostituto por dentro para o resto de nós...

Passe-o deste modo...

Styxx se encolheu quando aquelas frases gritadas para ele surgiram da mente do Acheron. Não é à toa que seu irmão estava tão chateado. Ele teve os mesmos flashbacks e pesadelos que o assombravam também. Pior ainda, as memórias de Acheron eram similares ao que Xan disse para Estes depois que eles estupraram Styxx pela primeira vez. Não importa o que ele fizesse, as zombarias daqueles que o violaram e depois riram e se regozijaram sobre o assunto voltavam para torturá-lo.

Ele deitou a cabeça no ombro do Acheron e tentou confortá-lo.

— Shh, irmão. Eu conheço a sua dor.

— Você não sabe nada da minha dor! Quando alguém já rejeitou você, Alteza?

Você e Ryssa, ambos o fizeram. Constantemente.

Como seu pai e sua mãe.

E agora sua preciosa Bethany.

Mas isto não era a respeito da sua dor. Ele podia beber como um estúpido mais tarde, como fez por dias. Agora, seu irmão precisava dele.

— Acheron...

Mais rápido até que Styxx pudesse reagir, seu irmão girou para ele e pegou sua garganta em um punho tão apertado que estava esmagando-a. Acheron rolou com ele e o alfinetou no chão com uma força que era surpreendente e inimaginável.

— Acheron. — Ele tossiu e ofegou, tentando desalojar o aperto de ferro do seu irmão na sua garganta, o que o fez lembrar como Apollo frequentemente fazia.

E enquanto olhava fixamente para seu irmão, os olhos do Acheron brilharam com um vermelho da cor do sangue ardentes. Seu cabelo escureceu enquanto sua pele se tornava de azul marmóreo. Seu lábios ficaram pretos.

— Você diz que conhece minha dor. — Acheron rosnou, mostrando um conjunto de presas que provocaram o crescimento da raiva em Styxx quando ele involuntariamente sentiu Apollo mordendo-o em lugares que fizeram seu estômago revirar. — Você não sabe nada da minha dor. Ninguém nunca contaminou você, príncipe. Nunca te seguraram embaixo e fizeram você implorar por um pau que preferiria estar morto que provar ou sentir.

Ira e dor escureceram a visão de Styxx a essas palavras. Pior, ele ouviu o que Acheron disse para ele em Atlântida.

— Diga-me como se sente ao ter seu apertado buraco real recheado, Alteza. Basta esperar até que eles percam o controle, fica ainda melhor.

— Bem-vindo a minha dor, irmão...

O riso zombeteiro do Acheron enquanto os outros o estupravam soou na sua cabeça.

Rugindo, Styxx esmurrou o braço azul do Acheron o mais forte que pôde, soltando-se. Styxx gritou quando seu próprio braço doeu. Mas não se importou. Muitas lembranças dele estavam se misturando com as do seu irmão.

E eram todas brutais.

Ele chutou a forma demoníaca do Acheron para trás e rolou ficando em pé. O terror o encheu quando viu Acheron retornar à uma aparência humana. Seu irmão estava deitado ao seu lado agora, arquejando e fraco.

— O que nós somos? — Styxx suspirou.

Os olhos do Acheron ainda estavam vermelhos.

— Malditos. — Então começou a rir histericamente.

Abalado e apavorado por tudo que aconteceu, Styxx o deixou ali e dirigiu-se ao seu próprio quarto. Ele abaixou o olhar para suas mãos e as virou. Sua pele ficaria azul também? Seus olhos e lábios fariam isto?

Será que Ryssa sabia sobre a forma alternativa do Acheron? Era por isso que era tão protetora com ele?

E enquanto se debruçava contra a porta do seu quarto para trancá-la, só podia imaginar o que seu pai faria se alguma vez visse isto.

Ambos seriam confinados no Dionysion.

Para sempre.

Juntando as mãos através do seu cabelo, Styxx sentiu um pouco de sua sanidade deslizar com o mero pensamento de retornar para aquele pesadelo.

E desta vez não existiria nenhum Estes para intervir.

Porque eu o matei.

28 de janeiro de 9528 a.C.

Completamente bêbado e alto das ervas de Atlântida, Styxx sentou-se na sala de banquete com seu pai, Apollo e sua irmã, enquanto a noite avançava interminavelmente. Ele fingiu rir, mesmo não estando realmente certo do que Apollo disse. Não que importasse. Apollo não estava aqui para conversar, ele só queria ser bajulado, e já que Styxx estava acostumado a ser ignorado, ele seguiu as sugestões do seu pai.

E bebeu muito.

Tanto que ele tinha passado extremamente bêbado provavelmente um bom dia atrás. Como ainda estava consciente, ele não tinha certeza. Neste momento, não podia nem lembrar da última vez em que esteve sóbrio.

O que era bom. Porque sempre que ficava sóbrio, sua mente ia para lugares que queria evitar. E focava no fato de que Bethany, como todos os outros em sua vida, o abandonou.

Com sua cabeça girando, Styxx segurou seu cálice de barro vermelho para um servo reabastecer. Ele se sentou à esquerda de Apollo enquanto Ryssa se sentou à direita e seu pai no outro lado de sua irmã, que era como Apollo queria.

Desta forma, o deus podia se debruçar sobre Ryssa para falar com o rei enquanto afagava dissimuladamente Styxx fora de sua visão. Embora Styxx finalmente achou um modo de lidar com isto. Toda vez que Apollo o apalpava, ele bebia outro cálice cheio.

Estava se tornando um jogo e ficando completamente bêbado, tudo era muito mais rápido.

— Isto não está certo, Styxx?

Franzindo o cenho, ele piscou para Apollo.

— O quê?

Apollo riu então levantou uma fatia de queijo.

— Temo que estamos entediando seu herdeiro, Xerxes. — Ele deu uma mordida no seu queijo.

— Styxx? Onde está sua cabeça, menino? Preste atenção! Você está com um deus! Dê a ele seu devido respeito.

Styxx ergueu seu cálice para esconder o grunhido de seus lábios pelo comentário de seu pai.

Sorrindo de satisfação porquê teve a bênção do rei para sua relação distorcida, Apollo segurou o queijo para Styxx acabar com ele.

Ele odiava este jogo. Se estivessem sozinhos, ele bateria na mão do Apollo jogando-a de lado, mas o deus sabia que ele não se atrevia a fazer isto na frente do seu pai. Encolhendo-se, Styxx abriu a boca e deixou Apollo colocar o queijo em sua língua.

Apollo acariciou o queixo do Styxx.

— Você está de parabéns, Xerxes. Você fez duas crianças bonitas.

Styxx se sacudiu quando a mão do Apollo se moveu um pouco mais longe ao sul do seu corpo enquanto Apollo beijava a bochecha de Ryssa.

— Com licença. — disse Ryssa. — Eu já volto.

Styxx viu quando ela foi ao encontro de Hestia em um canto. Enquanto seu pai estava distraído por suas ações, Apollo tomou a mão do Styxx e levou-a até o seu pau duro.

Fazendo careta, Styxx arrebatou sua mão de volta para sua própria cadeira e olhou de cara feia para o ser do Olimpo que ria enquanto dava a Styxx um sorriso luxurioso que prometia retaliação mais tarde hoje à noite quando o deus viesse atrás dele.

— Eu não sei, Vossa Alteza. — O sussurro alto de Hestia fez Apollo arquear sua sobrancelha. — Eu não o vejo há dias. Deixo comida e quando volto está intacta. Ninguém dormiu na cama dele.

— O quê? — O rugido do seu pai fez todos eles saltarem. — Guardas! Sigam-me. — Ele saiu correndo e foi em direção aos aposentos da Ryssa.

Gritando em protesto, Ryssa correu atrás dele.

Styxx gemeu quando percebeu que seu pai estava prestes a espancar seu irmão. Precisando evitar isto, ele foi atrás deles com Apollo seguindo-o enquanto tentava enfiar a mão em algumas partes do corpo do Styxx que ele não queria ser tocado.

Apollo estava tentando ser pego?

Entretanto, o que isso importa para Apollo? Não era como se seu pai fosse odiá-lo por isso. Styxx, por outro lado, não teria a mesma sorte. Ou seu pai o espancaria por sua relação distorcida ou o embrulharia de presente para o deus olímpio.

De qualquer maneira, Styxx estaria fodido.

Em mais de um sentido.

— O que está acontecendo? — Apollo perguntou na sua orelha, apertando a virilha contra o quadril do Styxx.

Fazendo um som de desgosto saindo lá do fundo de sua garganta, ele se moveu para longe de Apollo.

— É Acheron, — disse antes de sua mente bêbada poder pensar melhor.

Apollo curvou uma sobrancelha curiosa com uma luz especulativa em seus olhos que Styxx conhecia muito bem. *Tem outro príncipe?* O pensamento do Apollo quase o deixou sóbrio. Naquele instante, Styxx viu seu futuro e era nauseante.

Sabe, Estes, você devia levá-lo para Atlântida. Eu pagaria a você uma fortuna para levar a ele e seu irmão ao mesmo tempo.

Não, melhor ainda, assistir aos dois comendo um ao outro.

Sim, Apollo com sua cobiça gostaria do conjunto completo...

E seu pai era simplesmente doente e ganancioso o suficiente para concordar com isto. Styxx quase vomitou só de pensar. Mas como podia evitar que isto acontecesse?

O ego do deus.

Era o fato de que Styxx era um renomado príncipe e Apollo tinha poder sobre ele que apelava para o bastardo. A única maneira de manter Acheron fora de seu relacionamento repugnante era fazer seu gêmeo horrível aos olhos do olímpio...

Fazer Acheron ficar abaixo do desejo do Apollo.

— Ele é um escravo inútil que costumava ser um tsoulus. — Styxx se encolheu quando Apollo pareceu intrigado e se lembrou que ele trazia a marca e Acheron não. Uma marca que Apollo já viu e mordeu em muitas ocasiões.

— Hmm, infelizmente sua vida está ligada a minha por isso temos de mantê-lo saudável. Embora eu me sinta bem, então tenho certeza que ele só está fazendo isso para chamar atenção. Que os deuses me livrem se pudermos esquecer sua presença aqui por um único dia. — Styxx fechou sua boca quando Apollo franziu o cenho para ele como se ele tivesse enlouquecido.

Porra, o que acabei de dizer?

Alguma coisa disso fazia sentido?

Se fazia ou não, isso conseguiu fazer com que Ryssa desse a Styxx um sorriso cruel.

Eu pagarei por isso mais tarde. Mas contanto que ele pague por isto sozinho, estava bem para ele. Ele só não queria um ménage à trois com seu irmão e Apollo. Seu ménage à deux era miserável o suficiente.

Seu pai abriu a porta do quarto de Acheron e o invadiu com Ryssa logo atrás dele, enquanto Apollo se voltava para se agarrar a Styxx.

Com seu temperamento estalando, ele olhou para Apollo.

— Pare! — Ele disse com um sussurro feroz.

Apollo mostrou suas presas para ele, em seguida lambeu os lábios.

— Você sabe que vai pagar por isso mais tarde. — Ele sussurrou.

— Tudo bem. — Styxx disse baixinho.

— Eu disse a você que ele não era confiável. — Furioso, seu pai se virou para Ryssa, que o ignorou enquanto corria para a sacada.

O deus do Olimpo finalmente deixou Styxx em paz enquanto ia investigar o que estava deixando todo mundo tão perturbado.

Incerto do que estava prestes a explodir em cima dele e de Acheron, Styxx se aproximou do tumulto.

Relâmpagos faiscavam conforme a chuva desabava lá fora. Acheron estava sentado na sacada com os joelhos dobrados e os braços cruzados sobre eles. Completamente nu, ele olhava fixamente para o nada como se estivesse inconsciente da chuva e do frio intenso. Seu cabelo estava colado na cabeça e uma barba de pelo menos dois dias sombreava seu rosto.

Ryssa o abordou lentamente tendo o cuidado de permanecer debaixo do toldo que a protegia da chuva.

— Acheron?

Ele não respondeu. Pelo menos não verbalmente. Mas mentalmente, ele foi tão longe quanto Styxx.

Styxx franziu o cenho enquanto tentava entender quais pensamentos eram seus e quais eram de Acheron. Ironicamente eles se sobrepunham, e se ele não o conhecesse, juraria que seu irmão estava de coração partido também. Que uma mulher deixou Acheron do modo como Bethany o abandonou. Mas isso não podia ser. Acheron não tinha uma mulher.

Esses são meus pensamentos.

Não são?

Droga, estou fodido de verdade esta noite...

Pior ainda, as emoções despedaçadas de Styxx estavam se enredando com as de Acheron em um nível perigoso.

Ryssa ajoelhou ao lado de Acheron.

— Irmãozinho? — A ternura em sua voz enfureceu Styxx e o deixou mais volátil, pois trouxe à tona o fato de que sem Bethany, ninguém o amava.

Não assim.

Ninguém nunca se importou quando ele estava sofrendo e com dor. Se fosse ele quem estivesse na sacada, não haveria uma pessoa aqui que se molhasse para ajudá-lo. Ninguém jamais o checaria para ver se estava tudo bem.

Acheron virou um olhar cheio de ódio em direção a ela.

— Deixe-me. — Ele rosnou.

Seu kopros³⁷ ingrato...

Seu pai teve a mesma reação.

— Não se atreva a falar com ela desse modo!

Acheron encontrou o olhar de Styxx. Desviou dele com um sorriso de escárnio.

— Foda-se, seu bastardo.

Algo dentro de Styxx estalou com isto. A família inteira veio ver Acheron, e quem se deu ao trabalho de vê-lo nestes últimos dias enquanto ele estava sendo manuseado e mordido por Apollo?

Ninguém...

Nem uma viva alma estava nem aí para ele e Styxx era seu herdeiro “amado”.

Rosnando baixo, o som surgindo do fundo de sua garganta, ele correu para Acheron. Seu irmão se levantou de um salto e correu para Styxx com a mesma fúria.

Styxx o pegou pela cintura e jogou-o de volta no chão. Ignorando a dor que isso causou, foi atrás de Acheron com tudo que tinha.

— Eu te odeio! — Acheron rosnou em sua orelha enquanto rolava e o esmurrava no maxilar.

Styxx o jogou por cima da sua cabeça e levantou-se. Chutou Acheron nas costelas e ofegou quando a dor o acertou também.

— Você é patético.

Rolando para longe dele, Acheron se forçou a levantar. Chuva pingava deles dois enquanto se enfrentavam com desdém e ódio mútuo. Quando Acheron foi para ele novamente, Styxx o derrubou de costas.

³⁷ Merda, excremento.

Chuva escorria pelo seu rosto, misturando-se com o sangue que derramava de seu olho, nariz e boca. E mesmo assim Acheron vinha para cima dele, inúmeras vezes.

— Guardas, levem-no. — O rei ordenou.

Eles começaram a ir para Styxx, mas seu pai os cortou e apontou para Acheron.

Seu irmão tentou lutar com eles, mas estava muito debilitado pela luta deles. Eles o arrastaram de volta ao seu quarto.

Styxx enxugou o sangue de seu próprio rosto enquanto seu pai enterrava a mão no cabelo molhado de Acheron e pegava sua cabeça de forma que pudesse ver o completo desprezo na expressão do rei.

— Batam nele até que não fique nenhuma pele em suas costas. Se ele desmaiar, desperte-o e batam novamente.

Styxx estremeceu com essa ordem tão familiar. Ele tinha aquelas mesmas cicatrizes, cortesia de sua própria estupidez.

Acheron riu friamente.

— Eu também amo você, pai.

O bastardo bateu nele com as costas da mão.

— Tire-o daqui.

— Pai? — Apollo perguntou com um olhar fixo arqueado.

O rei ridicularizou.

— Ele me chama assim, mas não é meu filho. Minha antiga rainha se prostituiu e gerou essa abominação.

Lágrimas escorreram pela face de Ryssa.

— Ele é só um menino, pai.

O rei riu de algo que Styxx não achou particularmente divertido.

Enfurecida, Ryssa correu atrás dos guardas e de Acheron.

Bem ciente do fato de que não tinha muito tempo antes do espancamento de Acheron deixá-lo gritando de dor, Styxx dirigiu-se aos seus aposentos.

No momento em que entrou, Apollo apareceu na frente dele.

O olímpio ficou puto com a visão do rosto machucado do Styxx.

— Você encontrou um modo de arruinar minha diversão hoje à noite, não é?

— Lamento.

— Não, você não lamenta. Mas Irá. — Apollo partiu tão depressa quanto veio.

Antes que ele pudesse dar mais de três passos, Styxx gritou quando suas costas explodiram de dor. Era tão feroz que cortava o efeito das ervas e álcool em seu sistema e o deixaram caído no chão.

Contorcendo-se em agonia absoluta, não podia se mover enquanto chicotada após chicotada o rasgaram. Ele se sacudiu todo do frio de suas roupas molhadas e da dor da punição de Acheron.

Quando aquilo parou, Styxx estava tremendo incontrolavelmente. Com a respiração ofegante ele rastejou para sua cama, mas doía demais até tentar subir e se deitar nela. Ao invés disso, estendeu-se no chão, puxou o cobertor, em seguida se embrulhou nele.

Lágrimas escorreram por seu rosto quando se lembrou de quando era criança e fazia um casulo assim sempre que estava ferido e dolorido. Naqueles momentos ele costumava fingir que o cobertor era sua mãe e que ela o estava abraçando e consolando.

Enquanto estava deitado ali, ouviu a voz amortizada de Ryssa através da parede enquanto ela cuidava do seu irmão.

— Não se preocupe, Acheron. Eu cuidarei de você.

Fechando os olhos, Styxx fingiu que ele era Acheron e que Ryssa estava aqui com ele. Mas assim como quando ele fingiu que o cobertor que o estava abraçando e todos as vezes que ele fizera amigos para brincar, ele sabia a verdade amarga.

Sem Bethany, ele estava completamente só.

E ninguém se importava com o príncipe.

Nem mesmo ele.

29 de janeiro de 9528 a.C.

Enquanto seu irmão e irmã riam do outro lado da parede, Styxx olhou fixamente para suas feições magras e contundidas conforme se barbeava no espelho. Parecia mais com Hades. Apesar de todo seu encolher, Acheron podia bater. O olho direito do Styxx estava completamente vermelho e sua sobancelha cortada.

Mas o que importava? Não havia ninguém ali para olhar para ele. Nenhuma Bethany para correr suas mãos gentis por seu rosto agora e simpatizar com sua dor.

À medida que Styxx puxava a navalha pelo queixo, tentava não se lembrar de nada sobre ela. Tentava nem sequer pensar.

Mas ainda assim as lembranças surgiam... Ele podia ver tão claramente em sua mente o dia em que ela colocou a ponta do dedo no centro do seu queixo e franziu a testa com o que ela achou lá.

— O que é isto?

— Um cavanhaque.

Ela fez uma cara adorável para ele.

— A parte do cavado é correta. Por que você intencionalmente faria isso consigo mesmo?

— Pensei que você acharia viril e sensual.

Ela zombou até que ele mostrou o que podia fazer por ela com aquele cavanhaque. Então ela ficou atrás dele para mantê-la.

As lágrimas encheram seus olhos, mas ele piscou para afastá-las. Ele sentia falta de tantas coisas nela. No entanto, era a perda de ter alguém com quem rir que queimava mais.

Incapaz de lidar mais com isto, abaixou a mão e passou a navalha por seu antebraço, tomando o cuidado de escolher uma área que sabia que podia cobrir com seus punhos de ouro ornamentais para que ninguém visse. Ele silvou de dor, permitindo que o físico obscurecesse a angústia mental enquanto fazia vários longos cortes ali. Tinha passado algum tempo desde que ele fez isto.

Não desde que encontrou sua Bethany. Com ela ele não precisava da distração dolorosa.

Styxx olhou para as cicatrizes em suas coxas e braços onde cortou a si mesmo repetidamente quando era mais novo... qualquer coisa para desviar suas emoções e pensamentos do que realmente machucava. A maior parte das cicatrizes eram tão tênues e finas, eram visíveis apenas quando sua pele escurecia do sol do verão.

Subitamente soou uma batida.

— Alteza?

Ele depositou a navalha ao lado e foi atender a porta. Era um dos escribas de seu pai.

— Desculpe incomodá-lo, Sua Alteza. Sua Majestade solicita que você se junte a ele no andar de baixo em seu estúdio imediatamente.

— Estarei lá em um instante. — Styxx fechou a porta e terminou de se vestir, certificando-se de cobrir os cortes que fez em seu antebraço com os punhos de ouro grosso que usava como enfeite, então foi ver o que seu pai queria.

No minuto que ele entrou no aposento, um sentimento de pavor o consumiu.

Isso não vai te agradar, menino. Seu pai fez um gesto em direção à cadeira diante dele.

Merda.

Styxx se sentou enquanto todo mundo se retirava para deixá-los sozinhos.

Merda dupla.

Pior que a pressa com que o aposento foi desocupado era a expressão no rosto do rei. Uma de fúria controlada que nunca foi um bom presságio para Styxx no passado.

— Pai?

— O que é isto que eu ouvi sobre sua interferência com as pensões dos soldados?

Interferência? Ele simplesmente viu para que fossem pagos corretamente.

— Eles não estavam recebendo o que lhes era devido.

— Pensões só são concedidas para aqueles que são mortos em batalha.

— Eu sei.

— Então por que autorizou o pagamento a ser dado para aqueles mortos em um bordel?

— Eles...

— Você não fala! — Seu pai rugiu. — Você escuta!

Pensei que você queria que eu respondesse...

— Tem alguma ideia do dreno que você colocou sobre nossos recursos?

Styxx manteve seu olhar no chão.

— Você tem?

— Você me disse para não falar.

Seu pai bateu nele com as costas da mão.

— Eu devia te chicotear por ir às minhas costas como fez e drenar minhas finanças com tal frivolidade. Como se atreve! — Ele rosnou furiosamente, então chutou a cadeira do Styxx. — Levante!

Tomando cuidado para manter seu rosto inexpressivo, Styxx ficou em pé.

— Já que você acha que é engraçado gastar meu dinheiro de forma tão imprudente, estou vendendo sua fazenda e seu cavalo.

A fazenda ele comprou com sua própria moeda do sangue de sua própria carne... para Bethany.

Styxx rangeu os dentes quando a dor o torturou. Mas não ousou demonstrar. Ele não cairia nessa.

— Você está sendo despojado de sua patente militar. E sua armadura, hoplon e espadas foram vendidas e derretidas esta manhã. Além disso, você está cortado financeiramente. Já que não posso confiar em você para gastar sabiamente, vou te tratar como faço com Ryssa. Você terá que vir me implorar por cada obolos³⁸, e só então, se eu julgar sua necessidade digna você terá um. Estou aumentando suas obrigações diárias para o trabalho e você devolverá cada único centavo que autorizou ser pago por tal estupidez excessiva. Agora, o que você tem a dizer em sua defesa?

Não faça isto...

Fique calado.

Mas não pôde. Ele estava muito cru e com raiva. Olhando de cara feia para seu pai, ele tirou os punhos de ouro e bateu com eles na escrivaninha do seu pai. Em seguida removeu sua fíbula e manto, depois seus sapatos.

O rei franziu os lábios.

— O que você está fazendo?

— Isto é para me punir, não é? Você está me despojando de tudo que possuo para pagar seus soldados. Certo. Tome. Venda tudo. Eu não quero isto, de qualquer maneira. — Styxx deixou cair sua túnica de seda no chão. Com seu olhar trancado no do seu pai, arrancou seu anel de sinete fora e bateu com ele ao lado dos punhos.

³⁸ Moeda ou esmola.

Completamente nu e com o pouco orgulho que possuía, ele se virou e saiu do aposento. Ignorando a todos que se viraram embasbacados para seu corpo marcado e coberto de cicatrizes e especulando sobre isto, Styxx saiu pela porta principal e desceu as escadas.

Sem nenhum outro lugar para ir e doente demais para caminhar muito longe hoje, ele foi para o quartel. Felizmente, eles estavam vazios de soldados didymosianos.

Galen levantou-se assim que o viu se aproximando de seu quartel general.

— Oh queridos deuses, filho... — Tirando seu manto, ele o envolveu ao redor de Styxx. — O que aconteceu?

— Nada.

Galen fez uma careta, mas não o questionou ainda mais enquanto guiava Styxx para uma cadeira.

— Seu olho deveria ter levado pontos.

— Eu sei. Mas não havia ninguém lá para isto.

Galen despejou uma taça de vinho e deu para ele. Então foi buscar roupas.

Styxx não disse uma palavra enquanto se vestia. Infelizmente, os calçados do Galen eram pequenos demais para seus pés assustadoramente grandes.

— Estaria tudo bem se eu ficasse com você esta noite?

— Claro, filho. Você sabe que é sempre bem-vindo onde quer que eu esteja.

— Obrigado, Mestre Galen.

— Alteza...

Styxx levantou a mão para detê-lo.

— Eu fui renegado, Galen.

Seu antigo mentor ficou boquiaberto.

— O quê? — Ele perguntou sem acreditar. — Quando eles pegaram sua armadura e equipamento esta manhã pensei que era para você usar.

Ele sacudiu a cabeça.

— Fui despojado do cargo. O rei já vendeu minha armadura.

— Isto é ultrajante! Por quê?

Styx se recusou a dizer-lhe a razão. Galen se sentiria culpado por sua parte nisso e Galen não tinha culpa alguma.

— Não importa.

— Você devia ir para sua Bethany.

— Ela foi embora, Galen. Ela me deixou... um tempo atrás. — Styx reprimiu um soluço pela perda da única coisa que realmente importava para ele.

Aquilo e seu cavalo. Ele realmente sentiria falta de Troian. Mais de Bethany, mas ele passou por muita coisa com aquele cavalo.

— O que posso fazer por você?

— Estou bem, Mestre Galen.

— Você não está bem, Styx. Eu sou velho, não estúpido.

— E eu sou estúpido, e não velho.

Galen riu dele.

— Você parece que foi engolido por Charybdis³⁹ e cuspidor de volta. Venha comigo, deite-se e descanse por algum tempo.

Styx começou a discutir, mas estava com uma febre alta e dor de garganta por ter ficado gelado ontem à noite depois de sua briga com Acheron. Tossindo, ele seguiu Galen para seus aposentos.

Styx deitou-se na cama, Galen puxou as cobertas ao redor dele e enfiou-as debaixo do seu corpo. Estranho, esta era a única vez na sua vida que alguém fez isto por ele.

— Durma se você puder. Voltarei para te checar logo.

— Obrigado, Galen. — Fechando os olhos Styx tentou dormir, mas era inútil. Muitas vozes e muitas memórias ruins o atormentaram. E o pior eram as lembranças de uma mão gentil passando por seu cabelo que ele nunca mais teria.

³⁹ Monstro marinho da mitologia grega

31 de janeiro de 9528 a.C.

— Levante-se!

Styxx estremeceu quando alguém golpeou sua cabeça. Sua febre estava tão alta que a princípio ele não podia focar no que estava acontecendo. Finalmente, sua visão clareou o suficiente para que visse seu pai em pé acima dele.

— Eu disse levante-se, seu cachorro inútil!

Quando Styxx não se moveu rápido suficiente para atendê-lo, seu pai o empurrou para se levantar.

— Faça outra tolice dessa e matarei você enquanto dorme. Está entendendo?

Não. Ele não entendia. Franzindo o cenho, ele olhou de seu pai para Galen.

— Sobre o que você está falando?

— Ele não sabe, Majestade. Esteve queimando de febre por dois dias e não deixou a cama, exceto para urinar.

Styxx ficou perplexo que Galen falasse com seu pai assim.

— O que está acontecendo?

Seu pai torceu os lábios.

— Faça com que ele se limpe e retorne ao palácio.

— Sim, Sua Majestade.

Seu pai saiu intempestivamente.

No instante em que ele se foi, Galen ajudou Styxx a voltar para a cama.

— Descanse, menino. Não se preocupe com nada.

— Mas meu pai disse...

— Ele só está com raiva porque aprendeu uma lição assustadora nos últimos dois dias.

— Galen, estou doente demais para te acompanhar. Por favor, não faça enigmas comigo.

Rindo, Galen tomou um pano da bacia ao lado da cama e passou-o pela testa do Styxx.

— Como está se sentindo?

— Muito confuso... realmente passou dois dias?

— Passou. Mais ou menos três horas depois que você adormeceu aqui, o armeiro devolveu seu equipamento para seu pai e se recusou a derretê-lo.

— O quê? Por quê?

Galen serviu vinho para Styxx.

— Seu sobrinho mais novo é Darian e seu filho era Sandros. — Sandros foi um dos homens que morreu quando estavam retornando. Tal como aconteceu com a família de Gaius, foi negada sua pensão à sua viúva e filhos e Styxx pagou. — Ele era o mesmo homem de quem nós compramos a armadura originalmente, e ele se lembrou de como você estava emocionado quando ele prendeu-a em você pela primeira vez. E como você não tinha o dinheiro ainda para o elmo ou as manoplas, mas humildemente perguntou se ele os guardaria e permitiria que você fizesse os pagamentos. — Quando o armeiro recusou, Galen se adiantou para emprestar o dinheiro até que Styxx os pagasse. — Ele disse a seu pai que nunca desonraria você destruindo algo pelo qual trabalhou tão duro e pagou com sua própria moeda. Que não seria certo derreter a armadura de um herói ou vendê-la para outro. E quando seu pai a levou para outro armeiro, ele também recusou assim que soube que pertenceu a você.

— Por quê?

— Ele estava em Halicarnasso conosco... e disse que tendo visto sua coragem e competência em primeira mão, ele nunca desonraria você desmantelando sua armadura.

— Eu ainda a tenho?

Galen assentiu.

— O terceiro armeiro a trouxe para mim e disse que pagaria ao rei o valor dela de seu próprio bolso para ter certeza que seria devolvida a você intacta. E então, enquanto dormia, os armeiros contaram aos soldados e veteranos que você foi despojado de tudo por causa do que fez por nós e pelas famílias dos nossos caídos. Que seu pai tomou sua patente, sua armadura, seu cavalo e títulos, e deixou você sem roupas vagando pelas ruas. Um por um, cada membro da Stygian Omada veio, jogou suas armas no chão e despiu-se na frente do palácio em protesto pelo que foi feito a você. Para ser mais exato, eles juraram que veriam Didymos cair antes de levantar outra arma para seguir qualquer homem, exceto o Príncipe Styxx na batalha.

Styxx ficou espantado que eles se atrevessem à ira do seu pai por ele.

— E dormi enquanto tudo isso acontecia?

— Você dormiu, de fato.

Honestamente, Styxx não acreditou nele completamente até uma hora mais tarde quando se levantou e vestiu não as roupas de Galen, mas as suas que foram deixadas para ele e se dirigiu

para fora. Lá na arena, seu exército estava reunido, e quando o viram eles golpearam os escudos com suas espadas e cantaram seu nome.

Espantado e admirado por suas ações, ele deu meia volta, olhando para eles com descrença. Cada escudo foi repintado com seu emblema pessoal nele. Uma fênix preta subindo. Era um ato de completa solidariedade. O espetáculo derradeiro de seu apoio e respeito.

Pela primeira vez na sua vida, Styxx sentiu que valia alguma coisa. Não muito...

Mas valia algo mais que a sujeira debaixo dos pés do seu pai.

* * *

— Nós temos um problema sério.

Apollo arqueou uma sobrancelha diante do tom terrível de Zeus.

— E o que poderia ser?

— Você esteve em Didymos ultimamente?

— Claro.

— Você viu a revolta?

Apollo bufou.

— Você quer dizer o exército se despindo? Sim. Foi bastante divertido.

— Sim, bem, o que não é divertido é que aquele seu pestinha não nos respeita, liderando um exército de homens que estão dispostos a derrubar seu rei por ele. Você pode imaginar o que fariam se ele quisesse nossos templos queimados?

Apollo revirou os olhos pelo medo injustificado de Zeus.

— Eu o tenho na minha mão.

— Eu não acho que tenha. Nem acho que você aprecie como ele pode vir a ser perigoso. Didymos é uma de nossas cidades soberanas mais ricas e ela conquistou Atlântida duramente. A última coisa que precisamos é perdê-la para eles novamente.

— Você não vai perder Didymos. — Mas esperava que logo Zeus e o resto perdessem a Grécia toda.

Desde que o pacto de Apollo com os atlantes fosse mantido.

Apollo sabia exatamente o que fazer para garantir que todo mundo fosse mantido em seu devido lugar.

E que Styxx aprendesse uma lição de respeito que ele nunca esqueceria.

01 de fevereiro de 9528 a.C.

Styxx ainda estava extremamente doente de sua luta com Acheron. A última coisa que ele queria era que seu pai o repreendesse por seu estudo, especialmente tendo em conta o que tinha acontecido a última vez que ele estivera aqui.

Sua cabeça doendo, ele parou na frente da mesa do rei.

— Você me chamou, Majestade?

Seu pai entregou o pergaminho que ele assinou apenas para o escrivão, à sua esquerda. Desenrolou outro e respondeu sem olhar para cima.

— Eu quero que você saiba que eu já negocie um contrato de casamento para você.

Atordoado, Styxx ficou congelado por vários segundos, como se a notícia inesperada batesse com força.

— Posso perguntar com quem?

— Uma princesa egípcia... qual o nome dela ... Ned ... Nef ... Nera ... — Ele procurou sobre sua mesa.

— Ah. Aqui está. Nefertari. Ela é um enviado real chegarão em cerca de duas semanas para que você possa conhecê-la. Se você for aceitável para ela, o casamento vai continuar.

Seu pai o perfurou com um olhar malévolo.

— Você vai ser aceitável para ela, entendeu?

Não se preocupe meu velho. Eu prometo que não vou mijar em cima dela.

— Há mais alguma coisa, Majestade?

— Não. Eu terminei com você.

Ele não perdeu a raiva oculta das palavras de seu pai ou o próximo pensamento...

Saia da minha frente, antes que eu ordene que você seja chicoteado. Ironicamente, seu pai não era tão bravo com Styxx como era com Acheron. O rei nunca teve a intenção de que Apollo descobrisse mais sobre seu irmão. Mas agora que o olímpio sabia, seu pai estava culpando Styxx como responsável por isso.

Tanto faz. Styxx virou e saiu em seguida, fez uma careta quando seu nariz começou a sangrar. Sabendo o que era melhor a deixar seu pai vê-lo, ele voltou para o quarto e pegou um pano para pressionar o nariz, enquanto esperava que parasse.

Mas o que doía mais do que os restos do espancamento foi os restos despedaçados de seu coração. Ele não queria se casar com uma princesa.

Ele queria Bethany volta.

Incapaz de suportar isso, ele foi a sua procura novamente. Ainda assim, a caixa na qual mantinha seu colar, estava onde ele tinha deixado e não havia sinal dela em qualquer lugar. Por alguma razão, ela nunca voltou para ele.

Até mesmo o seu local original estava completamente intacto. Nada havia sido deixado em sua árvore. Qualquer vestígio de sua existência.

Desolado, ele voltou para a casa e abriu a caixa que continha o colar. No momento em que viu o conteúdo, o seu mundo realmente veio abaixo.

No topo do colar estava o anel que ele lhe dera e que ele tinha aceitado de Kreon. Um que ela estava usando da última vez que a tinha visto que ia alegremente torcendo em volta de seu dedo.

Ela tinha estado aqui.

E esta era a sua maneira de dizer adeus.

Lágrimas escorriam por seu rosto quando ele gritou com raiva e virou a mesa. Ele mandou a caixa com o anel e colar voando.

Pelo menos ela finalmente o deixou saber que ela estava bem. Que nada tinha acontecido com ela.

Ela tinha seguido em frente com sua vida, e deixou-o à sua.

Bem. Não havia necessidade de procurar por ela. Foi mais...

Como todos os outros em sua vida, ela não o queria. Ele não era digno de seu coração ou seu amor.

Eu não sou nada.

Furioso e magoado a um nível inacreditável, ele considerou queimar a casa até o chão. Mas ele não podia levar-se a fazê-lo. Talvez alguém pudesse usá-la, se precisasse de um lugar para ficar. Talvez eles possam encontrar a felicidade aqui em seu lugar.

Desolado, ele olhou em volta, em seguida, saiu sem se preocupar em fechar a porta.

Ele balançou para cima de Troian e virou o cavalo em direção à cidade. Sem olhar para trás, ele cavou seus calcanhares e afastou-se do único lugar em que já tinha sido feliz.

O que há de tão errado comigo que ninguém pode me amar? Que ninguém vai ficar comigo?

Pare com isso! Você é um príncipe. Quem é você para sentir pena de si mesmo?

Mas, em seu coração, ele sabia a verdade. Ele não era um príncipe. Ele era um só um puto cansado, e o único que queria alguma coisa com ele era um deus que não podia tolerar. Não porque Apollo o amasse, mas porque Apollo ansiava a sensação de poder que tinha quando fazia um herói real grego implorar e sofrer. O relacionamento deles era tudo sobre o domínio e força.

Dor.

Styxx era um objeto de humilhação e submissão para Apollo aumentar seu poder. Para Apollo ele não era nada mais do que um brinquedo de criança. Algo a ser usado e descartado, ou esmagado contra os móveis sempre que seu dono estava descontente com alguma coisa.

Eu não tenho nenhum valor real para qualquer um.

Não tinha razão para lutar com isso ou chorar. Era apenas um fato.

Pior ainda, ele não poderia mudá-lo.

13 de fevereiro de 9528 a.C.

— Você está aceitando extremamente bem seu casamento. Devo me preocupar?

Você deveria estar se eu estivesse sóbrio, velho.

Styx deu de ombros à pergunta do seu pai a medida que caminhavam em direção à sala do trono.

— Este é meu dever, não é? Casar e procriar para você e Didymos. É para isso que você me treinou.

— Ainda estou chocado por sua complacência.

Styx andou mais devagar quando sentiu a marca em suas costas esquentar a ponto de arder.

— Apollo. — Seu pai saudou alegremente quando o deus apareceu na frente deles. — Fico feliz por você se juntar a nós para a cerimônia de noivado.

— Noivado?

— Styx vai se casar com uma princesa egípcia.

Apollo deu a Styx um olhar com as sobrancelhas arqueadas e não faltava um leve ciúme em seus olhos.

— Sério? Eu não tinha ouvido falar.

Styx sabia que era melhor não dizer uma única palavra neste assunto uma vez que só conseguiria irritar ou seu pai ou o olímpio.

— É verdade, — seu pai continuou. — Ela chegou mais cedo e está prestes a ser recebida na sala do trono. Gostaria de se juntar a nós?

— Absolutamente.

Quando o rei retomou sua caminhada, Apollo cortou Styx. A expressão em seu rosto disse que ele estava tão satisfeito com a notícia quanto Styx.

— Há quanto tempo você sabia disso?

— Duas semanas, aproximadamente.

Apollo pegou seu pulso e o puxou para uma pequena alcova onde empurrou Styx contra a parede e o segurou ali pela garganta.

— Você esqueceu de quem te possui?

Styx manteve seu olhar no chão.

— Você terá que levar este assunto para meu pai já que ele acredita que é quem segura minha coleira.

Apollo aumentou seu aperto na garganta do Styx.

— Não seja esperto comigo, príncipe. Ainda não esqueci sobre a última vez que eu te vi e a promessa que fiz.

Como ele podia esquecer? Apollo prometeu sua ira completa. Mas não mudava nada.

— O que você quer de mim?

O olhar de Apollo se tornou faminto.

— Você sabe o que quero.

Eu prefiro estar morto.

Suspirando, Styx tentou sair, mas Apollo bateu-o contra a parede novamente, forte o suficiente para contundir suas costas.

— Você não aprendeu qual é o seu lugar, não é?

— Neste momento, meu lugar é ao lado do meu pai. A menos que deseje que eu seja espancado, e então não serei tão bonito para você mais tarde.

Apollo riu.

— Você é espirituoso. Mas tenha cuidado. Até o melhor garanhão tem que ser quebrado.

O temperamento do Styx inflamou quando memórias amargas de ser um garanhão real o rasgaram.

— Eles também são conhecidos por lançar e matar seus cavaleiros.

— Você está me ameaçando?

— Pensei que estávamos falando sobre cavalos.

Apollo agarrou o queixo de Styx e o segurou contra a parede em um esmagador aperto de ferro.

— Nem sequer pense que pode me ameaçar, humano.

— Styx? Onde está você, menino?

Apollo deu uma olhada por cima do ombro ao som da voz do rei.

— Aproveite as próximas horas, príncipe. Porque eu te garanto, elas serão as últimas que você terá por bastante tempo.

— Espero ansiosamente por isto.

— Styxx?

Apollo o atirou para longe dele.

Endireitando suas roupas, Styxx foi para seu pai, que o olhou furiosamente.

— Onde você estava?

— Perdoe-me, pai. Eu tive que resolver algo.

A expressão no rosto do seu pai disse que ele queria lhe dar um tapa, mas não se atrevia já que deixaria seu rosto danificado para a princesa. Embora, para ser honesto, ele ficou surpreso da marca da mão do Apollo não estar no seu pescoço.

Ele seguiu seu pai para dentro da sala do trono e moveu-se para ficar na frente da sua cadeira enquanto seu pai sentava no seu lugar. Styxx se sentou e esquadrinhou a sala procurando por Apollo. Mas o deus não estava em lugar nenhum que pudesse ser visto.

Uma fanfarra deu início quando as portas foram abertas e a procissão começou. Uma trupe de dançarinas guiadas por três conjuntos de escravos carregando baús de tesouro para o rei. Um por um, eles trouxeram os baús para a frente e os abriram para seu pai ver o conteúdo deles. Mas isso não foi o que prendeu a atenção de Styxx. Na entrada, dois homens Núbios de grande porte seguraram postes que tinham linho transparente amarrado com barbante entre eles para mostrar o contorno do corpo da princesa. Ela possuía o transporte de uma rainha enquanto os seguia para dentro da sala.

Quando chegaram aos tronos, os homens abaixaram a tela para mostrar uma mulher de rara beleza que era alguns anos mais velha que Styxx. Sua pele escura era impecável. Ela usava uma peruca preta carregada de turquesa e ouro, e seus olhos eram densamente delineados com Kohl, muito semelhante à forma como Bethany muitas vezes pintava os dela. Braceletes de ouro em forma de serpente enrolados em seus braços e um envoltório de linho fino mostrava o contorno de um corpo perfeito.

Mas ela não era Bethany.

E seu corpo não reagiu ao dela nem um pouco. Não do modo que fazia sempre que ele pensava na mulher que tinha negligentemente jogado fora seu coração.

Styxx obrigou-se a sorrir e se levantou. Com o coração partido e dolorido, desceu do tablado para tomar sua mão e beijá-la.

Um sorriso lento e sedutor curvou os lábios dela. *Graças aos deuses que você é bonito. Eu definitivamente não me importaria de dar uma mordida nesses braços...*

O alívio em seu tom quase o fez rir.

— Bem-vinda, princesa.

E graças aos deuses que você tem uma voz profunda e viril para combinar com o resto. Segurando sua mão, ela fez uma leve reverência para ele.

— Sua Alteza.

Os pais dela avançaram e foram apresentados ao seu pai, quem então dispensou Styxx e Nefertari para que pudessem caminhar com uma pesada guarda egípcia lá fora nos jardins.

Styxx cruzou suas mãos atrás das costas enquanto ela ia na frente.

— Ouvi dizer que você é um herói de guerra, Príncipe Styxx.

— Realmente só um soldado.

— Ah. — Não havia como não perceber a decepção naquela única palavra.

Um silêncio constrangedor se estendeu entre eles enquanto caminhavam. Styxx não conseguia pensar em nada para dizer. Estranho como nunca teve aquele problema com Bethany. Eles eram capazes de conversar para sempre sobre absolutamente nada.

— Você teve uma viagem agradável para a Grécia? — Ele perguntou a ela.

Ela caminhou até o jardim que uma vez foi o favorito da sua mãe.

— Sim.

Mais silêncio constrangedor.

Nefertari parou e o enfrentou.

— Você não fala muito, não é?

— Não.

— Isto não é necessariamente negativo... Ainda assim, proponho que deixemos uma coisa esclarecida.

— E isso é?

Ela estendeu a mão para cima e puxou os lábios dele para baixo de forma que ela pudesse beijá-lo. Fechando os olhos, Styxx seguiu sua liderança, mas seu coração não estava nisto. Sim, seu corpo reagiu a ela. Mas não era a mesma coisa de quando segurava sua Bethany. Não existia

nenhuma necessidade opressiva de aspirar o cheiro dela. De se deitar contra ela e ficar com ela pela eternidade.

Ela estava só ali.

Nefertari recuou para trás com um sorriso satisfeito.

— Você é aceitável para mim.

— Meu pai ficará satisfeito.

— Você não está satisfeito, Príncipe Styxx?

Não. Mas ele não queria ferir seus sentimentos.

— Claro, princesa. Você é de uma beleza rara.

Ela estreitou seus olhos para ele.

— Incomoda-o que eu sou egípcia?

— Nem um pouco. Incomoda-a que eu sou grego?

— Eu pensei que iria. Mas não... e você fala egípcio incrivelmente bem. Eu acho seu sotaque e voz excepcionalmente agradáveis.

Bom saber que ele não era totalmente repelente.

— Você fala grego afinal?

— Um pouco, mas não bem. Você me ajudaria a aprender?

— Claro. — Isso seria, pelo menos, dar lhes algo para falar além do tempo.

Ela suspirou.

— Então... Styxx. Que qualidades você espera de sua esposa e rainha?

— Nada específico.

Aquilo a surpreendeu muito, ela realmente ficou de queixo caído.

— Nada?

— Eu apreciaria que ela gostasse de mim, mas fora isso, não. Você tem uma lista?

— Absolutamente. Espero cortesia e preferência a ser dada a mim e meus filhos a toda hora. Embora eu aceite que você tenha amantes e possivelmente outras esposas, elas não devem ser mantidas em nossa casa. Você pode visitá-las na cidade ou onde quer que deseje colocá-las. Mas como sua primeira esposa, não as quero diretamente na minha linha de visão ou perto de

qualquer criança que eu tiver. Eu quero que meus filhos sejam educados em egípcio bem como grego, e eles vão adorar os meus deuses. Espero que um altar seja construído para meus deuses na minha parte do palácio e que sejam dados aposentos para meus sacerdotes pessoais com acesso irrestrito aos meus.

Agora foi a vez de Styxx ficar boquiaberto.

— Embora não me oponha a servos gregos, — ela continuou, alheia à sua incredulidade —, exigirei que eu mantenha egípcios também. Espero que você me avise de manhã se for passar a noite comigo. Eu não vou para cama com você quando estiver bêbado e tomará banho antes de vir para mim. Eu tenho um perfume que trouxe de casa que você precisará usar nessas ocasiões. Você não levantará a voz para mim ou fará exigências do meu tempo particular. Exijo pelo menos duas horas por dia para meu próprio uso pessoal. Prefiro pela manhã, mas podem ser trocadas se necessário.

— Pensou muito sobre isto, não

Ela olhou para ele.

— Você está zombando de mim?

— Não. Eu estava brincando.

— Eu não gosto de piadas. Acho humor ofensivo.

Maravilha. Nenhum riso.

Talvez ele pudesse subornar Acheron para cometer suicídio de forma que ambos pudessem ser tirados de sua miséria mútua...

— Devidamente anotado. O que mais, princesa?

— Espero uma residência e quartos separados a serem mantidos por mim o tempo todo. Eu me reservarei o direito de te negar acesso aos meus aposentos caso você me desagrade de qualquer forma ou por qualquer razão. E você não vai me tomar a força. Do mesmo modo, eu não o receberei se você estiver doente ou passando mal ou quando eu tiver meu fluxo mensal. Embora eu entenda que você possa desejar me bater às vezes, não pode usar nada além de sua mão. E você não pode me tocar enquanto durar qualquer gravidez. Assim que eu der à luz, exigirei um resguardo de seis meses da sua cama. Vou esperar terras como presente para todos os filhos e joias para as filhas. Você fará banquetes no meu aniversário e vai declará-los feriados sagrados.

— Devo chamar um escriba para tomar notas?

— Eu disse a você que não gosto de piadas.

— Eu estava falando bastante sério. Odiaria esquecer uma de suas ordens, princesa.

— Não tema. Eu já tenho tudo anotado para você e traduzido para o grego. — Ela fez uma pausa para olhar para ele. — Gostaria de negociar alguns dos meus termos?

Para que se dar ao trabalho? Era óbvio que eles eram muito mais importantes para ela do que para ele.

— Para falar a verdade, não.

— Então você os aceita?

— Claro.

Bom... eu queria um marido fraco que eu pudesse controlar. Fico feliz por saber que você é mole. Ela ofereceu a ele um sorriso, em seguida se adiantou.

Um tique feroz começou em seu maxilar pelo modo que ela o dispensou como se ele não fosse nada.

— A propósito, Nefertari, ao contrário de sua opinião sobre mim, não sou um maricas. A razão pela qual não estou negociando não é porque sou fraco. Mas por que honestamente não dou a mínima, e seus termos pueris não valem a pena ser discutidos. E tenho um requisito para você. Para qualquer criança que nós tivermos você será uma mãe amorosa para eles, independentemente de seus sentimentos por mim. Você nunca ameaçará ou levantará a mão para nenhum deles. Se fizer, vou vê-la morta por isso... por minhas mãos.

Ela ficou de boca aberta enquanto ele se virava e voltava para o palácio. Sem uma palavra para ninguém, ele retornou aos seus aposentos para ficar sozinho.

Despejou uma taça de vinho para si mesmo e abriu um pacote de ervas. Com o coração pesado, abaixou o olhar ao seu braço para ver a cicatriz que seu pai lhe deu quando era um menino, e então seu olhar foi para colar de Bethany no seu pulso. Ele deveria arrancá-lo e lançá-lo no fogo, mas não podia se obrigar a jogá-lo fora tão facilmente quanto ela fez com ele.

Entretanto isso parecia sempre ser o seu destino... apenas amar mulheres que não podiam suportá-lo.

Exceto Nefertari. Jamais haveria qualquer amar perdido entre eles. Somente dever real e obrigação.

E dias intermináveis de sofrimento sem humor.

* * *

Horas mais tarde, Styxx tentou respirar enquanto sua cabeça latejava pela multidão de pessoas que vieram, em teoria, desejar felicidades para ele e Ryssa. Na realidade, eles estavam aqui para ver o deus Apollo, beber o vinho de seu pai e comer o elaborado banquete sendo carregado por ondas de servos.

Nefertari permaneceu em pé ao lado dele, mas podia congelar água do oceano com os olhares de lado que ela dirigiu a ele. Ainda assim, ele lhe deu crédito. Ela era tão hábil em esconder seus sentimentos quanto ele. Juntos eles podiam permitir a seus pais e convidados pensarem neles como um casal feliz.

Uma ilusão que poderia ajudar se ele não ouvisse seus pensamentos.

Seu pai se levantou. Forçando-se a sorrir, Styxx ficou em pé e ajudou Nefertari a se levantar enquanto Apollo fazia o mesmo com Ryssa do outro lado do seu pai.

O rei ergueu seu cálice para seus convidados.

— Obrigado a todos por terem vindo celebrar comigo. Não é todo dia que um rei é tão abençoado. Vamos todos levantar nossas taças em honra de minha única filha, a consorte humana para o deus Apollo, que agora está esperando um filho dele, e para meu único filho, que vai se casar com a princesa egípcia Nefertari. Que os deuses abençoem a ambos e que nossas terras possam prosperar para sempre.

Conforme Styxx tomava um gole, sentiu uma malevolência tão forte que realmente abafou todas as outras vozes que o atormentavam.

Acheron. Ele levantou o olhar de relance para ver seu gêmeo nas sombras, olhando para eles.

Irmão, Styxx pensou silenciosamente, você pode ter cada pedaço disso com minhas bênçãos e gratidão.

A raiva do Acheron cresceu quando o rei se inclinou e beijou Ryssa e então Styxx.

— Aos meus amados filhos. — Ele disse para a multidão mais uma vez. — Que eles tenham uma longa vida.

Um grito ensurdecedor se levantou da multidão. Styxx manteve o olhar no seu irmão. Ele sabia exatamente como Acheron se sentia. Era a mesma dor que ele sempre sentia quando ouvia Acheron e Ryssa rindo através das paredes do seu quarto.

Isso o cortava e sangrava. Mas a diferença era que com Ryssa, o afeto não era para mostrar.

Era sincero.

14 de fevereiro de 9528 a.C.

Styx sorriu veio a acordar com uma mão gentil tocando seu cabelo.

— Bethany?

— Não mesmo.

Ele se empurrou para longe ao som da voz profunda de Apollo em sua orelha.

— O que você está fazendo aqui? — Ele empurrou Apollo. — Ei... você fede a minha irmã.

Apollo enterrou a mão no cabelo do Styx e agarrou sua cabeça por trás.

— Você parece ter esquecido o trato que fez. Ou não se importa mais com o que acontece com as pessoas que você ama?

— Nosso acordo não incluiu você me prejudicando diante da minha família.

— Sua família não está aqui agora.

Styx se encolheu enquanto Apollo embrulhava seus braços ao redor dele e o puxava alinhando-o contra o tórax do olímpio.

— Você ainda não aprendeu a obediência.

Styx tentou se afastar dele.

— Eu não sou um cão.

Apollo riu no seu ouvido.

— Não, mas aposto que posso te ensinar a implorar.

— Prefiro não aprender.

— Então role de barriga para cima e me beije.

Styx rangeu os dentes enquanto fazia tudo que podia para se forçar a obedecer a ordem de Apollo. Seria mais fácil se apenas fizesse.

Mas ele não podia. Estava cansado demais de viver assim. Cansado de ser ameaçado e atormentado. Por todo mundo. Neste ponto, ele não se importava mais. Bethany foi embora e não havia realmente nada mais que importasse para ele.

— Por que você não pode me deixar em paz?

— Paz? — Apollo rosnou conforme alfinetava Styxx na cama pela garganta, encarando-o.
— Você não compreende a honra que estou te fazendo? Eu marquei você!

Olhando fixamente para a parede, Styxx manteve sua cabeça afastada de seu algoz. Esta era uma honra que ele ficaria feliz em passar sem.

Apollo deu-lhe um tapa.

— Olhe para mim.

Com os lábios sangrando, Styxx encontrou seu olhar lívido com um dos seus.

Apollo bateu nele novamente com as costas das mãos.

— Cansei de sua insolência. Você acha que sabe o que é dor, humano? Você não sabe. Mas vai aprender. E desta vez, não terei piedade de você, príncipe. Tomarei absolutamente tudo de você, e quero dizer tudo. Não sobrá nada de você quando eu terminar, e te prometo que você ficará de joelhos para me implorar por minha clemência.

Cansado de tudo e de todos, Styxx riu de sua ameaça.

— Tudo bem. Faça o pior que puder comigo e vou apreciar.

11 de janeiro de 9527 a.C.

Quase um ano mais tarde...

— Bet'anya... nós precisamos de você para resolver uma aposta para nós.

Bethany parou quando entrou no corredor principal em Katateros, onde as estátuas dos principais deuses forravam o arredondado foyer volumoso. O chão de mármore branco brilhava intensamente, e mantinha o símbolo do sol de Apollymi no centro. Ela estava a caminho para reportar a Archon que ainda não tinha encontrado rastro de Apostolos.

Mas antes que pudesse fazer isto, as portas que levavam à sala do trono dele, seus primos Teros e Phanen, deuses do medo e do pânico, a paralisaram.

— Resolver o quê?

— Este é seu emblema ou de Artemisa?

Seu coração disparou quando eles lhe deram o colar que deu a Styxx, há muito tempo atrás. A princípio, pensou que pertencia a outro, mas não havia duvida do feitiço que colocou nisto. Apesar de ele estar extremamente debilitado por algum motivo, ela ainda podia sentir um pouco dos poderes de proteção de seu pai que restava.

— Onde conseguiu isto?

Teros cruzou os braços sobre seu peito.

— Você ainda não nos respondeu.

Ela moveu-se para o espaço pessoal dele e olhou para eles, por sua vez.

— Onde você conseguiu isto! — Não era uma pergunta. Era uma exigência.

Os olhos escuros dele se arregalaram, e Phanen afastou-se dela.

— Acalme-se, prima. É uma recordação que pegamos.

— De?

— Um prisioneiro de guerra. — Teros respondeu por ele.

— Prisioneiro, meu rabo. — Phanen bufou com a explicação de seu irmão. — Ele foi um presente de Apollo para Atlântida. Um tributo, por assim dizer.

Ela agarrou Teros pela garganta, e o segurou em um aperto que o deixou perceber exatamente quão séria e brava ela estava.

— Comece pelo princípio e me diga sobre o homem de quem você pegou isto.

— Porque...

Ela o interrompeu com um olhar letal.

— As próximas palavras que sair de sua língua é melhor que respondam à minha pergunta, ou serão as últimas. E nós dois sabemos que tenho poderes para fazer isto.

Ele engoliu em seco antes de finalmente responder sem restringir-se.

— Styxx de Didymos. Como um ato de boa fé da parte dele para todos nós, Apollo deu-lhe para Archon cerca de um ano atrás.

Sua cabeça rodou com estas notícias. Não podia ser...

Ela saberia disso. Se Styxx estivesse em seu reino aqui ou em Atlântida, ela saberia disso.

Não é?

— Styxx está em Didymos. — Ela insistiu.

— Não... um dos servos espíritos de Apollo está em Didymos, disfarçando como o príncipe. O Styxx real foi trazido para cá no ano passado, quando você estava no Egito com seu pai e sua tia. Houve uma celebração enorme por isto. Ele foi amarrado como um ganso de festival e colocado de bunda para cima no centro do salão, aos pés de Archon.

Bethany afastou-se deles quando o horror e a dor por Styxx invadiu todas as partes dela. *Por favor, que seja mentira... por favor.* Ela olhou de volta para os exultantes irmãos, que estavam agora lhe dando nos nervos, enquanto riam sobre algo que ela não achava nada divertido.

— Como você conseguiu meu colar?

Teros golpeou o peito de Phanen.

— Eu disse que era dela.

Phanen o ignorou.

— Nós o pegamos de Styxx duas noites atrás, exatamente antes de o levarem para a arena para outro jogo de exibição. Ele lutou como um demônio para manter isto, entretanto. Quase próximo de ter que arrancar fora o braço dele para pegar isto. Pode nos dizer obrigado por devolvermos isto, sabe. — Ele apontou o queixo em direção ao amuleto dela. — Como ele conseguiu isto, afinal? Roubou-o de alguém de nossas tropas durante a guerra?

Ela ignorou a pergunta dele enquanto tentava entender o que ele estava dizendo.

— Arena?

Teros franziu o cenho.

— Isto é tudo o que ela entendeu disso?

Bethany o agarrou por seu formesta⁴⁰ e o puxou para mais perto.

— Que porra de arena?

Os irmãos trocaram um olhar pasmo com a linguagem dela, antes de Teros falar novamente.

— O principal anfiteatro de Atlântida. Três vezes por semana eles o exibem para os jogos públicos e luta. Às vezes apenas o torturam por esporte.

Com o estômago doendo, Bethany se riscou de Katateros até a arena principal na capital da cidade. Levou um momento para se disfarçar como uma serva apollita, antes de entrar na propriedade da área pertencente à arena principal. Os animais e suportes para os shows eram mantidos aqui. Como também os prisioneiros que eram mantidos para execuções públicas ou jogos, onde às vezes podiam ganhar sua liberdade.

— Então você conseguiu seu pedaço de carne?

Ela parou quando avistou dois lutadores enormes vindo em direção a ela.

— Não, mas preciso martelar seu pequeno cuzinho grego. Não posso acreditar que aquele pedaço de merda já liderou um exército.

— Pelo que me lembro, ele liderou aquele exército diretamente sobre o seu, e o queimou até o chão.

— Cale a boca.

O estômago de Bethany agitou com a crueldade deles, enquanto se dirigia pelo corredor abaixo por aonde eles vieram. Sabia sobre o que estavam conversando e isto a cortou como mil facas. *Como pude tê-lo abandonado para isto?*

Sozinho e desprotegido.

Ao redor dela os prisioneiros choravam e imploraram por clemência ou comida, enquanto um guarda despejava água em tigelas disformes ou quebradas, em seguida as empurrava por pequenos buracos na parte inferior das portas trancadas.

— Onde está Styxx de Didymos?

O guarda arqueou uma sobrancelha para ela. Ele cuspiu no chão aos seus pés, depois enxugou a boca com a parte de trás da mão, enquanto lhe dava um olhar especulativo.

⁴⁰ Roupão preto ou branco usado pelo povo de Atlântida, longo e fluido, geralmente usado aberto.

— Há uma taxa por esta informação, e a taxa depende do que quer fazer com ele.

— Conversar com ele.

Ele riu.

— Ninguém conversa com ele, menina. Não sou estúpido. E não posso deixá-la sangrá-lo. Ele tem uma luta hoje e apostei dinheiro nisto.

Ela elevou-se em sua forma de deusa para dominar a pequena doninha.

— Onde ele está? — Ela rosnou.

Ele recuou com medo.

— Perdoe-me, deusa. Não percebi que era um de vocês o querendo novamente. Ele está lá. — Ele gesticulou para uma porta à direita.

Agarrando a balde de água dele, ela foi para a porta e a abriu. Mas o que encontrou dentro congelou-a no lugar, quando isto conduziu um horror diretamente para seu coração.

Completamente nu e imundo a um nível desumano, Styxx estava acorrentado como um animal. Ele tinha uma coleira de ferro espessa ao redor do pescoço, que tinha um enorme grilhão conectado a isto. Uma corrente que corria até as algemas de ferro em seus pulsos e tornozelos. As correntes o mantinham em um sistema de roldanas pela porta, que determinada quanta liberdade lhe era permitido pelo quarto. Ela estremeceu quando se lembrou do quanto ele odiava estar preso por qualquer coisa.

Mesmo um delicado cachecol leve.

Sangue, sujeira, cortes, e contusões cobriam seu corpo inteiro. As lágrimas a sufocavam. Seu bonito cabelo loiro estava gorduroso, imundo e emaranhado com sangue e sujeira.

Styxx envolveu as mãos nas correntes que o prendiam, quando viu sua “visita” mais recente entrando em sua cela escura. Ainda ferido e sangrando das últimas duas, ele queria apenas alguns minutos para deitar-se na escuridão, e tentar esquecer o que fizeram com ele.

Mas os bastardos gananciosos não lhe permitiriam nem mesmo um momento de paz.

Pelo menos esta aqui era uma mulher loira e delicada, que parecia desarmada. Como as mulheres de Atlântida não tinham a força e a fibra de seus homens, ele preferia muito mais a tortura delas. Normalmente se contentavam com um bofetão, ou arranhão ou uma cuspida nele. Eram realmente perigosos quando estavam armados.

Quando a porta se fechou atrás dela, saltou em um agachamento feral para que pudesse observá-la, e ver que jogo sujo ela queria jogar. Sua cabeça rodava de dor e fome. Sacudindo a cabeça, forçou-se a manter o foco e a nitidez.

Ele precisava.

Bethany queria lamentar quando aqueles lindos olhos azuis bloquearam com os dela. Por um momento, ela pensou que vomitaria quando viu a loucura dentro deles. Eles o reduziram a um animal raivoso. E o pior era saber que Epithymia o tinha beijado, e como tal, deu-lhe um verdadeiro atrativo sobrenatural agora. Até imundo, ele fazia seu coração acelerar e o desejo rasgar por ela. Não que não sentisse isto de qualquer maneira. Mas conhecia o toque doentio de sua prima.

— Styxx?

Ele rosnou para ela, afastando-se mais para o fundo nas sombras.

Movendo-se lentamente e com calma, ela segurou o balde de água estendido para ele. Ainda assim, ele se afastou dela.

Bethany colocou-o dentro do alcance dele, em seguida andou até a porta.

Só então se aproximou disto... de quatro como um cão espancado. Ele estava tão cauteloso e arisco, que isto quebrou seu coração. Mantendo o olhar nela como se esperando que o machucasse, enquanto avançava em direção ao balde. Cheirou-o cuidadosamente, depois imergiu os dedos na água para que pudesse sentir o gosto de algumas gotas. Satisfeito que estava limpa, expeliu uma longa respiração. Aqueles olhos azuis não desviram dela, enquanto colocava as mãos em concha e tomava um gole como se não tivesse água por dias. Não havia mais nenhum refinamento nele enquanto bebia rápido e furiosamente.

Alguém tossiu no corredor.

Ele arremessou-se para longe do balde, de volta ao canto da cela onde abaixou pronto para lutar.

Bethany fez aparecer um pedaço de pão. Segurando-o para ele, lentamente se aproximou dele. Desta vez, chegou perto o suficiente para ver os arranhões e cortes irregulares em seu rosto. O sangue e a sujeira emaranhada em sua barba. Os profundos ferimentos e as feias cicatrizes de feridas de armas, presas e garras em seus braços, pernas, peito, abdômen e costas.

Tão grave quanto seu corpo tinha sido marcado antes, não era nada comparado ao que via agora. Eles não lhe permitiam nenhuma armadura na arena?

Pela aparência do corpo dele, ele deveria lutar contra seus oponentes, completamente nu...

— Não o machucarei. — Ela disse suavemente. Ela partiu um pedaço de pão para ele. — Aqui.

A suspeita no olhar dele cortou sua consciência. Apesar de ouvir seu estômago roncar de fome, ele se recusava a pegar o pão.

Quando ela já estava quase perto o suficiente para tocá-lo, e ele tinha alcançado o limite das correntes, os olhos dele chamejaram com raiva.

— Está tudo bem. — Ela livrou-se do pão e segurou seu colar para que ele visse isto. — Você quer isto de volta?

No momento em que o olhar dele focou nisto, uma única lágrima deslizou abaixo por seu rosto imundo e inchado.

E aquilo conseguiu retorcer um soluço dela.

— Dê-me seu braço e o devolverei para você.

Styx hesitou antes de obedecer e arrastar-se o suficiente para que ela alcançasse apenas seu pulso. Estendeu a mão direita cheia de cicatrizes, que ele ainda não conseguia abrir de todo, de quando os thracianos o atacaram e o prenderam no chão com um punhal.

Ignorando as cicatrizes, crostas, e contusões em seu antebraço, ela colocou-o no pulso dele e o prendeu.

Ele rastejou de volta para o canto e sentou-se em uma bola apertada, segurando a mão boa sobre o colar dela como se fosse um tesouro inestimável.

Desta vez quando o abordou ele não se moveu. Sentado rígido, sua respiração ofegou enquanto continuava a esfregar seu colar com os dedos devastados.

— O que eles fizeram com você? — Ela suspirou, estendendo a mão para escovar os cabelos dele para trás de seu rosto machucado. Dada às condições dele, a pergunta mais apropriada era provavelmente o que eles não tinham feito a ele.

Ele fechou os olhos e colocou os braços acima da cabeça, como se esperasse que ela o esbofeteasse ou o arranhasse. E manteve a mão boa bloqueada sobre seu colar para protegê-lo.

E isso quebrou seu coração ainda mais. Querendo confortá-lo, ela traçou a linha de seu queixo.

— Não. — O sussurro áspero dele surpreendeu-a.

— Não o quê?

Os olhos dele se encheram de lágrimas, mas nenhuma caiu, enquanto desviava o olhar.

Sua fúria elevou-se. Não estava disposta a deixá-lo aqui para ser tratado assim. Erguendo-se, ela explodiu as correntes que o seguravam. Em vez de ficar aliviado, ele encolheu-se para longe, para tentar encontrar algo para proteger-se. Com os olhos selvagens, procurava pelo quarto com o olhar.

Isto apenas a deixou com mais raiva. Tão ruim quanto Apollo se comportou, seu próprio panteão o tinha traumatizado pior que qualquer coisa inimaginável.

Fodam-se todos!

Ela estendeu a mão em direção a Styxx.

— Não vou machucá-lo. Bethany me enviou.

Por um momento ele acalmou-se, em seguida agitou a cabeça quando a agonia preencheu seu olhar.

— Você está mentindo.

— Eu juro que não estou. Pegue minha mão e vou tirá-lo daqui.

Styxx sabia. Estava apenas sendo levado para fora para coisas deploráveis. Melhor ser torturado e estuprado em particular, do que na arena para todos verem e aplaudirem. Nada de bom acontecia fora deste lugar. Claro que nada de bom jamais aconteceu aqui dentro também.

Mas pelo menos aqui, ele às vezes era deixado em paz.

Ela o agarrou.

Ele recuou e olhou para a porta, que sabia que estava trancada. Ou pior, não estava, e se fosse para o corredor eles o jogariam no chão e o enjaulariam, em seguida o arrastariam para a arena para lutar até que o derrotassem e castigassem novamente.

— Pegue minha mão. Prometo que o levarei daqui.

Mas ele não era estúpido ou ingênuo, arrancaram isto dele há muito tempo atrás.

— E ir para onde?

— Onde posso curá-lo antes de mandá-lo para casa.

Besteira. Ele nunca iria para casa novamente, e a esta altura, não queria mais. Se seu pai descobrisse sobre isto...

Não. Ele apenas queria que eles o matassem. No entanto, mesmo que pedisse misericórdia, nenhum deus estava disposto a atender.

Os olhos de Bethany se encheram de lágrimas com a suspeita naqueles olhos azuis celestiais. *Como pude permitir que fizessem isto com você? Como pude dizer que o amei e não me incomodar de verificá-lo, afinal?*

A culpa a transpassou.

— Você pode confiar em mim.

Ele zombou das palavras dela, como se fossem amargas para ele. Mas sem nenhuma verdadeira escolha, finalmente colocou a mão na dela.

Bethany o levou para seu templo em Katateros. Convocando um formesta, envolveu-o ao redor do corpo machucado e ferido dele.

Styxx segurou a respiração, quando a deusa pediu-lhe gentilmente que a seguisse por um átrio, em recinto fechado que tinha um enorme charco no centro disto.

— Você gostaria que eu o ajudasse a tomar banho?

Ele balançou a cabeça. Não queria que ninguém o tocasse.

— Muito bem. Estarei de volta rapidamente com comida.

O estômago dele deu um nó com medo e fome, olhou ao redor, esperando que isto fosse outro truque. De alguma maneira isto tinha que ser...

Mas esta água fumegante parecia tão convidativa. Não podia lembrar-se da última vez que teve um banho de verdade, e não de baldes de água gelada esvaziado em cima dele. Começou a afastar-se disto, mas a tentação para tirar um pouco da sujeira de seu corpo era muito grande.

De qualquer modo, eles irão foder comigo. Pelo menos me deixe ter um pouco de conforto antes da próxima rodada de violência começar. Lentamente e com grande apreensão, caminhou para a escada que levava para dentro da vaporosa água salgada e morna.

Ele testou o passo, esperando que isto se revelasse ou que algo saísse da água e o atacasse. Mas nada aconteceu. Respirando fundo, soltou o formesta e timidamente entrou no charco.

Ele mal tinha começado a relaxar quando a mulher retornou.

Styxx afastou-se até a outra extremidade do charco, e apoiou-se para que pudesse mantê-la em sua linha de visão, com suas costas e a mão contra o azulejo. Por via das dúvidas.

Bethany piscou as lágrimas quando viu o modo como ele continuava a observá-la, como se esperasse um ataque. Colocou a bandeja de comida no chão não muito longe dele, em seguida foi buscar utensílios de banho.

Quando retornou com eles, notou que a única coisa que ele tinha pegado para comer, foi uma maçã. Uma que esfregou e inspecionou cuidadosamente. Colocou-a entre os dentes para segurá-la, enquanto mantinha uma mão na extremidade do charco e a outra livre.

Ela descobriu as vasilhas para mostrar-lhe os sabonetes, óleos, e loções. Então levantou uma navalha e um espelho, e os deixou para ele. Afastou-se para se sentar em sua cadeira branca.

Só então ele continuou a comer a maçã. O tempo todo seu olhar a deixava apenas para que, fortuitamente, pudesse aleatoriamente procurar nas sombras de vez em quando.

Quando terminou com sua única maçã, ele colocou o caroço na bandeja e pegou a navalha.

Fascinada, ela o assistiu barbear-se sem usar um espelho. Nunca tinha visto um homem fazer isto antes. Mas quando ele limpou-se, revelou as evidências do que lhe tinha sido feita. Cicatrizes recentes, contusões e ferimento em lugares que a fizeram querer encontrar aqueles que o machucaram e fazê-los pagarem por isto.

Ela evocou-lhe uma toalha e roupas limpas.

Quando avançou até ele, ele atirou-se para o lado oposto do charco.

— É apenas uma toalha, calças, e um formesta. — Ela colocou-as no chão e afastou-se para longe novamente.

Só então ele deixou o charco.

Enquanto ele se vestia, Bethany evitou olhar para as costas dele, que estava sangrando, uma confusão de ferimentos e cicatrizes recentes. *Aqueles bastardos. Como puderam torturá-lo assim?*

Quando se voltou para olhá-lo, ele estava com o rosto franzido profundamente, enquanto estudava o emblema dela na parte de trás do formesta.

— O que há de errado?

— Esta é você? — Ele perguntou rangendo os dentes.

— Sim.

Raiva e pânico escureceram os olhos dele quando soltou o formesta e procurou por uma fuga.

— Está tudo bem.

Sua respiração intensificou.

— Você me odeia. Tentou repetidamente me matar. Você colocou uma generosa recompensa por minha cabeça.

— Não... Quero dizer, eu queria. Mas não quero mais.

Isso apenas o confundiu ainda mais.

— É o mesmo emblema no colar que Bethany lhe deu. Olhe para ele.

Ele o fez e sua carranca retornou.

— Sou a deusa que o protege. Não sabia que você era o Hector dela. Se soubesse, nunca teria tentado machucá-lo. Juro para você, Styxx.

Lágrimas encheram os olhos dele enquanto acariciava seu colar.

— Você sabe como ela está passando? Ela está bem?

— Está.

Engolindo em seco, ele soltou o colar e pegou o formesta. Seus movimentos eram tão lentos e cheios de dor que contorceu seu coração. Este não era o guerreiro e o amante gracioso que conheceu. Este era alguém que foi espancado a beira da morte, e mantido como um animal por um longo tempo.

— Gostaria de alguma outra coisa para comer?

O olhar faminto dele doeu em seu próprio estômago com uma dor solidaria. Mas ele sacudiu a cabeça.

Então ela percebeu porquê.

— Não está drogada. — Levantando, ela foi e deu uma mordida na comida. Em seguida, despejou o vinho e provou-o para ele.

Mesmo assim, ele não o tomou.

— O que há de errado? — Ela perguntou.

— Já cáí neste truque. Terá que pensar em um novo. — Só então ela percebeu que ele ainda tinha a navalha dobrada em sua mão, enquanto a observava cautelosamente como se esperasse que o atacasse.

— Vai me estuprar, também?

Ela estremeceu com a pergunta dele.

— Não.

Seu olhar a acusou de deslealdade e mentiras. Mas o pior era a agonia e a exaustão que via nas profundezas de seu olhar cristalino, enquanto continuava a procurar em cada sombra.

— Não sou estúpido. Sei que não me trouxe até aqui e me limpou por ser gentil. Onde estão os outros?

— Não existem outros.

— Não minta para mim. — Ele rosnou. — Vocês apenas me limpam quando irão me distribuir. Prefiro que continue com isto a fingir ser amável. — O olhar dele retornou para as sombras. — Archon ou Asteros está assistindo? Ydor?

Ela estremeceu com a confirmação de que sua família era tão depravada quanto os gregos.

— Não há nenhum truque ou deslealdade, Styxx. Eu juro.

Mas ele não estava acreditando, e honestamente, ela não podia culpá-lo. Ele foi abandonado por sua família. Seus deuses.

E por ela.

Neste momento, ele precisava descansar. Ainda assim, sabia que não relaxaria depois do que fizeram com ele. Como poderia? Eles o submeteram aos horrores que ninguém devia sofrer.

E não podia mandá-lo para casa até que descobrisse o que Apollo estava fazendo em Didymos. Como poderia manter a prisão de Styxx um segredo de sua família negligente.

Então usou seus poderes para acalmá-lo como se ele estivesse drogado.

— Jogue a navalha no chão, Styxx.

Ele hesitou antes de obedecer.

— Pegue minha mão.

Novamente, ele tentou lutar com isto, mas não conseguiu. No fim, colocou a mão na dela, e ela o puxou para seu quarto. Embora não pudesse resistir ou lutar com os desejos dela, sentia o pânico nele enquanto temia a intenção dela. Tirou o formosa dos ombros dele, e o colocou na cama dela.

Ela se debruçou em cima dele e beijou seu rosto machucado.

— Durma em paz, príncipe. Ninguém vai machucá-lo.

Com a respiração ofegante, ele lutou contra isto, mas no fim, seus olhos trêmulos fecharam, e finalmente relaxou. Enquanto ele dormia, ela ouviu seu estômago roncar de fome.

Lágrimas silenciosas caíam, enquanto percorria as novas cicatrizes em seu peito e braços. Sobre as marcas, cortes, e contusões, tanto novas como curadas, que atestavam o pesadelo que tinha passado.

Sozinho.

Por que Apollo o entregou aos seus inimigos, que procuravam vingança não apenas contra ele, mas contra seu povo...

O que fez o padre bastardo fazer algo tão frio?

No fim, culpou-se por tudo isto. Ela o abandonou e continuou com sua vida.

Isso não era inteiramente verdade. Ela sentiu falta dele cada minuto de cada dia, e foi por isto que não o checkou. Esteve com tanto medo de vê-lo novamente. Porque em seu coração, sabia que se o visse, não poderia deixá-lo sozinho.

E estava certa.

Este tinha sido o ano mais difícil da vida dela. Todos os dias ela levantava-se pensando que seria mais fácil e ao invés disso, era mais difícil. Saber que ele estava lá fora e não podia estar com ele...

Tinha sido um verdadeiro inferno.

Contra seu bom senso, enfiou-se na cama e aconchegou-se ao único homem que tinha amado. E com cada vislumbre dos ferimentos dele, ela se odiou por permitir que isto acontecesse com ele.

Ele nunca a teria deixado voluntariamente para tal destino. Nunca de bom grado sairia de sua vida por qualquer razão...

Era uma deusa. Sabia como ele era solitário, e o que ela fez?

Deixou-o desprotegido em um mundo que o odiava.

— Sinto muito, Styxx. — Mas isso não mudava nada sobre os horrores que ele suportou e sobreviveu por causa de sua insensível negligência. — Farei o que for para você. O que for preciso. — Ela não tinha ideia de como, entretanto. Apollo ficaria furioso quando descobrisse que tomou posse de Styxx. Tecnicamente, ele ainda o possuía.

E sabendo que seu próprio panteão participou do abuso de Styxx...

Que permitiram que o mantivessem preso aqui, e o torturaram por diversão.

Isto era suficiente para deixá-la ao lado de Apollymi. *Fodam-se todos vocês por isto! Como puderam ser tão incrivelmente cruéis?*

Uma coisa era certa, ela não tinha nenhuma intenção de ajudá-los a conseguir encontrar Apostolos. Podiam todos queimar que não se importava.

Mereciam isto pelo que fizeram com um homem decente, cujo único crime foi lutar por seu próprio povo em uma guerra que o dela começou.

Bethany enrolou os braços ao redor dele, desejando que pudesse apagar tudo da memória dele. Mas não tinha este poder.

E pela primeira vez em um ano, ela estava finalmente feliz novamente, enquanto seu cheiro picante e másculo, e o calor do longo e rígido corpo dele, acalmou-a. Tudo que queira era ouvi-lo dizer o que costumava dizer, sempre que tinham uma longa separação.

— Senti sua falta com cada batida de meu coração.

Mais provavelmente, nunca mais diria isto para ela novamente. E quem podia culpá-lo? Ela o traiu da pior maneira.

Você poderia perdoar isto?

Não, ela não o faria. Nem por nada.

Era injusto e cruel. Fechando os olhos, embalou a cabeça dele e colocou a mão na contusão horrível em seu rosto.

— Ninguém jamais irá machucá-lo novamente, akribos. Não vou permitir.

* * *

Styx respirou fundo e suspirou. *Devo estar sonhando*. Embora estivesse morrendo de fome, estava tão aquecido e confortável. Mais que isto, ele sentia curvas suaves contra seu corpo e sentia o cheiro de eucalipto e o doce aroma de lírio que desejou mais do que qualquer coisa.

Lágrimas não derramadas apertaram sua garganta, enquanto esperava que isto tudo se dissipasse, e o deixasse de volta em seu buraco imundo, acorrentado na parede.

Este foi seu pensamento até que um corpo ao lado dele rolou e jogou um joelho em sua virilha.

Silvando de dor, abriu os olhos, para encontrar um olhar verde dourado, que refletia seu próprio choque. Por um minuto inteiro, não conseguiu se mover enquanto esperava que ela desaparecesse.

— Beth?

Bethany ficou congelada pelo desejo angustiado que a queimava. Ela deve ter adormecido ao lado de Styxx... o qual a teria devolvido a sua aparência real.

E desde que estavam em seu templo, ela tinha sua visão.

Eu deveria partir. Mas ela não podia. Aqueles olhos azuis a mantinham imóvel.

— Oi. — Ela suspirou.

Ele a olhava fixamente como se fosse a última iguaria do planeta, e não comesse por um ano ou mais. Antes que ela pudesse se mover, ele lentamente abaixou os lábios nos dela.

Bethany gemeu no quão bom era o gosto dele. Ele a rolou de costas enquanto aprofundava o beijo e fazia sua cabeça rodar. Ele sempre teve um beijo fenomenal, mas este...

Fazia todos os seus beijos anteriores parecerem castos.

Styx fechou os olhos enquanto sua língua dançava com a dela, e o cheiro dela enchia sua cabeça até que estivesse bêbado disto. *Você sabe que isto não é real. É um truque...*

Mas conhecia o gosto dela. Seu cheiro. O modo como o abraçava. Como isto podia ser um truque? Ele enterrou o rosto na curva do pescoço dela e deixou o horror do ano passado desaparecer. Ela parecia tão bem em seus braços. E quando o aconchegou, ele estremeceu.

— Senti sua falta. — Ela sussurrou no ouvido dele.

— Com todas as batidas do meu coração. — Ele sussurrou de volta para ela.

Bethany se engasgou com um soluço, quando ele deslizou seu longo corpo contra o dela. Ele abaixou a cabeça até sugar seu seio. Segurando a cabeça dele, ela afundou as mãos em seus suaves cabelos dourados.

— Por favor, seja real. — Seu apelo rouco transpassou-a.

A culpa apunhalou-a tão forte, que não conseguia respirar.

— Sou real.

Ele deitou a cabeça sobre seu estômago e a tomou nos braços. Suas silenciosas lágrimas quentes a queimavam, enquanto caíam contra a pele dela. Ele agarrou-se a ela como se fosse sua tabua de salvação. Como se fosse indescritivelmente preciosa.

Então estendeu a mão e pegou sua mão nas dele, e apertou-a contra seu rosto. A expressão no rosto dele enquanto saboreava o toque dela, fez seu coração se partir por ele.

Até que ele se arrancou para longe dela e afastou-se.

— Apenas me mate... por favor.

— Styxx...

— Você não é minha Beth. — Ele rosnou ferozmente.

Outra lágrima caiu pelo rosto dele. Jogando a cabeça para trás, ele rugiu de dor. — Você quer arrebentar-me, sua fodida do caralho! Tudo bem! Eu me rendo! — Ele gritou então abaixou a voz em um sussurro. — Eu me rendo. — A dor no rosto dele quando olhou para ela, despedaçou-a. — Por favor, não faça isto comigo. Prefiro que me bata ou me estupre, do que usar minha Beth contra mim. — Ele agarrou-a, em seguida fechou a mão em punho.

Deixando a cama, ele afundou no chão e enrolou-se em uma bola. Cobrindo a cabeça com os braços.

Ela ajoelhou-se ao lado dele e roçou a mão em seus cabelos.

— Styxx... sou eu.

Ele se recusou a olhar para ela.

— Não. Minha Beth não me chama de Styxx... ela não me odeia. — Ele aconchegou a mão ao redor do colar dela e soluçou como se seu coração estivesse tão lascado quanto o dela. — Por favor, não manche a única coisa boa que já conheci. Farei qualquer coisa que pedir. Apenas não manche a memória dela. É tudo o que me restou.

— Tudo bem. — Ela beijou a cabeça dele, então se afastou. — Descanse e retornarei mais tarde.

Ele se esquivou de costas no chão para o canto, como um cão açoitado.

Bethany levantou-se devagar enquanto sua fúria triplicava. Em sua mente, ela o via como ele tinha sido. Orgulhoso. Feroz. Desafiador.

Protetor.

E agora ele estava completamente destruído.

É minha culpa. Tudo isto. Ela sabia o quanto ele era isolado. O quão disposto estava a desistir de tudo que tinha, até um trono, para estar com ela como uma pobre aldeã cega.

Ainda por causa de sua família, por causa de seu povo, o deixou ir. Ela pôs todos eles diante dele, e como eles a recompensaram?

Eles o tinham violado e destruíram a única coisa que já tinha amado. Eles o despedaçaram e riram, enquanto faziam isto.

A raiva escureceu sua visão enquanto ia até Archon. Ele estava sozinho em seu próprio templo, usando uma sfora, enquanto tentava encontrar a criança que ela esperava que o matasse.

Forçando se a parecer tranquila, lentamente o abordou.

— Você sabia que o Príncipe Styxx estava em Aeryn?

— Huh? — Ele não estava realmente prestando atenção nela. — O que disse?

— Perguntei se estava ciente de que o Príncipe Styxx estava sendo mantido pela rainha de Atlântida.

Archon bufou zombeteiramente.

— Você tem estado debaixo de uma pedra? Ele tem sido a atração principal por meses agora.

— Não debaixo de uma pedra. Procurando pelo filho de Apollymi. — Na verdade, fez de tudo o que podia para ausentar-se de Atlântida, e não pensar sobre todos os momentos que tentou matar Styxx quando ele invadiu sua pátria. Graças aos poderes de seu pai, de impedi-la de cometer o maior erro de sua vida.

Archon finalmente olhou para cima com toda a sua atenção.

— Infelizmente, ele não está mais tão agressivo como estava quando foi trazido para cá no começo, mas se quiser ter uma rodada com ele, ele ainda está bom para algumas risadas.

Seu estômago revirou com aquelas duras palavras.

— O que todos têm feito com ele?

Archon se recostou enquanto pensava sobre isto.

— Apollo o distribuiu no Olimpo até Athena descobrir e parar isto. Então o trouxe para cá para nossa diversão.

Aquelas palavras a atingiram como um soco.

— Que tipo de diversão?

— O que acha que fizemos com ele? Ele trouxe um exército para nossa nação e sacrificou nossos cidadãos e membros de famílias mortais. Não podíamos deixar que saísse impune. Uma vez que estávamos aborrecidos com ele, nós o lançamos para a rainha como presente de Apollo, e ela o colocou na arena para lutas e outros eventos altamente criativos, de forma que seu povo e soldados pudessem retirar suas próprias queixas contra ele e os outros gregos.

— E ninguém em Didymos notou sua ausência?

— Não. Apollo cuidou disto.

Será que queria saber mais daquilo que Débi e Lóide tinham dito a ela?

— Cuidou disto. Como?

Archon encolheu os ombros.

— Não sei. Não me importo. Então por que o interrogatório sobre ele?

— Não sabia que ele estava aqui até hoje.

— Ah. Bem, se tiver uma chance, você pode querer participar da luta esta tarde. Mesmo tão devastado quanto estava, ele consegue afastar seus atacantes até que eles joguem uma armadilha nele, ou soltem os cães ou gatos para derrubá-lo. É muito mais divertido entretendo, assistir quando sabe que ele não pode ganhar, não importa o que faça. Ainda que tente ganhar. É tão estranho, realmente. Os humanos e apollitas também fazem apostas para ver quanto tempo ele durará. Então no fim, os deixam para a multidão determinar o castigo por seus crimes.

— Castigá-lo como?

— Ele é condenado a ser espancado ou cerimoniosamente estuprado para o entretenimento da multidão.

A respiração dela deixou seus pulmões. Com força. Levou tudo o que tinha para que não atacasse Archon.

— E acha isto aceitável com o homem que se recusou a prejudicar os inocentes de nosso povo? Um que usou suas próprias tropas para certificar-se de que as atlantes não fossem estupradas, enquanto os gregos lutavam aqui?

Ele encolheu os ombros despreocupadamente.

— Nosso povo são as pessoas que decidem os castigos dele. Não eu. Não vou interferir com o entretenimento deles, depois do terror em que ele os colocou.

— E quanto tempo acha que este castigo deve durar?

— Converse com o dono dele. Novamente, não vou interferir por um pedaço de merda grego que não me importa.

Mas ele importa para mim...

Bethany contou até dez e forçou-se a sair antes que cedesse ao desejo de explodir Archon de onde ele estava sentado.

Ao invés disso, ela foi para Didymos seguindo para ver o que aconteceu durante o ano de sua extrema estupidez. Como era possível que Styxx pudesse estar fora de casa por um ano e ninguém notar?

Sim, ela estava violando todos os tipos de pactos, tratados, e estatutos sociais, mas não se importava neste momento. Queria muito sangue...

Bethany foi para o palácio, então parou. Galen seria a pessoa que teria sentido a falta dele. Seguramente se alguém sabia que Styxx se foi, seria seu único amigo e mentor. Então ela foi para o quartel onde encontrou o idoso em seus aposentos.

Assumindo o disfarce de um soldado didymosiano, ela entrou.

— Onde está o Príncipe Styxx?

Galen suspirou cansado.

— Não sei. Não o vi faz muito tempo.

Ela usou seus poderes para obrigá-lo a falar o que estava em sua mente.

— Tem certeza, Mestre Galen?

— Para falar a verdade não, mas isto não é com o que estou preocupado. O príncipe não está bem desde que sua mulher o deixou.

— Como assim?

Galen suspirou profundamente.

— Sei que a guerra frequentemente muda as pessoas, e perder alguém que você ama... mas ele não é mais o mesmo garoto que treinei. É quase como se estivesse possuído por algo. Como se um demônio estivesse controlando seu corpo. Mas não respire uma palavra sobre isto. Não quero vê-lo devolvido ao Dionysion. Não depois do que fizeram com ele da última vez.

Naquele momento, sabia exatamente o que Apollo fez. Apenas não sabia o porquê. Com a raiva aumentando, ela deixou Galen e foi para o palácio onde encontrou “Styx” que ria com um membro do senado. “Ele” sentiu os poderes divinos estranhos imediatamente, e voltou toda a atenção para ela.

Bethany curvou um dedo.

O “príncipe” desculpou-se para juntar-se a ela no corredor. Assim que estavam longe das vistas dos outros, Bethany agarrou Poena — o espírito grego da retribuição — e bateu a daemone do Olimpo contra a parede.

— Por que está disfarçada como o príncipe?

Poena encolheu os ombros.

— Apollo me mandou, enquanto o príncipe está sendo castigado.

— Por?

— Hubris.⁴¹

Hubris? Sério? Para os deuses gregos, isso era o maior pecado que qualquer mortal poderia cometer, e ela não podia imaginar Styxx, tão humilde quanto era, jamais se achando um deus ou acima de um.

— Contra?

— Minha suposição seria Apollo, já que ele foi o único que me chamou para isto.

Com cada palavra dita, a raiva de Bethany triplicava.

— E onde Apollo está?

Poena encolheu os ombros.

Bethany a agarrou pela garganta e a empurrou contra a parede novamente.

— Vá buscá-lo para mim. Estarei no templo dele aqui na cidade. E se valoriza sua existência, não fingirá ser Styxx outro dia.

⁴¹ Descaso que alguém tem pelos outros, ou pelos deuses, achando que pode fazer tudo que quiser.

— Como é?

— Oh vadia, por favor, dê-me um motivo. Neste momento, estou pronta para invocar cada Olímpio e Titã, e abrir um poder Atgyptian para chutar o rabo de todos vocês. Ou melhor ainda, como acha que o povo grego reagiria se eu lhes dissesse como seus deuses alegremente permitiram que um de seus amados heróis estivesse injustamente sendo castigado por um ano inteiro, por seus inimigos? Quantos convertidos acha que eu conseguiria para nosso panteão?

— Você não ousaria.

— Realmente, não me force. Vá buscar seu mestre para mim e seja rápida com isto. — Bethany riscou-se diretamente para o templo de Apollo... o que poderia ser interpretado como um ato de guerra.

Uma guerra que estava louca para começar, ainda que tivesse que lutá-la sozinha.

Repugnada, ela caminhou em torno da área aberta e zombou do altar, onde as pessoas faziam oferendas para Apollo por uma benevolência, que o idiota desprezível carecia totalmente.

— O que está fazendo aqui?

Bethany virou-se para encará-lo.

— Estou tão contente que não me manteve esperando.

Apollo olhou para ela.

— Você deveria ter me encontrado em Atlântida. Não aqui.

— Se eu sentisse muito, me desculparia. Embora esta seja meramente uma visita de cortesia, para informar-lhe que livreí Styxx daquele buraco dos infernos.

Apollo balançou a cabeça.

— Você não pode fazer isto. Ele não é seu.

— No meu entendimento você o doou.

— Eu não lhe dei a você.

— Você o lançou para meus irmãos atormentá-lo. — Ela lembrou-lhe. — Tenho permissão para pegá-lo depois disto.

— Não a menos que queira uma guerra.

— Realmente? — Ela olhou Apollo de cima abaixo com um sorriso de escárnio. — Você começaria uma guerra por um mero mortal?

— Por que não? Comecei-as por muito menos. Além disso, ele não aprendeu a lição.

— E que lição seria?

Os olhos de Apollo flamejaram com raiva.

— Curvar-se diante de seus deuses e mostrar o devido respeito a nós.

Ela riu amargamente.

— Você é louco? Chegou próximo de matá-lo. Ele mal é humano depois de tudo que o fez passar.

Não havia nenhum remorso em Apollo.

— E daí?

— Ele é um príncipe, Apollo. Um herdeiro. Um dos seus.

— E tanto ele quanto seu irmão cometeram hubris contra nós.

Ela franziu o cenho para algo que Styxx nunca mencionou para ela. Nunca.

— Irmão?

— Sim. O putinho que dorme com minha irmã.

— E você está dormindo com a dele. Qual é o problema?

Apollo enviou uma explosão de energia pela sala. Uma tão violenta, que soprou o cabelo dela para trás.

— Problema. — Ele rugiu. — Eles são prostitutas treinadas!

— Então desconte sua raiva no irmão dele. — Ela disse entre os dentes cerrados.

— Oh acredite-me, eu irei. Mas ainda não terminei com ele. Não pelos crimes de Acheron cometidos contra mim.

— Enquanto se diverte com vingança contra o irmão dele, deixe Styxx ir.

Apollo enrolou o lábio para ela.

— Isto não lhe diz respeito. Por que ainda está aqui? Você me disse quando fizemos esta barganha, que não se importava com o que eu fizesse com Styxx.

E aquelas palavras a rasgaram como vidro quebrado. Ela foi tão estúpida e irrefletida.

Infelizmente, não podia dizer a Apollo a verdade ou ele usaria Styxx contra ela. O que pressagiava algo ainda pior para Styxx.

Então ela estabeleceu uma razão menor.

— Isto foi antes de trazê-lo para nossas orlas. Agora isto é meu negócio. Sou a deusa de retribuição e sei quando alguém merece ser castigado. Ele conduziu-se honradamente em relação a meu povo. Não o verei degradado em solo atlante.

— Tudo bem, mande-o para casa. Eu vou degradá-lo aqui.

Oh sim, isso era o que ela queria...

Nem de longe.

Bethany queria amaldiçoar a armadilha com que tropeçou. Mas não podia permitir que Styxx fosse mais ferido. Não depois disto.

— Eu o quero deixado em paz.

— O que eu faço na Grécia não é de sua conta.

— E o que eu faço com seus apollitas em Atlântida não é da sua, oh, e esta lista inclui aqueles apollitas que estão na Grécia... como seu filho, Strykerius, e os filhos dele.

O rosto dele perdeu a cor.

— Você não ousaria.

— Por favor, me tente.

Apollo rosnou para ela.

— Eu ainda possuo Styxx

— E quero que você o liberte.

— Não.

— Não? — Ela perguntou incrédula.

— Ele desafiou-me extremamente. Flagrantemente e sem remorso. Não terei um humano fazendo isto mais do que você toleraria isto. Disse-lhe quando comecei com isto que não pararia até que me implorasse. O que ele não fez. Apenas três dias atrás, ele riu em meu rosto e recusou a ajoelhar-se. Disse-me que estava se divertindo imensamente e não tinha nenhuma intenção de implorar por merda nenhuma, e então o deixei excessivamente cheio de diversão, como direi. — Apollo olhou-a como se ela fosse a pessoa que riu dele. — Não pararei até que ele me implore como um humano fétido deveria!

Bethany rosnou para as obstinações deles. Implorar não estava na natureza de Styxx, e não deveria estar. Ele era um príncipe e um herói.

— Você não o castigou o suficiente?

— Ele me disse que poderia fazer meu pior com ele. Estou apenas dando-lhe o que me pediu.

Naquele momento, ela quis sufocar Styxx por ser tão teimoso. Mas seu desafio e força eram parte do que mais amava nele.

Só que não hoje. Hoje queria assassinar a ambos, Apollo e Styxx.

Ela olhou para o deus grego que realmente a deixava puta.

— Você é tão imbecil.

— E você não? Diga-me Bet'anya, quando já teve piedade de alguém que seu panteão enviou-lhe para punição?

— Para sua informação, já tive. Não sigo cegamente as ordens de ninguém.

— Esplendido para você, e isto não muda nada. Eu o marquei e ele ficará marcado.

— Tudo bem. Agora considere seu filho e netos marcados... Por mim. — Ela virou-se para ir para casa.

— O que! — Apollo rugiu.

Ela sorriu para ele.

— Quando estiver pronto para negociar, me avise.

— Cuidado com o que está colocando em movimento, menina.

— Você é a pessoa que precisa andar com cuidado, menino. — Ela fechou a distância entre eles para que, claramente ele pudesse ver o quão séria estava sobre este assunto. — E lembre-se de quem é meu pai. Você alega Isis como sua mãe. Sei disso. Set é meu pai, incontestado, e diferente de seu panteão de merda, ele matou e mutilou deuses. Não apenas herdei seus poderes, mas acontece de ser a garotinha que ele adora. Sua única filha. Quando nasci e Archon recusou-se a permitir-lhe acesso a mim, ele entrou em guerra sozinho com os atlantes e fodeu com eles, até que o próprio Archon concordasse em permitir a meu pai total direitos de visitas a mim, a qualquer hora que quisesse. E apesar de não fazer disto um hábito, de correr para meu papai com meus problemas, irei com este. Está pronto para isto, grego?

A luz nos olhos de Apollo lhe disse que queria jogá-la através de uma parede.

— Tudo bem, você o quer livre? Consiga-o de joelhos e o tenha implorando-me por isto. Só então concederei isto.

— Jure-me.

— Juro pelo Rio Styx que se ele ficar de joelhos e me implorar por perdão, renunciarei minha propriedade sob ele.

Ela inclinou a cabeça para ele, em seguida deixou-o para retornar ao quartel, onde Galen estava afiando sua espada. Desta vez, ela usava o disfarce de Athena.

Ele imediatamente ficou de joelhos para ela.

— Minha senhora.

Odiando sua decepção, Bethany pegou a mão dele e o puxou em pé.

— Existe alguém que ambos amamos que precisa de nós, Galen.

— Styxx?

Ela assentiu com a cabeça.

— O homem que você viu aqui pelo último ano não era ele. Mas, ao invés disso um impostor enviado pelos deuses para estragar com a vida dele.

— Eu sabia disso... Sabia que meu príncipe não seria tão rude e cruel. — Suas narinas dilataram. — Apollo, aquele bastardo.

—Você sabia?

— Suspeitei. Ele tem atormentado o príncipe desde o dia em que Styxx matou seu neto em batalha.

— E ele tem cobrado uma vingança muito sórdida sobre dele. Desde que Styxx não voltou para casa e ninguém além de nós três sabemos disto, não quero pô-lo diretamente de volta no palácio. Ele precisa estar em algum lugar com alguém que posso confiar que o ajude a adaptar-se a ser livre novamente. E ele precisa de tempo para curar-se fisicamente do que lhe foi feito.

— Farei qualquer coisa por meu príncipe.

Agradecendo ao idoso, ela inclinou a cabeça para ele.

— Eu o trarei para você amanhã, mas fique avisado, ele está muito mudado.

— Obrigado, minha deusa.

Batendo levemente no braço dele, ela o deixou para retornar ao seu templo.

Quando entrou em seu quarto, pegou seu verdadeiro reflexo no mármore preto de suas paredes. Styxx não reagiu muito bem a vendo como Bethany, e a última coisa queria fazer era machucá-lo mais. Engolindo em seco, mudou de forma novamente para uma apollita loira, então abriu a porta.

A princípio ela não o viu. Não até que percebeu que a porta da varanda estava aberta, foi quando soube onde ele estava.

Ela empurrou a porta entreaberta mais afastada, para vê-lo sentando em um canto com suas pernas apertadas contra seu peito, e os braços enrolados ao redor delas. Parecendo mais vulnerável do que já o vira, ele olhava para o vale e estava tão quieto, que parecia mais como uma estátua do que com um príncipe guerreiro feroz.

— Styxx?

Ele não disse nada, mas olhou para ela. Ela caminhou devagar em sua direção.

Imóvel, observou-a cautelosamente.

— Em seu nome, fiz um acordo com Apollo por sua liberdade. — Ela ajoelhou ao lado dele.
— Ele quer que você implore por isto. De joelhos. Pode fazer isto?

Ele zombou amargamente como se não acreditasse nela afinal.

— Certo. Por que não? O que isto importa agora?

Ela estendeu a mão para escovar os cabelos dele para trás.

Ele pegou a mão dela na dele e impediu-a de tocá-lo. A autorrepugnância e a vergonha nos olhos dele queimavam a alma dela profundamente.

— Como devo pagá-la por seus serviços, deusa? Você quer foder-me, também? Publicamente ou reservado? Ou prefere que a pague com sangue? Ofereceria-lhe minha alma, mas ela já está condenada.

Nada disso era o que ela procurava. O que sentia falta.

— Que tal seu coração?

Ele olhou para o colar enrolada ao redor de seu pulso e estremeceu.

— Eu o doeí muito tempo atrás, e foi esmagado e quebrado. Não tenho nada mais para oferecer-lhe.

— Você me daria sua amizade?

Styxx piscou lentamente antes de desviar o olhar.

— Não entendo o significado desta palavra.

— Não?

Ele balançou a cabeça.

— Conte-me sobre esta mulher que teve seu coração. Poderia perdoá-la por magoá-lo?

— Isto não importa.

Isto não era verdade. Importava muito para ela.

— Por quê?

Ele retirou-se de volta para dentro de si mesmo.

Bethany quis tocá-lo, mas sabia que ele não receberia isto muito bem. Não do jeito que todos o usaram.

— Você não me respondeu.

— O que quer que eu diga, akra?

Ela vacilou com o termo atlante que significava “senhora e mestre”.

— Este era um termo que os escravos usavam com seus donos.

— Sou apenas um puto e um cão. Não tenho importância para ninguém e eu não tenho sentimentos. — Seu tom sem emoção despedaçou o coração dela.

Você tem importância para mim...

O olhar dela caiu para as cicatrizes que cruzavam todo seu corpo. Para as marcas de ferro que forravam seu lado esquerdo, da axila até a coxa. Em seguida, olhou para as dentadas acima de seu coração, que ela costumava usar sempre com um ponto de beijos. O ferimento da facada que a mãe dele deu-lhe, quando levou seu presente para ela.

Quantas vezes tinha lhe dito que nunca o machucaria, e ainda assim fez tanto dano ou mais do que eles fizeram. Ela foi embora e o abandonou, sabendo que ele não tinha ninguém mais para amá-lo e confortá-lo.

Não tenho nenhum direito de pedir o perdão dele.

Ela tinha sido muito descuidada com um presente muito precioso. O coração dele.

Uma lágrima caiu pelo rosto dela, quando se lembrou da primeira vez que ele lhe disse que a amava.

Sentada em seu córrego, estava debruçada contra ele no círculo de seus braços. Ele pegou a mão dela, e desenhou a forma de um coração Egípcio sobre o centro de seu peito.

— Hector, o que está fazendo?

— Estou dando-lhe meu coração, minha senhora, mas, por favor, seja gentil com isto. É novo em folha e sem uso.

— Você é tão tolo... Precioso, mas tolo.

— Desde que a faça sorrir, sempre serei um tolo para a mulher que amo.

— Você me ama?

— Como a lua cheia ama a noite. Posso estar sempre ao redor, mas apenas brilho em sua presença. E não importa onde você for a seguirei, ainda que esteja a um milhão de milhas de distância. — Ele segurou a mão dela no peito dele, para que ela sentisse as batidas de seu coração. — E esta parte de mim nunca pertencerá a nenhuma outra. Não dou presentes facilmente e nunca os aceito de volta.

Aquele dia pareceu como há um século para ela, e podia apenas imaginar quanto pior isto era para ele.

— Há alguma coisa que possa fazer por você, Alteza.

Ele franziu o cenho como se não entendesse a pergunta.

— Se eu trazer comida, você a comeria?

Novamente nenhuma resposta. Então evocou uma tigela de maçãs para ele e deixou-as ao lado dele. As memórias agrídoces arrastaram em seu coração, quando se lembrou de com que frequência ele lhe trazia maçãs, quando se encontravam. Usava seu punhal para cortá-las em fatias, em seguida galantemente alimentava-a com elas.

— Por que gosta tanto de maçãs?

A princípio não achou que ele responderia, então sussurrou.

— Fácil de levar.

— Esta é a única razão?

Ele engoliu em seco, mas ainda assim não encontrou o olhar dela.

— Quando era criança, meu pai me mandava para a cama sem jantar, sempre que o desapontava. O que era muito. Então meu irmão se esgueirava trazendo maçãs para mim, antes de ir dormir. Elas me lembram de como é ter alguém que me ama.

Aquelas palavras espremeram um soluço dela.

— Mas nunca fala sobre seu irmão.

Ele riu amargamente.

— Não há necessidade. Ele me odeia agora.

— Por quê?

— Acheron apenas pensa que tem o pior, e eu tenho o melhor.

— Seu irmão não vê a verdade?

— As pessoas fazem sua própria realidade, deusa. Nós odiamos e amamos por razões que são conhecidas apenas por nós.

E isto era o que ela mais tinha sentido falta nele. Seu coração e sua inteligência. Eles passavam horas incontáveis conversando sobre as ideias e a natureza humana. Filosofia. Ele podia conversar com ela em vários idiomas, e sempre que havia uma palavra grega que tinha dificuldade, podia usar as egípcias ou atlantes, que ele as traduzia para ela.

— Você ainda não me disse seu preço, deusa.

Ela evocou-lhe uma prato de carne, frutas, e pão com um kylix de vinho.

— Coma por mim.

Embora pudesse ouvir o quão faminto ele estava, ele hesitou. *Queridos deuses, o que fizeram com a comida dele para que estivesse com tanto medo de pegar algo?*

Uma sombra de resignação escureceu os olhos dele. Ele pegou uma fatia de carne de veado e comeu. Uma vez que teve certeza de que era seguro, esqueceu todos os modos e cavou o resto da comida. Ela estremeceu com a visão de seu refinado, digno príncipe, comendo como um animal raivoso.

E ele limpou o prato todo. Não sobrou nem uma migalha.

— Gostaria de mais?

Ele balançou a cabeça então lambeu os dedos.

— Tem certeza?

De repente ciente de sua falta de decoro, ele agarrou o guardanapo e enxugou as mãos e a boca. Ele pareceu tão cansado e derrotado. Ela ansiava abraçá-lo e acalmar sua dor.

Quando ele bocejou um segundo mais tarde, ela franziu o cenho quando pegou uma luz estranha de algo...

— O que é isto?

Ele retornou a careta dela.

— O quê?

— Abra a boca novamente.

Ele o fez e seu coração retorceu. Alguém perfurou uma fileira de pequenas bolas de prata no centro de sua língua. Sua visão escureceu com aquela visão. Era uma prática comum em Atlântida fazer aquilo aos escravos sexuais.

— Quem fez isto com você?

A vergonha em seus olhos a fez lacrimejar.

— Apollo quando me levou para o Olimpo.

Ela as sentiu antes quando se beijaram e ele lambeu seu seio, mas não percebeu no momento o que era. Agora que ela sabia, queria sangue.

— Você gostaria que eu as removesse?

— Seu desejo é meu desejo, akra.

Bethany tocou os lábios dele com seus dedos, e usou seus poderes para dissolvê-las.

Styx pegou a mão dela e segurou seu pulso em seu nariz.

— Você cheira tão parecido com minha Beth.

— Eu sou sua Bethany.

Ele balançou a cabeça e a soltou.

Suspirando, levantou-se e estendeu a mão para ele.

— Venha, Alteza. Parece que está prestes a desmaiar.

Ele levantou-se sem tocá-la e a seguiu de volta para a cama. Ela o pôs ali, começou a cantarolar.

Styx apertou as mãos em suas orelhas.

— Por que zomba de mim?

— Zombar de você? Como?

— Por favor, me ponha de volta na arena. Não quero ficar mais aqui.

Ela ficou espantada.

— Prefere estar acorrentado como um animal a descansar em minha cama?

Ele assentiu com a cabeça.

— Por quê?

— Não quero ser lembrado do que está perdido para sempre para mim. Machuca o suficiente sem que torne isto pior. — As lágrimas em sua voz enrouquecida a fizeram arder, quando percebeu que tudo que fizesse, o lembraria dela o abandonando.

— Muito bem. Não cantarei. Eu o deixarei para que durma em paz. — Mas isso era algo muito mais fácil de dizer do que fazer. Porque ele não dormia pacificamente. Em vez disso, retorcia-se e revirava-se, enquanto pesadelos o torturavam. Eram até piores agora do que foram sempre que tirava um cochilo na cabana deles.

E tão ruim quanto doeu ver aquela dor, foi o número de vezes que ele a chamou em seu sono, isto cortou mais fundo. Incapaz de suportar isto, se sentou na cama ao lado dele, enquanto ele dormia irrequieto e murmurava um comovente “Bethany”.

— Shh. — Ela suspirou no ouvido dele, tentando acalmá-lo. Usando seus poderes, ela o acordou para que pudesse vê-la em seus braços, mas não tão lúcido o suficiente para que a afastasse.

— Bethany? — Ele falou o nome dela como uma oração.

Ela colocou a mão contra seu rosto esculpido.

— Senti falta do meu Hector.

Fechando os olhos, ele enterrou o rosto nos cabelos dela, e a aspirou. Imediatamente ficou duro. Os olhos dela arregalaram quando sentiu o pau dele em sua coxa. Ela esqueceu o quão grande ele era.

— Acho que você sentiu minha falta, também.

Ele respondeu-lhe com um beijo tão quente, que a deixou ofegante e fraca. Desesperada para agradá-lo, mordiscou seu caminho sobre sua carne nua. Era tão estranho finalmente ver o corpo que conhecia tão intimamente, quanto o seu.

Ou assim pensava.

Franzindo a testa, passou a mão pelos escassos pelos curtos de sua virilha, para sentir uma marca que a enfureceu a um nível inacreditável. Com a mão tremula, colocou os dedos sobre a marca de escravo, e rangeu os dentes. Era ruim o suficiente que tenha sido usado como uma prostituta, mas marcá-lo como uma...

Era incrivelmente cruel.

Por que não parti com ele todos aqueles anos atrás, quando me pediu?

Isto o teria salvado de tanta dor e degradação. Tanta miséria. Neste momento, eles poderiam estar em uma pequena cabana em algum lugar com um bebê...

Apenas os três.

Ao invés disso, ela escolheu o dever e a obrigação, e o deixou nas mãos das pessoas que não eram aptas para cuidar nem de um capacho.

Como poderei consertar isto para você?

Ela jamais poderia consertar isto para ele? Não sabia como, mas estava determinada a tentar.

Styx rosou quando Bethany o tomou em sua boca. Sua cabeça girou. Tinha passado tanto tempo desde que sentiu pela última vez a carícia preciosa dela. Tanto tempo desde que uma mão amorosa o tocou. Isto era real? Sentia como se fosse, ainda assim, parecia mais como um sonho.

Mas ele precisava que isto fosse real. Apenas por um momento. Uma batida do coração.

Não me deixe novamente.

Mesmo que Bethany o tenha abandonado, a queria de volta tanto, que quando tiraram o seu colar dele, sentiu como se alguém tivesse lhe arrancado um membro. Nada o machucou mais.

E quando ela o tocou, as lembranças surgiram. Algumas tão dolorosas que ameaçavam rasgá-lo até o âmago de sua alma. Mas de alguma forma o toque dela o fundamentava no presente e as fazia retrocederem.

Por um momento, esqueceu tudo, exceto aquelas tardes preciosas onde não era o Príncipe Styxx. Onde apenas havia ele e uma mulher bonita que lhe sorriu no meio do Tártaro absoluto. Alguém que o ensinou a sorrir e esperar ansiosamente por algo.

Alguém que lhe ensinou a ter esperança e amor.

Seu queixo estremeceu quando o prazer disparou por ele. E apesar da boca dela parecer tão deliciosa nele, isso não era o que procurava.

— Abrace-me, Bethany. — Ele ofegou.

Ela beijou seu caminho para cima do corpo dele, em seguida deitou-se contra ele. Styxx expeliu o fôlego em uma arremetida, antes de aconchegar a cabeça dela em suas mãos e beijá-la.

Rolando, prendeu-a em baixo dele, enquanto ela espalhava suas pernas em um convite. Ele tomou a mão dela na dele e beijou sua palma enquanto deslizava para dentro dela.

Bethany gemeu no quão bom ele a fazia se sentir. Pareceu uma eternidade desde que o abraçou pela última vez. Durante o último ano, não se permitiu lembrar disto. Era muito doloroso.

Mas quando o olhou e o sentiu dentro dela, enquanto ele se agarrava a ela, como se fosse a coisa mais importante do universo, tentou lembrar como podia ter sido idiota o suficiente para partir.

Como pôde ter escolhido qualquer coisa, acima de alguém que a amava assim?

Eu não mereço você.

Ela silvou em êxtase quando ele empurrou-se contra ela.

— Eu amo você. — Ela sussurrou na orelha dele.

Ele ergueu-se para olhar para ela, e aconchegou o rosto dela nas mãos. Ele não tinha nenhuma ideia de que podia ver o que nunca tinha visto antes, quando fizeram amor.

A ternura naqueles olhos azuis por ela. O amor e a dor. Isto a queimou. Ele enterrou-se bem fundo em seu corpo.

— Nenhuma vez em minha vida, senti como a luz do sol estivesse sobre minha pele, até o dia em que me tocou. — Ele suspirou em seu ouvido. — E sem minha Bethany, moro na escuridão total.

A garganta dela apertou.

— Senti tanta falta do meu poeta. — Ninguém jamais conversou com ela do modo que ele fazia. Podia ser tão tímido e desajeitado e ao mesmo tempo tão eloquente e gracioso. Era o que mais amava nele.

Ele era sempre inesperado.

Naquele momento, seu corpo explodiu de prazer. Arqueando as costas, ela clamou enquanto ele empurra mais forte e mais fundo, dando-lhe mais prazer até que finalmente juntou-se a ela lá. A respiração dele ofegava, ele balançou-a nos braços dele.

— Amo você com todo o meu coração, Beth. — Ele sussurrou suavemente enquanto beijava seu caminho até o estômago dela.

Suspirando, deitou-se entre as coxas dela com sua cabeça em sua barriga. A respiração dele fazia cócegas em sua pele, juntamente com seus cílios e costeletas.

Depois de algumas batidas do coração, percebeu que ele parecia adormecido. Rindo, roçou a mão pelos cabelos dele, e pensou sobre o dia em que se encontraram pela primeira vez, quando adormeceu no colo dela.

Depois disso, ele sempre dormia com ela. Sabia por suas conversas que ele não dormia bem sozinho. No entanto, a qualquer hora que estivessem juntos, ele cochilava um pouco. Isto sempre a aquecia, que confiasse nela, quando nunca confiou em ninguém.

Seu sorriso sumiu quando olhou para baixo para a marca de Apollo nas costas dele, e todos os outros ferimentos e cicatrizes lá. Styxx a odiaria se soubesse que ela era uma deusa, e que o abandonou para a crueldade de Apollo. Que pertencia ao panteão que o tinha deixado deste jeito, sendo humilhado e castigado.

E quem poderia culpá-lo por isto? Deveria ter lutado por ele em vez de partir. Ele teria lutado por ela com tudo o que tinha. Styxx nunca a teria abandonado. Por razão nenhuma.

Não pense sobre isto.

Não podia mudar o que tinha feito. Mas poderia certificar-se de que ninguém jamais o machucasse novamente. E ela iria. Ainda que tivesse que desafiar todos os deuses do Olimpo e Katateros. Ninguém jamais encostaria outra mão em seu príncipe.

Por favor, me perdoe Styxx.

Contudo, mesmo assim não sabia como entrar novamente em sua vida, depois deste tempo todo. O que seria mais cruel? Afastar-se ou retornar para ele e lembrá-lo de como o deixou, quando mais precisou dela?

Como ele poderia confiar nela novamente?

No que dizia respeito a esse assunto, ele jamais seria normal? Ela olhou para baixo para observá-lo dormir. Até inconsciente, aguardava por ela desesperadamente. Não houve nenhuma acusação ou reserva, enquanto ele fazia amor com ela. Isso lhe deu esperança.

Claro, ele não estava completamente consciente também. Ainda assim, era um bom presságio que pudesse recebê-la de volta.

Ou amaldiçoá-la a um nível que sabia em seu coração que merecia.

12 de janeiro de 9527 a.C.

Tossindo e fraco, Styxx acordou com a intensa luz do sol derramando em um quarto de mármore branco. A princípio não tinha ideia de onde estava, até que se lembrou da deusa que o livrou de sua cela. Ergueu-se da cama esculpida com adornos e entalhes dourados, e com cortinas vermelho sangue.

— Cuidado.

Sua cabeça virou enquanto a deusa loira o ajudava a se sentar.

— Por que estou tão atordoado? — Ele olhou para ela. — Você me drogou?

— Não, eu juro. Você está com febre.

Isso explicava por que estava tão gelado e quente.

Ela embrulhou um formesta ao redor dele e o apertou em seu pescoço.

— Vamos dar-lhe um banho e vesti-lo, e então o levarei para casa.

A dor atacou-lhe com a ideia de retornar para a arena. Mas segurou isto por dentro. Qualquer diversão que ela queria dele, já deveria ter tido. E apesar do que disse, estava certo que o drogou e o usou. Todos eles o fizeram.

Com exceção de quando lutava. Para aquilo e o que vinha depois, ele estava sempre sóbrio. Porque seria muito amável da parte deles deixá-lo esquecer disso.

Cansado e repugnado, ele a seguiu para o charco e rapidamente tomou banho. Não havia necessidade de ficar aqui mais que o necessário. Neste momento, a generosidade era a tortura mais cruel de todas, porque o fazia sentir-se humano. Fazia com que ansiasse por coisas que os deuses lhe recusaram.

Calor. Amizade. Felicidade.

Dignidade.

Ela colocou uma túnica cinza nele, em seguida pegou sua mão. Temendo seu retorno ao Tártaro, Styxx rangeu os dentes enquanto deixavam o templo dela, e se materializavam em uma área do quartel. Um momento depois, o reconhecimento o acertou.

Aqui é Didymos?

— Alteza?

Styxx não podia respirar ao som daquela familiar voz áspera.

— Galen? — Seus joelhos falharam.

A deusa o impediu de cair.

Galen pegou seu outro braço e o atirou por cima de seus ombros volumosos.

— O que eles fizeram com você, garoto?

As palavras lhe faltaram quando suas emoções surgiram, e Styxx percebeu que realmente estava em casa novamente. Não era um sonho ou alucinação. Era real. Ele agarrou-se a Galen e chorou com total alívio e gratidão.

Galen o encaminhou para seus aposentos e ajudou a colocar Styxx na cama. Puxando as cobertas sobre ele.

— Vou buscar o médico.

— Você não pode.

Galen virou para a deusa com a testa franzida.

— Ele está extremamente doente.

— Eu sei. Mas eles pensam que esteve aqui o tempo todo. Como vai explicar todas as marcas em seu corpo, que contam uma história diferente?

Galen cerrou os dentes quando viu os velhos e novos cortes e contusões.

— O que fizeram com ele? — Ele repetiu.

Bethany quis chorar, quando se lembrou do modo como encontrou Styxx em sua cela.

— Você não vai querer que eu responda a esta pergunta, e sei que Styxx também não. Basta dizer, que ele esteve nas mãos de pessoas que o odiavam por muito tempo.

Styxx ignorou a ambos enquanto sua respiração entrava em arfadas ofegantes, enquanto olhava fixamente para a parede caiada com descrença.

— Obrigado por trazê-lo de volta.

Ela inclinou a cabeça para Galen.

— Por favor, lembre-o quando ele puder caminhar sem auxílio, que terá que... — Ela enrolou seu lábio com raiva, com o que aquele bastardo Olimpo exigiu por sua liberdade. — Fazer reparações com Apollo.

— Eu irei.

E com isto, ela se foi.

Styx olhou ao redor do quarto, esperando que desaparecesse.

— Estou realmente aqui, Galen?

— Você está.

Ainda incapaz de acreditar que isto não era um sonho, Styx lambeu os lábios rachados.

— Quanto tempo estive fora?

— Não estou certo. Qual é a última coisa que se lembra?

Como podia esquecer?

— O banquete de noivado. Papai anunciou que Ryssa estava grávida.

Galen ficou pálido enquanto sugava o fôlego bruscamente.

Isso não era um bom sinal. Styx franziu o cenho para o idoso.

— O que?

— O filho dela está com quase cinco meses de idade.

Styx ofegou quando percebeu que ficou fora quase um ano inteiro. E havia um evento aterrador aqui, ele não esteve aqui por isto não poderia ter ido e vindo em sua ausência.

— Estou casado?

— Não. Você enviou a princesa egípcia para casa depois que Acheron tentou estuprá-la.

Seu cenho aprofundou, Styx tentou fazer sentido com o que Galen estava dizendo.

— Já não sou mais noivo?

— Não, Alteza. Não há meses agora. — Galen engoliu em seco quando o medo sombreou seus olhos cinza. — Onde você esteve todo este tempo?

Styx estremeceu com as memórias que o despedaçavam.

— Atlântida. — Ele não elaborou nada, além disso. Não havia necessidade de dizer a Galen que foi mantido enjaulado, espancado e usado como um tsoulus e pior. Não que não fosse óbvio, dada suas condições físicas. Havia marcas de mordidas e marcas de mãos por toda parte dele, e em lugares que diziam exatamente quão usado ele foi.

Suspirando, tentou chegar a um acordo com tudo. A última vez que esteve fora tanto tempo, sua mãe morreu. Desta vez, perdeu um nascimento.

— O filho dela está realmente com cinco meses de idade? Qual seu nome?

— Apollodorus.

Presente de Apollo. Isto era suficiente para deixá-lo doente. Como poderia chamar seu sobrinho pelo nome de seu pior inimigo? Especialmente sabendo que o inimigo era o pai da criança?

Mas não iria ser como seus pais. Nunca jogaria o pai da criança contra ele. De todos os homens, ele sabia como era sentir isto. Não importa como, amaria e protegeria o menino inocente.

Fechando os olhos, continuou a vasculhar os eventos que tinha perdido. Até que se lembrou de outra coisa que Galen disse.

— Espere... eu enviei Nefertari para casa?

Galen assentiu.

— Sabia que algo estava errado. Você não vinha agido como você mesmo, mas pensei que era o nervosismo pré-nupcial e fadiga de batalha. Devia saber no minuto em que vi o impostor pegar seu escudo e lutar, que não era você. Ele o segurou como se o repugnassem.

Styx riu amargamente.

— Não fique surpreso se eu tiver esta aversão agora, também. — Porque toda vez que tocou em um deste no ano passado, ganhasse, perdesse, ou empatasse, o resultado sempre tinha sido o mesmo.

Submetido e humilhado publicamente no fim da luta.

— Sim, mas eu seria capaz de derrubá-lo de bunda.

O que definitivamente não aconteceria. Principalmente, depois de lutar com os maiores lutadores de Atlântida, que lançaram dentro do ringue com ele. Suas habilidades nunca estiveram mais afiadas.

Ou letais.

E ainda assim, elas não foram o suficiente para protegê-lo.

— O que mais eu fiz? — Ele temia a resposta.

Galen rangeu os dentes.

— Honestamente? Tem sido um verdadeiro imbecil. Bem... não você. O outro Styx. E você... ou melhor, ele, emputeceu muitos de seus homens.

— Como assim?

— Ele revogou as pensões e aumentou suas cotas de serviço anuais, sem pagamento extra. Insultou todos nós, e tem se comportado como um moleque fora de controle com todos. Até seu pai teve o suficiente de você.

Styx x daria crédito a Apollo. Ele o advertiu de que iria arruiná-lo, e tinha. Não que Styx x tivesse muito a perder em termos de sua reputação. Mas odiou que seus homens sofressem com isto. Isso não foi algo que previu.

A primeira coisa que faria era cuidar deles.

E de Galen.

Ele tentou levantar e começar isto, mas no momento em que se moveu, gemeu em agonia absoluta e caiu de costas sobre a cama. Fazendo uma careta, olhou para seu mentor.

— O quão ruim pareço?

Galen levantou o braço de Styx x que estava crivado de contusões e cortes.

— Esta é sua parte menos danificada. Parece que você lutou com Echidna e todos os seus filhos. E tenho certeza de que hidra o engoliu inteiro, e cagou-lhe por seu rabo.

Styx x soltou um suspiro exausto.

— Bom saber que pareço como me sinto.

Galen riu.

— Agora este é o príncipe do qual me lembro. Bem-vindo ao lar, filho. Senti sua falta.

Mas aposto que ninguém mais sentiu.

— E o impostor ainda está aqui? — Styx x perguntou.

— Não sei. Irei ao palácio e verificarei, em seguida reportarei de volta. — Depois de se levantar, Galen hesitou. Ele foi até seu baú e retirou um espelho.

Styx x pegou isto dele e ofegou. Um lado de seu rosto estava contundido e inchado. Seu olho esquerdo estava completamente vermelho e roxo, e seu nariz e os lábios estavam incrustados de sangue. Até com sua habilidade elevada de cura, levaria dias antes que pudesse ser visto. A não ser que...

— Podemos dizer que tive um acidente.

Galen puxou o topo da túnica de Styx x para baixo, até mostrar-lhe as marcas perfeitas ao redor de sua garganta.

— Acredita que alguém tentou salvá-lo, lhe estrangulando?

— Meu pai provavelmente acreditaria nisto.

Galen bufou.

— A deusa está certa. Se for para casa agora, seu pai chamará um médico, e estou certo de que você tem outros danos que não quer que ele veja.

— Certo. — Styxx cedeu. — Que mês estamos?

— Gamelion.

— Ufa... — O mês do casamento e festival de Apollo. Porra de mau sincronismo para ele estar de volta. — O festival já passou?

— Terminou há dois dias.

Graça aos deuses por aquela pequena clemência. Com exceção do fato de que seu dublê esteve aqui para isto.

— Eu participei?

— Como uma prostituta bêbada de campo.

Styxx poderia ter passado sem aquela analogia. Mas pelo menos o festival deu-lhe uma desculpa fácil para não estar em casa.

— Diga a meu pai que fui sequestrado por uma ninfa lucius e puxado para sua toca.

— Para que conste, ressinto-me de ser chamado de uma ninfa lucius.

O humor de seu mentor fez com que uma lágrima deslizesse do canto de seu olho, quando a saudade e a gratidão o golpearam com força.

Galen franziu o cenho.

Styxx engoliu em seco enquanto forçava-se a conter suas emoções.

— Desculpe Galen. É apenas bom estar em casa... e seguro. Mesmo que isto signifique olhar para seu rosto grisalho.

Galen pegou a mão dele e a segurou.

— É bom tê-lo de volta e irei contar a seu pai, mas estou certo de que sua chamada preguiça, não irá fazer com que o estime.

— Deixe-o espancar-me por isso. Pelo menos ele não irá foder-me primeiro. — Styxx sugou sua respiração quando percebeu o deslize que tinha cometido.

Mas não havia nenhum julgamento nos olhos de Galen.

— Descanse tranquilo, Alteza, e retornarei assim que puder.

Styx observou até Galen partir. Ainda não podia acreditar que estava aqui. Ele nunca achou que viria para casa novamente.

Vamos mostrar a Sua Alteza como tratamos as insignificantes prostitutas gregas em Atlântida!

Ele vacilou com a lembrança quando as vozes hostis assaltaram seus pensamentos. As imagens dele sendo derrubado por bandos de cães e leopardos, e empurrado em armadilhas, transpassou-lhe. Mas tão ruim quanto eles foram, eram infinitamente melhores que as outras memórias que tinha. E nada jamais iria suprimir o som dos aplausos da multidão, quando era brutalizado para entretenimento público.

Rosnando alto, desejou pelos deuses que pudesse voltar no tempo. Independente de suas ordens ou das repercussões teria marchado com seu exército diretamente para cima do rabo da rainha de Atlântida, e plantado sua bandeira da Fênix em sua testa.

17 de janeiro de 9527 a.C.

— Você está pronto?

Styx balançou a cabeça.

— Não.

Galen riu.

— Por um momento, quase pensei que você estivesse.

Respirando fundo, Styx deixou o quartel. Ele ainda estava extremamente dolorido e cortado em lugares que foi incapaz de cobrir. Mas pior era o medo em seu coração. Não tinha nenhum jeito de saber no que estava prestes a entrar.

Quanto dano Apollo fez à ele e às suas relações familiares? Enquanto Galen o preencheu com o que podia, ainda haviam buracos enormes em suas informações.

Ao se aproximaram do palácio, Galen o puxou para pará-lo.

— Podemos apenas voltar e deixar que descanse por mais alguns dias.

Não me tente.

— Meu pai já vai estar insuportavelmente irritado. Não há necessidade de piorar isto. — Rangendo os dentes, recomeçou a subir os degraus e amaldiçoou o arquiteto por cada um deles.

Quando alcançou o topo, estava tremendo de dor.

Galen permaneceu em suas costas.

— Pare um momento se precisar disto.

Styx enxugou o suor de sua testa, em seguida entrou. Era mais estranho estar aqui agora, do que tinha sido quando voltou da guerra.

A parte mais desconcertante era que ninguém sabia que não esteve em casa. *Sou totalmente irrelevante.*

Apesar de sempre suspeitar, enfrentar a realidade era muito mais difícil.

— Onde em nome de Hades você esteve?

Styx trocou um olhar de “eu te disse” com Galen.

— Na cama, pai.

O olhar fulminante do rei intensificou até que desatou a rir.

— Pelo menos você é honesto. Confio que você cavalgou-a bem, então?

Styxx ficou muito surpreso para responder, quando seu pai o abordou com humor nos olhos azuis. *Quem é você e o que fez com meu pai?*

Este era outro impostor?

Styxx olhou para Galen.

— Ela não se queixou.

Galen curvou uma sobrancelha.

Muito, Styxx emendou silenciosamente.

Franzindo o cenho, seu pai pegou o queixo de Styxx na mão, e virou seu rosto para que pudesse estudar o pescoço de Styxx.

Pânico gélido o agarrou. As marcas não se foram?

— Ela deve ter sido uma cadela. Posso ver ainda as marcas de seus dentes.

Um calafrio de repulsa transpassou-lhe com a memória de Apollo e suas alimentações violentas. Styxx ergueu seu chlamys para cobrir aquele lado de seu pescoço.

Seu pai bateu-lhe no braço.

— Descanse hoje. Já que não sabia que estaria de volta, não programei nada. Pode retomar para sua rotina normal amanhã.

Ainda confuso pela complacência de seu pai com sua ausência, Styxx levou Galen para as escadas.

— O que foi isto?

Galen encolheu os ombros.

Quando alcançaram o corredor, Styxx parou e virou-se em direção oposta aos seus aposentos.

— Alteza?

— Quero conhecer meu sobrinho.

— Tem certeza sobre isto?

Ele assentiu com a cabeça, enquanto caminhava para os aposentos de Ryssa. Assim que o alcançou, uma serva abriu uma porta mostrando-lhe onde tinham colocado o berçário.

Incerto do que esperar, entrou hesitante no quarto de onde a serva tinha acabado de sair.

A babá olhou para cima e fez um careta com sua presença, como se sua mera visão a enojasse, Styxx a ignorou quando viu o menino que estava deitado de costas, em cima de um macio cobertor branco. Alguém amarrou objetos e brinquedos de madeira acima dele, para que pudesse dar tapas neles.

Um sorriso curvou seus lábios, enquanto observava o bebê mais adorável que já tinha visto. Styxx abaixou-se no chão próximo a ele.

— Ei, garotinho. Onde está seu cabelo?

Os olhos azuis de Apollodorus brilharam enquanto ria e estendia a mão em sua direção.

Pasmo e imediatamente apaixonado pela criatura minúscula, Styxx entendeu a mão e sorriu mais amplo, quando seu sobrinho agarrou seu dedo e apertou.

— Você tem um aperto impressionante aqui, garotinho. Um dia, você será um soldado feroz... ou pelo menos bom em segurar as rédeas. — Ele queria pegá-lo desesperadamente e abraçá-lo, mas estava com medo de tentar. Apollodorus era muito pequeno. Mas era absolutamente perfeito e precioso.

A porta abriu atrás dele.

— O que você está fazendo aqui?

Ele encolheu-se com a estridente e irritada voz de Ryssa.

— Queria ver meu sobrinho.

Empurrando Styxx de lado, ela pegou Apollodorus e afastou-se para longe do irmão que abominava.

— Você não é bem-vindo aqui. Disse isto a você. Quero que meu filho cresça para se tornar um homem, e não um tirano fétido como você. Fique longe dele antes que o corrompa.

Styxx curvou-se para ela.

— Sinto muito se a chateio, irmã. Perdoe-me. Não a perturbarei novamente.

O olhar no rosto de Galen lhe disse que ele queria dizer algo para ela, mas Styxx balançou a cabeça. Não havia necessidade.

Styxx abriu a porta para encontrar Acheron no seu caminho. Os olhos de seu irmão chamejavam com raiva.

Recuou para deixar que ele entrasse.

Acheron bateu seu ombro e o cotovelo nele enquanto passava.

—Bastardo do caralho. — Ele rosnou baixinho.

Styx riu amargamente.

— Pelo menos eu me formei no grau de um imbecil genérico.

Acheron se voltou para ele.

Ryssa agarrou o braço de Acheron antes que ele pudesse atacar.

— Deixe-o ir, irmãozinho. Ele não vale que você seja prejudicado novamente. Ele não vale nada. — Ela colocou Apollodorus nos braços de Acheron, então bateu a porta no rosto de Styx.

Styx respirou fundo, sarcástico.

— Ah, santificada família. Como senti falta de todos eles.

Ele viu seu próprio pesar e dor refletidos nos olhos de Galen.

— Isso não está certo.

Styx tentou não pensar sobre isto.

— Um homem sábio uma vez me disse que na vida, como na guerra, não há certo nem errado. Isto é simplesmente assim. E em lugar de se preocupar com uma filosofia que não pode mudar, deveria apenas tentar vivê-la da melhor maneira que puder.

— Deveria ter chutado aquele velho bastardo em suas bolas.

— Sim, mas você revidaria, e golpearia como um cavalo em debandada.

Galen o puxou em um abraço paternal e beijou sua cabeça.

— Vamos levá-lo para a cama para que possa terminar de se curar.

Styx ergueu seu manto para mostrar-lhe o sangue que estava vazando das bandagens e molhando seu flanco.

— Meu irmão também bate forte.

20 de janeiro de 9527 a.C.

Este não era nosso acordo. — Bethany bufou enquanto olhava para Apollo e seu ditame para a absolvição de Styxx. O olímpio sentava-se em seu trono, sorrindo ironicamente. Seu punho coçava para arrancar a presunção do rosto dele.

Seu incrível bastardo!

As lágrimas a sufocavam enquanto observava Styxx caminhar nu, pelo corredor central do templo de Apollo em Didymos, no Apollodorio... No dia em que todos os membros da cidade nascidos livres, eram obrigados a fazer oferendas para seu deus protetor. O templo estava repleto de cidadãos que estavam mortificados e atordoados pelas condições do corpo de seu príncipe, que ainda mostrava rastros reveladores do que tinha sido feito a ele em Atlântida.

Ele estava cortado, contundido, e com cicatrizes por toda parte.

Tanto para tentar manter isto de seu pai. O rei permaneceu ao lado de Apollo com os olhos furiosos condenando seu filho. Enquanto isso, Ryssa ria tolamente próxima a Apollo, descaradamente divertida pela humilhação pública de seu irmão.

— Você tem algo para dizer-me, Príncipe Styxx? — Apollo perguntou em voz alta, certificando-se que todos no templo soubessem exatamente quem ele era.

Com uma dignidade que a surpreendeu, Styxx afundou de joelhos no chão de pedras frio, na frente do trono de Apollo.

— Estou aqui para implorar seu perdão, meu senhor, por qualquer ofensa que possa ter lhe causado.

Apollo ridicularizou rudemente.

— Você não soa particularmente arrependido. Acho que precisa repetir isto, mais alto desta vez. E tente fazer isto soar como se significasse algo.

As pessoas ao redor deles sussurraram e conjecturavam sobre as marcas, ferimentos, cicatrizes e contusões que arruinaram o corpo de seu príncipe. Especialmente o símbolo do sol enorme que Apollo queimou no centro das costas de Styxx. Alguns riam sobre isto, pensando que era o que causou a indignação de Apollo.

O deboche aberto deles repugnava-lhe.

Então ela viu isto... Styxx vacilou com a ridicularização deles e o riso. E seu queixo tremia como se estivesse revivendo os horrores que sofreu em Atlântida. De alguma forma, ele conseguiu aguentar-se e repetir suas desculpas.

— Vim aqui para implorar seu perdão, meu senhor, por qualquer ofensa que possa ter lhe causado.

Apollo suspirou.

— Eu ainda não estou ouvindo o tom apropriado de você. Realmente, existe mais insolência que desculpa.

— Meu senhor. — O rei disse, avançando. — Posso perguntar que ofensa ele cometeu contra você?

— Hubris.

O rei olhou para Styxx como se quisesse sacrificá-lo pessoalmente.

Sem um pinga de compaixão ou preocupação em seus olhos, Ryssa zombou de seu irmão.

— Certamente tal ofensa merece um espancamento público, pai. Nem mesmo um príncipe está acima de um deus. Deixe Styxx servir de exemplo, para mostrar aos outros o que acontece quando ofendem uma verdadeira divindade.

A respiração de Styxx ficou ofegante, mas não disse nada em sua defesa. Ele não podia. Uma palavra, e este trato estaria quebrado e Apollo continuaria a possuí-lo.

O rei acenou para os guardas. Eles se moveram para frente para levar Styxx em custódia, enquanto Apollo sorria de satisfação presunçosa.

O pai dele enrolou os lábios.

— Cem chibatadas. Se ele desmaiar, o reanimem.

Sua visão ficou escura com a severidade daquele castigo insensível e imerecido. *Quer uma guerra, porco, você terá uma...*

Bethany assumiu o disfarce de Athena, e moveu-se adiante para impedir os guardas de tomarem posse de Styxx. Assim que ela foi vista, houve um suspiro coletivo entre a multidão.

Ela olhou para Apollo.

— Hubris você diz, irmão? Por favor, nos diga a natureza das ações do príncipe contra você. Deixe todos saberem exatamente como o Príncipe Styxx o ofendeu.

Isto definitivamente conseguiu tirar o sorriso do rosto dele.

— Ele achou-se acima de um deus. Sua arrogância e orgulho são uma afronta para todos nós.

Ela arqueou a sobrancelha para ele.

— Achou-se acima de um deus? Por favor, diga quando foi isto?

O olhar de Apollo ficou mortal.

— Ah, sim, lembro-me... — Bethany continuou para ele. — Foi quando ele ousou matar seu neto Atlante durante a batalha. Não é verdade, irmão? Tenho certeza de que, como eu, você se lembra daquele dia muito bem. Os atlantes liderados para nossas orlas por seu próprio parente de sangue sacrificaram centenas de gregos, até as areias da praia ficarem vermelhas com o bom sangue grego. A ofensiva foi tão feroz que um regimento veterano inteiro fugiu dos atlantes e se encolheu. Até o valente, nobre Dorians recuou com medo. Mas não o Príncipe Styxx. Ele cavalgou como um leão e saltou de seu cavalo para salvar a vida de um jovem escudeiro que estava prestes a ser morto por um dos gigantes de Atlântida.

Bethany varreu o olhar em torno das pessoas lá, que estavam completamente mudas agora.

— E com descuido imprudente com sua própria vida e integridade física, este príncipe levantou o menino e o pôs em cima de seu corcel real, e disse-lhe para que cavalgasse para a segurança. Ele passou o resto do dia lutando a pé. Não como um príncipe ou um deus, mas como um mero heroico soldado grego.

Ela voltou-se para Apollo.

— Suas ações enfureceram tanto os deuses de Atlântida que eles viraram toda a hostilidade deles em direção a ele. E ainda assim o Príncipe Styxx lutou por seu povo, ferido, sangrando, e cansado. Nunca recuou ou desistiu. Nem mesmo quando seu próprio neto quase enterrou seu machado no crânio do príncipe. Ele acertou o hoplon de Styxx tão forte, que arrancou um pedaço dele fora. E quando Xan segurou o príncipe, o príncipe, que não era mais que uma criança, conseguiu apunhalá-lo nas costelas. Mas, agora que penso sobre isto, você não se lembra daquele dia, não é Apollo? Você não estava nem mesmo lá, quando esta luta foi travada, mas mais tarde naquela noite...

— Já chega! — Apollo rugiu. Seu rosto estava vermelho de fúria. Berrando, ele chutou Styxx para trás. — Tire-o fora de minha visão.

Bethany foi até Styxx. Ela tirou seu manto e embrulhou-o ao redor dos ombros dele, em seguida enfrentou Apollo.

— Você nunca respondeu a pergunta, irmão. O príncipe Styxx está perdoado por salvar as vidas de milhares de gregos, e conduzir os atlantes de nossas orlas, ou pretende continuar lhe castigando por tão terrível hubris contra você? Você finalmente irá libertá-lo de sua escravidão?

— Ele está livre. Agora o tire fora de minhas vistas!

Ela ajudou Styxx a ficar de pés.

— Obrigado, minha senhora. — Styxx suspirou enquanto lágrimas não derramadas reluziam em seus olhos.

Acenando com a cabeça, ela deixou Galen levá-lo de suas mãos e o carregar para fora do templo.

E enquanto eles se moviam pela multidão, as pessoas de Didymos caíam de joelhos para curvar-se diante de seu príncipe.

O sorriso de Bethany morreu quando olhou de volta para Apollo, e viu a raiva em seu rosto. Ele não iria perdoar isto. O único problema era que ele não sabia que era Bet'anya que o tinha envergonhado.

Merda...

Athena vai me matar para esta artimanha.

Ela lidaria com isto mais tarde. Estreitando os olhos no bastardo, virou-se e partiu. Quando alcançou a porta do templo, um idoso chamou sua atenção. Ela começou a ignorá-lo até o reconhecimento chutá-la.

Athena.

Quatro vezes merda...

A deusa do Olimpo a seguiu para fora.

Preparando-se para a briga, Bethany virou-se para enfrentá-la.

Athena estendeu a mão e sorriu.

— Você não tem nenhuma ideia de quantas vezes em minha vida, eu quis estapear o puto do meu irmão publicamente. Obrigada pela diversão.

Bethany riu e pegou sua mão.

— Pensei que você iria me sufocar por isto.

— Não por isto. Mas não pense por até uma batida do coração, que nós somos amigas.

— Eu sei. Mas sou uma deusa da justiça, e enquanto não tenho nenhum problema em despedaçar alguém que merece isto, não posso ficar parada e ver alguém, até mesmo um grego, torturado injustamente.

Athena assentiu com a cabeça.

— Agora posso ter meu corpo de volta? Nenhuma ofensa, mas as roupas de um idoso não me caem muito bem.

Bethany retomou à sua forma verdadeira.

— Sei agora por que você escolheu Styxx como seu campeão, Athena. Você fez bem.

— Você fez melhor, eu acho.

— Como assim?

Athena retornou ao seu corpo de deusa.

— Ele pode lutar debaixo de meu emblema, Bet'anya, mas você é a única por quem ele morreria.

* * *

— Deixe-nos.

Galen hesitou com a ordem furiosa do rei.

— Está tudo bem. — Styxx assegurou-lhe, mas tinha a mesma dúvida que Galen sobre isto.

Inclinando a cabeça respeitosamente, Galen o deixou sozinho com seu pai.

Todo ele estava pulsando e dolorido em protesto, Styxx se pôs na cama enquanto seu pai o abordava.

O rei arrancou o cobertor dele, expondo seu corpo inteiro nu.

— Isto não veio de uma prostituta. O que aconteceu com você?

Antes que pudesse inventar uma mentira, seu pai silvou quando seu olhar caiu na marca mais cruel que suportava. Seu pai agarrou-o rudemente para que pudesse examinar isto. A fúria brilhava nos olhos de seu pai, e por um momento Styxx foi estúpido o suficiente para pensar que era de indignação por ele.

— Acha que isto é engraçado ou bonito? — Seu pai rugiu em seu rosto. — Você é um príncipe, pelo amor dos deuses! — Ele esbofeteou-o — Não sei que tipo de jogos perversos você joga, garoto, mas se me envergonhar publicamente como fez hoje, não me importa se o exército apoiá-lo, eu verei que seja vendido como o tsoulus cuja marca orgulhosamente usa. Você me entendeu?

Styxx não conseguia responder quando as lembranças o transpassaram. Ouvia o rugido de vozes que gritavam por sua humilhação e castigo.

O fodido prostituto grego! Ele está até marcado a ferro!

Príncipe, meu rabo. Você é um cão desprezível. Nem mesmo valoriza a marca que carrega.

Todos os heróis gregos são umas maricas patéticas como você?

O tempo inteiro ele tinha sido tão cruelmente mantido e torturado pelos atlantes, que queria apenas voltar para casa.

Para isto...

Seu pai estapeou-o novamente, então dolorosamente agarrou seu cabelo para forçá-lo a encontrar seu olhar furioso.

— Você me entendeu? — Ele repetiu.

Styx assentiu.

Enrolando os lábios, seu pai torceu seu cabelo tão forte, que ele ficou surpreso de que não tenha arrancado um punhado.

— Não sei o que fez para perturbar Apollo, mas é melhor consertar isto, mesmo que isto signifique que tenha que lambe seu rabo e o chupá-lo pelo resto de sua fétida vida. O que quer que ele lhe peça, espero que se curve ou caia de joelhos e faça isto com um sorriso, enquanto o agradece pela honra. — Seu pai cuspiu no rosto dele, em seguida saiu furioso do quarto.

Gelado e tremendo, Styx limpou o cuspe, em seguida enrolou-se em uma bola quando os horrores do ano passado repassaram por sua mente. Mas, o que machucava mais, era saber que para seu pai estaria tudo bem que ele se prostituisse para Apollo.

Contanto que o deus do Olimpo estivesse contente e feliz, o que importava como seu próprio filho se sentisse sobre isto?

— Styx?

Ele não conseguia responder para Galen. Ele queria apenas estar em algum lugar seguro e acolhedor. Em algum lugar onde ninguém o odiasse.

Acima de tudo, queira sua Bethany de volta. Apenas ela podia fazê-lo esquecer do ódio com que vivia.

— Alteza? Você está bem?

Não. Ele nunca estaria bem. É por isso que ninguém o queira. Por isto Bethany o deixou neste pesadelo. Sozinho.

Ele sentiu Galen enxugar o sangue de seu rosto, então o cobrir com o cobertor.

Styx ignorou tudo e rastejou para o lugar escuro dentro dele, mesmo que se descobrisse em Atlântida, onde as vozes em sua cabeça gritavam, e encontrou um tipo doentio de conforto na dor disso tudo.

Galen escovou seu cabelo de sua testa. Quão estranho que a única ternura que recebeu viesse de um guerreiro cheio de cicatrizes, famoso por sua ferocidade em batalha.

Ele olhou para a xiphos amarrada ao quadril de Galen... uma espada que Galen odiava esgrimir.

— Você deveria voltar para sua Antígona.

Galen franziu a testa para ele.

— O quê?

Styx piscou lentamente.

— As famílias devem ficar juntas. — Ele sussurrou. — Sempre. Nada deveria mantê-las separadas. E você não deveria desperdiçar seu tempo comigo, quando ela é muito mais importante para você.

— Você é minha família, também, filho. E é muito importante mim. Mais que isto, você é a pessoa que precisa de mim agora. Tig entende e lhe manda o seu amor.

A generosidade de Galen conseguiu quebrar seu casulo entorpecido. Styxx soluçou quando toda a dor o apunhalou e se desfez disso.

O idoso o recolheu nos braços e o abraçou, enquanto ele chorava até que estivesse completamente extenuado.

Exausto, afastou-se de Galen.

— Sinto muito.

— Não ouse se desculpar por ser humano, Styxx. Nunca lutei uma guerra em que não fui para casa para minha Thia, e chorasse por todos os horrores que vi e cometi. E depois que ela se foi, chorei cântaros. — Ele enxugou as lágrimas do rosto de Styxx. — Você é um homem forte. Foi posto no Tártaro. E não houve uma pessoa que já encontrei que pudesse ter feito o que fez hoje e não se quebrar. Foi severo e estava errado e não merecia isto.

— Talvez eu merecesse. Certamente devo ter cometido algum ato odioso para irritar o rabo dos deuses, tanto como faço.

— Ora. — Galen ridicularizou. — Você é uma dor no meu rabo velho, e se posso tolerá-lo, sei que eles podem. — Ele deu um beijo paternal em sua testa. — Descanse e vou buscar algo para você comer, antes que defina por nada. Está tão fraco agora, que com uma explosão de Aiolos, sairia voando. — Batendo levemente no braço dele, Galen ergueu-se e o deixou.

O sorriso no rosto de Styxx morreu, no momento em que viu Apollo no canto do quarto.

— O que você quer?

O rosto de Apollo fechou. — Há este tom de novo... Depois deste tempo todo, você ainda não aprendeu a lição sobre humildade diante de um deus.

Isso era porque Styxx não tinha nenhum respeito pelo cão rançoso.

— Você não me possui mais. Você me libertou.

Apollo riu então riscou-se para a cama de Styxx. Ele o agarrou pelo cabelo e usou isto para puxá-lo para seus braços.

— Você está certo. Não o possuo mais. Mas ninguém disse que não posso fodê-la ou ainda foder com você. De fato, seu pai me disse que deixou bem claro para você, que deveria agradar-me novamente.

16 de fevereiro de 9527 a.C.

Tentando não pensar em absolutamente nada, Styxx pagou por uma flauta de junco esculpida à mão que estava comprando para o aniversário do Galen. Ele nunca tinha entendido realmente a fascinação do velho homem com o instrumento, mas Galen amava tocar, e enquanto ficou com Galen no quartel, soube que seu mentor tinha deixado acidentalmente sua flauta na casa de Antígona. O velho sentia tanta falta disso que seus dedos se contraíam a qualquer hora que ele estava perto de qualquer objeto que se assemelhasse remotamente a uma.

E pelo menos Galen não o apunhalaria ou insultaria pelo presente. Ele poderia até mesmo gostar.

Enquanto Styxx tomava a flauta e se virava, ouviu um cachorro latindo não muito distante dali. Ele o ignorou até que um enorme mestiço meio cavalo preto quase o derrubou. O cachorro gigante saltou em cima dele e o atacou com lambidas felizes.

O reconhecimento bateu nele.

— Dynatos?

O cachorro deu outro latido feliz.

Não podia ser. Styxx procurou pela dona do cachorro.

— Dyna? Aqui, garoto!

Ele não podia respirar ao som de uma voz que ele nunca pensou ouvir novamente.

O que eu faço?

Ela deixou bem claro que não queria estar com ele...

Nunca.

De repente ele viu sua forma graciosa na multidão, a sentindo vir em direção a ele. Ele não podia se mover enquanto a agonia retalhava cada parte do seu coração e alma. Vestida numa longa túnica branca drapejada com um manto vermelho egípcio, ela estava deslumbrante. Como foi evidenciado por sua incapacidade de se mover ou respirar. Seu cabelo preto comprido estava puxado para cima da cabeça e caía em cachos soltos. Seus olhos avelã dourados de formato amendoado estavam delineados com Kohl e parecidos com os de um gato. As pulseiras de ouro que ele tinha comprado para ela estavam espiraladas dos seus pulsos até os cotovelos.

Tudo que ele queria fazer era tocá-la, mas ela não o queria de jeito nenhum. E ele estava cansado de ser repelido e jogado de lado.

— Dynatos? — Ela chamou novamente. O cachorro correu de volta para ela então ele entregou Styxx.

— Alteza? Você esqueceu seu troco.

Bethany congelou imediatamente.

Merda. Ele foi pego. Se falasse, ela saberia imediatamente quem ele era. Então pegou o troco e começou a sair sem dizer uma palavra.

Mas enquanto estava atraído com ela, ela falou com ele.

— Styxx?

Ele ignorou os olhares fixos das pessoas ao redor que os assistiam com fascinação. Aprofundando sua voz para despistar, ele se preparou para sua afronta pública.

— Sim?

Lágrimas encheram os olhos dela conforme estendia a mão para ele.

Droga... ele não conseguiu se conter. Tomou sua mão na dele e levou-a até sua bochecha, onde saboreou a suavidade de sua pele quente, e o cheiro suave de lírios e eucalipto que ele sentiu tanta saudade. Um cheiro que o deixou duro com tanta ferocidade e rapidez que estava certo que cada pessoa que olhava para eles via sua ereção.

Ela deixou escapar um soluço feliz então se empurrou para dentro de seus braços e o beijou com uma paixão que o deixou sem sentido.

Styxx fechou suas mãos no seu manto vermelho e a abraçou enquanto Dynatos os rodeava e latia, como se eles não fossem um espetáculo suficiente sem o cachorro chamar atenção para eles.

Ofegante, ela recuou e passou as mãos sobre seu rosto.

— Eu senti tanto sua falta.

Styxx arqueou uma sobrancelha.

— Você beija todo homem perdido que encontra no mercado?

Ela realmente deu um tapa no bíceps duro com força suficiente para machucar.

— De fato eu faço. Qual era seu nome mesmo? — Ela começou a girar em direção ao comerciante e o alcançou.

Styxx a pegou pelo braço e gentilmente a manteve ao seu lado. Ele emoldurou seu rosto em sua mão e beijou sua bochecha.

— Pensei que você tinha ido embora para sempre.

— Nós precisamos conversar e tenho um mal pressentimento que as pessoas estão nos encarando.

Ele riu enquanto manteve o rosto enterrado em seu cabelo de forma que pudesse respirá-la em seus pulmões.

— Eles estão, de fato. — Relutantemente ele se afastou e colocou a mão dela na dobra do seu cotovelo de forma que pudesse leva-la através da multidão curiosa.

— Diga-me quando estivermos sozinhos.

Styx hesitou.

— Por que o tom de sua voz faz meu rabo apertar?

— Não seja rude.

— Você me disse para sempre ser sincero contigo, então é isto.

A raiva fez sombrear sua testa.

— Mas você não foi sincero comigo, você foi... príncipe?

— Nós estamos ainda em público.

Ela tamborilou os dedos contra seu braço, deixando-o saber que ela estava com um rancor feroz.

— Nós já estamos sozinhos?

— Não.

— Eu não ouço ninguém.

— Isto é porque eles estão todos de queixo caído enquanto passamos por eles. É como um templo, minha linda. Estátuas em todos os lugares, e eles estão escutando atentamente cada palavra que nós falamos.

Uma velha franziu o cenho para eles quando passaram por ela.

— Ele não enviou a princesa egípcia para casa? — Ela perguntou ao seu companheiro.

— Olha aí. — ele sussurrou para Bethany.

— Pelo menos eles pensam que sou uma princesa.

— Você sempre foi uma deusa para mim.

Bethany tropeçou ao ouvir o comentário que atingiu bem perto do alvo.

Styx x imediatamente parou.

— Estou caminhando muito rápido?

— Não. O cachorro esbarrou em mim.

Ele continuou caminhando... sem parar.

— Onde você está me levando? Ásia? — Ela perguntou quando pareceu como se ele não tivesse nenhuma intenção de parar.

— Longe das pessoas... Didymos tem uma população densa que eu jamais considerei até este exato momento. Droga, tem um monte de gente aqui. E estão todos realmente curiosos sobre nós. Provavelmente porque nunca me viram em público com uma mulher que não minha irmã, e já que você não está cuspiendo em mim, batendo ou me xingando, eles sabem que você não é Ryssa.

— Nem sou loira ou didymosiana.

— Pontos muito válidos. Como sabe que Ryssa é loira?

— Da mesma forma que eu sei que você é.

— Eu não disse a você que Ryssa é loira.

— Outras pessoas disseram.

— Ah... Galen! — Ele gritou, assustando-a e deixando-a saber que eles entraram no quartel militar. — Pode me emprestar seus aposentos?

— Claro. Bom dia, Senhora Bethany.

— Saudações, Mestre Galen. — Ela tentou encontrá-lo para conversar mais, mas Styx x não parou enquanto continuava levando-a para longe.

— Cubra seus ouvidos, menino. — Disse Galen, então acrescentou. — Certifique-se de trocar meus lençóis antes de sair!

— Ha-ha-há. — Styx x deu um riso fingido. — Você é tão engraçado. Vou te matar mais tarde.

Finalmente Styx x a puxou para dentro do quarto e bateu a porta, trancando-a. Mas como Dynatos estava do outro lado dela, ele imediatamente começou a latir e arranhar para entrar.

Styx x rosnou baixinho do fundo de sua garganta antes de abrir a porta e deixá-lo entrar. Então fechou e trancou.

— Certo. Nós estamos sozinhos... com exceção do cachorro.

— Completamente sozinhos?

— Com exceção do cachorro. — Ele repetiu.

— Bom. — Ela o esmurrou com força no estômago.

— Ai! Você não me avisou para eu me armar.

— Talvez você queira um instante para agarrar um escudo.

— Por quê?

— Por que você acha? Príncipe Styxx.

Ele exalou uma respiração irritada.

— Eu não deveria ter mentido para você a respeito disso. Mas não quis te assustar no dia em que nós nos conhecemos. Se eu te dissesse quem era, você não teria falado comigo.

— Como você sabe? — Ela perguntou defensivamente.

— Porque ninguém nunca falou.

A dor de sua resposta sussurrada a cortou, mas embora a verdade a entristeceu, sua opinião a respeito dela a irritou.

— Você não me dá muito crédito, não é?

— Sério? — Ele rosnou. — Estou errado? Olhe nos meus olhos e diga...

Ela olhou em sua direção.

— Desculpe.

Bethany estendeu-se para cima e o puxou para dentro de seus braços.

— Eu odeio você.

— A maioria das pessoas o fazem.

— Eu não faço.

— Você acabou de me dizer que faz.

— Isto é porque eu faço.

Ele suspirou em seu ouvido.

— Devemos fazer placas de pedra ou canções para você descontar em mim? Eu não quero cair para trás quando você mudar de ideia.

Ela o beijou, em seguida foi para trás e deu um tapa nas suas nádegas.

— Ai! — Styxx vociferou, afastando-se dela. — Estou muito confuso.

— Como eu. Eu quero te odiar tanto, e ainda assim você parte meu coração.

— Não fui eu quem partiu. — O tremor em sua voz a fez sufocar em lágrimas.

— Eu não sabia o que fazer, Styxx. Descobri quem você era e entrei em pânico.

— Você podia ter conversado comigo. De preferência sem bater.

— Você merece apanhar.

— Prometo a você que fui adequadamente espancado em sua ausência.

Bethany estremeceu enquanto se lembrava da visão de seu corpo ensanguentado e contundido quando ela o achou em sua cela.

Embora ela não pudesse vê-lo agora, ela cobriu seus olhos com as mãos enquanto a frustração, raiva, confusão e amor se misturavam dentro dela.

— Imaginei esta reunião mais de um milhão de vezes na minha cabeça. Eu me vi caindo em seus braços e te beijando, então empunhando uma espada por não me contar quem você realmente era. E agora minhas emoções estão por toda parte. Eu não sei o que pensar e devia, mas não faço, e me odeio por isso. Mas não odeio você, Styxx. Eu nunca poderia te odiar.

Styxx a puxou contra ele e beijou sua testa conforme todas as suas próprias emoções voláteis guerreavam dentro dele. Mas a mais avassaladora e a única que ele não podia suprimir era o quanto ele a amava.

Quanto ele morreria por ela.

O quanto ele estava agradecido por vê-la novamente.

— E eu quero ficar com raiva de você, Beth. De maneiras que você não pode conceber. Você é a única coisa em toda a minha vida que eu já amei. A única coisa que sequer olhei adiante e vi um futuro. E você me abandonou sem uma única razão. Um dia você simplesmente foi embora. E quando partiu, você me banuiu para a cova mais escura do Tártaro e eu não sabia o que fiz para fazer jus a isso.

Ele rangeu os dentes enquanto a agonia o atravessava.

— Seus pais te amam, Beth. Sim, sua mãe te irrita e seus primos incomodam você, mas seu pai vive e respira pelo seu sorriso. Sua mãe mataria qualquer um que ameaçasse você. E eu não tenho ideia do que é sentir qualquer um dos dois. Eu nunca tive.

Styx riu amargamente com a realidade de sua existência.

— Queridos deuses, eu nunca tive uma refeição quente porque eu tenho que ter alguém para provar minha comida para mim antes de eu comer, em seguida espero para ver se eles morrem ou ficam doentes com ela. Minha cama tem que ser verificada toda noite a procura de lençóis envenenados ou animais letais. Minha própria família é mais provável de me envenenar que um estranho. Eu fui dar um presente para minha mãe e ela me apunhalou várias vezes. Meu pai irrompeu no meu quarto e fatiou meu braço no meio da noite. Meus próprios irmão e irmã me apunhalam com seus olhares a qualquer hora que eu apareço em sua presença. E meu tio...

— O quê?

— Não importa. — Ele vivia em um mundo carregado de pesadelos e tortura. Um que ele não tinha nenhum direito de pedir para ela compartilhar. De fato, ele se acostumou a estar sozinho nisto. Não precisava de outra coisa para se preocupar ou adicionar pensamentos que a fariam fugir e abandoná-lo novamente sem nenhuma razão.

Ele teve o suficiente. Tudo que queria agora era paz. A solidão daqueles que queriam feri-lo.

— Quer saber... volte para sua família, Beth. Não posso me permitir ser mais machucado. Acabei com isso. Estou cansado de me estender para as pessoas e ser golpeado por isto. Exceto por não te dizer que eu era um príncipe, fui brutalmente honesto com você. Deixei você entrar em lugares no meu coração e alma que ninguém jamais teve acesso. E você arrancou meu coração fora e empurrou-o pela minha garganta abaixo. A coisa que eu aprendi na maior parte deste último ano foi o quanto exatamente sou sem importância. Para todos... inclusive para mim.

Styx girou sair pela porta, mas a estúpida tranca estava fechada. Grunhindo, ele a chutou.

— Styx... — Bethany abraçou-o pela cintura e se inclinou contra ele. — Eu nunca quis te machucar.

— Oh, Beth... — ele exalou em um sussurro torturado — você não me machucou. Você me destruiu... em minha hora mais sombria quando mais precisei de você.

— Eu sei, akribos. E não tenho direito de pedir seu perdão. Não estou certa se poderia me perdoar se estivesse em seu lugar. Mas senti sua falta e quero você de volta. Eu preciso de você em minha vida.

As lágrimas encheram os olhos dele quando sentiu sua resolução enfraquecer.

— Eu disse a você no começo para ser gentil com meu coração inexperiente. E que eu sempre seria um bobo para você.

— Então você me perdoa?

Tirando a mão dela de sua cintura, ele apertou-a contra seus lábios.

— Eu não sei. Estou tão confuso agora. É até pior do que quando voltei para casa da guerra. Eu não posso comer. Eu não posso dormir. Continuo tendo pesadelos que são tão reais que não sei se estou acordado ou alucinando. Estou paranoico com todo mundo ao meu redor. Eu cheguei ao ponto de não só fechar minha porta de noite, a tranco e mesmo assim não me sinto seguro.

Bethany se encolheu sobre o dano que foi feito a ele. *E isso tudo é minha culpa.*

— Se você me perdoar, Styxx, prometo que nunca, jamais farei nada para te magoar novamente. Por favor. Eu imploro a você por mais uma chance. — Ela começou a se ajoelhar.

— Não... — Ele deu meia volta para enfrentá-la e a puxou contra seu tórax. — Não se atreva! Eu não quero ouvir suas súplicas. Eu quero seu fogo, Beth. É o que me aquece.

— E eu mantereí você quente e seguro de agora em diante.

Ele enrijeceu por um momento antes de beijá-la.

Bethany derreteu no momento que provou os lábios dele. Então ela guinchou quando ele ergueu a bainha do seu vestido e correu as mãos sobre sua carne.

— O que você está fazendo?

— Galen nos deu permissão... Eu posso ser um príncipe, mas sei como trocar os lençóis.

Rindo, ela não disse uma palavra conforme ele a levava para a cama e a deitava de costas nela. Mas sua risada morreu no minuto em que ele a abriu e provou com uma paixão que era absolutamente crua. Ela arqueou as costas e abriu ainda mais suas pernas, dando a ele pleno acesso. Mordendo o lábio, ela estendeu a mão para baixo para afundá-la em seu cabelo macio só para perceber que ele o cortou tão curto que estava praticamente tão careca quanto Galen. Estava ainda mais curto do que esteve quando ele estava na guerra.

Ela teria lhe perguntado a respeito, mas sua língua estava fazendo as coisas mais perversas com ela. Coisas que ela sentiu falta terrivelmente.

Styxx rosnou pelo quanto o gosto dela era bom. Embora ele soubesse que estava morrendo de fome por ela, não tinha nenhuma ideia de quanto até agora. Ele só queria se enrolar nela e nunca mais partir. Se ele pudesse passaria o resto de sua vida com ela assim.

E quando ela gozou um minuto depois, ele sorriu enquanto continuou a lamber e a provocar até que ela implorou por misericórdia. Só então ele subiu por seu corpo e deslizou dentro dela.

Ela o beijou ferozmente então franziu o cenho.

— Você ainda está vestido.

— Eu não podia esperar para estar dentro de você.

Rindo, ela despojou-o de sua túnica e manto.

— Nós dois ainda estamos com nossos calçados... — As palavras dele terminaram com um ofego agudo quando ela ergueu seus quadris para que pudesse tirar os seus calçados e o enviou muito mais fundo em seu corpo. — Você esteve escondendo talentos de mim.

Ela mordiscou sua orelha.

— Mas eu não posso alcançar os seus.

— Você realmente quer que eu pare e os tire?

— Não.

Styxx se ergueu para olhar fixamente para ela enquanto empurrava contra seus quadris. Ela correu as mãos pelo seu corpo, levantando calafrios em seu rastro.

Mordendo seus lábios, ele rolou com ela, certificando-se de permanecer em seu interior até que ela montasse nele. Ele estendeu a mão para cima e removeu os alfinetes de seu vestido, a seguir puxou isto dela. Sua boca se encheu de água, ele emoldurou seus seios nas mãos, mas quando ela o montou, pesadelos espontâneos subjugaram seu prazer.

De repente, ele não podia respirar. Pânico total o invadiu.

— Styxx? — Bethany franziu a testa quando ele deslizou debaixo dela e rolou para seu lado. — Querido, o que está errado?

Ele estava absolutamente trêmulo.

Ela escovou a mão no seu braço.

— Não m-me toque. — ele rosnou, colocando mais distância entre eles.

Lágrimas encheram seus olhos quando ela percebeu o que aconteceu. Ele nunca gostou da sensação de ser fisicamente restringido ou preso de qualquer forma. Havia apenas algumas posições que ele podia tolerar enquanto faziam sexo sem que trouxessem à tona memórias dolorosas para ele.

Seu coração partiu, ela embalou sua cabeça contra ela.

— O que aconteceu com seu cabelo, bebê?

Ele engoliu em seco antes de responder.

— Eu fiquei cansado das pessoas usando-o para me controlar e ferir. — Fechando os olhos, Styxx permitiu que ela o puxasse para que pudesse segurá-lo apertado contra seu corpo nu. — Eu sinto muito, Beth. Eu disse a você que não sou o mesmo que era.

Ela beijou sua bochecha.

— Está tudo bem. Você é sempre perfeito para mim.

Aquelas palavras devastaram seu coração.

— Estou tão quebrado, Beth. Não sei se algum dia serei inteiro novamente.

— Você não está quebrado. Você está ferido, e ferimentos podem curar. — Ela acariciou sua bochecha antes de plantar um beijo gentil ali. — O coração mais bonito de todos é aquele que ainda posso amar até mesmo enquanto sangra, e especialmente depois de ter sido quebrado em milhares de pedaços. Você é o homem mais corajoso que já conheci.

Naquele momento, ele estava feliz que ela tinha fugido dele. Se ela tivesse ficado, o impostor teria estado com ela. Isso teria sido um golpe do qual ele nunca teria sobrevivido. Saber que outra pessoa estava deitando com ela assim...

Talvez os deuses lhe deram uma pequena misericórdia, afinal. E enquanto a agonia e humildade do ano passado tomaram conta dele, sentiu as lágrimas quentes e silenciosas deslizar dos cantos dos seus olhos.

Ela afastou-as com seus lábios.

— Eu sinto tanto.

— Não sinta, Styxx. Você é mais forte do que qualquer um que eu conheço.

Mas ele não se sentia forte. Sentia-se maltratado e espancado. Uma casca do que ele fora. Algo que não ajudava quando ela passou a mão descendo pelas cicatrizes ao seu lado. E entretanto seu toque fazia de alguma maneira tudo certo.

Ninguém o amava como sua Beth fazia. Ela não olhava para ele como se estivesse faltando alguma coisa nele. Ela brincava, em vez de zombar.

E enquanto ele se deitava com ela, ela beijava seu caminho abaixo por seu corpo até que chegou aos seus pés. Um sorriso repuxou os cantos dos seus lábios quando ela removeu suas sandálias e não disse nada sobre isto.

Então ela rastejou sobre seu corpo para se deitar contra ele de forma que pudesse colocar a mão em sua bochecha.

— Eu senti tanto sua falta.

Ele puxou sua mão até seus lábios e mordiscou seus dedos.

— Me desculpe por não ter te contado meu nome real. Só que cansei de todo mundo me odiando por quem sou.

— Eu não sei nada disto. Só que eu te amo por quem você é.

Fechando seus olhos, ele respirou fundo levando seu cheiro para dentro dele e deixou seu toque apagar a parte dele que ainda estava rasgada e sangrando. E quando ela o segurou quase se sentiu inteiro novamente. Dentro de alguns instantes ela o deixou ainda mais duro que antes. Saboreou a sensação dos dedos dela brincando com ele enquanto sentia sua respiração contra sua pele.

Ela rolou de costas e guiou-o para dentro dela. Styxx seguiu de bom grado, e desta vez quando começou a empurrar contra ela, não havia nenhum passado o assombrando. Eram apenas eles dois. Ele olhou fixamente abaixo em seu belo rosto e deixou seu toque acalmar suas emoções rasgadas.

— Eu amo você, akribos. — Ela suspirou.

Aquelas palavras, junto com a suavidade do seu toque, enviaram-o por cima da borda. Ele se enterrou bem no fundo dela e rosnou quando seu próprio corpo se liberou. Ele deitou em cima dela, arquejante e fraco, mas feliz pela primeira vez em mais de um ano.

Bethany o embalou com seu corpo e correu os pés por cima dos pelos das pernas dele. Quando ela foi morder seu queixo, percebeu que ele estava dormindo profundamente em cima dela. Ela esfregou a testa na bochecha dele e suspirou.

— Eu devia estar altamente ofendida. — Se ele fosse qualquer outro, ela estaria. Mas no seu caso, este era o maior dos elogios.

Beijando-o, ela fez uma careta pelo modo tão curto que ele cortou seu cabelo. Mas não estava com raiva dele por isto. Isto era por todos os bastardos que o usaram para brutalizá-lo até o ponto que ele quis seus belos cachos desaparecidos.

Doendo por ele, ela embrulhou seus braços ao redor do seu corpo e segurou-o perto contra ela.

— Eu te prometo, Styxx. Vou fazer isso por você.

E uma promessa feita por ela a amarrava eternamente. Se ela falhasse desta vez, isso significaria sua vida.

18 de fevereiro de 9527 a.C.

Styx segurou seu manto no nariz e respirou o perfume de Bethany. Ainda não podia acreditar que ela voltou. Ele continuou esperando acordar e ver que tudo foi um sonho. Pelo menos uma vez, ele nem se importava em voltar para casa. Ele ainda estava sorrindo quando alcançou a porta do palácio e os guardas não a abriram.

Em vez disso, eles o agarraram e arrastaram para o estúdio do seu pai, então o forçaram a se ajoelhar na frente de seu rei furioso.

— Pa...

Ele bateu em Styx com as costas da mão tão forte que seu rosto explodiu de dor.

— Não ouse falar comigo, traidor!

Franzindo o cenho para seu pai, Styx enxugou o sangue de seus lábios.

— Eu sei o que você fez ontem à noite. Maldito seja você por isto!

Perplexo, Styx tentou pensar no que teria deixado seu pai tão enfurecido. Ele passou a noite inteira com Bethany em sua cabana.

Apenas eles dois.

— As próximas palavras que saírem de sua boca é melhor que sejam os nomes de seus co-conspiradores.

Estou perdendo algo aqui...

— O que...

Seu pai bateu nele com as costas da mão novamente.

— Seus nomes! Agora!

— De quem? — Styx segurou ambas as mãos no alto quando seu pai foi bater nele novamente. — Por favor, pai. Eu não sei sobre o que você está perguntando. O que você acha que eu fiz?

Lágrimas brilharam nos olhos do rei.

— Você me traiu!

— Como?

— Você foi visto! Ontem à noite. Ouviram você conspirando minha morte com seus amigos!

Styx ficou consternado. Apesar de que pensamento de matar o velho bastardo lhe ocorrera em várias ocasiões, ele nunca seria estúpido o suficiente para mencionar isto em voz alta. Seu pai estava louco?

Não importa o fato que sua lista de amigos tinha só dois.

Galen e Bethany.

— E você acredita nisto?

Desta vez quando seu pai foi bater nele, Styx deixou-o cair no chão e o alfinetou lá.

Os guardas se moveram para atacar. Com as habilidades que ele aperfeiçoou no último ano enquanto lutava com os atlantes na arena, Styx agarrou o primeiro que o alcançou e desarmou-o antes de nocauteá-lo, então chutou o segundo na parede. Ele puxou o punhal fora do cinto do guarda, girou e enterrou-o nas pedras a menos de uma polegada do rosto chocado do seu pai.

Sem nem mesmo respirar fortemente, Styx se levantou e olhou para baixo ao seu pai.

— Se eu o quisesse morto, Majestade... você já estaria morto. Pela minha mão. Apesar de eu saber que você não pensa muito de mim, sou seu protostratelas⁴². E sou o único Comandante grego que liderou um exército para dentro de Atlântida e os colocou na porra dos seus joelhos em tributo a você e à Grécia e isso você não se lembrou. Eu fiz isto, pai. Sozinho. Reze para os deuses que você adora e que cuspo naquele que você nunca encarou minha habilidade completa quando ela tomava uma vida. Acredite em mim, eu não preciso de ajuda para te matar. Mas não quero a porra dessa coroa inútil. Se eu quisesse, teria tomado no dia que vim montando para casa levando meu exército através dos portões de Didymos.

Styx deu um passo atrás e manteve seus braços ao lado do corpo enquanto seu pai se esforçava para se levantar.

— Mas não vou discutir isto. Acabei com essa coisa de implorar por seu amor ou qualquer outra coisa de sua parte. Se você de verdade pensa que sou culpado, execute-me. Eu caminharei feliz para o cepo e entregarei minha cabeça ao machado do executor. Neste instante.

Com a respiração trabalhosa, seu pai olhou do punhal no chão para Styx e de volta novamente.

— Como você fez...? Isto é pedra.

Styx riu amargamente.

— Rachei crânios com elmos de ferro e de bronze, arranquei membros com um único golpe e arrebentei escudos muito mais fortes que isto.

— Mas no ringue de prática...

⁴² Termo grego designando um general, mas também usado como a mais alta dignidade honorária para santos militares.

— Eu estava lutando contra um velho veterano que eu amo e adoro. Um homem que eu nunca prejudicaria. — Styxx gesticulou para o punhal então para o guarda monstruoso que estava neste exato momento se levantando. — E agora você sabe porque o Rei Kreon e os outros são tão generosos contigo. Não é que eles têm medo de você, pai. Eles têm horror a me enfrentar no campo de batalha porque não temo a morte e com toda a certeza não temo você. Isto é o hubris pelo qual Apollo me castiga. E me recuso a ser espancado e ameaçado por você ou qualquer outro. Mate-me ou me solte. Decida agora e acabe com isto.

Incrédulo, seu pai sacudiu a cabeça.

— Quem é você?

— Foda-se se sei na maior parte dos dias. — Styxx respirou fundo. — Quanto a noite passada, eu estava com a minha senhora, Bethany, do meio-dia dois dias atrás até que montei para casa e fui arrastado até aqui esta manhã, e não ficarei acordado para ser questionado por você ou qualquer outro. Você ou acredita em mim ou não. Se não pode aceitar minha palavra então acabe comigo para sempre. — Ele deu uma olhada ao redor aos guardas que estavam boquiabertos enquanto esfregavam as contusões que ele deu a eles. — Então como vai ser, Majestade? Estou indo para cama ou para morte?

— Você foi visto.

Styxx bufou.

— E eu não sou o único com o meu rosto, sou?

Nem bem as palavras saíram Styxx se encolheu de medo.

Ah merda... Por que eu disse isso?

Seu pai rugiu com raiva enquanto ordenava que seis guardas trouxessem Acheron até a sala do trono e saiu pelas portas tempestuosamente.

O que eu fiz? Cansado demais para pensar direito, ele nem sequer considerou como seu pai reagiria à possível culpa do Acheron.

Por favor, seja culpado. Por favor, seja culpado...

A litania corria por sua cabeça à medida que seguia atrás do seu pai. Com sua fúria tangível, o rei sentou no trono para esperar pela chegada do filho que ele realmente não podia suportar.

Enjoado, Styxx se sentou enquanto a culpa o despedaçava. Quais eram as chances de Acheron realmente estar conspirando contra o rei?

Ele podia estar. Ele tinha muito mais razões para odiar seu pai do que Styxx.

Mas no momento em que ele viu a cara apavorada do Acheron e ouviu os pensamentos confusos do seu irmão, ele pensou melhor.

Ah merda...

Ele tinha acabado de lançar um homem inocente no fogo. Acheron foi algemado. Os guardas o forçaram para baixo de joelhos na frente do trono de seu pai enquanto Ryssa veio chorando para dentro da sala com seu rosto vermelho brilhando para defender o único irmão que ela amava.

Sempre desafiante, Acheron olhou fixamente para eles.

— Por que estou aqui?

Seu pai saiu do seu trono com um berro de ira.

— Não me faça perguntas, traidor!

Styx se rangeu os dentes de raiva.

Atordoado, Acheron não podia nem piscar por um minuto inteiro.

— Pai! — Ryssa estalou. — Você perdeu sua razão?

A resposta dele foi bater em Acheron com as costas da mão.

— Onde você estava ontem à noite?

Styx se forçou a não reagir ao golpe que explodiu por sua bochecha e olho.

Acheron arquejou de dor. *Eu estava com Artemisa...*

Styx congelou enquanto ouvia os pensamentos do seu irmão. Tripla merda. Acheron e Artemisa? Não era de se espantar que Apollo fosse tão duro com seu irmão. Agora Styx entendia completamente a fúria do deus e os delírios incoerentes de Apollo que precediam alguns de seus ataques mais cruéis contra Styx no passado.

Isto, mais o desafio de Styx, era o que tinha feito Apollo enlouquecer.

Acheron, seu merda. Você está transando com a irmã “virgem” de Apollo? Sério? Acheron enlouqueceu?

E isso explicava a dor na virilha que doeu tanto que tinha vezes que Styx ainda sentia dor.

Styx esteve sob custódia dos atlantes no ringue quando sentiu como se alguém o tivesse castrado. Literalmente. Ele teria jurado que alguém o tinha cortado fora.

Ou Apollo ou um dos outros devem ter castrado Acheron.

Como pôde ser tão estúpido, irmão?

Acheron bloqueou seu olhar com Styx e a acusação ali o abrasou.

— Eu estava no meu quarto.

Seu pai golpeou Acheron novamente.

— Mentiroso. Eu tenho testemunhas que viram você em um bordel conspirando meu assassinato.

Apavorado que alguém descobrisse que ele sentia os golpes de Acheron, Styxx cobriu seu rosto com a mão para proteger o sangue em seus lábios.

— Eu não fiz tal coisa. — A voz do Acheron tremia de medo.

Seu pai bateu nele novamente antes de se virar para os guardas.

— Torture-o até que ele decida nos dizer a verdade.

Acheron clamou alto a mesma negação interna que Styxx gritou em sua cabeça. Seu irmão lutou com os guardas que o seguravam.

— Pai, não! — Ryssa se moveu para frente.

O rei virou-se para ela com um grunhido feroz.

— Você não vai salvá-lo desta vez. Ele cometeu traição e não permitirei que isso fique sem resposta.

Styxx rosnou silenciosamente em sua garganta quando a agonia absoluta o encheu. *Por que não mantive minha boca fechada?*

Porque ele estava cansado e não pensou o bastante.

Quando vou aprender?

Com sua respiração ofegante, Acheron, que estava sendo contido pelos guardas, encontrou e prendeu o olhar de Styxx. *Como pôde conspirar a morte de um homem que adora o chão que você pisa? Eu venderia minha alma inútil para ter só uma porção do amor que você rejeita.*

Dane-se, Styxx. Maldito seja você!

Styxx estremeceu ante os pensamentos do Acheron. *Se ele apenas soubesse a verdade...*

Mas Acheron nunca acreditaria nisto. Como todo mundo, ele pensava que Styxx tinha uma vida bela e perfeita. Mas ninguém vivia isto.

Ninguém. Vida nenhuma era lutar com a tristeza ou a agonia. Os deuses não eram bonzinhos para ninguém. Nunca. Tudo parecia tão bonito de fora. Mas a visão interior nunca era a mesma. Justamente como todas as vezes quando Styxx era pequeno e ele invejou Acheron por viver com Estes em Atlântida.

Sim...

Acheron foi arrastado para fora da sala do trono e levado para a prisão lá embaixo.

O que você fez, Styxx?

Ele se encolheu ante a condenação silenciosa de Ryssa na sua cabeça. Como Acheron, ela acreditava que ele era o traidor e que armou para seu irmão.

Eu sou tão inocente quanto Acheron. Não que ela jamais acreditasse nele, mais do que seu pai acreditaria em seu irmão. Que família confusa eles tinham.

Mas essa não era a maior preocupação. Se nem ele nem Acheron fizeram isto, alguém mentiu para seu pai. Alguém que queria todos eles mortos. Raiva crua o encheu conforme olhava ao redor da sala. Tinha que ser um dos senadores que ficaram para trás em silêncio. Ninguém mais teria uma razão para vir atrás dele e mentir assim.

Exceto Apollo. Era isto que o bastardo quis dizer quando ele disse que tinha a intenção de foder com ele?

Styxx quase saiu do seu trono quando sentiu a primeira chicotada atravessar o peito do Acheron. Felizmente seu pai estava preocupado com o chique de Ryssa.

Ela foi tempestuosamente para Styxx e o encarou.

— Chamarei a ira de cada deus no Olimpo para você, irmão. E pretendo rir quando eles o acorrentarem em uma rocha e cortarem seu coração traiçoeiro.

— Amo você também, cordeirinha.

Se olhar matasse, ele estaria tão morto quanto ela desejava.

Seu corpo doeu quando mais golpes foram dados em Acheron. Ele olhou para seu pai que parecia mais velho do que jamais foi antes. E isso certamente foi por que Styxx não queria a coroa do seu pai. Inclusive agora, seu pai não estava certo se Styxx estava mentindo ou não.

O rei sempre teria suspeita.

E não havia nada que ele pudesse fazer para aliviar isto.

Cansado e dolorido, Styxx mordeu de volta um gemido quando outra chibatada foi dada.

— Pai? Posso ter um tempo para me lavar e trocar?

O rei acenou com a cabeça.

Styxx se encolheu quando mais dor o atingiu. Determinado a não mostrar, ele foi até seu pai antes de deixar a sala.

— Quem é nosso acusador?

— Eu direi a você assim que eu chegar ao fundo disso.

Styx rangeu os dentes com raiva. *Você não confia em nós, seus próprios filhos, mas confia em um mentiroso.*

Por que ele sequer ficava surpreso?

Porque esperava mais de seu pai. Sempre esperou. Mas seu pai nunca parou de desapontá-lo.

Certo. Não havia nada que pudesse fazer a respeito disso. Enojado, Styx foi para seu quarto e com cada dor sentida, ele xingou mais a si mesmo. *Como pôde ter sido tão estúpido a ponto de incriminar Acheron?* Mas ele foi pego de surpresa sem dormir.

Como faço para tirá-lo disso, irmão?

Determinado a tentar, Styx foi para a porta do seu quarto para partir de forma que pudesse encontrar a pessoa que os acusou.

Estava trancada.

Mas o que...?

Ele a esmurrou o mais forte que pôde.

Ninguém respondeu. Pior, de repente estava tão sonolento que não conseguia ficar em pé. Bocejando, tentou focar seu olhar confuso. Mas era inútil. Um minuto ele estava em pé, no outro estava deitado no chão.

* * *

Sentado em seu templo olímpio, Apollo acenou para Poena e Eris, que o agradaram bem com sua maravilhosa crueldade contra Styx e seus irmãos. Mas era nisso no que eles se destacavam.

Em despedaçar famílias.

— Bom trabalho... — Apollo disse com um sorriso. — Agora terminem.

Eles saíram imediatamente.

Dionísio esperou até que eles estivessem a sós.

— Um pergunta, irmão. Por que odeia tanto os príncipes de Didymos?

Apollo rangeu os dentes.

— Styxx tem sido um espinho na minha bunda desde o dia em que você nos apresentou. Que mortal ousa se afastar da afeição de um deus?

— Um que não é brilhante, isto é certo. E o outro que você tortura?

Apollo hesitou. Embora confiasse em seu irmão na maioria das vezes, não estava disposto a contar a ninguém sobre o “bichinho de estimação” de Artemisa. Por mais que quisesse machucar Styxx por rejeitá-lo, ele queria o coração do Acheron em seu punho por ousar tocar em Artemisa e contaminá-la com sua sujeira. Mas infelizmente ele não podia matar um gêmeo sem matar o outro e começar uma guerra com sua irmã que ele não estava pronto para lutar. Infelizmente, precisava daquela cadela para viver... Então concordou com uma explicação menor.

— Dano colateral.

Dionísio arqueou uma sobrancelha ao ouvir aquilo.

— Você castrou o garoto por dano colateral? Droga, lembre-me de não te deixar puto.

Apollo deu a ele um olhar divertido.

— Não ia castrar aquele com quem estou dormindo. Gosto dele demais para isso.

Dionísio balançou a cabeça.

— Severo, irmão. Muito severo.

— Isso de quem envia loucura como punição? Eu não os fiz sacrificarem seus próprios filhos ou comerem as próprias partes do seu corpo.

— Como você diria, é nossa obrigação moral manter os humanos na linha.

Sim, era. E ele não estava cansado dos gêmeos didymosianos... não ainda. Não até que Acheron aprendesse a deixar sua irmã em paz e Styxx aprendesse a se curvar aos caprichos e à presença de Apollo com um sorriso.

* * *

Ryssa estava apavorada quando retornou ao seu quarto e entregou chorando seu filho para a enfermeira. O que ela iria fazer?

Ao contrário de seu pai, ela sabia quem era o real traidor. Se testemunhas viram alguém alto, loiro e parecendo com Acheron, era Styxx. Tinha que ser. Acheron não teria nada a ganhar com a morte do rei, além da vingança, e ele não era do tipo de pessoa para ir atrás de vingança por qualquer coisa.

Sem mencionar que Acheron nunca teria sido descoberto em público, especialmente em um grupo. Se ele tivesse feito isso, ele ainda estaria lá, caído de bruços, repelindo as pessoas dele.

— O que você fez, Styxx? — Ela sussurrou através do nó apertado em sua garganta.

Por que ele conspiraria contra seu próprio pai? Mas ela sabia. A história da humanidade era escrita por filhos e irmãos querendo mais e dispostos a fazer qualquer coisa para obtê-lo.

Até matar seus próprios pais.

— Tenho que encontrar Artemisa. — Mais ninguém poderia salvar Acheron desta loucura.

Ryssa se dirigiu à sua porta para partir, mas antes de dar três passos, as portas se abriram para admitir os mesmos guardas que prenderam Acheron.

— Sua Alteza, você está sendo levada para interrogatório.

Seu coração gelou com aquelas palavras.

— Interrogatório? Não pode ser.

Mas era. Rodeando-a com seus músculos e semblantes apavorantes, eles a levaram para o estúdio do seu pai onde ele esperava com Styxx. Ela nunca odiou mais o seu irmão.

Ela deu a ambos o olhar mais frio que pôde reunir.

— O que é isto, pai?

Ele parecia tão desgastado e exausto que ela se sentiu terrível por ele. Este era o pior tipo de traição. Suas belas feições estavam esticadas com tristeza.

— Por que você me trairia, filha?

Ela fez uma careta ao ouvir sua pergunta.

— Eu nunca fiz nada para trair você, papai... nunca.

Ele balançou a cabeça.

— Eu tenho uma testemunha que acabou de vir a frente e disse que você estava com Acheron ontem à noite quando ele planejou minha morte.

Ela nivelou um olhar mortal em Styxx. Ele é quem deve ser a pessoa que deu o nome deles. Não havia mais ninguém.

— Então eles estão mentindo como estiveram mentindo sobre Acheron. Eu estava com Apollo ontem à noite. Convoque-o e veja.

O rosto do Styxx ficou branco.

Então ele tinha pensado em se livrar dela também. Ela não podia acreditar na estupidez de seu pai no que dizia respeito a Styxx. Como podia ser tão cego a um vilão tão egoísta?

O alívio estava marcado na testa do seu pai quando se aproximou dela.

— Estou contente que eles estão enganados, gatinha. — Ele pousou uma mão gentil no rosto dela. — O pensamento de minha filha amada dando as costas para mim...

E o seu filho amado?

Ela olhou por cima de seu pai para ver Styxx olhando fixamente para o chão.

— Acheron é inocente.

— Não, filha. Não desta vez. Tenho muitas testemunhas que o viram lá.

Por que ela não podia fazê-lo ver a verdade?

— Acheron nunca estaria em um bordel, papai.

— Claro que iria. Ele trabalhou em um. Aonde mais ele iria?

Em qualquer lugar, menos lá. Seu irmão tinha odiado cada minuto de estar preso naqueles lugares, sendo forçado a se vender por comida e abrigo.

— Por favor, pai. Você já fez o suficiente com Acheron. Solte-o.

Ele sacudiu a cabeça.

— Há um ninho de víboras prontas para atacar ao meu redor, e até que eu descubra o nome de todos com quem ele falou, não vou parar.

As lágrimas encheram os olhos dela enquanto considerava o pesadelo que eles iriam colocar Acheron. Novamente. Desnecessariamente. Por que seu pai não podia ver a verdade?

— Os sacerdotes dizem que Hades reserva um canto especial do Tártaro para os traidores. Tenho certeza que o nome do seu traidor de verdade está sendo esculpido lá inclusive enquanto falamos.

Styxx se recusou a encontrar o olhar dela.

Então ela olhou de volta para seu pai.

— Em todos estes anos, Acheron não procurou nada além do seu amor, pai. Um momento de seu olhar para ele com algo diferente do ódio queimando em seus olhos. Nada além de uma palavra amável, e a cada passo você o negava e o feria. Você destruiu o filho que só queria te amar. Deixe-o ir antes de você fazer um dano irreparável, eu te imploro.

Mesmo assim, seu pai recusou.

— Ele me traiu pela última vez.

— Traiu você? — Ela perguntou, perplexa com seu raciocínio. — Pai, você não pode acreditar nisto. Tudo que ele tentou fazer foi ficar fora da sua vista. Longe de sua atenção. Ele se encolhe a qualquer hora que seu nome é dito em voz alta ou do Styxx, se é que isso importa. Se você parasse de ser tão cego por um minuto, veria que ele nunca se misturou voluntariamente com as pessoas e nunca traiu você.

— Ele era um prostituto! — Ele rugiu no seu rosto.

— Ele era um menino que tinha que comer, pai. Jogado fora por sua própria família. Traído pelas pessoas que deveriam tê-lo protegido do mal. Eu estava ali quando ele nasceu, e me lembro de como todos vocês se afastaram dele. Não é? Você se lembra quando quebrou o braço dele? Ele só tinha dois anos de idade e mal podia falar. Ele estendeu a mão para que o abraçasse e você bateu nele jogando-o longe com tanta força que quebrou o braço dele como se fosse um galho. Quando ele gritou, você deu um tapa nele por isto e foi embora.

— E é por isso que ele conspira seu assassinato, pai. — Styxx finalmente falou mais alto em um tom anasalado e choroso. — Não deixe uma mulher te balançar do que precisa ser feito. Mulheres são nossas maiores fraquezas. Tiram vantagem de nossa culpa e nosso amor por elas. Quantas vezes você me disse isto? Você não pode ouvi-las. Elas pensam com seus corações e não com suas mentes.

O rosto do seu pai se transformou em pedra.

— Eu não o deixarei escapar dessa vez.

As lágrimas corriam livremente pelo rosto dela por causa da cegueira do seu pai para o filho verdadeiro que ele tinha.

— Desta vez? Quando você sequer permitiu que Acheron escapasse de qualquer coisa?

Ela piscou para afastar as lágrimas dos seus olhos enquanto tentava fazê-lo ver razão.

— Cuidado com a víbora no seu armário. Isto não é outra coisa que você está sempre dizendo, pai? — Ela deu um olhar furioso e significativo para Styxx. — A ambição e o ciúme estão no centro de todas as traições. A ambição de Acheron é somente ficar fora de sua vista, e se ele tem ciúme, não seria direcionado a você. Mas sei de outro que ganharia imensamente em sua vida se você se for.

Seu pai deu um tapa nela com as costas da mão.

— Como ousa comprometer seu irmão?

— Eu disse a você, pai. Ela me odeia. Não ficaria surpreso se ela não tem se deitado com o prostituto também.

Ryssa enxugou o sangue de seus lábios.

— A única pessoa nesta família que eu conheço que se deita com prostitutas é você, Styxx. Eu me pergunto se foi Acheron quem supostamente foi visto em seu bordel favorito...— E com isso ela virou e saiu da sala indo para a rua a fim de encontrar Artemisa e parar isto antes que seja tarde demais e Acheron seja morto.

* * *

— Deixe-nos!

Acheron mal reconheceu o som da voz do seu pai através das dores cruéis e latejantes que torturavam seu corpo. Nenhuma parte dele foi deixada inviolada ou livre de abuso. Até piscar doía.

Uma vez que o quarto estava vazio, seu pai se aproximou de onde ele estava deitado em uma laje de pedra fria.

Para sua completa surpresa, seu pai trazia uma concha de água para ele. Acheron se encolheu, esperando que o rei o machucasse ainda mais com isto.

Ele não fez. Seu pai realmente ergueu sua cabeça e o ajudou a beber. Mas se não fosse matar o rei que o amado Styxx morresse, Acheron pensaria que envenenou isso.

— Onde você estava ontem à noite?

Acheron sentiu uma única lágrima deslizar do canto do seu olho pela pergunta que foi feita inúmeras vezes. O sal das lágrimas arderam nos ferimentos abertos em sua bochecha quando ele puxou uma respiração irregular e cheia de agonia. — Só me diga o que dizer, akri. Diga-me o que me impedirá de ser machucado ainda mais.

Seu pai rugiu com ira conforme golpeava a concha de pedra pelo rosto de Acheron.

— Quero os nomes dos homens com quem você se encontrou.

E ele não sabia os nomes dos senadores. Eles raramente ofereciam antes de eles o foderem.

E Artemisa nunca falaria em sua defesa. Se ele ventilasse uma única palavra de seu relacionamento para alguém, ela faria esta sessão de tortura parecer gostosa.

Acheron sacudiu a cabeça.

— Eu não me encontrei com ninguém.

Seu pai enterrou a mão no cabelo do Acheron e o forçou a olhar para ele.

— Dê-me a verdade. Maldito!

Perdido para a dor, Acheron lutou para pensar em alguma mentira que seu pai acreditaria, mas como aconteceu com o interrogador, ele voltou para a única verdade.

— Eu não fiz isto. Eu não estava lá.

— Então onde você estava? Você tem uma única testemunha de seu paradeiro?

Sim, mas ela nunca apareceria. Se ele fosse Styxx e um príncipe, a deusa não teria vergonha de seu relacionamento. Mas Artemisa nunca defenderia um prostituto sem valor. — Tenho apenas minha palavra.

Seu pai rugiu de raiva. Ele estendeu a mão para ele, mas antes que pudesse fazer contato, congelou no lugar.

Acheron prendeu a respiração enquanto tentava entender o que estava acontecendo. Um momento mais tarde, Artemisa apareceu ao lado dele.

Atordoado, ele não podia fazer nada além de olhar fixo para ela.

— Sua irmã me disse que eles o acusaram. Não se preocupe, seu pai não terá nenhuma memória disso. Nem seu irmão.

Acheron engoliu em seco enquanto tentava entender o que ela estava dizendo.

— Você está me protegendo?

Ela assentiu. Um momento depois, ele tinha retornado ao seu quarto e estava curado. Acheron deitou de volta em sua cama, mais agradecido que as palavras poderiam expressar. Mas mesmo assim não apagou a dor do que ele atravessou. Nem o fato de que Styxx estava planejando derrubar seu próprio pai. O pai que o amava mais do que o ar que respirava.

O quanto Styxx podia ser egoísta? Seu pai o adorava... dava-lhe tudo que ele queria e ainda não era suficiente.

Styxx queria... não, ele exigia tudo.

O que vou fazer?

Artemisa se materializou ao lado dele. Sua expressão era triste quando ela escovou o cabelo para trás do seu rosto.

— Ryssa vai se lembrar de nós? — Ele perguntou a ela.

— Não. Deste momento em diante ela nem se lembrará que você e eu nos conhecemos.

Isso era o melhor.

Acheron olhou fixamente para Artemisa, espantado com o que ela fez. Não, ela não veio por ele, mas ela o salvou. Era um grande avanço desde a última vez que ela o deixou para o “terno” cuidado deles e ele foi castrado.

— Obrigado por vir por mim.

Artemisa pôs a mão no seu rosto.

— Eu queria poder levar você daqui.

Ela era a única pessoa que podia fazer isto. Mas seu medo de ser pega com um prostituto desprezível era muito grande. E talvez ela estivesse certa. Que bem faria para ela ser arruinada por ele?

Ele não valia isto.

Acheron a beijou nos lábios embora ainda estivesse frio por dentro. Ele não tinha nenhum lugar para ir e estava doente e cansado de estar aqui com as pessoas que o odiavam.

Eu quero ir. Mas toda vez que ele tentava se matar, era parado.

Por causa de seu irmão idiota.

Acheron congelou ante aquele pensamento.

Styx...

Em um piscar de olhos a resposta mais simples para sua situação veio a ele. Por que nunca pensou nisso antes? Não era a si mesmo quem precisava matar.

Afastando-se de Artemisa, ele segurou a mão dela.

— Você deveria ir antes que alguém tropece aqui.

— Verei você amanhã.

Não se ele conseguisse o que queria.

— Amanhã.

Acheron observou enquanto ela desaparecia, e no segundo em que ela se foi, ele imediatamente fez planos para o que estava por vir.

Seu pai se recusou a deixá-lo morrer já que sua vida estava ligada a de Styx, quem estava conspirando a morte de seu pai.

A resposta era tão simples.

Se ele matasse Styx, seu pai estaria a salvo e Acheron estaria livre.

Paz. Ele finalmente teria paz desta existência infernal.

19 de fevereiro de 9527 a.C.

Styxx franziu o cenho enquanto se preparava para deitar. Alguma coisa ficou fora do ar o dia todo. Ele se lembrou de deixar Bethany e então...

Havia uma lacuna significativa em sua memória. O tipo que só experimentou sempre que seu tio o drogava ou um dos deuses faziam algo com ele que eles não queriam que ele se lembrasse — e isso era o que o preocupava mais. Por que alguém mexeu com sua memória?

Quem mexeu com isso?

Mais importante, o que aconteceu durante aquelas horas perdidas?

Sua mandíbula doía como se tivesse levado um soco, mas ele não tinha nada mais para responder suas perguntas. Franzindo o cenho, continuou tentando juntar os pedaços do dia. Como ele chegou da escada do palácio até adormecer com roupas limpas no chão do seu quarto? Se não fosse um servo vir acordá-lo para jantar, ele ainda poderia estar dormindo ali.

Não fazia sentido. Ninguém mais parecia ter notado qualquer coisa fora ou estranha. E por causa do seu passado, ele não podia não ficar sem saber o que aconteceu durante aquelas horas perdidas de sua vida.

Não existe nada que você possa fazer.

Ainda assim, isso o incomodava. Terminando seu vinho, foi para a cama esperando que ele dormisse a noite toda pelo menos uma vez.

Mas ele não caiu nessa.

As únicas vezes que ele tinha algum tipo de sono tranquilo era com Bethany.

Ele se arrastou para a cama e suspirou. Mais quatro dias até seu retorno. Fechando seus olhos, ele se concentrou nela e fez o melhor que podia para calar todo o resto.

* * *

Styxx acordou para uma dor cortante e feroz. Ofegando, ele abriu os olhos para ver uma sombra cambaleando para longe de sua cama quando algo morno esguichou do seu peito.

Sangue. Alguém o apunhalou enquanto ele dormia... A ira o consumiu. *Covarde do caralho! Ninguém me mata e vive!*

Determinado a marcar seu assassino, Styxx puxou o punhal do seu peito e disparou da cama atrás dele. Mas a dor era tão intensa que ele mal podia respirar. O sangue derramava por cima dele enquanto cambaleava da cama. Ele foi lançar o punhal, mas suas pernas fraquejaram.

Ele bateu duro no chão. Repetidamente ele reviveu aquele momento quando Stygian Omada retornou para Atlântida e foi emboscado pelos thracianos...

Estou morrendo. Ele sabia disso. O que significava que Acheron devia estar morrendo também.

O ferimento atravessou direto seu coração e rompeu uma artéria. Era a única explicação para esta quantidade de sangue sendo perdida rápido. Lágrimas encheram seus olhos quando pensou em sua Bethany.

Como era cruel perdê-la agora.

Ele lutou com Thanatos o mais duro que pôde. Mas no fim, apesar de todos os esforços, ele expeliu um último suspiro e tudo ficou escuro.

* * *

Styx acordou com um gemido agudo e doloroso. Completamente desorientado, ele franziu o cenho pela quantidade de sangue no chão e em seu corpo. Fazendo uma careta, ele tocou o ferimento que estava diretamente acima de seu coração. Sangue ainda escorria para fora, mas pouco, comparado a antes.

Seu assassino ficaria chocado quando soubesse que falhou. O covarde deve ter verificado sua pulsação, já que agora ele estava de costas e caiu de bruços.

Pelo menos ele sabia que Acheron não estava morto.

Sem saber quanto tempo tinha se passado desde o ataque, Styxx temeu pelo resto de sua família. O atacante pode ter ido atrás de seu pai, irmã ou Apollodorus. Ele tinha que se certificar que eles estavam protegidos.

Ignorando a dor no peito, ele se forçou a levantar e agarrou o manto vermelho que Gaius e seus homens lhe deram. Pegou sua espada, então dirigiu-se ao quarto do seu pai.

Ele contornou os guardas cochilando no corredor e abriu as portas.

— Pai?

Grogue, o rei se empurrou para longe da jovem escrava nua na sua cama e olhou de cara feia para ele.

— O que isto significa?

Styx puxou o manto de lado para mostrar o sangue.

— Alguém tentou me matar enquanto eu estava dormindo. Eu quis me certificar que eles não vieram atrás de você.

Seu pai empalideceu com a visão.

— Você vive?

Obviamente.

De alguma maneira ele conseguiu reprimir o sarcasmo antes de responder.

— Sim.

Styxx andou para longe da cama e despertou os guardas que finalmente acordaram e se juntaram a ele nos aposentos do rei.

— Você, — ele disse ao da direita —, seja firme e proteja seu rei. Você, acorde os outros para uma busca. Fechem o palácio até que tenhamos olhado em todos os lugares pelo meu atacante.

Enquanto eles seguiam seus comandos, Styxx foi direto para os aposentos de Ryssa.

Ele checou Apollodorus primeiro. O bebê estava dormindo com sua enfermeira. Styxx deixou dois guardas com eles enquanto um alarme soava para os outros, então entrou no quarto de Ryssa. Ela estava tão imóvel e pálida que pânico o agarrou. Estava morta?

Suavemente, ele tocou em seu braço.

Ela despertou com um grito alto feroz.

Styxx respirou com alívio, até que ela deu um tapa nele duas vezes por acordá-la tão rudemente.

— O que você está fazendo aqui a esta hora? Como se atreve a invadir meu quarto sem ser convidado! Quem você pensa que é? Está tentando me matar de susto?

Ele rangeu os dentes conforme sua bochecha ardia.

— Não, querida irmã. Eu não estava tentando te matar. Eu fui apunhalado durante o sono e queria verificar que você não foi atacada também.

Os olhos dela arregalaram quando viu o sangue nele.

— Acheron! — Ela se arremessou da cama e agarrou um manto vermelho. Estava tão preocupada com Acheron que nem se incomodou de fechar a porta.

— Siga a princesa. — Styxx ordenou ao guarda mais próximo dele. — Não a deixe fora de sua vista.

Ela nem sequer perguntou se eu estava bem.

Embora ele estivesse coberto de sangue. Nem se desculpou por esbofeteá-lo quando tudo que fez foi vir para garantir sua segurança...

Aquilo doeu profundamente enquanto ele rapidamente fazia uma busca no quarto dela para ter certeza que estava limpo. Deixou um guarda postado nele então foi verificar seu irmão. Ele estava bastante certo que Acheron estava ileso já que Styxx não sentiu nenhuma dor e vivia.

— O que você quer dizer?

Styxx parou quando ouviu a pergunta de Acheron. Ele olhou de relance para seus dois irmãos, e a preocupação no rosto da Ryssa por seu irmão enquanto suas próprias bochechas ardiam de seus bofetões o cortou profundamente. Não tinha como dizer o quanto elas estavam vermelhas. Não que ela se importasse. Ela nunca daria a ele um único pensamento amável.

Acheron encontrou seu olhar por cima da cabeça de Ryssa. O pânico naqueles olhos prateados foi como sentir um pontapé na virilha. Ele provavelmente teme que eu vá culpá-lo por isto. Mas Styxx não era Ryssa. Sendo aquele que recebia muitas alegações falsas, tentou não tirar conclusões precipitadas sem provas concretas. Mas, como defensor de Didymos, era sua responsabilidade manter sua família segura.

— Encontre meu atacante. — Ele ordenou ao novo grupo de guardas, correndo em direção a eles. — Eu o quero agora. Está me ouvindo? Procure em todo canto até que o tenhamos.

— Você viu alguém? — Ryssa perguntou a Acheron.

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu estava no meu quarto.

Styxx começou a se afastar então parou quando uma nova ameaça passou por ele. Ele tendia a esquecer que Acheron não era treinado na batalha. Alguém podia matar seu irmão.

— Guardas! — Ele chamou outro grupo que entrou no corredor. Gesticulou para seu irmão, quem deu um passo atrás com medo como se pensasse que Styxx poderia prendê-lo sem motivo... como seu pai fez.

Esse medo fez seu coração apertar. *Eu nunca te machucaria voluntariamente, Acheron. Maldita seja você, Ryssa, pelas mentiras que diz contra mim.*

Deprimido, ele apontou para Acheron.

— Guarde-o. Quero alguém em suas costas o tempo todo.

Sabendo que seus irmãos não queriam que ele os perturbasse, Styxx foi ajudar a procurar pelo resto do palácio.

Assim que alcançou as escadas, viu Galen irrompendo pelas portas principais como se Cerberus estivesse em seus calcanhares. O alívio espalhou por suas feições grisalhas no minuto em que viu Styxx no patamar. Galen subiu dois degraus de cada vez até que estava na frente dele.

Colocando suas mãos nos ombros de Styxx, ele esquadrinhou seu corpo com uma careta severa.

— Bons deuses, filho! Você não devia estar em pé. Onde você foi atingido? Onde está o médico para você?

Lágrimas o sufocaram pela preocupação de Galen. Em um palácio cheio de pessoas, só Galen se deu ao trabalho de perguntar por seu bem-estar. Ele abaixou a gola do seu manto para mostrar o ferimento.

— Já tive pior.

Galen bufou.

— Sim e não. Isso precisa de costura. — Ele agarrou um jovem guarda que estava subindo as escadas. — Vá buscar o médico e mande-o ao quarto do Príncipe Styxx. Rápido, droga, rápido! — Então ele tomou o braço do Styxx e o puxou de volta corredor abaixo.

— Eu estava procurando pelo meu atacante.

— Você o viu? — Galen perguntou.

— Não. Para falar a verdade não.

— Então você não é bom em uma busca, não é?

— Sim, mas...

— Nada de mas. — Galen o forçou a entrar no seu quarto. — Sua Bethany arrancaria nossa pele se visse você fazendo buscas com um ferimento assim. E você está coberto de sangue. Vamos te limpar.

Styxx não teve escolha enquanto Galen o arrastava para se banhar na tina e o ajudou a lavar o ferimento.

— Onde está seu pai?

— Eu o deixei em seus aposentos com seus guardas.

Galen olhou de relance para sua câmara vazia.

— Quem está guardando você?

Styxx segurou sua espada para cima de onde descansava no chão ao lado de Galen.

— Eu.

Galen zombou enquanto dava uma olhada no ferimento e tomou a espada da mão cheia de cicatrizes do Styxx.

— E você está fazendo um belo trabalho disto, devo dizer. Por que não havia um guarda na sua porta?

Styxx sibilou quando a água morna queimou o ferimento.

— Você sabe que não gosto de pessoas ao meu redor.

Galen arqueou uma sobrancelha com aquilo.

— E ainda assim tolera meu lamentável traseiro.

— Você é divertido.

— Continue me insultando e eu mesmo vou costurar sua ferida. Sei o quanto você gosta disso.

Styxx bufou quando se lembrou de todas as vezes que ele amaldiçoou Galen enquanto o velho homem costurava seus ferimentos depois da batalha.

— O que eu posso dizer? Seu toque delicado arde.

A risada rouca e rude de Galen se fundiu em um olhar implacável enquanto ajudava Styxx a sair da água e ir para a cama.

— Eu não quero que você volte a dormir sem pelo menos dois homens em sua porta. Estarei fazendo rondas aleatórias e se eu achar sua porta desprotegida novamente, vou começar a ficar nos pés da sua cama de noite. Durante a noite toda.

Apollo adoraria isto. O que era parte da razão que Styxx não queria ninguém na sua porta. Isso e ele podia ouvir seus pensamentos.

Mas Galen estava certo. Depois disso ele não podia se dar ao luxo de ser estúpido.

— Sim, senhor.

Galen rosnou enquanto olhava pelo quarto e especialmente na enorme mancha de sangue nos seus lençóis e no chão ao lado da cama.

— Onde está o maldito médico? Você já poderia ter morrido sangrando. — Então sua carranca se aprofundou quando percebeu que eles estavam no quarto sozinhos. *Onde estava seu pai? Que tipo de homem não se preocupa em checar seu próprio filho quando ele está perto de ser assassinado enquanto dorme? Não admira ele não se importar com o assassinato do meu menino. Ele não podia se importar menos com o dele.*

Sacana estúpido.

Quando ele olhou para trás, Styxx teve o cuidado de manter sua expressão em branco.

— Posso pegar alguma coisa para você? — Galen perguntou.

— Estou bem.

O médico entrou. Galen ficou enquanto Styxx era costurado, então depois Galen foi ajudar na busca.

* * *

Horas mais tarde depois que Styxx, apesar das ameaças terríveis de Galen, tinha voltado à busca por seu atacante, era óbvio que o culpado escapou. Droga. Aconteceu tão rápido e inesperadamente que ele não viu o menor detalhe sobre quem foi.

Na volta aos seus aposentos, Styxx parou quando viu Acheron retornar ao seu próprio quarto. Sozinho. Completamente vestido e usando um manto e calçados, Acheron obviamente esteve do lado de fora do palácio.

— Onde você estava?

Acheron olhou para ele.

— Você não é meu dono. Não te devo nada. — *Bastardo.*

Styxx manteve seu temperamento sob controle.

— Não, não deve. Mas você deve ter cuidado. Meu atacante poderia vir atrás de você.

Graças aos deuses que você não me viu.

Aquele pensamento inesperado golpeou-o mais forte do que Ryssa fez.

— Tomarei cuidado para que isso não aconteça comigo. — Acheron murmurou enquanto se dirigia para as escadas.

— Acheron?

Ele fez uma pausa para olhar de volta para ele.

Styxx não tinha certeza do que dizer. Queria perguntar se Acheron o matou. Se seu irmão descobriu a verdade que Styxx soube naquela tarde quando ele encontrou Bethany pela primeira vez. Que ele não podia morrer a menos que Acheron morresse.

Se Acheron sabia, não deixou transparecer nada enquanto esperava que Styxx falasse.

— Durma bem.

Acheron franziu o cenho para ele antes de virar e continuar seu caminho sem responder.

23 de fevereiro de 9527 a.C.

Bethany não queria nada mais do que ver seu príncipe. Ela teve o suficiente de Archon e os outros, furiosos com o fato de que ninguém podia achar Apostolos e que eles só tinham poucas semanas até que Apollymi saísse de sua prisão querendo suas gargantas coletivas. Se eles continuassem assim, ela se mudaria para o Egito e acabaria com todos eles.

Ela empurrou a porta da cabana abrindo-a. Dynatos correu adiante, latindo alegremente.

— Styxx?

— Bem aqui, doçura. — Ele a puxou gentilmente contra ele e abraçou-a.

— O que aconteceu?

— Nada.

— Não minta para mim. Posso sentir isto no modo que você me toca. O que está errado?

Styxx rangeu os dentes então sorriu. Nunca poderia esconder seus sentimentos dela. Ela tinha um modo misterioso de ver cada emoção como se pudesse ler seus pensamentos, assim como ele lia o de todo mundo, menos o dela.

— Acho que meu irmão tentou me matar enquanto eu dormia.

— O quê?!

— Não ventile uma palavra disso para ninguém, por favor. Eu não tenho provas, e a última coisa que quero é vê-lo ferido por causa de uma suspeita que pode ser falsa.

Tremendo por causa dele, ela correu suas mãos pelo corpo dele, buscando uma lesão.

— Você foi ferido?

— Apunhalado.

— Onde?

Ele tomou sua mão e levou-a até os pontos.

Ela prendeu a respiração bruscamente pelo local.

— Seu coração?

— Não. Meu coração está aqui. — Ele colocou a mão no próprio peito dela.

— Você não é engraçado.

Ele a puxou de volta para dentro de seus braços e deitou sua cabeça no ombro dele.

— Só me abrace um pouquinho. Por favor.

Seu humilde e sincero pedido trouxe lágrimas aos seus olhos. Ela afundou as mãos em seu cabelo que estava lentamente crescendo e o abraçou. Ele precisou dela e mais uma vez não estava aqui para ele porque estava fora com os outros. Deu-lhe náuseas que o desapontou novamente. No entanto, ele não disse nada sobre isto.

E como os minutos passaram e ele não se retirou, ela percebeu o quanto ele estava ferido realmente. Não fisicamente, mas emocionalmente. Quem podia culpá-lo? Se ele estivesse certo, sua própria família tentou matá-lo enquanto dormia. Não admira que o homem tivesse tanta dificuldade para dormir.

— Você contou a Galen sua suspeita?

— Não. Tive medo. Como disse, não tenho nenhuma prova concreta e realmente não consegui dar uma olhada no meu atacante.

O que significava que ele não conversou com ninguém sobre isto, mas em vez disso viveu em um silêncio atormentado.

— Quando isto aconteceu?

— Quatro dias atrás.

Ela cerrou os dentes de raiva por ele ter ficado tanto tempo sozinho.

— Eu sinto muito, Styxx.

— Não existe nada para você se desculpar. Você não me apunhalou, não é?

Ela rosnou pela sua pergunta ridícula e a ignorou.

— Você foi ferido e eu não estava aqui.

— Você estava com sua família. Eu entendo.

Ele sempre dizia isso, como se fosse mais importante que ela honrasse aquela obrigação acima do amor que tinha por ele.

— Você é minha família também.

— Está tudo bem, Beth. Sério.

Lágrimas a sufocaram enquanto se agarrava a ele. Ele era a família dela agora... mais do que ele sabia. Ele era o pai de seu filho por nascer, mas não podia dizer a ele ainda. Era muito cedo.

Ela só descobriu isto ontem. Há algumas semanas não se sentia bem, o que era extremamente incomum para uma deusa. Então duas noites atrás ela sonhou com seu filho. Ele tinha cabelos loiros como seu pai com olhos azuis e um sorriso lindo, e estava usando um elmo grego... uma versão muito pequena de seu pai nobre.

Ela o concebeu quando Styxx esteve em seu templo oito semanas atrás, e seu filho nasceria em quatro de outubro. Ela queria tanto contar a Styxx que era uma dor física. Mas estava apavorada de como ele poderia reagir. Por muito tempo Apollo e os outros deuses jogaram com sua vida. Como reagiria quando soubesse que sua humana cega pescadora era uma deusa de dois panteões, muito mais forte que Apollo?

Embora Styxx ainda pudesse amá-la, ficaria esmagado porquê ela mentiu para ele. Ou pior, poderia culpá-la por não ajudá-lo a combater Apollo ou lutar contra Styxx e seu povo na guerra com Atlântida.

Pela forma como ele reagiu em seu templo quando descobriu seu emblema...

Era possível que a odiasse para sempre. Sem falar o que o panteão de sua mãe fez com ele durante o ano em que o ignorou e não prestou atenção neles. Ele tinha todo o direito de usar isso contra ela. Sua inegável estupidez não merecia nada menos.

E eventualmente ela teria que contar a verdade a ele, porém hoje não era o dia. Hoje ela queria se concentrar nele e em suas necessidades.

Dentro de algumas semanas, ela contaria a ele sobre o bebê deles. Então mais tarde, confessaria o resto. Só esperava que ele desse boas-vindas à notícia de seu filho.

Eles realmente nunca falaram sobre crianças. E pela brutalidade da própria infância dele, ela se manteve distante do tópico por respeito à sua dor. Mas ele deve ter pensado sobre isto. Como herdeiro de Didymos, esperava-se que ele tivesse filhos um dia. Ainda que fosse estranho que ele nunca mencionou isto para ela.

Levantando-se na ponta dos pés, Bethany encostou seu rosto no dele.

— Eu amo você, Styxx.

Ele embalou a cabeça dela na sua mão.

— Eu te amo. Sempre vou amar.

Ela sorriu e rezou para que assim que soubesse toda a verdade a respeito dela e o que o seu descuido fez para ele, que continuasse a se sentir assim.

10 de março de 9527 a.C.

Apollo congelou quando ele avistou Artemisa na floresta fora de seu templo olímpio com Acheron. Os dois estavam rindo em quanto caçavam cervos no seu campo sagrado. Fúria acendeu dentro dele. Como se atreve, sua irmã gêmea a prostituir-se com um bastardo.

Uma prostituta, nada menos.

Isso era ruim o suficiente, mas o fato de que ela ousou trazê-lo aqui aumentou sua ira. Doeu e o enfureceu que Artemisa tivesse interferido com Eris na conspiração de Poena de ter o rei punindo seu precioso prostituto por traição. Toda vez que ele se virou, ela estava guardando aquele bastardo. O fato de que ambos os didymosianos continuaram a escapar de sua ira e de seus planos foi sempre uma irritação que comia seu intestino.

Ninguém o desafiava.

Nunca.

Incapaz de suportar por mais um batimento cardíaco, ele se teletransportou para Didymos onde Styxx estava deixando as sessões do tribunal semanais com o pai. O príncipe caminhou atrás do rei com um semblante triste que dizia que ele estava precisando de mais fibra em sua dieta.

— Styxx?

Ele fez uma pausa quando seu pai se virou para ele, enquanto sua comitiva continuou para dar-lhes privacidade.

— Senhor?

— Sua irmã ainda está com raiva de você. Eu estava pensando que você precisa fazer algo para acalmá-la.

Um tic começou na mandíbula de Styxx.

— O que você quer que eu faça?

— Talvez um presente? Certamente, tão inteligente como você é, pode pensar em algo que pudesse agradá-la.

— Eu vou ter o meu coração cortado e entregue a ela imediatamente em seguida.

O rei franziu os lábios em repulsa.

— Estou cansado de sua cara, rapaz. Você faria bem em restringir isto.

— Perdoe-me, Majestade.

Mas seu tom disse que ele estava nada senão arrependido. Foi o mesmo tom que motivava Apollo para qualquer momento de violência, que o príncipe usou com ele.

O rei estreitou os olhos ainda mais.

— E por falar em seu rosto... Como vão as reparações com Apollo ?

O tic pegou seu ritmo conforme Styxx desviou o olhar.

Antes que o príncipe pudesse falar, Xerxes agarrou Styxx e bateu-o contra a parede, em seguida, rosnou em seu ouvido.

— Eu quis dizer o que disse a você, rapaz. Estou cansado de sua insolência e não vou tolerá-las mais. Se precisar, vou colocá-lo de joelhos na frente de Apollo e ter a certeza de que você irá agradá-lo. Você entendeu?

— Sim, Majestade.

O rei bateu-lhe com força no meio do peito, em seguida, virou-se e deixou-o.

Apollo esperou até que o rei e sua comitiva houvessem desaparecido antes de se materializar diante de Styxx que ainda estava esfregando a área onde seu pai o havia atingido.

Styxx amaldiçoava conforme Apollo o prendia em um canto escuro. *Apenas o que eu precisava para piorar meu dia péssimo dia...*

— Minha irmã está no quarto dela.

E Apollo perguntou para ele.

— Eu acho que você sabe que ela não é o que quero.

Claro que não. Ninguém, a não ser Acheron e sua mãe embriagada, poderia tolerar Ryssa por muito tempo.

Styxx tentou dar um passo ao redor do deus que ele mais odiava.

— Eu não estou com humor para entretê-lo.

Quando ele começou a passar, Apollo o estapeou com tanta força que ele bateu na parede de novo.

Lambendo o sangue em seus lábios, Styxx quase retaliou, mas se conteve. Enquanto ele poderia lutar contra Apollo e até ganhar, o deus já tinha mostrado a ele como era fácil arrancá-lo de sua vida, se não fosse mais esperto. Como era fácil colocar um impostor como Príncipe Styxx, e, enquanto ele não poderia se importar menos sobre sua família, ele se importava com Bethany.

Um impostor poderia machucá-la ou o substituir em sua cama. Pior de tudo, o impostor poderia fazê-la odiá-lo ao ponto de ela deixá-lo para sempre e nunca mais voltar.

Ele nunca daria uma chance disso acontecer. Não importa o que, mesmo se ele tivesse que se curvar a Apollo.

Sem escolha, Styxx voltou-se para o que tinha sido treinado para fazer em Atlântida.

Sobreviver.

Entorpecendo de si mesmo, ele baixou o olhar para o chão.

— Minha vontade é a sua vontade, akri.

Um sorriso curvou nos lábios de Apollo.

— Bom.

Ele envolveu sua mão ao redor do pescoço de Styxx e empurrou-o em seus braços. Cruelmente, ele afundou suas presas no jugular do Styxx.

Styxx gritou quando a dor explodiu por ele. Mas Apollo não teve misericórdia. Por alguma razão, o olímpio estava furioso hoje e Styxx era o seu bode expiatório escolhido.

Pense em Beth...

Pelo menos agora, teria os braços dela para confortá-lo, uma vez que acabasse.

12 de março de 9527 a.C.

Styxx ouviu uma batida em sua porta, mas estava com muita dor para responder. Não tinha certeza em qual momento Apollo terminou com ele e o teletransportou para sua casa. O tempo no Olimpo se movia de forma muito diferente do que o tempo daqui. Honestamente, sentia-se como se tivesse estado com Apollo por mais de um mês. Não tinha ideia do que irritou o olímpio, mas o que quer que tenha sido, ele tinha descontado pedacinho por pedacinho com Styxx.

Alguém puxou as cortinas de suas janelas, derramando luz solar áspera através de seu quarto. Assobiando, Styxx mudou-se para cobrir os olhos com o braço, em seguida, gemeu com mais dor o devastando.

— Levante-se! Você inútil, filho da puta!

Seu pai rosnou, antes de jogar um balde de água sobre ele.

Styxx engasgou com a frieza que fez seus cobertores ainda mais pesados em seu corpo machucado. Ele estava tremendo e sofrendo tanto que mal podia respirar, não importava o movimento.

Quando seu pai deu um passo para tirá-lo da cama, ele ouviu a voz de Galen na porta.

— Majestade? Há algo errado?

Agora que eles tinham uma testemunha para sua crueldade, seu pai o puxou de volta.

— O que você está fazendo aqui?

— Sua Alteza foi gravemente ferido e quis passar por aqui e ver como está.

Só então seu pai olhou para ele e viu seus hematomas e cortes que cobriam seu corpo.

— O que aconteceu com você?

— Ele caiu no celeiro dos estábulos, — disse Galen antes Styxx conseguisse pensar em sua própria mentira.

Finalmente, um pouco de compaixão encheu os olhos do pai.

— Você deve ter cuidado... vou ter seus compromissos redefinidos para amanhã.

Styxx limpou o sangue e água em seu rosto.

— Obrigado, Majestade... por sua bondade magnânima.

Desta vez, o pai pegou o sarcasmo em seu tom. Seu olhar prometeu retaliação mais tarde. Sem outra palavra, ele saiu do quarto.

Tremendo, Styxx tentou encontrar uma parte de sua cama que não estivesse molhada.

Galen colocou seu manto sobre os ombros, em seguida, tirou a roupa molhada do colchão.

— Fique quieto, rapaz.

Ele empilhou a roupa em um canto antes de deixar o quarto.

Poucos minutos depois, ele voltou com mais cobertores.

— Obrigado, Mestre Galen... por tudo.

Galen inclinou a cabeça para ele.

— Acho que o rei descobriu que reduzi as obrigações anuais dos soldados ou aumentei pagamento para aqueles que desejavam mais?

— Isso seria o meu palpite para este ataque.

Franzindo o cenho, Galen inspecionou as marcas de mordida no pescoço de Styxx e as contusões que o cobria.

— Eu pensei que Apollo tinha libertado você.

— Eu também. Aparentemente, fomos enganados.

Galen amaldiçoou em voz baixa.

— Eu sabia que algo estava errado quando você perdeu o treino de ontem e ninguém sabia onde estava.

— Que dia é hoje?

— O meio da semana.

Styxx soltou um suspiro aliviado, pois ele só tinha ido embora um dia e meio. Este tempo.

Bom.

Galen suspirou enquanto ele continuava a inspecionar os ferimentos de Styxx.

— Você já comeu?

Ele balançou a cabeça.

— Eu tenho algumas maçãs na minha gaveta da mesa.

Seu mentor foi recuperar duas e entregou a ele.

— Mastigue essas, Alteza, e vou estar de volta em poucos minutos com algo mais substancial para você.

— Mais uma vez, obrigado, Galen.

Galen deu um tapinha de leve no ombro antes de sair.

Inclinando-se para trás com outro gemido, Styxx mordeu sua maçã e fez uma careta pelos dentes que Apollo tinha soltado. Ele daria o crédito ao bastardo, ele podia bater.

Ele testou os dentes com os dedos, em seguida, fez uma careta. Pelo menos Apollo bateu apenas nele e deixou sua irmã sozinha. Até onde ele podia dizer, Apollo nunca tinha atingido Ryssa. Mas ele estava ficando muito cansado de ser bode expiatório do olímpio.

Tinha que haver alguma maneira de enfraquecer o deus e sair de seu domínio.

De alguma forma, ele estava indo para encontrá-lo e mostrar ao bastardo o que era a sensação de ser amarrado e ser socado ao redor. Mesmo que levasse dez mil anos, ele se vingar de Apollo.

De uma forma ou de outra.

23 de março de 9527 a.C.

Bethany manteve seu aperto na coleira de Dynatos conforme ele a guiava para a arena de treinamento onde sabia que Styxx estaria com Galen. No momento em que entrou na área, ela ouviu os sons metálicos de espada e escudo, bem como insultos dos homens de boa índole para as habilidades de cada um.

— Você bate como uma mulher velha.

— Pelo menos eu sou velho. Qual é a sua razão, rapaz?

Dynatos latiu, se livrou de seu aperto e correu para frente. Seu coração parou.

— Dyna!

Ela ouviu os sons do ataque de Dynatos. Galen praguejou e vaiou enquanto Styxx ladrrou tão alto quanto o cão.

— Para baixo, Dyna, para baixo! — Styxx estalou.

De repente, Styxx estava ao seu lado com Dynatos. — Seu cão não gosta de Galen me batendo.

— Eu não gosto de Galen batendo em você.

Styxx a beijou levemente nos lábios com Dynatos caminhando entre eles, enquanto mantinha a mão esquerda firmemente na coleira do cão para que ele não atacasse Galen novamente.

Afundou a mão no cabelo molhado e úmido de Styxx então fez uma careta.

— Ew! Você está todo suado.

— Você não se queixa sobre o meu suor quando estamos sozinhos e nus.

— Você não cheira como o traseiro de seu cavalo quando estamos sozinhos e nus.

Styxx riu. — Pelo menos você não me chamou de mulher velha.

— Bom dia, Lady Bethany.

Ela sorriu quando ouviu abordagem de Galen ao lado deles.

— Oi, Galen.

— Você gostaria de me passar a sua xiphos e hoplon, meu senhor?

Ela parou Styxx quando ele se mudou para entregá-los. — Na verdade, eu vim para ouvir vocês dois praticarem. Não me deixe interrompê-los. Eu prometo que vou manter Dyna fora do campo.

Galen bufou. — Pela expressão apaixonada no rosto de Styxx, ousou dizer que ele vai ser um adversário ainda pior do que o normal.

Styxx fingiu um riso. — Obrigado por me fazer parecer heroico à minha mulher, Galen. Você poderia pelo menos mentir para ela e dizer-lhe como destemido sou.

— Como um leão... filhote. Todos os rugidos, com poucos dentes de bebê para morder.

Ela riu deles e sua provocação suave, depois beijou Styxx na bochecha.

— Eu sei como você é feroz, meu amor.

Styxx entregou seu escudo a Galen e piscou para ele.

— Eu acho que vou dar ao velho um descanso antes que ele caia de exaustão.

— Não dê ouvidos a ele. É a sua própria dignidade que ele está tentando salvar, minha senhora. Vou colocá-los afastado para não constrangê-lo ainda mais com as suas habilidades inferiores. Tenha um bom dia.

Styxx pegou a mão dela e puxou-a para seu vestiário. — Tem alguma coisa errada?

— Por que você acha isso?

— Você nunca vem aqui, e eu deveria te encontrar duas horas na cabana.

— É verdade... Mas eu não podia esperar.

— Por quê? Ele soltou a mão dela e começou a despir-se.

Ela estendeu os braços e girou-se para os lados.

— Notou algo diferente em mim?

Seu corpo endureceu com a visão de sua brincadeira que o recordava a uma de suas danças egípcias sensuais.

— Você é mais bonita do que a última vez que te vi?

Ela sorriu para ele. — Eu te amo... mas não. Tente novamente.

Styxx franziu a testa enquanto tentava discernir isso. Seu cabelo estava enrolado hoje, mas ela fazia muito isso, e era a mesma tiara ornamentada de ouro que sempre usava quando ela os reunia até o topo da cabeça. Ela usava brincos, o que normalmente não usava, mas ele tinha visto aqueles antes, também. Ela tinha pintando os olhos com kohl, mas novamente, muitas vezes ela

usava cosméticos egípcios. Sua pele era tão luminescente como sempre. Seus olhos tão dourados tingidos pelo verde. Seus lábios pitados e brilhantes, com cera de abelha.

Ao contrário dele, ela cheirava maravilhosamente... Mas era o mesmo cheiro de lírios e de eucalipto.

Por sua vida, que ele não podia ver uma diferença em tudo. Exceto... Talvez ela tivesse ganhado um pouco de peso, mas ele sabia por Ryssa, nunca fazer observação sobre oscilações de peso de uma mulher. Ele não possuía armadura o suficiente para uma marca particular de estupidez.

Ele colocou seu elmo no manequim depois foi para desatar seus torresmos.

— Novo vestido?

— Uma vez que você está tendo problemas com isso, vamos tentar um enigma. Quando é que um e um somam três?

Styxx congelou quando ele percebeu o que ela estava tentando dizer a ele. Por um minuto, ele não podia respirar enquanto sua notícia batia nele como um martelo de ferro.

Ela fez uma careta.

— Você ainda está aqui?

— Eu estou.

Receio venceu sua testa.

— Você não está feliz?

Ele pegou sua mão e levou-a para seu rosto para que ela pudesse sentir seu sorriso, em seguida, beijou sua palma. — Eu nunca estive mais feliz em toda a minha vida. — Ele a beijou outro lado, em seguida, ajoelhou-se na frente dela.

Ela fez uma careta.

— O que você está fazendo?

Ele segurou-lhe as mãos e olhou para seu rosto bonito.

— Case-se comigo, Bethany.

— Seu pai...

— Eu não dou a mínima para o que meu pai ou qualquer outra pessoa pensa, diz ou faz. Você é tudo que importa para mim. Você e o bebê que você carrega. E sei como você se sente sobre o casamento, eu sei, mas juro que nunca, nunca, vou reprimir sua liberdade ou seus pensamentos... Case-se comigo.

— Styxx...

— Case-se comigo... Por favor.

Ela mordeu o lábio, e cada batida de coração que passou sem resposta era uma tortura completa para ele. Finalmente, ela tomou piedade de sua miséria e falou.

— Sim.

Ele a puxou contra ele e beijou seu estômago. Sorrindo ainda mais, ele espalmou a mão sobre a barriga, onde o bebê estava aninhado e alimentado com segurança.

— Ela finalmente disse sim para mim, pequeno. Obrigado a ambos.

Bethany passou a mão pelo cabelo suado. — Você é tão bobo. — E, no entanto, ela sabia que ele não era assim com mais ninguém. Só que ela via este lado lúdico dele.

— Oops, desculpe. Não quis interromper.

— Galen, volte aqui! — Styxx levantou-se em seguida, gentilmente virou para encará-lo.

— Bethany está grávida.

Lágrimas brilhavam em seus olhos cinzentos. — Isso é... Isso é incrível. Parabéns a vocês dois. — Ele puxou Bethany em seus braços para um abraço e beijou sua bochecha.

— De quanto tempo você está?

— Disseram-me que o bebê deve nascer em Boedromion⁴³.

— O mesmo que minha abençoada Antígona. Bom mês para os bebês. E agora vou deixar vocês dois comemorarem essa notícia maravilhosa.

Styxx a puxou de volta contra o seu peito e passou os braços em volta dela. Ele se inclinou para acariciar seu pescoço.

— Isso significa que eu finalmente irei conhecer seus pais?

Ela torceu o nariz para ele. — Provavelmente não.

Ele ficou de boca aberta com suas palavras.

— Sério? Você tem vergonha de mim, não é?

Ela bufou em resposta. — Sim, Alteza. Estou mortificada de você e de suas origens humildes que envergonham meu status. Meu pai deve achá-lo completamente inaceitável.

— Então, por que não posso conhecê-los?

⁴³ Mês de setembro na Grécia antiga.

— Porque eu te amo e não quero que meu pai lance a sua cabeça para a parede por ter me engravidado. Eu sei que você está bravo, mas conhecer meu pai não seria tão corajoso tanto quanto é estúpido.

— Eu tenho uma dose saudável do que é normalmente estúpido em mim. Você pode perguntar a qualquer um que me conhece, especialmente Galen.

Ela riu. — Eu sei que você tem. E uma vez que o bebê chegue, vou apresentá-lo para o meu pai. Então ele vai ter outra distração além de se concentrar em sua violação a mim. E ele vai estar menos propenso a estripá-lo por isso.

Styx seguiu seu rosto com as mãos e beijou-a na testa.

— Eu estou feliz que ele te ama, e sua mãe, também.

Mas sua família não o amava assim e ela sabia disso.

Ele estendeu a mão sobre o estômago novamente.

— Eu ainda não posso acreditar que há uma pequena Bethany lá dentro.

— E se for um menino?

— Eu vou amá-lo também... Você deveria estar de pé?

Ela sorriu para a sincera preocupação em seu tom. — Estou grávida, Styx, não enferma.

Ele riu. — Eu não sei nada sobre mulheres grávidas e bebês. Temo que você vá ter que me educar em ambos.

— Você não tem praticado com seu sobrinho?

Ele ficou tenso como se a pergunta lhe desse um tapa.

— Styx?

Suspirando, ele balançou a cabeça. — Ryssa não me quer em torno do bebê.

— Por quê?

— Não é importante. Nós temos nossa própria pequena para nos preocupar. — Ele apertou levemente o estômago. — Nós devemos encontrar um escriba para nos casar.

— Eu preferiria um casamento egípcio.

Ele hesitou, como se o pensamento de esperar não lhe agradasse. Mas ele cedeu sem comentários.

— Muito bem.

— Nenhum argumento?

— Neste momento, Beth, você poderia pedir a lua e eu encontraria alguma maneira de obtê-la para você, mesmo se tivesse que roubar a carruagem de Apollo para derrubá-lo pelo seu toque.

Ela colocou a mão no rosto dele e saboreou o sorriso que ela sentiu lá. — Vou precisar de umas semanas para colocar as coisas no lugar e trabalhar em volta dos meus pais, de modo a mantê-lo a respirando.

Seu sorriso desapareceu. — Meu pai é provável que me deserde. Mas nós vamos ficar bem. Eu tenho algum dinheiro do meu próprio posto de distância, e ele não pode tirar isso de nós, e, apesar do que ele diz e o dano que foi feito para a minha mão, eu ainda posso trabalhar como soldado. Há sempre alguém que precisa de um forte braço para espada.

Ela balançou a cabeça para onde seus pensamentos iam. — Não tenho preocupações. Eu lhe asseguro, se o seu pai deserdar você, o meu vai recebê-lo como um filho.

— Ou me matar.

— Ou te matar. Mas se eu conseguir mantê-lo fora do alcance de sua lança, meu pai não é um pobre pescador. Ele é muito rico, de fato. Você não precisará de guerra para nos alimentar, e vamos ter uma vida igual aos meios que você foi criado.

Ele zombou. — Eu não me importo onde como ou vivo, enquanto você estiver comigo.

— Vamos ver como você se sente quando eu estiver gorda e mal-humorada.

— Eu ainda irei adorar o chão que você pisa.

Ela só rezava ele continuasse a sentir-se assim quando ele percebesse que seu novo sogro seria o deus egípcio Set, e sua sogra uma das deusas que iria alegremente torturar Atlântida.

03 de abril de 9527 a.C.

Styx congelou quando ficou cara-a-cara com seu irmão no corredor. Acheron mantinha Apollodorus em seus braços e era óbvio pelo cabelo molhado e as gotas sobre a pele de seu sobrinho que Acheron tinha acabado de banha-lo. Seu sobrinho estava nos braços de Acheron enquanto ria e saltava alegremente.

Um sorriso se contraiu nas extremidades dos lábios de Styx quando viu o bebê e pensou em seu próprio filho que em breve seria capaz de manter assim e dar banho.

— Ele cresceu muito.

Apollodorus estendeu as mãos para Styx. — Ackee? — Então franziu a testa em confusão quando ele olhou para trás e para frente entre seus tios correspondentes.

Acheron segurou o bebê mais apertado enquanto olhou para Styx sem comentários.

Pesar amargo espessou a garganta de Styx quando ele percebeu o quanto seu irmão o odiava. E que Acheron e o ódio de Ryssa um dia iriam infectar Apollodorus, também. Não devia ferir pior do que a sua rejeição, e mesmo assim fez.

Styx pigarreou. — Eu ainda tenho o cavalo que Ryssa nos deu quando éramos meninos... se você quiser, você pode dar a Apollodorus.

Acheron franziu os lábios. — Nós não precisamos de nada de você.

Ryssa saiu de seu quarto, em seguida, fez uma pausa quando os viu. Ela pegou seu filho de Acheron.

— O que está acontecendo?

— Styx estava me oferecendo coisas que não quero.

Naquele momento, Styx precisava desesperadamente odiar seu irmão tanto quanto Acheron o odiava. E ainda ...

— Fomos amigos uma vez.

Acheron o zombou. — Você nunca foi meu amigo. Você me roubou e mentiu para mim.

Styx ficou boquiaberto com as acusações infundadas. — Diga-me uma vez na minha vida que roubei de você.

— Sua coroa, por exemplo. Amor dos meus pais ...

— E você pode tê-los. Por favor, pelo amor dos deuses, leve-os, se é isso que você quer. Eles nunca me trouxeram nenhum tipo de conforto ou alegria.

— É por isso que você está tramando matar papai? — perguntou Acheron.

A mandíbula de Styxx abriu novamente. — Você está louco? Por que você me acusa de uma coisa dessas?

— Porque eu sei que é verdade. Você está conspirando contra ele e tentou me culpar por isso.

Styxx balançou a cabeça com a acusação ridícula.

— Quando tenho tempo para conspirar contra alguém?

Ryssa bufou. — Você está fora por dias por algum tempo e ninguém sabe onde está. Diga-me, sinceramente, que você não vai se encontrar com os seus conspiradores. — Ela acenou para Acheron. — Eu acredito em você, irmãozinho. É exatamente o tipo de coisa que ele faria.

Styxx ficou horrorizado com eles. Que os deuses o ajudassem se repetissem esse veneno para seu pai. O rei era simplesmente estúpido o suficiente, e poderia acreditar neles.

— Não tenho conspirado contra ninguém. Eu era o único esfaqueado enquanto dormia. Não papai.

Acheron ficou pálido. *Será que ele sabe?*

Styxx voltou sua raiva para o irmão. — Você fez isso, não é? Você é a pessoa que tentou me matar.

Ryssa se colocou entre eles. — Não seja ridículo. Acheron não fez tal coisa. Por que ele? Se algo acontecer com você, ele iria morrer também.

— Não, — Styxx soprou enquanto encarava o irmão. — E Acheron sabe disso. Se ele morrer, eu morro. Mas a minha vida não tem impacto sobre sua em nenhuma maneira. Não é verdade, irmão?

Rosnando, Acheron correu para ele e empurrou-o para que tropeçasse e caísse no chão.

— Eu te odeio! Você deveria ter morrido quando te esfaqueei!

— O que é isso?

Com os olhos arregalados, Acheron se retirou ao som do rugido do rei. Ryssa colocou-se entre eles para que pudesse proteger o irmão que amava contra o irmão que ela não podia suportar.

Ela poderia muito bem tê-lo destruído. *Isso foi o que senti.*

— Responde-me! — Seu pai exigiu enquanto olhava de Ryssa e Acheron para Styxx.

— Não é nada, pai, — disse Styxx, certificando-se de manter seu nível de tom calmo quando se levantou do chão.

— Só brigas entre irmãos.

Ryssa estreitou seu olhar sobre ele.

— Você sabia que Styxx está tramando sua morte, pai?

Styxx ficou boquiaberto com sua acusação.

Seu pai virou um olhar desconfiado para Styxx.

— Há prova de suas palavras, filha?

Então Styxx ouviu. A especulação em sua mente que ela agora tinha rédea cheia para matá-lo e não prejudicar seu amado Acheron.

Se Styxx se for, papai terá que amar e aceitar o meu irmão...

— Ele vem de uma fonte confiável.

O olhar no rosto de seu pai disse que o filho da puta estúpido acreditava nela. Chocado, a raiva dele cravou no chão.

Ryssa realmente iria vê-lo morto.

Estreitando os olhos sobre sua irmã, Styxx empurrou a coroa de sua cabeça e empurrou-o para as mãos de seu pai.

— Pegue-a. Bata isso em qualquer orifício que você pode controlar. Eu realmente não me importo. Eu saí de tudo isso antes e terei o prazer em fazê-lo novamente. Os deuses sabem que ser príncipe nunca me trouxe nada, mas que a porra da miséria absoluta.

— Nós sabemos a verdade, Styxx! — Ryssa rosou.

Styxx franziu os lábios para ela. — Você não sabe de nada, cadela estúpida. — Ele passou por seu pai, ela e Acheron com um sorriso de escárnio. — Nenhum de vocês, e estou farto todos.

Ele só queria Bethany. Afastando-os, ele se dirigiu para as escadas para ir embora e nunca mais voltar.

— Guardas! — Seu pai rugiu. — Prendam o príncipe.

Quando eles se moveram para frente, Styxx olhou para eles.

— Você realmente acha que pode me levar?

Seria suficientemente burro apenas para tentar. Styxx o tinha desarmado e deitado de costas antes que seu pai pudesse piscar. Gritando de raiva, jogou a espada do guarda na parede onde embutiu na pedra.

Sua fúria montando-o com força, Styxx voltou seu olhar letal para seu pai escancarado. — Se eu o quisesse você morto, Majestade, você estaria morto pela minha mão. E se eu quisesse a porra da sua coroa, teria tomado quando eu marchei meu exército através de... — A voz de Styxx sumiu quando ele tinha um profundo flashback de ter dito isso ao seu pai antes, e ainda...

A memória era tão vaga. Mais como um sonho do que realidade.

O que, em nome de Hades?

Ele travou olhos com seu irmão quando as alegações de Acheron tocaram em sua cabeça. *Eu sei que você tentou matá-lo. Eu sei! E você me culpou por isso.*

Styxx não tinha certeza do que Acheron estava pensando. Nada disso fazia sentido.

E ainda, suspeita escureceu os olhos do pai. Que assim seja. Não era como se ele tivesse caído em qualquer estimativa do rei.

Desgostoso, Styxx olhou Apollodorus que agora estava distraído e chorando com o caos.

— Eu sinto muito, querido sobrinho. Você merecia muito melhor do que nascer nesta paródia de família.

— Styxx! — Seu pai rugiu, mas Styxx o ignorou quando encontrou o olhar temeroso de Acheron.

Agora ele sabia com certeza que Acheron tinha tentado acabar com sua vida. E seu irmão sabia que ele sabia. Mas que diferença isso faz? Mesmo? O que ele fizesse para retaliar contra Acheron iria se voltar sobre ele e seria punido também.

Talvez o pior castigo de todos fosse que Acheron seria sobrecarregado com Ryssa como irmã. Ciumenta cadela, traiçoeira que ela era. *Eu só espero que ela nunca se vire contra você, irmão.*

Cansado de sua merda, Styxx fez o seu caminho para fora do palácio, para seu cavalo. Como ele desejava que pudesse estar com Beth hoje. Ele precisava ver um par de olhos que não o odiava. Sentir a mão em sua pele que não lhe invejava qualquer coisa, ou desejar-lhe mal.

Mais cinco dias...

Ele teve separações mais longas dela. Mas por alguma razão doeu mais hoje.

Breve, no entanto. Logo eles estariam casados e ninguém jamais iria forçá-lo a ficar longe dela por mais um batimento cardíaco. Nunca.

* * *

— Onde você estava?

Styx parou nas escadas do palácio enquanto ele ouvia a voz de seu pai. — Eu fui montar.

— Eu não tinha certeza de que estaria de volta.

Não que tivesse alguma razão para voltar e, honestamente, ele ainda não tinha certeza porquê se incomodou. Fora isso, era tudo o que sabia.

Styx virou um pouco nos degraus para olhar para baixo para o pai. O velho parecia cansado e, se ele não soubesse melhor, triste.

— O que você quer de mim, pai?

Eu queria um filho que poderia ser motivo de orgulho.

Styx escondeu a dor do pensamento que seu pai causou a ele, enquanto esperava que o rei falasse.

— Sua irmã está convencida de que trama contra mim. Existe alguma razão que ela deve pensar isso?

— Ela tem a capacidade mental de uma pulga velha, e me recuso a ser responsabilizado pela sua grotesca estupidez desequilibrada.

Seu pai fechou a distância entre eles. — Eu não estaria tão preocupado se não sentisse o seu ódio cada vez que você olha para mim.

O que havia para amar?

— O que você quer que eu diga pai? Eu te amo? Muito bem. Eu te amo. Agora, posso ir para o meu quarto?

— Você não me ama da maneira que você faz pelo homem velho que serve você. Você nunca, uma única vez olhou para mim como você faz com Galen.

Styx queria rir de seu ciúme... Era tão ridículo.

— E você nunca cuidou de mim quando eu estava doente. Por falar nisso, você não precisa nem me verificar ou perguntar depois sobre a minha saúde. Você não estava lá para lutar contra os meus inimigos enquanto eles tentaram me amaldiçoar e me matar em seguida, ferindo a si mesmo, ao levar-me para fora do campo de batalha e costurar minhas lesões. Quando você enviou-me muito jovem para a guerra, Galen foi o único que ficou ao meu lado e me defendeu contra os insultos e vaias de meu próprio povo que pensava que você zombava deles, porque eu estava lá. Por metade da minha vida e toda a minha memória, apenas Galen tem me segurado quando caí. Ele é o único pai que já conheci.

A cabeça de seu pai rebateu como se ele tivesse lhe dado um tapa.

— Você acha que ele poderia dar-lhe o que te dou?

— Não, mas quando eu estava nu, ele tirou sua própria capa das suas costas para me cobrir. E me deu a única coisa que já importava.

— E qual é?

— Amor, pai. Mesmo quando não estou no meu melhor, mesmo quando falhei, ele estava orgulhoso de mim, e ele está lá sempre que preciso dele. Ele não julgou ou condenou-me por ser humano.

— Porque ele não se atreveria.

Styxz zombou. Seu pai não sabia nada da ousadia sem medo de Galen.

— Eu não tenho nenhum desejo de discutir com você sobre isso. — Ele virou-se para sair.

— Espere... você deve saber que tenho celebrado as negociações com o rei de Ítaca por sua filha. Estou organizando uma reunião para vocês dois.

Suspirando, Styxz se virou. — E você pode o desnegociar, pai. Eu já estou noivo.

Raiva manchou seu rosto com a cor. — De quem?

Styxz se preparou para toda a força da ira do pai. — Minha Bethany.

— Uma camponesa! Você está louco? Você é o meu herdeiro, rapaz! Ela nem é grega!

— Nem era Nefertari. Mas se você quiser a princesa Ítaca, sugiro que você a case com Acheron ou você mesmo. Eu estou comprometido com minha Bethany e não vou tomar nenhuma outra noiva.

— Eu proíbo isso!

Ignorando-o, Styxz continuou a subir as escadas. — Proíba o quanto quiser. Eu não me importo com nada o que dizer ou fazer. Vou tê-la como minha noiva.

Eu vou te ver morto primeiro!

Styxz estremeceu com ameaça de seu pai. *Vá em frente e tente bastardo.* Deixe-o aprender o que Acheron tinha. Enquanto seu irmão vivesse, ele estava livre e limpo da morte.

05 de Abril de 9527 a.C.

Styxx balançou a cabeça para o anel que o joalheiro lhe estendia.

— É uma pedra muito pequena.

— Este é o único.

Styxx olhou para seleção de Galen, que aparecia na pequena enorme pata calejada dele. Mesmo assim, era muito maior do que o que ele esteve estudando, e seria grande na mão delicada de Bethany. A pedra era de um azul celeste profundo que brilhava intensamente, mesmo na penumbra da loja.

— Que pedra é essa?

O joalheiro sorriu em aprovação.

— Safira, Alteza. Ela simboliza a pureza, e é idealizado para proteger contra os pensamentos e desejos maus.

Styxx acenou para Galen.

— Você está certo. É perfeito para ela. — Ele olhou para o comerciante. — Vou levá-lo.

Enquanto o comerciante foi ao caixa, Galen riu.

— Dois homens escolhendo um anel de casamento são como duas mulheres que comprando espadas. Ambos fora de seu elemento. A próxima coisa que faremos, é comprar vestidos e fraldas.

Styxx bufou. Eles divertiram o comerciante suas perguntas e comentários sem fim.

— Vamos esperar que o bebê seja um menino. Após essa farsa, não quero sequer pensar o que tentar comprar para uma filha.

A risada de Galen era profunda e rica.

— Não é tão ruim, realmente. Eu prefiro apreciá-las, e ao contrário dos meninos, as filhas nunca hesitam em abraçar e beijar suas velhas bochechas e bigodes. Há muito a ser dito sobre ter uma filha. Então, novamente, há muito a ser dito sobre ter um filho. De qualquer forma, tenho certeza que você vai ficar muito contente.

Ele tinha certeza sobre isso também.

O joalheiro voltou com sua compra. Styxx cuidadosamente a colocou na bolsa que carregava.

Saindo da loja, ele começou a ir para casa, então parou com Galen ao seu lado.

— Um anel é o suficiente?

— Para sua Bethany? Sim, rapaz. Ela só quer você.

Ainda assim, ele não tinha certeza. Olhou para o fim da rua.

— Parece tão insignificante para o que eu sinto por ela. Talvez eu devesse ter...

Galen empurrou-o de volta para a loja, interrompendo-o no meio da frase. Irritado, ele abriu a boca para grunhir para Galen quando percebeu que algo molhado e quente estava em sua perna. Algo vermelho brilhante.

Sangue.

Seu coração acelerando, Styxx segurou Galen contra o seu lado quando o velho cambaleou.

— Galen. — Ele gritou, embalando-o em seus braços enquanto Galen lutava para respirar.

Alguém tinha cortado sua artéria femoral. Profundo e irregular, a ferida jorrava sangue por toda parte.

Não!

Quem se atreveria a tal?

— Alguém procure um médico! — Styxx pediu quando caiu no chão com o seu mentor em seus braços. — Espere, Galen. — Ele tentou o seu melhor para estancar o sangue. Mas isso era impossível.

Continuava saindo, não importa o quão duro ele tentou detê-lo.

Os olhos cinzentos de Galen olharam para os seus quando o velho sorriu e o acariciou com as mãos encharcadas de sangue.

— É assim que deve ser, rapaz.

— O que deve ser?

Ele engoliu em seco.

— Nenhum homem jamais deveria sobreviver à seu filho. Não importa se três vezes em uma só vida. Desta vez, quando vi a lâmina do assassino, acabou do jeito que deveria ser. — Ele tocou o rosto de Styxx. — Meu amado filho está a salvo de danos.

Lágrimas cegaram Styxx quando ele reprimiu um soluço.

— Não morra, Galen! Você está me ouvindo? É uma ordem! Não vai morrer por mim... por favor... por favor, não me deixe.

Galen lambeu os lábios.

— Eu não poderia te amar mais se tivesse tido a sorte de gerá-lo. Tem sido a minha maior honra lutar com você, Styxx. Em ensinar e protegê-lo em casa, e no campo de batalha. Você é o maior herói que Didymos já criou. E eu não poderia ter pedido por um filho melhor... você fez meu velho coração orgulhoso e...

Enquanto olhava, a luz se apagou daqueles olhos cinzentos. Galen ficou mole em seus braços.

Styxx não podia respirar enquanto as lágrimas caíam-lhe pelo rosto. Ele tentou tudo o que podia pensar, mas foi inútil.

Galen estava morto.

E foi culpa dele. Ele deveria tê-lo protegido. Por que não prestou atenção? Por quê?

Era tão injusto.

— Malditos sejam, deuses! Maldito seja tudo! — Soluçando, ele segurou Galen ao peito.

Eu não posso morrer... por que você interferiu, velho? Por quê?

Se a lâmina do assassino o tivesse acertado, teria machucado. Mas teria curado. Por que ele nunca disse a Galen esse segredo?

Agora, já era tarde demais.

O que eu fiz?

Ele matou o único pai que já conheceu. Odiando-se por completo, Styxx embalou seu mentor em seus braços enquanto seu coração se estilhaçava em pedaços.

— Por que, Galen? — ele sussurrou contra a bochecha grisalha de Galen. — Por que você fez isso por algo tão inútil quanto eu? — Mas ele sabia. Galen o amava. Por alguma razão estúpida, o velho o amava.

— Alteza?

Styxx olhou para cima para ver o médico de pé sobre eles.

— Chegou muito tarde. — Mesmo assim, ele colocou Galen no chão para que o homem pudesse examiná-lo.

Depois de alguns minutos, o médico suspirou.

— Sinto muito, Alteza. Vou buscar...

— Não. Eu vou cuidar dele. — Styxx pegou Galen e levou-o para o palácio em seus braços.

Quando entrou no hall de entrada, seu pai saiu de seu estúdio com cara feia para ele.

— O que é isso?

Styx não falou com ele. Não podia. Em vez disso, carregou Galen até seu quarto para fazer os preparativos finais.

* * *

Bethany correu para o palácio com Dynatos na frente dela. Mesmo agora, ouvia a risada de seu bisavô, quando anunciou a morte de Galen aos deuses atlantes. “Eles erraram o imbecil do Príncipe, mas acertaram o velho desgraçado que andava com ele”.

Styx estaria absolutamente devastado.

As portas se abriram e ela entrou.

— Posso ajudá-la?

Segurando Dynatos para que ele não assustasse ou machucasse ninguém, ela fez uma pausa ante a voz de um servo à sua direita.

— Estou aqui pelo príncipe Styx. Por favor, leve-me até ele.

O servo começou a levá-la até que uma voz feminina aguda os deteve.

— O que faz?

— O príncipe tem uma visita.

— Não, não tem. O príncipe não recebe plebeus em nossos quartos privados... só na sala de trono nos dias designados.

Bethany ficou rígida ante o tom arrogante de Ryssa. Sentiu que o ar se movia quando a princesa se moveu para ficar na frente dela.

— E no futuro, não deixaremos que as prostitutas passem da porta. De fato, não devem ser admitidas nas imediações para nada.

Incapaz de não responder da mesma forma, Bethany arqueou uma sobrancelha.

— Então onde pretende viver?

Ryssa aspirou fôlego bruscamente.

— Sabe com quem está falando?

— A irmã de Styx, suponho.

— É príncipe Styx para você, camponesa, e princesa quando se dirigir a mim.

Bethany avançou além dela, mas Ryssa a segurou pelo braço e cravou as unhas na sua pele.

— Não me ouviu?

Bethany conteve Dynatos de volta quando ele grunhiu furiosamente à princesa.

— Ouvi você, mas não me importa. Styxx precisa de mim.

— Vá antes que mande açoitá-la por sua insolência. Meu irmão tem prostitutas em abundância. Nem sequer sei quem é e não me importa. Não permitirei que ele traga suas prostitutas sob o mesmo teto que meu filho... o filho do deus Apollo... Guardas! Joguem este lixo à rua onde pertence.

Bethany livrou o braço dela.

— Sempre achei intrigante como os seres humanos projetam seus pecados nos outros. Seu irmão não é o monstro. E se alguma vez nos últimos cinco anos teve uma conversa com ele, saberia meu nome.

Dynatos começou a latir e rosnar.

Bethany afundou a mão no seu pelo para acalmá-lo.

— Prometo a você, vadia. Voltarei e você se lamentará por isso.

Ryssa avançou para ela, mas Dynatos a manteve longe. Sem outra palavra, Bethany partiu.

* * *

Styxx franziu o cenho ao escutar algo que soava como um cão latindo no vestíbulo. Deixando seu quarto, foi verificar.

Ryssa subia as escadas com expressão de total ressentimento.

— Eu ouvi um cachorro lá embaixo?

Olhou-o com um escárnio que poderia ter retirado a carne dos seus ossos.

Raiva nublou sua visão enquanto ele corria passando sua irmã e foi procurar Bethany. Ele correu através das portas e esquadrinhou a multidão na rua, mas não havia nenhum sinal dela ou Dynatos.

Maldita seja, Ryssa. Sua vagabunda egoísta.

Ainda assim, Bethany tinha ido vê-lo. Só isso já significou tudo.

Furioso e com o coração partido, voltou para dentro para encontrar Ryssa no topo das escadas.

— No futuro, diga às suas prostitutas que não são bem-vindas no palácio. E pelos deuses, lave-se, está nojento.

Styx a ignorou enquanto passava por ela.

— Você me ouviu?

Começou a ignorá-la novamente, mas já teve o suficiente.

— Bethany é minha noiva, sua estúpida fresca. Ela não é nubiana, ela é egípcia. E já estou farto de você insultá-la. Então deuses me ajudem, se você disser mais uma palavra contra ela, vou exilá-la.

Ela começou a esbofeteá-lo, mas ele pegou seu pulso.

— Como você acha que Apolo vai lidar com o seu tratamento comigo quando eu lhe disser isso?

— Eu não sei, mas vou perguntar a ele da próxima vez que ele for me tatear pelos cantos.

— Como se atreve difamá-lo!

— Vá se foder, Ryssa. — Soltando o braço dela, voltou para onde esteve preparando o corpo de Galen.

Sozinho.

Ele já enviou um emissário para acompanhar Antígona e sua família aqui para o funeral. E enquanto a tarefa de preparar um corpo era normalmente reservada para as mulheres e padres, não queria ninguém próximo a Galen que não o respeitou ou que não o amou. Devia-lhe muito.

Mas era tão difícil estar aqui. Para fazer isso.

Agonia e pesar se misturaram com sua dor até que não conseguia respirar.

* * *

— Maahes? — chamou Bethany quando entrou no elaborado templo incrustado de ouro de seu primo em Thebas.

Com seu cabelo castanho escuro completamente coberto pelo seu cocar Pschent, e seus brilhantes olhos verdes, ele apareceu na frente dela antes de terminar a última sílaba do seu nome. O sorriso em seu rosto desapareceu no instante em que viu como ela estava chateada.

— Querida, o que foi? — Com dois metros de altura, ele era uma enorme parede de músculo que a diminuía, e ainda assim sempre foi um filhotinho fofinho com ela.

Bethany fungou as lágrimas.

— Eu preciso de vinte e quatro dos maiores, mais fortes, mais assustadores homens que você tem em seu exército para enviá-los à Grécia.

Ele arqueou uma sobrancelha que havia sido obscurecida por cosméticos.

— Nós vamos para a guerra? — Ele perguntou, esperançoso.

Como o deus egípcio da guerra, estava muito ansioso para a batalha. Muitas vezes.

— Não. — Ela disse com petulância quando o horror do que aconteceu em Didymos se repetiu em sua mente. Ela estava furiosa, magoada, agoniada, e envergonhada. — Um amigo foi morto e a cadela não vai me deixar ver Styxx. Quero aterrorizá-la e mostrar-lhe que eu não sou um pedaço de lixo para ser jogado fora!

Maahes franziu a testa quando tentou tirar sentido de suas palavras apressadas.

— O quê?

— Nada. — Ela soltou uma respiração irregular. — Por favor... Eu preciso da comitiva mais impressionante que você possa reunir, de imediato.

— Qualquer coisa para minha querida. Você quer elefantes, também?

Ela soltou uma risada cheia de dor com a ideia da expressão de Ryssa quando os visse chegar à cidade montados nele. — Não, nós vamos chegar de barco.

— Posso fazer com que os elefantes voem.

Era por isso que ela amava seu primo assim. Maahes sempre foi uma preciosidade.

— Um pouco mais convincentemente sutil, por favor.

Ele beijou sua testa.

— Tudo bem, querida. Em quanto tempo você quer?

— Vinte minutos?

— Concluído. Eu vou encontrá-la nas docas.

— Obrigada. — Bethany beijou sua bochecha, em seguida, foi para o templo da tia Ma'at. Invisível para os sacerdotes, ela caminhou através da parede sagrada sul para a antecâmara, que os sacerdotes não tinham conhecimento. Era aqui que sua tia mantinha alguns de seus itens escolhidos.

— Tia Ma'at?

Sua tia apareceu ainda mais rápido do que Maahes.

— Filha, você está grávida!

Bethany se encolheu e depois levou seu dedo aos lábios para silenciar a tia.

— Não diga a meu pai, ou qualquer um, por favor?

— Nunca. — Tão pequena e delicada quanto Maahes era grande, Ma'at torceu o nariz. — Eu não sou tão corajosa.

Bethany sorriu então abraçou a tia pela sua bondade.

— Preciso de alguma ajuda. Pode me emprestar seu vestido e joias mais elaboradas?

Ma'at arqueou uma régia sobancelha.

— Posso perguntar por quê?

— Para deixar claro um ponto a alguém que foi muito rude comigo. Ela me tratou como uma camponesa e me chamou de lixo!

Fúria brilhou em seus olhos verdes.

— Nesse caso...

Bethany ergueu o queixo com orgulho, como sua tia vestida com sua elegância egípcia.

Ma'at fez surgir um espelho de bronze brilhante para ela ver a si mesma. Sua tia inclinou-se contra a lateral do espelho enquanto olhava Bethany com um sorriso de satisfação.

— Muito.

Apesar de sua dor, Bethany riu. Ma'at a colocou em uma túnica de preto sólido com um lenço de musselina entremeado com ouro envolto em torno de seus quadris e um cinto de ouro incrustado de pedras preciosas que o mantinha no lugar. Faixas de ouro e turquesa nos braços seguravam um tecido dourado combinando. Seu enorme colar ankh era feito de coral, pérolas, ouro e turquesa com brincos combinando. Mas era seu cocar a perfeição. Elaboradamente esculpido, era um grande pássaro de ouro com uma única pena de ouro na parte de trás do mesmo. Os lados do cocar eram contas de ouro que caíam até os ombros, sobrepondo o colar. Seus olhos estavam fortemente delineados e ela transbordava com a riqueza do Egito.

Ninguém iria chamá-la de camponesa com isso.

— É perfeito.

— Muito bem, então. Independentemente do que faça, desejo-lhe sorte.

— Obrigada. — Ela beijou a tia em ambas as faces, em seguida, foi ver como Maahes estava progredindo.

Um lento sorriso curvou seus lábios quando viu o pequeno exército que tinha montado. Enormes e bem musculosos, eles estavam vestidos com shendyt⁴⁴ curtas feitas de peles de leopardo com colares de joias e tornozeleiras. Para melhorar a equipe, trouxe oito de seus leões de estimação, que estavam deitados ao lado de seu assento dourado.

Maahes usava um cocar elaborado e máscara em forma de cabeça de leão, que tinha um uraeus, na parte superior. Sua shendyt era feita de pele de leão e coberta com uma gaze dourada e cinto. Como o dela, seu colar ankh estava incrustado com rubis enormes, combinando com suas pulseiras de ouro e braçadeiras.

Sua vestimenta a surpreendeu.

— Você vai? — Ela perguntou.

— Absolutamente. Ninguém insulta a minha menina sem uma surra severa minha.

Ela estalou a língua para ele.

— Nenhum derramamento de sangue.

Ele fez um beicinho de brincadeira.

— Posso ter um pouco, por favor?

— Maahes...

Ele fez beicinho ainda mais.

— Um globo ocular? Ou um testículo? Por favor, me dê alguma coisa, Bet, minha querida.

Rindo, ela o abraçou.

— Por favor, contenha-se, primo. Esta é uma missão de paz.

— Não diga a palavra com “P” perto de mim. Isso me causa grande agonia.

Ela balançou a cabeça, em seguida, sentou-se na barca.

Maahes deu o sinal e entraram em uma área em frente à Didymos para que pudessem fazer uma aparição grande nas docas sem levantar suspeitas humanas.

Assim quando estavam atracados, Maahes tinha seus homens trazendo uma elaborada liteira dourada incrustada de pedras preciosas para transportá-la.

Ryssa estava a ponto de conseguir uma lição severa de maneira que esperava que a cadela arrogante engasgasse.

* * *

⁴⁴ Peça feita de pano que era usada ao redor da cintura, geralmente estendendo-se até acima dos joelhos, na antiga sociedade Egípcia.

Styx saltou quando alguém bateu em sua porta.

Irritado por ter sido interrompido de novo, abriu para encontrar um guarda lá.

— Sua majestade o chama, Alteza. Imediatamente.

Moveu-se para rasgar a cabeça do homem, mas absteve-se. Não era culpa do guarda ter sido enviado nessa missão, e Styx não queria levar um homem inocente em conflito com seu rei. No entanto, seu pai teria a mesma reação à aparência de Styx que Ryssa teve, desde que Styx ainda estava imundo.

Coberto de sangue de Galen.

Dane-se ...

Seguiu o guarda pelas escadas para onde seu pai e Ryssa estavam esperando no hall de entrada.

Como esperado, seu pai fez uma careta para a roupa manchada de sangue.

— O quê? — Perguntou Styx irritado.

Pela primeira vez seu pai não fez comentários sobre o desrespeito.

— Temos aqui um enviado do Egito. A julgar pelo informe, acho que pode ser Nefertari.

Styx esfregou a testa enquanto tentava entender o que estava acontecendo.

— Por que ela estaria aqui?

Seu pai deu de ombros.

Styx passou um olhar irritado para Ryssa que ainda estava zangada com ele sobre Bethany, em seguida, olhou de volta para o pai.

— Eu realmente não quero lidar com isso agora.

— Você nunca quer lidar com seus deveres, — zombou Ryssa.

Seu pai ficou tenso.

— Vou ter umas palavras com você mais tarde sobre o que disse para a sua irmã mais cedo.

Eu realmente não me importo.

Cruzando os braços sobre o peito, Styx ficou para trás na porta quando seu pai e sua irmã saíram para cumprimentar a impressionante comitiva que veio através dos portões do palácio.

Havia tanto ouro envolvido em torno das pessoas e da liteira que era difícil olhar para eles diretamente. Eram vinte e cinco homens e uma mulher e todos elaboradamente vestidos. Seis

grandes varões núbria baixaram a liteira e um homem vestido como um leão ajudou a pequena mulher a descer. Enfiou a mão na dobra do cotovelo e levou-a para subir as escadas com oito enormes leões liderando o caminho deles.

Não foi até o casal rudemente ignorar seu pai e Ryssa que Styxx reconheceu a mulher através do delineador pesado e maquiagem que ela usava.

— Bethany? — Sussurrou, apressando-se para a frente.

Ela soltou o homem acompanhando-a.

— Styxx?

Alcançando-a, a puxou para seus braços.

— Sou eu, akribos.

Bethany o abraçou com força contra ela enquanto Maahes e seus homens fecharam um círculo em torno deles para impedir alguém de se aproximar. Styxx tremeu em seus braços quando suas lágrimas caíram contra seu pescoço. Seu coração despedaçado pela perda que sentia que ele sentia.

— Eu sei, precioso. Sinto muito sobre Galen. Eu o amava, também.

— Desculpe-me? — O rei exigiu. —O que é isso?

Maahes rosnou no fundo da garganta.

— Nada da sua conta.

— Você sabe quem eu sou?

Maahes deu um rude bufar.

— Não tenho ideia. Mas tampouco importa.

— Mas deve se importar sobre nós.

Styxx levantou a cabeça quando ouviu a voz irada de Apollo. *Caramba*, pensou, esse tom era reservado só para ele sempre que desfiava o deus. O olímpio estava em pé ao lado de Athena, e nenhum deles aparecia satisfeito.

Apollo olhou para Bethany e os homens com ela.

— O que você está fazendo aqui, Maahes?

O homem da máscara de leão encolheu os ombros com indiferença.

—Estamos aqui em uma missão de paz para pagar respeitos a um herói grego caído. Mas se você quiser começar alguma merda... — Ele deu um passo em direção a Apollo. — Já faz um tempo desde que tive grego para o jantar.

Bethany colocou a mão no ombro de Maahes.

— Por favor, comporte-se.

Ele fez um gesto para Apollo e Athena como se quisesse dizer que eram o problema, então desinflou com um suspiro.

— Tudo bem, Beth, minha querida. Mas você está me matando.

Athena contornou seu irmão em direção a Bethany.

— Por que você está realmente aqui?

Bethany colocou uma mão sobre o braço de Styxx.

— Por Styxx, que sofreu uma tragédia dura hoje. Tentei antes, mas fui muito grosseiramente insultada e negada a entrada para o palácio pela cadela prostituta de Apollo. E você tem muita sorte por eu não estar clamando por seu sangue pelo constrangimento público que ela maliciosamente e voluntariamente me causou.

Maahes levantou a máscara e abaixou-se para Bethany.

— Oh, eu espero sangue. Preciso dessa cadela espancada por qualquer insulto a você.

Bethany tocou o braço dele de novo e balançou a cabeça.

— Nenhuma guerra hoje.

Maahes franziu o rosto, como se em agonia.

— Tudo bem, minha querida. Eu realmente, realmente te amo. Hoje provarei. Da próxima vez, no entanto, me estripe. Seria menos doloroso.

Apollo começou a avançar, mas Athena pegou seu braço e sacudiu a cabeça.

Athena acenou para Maahes e Bethany.

— Por favor, apresentem seus respeitos. Estamos profundamente honrados com a sua presença e homenagem a um dos nossos. — Ela deu a seu irmão um olhar severo. — Não haverá nenhuma guerra hoje. Somente a paz.

Confuso, mas não querendo causar mais de um espetáculo em público, Styxx levou Bethany para o palácio. Maahes e seus homens e leões seguiram atrás deles.

Assim que eles estavam dentro e fora do alcance de audição, Xerxes se voltou para Apollo.

— Quem é esse?

Athena respondeu por ele.

— O homem da máscara é Maahes, Senhor do Massacre. Ele é o deus egípcio da guerra e sua mãe é Bastet e sua tia é Ma'at. Beth é conhecida por todos como a princesa de Thebas. Seu pai é o deus egípcio Set, a personificação do mal puro e caos. Portador da guerra e tempestades. E ela é a luz em sua escuridão. Não há absolutamente nada que Set não faria por sua única e mais querida filha. Sem falar que o resto do panteão egípcio é leal e protetor a ela.

— Essa é a Bethany de Styxx? — Xerxes olhou para Ryssa que deu um passo para trás.

— Como eu ia saber, papai? Ela estava vestida como uma camponesa.

Apollo a ignorou.

— O que devemos fazer, irmã?

— Em Beth, eu confio. Maahes... ele não é desonesto, apenas sanguinário. Ele ama a guerra acima de tudo. Vamos ficar e ter certeza que partam sem incidentes.

* * *

Bethany reprimiu um soluço quando percebeu o que Styxx estava fazendo em sua chegada.
— Ninguém o ajuda com Galen?

— Não.

Ela abriu a porta e quatro homens chegaram para assumir os preparativos do corpo. Styxx começou a protestar, mas ela colocou o dedo nos seus lábios.

— Você está muito chateado por isso. Venha, meu amor. Deixe-me cuidar de você.

Ele beijou-lhe a mão.

— Alguém deveria estar tomando conta de você.

— Shh. — Ela sussurrou, então suspirou. — Maahes não sabe, e não podemos correr o risco de ele dizendo a meu pai antes de mim.

Styxx franziu a testa para os homens e as riquezas que escorriam de cada pedaço de tecido caro e joias que usava, e a roupa elaborada em Bethany. Até mesmo suas sandálias eram feitas de ouro e aparadas em coral, turquesa e pérolas. Quando ela disse que seu pai era rico, foi de maneira bastante discreta.

— Quem exatamente é o seu pai?

Ela mordeu o lábio.

— Não queria que você descobrisse quem é. Por favor, prometa que não vai ficar com raiva de mim.

— Eu nunca poderia ficar com raiva de você.

Ainda assim, ela hesitou.

— Estamos prestes a testar essa teoria, meu amor.

Olhou para o medo e a reserva no rosto dela. *Ele era um famoso faraó?*

— Beth... Eu não vou ficar com raiva. Eu prometo.

Ela apertou os lábios e colocou as mãos em seu rosto para sentir sua expressão.

— Meu pai é o deus Set.

Por um minuto, Styxx não conseguia respirar como se a sala fechasse sobre ele. Isso, tinha que admitir, não tinha visto chegando.

Exatamente o que precisava. Outro deus estragando com sua vida e com raiva dele.

Eu deveria saber...

Não admira que ela tinha sido tão reticente em dizer a ele ou deixá-lo se apresentar. *A filha de um deus.*

Oh, mas não de um deus qualquer. Um dos mais violentos, letais, deuses cruéis imagináveis.

— Styxx? — As lágrimas em sua voz o cortaram. — Amor?

Ele pegou a mão dela e segurou-a enquanto lutava para respirar. Tantas emoções se chocavam contra ele de uma vez, que ele não conseguia nem identificar a identidade delas. Raiva, traição, medo, irritação...

— Eu preciso de um momento, Beth.

— Por favor, não me odeie. Eu me escondi, pelas mesmas razões que você fez, e não queria te dizer porquê sei como você se sente sobre os deuses... quanto você os odeia. E meu pai é realmente um grande problema.

Era conhecido por cortar os órgãos genitais de outros deuses — seus próprios irmãos — não esqueceria de um mortal que se atreveu a dormir com sua amada filha.

Ter sua cabeça espetada na parede era menor das preocupações de Styxx agora.

Mas o horror em seu rosto enquanto ela temia sua reação o fez sentir como uma merda completa.

Puxou-a contra ele.

— Eu não odeio você, Bethany. Não posso me permitir isso. — Lágrimas encheram os olhos e o sufocou. — Você é tudo que me resta.

— E é por isso que estou aqui. Sabia que você estava sozinho e não podia suportar isso. Sua irmã não iria deixar-me entrar. A única maneira que pude pensar para ignorá-la foi buscar meu primo e forçá-los abrir as portas.

Ele colocou a cabeça dela entre as mãos e apertou as bochechas.

— Obrigado por terem vindo. — Então deixou escapar uma risada quando viu quatro dos leões que estavam circulando-os, enquanto mais quatro descansavam no chão. — E aqui eu comprei um cão para protegê-la... o quão estúpido sou eu?

— Você não é nenhum estúpido. É maravilhoso e eu adoro Dyna.

Mas ela não precisava de um cão para protegê-la. Não mais do que ela precisava dele para um marido.

E, no entanto, ali estava ela, por ele, e disposta a ficar vinculada a ele, apesar de sua aversão ao casamento. Ela poderia ter tido qualquer homem no mundo. Mas ele era o sortudo, ela o reivindicou.

Nunca a amou mais.

08 de abril de 9527 a.C.

Styx se soltou a mão de Bethany enquanto recebia o emissário que tinha enviado em busca da filha de Galen. Apesar de que nunca tinha conhecido Antígona, sentia como se já a conhecesse. Seu cabelo escuro estava preso expondo um rosto que era tão bonito quanto Galen tinha proclamado. Ela tinha nos braços o seu filho caçula de um ano, enquanto os outros seis filhos, dois meninos e quatro meninas de idades compreendidas entre os três e dezoito anos, estavam a seu lado. Seu marido carregava a sua filha mais nova nos braços.

Quando Styx estava em guerra, Antígona era a única que tinha escrito uma carta pessoal a ele para perguntar como estava indo e para se certificar de que seu pai não tinha mentido sobre sua própria saúde. Styx deveria ter feito um esforço de conhecê-la antes. Mas estupidamente pensou que tinha tempo de sobra.

— Antígona?

Seus olhos se encheram de lágrimas ao vê-lo.

— Príncipe Styx?

Quando ela começou a se curvar, ele a parou.

— Eu sou aquele que deve estar curvando-se para você, minha senhora. Sinto muito que ele se foi. Amava a todos muitíssimo.

Lágrimas escorrendo pelo seu rosto, ela apertou a mão dele.

— Obrigada, Alteza, e sinto muito por você, também. Meu pai adorava-o como um filho. Eu o conheço. Não era de falar. Mas falava sobre você sem parar, e era óbvio o quanto significava para ele. Quando o nosso Philip morreu, uma luz se apagou em seus olhos e nunca reacendeu até você acendê-la novamente.

Styx pigarreou.

— Quando estava comigo, não falava de outra coisa que não fosse você e seus filhos. Eu poderia ter sido a luz em seus olhos, mas você era o seu coração e alma.

Quando ela começou a se afastar, ele a puxou para o estrado real.

— Por favor, sente-se comigo para o funeral.

— Obrigada.

Styx a ajudou e a seu marido, com seus filhos. Deu-lhes os lugares escolhidos e sentou-se atrás deles, com Bethany, que segurava sua mão em todo momento. Dizer adeus a Galen foi a coisa mais difícil que ele já tinha feito. E enquanto observava o fogo queimar, a sua ira se

apoderou dele. Era tão injusto. Se qualquer ser humano merecesse morrer durante o sono em uma idade avançada, rodeado pela família que o amava, era Galen.

E estava morto por causa dele. Porque não tinha visto o atacante primeiro?

Bethany estendeu a mão para a bochecha de Styxx quando sentiu seu humor. Ela sabia o quanto isso o machucou. Quanto ele amava Galen, embora estivesse forte e não dissesse nada. Mas o que realmente irritou foi o fato de que nenhum de seus familiares compareceu para acompanhá-lo.

Nem um único membro. Nem mesmo o rei que enviou Galen à batalha para salvar sua própria coroa.

Como eles poderiam deixar Styxx sozinho assim? Mas, então, por que ela estava surpresa? Seu pai o enviou para a guerra quando ele era um pouco mais que uma criança. Ryssa não tinha amor por ninguém, só a si mesma, e Bethany não sabia nada sobre seu irmão, nem mesmo que aspecto tinha. Embora, neste momento, ela não queria saber de nada sobre Acheron. Não se ele poderia deixar o seu irmão sofrer sozinho. Foi um ato de crueldade completa.

A completa falta de respeito. Não apenas para Styxx, mas pelo homem que liderou um exército para defender a casa real e todos eles, enquanto definhavam em casa no luxo pago pelo suor e sangue de Styxx e Galen. Até hoje, a Styxx faltava a plena utilização da mão direita onde um assassino grego tinha prendido no chão com um punhal.

Como se atreviam?

Quando o culto terminou, Styxx escoltou Antígona e sua família para as câmaras de hóspedes do palácio. Bethany foi com ele para o quarto, onde ficou sentado em uma cadeira por horas sem falar. Então começou a andar como um leão enjaulado.

— O que tem em mente, Styxx?

— Nada e tudo.

Estendeu a mão para ele.

— Sua cabeça dói? Gostaria que eu fizesse uma massagem?

Segurando a mão dela, ele se deixou cair a seus pés, apoiou a cabeça sobre seu colo e suspirou enquanto ela passava a mão pelo seu loiro cabelo curto.

— Tenho um mau pressentimento, Beth.

— Só está alterado pela morte de Galen, e tem todo o direito de estar.

— Não, é mais que isso. Algo mal está por vir. Posso sentir em todo meu ser. É escuro e perigoso, e definitivamente é sangrento.

Passou-lhe a mão pela bochecha e a mandíbula.

— Tenha fé, meu amor.

— Não sei se me resta um pouco de fé. Não estou seguro se alguma vez a tive. — Levantou a cabeça e colocou a mão sobre o ventre dela. — Se algo chegasse a acontecer a você e ao bebê, não sei se poderia sobreviver.

— Nada vai nos acontecer.

Entretanto, Styxx não podia expulsar os horríveis pesadelos a que vinha tendo. O sentimento de que a pura maldade o espreitava.

Alguém tinha matado Galen por sua culpa e não tinha nem ideia de quem. Poderia ter sido um estranho ou um membro de sua família ou o bastardo de Apollo...

Mas não importava quem tinha atirado o golpe fatal. O assassino tinha ido atrás dele.

E se, em seu desejo de feri-lo, voltasse seus olhos para Bethany? Como ia viver consigo mesmo sabendo que a machucou?

09 de maio de 9527 a.C.

A própria desgraça choveu sobre Katateros quando Archon entrou em pânico. Ele realmente esperava que Apostolos viesse bater na sua porta, assim que o dia amanhecesse.

Afortunadamente, ele estava errado.

Pelo menos até agora.

— Relaxe. — Epithymia lhe disse enquanto todos os deuses de Atlântida se amontoavam no corredor principal, esperando que Apollymi escapasse a qualquer momento e os atacasse. — Não é hoje que ele atingirá sua maioridade. Não até o aniversário de nascimento humano. Nós ainda temos um punhado de semanas para encontrá-lo.

Archon amaldiçoou.

— Uma ligeira suspensão da execução. É imperativo que impeçamos isto de acontecer!

Bethany já tinha o suficiente. Não tinha nenhuma ideia onde Apostolos estava, e honestamente, não se importava mais. A única coisa que importava era o bebê dentro dela, e o noivo com quem queria casar, mais que qualquer outra coisa. Não estava aqui quando Apollymi foi encarcerada, e sem ofensa, dado o que eles fizeram com a deusa, mereciam sua fúria.

Deixe Apollymi tê-los.

Incapaz de suportar os argumentos dos atlantes, ela riscou para o templo de sua tia Ma'at em Thebas.

Ma'at se juntou a ela imediatamente com um sorriso acolhedor em seu rosto bonito.

— A que devo esta visita jovial?

Bethany sorriu e a abraçou.

— Tenho um favor a lhe pedir.

— Qualquer coisa por você, sabe disso.

Ela estava prestes a testar estas palavras.

— Faça-me humana.

Ma'at recuou com o cenho franzido severamente.

— Como é?

Bethany tocou em sua barriga e pensou na vida que carregava e nutria lá.

— Quero ser completamente humana. Estou farta de toda a politicagem e sujeira que vem com a divindade. Quero apenas carregar meu bebê e viver minha vida com Styxx, como uma humana, assim como ele.

— Oh docinho, pense muito bem. Se fizermos isto, não haverá nenhuma maneira de desfazer isto.

— Eu sei Mennie. Mas... — Bethany parou, quando sentiu a mais leve vibração dentro dela. *Isto foi...?* Sorrindo amplamente, ela ficou boquiaberta para sua tia.

— O quê?

Rindo, ela pegou a mão de Ma'at e levou-a até sua barriga.

— Acabei de sentir meu filho se mexer!

Ma'at sorriu, quando sentiu isto também.

— Oh... Ele é forte.

— Como o pai.

Ma'at segurou o rosto dela e deu-lhe um olhar duro.

— Pense sobre isto, muito e bem, e prepararei o soro para fazê-la e a seu bebê humanos. Mas realmente, Bet'anya. Considere isto bem. Sem seus poderes, você não poderá protegê-los, e você de todas as criaturas sabe os perigos que espreitam aqueles que não podem lutar com os deuses.

Sua tia estava certa, mas...

— Estes poderes vêm com sua própria maldição. Desde que os tenho, estou dividida entre este panteão e o de minha mãe. Quero apenas ser deixada em paz com meu marido e meu filho, e não ser colocada em um drama que não quero tomar parte.

Ma'at assentiu.

— Certo, doçura. Vá compartilhar este momento com seu Styxx.

Bethany abraçou-a apertado, em seguida deixou-a para encontrá-lo.

* * *

— Styxx?

Amaldiçoando baixo, Styxx ficou tenso com o som da voz de seu pai gritando por ele, enquanto descia a escadaria principal. *O que o velho queria?*

Entretanto, para ser honesto, seu pai estava muito mais agradável agora, que soube que Bethany era uma princesa rica e semideusa, e o rei tinha certeza absoluta de que Styxx não era Ganimede ou estéril.

— Pai? — Respondeu enquanto entrava no escritório.

O rei olhou por cima de sua mesa.

— Você não me disse nada ainda sobre seus planos de casamento.

Eles não eram dele para fazê-lo. O que quer que sua noiva desejasse, ele faria.

— Bethany quer isto no Egito com sua família.

— E você está bem com isto?

Styxx deu-lhe um olhar brando.

— Eu pintaria minha pele de azul e colocaria fogo em mim mesmo pai, se ela me pedisse.

Seu pai zombou.

— Agora sei que está sendo ridículo. Estava pensando que deveríamos ter pelo menos uma formalidade pequena aqui em casa. Deixe todos saberem que seu herdeiro é legítimo.

— Ninguém duvidará da paternidade de meu filho. — *Não sou o cruel bastardo que você é.*

— Acha que é um menino? — Seu pai perguntou esperançosamente.

— Bethany me assegurou que é, e confio em seu julgamento implicitamente. — Com exceção da insanidade de amá-lo, e sua vontade de casar-se nesta família louca. Que ele nunca entenderia.

— Não posso dizer-lhe o quão orgulhoso estou de você, Styxx.

Então deveria ter dito isto para mim quando isto importava. Agora, estas palavras o deixavam entorpecido. Frio. Já tinha passado a muito tempo da idade de buscar a aprovação de seu pai, por qualquer coisa. Honestamente, não se importava mais.

Styxx estava começando uma nova vida com Beth e seu filho. Absolutamente nada mais importava para ele.

Ele apenas desejava que Galen estivesse aqui para ver isto.

Mas, diferentemente de sua família, ele não era completamente insensível e frígido.

— Obrigado, pai.

Seu pai inclinou a cabeça para ele.

— Espere apenas por seu aniversário. Tenho um banquete surpreendente planejado.

Tudo o que ele não queria. Nem uma vez em sua vida gostou do aniversário de seu nascimento. Preferia esquecer tudo sobre isto.

Suspirando, Styxx virou-se e quase se chocou com Ryssa no corredor. Ela olhou para ele.

— O que eu fiz agora, cabeça de bode?

— Sempre tem que me superar, não é? Não poderia deixar alguém ter algo melhor do que você.

Ele franziu o cenho com a raiva sem razão dela.

— Sobre o que você está falando?

— Estive com Apollo. Então o que fez? Correu para outro panteão para conseguir a filha mais velha do deus mais poderoso. E então se casar com ela. É ridículo, Styxx. Realmente.

Sim, era. Mas não pelas razões que ela achava.

— Por que tem tanto ciúmes de mim?

— Não tenho ciúmes de você. Tenho pena. Você é patético. — Seus olhos brilhavam com um ódio abjeto. — E não pense que não sei como você foi atrás de Apollo. Até mesmo marcou a ferro a marca dele em suas costas, para conseguir sua atenção.

Ele começou a avançar nela então parou. O que adiantaria? Por alguma razão, ela sempre o difamaria e qualquer ação que fizesse. Seu coração nunca seria grande o suficiente para amar a ambos os seus irmãos. E ele sabia por que ela estava brava. Seu pai estava retirando as paradas para o aniversário dele e na mente dela, estava comparando isto com o dela.

Isso era o que a tinha enfurecido.

— Príncipe Styxx?

Ele olhou por cima dela para o servo dele.

— Sim, Dorcas?

— A Princesa Bethany está aqui para vê-lo.

Agradecido além da conta pelo aparecimento dela, deixou sua irmã para olhar na direção geral, enquanto ia para onde Beth o esperava no foyer. Vestida com seus simples peplos cinza, estava de tirar o fôlego. Mais do que isto, devido à protuberância leve em sua barriga que estava apenas começando a aparecer.

Ele caminhou por trás dela e colocou a mão em sua barriga, antes de beijar seu rosto.

Ela estalou a língua para ele.

— Você deve ser avisado de que meu noivo tem um temperamento e um braço de espada feroz, e ficará terrivelmente chateado por encontrar um homem estranho me molestando.

Styx riu da provocação dela.

— Então é melhor não nos encontrarmos... — Ele calou-se quando sentiu a mais sutil das agitações contra sua palma. — Isto é...

— Seu filho igualmente feroz? — Ela cobriu a mão dele cheia de cicatrizes com a sua. — Realmente é, meu senhor, foi por isto que vim. Sabia que você gostaria de senti-lo também.

Ele espalmou sua mão mais ampla, tentando senti-lo novamente. Então aconchegou sua barriga com ambas as mãos.

— Onde ele foi?

Ela moveu a mão esquerda dele mais para baixo, para que ele pudesse sentir o bebê.

— Isto é... uou... Nós fizemos isto?

Ela sorriu para ele.

— Fizemos.

Expelindo um suspiro feliz, Styx olhou para cima quando sentiu que alguém os observava. Era Ryssa e Acheron. Os dois olhavam para ele como se o pensamento de sua felicidade os repugnasse. Agradecidamente, com a presença de Bethany, não podia ouvir o ódio deles em sua cabeça. Podia apenas especular qual o desejo ruim que tinham por ele.

— O que há de errado, amor? — Beth perguntou enquanto colocava a mão no rosto dele para sentir sua expressão.

— Nada. — Ele desviou o olhar dos deles para a única coisa que era importante para ele.

Do nada, seu nariz começou a sangrar. Soltando-a imediatamente, ele recuou antes do sangue pingar nela.

— Styx?

— Está tudo bem, Beth. Apenas outro sangramento nasal.

— Pensei que tinham parado.

— Não são mais tão frequentes, mas não... eles não pararam. — Pegando a mão dela, ele a levou até as escadas.

Quando alcançaram o topo, Acheron e Ryssa continuavam a encará-lo e recusaram-se a dar-lhes passagem.

— Com licença.

Bethany desacelerou quando o ouviu conversando com alguém.

— Quem está aqui?

— Minha irmã e meu irmão.

— Acheron? — Ela parou. — É um prazer finalmente conhecê-lo.

Ele murmurou algo que poderia ter sido uma saudação, mas ela não estava certa, enquanto rapidamente se afastava deles.

— Terá que perdoar meu irmão. Ele tem uma história ruim com as noivas de Styxx. — Então Ryssa recuou, também.

Aquelas palavras a atordoaram.

— Plural?

Suspirando, Styxx a levou para seu quarto.

— Não, não no plural. Apenas uma. No ano em que você se foi, meu pai me prometeu em casamento a Nefertari.

Os olhos dela se arregalaram de raiva.

— Você concordou?

Seu sangramento nasal piorou.

— Você me deixou Beth. Sem nenhuma maneira de contatá-la, e achei que não a veria novamente nunca mais. Nunca a toquei, e nos beijamos apenas uma vez, brevemente, no dia que nos conhecemos.

— Oh, tudo bem. — Ela estalou. — Apenas lance a lógica e a culpa em mim, por que não em você? — Acalmando-se, ela suspirou. — Então o que aconteceu com ela?

— Enviei-a com sua bagagem. — Pelo menos era isto que tinha dito a todos que ele fez.

— E seu irmão e ela?

Ele usou seu pano para beliscar suas narinas juntas.

— Ela disse que ele tentou estuprá-la.

Bethany curvou a sobrancelha.

— Ele tentou?

— Eu duvido seriamente disso. Apesar de Acheron ser um asno, estuprar mulheres não é seu estilo. Além disso, ele é ainda menos social do que sou.

Ela soltou um assovio baixo.

— Isto é um feito impressionante. Poderia jurar que você possuía o recorde.

Styx fungou de volta o sangue enquanto verificava o pano, em seguida reaplicou-o.

— Se não se importa, prefiro não conversar sobre meus irmãos. — Ele se sentou e se inclinou para frente.

Bethany caminhou até ele.

— Sinto muito, amor. Não quis stressá-lo mais.

Ele beijou a mão dela.

— Honestamente? Você é a única em minha vida que não me estressa.

Mas enquanto se sentava lá, tinha um pressentimento ruim em seu âmago, de que Ryssa e Acheron iriam fazer algo para tentar arruinar isto para ele. Os dois ainda estavam certos de que tentou matar seu pai, e ambos viviam com medo de que assumisse o trono. O que não fazia nenhum sentido, considerando que alegremente lhes outorgaria o palácio inteiro se apenas parassem de encará-lo com ódio o tempo todo.

15 de maio de 9527 a.C.

Styxx sabia que estava sonhando, mas não conseguia acordar por nada. Via a si mesmo em sua armadura de batalha, montado em Troian, com seu exército estendendo-se por quilômetros em três direções. Gaius estava montado em um cavalo branco à sua esquerda, e Galen estava a sua direita com um garanhão marrom. Seu emblema da fênix estava pintado em cada escudo, e as bandeiras da fênix sopravam com o vento quente do deserto.

Eles estavam em uma colina, olhando para baixo para um campo onde uma mulher loira vestida de preto, caminhava como uma sombra fantasmagórica.

Em frente a eles estava o inimigo. Um exército de demônios que tinham tons de pele mesclados e asas, eles estavam usando armaduras pretas, e lutavam debaixo de uma bandeira que mantinha um símbolo do sol, com três raios prateados perfurando o centro.

De algum lugar ao longe, um grito soou impulsionando o inimigo a descer a colina para atacar.

Styxx deu a ordem para suas próprias tropas avançarem.

Ele podia ouvir e sentir o trovão dos cascos dos cavalos, enquanto a cavalaria e as charretes de guerra corriam para enfrentar o inimigo. Enquanto seus hoplitas corriam e bloqueavam com seus escudos juntos. O ar estava completamente e estranhamente quieto, enquanto os dois exércitos colidiam. Gritos, grunhidos, gemidos e clamor enchiam o ar, que estava pontuado pelo som de metal colidindo, setas e pedras zumbindo.

Troian avançou sob o massacre. Styxx manteve seu hoplon alto, enquanto cortava os demônios, tentando proteger Gaius e Galen.

De repente, uma sombra caiu sobre ele. Levantou seu hoplon a tempo de desviar um golpe mortal.

Era o líder do inimigo.

Ele estava usando uma armadura preta que combinava com a de Styxx, e seu tom de pele azul estava coberto com sangue preto e vermelho. Os dois lutavam com habilidades iguais. Todo movimento que ele fazia, seu oponente parecia conhecer.

Finalmente, Styxx girou um golpe que derrubou o elmo da cabeça do demônio. Ele congelou com a visão de seu irmão, com o cabelo preto e a pele azul. Era a mesma forma que Acheron manteve na época em que esteve com ele na varanda e lutou. Os raiados olhos prateados de Acheron estavam vermelhos um momento antes que conduzisse sua espada através de todo o corpo de Styxx. Ele enterrou o punho exatamente ao lado do umbigo de Styxx, e usou a espada para puxar Styxx para seus braços.

— Akri di diyum. — Acheron sussurrou em seu ouvido, em atlante. *O senhor e mestre decidirão.* Ele torceu o punho, virando a lâmina dentro do corpo de Styxx. — Nós nunca fomos irmãos. E nunca conheceremos a paz. — Então afundou suas presas na garganta de Styxx e bebeu dele como Apollo tinha feito mil vezes...

Styxx acordou suando frio com o coração disparado.

— Querido? — A mão calorosa de Bethany trouxe-o de volta, enquanto ela se sentava e o puxava em seus braços. — Você está tremendo.

Ele não conseguia parar isto.

— Outro sonho ruim?

— Sim.

Ela brincou com seus cabelos.

— Mais guerra?

Ele acenou com a cabeça. Desde o dia de sua primeira batalha, sofria retrospectos horrendos, tanto enquanto acordado e especialmente sempre que sonhava. Mas nenhum deles tinha sido como este.

— Podia senti-lo, Beth. Prová-lo. Era como se eu estivesse lá...

Ela aconchegou a cabeça dele em seu peito e o balançou em seus braços.

— Você está em casa e está seguro.

Ele não se sentia seguro. Mal se sentia são. Fechando os olhos, espalhou a mão contra a barriga distendida dela, onde seu filho dormia em uma paz que sempre o iludiu. Isto, o cheiro de eucalipto e seu toque o acalmaram até que se sentiu quase normal novamente. Beijou o rosto dela, então se moveu para se sentar com a coluna contra a parede. Inclinando-se para trás, a puxou contra seu peito para abraçá-la como costumava fazer sempre que a visitava no córrego. Com cuidado para não machucá-la, cruzou os braços sobre sua barriga e por baixo de seus seios, para que pudesse se perder neste simples momento de felicidade perfeita.

— Você está me assustando, Styxx. Quer conversar sobre isto?

— Para falar a verdade não. Não quero insistir em pesadelos enquanto tiver você comigo.

Bethany passou a mão em seu antebraço cheio de cicatrizes, enquanto ouvia as vozes dos deuses de Atlântida gritando por ela. Mas pela primeira vez em sua vida, os ignorou. Não se importava com nada disso agora. E não deixaria Styxx, para ir aliviar a estupidez deles. Não enquanto ele precisava dela.

Embora nunca dormisse muito, ele estava dormindo menos ainda, agora. Pior, estava ficando muito mais silencioso ao redor dela... como esteve quando ela o salvou aquela vez em Atlântida.

— Sabe, você realmente nunca me disse o que fez no ano em que estivemos separados.

Ele recostou a cabeça contra a dela.

— Sobrevivi, e não muito bem.

— E?

Ele cobriu a mão dela com a sua cheia de cicatrizes.

— Não quero que tenha qualquer coisa exceto belas lembranças e pensamentos. Meu trabalho é protegê-la e a nosso filho. Não sobrecarregá-la com coisas que não podem ser mudadas.

— Não sou fraca, Styxx. Posso lidar com seu passado.

Ele beijou sua mão e a segurou na costeleta em seu rosto.

— Nunca pensei em você como fraca, meu amor. Sei em meu coração que é de longe mais forte do que sou. E é por isto que não posso lhe dizer.

— Não entendo.

— Em toda minha vida, Beth, você foi a única que sempre me olhou com carinho e respeito.

— Galen o amou e respeitou.

— Nem sempre. Por anos, ele me odiou, e até no fim, podia às vezes ver isto em seus olhos. Não porque sentisse isto por mim naquela época, mas porque me lembrava de qual era a sensação disso, quando ele me via como nada mais do que um pedaço de merda mimado, para ser golpeado e menosprezado por meu direito inato. Você nunca, jamais olhou para mim deste modo, e não posso aguentar ver isto, se você o fizer. Não quero que me julgue por coisas que fiz para sobreviver. Coisas que não pude controlar.

— Nunca o julgaria por isto.

Styxx desejou poder acreditar nisto. Mas tinha medo de correr este risco. Como ela poderia olhar para um prostituto com carinho? Como alguém poderia?

— As palavras são fáceis de dizer, mas as emoções traem as melhores das intenções. Fui usado, machucado e degradado de um jeito que ninguém deveria jamais conhecer, e não quero que veja tão desprezível vítima patética sempre que olhar para mim. Quero que veja o guerreiro que daria sua vida para mantê-la segura.

Ela entrelaçou seus dedos com os dele.

— Muito bem, meu coração. Não o forçarei, mas juro que nunca o julgaria por coisas que não pôde evitar.

Mas Styxx julgava a si mesmo por elas, e quando seu aniversário se aproximava, ficava cada vez mais difícil para ele. As vozes em sua cabeça gritavam mais alto, até que temia que estivesse ficando louco. A única vez em que tinha qualquer consolo era quando ela estava com ele.

Todos eles estão vindo para mim.

Esperava apenas que qualquer plano para destruí-lo não tocasse Bethany.

16 de maio de 9527 a.C.

Bethany cuidadosamente escolheu por uma fruta disposta em tigelas no bufê da sala de jantar. Embora tivesse comido apenas uma hora atrás, estava morrendo de fome novamente. E em momentos como este, realmente ficava fora de si. Isto era agravante para jogar “nome do artigo misterioso” quando não tinha nenhuma ideia do que estava tocando.

— Quando Aara estava grávida de Styxx, ela sempre desejava maçãs e figos.

Bethany parou ao som da voz do rei. Xerxes realmente nunca tinha falado com ela antes. E embora ele não fosse a sua pessoa favorita, era avô de seu filho.

— Styxx ainda tem uma preferência por ambas.

— Ele tem?

Como seu pai, você não deveria saber? Mas não quis ser abertamente rude com o homem, especialmente já que ele estava tentando.

— Tem, realmente.

— Hummm... sei que ele também gosta de queijo.

— Você quer dizer, que gostava. Ele não gosta disso por algum tempo agora.

— Por que é isto?

Ela teve que morder de volta sua raiva, pelo fato de que um membro da família de Styxx não soubesse a coisa mais básica sobre ele.

— Queijo, cebola, alho, sopa preta, e ervilha amarga são os alimentos básicos de um soldado, meu senhor. Muitas vezes na guerra, era tudo o que ele tinha para comer durante meses a fio. Desde seu retorno, raramente toca em qualquer deles.

— Não tinha ideia que ele já tinha provado ervilha amarga.

Isso porque é considerada comida de aldeões ou famintos pelos ricos e aristocráticos.

Ou deixado para o gado comer.

Definitivamente não era algo que um príncipe deveria ter conhecimento.

— E o que é esta sopa preta? — Ele perguntou. — Nunca ouvi falar disto.

— É feita com sangue e cevada.

Quando ele falou, seu tom estava carregado de desgosto.

— Como ele pôde comer tal coisa?

— Na guerra não se reclama sobre o que lhes é oferecido como alimento. Os soldados ficam contentes se têm qualquer coisa com que atenuar sua fome.

— Você parece saber muito sobre o assunto.

Porque ela se importava realmente com Styxx.

— Meu pai é conhecido pelas guerras que começa e luta, e sei que desde seu retorno, Styxx tem uma propensão para acumular maçãs em uma gaveta em seu quarto. Entretanto ele raramente as come, está sempre verificando para ter certeza que estão ainda lá.

— Não tinha ideia que a guerra tinha deixado tal impressão nele.

Levou tudo o que tinha para ela não dar coices no homem e sua falta de consideração por seu próprio filho.

— Devia estar preocupado por encontrar vocês dois conspirando?

Ela sorriu ao som da voz profunda e rouca de Styxx, que nunca falhava em enviar calafrios sobre ela. Até ele, nunca tinha achado um sotaque grego atraente. Mas ela podia ouvir o dele o dia todo.

— Não conspirando, meu amor. Temo que seu filho já esteja tentando arruinar minha forma.

Ele surgiu por trás dela e enrolou os braços ao redor dela, antes de acariciar seu pescoço. Fechando os olhos, ela colocou a mão contra o rosto dele e saboreou a sensação dele abraçando-a. Passou seu polegar contra seu cavanhaque que estava crescendo novamente. Por alguma razão, isto ia e vinha em várias épocas do ano.

— Há azeitonas e purê de feijões. — Styxx disse, sabendo que estavam entre os favoritos dela.

— Hummm, o que pode ser bom com maçãs. — Ela sentiu a careta dele.

— Sério? — Ele perguntou incrédulo.

O pai dele riu.

— Nunca discuta com uma mulher grávida, garoto. Elas comem todos os tipos de coisas estranhas.

Styxx deu um beijo no rosto dela antes de afastar-se.

— Tudo bem, comida estranha então. — Ele lhe fez um prato, e fatiou as maçãs, enquanto seu pai os observava com uma intensidade que achou perturbador.

— Você parece cansado, garoto. Não tem dormido?

Styxx colocou o prato na mesa, em seguida ajudou Bethany a se sentar.

— Estou bem, pai. — Ele foi buscar um pouco de leite para ela beber, enquanto seu pai se sentava ao lado dela.

— Styxx me disse que é seu desejo se casar no Egito?

Ele olhou para seu pai.

Bethany encolheu os ombros.

— Os deuses gregos teriam alguns problemas com minha família estar aqui. Deuses tendem a franzir o cenho para outros deuses que se intrometem em seu território.

— Então seu pai realmente é Set?

Styxx rangeu os dentes para a pergunta de seu pai.

— Você está questionando a integridade de minha noiva?

Ela colocou a mão no braço dele para tranquilizá-lo.

— Sim, meu pai é Set. Se quiser, posso conjurá-lo, mas duvido que você aprecie a visita. Enquanto ele é incansavelmente louco por mim, é uma fera com todos os outros. Até com sua própria família. É por isto que vive sozinho no deserto a maior parte do ano.

O olhar do idoso foi para Styxx.

— Como acha que ele lidará com o fato de que você tem um marido grego?

Ela enxugou os lábios com seu guardanapo.

— Ele não se importará. — Ela lançou um doce sorriso para Styxx. — Apesar de querer o intestino de qualquer homem que me toque, não importando de onde venha.

Styxx riu.

— Quanto mais fala de seu pai, mais preocupado eu fico.

— Não tema, amor. Já falei com o resto de minha família. Maahes, Horus, e Osiris juraram juntar forças e impedi-lo de rasgar você em pedaços. Mas recomendaria que aparecesse no casamento com sua armadura, apenas por segurança.

Seu pai bufou.

— Estou contente por ver meu filho casando-se bem. Ele tem sido tão reticente em se aproximar das mulheres, que comecei a me desesperar que houvesse algo faltando nele.

Styx abriu a boca para responder, mas Bethany apertou sua mão.

— Obrigada, Majestade. — Ela disse com um sorriso.

— Pelo quê?

— Confirmar a lealdade de Styx. Não que fosse preciso. Nem uma vez duvidei de sua fidelidade a mim.

Styx beijou o rosto dela.

— Você é a única mulher que jamais toquei, e não terei nenhuma outra.

Ela sorriu com a declaração dele.

— E você é o único homem com quem me casaria. O único homem que já confiei para manter e não quebrar meu coração. — Ela voltou-se em direção ao pai dele. — Estamos juntos desde que Styx não era mais que um menino. Mas mesmo então, ele era mais homem que qualquer antigo que já conheci. — Ela colocou de lado seu prato. — Agora se nos desculpar, toda esta conversa de lealdade e fidelidade de seu filho me fez sentir um desejo súbito de ir cavalgar.

Seu pai franziu o cenho.

— Você não devia montar em sua condição. Pode cair do cavalo e perder ou ferir o bebê que carrega.

Segurando a mão de Styx na dela, parou para sorrir cortesmente para ele.

— Nunca disse nada sobre um cavalo, Majestade. É seu filho que pretendo montar e cavalgar. Bom dia. — Com Styx a reboque, ela dirigiu-se para a porta.

Styx não fez um som até que estavam do lado de fora no corredor, então caiu repentinamente na gargalhada.

— Queria que pudesse ter visto a expressão no rosto dele. Não posso acreditar que disse aquilo para ele. Ele não podia acreditar que você disse isto.

Bethany finalmente deixou sua irritação transparecer, o que foi bom, já que não conseguia reter isto nem mais um momento.

— Ele mereceu isto e mais. Ora, ele me deixou com tanta raiva. Apenas não entendo como você veio dele!

Ele não respondeu enquanto a puxava contra ele, tão apertado que podia sentir o pau duro dele contra seu quadril, enquanto mordiscava o pescoço dela.

— O que está fazendo?

Ele brincou com o lóbulo da orelha dela com seus dentes.

— Vou levá-la para cima e fazer de você uma mulher honrada. Ainda quer aquela cavalgada, não é?

Mordendo o lábio, ela estendeu a mão para acariciá-lo. Ele endureceu mais ainda.

— Seria uma vergonha desperdiçar isto, não seria?

— Seria realmente. — Ele a beijou ligeiramente nos lábios, em seguida virou-a nos braços dele e a carregou para cima, onde pretendia fazer amor com ela até que nenhum deles pudesse caminhar.

19 de junho de 9527 a.C.

— Então é verdade.

Dentro de seu templo em Thebas, onde tinha ido desempacotar as roupas do bebê, Bethany olhou para cima com o tom severo de seu pai. Ela endireitou-se imediatamente e tentou bloqueá-las da visão dele, então se perguntou por que, já que sua barriga distendida traía sua gravidez muito mais eficaz do que as roupinhas do bebê faziam.

Seu coração batia freneticamente quando encontrou os brilhantes olhos dourados dele, que detinham mais magoa do que raiva. Sem mencionar que sua cor falava muito sobre seu humor... seus olhos eram de um azul muito mais escuro dos que os de Styxx, sempre que estava feliz.

Dourado não era bom no caso do deus Set.

— Eu ia lhe contar, Papa.

— Quando?

— Quando estivesse certa de que você não mataria o pai.

Suspirando, ele avançou para que pudesse colocar a mão na barriga dela, e sentir o bebê que se movia dentro dela.

— Ele é forte.

— Como seu avô.

Set zombou de sua lisonja. Ele era muito mais alto do que ela, e a puxou para perto dele até que estivesse aconchegada debaixo de seu braço, com a cabeça descansando contra seu ombro. Ele segurou o rosto dela na sua grande mão, e beijou o topo de sua cabeça.

— Você é minha única filha, Bet'anya. Tem alguma ideia do quão preciosa é para mim?

Ela tocou em sua barriga e sorriu.

— Tenho agora.

Ele balançou a cabeça e suspirou.

— Você ama o pai dele?

— Mais que minha vida... — Ela olhou até encontrar o olhar dele. — Por favor, não o mate.

Ele riu.

— Apenas por você, ou estaria despedaçando-o já. Não posso suportar o pensamento de qualquer homem lhe tocando.

— Eu sei, mas ele é extremamente notável e extremamente amável comigo.

— É melhor ele ser mais do que isto. — Soltando-a, afastou-se e deu-lhe um olhar severo.
— Quero conhecê-lo.

— Papa...

— Leve-me até ele. Agora. — Este era um tom que raramente o ouvia usar com ela. Era um que não admitia demora ou pergunta.

Com medo por Styxx, ela mordeu o lábio, indecisa.

— Quais são suas intenções?

— Saber mais sobre ele.

Claro que eram...

Então respondeu por seu amado.

— Ele vai-se casar comigo aqui em Thebas, em pouco menos de três semanas.

Isso não aplacou seu pai, nem mesmo um pouquinho.

— Ainda quero conhecê-lo antes de você ter qualquer compromisso.

Ela não estava muito certa sobre isto. Gostava muito de ter Styxx por inteiro.

— Só se me prometer que não vai espetar a cabeça dele em uma parede, ou arrancar uma parte vital de sua anatomia.

— Defina vital. Como algo que ele possa viver sem ou algo que você não quer que ele fique sem?

Mal-humorada, ela estreitou os olhos para deixá-lo saber o quão séria estava.

— Papa!

Ele levantou as mãos para o alto em rendição.

— Posso ter um pequeno testículo arrancado?

Ela ficou boquiaberta para ele.

E então ele estalou a língua com a reação dela.

— Vamos, filha... só uma bola. Ele nem sentirá falta disso. Nem tampouco você.

Ela sorriu.

Ele soltou outro suspiro cansado.

— Tudo bem, então. Prometo que não machucarei seu prometido... hoje. Não faço promessas em relação ao futuro dele, se magoar você ou o bebê.

Para seu pai, isso era um grande sacrifício, e seria o melhor que podia obter dele. Mas poderia dizer que não tinha nenhuma dúvida de que ele adoraria Styxx, tanto quanto ela adorava, uma vez que se encontrassem.

— Certo. Mas fique sabendo antes de irmos, que ele é grego.

Ele retorceu seu rosto com um olhar de desgosto supremo.

— Nem mesmo egípcio... culpo sua mãe por isto.

— Tudo bem, como ela culpa você pela maior parte de meus maus hábitos. E falando em mamãe, ele não sabe quem ela é ainda. Gostaria de manter isto deste modo, também.

Seu pai deu-lhe um olhar arqueado.

— Ele é grego, Papa. — Ela reiterou. — E foi também a pessoa que invadiu Atlântida.

Seu pai soltou uma risada muito mais maligna.

— Styxx de Didymos? — O fato de que conhecia aquele nome dizia tudo.

— Sim.

Ele sugou a respiração bruscamente.

— O lado materno de sua família ficará até menos contente com sua escolha do que estou.

Ela estava bem ciente daquele fato, e era por isso que adiou o casamento. Esperava que até lá, toda a confusão com Apostolos ficasse para trás e seu lado materno aceitaria um pouco melhor seu marido.

— Eu sei, e nem Styxx tampouco. — A aversão dele era realmente a única coisa que a preocupava, especialmente dado o que sua família fez com ele, enquanto o mantiveram em Atlântida. Rezou que Styxx pudesse deixar o passado para trás e aprender a perdoar sua família com o tempo. — Estou esperando que o bebê ajude a ultrapassar tudo.

Seu pai soltou um longo suspiro.

— Segredo nunca é uma coisa boa, filha. Especialmente entre amantes. Mas não direi nada a ele. Isto é problema seu não meu.

— Obrigada. — Ela estendeu a mão para ele. No momento em que a pegou, usou seus poderes para riscá-los para a sala de estar privada de Styxx. — Estou dobrando meus poderes para evitar perturbar o panteão grego.

— Provavelmente é o melhor. Então aonde vamos?

Ela encolheu os ombros.

— Não estou exatamente certa. Ele normalmente está aqui nesta hora do dia.

Assim que terminou de falar Styxx saiu da sala de banho... completamente nu.

Boquiaberto, Styxx estancou com a visão inesperada de Bethany e seu convidado gigantesco. Horrificado, rapidamente inverteu a direção e agarrou a toalha que tinha jogado no chão ao lado do charco. *Por favor, diga-me que este não é seu pai...*

— Hummm, Styxx?

Ele vacilou com sua voz doce que poderia tê-lo advertido antes de ele envergonhar a si mesmo, caminhando com todo o seu negócio pendendo. Verdade que estava em seus aposentos particulares... O que realmente não importava para ele no momento.

— Sairei logo, akribos.

— Pelo menos ele fala egípcio. Misturado com grego, mas...

Styxx estremeceu interiormente com aquela estrondosa voz profunda, que agitava as paredes ao redor dele. Não era assim que queria encontrar seu futuro sogro.

Não sofri suficientes degradações em minha vida? Sério?

Exasperado e humilhado, ele retornou com a toalha enrolada ao redor de seus quadris, para encontrar Bethany em pé ao lado de um homem, que não parecia muito mais velho do que qualquer um deles... Ainda assim, trazia semelhança suficiente com Bethany para que Styxx percebesse que sua morte era iminente.

Especialmente desde que o homem musculoso erguia-se acima de Styxx por uns bons centímetros. Merda. Ela apenas esqueceu-se de dizer-lhe que homem grande seu pai era.

— Hummm. — O homem disse, estreitando seu olhar severo em Styxx. — Ele não é um covarde. Isto é uma vantagem.

Ela riu.

— Papa, pare de provocá-lo.

Com aquela confirmação da identidade do homem, Styxx quis derreter no chão e desaparecer. Isto definitivamente não era o modo como tinha imaginado encontrar o pai dela.

Roupas seria uma boa opção.

— Perdoe-me, Lorde Set, não estava esperando companhia.

— Espero que não, dado seu estado de nudez. Embora frequentemente diga que os gregos são selvagens, como regra geral, você geralmente tem modos o suficiente para não caminhar por aí nu na companhia atual.

Bethany franziu a testa para ele.

— Por favor, pare. Estou certa de que Styxx já está mortificado o suficiente. — Ela aproximou-se de Styxx. — Sinto muito que nós não o avisamos. Meu pai descobriu sobre o bebê, e insistiu em conhecê-lo imediatamente.

Sem pensar, Styxx começou a envolver os braços ao redor dela como fazia normalmente, então se conteve quando se lembrou da tendência do pai dela de fatiar partes da anatomia, e isso era de homens que não engravidaram sua única filha.

— Hum...

Set riu.

— E parece que ele está domesticado, caso contrário ele teria feito uma bagunça agora mesmo, quando se aproximou para tocá-la, filha. — Ele avançou e estendeu a mão para Styxx. — Relaxe, filho. A forma como todo o seu rosto se iluminou quando viu minha menina, me diz tudo o que preciso saber sobre como se sente no que se refere a ela... e sei como ela sente sobre você. Assim, como amo minha filha, você está protegido de danos.

Quando Styxx foi pegar a mão dele, Set o puxou em um abraço paternal. Ele apertou seus braços ao redor de Styxx, mostrando-lhe o quão inumanamente forte ele era.

— Mas se alguma vez quebrar o coração dela, eu o comerei no jantar.

— Papa!

Ele beijou o rosto de Styxx antes de soltá-lo.

— Estou apenas me divertindo com ele, Bet. Certamente pode me permitir isto. Não é todo dia que consigo um novo filho, não importa se dois deles de uma vez. — Ele deu um passo para trás, então franziu o cenho.

Antes de Styxx poder perguntar o que tinha lhe chateado, Set virou Styxx para examinar suas costas. Rangendo os dentes, Styxx sabia exatamente o que o tinha irritado.

— Você está marcado por Apollo?

Styxx teve que se esforçar para não rosnar de algo que ainda era uma enorme ferida para ele.

— Estava. Ele me libertou.

Os olhos de Set se transformaram em uma cor dourado profundo, que combinava com os de Bethany.

— Você deveria saber que odeio aquele bastardo. Apaixonadamente.

— Então estamos juntos, meu lorde. Não mantenho nenhum amor por ele também. Ele me marcou contra minha vontade, e não o perdoei por isto.

Isto imediatamente relaxou o deus mais velho, e seus olhos voltaram para um profundo azul.

— Você é ainda mais bem vindo à minha família, Styxx. Estendo minha proteção a você. Se ele se aproximar de você novamente, deixe-me saber.

— Aprecio isto, meu lorde. Obrigado.

Set assentiu com a cabeça então se virou em direção a Bethany.

— Apesar de eu não estar muito entusiasmado por ele ser grego, pelo menos você escolheu um príncipe e um campeão que fala nosso idioma. — Ele olhou para Styxx e sorriu. — E posso fingir que a toalha dele é um shendyt.

Styxx encolheu-se visivelmente neste momento.

— Espero não tê-lo ofendido excessivamente.

— Por sua falta de vestimenta? Não por isso. Engravidar minha filha...

Bethany golpeou o estômago dele, cortando-lhe a frase no meio das palavras.

— Pare, Papa. Ele não sabe que está brincando.

— Quem disse que estou brincando?

— Ele está brincando com você, meu amor, e agora está indo embora.

Set abriu a boca para protestar, em seguida apertou sua mandíbula como se pensasse melhor sobre isto.

— Tudo bem. Devo deixá-los a sós. Mas verei você no jantar hoje à noite, filha. Temos um casamento para discutir. Qualquer planejamento que fizer, estou certo de que serão inadequados.

Ele imediatamente desapareceu.

Bethany estendeu a mão em direção a Styxx.

— Você ainda está vivo, certo?

Styx nervosamente riu.

— Por enquanto.

— Você está completamente envergonhado?

— Até o âmag de meu ser. Mas estou muito agradecido por ter sobrevivido ao encontro com todas as minhas partes do corpo intatas, para reclamar. — Agora que estavam sozinhos, ele envolveu os braços ao redor dela e espalmou as mãos contra sua barriga para sentir o bebê deles. — O pequeno Galen está extremamente ativo hoje.

— Acho que reconhece o som de sua voz. A qualquer hora que você fala, ele imediatamente começa a se mover.

— Verdade?

Ela assentiu com a cabeça e puxou a mão dele mais para baixo, para onde o filho deles estava realmente se debatendo.

— Isso a machuca?

— Não. Nem um pouco. Entretanto ele me desperta ocasionalmente de noite, quando se mexe.

— Mal posso esperar para conhecê-lo. — E, no entanto Styx não conseguia afastar a sensação ruim que permanecia em seu próprio estômago.

Ela beijou o rosto dele.

— Está pronto para a celebração de seu aniversário?

Suspirando, ele a afastou-se dela.

— Eu venho querendo conversar com você sobre isto.

Bethany franziu a testa com a nota estranha na voz dele.

— Sobre o quê?

— Não há nenhuma maneira de dizer isto sem soar ruim, portanto vou apenas dizer e, por favor, não se ofenda.

Com cada palavra que ele falava, seu pânico aumentava.

— O quê? — Ela repetiu.

— Não quero você aqui para isto.

Ela estava definitivamente ofendida.

— Por quê?

— Tenho uma sensação terrível, Beth. Uma que não desaparece. Queria apenas que estivesse segura e longe daqui.

Ela estremeceu com os medos desnecessários que constantemente o atormentavam. Especialmente desde a morte de Galen. Estava apavorado que os deuses lhe tirassem alguém que ama.

— Ficarei bem, amor. São apenas seus traumas de guerra novamente, e entendo. Você teve muitos ataques perversos. Mas ninguém vai me machucar ou ao bebê.

— Beth...

— Styxx... ele estará bem. Confie em mim. Você passou muitos aniversários com as pessoas que não o amavam. O bebê e eu queremos estar aqui para este.

Fechando os olhos, Styxx queria amaldiçoar o amor dela por ele. Mas como ele podia? Era um artigo muito raro para que rejeitasse isto.

— Tudo bem, mas me prometa que partiremos assim que acabar. Iremos para o Egito e ficaremos lá, onde sua família pode protegê-la até depois que o bebê nascer.

— Se é isso que você quer, então eu concordo. Mas não é necessário.

— Pela minha sanidade, é.

— Certo. Por causa de sua sanidade. — Ela beijou seu rosto novamente.

Ele a deixou para se vestir e apenas então Bethany sentiu uma pontada do medo dele.

Mas ela descartou isto. Depois do aniversário dele, pretendia beber o soro de Ma'at e se tornar completamente humana. Em quatro dias, eles iriam para o Egito e ninguém jamais poderia prejudicá-los novamente.

Ela poria os medos dele para descansar e tudo ficaria bem no mundo.

22 de junho de 9527 a.C.

Styx passava as mãos pelos cabelos, enquanto as vozes de milhares de pessoas gritavam em sua cabeça. Por causa do número de pessoas que seu pai convidou, esteve com dor o dia todo. Tanto assim que seu nariz sangrou ao longo da manhã. Honestamente, não podia suportar isto.

A única pessoa que queria ver não estava aqui ainda, e uma parte dele esperava que Bethany desse atenção ao seu medo, e não aparecesse afinal.

Sua única tábua de salvação era o fato de que nem Acheron, nem Ryssa, tinham chegado perto dele. Ao contrário, estavam isolados em seus aposentos, sem dúvida nenhuma desejando sua morte brutal.

Talvez ele devesse atribuir mais provadores para sua comida hoje à noite...

Alisando o cabelo para baixo, ele recolocou a coroa de folhas douradas, que odiava, em sua cabeça.

Ainda pior que o sentimento de medo que se recusava a ir embora, era o pesar que tinha com a ausência de Galen. Esta era a primeira vez ao longo de uma década, que não passou pelo menos parte de seu aniversário com o idoso.

— *Quer um prêmio por nascer? O que há de errado com você, garoto? O mundo não dá prêmios para nascimentos.* — Por cinco anos, este tinha sido o discurso de Galen.

As lágrimas o sufocavam enquanto se lembrava do aniversário seguinte.

Seu pai tinha sido um completo imbecil, quando Styxx foi forçado a escutar as sessões do tribunal por toda a manhã, enquanto tentava esconder um perverso sangramento nasal. Quanto ao “presente” de seu pai, tinha sido uma doação “pessoal” para a cidade, de um monumento em honra ao rei.

Quando Styxx foi para a prática, com os insultos de sua mãe e de Ryssa soando em seus ouvidos, estava completamente vazio e sombrio.

Até que entrou para trocar de roupa. Sentado na plataforma estava um par de vambraces preto e bronze, que combinavam com sua armadura.

Impressionado com a visão, ele assumiu que foram colocados lá por engano.

— Eles não mordem garoto. Experimente-os. Veja se eles se ajustam.

Franzindo a testa, ele virou-se para ver Galen em pé na entrada com um sorriso largo em seu rosto.

— A quem pertencem?

Galen riu.

— A você, Alteza. É meu presente para você. Feliz aniversário, gios. Espero que sempre o protejam na batalha.

Seus olhos ficaram úmidos com a lembrança, Styxx foi até seu peito e puxou-os. Não tinha certeza de quem estava mais orgulhoso deles. Galen por dá-los ou ele por recebê-los. E lhe foram bem úteis na batalha.

— Sinto sua falta, Galen. — Ele suspirou, desejando que pudesse ver seu mentor mais uma vez.

Entretanto tinha muitos arrependimentos.

Suspirando, embrulhou os vambraces de volta em seu protetor pano oleado, e os colocou ao lado do cavalo de madeira, que Acheron não queria nada com ele. Daria isto para seu próprio filho para que brincasse um dia.

— Feliz aniversário, irmãozinho. — Ele sussurrou, sabendo que o presente perfeito para Acheron seria a cabeça de Styxx em uma bandeja.

De repente, ouviu uma fanfarra alta.

Seu coração disparou e mais dor transpassou por sua cabeça, enquanto ia para as janelas para ver quem estava chegando.

Bethany.

— Poderia estrangulá-la por não me escutar. — Mas o resto dele não concordava com seu cérebro. Apesar de seu bom senso, estava emocionado que ela tenha vindo.

Deixou seu quarto para saudá-la, e a cada passo, rezava para que ela estivesse certa. Que fosse apenas sua estupidez que o fazia temer tanto este dia.

23 de junho de 9527 a.C.

Bethany estava rindo na cama com Styxx quando ouviu um grito ensurdecedor que ecoou pelo éter, que só os deuses e alguns outros podiam ouvir... Uma agonia horrorizada de extrema aflição. Ela soube da fonte do som em um momento.

Apollymi.

Eles finalmente encontraram seu filho e o mataram? Isso era o tipo de sofrimento que explicava isto. Certamente nada mais poderia justificar tanta dor.

Styxx ficou rígido ao redor dela como se tivesse ouvido isto também, mas como um mortal, ele não deveria ter de maneira nenhuma acesso àquelas vozes. Embora ele continuasse a estar duro dentro dela, estava completamente imóvel em seus braços.

— Você está bem? — Ela lhe perguntou.

Ele amaldiçoou baixinho.

— Sangramento nasal.

Foi a primeira vez que ele teve um enquanto fazia amor com ela. Ele recuou e deixou-a para cuidar disto.

Ela sentou-se e puxou os lençóis para se cobrir.

Depois de alguns segundos, ele retornou para a cama e sentou-se ao lado dela, segurando um pano no nariz.

— Desculpe amor. *Timing* realmente ruim.

Ela se sentou para passar a mão nos cabelos dele, que estavam finalmente longos o suficiente para ficar enrolados novamente.

— Estou mais preocupada com você. Tem alguma ideia do que causou isto?

Styxx ficou quieto enquanto continuava a ouvir a voz de uma deusa em sua cabeça. Era uma que ouvira muitas vezes enquanto crescia. Ele não sabia seu nome, mas quando era uma criancinha, sua voz o acalmava como a canção de ninar de uma mãe.

Hoje, ela estava gritando e furiosa, e ele não tinha ideia do porquê. Pior, ela estava amaldiçoando e ameaçando-o, como se ele tivesse feito alguma coisa para ela.

Eu o encontrarei e arrancarei seu coração, você grego filho da puta! Vou pegá-lo e tudo o que lhe é querido. Não haverá nenhum lugar em que possa se esconder que não descobrirei, e

quando fizer isso, desejará por seus deuses gregos que tivesse morrido no nascimento, como você devia! Como ousa não proteger meu filho! Tomarei banho em suas entranhas pútridas!

Ele não tinha nenhuma ideia do que fez para merecer o ódio dela. *Talvez não fosse dirigido a você...*

Mas isto parecia pessoal.

Mais que isto, parecia como o mesmo humor que sua mãe estava logo antes de ela o apunhalar. E enquanto Bethany escovava o cabelo de seus olhos, uma imagem de Galen morrendo em seus braços bateu nele como um golpe maligno. Só que desta vez, era Bethany que ele via morrer.

— Preciso que você parta.

Ela imediatamente congelou.

— Desculpe-me?

— Não permanentemente, akribos. Prometeu-me que iria logo após meu banquete. No entanto, você ainda está aqui. Preciso que vá para o Egito tão rápido quanto puder, para que seu pai e sua família possam mantê-la segura para mim.

— Não quero deixá-lo.

— Estarei bem atrás de você. Provavelmente a alcançarei antes que chegue lá.

Bethany hesitou. Ela começou a dizer-lhe que era uma deusa e que ele não tinha necessidade de ter medo por ela, mas já que estaria desistindo disso em alguns dias para ser como ele, não havia necessidade de mencionar isto e ariscar-se à raiva e condenação dele.

— Estou certa de que chegarei lá primeiro.

— Bom. Agora, por favor... vamos embalar suas coisas e tirá-la daqui.

— Seu nariz ainda está sangrando. Posso sentir isto.

— Lutei muitas batalhas com ele sangrando pior do que isto. Não é nada. Ficarei bem.

Ela enrolou-se ao lado dele com a barriga descansando contra as costelas dele. Fechando os olhos, Styxx saboreou o calor dela lá, enquanto seu filho chutava a ambos. Ela pegou a mão dele na sua e levou-a até seus lábios, para que pudesse mordiscar suas juntas.

— Você é a coisa mais importante em meu mundo, Styxx de Didymos, orgulhoso príncipe de Ariclean. Em meu coração, sou sua esposa, e não preciso de nenhum contrato ou testemunha para validar isto.

Ela colocou a mão dele em seu coração para que ele pudesse sentir a suave batida forte disto.

— Em toda minha vida, nunca houve outro homem que me fez sentir o que sinto sempre que penso em você. Seu prazer é o meu prazer e sua agonia é mil vezes pior para eu aguentar, que qualquer uma que já senti, porque você é muito mais importante para mim do que sou. Toda vez que parte, não posso respirar novamente até que saiba que está seguro e de volta em meus braços. — Ela beijou a mão dele. — Contra meus desejos, irei para agradá-lo, mas saiba que viverei em absoluta miséria até que esteja com você novamente. — Ela mordeu as juntas dele. — Não me faça esperar, meu amor.

Percebendo que ela tinha falado seus votos de casamento egípcios, declarando sua devoção por ele, e como tal estava pedindo-lhe para casar-se com ela, antes de ela partir, ele puxou o pano de seu nariz, em seguida puxou a mão dela para seus lábios, para que pudesse beijar sua palma.

— E você, Doce Bethany do Egito, Princesa de Thebas, é minha kunosoura...

— Sua o quê? — Ela franziu o cenho. — Desculpe amor. Não sou uma nativa e grego é um idioma muito difícil.

Rindo, ele beijou a mão dela novamente, então usou a palavra egípcia para a estrela mais brilhante no céu que os soldados e marinheiros costumam usar para navegar à noite, para guiá-los para a segurança e para casa.

— Thuban. No pior dia de minha vida, quando estava perdido e sem esperança ou redenção, você saiu da tempestade mais escura, inesperadamente. Eu era apenas uma concha vazia vagando pelas margens do Phlegethon, preso entre o Tártaro e os Campos de Punição com nada além de razões para morrer, e então seu beijo soprou vida em meu coração enfraquecido e minha alma escurecida. Até aquele momento, quando colocou sua mão suave em meu rosto, não conhecia nada sobre generosidade. Nada de felicidade. E absolutamente nada do amor. Aquele suave, toque gentil que não significava nada para você, por estar em sua natureza ser deste jeito, foi muito mais profundo do que apenas em minha pele. Alcançou minha parte mais morta e definiu a batida de um coração que eu nunca soube que existia. Posso contar cada ano feliz de minha vida em uma mão, e todos eles devo a você. Sem você, minha preciosa Bethany, não tenho nada. Não sou nada. E tudo que peço é que nunca me devolva ao inferno stygian do qual me puxou. Foi difícil o suficiente sofrer isto antes de saber que você existia, mas agora que conheço o rosto de Theia, não posso voltar a morar na escuridão sozinho. Preciso de você, meu amor. Sempre.

Ele beijou a testa dela.

— Você não é apenas minha esposa. Você é o que me sustenta, e minha única oração, para qual eu nunca trouxe uma sombra de dor aos seus olhos ou lindo coração.

Bethany franziu a testa quando ele colocou um anel em seu dedo.

— O que é isto?

Quando ele falou, sua voz estava rouca com dor.

— É o anel de casamento que Galen e eu escolhemos para você bem antes de ele morrer.

Lágrimas fluíam pelo rosto dela, enquanto sorria orgulhosamente.

— E ele nunca deixará meu dedo.

— E você nunca deixará meu coração.

Ela o puxou para seus braços e o abraçou apertado.

— Como espera que eu vá enquanto você fala comigo assim? Quando sei quanta dor sentirá sem mim?

Ele segurou o rosto dela.

— Porque estará levando minhas partes mais importantes com você, Bethany... Meu coração. — Ele beijou os lábios dela. — E minha alma. — Beijou sua barriga, então beijou suas lágrimas. — Por favor, por minha sanidade. Todas as vezes em minha vida que as coisas estavam indo bem, algo horrível acontecia. Já perdi Galen. Não posso perdê-la e a nosso filho.

— Tudo bem. Eu irei. Mas não feliz.

— E estarei contando cada batida de meu coração até que estejamos juntos.

Relutantemente, ela deixou a cama e começou a se vestir e embalar suas coisas.

Seu coração doía, enquanto Styxx a ajudava. Na verdade, queria mantê-la ao seu lado. Mas Thanatos estava lhe espreitando. Ele podia sentir o bastardo respirando em seu pescoço, e sabia que se ela ficasse, seria pega em qualquer tempestade que estava vindo.

Em breve e não breve o bastante, ele a tinha cercada de homens e a caminho do Egito.

— Partirei amanhã. Prometo.

Bethany assentiu com a cabeça.

— Estarei esperando por você. Não demore.

Styxx beijou os lábios dela, em seguida segurou a mão dela em seu coração, enquanto mantinha a outra mão na área de sua barriga, onde seu filho chutava. Estava apavorado de deixá-la ir. Apavorado que nunca mais a visse novamente. Mas pior era o medo de que se ela ficasse para trás, fosse machucada por causa de seu egoísmo.

Sorrindo tristemente, ela suspirou uma bênção egípcia no ouvido dele.

— Que Ra esteja entre você e o mal, em todos os lugares vazios por onde você caminhar.

Ele apertou-lhe a mão nos lábios.

— E eu prefiro que seu avô caminhe com você e a mantenha segura a cada passo desta jornada.

Ela inclinou-se para baixo em sua charrete para beijar o rosto dele.

— Amanhã.

— Estarei grudado em seus calcanhares. Eu juro. — Styxx acenou com a cabeça para o condutor, mas segurou a mão dela até que estivessem se movendo muito rápido para ele manter o passo.

Enquanto a observava partir, sentiu como se seu coração estivesse sendo arrancado de seu peito. Mas sabia que ela tinha que ir. Era a única esperança que tinham.

24 de junho de 9527 a.C.

Styxx parou de embalar suas coisas para olhar em torno do palácio, que assumiu que um dia seria seu. Em apenas algumas horas, estaria longe daqui e esperava nunca mais ver isto novamente.

Deixe que Acheron ou Ryssa fiquem com isto, ou o compartilhem felizmente pelo resto de suas vidas.

Deveria sentir algo diferente de alívio.

Mas ele não sentia. Na verdade, não podia cair fora daqui rápido o bastante.

Quando estava tirando sua coroa de louros, para descer ao escritório de seu pai, para deixar isto lá, a porta da frente abriu e Acheron entrou a passos largos, com uma confiança que seu irmão nunca tinha exibido antes. Acheron normalmente se escondia com um cão espancado que não queria ser visto por ninguém.

Styxx franziu o cenho com esta mudança, perguntando-se o que causou isto. Seu irmão estava bêbado?

Corajosamente, Acheron o abordou com o peito estufado. Era o tipo de pose que os soldados às vezes usavam, quando queriam atrever-se que Styxx lutasse com eles. Mas aqueles que mantinham este tipo de estupidez, foram rapidamente ensinados que Styxx não jogava bem com os outros, e mais importante...

Ele não perdia.

— Você está doente, irmão?

Acheron enrolou os lábios.

— Apenas farto de você, e o modo como desfila ao redor, como se possuísse o mundo.

Styxx suspirou fortemente. *Se eu vivesse a vida que outras pessoas pensam que eu vivo.*

— Eu não faço isto.

— Sim. Você faz. Vejo isto toda vez que olho para você.

O cenho de Styxx se aprofundou quando percebeu que ele não podia mais ouvir os pensamentos de Acheron. Que estranho.

Não que isto importasse. Ele tinha outras coisas em sua mente. Como sair deste Hades.

Styxx começou a ir para o escritório de seu pai, mas Acheron agarrou seu braço.

— Você tem medo de mim, não é?

Styx engoliu o riso com a pergunta absurda.

— Não.

Acheron o agarrou novamente.

— Você está chapado, irmãozinho?

Rindo, Acheron empurrou Styx contra a parede da mesma maneira que Apollo frequentemente fazia. Então se debruçou para sussurrar no ouvido de Styx.

— Sei que não pode morrer irmão. Não a menos que eu morra. Isso significa que posso prendê-lo e cortar seu coração inúmeras vezes, e não há nada que possa fazer para me impedir.

Nisto Acheron estava errado. A única coisa que Atlântida tinha lhe ensinado era como lutar contra os deuses. Mas ele não estava com humor para lutar com seu irmão.

Não hoje.

— É realmente isto o que quer fazer?

A mão de Acheron apertou ao redor de sua garganta.

— Você não é melhor do que eu.

Não fode. Ele nunca pensou desta maneira.

— E você não é melhor do que eu.

O ódio naqueles olhos prateados fulminou-lhe. Mas isso não era o que Styx realmente viu. Viu a mesma sede de sangue que Acheron manteve por ele em Atlântida, quando seu irmão ajudou Estes a vendê-lo e torturá-lo. Acheron deliciou-se em vê-lo humilhado.

— Você merece isto!

A voz furiosa de seu irmão ainda soava em seus ouvidos, quando sua visão escureceu.

— Alcancei a minha maioridade, Styx. Sabe o que isso significa?

— Que pode possuir propriedades? Juntar-se ao Senado?

Os dentes de Acheron se alongaram.

Styx ficou gelado quando finalmente juntou todos os pequenos pedaços, do que tinha acontecido com ele em Atlântida. Por que Archon manteve tanta fascinação por ele, que suspeitou disto, mas ele manteve o gêmeo errado em custódia...

— Você é Apostolos.

O choque roubou o ódio dos olhos de Acheron.

— Como conhece este nome?

Nos dois anos que guerreou em Atlântida, e o ano em que ficou com os deuses deles distribuindo-o ao redor, instruiu-lhe bem no conhecimento do filho escondido de Apollymi.

Os deuses de Atlântida lhe dariam qualquer coisa por esta informação...

Qualquer coisa.

A mão de Acheron quase esmagou sua traqueia.

— Diga isto a alguém e eu o matarei!

Styx x riu da ameaça.

— Não quero nada de você, irmão. Exceto ser deixado em paz. — Ele quebrou o domínio de Acheron e ignorou a dor que isto lhe causou. — Não me importo com o poder que você pensa que mantém, ainda posso te bater.

— Acheron! — Ryssa ofegou enquanto corria para seu irmão.

— O que está fazendo?

— Nós estávamos conversando. Certo, Styx x?

Ele rolou os olhos.

— Certo.

Ryssa olhou para Styx x então suavemente puxou Acheron para longe dele.

— Você sabe o que papai faria se pegasse você com ele.

Pela primeira vez em sua vida, Styx x não invejou o amor de Ryssa por seu irmão. Isto tornava mais fácil para ele deixar a família inteira, sabendo que Ryssa e Acheron tinham um laço inquebrável.

— Você dois cuidem um do outro.

Ryssa parou nos degraus para dar-lhe um suspeito olhar furioso.

— O que isto deveria significar?

Seu tom poderia ser mais acusatório?

— Nada, Ryssa. Absolutamente nada.

Pouco disposto a lidar com qualquer um deles, Styxx foi para o escritório de seu pai, e colocou sua coroa no baú, onde seu pai guardava a dele. Intrincadamente esculpido com as imagens das Parcas, o baú de ouro era antigo em idade. Quando era menino, às vezes entrava sorrateiramente para olhar a coroa ornamentada de seu pai, e imaginar se ele seria tão digno de usá-la quando se tornasse um homem.

Quanto tempo atrás isto parecia, e ao mesmo tempo, parecia ontem. Mas tristemente, nenhuma coroa faria parte de seu futuro. E por isto, ele odiou seu irmão e os deuses de Atlântida ainda mais.

Para proteger Acheron, Apollymi tinha fodido completamente a vida de Styxx.

Fodam-se todos!

Entretanto os deuses que estavam procurando por Apostolos, procuravam por uma única criança. Não gêmeos. O quão irônico que Acheron passou grande parte da vida dele debaixo de seus narizes, enquanto despedaçavam o mundo tentando encontrá-lo.

— Eu sinto cheiro de divindade em você, grego. Você é filho bastardo de quem? — As palavras iradas de Archon quando o deus tentou arrancar informações dele, que Styxx ainda não sabia, causou um calafrio percorrendo sua coluna.

Eu devia ter reconhecido as vozes quando os encontrei. Entretanto ele ouvira tantas diferentes ao longo dos anos, que foi difícil separá-las e identifica-las, quando não tinha uma relação pessoal com o pensador. Como os deuses de Atlântida, Styxx assumiu que tinha nascido de um Olímpio. Por que mais Athena e Apollo se interessariam por ele? Ele atribuiu isto ao nepotismo.

Agora, suspeitava que eles sentissem a mesma atração que Archon e Asteros por ele. O que quer que Apollymi fez para proteger seu filho, deve tê-los atraído para ele também.

Porém, nada disso importava agora. Ele tinha uma semideusa egípcia para se preocupar mais e se encontrar com ela.

Fechando a tampa, ele praticamente correu para seu quarto para recolher suas coisas e partir. Já tinha levado mais tempo para arrumar suas coisas do que queria.

Não demoraria a anoitecer. Mas ele viajaria através dela. Eles fizeram muitas marchas à noite para esconder seus números e proteger suas tropas. Além disso, isto economizava água, não viajando durante o calor do dia. Os soldados e os cavalos ficavam menos cansados.

Styxx virou-se para partir, então congelou quando Apollo apareceu em seu quarto. Ele amaldiçoou baixinho com o timing inconveniente do deus.

— O quê?

Apollo soltou uma risada amarga.

— O tom, príncipe. Você ainda não aprendeu o tom adequado.

Rangendo os dentes, Styxx realmente queria esmurrar o bastardo.

— Você não se cansou de mim ainda?

Apollo deu-lhe um sorriso de lado.

— Se você fosse sua chorona irmã servil, sim. Já estaria cansado de você. Mas o fato é que continua a lutar comigo depois de tudo que fiz para castigá-lo, por isto você me fascina. A maioria dos humanos aprendem suas lições... Você não. Por que isto?

Styxx agarrou seus alforjes.

— Sou mais estúpido do que a maioria.

Movendo mais rápido do que Styxx estava preparado, Apollo o agarrou e o virou, para que Styxx pudesse ver a si mesmo no espelho, com Apollo em pé atrás dele. O olímpio não tocava em Styxx. Apenas bloqueava seu olhar no espelho.

— Se você fosse, eu poderia perdoá-lo. Mas saber o quão você é inteligente, é o que me fascina. — Apollo tocou em seu rosto.

Styxx empurrou-o, mas Apollo recusou-se a deixá-lo sair de seu reflexo. Ele puxou Styxx de volta para o espelho.

— Vê o que quero dizer? Por que continua a lutar comigo?

— Não tenho estômago para homens em geral, e você em particular. Seu toque me ultraja.
— Quantas vezes ele tinha que dizer isto antes de Apollo entender a mensagem?

Apollo puxou Styxx contra ele.

— E ainda assim você é tão lindo... até cheio de cicatrizes como é, eu o desejo.

Styxx estremeceu.

— Você deu sua palavra a todos que eu estava livre.

— E nunca me arrependi mais de alguma coisa. Renda-se a mim uma vez... uma vez apenas... Venha para mim como iria até sua noiva, e curve-se a minha vontade, e então eu o deixarei em paz. Para sempre.

Certo ele iria.

— Não acredito em você.

Apollo tentou agarrá-lo, mas Styxx pegou a mão dele e a empurrou para longe. Não se intimidava com o olímpio de jeito nenhum. Ele passou os braços ao redor dele e tentou beijá-lo.

— Não consegui tirá-lo de minha mente. Quantas pessoas mais tenho que tirar de você antes que se curve para mim?

Styx x lutou com força por sua liberdade.

— Você matou Galen?

— Não pessoalmente, mas sim. E matarei o resto, se não me der o que quero.

Styx x urrou quando Apollo afundou suas presas profundamente em seu pescoço para alimentar-se.

A porta de seu quarto abriu.

Um acentuado ofego feminino, imediatamente o congelou. Os olhos arregalados de Ryssa os encaravam com horror gravado em suas feições frágeis. Styx x só podia imaginar a visão que eles pareciam, com a mão de Apollo ainda pressionada contra sua marca de escravo, em sua virilha, e o deus alimentando-se em seu pescoço.

Completamente inalterado Apollo riu e ergueu a cabeça, em seguida beijou o rosto de Styx x, enquanto o segurava à vista de sua irmã.

— Você se importaria de juntar-se a nós, Ryssa?

Isto a fez disparar um de seus lendários gritos, enquanto começava a agarrar as coisas do quarto, e lançar nele e em Apollo. Desviando do primeiro vaso de barro, Styx x escapou de Apollo e olhou para ele.

Apollo zombou de Ryssa.

— Não vou tolerar isto. Voltarei quando você se acalmar. — Ele riscou-se para fora do quarto, deixando Styx x sozinho com a megera.

Ela continuou a gritar em um tom que tornava suas palavras ininteligíveis, enquanto procurava esvaziar seu quarto de projéteis.

— O que em nome de Zeus está acontecendo aqui? — Seu pai rugiu enquanto pegava o jarro de vinho da mão dela, antes que se tornasse outra pilha de fragmentos quebrados no chão.

Soluçando histérica e ignorando a pergunta, Ryssa mantinha sua fúria concentrada somente em Styx x.

— Como ousou! Você me repugna! Desejo que morra! — Ela virou-se e saiu apressadamente do quarto.

Seu pai retornou o jarro para a mesa, enquanto Styx x levantava-se do chão.

— O que você fez para ela?

— Nada, pai. Não fiz nada para ela.

Seu pai virou-se para segui-la. Mas Ryssa o encontrou na porta. Sem uma palavra para seu pai, ela cruzou o quarto com uma tranquilidade que o preocupou. Esperando seu bofetão, Styxx pegou a mão esquerda dela enquanto ela tentava fazer isto. Mas no momento em que ele fez, sentiu algo afundar dolorosamente em seu abdômen.

Atordoado, tropeçou para trás, para ver uma grande faca ensanguentada, que ela escondia nas dobras de seu vestido.

Ela se lançou para apunhalá-lo novamente.

Styxx agarrou seu pulso e segurou-o apertado quando seu pai finalmente percebeu o que estava acontecendo.

Em vez de chamar aos guardas, seu pai puxou Ryssa para trás e tirou a faca da mão dela.

— O que você fez filha?

Os joelhos de Styxx dobraram, quando o quarto girou ao redor. Embora nunca tenha se sentido bem ao ser apunhalado, ferimentos no intestino eram os piores. Respirando ofegante, deitou-se e tentou se focar.

— Ele está dormindo com Apollo! Egoísta bastardo! Ele tirou tudo de mim! Tudo!

Deitado de costas, Styxx sentiu uma lágrima deslizar pelo canto de seus olhos, quando a dor o torturou, enquanto seu pai confortava Ryssa do outro lado do quarto. Apesar da agonia, ele riu com diversão amarga.

Todos os membros de sua família, exceto seu pai e Bethany, o apunhalaram.

Mas sou jovem ainda. Há bastante tempo para que isto mude.

O sangue escorria entre seus dedos, enquanto aplicava tanta pressão quanto podia no ferimento. No entanto, estava difícil. Suas mãos tremiam e sentia como se fosse vomitar.

Ainda assim, seu pai o ignorava enquanto o rei lidava com a histeria de Ryssa.

— Pai? — Ele ofegou.

— Oh querido deuses... Guardas! — Seu pai finalmente deixou Ryssa para verificá-lo. — Vá buscar o médico! — Engolindo em seco, seu pai começou a tocar nas mãos de Styxx cobertas de sangue, então se conteve. — Dói muito?

Não, sentia-se maravilhoso para caralho. Vivo para minha família me apunhalar.

O homem estava louco? Claro que isto doía. Sua irmã tinha acabado de tentar estripá-lo.

— Não importa o quanto doa, não dói o suficiente pelo que ele fez. Ele me humilhou pela última vez! Queria que pudesse morrer como uma pessoa normal, seu bastardo! Você tem sido nada além da miséria para todos, desde o dia em que nasceu. Se morresse amanhã, ninguém sentiria sua falta, a não ser aquela prostituta egípcia que você encontrou. E mesmo ela não se importará por muito tempo. Você não é nada! — Ela correu para ele.

Seu pai se levantou para segurá-la, antes que alcançasse Styxx novamente. Enquanto seu pai a puxava para trás, ela cuspiu no rosto de Styxx.

Ele enxugou-o com a parte de trás de sua mão cheia de cicatrizes, cheia de sangue.

Por que não fui embora daqui mais cedo?

Ele não deveria ter perdido cinco segundos de tempo com seu irmão. Os deuses sabiam que Acheron não desperdiçaria isto com ele. *Devia ter deixado aquela maldita coroa em meu quarto e me posto a caminho do Egito.*

Talvez ainda pudesse montar mais tarde hoje à noite. Precisava apenas que alguém costurasse o ferimento. Como Ryssa tinha assinalado, não era como se pudesse morrer disso fisicamente. Entretanto para ser honesto, ele morria um pouco por dentro cada vez que eles o atacavam.

O médico ofegou quando o viu no chão.

— Alteza?

Styxx abriu os olhos. Ele tirou suas mãos de lado para o homem examinar o enorme buraco. O médico puxou a túnica de Styxx para cima, para que pudesse cuidar disso.

O médico ofegou bruscamente com a quantidade de danos. Principalmente porque em qualquer outro, o ferimento seria fatal. A perda de sangue não era o problema. Mas Styxx viu danos suficientes como este nas batalhas, para saber que o resultado era inevitável. Dentro de alguns dias, o soldado sempre morria em extrema e absoluta agonia. Por causa disto, os soldados com estes ferimentos eram frequentemente mortos, apenas para acabar com a miséria deles. Era algo que ainda o assombrava. Mas durante a guerra eles não tinham condições de desperdiçar seus limitados suprimentos, com alguém que não viveria de qualquer maneira, e era cruel deixá-los morrer devagar em agonia, quando não havia nenhuma ajuda ou esperança para eles.

Seu pai finalmente retornou. O horror em seus olhos confirmou o prognóstico sombrio de Styxx.

— Está ruim, Majestade. — O médico disse enquanto trabalhava para parar o fluxo de sangue. — A maioria não sobreviveria a um ferimento como este.

Seu pai caiu de joelhos ao lado dele. Lágrimas brotavam em seus olhos.

— Styxx?

Ele engoliu um gemido.

— Eu viverei pai. Estive pior na batalha.

O médico pareceu cético.

Styx passava a mão através das cicatrizes que ele carregava.

— Acredite-me.

Pela primeira vez, o médico acenou com a cabeça.

— Assim parece, Alteza. Preciso suturar isto e não posso dar-lhe vinho para beber.

Styx virou a cabeça em direção ao baú na janela.

— Traga-me isto.

Seu pai franziu o cenho enquanto o médico concordava.

— O que tem nisto?

Styx não respondeu quando o médico retornou com ele, e Styx cavou a raiz de Morpheus, que não usava desde que Bethany voltou para sua vida.

— Você sabe como preparar isto? — Ele perguntou ao velho calvo.

— Você a aquece, mas não sei quanto usar.

Styx retirou a quantia certa e deu-lhe para que pudesse começar os preparativos, enquanto seu pai observava com o cenho franzido profundamente. Silvano de dor, Styx cerrou os dentes.

— É uma droga, pai. Uma que não tirará a dor, mas fará com que não me importe que sintam isto.

— Como conhece sobre tais coisas?

Seu irmão pervertido.

As palavras pairavam em seus lábios, e eram difíceis de engolir de volta. Seu pai esteve cego com Estes, e apesar disto irrita-lo, que bem faria seu pai gritar por seu abuso agora?

Ele matou o filho da puta e o dano eterno estava feito. Não havia necessidade de piorar isto.

Felizmente, o médico retornou. Styx inalou as ervas e deu alguns minutos para que fizessem efeito, antes de acenar com a cabeça para o homem começar a fechar o ferimento.

Tentando distrair-se, Styxx bloqueou seu olhar com o de seu pai, cujo semblante era uma máscara de total descrença.

— Percebe-se que conheço muito pouco sobre sua vida e até menos sobre você.

O quê? Seu pai queria brincar de pega-pega agora? Dada à quantia de perda de sangue e dor, Styxx realmente não estava disposto a uma longa conversa de pai e filho.

Mas o que realmente machucava eram as lembranças de Galen o aguardando sempre que se feria. Em sua mente, ele se via naquele dia, quando a ponta da madeira rasgou seu flanco em Atlântida. Arrogante e estúpido, Styxx não prestou atenção. Mas no momento em que a ponta entrou, ele gritou em agonia absoluta. Galen o puxou para trás e o protegeu de seus inimigos. Muito fraco até para segurar um punhal, Styxx ficou completamente indefeso.

— *Tenho você, mou gios. Não se preocupe. Nada conseguirá passar por mim.*

Embora Styxx fosse mais alto, Galen o levou para fora do campo de batalha, e segurou sua mão o tempo inteiro enquanto fechavam o ferimento.

— *Aperte quando machucar, e não se preocupe sobre quebrar qualquer coisa, Alteza. Confie em mim, se minha enganosamente forte Thia não conseguiu quebrá-la durante seus partos, não existe nenhum dano que possa fazer. E pelo menos você não está ameaçando cortar minhas bolas, fritá-las, e alimentar-me com elas.* — Apenas Galen poderia tê-lo feito rir, durante este tipo de dor e miséria.

Posteriormente, o idoso tinha lhe deixado bêbado.

Deuses, como ele sentia falta dele.

Foda-se, Apollo! Não foi suficiente ter matado Galen? Por que torturar Ryssa, também? Ela já mantinha mais do que seu quinhão de ódio por ele, por que Apollo piorou isto?

Deveria ter fodido com ele e acabado com isto.

Não que isto teria importância. Se tivesse cedido, Ryssa teria visto muito mais do que ele tentando lutar com Apollo. Talvez com o tempo ela se acalmasse, e perceberia o que estava realmente acontecendo.

Quem você está tentando enganar? Ryssa nunca ficaria do seu lado em qualquer assunto.

Uma vez que o médico tinha acabado e limpado o ferimento de Styxx completamente, seu pai pediu aos guardas para ajudá-lo a ir para a cama.

— Não é necessário. — Styxx disse espantado que suas palavras não saíssem pastosas. — Posso fazer isto. — Rangendo os dentes contra a dor que lhe transpassou apesar da droga, ele levantou-se e tropeçou até a cama. Com sua cabeça girando, deitou-se lá, tentando fazer o quarto parar de rodar.

Ele ouviu o som de seu pai se aproximando da cama.

— Algo do que Ryssa disse sobre você e Apollo é verdade?

Abrindo os olhos, Styxx deu-lhe um olhar vazio. Seu pai realmente queria entrar nisto agora?

Que Hades? Por que não? Não era como se Styxx estivesse sofrendo em agonia ou algo assim.

Muito chapado para se importar ou conter-se, ele piscou para seu pai.

— Sim, Apollo me sodomizou. Repetidamente. Não, eu não instiguei isto. E com uma certeza do caralho, nunca apreciei isto. E realmente desejava que ela o mantivesse dentro dela, para que o filho da puta me deixasse em paz.

Pela primeira vez, seu pai não o observou com crueldade.

— Por que não me contou sobre isto?

Se não soubesse, juraria que seu pai estava chapado, também.

— Acredito que suas palavras exatas foram, para que eu chupasse suas bolas e seu pau, e me curvasse e tomasse onde quer que Apollo quisesse enfiar isto, enquanto o mantive feliz para você.

Seu pai parecia tão horrorizado e doente como Styxx ficou, quando o filho da puta lhe disse isto. *Eu não quis dizer isto.*

Um pouco tarde para pensar nisto.

— Quanto tempo isto vem acontecendo? — Seu pai perguntou.

— Desde que você me pôs em Dionysion, quando era um menino.

A cor do rosto de seu pai desapareceu.

— Não entendo.

— Eles invocaram os deuses, pai. — Ele disse amargamente. — Então eles vieram a mim... de vários modos.

— É por isso que você me odeia tanto?

— Certamente que não quero sua amabilidade por mim, e nem esta fodida conversa. Pelo amor do Olimpo, pai, fui apunhalado por sua filha e isto dói. Quero apenas sangrar e sofrer em paz e em silêncio, se isso não for pedir demais. Então por favor, tenha clemência de mim uma vez em minha vida miserável.

— Perdoe-me. — Ele finalmente partiu.

Sugando um ofego fraco, Styxx olhou para seus alforjes e amaldiçoou as Parcas, que o forçaram a ficar outra noite.

— E você acredita nesta mentira, pai? Realmente? — Ele estremeceu com o tom estridente de Ryssa, que atravessavam claramente suas paredes.

A resposta de seu pai foi um estrondo ininteligível.

— Ele é um mentiroso. Como não consegue ver isto? Sempre foi um mentiroso invejoso, desde o dia em que nasceu. Ele não pôde aguentar que eu tivesse Apollo, então se jogou nele. Você não viu o que eu vi, quando os flagrei. Ele estava pressionando as mãos de Apollo contra suas partes íntimas. Foi repugnante! — As acusações dela continuaram, ganhando jocosidade com cada uma.

— Queria que você tivesse me deixado matá-lo. É o que ele merece. Como posso ficar com Apollo agora, sabendo que ele dormiu com meu irmão? O irmão que odeio com cada parte do meu ser! Como posso me sentar em uma mesa novamente com qualquer um deles, sabendo o que eles fizeram para mim, por trás de minhas costas? Se fosse o contrário e eu tivesse dormido com sua prostituta, você teria me chicoteado e exilado por isto. Ainda assim, você pretende deixá-lo se safar disso, com se safou de tudo em sua podre vida mimada. Não é justo!

Seria pedir muito que seu pai levasse a vadia para o outro lado do palácio, para que ele não tivesse que escutar sua ciumenta estupidez?

Incapaz de lidar com mais insultos e acusações, que queimavam até o âmago de sua alma, ele agarrou seu baú e retirou um saco cheio de ervas, em seguida despejou-as em um cálice de vinho. Não deveria estar bebendo com este fermento, mas foda-se isto. Deixe-o morrer. E se seu estômago doesse, talvez esta dor fosse suficiente para distrair seus pensamentos, das extremamente altas e ridículas condenações de sua irmã.

Engolindo, ele fez uma careta no momento em que o vinho e as ervas bateram em seu estômago, fazendo doer e queimar em protesto. Por um segundo, temeu que estivesse doente.

No entanto, dentro de alguns momentos, isto o desorientou tanto que a palestra e os gritos de sua irmã, se tornaram palavras sem sentido que eventualmente o embalaram para dormir.

Mas quando começou a cochilar, sua mente tentou lutar contra isto. Por alguma razão, ela o queria alerta. Seus instintos estavam tentando dizer-lhe algo. Infelizmente, ele estava muito longe para compreender o aviso.

25 de junho de 9527 a.C.

Logo após a meia-noite.

Styx abriu os olhos, mas ainda estava muito desorientado para dar sentido ao que o tinha acordado.

Vários segundos mais tarde, ouviu seu sobrinho chorando. Então silêncio. Isso deve ter sido o que o tirou de seu sono. Apollodorus ainda não estava dormindo durante a noite. Não era nada seu sobrinho despertá-lo em intervalos estranhos.

E logo este seria o som de seu próprio filho o despertando. Ele mal podia esperar.

Porem ele sabia bem que não deveria tentar ajudar com criança de Ryssa. Especialmente depois do fiasco de hoje.

Apenas Acheron tinha estes privilégios.

Esqueça isto. Não desperdice tempo pensando sobre eles e seu ódio. Amanhã estaria a caminho de Bethany e nada o pararia.

* * *

Bethany acordou com um suor frio. Seu estômago queimado com indigestão, enquanto seu filho brincava e saltava alegremente dentro dela. Rolando para o lado esquerdo, ela colocou a mão sobre ele.

— Você precisa parar de me chutar, pequenino. Não posso dormir com você brincando assim.

Ele roçou um pé ou a mão contra o toque dela, como se soubesse que ela estava conversando com ele.

— Você já está bancando o espertinho comigo... O que vou fazer com você, rapazinho?

Mas sabia. Ela o adoraria com cada parte do seu ser.

Um momento mais tarde, a tristeza roubou seu sorriso, quando sentiu falta de ter Styxx ao lado dela na cama. Se ele estivesse aqui, estaria apertado contra as costas dela a embalando com seu longo corpo nu e duro. Estaria com o braço envolto em seu quadril, para não machucá-la ou ao bebê, e sua máscula coxa musculosa estaria descansando entre as dela. Melhor de tudo, seu rosto estaria enterrado no cabelo dela. Ela ainda não entendia como ele podia dormir assim, e não se sentir sufocado por isto. No entanto, ele nunca reclamou.

— *Bethany!*

Ela ergueu-se com o chamado estridente de sua mãe.

— *Por favor, filha! Preciso vê-la.*

Tentado ignorá-la, ela sentiu seu filho chutar novamente. Como podia virar as costas para sua própria mãe, agora que entendia a maternidade mais do que jamais tinha antes? Além disso, depois de amanhã, ela seria humana e não teria maneira nenhuma de ir até sua mãe sozinha.

Suspirando, conjurou por roupas em seu corpo, e teletransportou-se de seu templo egípcio até o corredor principal em Katateros, onde sua mãe esperava com os outros.

Um silêncio completo ecoou com seu aparecimento, quando todos os pares de olhos fixaram-se em seu estômago dilatado.

Ela deu a todos um sorriso zombeteiro, irritada que apenas agora eles percebessem sua condição.

— Sim deuses, estou grávida. Agora o que você precisa?

Sua mandíbula relaxou completamente, quando sua mãe lentamente a abordou.

— Por que não me contou?

— Estava planejando isto para quando esta bagunça se acalmasse. Desde que todos estavam tão preocupados sobre Apollymi, não quis distraí-los.

Archon olhou para ela.

— Quem é o pai?

— Um mortal. Não que isto seja de sua conta.

O escárnio coletivo deles não os valorizou para ela.

Bethany enrolou os lábios.

— Consequentemente, por isso não quis vir aqui. Agora, se me dão licença, prefiro estar com os membros de minha família que não são tão esnobes.

Sua mãe tocou gentilmente em seu braço antes que ela partisse.

— Não lhes de atenção, filha. Eu, por outro lado, estou emocionada por ser avó, imortal ou não. Especialmente de um menino tão forte.

Lágrimas brotaram de seus olhos.

— Obrigada, Matera. Agora por que você me chamou?

— Apollymi está chamando seu exército e o expandindo. Sabemos que ela está para atacar, e queríamos que todos ficassem preparados.

Chara acenou severamente com a cabeça.

— Nos disseram que ela está planejando atacar em três dias. Estamos nos fortalecendo, e agora que sabemos que você está grávida, será melhor permanecer no Egito onde seu pai e os outros podem protegê-la dela.

— Mas antes de você ir... — Sua mãe pegou sua mão e a levou pelo corredor até o templo, que ela estava compartilhando com Agapa, enquanto Apollymi estava confinada no palácio que sua mãe costumava chamar de casa. — Gostaria de mais alguns detalhes sobre meu neto e o pai dele.

Esta foi a verdadeira razão de Bethany ter se escondido, quando não podia mais disfarçar sua gravidez. Como poderia dizer à sua família que Styxx de Didymos era o pai? Especialmente já que ela era o único membro de todo o panteão de Atlântida que não queria plantar uma espada no coração dele.

E sempre que pensava sobre isto, ela queria o sangue deles pelo que fizeram com ele.

— Não há muito que dizer Matera. Ele é grego e estou apaixonada por ele há vários anos agora.

— Hector?

Bethany ficou surpresa que sua mãe se lembrasse do nome. Então mais uma vez...

Symfora era sua mãe, e ela a amava.

Bethany passou a mão sobre sua barriga. Ela nunca poderia esquecer qualquer coisa sobre seu filho também.

— Sim, é meu Hector.

O qual não era uma mentira.

Sua mãe sorriu.

— Estou tão feliz por você. Não há nada mais doce do que segurar seu bebê pela primeira vez. E então observá-lo crescer... — Lágrimas brilhavam nos olhos dela enquanto escovava o cabelo do rosto de Bethany. — Você não tem nenhuma ideia quanto amor tenho por você, Bet. O quão orgulhosa estou de você. Sei que já está séculos mais velha e ainda assim, sempre que a olho, ainda vejo aquele pequeno adorável bebê, com cachos voando por todos os lugares em seu rosto gordinho, e olhos dourados que derretiam meu coração toda vez que os observava. E o que mais sinto falta daqueles tempos, quando você tinha medo e corria para mim, escondendo seu

pequeno rosto em meu ombro. — Ela tocou a barriga de Bethany. — E agora saberá o que sentia, também. Então já pensou sobre um nome para ele?

Ela se conteve antes de responder. Eles planejavam chamá-lo de Galen, mas se dissesse o nome, sua mãe poderia reconhecê-lo.

— Não estamos certos ainda.

— Bem o que quer que decida, estou certa de que será perfeito.

Ela parou enquanto observava sua mãe juntar suas armas.

— Matera? Tenho pensado. Desde que estarei no Egito durante algum tempo, por que não usa meu templo aqui?

Sua mãe beijou sua testa sem responder.

— Sentirei muito sua falta, meu coração.

— Eu também.

Ela pôs as mãos nos ombros de Bethany.

— Posso ser egoísta? Passaria esta noite comigo? Você pode sempre voltar para o Egito de manhã.

Bethany hesitou. Amanhã ela precisava visitar Ma'at sobre o soro e queria vigiar Styxx enquanto ele fazia sua viagem até ela.

Mas o que machucaria ficar uma última noite com sua mãe? Se não estivesse grávida, poderia pensar em partir. Como estava não conseguiria partir. Não enquanto sua mãe a olhava assim, e entendia o amor de mãe.

— Certo, mas e quanto Apollymi?

— Você terá partido antes de ela lançar seus planos. Por uma noite, vamos ser como costumávamos. Apenas nos duas e nossos chás.

Bethany sorriu. Isto era uma ritual desde que era criança. Sempre que ela retornava da casa de seu pai, sua mãe a sequestrava por dois dias ininterruptos para o “tempo das garotas”. Por mais que amasse e adorasse seu pai, ela estimava aqueles momentos acima de tudo. Era sempre tão agradável não ter que compartilhar sua mãe com ninguém. Seu pai fazia uma coisa semelhante sempre que ia visitá-lo. Ele a conduzia através do deserto, diretamente para o coração de seu domínio, e eles caçavam em sua reserva particular. Apenas os dois e ninguém mais. Era por isso que seu arco significava tanto para ela. Seu pai lhe deu aquele arco na primeira vez em que o visitou no Egito.

Ao contrário de Styxx, ela tinha sido afortunada com seus pais. A única coisa pelo que competiam, era em tentar mostrar-lhe quanto eles a amavam e a apoiavam. Quanto eles sentiam sua falta sempre que os deixava.

Era algo que ela iria passar o resto da eternidade ensinando a Styxx e seu filho, e todos seus futuros filhos.

Pegando a mão de sua mãe, ela a levou para seu templo.

— Matora? Você ficaria chateada se lhe dissesse algo?

— Você pode dizer-me qualquer coisa. Sabe disso.

— Prometa-me que não dirá nada a ninguém?

— Claro.

— Tenho Tia Ma'at trabalhando em uma mistura que me fará mortal.

Sua mãe congelou.

— O quê?

Ela assentiu com a cabeça.

— Pensei nisto, muito e arduamente. Não quero viver eternamente sem meu marido.

— Você o ama tanto assim?

— Ele é tudo para mim.

— E você é tudo para mim, filha. Não podemos torná-lo imortal?

— Não acho que isto lhe agradaria. E não quero que sejamos destruídos pela política do panteão. Prefiro evitar.

Sua mãe fechou os olhos e estremeceu.

— Não posso dizer que sua decisão me agrada. Mas isto não me desagrada também. Quero apenas que seja feliz.

— Isto me fará muito feliz.

— Posso estar lá quando você se transformar?

E era por isto que amava tanto sua mãe.

— Certamente.

— Então venha, Bet. Vamos celebrar sua nova vida e seu novo bebê.

25 de junho de 9527 a.C.

Styx acordou para uma enxaqueca maligna. Seu estômago revirava, mas parou assim que ele se sentou. Porém, o quarto girava como um vendaval ao redor dele. Recostou-se com as costas contra a parede. Em seguida puxou a bandagem de seu estômago para examinar a ferida que Ryssa lhe fez. Apesar de continuar a pinicar e estivesse extremamente dolorido, estava muito melhor.

Uma vez que se lavasse e se vestisse, poderia partir. Graças aos deuses por estes pequenos favores.

Com os pés instáveis, ele rapidamente preparou-se para sua viagem. Nem mesmo seu sangramento nasal iria impedi-lo. Parou apenas tempo suficiente para pegar seus alforjes e um pano para seu nariz.

— Antio. — Ele disse com sarcasmo amargo para os aposentos e o palácio, oferecendo todas suas despedidas finais. Ele diria adeus para sua família, se tivesse alguma para deixar. Quanto mais cedo partisse daqui, mais feliz ele seria.

Mas quando ele caminhou em direção às escadas, viu algo estranho vazando debaixo da porta de Ryssa. Começou a ignorar isto, então parou.

Algo não estava certo.

Ryssa ainda deveria estar gritando sobre a injustiça feita com ela. No entanto, não havia um único som e já era perto de meio-dia. Nem mesmo Apollodorus parecia estar acordado.

E quando se aproximou da porta para olhar para o líquido vermelho, ele percebeu que não conseguia ouvir seus pensamentos também.

Estava do lado de fora da porta, olhando fixamente para o sangue no chão, quando mil emoções o transpassaram de uma vez. Pânico, medo, raiva, mas era a dor que o subjugava. Porque sabia o que deveria estar do outro lado da porta fechada.

— Por favor, Ryssa, não. — Ele suspirou quando lágrimas brotaram de seus olhos. Isto seria tão ela, se matar e ao seu bebê como um modo de castigar todos eles. Isso era apenas o tipo de drama em que ela se especializou.

Por um momento, ele pensou que Acheron estaria com ela, mas se ele estivesse morto, Styx não estaria aqui.

Styx largou os alforjes e estendeu a mão trêmula para o trinco. *Por favor, por favor, deixe-me estar errado.*

Apavorado, abriu a porta.

Tudo bem, ele estava errado. Mas, não de um modo melhor. Sua cabeça rodopiou ainda mais quando viu uma cena que o golpeou de volta para as lembranças do campo de batalha. Por um minuto inteiro, não conseguiu se mover, enquanto observava os restos trucidados de sua irmã, a ama dela, e seu sobrinho. Alguém os despedaçou e tentou fazer aparecer como se um animal tivesse feito isto. Mas ele foi um soldado tempo suficiente para conhecer a brutalidade humana, quando via isto. Os animais não teriam como escapular e deixar isto para trás.

Lágrimas escaldavam seu rosto enquanto permanecia congelado na soleira. Quem teria feito tal coisa? Mas, mais que isto, como isto pode ter acontecido com ele e Acheron apenas a quartos de distância?

E onde estavam os guardas dela?

Por que seu estúpido, bastardo irmão não estava aqui para lutar por sua irmã que amava acima de qualquer coisa? Mesmo ela o odiando, Styxx daria sua vida para defendê-la e ao bebê. Como Acheron pode não ouvi-los? Seus aposentos estavam bem ali. Seguramente, ela gritou e chorou por ajuda.

A culpa o torturou por não tê-la ouvido. *Como pude ter dormido assim?* Ele nunca dormiu uma noite inteira. Nunca. Por que não tinha rondado pelos corredores ontem à noite, como era seu costume desde a infância?

Fodam-se, deuses... fodam-se!

— Styxx?

Ele não reagiu com a voz de seu pai, também. Estava completamente catatônico com as emoções que o assaltavam. Pelas imagens das batalhas e os corpos dos soldados deitados lá despedaçados como estes.

Mas eles não eram sua delicada, indefesa irmã e o filho dela.

Seu pai gritou em agonia quando os viu, e passou correndo por Styxx para recolher seus restos nos braços dele, e balançá-la como se ela fosse um bebê.

— O que você fez! Como pôde!

Styxx tropeçou para trás com a acusação. Ofegante.

— Você acha que eu seria capaz de fazer isto?

— Você é um soldado. Ela o apunhalou.

E daí?

— Mas não retaliei minha própria irmã. Deuses queridos isto é o que você realmente pensa de mim?

Seu pai não respondeu enquanto se lamentava e a embalava. Seus gritos eram altos o suficiente para despertar os mortos. E ainda assim seu irmão não veio.

Confuso, Styxx foi encontrá-lo.

Ele abriu as portas dos aposentos de Acheron para encontrar seu irmão desorientado na cama, como se tivesse acabado de acordar.

— Não tão alto. — Ele sussurrou.

Inacreditável. Ryssa foi sacrificada apenas a alguns metros de distância, enquanto Acheron estava na cama bêbado e não a protegeu. A fúria e sua própria culpa pelo fato de que também estava chapado, devastou seu coração. Ele apenas afastou-se porque ela o apunhalou e tentou matá-lo.

Mas Acheron...

Ele era quem ela amava. Em quem confiava. Por que não estava com ela, acalmando-a, quando condenou Styxx? Por que Acheron a deixou sozinha ontem à noite?

No entanto a pior ferroadada era o fato de que ela morreu odiando-lhe, e agora ele nunca poderia explicar as coisas para ela. Nunca teria uma chance de fazer as pazes.

Querendo sangue pela injustiça de tudo isso, Styxx agarrou seu irmão pela garganta. Ele empurrou Acheron de volta na cama para escarranchar-se por cima dele.

— Você está bêbado?

Acheron sacudiu a cabeça. Mas era dolorosamente óbvio, que Acheron ainda estava sob os efeitos de algo. Ele emitia um cheiro forte disto.

Cego pela dor, culpa e fúria, Styxx o esbofeteou. Ele pegou o baú de ervas da mesa próximo à cama e o lançou no rosto de Acheron.

— Você puto desprezível. Ficou aqui na cama até tarde com suas drogas e bebidas, enquanto minha irmã foi assassinada!

Styxx o esmurrou novamente. Apesar de não ser realmente Acheron em quem estava batendo. Era nele mesmo e sabia disso. Suas alegações em direção a seu irmão eram as mesmas que dirigia a si mesmo.

Como pude ter feito isto com ela?

Porque sou um puto desprezível, também...

Acheron o empurrou para trás.

— O que você disse?

Styx olhou para ele.

— Ryssa está morta, seu filho da puta!

Completamente nu Acheron atirou-se da cama e cambaleou pelo corredor até os aposentos de Ryssa.

Com seu coração estilhaçado e suas emoções despedaçadas, Styx o seguiu.

Um pouco antes da cama, Acheron estava caído de joelhos, enquanto gritava em agonia.

— Eu os ouvi. — Ele sussurrou.

Com seu flanco sangrando, Styx estremeceu quando mais raiva nublou sua visão. *Por que não fez algo? Por que, Acheron?*

Então ouviu os pensamentos de Acheron em sua cabeça. *Foda-se, Artemisa! Tenho os poderes de um deus e não pude salvar as duas pessoas que mais amava. Por sua causa, vadia!*

E eu os ouvi. Ouvi Ryssa clamando por ajuda. Apollodorus gritando para eu vir até ele...

Aquelas palavras explodiram no coração e na mente de Styx. Acheron os ouviu e não fez nada.

Nada!

Eles imploraram-lhe por ajuda... Como ele pôde?

Incapaz de suportar, Styx o chutou nas costelas, derrubando-o de lado. Ignorando a dor que isto lhe causava, pisou no estômago de Acheron. Mas não era suficiente. Isto nem sequer começava a suavizar a agonia dentro dele. Rosnando, montou em Acheron e bateu a cabeça dele contra o chão de pedra inúmeras vezes, até que sua própria visão ficou borrada por isto.

— Por que não foi você, verme inútil!

Então os dois estariam mortos e Ryssa viva.

Rugindo, Acheron empurrou Styx para longe dele. Styx caiu amontoado quando os pontos abriram e ele começou a sangrar novamente.

De repente, uma luz brilhante explodiu no quarto. Styx desviou o olhar, enquanto Acheron erguia o braço para proteger seus olhos.

Apollo apareceu diante deles. Um silêncio total desceu enquanto o deus olhava lentamente em torno do quarto, observando todos os detalhes sangrentos. Até seu pai parou de chorar com a expectativa da reação do deus.

O deus grego não falou nada enquanto olhava para Ryssa deitada morta nos braços de seu pai, e o corpo sem vida do filho dele, ainda nos braços da ama destruída.

— Quem fez isto? — Apollo exigiu por entre os dentes cerrados.

As lágrimas ardiam em seus olhos enquanto Styxx apontava para Acheron, enquanto os pensamentos de seu irmão ecoaram em sua cabeça.

— Ele os deixou morrer.

Apollo virou-se para seu irmão, e bateu-lhe com o punho tão forte que ergueu Acheron do chão, e o jogou contra a parede três metros acima do chão. Em seguida ele foi lançado para o chão.

Styxx caiu no chão quando a agonia física anulou sua angústia mental. Doía tanto que não conseguia respirar. Mais sangue esguichou de seu ferimento.

Apollo agarrou Acheron pelo cabelo e torceu sua cabeça. Seu irmão tentou lutar com o deus, mas Styxx sabia por experiência própria que era inútil, a menos que fosse extremamente bem treinado. Apollo era muito mais forte, e não havia nada que eles pudessem fazer, a não ser sangrar.

Mesmo assim, ele queria ajudar Acheron a lutar contra o olímpio, que nunca amou sua irmã, mas Styxx não conseguia se mover. Sentia como se todos os ossos de seu corpo estivessem quebrados.

O deus esbofeteou seu irmão. Sangue e dor explodiram quando ambos seus narizes foram quebrados, e seus lábios se partiram. O deus caiu em cima de Acheron, com a mesma fúria implacável que usou na primeira vez que atacou Styxx, depois da batalha. Não havia nenhuma maneira de se defender contra as investidas de Apollo. Acheron estava da mesma maneira impotente que Styxx esteve.

— Artemisa! — Acheron gritou.

— Você não ouse dizer o nome de minha irmã, puto imundo! — Apollo agarrou um punhal de sua cintura e pegou a língua de Acheron. Ele cortou-a fora.

Styxx engasgou com o sangue, quando perdeu a dele. As lágrimas fluíam de seus olhos quando uma dor inimaginável pulsou. *Nós vamos morrer.*

Apollo não estava disposto a deixá-los viver. E sabia que não era porquê o deus amava Ryssa. Era porque visualizou isto como um tapa pessoal nele.

Assim como o pai deles.

Styxx apavorou-se quando percebeu que nunca mais veria Bethany novamente. Nunca aspiraria o cheiro precioso de seu corpo. Ou estaria lá quando seu filho nascesse.

Não conseguirei dizer adeus.

Acheron tentou rastejar para longe de Apollo. Mas Apollo o agarrou pela garganta em um aperto tão escaldante, que deixou a marca do deus na pele dele.

Styx curvou as costas quando sentiu isto em sua própria carne.

— Akri! Não! — De repente um demônio apareceu e mergulhou em Apollo. Com as asas escuras e a pele estriada, ela jogou o deus para longe de Acheron, e se pôs entre eles.

— Fora do meu caminho, demônio. — Apollo exigiu.

Sua resposta foi se lançar no deus. Os dois se emaranharam em uma onda de luz e penas, enquanto batiam um no outro.

Styx lutava contra a inconsciência. Não queria morrer. Não assim. E não agora quando Bethany mais precisava dele.

Ela ficaria devastada. Ele não queria deixá-la com o legado do nascimento de uma criança, enquanto sabia que nunca veria seu filho. Acima de tudo, não queria deixá-los desprotegidos em um mundo tão brutal, que nunca teria misericórdia de nenhum deles.

Por favor, não me deixe morrer...

Não por ele, mas por eles. Ele tinha que viver.

Styx tentou levantar-se para que pudesse juntar-se à briga, enquanto Acheron rastejava para onde a faca do deus tinha caído.

Apollo explodiu Styx para trás.

Acheron pegou a faca e virou para os combatentes. No momento em que a tocou, a lâmina da faca começou a arder. Seu irmão correu em direção a eles.

Styx forçou-se a ficar de pé, assim que Acheron alcançou Apollo. O deus bateu o demônio para trás sobre Acheron, empalando-a na faca nas mãos de Acheron. Com os olhos arregalados, o demônio olhou para baixo para a faca, em seguida cambaleou para longe com um pequeno grito de dor.

Acheron a segurou contra ele, enquanto ela lutava para respirar.

Ela ergueu uma mão sangrando para colocá-la no rosto dele.

— Apollymi o ama. — Ela sussurrou em Charonte, um idioma que Styx de alguma maneira entendia, embora nunca tivesse ouvido isto antes. — Proteja sua mãe, Apostolos. Seja forte por ela e por mim... — E então a luz se apagou dos olhos dela, quando seu último suspiro deixou seu corpo.

Acheron jogou a cabeça para trás e soltou um grito estrangulado. Agarrando a faca, ele virou-se para Apollo.

Apollo pegou a mão de seu irmão e arrancou a faca dele. O deus agarrou Acheron novamente pela garganta e jogou-o no chão. Acheron o chutou para trás e rolou de lado.

Styx sentiu outra presença olímpica no quarto. Esperando que fosse Athena, ficou atordoado quando viu Artemisa agachada nas sombras.

A vadia que brincou com seu irmão nem sequer se erguia por ele agora.

No entanto, ele sabia que se Bethany estivesse aqui, ela lutaria por ambos. Ele e Acheron. Ela nunca seria capaz de ficar afastada e assistir a isto.

Sinto muito, Acheron. O pensamento de Artemisa o repugnou.

Apesar de tudo o que aconteceu, seu irmão merecia mais do que esta traição. Da mesma maneira que Styx merecia ver seu filho nascer.

Acheron estendeu a mão em direção à única mulher que Styx sabia que seu irmão amou.

Ela balançou a cabeça negando e afastou-se.

Oh, vadia, é bom agradecer por eu não poder lutar. Só por isto ele teria cortado a garganta de Artemisa, se pudesse alcançá-la.

Ninguém merecia ser aniquilado e negado assim. Não pela mulher que amava. Era mais do que cruel.

E com aquela ação, Styx soube que ela condenou ambos à morte. Viu seu irmão perder a luta quando Acheron rolou de costas, ao mesmo tempo em que Apollo aparecia diante dele. Tranquilamente, Acheron encontrou o olhar irado do deus e não fez nenhum movimento furtivo para proteger-se.

Styx investiu contra eles, mas escorregou sobre o sangue e caiu.

Rosnando de raiva, Apollo afundou o punhal bem no fundo no coração de Acheron, e cortou-lhe todo em direção ao seu umbigo.

Agonia absoluta queimou por Styx enquanto o deus lentamente e metodicamente extirpava seu irmão no chão, não mais do que um metro do corpo de Ryssa. Seu próprio corpo registrou cada corte e talho brutal.

Quando sua vista nublou, o último pensamento de Styx foi para o dia em que Bethany lhe disse que estava grávida, e a felicidade que sentiu naquele momento perfeito, quando deitou seu rosto na barriga dela, e sentiu seu toque gentil nos cabelos dele.

Sinto muito, Beth. Devia ter sido o homem que você merecia que eu fosse.

As lágrimas caíram quando a luz e a dor começaram a enfraquecê-lo pela última vez.

25 de junho de 9527 a.C.

Tártaro

Hades, o deus grego da morte e do Submundo, permanecia no centro de sua sala do trono, olhando incrédulo para sua mais nova visita, que estava em umas de suas mais sombrias celas do Tártaro.

E ele não tinha colocado seu “convidado” lá...

O que era um dos fatos mais perturbadores sobre todo este cenário.

Ele olhou para o cronômetro em seu pulso e rangeu os dentes. Faltava ainda três meses antes de sua esposa retornar ao Submundo para ficar com ele. Mas honestamente, tinha que falar com ela.

E, sua sogra que se fodesse, isto não podia esperar.

— Perséfone? — Ele chamou, na esperança de que a mãe dela não estivesse perto o suficiente para ouvi-lo. A velha vadia teria uma síncope se os pegasse juntos durante o tempo dela de visita. Não que isto fosse uma coisa ruim, que ela tivesse uma... se isto simplesmente a matasse.

Uma imagem de sua linda esposa chamejou na escuridão ao seu lado. Loira e delicada, ela era a única luz em sua escuridão.

— Feijãozinho! — Ela suspirou. — Estava sentindo sua falta terrivelmente.

Ele realmente odiava os apelidos que ela lhe dava. Graças aos deuses que apenas os usava quando estavam sozinhos. Caso contrário, ele seria o mais ridicularizado de todos os deuses.

— Onde está sua mãe?

— Saiu para examinar um pequeno campo, por quê?

Bom. A última coisa que precisava era que Demeter entrasse e os pegasse conversando.

Mas isso o trouxe de volta ao seu “dilema” atual. A raiva varreu-lhe, quando gesticulou em direção à parede, que mostrava as celas onde seus prisioneiros eram mantidos.

— Estou ficando realmente cansado de limpar a bagunças dos outros deuses, e neste momento, adoraria saber qual o rabo que preciso arrebentar por este fiasco mais recente.

Ela se solidificou diante dele.

— O que aconteceu?

Pegando a mão dela, ele a levou até a cela onde podiam ver o interior, mas o ocupante era completamente incapaz de vê-los.

Pelo menos este era o caso normal. Com este, quem poderia saber o que o ocupante podia e não podia ver?

Ele apontou para o deus de pele azul, que estava deitado em posição fetal no chão.

— Alguma ideia de quem matou aquele e enviou-o para cá?

Com os olhos arregalados, Perséfone balançou a cabeça.

— O que é isto?

— Bem, não estou completamente certo. Acho que ele é um deus... Atlante... talvez. Mas nunca vi nada como ele antes. Ele chegou há pouco tempo atrás e não se moveu. Tentaria destruir sua alma e mandá-lo para o esquecimento completo, mas não acho que tenho poderes para fazer isto. De fato, tenho certeza de que se apenas tentasse, tudo o que conseguiria era deixá-lo puto.

Perséfone acenou com a cabeça.

— Bem docinho, meu conselho para você é que se não pode derrotá-lo, seja amigo dele.

— Ser amigo dele como? — Como o deus dos mortos, ele não era exatamente sociável.

Perséfone sorriu para seu marido. Alto e musculoso com os cabelos e olhos pretos, ele era magnífico, até quando confuso e irritado.

— Espere aqui. — Ela abriu a porta da cela e caminhou lentamente para o deus desconhecido.

Quanto mais ela se movia na direção dele, mais entendia a preocupação de Hades. Havia tanto poder emanando do deus, que o ar estava repleto disso. Esteve em torno de deuses a vida inteira, mas este aqui era diferente. Sua pele azul marmorizada era estranhamente atraente, enquanto isto cobria um corpo de proporções perfeitas. Os longos cabelos pretos se espalhavam. Ele tinha dois chifres pretos em cima da cabeça e lábios e garras pretas.

Mas mais assustador do que sua aparência, era que ele não era um deus da criação. Ele era um da destruição final.

Seph, saia daí.

Ela ergue a mão para sinalizar para seu marido que estava bem. Com as pernas tremendo de apreensão, ela estendeu a mão para tocar no deus.

Ele abriu os olhos, os quais eram de um amarelo alaranjado, circulado de vermelho. Eles passaram daquilo para uma cor prateada espiralada. E estavam cheios com uma angústia ostensiva.

— Estou morto? — Ele perguntou com sua voz demoníaca.

— Você quer estar morto? — Ela realmente temia a resposta dele, porque se ele não desejasse estar neste local, poderia haver consequências graves.

— Por favor, diga-me que finalmente consegui. Que não vai me mandar de volta.

Aquelas palavras desesperadas devastaram seu coração. Estendendo a mão para confortá-lo, ela escovou os cabelos pretos para trás de seu rosto azul.

— Você está morto, mas como um deus ainda vive.

— Não entendo. Não quero ser diferente de qualquer outra pessoa. Quero apenas ser deixado em paz.

Perséfone sorriu para ele.

— Você pode ficar aqui desde que queira. — Ela conjurou um travesseiro e colocou-o debaixo da cabeça dele, em seguida o cobriu com um cobertor quente e espesso.

— Por que está sendo tão boa comigo?

— Porque você parece precisar disto. — Ela deu uma tapinha de leve no braço dele antes de se levantar. — Se precisar de qualquer outra coisa, sou Perséfone. Meu marido, Hades, é o encarregado aqui. Chame-nos e viremos.

Ele deu um aceno sutil com a cabeça, antes de fechar os olhos e voltar a deitar-se silenciosamente na escuridão.

Intrigada com ele, ela retornou para seu marido.

— Ele é inocente.

— Inocente, meu rabo. Seph? Você está maluca? Não pode sentir os poderes que emanam dele?

— Oh, eu os sinto. Chegue perto dele e terá pesadelos. Mas ele não deseja nada. Está machucado, Hades. Mal. Tudo o que quer é ser deixado em paz.

— Sim, Certo. Deixá-lo em paz aqui em *meu* Submundo? Outro deus cujos poderes rivalizam com os meus? O quão estúpido eu teria que ser? Sabe que há uma razão para os panteões não se misturam.

— Você pode aliar-se a ele. — Ela disse, tentando tranquilizá-lo. — Ter um amigo nunca é uma coisa ruim.

— Até o amigo arrancar sua mão.

Ela balançou a cabeça.

— Hades...

— Sou muito mais velho do que você, Seph. Vi o que pode acontecer quando um deus se vira contra outro.

— E acho que ele não apresenta nenhum dano a qualquer um de nós. — Ela se ergueu nas pontas dos pés para beijar seu rosto. — Tenho que ir antes que minha mãe sinta minha falta. Você sabe como ela fica quando o vejo durante o tempo dela de ficar comigo.

— Sim, e uma merda sobre o...

Ela alegremente beliscou os lábios dele antes que ele pudesse disparar o insulto.

— Amo vocês dois. Agora se comporte e cuide de seu convidado.

Apenas sua esposa poderia tratá-lo assim e ser tão dominadora com o corpo dele. Entretanto ela mantinha seu coração e ele lhe daria qualquer coisa.

Ele beijou o dedo dela.

— Sinto sua falta.

— E eu sinto a sua também. Estarei em casa logo.

Logo. Sim, claro...

Mas não havia nada que pudesse ser feito sobre isto.

Hades concordou sombriamente, então amaldiçoou quando ela desvaneceu para longe dele. Maldita vadia, Demeter, por amaldiçoá-los a viver separados por metade do ano. Mas agora ele tinha problemas maiores do que a mãe de sua esposa.

E a cerca de dois metros, aquele assassino de deuses em sua cela, definitivamente era um grande problema.

* * *

Apollymi ofegou quando sentiu o peso em seu peito ser removido. Sem ser dito, ela sabia que agora tinha a habilidade de deixar Kalosis.

Sair...

— Não! — Ela gritou quando percebeu o significado disto. Havia apenas uma maneira para que ganhasse sua liberdade.

Apostolos estava morto.

Aquelas três palavras rodopiaram em sua cabeça até ficar nauseada com elas.

Recusando-se a acreditar nisto, correu para seu charco e chamou o olho universal. Lá na água, ela viu Xiamara, sua melhor amiga e protetora, deitada morta no chão do palácio, e Apostolos...

— Não!

Da parte mais profunda de seu ser, um grito de raiva e pesar elevou-se, e quando deu vazão a isto, quebrou o charco e abalou o jardim ao seu redor.

— Sou Apollymia Thanata Deia Fonia! — Ela gritou até que sua garganta estivesse áspera.

Ela era a destruição final.

E ela traria seu filho para casa.

Que os deuses tivessem clemência uns dos outros, porque ela não teria nenhuma. Cada membro de seu panteão pagaria por isto!

Uma vez que terminasse, não restaria nenhum de pé.

* * *

Bethany ofegou quando uma inesperada, dor implacável a torturou.

— Bet? É o bebê?

Ela balançou a cabeça para sua mãe.

— Não. Isto parece mais como se meu coração tivesse sido arrancado de meu corpo e esmagado. Algo está errado. Posso sentir isto. Tenho que chegar até meu marido... Ele precisa de mim.

Algo aconteceu com Styxx. Sabia disso com cada parte de seu ser. Seu coração estava destruído. Ela podia sentir isto.

Sua mãe esfregou suas costas.

— Respire. Apenas respire, filha. Não há nada errado. Você está grávida. Isto faz coisas estranhas com nossos poderes. Uma vez espirrei enquanto carregava você e ateei fogo em seu avô.

Ela riu com o pensamento.

— Você fez isto realmente?

— Fiz. — Sua mãe beijou sua testa. — Mas também sei que nada vai acalmá-la até que visite seu mortal, e certifique-se de que ele esteja bem. Então vamos dizer adeus à família, e então a enviarei a caminho.

— Eu amo você, Matera.

— E eu a amo, também.

* * *

Apollymi cambaleou sobre as pedras do mar onde o corpo quebrado de Apostolos descansava. Seu precioso filho foi despejado aqui como se fosse nada além de lixo. Depois de tudo que os bastardos gregos fizeram com ele, não podiam nem ao menos providenciar-lhe um enterro decente.

Fraca pelas lágrimas não derramadas, ela caminhou até ele. Seu corpo estava tão frio quanto seu coração. Seus lindos olhos prateados que combinavam com os dela, estavam abertos e vítreos, mas apesar de todo o horror de sua morte, suas características estavam serenas.

Ele parecia tão bonito e perfeitamente formado. Tão alto e forte...

Sufocando um soluço, ela correu a mão ao longo do corte em seu peito para lacrá-lo. E então suas lágrimas caíram. Esta era a primeira vez que o segurava desde o momento que o cortou de seu útero.

A agonia rasgou-a ao meio, enquanto embalava a cabeça dele em seu peito, gritou tão alto que o som foi levado pelo vento por todo o caminho dos corredores de Atlântida.

— Maldito Archon! Maldito!

Ela enterrou o rosto nos cabelos loiros molhados de seu filho, e chorou até que seus soluços tivessem passado. Como podia seu precioso Apostolos estar morto? Como?

Por quê?

Mas ela sabia aquelas respostas e elas cortaram todo o caminho até sua alma. Eles foram traídos por aqueles que deveriam amar e honrá-los.

Sua desprezível família.

Agora não seria Kalosis que pagaria.

Desolada, Apollymi vestiu seu filho com a formesta preta de sua divindade. Como filho da Destruidora, seu símbolo era o do sol dourado que a representava, perfurado por três raios prateados de seu poder.

Levantando-o da rebentação, ela levou a ambos para casa, para Katateros.

Este era o lar dos deuses de Atlântida. Ela reivindicou esta área eras atrás, e permitiu que sua família se estabelecesse aqui com ela. Semelhante à Atlântida, era uma ilha cercada por ilhas. A mais alta delas pertencia a ela. Uma delas alojava terras paradisíacas, aonde as almas atlantes de seu povo iam para descansar, até a reencarnação. A outra era mantida pelo Charonte antes de seu banimento, e uma foi planejada como a casa de seu filho.

Mas esta aqui onde ela atualmente estava em pé, a segunda-maior e mais alta das ilhas, era a principal, onde estava o salão de onde se governava e unia todas as ilhas.

A de Archon.

A música no salão fluía por ela. Inconsciente ao que tinha acontecido, eles estavam dando uma festa.

Uma festa!

Ela podia sentir a presença de todos os deuses de Atlântida do lado de dentro. Todos eles.

E seu precioso filho estava morto.

Abraçando-o mais apertado, ela subiu os degraus e escancarou as portas com seus poderes. O foyer de mármore branco era circulado a cada metro com estátuas dos deuses que ocupavam a estação, contra as paredes imaculadas.

Ela caminhou pelo centro do foyer onde seu emblema do sol estava gravado no chão. E quando passou por cima dele, mudou-o para o de Apostolos.

As cores, agora vermelho e preto, representavam sua tristeza e seu sangue derramado.

Sem hesitar, ela caminhou diretamente para o conjunto de portas de ouro que levavam à sala do trono de Archon. Para a sala onde os deuses se divertiam, enquanto seu filho jazia morto pela traição deles.

Ela abriu as portas com toda a força de sua fúria. O sonoro golpe ressoou quando as pesadas portas estalaram contra as paredes de mármore.

A música imediatamente parou.

Todos os deuses no salão viraram-se para olhar para ela, e um por um, seus rostos empalideceram. Bem que deveriam.

Sem uma palavra para os traidores, Apollymi embalou seu filho em seus braços e caminhou com uma tranquilidade que não sentia, em direção ao estrado onde o seu trono estava fixado ao lado do de seu marido. Archon levantou-se quando ela aproximou-se e moveu-se para o lado como se quisesse falar com ela.

Mas era muito tarde para isto. Não havia nenhuma palavra que pudesse salvar qualquer um deles de sua ira. Não depois de toda a degradação e abuso que seu filho sofreu em sua vida humana.

Apollymi ignorou Archon enquanto colocava Apostolos no trono de Archon onde ele pertencia. Com as mãos tremulas, ela o sentou e cuidadosamente colocou seus braços nas grades. Ela ergueu-lhe a cabeça e afastou os cabelos loiros para trás de seu rosto azulado, até que ele parecesse como se fosse piscar e mover-se a qualquer momento.

Só que ele nunca piscaria novamente.

E isto era tudo culpa deles.

Seu coração batia com fúria, quando seus poderes se ergueram. Um vento feroz explodiu pelo salão, varrendo seus cabelos para cima e fora de seus ardentes olhos vermelhos. Ela virou-se para os deuses e nivelou um olhar maligno em um de cada vez, enquanto eles seguraram a respiração com a expectativa de sua ira.

Uma que seria realmente feroz.

Ela não parou até que chegou a Archon. Só então falou em uma voz que era ilusoriamente calma.

— Suas filhas bastardas destituíram a vida de meu filho. Aquelas malditas prostitutazinhas o amaldiçoaram. E você, — ela rosnou a palavra, — ousou protegê-las em vez do meu filho.

— Apollymi...

— Você jamais falará meu nome novamente. — Ela lacrou sua boca com seus poderes. — Você tinha todo o direito de ter medo. Mas suas vadias bastardas estavam erradas. Não será meu filho que destruirá este panteão. Sou eu. Apollymia Katastrafia Megola. Pantokrataria. Thanatia Atlantida deia oly! — Apollymi, a Grande Destruidora. Toda poderosa. Morte para os deuses de Atlântida.

Foi só então que eles correram para as portas ou tentaram se teletransportar, mas Apollymi não permitiria isto. Evocando a parte mais escura de sua alma, ela lacrou o salão. Ninguém sairia daqui até que estivesse satisfeita.

Archon caiu de joelhos, tentando implorar por sua misericórdia. Mas não havia sobrado nada dentro dela, exceto um ódio tão potente e amargo que verdadeiramente podia sentir o gosto disso. Ela o chutou para trás e o explodiu até que ele fosse nada mais do que uma remanescente estátua de um deus.

Basi gritou quando Apollymi virou-se na direção dela.

— Eu a ajudei.

— Você não fez merda nenhuma, exceto lamentar-se e me emputecer. — Apollymi enviou-a ao esquecimento.

Um por um, ela foi até os deuses que uma vez considerou da família, e transformou-os em pedra, enquanto sua fúria inexorável exigia apaziguamento. O único que hesitou foi seu querido neto, Dikastis, o deus de justiça. Diferente dos outros, ele não se acovardou ou implorou. Permaneceu com uma mão apoiada no encosto de uma cadeira, encontrando o olhar dela como igual.

Entretanto ele entendia a justiça. Entendeu que sua raiva foi obtida por todos eles.

Inclinando a cabeça respeitosamente, ele não se moveu enquanto o explodia.

E então ali estava Epithymia. Sua meia-irmã. A deusa do desejo. Ela foi a vadia em que Apollymi confiou mais do que nos outros.

Com lágrimas cristalinas em seus olhos, Apollymi a confrontou.

— Como pôde?

Minúscula e delicada em sua aparência etérea, Epithymia a olhava de onde estava agachada no chão.

— Fiz o que você pediu. Certifiquei-me de que ele nascesse em uma família real. Por que quer me destruir?

Apollymi queria arrancar seus olhos pelo que ela fez.

— Você o tocou sua vagabunda! Sabia o que isso faria com ele. Ser tocado pela mão do desejo e não ter nenhum poder divino para revogar isto... fez isto para que cada humano que o visse fosse levado à loucura com a luxúria para tê-lo. Como pôde ser tão descuidada?

E foi então que ela viu a verdade nos olhos de sua irmã.

— Você fez isto de propósito!

Epithymia engoliu em seco.

— O que eu deveria fazer? Você ouviu as meninas quando falaram. Proclamaram que ele iria causar a morte de todos nós.

— E você achou que os humanos o matariam em seus esforços de possuí-lo?

Uma lágrima deslizou abaixo pelo rosto de Epithymia.

— Estava apenas tentando proteger a todos nós.

— Ele era seu sobrinho. — Apollymi cuspiu.

— Eu sei e sinto muito.

Não tanto quanto sentiria.

Apollymi enrolou os lábios.

— Eu também. Sinto muito que alguma vez tenha confiado em você, com a única coisa que sabia que amava acima de todos. Você puta ingrata. Espero que suas ações lhe assombrem pela eternidade.

Ela explodiu sua irmã.

— O que você fez?

Apollymi virou-se ao som da pergunta de Symfora. Ela enviou a força dos ventos para bater a ambas, Symfora e sua filha para trás do foyer. Ela se riscou para o lado de fora para espreitá-las como a predadora que era.

— O que você fez? Caçou meu filho! E o matou. Todos vocês!

— Nós não o matamos. Ele ainda vive.

Apollymi balançou a cabeça.

— Ele foi sacrificado esta manhã pelo deus grego que convidou para minhas terras.

Os olhos de Symfora se arregalaram de terror.

— Nunca convidei Apollo para vir aqui. Isso foi uma decisão tomada por você e Archon.

— Cale a boca! — Apollymi explodiu-a por falar uma verdade que a espetou com culpa.

Bethany puxou cada parte do poder que podia de sua mãe e de seu sangue egípcio, quando enfrentou a deusa primitiva mais velha.

Apollymi hesitou quando percebeu que Bethany estava grávida.

— Não encarcerei você ou cacei seu filho, Apollymi. Sabe disso. A única vez que achei ter tropeçado nele, vim até você com essas informações e não aos outros. Nunca respirei uma palavra para eles contra qualquer um de vocês. — As lágrimas a sufocavam. — Sabe que isto é verdade. Vim aqui hoje para deixar este panteão para sempre, para que pudesse ter meu próprio bebê em paz. Por favor, não faça para mim o que não fez para você.

Apollymi hesitou. Não importa o quanto quisesse o sangue de Bet'anya, ela não podia matar outro bebê inocente. Não quando entendia o quanto machucava perder um.

— Quem entre os deuses é o pai?

— O pai é mortal. Humano.

Humano. Isto era algo que Apollymi nunca teria suspeitado de uma deusa, que ela sabia que odiava os humanos até mais do que Apollymi.

— Seu nome?

— Styxx de Didymos.

Fúria descontrolada a consumiu. De todo os mortais, este não era um nome para dizer a ela. Não depois do que viu através dos olhos de seu filho, a vida que viveu e o que foi feito com ele por causa de Styxx.

Bethany segurou a respiração quando viu os olhos de Apollymi se transformaram de prateados em vermelhos.

— Por favor, Apollymi... não me machuque. Meu bebê é inocente.

— O meu. Também. Era! — A deusa investiu contra ela, então arrancou o filho de Bethany para fora dela.

Bethany cambaleou para trás, quando uma dor implacável a rasgou. Ofegante, ela olhou para seu filho imóvel nas mãos cruéis de Apollymi. A própria imagem de seu pai, ele era tão minúsculo e indefeso...

E extremamente jovem para sobreviver por conta própria.

Cega pelas lágrimas, ela estendeu a mão para tocá-lo. Apenas uma vez.

A deusa mais velha explodiu-a para trás, então tudo ficou completamente escuro.

* * *

Styxx estava em pé no lado humano do Rio Acheron, no Submundo, observando enquanto Charon levava Ryssa e Apollodorus através de seu lugar de descansando final, nos Campos Elysian. Incapaz de falar como sombra, ele tentou seu melhor para chamar a atenção dela. Mas ela renegou-o até na morte.

Ela até nem mesmo olhou para ele.

Sozinho agora, ele vagou ao longo das margens, esperando que seu pai logo colocasse uma moeda de óbolo⁴⁵ na boca de seu cadáver, para que pudesse pagar para cruzar, também. Caso contrário, seria amaldiçoado a vagar aqui nas margens, como uma sombra lúgubre, preso entre este mundo e o humano. E enquanto estivesse deste lado, não poderia beber do Lete⁴⁶ e esquecer a dor de ter perdido Bethany e seu filho. Não seria capaz de tomar seu lugar com Galen e todos os outros que lutaram debaixo de sua bandeira, e morreram por Didymos.

⁴⁵ Moeda de cobre, usada nas ilhas jônicas.

⁴⁶ Rio no Hades que causava o esquecimento daqueles que bebiam de suas águas.

Ele olhou para trás enquanto o esquife de Charon que mantinha Ryssa e Apollodorus desaparecia nas névoas. Seu pai deu-lhes as moedas. Era possível que seu pai intencionalmente retivesse a sua como um castigo final?

Certamente nem mesmo seu pai seria tão frio. *Você está de brincadeira? Claro que seria.* Foi culpa de Styxx que sua irmã e seu sobrinho tivessem morrido. Como Acheron, ele estava muito bêbado e chapado para ajudá-los.

Isto é o melhor que mereço. Mas o que machucava mais era saber que Bethany nunca se juntaria a ele aqui. Ela iria para Anúbis quando morresse. Mais provável ainda que seu filho também fosse. Então ele ficaria aqui, sozinho, incapaz de esquecê-los, sabendo que até no fim, seu pai não se importou o suficiente para cuidar de seu cadáver.

Styxx estava tão frio que suas mãos tremiam, mas não havia modo de se aquecer. Então se sentou e esperou, e teve esperança. Mas quanto mais tempo se passava e mais e mais pessoas eram atravessadas, não tinha nenhuma escolha exceto aceitar o fato de que nunca cruzaria para o outro lado.

E nunca esqueceria.

25 de junho de 9527 a.C.

Monte Olimpo

Magro e pequeno em estatura, com cabelos e olhos escuros, Hermes voava pelo salão dos deuses até que ficou diante de seu pai, Zeus. Hermes não estava certo do que estava acontecendo aqui, mas a maior parte dos deuses estava reunida e relaxada, como se o mundo não estivesse para acabar.

Eles ignoraram Hermes até que ele falou.

— Vocês conhecem a ditado, não matem o mensageiro? Mantenham este pensado, realmente, realmente perto de seus corações.

Zeus franziu o cenho para ele, enquanto se levantava da cadeira onde estava jogando xadrez com Poseidon. Vestido com uma estola branca e um chlamys esvoaçante, Zeus tinha cabelo loiro curto e pequenos olhos vivamente azuis.

— O que está acontecendo?

Hermes gesticulou em direção às janelas na parede que mostravam o reino humano abaixo.

— Alguns de vocês já deram uma olhada na Grécia na última, digamos, hora ou mais?

Sentado em uma mesa de banquete com Afrodite, Athena e Artemisa, Apollo rolou os olhos e acenou com a mão desdenhosamente para o pânico de Hermes.

— O quê? Eles estão reagindo ao fato de que amaldiçoei o Apollita por assassinar minha amante e filho? Não é de nossa conta.

Hermes balançou a cabeça em um gesto de negação sarcástica.

— Não acho que isto aborreça tanto quanto o fato de que a ilha de Atlântida se foi agora, e a deusa atlante, Apollymi está deixando um rastro por nosso país, devastando tudo e todos com que entra em contato.

O deus mensageiro virou um olhar presunçoso para Apollo.

— E no caso de estar curioso, ela está vindo diretamente para nós, gritando seu nome. Eu poderia estar realmente errado aqui, mas estou achando que a deusa da destruição está extremamente emputecida... com você.

Apollo ficou boquiaberto com a aquela revelação. Por que Apollymi estaria se voltando para ele?

Zeus virou-se para Apollo.

— O que você fez?

Estalando a língua, Apollo empalideceu.

— Amaldiçoei meu povo, não o dela. Não fiz nada para os atlantes, papai. A menos que o sangue deles esteja misturado com meu apollita, eles estão incólumes de minha maldição. Isto não é minha culpa.

De repente, ele teve um pressentimento ruim quando encarou sua irmã gêmea, que estava sentava à sua frente.

Artemisa cobriu a boca quando percebeu a qual panteão Acheron deveria ter pertencido. Apesar de saber que ele tinha recebido poderes dos deuses em seus vinte primeiros anos, ela não tinha nenhuma ideia de onde eles vieram.

Apavorada com o que ela e Apollo tinham, sem saber, colocado em movimento, deixou o salão enquanto os deuses se prepararam para guerra, e foi para seu templo para que pudesse pensar nisso sem os gritos irados deles em seus ouvidos.

— O que vou fazer? — Ela não tinha absolutamente nenhuma ideia.

Assim que Artemisa estava para chamar seu koris para ela, as três Parcas apareceram em seu quarto. Como trigêmeas em plena beleza juvenil, seus rostos eram cópias perfeitas uma das outras. Mas isso era a única coisa que compartilhavam. A primogênita, Átropos, tinha os cabelos vermelhos, enquanto Clotho era loira e a mais jovem, Lachesis, tinha os cabelos escuros. Filhas da deusa da justiça, ninguém tinha certeza de quem era o pai delas, mas muitos suspeitavam que fosse Zeus.

Não que seu pai se importasse. A única coisa que todos os deus do Olimpo sabiam era que, estas três jovens eram as mais poderosas de todo o seu panteão. Até Zeus não tentava contorná-las.

Desde o momento da chegada delas uma década atrás, quando se mudaram com a mãe, todos lhes deram amplo espaço. Quando as três seguravam as mãos e faziam uma declaração, isto se tornava uma lei do universo e ninguém ficava imune.

Ninguém.

Artemisa não podia imaginar por que elas estavam aqui em seu templo. Certamente não eram amigas ou até amigáveis.

— Se vocês não se importam, estou um pouco ocupada neste momento.

Lachesis agarrou seu braço.

— Artemisa, deve nos escutar. Nós fizemos algo terrível.

Era por isso que os deuses viviam com medo delas. Estavam sempre fazendo algo terrível para alguém.

— Seja o que for, vai ter que esperar.

— Não. — Átropos disse severamente. — Não vai. Apollymi está vindo para cá para nos matar. Somos aquelas de quem ela está atrás.

Atordoada com aquela declaração, Artemisa franziu o cenho para elas.

— O quê?

Átropos avançou.

— Não deve nunca respirar uma palavra para qualquer um do que vamos lhe dizer. Você entende? Nossa mãe nos fez jurar manter isto em segredo.

— Manter o que em segredo?

— Jure-nos, Artemisa. — Clotho exigiu.

— Eu juro. Agora me diga o que está acontecendo. — E mais importante, por que isto a envolvia.

Átropos engoliu em seco antes de falar em um sussurro silencioso, como se apavorada que alguém fora do templo pudesse escutá-la.

— Nosso pai é Archon, o rei dos deuses de Atlântida. Ele teve um caso com nossa mãe, Themis, e nós nascemos disto. Assim que nascemos, nossa mãe nos mandou para viver em Atlântida, e nosso pai nos aceitou. Apollymi é nossa madrastra e sem saber nós amaldiçoamos nosso meio irmão, quando tivemos conhecimento da chegada dele.

— Foi um acidente. — Clotho soltou. — Não tínhamos a intenção de amaldiçoá-lo.

Lachesis assentiu com a cabeça.

— Éramos apenas crianças e não entendíamos nossos poderes ainda. Nunca quisemos machucar nosso irmão. Não queríamos, nós juramos!

Artemisa gelou por dentro.

— Acheron? Acheron é seu irmão?

Clotho assentiu com a cabeça.

— Apollymi apenas nos tolerava enquanto vivemos com eles. Éramos uma lembrança da infidelidade de nosso pai, e ela nos odiava por isto.

Isso não fazia sentido, mais do que seu medo fazia. Artemisa tentava registrar porquê estavam lhe contado.

— Mas todos sabem que Archon nunca foi infiel à sua esposa.

Lachesis bufou.

— Isto é uma mentira que os deuses de Atlântida mantêm para que Apollymi não os prejudique. Você não entende o quão poderosa ela é. Ela pode nos matar sem ao menos piscar. Todos os deuses temem o poder dela. Até Archon, e ele é tão infiel quanto a maioria dos homens, e então aqui estamos nós.

— Ela nos quer mortas. — Clotho interrompeu.

Ainda assim, Artemisa estava tentando fazer sentido de tudo isto. Porém, estava faltando alguns pedaços vitais.

— Como exatamente vocês amaldiçoaram Acheron?

— Nós éramos tão estúpidas. — Átropos disse. — Quando Apollymi começou a mostrar sua gravidez, falamos sem pensar e demos a Apostolos o poder do derradeiro destino. Dissemos que ele causaria a morte de todos, e parece que hoje estamos prestes a ver nossas mortes atendidas.

Artemisa estava mais confusa ainda.

— Mas ele não está nos ameaçado. É a mãe dele.

Clotho assentiu com a cabeça.

— E ela matará a todos de nosso lado com sua maldição. Inclusive você.

Artemisa ficou boquiaberta para elas.

— Por quê? Não fiz nada!

Átropos zombou enquanto as jovens a cercavam.

— Sabemos o que fez Artemisa. Nós vemos tudo. Você machucou Acheron ainda mais do que nós. Virou as costas para ele enquanto Apollo extirpava-o no chão e Apollymi sabe disso. Ela viu isto nos próprios olhos dele.

O medo transpassou-a. Se o que elas diziam estivesse correto, não haveria clemência de Apollymi. Na verdade, ela não merecia nenhuma, mas por outro lado, Artemisa realmente não queria morrer, e definitivamente não pelos meios que Apollymi usaria nela.

— O que podemos fazer? Como nós a derrotaremos?

Átropos suspirou fortemente.

— Nós não podemos. Ela é muito poderosa. O único que pode igualar-se aos seus poderes é seu filho.

Que estava morto.

Grande. Elas estavam fodidas. Ninguém poderia ter lhe dito isto antes de ela abandonar Acheron com Apollo? Esta informação estava apenas um pouco atrasada, e teria sido muito mais benéfica no início do dia.

— Nós estamos mortas. — Artemisa aspirou quando imagens dela mesma sendo estripada pela mãe de Acheron passou por sua cabeça. Apollymi iria fazer o que Apollo fez com Acheron parecer agradável.

— Não. — Clotho agitou o braço para conseguir toda sua atenção. — Você pode trazê-lo de volta dos mortos.

Artemisa franziu o cenho para a mulher.

— Você está louca? Não posso trazê-lo de volta. Não tenho estes poderes. Apenas Hades tem, e desde que Acheron não é grego, isso não nos ajudará em nada mesmo.

Lachesis agarrou o outro braço dela.

— Sim você pode Artemisa. É a única que tem este poder.

— Não, não tenho.

Átropos rosnou para ela.

— Você bebeu do sangue de Acheron. Absorveu os poderes dele quando fez isto.

Clotho assentiu com a cabeça.

— Ele pode ressuscitar os mortos, o que significa que você também pode.

Artemisa franziu o cenho para elas.

— Você tem certeza?

Elas assentiram com a cabeça em uníssono.

Mesmo assim, Artemisa estava incerta. Com certeza, ela tinha provado os poderes de Acheron quando bebeu dele, mas isto particularmente era reservado apenas para um grupo muito seleto de deuses, e se elas falhassem em trazê-lo de volta...

Isto apenas ficaria pior por ela ter tentado.

Átropos empurrou suas irmãs de lado.

— Os deuses de Atlântida usaram seus poderes para vincular Apollymi com uma condição. Enquanto Apostolos estivesse vivo no reino humano, ela ficaria trancada em Kalosis.

— Esta é nossa brecha. — Lachesis disse. — Nós o devolveremos para o reino mortal, e ela será enterrada novamente. Para sempre.

— Estaremos seguras. — Clotho adicionou. — Todos nós.

— Você será a salvadora do panteão. — Elas disseram em uníssono, de mãos dadas.

Ela realmente tinha uma escolha? Respirando fundo para encorajar-se, Artemisa assentiu com a cabeça.

— O que tenho que fazer?

— Terá que conseguir que ele beba de seu sangue. — Átropos disse como se isto fosse a coisa mais fácil do mundo de se realizar.

— E simplesmente como faço isto? No caso de não notarem, deixei-o morrer. Realmente não penso que ele vá ter muito prazer em me ver.

— Com nossa ajuda, você pode fazer isto.

* * *

Sozinho, Acheron estava deitado em um chão de pedra frio, calmo e tranquilo, finalmente entorpecido para todo o seu passado e presente. Estava em paz de um modo que nunca esteve antes. As paredes de sua caverna o protegiam das vozes dos outros. Nem mesmo os deuses estavam em sua cabeça agora.

Pela primeira vez em sua vida, tinha silêncio total. E era maravilhoso. Não havia nenhuma dor em seu corpo, nenhuma tristeza. Nada. E amava esta sensação de bem aventurada tranquilidade.

— Acheron?

Ele ficou tenso com a voz de Artemisa. *Claro que a vadia iria perturbar seu refugio.* Ela nunca o deixaria em paz.

Maldita.

Ele tentou dizer-lhe para ir embora, mas nada diferente de um rouco coaxar deixou seus lábios. Tossindo, tentou limpar a garganta para falar.

Ainda assim nenhuma palavra saiu. O que estava acontecendo? O que tinha tomado sua voz?

Artemisa deu-lhe um carinhoso, olhar preocupado.

— Precisamos conversar.

Ele a impeliu de volta, mas ela recusou-se a ir.

— Por favor. — Ela implorou com um olhar que teria enfraquecido sua decisão apenas alguns dias atrás. Mas aquela preocupação por ela agora estava muito longe. Nunca a perdoaria por virar-lhe as costas e deixar seu irmão extirpá-lo no chão. — Apenas algumas palavras e o deixarei. Para sempre se desejar.

Como podiam conversar quando ele nem conseguia falar?

Ela estendeu uma caneca para ele.

— Beba isto e poderei conversar com você.

Furioso com ela agarrou a caneca e engoliu o conteúdo sem saboreá-lo.

— Vá para o Tártaro e apodreça. — Ele rosnou para ela, grato que desta vez ela pudesse *ouvir* o veneno em sua voz.

E então algo aconteceu. Uma dor e fogo atravessaram seu corpo como se algo tivesse deixado seus órgãos internos chamejando. Arquejando, olhou para Artemisa.

— O que fez comigo agora?

Não havia nenhuma clemência ou remorso no olhar dela.

— O que tive que fazer.

Em um momento estava na escuridão tranquila do domínio de Hades, e no próximo estava em pé às margens de Didymos, não muito longe do palácio.

Ou melhor, o que restou dele.

Confuso, olhou em volta tentando fazer sentido ao que tinha acontecido com ele, e com a Terra. Antes que pudesse entender isto, uma dor lancinante o transpassou com tal ferocidade que o deixou de joelhos na rebentação.

Acheron clamou, querendo que isto parasse.

De repente, Artemisa estava lá diante dele. Recolhendo-o em seus braços, ela o abraçou apertado, quando as ondas colidiram contra eles.

— Tive que trazê-lo de volta.

Ele a empurrou para longe dele, enquanto olhava para os restos fumegantes de Didymos.

— O que você fez?

— Não fiz isto. Sua mãe fez. Ela destruiu tudo e todos que se aproximaram de você. E está vindo para nos matar no Olimpo. É por isto que tive que trazê-lo de volta. Ela teria matado a todos nós se eu não tivesse.

Ele olhou tão duro para ela, que estava certo de que seus olhos estavam vermelhos.

— Você pensa que estou me incomodando com está porra? — Ele começou a afastar-se dela, apenas para ser congelado no lugar pela dor que rasgou em seu estômago. A agonia disso o levou a dobrar-se enquanto lutava para respirar.

Artemisa lentamente o abordou. Ela estava acima dele, olhando para baixo.

— E sou a única no controle aqui, Acheron. Eu o vinculei a mim com meu sangue. Possuo você.

Aquelas três palavras atearam fogo a sua ira. Ele sentiu a ondulação do calor familiar sobre ele, quando sua aparência humana deu lugar àquela de sua forma de deus. Erguendo-se contra a dor, segurou a mão dela e trouxe Artemisa para seu alcance.

— Você seriamente menospreza meus poderes, vadia.

Ela tentou agarrar a mão dele, tentando soltar-se de seu aperto feroz.

— Mate-me e se tornará o pior tipo de monstro imaginável. Precisa de meu sangue para manter qualquer tipo de sanidade. Sem isto, você se tornará um assassino descuidado, buscando apenas destruir tudo e todos com quem entrar em contato... assim como sua mãe.

Acheron rugiu com frustração. A vadia pensou em tudo. Até como um deus, ainda era um escravo.

— Eu odeio você.

— Eu sei.

Ele empurrou-a para longe e virou de costas para ela.

— Acheron, não ouviu o que eu disse? Terá que se alimentar de mim.

Ele a ignorou enquanto fazia o longo caminho pela praia até a colina, onde o palácio real uma vez esteve. Não havia restado nada mais do que cinzas fumegantes e escombros. Havia centenas e centenas de corpos de servos, cidadãos e comerciantes em todos os lugares. Vítimas inocentes da ira de sua mãe.

Seus olhos lacrimejavam enquanto examinava os escombros, buscando um sinal de Ryssa ou Apollodorus.

Machucado e quebrado, ele usou seus poderes para mover as pedras e o mármore até que descobriu o quarto que tinha pertencido a ela.

Lá nos destroços encontrou três dos diários que ela mantinha tão meticulosamente. Estavam um pouco chamuscados pelo fogo, mas milagrosamente, de alguma maneira sobreviveriam intactos. Ele abriu o primeiro e olhou fixamente para sua escrita infantil, quando descreveu o dia em que ele nasceu, e a alegria que ela sentiu em ter irmãos gêmeos. Enxugando as lágrimas, fechou isto e o segurou contra seu coração como se ouvisse estas palavras na voz dela.

Styx estava certo. Sua preciosa irmã se foi e era tudo culpa dele. Devastado com esta verdade, viu um dos pentes de cabelo de prata que deu a ela em seu último aniversário, somente dias antes.

Ele rastejou até ele e o colocou contra seus lábios.

— Sinto muito, Ryssa. Eu sinto tanto.

E naquele momento o acertou quão patético era ter apenas tais coisas minúsculas para mostrar uma vida tão vibrante. Três diários e um pente de cabelo quebrado. Inclinado para trás, ele soluçou pela agonia de sua perda.

— Apostolos... por favor, não chore.

Ele sentiu a presença de sua mãe.

— O que você fez Matera?

— Queria que eles pagassem por machucá-lo.

Será que isto importa mesmo? O que eles fizeram com ele não era nada comparado ao que foi feito hoje, por causa das ações de sua mãe.

— E agora Artemisa me possui.

O grito de sua mãe refletiu o seu próprio.

— Como?

— Para impedi-la, ela vinculou-me a ela com seu sangue.

Ele podia sentir a raiva dele refletida na voz de sua mãe.

— Venha comigo, Apostolos. Liberte-me e destruirei aquela vadia e aqueles bastardos que o amaldiçoaram.

Acheron balançou a cabeça. Devia fazer isto. Ele devia. Todos eles não mereciam nada melhor, e ainda assim não podia levar-se a destruir o mundo.

Matar pessoas inocentes...

Olhou para os corpos e estremeceu. Não. Apesar disso tudo, não podia fazer isto ao mundo.

Sua mãe apareceu diante dele como uma sombra translúcida. Acheron ofegou bruscamente quando a viu pela primeira vez. Ela era a mulher mais bonita que já tinha visto. O cabelo tão branco quanto neve recém-caída fluía de uma coroa que brilhava com diamantes. Seus pálidos, olhos prateados espiralavam da mesma forma que os dele. Seu vestido preto fluía sobre seu corpo quando ela estendeu a mão para ele.

Ele tentou tocá-la, mas sua mão passou através dela.

— Você é meu filho, Apostolos. A única coisa em minha vida que verdadeiramente sempre amei. Daria minha vida pela sua. Venha até mim, filho. Quero abraçá-lo.

Ele valorizou cada palavra que ela falou.

— Não posso. Não se isso significa sacrificar o mundo. Recuso-me a ser tão egoísta.

— Por que protegeria um mundo que lhe virou as costas e abusou de você?

— Porque sei como é ser castigado por coisas que não foram minha culpa. Sei como é ter coisas forçadas em mim que eram erradas e contra minha vontade. Por que faria isto para outra pessoa?

— Porque seria a justiça!

Ele olhou ao redor para os corpos dispersos, daqueles que não mereceram morrer assim, e apodreceriam ao ar livre.

— Não. Seria apenas crueldade. A justiça para os humanos já foi mais do que feita.

Os olhos dela relampejaram furiosamente.

— E quanto à Apollo e Artemisa?

Ele rangeu os dentes com a mera menção do nome deles.

— Eles mantêm o poder do sol e da lua. Não posso destruí-los.

— Eu posso.

E deste modo ela destruiria toda a Terra e todos que viviam aqui. Era por isto que ele não podia libertá-la.

— Não valho o fim do mundo, Matera.

Os olhos dela o queimaram com sua sinceridade.

— Para mim você vale.

Naquele momento, ele teria vendido sua alma para poder abraçá-la.

— Eu a amo, mamãe.

— Nem perto do quanto eu o amo, m'gios.

M'gios. Meu filho. Ele esperou sua vida inteira para alguém o reivindicar. Mas apesar do quanto queria sua mãe, não acabaria com o mundo por isto.

De repente um vento frio chicoteou ao redor dele, dilacerando suas roupas e seus cabelos, ainda assim não o machucava. O mundo ao redor dele enfraqueceu quando se encontrou em um terreno desconhecido. A imagem de sua mãe cintilou ao seu lado.

— Isto é Katateros. Seu direito nato.

Ele franziu a testa para a pilha de entulhos.

— Está em ruínas.

Ela lançou um olhar embaraçado na direção dele.

— Estava um pouco chateada quando vim até aqui.

Um pouco?

— Feche os olhos, Apostolos.

Confiando nela completamente, ele o fez.

— Respire fundo.

Ele respirou fundo e então sentiu sua mãe dentro dele. Seus poderes fundiram-se com os dele e em um piscar de olhos, as ruínas reuniram-se para formar um lindo palácio de ouro e mármore preto. A presença de sua mãe retirou-se dele.

— Bem-vindo ao lar, palatimos. — *Precioso.*

As portas se abriram e enquanto Acheron passava por elas, suas roupas mudaram. Seu cabelo preto alongou e um fluído manto espalhou-se trás dele, enquanto caminhava pelo chão de mármore branco. Ele parou sobre o sinal do sol que era perfurado por três raios.

Sua mãe desacelerou quando o notou estudando.

— O sol é meu símbolo e representa o dia. A prata do raio é pela noite. O raio à esquerda é para mim e para o passado, e o à direita é de seu pai e o futuro. O seu é o raio do meio que une e liga nós três juntos e representa o presente. Este é o sinal do Talimosin e representa seu domínio do passado, o presente, e o futuro.

Ele franziu a testa para a palavra atlante.

— O Arauto?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você, Apostolos. É o Talimosin. O Destino Final de todos. Suas palavras são lei e sua ira absoluta. Seja cuidadoso à medida que as pronuncia, qualquer coisa que disser, até mesmo em um descuido, determinará o destino da pessoa com quem está falando. É um fardo que nunca teria lhe desejado. E é um que odeio naquelas vadias. Mas não posso desfazer o que eles lhe deram. Ninguém pode.

— Quais exatamente são os meus poderes?

— Não sei. Eu os tirei de você e nunca olhei para eles com medo de expô-lo aos outros. Sei apenas que as filhas de Archon o amaldiçoaram. Mas você os entenderá com o tempo. Desejo apenas que venha até mim para que eu possa ajudá-lo, até que fique mais forte.

— Matera...

— Eu sei. — Ela estendeu as mãos para cima. — Respeito-o por ser o homem que é, e me orgulho de você. Porém, assim que estiver cheio deste mundo e mudar de ideia, sabe onde me encontrar.

Ele sorriu para ela.

— Enquanto isso, tudo isto é seu agora.

Acheron olhou para as estátuas e de alguma forma soube quem cada uma delas e todos eram. Quando se aproximou do conjunto de portas de ouro, ele viu a imagem de sua mãe à esquerda e Archon à direita.

As portas se abriram e lá ele viu o que restava dos deuses onde sua mãe os atacou. Eles estavam congelados no horror de seus últimos momentos.

Sua mãe não mostrou nem um pinga de remorso pelo que fez com sua família.

— Se a visão deles o aborrece, há uma sala abaixo da sala do trono onde pode armazená-los. Enquanto eu estiver trancada em Kalosis, meus poderes não me permitirão colocá-los lá, mas você não deve ter este problema.

Fechando os olhos, ele desejou que as estátuas se fossem. Em um momento, elas se foram. Não tinha nenhum desejo de ver as imagens das pessoas que o quiseram morto.

Sua mãe sorriu com aprovação.

— Você tem a habilidade de ir e vir do reino humano até este aqui à vontade. Verá que Katateros é um lugar grande com áreas inexploradas. O topo das montanhas tem muito vento... e no ponto mais ao norte você poderá ouvir o som de sua avó, o Vento Norte. Zenobi lhe sussurrará

e o socorrerá em minha ausência. A qualquer momento que precisar ser confortado, vá lá e deixe-a abraçá-lo.

— Obrigado, Matera.

— Eu irei agora e dou-lhe tempo para se ajustar. Se precisar de mim, me chame e eu aparecerei.

Ele inclinou-lhe a cabeça enquanto ela desvanecia ao longe e o deixou sozinho neste lugar desconhecido.

Era tão estranho estar aqui e levaria algum tempo para se acostumar a isto. Fechando os olhos, ele podia ver os deuses como foram. Ouvir suas vozes que ecoavam em enfraquecidos sussurros. E quando os abriu, todos eles se foram e não ouviu mais nada.

Enquanto se movia em torno da sala, ele percebeu que usava algum tipo de perneiras de couro.

Calças.

Que estranho era conhecer os nomes de tudo e de todos sem nem mesmo tentar. Quaisquer informações que precisasse estavam lá imediatamente.

Cruzando a sala, aproximou-se do único trono preto e dourado... o de Archon. Uma imagem de seu próprio corpo humano morto apareceu em sua mente. E no próximo momento, Acheron estava sentando nele, olhando para a cintilante sala vazia. Embora ornamentada e dourada, era estéril.

Não havia vida no palácio. Nenhum conforto aqui.

Ele levantou-se e quando o fez um grande mastro apareceu ao seu lado. Com mais de dois metros de altura, mantinha seu emblema em ouro e prata no topo. Palavras em atlante estavam inscritas abaixo na madeira lisa.

Assim o Talimosin será conhecido. Ele lutará por si mesmo e pelos outros. Seja forte.

Seja forte. Acheron estremeceu quando as palavras do demônio, Xiamara sussurraram em sua mente. Ele teletransportou-se para o topo da montanha do norte. O sol estava apenas começando a fixar-se, enquanto os ventos chicoteavam sua formesta para trás. Ele segurou seu mastro apertado, olhando para trás por cima de seu ombro, para olhar para baixo onde estava o palácio.

Então ele a ouviu.

Apostolos... sinta minha força. Será sua quando precisar disto.

Ele sorriu sinistramente quando sentiu a carícia de sua avó contra sua pele. Fechando os olhos, pegou conforto e força.

E quando abriu os olhos, ele podia dizer que ardiam vermelhos agora. Sua visão enxergava muito mais do que quando um humano. Sentiu a pulsação do universo em suas veias. Sentiu o poder da fonte primitiva, e pela primeira vez percebeu seu lugar no cosmo.

Sou o deus Apostolos. Sou morte, destruição, e sofrimento. E serei a pessoa que gerará Telikos, o fim do mundo.

Isso se ele pudesse entender como usar seus poderes. Acheron riu da verdade disto.

Virando-se, desceu a montanha e voltou para a sala do trono no palácio de Archon. Não... isto era seu agora. A tristeza pendurou bem fundo dentro dele, quando percebeu que apesar de ter sua avó e sua mãe com ele em espírito, ainda estava sozinho no mundo.

Completamente só.

Ele congelou quando ouviu algo se movendo atrás de seu trono. Era um suave som correndo... como o de um grande roedor. Franzindo a testa, ele teletransportou-se em direção a isto, preparando-se para matar qualquer coisa que tenha ousado profanar sua nova casa.

O que encontrou lá o atordoou completamente.

Era um pequeno demônio com a pele marmórea vermelha e branca e longos cabelos pretos. Os pequenos chifres vermelhos apontavam pelos emaranhados cachos dela, enquanto ela o olhava com olhos vermelhos com as bordas alaranjadas.

— Você é meu akri? — Ela perguntou com uma cadência infantil.

— Não sou o akri de ninguém.

— Oh... — Ela olhou em volta. — Mas akra me mandou para cá. Ela disse que meu akri estaria esperando. Simi está confusa. Perdi minha mamãe e agora Simi precisa de seu akri. — Ela se sentou e começou a chorar.

Acheron largou seu mastro para pegar a criança.

— Não chore. Ficará tudo bem. Nós acharemos sua mãe.

Ela balançou a cabeça.

— Akra disse que a matera de Simi está morta. O malvado povo grego matou a mamãe de Simi. Agora Simi precisa de seu akri para amá-la.

Acheron balançava-a suavemente em seus braços, quando a sombra de sua mãe apareceu diante dele.

Simi parou de chorar.

— Akra, ele disse que o akri de Simi não está aqui.

Sua mãe sorriu para eles.

— Ele é seu akri, Simi.

Acheron franziu o cenho com a declaração dela.

— O que?

— Sua mãe era Xiamara, sua protetora. Como você, Simi está completamente só no mundo, com ninguém para cuidar dela. Ela precisa de você, Apostolos.

Ele olhou para baixo, para aqueles grandes olhos que engoliam o pequeno rosto redondo do demônio. Piscando, ela olhava para ele com a mesma confiança e inocência de Apollodorus. E ele ficou perdido com aquele amoroso olhar que não julgava ou o condenava.

— Vincule-se à ele Simi, proteja meu filho como sua mãe me protegeu.

O pensamento de atar alguém a ele, apavorou Acheron. Ele não queria ninguém escravizado a ele.

— Não quero um demônio.

— Você a jogaria sozinha no mundo?

— Não.

— Então ela é sua.

Antes que ele pudesse protestar novamente, sua mãe desvaneceu para longe.

Simi se aconchegou contra ele e deitou a cabeça contra seu ombro.

— Sinto falta de minha mamãe, akri.

A culpa pelo que aconteceu ao demônio mãe dela, que ele acidentalmente matou em vez de Apollo, golpeou-o com suas palavras sussurradas, enquanto a segurava perto dele. Se não fosse por ele, a mãe dela ainda estaria viva para amá-la.

— Onde está seu papai, Simi?

— Ele morreu antes de Simi nascer.

— Então eu serei seu pai.

— Verdade? — Ela perguntou esperançosamente.

Ele assentiu com a cabeça, sorrindo para ela.

— E juro que você nunca mais irá precisar de nada.

Seu sorriso inocente aqueceu o coração dele.

— Então Simi tem o melhor akri-papai do mundo. — Ela o abraçou firmemente. — Simi ama seu akri. — Assim que as palavras foram faladas, ela desvaneceu assim como sua mãe havia feito. Mas enquanto ela desvanecia, a pele dele acima de seu coração queimou.

Silvando, Acheron puxou sua túnica para cima, para encontrar um pequeno dragão colorido estampado em sua pele. Ele o tocou cuidadosamente, e ouviu o riso de Simi em sua cabeça. A tatuagem avançou lentamente para cima, em direção ao pescoço dele. O movimento dela em sua pele fazia-lhe cócegas, até que parou acima de sua clavícula.

— Simi é uma parte de você agora, Apostolos. Enquanto estiver em seu corpo, ela não poderá ouvi-lo a menos que você a chame. Mas ela poderá monitorar seus sinais vitais. Se sentir que está em perigo, ela aparecerá para você em forma de demônio para protegê-lo.

— Mas ela é apenas um bebê.

— Assim como um bebê, ela é mortal. Não pense o contrário. Os Charontes são por si só, assassinos por natureza. Ela estará com fome e você terá que alimentá-la frequentemente. Se não conseguir, ela comerá qualquer um próximo a ela... até mesmo você. Certifique-se de que ela não fique faminta demais. E a última coisa que deve saber é que a espécie dela envelhece muito lentamente. Aproximadamente um ano de desenvolvimento humano equipara-se há mil anos dela.

Isso não soou muito bem.

— O que quer dizer.

— Sua Simi tem mais de três mil anos de idade.

Acheron ficou de boca aberta para esta informação.

— Ela não deveria estar com outro demônio que possa treiná-la?

— Ela é a última de sua espécie. Você é tudo que ela tem neste mundo, m'gios. Cuide dela. Como disse, você é o pai dela agora. Será o único a ensiná-la tudo o que ela souber.

Acheron colocou a mão na tatuagem em seu ombro. Ele era pai...

Entretanto como treinaria e protegeria uma filha demônio, quando ele nem mesmo sabia como usar seus próprios poderes?

26 de junho de 9527 a.C.

Styx silvou quando foi empurrado para fora das margens do Rio Acheron e bateu de volta em seu corpo em Didymos. Por um minuto inteiro, ele não conseguiu se mover. Mas, uma vez que seus olhos focaram, percebeu que estava preso sob os escombros. Sentiu como se todos os ossos de seu corpo estivessem quebrados.

Depois de mais alguns minutos, ele foi capaz de rastejar para fora debaixo disso, e ver a devastação que foi feita em sua pátria.

Apenas alguns centímetros longe de onde acordou, estava o corpo de seu pai. Franzindo a testa, ele o cavou e viu os pequenos óbolos de prata ainda presos em sua mão.

Seu pai deveria ter estado em seu quarto para dar-lhe isto, quando foi morto. O pesar o sufocou. Não sabia por que não viu seu pai no Submundo. Mas isto não importava.

Seu pai não reteve a moeda, afinal.

— Sinto muito, pai. — Ele sussurrou. — Eu deveria ter sido capaz de fazer algo para parar isto. — Ele não tinha ideia como, mas ainda assim...

Queimando em agonia absoluta, Styx pegou a moeda e colocou-a na boca de seu pai, para que se ele estivesse nas margens do rio, pudesse atravessar e encontrar Ryssa e Apollodorus.

— Que Hades conceda a vocês dois um palácio nos Campos Elysian. — E enquanto balançava seu pai, percebeu o que tinha acontecido.

Acheron estava vivo novamente.

Não havia nenhuma outra explicação. Era a única maneira de ele ter retornado à vida.

Tenho que enterrar meu pai.

E provavelmente Ryssa e Apollodorus, também. Ele levantou-se para encontrá-los e parou quando viu Artemisa em pé no que uma vez foi o corredor.

— O que você está fazendo aqui?

— Você fez mal suficiente para Acheron. Não permitirei que o machuque ainda mais.

Styx riu incrédulo.

— Eu o prejudiquei? Você está doida? Olhe ao seu redor. — Ele gesticulou para os restos fumegantes do que outrora foi a grande cidade. — Acheron causou a morte de minha irmã, meu pai, meu...

— Já chega! Recuso-me a permitir que vague pela Terra, procurando por vingança contra ele.

Estranhamente, Styxx não sentia nenhum desejo de vingança. Havia apenas uma coisa que procurava. Apenas uma coisa que restava para ele. E honestamente, estava bem com isto.

— Tudo bem, deixe-me ir para minha esposa e nenhum de vocês jamais terá que se preocupar em me ver novamente.

— Sua esposa?

— A Princesa de Thebas. Bethany.

O rosto de Artemisa empalideceu ao ouvir o nome.

Deuses, não... qualquer coisa menos isto.

Lágrimas sufocaram Styxx ao ponto de que não conseguia mais respirar.

— Ela está no Egito. — Ele disse firmemente.

Artemisa lentamente balançou a cabeça.

— Apollymi a matou, também.

Uma onda de lágrimas o cegou com a notícia.

— Apollymi!

Ela assentiu com a cabeça.

Lançando a cabeça para trás, ele rugiu em agonia. Sua vista desfocou com a ferocidade de sua perda. Não, não, não!

— Ela não está morta. Não minha Beth. Não ela. Você está mentindo para mim!

— Nunca mentiria sobre isto. Sinto muito, Styxx.

Mas ela não sentia. Não se importava. Por que deveria?

Passando as mãos pelos cabelos, Styxx queria sangue, afinal. Queria tomar banho no sangue de todos os deuses do Olimpo. Mas nenhum deles mais do que o de Acheron.

Com sua fúria o golpeando, Styxx correu para Artemisa, pretendendo arrancar o coração dela. Mas antes que pudesse alcançá-la, ele foi arrebatada por ventos furiosos.

Tudo ficou escuro.

A próxima coisa que percebeu, era que tinha batido contra as areias brancas de uma praia estranha. Atordoado, Styxx virou e ficou de joelhos na areia.

Que porra é essa?

Artemisa apareceu diante dele.

— Você está na Ilha dos Desaparecidos nos Campos Elysian. Não posso permitir que alguém saiba sobre você ou Acheron. Terá tudo o que precisa aqui e pessoas virão com comida para você de vez em quando. — Ela soltou o baú de seu quarto na frente dele. — Isso deverá confortá-lo.

Então ela se foi.

Espantado, Styxx olhou para aquele estúpido baú. Isso deveria confortá-lo pela perda de sua família inteira e de seu país?

Pela perda de Bethany e seu filho?

Styxx berrou com fúria até que sua garganta estivesse áspera, e não pudesse produzir mais nenhum som. Ele não gritava assim desde que o torturaram em Dionysion. E honestamente, preferia voltar para lá a viver assim.

Como puderam tirar tudo dele?

— Deveria ter deixado os fodidos atlantes vencê-lo e o resto dos olímpios no chão!

Ele amaldiçoou o dia em que lutou pela Grécia e seus deuses. Acima de tudo, amaldiçoou o dia em que nasceu gêmeo de Acheron Parthenopaeus. *Aquele filho da puta...*

Styxx desviou a vista para o horizonte enquanto fazia um voto solene.

— É melhor rezar irmão, que eu nunca saia desta ilha. Se sair... você sangrará por cada lágrima que derramei por sua causa. E arrancarei seu coração e o enfiarei por sua goela abaixo, por sua mãe ter tirado minha esposa e meu filho de mim. Amaldiçoo cada um de vocês!

Em toda sua vida, ele quis apenas uma coisa.

Bethany.

E agora tudo o que queria era a morte, para que pudesse ficar com ela na próxima vida. Mas não tinha restado mais nada para ele, exceto a eternidade isolado no inferno.

Onze mil, quinhentos e trinta e um anos mais tarde...



Segunda Parte



Onze mil, quinhentos e trinta e um anos mais tarde...

03 de janeiro de 2004 d.C.

Exausto e suando, Styxx suspirou enquanto cavava na areia molhada para descobrir seu almoço. Já tinha achado dois mariscos. Mais um e ele acabaria com a refeição. Quando tentou erguer a areia pesada, o cabo artesanal de madeira da pá quebrou. Ele se ajoelhou para terminar de cavar com a lâmina de pedra então adicionou o molusco à pequena bolsa de couro feita à mão onde ele colocou os outros dois.

Ele lavou a areia de suas mãos na rebentação, em seguida voltou para a cabana de palha que construiu séculos atrás para se abrigar do vento e da inclemente luz solar.

Lançando os pedaços de pá pela porta para que pudesse consertá-la mais tarde, ele enxugou o suor da testa, entrou e agarrou seu último coco. Precisava juntar mais depois que terminasse de comer.

Styxx voltou lá para fora para começar um fogo para sua escassa comida.

Mas assim que chegou à sua cova de cozinhar, algo brilhante faiscou. Com reflexos afiados por milhares de anos de ataques inesperados e extremamente cruéis de animais, Styxx agarrou sua lança e preparou-se para a briga.

Só que não era um predador coberto de pele.

Este aqui andava sobre duas pernas.

Dionísio. Embora estivesse um pouco diferente da última vez que Styxx o viu, ele se lembrava muito bem do bastardo, de sua breve detenção no templo de Apollo no Olimpo. O deus do vinho e do excesso tinha cortado curto seu cabelo castanho comprido e fez mechas loiras nele. Vestido com roupas do tipo que Styxx nunca viu antes, Dionísio usava um cavanhaque bem aparado.

Styxx fez uma careta para o aparecimento súbito e inesperado do deus. Ele estava tendo alucinações? Algo o envenenou enquanto estava cavando? Ele não era mordido há um tempo, mas...

Fazia milhares e milhares de anos desde que alguém veio para sua ilha por qualquer motivo.

Dionísio falou, mas ele não podia entendê-lo. O deus deu um passo mais perto.

Desconfiado, Styxx apoiou e angulou a lança para o coração do deus.

O olímpio parou de se mover e levantou suas mãos.

— Desculpe. Esqueci de usar grego antigo. Estou um pouco enferrujado com ele. Você pode me entender agora?

Ironicamente, Styxx levou alguns segundos para lembrar também. Ele há muito tempo parou de pensar com palavras. Sem ninguém para conversar e sem mais vozes na sua cabeça, apenas imagens lhe fizeram companhia por incontáveis séculos.

Ele acenou com a cabeça.

Novamente o olímpio disse algo que Styxx não entendeu. Ele deu um passo.

Styxx apertou a ponta da lança contra seu tórax em advertência.

Frustrado, Dionísio arremessou suas mãos para fora e enviou uma explosão por ela. Styxx deixou cair a lança eletrificada quando foi erguido e lançado contra o chão tão forte que chacoalhou cada osso do seu corpo.

Seus ouvidos zumbiam a ponto de doer.

— Agora pode compreender o que estou dizendo? — O deus rosou.

— Estou te ouvindo.

Dionísio diminuiu a distância entre eles.

— Não chegue perto de mim! — Styxx rosou, atirando-se para longe dele. Estava de saco cheio de todos eles.

Os olhos do Dionísio ficaram vermelho escuro e sinistros.

— Eu estou tentando te ajudar.

Styxx bufou.

— Nenhum deus alguma vez me ajudou. Vá se foder.

Ele arqueou uma sobrancelha arrogante ao ouvir isso.

— Uau... isso é muito corajoso de sua parte. Mas sabe, ao invés de me foder, eu poderia contar a Apollo onde você está. Ele pensa que você está morto há muito tempo. Depois de todo este tempo, você seria como um brinquedo novo para ele novamente. E tenho certeza que ele adoraria essa sua aparência de tanga, especialmente combinada com esses músculos extremamente definidos. Droga, você era quente antes. Agora... — Ele mordeu o lábio enquanto olhava o corpo do Styxx com um sorriso lascivo. — Você cresceu bem, garoto.

O sangue do Styxx esfriou com a ameaça.

— Ou... — Dionísio continuou, — você poderia me ouvir e pôr um fim ao seu inferno completamente. O que você prefere?

— Estou ouvindo.

Dionísio cruzou os braços em cima do peito.

— O mundo mudou muito desde que você passou por ele. Uma das coisas que me irrita mais é que o panteão grego basicamente caiu no esquecimento absoluto. Nós somos tal piada que até Disney fez desenhos sobre nós. Nós temos alguns que continuam acreditando, mas no geral, fomos esquecidos. Estou um pouco nostálgico dos velhos tempos quando as pessoas faziam sacrifícios e alimentavam meus poderes... Um pouco mais de um mês a partir de agora, o portal entre o mundo humano e Kalosis se afinará o suficiente para fazer uma brecha.

Styx estava bem ciente de uma profecia que ele esteve esperando acontecer. Era a única esperança que ele tinha de deixar esta prisão repulsiva.

— A Destruidora pode ser libertada do cativeiro.

Se Apollymi estivesse livre novamente ela acabaria com o mundo e Styx com ele. Ou melhor ainda, ele podia dirigir seu punhal atlante diretamente no coração negro daquela puta pelo que ela tinha feito com sua esposa e filho. Ele sempre soube que havia uma razão para que tivesse se agarrado no que ele tinha tomado durante sua guerra lá. Como humano, foi a paranoia de Archon ou um dos outros vindo atrás dele que o levou a manter isto.

Agora era a promessa de vingança. Um punhal atlante era a única arma que ele conhecia que podia matar um dos seus deuses.

Mas ele não entendia por que Dionísio estava aqui. Por ele.

— O que isto tem a ver comigo?

— Para abrir o portal, nós precisamos do sangue de um verdadeiro atlante. Não um apollita, mas um nascido do povo de Apollymi e seu sangue. E só restou um no planeta.

— Acheron. — Era a única explicação.

Dionísio inclinou sua cabeça para ele.

— Vê por que preciso de você?

Sim, ninguém mais podia lutar ou derrotar Acheron. Só seu gêmeo tinha essa capacidade.

— Ainda não vejo como isso me ajuda.

— Qual é a coisa que você mais quer, príncipe?

— Minha esposa.

Dionísio revirou os olhos.

— Certo, e qual é a segunda coisa que você quer?

— Meu filho.

Desta vez o deus expeliu uma longa respiração exasperada.

— Terceira? E se você nomear outro membro da família, deixarei você aqui com Apolo, então Zeus me ajude.

Infelizmente, Styxx não tinha nenhuma outra pessoa para nomear e só havia outra coisa que ele ansiava.

— Morrer.

— Ah, você pode ser instruído. É! E sim, morte. Mate Acheron e você morre. Eu chego para dominar o mundo dos homens e todo mundo fica feliz. — Com as mãos nos quadris, Dionísio arqueou uma sobrancelha. — Então o que você diz?

— Eu digo para me tirar daqui.

Styxx estremeceu quando Dionísio o arrancou da sua ilha para um... quarto de algum tipo. Um que tinha cadeiras e mesas diferentes de qualquer uma que ele já viu antes. Tinham vários outros itens que ele não podia nem começar a identificar ou nomear.

— E antes que você faça algo estúpido e nos envergonhe a todos com seu jeito retrógrado e modos bárbaros... — Dionísio colocou a mão no ombro do Styxx.

Dor explodiu por seu crânio quando o deus plantou onze mil anos de história em sua cabeça. Foi tão ruim que seu nariz realmente sangrou.

Dionísio se afastou dele conforme Styxx pressionava a mão nas narinas. E os deuses se perguntavam por que ele os odiava.

Ótimo estar de volta ao mundo mortal. Cretinos.

— Banheiro? — Ele perguntou a Dionísio.

— Porta atrás de você.

Styxx foi para lá e pegou um punhado de papel higiênico. Enquanto o segurava no nariz, franziu o cenho para todas as coisas novas em torno dele que ele sequer tinha sonhado. Ele fechou a tampa do vaso sanitário e se sentou quando sua cabeça rodou pela sobrecarga sensorial. Sons, visões, cheiros...

Aquelas malditas vozes que gritavam na sua cabeça.

Era tão opressivo.

Embora soubesse que ficou isolado por um longo tempo, nunca teria imaginado que muitos séculos tinham se passado.

Onze mil anos.

Era inacreditável. Mas o que realmente, realmente doía era o fato de que Acheron sabia que ele estava vivo, e o ignorou completamente este tempo todo.

Seu irmão se afastou dele e nunca mais olhou para trás.

Nenhuma vez.

Eu não me sinto como um completo idiota? Styxx nunca abandonou completamente seu irmão. Quando um menino, ele arriscou tudo para o ajudar. Enquanto isso, Acheron continuou com sua vida e com Artemisa, e agiu como se Styxx estava morto e enterrado.

Longe da vista. Fora de mente.

Por que ele sequer ficava surpreso?

E daí se Styxx pôs seu traseiro na reta por Acheron quando ele esteve preso em Atlântida e Didymos? *Eu pelo menos trazia para você comida fresca e vinho, irmão.* Mesmo quando Acheron escolheu um lento suicídio de passar fome, Styxx lhe dava algo para comer.

E ao contrário dele, Acheron não era um menino mortal que teve que disputar um pai que o odiava e ameaçava. Um que o espancaria se soubesse o que Styxx estava fazendo pelas suas costas. Acheron tinha poderes suficientes para que até seus deuses antigos temessem a ira do seu irmão.

Ele olhou para baixo para suas mãos com cicatrizes. Artemisa o deixou naquela ilha sem sequer uma única colher. Tudo que ele teve ao longo destes séculos incontáveis, foi forçado a fazer ou encontrar.

Como seu irmão gêmeo pôde deixá-lo sofrer assim?

Eu odeio você, Acheron.

Styxx descartou a pele de leopardo que ele vestia para ver a marca de prostituta que Acheron ajudou a marcar nele.

É...

Não havia nenhum amor perdido entre eles.

Não tinha nenhuma razão para ficar surpreso pela total falta de consideração do seu irmão no que dizia respeito a ele. Ainda assim, a negligência e ausência absoluta de humanidade em Acheron por ele queimava profundamente em um lugar que já deveria estar acostumado a ser chutado.

Tanta coisa por ser gêmeo.

Mas isso não era verdade e ele sabia disso. Eles poderiam compartilhar as mesmas feições, mas Acheron tinha sido empurrado no útero de Aara muito depois que Styxx foi concebido. Apollymi forçou seu bastardo dentro de sua vida e o fodeu regamente no processo.

E talvez isto fosse tudo parte de ser um deus. Um total desrespeito para o que se faz aos humanos. Uma incapacidade de ter até uma módica compaixão por eles.

Você podia ter pelo menos voltado e me matado. Acheron tinha esse poder. Três segundos. Três pequenas batidas do coração e Acheron poderia tê-lo tirado de sua miséria.

Ao invés disso, ele o deixou sofrer. Eternamente. Sozinho em um buraco do inferno isolado.

Styxx se encolheu quando as memórias o rasgaram. Dias infinitos de solidão e auto-aversão. Até mesmo séculos atrás, quando Artemisa realmente enviou servos com comida para ele, eles estiveram cegos, surdos e mudos... uma precaução dela para ter certeza que não contassem a ninguém de sua existência solitária.

Ou para ser mais exato, que ela tinha um brinquedo que se parecia com ele.

Ele não tinha ninguém. Nada, exceto memórias agriçoces de sua esposa e o filho que ele nunca conheceu. Memórias que doíam tanto, senão mais, do que confortavam.

Mas e daí? Ele não podia mudar o passado. Isso acabou e ele de alguma forma sobreviveu. Dane-se se ele sabia como.

Levantando-se, ele lavou o sangue do seu rosto, barba, mãos e tórax então retornou ao quarto com Dionísio.

— Melhor? — O deus perguntou sarcasticamente.

— Para falar a verdade, não. Porém, o sangramento parou. — Externamente, de qualquer maneira.

Por dentro, a hemorragia arterial nunca cessava.

— Bons deuses, ele parece com ele.

Styxx virou para encontrar um deus que ele não podia identificar se aproximando deles. Longe de ser tão alto quanto eles, ele tinha cabelo preto comprido puxado para trás em um rabo de cavalo. Existia algo do mal, ainda travesso nele.

— Conheça Camulus. Deus da guerra gaulês-celta.

Styxx começou a perguntar o que “gaulês-celta” queria dizer, mas assim que a pergunta foi formada, sua mente chutou a resposta a partir das informações que Dionísio implantou em sua

cabeça. Eram duas raças que não existiam até muito depois que sua terra foi destruída e então reconstruída das cinzas da fúria de Apollymi.

Camulus se inclinou para ele com um sorriso sarcástico.

— Porém ele não se veste como ele. Ou fica de pé como ele. Acha que ele pode passar?

Dionísio deu de ombros.

— Os Dark Hunters são muito estúpidos. Não devem ser muito difíceis de enganar.

Styxx franziu o cenho para o termo desconhecido.

— Dark Hunters?

— Ah, merda. Esqueci de fazer um *upload* completo? — Dionísio pôs a mão no ombro do Styxx novamente.

Em um instante, ele viu o desenrolar dos acontecimentos. Apollo tinha levado o crédito pela destruição de Atlântida, reivindicando isto como vingança pelo que tinha sido feito com Ryssa. Já que Apollymi não estava por perto para contradizê-lo, este era o mito mais recontado.

Apollo amaldiçoou sua raça apollita em se alimentar de nada exceto sangue um do outro. Mas o pior é que eles foram condenados a morrer dolorosamente em seu vigésimo sétimo aniversário... A idade que Ryssa tinha quando morreu.

Mais ou menos. Seu pai tinha tirado um ano de sua idade para deixá-la mais atraente no mercado do casamento e nunca contou a verdade a Apollo. O bastardo estúpido merecia essa mentira.

Então Apollymi, enraivecida com Apollo pela mutilação e assassinato de Acheron, tinha tomado o herdeiro do Apollo, Strykerius, a quem o deus acidentalmente amaldiçoou junto com seu povo.

Ironicamente, o deus sol nunca teve todo este brilho. Por que os gregos tinham designado Apollo como o deus da profecia, Styxx não conseguia entender.

Desnecessário dizer que Strykerius teve tanto amor de seu pai quanto Styxx. Mas Stryker ainda tinha que matar Apollo. Não por falta de esforço de sua parte. Ele habitualmente fazia ataques ao seu progenitor e à humanidade.

Stryker e seu exército de Daimons ainda estavam por aí porque Apollymi ensinou-os como evitar a maldição de Apollo roubando almas humanas e vivendo nelas — seu castigo à humanidade por abusar de seu filho. Mas no momento em que um apollita puxava uma alma humana para dentro do seu corpo, mudava-os para sempre fisiologicamente, e muitos deles mentalmente. Eles não eram mais apollitas, mas chamados de Daimons. Os espíritos malignos que viviam somente para se alimentar de almas da humanidade.

Dois mil anos depois da maldição de Apolo, Artemisa tinha criado os Dark Hunters para perseguir e matar os Daimons antes que as almas humanas dentro deles morressem e se perdessem para sempre no doloroso limbo.

Pelo menos essa era a história pública de Artemisa. Como seu irmão, ela mentiu. O objetivo real dos Dark Hunters era lhe dar vantagem contra Acheron, e uma ferramenta que pudesse usar para manipulá-lo e controlá-lo.

Styx riu amargamente na ironia. *Você ainda é um puto, irmãozinho. Ainda escravizado.*

Algumas coisas nunca mudavam.

— Você está captando? — Dionísio perguntou.

— Sim. Você quer que eu interfira com os homens do meu irmão e use-os contra ele até a noite que eu finalmente começar a devolver o favor que ele uma vez me fez.

Camulus franziu o cenho.

— Que favor?

Styx mostrou com a mão a cicatriz no meio do seu peito.

— Ele dirigiu um punhal no meu coração enquanto eu dormia. Só que não sou o covarde que Acheron é. Quero que ele saiba que sou eu quando deslizar a lâmina.

Camulus soltou um assovio.

— Não é de se espantar que os gregos são conhecidos melhor por suas tragédias. Vocês bastardos escreveram o livro das famílias disfuncionais.

Dionísio ridicularizou.

— Sério? Quer que eu retire seu panteão da história?

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Eu cedo, mas não se acostume com isto. Não é minha natureza.

Dionísio conjurou um conjunto de roupas modernas para Styx e estendeu-as para ele.

— Não esqueça de tomar banho primeiro.

Lutando com a vontade de fazer um gesto obscuro, Styx pegou as roupas e foi para o chuveiro. Ele rapidamente se inclinou nele e suspirou pelo quanto se sentia incrível. Não tomava banho de água morna desde o dia em que morreu. Embora sua cabeça estivesse muito acima do chuveiro, a água quente ainda era boa deslizando pela sua pele. E enquanto tomava banho, ele cerrou os dentes por causa de todas as cicatrizes que o arruinavam da cabeça aos pés. Mas as duas que ainda doíam mais eram aquelas em cima do seu coração feitas por Acheron e a no seu

estômago por Ryssa. Ele não sabia por que elas o incomodavam mais do que aquelas feitas pela sua mãe, ainda que incomodassem.

E a cicatriz que sempre trazia lágrimas aos seus olhos era uma que ele esculpiu em seu antebraço esquerdo com uma faca de obsidiana que ele fez.

Βηθανία

Γαληνός

Bethany acima da cicatriz que seu pai lhe deu. Galen abaixo dela. E Galen não apenas para seu mentor, mas para o filho que nunca nasceria. Seu tributo permanente para as pessoas que significaram tudo para ele.

Para aqueles que ele nunca mais veria. Sua cicatriz era tudo que restava deles.

— Eu sinto sua falta. — Ele suspirou. O tempo não tornou a morte deles mais fácil de suportar. De certa forma, parecia tornar pior.

Piscando para afastar as lágrimas, ele empurrou aqueles pensamentos da sua cabeça. Não havia nada que pudesse fazer. Eles se foram, e com sorte não teria que suportar muito mais tempo sem eles.

Beijou seus nomes, então desligou a água e saiu. No momento que tocou a toalha, prendeu a respiração. Era incrivelmente macia. Não tinha pano na ilha. Nenhuma toalha de qualquer tipo. E o cheiro...

Como flores.

Que era de um luxo incrível. Ele congelou quando deu uma olhada em si mesmo no espelho enorme que era de uma qualidade muito superior a qualquer coisa que já possuiu em seus dias mortais. Sua mãe e Ryssa teriam ficado se encarando nele até ficarem cegas.

Seu olhar caiu para as cicatrizes horrendas que marcavam sua carne. Ele franziu os lábios em desgosto. Ele era horroroso. Se Bethany não tivesse sido cega, ela o teria jogado de lado em um piscar de olhos quando visse estas.

Suspirando, ele se vestiu depressa, fez a barba, então deixou o quarto para achar os dois deuses conspirando a morte do Acheron e sua ascensão ao poder. Ele deveria estar culpado por participar, mas honestamente...

Foda-se Acheron. Seu irmão não mostrou nenhuma clemência, então por que devia ter alguma por ele?

Styx capturou um cheiro de...

— Isto é comida?

Camulus assentiu.

— Pedi bifés para o serviço de quarto. Você quer um?

Seu queixo caiu quando ele salivou positivamente.

— Carne?

— Bem, sim, não há vegetarianos aqui. — Camulus flexionou seus bíceps. — Soja não te dá estes aqui.

Styxx o ignorou quando puxou a tampa de prata do prato e mordeu o lábio. Ele não via bife há tanto tempo se esqueceu de como ele parecia.

Como cheirava.

— Porra, Dion. Acho que o bife acabou de deixar seu menino com tesão.

— Eu imagino que tudo lhe dará tesão por algumas semanas até que ele se acostume a estar no mundo de novo.

— Apenas se certifique de não lhe dar nenhum bolo de chocolate. Ele poderia morrer de um orgasmo.

O cenho franzido de Styxx se aprofundou enquanto se sentava para comer.

— Bolo de chocolate?

Camulus bufou.

— Vamos pedir um mais tarde. Agora fique quieto e deixe os deuses conversarem.

Styxx teve que se forçar a não lançar sua faca direto no crânio do Camulus. Mas não quis desperdiçar a lâmina quando tinha carne de verdade para ser comida. E ele não teve que matar isso primeiro.

Levou tudo que tinha para comer civilizadamente, como um humano, e não enfiá-la dentro da boca como o animal que ele se tornou. *Deuses, era tão bom. Esqueça o bolo... nada podia ser melhor que isto.*

Ele estendeu a mão para o vinho, então parou ante o recipiente em que ele estava. Parecia tão frágil e delicado.

Camulus suspirou pesadamente.

— Isto não vai dar certo. — Ele gesticulou para Styxx. — Ele está encarando o copo como se fosse um invasor alienígena.

— Ele nunca viu um copo assim.

— É o que quero dizer. Ele nunca vai passar por Acheron.

Muito acostumado à crítica e zombaria para reagir a isto, o cenho franzido do Styxx aprofundou.

— O que eu diluo com isto?

Camulus começou a responder, mas Dionísio o cortou.

— Você não dilui. — Ele ergueu a mão para calar o protesto do Styxx. — Eu sei que em seu tempo não era civilizado beber vinho sem diluir. Porém, isso foi há muito tempo. Beba-o do jeito que está. Confie em mim, é bom, e ele não vai te fazer estuprar e saquear a aldeia. — Então voltou para sua conversa.

Bem, se alguém sabe como beber vinho, era o deus grego da videira.

Esperando o melhor, Styxx tomou um golinho. Doía admitir isto, mas Dionísio estava certo. Era delicioso. E muito diferente do que ele conheceu em Didymos.

À medida que Styxx escutava sua conversa, ele aprendeu que Dionísio foi banido do Olimpo e enviado para viver no reino mortal... A verdadeira razão para sua posse hostil planejada. Dionísio queria retornar ao Olimpo e jogar seu pai da montanha.

Da mesma forma a divindade Camulus estava praticamente acabado e queria fatar o coração de alguém chamado Talon.

No meio de sua conversa eles pararam de falar para olhar fixamente para ele.

— Humano? — Dionísio perguntou.

Não que eu queira.

— Deus de malucos bêbados? — Ele atirou de volta em Dionísio.

Camulus riu.

Dionísio não tanto.

— Você pode fingir um sotaque atlante?

Styxx enxugou a boca com o guardanapo.

— Já passou muito tempo desde que ouvi um, mas acho que consigo.

Os olímpios realmente pareceram impressionados.

— Onde você conseguiu isto?

— Passei três anos em Atlântida. Ouvi muito isto.

— Ah, bem, só para que saiba, o sotaque do seu irmão vem e vai.

— Anotado.

Dionísio rodou o vinho ao redor do seu... copo. Esta era a palavra correta para isto.

— Eu poderia viver para lamentar este comentário, mas acho que conseguiremos.

Styx desejava apenas que ele compartilhasse seu otimismo. *É melhor eu aproveitar minha liberdade limitada.* Porque mais cedo ou mais tarde, alguma coisa aconteceria e ele seria relegado de volta ao inferno logo.

Ele tinha certeza disso.

17 de fevereiro de 2004 d.C.

Styx estava sentado sozinho no Café Pontalba em uma mesa perto de uma das grandes portas que abriam para a rua onde os turistas se aglomeravam no meio de uma pré-celebração de Mardi Gras. A garçonete tinha acabado de levar seu prato e cartão.

Bebendo sua cerveja, ele encarava os estrangeiros que não faziam nenhum sentido para ele. Eles eram todos muito estranhos.

E você não é?

Verdade. Ele estava tão fora de lugar que não podia suportar isto. E odiava brincar com a vida das pessoas. A princípio, ele não se importou com suas tarefas. Aproximar-se dos Dark Hunters que trabalhavam com seu irmão e informar Dionísio e Camulus. Brincar com suas cabeças e confundi-los um pouco.

Algo infinitamente mais fácil porque ele podia ouvir seus pensamentos. Mas o que o surpreendeu era quanto amor e respeito os Dark Hunters prestavam ao seu irmão.

Não importa o quanto ele tentasse, não podia conciliar o Acheron que eles conheciam com o irmão covarde que o apunhalou. O irmão que cruelmente besuntou seu corpo e o segurou embaixo para que Estes pudesse marcar com ferro “prostituto” em sua virilha e rir enquanto fazia isto com ele.

O irmão cujo maior desejo era pagar dinheiro para ver Styx sendo violentamente estuprado.

Seu gêmeo nunca se preocupou com outras pessoas. Justificável pelo abuso de Estes, Acheron tinha sido amargo e zangado.

Magoado.

Talvez as pessoas mudassem. Os deuses sabiam que Acheron teve tempo de sobra para isso enquanto ele tinha deixado Styx apodrecer em isolamento.

Ainda assim... por que tal pessoa tão altruísta, “decente” e benevolente não checava seu próprio irmão?

Pelo menos uma vez em onze mil anos?

Quando a garçonete retornou com seu cartão, Styx esfregou suas têmporas. Ele tinha uma enxaqueca intensa por causa das vozes que ecoavam ao redor dele. Essa foi a única coisa boa sobre estar na ilha. A única voz em sua cabeça era a sua. E até mesmo isso enfraqueceu e ficou quieta depois de alguns milhares de anos.

Nem mesmo os guardiões que Artemisa enviava em intervalos irregulares tinham pensamentos verbais. Ao invés, seus pensamentos tinham imagens tão vívidas que as desenhava na areia depois que eles partiam. Então a maré vinha e as lavava, e o deixava com uma nova lousa para desenhar.

Seu telefone tocou. Styxx verificou o número e ficou grato que não era nenhum dos Dark Hunters que Dionísio tinha reencaminhado para seu celular. Já que ele não podia ouvir seus pensamentos por telefone, isso fazia com que falar com eles fosse ainda mais difícil do que o normal.

— O que você precisa? — Ele perguntou a Camulus.

— Você descobriu sobre a mulher? Talon sabe que ela é sua esposa reencarnada?

Sim, sabia, mas Styxx se absteve de compartilhar isto. Ele não tinha certeza porquê. Só que o deleite esperançoso no tom do Camulus o deixou cauteloso. Além disso, entendia a dor de perder a mulher que amava. Ele não era insensível o suficiente para torturar outro homem com algo assim.

Nem mesmo para sua própria liberdade e sanidade.

— Eu não sei. — Ele mentiu.

Camulus amaldiçoou.

— Descubra! — Ele desligou.

— Parece que você está prestes a estilhaçar esta coisa.

Styxx levantou o olhar para ver Nick Gautier na frente da sua mesa. Ele esbarrou com o garoto alguns dias atrás enquanto estava ajudando a instalar um dos Dark Hunters. Este homem era um Escudeiro — servo nos dias de hoje ou empregado, tanto faz — de Talon, o Dark Hunter que Camulus mais queria torturar. Aparentemente, Talon tinha matado o filho do Camulus numa batalha lá na Idade das Trevas, e o deus ansiava para se vingar dele.

E mesmo assim todos eles pensavam que Styxx deveria estar disposto a perdoar Apollo por todas as suas transgressões que custaram a vida do filho de Styxx...

Sim.

— Ei, garoto. — Styxx deslizou o telefone no bolso. Tendo 1,95m de altura, Nick era fisicamente maior que Styxx e ainda assim parecia uma criança para ele. Havia uma inocência no garoto cajun que Styxx não estava certo que algum dia já possuiu. Se ele tivesse, ainda estaria em uma tanga.

Nick tomou a cadeira na frente dele, girou ao contrário e sentou à cavalo nela.

— Você tem certeza de que está tudo bem? Você parece um pouco desligado.

Ali havia meias palavras. Nick era o único na cidade que realmente se preocuparia com ele quando viesse a descobrir que ele não era Acheron. Aparentemente, seu irmão tinha uma relação bem estreita com Nick, o que Acheron não tinha com outras pessoas.

— São os Daimons. Merda demais acontecendo.

Nick riu.

— Eu ouvi. E acima de tudo, a escola está chutando minha b-u-n-d-a. Eu queria poder pagar a um de vocês para fazer minhas provas finais e escrever meus deveres. Não sei o que é, mas toda vez que tenho que me sentar para um teste, eu sufoco e não lembro como fazer nada direito.

Styxx bufou ante suas palavras.

— Então o que você está me dizendo é que está tendo problemas de ansiedade no seu desempenho?

— O que...? Não! Inferno que não!

Styxx riu da justa indignação do Nick. Ele podia ver por que Acheron se afeiçoou a Nick, e passou um longo tempo explicando por que Galen fez amizade com ele.

Há um fogo dentro de você, menino. Embora caminhe por aí como Atlas com o peso do mundo em seus jovens ombros, você faz isto e ainda mantém sua dignidade.

Ele nunca entendeu aquelas palavras até que encontrou este garoto. Era uma descrição perfeita de Nick Gautier. E Styxx admirava o modo que o menino ajudava sua mãe e a protegia. Eles tinham uma ligação muito especial, e gostava de pensar que se seu filho Galen tivesse crescido, ele seria muito parecido com Nick.

— Ah, merda. — Nick cavou no bolso tirando seu telefone.

Styxx prendeu a respiração, esperando que não fosse seu irmão ao telefone. Se fosse, ele estava encrencado.

— Ei, mãe. Não, estou sentado com Ash no Café P. Você precisa de algo? — Ele puxou uma caneta do bolso da calça e agarrou um guardanapo. — Leite desnatado. Queijo fatiado. Pão. — Ele fez uma pausa e franziu a testa. — Ah, mãe... eu tenho o que? — Ele absolutamente se encolheu. — Certo. Coisas de menina que eu não quero saber. Ecat! Não, mãe, não vá por aí. Eu sou seu filho, sabe? Não quero saber também. Amo você. Tchau. — Ele desligou o telefone e suspirou. — Você não sabe como tem sorte que nasceu antes que as mulheres usassem tampões. Juro que eles foram inventados com nenhum outro propósito que causar horas infinitas de vergonha, humilhação e tortura para os homens. Porque nada diz frustrado melhor que um homem no supermercado segurando uma monstruosidade gigante embrulhada em rosa florido. O mínimo que eles podiam fazer era colocá-los em uma embalagem marrom lisa ou uma caixa preta sem marca ou algo onipresente.

Styxx não tinha nem ideia do que era tampão, mas a expressão no rosto do Nick disse a ele que era melhor não perguntar. Isso era outra coisa que Dionísio esqueceu de dar a ele a definição.

Nick empurrou o papel no bolso enquanto continuava a reclamar.

— E por que elas sempre esperam até que peguem o último antes de reabastecer? Não é como se elas não tivessem isto uma vez por mês em uma programação bastante regular... Se eu fizesse isso com o papel higiênico, ela me mataria quando eu estivesse dormindo. — Ele rosnou então levantou. — Eu tenho uma incumbência de emergência. Até mais.

Rindo enquanto averiguava a definição de “tampão”, Styxx inclinou a cabeça para Nick e observou enquanto o garoto desaparecia na multidão. Ele levantou e deixou uma nota de vinte dólares na mesa como gorjeta então saiu.

Nick não tinha ideia de como era sortudo por ter uma mãe que o amava como a sua fazia. Isso era muito raro no mundo.

Styxx vagou de volta para o hotel onde eles estavam hospedados. Mal tinha fechado a porta do quarto antes de Camulus apareceu e bateu nele com as costas da mão com tanta força que quebrou os óculos de sol que Styxx estava usando.

Dor explodiu por sua cabeça.

— Que diabos?

— Minta para mim novamente e vou estripar você.

Styxx enxugou o sangue com as costas da mão.

— Você vai ter que escolher uma ameaça melhor. Eu já tive um deus me estripando. Realmente não estou nem aí para isto agora.

— Tudo bem. Eu castrarei você.

Ele riu.

— Estive lá e fizeram isto também. Quer tentar a melhor de três?

Camulus fez uma careta para ele.

— Você é louco, não é?

Neste momento, era uma boa aposta.

Mas ele não falou. Ao contrário, abriu caminho passando pelo deus e foi pegar outra garrafa de cerveja no frigobar. Ele estalou a tampa e sentou no sofá para silenciosamente esperar por sua próxima missão.

Algo que estava ficando mais difícil a cada dia. Ele estava cansado de estragar a vida das pessoas. Os deuses brincaram com a dele o suficiente para que estivesse cada vez mais ressentido do que Camulus e Dionísio queriam dele. No ritmo que estavam indo, ele estava prestes a exigir ser devolvido à sua ilha.

Com Apollo ou sem Apollo.

21 de fevereiro de 2004 d.C.

Styx x ofegou quando Camulus apareceu com uma mulher inconsciente e sangrando jogada por cima do seu ombro. Ele a reconheceu como Sunshine Runningwolf, a mulher que era esposa reencarnada de Talon.

— O que você fez?

Camulus não respondeu enquanto a lançava abaixo na cama, então usou seus poderes para curar seu ferimento à bala. Logo a seguir ele a amarrou com os braços e pernas abertos na cama.

Fúria rasgou Styx x perante a visão.

— O que você está fazendo. — Não era uma pergunta. Era uma exigência.

— Certificando-me que ela não parta.

— Você não tem que amarrá-la assim.

— Por que não?

Isto é degradante. Mas Styx x não podia dizer o quanto essas memórias o cortavam em tiras. Isso deflagrava um pânico dentro dele tão cru que mal podia respirar. Ele se lembrou do modo como foi torturado e violado, inúmeras vezes, enquanto estava preso assim.

Incapaz de aguentar, ele arrancou a faca de sua bota e cortou sua amarração.

Camulus arqueou uma sobrancelha.

— O que você pensa que está fazendo?

— Ela não vai escapar.

— Você está passando dos limites, humano.

Styx x torceu o lábio. Aparentemente ele não podia aprender sua lição com os deuses, porque as próximas palavras que saíram da sua boca eram extremamente estúpidas.

— Certo, Apollo. Faça o seu pior comigo.

— O que está acontecendo aqui? — Dionísio perguntou enquanto se juntava a eles.

Camulus deu uma olhada para Styx x.

— Seu animalzinho estava arrumando um jeito de conseguir sua bunda chutada.

Styx x bufou.

— E a sua de ser manipulada por ele.

Dion fez um som de desgosto no fundo da sua garganta.

— Estou realmente ficando cansado de separar você dois. Agora parem com isto! — Ele voltou sua atenção para a mulher inconsciente na cama. — Por que ela está aqui? — Ele perguntou a Camulus.

Com um sorriso de satisfação consigo mesmo, o deus da guerra gaulês cruzou seus braços em cima do peito.

— Para torturar Talon. Ele não tem nenhuma ideia do que estamos fazendo com ela e isso o deixará maluco. Eu literalmente arranquei-a de seus braços enquanto ele estava impotente para me deter.

Styx podia apenas imaginar como era perversa a expressão de seu próprio rosto. Porque no minuto em que essas palavras saíram da boca do Camulus, Dionísio o atirou para fora do quarto e de dentro de seus aposentos para que ele não pudesse ouvir sua conversa.

Ou era o que eles pensavam.

— Agora que ele se foi, Cam, explique-se. O que você fez?

— Eu entrei e a tomei de Talon para que ele soubesse quem a mantém. Você o queria desestruturado. Eu te asseguro, ele está ficando louco de medo do que eu possa estar fazendo com ela. Tenho certeza que neste momento ele já contatou Acheron. Nós precisamos deles irritados o quanto mais possível, não é verdade?

— É. Então o que vamos fazer com ela?

— Estuprá-la pra caralho.

A sanidade de Styx disse que ficasse fora disto, mas ele não podia. Só de pensar em Camulus fazendo aquilo com ela ou qualquer outra pessoa...

Ele queria o coração do deus em seu punho. Antes de seu bom senso poder prevalecer, ele se meteu dentro do quarto.

— Toque nela e arrancarei seus braços e baterei em você com eles.

Dionísio pegou o Gaulês antes de ele poder atacar e encarou Styx.

— Eu tenho que devolver você a Hades?

Styx segurou o olhar de Camulus com o seu. Se ele não viesse com um plano alternativo rápido, aquele bastardo conseguiria o que queria, e como Styx sabia de primeira mão, apesar de Dionísio não participar do estupro de alguém, ele com toda certeza não impediria. Ele só iria embora e deixaria a humana para a perversidade de seu sequestrador.

Não importa o que, ele não suportaria isto.

— Eu tenho outra ideia.

Camulus começou a ir para Styxx, mas Dionísio o pegou novamente e empurrou de volta.

— Fique no seu canto, Gaulês. Vamos ouvi-lo. — Ele voltou sua atenção para Styxx. — Continue.

Styxx se forçou a ficar calmo.

— Você quer foder com a cabeça de todos eles. Certo? Não é por isso que estou aqui?

— Sim.

Styxx hesitou. Esta era a última coisa que ele queria fazer com alguém. Mas se não fizesse, algo muito pior aconteceria com a mulher.

— Tem um baú na minha cabana que contém Eucharistisi.

Dionísio ficou de queixo caído.

— Como diabos você conseguiu isso?

— Foi um presente. — Aquelas palavras emperraram em sua goela. Estes o deixou como lembrança do que ele podia fazer com Styxx sempre que quisesse, e Styxx o manteve para se lembrar de porque teve justificativa para matar seu tio a sangue frio.

Dionísio estreitou seu olhar nele com incredulidade.

— Por que você ainda tem isto?

— Eu estava em uma ilha deserta pelos últimos onze mil anos. A menos que eu quisesse trepar com uma cabra selvagem, não existia muito uso para isto. E diferente de vocês deuses, foder com animais não me atrai.

Indignado, Dionísio se endireitou.

— Só para constar, eu nunca fiz isto.

Tá, certo.

— Ampelos?

— Sátiros são meio-humanos.

Styxx soltou uma risada amarga pela resposta do Dionísio.

— E por que eles são meio humanos?

— Certo, isso foi apenas uma vez, e eu estava realmente muito bêbado quando aconteceu e Phobos me provocou.

Uma vez? Realmente?

— Ismarius? — Styxx provocou com outra lembrança famosa da perversidade do olímpio.

— O que você é? A porra do meu biógrafo?

Camulus riu.

— Então a observação da cabra bate um pouco perto de casa, hein?

— Cala a boca. — Dionísio virou de volta para Styxx. — Se você não a quer estuprada, por que lhe dar um potente afrodisíaco?

Porque você me deixou sem escolha. Se eu não fizer isto, o outro bastardo a machucará de verdade. Melhor fazer com que ela fique com tesão que ser violada por um porco.

Mas ele sabia que era melhor não lhes dizer o motivo real.

— Mexe com a cabeça deles. Deixará Talon estressado saber que isso foi dado a ela, mas acima de tudo, enviará a Acheron uma potente mensagem que estou aqui, e isso vai deixá-lo puto a um nível que você não pode nem começar a imaginar.

— Por que ele se importaria? — Camulus perguntou.

— Eu sou o único vivo que sabe todos os seus segredos e cada detalhe do seu passado. Confie em mim, ele não quer que eu compartilhe nada disso com seus amigos. O medo do que eu poderia expor vai deixá-lo paralisado. E ele virá atrás de mim com seus pensamentos tão bagunçados que não saberá se está indo ou vindo.

Dionísio o encarou.

— Este funciona melhor.

— Acredite em mim. Ninguém conhece meu gêmeo melhor do que eu. Agora, precisamos levá-la para algum lugar para dar isto para ela então deixá-los encontrá-la sob sua influência. — E ter a maldita certeza que Talon é quem vai encontrá-la e o porco gaulês mantenha suas mãos para si mesmo.

Dionísio assentiu.

— Vou arrumar alguns Daimons para montar uma distração e protegê-la até que os Dark Hunters cheguem.

* * *

Depois de retornar Styxx para o espartano buraco que foi sua casa por séculos, Dionísio franziu o cenho para ele.

— Você fez este lugar?

Acenando com a cabeça, Styxx hesitou na entrada de sua cabana.

— Eu originalmente tive uma cabana de pedra aqui, mas depois de alguns séculos, ela desabou.

— Você não pôde consertá-la?

Ele deu ao olímpio um olhar divertido.

— Muito tempo intensivo para achar as pedras e montar à mão. Eu fui lançado aqui sem ferramentas ou suprimentos. Tive que fazer tudo que precisava para sobreviver, inclusive armas e ferramentas, e matar ou juntar qualquer coisa que comesse e vestisse. — Se Styxx não tivesse sido um veterano de guerra que foi forçado a surripiar com seu exército quando os suprimentos escasseavam e um menino cujo pai exigia que ele trabalhasse o mais duro na maior parte dos trabalhos servis que pudesse encontrar, ele não teria merda de sorte nenhuma aqui.

Dionísio fez uma careta.

— Eu pensei que você tinha vigias.

Um tique começou na mandíbula do Styxx ao lembrar.

— Durante algum tempo pessoas trouxeram alguma comida, de vez em quando. Talvez cem anos mais ou menos. Então nunca mais.

— Como você não ficou louco com a solidão?

— Quem disse que não fiquei? — Styxx olhou ao redor e estremeceu ao ver as peles de animais no chão de areia onde ele dormiu por milhares de anos. As ferramentas de pedra que ele teve que fazer para sobreviver — algo duas vezes mais difícil que o normal já que sua mão direita fora deixada parcialmente paralisada do ataque thrácio em seu retorno à Grécia depois da guerra com Atlântida.

Não existiu nada confortável ou confortador sobre sua existência dura e consumada.

Se ele não odiasse Acheron antes de Dionísio libertá-lo, definitivamente o odiaria agora, tendo visto o luxo que seu irmão viveu em todos os séculos passados. Os amigos que rodeavam Acheron e o amavam como se ele fosse família.

Styxx ainda não entendia como o bastardo egoísta não pôde ter se dado ao trabalho de checá-lo. Só uma vez. Trazido um hambúrguer para ele.

A porra de um travesseiro ou cobertor. Realmente? Isso teria sido muito para o Sr. Deus Atlante?

Enojado, Styxx foi até o seu baú e o levantou.

— Estou pronto.

— É. Imagino que você viu o suficiente deste lugar.

Você não faz ideia. Styxx não disse nada, mas ele estava contente que Dionísio não arrastou seus pés partindo.

Pelo menos este era o pensamento até que eles retornaram à suíte do hotel e Apollo estava lá, esperando por eles.

Que porra?

Um sorriso lento se estendeu pelo rosto do olímpio quando ele viu Styxx, enquanto que o estômago do Styxx se encolheu com cada segundo adicional.

Camulus deslizou seu olhar para Dionísio.

— Ele veio aqui procurando por você. Espero que você não se importe. Eu disse para ele esperar.

Foi isso que sua boca disse, mas Styxx podia ouvir que Camulus fez isto intencionalmente para trazê-lo de volta para ele. E tudo por causa do deslize do Styxx...

Droga. Ele sabia que era melhor nunca expor um nervo para ninguém, por nenhuma razão. Especialmente a um deus vingativo. Miséria total e dor consumiram cada molécula de seu corpo. Honestamente, preferia voltar para a ilha que se sujeitar à custódia daquele bastardo.

Ele virou-se para Dionísio.

— Nosso negócio acabou. Devolva-me.

Dionísio realmente tinha pena em seus olhos quando sacudiu sua cabeça para Styxx.

— Não vai adiantar. Ele sabe que você está vivo agora. Pode localizá-lo lá do mesmo modo que eu fiz.

Claro que podia. E naquela ilha, Styxx estaria à mercê de Apollo a qualquer hora, dia ou noite. Seria ainda pior do que estava em Didymos.

Apollo não teria que se preocupar com ninguém os perturbando ou...

Styxx bateu a caixa na mesa.

— Eu não estou nem aí. Estou fora. — Ele saiu tempestivamente para o quarto de Sunshine e abriu a porta.

Os olhos se arregalaram assim que o viu. Com a fúria o esporeando, ele puxou sua faca e foi soltá-la.

Rugindo, Camulus o empurrou para longe da cama.

Styxx virou-se para ele com um brilho feroz nos olhos. Ele teve o suficiente de todos eles.

— Vem com tudo, puto!

Camulus arremeteu nele e Styxx gingou para esquerda então voltou para a direita e enterrou seu punhal no flanco do deus. O Gaulês berrou com fúria.

Styxx o pegou e jogou-o por cima da sua cabeça no chão. Camulus atirou um raio em sua direção, mas ele se esquivou e bateu na cabeça do Camulus até aturdir o ser mais velho.

— Pare! — Dionísio ordenou.

Styxx o ignorou.

— Eu vou matar a mulher se você não parar. Estou falando sério, Styxx.

Ele hesitou em discutir. Por um lado, por que ele devia se importar? Mas ao olhar para ela e ver o terror em seus olhos escuros, soube que não podia machucá-la. Ele viu muitos inocentes pagarem. Embora nem sequer a conhecesse, não queria que ela ou Talon vivessem com os pesadelos que ele conhecia tão intimamente.

Ninguém deveria enterrar sua esposa...

Não importa fazer isto duas vezes em uma vida inteira.

Furioso, Styxx enterrou a faca no chão ao lado da cabeça do Camulus então se levantou e deixou o quarto.

— Eu devia ter deixado que ele te matasse. — Dionísio zombou de Camulus, sem saber que Styxx podia ouvi-los.

— Eu não sabia que ele podia fazer isto.

Apollo riu.

— Você não tem ideia. Para um humano, ele tem habilidades incríveis... em mais de um evento.

— Pare com isto! — Dionísio disse em um estalo ao seu irmão. — Você não o atormentou o suficiente? Realmente?

Styx agarrou seu casaco e deixou o hotel. Ele não tinha nenhum destino em mente, só queria um pouco de ar fresco enquanto mil emoções o rasgavam em pedaços. Ele devia saber que não devia concordar com isso.

Os deuses sempre o sacanearam.

De uma forma ou de outra.

Eu só quero sair. Não estava na hora do seu tormento terminar? Realmente? Quanto mais eles podiam empurrá-lo?

Incapaz de suportar, ele foi para o Canal em direção ao rio. Existiam grupos de pessoas rindo perto dele em despreocupado abandono. Como ele desejou que pudesse ser um deles. Mas nunca seria livre para vagar com amigos e ir para festas. Sua vida humana inteira não foi nada além de responsabilidade.

Deveres.

E ele falhou com cada um que ele amou.

Ele puxou a manga de sua jaqueta e camisa para trás para que pudesse tocar nos nomes de sua esposa e filho. Se ele fechasse os olhos, às vezes podia pegar uma brisa do perfume de Bethany das entranhas de sua memória. Mas o que ele odiava era o fato de que não podia se lembrar mais do som de sua voz. Ele podia se lembrar de inflexões de como ela dizia seu nome ou ria. Mas não o som exato.

Ela o deixou completamente.

Eu não posso tomar outro dia disso...

E ainda assim não havia nenhum modo de sair. Nenhum. Estranho que quando criança para sempre parecia muito tempo, mas não era até que você vivia isto que pegava completamente o horror de eternidade.

A magnitude.

A loucura.

Embora os Dark Hunters com quem estivera falando pareciam ter se adaptado ao conceito. Como seu irmão. Entretanto, eles não estavam sozinhos. Eles tinham uma irmandade onde um cuidava do outro.

O único Dark Hunter que parecia mesmo remotamente entender a dor de Styx era o chamado Zarek. Em seus olhos escuros e torturados, Styx reconheceu um espírito de parentesco.

Styx parou ao longo da calçada que corria paralela ao rio e debruçou em uma grade de aço. Seu olhar caiu em dois copos de plástico que alguém descuidadamente deixou sobre a grade.

Lixo descartado...

Como ele.

Em sua casa em Didymos e na ilha no inferno, a água sempre foi do tom mais delicioso de turquesa clara. Aqui era um verde escuro amarronzado. Ainda assim, lembrava a ele dos sons de casa nas noites quentes de verão quando dormia com todas as janelas abertas e escutava o mar lá fora.

Tinha uma criança gritando atrás dele enquanto uma mãe zangada tentava acalmá-la, e estava perdendo a paciência rápido com a menina. Ele deu uma olhada para elas por cima do ombro. A mulher não tinha ideia de como tinha sorte por ter aquela criança com ela. Mas ele não a julgaria por sua irritação. Seu pai ficava perpetuamente aborrecido com ele, e talvez se fosse abençoado o bastante para criar seu filho, ele teria feito o mesmo com Galen.

Mas ele não podia sequer se imaginar sendo grosseiro com seu filho, por nenhuma razão.

Se eu apenas pudesse segurá-lo.

Só uma vez.

Suspirando, ele agarrou a grade e tentou acalmar a ira e o pesar dentro dele enquanto gaivotas gritavam acima de sua cabeça, suprimindo temporariamente o som de Zydeco e das pessoas ao fundo.

— Styxx?

Ele xingou por dentro ao som da voz do Dionísio gritando por ele. Não disse uma palavra até o deus ficar em pé ao seu lado.

— Você me prometeu um fim para o meu inferno. — Styxx sussurrou.

— Eu sei. Sinto muito.

— Não, você não sente. — Dionísio não se importava mais com Styxx do que qualquer outro. Ele não era nada para o deus e sabia disso.

Dionísio girou de forma que pudesse encostar-se à grade e encarar Styxx.

— Sim, sinto. Por tudo. Acredite ou não, até os deuses podem ter remorso. Eu nunca devia ter mostrado você para Apollo. Eu era jovem e estúpido. Tentando impressionar meu irmão mais velho. Não foi até que eu estava neste mundo pútrido que comecei a entender completamente as consequências do que nós fazemos... do que nós fizemos.

— E ainda assim você quer assumir o comando. Governar tudo isso novamente.

— Não gosto de ser um peão mais do que você gosta. Sufoquei meu orgulho tempo suficiente. Como você, quero sair.

Styx bufo.

— Nós não somos amigos ou mulheres. Por que está falando comigo?

— Porque precisamos de você para matar Acheron. Você é o único que pode conseguir chegar perto o suficiente para fazer isto. Só falta um punhado de dias para o Mardi Gras. Ajude-me a acabar com isto e você não terá que se preocupar com Apollo. Eu me certificarei que ele fique longe de você até lá, e uma vez que você estiver morto...

Styx se empurrou para longe da grade.

— É melhor eu estar morto, Dionísio. Se não, o seu é o primeiro traseiro de que virei atrás.
— Ele voltou para o hotel com Dionísio o arrastando o caminho inteiro. — Se você foi banido do Olimpo, como foi você capaz de me libertar?

— Inferno não é parte do Olimpo. Eu não fui banido do seu reino.

Isso fazia sentido.

Styx segurou a porta aberta e deixou Dionísio ir à frente para o elevador.

— Eu quero controle completo da mulher. Se Camulus se aproximar dela novamente, vou eviscerá-lo.

— Acho que ele já descobriu isso.

— Duvido. Ele é muito mais lento para aprender do que eu. — Styx saiu do elevador e voltou para o apartamento onde Apollo e Camulus esperavam.

Dionísio encurralou seu irmão sem uma palavra enquanto Styx pegou uma garrafa de vinho e foi para sua caixa na mesa. Ele misturou o vinho com uma pequena quantidade de Eucharistisi. Conforme trabalhava, sentia os olhos de Apollo nele a ponto de fazer o cabelo atrás do seu pescoço arrepiar.

Olhando de relance para cima, captou o luxurioso olhar no rosto de Apollo e isso acendeu seu temperamento.

Eu odeio você.

Fazendo o melhor que podia para ignorá-lo, Styx despejou a mistura no recipiente que Dionísio forneceu, então a entregou para o deus do vinho.

— Nós estamos prontos. Vou pegar a mulher.

Camulus começou a protestar, mas Dionísio o deteve.

A fúria do Styx dobrou quando viu Sunshine presa novamente na cama. Deuses, ele não podia suportar. Rangendo os dentes, ele cortou as cordas, libertando-a.

Ela imediatamente correu para ele e o empurrou para trás. Atordado, ele não reagiu por vários segundos. Entretanto ele se arremessou para pegá-la antes que pudesse abrir a porta onde Camulus esperava.

— Pare! — Ele rosnou em seu ouvido. — Sou eu ou eles, e acredite me mim, você não vai querer que eles te toquem.

Isso a fez lutar ainda mais.

— Pare com isto! — Ele repetiu. — Eu não vou te estuprar.

Ela tentou falar através da mordaca.

Sem dúvida ele deveria remover, mas conhecendo-a, ela gritaria.

— Acalme-se e tudo ficará bem. — Tomando seu braço, ele a levou até os outros.

Imediatamente, Dionísio riscou-os do hotel até um velho armazém decrepito de algum tipo. Havia grandes janelas envidraçadas, muitas das quais tinham tábuas em cima delas.

Usando seus poderes, Dionísio conjurou uma pequena cama para a mulher. Styxx puxou a mordaca de seus lábios enquanto Dionísio destampava a garrafa térmica.

— Preciso que você beba isto.

— Beba você, seu cretino! — Ela correu para porta.

Styxx a pegou. Por um lado, ele admirava sua coragem. Por outro, isso estava começando a irritá-lo de verdade. Se ela não cooperasse, Camulus insistiria em fazer as coisas do seu modo. E ela seria estuprada.

— Vamos lá. — Ele disse em sua orelha. — Engula isto. É muito melhor do que o que vai acontecer com você se não beber.

Culpa o apunhalou duro quando ela bebeu, e ele se lembrou como foi quando Estes deu isto para ele pela primeira vez em sua viagem de caça. Como se sentiu quando os deuses atlantes o forçaram a beber isto para seu prazer perverso. Sua raiva aumentou até que ele sacudiu com seu peso.

Quando ela terminou, ele a deixou para Dionísio. Não queria participar em amarrá-la ou vê-la assim.

— Você fez sua chamada? — Styxx rosnou para Camulus.

— Cuidei disto. Você escreveu sua nota?

Entregou a ele então partiu. Já que Acheron estaria com o outros quando viessem salvar a mulher, ele não podia se arriscar a estar aqui quando eles chegarem.

Mas o problema era que não sabia como voltar para o hotel daqui.

— Styxx?

Ele olhou por cima do ombro para Dionísio. Antes de poder piscar, o maldito deus o enviou de volta para sua suíte de hotel.

Isso poderia ter sido um pouco mais agradável.

Claro, podia ter sido muito mais desagradável também.

Porém, o verdadeiro desagrado estava para começar. Assim que seu irmão lesse a nota que Styxx deixou para ele, Acheron viria atrás do seu sangue a todo vapor.

E quem podia culpá-lo? A nota era concisa. Somente um punhado de palavras projetadas para deixar Acheron louco o suficiente para encontrá-los e garantir que em breve Styxx não teria que se preocupar com Apollo ou qualquer outra coisa nunca mais...

*Eu conheço você, irmãozinho. Sei tudo que você fez. Sei como você vive.
Acima de tudo, sei as mentiras que você diz a si mesmo para que possa dormir.
Diga-me, o que seus Dark Hunters pensariam de você se algum dia soubessem a verdade
de seu passado?
Mantenha-os fora do meu caminho ou eu os verei todos mortos.
E você estará vendo o Mardi Gras.*

Esta foi a declaração de guerra de Styxx para Acheron, e esta era uma que seu irmão não deixaria sem resposta.

24 de fevereiro de 2004 d.C.

Styxx continuou checando a hora enquanto esperavam que Zarek devolvesse Sunshine para eles. Em menos de uma hora, se tudo corresse como planejado, Styxx estaria morto.

Finalmente.

Por favor, deixe isto funcionar. Ele não sabia se podia ter outro dia desta vida podre com a qual foi amaldiçoado.

Os dois deuses se moveram para flanqueá-lo.

— Ele deve estar aqui a qualquer momento. — disse Dionísio.

De repente, ouviram passos. A porta de metal raspou no concreto quando Zarek a abriu e foi para dentro, empurrando Sunshine na frente dele. Os olhos da mulher arregalaram ao vê-los então se virou para correr.

Zarek fechou a porta e trancou. Todos os dedos de sua mão na porta estavam cobertos com garras de prata letais... esta é a arma escolhida pelos Dark Hunters. Gostava de sentir o sangue de seus inimigos nas mãos quando tomava suas vidas.

Styxx podia respeitar isto.

Alto e a um passo da loucura, Zarek nasceu um escravo grego de um comandante romano. E pelo inferno atormentado que os olhos de Zarek traziam, Styxx suspeitava que eles compartilhavam muito mais do que seu desprezo mútuo e ódio por Acheron, e o mundo em que eles viviam.

Camulus sorriu para Sunshine.

— Entre, entre, disse a aranha para a mosca.

Styxx odiava este jogo e sua parte nisto. Aterrorizar inocentes nunca foi sua tática. Deixava isso para babacas como Camulus.

E Apollo.

Sunshine ergueu seu queixo enquanto corajosamente os enfrentava, então ela falou com o deus do vinho.

— Eu vou dar um palpite que você é Dionísio.

Ele sorriu como se lisonjeado que ela o conhecesse.

— Culpado.

Camulus soltou um longo suspiro.

— Ela é tão brilhante. É quase uma vergonha matá-la. Mas... oh, bem.

— Você não pode feri-la. — Zarek avançou da porta. — Você me prometeu que ela não seria machucada se eu a trouxesse aqui.

— Então, menti. — disse Dionísio. — Processe-me.

Styxx rangeu os dentes ante aquelas palavras, o que não pressagiava nada bom para nenhum deles. Sobre o que mais o bastardo mentiu? Ele estava planejando jogá-lo para Apollo depois disso?

Ele apertou sua mão no punhal.

Styxx não desceria tão baixo novamente sem uma luta cruel que custaria a Dionísio muito mais do que apenas sua dignidade.

Zarek começou a ir para o deus, mas Sunshine o deteve. Ela voltou para Camulus.

— Eu não vou deixar você me matar na frente de Talon.

Todos riram. Todos com exceção de Zarek, e Styxx que estava extremamente distraído por esta série de acontecimentos.

Camulus se posicionou como um idiota.

— Você não pode nos impedir.

Zarek olhou de cara feia para ela então deu uma segunda checada quando seu olhar caiu no seu colar.

— Uh, deuses, acho que vocês esqueceram algo.

Dionísio franziu os lábios.

— Nós não esquecemos nada.

— Ah, certo. — O sarcasmo de Zarek era a única coisa nisso tudo que divertiu Styxx. Eles definitivamente tinham espírito parecido. — Então você já deve saber que ela usa um Medalhão de Marcação.

Eles ficaram sérios imediatamente à medida que o reconhecimento atingiu Styxx. Ele sabia tudo sobre marcações divinas, cortesia de Apollo.

— O quê? — Camulus rosnou.

Sunshine puxou o colar para fora de sua camisa e segurou-o no alto para eles.

— Minha avó disse que Morrigan sempre me protegeria.

Seu amuleto era semelhante ao que Beth deu a ele tanto tempo atrás. Um colar que ele queria ter mantido. Mas ele o devolveu a ela para sua proteção quando a mandou para o Egito para esperar por ele.

Ele esperava que a bugiganga de Sunshine tivesse mais poder para protegê-la que a de Beth teve.

Camulus amaldiçoou.

— Oh, isto não está certo. — Ele xingou novamente.

— Esta coisa realmente funciona? — Ela sussurrou para Zarek.

— Mais do que você sabe. — Ele sussurrou de volta. — Ele não pode matá-la sem deixar Morrigan com raiva.

Pasma, ela sorriu.

— Bem, quem sabe? — Ela franziu o nariz. — Calma.

— Sim. — Os olhos escuros do Zarek reluziram com presunçosa satisfação que os deuses foram reprimidos. — Melhor do que uma cruz com Drácula.

Styx franziu o cenho ante a referência que não fazia absolutamente nenhum sentido para ele.

Sunshine sorriu ainda mais.

— Isso funciona contra Dionísio também?

Zarek assentiu.

Ela se endireitou de pé.

— Ok, então vamos conversar.

— Conversar sobre o quê? — Dionísio rosnou.

— Não você. Ele. — Ela indicou Camulus com o queixo. — Quero conversar sobre a maldição de Talon.

Os olhos do Camulus arderam nela.

— O que tem isto?

— Quero que você a suspenda.

— Nunca.

Ela segurou seu medalhão para ele.

— Faça ou... — Ela deu a Zarek um olhar fixo de lado. — Isto tem algum poder para feri-lo?

— Só se ele te ferir primeiro.

O desapontamento estava escrito pelo seu rosto inteiro.

Um brilho calculista iluminou os olhos do Camulus. Ele suspirou como se estivesse entediado.

— Oh bem, já que não posso te matar, acho que vou ter que me contentar em matar Talon ao invés disso.

Terror faiscou em sua expressão.

— O quê?

Camulus deu de ombros com indiferença.

— É muito sem sentido deixá-lo viver feliz para sempre com você quando minha intenção é fazê-lo sofrer. Já que você não pode morrer, será ele.

A mão dela tremia.

— Artemisa não ficará brava se você matar um de seus soldados?

Camulus olhou para Dionísio que caiu na gargalhada.

— Artemisa, querida como ela é, definitivamente se importaria. Porém, ela não vai começar uma guerra com o panteão Celta acima disto. Ao contrário de mim, Cam está a salvo de sua ira.

— Isso simplesmente não fede? — Camulus perguntou. Seu sorriso feliz desmentia suas palavras medonhas.

Styx se estremeceu quando ouviu a confusão e a dor dela em sua cabeça.

Isto não pode estar acontecendo. Como posso me salvar e condenar Talon a morrer?

Não, eu não posso. Tenho que fazer alguma coisa.

— Okay, — ela disse com firmeza —, tem que ter outro modo.

Camulus estreitou os olhos como se estivesse pensando sobre o assunto.

— Talvez exista. Diga-me, Sunshine. Quanto a felicidade de Talon significa para você?

— Tudo. — Ela disse com sinceridade.

Styx se encolheu com aquela estupidez em particular. A coitada não tinha ideia de como negociar. Especialmente não com um deus.

— Tudo. Bem, isto certamente é muito. — O olhar de Camulus se tornou frio como aço... assustador. — Será que isto significa tanto para você quanto sua própria alma?

— Sunshine. — disse Zarek. — Não faça isso.

— Você, seu pé rapado. — Dionísio rosnou para o Dark Hunter.

Zarek estalou os dedos.

— Não me diga o que fazer. Não gosto disso.

Sunshine os ignorou.

— O que você está me dizendo, Camulus?

Ele enfiou as mãos nos bolsos e agiu de uma forma tão legal como alguém falando sobre o tempo, não selando o destino imortal dela.

— Uma troca simples. Eu suspendo sua maldição. Você me dá sua alma.

Sunshine hesitou.

— Isso parece fácil.

— É.

Styxx se encolheu de medo por ela. *Não faça isto, menina...*

Sunshine mordeu seu lábio com indecisão.

— E o que você vai fazer com minha alma assim que a tiver?

— Absolutamente nada. Eu a mantereí comigo, assim como Artemisa mantém a de Talon.

— E meu corpo?

— Um corpo não precisa de uma alma para funcionar.

Zarek pôs uma mão em seu ombro.

— Não faça isto, Sunshine. Você não pode nunca confiar em um deus.

Styxx não podia concordar mais. *Escute o Dark Hunter, mulher.*

Dionísio perfurou Styxx com um olhar. *Diga alguma coisa para selar isto ou te trarei de volta dos mortos e vou soltar Apollo em cima de você. E acredite em mim, posso fazer isto. Você passará o resto da eternidade acorrentado na cama do meu irmão e todos nós vamos nos revezar contigo novamente.*

Como se não bastassem as palavras, as memórias que ele conjurou para Styxx eram verdadeiramente aterrorizantes. Ele se encolheu em reflexo.

Styxx não queria fazer isto, mas ninguém iria parar sua tortura. Ele sabia que era um fato.

A única que já o salvou foi a deusa atlante da caça que estava morta há muito tempo.

Eu não vou voltar. Não vou. Estava na hora de cuidar de si mesmo.

Engolindo em seco, Styxx encontrou o olhar de Sunshine.

— Claro que pode. — Ele disse, odiando a si mesmo pela mentira. — Confiar neles é a melhor coisa que eu já fiz.

— Eu não sei. — Ela exalou. Então ele viu a determinação turvando seus olhos antes dela assentir. — Tudo bem. Você suspende a maldição e te darei minha alma.

Styxx estremeceu quando ela condenou a si mesma.

Camulus soltou uma risada maléfica.

— Feito. Talon não tem nenhuma maldição. Ele pode encontrar amor o dia todo.

Ela sorriu.

— Mas você, meu doce... — Ele a explodiu. — Tem que morrer para eu tomar sua alma.

O tiro acertou suas costas e os braços de Zarek. Ele ficou de boca aberta quando seu sangue corria todo neles dois.

— Seu desgraçado!

Styxx começou a ir para ela, mas Dionísio o deteve.

Apollo, ele fez com a boca sem som então deixou seu olhar cair intencionalmente na virilha do Styxx e lambeu os lábios.

Styxx realmente quis matar ambos. Mas antes que pudesse sequer se mover, Zarek ergueu a mulher e correu com ela.

Um sorriso curvou os lábios do Styxx. *Corra, Dark Hunter. Leve-a para a segurança.*

Se Zarek podia fazer isto por Acheron, seu irmão, que não mijaria nele se ele estivesse pegando fogo, a salvaria. Ele sabia disso.

Tão logo eles saíram uma luz brilhante atravessou o quarto, cegando Styxx temporariamente. Gritos ecoaram. Um vento açoitou suas roupas e cabelo ao redor do corpo quando uma nuvem apareceu no centro do quarto. No segundo seguinte, demônios alados se

derramaram. Com carne cor de ferrugem e três caudas com farpas que empunhavam como chicotes, eles eram uma visão assustadora de se ver.

Camulus sorriu para eles.

— Vá pegá-los, meus bebês. Mate todos eles!

Os demônios celtas foram atrás de Zarek e Sunshine.

E os deuses também.

Styx hesitou quando sentiu a presença de Acheron no local. Esqueceu dessa habilidade. Quando criança, sempre podia dizer quando seu irmão estava nas proximidades.

Sua garganta apertou quando verificou seu relógio e viu que estava quase na hora.

Estranho... ele matou centenas de homens em batalha. Quando era menino, matou seu próprio tio. Mas a perspectiva de apunhalar Acheron...

Era mais difícil do que tinha pensado. Mas que escolha ele tinha? Especialmente agora que Apollo sabia que ele estava vivo. Porém se ele não tivesse visto...

Ele não podia aguentar contemplar a alternativa.

Acheron já tinha mostrado que não se importava como Styxx era tratado ou o que aconteceria com ele. Que Acheron se sentaria todo contente na primeira fila e assistiria outros o estuprarem, e ria enquanto eles faziam isto.

Não, estava na hora de acabar com seu próprio inferno. Determinado a ver isto, Styxx seguiu os deuses até uma porta trancada. Ouviu Acheron e Talon do outro lado conversando com Zarek e Sunshine enquanto tentavam salvar a vida dela.

Os demônios começaram a bater na porta enquanto Styxx recuava para assistir. E escutou a generosidade do Acheron em relação aos outros, como Styxx fez com Ryssa através das paredes do seu quarto. Uma generosidade que Acheron não mostrou a Styxx desde que tinham sete anos de idade.

Pareceu durar uma eternidade antes de eles finalmente atravessarem. Os demônios se derramaram no quarto, seguidos pelos deuses.

Styx hesitou só por mais um momento enquanto Talon saltava e se colocava entre eles e Sunshine. O celta alto e loiro que amava sua esposa, e Styxx definitivamente simpatizou com isto.

Ash se levantou, pronto para lutar.

— É meia-noite. — Dionísio disse com uma risada. — O show vai começar.

Respirando fundo, Styxx avançou. Os demônios de Camulus se moveram para dentro para permitir que ele passasse por eles para alcançar seu irmão.

O tempo congelou quando ele finalmente viu Acheron pela primeira vez desde a morte deles pelas mãos de Apollo. Acheron parecia melhor, mais saudável do que ele já esteve. Ninguém jamais imaginaria que este homem orgulhoso era o cão chicoteado que ele uma vez tinha sido. Não havia nenhum vestígio do Acheron que costumava abraçar as sombras e encarar Styxx com ódio. Nenhum vestígio do menino que foi tão abusado e torturado e que esteve tão apavorado de tentar escapar do inferno do seu tio.

E ainda assim Styxx sabia a verdade.

Eles não eram nada além de prostitutas usadas...

Comprados, vendidos e degradados por moeda e diversão.

— Oi, Acheron. — Ele fez questão de manter sua voz completamente constante e destituída do ódio e pesar que surgiu dentro dele. — Faz um tempo, não é? Onze mil anos mais ou menos? — O Dark Hunter Talon ficou boquiaberto com a visão dele e Acheron juntos.

Ignorando-o, Styxx se aproximou de Acheron, lenta e gradualmente.

Os olhos do Acheron se estreitaram com advertência.

— Pare aí, Styxx. Não quero machucar você, mas farei se tiver que fazer. Não vou deixar você soltá-la.

Seu irmão não queria machucá-lo? Desde quando? Acheron tinha passado toda a vida humana deles fazendo mal para ele. Desejando os piores tipos de males para ele.

Por que mudaria agora? Ou isso não era nada mais que palavras vazias usadas para que os preciosos Dark Hunters não soubessem o quanto seu líder realmente podia ser cruel?

O olhar de Styxx para Talon que continuava virando sua cabeça dele para Acheron e de volta novamente. Ele riu amargamente ante uma reação que uma vez foi bastante comum.

— É como uma telenovela ruim, não é? Gêmeo bom, gêmeo mau. — Ele voltou a olhar para seu irmão. — Entretanto, nós não somos realmente gêmeos, somos Acheron? Nós apenas compartilhamos o mesmo útero durante algum tempo. — Ele parou atrás de Acheron, que ficou visivelmente tenso como se ele soubesse o que Styxx pretendia.

Ele estava tão perto de seu irmão que apenas uma mão os separava. Eles não se tocaram. Não tinham porquê.

Tristeza se acumulou em Styxx ao pensar em sua infância juntos. Em como eles deitavam costa com costa, unidos contra o mundo. Unidos contra todo mundo.

Irmãos, para sempre e sempre...

Agora eram inimigos.

Para sempre e sempre.

Como ele desejou que as coisas fossem diferentes. Que Acheron pudesse ter achado compaixão por ele como teve com todo mundo.

Até Artemisa.

Mas Styxx estava muito cansado agora. Muito usado e muito maltratado. E Acheron tinha deixado bastante claro que, diferente de Styxx, ele não guardava nenhum amor ou memória deles como irmãos. Que Styxx não significava absolutamente nada para ele.

Ele não valia nem sequer um pensamento.

Irritado e de coração partido, Styxx se debruçou para falar baixinho perto do ouvido de Acheron.

— Vamos contar a ele quem é o bom, Acheron? Devo contar a ele qual de nós viveu sua vida com dignidade? Qual de nós era respeitado pelos gregos e atlantes e de quem eles riam?

Sim, era uma mentira dura, mas Acheron acreditava nela, e Styxx precisava manter seu irmão chateado e desequilibrado para que ele pudesse terminar isto. Acheron era o deus. Ele não era. E embora Styxx fosse mais forte que a maioria, ele ainda era só um humano com força humana.

E eles estavam prestes a soltar a verdadeira mãe do Acheron no mundo. Ela o rasgaria em pedaços por isto. Mas esperava morrer antes que ela o estripasse completamente.

Exalando uma profunda respiração, Styxx estendeu sua mão ao redor da garganta do Acheron e colocou-a no lugar exato que Apollo usou quando segurou seu irmão no chão do quarto de Ryssa.

Acheron choramingou e Styxx odiou a si mesmo por causar aquele som. Mas a guerra o ensinou que a melhor maneira de vencer um adversário mais forte era desmoralizá-los. Colocá-los mentalmente em uma posição enfraquecida.

Styxx puxou Acheron de volta contra ele assim podia sussurrar em seu idioma no ouvido de Acheron e ninguém mais entenderia a crueldade do que ele estava prestes a dizer. Já era ruim o suficiente matar seu irmão. Ele se recusava a envergonhá-lo publicamente primeiro.

Se Acheron tivesse sido assim amável para ele em Atlântida.

— Você me disse uma vez que pagaria para me ver ser fodido na garganta, irmãozinho. Mas não fui eu quem de bom grado se prostitui para outros homens. Não fui eu quem me vendi em escravidão eterna para uma deusa cadela. Fui eu quem tentou te ajudar, e em vez de tomar minha mão, você a decepou e me fodeu pior que qualquer outra pessoa. Você riu da minha dor. E

ficou deitado bêbado enquanto minha irmã e sobrinho foram massacrados a alguns metros de você. Primeiro a roubou de mim emocionalmente e então a deixou ser brutalmente morta chamando seu nome. Assim como me deixava tomar suas surras por você quando éramos pequenos e nunca articulou uma única palavra em minha defesa. Você nunca foi nada além de um pedaço inútil de merda.

Acheron arquejou como se na agonia de um pesadelo. Seus olhos estavam assombrados e vítreos. Ele nem sequer se preocupou em lutar com ele, o que deixou Styxx saber que seu irmão estava pronto para ele finalmente acabar com isto.

— É isto aí, Acheron. — Ele disse entre dentes, voltando para o inglês. — Lembre-se do passado. Lembre-se do que você era. Quero que reviva isso tudo. Reviva cada coisa suja que você já disse ou fez. Cada lágrima que você fez meus pais derramarem por você. Cada vez que tive que olhar para você e sentir a vergonha que você trouxe ao meu rosto.

Lágrimas encheram os olhos do seu irmão e elas apertaram seu coração. Ele queria odiar Acheron. Ele odiava.

Não, ele precisava odiá-lo.

No entanto, não podia. Não importa o quanto ele tentasse. Tudo que podia ver eram eles dois como meninos. Sentir as mãos de Acheron nas suas quando seu irmão procurava confortá-lo quando ninguém mais o faria.

Você tem que fazer isto...

Acheron não ama você. Nunca te amou.

Não mais do que seus pais fizeram.

— Solte-o. — Talon ordenou.

Ignorando-o, Styxx aumentou seu aperto na garganta do Acheron e pressionou seu irmão mais uma vez.

— Lembra quando Estes morreu? A forma como meu pai e eu achamos você? Nunca pude esquecer isto. Toda vez que pensei em você, é esta imagem que tenho. Você é repulsivo. Nojento.

— Mate-o, — Dionísio ordenou, — e abra o portal.

Camulus começou a ir para eles com um punhal. Talon correu para ele e eles lutaram pela arma.

— Mate-o, Styxx. — Dionísio ordenou novamente. — Ou perderemos o portal.

Styxx apertou sua testa na bochecha do Acheron, sofrendo pelos inimigos trágicos que eles se tornaram.

— Adeus, Acheron. Quem sabe nós dois finalmente dormiremos em paz. — Ele puxou o punhal debaixo de seu casaco em seguida enfiou-o diretamente no coração do Acheron, enterrando-o até o cabo.

Justamente como seu irmão fez com ele em Didymos enquanto ele dormia.

Acheron ofegou e arqueou as costas como se algo o tivesse possuído. O punhal saiu disparado pelo ar, saltando na parede acima da cabeça do Dionísio. Luz se derramou do ferimento, então o queimou, fechando-o.

No instante seguinte uma espécie de onda de choque atravessou o quarto, chutando todo mundo de seus pés. Styxx foi lançado para um canto distante enquanto os deuses ficaram alfinetados no chão.

Acheron se levantou do chão pairando de braços e pernas abertos vários centímetros acima dele.

Ninguém conseguia ficar de pé. Nem mesmo os deuses.

Relâmpagos atravessaram o corpo de Acheron, estourando as janelas e as luzes. A energia elétrica estalou e chiou ao redor deles. Acheron deitou sua cabeça para trás enquanto os raios perfuravam seus olhos e boca. Eles pareciam disparar nele e então dentro do quarto dando flashes brilhantes de luz.

Os Daimons e os demônios explodiram em um flash brilhante.

De repente, algum tipo de dragão alado saiu debaixo da manga do Acheron e envolveu-se ao redor dele como se estivesse protegendo-o.

Era um Charonte... Styxx se lembrou deles do tempo em Atlântida.

— Que diabo é isto? — Camulus perguntou. — Styxx, o que você fez?

Ele não tinha ideia.

— Nada. Isto não é a abertura do portal?

Dionísio balançou a cabeça.

— Isto é algo completamente diferente. Uma coisa que ninguém me contou. — Ele olhou para o teto e gritou. — Artemisa!

Artemisa apareceu e imediatamente ficou presa no chão com o resto deles. Ela deu um olhar para Acheron e seu rosto enrubesceu com raiva.

— Quem é o idiota que deixou Acheron puto? — Ela exigiu.

Os dois deuses apontaram para Styxx, lançando-o direto para debaixo do ônibus.

— Seus tolos! — Ela rosnou. — O que vocês estavam pensando?

Dionísio olhou de cara feia para ela.

— Precisávamos matar um atlante para criar o Destruidor, e Acheron é o único que restou.

Artemisa rosnou para ele.

— Oh, você é tão estúpido! Eu sabia que seu plano tinha que ser um ruim. Você não pode simplesmente matá-lo com um punhal. Caso não tenha notado, ele não é humano. Onde estava sua estupidez?

Dionísio curvou os lábios para ela.

— Como eu ia saber que seu favorito era um deus assassino? Que tipo de idiota se prende a um de seu tipo?

— Puxa, nossa, o que eu deveria fazer? Ficar com o Sr. Todo Poderoso Deus Assassino ou conseguir para mim um Mardi Gras flutuante e sair com ele? — Ela apontou para Camulus, que pareceu extremamente ofendido por seu comentário. Ela zombou de Dionísio. — Você é um idiota. Não é à toa que você é o deus protetor dos bêbedos de fraternidade.

— Desculpe-me. — Talon disparou para eles. — Vocês deuses podem se focar por um segundo? Temos uma pequena situação aqui.

— Oh, cale-se. — Dionísio rosnou. — Eu sabia que devia ter confirmado quando te atrolei.

Talon ficou mais boquiaberto ainda ante suas palavras.

— Foi você quem me acertou com o flutuador?

— Sim.

— Droga, menino. — Camulus riu de Dionísio. — Você caiu bastante. Ontem deus grego... hoje piloto incompetente de flutuador. Nossa, e me juntei a você? O que eu estava pensando? Artemisa está certa, que tipo de idiota escolhe um flutuador para ceifar um sujeito para que ele possa ir para casa com sua esposa morta? Você tem sorte de não matá-lo e explodir o plano inteiro.

— Ei, você já tentou dirigir uma coisa daquelas? Não é exatamente fácil. Além disso, ele é um Dark Hunter. Eu sabia que não o mataria. Eu só precisava de algo que o machucasse o suficiente para fazê-la leva-lo para casa, e preciso lembrá-lo que isso deu certo.

Artemisa curvou os lábios.

— Você é tão patético. Não acredito que compartilhamos um gene comum entre nós. — Atirando um olhar bem desagradável para seu irmão, ela lutou contra a força invisível que os segurava.

Mas como o resto deles, ela não podia alcançar Acheron.

— Acheron! — Ela chamou. — Você pode me ouvir?

Uma risada incorpórea encheu o quarto.

Styx apertou os dentes ao som. *O que eu fiz?*

Além de me ferrar novamente.

Acheron não morreria hoje à noite. E nem ele.

Ótimo... simplesmente ótimo.

Podia apenas imaginar como ele pagaria por isso.

Acheron inclinou sua cabeça adiante e mais raios o atravessaram. O Charonte aumentou seu aperto ao redor dele e silvou um bafo ardente para a deusa.

Artemisa tentou escalar a perna de Acheron, mas foi forçada para trás para longe dele.

— Sabe, gente. — Camulus gritou. — A ideia era matar Acheron, libertar Apollymi e recuperar nossa condição de deus. Não era emputecê-lo e acabar com o mundo. Pessoalmente, não quero ser governante de nada. Mas se alguém não parar este cara, esse canto que ele está fazendo irá desfazer a vida como a conhecemos e aniquilar o mundo.

— O que vamos fazer? — Sunshine perguntou a Talon.

Talon beijou seus lábios então se afastou dela. Contra todas as expectativas, ele se levantou lentamente.

Acheron disparou um raio nele.

Talon se desviou. Ele se moveu devagar pelo turbilhão até que chegou ao lado do Acheron.

— Solte-o, T-Rex.

Acheron falou com ele em atlante. Pela expressão no rosto de Talon, era óbvio que ele não entendeu.

— Ele diz para recuar ou vai morrer. — Styxx traduziu. — Ele está chamando o Destruidor.

Talon sacudiu a cabeça.

— Eu não posso deixar você fazer isto.

Uma risada maléfica ecoou novamente.

Talon correu para ele. Pegou Acheron pelo meio e o bateu no chão. O Charonte se arqueou, berrando.

O celta o ignorou enquanto esmurrava Acheron. Com força. O que despertou seu irmão, e os dois começaram a socar um ao outro ainda pior que a briga que eles tiveram quando Styxx encontrou Ryssa morta.

O chão embaixo deles tremeu.

Zarek atravessou a porta sangrando, e foi imediatamente lançado para trás contra uma parede.

Artemisa tentou novamente alcançar Acheron e mais uma vez ele a lançou de costas enquanto lutava com Talon.

— Vou dar um crédito ao menino. — Camulus disse. — Ele sempre foi um lutador.

Talon parou de lutar quando ouviu aquelas palavras.

Styxx fez uma careta quando ouviu os pensamentos de Talon em sua própria cabeça. *Você nunca conhecerá o seu lugar, Speirr. Você nunca soube quando devia deitar a espada abaixo e jogar de forma agradável. Você está certo, Camulus. Eu nunca soube quando lutar e quando me retirar. Por isso fui amaldiçoado.*

Eu tenho que me acalmar agora.

As próximas palavras na cabeça de Talon surpreenderam Styxx, como se tivessem vindo de Acheron.

— Eu posso te mostrar como enterrar essa dor lá no fundo de você, nunca mais vai te alfinetar. Mas esteja avisado que nada é dado livremente e nada dura para sempre. Um dia algo virá para te fazer sentir novamente, e com isto trará a dor de eras em cima de você. Tudo que tem escondido sairá e pode não só te destruir, mas qualquer um próximo a você.

Talon olhou para Acheron e viu a fúria do homem que o estava atacando.

Acheron correu para ele novamente.

Desta vez em vez de lutar, Talon o abraçou como um irmão então segurou o rosto de entre suas mãos e tentou fazer seu velho amigo o enxergar.

As feições de Acheron já não eram mais humanas. Eram as do demônio distorcido que assombrava os pesadelos do Styxx. O demônio que ele lutou na batalha. Os olhos do seu irmão eram vermelhos da cor do sangue e amarelos, e não existia nenhuma misericórdia neles. Eram frios. Cruéis.

As cores em seus olhos giravam e dançavam como fogo.

Eles eram realmente semelhantes aos olhos de Apollo bem antes de seus piores ataques a Styxx. Do Archon também.

— Acheron. — Talon disse calma e lentamente. — Chega.

A princípio Styxx não pensou que Acheron ouviu Talon. Não até que seu irmão girou a cabeça para ver Sunshine no chão.

— Talon. — Ele murmurou roucamente. Os olhos do Acheron faiscaram então ele olhou de volta para Talon.

De repente, outra onda de choque disparou atravessando o quarto, mas esta em sentido contrário do primeiro. Era como se o poder liberado estivesse recuando de volta para o corpo do Acheron.

Ainda em forma de dragão, o Charonte subiu em direção ao teto então desapareceu.

As feições do Acheron se transformaram de volta das de um demônio nas de um homem. Seu irmão piscou seus olhos prateados agora girando, e olhou em volta como se estivesse acordando de um pesadelo. Sem um único comentário, Acheron se afastou de Talon, embrulhou seus braços ao redor do seu peito e caminhou pelo quarto como se nada tivesse acontecido.

Quando Acheron passou por Artemisa, ela estendeu a mão para ele, mas se esquivou do seu toque e continuou andando.

Artemisa virou-se para seu próprio irmão com um grunhido.

— Espera só até papai colocar as mãos em você.

— Eu? Ele sabia o que eu tinha planejado esta noite. Espere até que eu conte a ele sobre Acheron!

Artemisa curvou seus lábios.

— Oh cale a boca, menino chorão. — Ela esticou a mão e o lançou repentinamente para fora do quarto.

Styxx se preparou quando Artemisa virou seu olhar furioso para ele. Sabia o que estava vindo.

De volta ao inferno.

— Você. — Ela disse, seu tom de voz espesso com aversão.

Estou tão ferrado. Mas talvez se ele a irritasse o suficiente, ela poderia matá-lo em vez de mandá-lo de volta.

— Como pode proteger algo como ele? Depois que eu morri, fui enviado para os Campos Elysian enquanto ele estava...

— Não é da sua conta. — Ela disse, interrompendo-o. — Você e sua preciosa família, você virou suas costas para ele e o condenou a algo que não foi culpa dele.

Styx ficou espantado com suas palavras. Ele nunca teve nada contra Acheron exceto que ele fez para feri-lo.

— Não foi culpa dele? Por favor. — Ele tentou dizer algo mais, mas sua voz sumiu.

— Assim é melhor. — Artemisa deu um sorriso afetado. — Engraçado, vocês dois soam iguais e ainda assim você lamenta. Graças a Zeus Acheron não tem essa qualidade repugnante. Entretanto ele sempre foi um homem e não um menino chorão.

Oh sim, isso descrevia seu irmão e ele.

A cadela realmente era louca.

Ela impeliu-o contra a parede.

— Não posso acreditar em você. Dei a você uma existência perfeita. Sua própria ilha, repleta de tudo que poderia desejar e o que você fez? Passou a eternidade odiando Acheron, tramando maneiras de matá-lo. Você não merece misericórdia.

Ilha perfeita? Tudo que ele podia desejar?

Sim, ela era maluca. Tinha que ser se ela pensava que sua vida em uma ilha desolada era perfeita.

Quanto a Acheron... a última coisa na cabeça do Styx tinha sido vingança. Esteve muito ocupado por seu próprio pesar por sua esposa e filho, e tentando sobreviver até mesmo para se vingar de um irmão que achava que jamais veria novamente.

— Você não pode me matar. — Styx gritou perante os pensamentos errôneos da cabeça dela. — Se você o fizer, Acheron morre também. — Ele sufocou quando ela apertou o controle sobre sua garganta, cortando sua correção das desinformações dela.

— Eu amaldiçoo o dia em que as Parcas vincularam sua força de vida a dele.

Não foram as Parcas, puta. Foi a mãe dele. Obtenha a história certa.

Quanto uma deusa podia ser estúpida?

Oh, espere. Esta era Artemisa, afinal. A irmã gêmea de Apollo. Inteligência não era seu forte.

Artemisa estreitou seus olhos nele como se quisesse nada mais que estraçalhá-lo onde ele estava.

— Você está certo. Não posso te matar, mas posso tornar sua vida um inferno pior do que qualquer coisa que você possa imaginar.

Ele riu.

— O que você vai fazer comigo? — Me virar para seu irmão pervertido?

Essa era a pior coisa imaginável.

Ela sorriu maldosamente.

— Você vai ver, pequeno humano, você vai ver.

Em um momento ele estava na fábrica, e no outro...

Gritos o cercavam, perfurando a escuridão. Ele tentou o melhor que podia enxergar algo. Qualquer coisa. Mas tudo que via eram as estranhas luzes puntiformes feitas por olhos que estavam desesperados para serem usados.

Este lugar era frio. Gelado. Ele sentiu seu caminho ao longo de uma parede de pedra escarpada só para saber que ele estava encerrado em uma pequena cela de 1,80 m por 1,80m. Não existia nem espaço suficiente para ele se deitar completamente.

De repente, uma luz apareceu ao lado dele. Foi sumindo para formar uma jovem mulher bonita com cabelo vermelho escuro, pele clara e olhos espirantes verdes de uma deusa. Ele a conheceu imediatamente.

Ela era Mnemosyne, ou Mnimi para poucos, a deusa da memória. Ele viu sua figura inúmeras vezes em templos e em pergaminhos. Ela segurava uma lamparina antiga a óleo em sua mão enquanto o estudava de perto.

— Onde estou? — Ele perguntou a ela.

Sua voz era lânguida e gentil, como uma brisa sussurrando através dos beirais de cristal.

— Você está no Tártaro.

Claro que estava.

Mas que porra? Ele viveu aqui sua vida inteira.

Styx engoliu sua indignação e dor. Quando ele morreu eras atrás na antiga Grécia, ele deveria ter sido colocado no reino paradisíaco dos Campos Elysian com Galen e seus homens... e não sozinho em uma ilha deserta que desaparecia se alguém acontecesse de olhar em sua direção.

Tártaro era onde Hades bania as almas do mal que desejava torturar. Mas ei, na teoria era um passo de onde ele esteve nestes últimos onze mil anos. Pelo menos no inferno ele tinha companhia em sua miséria.

— Eu não pertenço aqui.

— Onde você pertence? — Ela perguntou.

Ele tocou os nomes em seu braço e pensou em sua esposa e filho.

— Eu pertenço à minha família.

Os olhos dela estavam tingidos de tristeza quando ela o considerou.

— Eles todos renasceram. A única família que te resta agora é o irmão que você odeia.

Renascidos? A dor o despedaçou. Ele nunca mais veria sua preciosa Bethany. Nunca a ouviria ou abraçaria...

Por que não posso simplesmente morrer já?

Mas não. A única pessoa que sobrou era uma que não fez nada além de ferir e humilhá-lo durante toda sua vida. Um homem que nem sequer o reconheceria. A injustiça disso o fez querer cortar sua própria garganta.

— Ele não é meu irmão. Nunca foi meu irmão.

Ela inclinou sua cabeça como se estivesse escutando algo bem distante deles.

— Estranho. Acheron nunca se sentiu desse modo a seu respeito. Não importa as vezes que você era cruel com ele, ele nunca te odiou.

Mentira! Como uma deusa podia ser tão cega?

Ou pior... se ela estivesse certa e Acheron fez tudo que fez sem odiá-lo, então Acheron era exatamente o monstro que seu pai disse que era.

Mas no fim das contas, isso não importava.

— Não me importo com o que ele sente.

— É verdade. — Ela disse como se conhecesse os pensamentos mais profundos dele, como se o conhecesse melhor que ele conhecia a si mesmo.

— Honestamente, eu não entendo você, Styxx. Durante séculos, você recebeu a Ilha Desaparecida como sua casa. Você teve amigos e todos os luxos conhecidos. Era tão pacífico e bonito lá quanto os Campos Elysian, e ainda assim tudo que você fez foi tramar mais vingança contra Acheron. Eu dei a você memórias de sua bela casa e família, de sua infância pacífica e feliz para confortá-lo, e em vez de obter prazer delas, você as usou para alimentar seu ódio.

Ele ficou boquiaberto. *Amigos? Que amigos?* Os golfinhos estúpidos que ele conversou de desespero? O cavalo de madeira de seu irmão? E não era como se ela o tivesse colocado na Ilha Desaparecida com os Caçadores de Sonhos. Não... a sua tinha sido completamente deserta.

Oh, nossa, puta, obrigado.

Quanto às suas memórias, elas foram o pior tipo de inferno porque o lembravam do irmão que ele perdeu. De Bethany e Galen, e a vida que planejaram e nunca tiveram.

Aquilo foi um punhal no seu coração.

Mas acima de tudo, aquelas memórias mostraram a ele o pai que o desprezou, a mãe que tentou matá-lo, sua irmã cujo coração foi grande o suficiente apenas para amar Acheron, e todas as pessoas que zombaram e o humilharam por causa do seu irmão.

Não, seu irmão não.

A semente bastarda de Apollymi!

— Você me culpa? Acheron roubou tudo de mim. Tudo que eu tinha esperado ou amado na vida. Por causa dele minha família está morta, meu reino se foi. Até minha vida acabou por causa dele.

Mas se não fosse Acheron segurá-lo naquele dia, ele estaria no Egito para proteger Bethany quando Apollymi veio atrás dele.

— Não. — Ela disse suavemente. — Você pode mentir para si mesmo, Styxx, mas não mim. Foi você quem traiu seu irmão. Você e seu pai. Você deixou seu medo dele te cegar. Foram suas próprias ações que condenaram não somente ele, mas a si mesmo também.

Que medo? Nunca, jamais na sua vida temeu Acheron!

Memórias de Atlântida o rasgaram. Ele viu Acheron sorrindo enquanto prendia os membros de Styxx na cama para que Estes pudesse estuprá-lo em vez de Acheron.

— *Como pode fazer isto comigo? Eu vim aqui para salvar você!*

— *Você está me salvando, Styxx. Hoje à noite não sou eu quem vai ter a minha bunda fodida. É você. Apenas lembre-se de não apertar. Dói muito menos quando você para de lutar com eles.*

Ele ainda podia ver o brilho de zombaria no olhar do seu irmão quando Acheron passou óleo e “preparou” o corpo nu do Styxx para Estes e os outros.

Sim, seu irmão foi espancado e drogado até o ponto de não possuir ideias próprias. Mesmo assim, Styxx não podia entender como Acheron podia ter feito tal coisa com ele.

A traição queimou fundo em seu coração.

— O que você sabe disto? Acheron é mal. Sujo. Ele contamina tudo que toca.

Os dedos dançaram através da chama da lamparina, fazendo-a tremular estranhamente na escuridão da pequena cela. O tempo todo seus olhos o queimavam com sua intensidade.

— Esta é a beleza da memória, não é? Nossa realidade está sempre nublada por nossas percepções da verdade. Você se lembra dos eventos de uma maneira e então julga seu irmão sem conhecimento de como as coisas eram para ele.

Mnimi colocou uma mão em seu ombro. O calor queimou sua pele, e quando ela falou, seu tom baixo soou maldoso, insidioso.

— Estou prestes a dar a você o mais precioso dos presentes, Styxx. Finalmente, você terá a compreensão.

Styxx tentou correr, mas não podia.

O toque ardente de Mnimi o manteve imóvel.

Sua cabeça girou quando ele correu de volta no tempo para o último lugar que ele queria ir. Ele viu sua bela mãe deitada em sua cama dourada, seu corpo coberto de suor, seu rosto pálido enquanto uma atendente escovava seu cabelo úmido e loiro de seus olhos azuis claros. Ele nunca soube que sua mãe pareceu mais cheia de alegria do que naquele dia.

Queridos deuses, ela estava até sóbria.

O quarto estava lotado de oficiais da corte e seu pai, que estava ao lado da cama com seu Chefe de Estado. As longas janelas estavam abertas, deixando o ar fresco do mar oferecer alívio do calor do dia de verão.

— É outro menino lindo. — A parteira proclamou alegremente, embrulhando a criança recém-nascida em um cobertor.

— Pela mão da doce Artemisa, Aara, você me deixou orgulhoso! — Seu pai disse enquanto um júbilo alto percorreu os ocupantes do quarto. — Meninos gêmeos para governar nossas ilhas gêmeas!

Rindo, sua mãe observava a parteira limpar o primogênito.

Foi então que Styxx conheceu o verdadeiro horror do nascimento de Acheron, soube o segredo obscuro que seu pai escondeu dele sua vida inteira.

Acheron era o filho primogênito.

Styxx, que agora estava no corpo infantil de Acheron, teve dificuldade para respirar através de seus pulmões de recém-nascido. Ele finalmente tomou um fôlego profundo e claro quando ouviu um grito de alarme.

— Zeus tenha misericórdia, o primogênito é malformado, Majestades.

Sua mãe levantou o olhar, sua testa enrugada pela preocupação.

— Como assim?

A parteira o levou para cima de sua mãe, quem segurava o segundo bebê recém-nascido no peito.

Assustado, o bebê queria conforto longe do medo que sentia e os barulhos altos desconhecidos. Ele agarrou o irmão que compartilhou o útero com ele. Se pudesse apenas tocar seu irmão, tudo ficaria bem. Ele sabia disso.

Em vez disso, sua mãe puxou seu irmão para longe, fora de sua visão e alcance.

— Não pode ser. — Sua mãe soluçou. — Ele é cego.

— Não cego, Majestade. — A sábia mulher mais velha disse quando avançou pela multidão. Suas vestes brancas estavam fortemente bordadas com fios de ouro, e ela usava uma grinalda de ouro ornamentada sobre seu cabelo cinza desbotado. — Ele foi enviado a você pelos deuses.

Xerxes estreitou seus olhos furiosamente para a rainha.

— Você foi infiel?

— Não, nunca.

— Então como é que ele veio de seu ventre? Todos nós aqui testemunhamos isto.

O quarto como um todo olhou para a mulher sábia que olhava de forma fixa e inexpressiva para o minúsculo e indefeso bebê, que clamava para alguém segurá-lo e lhe oferecer consolo. Calor.

— Ele será um destruidor, esta criança. — Ela disse, sua voz antiga alta e cantando de forma que todos pudessem ouvir sua proclamação. — Seu toque trará morte para muitos. Nem mesmo os próprios deuses estarão a salvo de sua ira.

— Então mate-o agora. — Xerxes ordenou a seu guarda para puxar sua espada e matar o bebê.

— Não! — A mulher sábia deteve o guarda antes dele poder executar a vontade do rei. — Mate esta criança e seu filho morre também Majestade. Suas forças vitais estão combinadas. É a vontade dos deuses que você deve criá-lo para ser viril.

O bebê soluçou, não entendendo o medo que ele sentia daqueles que o rodeavam. Tudo que queria era que o segurassem como seu irmão. Que alguém o abraçasse e dissesse a ele que tudo ficaria bem.

Xerxes foi enfático.

— Eu não criarei um monstro.

— Você não tem escolha. — A mulher sábia tomou o bebê da parteira que o aparou e ofereceu-o à rainha. — Ele nasceu de seu corpo, Majestade. Ele é seu filho.

O bebê chorou ainda mais alto, estendendo-se novamente para sua mãe. Ela se encolheu para longe dele, agarrando seu segundo filho ainda mais apertado que antes.

— Eu não vou amamentá-lo. Não tocarei nele. Tire-o longe da minha vista.

A mulher sábia caminhou com a criança para seu pai.

— E você, Majestade? Você não vai reconhecê-lo?

— Nunca. Essa criança não é meu filho.

A mulher sábia respirou fundo e apresentou a criança para o quarto. Seu aperto era frouxo, sem amor ou compaixão evidentes em seu toque.

— Então ele será chamado Acheron pelo rio do infortúnio. Como o rio do Submundo, sua jornada deve ser escura, longa e duradoura. Ele será capaz de dar a vida e tomá-la. Ele caminhará através de sua vida sozinho e abandonado, sempre buscando bondade e já encontrando crueldade.

A mulher sábia abaixou o olhar para a criança em suas mãos e proferiu a simples verdade que assombraria ambos os gêmeos para o resto de sua existência.

— Que os deuses tenham piedade de você, pequeno. Ninguém mais jamais terá.

01 de dezembro de 2007 d.C.

Acheron parou em uma entrada que estava coberta com limo iridescente. Brilhava como uma mancha de arco-íris oleosa na penumbra. Para sua surpresa, não havia nenhum som vindo de dentro. Nenhum movimento. Era como se o ocupante estivesse morto.

Porém, ao contrário do outros que viviam no Tártaro, esta pessoa em particular não podia morrer.

Pelo menos não até que Ash morresse, e já que ele era um deus...

Ele usou seus poderes para abrir a porta sem tocá-la.

Estava completamente escuro dentro do quartinho sujo e minúsculo. Imagens horripilantes de seu passado humano golpearam-no com a visão. As emoções há muito tempo enterradas o rasgaram com punhais de dor que dilaceraram seu coração.

Acheron queria fugir deste lugar.

Sabia que não podia.

Rangendo os dentes, Ash se forçou a dar os seis passos que o separaram do homem que estava enrolado em uma bola num canto. Uma réplica idêntica dele mesmo, o homem tinha cabelo loiro comprido que estava embaraçado pelo tempo que ele passou aqui e não o escovou ou tomou banho.

Mas Ash nunca usava voluntariamente seu cabelo loiro. Era uma lembrança infeliz de um tempo em seu passado que estava desesperado para esquecer.

Vestido com trapos e seu rosto coberto com uma barba longa e emaranhada, o homem no chão não se mexia. Ele cerrou seus olhos com força como uma criança que pensava que se não fizesse nenhum som, nenhum movimento, o pesadelo acabaria.

Ash tinha vivido muito tempo em tal estado, e como o homem diante dele, tinha rezado pela morte repetidamente. Mas ao contrário de suas orações que ficaram sem respostas, ele estava aqui para libertar Styxx de sua prisão.

— Styxx. — Ele disse, seu tom baixo ecoando pelas paredes.

Seu irmão não reagiu.

Ash se ajoelhou e fez uma coisa que repugnava Styxx quando eles foram irmãos humanos na Grécia. Ele tocou no ombro do seu irmão.

— Styxx? — Ele tentou novamente.

Styxx gritou quando Ash interrompeu as memórias brutais de horror que Mnimi lhe deu como punição por tentar matá-lo. Era uma punição que Ash nunca tinha concordado. Ninguém precisava das lembranças de seu passado humano. Nem mesmo ele.

Ele podia ouvir os pensamentos de Styxx conforme deixavam o passado de Ash e retornavam lentamente ao controle de Styxx.

Sabendo que seu irmão ficaria enojado com ele, Ash o soltou e deu um passo atrás.

Como humanos, ele e Styxx nunca foram próximos. Styxx o odiava com uma lógica irracional. De sua parte, ele tinha intencionalmente agravado esse ódio.

O raciocínio humano de Ash foi que se sua família o odiaria de qualquer maneira, então daria a todos eles um bom motivo para isto. Saiu de seu caminho para causar repulsa neles. Saiu de seu caminho para antagonizar seu irmão e pai.

Somente sua irmã foi boa com ele.

E no final, Ash a traiu e não esteve lá para protegê-la quando ela morreu...

* * *

Styxx lutou para respirar enquanto se conscientizava do fato de que ele não era Acheron.

Eu sou Styxx de Didymos. Herdeiro de...

Não, ele não era o legítimo herdeiro de nada. Acheron quem era. Ele e seu pai roubaram isso de Acheron.

Eles tomaram tudo dele.

Tudo.

Pela primeira vez em onze mil anos Styxx entendeu aquela realidade. Apesar de que seu pai o convencera, eles foram extremamente injustos com Acheron.

Mnimi tinha razão. O mundo como o Príncipe Styxx tinha visto fora caído por mentiras e pelo ódio.

O mundo de Acheron fora completamente diferente. Fora mergulhado em solidão e dor, e decorado com terror. Era um mundo que ele nunca tinha sonhado que existia. Abrigado e protegido toda sua vida, Styxx nunca conheceu um único insulto. Nunca conheceu a fome ou o sofrimento.

Mas Acheron tinha...

Seu corpo tremia incontrolavelmente à medida que Styxx olhava ao redor do quarto frio e escuro. Tinha visto um lugar assim nas memórias do Acheron.

Um lugar que eles alegremente deixaram que Acheron enfrentasse sozinho. Só que este lugar era mais limpo. Menos assustador.

E ele era muito mais velho que Acheron fora.

Styx se cobriu os olhos e chorou enquanto a agonia o rasgou de novo. Ele conheceu os pensamentos de Acheron. Sentiu as emoções de Acheron. Sua desesperança. Seu desespero. Ouviu os gritos de Acheron pedindo para morrer. Seus apelos silenciosos por misericórdia, silenciosos porque expressá-los só tornava sua situação pior.

Eles repetiam e zombavam do passado dele.

Quantas vezes tinha ferido seu próprio irmão? A culpa o roía, deixando-o doente por causa disso.

— Vou levá-los para longe de você.

Styx se encolheu pela voz que soava idêntica à sua, exceto pela suave qualidade melódica que marcava Acheron pelos anos que passou em Atlântida.

Anos que Styx desejou aos deuses que pudesse voltar e mudar. *Pobre Acheron*. Ninguém merecia o que foi dado a ele.

— Não. — Disse Styx baixinho com a voz trêmula enquanto tentava se recompor. — Eu não quero que você faça.

Ele levantou o olhar para ver a surpresa no rosto de Acheron.

Era algo que Acheron escondeu rapidamente atrás de uma máscara de estoicismo.

— Não existe nenhuma razão para você saber tudo isto sobre mim. Minhas memórias nunca fizeram bem para ninguém.

Isso não era verdade e Styx sabia disso.

— Se afastá-las de mim, odiarei você novamente.

— Eu não me importo.

Sem dúvida. Acheron estava acostumado a ser odiado.

Styx encontrou calmamente aquele seu estranho olhar de redemoinho.

— Eu sim.

Ash não podia respirar pelas as emoções cruas que sentiu enquanto observava Styx se forçar a levantar.

Eles eram muito parecidos fisicamente, e ainda polos extremos quando se tratava do passado e presente deles.

Tudo que realmente tinham em comum era que ambos foram herdeiros tão ansiados. Styxx herdaria o reino do seu pai enquanto Acheron foi concebido por sua mãe para destruir o mundo.

Era um destino que nenhum dos dois cumpriu.

Ao invés disso Ash nasceu humano contra sua vontade e contra o deleite de sua família humana substituta que de alguma maneira sentiu que ele não era realmente um deles.

E eles o odiaram por isto.

— Há quanto tempo estou aqui? — Styxx perguntou, olhando em torno de sua prisão escura.

— Três anos.

Styxx riu amargamente.

— Pareceu uma eternidade.

Provavelmente foi. Ash não invejava Styxx por ter de sofrer as memórias de seu passado humano. Mas aí, ele invejava ainda menos por tê-las vivido.

Ele pigarreou.

— Eu posso devolvê-lo para a Ilha Desaparecida novamente ou você pode ficar aqui no Tártaro. Não posso levá-lo para os Campos Elysian, mas existem outras áreas aqui que são quase tão pacíficas.

— O que você teve que barganhar com Artemisa e Hades por isto?

Ash desviou o olhar, não querendo pensar nisto.

— Não importa.

Styxx deu um passo em direção a ele então parou.

— Importa. Eu sei o que custa a você agora... quanto custou então.

— Então você sabe que isso não importa para mim.

Styxx zombou.

— Sei que você está mentindo, Acheron. Sou eu quem se importa.

Ash se encolheu na verdade. Mas isso não mudava nada.

— Tome sua decisão, Styxx. Não tenho mais tempo a perder aqui.

Styxx avançou outro passo. Ele estava tão perto agora que Ash podia ver seu reflexo nos olhos azuis do Styxx. Aqueles olhos o perfuraram com sinceridade.

— Eu quero ir para Katateros.

Ash franziu o cenho para ele.

— Por quê?

— Quero conhecer meu irmão.

Ash zombou disso.

— Você não tem irmão. — lembrou a ele. Isso era algo que Styxx tinha proclamado alto e claro ao longo dos séculos. — Nós só compartilhamos um útero por um tempo muito curto.

Styxx fez algo que nunca tinha feito antes. Estendeu a mão e tocou no ombro de Ash. Aquele toque o queimava enquanto o lembrava do menino que não queria nada além do amor de sua família humana.

Um menino que eles brutalmente cuspiram e negaram.

— Você me disse uma vez há muito tempo, — disse Styxx disse num tom rasgado, — para olhar dentro de um espelho e ver seu rosto. Eu me recusei na época. Mas agora Mnimi me forçou a olhar para meu próprio reflexo. Eu vi através dos meus olhos e através dos seus. Eu pediria aos deuses que pudesse mudar o que aconteceu entre nós. Se eu pudesse voltar, nunca negaria você. Mas não posso. Nós dois sabemos disso. Agora só quero a chance de te conhecer como eu deveria ter conhecido todos esses séculos atrás.

Zangado com seu discurso nobre e com um passado que nenhum punhado de palavras poderia aliviar, Ash usou seus poderes para fixar Styxx de costas na parede mais distante dele. Styxx pairou de braços e pernas abertos acima do chão, seu rosto pálido enquanto Ash lhe mostrava seus verdadeiros poderes de deus. Podia dizer pelos pensamentos de Styxx que ele estava ciente exatamente do que podia fazer com ele. Apesar de estarem ligados, Ash podia matá-lo com um simples pensamento. Podia rasgá-lo em pedaços.

Parte dele queria fazer. Era a parte dele que tinha se tornado cruel. A parte dele que pertencia à sua verdadeira mãe, a Destruidora.

— Não sou um deus de perdão.

Styxx encontrou seu olhar sem pestanejar.

— E eu não sou um homem acostumado a me desculpar. Nós estamos ligados. Você sabe disso e eu também.

— Como eu poderia sequer confiar em você?

Styx quis chorar ao ouvir aquela pergunta. Acheron estava certo. Ele não tinha feito nada além de ferir seu irmão.

Ele até tentou matá-lo.

— Você não pode. Mas vivi dentro de suas memórias pelos últimos três anos. Sei a dor que você esconde. Sei a dor que causei. Se eu ficar aqui, enlouquecerei com os gritos. Se retornar para a Ilha Desaparecida, definharei lá sozinho e com o tempo provavelmente aprenderei a odiar você de novo.

Styx fez uma pausa quando a tristeza o atravessou na verdade que já não podia mais negar.

— Eu não quero mais te odiar, Acheron. Você é um deus que pode controlar o destino humano. Não é possível que exista uma razão pela qual fomos reunidos? Certamente as Parcas querem que sejamos irmãos.

Ash desviou o olhar enquanto aquelas palavras ecoaram em sua cabeça. Era uma crueldade divina que pudesse ver o destino de todo mundo ao redor dele, exceto daqueles que eram importantes para ele ou aqueles cujos destinos estavam entrelaçados com o seu. Ele segurava o destino do mundo inteiro em sua mão e mesmo assim não podia ver seu próprio futuro.

O quanto isto era fodido?

O quanto era injusto?

Ele olhou para seu “irmão”. Era mais provável Styx espetá-lo do que falar com ele.

E ainda assim sentiu algo diferente nele.

Esqueça isto. Apague a memória dele de você e deixe-o aqui para apodrecer.

Era mais gentil do que qualquer coisa que Styx já fez por ele. Mas lá no fundo, lá embaixo em um lugar que Ash odiava, estava aquele menininho que estendeu a mão para seu irmão. Aquele menininho que gritava repetidamente por sua família só para se encontrar sozinho em Atlântida.

O que ele devia fazer?

Ele colocou Styx de volta no chão.

Ash não se moveu enquanto as memórias e as emoções que despertavam o assaltaram. Podia sentir que Styx estava se aproximando. Ele ficou tenso por hábito. Toda vez que Styx esteve perto, ele o machucou.

— Eu não posso desfazer o passado. — Styxx sussurrou. — Mas no futuro, ficarei feliz em dar minha vida por você, irmão.

Antes de perceber o que ele estava fazendo, Styxx o puxou para perto.

Ash não se mexeu quando sentiu os braços do Styxx ao seu redor. Sonhou com este momento quando era criança em Atlântida. Sofreu por isto.

O deus enraivecida dentro dele queria esfaquear Styxx por se atrever a tocá-lo agora, mas aquela parte inocente dele... aquele coração humano, ficou despedaçado. Era a parte que ele escutou.

Ash abraçou seu irmão e o segurou pela primeira vez que se lembrasse.

— Eu sinto muito. — Styxx disse em um tom irregular.

Ash assentiu enquanto se puxava para longe.

— Errar é humano, perdoar é divino.

Styxx balançou sua cabeça diante da citação.

— Eu não peço seu perdão. Eu não mereço. Só peço uma chance de mostrar a você agora que não sou o idiota que fui uma vez.

Ash só esperava que ele pudesse acreditar nisso. As chances estavam contra ambos. Toda vez que Styxx recebeu uma oportunidade para aliviar seu passado, usou-a para feri-lo ainda mais.

Fechando seus olhos, Ash os teletransportou para fora do Tártaro, para Katateros.

Atordoado, Styxx foi para trás para ficar boquiaberto com o grande saguão de mármore preto que ele nunca...

Styxx piscou devagar.

Por um minuto ele ficou confuso enquanto suas próprias memórias finalmente se sobrepuseram às de Acheron. A princípio ele pensou que este aposento era novo. Mas esteve aqui antes. Séculos atrás, os deuses de Atlântida o mantiveram aqui.

Não pense nisto.

Ironicamente, ele contou à eles então onde seu irmão estava, os antigos deuses o teriam feito sofrer por eras.

Quando deu uma olhada na enorme fonte de mármore e colunas, percebeu que nada mudou. Estava tudo tão perfeitamente preservado como esteve quando o torturaram aqui. Uma parte dele jurou que até mesmo podia ouvir suas risadas e zombarias.

— Então este é o lugar onde você vive. — Styxx exalou, tentando manter seu tom no mesmo nível conforme a dor dilacerava seu coração.

— Não. — Acheron cruzou os braços na altura do peito e indicou as janelas altas e douradas que davam para as águas tranquilas que se estendiam em direção ao horizonte. — Eu moro do lado de lá do Rio Athlia, do outro lado das margens do Lypi. Não há nenhum Charonte para atravessá-lo do rio para minha casa, então não se dê ao trabalho de procurar.

Ele estava completamente confuso por isto.

— Eu não entendo.

Acheron deu um passo para trás e Styxx ficou perplexo pela suspeita que viu nos olhos prateados do seu irmão.

— Eu solicitarei para que tenha servos e tudo que desejar aqui.

— Mas pensei que ficaríamos juntos.

Acheron sacudiu a cabeça.

— Você fez sua escolha e quis vir aqui. Então está aqui.

Mas não era isto o que ele queria.

Styxx tentou se aproximar dele só para encontrar seu caminho cortado por uma parede invisível.

— Pensei que você disse que errar é humano, perdoar é divino.

Aqueles olhos de redemoinhos prateados o queimaram.

— Eu sou um deus, Styxx, não um santo. Eu perdoo você, mas confiar é outra história. Como você disse, terá que se provar para mim. Até lá você e eu daremos um passo de cada vez e então vamos ver o que será de nós.

Assim que aquelas palavras foram proferidas, Styxx se encontrou sozinho. E no instante em que Acheron desapareceu, cada única memória sua voltou para ele.

Com força total e com completa clareza.

Ao contrário do que seu irmão pensava, Styxx não viveu uma vida perfeita e feliz. Não viveu no luxo.

Ele tinha conhecido a dor...

Isolamento.

Fome e sofrimento.

Lançando sua cabeça para trás, ele rugiu com fúria.

— Droga, Acheron!

Foi ele quem teve pena do seu irmão, e agora sabia exatamente o que Acheron sempre pensou dele. A horrível verdade. E como os pensamentos de Acheron estavam errados no que dizia respeito à Styxx. Durante três fodidos anos aquela vadia o fez viver a vida do seu irmão e manter as memórias de Acheron de seu mundo e do passado como se elas fossem as suas.

— Oh, isto é maravilhoso... seu puto estúpido!

Não era Styxx quem precisava de uma dose de realidade. Ao contrário, era petulante do vadio do seu irmão que se recusava a lembrar da infância deles. Toda ela. Porém isso era culpa de Estes. Ele encheu a cabeça de Acheron com ódio e o deturpou ao ponto de seu irmão se forçar a não lembrar de nada diferente das mentiras do Estes.

Justamente como Acheron certa vez odiou Ryssa por abandoná-lo. Mas de alguma forma conseguiu perdoá-la e ver a verdade de suas ações.

Mas Acheron nunca o perdoaria. Ele não tinha nenhuma intenção de olhar mais fundo que seus próprios fatos distorcidos e errôneos.

Embora Styxx tenha mantido aquelas memórias de sua amizade na infância que permitiu que ele sentisse falta do seu irmão, Acheron bloqueou cada uma delas. Ele não lembrava nada da bondade que Styxx teve com ele. Sempre. Nenhuma de suas tentativas de libertá-lo.

E agora...

Acheron o abandonou novamente. Porque seu irmão se recusava a olhar para a vida de Styxx como ela foi realmente.

Ao invés disso, Acheron o julgara como todos os outros fizeram. Em uma realidade assumida que nunca existiu em qualquer lugar diferente dentro de suas próprias mentes invejosas.

Você é um príncipe e o herdeiro amado de seu pai. Você é rico. Que problemas você poderia ter?

Como se atreve a reclamar, Styxx? Você não sabe o que é sofrimento de verdade. Não pode imaginar como o mundo realmente é...

Seu irmão não sabia nada dos anos que eles viveram separados. Nada da carreira de guerra de Styxx. Ou Galen.

Nada de Bethany.

Apertando as palmas das mãos nos olhos, Styxx riu enquanto a loucura o reclamava.

Seu irmão estava do outro lado do rio com sua filha demônio e amigos, e aqui estava Styxx trancado longe novamente. Sem ninguém e com nada além de memórias que rasgavam seu coração.

Pegue sua indignação hipócrita, Acheron, e a enfie na bunda.

Mas toda sua raiva não mudou nada.

Mais uma vez, Acheron piorou a situação de Styxx. Estranho como Acheron pensava que podia ver os pecados de Styxx tão claramente e mesmo assim ficava cego para os dele mesmo. No fim, Acheron era um deus. Ele agia como todos os outros. Escolhia seus preferidos, e o resto da humanidade podia queimar que ele não estava nem aí.

E pior, como Apolo, Apollymi e Artemisa, Acheron era capaz de atos incríveis de crueldade contra qualquer pessoa quando se sentia justificado, certo ou errado, a odiá-los.

Já era ruim o suficiente quando isso era feito por um humano. Acheron tinha poder para olhar dentro dos corações e dos passados e ver a verdade. Fez isto por outros... por todos os seus irmãos Dark Hunters.

Mas não com seu próprio irmão.

Diferente de um humano que não podia, Acheron preferiu não ver Styxx. Era isso o que o tornava pior. Aquela total falta de consideração.

Entretanto, Acheron estava cercado por pessoas que puxavam seu saco e o adoravam. Ele tinha sua filha que o amava...

E eu sou o rei do inferno.

Com ninguém e com nada.

Είμαι Κανείς...

Eu sou Ninguém.

Suspirando, Styxx se sentou no chão, fechou os olhos e pensou na única pessoa que alguma vez deu a ele conforto e amor. Uma das duas únicas pessoas em toda a sua vida que o viu como ele realmente era.

Sua Bethany.

E ela foi assassinada pela mãe de Acheron no dia em que eles dois deveriam deixar toda essa besteira para trás. Se um irmão tinha motivos para odiar o outro, ele acreditava que tinha alguma vantagem sobre Acheron.

Não que importasse. Acheron estava com sua família novamente. Aninhado junto a seus seios amorosos.

Enquanto isso, Styxx estava no buraco onde Acheron logo esqueceria sua existência — se já não tivesse. Um buraco que era muito mais cruel que a Ilha Desaparecida, porque aqui Styxx não via nada além da verdadeira família de Acheron usando e abusando dele, e rindo enquanto faziam isso. Seria o mesmo que trancar Acheron de volta na casa de Estes pela eternidade.

Obrigado, irmão. Eu odeio você também.

04 de maio de 2008 d.C.

Styx suspirou quando fixou a última tábua na pequena jangada que ele tinha feito. Ao longo dos últimos meses, ele havia aprendido que quando Acheron dizia que Styx tinha que ganhar sua confiança, o que ele realmente queria dizer era: *Saia da minha frente e não me deixe ver você de novo.*

Acheron deve ter reconsiderado os servos e suprimentos, porque nada havia chegado uma vez que ele tinha sido confinado aqui.

Nem uma maldita coisa.

A única diferença entre esta ilha e Ilha Desaparecida era que esta não tinha predadores para comê-lo. E enquanto isso fez o seu mundo um pouco mais seguro, também o deixou sem muita carne, e não havia maneira de fazer cobertores ou ter energia para usar corda e laços. É claro que as folhas de palmeira torcida poderiam ser usadas em seus martelos e lanças, mas que não era tão forte ou durável como cordões de couro.

Styx fez uma careta para o sangue em sua mão. A coisa realmente ruim sobre folhas de palmeiras e as plantas era que eles tinham lâminas afiadas e espinhos, e ele não tinha como fazer luvas de couro para proteger sua pele. Suas mãos estavam tão inchadas de cortes anteriores que tinham estado infeccionadas, e ele tinha perdido ainda mais destreza, especialmente em sua mão direita.

Sem mencionar que as duas mãos latejavam constantemente.

A outra coisa que esta ilha não tinha... mamona. Ele não tinha nenhuma maneira de fazer óleo de mamona para curar a infecção. Então, novamente, não havia feijão ou nozes aqui de qualquer tipo. Sua dieta foi extremamente limitada a marisco e cocos. Ele ainda não tinha visto um pássaro, o que significava sem ovos.

A única coisa boa que ele poderia dizer sobre estar aqui era que Apollo não poderia chegar até ele.

Woo-fodidamente-hoo. Neste ponto, ele ficaria feliz em se prostituir por apenas uma única mordida em um bife...

Um copo de água não contaminada.

Xingando, Styx puxou sua mão para trás quando outro pedaço de espinho furou a ponta de seu dedo e deixou sangrando. Ele colocou-o na boca e o chupou enquanto inspecionou sua jangada. Na Ilha Desaparecida, suas jangadas só iriam circular a lagoa. Toda vez que ele tentou ir mais longe ou lançar a partir de outro lugar... ou mesmo nadar... ventos o golpeavam e o enviavam diretamente de volta à costa.

Isso provavelmente acontecerá aqui também. Mas ele tinha que descobrir. Além disso, não era como se ele tivesse mais nada para fazer... além de desenho na areia e assistir as ondas apagá-la.

Styx pegou a balsa e arrastou-a para a água. Grunhindo com o esforço, puxou o casco. Levou alguns minutos para zarpar. Então, mexeu na parte de trás e agarrou o mastro para que pudesse empurrá-lo através do rio. A falta de vela nunca o impediu de ser empurrado de volta ao inferno, mas talvez aqui fosse impedi-lo de virar.

Ele deixou a lagoa e manteve o olhar na margem oposta, onde Acheron fez sua casa. Neste ponto, ele não se importa com o que seu irmão fez. Ele só queria ouvir o som de outra voz humana, mesmo que a voz o estivesse xingando.

Para sua surpresa e deleite, ele realmente atravessou o rio. Preparando-se para o pior, ele pulou na água e puxou a balsa para a praia, fora do alcance da maré. Em seguida guardou o mastro e limpou o suor da testa. Havia uma enorme montanha na frente dele. Era Karnus, a montanha onde a maioria dos deuses Atlantes havia colocado seus templos.

Droga, isso seria uma longa subida.

Sim, bem, pelo menos é alguma coisa para fazer que não vá cortar as mãos. Ele riu amargamente nessa única verdade, em seguida, começou sua jornada.

Ele não chegou ao topo até bem depois do anoitecer. Todos os templos estavam escuros com exceção do salão principal onde Apollo o tinha jogado pela primeira vez na frente do trono de Archon.

Completamente nu Styx tinham sido preso em correntes de ouro e amordaçado.

Archon tinha franziu o cenho para Apollo.

—O que é isso?

— *Meu presente para você. Styx de Didymos. Foi-me dito por Athena para removê-lo do Olimpo, e quando estava fazendo isso, me lembrei de você dizendo que durante a sua guerra com a Grécia daria qualquer coisa para tê-lo preso e atado a seus pés por cinco minutos.*

Um sorriso doentio lento se espalhou pelo rosto de Archon.

—Qual a recompensa que você quer por este serviço?

— Apenas o direito de tomar posse dele sempre que me convenha. O resto do tempo, ele é seu para fazer o que quiser desde que você não o mate.

Archon inclinou a cabeça para Apollo. — Seus direitos são concedidos.

Apollo tinha puxado Styx do chão pelos cabelos e forçou-o a ajoelhar-se em submissão a Archon. — Nesse caso, divirta-se. Oh, você deve ser avisado de que ele morde, exceto quando está

drogado. E se você enchê-lo com Eucharistia em primeiro lugar, vai ver porque ele está marcado como um tsoulus. Ele é extremamente talentoso quando não tem controle de si mesmo. — Então ele se inclinou para cheirar o cabelo de Styxx.

Styxx tinha se afastado e olhou para ele.

Rindo, Apollo havia o recuperado depois lambeu os lábios. — Não se preocupe precioso. Volto para a minha vez com você mais tarde. — Depois de uma última apalpada, o deus tinha desaparecido e deixado Styxx exposto à custódia dos deuses que tinham saboreado sua total degradação e tortura.

Nesse momento, Styxx verdadeiramente odiava Artemisa e Acheron por terem removido suas próprias memórias e as substituído pelas de Acheron enquanto esteve no Tártaro. Se ele estivesse na posse de sua própria mente, nunca teria escolhido viver aqui.

Para Acheron, Katateros era um refúgio.

Para ele, um inferno total.

Se os seus pensamentos não estivessem repletos pelo egoísmo de Acheron, teria lembrado o quão ruim tinha sido para ele aqui.

O quanto ele odiava.

Mas Acheron não tinha ideia de que Styxx tinha vivido naquele lugar amaldiçoado. Que ele conhecia a família dele muito melhor do que Acheron fazia.

Pronto para enfrentar seu irmão, Styxx começou ir para as portas principais, mas o som do riso o puxou para o lado do prédio onde luzes brilharam com a luz de um sol. Levou alguns minutos para subir até para que ele pudesse olhar para dentro e ver o administrador de seu irmão, Alexion, e sua esposa Danger juntos com os demônios Charonte Simi e Xirena. Os quatro se sentaram em almofadas que cobriam o chão na frente de uma televisão de tela grande, assistindo algum programa que não podia nomear.

Acheron entrou na sala e foi sentar-se ao lado de Simi enquanto ele e Alexion zombavam-se. Eles pareciam tão felizes juntos. Nunca houve um momento na vida de Styxx quando ele tinha sido assim com sua família. Tão relaxado e aberto. Rindo desenfreado.

Nesse momento, ele se lembrou de todas as vezes que tinha escutado Ryssa e Acheron rindo através das paredes de seu quarto enquanto ele foi deixado sozinho.

Ou pior, enquanto ele tinha sido forçado a “entreter” Apollo para os sons de seu devaneio amigável.

Descendo, ele encostou-se à construção de pedra e tentou acalmar suas respirações irregulares. Uma parte dele queria ir só para perturbar sua felicidade. Um olhar para ele e eles todos parariam de rir.

Mas ele não queria se intrometer.

Ele não pertencia àquele lugar. Ele não era parte da família de Acheron.

Dobrando os joelhos, Styxx apoiou o braço sobre eles, para que ele pudesse ver nomes de Bethany e Galen ao luar. Como sentia falta de estar sentado com ela enquanto lhe contava histórias sobre sua própria família e quanto a amavam. Como o pai dela a levava caçar, e como sua mãe vivia para seus “tempos de garotas”.

Styxx fechou os olhos e deixou a agonia de sua perda lhe fazer companhia por algum tempo enquanto os risos continuaram a chegar aos seus ouvidos. Ele passou os dedos contra o rosto e fingiu que eram as delicadas e bonitas mãos de Bethany, que ele tocou. Mas suas mãos eram grossas, cortadas, e inchadas. Calejadas. Elas não eram as mãos refinadas e macias de sua gentil esposa.

As lágrimas encheram seus olhos enquanto ele sentia falta dela com cada parte de seu ser.

Tentando distrair-se de algo que ele não poderia mudar, Styxx olhou sobre os templos escuros até que viu o que tinha pertencido à deusa da ira e da miséria. Ele ainda não sabia de tudo o que ela tinha feito para ele, enquanto esteve lá. Essas memórias nunca tinham retornado.

Mas ela tinha sido melhor para ele do que o resto do seu panteão. Ao contrário dos outros prédios ao redor dele, que mantinham um aviso horrível de seu tempo aqui.

Antes que percebesse o que estava fazendo, dirigiu-se para ele. Embora estivesse escuro, a lua cheia lançou luz suficiente para que pudesse ver muita coisa. Como o salão em que Acheron tinha lhe despejado, estava intocado. Parecia como se ela estivesse retornando a qualquer instante para recuperá-lo.

Ele foi diretamente para o fundo, onde era a piscina de banho. O quarto era exatamente como se lembrava. Ele olhou para a *chaise* branca onde ela tinha se sentado, observando-o. Enquanto se dirigia em direção a ela, viu a bandeja de sais e loções que ela colocara ao lado da piscina para seu uso.

Ajoelhado, ele levantou as tampas e congelou quando ele sentiu o cheiro de eucalipto e lírios de Bethany. Mas, então, esta tinha sido a sua deusa protetora. Fazia sentido que usasse fragrâncias sagradas para Agriosa.

Ele começou a colocá-la de volta, mas ele não podia. Ele queria continuar com ela por um tempo.

Seu olhar foi para o quarto onde a deusa o tinha levado para dormir. Embalando a pequena urna que cheirava a Bethany dirigiu-se para ele e abriu a porta para ver a mesma cama enorme com cortinas vermelhas que ela o tinha escondido dentro. Seu símbolo: uma mulher segurando um arco-pendurado na parede acima dela.

Contra a sua vontade, ele cruzou o quarto e colocou a urna na mesinha ao lado da cama. Ele se perguntou se Agriosa tinha morrido ao mesmo tempo em que Bethany. Ou se Apollymi tinha matado a deusa loura da ira antes disso.

Não que isso importasse. Ambas tinham ido e não mereciam o que Apollymi tinha feito a elas.

Styxx puxou as cobertas para trás e deslizou na cama macia... Tinha passado anos desde a última vez que dormiu em um colchão. Ele enterrou o rosto no travesseiro que cheirava tão parecido com Bethany e fez seus olhos lacrimejarem tudo de novo. *Eu daria qualquer coisa para acordar em seus braços.*

Para sentir sua mão em meu cabelo.

Um sorriso triste curvou seus lábios quando ele se lembrou de sua irritação quando ele tinha cortado tudo, mas raspou a cabeça depois que Apollo e seu pai tinha usado seu cabelo para ser rude com ele um longo tempo. Se não fosse por ela, ele nunca teria crescido novamente.

Mas tanto quanto odiava seu cabelo, ela gostava brincar com ele e passava horas à noite rodando os fios em torno de seus dedos. Mesmo quando dormia, ela estendia a mão para ele.

— *Por que você gosta do meu cabelo assim?*

— *Isso me fascina. Você é tão duro em qualquer outro lugar, mas seus lábios e seus cabelos são como plumas de um patinho. E eu amo as ondas nele, e como cheira bem. Deixe-o crescer até seus joelhos e vou tricotar um suéter dele. Então poderei tê-lo comigo o tempo todo.*

— *Se eu fizesse isso, Beth, você não teria nenhum uso para mim. Eu nunca poderia vê-la novamente.*

Ela soltou um suspiro pesado. — Porra, você está sobre mim. Acho que nunca vou ficar com uma camisola agora. Vou estar presa com você para sempre. Oh, o horror absoluto de tudo isso.

Ele riu de sua provocação.

Styxx agarrou o travesseiro como um soluço sufocado. Parecia que este seria sempre seu destino: perder aqueles que amava, e, em seguida, estar preso com algo insubstancial para segurar que o lembrava deles. Fechando os olhos, ele deixou a agonia de tudo lavar sobre ele. Tudo o que ele queria era o que Acheron tinha sempre conseguido como privilegio.

Um único membro da família que o amava.

Único.

Quando menino, Acheron tinha segurado o amor e lealdade de Styxx, bem como de Ryssa. Acheron sempre teve o coração de Ryssa, nesse assunto. Enquanto Styxx tinha sido deixado com sua ira e rancor.

Ao longo dos séculos, enquanto Styxx tinha definhado sozinho, Acheron tinha levado sua filha Charonte e foi protegido por Savitar, e o exército de Dark Hunters o amava e adorava. Por quase oito mil anos, Acheron tinha Alexion aqui como seu administrador e seu irmão.

Era tão injusto.

— *Ouçá-me, rapaz. Os justos não têm lugar neste mundo. Apenas crianças lamentam por justiça. Os homens têm batalhas mais importantes para lutar... E na vida, como na guerra, não é nem certo nem errado. É apenas isso. E ao invés de se preocupar sobre uma filosofia que não pode mudar você deve apenas tentar viver através dela o melhor que puder.*

Galen estava certo e ele sabia disso. Mas não o tornava mais fácil de suportar.

— Eu não posso continuar a viver assim.

Depois de todos os pecados que ele cometeu, Acheron tinha encontrado seu lugar no mundo e conseguiu ter uma vida decente...

Para além de ter de continuar a lidar com Artemisa e seus acessos de raiva. Styxx não invejava seu irmão naquilo. Mas pelo menos ele não era tão humilhante e brutal como o relacionamento de Styxx com Apollo. Enquanto Artemisa era difícil, ela amava Acheron. Ela gerou uma filha que guardava acima de todos os outros. Sim, ela era dura em Acheron, mas também podia ser gentil. Ela nunca tinha tratado seu irmão com a mesma animosidade, desprezo e crueldade que Apollo tinha mostrado à Styxx.

Nem uma vez que ela tinha passado Acheron ao redor ou partilhado com outras pessoas. Ela não o segurou e o sufocou até que ele estivesse quase morto e em seguida, reanimou-o, para que ele soubesse o quão frágil era comparado à um deus.

Pior, Apollo atirou o ódio do relacionamento de Acheron e Artemisa em Styxx, também. Toda vez que Acheron tinha ofendido Apollo, ele veio direto para Styxx para vencê-lo como se fosse de alguma forma, sua culpa.

E uma vez que à ele tinham sido dadas as memórias de Acheron, sabia que tudo era um fato. Ironicamente, ele não viu Artemisa da mesma forma o seu irmão fazia. Ela atacou Acheron por medo.

Apollo atacou por raiva e ódio extremo.

Enquanto ambos eram sugados, Styxx poderia ter lidado com a ira de Artemisa muito mais fácil uma vez que só saiu quando Acheron disse ou fez algo para assustá-la. Não havia nenhuma maneira de avaliar o gatilho de Apollo. Ele ficava com raiva quando Styxx lutava com ele e duas vezes mais irritado quando ele não o fazia. Ao contrário de Artemisa, não havia amor em Apollo para atenuar seus ataques. Sem culpa para depois querer fazer as pazes.

Apollo era simplesmente um valentão. Ele amava seu poder sobre os outros e saboreou cada gota de dor que ele pôde torcer para fora de alguém.

De fato, Artemisa nunca riu alegremente no ouvido de Acheron quando o machucava ou lhe deu um soco com os punhos.

— *É isso, príncipe. Grite para mim. Deixe-me ouvir sua agonia! Implore-me por minha misericórdia!*

A primeira lição que ele aprendeu ao lidar com Apollo foi não fazer o que ele dissesse. Quanto mais ele implorou por misericórdia, menos o deus deu a ele.

Assim como Acheron. Seu irmão nunca teve a intenção de que ele fosse livre mais do que Artemisa tinha.

Longe da vista, longe do coração. Isso era tudo o Styxx tinha tido.

01 de Outubro de 2008 d.C.

— Quem é você?

Styxx parou com a voz masculina com raiva que era espessa com um antigo sotaque délfico. Ele virou-se na piscina para ver um homem bem construído extremamente alto, com cabelo loiro branco que usava puxado para trás em uma fila.

Urian.

Lembrou-o das memórias de Acheron. Este era o filho de Stryker, que teria morrido pela mão do mesmo se Acheron não tivesse salvado sua vida. Ao mesmo tempo, Urian tinha sido o mais cruel dos assassinos e um inimigo para Acheron e seus Dark Hunters. O Daimon encontrou-se ao lado direito de seu pai e ajudou a abater incontáveis seres humanos. Mas agora, graças à Acheron, Urian não precisava mais de almas humanas para sobreviver.

Atualmente, Urian era o segundo no comando de Acheron, e um de seus melhores amigos.

E enquanto Styxx observava o homem, havia algo estranhamente familiar sobre ele. Algo que ele conhecia intimamente.

Isso porque ele é o neto direto de Apollo.

Sim, provavelmente seria isso.

— Eu lhe fiz uma pergunta, — Urian rosnou. — Você não me entende?

— Eu ouvi você.

— E então?

Styxx saiu da piscina e pegou uma toalha. Ele rapidamente se secou e em seguida a enrolou em torno de seu quadril, antes que diminuísse a distância entre eles.

— Pergunte-me quando você encontrar um novo tom. Um que tenha respeito nele.

A maneira que Urian arqueou as sobrancelhas e inclinou a cabeça congelou-o no local. Era semelhante a um movimento que Bethany costumava fazer quando estava realmente cruzando com ele. Que estranho ver aquela expressão em um estranho, e um macho.

— Você deve ser Styxx.

— Então você não é tão estúpido quanto parece.

Urian começou a comentar até que seu olhar focou no corpo de Styxx.

— Porra, você está bem marcado.

— Não estamos todos?

Urian não comentou sobre isso.

— Disseram-me que tinha sido colocado em uma das outras ilhas.

— Eu fui.

— Então por que você está aqui?

Styx x pegou outra toalha para secar o cabelo.

—Eu gostei daqui, é melhor.

— Você é sempre assim um grande idiota?

— E você?

— Basicamente, sim. No entanto, pensei em moderar isso para você. Acho que sou um idiota ainda maior do que imaginava.

Styx x riu da honestidade inesperada de Urian. — Então, eu odiaria vê-lo em um dia ruim se isso é um bom.

— Sim, bem, de acordo com Ash eu praticamente atinjo seus nervos a cada dez minutos.

— Você precisa de todos os dez minutos? Estou impressionado. Tudo o que tenho a fazer é entrar em sua linha de visão para arruinar todo o seu ano.

Urian sorriu então indicando as cicatrizes de Styx x com uma inclinação de cabeça.

— Você deve ter sido um soldado que viu um monte de combate.

— Eu era... e vi.

— Cavalaria?

— General.

Urian arregala os olhos — Em seu...? Oh, espere, espere um minuto. Styx x... Styx x de Didymos, Styx x?

Ele acenou com a cabeça.

Urian gaguejou incrédulo. — Quão estúpido sou? Eu nunca coloquei os dois nomes juntos antes. Principalmente porque assumi que o General que condenou Atlântida próximo à derrota era um homem velho. Oh wow..., — ele respirou. — Você era uma lenda. Quando eu era criança, extensivamente estudei suas notas de guerra que sobreviveram, relatórios, e todas as coisas escritas sobre você. Suas táticas me fascinaram, mas não havia muito.

— Eu não queria que alguém usasse minhas estratégias contra mim.

— Como eu disse, brilhante, e se você me conhecesse, saberia que jamais falo excessivamente de mais ninguém. — Urian estendeu o braço. — Isso é realmente uma honra.

Styxh hesitou, em seguida, sacudiu-o. — Então, quantos anos você tem... realmente?

— Eu nasci algumas semanas antes que você e Acheron morressem. E antes que você me condene, eu principalmente vivia de pessoas que mereciam morrer.

— Principalmente?

Urian encolheu os ombros. — Às vezes você não pode ser exigente. Mas nunca me alimentei a partir de uma mulher humana ou criança. Ou qualquer um que não poderia lutar de volta.

Styxh levantou as mãos. — Eu não estou em posição de julgar ninguém por como sobreviveram.

A profunda carranca enrugou a testa de Urian.

— É estranho embora.

— O que é?

— O quanto você e Acheron se parecem para não estarem relacionados na realidade.

Suspirando, Styxh largou a segunda toalha, depois penteou com os dedos o cabelo loiro e curto. — Truque da mãe dele para despistar os deuses que procuravam por ele.

— Ela fez bem. Eu tinha meu próprio irmão gêmeo fraterno.

— Tinha?

— Ele foi morto há muito tempo por um Dark Hunter.

— Oh, eu sinto muito.

Urian inclinou a cabeça para ele. — Obrigado. Eu também. É difícil perder um irmão, e duas vezes mais difícil quando você nasce junto. Mais ou menos como perder um membro.

Styxh iria concordar com isso. — No meu caso, mais como perder um infectado.

Urian riu. — O que aconteceu entre vocês? Quero dizer, caramba, Acheron me perdoou, e eu definitivamente não merecia uma segunda chance. Você não parece um bastardo sem rodeios, e você definitivamente não lutou como um. As coisas que você fez... você protegeu seu inimigo contra suas próprias tropas. E você estava frito para ele por historiadores e comandantes gregos.

— Eu estava queimado para ele por muitas pessoas.

Urian seguiu da piscina para o quarto.

— Quantos anos você tinha quando foi pela primeira vez para a batalha? Cinco?

— Dezesseis. — Styxx pegou suas roupas e fui atrás de uma tela para se vestir.

— Porra, que época dura. Meu pai se recusou a nos deixar perto de batalha até após nossa maioridade. Ele esperou tanto tempo, foi realmente embaraçoso. — Urian deu um passo para trás e fez um gesto em direção à porta. — Você gostaria de vir até o salão principal comigo? O jantar deve ser quase pronto.

Ele adoraria, mas sabia melhor.

Styxx balançou a cabeça quando rodeou a tela. — Eu não sou bem-vindo lá. Acheron teria um ataque em me encontrar no seu templo.

Tristeza escureceu os olhos de Urian. — Não se preocupe. Eu não vou dizer ao chefe que você está aqui. Fique o tempo que quiser.

— Obrigado, Urian. — Styxx foi pendurar suas toalhas para secar.

— Ei? — Urian chamou. — Você gostaria que lhe trouxesse um jantar?

— Deuses, sim, eu mataria por algum. — Essas palavras sinceras saíram apressadas antes que ele pudesse detê-las. Embaraçado pela emoção que ele tinha traído, limpou a garganta.

— Sim, por favor. Eu aprecio isso.

— Eu vou estar de volta logo que puder.

Styxx ficou olhando para ele por alguns minutos, ficou claro para ele que Urian era pouco mais velho que seu filho Galen teria sido. Os dois poderiam ter brincando juntos e ido para guerra como amigos.

Esse conhecimento fez estranhamente protetor de um homem que era fisicamente mais velho do que ele. E enquanto Urian não era tão alto como Styxx, ele era mais musculoso. Que estranho. O menino ficaria muito ofendido se soubesse que Styxx já era protetor a ele.

Tentando não pensar nisso, Styxx foi para terminar suas tarefas antes que ficasse escuro demais para ver.

Algumas horas mais tarde, ele estava retirando seus moluscos secos para comer com leite de coco quando Urian voltou com uma mochila que colocou na mesa ao lado Styxx.

Ele franziu o cenho para o jantar de Styxx. — O que é isso?

Styxx encolheu os ombros, em seguida, retornou os mariscos à urna onde ele guardou.

A carranca de Urian se aprofundou quando derrubou a xícara de barro lascada para ver o leite de coco nele.

— Ew! É mesmo? Você estava realmente indo beber essa merda?

— Ούτε καν οι θεοί αγωνίζονται αναγκαστικά, — Styxx disse simplesmente.

Urian riu. — Nem mesmo os deuses lutam necessariamente... bom. Você disse que, isso a seus homens antes da batalha de Ena.

— Eu fiz?

— Você não se lembra? — Urian se deteve quando tirou uma tigela de algo que Styxx nunca tinha visto antes, mas cheirava maravilhoso.

— Honestamente, não, e realmente não posso levar o crédito por isso. Era algo que o meu mentor costumava dizer-me o tempo todo.

— E o que ele diria sobre isso? — Urian ergueu uma garrafa de vinho.

— Brôma Theôn. — Alimento dos deuses.

Urian entregou a ele, em seguida, cavou o abridor e dois copos.

— Eu vou arriscar um palpite de que você é um pouco curto em suprimentos. Você gostaria que eu lhe trouxesse alguma coisa?

— Eu posso fazer isso, mas um pouco de água fresca seria bom. Não chove aqui, e não fica o suficientemente quente para fazer muita condensação. Tem sido difícil dessalinizar a água do rio, que não consigo descobrir porque é salgado... — Mas era. E não havia nenhum riacho ou lagoa que ele tinha sido capaz de localizar.

Urian franziu o cenho. — Por que você não permaneceu onde seus suprimentos estavam?

Styxx tirou um garfo fora da mochila e sentou-se para comer a comida... Mais estranha que ele já tinha visto. Era como vermes brancos só que realmente longos e revestidos em algum tipo de molho vermelho.

— Eu não recebi nenhum.

Urian ficou horrorizado. — Do que você tem vivido?

Fechando os olhos, Styxx saboreou o gosto estranho. Ainda estava quente... Ele engoliu em seco e limpou a boca antes de responder. — Mariscos principalmente... sempre que posso encontrá-los. Cocos. Algumas verduras que descobri lá atrás. — Ele tomou um gole de vinho, em seguida, suspirou em quão bom era isso. A última vez que ele tinha tido isso foi anos atrás, em Nova Orleans.

Ele sentiu Urian olhando para ele. — O quê?

— Nada.

Foi só então que Styxx percebeu que Urian era uma das poucas pessoas cujos pensamentos ele não podia ouvir. Ele não tinha ideia do que o homem estava pensando.

Urian agarrou a mochila. — Volto em poucos minutos, está bem?

Styxx assentiu enquanto continuou comendo o...

— Urian? Como se chama isso?

— Espaguete.

— É muito bom. Obrigado.

— Parakaló. —De nada.

Uma vez que Styxx terminou, ele lavou a tigela e a secou, em seguida, levou seu vinho para a piscina. Ele não sabia porquê gostava de ficar neste quarto. Havia apenas algo sobre ele que o acalmava.

Arregaçando as pernas da calça, ele viu que o tecido estava começando a rasgar. Ele precisava ter mais cuidado ao lavá-la e usá-la. Como não havia nada aqui para substituí-la ou animais a utilizar para peles, teria que fazer isso durar. Ele mergulhou os pés na piscina e sentou-se sozinho, no silêncio.

Ele tinha acabado o seu vinho quando Urian retornou.

— É isso que você faz à noite?

— Você tem que obter um monte de sono.

— Na verdade não. —Mesmo agora, ele não conseguia dormir por uma noite.

— Como você não está louco?

Styxx bufou. — Quem disse que não?

Urian lançou um sopro alongado. — Eu não poderia aguentar três dias deste tédio sem ficar completamente louco, delirando.

— Em comparação às prisões, confie em mim, isso não é tão ruim. Ninguém está pondo marcas quentes em mim ou me batendo, e não estou acorrentado a nada ou drogado. O melhor de tudo, não tenho que me dobrar ao meio para me humilhar.

Styxx levantou-se e puxou a calça jeans para baixo. — Não há mais nada a fazer, realmente. Às vezes vou lá fora olhar para a lua.

— Preso por quê?

— Ter nascido irmão de Acheron... bem, exceto quando Apollo e os atlantes me seguraram aqui. Isso foi totalmente minha culpa. Acontece que os deuses não gostam quando os seres humanos os derrotam e invadem suas terras natais. Quem diria?

Styx girou o braço ao redor da sala. — Você sabia que o templo pertencia a Bet'anya Agriosa... a deusa atlante da miséria e da ira? O próximo templo, à direita pertencia a Epithymia, a deusa do desejo. Ela era uma puta real. Cruel. Fria. Viveu para magoar os outros. Esta sempre me fez pensar se Afrodite era qualquer coisa parecida com ela. — Styx fez uma pausa enquanto observava a expressão no rosto do Urian. — Desculpe. Eu não estou acostumado a ter alguém com quem conversar.

Urian não tinha certeza do que fazer com Styx. Do pouco que Acheron tinha mencionado de seu irmão, ele esperava algum arrogante, idiota exigindo que olhasse para as pessoas ao seu redor como se fosse sujeira.

O homem na frente dele não era, definitivamente, o irmão que Acheron tinha descrito. Não havia arrogância nele. Ele tinha uma forma muito tranquila, uma natureza desconfiada. Ele lembrou Urian mais os jacarés que chamavam de casa nos pântanos da Louisiana.

Styx manteve os olhos em tudo ao seu redor, avaliando cada canto e sombra como uma possível ameaça. Embora ele parecesse estar à vontade, não havia dúvida de que ele poderia lançar-se em sob sua garganta e o rolar para matá-lo antes mesmo de vê-lo se mover.

Sim, Urian poderia facilmente ver em Styx o lendário general sobre o qual tinha lido. O único que não reclamou sobre nada e que tinha sacrificado e vendido seus próprios objetos pessoais para comprar suprimentos para seus homens. Apenas as cicatrizes físicas em seu corpo fazia uma piada à pessoa que Acheron pensava que ele fosse.

Este não era um príncipe mimado que fora aguardado sobre suas mãos e pés, e que esperava que o mundo inteiro se curvasse a ele. Em mais de 11 mil anos, Urian nunca tinha visto um homem mais marcado. Até mesmo os dedos de Styx e as costas das mãos, diziam que ele teve uma vida difícil e dura. Para essa matéria, Styx mal teve o uso de sua mão direita. Dois de seus dedos, o dedo mindinho e o anelar, ficaram enrolados contra a palma da mão. E os outros dois não esticavam totalmente.

Mais notavelmente, ainda assim, havia apenas quatro cicatrizes no rosto. E um deles era apenas perceptível se prestasse bastante atenção. Ele tinha uma pequena cicatriz embaixo do olho esquerdo. Uma que passava ao longo de sua linha do cabelo na testa, que foi coberta pelos cabelos a maior parte do tempo. Uma que cortava toda a sobrancelha direita, e uma no centro do lábio superior, onde havia sido preso aberto com força tantas vezes que tinha deixado uma marca permanente em linha vertical e espessa.

A péssima condição do corpo de Styxx confirmou o que ele tinha dito sobre o cativeiro. Como fez o seu conhecimento dos templos. Não havia mais nada dentro de qualquer um dos edifícios para dizer a quem pertenciam e nem mesmo Acheron sabia.

Mas Styxx sabia.

E o que realmente ferrou com a cabeça de Urian era o fato de que Styxx tinha estado preso por mais de onze mil anos. Sozinho. Era alucinante. Ele teria chamado o homem de mentiroso por isso, mas, novamente, as cicatrizes e sua calma aceitação de que Acheron o despejasse aqui e esquecesse-se dele testemunhou o fato de que Styxx era mais do que acostumado com isolamento e abandono. Mais do que acostumado a arrecadar sobras para comer.

E tudo que Styxx pediu foi água para beber.

Ele ainda não conseguia acreditar o quão humilde o pedido que era.

— Eu lhe trouxe mais comida, — disse Urian, tentando quebrar o silêncio constrangedor súbito.

— Não era necessário.

— Tendo visto a merda que você tinha no seu prato quando trouxe o macarrão, vou discordar respeitosamente.

Urian voltou para o outro quarto e não perdeu o fato de que Styxx manteve muito espaço vazio entre eles. Ele também andou em um ângulo de modo que pudesse ver se Urian estava pegando uma arma.

A maneira Styxx que fez isso, estava programado nele. Isso também transformou em piada a besteira de príncipe mimado.

Styxx congelou quando viu a abundância de comida que Urian tinha trazido em uma caixa de plástico grande. — Pão, — ele sussurrou impressionado pela visão preciosa disso.

— Sim, essa é a coisa branca no saco de plástico.

Sua boca encheu de água com o pensamento de provar o pão novamente...

Urian recuou para que Styxx olhasse através da caixa e ver o que ele continha.

O coração de Styxx correu em emoção com a quantidade gloriosa de alimentos. Tinha passado milhares de anos desde que ele tinha passado por esse excedente. Muito disso, ele não tinha ideia do que era. Mas era comida... Manteiga de amendoim. Carne seca. Presunto picante...

Por que presunto estava possuído?

Não importava. Ele o comeria de qualquer maneira.

Styxx puxou sua mão para trás quando tocou em um saco de maçãs. Por um minuto, ele não podia respirar enquanto se via como um menino em seu quarto.

— *Aqui, irmão. — Então Acheron iria rolar uma através do buraco na parede para ele pegá-la.*

Sua garganta apertou quando ele moveu a mão e colocou os itens de volta na caixa para cobrir as maçãs.

— Obrigado.

Urian pegou outra caixa que tinha colocado no chão.

— Eu tenho a água e mais vinho. E coloquei velas e um isqueiro aqui, também.

Styxx colocou a tampa na parte superior da caixa.

— Obrigado, mas eu não vou precisar disso.

— É muito escuro aqui.

Styxx encolheu os ombros. — Eu estou acostumado com isso. Além disso, se Acheron vir uma luz, não há como dizer como irá reagir, e não quero lutar com ele. Acima de tudo, não quero que ele tire o pouco de liberdade que tenho.

Ou limitar-me em um templo onde eles me estupraram e me bateram.

— Tudo bem. Eu vou... hum... vou trazer mais comida depois de amanhã.

Styxx sorriu para Urian. — Cuidado, se você continuar assim não terei nada para ocupar a mim mesmo.

O telefone de Urian tocou. Desculpando-se, atendeu. — Hey, Cass, está tudo bem?

Styxx ouviu uma mulher do outro lado, e que ela pediu para Urian ficar por alguns dias em um lugar que ele nunca tinha ouvido falar antes.

— Claro. Não me importo de ser babá. Você sabe disso. Eu amo seus anjinhos... Sim, vejo você em breve. Eu também te amo. — Ele desligou.

— Sua esposa? — Styxx fez a suposição mais natural dado ao amor que ele tinha ouvido na voz de Urian enquanto falava com ela.

— A irmã da minha esposa.

— Ah. O mesmo acontece com a sua esposa, vivem no templo principal com você?

Urian chegou a tocar o colar que ele usava de uma forma que lembrou Styxx de como ele costumava acariciar o colar de Bethany em seu pulso.

— Não. Ela morreu.

— Estou extremamente arrependido. Eu sei como isso é difícil.

— Eu agradeço, mas tinha uma ligação muito especial com a minha Phoebe. E ela foi morta quando eu deveria estar lá para protegê-la.

Styxx engoliu em seco como suas próprias lágrimas levantou-se para sufocá-lo. — Eu sei a sua dor, Urian. Minha esposa foi assassinada pela mãe de Acheron enquanto estava grávida de nosso primeiro filho. E não tenho absolutamente nada deles, a não ser minhas memórias.

O olhar de Urian caiu para seu braço. — Betânia e Galen?

Ele acenou com a cabeça. — Eu não tinha outra forma de honrá-los. Eu nunca sequer cheguei a ver seus corpos. — Ele limpou a garganta.

— Você precisa ir para a sua família. Não os deixe esperando.

— E você?

Styxx riu. — Eu lhe asseguro, estarei aqui quando você voltar.

Urian deu-lhe uma saudação antiga que Styxx rapidamente retornou então deixou-o para ir até a colina. Mas a cada passo que dava, tinha uma sensação estranha. Como ele sabia que Styxx estava em algum lugar. O homem era tão familiar para ele.

Ele é irmão gêmeo de Acheron.

Não era isso.

E não era como se não ficasse obcecado sobre ele quando era uma criança ou qualquer coisa. Ele riu ao lembrar-se de seu pai proibindo-o de sequer dizer o nome de Styxx em sua presença.

— *Se eu ouvir você falar desse bastardo de Didymos mais uma vez, Urian, eu vou te bater até que você não possa sentar-se. E pare de se vestir como ele! Ele era um inimigo de Atlântida e Apollymi.*

Para essa matéria, Urian tinha o emblema da Phoenix de Styxx tatuado em seu bíceps. Melhor nunca deixá-lo ver, apesar de tudo. Poderia assustá-lo. Mas, então, Urian tinha e mantinha coberto. Tinha sido outra coisa que havia enfurecido o pai.

Urian fez uma pausa para olhar para trás, o templo escuro. Se ele não tivesse saído para uma caminhada mais cedo e ouvido os fracos respingos, nunca teria conhecimento de que Styxx estava lá dentro. E ele quase ignorou e continuou. Apenas seus séculos de nervos aguçados e incessante necessidade de verificar e bloquear o seu perímetro o levaram a investigar o ruído externo.

Quando ele retomou o caminho para o salão principal, não podia entender o raciocínio de Acheron onde Styxx estava em causa. Depois de ter perdido todos os seus irmãos, ele daria tudo para ver um deles novamente. Até mesmo Archimedes, que tinha intimidado e o empurrado ao ponto de Urian querer rasgar seu coração para fora. Os dois mal podiam estar em um quarto que algum não saísse machucado do evento infeliz.

Mas mesmo assim, ele acolheria aquele idiota de volta se pudesse.

— Caramba, Ash. Quem em sã consciência joga fora um irmão perfeitamente bom?

01 de novembro de 2008 d.C.

Styx suspirou em seu sono quando sentiu uma suave mão em seu cabelo. Calafrios o agitaram, enquanto o cheiro de Bethany encheu sua cabeça.

— Beth? — Ele suspirou, abrindo os olhos. Ele rolou, então saltou para longe quando viu uma minúscula mulher de cabelos castanhos avermelhados, que não tinha nenhuma semelhança com Bethany.

Ela afastou-se com igual parcela de cautela.

Styx levou um minuto para encontrá-la nas lembranças de Acheron. Seu nome era Danger. Uma antiga Dark Hunter que morreu, ela era o espírito que se casou com Alexion. Os dois viviam no templo de Acheron e o mantinham para ele.

— Você deve ser... “o monstro” — Styx.

Ele ouviu a pausa dela alto e claro.

— Você deveria ir embora.

Ela estalou a língua para ele.

— Andava me perguntando para onde minha comida estava desaparecendo. Alguma ideia do quão duro é manter um estoque de Ding Dongs de um Charonte, quando metade do esconderijo está confiscado?

Ele puxou os cobertores mais para cima para manter-se coberto da curiosidade no olhar dela. Os olhos dela se arregalaram quando viu as cicatrizes em seus braços, mãos, e parte superior do peito.

— Não quis assustá-lo. Quem é Beth?

— Minha esposa... era minha esposa.

Ela franziu a testa.

— Não sabia que você era casado. Acheron nunca mencionou isto. Beth não é um nome grego, é?

— Ela era egípcia.

Danger inclinou a cabeça para estudar seu antebraço.

— E Galen?

— Você lê grego?

— Meu marido é grego. Não tão antigo quanto você, mas definitivamente não é moderno. Desde que ele ama tanto sua língua nativa, eu a aprendi... Então quem é Galen?

— Galen era meu filho.

Seu cenho aprofundou.

— Pensei que o sobrinho de Acheron fosse Apollodorus.

— Ele era o filho de Ryssa, não meu.

— Oh... — *Por que Ash nunca mencionou que tinha outro sobrinho?*

Styx apenas conteve-se antes de responder ao pensamento dela.

— Por que está aqui? — Ela perguntou.

— Estava dormindo.

Ela rolou os olhos.

— Você sabe o que quero dizer.

Saía, era o que ela queria dizer. Ele ultrapassou as boas vindas. Além disso, se Acheron soubesse de sua presença, não saberia dizer o que faria dado seu ódio por ele.

— Voltarei para minha ilha. Desculpe se a perturbei. Direi para Urian não me trazer mais comida. — Ele olhou significativamente para suas roupas que estavam colocadas na mesa atrás dela, enquanto erguia o lençol mais para cima. — Mas não posso partir até que você permita me vestir.

— Não estava dizendo para você partir ou parar de receber alimentos. Estava brincando sobre isto.

— Oh. Não estou acostumado a ser provocado.

— Você está bem?

Não, ele não estava. Styx sufocou o pesar e a tristeza que evocava a generosidade dela. Ele não interagia com uma mulher assim desde Beth. Nem teve qualquer mulher o tocando assim, desde o dia em que ela partiu para o Egito. E tão ruins quanto às memórias eram, ter sido acordado por Danger bateu todo o peso de sua perda por sua goela abaixo.

— Estou bem. — Ele suspirou. Mas não estava bem. Não estava há milhares de anos.

Ela moveu-se para tocá-lo.

Styx encolheu-se para longe dela.

— Por favor, não faça. — Doía demais ter uma mulher tão perto dele, e ela colocar a mão na pele dele...

Preferia ter os padres e seus ferros quentes.

Finalmente ela afastou-se da cama.

— Gostaria que lhe fizesse o café da manhã enquanto se veste?

— Obrigado, mas não quero incomodá-la.

— Não é nenhum incomodo. Confie em mim. Será muito mais fácil alimentá-lo do que a dois Charontes. Isto estará lhe esperando quando você terminar. — Ela desapareceu antes que ele pudesse agradecer-lhe novamente.

* * *

Danger parou perto das caixas de alimentos, enquanto olhava para trás para o quarto onde encontrou Styxx. Acheron ordenou-lhe para ficar longe dele. Tinha sido tão enfático ao dizer-lhe para não se aproximar da ilha de Styxx.

Mas por quê?

Ele não era o monstro que Acheron o fez parecer. Era realmente bastante cortês e tímido. Dificilmente o imbecil arrogante do qual Acheron e Alexion lhe chamaram.

Ela sorriu quando viu o modo como ele organizou sua comida. Tudo estava meticulosamente colocado, entretanto isto fazia sentido já que ele não tinha muito com que se ocupar.

O que ele fazia o dia todo? Não havia nenhum livro, instrumentos, ou qualquer coisa daquela natureza. Ele tinha uma pequena coleção de armas e ferramentas feitas à mão. E uma tigela realmente adorável que tinha sido esculpida em pedra.

Ela assoviou baixinho quando correu a mão pela superfície lisa.

— Você é incrivelmente talentoso. — Ele até cinzelou um padrão de arcos gregos em torno da extremidade disto.

Seu sorriso enfraqueceu quando percebeu que a comida dele consistia de nada além de artigos para o Juízo Final. Tudo foi projetado para ser reconstituído ou estava dissecado, com poucos legumes e frutas frescas.

E uma caixa de Ding Dongs da Simi.

— Isto não é uma refeição digna. — Ela se riscou de volta para a cozinha onde ela e Alexion cozinhavam para Simi, Xirena e Urian sempre que ele estava em casa. Tão depressa quanto

conseguiu, fritou dois ovos e um pouco de bacon e fez uma pilha de pequenas panquecas para Styxx. Agarrando um copo de leite, retornou para ele.

Tinha acabado de colocar isto na mesa quando ele atravessou a porta e parou.

Seus olhos iluminaram como os de Simi, sempre que apareciam as Diamonique na QVC⁴⁷.

— Ovos e bacon?

— Sim.

Embora ele não sorrisse, a alegria naqueles elétricos olhos azuis a aqueceram. Mas ele não se aproximou. Curiosa sobre isto, ela afastou-se da mesa.

Somente quando ela estava fora de alcance ele moveu-se para se sentar.

— Isto tem um cheiro delicioso. Obrigado. Não consigo me lembrar da última vez que saboreei ovos ou bacon.

Quando ele começou a comer as panquecas como pão, ela o impediu.

— Isto são panquecas.

— Certo. — Ele dobrou-as para comer.

Ela mordeu de volta um sorriso.

— Não é um pão pita, querido. Você coloca melaço sobre isto e o corta.

Ele franziu a testa como se não tivesse nenhuma ideia do que ela estava falando.

— Melaço?

Eles não deveriam ter aquilo em sua época. Ela ergueu o pequeno recipiente.

Seu cenho se aprofundou.

— Mel escuro?

— Não. É doce como mel, mas é xarope de bordo. — Ela derramou isto em cima das panquecas para ele.

Ele hesitou antes de tentar fazer isto, então deu um sorriso para ela.

— Quem quer Ding Dongs quando se pode comer isto?

Ela riu do entusiasmo inesperado dele.

Então ele ergueu o leite e o cheirou.

⁴⁷ Linha de joias a venda no canal a cabo de compras QVC.

— Vaca?

— Um... sim. — *O que ele achou que fosse?*

A expressão dele dizia que isto era ambrosia para ele. Ele tomou um grande gole.

— Não tomava leite de vaca desde... não consigo nem lembrar.

Danger o observou. Era muito desconcertante ver alguém que parecia tão semelhante à Acheron, e ainda ser tão diferente. E enquanto o estudava, percebeu que o cabelo curto dele estava realmente massacrado e desigual.

Como se ele o tivesse cortado com uma de suas facas de pedra feitas à mão.

— Você corta seu próprio cabelo?

Ele depositou o garfo e o tocou constrangido.

— Sinto muito se isto a ofende. Não tenho tesoura.

— Não me ofende. Se você quiser, posso igualá-lo para você.

O humor dele ficou muito mais sombrio quando voltou a comer.

— Não importa. Ninguém o verá.

Lágrimas juntaram-se nos olhos dela com o tom estoico dele.

— Realmente não me importo. Corto o de Alexion o tempo todo.

Styx considerou isto. Ele poderia imaginar o quão terrível seu cabelo deveria parecer para ela, mas honestamente, não queria o toque dela.

— Está tudo bem. Não quero incomodar mais. — Ele levantou-se para lavar seu prato.

— Aqui. — Ela disse, estendendo a mão. — Eu levo isto.

Ele hesitou antes de dá-lo para ela.

— Obrigado por sua generosidade. A comida estava deliciosa, e realmente aprecio o presente.

Com o coração doendo por ele, Danger inclinou a cabeça.

— Você é muito bem-vindo. — Juntando os pratos, ela retornou para o salão principal.

— Onde você estava?

Ela parou quando Alexion juntou-se a ela na cozinha.

— Eu conheci Styx.

Ele rosnou no fundo de sua garganta.

Ela levantou a mão para impedi-lo de dizer uma palavra.

— Você já conheceu o homem?

— Claro que não. Ele é um imbecil arrogante.

— Antes de começar a insultar o caráter dele querido, você deveria conhecê-lo. Acredite-me, entendo sua lealdade à Acheron. Também a tenho, e sei o que devo ao grandalhão. Porém, Styxx não é o demônio de três chifres que pensa que ele é também. Você sabia que ele teve uma esposa e um filho?

Alexion pareceu tão atordoadado quanto ela ficou.

— Não.

— Sobre o que estão conversando? — Urian perguntou quando se juntou a eles. — Sinto cheiro de bacon?

Ela suspirou irritada.

— Ensine um Daimon a comer comida de verdade e ele fica impossível. — Ela foi fazer mais para ele. — Estávamos conversando sobre seu hóspede, que você não mencionou que estava alimentando-o.

Os olhos de Urian arregalaram.

— Um...

— Não se preocupe. Não está em apuros. Estava apenas dizendo a Alexion que acho que há muito mais sobre ele do que já nos foi dito.

Urian assentiu.

— Não brinca? Você sabe quem ele é? — Ele perguntou a Alexion.

Ele deu a Urian um olhar divertido.

— O irmão de Acheron.

Um que Urian retornou com força total.

— Você já ouviu falar do Stygian Omada?

— Sou groesian. Claro que ouvi falar dele. Quem não ouviu?

Danger olhou por cima dos bacons que estava fritando.

— Bem, sou francesa e confusa. O que é um Stygian Armada...

— Stygian O... mada. — Urian repetiu.

— Eles foram um exército legendário que travou uma guerra contra Atlântida. — Alexion explicou. — Em toda a história grega, foi o único exército que lutou em terras atlantes e ganhou. Eles estavam praticamente nas escadarias principais do palácio, quando foram chamados de volta para a Grécia para negociações de paz.

— Sim. — Urian movimentou o queixo na direção do templo onde Styxx estava hospedado. — E o irmão Styxx foi o general deste denominado exercito.

— Besteira! — Alexion rugiu em negação.

— Não. Verdade. Eu mesmo vi as cicatrizes de batalha nele. Ash sempre disse que ele era de Atlântida. Ele nunca mencionou a cidade soberana grega que nasceu assim não sei... Mas Styxx é Styxx de Didymos.

Alexion ficou boquiaberto.

— Você está de sacanagem comigo.

Urian balançou a cabeça sarcasticamente.

— Mais uma vez, a Revolução Francesa aqui. Lês Mis⁴⁸ eu entendo. Isto... — Ela sacudiu a espátula. — Meu grau de história grega é Troia com Brad Pitt. — Ela olhou para Alexion. — Sr. Delicioso em sua armadura.

Alexion ficou de olhos esbugalhados.

— Por favor, não me chame assim na frente de Urian.

Urian riu, então ficou sério e explicou-lhe isto.

— Didymos era a Atenas de sua época, e Atenas não era muito mais que uma grande aldeia até então. A maior e mais forte das cidades soberanas gregas, Didymos era composta de duas ilhas fronteiriças que protegiam o resto da Grécia de Atlântida. E Styxx foi o maior, mais bem sucedido general em sua longa e prestigiosa história militar. Suas táticas de batalha e o modo com que atacou com seu exército foi extensivamente estudado pelos soldados de minha época. Todos queriam ser ele quando crescesse. De fato, o modo com que ele treinou, e os princípios que seu mentor o ensinou, foi à base dos espartanos e a ética militar deles. Isto é o quão bom ele era. Mas em todas as minhas leituras sobre Didymos e Styxx, nunca li mais de um príncipe mencionado... Ele. E nada de uma princesa em lugar nenhum, não que isso fosse incomum. — Ele estendeu a mão para Danger antes que ela falasse. — E não me faça uma palestra sobre a estupidez antiga e seu tratamento com as mulheres... Não sou responsável pela misoginia dos escritores antigos, apenas porque aconteceu de eu ser macho.

⁴⁸ Lês Miserables – Os Miseráveis, livro de Victor Hugo que virou peça musical.

Ele olhou de volta para Alexion e retomou sua discussão.

— Por causa disso, e o fato de que ele e Ash eram bebês quando morreram, nunca fiz a conexão de que o irmão de Acheron, Styxx, era o líder da afamada Liga Stygian.

Alexion bufou.

— Isso explica sua arrogância.

— Mas ele não é arrogante. — Urian e Danger disseram simultaneamente.

— Sim. — Urian disse, agarrando uma fatia de bacon. — Para o que ela disse.

Ela colocou mais bacon em um prato para Urian.

— Ele é doce, Alexion. Realmente doce.

Engolindo seu toucinho, Urian bufou.

— Eu não usaria esta palavra para ele. Ele é letal e você não pode esquecer-se disso, mas para ser honesto. Chamaria Ash de arrogante antes de fazer isto com Styxx.

Alexion sugou a respiração bruscamente.

— Não deixe Acheron ouvir que você disse isso.

— Eu sei. Acredite-me. — Urian suspirou fortemente. — Cara, não sei o que aconteceu entre eles, mas isto é uma pena. Você pode imaginar ter Styxx de Didymos lhe treinando para lutar?

— Seria como ter aulas com Aquiles ou Alexandre, o Grande.

— Isto resolve tudo então. — Danger disse enquanto colocava o bacon cru de volta na geladeira.

— O que? — Urian perguntou.

— Nós precisamos reconciliá-los.

Alexion desatou a rir.

— Isto é um delírio, doçura. Conheço Acheron por mais de nove mil anos. E vai nevar no Equador antes que Acheron perdoe Styxx pelo que ele fez.

Ela encolheu os ombros.

— Bem, sabe o que dizem...

Urian passou um olhar conhecedor para Alexion.

— Nós que estamos prestes a morrer, a saudamos?

Ela revirou os olhos.

— Não. Acima, abaixo, ao redor, ou através de, há sempre um caminho.

Urian ridicularizou o otimismo dela.

— A menos que uma pedra caía sobre você enquanto está tentando descer. Então você está frito.

Alexion riu.

— Bem, ela é francesa.

02 de novembro de 2008 d.C.

Styx estava deitado na cama, olhando fixamente para o teto. Uma das partes mais agradáveis do templo de Agriosa era o modo como o luar refletia pelas janelas, lançando sombras em torno do quarto. Ou talvez ele estivesse tão entediado que via imagens onde não existia nenhuma.

O teto lhe lembrava neste momento de seu emblema da fênix.

Sim, ele estava definitivamente imaginando coisas.

Suspirando, estendeu a mão para a mesa e puxou os sais de banho para ele. Pegou uma quantidade pequena e esfregou através de seu rosto para que pudesse sentir o perfume de Bethany, e fingir por um momento que ela estava ao seu lado. Em sua mente, podia vê-la em seu traje de dança branco, enquanto girava e dançava para ele com seus véus.

Ela tentou amarrar um ao pulso dele uma vez, e ele se apavorou tanto que a assustou. Mas se pudesse ter aquela tarde de volta, alegremente a deixaria acorrentá-lo à sua cama.

Sua respiração ficou desigual, e estava tão duro e dolorido, com um maldito tesão, que não aguentava mais isto. Apertou seu pau inchado na mão, desejando que pudesse voltar no tempo e mudar as coisas.

Ele devia tê-la jogado sobre os ombros, e fugido com ela como um homem das cavernas, no primeiro dia em que se conheceram.

— Preciso de você, Beth. — Ele sussurrou. Ela sempre foi parte dele.

Não, a melhor parte.

Esperando por uma imagem dela, lentamente empurrou-se contra sua mão. Mas, enquanto tentava gozar, outras memórias surgiram para substituir as ternas de Bethany.

Puto grego fodido!

Pedaço de merda Ariclean!

Diga-me quão herói você se sente agora que está de bruços com meu pau em seu rabo, hã, príncipe?

Styx berrou em agonia enquanto pulava da cama. Por que as vozes de seu passado não podiam deixá-lo em paz? Por quê?

Incapaz de suportar isto, ele correu para a piscina e lançou-se nela, esperando abafar as vozes que o assombravam. Tão rápido e furioso quanto podia, nadou até que seu corpo ficasse exausto. Só quando estava à beira de um colapso encontrou um pouco de paz.

Com os braços tremendo pelo uso excessivo, ele puxou-se para fora da água e deitou no frio chão de mármore. Respirando pesadamente, olhou para o teto onde viu a imagem de um soldado de Atlântida em uma armadura, em pé próximo a uma mulher que segurava seu hoplon. Ela tinha a mão em seu braço enquanto olhavam silenciosamente um para o outro.

Enquanto olhava fixamente para isto, lembrou-se da história de Bathymaas e Aricles que lhe foi contada em Atlântida. Talvez esta fosse a maldição de sua família. Toda sua casa foi fundamentada na dor. Pelo coração partido de uma mulher.

Agora que pensava sobre isto, nenhum de seus parentes paternos teve um casamento feliz. Depois do nascimento de seu pai, tio e tia, sua avó pegou sua filha e retornou para sua Atena nativa, nunca mais pondo os pés novamente em Didymos, ou vendo seu marido.

Ele não queria contemplar a miséria do casamento de seus pais. A morte da primeira esposa de seu pai, enquanto estava em trabalho de parto...

Isto o fez se perguntar por que seu antepassado assumiu o nome de seu irmão para sua casa real. Certamente ele sabia sobre a maldição que o nome carregava.

A Casa de Aricles foi fundada pela tragédia e eles terminaram na tragédia. Condenados pelos deuses do começo ao fim. Mas, pelo menos o pai de Bathymaas foi gentil. Tirou as memórias dela e permitiu-lhe viver sem o conhecimento de sua perda.

Virando a cabeça, Styxx olhou para a cicatriz em sua mão direita, onde o thraciano espetou-a no chão. Ele ainda podia ver o insano ódio desumano nos olhos do homem.

— *Por todas as vidas que você tirou...*

Talvez Galen estivesse certo quando conversaram sobre a morte de seu filho, Philip. Styxx não merecia ser feliz depois de todos os homens que matou em batalha. Ele privou-lhes de seus futuros e de suas famílias.

Da mesma maneira que privou Acheron de seu lugar como primogênito.

Talvez isto fosse a justiça, afinal.

02 de novembro de 2008 d.C.

Artemisa ofegou quando Apollo apareceu em seu templo no Olimpo.

— O que está fazendo aqui?

— O que você acha?

Ela não tinha ideia. Além de ele ser um asno e estava cansada de lidar com ele.

— Eu já o alimentei. — Seu pescoço ainda pulsava da mordida maligna dele. — Você deveria ficar saciado durante algum tempo.

Ele deu-lhe um olhar irritado.

— Não é por isto que estou aqui. Qual é a perturbação que estou sentindo em Atlântida?

Oh, isto...

— Tenho tudo sobre controle. Há um grupo de arqueólogos que descobriram alguns itens. Mas os detive e minhas Atlantikoinonia estão sobre eles, para se certificarem de que não encontrem nada mais.

Apollo curvou uma sobrancelha.

— E o que eles encontraram?

Artemisa suspirou enquanto se levantava de sua espreguiçadeira.

— Onze mil anos mais tarde e sua prostituta humana ainda está nos causando sofrimento. É um daqueles estúpidos diários que ela mantinha.

Apollo amaldiçoou.

— Qual?

— Um daqueles que detalha alguns segredos sobre você e que nenhum de nós quer exposto. — Ela esfregou o pescoço machucado para ilustrar seu ponto. O outro mantinha a verdadeira identidade da mãe deles e as origens.

A raiva chamejou nos olhos dele, deixando-os vermelhos.

— E onde está seu bichinho de estimação?

— Acheron? Ele está fora fazendo beicinho... e buscando o diário ele mesmo. Não quer seus segredos expostos mais do que nós queremos.

— Onde está a metade humano dele? E não me diga que Styxx está morto. Ainda estou furioso com você por ter escondido o príncipe de mim por tanto tempo.

Artemisa deu de ombros com indiferença.

— Ele está em Katateros, e não acho que você queira ir lá para pegá-lo, irmão. — Acheron odiava Apollo tanto quanto ela o fazia. Se seu irmão ousasse pôr os pés na casa de Acheron, ele o despedaçaria.

A raiva escureceu os olhos dele.

— O príncipe é minha propriedade e o quero de volta.

Ela rosnou para seu irmão.

— Você precisa enterrá-lo antes que seja tarde demais.

Apollo bufou.

— Estou tentando enterrá-lo, preciosa irmã. É por isso que preciso dele de volta.

Levou um segundo para que percebesse que se enroscou com a expressão coloquial.

— Abandone-o. Você teve muita sorte que Styxx ainda não se lembra de quem ele foi, e o que fez com ele originalmente. Não entendo por que não pode apenas ir embora. Por que não foi embora da primeira vez.

Apollo encolheu os ombros.

— Graças a você e Apollymi ter bagunçado com as lembranças e a vida dele, não tenho que me preocupar sobre isto. Ele nunca saberá como me derrotar. Mas preciso lembrá-la de que estamos nos aproximando de outro perigoso tempo, quando certas portas se abrirão e libertarão coisas com que nenhum de nós quer lidar?

— É por isto que estou tentando pegar aquele maldito livro de volta. Não se preocupe. Tenho isto sobre controle.

— Sobre controle, Artemisa. E veja com que você resolva isto. — Ele agarrou-a contra ele e segurou o braço dela em aperto doloroso. — Lembre-se irmã, se acha que tenho sido cruel com você, não viu nada ainda. Consiga-me aquele diário! — Então ele se foi.

Artemisa fez uma careta para a marca púrpura que ele deixou em seu braço.

— Eu odeio você! — Ela rosnou. Acima de tudo, odiava ter que protegê-lo.

Mas não tinha nenhuma escolha. Se ele morresse, ela morria também.

Ela esfregou seu braço e suspirou. Havia dois lugares na Terra onde ninguém jamais precisou se aventurar. O Egeu e o Saara. Ambos os locais mantinham as chaves que não apenas podia destruí-la e a seu gêmeo, mas o mundo inteiro.

E ela faria tudo o que tivesse que fazer para proteger a todos.

03 de novembro de 2008 d.C.

Desenhando um retrato na areia, Styxx parou quando sentiu algo estranho... como se estivesse sendo observado. Ele estreitou os olhos, e procurou pela fonte disto, mas não viu nada. Mesmo assim, a pele de trás de seu pescoço arrepiou.

Por um minuto, pensou que poderia ser Urian ou Danger, mas eles gritariam uma saudação.

Quando agarrou sua faca, algo bateu nele e derrubou-o esparramado. A dor explodiu por todo seu corpo.

Ele apenas se recuperou antes de ser abatido novamente. Garras cavaram em sua carne e o retalharam. Ofegando, não conseguia se mover quando suas costas foram rasgadas. A dor e a rápida perda de sangue o deixou tonto e atordoado.

Finalmente, seu atacante afundou as garras em seu cabelo e puxou sua cabeça do chão.

— Você tentou matar meu akri!

Styxx mal podia ver Simi em sua forma demoníaca, com aquela espiralada pele vermelha e branca. Seus olhos brilhavam com fúria.

— Não. — Ele suspirou.

Ela gritou com ele.

— Simi estava lá. Ela viu você apunhalá-lo no coração!

Simi era o dragão Charonte que ele viu sair de Acheron para protegê-lo.

— Ninguém ataca meu akri e vive! Ninguém! — Ela afundou suas presas em sua garganta e rasgou-a.

Styxx observou enquanto seu sangue corria por seu ombro e abaixo de seu braço, sobre a areia. Muito fraco para se mover, ele não tinha escolha apenas deitar-se lá e deixar a morte o levar.

Se apenas o fétido bastardo o levasse pela primeira vez.

04 de novembro de 2008 d.C.

Styxx olhou fixamente para baixo para os ferimentos que estavam curando e ainda ardiam feito louco. Simi cortou literalmente em tiras seu corpo inteiro. Entretanto este era o trabalho dela.

Proteger Acheron.

Não posso ficar aqui. Uma vez que a filha demônio de seu irmão entendesse que estava vivo novamente, ela voltaria. E ele não era Prometeu para ter seu fígado arrancado todos os dias e devorado. Ele tinha estado lá, feito isto, e não tinha nenhum interesse nesta camisa.

A verdadeira razão por querer vir até aqui, foi para conhecer seu irmão e finalmente construir uma relação com ele. Apesar de Styxx ser um aluno lento, até ele tinha que admitir que sua relação era uma causa perdida neste momento. Acheron não tinha nenhum interesse nele, afinal.

Era tempo de enterrar isto e partir.

Resignado com o inevitável, Styxx dirigiu-se ao templo principal. Mas o que não contava era com as horríveis lembranças que o transpassaram quando entrou nele. Elas eram tão potentes, que estava tremendo.

Ou talvez fosse a dor de seus ferimentos.

De qualquer modo estremeceu, quando viu em sua mente uma imagem dele sendo arrastado, enquanto estava acorrentado, através do selo de Apollymi. Mesmo agora, ouvia os grunhidos raivosos de Archon ecoando por este templo, enquanto Styxx lutava para livrar-se dos deuses, que riam e zombavam de seus “patéticos” esforços humanos.

— Styxx?

Ele virou-se para ver Danger entrando no foyer por uma porta lateral, que sabia que levava ao quarto particular de Archon.

— O que está fazendo aqui? — Ela sussurrou.

— Queria falar com Acheron.

— Ele não está em casa.

— Sabe quando ele voltará?

— Não. — Ela suspirou. — Desculpe. Mas se quiser pode esperar pelo retorno dele na sala do trono.

As boas notícias eram que Simi deveria estar com Acheron. Ele estava seguro por enquanto.

— Obrigado. — Styxx dirigiu-se para a sala antes de ela ter uma chance de lhe dizer para onde ir. Não havia maneira nenhuma de jamais esquecer a disposição deste templo. Todos os cantos estavam violentamente gravados em sua memória.

Fechando as portas atrás dele, balançou a cabeça com a visão do trono preto de Acheron. Finalmente seu irmão tinha um. Se apenas Acheron soubesse como a realidade de ser um herdeiro de Didymos realmente era. Entretanto a maioria dos príncipes não tiveram Xerxes como pai. Talvez aqueles príncipes tivessem uma boa vida mimada...

— Quem foi o porra que o deixou sair? — A voz irritada de Acheron do lado de fora da porta interrompeu seus pensamentos.

Senti sua falta também, irmão.

O tom de Urian estava cheio de humor malicioso.

— A garota fantasma que quer que os dois se beijem e façam as pazes.

— Prefiro ser atingido na cabeça por um martelo do que ter Tory jogada em mim.

— Tory? — Urian perguntou.

— Longa história. — Acheron soltou um suspiro cansado. — Obrigado pela advertência. Irei lidar com ele.

Lidar comigo... hã hã. O covarde nunca lidou com ele. Ele jogou Styxx em sua próxima prisão e o apagou de seus pensamentos.

As portas se abriram de repente com um firme show de poder como Archon costumava fazer, quando reinava aqui. Vestido com um formosa atlante que levava o símbolo do sol de Acheron e um par de calças de couro preto, seu irmão caminhou em sua direção como um predador. Como se tal movimento intimidasse um homem que foi forçado a lutar todos os dias por sua vida.

E quando Acheron aproximou-se, Styxx ouviu a voz que estava atormentando Acheron com a visão dele.

De Estes.

Como ousa fazer-me querer você como faz. Eu o odeio pelo que me faz seu repugnante prostituto. Eu. Odeio. Você.

Sim, Estes tinha fodido com ambos de todas as maneiras.

— Realmente não estou com humor para lidar com você, Styxx. A pouca paciência que tenho foi comida viva mais ou menos há dois minutos.

Isso explicava um pouco a dor latejante que Styxx tinha. Piorou quando Acheron se aproximou. Então, tudo o que sentia não era do ataque de Simi. Afinal.

Styxx forçou-se a ser submisso, embora fosse completamente contra sua natureza.

— Eu sei. Posso sentir seu humor... isto foi um presente. — Ele disse sarcasticamente já que Acheron não conseguia se lembrar do fato de que foi a pessoa que deu isto a Styxx, quando suas forças vitais foram unidas pela mãe de Acheron. — De Artemisa quando ela me jogou no Tártaro. Só estou aqui para pedir-lhe um favor.

Acheron zombou dele.

—Ousa pedir-me outro favor?

Quando inferno ele já tinha pedido um antes a Acheron?

Ah sim... está certo. Ele lembrou agora.

Por favor, irmão, por favor, mande-me para Katateros e deixe-me morrer de fome sozinho, no templo onde os deuses me distribuíram como uma puta e me espancaram. Este era o favor do qual Acheron falava. E o quão magnífico era a benevolência de seu irmão....

Não abra sua estúpida boca.

Uma briga não iria tirá-lo daqui. Lidar com Acheron era exatamente como lidar com Apollo. Abasteça o ego do filho da puta arrogante e ele será flexível.

— Peço como seu irmão e como uma suplica para um deus.

Aí estava. Aquele presunçoso olhar naqueles espiralados olhos prateados, que conhecia tão bem como dos outros da laia de Acheron. Os antigos deuses apreciavam seu poder e viviam mantendo isto sobre todos os humanos.

— Como um suplicante, que sacrifício oferece por este favor?

Styxx teve que forçar-se a ficar perfeitamente imóvel e não reagir à óbvia isca de seu irmão. Pelo menos ele não estava nu em uma sala cheia de cidadãos didymosianos com seu pai fulminando-o, enquanto Ryssa ria de sua degradação.

Não tenho nada, graças a você e a puta da sua mãe.

Ele conseguia apenas pensar sobre um último artigo que nunca precisaria novamente.

— Meu coração.

Acheron franziu a cenho.

— Não entendo.

Claro que ele não entendia. Ele mesmo não tinha um, como poderia compreender o que Styxx queria dizer?

Repugnado, explicou isto.

— Ofereci a você minha lealdade e não foi suficiente. Então neste caso, ofereço-lhe meu coração. Se eu mentir ou traí-lo, pode arrancá-lo inúmeras vezes. Acorrentar-me ao lado de Prometeu em sua pedra. — E espero que quando arrancá-lo, o meu não cresça novamente.

Isso pareceu finalmente satisfazer o bastardo.

— E qual favor você pede?

— Deixe-me ir. — Styxx teve que pausar para firmar sua voz e remover a dor e a raiva que mantinha com isto. — Não posso mais viver aqui, isolado das pessoas. Apenas quero ter algum tipo de paz que nenhum de nós teve uma chance de experimentar.

Acheron levou uma eternidade antes de finalmente responder.

— Tudo bem. Você terá tudo o que precisar para começar de novo.

Antes que Styxx pudesse terminar de expelir uma respiração aliviada, foi extraído da sala do trono e jogado de cara no chão no centro de um apartamento.

Sirenes altas gritavam sobre um rugido enfadonho. Styxx levantou-se. As paredes e o teto eram de um branco total, assim como o as cortinas do chão até o teto. Um pequeno sofá de couro preto estava fixado contra a parede, com duas poltronas correspondentes, de frente para ele. Um grande, retangular divã descansava entre eles e debaixo de tudo isto estava um tapete de pele de zebra volumoso. Entre as duas poltrona estava uma lareira de granito, e uma TV gigante pendurada sobre ela.

Onde estou agora?

Styxx estava quase com medo de descobrir quando cruzou a sala. Puxou as cortinas de lado para descobrir uma grande porta de vidro corrediça, que dava para algum tipo de parque. Nada disso lhe dizia alguma coisa sobre sua localização. Não que realmente isto importasse. A única vez que tinha estado no mundo humano nos últimos onze mil anos foi nas poucas semanas que passou em Nova Orleans mais de quatro anos atrás.

Abrindo as portas, saiu para descobrir um enorme pátio no terraço que era ainda maior do que o apartamento. Arbustos enormes estavam plantados no granito para que fornecessem privacidade para a área. Uma mesa travertino estava fixada no centro disto, junto com seis cadeiras de ferro.

Uau, alguém seriamente superestimou suas habilidades sociais, para presumir que alguma vez ele teria seis pessoas sentadas em uma mesa ao mesmo tempo.

Ele retornou para procurar alguma pista sobre sua nova casa. Finalmente, em uma gaveta da cozinha, encontrou um envelope com o endereço. Central Park West, 444. Nova Iorque, Nova Iorque.

Isso não significava nada para ele. No que dizia respeito a este assunto, não tinha nenhuma ideia onde a Velha Iorque ficava e o que importava a nova. Mas estava escrito em Inglês. Ainda assim não de grande ajuda.

Enquanto procurava por mais pistas, encontrou uma licença de motorista com seu nome marcado como Styxx Didymos, e as informações de seu apartamento sobre isto. Um par de cartões de crédito, uma conta bancária, e outras coisas que não estava certo sobre o que era. Uma delas era um pequeno livreto vermelho borgonha, que tinha seu retrato do lado de dentro. O que era um passaporte? Por que precisaria disto? Certificado de Naturalização? Nada disto fazia sentido para ele.

— Obrigado Acheron.

Uma vez mais, seu irmão o despejou em algum lugar sem instruções ou diretrizes. Nem mesmo Dionísio tinha sido tão cruel.

Styxx respirou fundo e fechou a gaveta. Tudo bem. Descobriu como liderar um exército para a guerra quando criança, certamente poderia descobrir isto, também.

Mas honestamente, era pior aqui do que encontrar-se sozinho nas ilhas. Pelo menos aquilo fazia sentido para ele. Sabia como viver lá. Como funcionar.

Aqui... nem tanto.

Ele riu amargamente. Seu irmão o deixou para encontrar-se em um lugar onde estava cercado por pessoas e ainda assim totalmente isolado.

20 de novembro de 2008 d.C.

Sentado na escrivaninha em seu quarto, Styxx estava ocupado com seu PC jogando a campanha “Nova Atlântida” de Age of Mythology. Sim, para ele também era estranho, mas achava isso estranhamente quase reconfortante.

Estava ganhando terreno quando sentiu uma forte presença trás dele. Supondo que era Apollo, saltou, preparado para brigar.

Não era Apollo.

Urian estava ali, parecendo envergonhado. Isso só piorou sua inquietação. Havia só uma razão pela qual poderia pensar que Urian aparecesse assim...

— O que ele pensa que eu fiz agora?

Urian franziu o cenho.

— Hum?

— Acheron. Não é ele a pessoa que o enviou até mim?

Urian negou com a cabeça.

— Na verdade, ele não me enviou. Vim pedir um favor.

Isso o chocou completamente. Embora Urian e ele tivessem mantido contato desde que Styxx foi colocado ali, não era o tipo de homem que pedia um favor.

— O que você precisa?

— A mulher de Acheron, Tory, foi sequestrada e levada a Kalosis, onde está a mãe dele. Ash está pronto e disposto a ir buscá-la. — *O que a libertaria da prisão e acabaria com o mundo.*

Styxx ficou completamente estoico com a notícia. *Não tenho nada a ver com esta luta. O que me importa?*

Pelo menos foi o que ele tentou dizer a si mesmo. Mas era óbvio que Urian se importava e não queria ver sua cunhada ou sua sobrinha e sobrinho machucados.

Hesitando, Styxx sabia que era melhor não ajudar seu irmão. Toda vez que ele já tinha tentado lhe custou caro.

— Tory é imortal? — questionou Urian.

— Completamente humana. Ela está sendo retida por minha tia Satara, que é instável na melhor das hipóteses. Cruelmente brutal na pior. — Desde que Satara era filha de Apolo, Styxx podia imaginar sua crueldade.

Não faça isso. Acheron não faria isso para você...

— Você vai com ele, não é?

Urian assentiu.

Neto de Apolo. Um dos ex-chefes dos Daimons de Apollymi. O braço direito de Acheron. Styxx devia odiar o homem na frente dele, com tudo o que tinha. Mas Urian tinha sido gentil com ele e algo sobre o menino trazia o protetor em Styxx. Não fazia o menor sentido. E não importa o quão duro ele tentasse lutar contra si mesmo, não poderia enviar Urian sozinho uma missão suicida.

Droga.

Styxx suspirou com o motivo mais óbvio porque Urian estaria aqui.

— Você quer que eu finja ser Acheron?

— Você fez isso uma vez para ajudar um inimigo. Você faria isso outra vez para ajudar um amigo?

Styxx riu amargamente.

— Como eu poderia saber? Eu só tinha dois amigos na minha vida e ambos foram brutalmente assassinados.

— Você não me considera um amigo?

— Não, eu o considero uma hemorroida.

Urian sorriu, mostrando suas presas para Styxx.

— Ah, agora, isso é apenas por falar.

— Sim, sim... Tudo bem. Mas estou fazendo isso por você e a mulher inocente, não Acheron.

— Bem, em meu nome e Tory, não posso agradecer o suficiente. A propósito, como estão suas habilidades de batalha?

Styxx bufou.

— De acordo com meu pai, nunca tive qualquer uma. Enfiei meus homens na minha frente, e me escondi atrás de seus corpos caídos para me cobrir.

Carrancudo, Urian não comentou quando ele teletransportou Styxx a uma pequena sala.

Styxx congelou quando viu Acheron ao lado de um enorme Chthonian chamado Savitar. Este tinha sido o homem que treinou seu irmão, após a morte, sobre o uso de seus poderes divinos. Em suma, Savitar era o Galen de Acheron... só que Savitar era imortal e sanguinário.

Tão alto quanto eles eram, Savitar tinha cabelos escuros e um cavanhaque perfeito. Seus olhos eram de um lavanda iridescente e estranhamente lembrava a Styxx de algo ...

Ele não poderia colocar o dedo sobre ele, mas no fundo de sua mente era uma mensagem oculta que seu cérebro estava tentando dar a ele.

Boquiaberto, Savitar olhou para trás e para frente entre Acheron e Styxx .

— Puta merda. Isso mexe com a minha cabeça.

Acheron olhou para Styxx.

— O que ele está fazendo aqui?

— Você não pode entrar. — Urian lembrou. — Styxx pode.

— Não. — Acheron foi enfático.

— Pare. — Savitar estalou. — O garoto tem um ponto. Pense nisso. Você pode tirar Tory de lá e não acabar com o mundo. Dupla vitória.

O ódio nos olhos de Acheron estava queimando.

— Eu não vou deixá-lo sozinho com Tory. Eu não confio nele com ela.

Styxx ficou horrorizado.

— O que você acha que vou fazer?

— Estuprá-la, matá-la... com você nunca se sabe.

Agora isso o enfureceu. Nunca tinha feito nada para que Acheron tivesse essas suspeitas sobre seu caráter.

— Comigo? Sério? — Ele empurrou Acheron.

Acheron se equilibrou sobre Styxx, mas Savitar o pegou e empurrou-o e o fez voltar um passo.

— Pare de pensar com suas emoções. Acalme-se. — Então Savitar virou-se para encarar Styxx. — E você, punk, deixe-o em paz ou vou fritar seu traseiro gorduroso onde estiver. Eu sei que posso te matar e não matar Acheron. Portanto, não me provoque.

Styxx bufou com escárnio.

— Essa não é a maneira de me motivar a deixá-lo em paz, Chthonian. Mas é um inferno me conter para não atacá-lo. — Ele encontrou o olhar de redemoinhos de prata de Acheron. Deuses, ele queria enterrar um punhal direito entre os olhos traidores de seu irmão. Ele realmente queria.

Em vez disso, arregaçou a manga para mostrar seu antebraço a seu irmão.

— Eu sei o que é perder a única coisa que você ama, e ser forçado a viver sem ela por toda a eternidade. Tão forte quanto quero cortar sua garganta e ver você sangrar aos meus pés pelo insulto que me lançou, não verei a sua mulher morta por isso. Ao contrário da puta da sua mãe, porra, não mato inocentes.

Ambos, Savitar e Acheron, o atacaram por esse comentário. Styxx bateu na parede atrás dele tão duro, que rompeu parte dela. O ar deixou seus pulmões, enquanto a dor o paralisava temporariamente. O sangue escorria de seus lábios, orelhas e nariz.

Antes que Styxx pudesse respirar novamente, Urian estava a seu lado. Seu rosto era uma máscara de raiva enquanto olhava para Acheron.

— O que você está fazendo? O trouxe aqui para ajudá-lo e o mata? Bom trabalho. Os dois. Parabéns, seus idiotas estúpidos.

— Ele insultou minha mãe. — Acheron rugiu.

— Sem ofensa, chefe, sua mãe matou a esposa e o filho dele. Em vez de lançá-lo através de uma parede, quero que você, por um segundo, imagine sua perda. Tenho enterrado quase todos os membros da minha família. E a única coisa que realmente rasgou o meu coração foi perder Phoebe. Você lamenta a sua irmã, Ash? Eu também. Acredite em mim, não é uma merda até você perder a sua esposa, especialmente quando sabe que deveria ter estado em casa protegendo-a, e não deixá-la morrer brutalmente pelas mãos de seus inimigos. — Ele se virou e ajudou Styxx a livrar-se da parede.

Styxx tropeçou depois se conteve. Era tão difícil para respirar. Sentia cada costela quebrada.

— Sinto muito. — disse Urian. — Eu não devia ter lhe pedido para vir.

Styxx cuspiu o sangue em sua boca no chão.

— Confie em mim, eles são bichinhas em comparação aos verdadeiros atlantes com quem lutei.

Eles foram atacá-lo novamente.

Abrindo os braços, Urian blindou Styxx com seu corpo.

Styxx contornou Urian então deu um tapinha no ombro dele.

— Eu não tenho medo deles. Golpes, posso recebê-los. Afinal de contas, me deram um tapa na bunda na hora que eu nasci, e nenhuma maldita coisa mudou desde então.

Acheron franziu os lábios.

— Não dê ouvidos a ele, Urian. Ele é um mentiroso e um ladrão. Ele nunca se casou. Só estava comprometido, e nunca teve um filho.

Amargura engasgou Styxx quando essas palavras o enfureceram ainda mais.

— Você não sabe nada sobre mim, irmão. Afinal, sou apenas um mentiroso e um ladrão para você.

Styxx fez uma pausa enquanto a dura realidade de equívocos de Acheron bateu nele com força.

— A propósito, diga a Artie obrigado pelas memórias. Porque agora não só sei tudo sobre o que realmente aconteceu com você, como sei o que você realmente acha de mim. Diria que um dia eu gostaria de retribuir o favor, mas sinceramente a única pessoa que odeio tanto assim é sua mãe podre.

Ainda sangrando por dentro e por fora, Styxx passou a mão em seu rosto e falou ao seu irmão as palavras que costumava dizer a Apollo para conduzir o deus em uma fúria assassina.

— Agora, ou use-me ou envie-me para casa. Não estou com vontade de jogar.

Savitar respirou fundo quando enfrentou Acheron.

— Urian tem razão. Styxx é a melhor chance que temos de tirá-la viva. Nós não sabemos o que ir para Kalosis vai fazer com você, Ash. Poderia arrancar a sua alma humana e torná-lo nada mais que uma ferramenta de sua mãe para a destruição. Se isso acontecer, é bem provável que mate Tory quanto ela.

Acheron sacudiu a cabeça.

— Isso nunca vai funcionar. Sua voz é mais rouca do que a minha. E ninguém vai acreditar que cortei meu cabelo e pintei de loiro.

Savitar estalou os dedos. Instantaneamente, o cabelo de Styxx era uma cópia exata de Acheron. Longo e preto. Ele até tinha dentes e roupas iguais.

— Eu não posso mexer com sua voz. Mas eles podem assumir que você está gritando insultos contra eles. Isso explicaria a diferença.

— Isso é assustador. — disse Urian, correndo o olhar de cima a baixo no corpo de Styxx e depois de Acheron. — Realmente assustador.

— Ele ainda não se move como eu.

Styxz zombou.

— As pessoas não são observadoras. Como você viu em Nova Orleans.

Savitar inclinou a cabeça para Urian e Styxz.

— Vamos fazer isso, senhoras. E Styxz... só para constar, se deixar algo acontecer com Tory vou entregá-lo pessoalmente a Apollymi para seu gozo eterno.

Styxz riu alto com a ameaça impotente, que fez tanto Acheron e Savitar fazer caretas para eles.

— O que vai fazer, Savitar? Arrastar-me pela areia com o traseiro no ar, me fazer brigar com a elite dos campeões atlantes até que mal possa me manter em pé, soltar cães famintos ou leopardos contra mim e logo me foder publicamente para seu entretenimento? Ou melhor ainda, me estripar no chão... ou algo como... assassinar minha esposa e meu filho, e me fazer viver com isso por toda a eternidade em um fosso escuro e por mim mesmo? Claro... me ameace. Vá em frente e me faça viver no medo e no terror. — Dando as costas a Savitar, voltou-se para Urian, — Me tire daqui.

Urian franziu o cenho para ele.

— Você realmente não é sensato, não é?

— Não, Urian. Eu não sou. Um homem sensato teria lhe dito para ir para o inferno querendo dizer isso.

Balançando a cabeça, Urian abriu algo que parecia ser uma bola gigante de ouro que formava redemoinhos.

— Siga-me. — Deu um passo para ela e desapareceu.

Sem sequer olhar para Savitar ou Acheron, Styxz o seguiu. Em seguida, desejou que não tivesse feito quando caiu e girou através de uma luz brilhante, pulsando.

Quando ele finalmente parou de cair, estava dentro de uma grande sala que estava cheia de Daimons e demônios.

Maravilhoso.

Styxz soltou um gemido severamente irritado.

— Excelente localização, Uri, — disse ele em voz baixa. — Acha que um deles está disposto a nos vender uma casa de verão aqui?

Urian sorriu para ele.

— Você sempre pode perguntar.

Cada demônio e Daimon estava congelado no lugar pelo seu aparecimento súbito no meio da sala. Provavelmente não era muitas vezes que o jantar era entregue de uma maneira tão à mão.

Styx cortou um olhar de soslaio para Urian.

— O que eles estão esperando?

Urian piscou para ele.

— O Armageddon.

Styx estreitou os olhos em Stryker. Ele era o único Daimon que tingia o cabelo de preto. Mesmo na altura de Styx, Stryker parecia bastante com Apolo, e Styx realmente queria socá-lo por isso.

Stryker olhou para seu filho com uma expressão que era melhor definida como o ódio e dor.

— Você se atreve a estar com o meu inimigo?

— Contra você, pai, eu ficaria com Mickey Mouse.

Styx não tinha ideia de quem era esse Mickey, mas era óbvio pela expressão de Stryker que Mickey era uma pessoa humilde.

Stryker franziu os lábios.

— Seu filho da puta inútil. Você nunca deveria ter sido nada mais do que uma mancha de esperma.

Urian zombou.

— Eu definitivamente poderia dizer a mesma coisa sobre você. Teria salvado o mundo e todos nós de muita miséria agora, não é?

Styx e Urian prepararam-se para lutar quando os Daimons começaram a avançar, mas eles foram jogados para trás por uma força invisível.

Não tendo certeza do que aconteceu, Styx virou-se para Stryker e rosnou.

— Chega dessa besteira de reunião de família. Onde está Soteria?

Do nada, Apollymi apareceu a poucos metros dele. Não havia nenhuma dúvida sobre sua identidade. Seus traços eram os mesmos que Styx via cada vez que olhava no espelho. E aqueles redemoinhos olhos de prata assombrava seus pesadelos.

Esta era a puta egoísta que havia matado sua preciosa Bethany.

Levou tudo que Styxx tinha para não atacá-la.

Pense em Soteria... Ela é inocente e onde quer que esteja, está apavorada. Não a deixe sofrer.

Tire-a primeiro e em seguida, bata a merda fora de Apollymi.

Essa era a sua missão, e os soldados sempre seguiam as ordens. Mesmo quando elas fediam no Monte Olimpo.

Apollymi indicou uma porta atrás dele com um empurrão imperioso de seu queixo.

— Ela está ali. — Então Apollymi cruzou a curta distância para abraçá-lo.

A respiração de Styxx se tornou irregular ao seu toque. Ele cerrou os punhos apertados para não atacá-la e empurrá-la para o outro lado da sala. Algo que iria deixar todo mundo sabendo que ele não era Acheron.

— Finalmente, m'gios, — disse “meu filho” em atlante. — Você veio me libertar. — Ela deu um beijo em sua bochecha e depois sussurrou em seu ouvido. — Por causa do meu filho, é melhor você me abraçar, filho da puta grego. Se posso tocar em algo tão vil e repugnante como você, você pode tocar a divindade.

Seus lábios tremiam de fúria quando ele se obrigou a abraçá-la perto, mesmo que quisesse cuspir na cara dela.

Que tipo de cão patético sou eu abraçando a assassina do meu filho e esposa de um homem que me odeia?

E ainda assim ele o fez.

Balançando a cabeça para ela, Styxx recuou antes de ceder à sua necessidade de vingança.

Dirigiu para Stryker o desprezo raivoso que queria dar para Apollymi, então se dirigiu para a porta.

Antes de Styxx alcançá-la, uma mulher alta e magra, com cabelos castanhos e feições muito bonitas veio correndo para fora da sala. Ela usava uma jaqueta preta que era muito grande para ela sobre sua camisa, que tinha sido rasgada por apenas uma coisa que Styxx poderia pensar. Sua raiva aumentou ainda mais.

De repente, ela se jogou em seus braços e abraçou-o. Muito assustado com a ação inesperada, ele ficou de boca aberta e ela beijou o inferno fora dele. Levou tudo o que tinha para não empurrá-la para longe, mas se o fizesse, saberiam que ele não era seu irmão.

Ela enrijeceu e se afastou lentamente para olhá-lo com desconfiança.

Engolindo em seco, Styxx olhou além dela para ver um mais velho Nick Gautier abordá-los. Só que agora Nick tinha olhos que combinavam com os de Acheron e Apollymi, e uma marca de arco e flecha em sua bochecha esquerda, que fazia parecer que a cadela Artemisa tinha lhe deu um tapa quando ela marcou-o.

O que eu perdi no cativeiro?

Com seus olhos escuros de raiva e loucura, Nick correu para Styxx como se pretendesse matá-lo. Mas antes que pudesse alcançá-lo, Urian agarrou Nick e empurrou-o de volta para a sala de onde tinham saído.

Styxx puxou Tory atrás deles. Parou em seco quando viu o corpo morto de uma mulher no chão.

— Nós temos que ir. — disse Urian para Styxx e Soteria. Então ele olhou para Nick. — E você precisa vir com a gente.

Nick franziu os lábios em ódio óbvio.

— Eu não vou a lugar nenhum com ele. Prefiro estar morto.

Bom... alguém que odiava Acheron, tanto quanto ele. *O que diabos ele fez para você, garoto?* Deve ter sido ruim, porque Nick amava muito Acheron na última vez que se encontraram.

Mas, então, Styxx uma vez também o amou.

Urian forçou Nick a olhar para o corpo da mulher.

— Eu vou fazer a louca e infundada suposição de que Satara está morta por sua mão e não pela de Tory.

Agarrando o queixo de Nick, Urian obrigou-o a encontrar seu olhar.

— Agora, fique comigo sobre isso, Cajun. Meu pai cortou minha garganta e matou a minha mulher, porque achava que o traiu por me casar. Antes disso, ele me amava mais do que a sua vida e eu era o seu último filho sobrevivente. Seu segundo em comando. Agora o que você acha que vai fazer com você uma vez que ele vir seu corpo? Posso assegurar, não vai ser uma viagem cheia de diversão para Disney. Apesar de toda a sua animosidade para com o outro, Satara era sua irmã e o serviu bem ao longo dos séculos. Se você realmente quer ficar aqui e divertir-se com Stryker, não o deterei. Mas realmente não recomendo.

Isso pareceu passar para Nick. A sanidade voltou aos seus olhos.

— Tudo bem. Eu vou com você.

Enquanto eles discutiam, Styxx abriu a porta para verificar os seus inimigos inquietos.

— Urian, — disse ele entre os dentes cerrados. — Eu acho que eles estão percebendo.

— Percebendo sobre o quê? — Perguntou Nick.

Tory revirou os olhos para Nick.

— Esse não é Ash.

As palavras mal haviam deixado seus lábios antes que desaparecessem do quarto.

* * *

Zolan, o terceiro em comando de Stryker e líder de sua força de ataque pessoal, Illuminati, pigarreou na sala em silêncio.

— Hum... chefe, não quero dizer isso de forma desrespeitosa, mas por que ainda estamos aqui? Quero dizer, se Acheron veio para libertar Apollymi não deveria haver uma explosão ou algo assim?

Os Daimons e demônios olharam em volta, como se esperando uma abertura para o mundo exterior aparecer ou Apollymi explodir em música e dança, ou para qualquer outra coisa anormal acontecer.

Enquanto isso, Apollymi apenas ficou lá completamente estoica, parecendo quase angelical e doce, enquanto observava atentamente Stryker.

Seu segundo em comando, Davyn, coçou a parte de trás do seu pescoço, nervoso.

— Eu concordo, kyrios, — disse a Stryker, usando o termo atlante para senhor. — Isso não parece como o fim do mundo.

Stryker virou um sorriso frio para Apollymi.

— Não, não, não é?

Apollymi arqueou uma sobrancelha, provocando.

— Como é que diz a música? *“É o fim do mundo como nós o conhecemos, e eu me sinto bem”*?

Naquele momento, Stryker sabia exatamente o que tinha acontecido. Lançando-se de seu trono, ele correu para o quarto, bem quando Urian, Tory, Nick, e o que tinha que ser o irmão gêmeo de Ash, Styxx, desapareceram.

Sua ira sobre o truque óbvio rugiu até que viu Satara deitada no chão em uma poça de sangue. Medo levou sua raiva, enquanto corria até ela para encontrá-la morta. Seus olhos estavam vidrados e sua pele tingida de azul.

Seu coração despedaçou quando a puxou para seus braços e abraçou-a, lutando contra as lágrimas de tristeza e dor.

— Sua vadia psicótica estúpida, — ele rosnou contra a bochecha fria de Satara. — O que você fez agora?

Apollymi estava na porta, condoendo-se por Strykerius enquanto balançava sua irmã morta em seus braços, lembrando-a do dia em que ela encontrou o corpo de seu filho despejado sobre as falésias de Didymos. Simpatia e um novo respeito por Stryker a atravessou.

O fato de que ele poderia amar alguém tão quebrado como Satara dizia muito dele. Sim, ele poderia ser de sangue frio, mas não era insensível. Fechando os olhos, ela lembrou-se dele no dia em que se conheceram. Stryker era jovem e amargo sobre a maldição de seu pai.

— *Eu desisti de tudo o que me importava por ele e é assim que ele paga a minha lealdade? Estou morrendo em agonia em apenas seis anos? Meus filhos jovens estão agora banidos do sol e são amaldiçoados a beber o sangue um do outro em vez de comer alimentos, para morrer com dores quando completarem vinte e sete? Para quê? Pela morte de uma puta grega por soldados que nunca vi? Onde está a justiça nisso?*

Compreendendo a sua agonia e querendo exigir sua própria vingança contra Apollo, Apollymi tinha atraído Stryker para suas fileiras e ensinou-lhe como contornar a maldição de seu pai, absorvendo almas humanas em seu corpo para alongar sua vida. Ela tinha dado a ele e seus filhos abrigos em um reino onde os humanos não poderiam prejudicá-los e onde não havia perigo de seus filhos morrerem acidentalmente pela luz solar. Então ela lhe permitiu converter os outros e trazê-los aqui para viver.

No início, ela tinha pena dele e ainda o amava como um filho.

Mas ele não era o seu Apostolos, e quanto mais ele estava perto dela, mais queria ter seu próprio filho com ela, não importando o custo. Ela admitiu que era sua própria culpa e ia colocar um muro entre ela e Strykerius. E os dois tinham usado um ao outro para se vingar das pessoas que odiavam.

Agora tudo tinha chegado a isso...

A morte de sua amada irmã.

— Eu sinto muito, Strykerius.

Ele olhou para ela, seus olhos de prata turbilhoando de dor.

— De verdade? Ou se regozija?

— Eu nunca tripudio sobre a morte. Eu possa saboreá-la, de vez em quando, quando é justificada. Mas nunca tripudio.

— E eu não deixo desafios como esse ficarem sem resposta. Haverá retorno.

— Mas você deve isso a Styxx e Nick, não a meu Apostolos e sua Soteria. Lembre-se disso.

* * *

Styxx segurou-se contra uma parede quando eles reapareceram em uma grande sala que não reconhecia. Uma preenchida com um enorme grupo de ex-Dark Hunters e amigos de seu irmão. Um casal que se lembrava de seu breve tempo em Nova Orleans. Outros que ele conhecia apenas de memórias de Acheron.

Acheron se lançou para Soteria e a tomou em seus braços. Ironicamente, foi idêntico ao modo como Styxx já havia abraçado Bethany. Como se ela fosse o ar que precisava para viver, e se ele afrouxasse seu abraço só um pouco, não conseguiria respirar.

Mas ele tinha tolamente deixado sua Beth ir...

Incapaz de suportar a visão e as memórias que o massacravam, Styxx se afastou deles.

— Você está bem? — Acheron perguntou a ela.

— Eu estou bem. Sério.

— Mas nós não estamos, — disse secamente Urian do outro lado da sala. — Nick matou Satara enquanto estava com Tory.

— Ele fez isso para me proteger. — Tory interrompeu.

Urian bufou.

— Nós vamos colocar isso na lápide para você. Entretanto, Stryker vai querer sangue por isso. Uma grande quantidade de sangue.

Nick zombou de seu tom terrível.

— Sem ofensa, seu pai não me assusta, especialmente tendo em conta o quão intensamente quero um pedaço de seu couro. Que venha pegar um pouco.

Urian parecia menos do que impressionado.

— Eu sei que você acha que compartilha os poderes com ele, Nick, mas confie em mim, ele não deu nada, só as sobras. Sem mencionar um pequeno detalhe. Ninguém tira um pedaço dele até depois de mim.

Acheron soltou um assobio estridente.

— Calma, crianças. Temos coisas mais importantes para nos concentrar agora. Guardem seus machismos.

Styxx teve que engolir de volta o sarcasmo ante a hipocrisia de Acheron. Engraçado como seu irmão não via isso quando era os dois brigando.

Mas, então, era sempre mais fácil ver os pecados de outras pessoas do que o seu próprio.

Acheron nivelou seu olhar para Nick.

— Nós temos uma batalha para nos preparar. Não vou deixar Stryker levar Nick.

Nick riu amargamente.

— Eu não preciso de sua ajuda, porra. Eu posso lutar por minha conta.

Acheron não vacilou ao ódio em seu tom.

— Eu sei porque você me odeia, Nick. Eu entendo. Mas sua mãe não gostaria que você se matasse novamente. Odeie-me amanhã. Hoje à noite, tolere-me como um mal necessário. — Depois deixou seu olhar deslizar até seu irmão, para deixar Styxx saber que isso era tudo o que era para Acheron, também.

Um mal necessário que tolerava.

Que assim seja.

Nick empurrou Acheron para longe dele.

— Isso não nos faz amigos.

Acheron levantou as mãos.

— Eu sei. — Ele se virou para Tory e pegou a mão dela em um aperto firme. Indecisão ficou suspensa lá antes de ele falar e chocar Styxx ao âmago do seu ser. — Styxx, leve-a para fora daqui. Mantenha-a segura.

Ficou boquiaberto. *Quem é você e onde está o meu irmão psicótico?*

Tory ficou boquiaberta, também, quando viu Styxx com uma expressão de horror e seus pensamentos o criticaram. *Você! Você é o único que li a respeito de quem torturou e castrou meu Acheron. Você é um animal. Eu te odeio!*

Styxx não podia acreditar que eles ainda o culpavam por isso. Ao contrário de Acheron, ele morreria antes de tocar voluntariamente a genitália de outro homem. Mesmo para castrá-lo.

Maldito seja, Apollo!

Mas, então, por que condená-lo por isso? Styxx tinha dito ao deus para fazer o seu pior. Apollo só o tinha obrigado. Embora isso tinha começado o ódio que Acheron tinha por ele, Apollo o tinha cimentado.

De repente, um flash de luz brilhante o cegou. E com isso saiu dezenas de Daimons. Todos eles abertos em formação como uma antiga falange grega.

Stryker chegou e seu olhar foi direto para Urian.

— Você me traiu pela última vez. — Sacudindo seu pulso, enviou um punhal filiforme direto ao coração de Urian.

Antes que pudesse atingir o seu objetivo, Acheron o pegou em sua mão.

— Pegue suas meninas, gritem, e fujam agora, Stryker. Isso vai lhe poupar tempo depois. Acredite em mim, você não vai querer uma mostra do meu humor.

Stryker agiu da mesma forma que Styxx teria. Com desrespeito irreverente. Ele correu a língua sobre os dentes como se estivesse saboreando a ideia de se alimentar de Acheron.

— Não há nada que almeje mais do que o gosto de sangue. — Ele olhou em volta para os homens que estavam com Acheron e riu com escárnio. — Esta noite festejamos, Spathi. Ataquem!

Urian puxou Tory atrás de seu grupo quando os Daimons os invadiram. Ao contrário do resto dos homens na sala, Styxx estava em desvantagem grave quando seus inimigos atacaram com raios e poderes psíquicos. Sua cabeça se dividindo com a dor de todos os seus pensamentos batendo nele ao mesmo tempo, ele encolheu os ombros fora do casaco pesado que ele usava e pegou a lâmina mais próxima.

— Apunhale-os no coração. — disse Urian para Styxx antes de demonstrar como matar os Daimons.

Outra explosão de luz no quarto deixou-os com um grupo enorme de reforços inimigos. Styxx esfaqueou o primeiro a alcançá-lo. Só que ele não explodiu em pó como um Daimon fazia.

— Urian? Um pouco de instrução, por favor.

— Demônios... olhos. — Urian esfaqueou um demônio entre os olhos antes de se virar e se esquivar das presas de um Daimon. — Faça o que for, não deixe que os demônios o mordam ou eles podem controlá-lo.

Veja. Acheron, é muito mais fácil quando você me dá algumas orientações importantes.

Styxx desarmou um Daimon que segurava uma espada, então ele virou-se e agarrou-o com seu punhal. O Daimon explodiu sobre ele.

Stryker foi para Nick, mas Acheron o segurou e os dois foram para o chão, socando com uma fúria que Styxx conhecia muito bem. *Ainda bem que eu não sou o único que você odeia tanto assim.*

Mais homens chegaram. Uma vez que eles não eram nem Daimons nem demônios, Styxx recuou até que ele pudesse determinar se eram amigos ou inimigos.

Um demônio lançou-se em Soteria. Ela tentou chutá-lo para longe, mas falhou miseravelmente. Assim quando ele chegou a ela, Julian da Macedônia, um amigo de longa data de Acheron, estava lá com uma xiphos. Ele cortou a cabeça do demônio com um golpe perfeito.

Equilibrando a espada de dupla lâmina em seu ombro, Julian virou-se para encará-la.

— Você pode lidar com uma espada?

— Sim.

— Kyrian! — Julian gritou para o seu melhor amigo, um outro grego loiro. — Meu reino por uma espada.

Kyrian jogou o que parecia ser apenas um cabo. Em um movimento fluido, Julian pegou e apertou um botão no punho de cruz. A lâmina disparou a pouco menos de três metros de comprimento. Ele entregou a Soteria. — Daimons têm de ser esfaqueados no meio de seus corações. Demônios entre os olhos, e se você cortar as cabeças de qualquer um de nós, todos nós morremos.

— Como posso saber a diferença?

— A maioria dos Daimons são loiros e eles explodem em pó quando perfuram seus corações. Atinja no coração, e se isso não funcionar, tente os olhos. Se você esfaquear alguém que choraminga então cai no chão, você atacou um cara bom. Só para sua informação.

Styxx bufou. A menina recebe um tutorial. O único que realmente podia combatê-los era apenas forragem.

Adorável.

Styxx continuou lutando, mas os números contra eles eram horríveis e o som de espadas se chocando trouxe de volta imagens horríveis em sua mente. Mesmo que eles estivessem dentro de casa, podia sentir o chão pegajoso que foi saturado com sangue. A lama encharcada de sangue coagulado na ponta dos pés... O calor do sol que bate para baixo em sua armadura até o ponto que ele queimava sua pele sempre que acidentalmente esbarravam nele.

Outro flash de luz anunciava um grupo ainda maior de demônios e Daimons.

Styxx suspirou ante a situação familiar. Os atlantes caíam em números sobre eles assim. Apenas quando você pensava que estava os diminuindo, mais mil que não estavam exaustos da luta apareciam magicamente.

Tudo o que ele podia fazer era manter o foco nos que vinham para ele, tanto na frente quanto atrás e se certificar de que não fugissem para atacar alguém.

Um dos demônios foi pelas costas de Urian. Styxx puxou uma faca menor para fora do corpo do demônio mais próximos a ele e a usou para cravá-la no novo demônio entre os olhos.

Urian virou-se para lutar, uma vez que caiu a seus pés. Ele encontrou o olhar de Styxx e inclinou a cabeça para ele.

Styx girou e, esquecendo-se que não tinha o hoplon, levantou o braço para deter uma espada que caía sobre ele. Assobiando, cambaleou para trás, em seguida, atacou com a espada na mão direita. Seu adversário girou e voltou imediatamente com outro golpe. Styx estritamente sacudiu a cabeça longe a tempo. A lâmina chegou tão perto, sentiu seu vento sobre seu pomo de Adão.

Ele chutou o Daimon para longe, então usou sua espada para perfurar seu coração. Quando ele se afastou, teve um vislumbre de Stryker, e a expressão em seu rosto era de fúria controlada. Ele estava atento a seu alvo, e em sua mão estava a única arma que podia matar Acheron.

Uma adaga atlante imbuída com o sangue de Apollymi e com seiva ypnsi venenosa das árvores mais escuras cultivadas nas florestas de Kalosis.

Por um momento Styx não reagiu. Se Stryker matasse seu irmão, tudo estaria acabado. Tudo isso.

Ele iria finalmente ter paz.

Mas então cometeu o erro fatal de olhar para Soteria, que observava o que acontecia.

A morte iminente de Acheron.

A agonia de horror em seu rosto e as lágrimas em seus olhos o desfez. Um amor como esse não merecia ser separado. Não havia inferno pior do que ser metade de um todo, eternamente separado.

Por duas vezes em sua vida, passou por esse golpe. Ele não deixaria seu ódio esmagar Soteria.

Droga...

Styx correu para Stryker. Pegou o senhor dos Daimons antes de chegar a Acheron que tinha estupidamente fechado os olhos enquanto lutava.

Sim, você não teve Galen como instrutor.

Como Styx ainda usava óculos de sol, Stryker perdeu o foco em Acheron e o confundiu com seu irmão.

Stryker riu de satisfação quando enterrou a faca profundamente no estômago de Styx. Sua visão esmaeceu enquanto a dor familiar se espalhava por ele. Parecia que Stryker o golpeou no lugar exato onde Ryssa tinha acertado.

Tentando recuperar o fôlego, Styx cambaleou para trás e caiu em alguém. Seus óculos voaram.

O tempo parou quando percebeu que tinha caído contra Acheron e seu irmão se afastou para deixá-lo ir com força no chão. Ele riu amargamente com isso. Seu pai teria ficado orgulhoso.

Ryssa, também.

Rosnando para o fato de que ele tinha perdido Acheron, Stryker pegou o punhal no estômago de Styxx. Styxx segurou dentro dele com uma mão enquanto tentava acertar Stryker de volta com a outra. Mas seu sangue fez o punho demasiado escorregadio e a dor e a ferida enfraqueceram seu alcance. Contra seu melhor esforço, Stryker arrancou a adaga.

Styxx ofegou quando a dor excruciante rasgou através dele.

— Acheron. — Gritou, avisando seu irmão.

Girando a tempo, Acheron pegou o Daimon com o extremo de seu cajado e o afastou.

— Fuja ou morra. — Ele rosnou.

Stryker franziu os lábios.

— Foda-se.

Estreitando o olhar em Stryker, Acheron o afastou com um empurrão, em seguida, bateu o cajado no chão. Uma onda de matéria, e poder irrestrito disparou a partir dele para os demônios e Daimons ao seu redor. Cada um deles virou pó.

Exceto Stryker. Ele pairou acima do solo em forma de um dragão, rosnando e batendo as asas. Gritando de raiva, Stryker expeliu fogo em Acheron.

Acheron ergueu o braço, apenas a tempo de impedi-lo de queimá-lo. Disparou um outro raio em Stryker, que se esquivou.

— Isso não acabou, Acheron. Da próxima vez você não será capaz de usar seus poderes. — Com outra explosão de fogo, Stryker desapareceu.

Tremendo de dor, Styxx deitou sua cabeça no chão e olhou para o teto. Os outros estavam falando, mas seus ouvidos zumbiam tão alto, ele não conseguia entendê-los.

Styxx riu, então gemeu. Era exatamente como o dia antes de morrer. Ele estava deitado sangrando e ninguém sequer notou. Rolando, ele tentou se levantar, em seguida, escorregou no sangue e caiu de volta para o chão. Não havia Galen aqui para prestar ajuda a ele.

Nenhum amigo qualquer.

No entanto, Acheron estava cercado por pessoas que estavam brincando com ele.

Eu tenho que parar o sangramento. Embora não pudesse morrer, a última coisa que precisava era ficar fraco pela perda de sangue. Ainda faria doente, e não havia ninguém para cuidar dele em casa.

Sua cabeça latejava ainda mais, ofuscando sua visão. Incapaz de suportar, Styxx rolou sobre suas costas e manteve tanta pressão sobre a ferida quanto pôde. Ele começou a tremer incontrolavelmente.

Grande. Estou entrando em choque. Ele deveria ter mantido o casaco.

Como ia saber que o estripariam de novo?

Ele sentiu alguém se ajoelhar ao lado dele. Abrindo os olhos, ficou surpreso ao ver Acheron. Não havia um pouco de preocupação ou compaixão na expressão fria de seu irmão.

Styxx ofegava em pura agonia.

— Você sabe, irmão, nunca deve fechar os olhos na batalha.

Ash riu.

— Eu não era o treinado para ser um general.

Coisa boa, também. Você teria sugado isso e feito todo mundo morrer. Mas isso foi apenas parte de ser um líder e ele sabia disso.

Styxx olhou em volta para os homens que os rodeavam. Ele ouviu seus pensamentos e conhecia seus rostos e histórias de memórias de Acheron. Eles amavam o irmão.

Eles nunca uma vez zombaram de Acheron como os homens de Styxx fizeram no início. Todos eles olharam para Acheron com respeito e adoração.

Nenhum deles jamais pagou para fodê-lo.

Os homens de Acheron não sabiam nada sobre seu passado.

Uma parte vingativa dele queria dizer-lhes o que Acheron tinha sido. Mas, então, a crueldade não faria mal a Acheron. Não era verdade. Porque estes homens se preocupavam com seu irmão e mesmo se eles soubessem de tudo, não usariam isso contra Acheron. Seu irmão era estúpido por pensar isso.

E Acheron tinha feito alguma coisa com eles que Styxx nunca tinha feito por seus próprios homens. Acheron tomou essas criaturas destruídas, como Vane e Fang cujo bando de lobisomens os traiu e tentou alimentar os Daimons com eles; Kyrian, cuja esposa o entregou aos seus inimigos para ser torturado e crucificado; Zarek que tinha sido um bode expiatório romano injustamente torturado e executado e Talon que tinha visto sua irmã assassinada diante de seus olhos depois que seu clã, seu próprio sangue, o traiu — com uma paciência que Styxx nunca tinha mostrado, Acheron os tinha curado.

Todos eles.

Era incrível, realmente. Mas, então, Acheron não os odiava do jeito que ele odiava Styxx.

Styxx suspirou.

— Talvez. Mas você faz um trabalho muito melhor em liderar do que eu já fiz. Eu definitivamente acho que papai treinou errado um de nós.

Sem dizer uma palavra, Acheron colocou a mão sobre o ferimento de Styxx. Doeu como uma marca quente contra sua pele. E ele devia saber, pois era como estar no Dionysion. Ele olhou para Acheron.

— Tudo bem, então você é um babaca estúpido. Tire suas mãos de mim. — Ele rosnou com os dentes cerrados.

Ignorando sua explosão, Acheron o segurou para baixo até que Styxx estava pronto a choramingar. Só então Acheron se afastou.

— Estou morto? — Perguntou Styxx sarcasticamente.

— Ainda não. Você ainda tem alguns anos pela frente para me chatear a sério.

Styxx bufou.

— Espero ansioso.

Eu tenho certeza que você faz, Acheron pensou em silêncio. Ele inclinou a cabeça para Styxx.

— Você fez um bom trabalho para mim. Obrigado.

Dizer isso deve tê-lo sufocado, irmão.

— Sim, bem, da próxima vez que você precisar de alguém para descer em um santuário Daimon, escolha um de seus outros babacas para fazer isso. Eu não tenho os poderes de um deus quando eles vêm para mim, e isso me coloca em desvantagem definitivamente.

Sorrindo, Acheron ajudou Styxx a ficar em pé, em seguida, deixou-o e foi estar com seus homens.

Em um piscar de olhos, Acheron tinha colocado Styxx fora de sua mente e esquecido que ele estava aqui.

Para isso eu deixei meus jogos de computador? Styxx suspirou.

— Você quer que eu te leve para casa?

Styxx assentiu para Urian.

— Obrigado.

— Não tem problema.

Em um piscar de olhos, Styxx estava de volta em seu apartamento. Ele começou a ir para o sofá quando seus joelhos se dobraram.

Urian o segurou contra o seu lado e o ajudou a ir para cama.

— Você ainda está ferido?

— É o veneno do punhal que Stryker usou. Acheron curou a ferida, mas não tirou o veneno.

— Se isso foi intencional ou não, ele não tinha ideia.

— Como se consegue isso?

— Você o extrai antes de costurar a ferida. — Styxx olhou para a cicatriz selada. — Oops, tarde demais. — Ele começou a tremer novamente enquanto o suor emanava na testa.

— Você quer que eu ligue para Ash?

— Eu vou ficar bem. — Acheron não viria de qualquer maneira. E Styxx não podia culpá-lo. Se ele tivesse Bethany com ele, não se incomodaria com seu irmão também. — Não é como se eu pudesse morrer. Eu só preciso descansar. — Styxx mal arrastou essas palavras antes de desmaiar.

21 de novembro de 2008 d.C.

Styxx acordou de bruços em uma densa floresta. Os pássaros cantavam quando o sol raiou através da folhagem em torno dele. Suas costelas doíam como quando Galen as tinha chutado. E enquanto ele estava lá, tentando se orientar, ouviu uma bela contralto cantando uma canção de ninar egípcia antiga. Lágrimas encheram seus olhos quando as palavras egípcias o lembraram de Bethany.

Incapaz de resistir à tentação da sereia, se levantou e foi em direção ao som. Ele invadiu uma clareira, onde encontrou Bethany em seu cobertor, abraçando um menino em torno de cinco anos de idade em seus braços. Ela viu Styxx e sorriu um sorriso que ateou fogo em cada parte dele.

— Olha, pequeno Galen, papai finalmente está em casa. — Ela colocou o menino para baixo e ele correu para Styxx.

— Papai! Papai!

Styxx não podia respirar enquanto o garoto agarrava a perna dele e segurou-a firmemente. Sua mão trêmula, ele a roçou através do cabelo loiro curto, ondulado e olhou com admiração para os olhos azuis brilhantes que olharam para ele com adoração total e amor.

Balançando o menino em seus braços, ele derreteu quando Galen colocou a cabeça em seu ombro e abraçou-o apertado.

— Senti saudades, papai. Trouxe-me alguma coisa?

— Ele trouxe a si mesmo, — Bethany brincou com o filho. — Isso não é o suficiente?

Rindo, Galen caiu nos braços de sua mãe. Bethany o segurou em seu quadril antes de ela se levantar na ponta dos pés para colocar um beijo ardente nos lábios de Styxx.

— Só para você saber, estou furiosa com você.

— Por quê?

— Você me fez sentir saudades. Mas estou tão feliz que você está de volta que está completamente perdoado.

Seu coração batia quando ela deitou a cabeça no peito dele e segurou-o com um braço. Ele envolveu a ambos e se engasgou com uma onda de lágrimas. O cheiro de eucalipto e lírios o aquecia. Ele nunca quis mover-se ou deixá-los ir.

Eu devo estar morto.

Mas ele não se importou. Este era o único lugar onde sempre quis estar. Segurou-os firme em seus braços.

Bethany entregou Galen de volta para ele, em seguida, pegou a mão dele para levá-lo em direção à sua pequena casa de pedra. No interior, os brinquedos de Galen estavam espalhados pelo chão. Seu filho agitou as pernas curtas para deixar Styxx saber que queria ir para baixo. Depois de o agradar, Styxx puxou suavemente Bethany em seus braços para que pudesse enterrar o rosto em seu cabelo e inalar seu perfume doce, enquanto ela passava as mãos por suas costas. Cada hormônio em seu corpo rugiu para a vida.

— Galen. — Ela chamou.

— Mamãe?

— Por que você não vai brincar com Dynatos lá fora por um tempo?

Galen agarrou uma bola e correu para a porta.

— Não vá longe! Fique perto para que eu possa ouvi-lo.

— Tudo bem, mamãe.

Assim que a porta se fechou, ela reivindicou seus lábios com um beijo ardente. Styxx não conseguia pensar direito quando ela baixou os chlamys para o chão, depois desamarrou sua túnica para que pudesse tocá-lo por toda parte.

Ele afrouxou o cinto de corda em torno da cintura dela e o deixou cair no chão antes de puxar os peplos sobre sua cabeça. Seu olhar faminto esquadrinhou cada centímetro de seu belo corpo nu. Ele a puxou contra ele.

Rindo, brincando, ela pulou em seus braços e envolveu as pernas ao redor de sua cintura, enquanto mordida os lábios e queixo dele com os dentes.

— Estou tão feliz que você está em casa.

— Oh, Beth, eu também me sinto como se tivesse fora uma eternidade.

— Cada segundo que você está longe é uma eternidade para mim.

Saboreou essas palavras, tanto quanto a sensação de sua pele macia deslizando contra a dele.

Ela tomou sua mão na dela e franziu a testa.

— Você tem novas cicatrizes.

— Não são importantes.

— São para mim. Eu não gosto de você se machucar.

Ele endureceu ainda mais ao som de amor com essas palavras. Precisando estar dentro dela, a levou para o quarto. Embora, para ser honesto, ele não queria esperar para estar dentro

dela. Mas ela era o seu coração e alma, e a mãe de seu filho. Não queria entrar nela como se seu conforto não significasse nada para ele, quando tudo que desejava neste mundo era que o amasse com um décimo de intensidade que ele sentia por ela.

Delicadamente, colocando-a sobre a cama, reconquistou seus lábios e, lentamente, abaixou-se entre suas pernas. Tremendo, ele beijou o seu caminho até o pescoço e os ombros para que pudesse provar sua tensa e perfeita aureola.

— Eu te amo, Beth. — Ele sussurrou, esfregando o queixo contra o peito.

— É uma ninharia em comparação com o que sinto por você, meu coração... O que o manteve tanto tempo longe de nós?

— Os deuses que eu odeio.

— Você não deveria odiar os deuses, Styxx.

Como não poderia? Tinham-lhe roubado tudo. Até a sua dignidade. Mas enquanto ele olhava para as profundezas verde ouro de seus olhos, seu ódio não importava mais.

— Então me beije, Beth. Respire sua fé e amor em mim e não vou mais odiar.

Ela o beijou apaixonadamente, em seguida, estendeu a mão entre seus corpos para deslizá-lo dentro dela.

Sua respiração o deixou em um suspiro quando a sentiu o embalando. Por um minuto, ele não conseguia se mexer, com medo de gozar imediatamente.

— Está tudo bem, amor, — ela sussurrou em seu ouvido. — Eu sei quanto tempo tem sido para você. Não se preocupe comigo agora. Nós temos o resto da noite para você tomar o seu tempo me dando prazer. Ela empurrou contra ele.

Puro êxtase explodiu através de seu corpo inteiro. Apertando os dentes, ele rugiu com a força dele quando dirigiu-se tão profundo quanto podia e estremeceu enquanto ela o abraçava.

— Isso foi inútil para você. — Ele sussurrou ofegante em seu ouvido.

Ela passou a mão pelo cabelo dele e brincou com ele.

— Não, não foi. Eu tenho você em meus braços e dentro de mim. Estou tão feliz quanto posso ser. Além disso, sei que você vai fazer isso para mim mais tarde.

Sim, ele o faria.

Suspirando, ele ouviu seu coração batendo contra seu ouvido enquanto Dynatos latia lá fora e Galen ria com a brincadeira. Esses sons trouxeram lágrimas aos seus olhos.

— Pai! — Galen veio correndo para dentro.

Styx mal tinha puxado sua túnica de volta e cobriu Bethany antes que seu filho batesse em sua porta. Certificando-se de que não iria deixar uma cicatriz no menino por toda vida, ele abriu a porta e se ajoelhou.

— O que foi?

— Há uma tartaruga! Venha ver!

Styx ajustou sua túnica então entrou na cozinha e pegou a mão de Galen para que Bethany pudesse se vestir em paz.

— Onde está?

Galen correu com ele do lado de fora para mostrá-la presa na lama por uma árvore.

— Eu tentei libertá-la, mas não conseguiu alcançá-la sem me sujar e eu prometi a Mama que ficaria limpo para o seu regresso para casa.

Styx ajoelhou-se na lama e puxou o filho perto quando ele se lembrou de todas as vezes que o seu pai tinha sido um bastardo para ele porque tinha uma roupa amassada ou permitiu uma bainha ceder.

— Você pode rolar em torno dele como um leitão feliz por tudo que me importa, Galen. A única coisa que importa para mim é que use um sorriso quando eu chegar em casa para você. E essa é a única coisa que não quero manchada. — Ele segurou Galen para que ele pudesse pegar a tartaruga e puxá-la para a segurança.

Ele afastou o cabelo de seu filho para trás e beijou sua bochecha.

— Você sabe de onde Khelone recebe o nome dela?

— Dos deuses!

Sorrindo, Styx ajudou Galen a levar a tartaruga para o lago e lavá-la.

— Isso é certo. Khelone era uma ninfa que se recusou a participar da festa de casamento de Zeus e Hera, embora o próprio Hermes tinha ido buscá-la. Furioso, Zeus foi até Khelone e exigiu saber por que ela se atreveu a desafiar e ignorar sua autoridade. E sabe o que ela disse?

Galen sacudiu a cabeça.

— Ela disse, e cito... embora seja tão humilde, não há lugar como o lar.

— É por isso que ela carrega sua casa nas costas?

— É, na verdade. — Embora o conto afirmava que Hermes e Zeus tinham feito isso como castigo por sua recusa a deixar sua casa. Mas isso não era um castigo para Styx. — Se pudesse, eu levaria você e sua mãe em minhas costas comigo onde quer que fosse.

— Você parece muito bobo, papai.

— Algumas coisas valem a pena parecer bobo.

Franzindo o rosto, Galen sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Eu odeio parecer estúpido.

— Para fazer você e sua mãe rir ou sorrir, eu me pintaria de rosa e andaria nu ao redor do mundo.

Galen riu, em seguida libertou a tartaruga na lagoa. Jogou-se contra Styxx e o manchou de lama. Afastando-se para trás, Galen ficou tenso.

— Uh-oh.

— O quê?

Galen se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

— Mamãe está aqui e ela não parece feliz que estamos cobertos de lama. Você pode querer pegar sua espada e escudo, papai.

— Não se preocupe. — Ele sussurrou de volta. — Eu vou te proteger.

— Eu não vejo como.

O coração de Styxx inchou com a visão de Bethany os abordando.

— O segredo não é cortar a cabeça da Górgona, filho. É fazê-la sorrir.

Os olhos de Galen ficaram ainda mais amplos.

— Eu acho que seria mais fácil cortar a cabeça.

— Apenas como o último recurso. — Ele beijou a bochecha de Galen, em seguida, levantou-se com Galen nos seus braços. Lentamente, ele se aproximou de Bethany, que franzia a testa para eles.

— Meus dois heróis atolados na lama. O que eu vou fazer com vocês?

— Oh, Beth, simples, a resposta.

Ela arqueou uma sobrancelha para ele.

— Nos ame. — Ele baixou a cabeça para beijá-la, em seguida, de brincadeira passou a mão coberta de lama por sua bochecha, deixando uma longa mancha nela. Rindo, abraçou Galen e saiu de seu alcance.

Gritando com raiva simulada, ela correu para eles.

A risada de Galen misturou-se com a deles, enquanto ela e Dynatos os perseguiam até que o cão traidor tropeçou nele. Styxx bateu no chão com o ombro, certificando-se que manteve Galen livre de danos. Ele rolou para suas costas para que Galen ficasse escancarado em seu peito. Bethany caiu em cima dele e montou sua cintura. Ela agarrou Galen nos braços e abraçou-o até que ele protestou. Em seguida, o abraçou ainda mais forte.

— Papai! Ajude! A Górgona tenta tirar minha respiração.

— Ajuda? Muito bem. — Ele levantou-se para envolver seus braços ao redor de Bethany e prender Galen entre eles.

Galen protestou ainda mais.

— Eu quis dizer me ajudar, não à Górgona!

Rindo, ele embalou o filho ao peito e deitou a cabeça no ombro de Bethany. No entanto, mesmo enquanto saboreava essa felicidade com eles, sabia que não iria durar.

Nunca durava para ele.

O pensamento dele terminando rasgou sua alma com garras. *Por favor dê-me este desejo. Por favor, deixe-me ficar aqui com eles.*

Mas ele sabia a verdade. Acheron tinha falado para ele há muito tempo.

Styxx foi condenado e felicidade nunca vinha para os condenados.

19 de janeiro de 2009 d.C.

Urian rangeu os dentes enquanto levava Savitar ao quarto de Styxx.

— Ele está assim por mais de um mês.

Savitar deu a Urian um arqueado olhar.

— Eu sei certo? É como se todo o corpo dele tivesse se desligado. Ele não comeu ou bebeu ou até mesmo se moveu. De vez em quando, sussurra em grego antigo ou egípcio, mas não consigo trazê-lo de volta.

Franzindo a testa, Savitar puxou o cobertor para examinar o ferimento que Acheron tinha selado. No momento em que viu a extensão das cicatrizes de Styxx exclamou com horror.

— Que diabo?

Urian suspirou quando entendeu a reação de Savitar.

— Além de ser um herói de guerra que lutou em dúzias de batalhas, ele passou um ano como um prisioneiro de guerra em Atlântida. Nunca falou realmente muito sobre isto, exceto que foi uma porra, mas pelas cicatrizes eu diria que eles o torturaram o tempo todo em que esteve lá.

Savitar expeliu uma respiração pesada.

— Não tinha ideia. Acheron sabe sobre isto?

— Não sei. Dado seu ódio extremo por Styxx, entretanto, eu diria que não se importaria. Provavelmente diria que Styxx mereceu isto.

Savitar sentiu a testa de Styxx.

— Quanto tempo sua febre está alta?

— Desde a briga com Stryker. Ele estava assim quando o trouxe para casa e não quebrou ou se queixou de nada.

Savitar colocou a mão na garganta de Styxx.

— Ele mal tem pulsação.

— Sim. Não sabia o que fazer. Não é como se pudesse chamar um médico. Tentei dizer a Ash, mas disse que Styxx estava provavelmente fingindo para chamar atenção. Ele me disse que Styxx não pode morrer e ficaria bem. Não me preocupo com isto. Mas ele não parece bem. Parece com um cadáver.

— Certo. Afaste-se. Vou dar-lhe um choque para trazê-lo de volta.

Urian moveu-se para a soleira enquanto Savitar colocava as mãos no peito de Styxx. Um leve zumbido encheu seus ouvidos, alguns segundos antes do que pareceu ser como uma marreta disparando um raio da mão de Savitar para o peito de Styxx.

Os olhos de Styxx se abriram de repente. Arquejando, ele franziu o cenho para Savitar e em seguida para Urian como se não os reconhecesse a princípio. Assim que o fez, seus olhos se encheram de pânico e lágrimas.

— Não! — Styxx suspirou ofegante, varrendo o quarto com o olhar. — Beth! Galen!

Styxx queria gritar quando se encontrou não em sua cabana, mas de volta no inferno. Desesperado e histérico correu da cama para procurar freneticamente em seu apartamento por sua família.

Eles não estavam aqui. Eles se foram.

Tudo se foi.

A agonia traiçoeira o despedaçou quando caiu de joelhos e berrou.

— Por que me trouxeram para cá? Por quê? Estava com eles e nós estávamos felizes! Eu estava com eles... — Styxx enterrou a cabeça nas mãos e tentou chegar a um acordo com a realidade que desprezava. — Beth, não me deixe de novo... por favor... por favor, volte para mim... não posso mais viver sem você. — E não podia suportar a ideia de ficar aqui sozinho.

Urian engasgou com a visão de uma tristeza profunda que conhecia melhor do que ninguém. Por muito tempo, odiou Ash por trazê-lo de volta à vida. Todos os dias que vivia sem Phoebe era um dia que desprezava com fúria.

Por que não o deixei em paz?

Se ele soubesse que Styxx estava em coma com sua família, o teria deixado lá para sempre.

Seu coração despedaçou por seu novo amigo, Urian ajoelhou-se ao lado de Styxx e o recolheu em seus braços.

— Sinto muito, Styxx. Nós não sabíamos.

Savitar veio até eles e colocou a mão no ombro de Styxx, nocauteando-o novamente.

— Infelizmente, ele não ficará deste jeito.

— Ajude-me colocá-lo de volta na cama.

Em vez de ajudar, Savitar levantou Styxx como se ele não pesasse nada, e o levou para o quarto. Havia algo misterioso sobre como Savitar estava agindo agora. Mas Urian não o conhecia bem o suficiente para arriscar uma suposição sobre seus pensamentos.

— É perturbador, não é? — Savitar lhe perguntou quando Urian entrou no quarto.

— O que?

— Quanto ele se parece com Ash.

Urian encolheu os ombros.

— Eles são gêmeos idênticos. Tive dois pares de irmãos que também eram. Mas apesar de poderem compartilhar a aparência e algumas inclinações, são pessoas geralmente muito diferentes.

Savitar varreu seu olhar em torno do quarto, em seguida abriu o armário onde Styxx tinha dois pares de calça jeans dobradas ordenadamente na prateleira superior. Um suéter, uma jaqueta, duas camisas de manga comprida de botão, e três camisas de mangas curtas. Um par de sapatos. Franzindo a testa, Savitar continuou a procurar por todos os seis quartos do apartamento.

Curioso, Urian o seguiu ao redor.

— O que está procurando?

— Qual a sua impressão deste lugar?

Urian respondeu com a primeira palavra que estalou em sua cabeça.

— Espartano.

Savitar assentiu.

— Não exatamente o tipo de lugar que um príncipe mimado teria muito prazer em estar, não é? — Ele entregou um extrato bancário para Urian. — Acheron deu-lhe bastante dinheiro. E você pode dizer pela falta de louças, que ele não teve muito, se houve algum, divertimento. A única coisa com que parece ter gasto é um computador.

— Apenas porque lhe pedi. Ele não sabia nada sobre eles e pediu meu conselho.

Savitar pegou o telefone de Styxx e olhou-o, em seguida o deu para Urian.

— O seu é o único número que ele tem, e é o único que chamou.

E não frequentemente, e mesmo assim não por muito tempo. Sua conversa mais longa foi sobre o computador e que provavelmente não durou mais do que vinte minutos, no máximo.

Urian suspirou.

— Presumi que ele tinha outras pessoas com quem curtia.

— Ele disse alguma coisa para você sobre ficar sozinho?

— Ele realmente não conversa muito. Na maior parte do tempo faz perguntas sobre coisas modernas que não entende. Ou costumes e frases que são pouco conhecidas.

Savitar franziu o cenho.

— Ele já mencionou Ash ou sua irmã?

— Apenas se eu mencioná-los, e então rapidamente ele desvia a conversa para outro tópico. Esta noite, contudo, ou quando ele e Ash confrontam um ao outro, ele normalmente fica quieto e reservado. Despretensioso. Mas ele tem um rancoroso senso de humor.

— Como assim?

Urian sorriu com as lembranças de suas breves conversas.

— Uma de minhas favoritas... quando ele fez um comentário sarcástico sobre um encontro on-line, e então se desculpou dizendo que era tão alérgico a estupidez que isto o levou a romper inesperadamente com um sarcasmo desenfreado. Outra vez, fiz um comentário de que era um líder e não um seguidor. Ele me corrigiu dizendo que se estivesse em um lugar escuro com grunhidos altos, então foda-se esta merda, alegremente me seguiria para investigar isto.

Savitar riu.

Urian continuou.

— Ele também quis saber por que creme de leite, manteiga e queijo azul tem data de validade. Por que ringue de boxe são sempre quadrados. Por que edifícios queimam em cima quando estão queimando em baixo. — Ele parou de rir. — E meus dois favoritos, ele perguntou por que temos médicos agora e não físicos.

Savitar franziu o rosto.

— Eles são os mesmos.

— Foi isto o que eu disse, entretanto ele ressaltou que por volta dos chamados dias bárbaros, nós não tínhamos doutores que praticavam a medicina, mas sim físicos que lhe curavam... ou o matavam, assim como agora. Ele me perguntou o quanto o homem moderno poderia confiar em alguém com tão pouca confiança de conhecimento do campo deles, que lhes diziam logo de início que ainda estavam no processo de aprendizagem.

Savitar bufou.

— Nunca pensei nisto desta forma.

— Sim, há alguns meses atrás, ele estava em um supermercado e queria saber por que o suco de limão era artificialmente aromatizado, mas o detergente continha limões de verdade. E o que as pessoas modernas tinham contra perus? Ele podia achar peru defumado, bife, e hambúrgueres, mas nenhum simples peru. Desnecessário dizer, que nunca pensei sobre nada

disso. Provavelmente porque a única vez que já estive em um supermercado, foi para fazer compras para os humanos.

Savitar ignorou os últimos comentários.

— Deve ser duro para ele ajustar-se.

— Ele não reclama. Apenas tenta entender a mentalidade moderna, tanto quanto pode ser um porco de chauvinista se abrir uma porta para uma mulher, e em seguida é um porco insensível se não o fizer.

— O dia que ele entender isto, diga-lhe para escrever um livro e todos nós ficaremos ricos.

— Ele já fez isto. Fica para trás até que ela entre e em seguida corre antes que outra chegue.

Savitar riu, em seguida ficou sério.

— Diga-me honestamente Urian. O que acha dele?

— Gosto dele, e não porque eu o idolatrei como um herói militar quando era criança. Ele era um feroz ancião para mim então. Como você.

Savitar arqueou a sobrancelha em censura então sorriu e disse.

— Você me conhece, Chthonian, não jogo bem com os outros, e basicamente odeio todos, o tempo todo, mas realmente atravessaria a rua para ter uma conversa com ele... Na verdade, eu fiz.

— Vindo de você, é a maior aprovação que posso pensar.

Urian assentiu.

— Apenas não entendo o ódio mútuo. Quer dizer, tinha irmãos com os quais não conseguia ficar em torno mais do que cinco minutos, mas realmente não os odiava. Éramos apenas diferentes. Apesar de que poderia jogá-los no mar de vez em quando, realmente nunca tentaria matar um deles.

— Entendo porque Acheron o odeia, e é justificado. Acredite-me. A própria Apollymi me contou sobre o seu sangue ruim, e sei que ela não está mentindo. Estou apenas tendo dificuldade em conciliar as histórias que tenho ouvido, com o homem que vive aqui. Claro que, onze mil anos podem mudar alguém... Não sei. — Savitar suspirou. — Fique de olho nele e deixe-me saber se ele voltar ao coma. — E desapareceu.

Urian começou a sair também, mas dada a forma do quão perturbado Styxx tinha estado, não quis deixar Styxx sozinho quando acordasse.

Suspirando, olhou em volta para algo com que se ocupar. Seu olhar caiu em um caderno de desenho em cima da mesa. Curioso sobre o que continha, ele caminhou até lá e o abriu.

Seu queixo caiu com o que encontrou dentro. A maior parte do livro estava preenchido com desenhos de uma mulher absolutamente deslumbrante, que tinha que ser Bethany. Alguns deles eram tão reais, que parecia que ela poderia saltar da página e tocá-lo. Mas o que era verdadeiramente assombroso eram os desenhos de Styxx e ela. Ele capturou perfeitamente os sorrisos e risadas dela, mas acima de tudo tinha capturado a angústia e o amor em suas próprias características, enquanto a abraçava. Havia também retratos de Bethany com o filho, e do menino sozinho. Um menino que Styxx nunca conheceu. Isso despedaçou o coração de Urian.

Droga, Styxx era talentoso. Quem diria isso?

O que descobriu de mais revelador foi que, apesar de alguns desenhos mostrarem Bethany sedutoramente vestida com roupas gregas, nenhum deles a mostrava nua. Mesmo que Styxx nunca tivesse a intenção de que alguém visse isso, ele manteve a honra de sua esposa e a respeitava.

Urian parou na página seguinte, quando encontrou um desenho de um menino usando um elmo de um hoplita corinto. Estava hilário e adorável. Ao lado dele, Styxx tinha escrito o nome “Galen” em grego. Ele também tinha alguns de um Galen adulto, um de uma mulher chamada Tig, um cavalo e um cachorro, e algumas cenas do que deveria ter sido Didymos.

E, em seguida, aquilo que realmente o chocou... As imagens de Acheron em suas modernas roupas góticas e os longos cabelos negros, assim como as fotos deles juntos com um raio caindo entre eles.

Quando Urian virou para a próxima página, seu coração parou. Styxx tinha desenhado Urian com Phoebe. Apesar de Styxx nunca tê-la visto, ele a desenhara com perfeita semelhança a partir das descrições de Urian. Era absolutamente estranho que Styxx pudesse fazer isso, e isto lhe mostrou o quão fieis à realidade seus desenhos de Bethany deviam ser.

Incrível.

O amor que Styxx tinha por sua esposa e seu filho sangrava em cada página. Desde que Styxx não tinha mais nada de seu para guardar, deve ter criado isto. E isto era como olhar para a alma de Styxx.

Urian colocou o caderno de volta exatamente onde o tinha encontrado. Mas, honestamente, o que mais o perturbava sobre este caderno...

Ele viu seu próprio futuro. Phoebe estava morta a apenas um punhado de anos e ainda queimava dentro dele, como uma furiosa fornalha. Para Styxx, já tinha se passado longos onze mil e ele ainda sofria tanto agora, quando tinha antes.

Isto não pressagiava nada de bom para Urian.

Talvez fosse por isso que estivesse tão atraído por Styxx. Eles estavam ligados por tragédias semelhantes e tinham nascido contemporâneos virtuais na Grécia antiga. Bem, não exatamente, Styxx tinha a mesma idade de seu pai, mas perto o suficiente.

Urian olhou para o caderno e se encolheu.

Então é isso que me espera. Insanidade.

Grande.

21 de janeiro de 2009 d.C.

Logo após a meia-noite, Styxx acordou coberto de suor. Estava tão frio que seus dentes batiam. Alguém puxou outro cobertor sobre seu ombro. Por uma mera batida de coração, pensou que poderia ser Bethany.

Não era.

Urian entrou em seu campo de visão.

— Como você está?

Quebrado. Completamente. Mas não havia necessidade de dizer isto. Ele ainda não sabia como um sonho poderia parecer tão real. Sentiu a pele de Beth... sua respiração em seu rosto. As exigências do início da manhã de seu filho pelo café da manhã e entretenimento, enquanto tentava puxar Styxx para fora da cama.

— *Venha papai, venha!*

Se apenas ele pudesse...

Quando não respondeu, Urian se agachou próximo à cama, até que seus olhares se encontrassem.

— Eu sei. — Ele sussurrou. — Ainda acordo esperando encontrar Phoebe ao meu lado. Nem sequer desativei seu celular. Eu o mantenho para que possa ligar e ouvir a voz dela naquelas horas quando sinto que não posso mais suportar. Não é justo que sejamos forçados a viver sem elas enquanto o mundo continua inconsciente do fato de que está faltando a parte mais vital disto. — Ele soltou um riso amargo. — É por isso que estou aqui com seu rabo cabeludo. Não quero ver Tory e Ash. Não porque o odeie como você, mas porque eles me lembram do que já não tenho mais. E apesar de não invejar a felicidade deles, faz minha solidão arder muito mais profundo.

Styxx finalmente piscou.

— Por que você conversa comigo, Urian?

— Não sei. Você é divertido quando não está catatônico ou em coma. Ou com uma fúria homicida. Por que conversa comigo?

A resposta escapou antes de poder deter-se.

— Porque não posso ouvir seus pensamentos.

— O quê?

Styx suspirou.

— É algo que posso fazer desde que nasci. Com algumas pequenas exceções, uma das quais é você, ouço todos os pensamentos na cabeça de alguém.

— Isso deve ser uma merda.

— É de fato. Isso foi o que me fez tão letal no campo de batalha. Sabia o que meus inimigos iriam fazer e podia destruí-los.

— Sim, certo, e isso era uma merda. — Urian tinha a intenção de fazê-lo sorrir, mas alguma coisa deixou o humor de Styx sombrio, então ele mudou de assunto. — Acha que consegue comer alguma coisa?

— Não sei.

Urian deu-lhe uma garrafa de água.

— Você precisa de um gole disso. Apesar de saber que não pode morrer de fome ou sede, você ainda sente ambos. Vou fazer um reconhecimento na geladeira, enquanto toma banho. — Ele levantou-se, e em seguida deixou o quarto.

Desejando estar morto, Styx se sentou lentamente e recostou-se em seus braços para inspecionar o quarto enquanto as sirenes tocavam do lado de fora sobre o constante zumbido do tráfego. Como odiava isto aqui.

Sim, Acheron deu-lhe milhões de pessoas nesta cidade, mas Styx não se relacionava com nenhuma delas. O punhado de mulheres com quem conversou mostrou-lhe o quão fora de sintonia ele estava nesta época. Apesar de estar com um tesão dos infernos, não conseguiu levar nenhuma delas para a cama. No minuto em que abriam a boca e começavam a discursar sobre coisas triviais, ele perdia o interesse.

Sentia falta de discutir filosofia, ideais e política com Bethany. Escutá-la murmurar e cantar, enquanto nem ao menos percebia que estava fazendo isto...

Nenhuma outra mulher conseguia chegar aos pés de sua beleza ou graça.

Com um suspiro pesado, forçou-se a levantar e tomar banho. Quando viu a si mesmo ele fez uma careta. Ainda estava com o longo cabelo preto de Acheron. Enrolou os lábios. *Como Acheron podia ficar assim?* Fazia Styx sentir-se como uma mulher. Sem mencionar que era anti-higiênico e o deixava confuso. No que dizia respeito a esse assunto, *como Acheron podia lutar com isto?*

Incapaz de tolerar mais, voltou para o quarto para pegar uma tesoura na gaveta da escrivaninha, em seguida retornou para o banheiro para cortá-lo. Quando se moveu para jogar o

rabo-de-cavalo fora, lembrou-se de ver anúncios da ONG *Locks of Love*⁴⁹ que fazia perucas para vítimas de câncer. Enrolando o cabelo, deixou-o sobre o balcão antes de entrar no chuveiro.

Uma vez que estava limpo e vestido, dirigiu-se à cozinha para encontrar Urian comendo um sanduíche.

— Sabe, a comida ainda tem um gosto estranho para mim. É difícil se acostumar a comer quando se viveu de sangue por onze mil anos.

Styx fez uma careta com a lembrança do que Apollo fez a seu próprio povo.

— Fico surpreso de que não tenha se livrado de suas presas.

— Pensei sobre isto. Mas nunca vi a mim mesmo sem elas. Estou muito velho para mudar agora. Poderia livrar-me de minha mordida e já tenho dificuldade o suficiente de mastigar como está. Você provavelmente não percebeu que a mastigação é uma habilidade. E a primeira vez que mordi minha língua... esteja contente de não ter estado lá para ver.

Styx se sentou para comer seu próprio sanduíche de presunto.

— O que fez com que decidisse ser um Daimon?

— A raiva principalmente. Meu melhor amigo era uns anos mais velho do que eu, e se recusou a lutar contra a maldição. Então o assisti envelhecer como um idoso em menos de vinte e quatro horas, gritando em agonia absoluta o dia inteiro até que deteriorou para nada além de pó. Tudo o que pude pensar foi que ele nunca prejudicou ninguém. Nem sequer esteve em uma briga, e tudo por causa de meu próprio avô, sobre algo que aconteceu antes que eu pudesse caminhar. Isto me emputeceu. Mas depois de perder Phoebe, posso entender por que Apollo ficou tão chateado e nos amaldiçoou. Teria feito o mesmo, se não mais, se eles assassinassem meu filho e minha amada também.

Styx lançou um suspiro doloroso.

— Ele não amava Ryssa.

Urian arqueou uma sobrancelha.

— O quê?

— Ela era uma possessão. Nada mais. A maior parte do tempo, ele reclamava sobre seus lamentos e queixas... o que ela fazia o tempo todo, sobre tudo.

— Não é isto que Ash diz.

— Ele e eu tivemos duas irmãs completamente diferentes. Ela o mimou e me odiou.

⁴⁹ ONG baseada nos Estados Unidos, aceita doações de cabelo e dinheiro com a intenção declarada de fazer perucas para crianças carentes canadenses e americanas com problemas médicos que lhes causaram a perda dos cabelos.

— Por quê?

Styx engoliu o pedaço de sua comida.

— O que posso dizer? Sou um imbecil. Quanto a Acheron, ela sentia pena dele. Em sua mente, ela estava certa de que roubei o trono do nosso pai e o amor dele por meu irmão.

— É por isso que ele o chama de ladrão?

Styx encolheu os ombros.

— Não sei. Ironicamente eu nem mesmo queria o trono. Queria apenas uma família que não me odiasse.

Urian terminou seu sanduíche.

— Eu teria alegremente lhe dado alguns irmãos. Cara, havia tanta testosterona naquela casa que não sei como minha mãe e irmã nos aguentavam. Mas éramos, na maior parte do tempo, felizes. E ainda meus irmãos mais velhos disseram que meu pai era um homem muito diferente antes de Apolo nos amaldiçoar.

— Como assim?

Urian encolheu os ombros.

— Ele era mais feliz e muito mais calmo. — Ele pegou o pepino em conserva de seu prato. — A única coisa que eu realmente odiava era não poder ver a luz do sol. — Ele amargamente riu. — Meu pai costumava ficar louco comigo quando era criança. Eu ficava na porta ao amanhecer, tentando pegar um vislumbre do nascer do sol. Ele começava a gritar que se eu quisesse explodir em chamas, então estava disposto a começar o processo deixando meu rabo queimando se não me pusesse a salvo.

Styx riu.

— Ele o amava.

— Sim, até o dia em que cortou minha garganta. Nunca entendi isto. Depois que Darius morreu, adotei seus filhos que eram crianças na época. Quando Ida e Mylinus morreram, isto quase me matou. Não posso imaginar ficar tão louco com eles a ponto de fazer algo assim, e eles não eram tecnicamente meus. — A angústia nos olhos dele perfurou o coração de Styx. — Como você pode cortar a garganta de seu próprio filho?

— Não sei Uri. Nunca entendi isto, tampouco. Quando era apenas um menino, minha própria mãe tentou me matar por dar-lhe um presente de aniversário. Ela me apunhalou não sei quantas vezes.

Os olhos de Urian arregalaram com incredulidade.

— Sua mãe?

Ele assentiu.

— Ryssa também.

— Apunhalou você?

Styx x tomou um gole de seu leite antes de responder.

— Ryssa me estripou um dia ante de morrer.

— O que você fez? — O modo como Urian fez a pergunta, era quase cômico.

Infelizmente, ele não tinha feito nada para eles.

— Ela me atacou por causa de seu avô.

— Apollo? Por quê?

Styx x estremeceu com a lembrança.

— Ciúme. — Um calafrio de repulsa o percorreu. — Ela estupidamente pensou que eu estava tentando seduzi-lo como um amante, para tirar sua atenção dela.

— Eca!

— Acredite-me, não posso concordar mais. Sem ofensa, mas odeio seu avô com cada parte de mim. Só de estar em uma sala com ele, faz minha pele arrepiar e meu estômago revirar.

— Não se preocupe. Não vou defendê-lo. Pessoalmente penso que ele é um esnobe, desculpe, filho da puta egoísta. — O telefone de Urian tocou. Ele olhou para baixo e verificou o ID. — Com licença, preciso atender isto. — Ele levantou e deixou a sala enquanto Styx terminava sua comida. Pela saída súbita, assumiu que o telefonema deveria ser de Acheron.

Urian voltou alguns minutos depois, enquanto Styx estava limpando.

— Tenho que cair fora. Age Of Mythology mais tarde?

— Certo.

Urian estendeu a mão para ele. Quando Styx a pegou, ele o puxou para um abraço fraterno com suas mãos entre o peito deles. Sem outra palavra, Urian desapareceu.

Styx terminou suas tarefas em seguida foi pegar seu caderno de desenhos. Folheou pelas páginas, tocando os rostos de seu passado que sempre o assombravam. Ele parou na imagem de Bethany com seu bebê. Estava exatamente como em seu sonho. Ela sentava-se em um campo, em um cobertor, abraçando seu filho. E agora sabia que estas imagens foram o que alimentou sua alucinação.

O menino que ele abraçou não era real.

E Bethany se foi. Deveria ter percebido que foi tudo um sonho, pelo simples fato de que Bethany não poderia vê-los. Mas estava tão grato e feliz que não questionou aquele pequeno milagre.

Uma única lágrima deslizou pelo canto de seu olho. Styxx limpou-a e suspirou. Estava tão cansado agora. Mais cansado do que jamais esteve antes.

Lembrou-se de um tempo, há muito tempo atrás, quando soube de seu destino. Quando descobriu quem e o que era.

Agora...

Não pertença há lugar nenhum.

Pior, não pertencia a ninguém.

Naquele momento, soube o que precisava fazer. Estava na hora de pegar sua vida de volta, tal como era. Poderia ter perdido de vista as coisas durante um tempo, mas no fim do dia, ele era um lutador. Era tudo o que conhecia. E estava cansado das outras pessoas tomarem decisões sobre sua existência. Deste momento em diante, estaria sozinho. E encontraria algum lugar onde ninguém nunca mais o controlaria novamente ou o encarceraria. Algum lugar onde ficasse confortável. Um lugar onde pertencesse.

24 de janeiro de 2009 d.C.

Urian ligou para Styxx novamente, e novamente caiu na caixa postal. Com medo de que Styxx tivesse deslizado para outro coma, riscou-se para o apartamento de Styxx.

Soube no minuto em que se materializou que algo não estava certo. Tudo no apartamento parecia diferente. Mas olhando ao redor, não viu nada fora do lugar.

— Styxx?

Ninguém respondeu.

Rapidamente procurou pelo apartamento, para encontrá-lo vazio. Desta vez quando entrou no quarto, ele viu que Styxx tinha retirado do caderno de desenho a página dele e de Phoebe, e a deixou em cima de sua escrivaninha com uma nota dobrada. O medo apertou seu âmagô quando a abriu e leu.

*Urian,
Você é o único que notará que não estou aqui. Não se preocupe, não estou fazendo nada particularmente estúpido. Apenas não quero viver em um mundo que não entendo mais. Quando encontrar meu lugar e a paz que preciso para funcionar, entrarei em contato. Até então, cuide-se meu irmão. E obrigado por ser meu amigo.*

Rangendo os dentes, Urian queria encontrá-lo e bater em Styxx até a morte, pela dor que sentia agora, e não sabia por que sentia isto. *Por que deveria se importar?* Ele apenas conhecia Styxx.

Deveria ser por serem espíritos afins. Styxx era o único que realmente entendia sobre Phoebe. Depois de seis anos, todos os outros perderam a paciência com sua relutância em seguir em frente e encontrar um novo amor.

Mas não era tão fácil. Não quando se tinha um passado que era tão difícil de compartilhar com outra pessoa. Um que o deixou sangrando e vulnerável. Era difícil se abrir com alguém porque no momento que o fizesse, saberia que correria o risco de ser mais machucado e humilhado, caso venham a contar seus segredos, e quando você foi machucado toda a sua vida por outros...

Só havia tanta coragem em determinadas almas.

Para finalmente encontrar a coragem de confiar e ousar colocar seu coração nas mãos de outro, e então perdê-lo, seria a derradeira crueldade. E isto não era algo do qual você se recupera. Nunca.

Seis anos eram apenas um piscar de olhos. E aparentemente, assim também eram onze mil.

Urian limpou a garganta.

— Boa sorte, irmão. Espero que quando encontrar uma maneira de dormir à noite e respirar novamente, você compartilhe o segredo comigo.

16 de janeiro de 2011 d.C.

— Isto... seriamente é uma merda.

Styx x riu do som repugnado na voz de Urian no lado de fora de sua barraca, enquanto seu cachorro começava a latir, advertindo-o de que tinham uma visita. Ele acalmou o enorme cachorro marrom antes de se levantar. Jogando para trás a cortina, saiu para saudá-lo.

— Depende de seu ponto de vista, irmãozinho.

Com as mãos nos quadris, Urian girou em um círculo enquanto inspecionava a pequena barraca preta de Styx x e o vasto deserto que os cercava até onde os olhos podiam ver, em todas as direções.

— Do meu... você encontrou o inferno amigo, exceto que duvido que o inferno seja assim tão quente.

Ainda rindo, Styx x fechou a distância entre eles.

— Não está quente. Agora é inverno. Volte em julho ou agosto.

— Ok, não obrigado. — Urian o abraçou então se afastou com uma carranca severa. — Maldição, você virou um nativo. Tirando os olhos azuis, não teria ideia que fosse você.

Styx x abaixou o véu preto de seu rosto.

— Melhor?

— Para falar a verdade não. Muito estranho para mim. — Ele balançou a cabeça. — Quando ligou na semana passada e me disse que estava vivendo no deserto pelos últimos dois anos, pensei que quisesse dizer no Marrocos ou outra cidade. Mas, você realmente vive no meio do nada, no Saara.

Styx x encolheu os ombros.

— Este lugar faz sentido para mim.

— Você pode gostar disso, mas isto está trazendo de volta as lembranças de uma infância ruim. A vida antes do papel higiênico não valia a pena ser vivida.

— Novamente, uma questão de perspectiva.

Urian pareceu em dúvida de que alguém pudesse viver assim no deserto.

— Você parece bem, a propósito. Saudável.

— Obrigado. — Styxx segurou a cortina aberta para que Urian pudesse entrar, onde ele tinha nada além de seu saco de dormir e alforjes de suprimentos necessários. — Sinto-me melhor do que já estive há muito tempo.

O grande cachorro marrom entrou saltando e se enrolando no saco de dormir de Styxx, mastigando seu osso de couro cru. Urian curvou a sobrancelha.

— Qual o nome dele?

— Skylos.

Ele franziu a testa para Styxx.

— Você chama seu cachorro de... Cachorro? Sério?

Novamente, Styxx encolheu os ombros.

— Ele não parece se importar.

— Provavelmente porque não fala grego.

Sorrindo, Styxx retirou uma garrafa de vinho e as únicas duas canecas que tinha, e despejou a bebida nelas.

Urian tomou um gole.

— Então como chama o cavalo e camelo? Alogo e Kamila?

Styxx rolou os olhos.

— Não, eles já tinham nomes quando os comprei. Jabar e Wasima. O cachorro apenas começou a me seguir um dia.

Urian suspirou profundamente.

— Eu ficaria louco aqui. Como lida com a solidão?

— Isso era o que tinha que fazer para ter paz. Toda a minha vida odiei estar sozinho. Depois que libertamos Soteria, percebi que tinha que fazer uma escolha. Ou ser parte do mundo moderno ou não.

— Você escolheu mal, meu amigo.

— Não, este eu entendo. É a existência que de boa vontade escolhi sozinho. Ninguém me encarcerou ou me largou aqui contra minha vontade. Sem mencionar, que realmente não gosto de ter paredes sólidas me confinando. — E ele finalmente chegou a um acordo com o fato de que nunca seria parte de uma família ou grupo. Pelo tempo que esteve perto de outras pessoas, Styxx teve esperança de que Acheron mudaria de ideia ou que encontraria um grupo que o aceitasse.

Aqui, ele deixou de ser uma metade ou parte de um todo e aprendeu a ser inteiro por si mesmo.

— Mas e você? Como tem passado?

Urian agarrou a lata de castanhas de caju.

— Tudo na mesma, tudo na mesma. Alguém está sempre tentando assumir o comando do mundo ou acabar com ele. Realmente não espero ansiosamente lidar com 2012, e esta merda que está vindo para cima da gente. — Ele riu enquanto esquadrihava Styxx do topo de seu keffiyeh⁵⁰ envolto pelo agal⁵¹ preto até suas botas de deserto. — Está realmente bagunçando minha cabeça o quão natural você parece vestido como um beduíno. A cimitarra e o punhal apenas adicionam ao traje de jogo, toda essa coisa de *Assassin Creed* que está parecendo.

Styxx riu.

— Também tenho uma pistola enfiada em minhas costas, e um rifle. — Ele indicou com a cabeça onde repousava próximo a seu saco de dormir. — Mas a espada não fica sem balas quando bandidos atacam.

— Outra coisa que tendo a esquecer. Você é humano.

— Há muitos que discordam disso.

Urian não respondeu. Ao invés disso, abriu a mochila que trouxe e deu uma caixa azul escura para Styxx.

— Trouxe algo para você que pensei que poderia gostar.

Styxx depositou sua caneca de lado para pegá-la e abri-la. Um sorriso lento enrolou seus lábios quando viu quatro novos cadernos de desenho e um conjunto de lápis.

— Muito obrigado.

— Ei, alguém com seu talento nunca deve ficar sem. Aquele meu retrato e de Phoebe que desenhou... incrível. Você acertou o olhar dela e nem sequer a viu, e não posso agradecer o suficiente por deixá-lo para mim. Os únicos retratos que tenho dela eram aqueles em minha cabeça. É por isso que começou a desenhar?

Ele cuidadosamente guardou seu presente.

— Na verdade comecei quando era criança. Era uma das coisas que eu mais gostava de fazer até que Ryssa me viu, e pensou que estava copiando seus diários. Ela teve um de seus mais lendários chilikques e então quando o abriu e viu minhas débeis tentativas de desenhar, riu e os ridicularizou, e correu diretamente para meu pai para dizer-lhe que eu estava desperdiçando meu

⁵⁰ Pano usado na cabeça pelos homens do Oriente Médio

⁵¹ Cordão de algodão

tempo de estudo e pergaminho precioso com estupidez. Ele não aceitou isto muito bem. Ele me fez queimar meus esboços e mandou me chicotear. Então me fez ganhar de volta todo o dinheiro que gastei desperdiçando bom pergaminho em tolice. Depois daquela experiência maravilhosa, fiquei com tamanha aversão pela arte, nem queria mais olhar para figuras de cerâmica.

— Então como aprendeu a desenhar assim?

— Ilha dos Desaparecidos. Não tinha papel ou lápis, mas tinha muitas varas e muita areia molhada, e toneladas de uma merda de tempo. Acha que posso desenhar? Deveria ver minhas cidades de areia.

— Você quer dizer castelos de areia?

— Não, qualquer um pode construir um castelo de areia. Faço cidades inteiras, com exércitos completos e aquedutos.

Urian riu muito mais forte.

— Odeio admitir isto, mas senti falta de seu senso de humor distorcido. E estou atordoado que tenha sinal de celular aqui.

— Não tenho. Estava em uma cidade uma semana atrás comprando suprimentos quando liguei.

— Ah. Então como você carrega o telefone?

— Suborno o balconista de uma loja para usar seu carregador por uma hora enquanto faço compras.

— Você pensou em tudo.

Styx se debruçou sobre sua mochila e retirou rolo de papel higiênico, em seguida atirou-o em Urian.

— Eu tento.

— Isto é tão confuso. — Ficando sério, Urian pigarreou.

— Você não me perguntou sobre Acheron.

Styx forçou-se a não reagir. Ou se importar. Isso foi a coisa mais difícil de fazer... partir e enterrar uma relação que morreu muito, muito tempo atrás.

— Suponho que ele está bem. O mundo não acabou e não estou morto.

— Ele está esperando um bebê para abril.

Styx bufou.

— Isso deve estar nos noticiários médicos então, e estou certo de que Soteria está grata de que não tenha que passar pelo trabalho de parto.

— O que... ah, ha, ha. Sim. Você entendeu o que eu quis dizer.

Ele na verdade, entendia.

— Eles sabem o que é?

— Um menino.

A respiração de Styxx ficou presa na garganta com a injustiça. Mas enterrou sua raiva. Não era culpa de Acheron que sua mãe tenha assassinado o filho de Styxx.

A vida e a felicidade de seu irmão não tinham nada a ver com... as outras coisas que ele entrou em acordo. Podiam ter nascidos gêmeos, mas eram duas pessoas diferentes que sempre levariam duas vidas separadas.

E Acheron não o queria na dele.

Styxx sorriu.

— Estou feliz por eles. Estou certo de que o filho dele será bonito e forte.

Da mesma maneira que seu filho teria sido, se Galen tivesse sobrevivido.

Styxx nunca soube o que o incomodou mais sobre perder Bethany e o bebê deles. O fato de que eles se foram ou que ele não estava lá para pelo menos tentar protegê-los. Podia apenas imaginar o horror que Bethany deve ter sentido quando enfrentou a Destruidora.

Sozinha.

Ele engoliu em seco a dor eterna que nunca diminuía.

— Então como está Davyn? — Ele perguntou, mudando de assunto para o melhor amigo de Urian.

— Louco. Pareço atrair esse tipo de personalidade por alguma razão.

Styxx sorriu de lado.

— Μια καλιακούδα είναι πάντα ένα κοράκι.

Urian franziu a testa para o velho ditado grego.

— Uma gralha está sempre com uma gralha?

— Farinha do mesmo saco.

Urian riu.

— Ei, não me comparo a esta observação.

Styxx se recostou para que pudesse espiar pela fresta na abertura da barraca, e ver que já estava completamente escuro lá fora. Ele depositou sua caneca.

— Se você realmente quiser saber por que amo isto aqui, siga-me.

Skylos ergueu a cabeça mas, já que Styxx não o chamou para fora com eles, voltou a dormir.

Assim que estavam do lado de fora da barraca, Styxx olhou para o céu e começou a abrir as laterais da barraca para que pudessem aproveitar o ar da noite, muito mais frio.

— Você não tem uma visão assim em Nova Iorque.

Urian ficou boquiaberto para a visão do vivido céu noturno.

— Tinha esquecido o quão bonita e brilhante elas são.

— Sim. Quando era criança, sentava-me do lado de fora da minha varanda por horas, olhando para elas. — Ele e Acheron inventavam histórias sobre os heróis cujas constelações podiam identificar. — A maior parte do tempo, não armo a barraca. Durmo aqui fora nas areias, observando-as. Foi uma das coisas que senti falta ao longo dos séculos. Elas não existiam na Ilha dos Desaparecidos ou Katateros.

— Mais uma vez, nunca pensei sobre o fato de que Katateros tem apenas uma lua. Alexion disse que as estrelas desapareceram quando Apollymi matou Astor, acho que este era o nome dele.

— Asteros.

Urian ergueu uma sobrancelha com a resposta dele.

— Estou impressionado que se lembre do nome de alguns deles.

Honestamente, Asteros era um que gostaria de esquecer. Mas algumas lembranças eram apenas demasiado brutais para morrer, não importa quanto tempo tenha se passado.

— Você está com fome? — Styxx perguntou. — Sequei escorpiões, nozes, figos, tâmaras, e maçãs.

Urian retorceu o rosto repugnado.

— Espero realmente que a oferta de escorpião seja apenas para ferrar comigo.

— Não, é bem gostoso, na verdade. Tem gosto de frango.

— Ha, ha, ha. — Urian fingiu rir. — Prefiro viver de sangue... ou meus sapatos.

Styx estalou a língua.

— Posso ter um pouco de carne seca sobrando.

— Com isso eu poderia ser convencido.

Styx voltou para dentro.

— É bom ter você aqui, Urian. Tinha esquecido como era manter uma conversa de verdade, com alguém fora de minha cabeça.

— Bem, agora que sei onde você está, ocasionalmente posso incomodá-lo. Desde que não me alimente de gafanhotos, formigas, escorpiões ou outras coisas repugnantes com múltiplas pernas que os deuses nunca pretenderam que comessemos.

— Pare de ser um bebê. Coma sua carne ou não ganhará nenhum pudim. Como pode ganhar pudim se não comer sua carne?

Urian riu.

— Estou surpreso que conheça Pink Floyd.

Styx encolheu os ombros enquanto abria o jantar de Skylos primeiro, e o despejava em uma pequena tigela de metal.

— A música moderna é a única coisa que sinto falta do seu mundo.

— Da próxima vez que eu vier, trarei um carregador de bateria solar para seu telefone. Não é como se você não tivesse uma provisão abundante de luz solar aqui.

— Isto eu tenho. Definitivamente. — Styx parou quando seu olhar caiu no pequeno baú próximo a seu rifle, que reapareceu um dia, enquanto estava em Katateros. Ele jogou fora todas as ervas há muito tempo, mas ainda havia quatro coisas nele que lhe pertenceu quando era um homem.

Abrindo-o, retirou o pano oleado e o entregou a Urian.

— Meu presente para você, irmãozinho.

Urian franziu a testa.

— Obrigado. — Ele desembalhou o pano para encontrar o vambrance preto e bronze de Styx. — Uau... quão velho eles são?

— Eles foram meus um dia. Galen os deu para mim, e os usei em todas as batalhas que lutei.

O queixo de Urian caiu em seguida ele balançou a cabeça.

— Não posso aceitá-los.

Styxx o empurrou de volta em direção a ele.

— Não tenho nenhum uso para eles mais. São apenas outras coisas que tenho que embalar e levar, ou me preocupar em perder.

Urian soltou um longo suspiro, apreciativo.

— Estes são incríveis. Não posso acreditar o quão impecáveis estão. Obrigado. Cuidarei deles para sempre.

A gratidão dele deixou Styxx extremamente desconfortável.

— Sei quanto gosta de colecionar antiguidades. E eles não são muito mais antigos do que aqueles. — Ele foi começar uma fogueira para que pudesse cozinhar o jantar deles.

Urian cuidadosamente embrulhou os vambraces de volta no pano e os colocou em sua mochila, enquanto observava Styxx. Seu coração partiu por seu amigo, que se sentia tão fora do lugar no mundo, que teve de vir para o lugar mais remoto para encontrar algum sentido de pertencer. Urian não estava brincado quando disse que ficaria louco com este tipo de isolamento. Isto era verdadeiramente uma desoladora maneira difícil de viver.

Mas, infelizmente era tudo o que Styxx conhecia.

Tudo que já conheceu.

14 de maio de 2012 d.C.

Acheron passou sua mão pelo cabelo loiro do seu filho enquanto Sebastos cochilava no seu peito. Não havia nada no mundo mais calmante para ele, e quanto mais velho Bas ficava, menos Ash podia entender como sua família podia ter virado suas costas para ele do modo que fizeram. Ele preferia cortar seu braço fora a bater em seu filho.

E os outros atos de crueldade contra ele...

Nunca. Ele não seria capaz de fazer com seu pior inimigo as coisas que o forçaram a suportar.

Fechando os olhos, Ash escutou Tory reclamando em grego enquanto avaliava seus papéis na sua poltrona verde em frente a ele.

— Tenho certeza que eles estão prestando atenção na aula, amor.

— Sério? — Ela ergueu os olhos com uma careta irritada. — Porque eu nunca soube que qualquer um dos Tebas estava na Iugoslávia.

Ele se encolheu perante aquele erro.

— Ai.

— Sim, ai. E nem sequer ensinei este assunto. E você sabia que um dos heróis em Sete Contra Tebas foi chamado... não Parthenopaeus como o último nome da professora que dá aula sobre esta civilização antiga... oh não, não. Parthenon era seu nome. Parthenon... achei que essa questão estava dada. Dãã. Como alguém pode conseguir errar essa quando a Dra. Soteria Parthenopaeus é sua professora? Sério? — Ela rabiscou uma nota no papel. — Um F bem grande e gordo para você, meu querido. — Ela fechou seu rosto então apagou a nota. — Ok, um D... não, C. Eu não suporto fracassar com um aluno.

Ash riu de seu coração amável que o salvou do inferno que foi sua vida.

— Eu não sei, akribos. Isto soa como se ela estivesse de joelhos implorando para falhar.

— E por isto que eu não te peço para me ajudar a dar nota nos meus papéis. Você reprovava todo mundo.

Ash beijou o topo da cabeça do seu filho.

— Eu não reprovava Bas.

— Ele só tem um ano. Mesmo com seu conjunto de genes superlativo, ele não terá esta aula por pelo menos dez anos.

— Ainda planejando tê-lo formado na faculdade aos doze anos, hein?

— Sim. Com um nome como Sebastos Eudorus Parthenopaeus ele não precisa frequentar a escola por muito tempo.

Ash riu novamente. Ela tinha um ponto válido, porém Bas veio com seu próprio demônio da guarda e um pai que era um deus.

— Eu não acho que ele vai ter algum problema com bullying.

Pelo menos não por enquanto.

Sorrindo, ela pegou seu telefone na ponta da mesa e bufou.

— Pam e Kim mandaram mais torpedos com fotos de filhotes?

Ela balançou a cabeça.

— Seu irmão tem um senso de humor extremamente distorcido.

Seu corpo inteiro ficou frio à menção de Styxx. Ash curvou uma sobrancelha à medida que cada pitada do seu humor era extraída dele.

— A respeito do que você está falando?

— Pedi a ele seu endereço e ele enviou isto. — Ela segurou seu telefone no alto para ele ver.

*Styxx Anaxkolasi
13 Phlegethon Way
Tártaro, Inferno 88888*

Sorrindo levemente apesar do fato de que isso agravava mais as coisas para o lado dele, Acheron revirou os olhos.

— Eu particularmente aprecio seu sobrenome.

— Sim, rei do inferno. Pensei que você gostaria. E adoro que seu CEP é infelicidade repetida. Ah, e o treze para inferno e seu rio de fogo. Até Senhor da Escuridão eu acharia histérico. Acha que eu deveria passar isso adiante para Persephone?

Lutando contra a onda de raiva que ele sentiu, Ash pegou a cabeça de Bas na sua mão.

— Certo. Por que não?

Tory parou para olhar o rosto de Ash.

— O que está errado? Pensei que você acharia divertido.

Aqueles olhos prateados espiralando queimavam com um tormento que ela não podia nem sequer imaginar.

— Estava apenas me perguntando por que você pediu isto a ele.

Ela ficou espantada com suas palavras.

— Diga-me que você não está com ciúme.

Ele deixou seu olhar cair em Bas e nem sequer foi capaz de olhar nos olhos dela.

— Acheron... — ela repreendeu. — Sério?

Desta vez quando ele encontrou o olhar dela, a raiva e o ódio naqueles olhos prateados girando a fizeram ir pra trás.

— Nós temos uma história ruim, Sota. E você não faz ideia do quanto realmente é ruim. Você teve apenas pedaços pequenos. Basta dizer que prefiro que você mantenha distância dele... Onze mil anos mais tarde, sua vingança ainda queima e me faz querer derramar seu sangue. É por isso que não o trouxe para mais perto. Eu adoraria dar a ele uma chance, realmente adoraria, mas não me atrevo. Vocês dois são preciosos demais para mim para que eu tome tal chance com sua segurança.

Seu coração balançou pela agonia que ele tentou tão duro esconder. Mais ninguém ouviria isto em sua voz, mas ela ouviu. Estava bem ciente de cada nuance no humor do seu marido.

Já que Ash sempre se recusava a falar sobre seu irmão, nem quando eles estavam bem íntimos, ela sabia que o seu passado tinha que ser brutal. Mas este era um contato tão inocente que ela nem considerou quanto o aborreceria, especialmente já que Styxx foi amável o suficiente para resgatá-la, e então silenciosamente saiu do caminho deles e nunca mais os incomodou.

— Eu sinto tanto, Achimou. Eu não quis te magoar. Eu só queria enviar a ele uma nota de agradecimento.

Seus olhos ficaram vermelhos, avisando-a que ele estava furioso.

— Agradecimento por quê? Tornar minha vida miserável?

Ela engoliu em seco enquanto reconsiderava mostrar a ele o que Styxx enviou para o aniversário do Sebastos. Aquilo o deixaria mais puto? Mas não tinha como deixar de lado a suspeita que Ash teve sobre ela enviar um e-mail para seu irmão.

Melhor acalmar isto antes que crescesse. A imaginação era muito mais mortal e destrutiva que a simples verdade.

Pegando seu telefone de volta, foi para quarto de Bas, então retornou com a caixa antiga. Ela tomou o bebê dele antes de entregar a caixa.

— Ele enviou isso para o meu escritório no trabalho pelo aniversário de Bas. Não tinha nenhum remetente nela. Somente uma pequena nota desejando a ele um feliz aniversário. Não estava nem assinado.

— Então como sabe que era de Styxx?

— Abra.

Ash não estava certo do que esperar. Cabeças divididas... estátuas com gestos obscenos... cobra viva. Ele não fazia ideia, mas quando empurrou o papel de seda de lado e achou um velho cavalo esculpido a mão, seu coração parou.

Não. Não podia ser...

Completamente atordoado, ele o levantou e virou. Gravado na parte inferior, em grego antigo estavam as palavras:

*Para Acheron
De Ryssa.
Com amor para sempre.*

Lágrimas encheram seus olhos quando se lembrou de sua amada irmã dando-lhe isto no seu quinto aniversário. Ele estava tão excitado... E Styxx tinha ganhado o soldado combinando que seu pai mais tarde queimou em um acesso de raiva. Esta foi aquela ação não solicitada que fez com que Ash pedisse a Styxx para manter o cavalo para ele no seu quarto onde, diferente de Ash, estaria protegido de dano.

Tory sorriu enquanto passava as pontas dos dedos no cavalo nas mãos dele.

— Eu percebi que isto tinha que vir do Styxx. Quem mais teria isto?

Ash teve que se forçar a não estraçalhar o cavalo conforme ouvia a voz zangada do Styxx do passado em sua cabeça. *Eu pagaria para ver você ser fodido na bunda até que sangrasse por ela.*

— O bastardo está zombando de mim.

Tory franziu o cenho para ele.

— Como assim?

— Por que mais ele enviaria isto se não fosse para me ferir? — De todos os homens, Styxx tinha que saber o quanto aquelas memórias queimavam.

— Eu não sei, Ash. Talvez tenha enviado porque pensou que você gostaria de dar isto para seu filho. Ele tem que saber o quanto você ama Ryssa e provavelmente pensou que você gostaria de ter o presente que ela te deu.

Ainda inseguro, Ash devolveu o cavalo para a caixa.

— Você dá a ele crédito demais.

— Talvez. E talvez você não dê a ele o suficiente.

Ter sua própria esposa defendendo o bastardo que tentou matá-lo o fez ferver de fúria. Uma boa ação que Styxx foi forçado a cometer não o absolveu de anos e anos do abuso que ele sofreu nas mãos de Styxx.

— Jamais o defenda para mim, — ele rosnou. — Ele nasceu um egoísta bastardo e permanece um até hoje.

Ela levantou suas mãos para o alto em sinal de rendição.

— Certo. Perderei o e-mail dele e bloquearei a conta. Não que eu ache que ele vá usá-la. Como você pode ver, sua resposta foi bastante concisa e... obviamente ele não quer que eu entre em contato novamente.

— Obrigado.

Tory inclinou a cabeça então começou a partir. Mas não pôde evitar adicionar uma última coisa.

— Eu juro que vou deixar este assunto e nunca mencioná-lo novamente, mas tenho que perguntar... por que ele guardaria isso por quase doze mil anos e o manteria em tão perfeito estado se o odiasse de verdade e fosse tão egoísta quanto você diz que ele é? Parece novo em folha, e eu mais do que ninguém, sei o quanto é difícil manter algo tão velho nessas condições por esta quantidade de tempo. Isso não me parece um trabalho de ódio, Acheron, mas de amor.

* * *

Eu não devia estar fazendo isto...

Acheron jurou para si mesmo que nunca mais olharia para os diários de Ryssa. Não podia continuar vendo sua caligrafia e ouvindo a voz dela em sua cabeça. Mas depois do que Tory disse e das memórias que ela mexeu, queria saber alguma coisa sobre a vida de Styxx e de todos os anos que eles estiveram separados.

Porque uma coisa que aquele maldito cavalo fez foi fazê-lo lembrar o que Styxx recebeu de presente naquele mesmo ano...

Um instrutor de luta que todo contente enegreceu o olho dele e golpeou seu nariz durante a primeira prática deles, e o “prazer” de frequentar as sessões da corte com seu pai. Quando Styxx perguntou sobre um brinquedo de presente seu pai zombou dele. *Eu não estou criando um menino. Você será rei, e reis não brincam com brinquedos. Você é velho demais para brincar. É hora de você começar a assumir seus deveres reais, parar de ser egoísta e agir sem pensar.*

Styx só tinha cinco anos de idade.

Ryssa não deu nada a Styx.

— *Por que desperdiçar meu dinheiro em algo que ele não vai apreciar? Ele tem brinquedos mais do que suficientes para um menino.* — Mas realmente, ele não tinha. Seu pai os usava como fonte de castigo. Sempre que Styx o desagradava, ele fazia Styx queimá-los.

As únicas vezes que podia se lembrar de Styx brincar era quando ele escapava para estar com Ash.

Ash caiu em silêncio conforme aquelas longas memórias esquecidas surgiram e focou no que sua irmã escreveu. A maior parte das entradas era inócua. Muitas crônicas do que quer que Styx tenha recebido...

Hoje papai deu a Styx um cavalo preto incrível. Custaria facilmente quatro a cinco vezes o preço do meu pônei. Papai disse que é porque Styx um dia vai montá-lo na batalha. Mas eu não acho. Tenho certeza que Styx estará seguro em uma carruagem, atrás de um condutor e dois guarda-costas.

Acheron folheou adiante algumas páginas a mais.

Para o Festival Dionísio amanhã, papai me deu um simples colar de ouro. Styx recebeu uma impressionante coroa de folhas. Ele nem sequer agradeceu por isto. Mas por que deveria? Papai dá tudo a ele. Tentei falar com papai mais cedo e ele não pôde ser incomodado com minha tagarelice. Não enquanto tinha seu precioso Styx para treinar sobre política.

Acheron franziu o cenho pra data. *Política? Styx tinha somente oito anos. Que tipo de discussão política seu pai poderia ter com alguém de oito anos de idade?*

— O que você está fazendo?

Ele saltou ao som da voz de Tory.

— Caramba, mulher, faça algum barulho quando andar. Você me assustou.

— Agora você sabe como me sinto vivendo com o Capitão Nunca-faz-um-barulho. — Ela avançou para espiar por cima do ombro dele. — Por que está olhando para isso tudo aqui em cima sozinho?

— Porque tenho uma esposa realmente irritante que me encheu o saco mais cedo, e não queria que ela soubesse que me fez pensar sobre umas coisas.

— Ai, neste caso, não vou contar a ela que peguei você bisbilhotando.

— Eu definitivamente apreciaria isto.

Sorrindo, Tory se debruçou nas suas costas e envolveu seus braços ao redor da cintura dele. Acheron fechou os olhos e saboreou a sensação dela ali. Era a única pessoa viva que ele permitia às suas costas. Ela descansou o queixo em seu ombro.

— Pelo que você está procurando?

Ao contrário dele, ela leu tudo aquilo.

— Informações sobre Styxx.

— Ah, eu chamo de Série de Lenga-lenga Ciumento.

Ash franziu o cenho.

— O que é isso?

— Tá certo, eu não conheci Ryssa. Sei que você a amava e nunca, jamais diria nada contra ela, mas quando você ler suas anotações como alguém de fora, elas vêm de forma bem canalha sempre que ela menciona Styxx. É como se ela fosse bipolar. Qualquer coisa que faça com você é doce e cortês. Cheia de carinho, compaixão e devoção. Mas tudo com Styxx é: mate o animalzinho detestável que eu odeio. O que você está olhando.

Tory leu impecavelmente com o grego antigo que ele ensinou a ela.

Hoje Styxx partiu para a guerra. Eu ainda não posso acreditar como ele envergonhou o papai quando tirou o seu anel de sinete de príncipe na frente de todo mundo e o empurrou para ele. Eu podia comprar uma frota de cavalos com o custo daquele anel e ele o tratou como se não fosse nada. Ele é tão mimado. Nada tem valor para ele mesmo. Eu disse a papai que ele devia derretê-lo e me fazer um. Eu pelo menos o apreciaria.

Ela suspirou.

— Faz você se perguntar por que um príncipe tiraria a única coisa que era sua garantia de ser devolvido para casa caso fosse levado por seus inimigos. Sem aquele anel ele teria sido tratado como qualquer prisioneiro e morto ou vendido como escravo, especialmente levando em consideração sua idade e beleza física no momento. Eu quero dizer que foi um belo “Foda-se, Pai”. Eu sei que ele era jovem, mas ainda assim tinha que ser doente mental para arriscar o que significava escravidão para um adolescente bonito naqueles dias.

Ash engoliu em seco quando notou a data.

— Porra, ele era jovem demais para ir para guerra. — *Apenas dezesseis anos...*

— Mmm, e falando nisso, eu queria te perguntar sobre... — Ela folheou algumas páginas.

— Espere. — Ash a deteve então voltou umas páginas e começou a ler.

23 de junho de 9529 a.C.

Era meio-dia antes de eu finalmente saber o paradeiro do Acheron. Eu sabia que era melhor não perguntar a meu pai por sua localização, isso só convidaria sua raiva em minha direção...

Acheron sacudiu a cabeça enquanto relia isto.

— Isto não pode ser certo.

— Como?

— Ryssa me trouxe comida bem antes desta data.

— Você tem certeza?

— Acredite em mim, eu não esqueceria isto. Atos de bondade para mim eram raros o bastante para se destacar.

— Não foi isso o que quis dizer. Você tem certeza que era Ryssa e não Styxx quem trouxe a comida?

Ash fez uma careta enquanto considerava isto.

— Styxx me odiava. Tory, ele me castrou. Brutalmente. Você não tem ideia da merda que ele me pôs.

— E eu te pergunto novamente... você tem certeza? Quantas vezes Artemisa fingiu ser outra pessoa para chegar até você? Ou algum outro deus, tanto faz. Lembra em Odisseia quando Athena caminhou por aí disfarçada de Mentor? Ou nos Ilíadas? Os deuses estavam sempre mascarados como outros, por todos os tipos de razões.

Ela estava certa.

Tory escolheu outro diário e o abriu.

— E você nunca me contou que Styxx estava contigo quando você estava em Atlântida.

— Porque ele não estava.

— Não? — Ela sacudiu uma página e apontou a anotação. — Leia esta.

28 de outubro de 9533 a.C.

Styxx retornou a Atlântida hoje e você teria pensado que o próprio Zeus tinha descido do Olimpo para nos agraciar com Sua presença dourada. Em vez de estar com raiva de Styxx por egoisticamente abandonar seus deveres e desaparecer sem avisar e deixá-lo morrendo de preocupação, papai recompensou a besta por isto! Ele o colocou em uma suíte que zombava da minha. Como Styxx aprenderia a ser atencioso com os outros quando papai o favorecia assim por sua grosseria? Me deixa doente vê-lo ser tão mimado.

E quando perguntei a ele por notícias de Acheron, Styxx soou exatamente como Estes. — Ele está bem, Ryssa. Muito bem. — Nada mais. Nem uma única palavra sobre como Acheron parecia ou qualquer coisa. Styxx nem queria discutir isto. Ele muito rudemente disse que eu o deixasse em paz quando o pressionei por mais detalhes sobre meu irmão.

Ele age como se estivesse drogado, bêbado ou alguma coisa. Isto é nojento, e ele fede. O cheiro é de frutado, enjoativo e repugnante. Se eu cheirasse assim papai me faria tomar banho. Eu deveria ir para Atlântida, desaparecer por mais de dois meses também e ver se papai gostaria disto.

As cartas que Estes enviou a papai disse que ele apreciou imensamente seu tempo com Styxx, e que eles se divertiram muito montando com Estes, seus amigos e Acheron. Ele disse que adorou ensinar coisas novas a Styxx e ver os gêmeos juntos, noite e dia. Claro, ele derramou louvores em Styxx à custa de Acheron.

— Ele é um aluno muito mais rápido e tem uma língua muito talentosa que nós aproveitamos muito. — Estes escreveu. Como se Styxx pudesse ser melhor em qualquer coisa que meu Acheron.

O que eu realmente não entendo... Como Styxx pode estar tão carrancudo depois de ter uma visita tão longa e cheia de diversão? Ele esteve trancado no seu quarto desde seu retorno e rosna se qualquer um se aproxima dele. Quando ele sai sua aparência é terrível. Treme o tempo todo e se encolhe se você se aproxima dele. Ele nem sequer olha para papai. Eu não entendo a mente da besta do meu irmão. Papai nem sequer notou. Ele está tão contente por tê-lo de volta, não podia se importar menos com o comportamento vergonhoso de Styxx.

Já que eu recebi a carta do servo me pedindo para ir para Atlântida, acho que devo ir também. Afinal de contas, se Styxx pode se divertir lá, então eu também posso.

Sim, é isso que vou fazer. Vou mostrar a papai. Visitarei Acheron e Estes e terei minha própria aventura. Então poderei ver como Acheron está e me certificar que ele está feliz.

A cabeça do Acheron dava voltas enquanto lia isto.

— Eu não tenho nenhuma memória de Styxx estando lá comigo.

— Por dois meses?

Ash fechou o diário e empurrou-o de lado. Pelo que Ryssa descreveu e o que sua irmã clamou que Estes escreveu, ele só podia imaginar o que foi feito com Styxx. Estes adorava duplos sentidos. O que ele usava publicamente para humilhar e ferir suas vítimas. E Ash recebeu mais do que sua justa parte daquela crueldade quando viveu com seu tio.

E conforme Ash se sentou lá, lembrou-se de algumas das coisas que Styxx mencionou para ele com raiva e de passagem, mas nunca desenvolveu o assunto.

A noite que Styxx tentou libertá-lo depois que seu pai mandou que retornasse a Atlântida...

Styx não tinha mentido quando ele enterrou o punhal no chão. Ele deve ter ido para Atlântida sozinho para libertá-lo. E de alguma maneira foi capturado também.

Foda-se, Estes. Seu bastardo doente. Aí seria exatamente quando seu tio distorcido tomaria aquelas memórias de Ash e deixaria com Styx para torturá-lo. Não havia nada que Estes gostasse mais do que brincar com a cabeça das pessoas e lutar com os pensamentos deles.

Virando um contra o outro e usando-os.

Estes fez isso com Ryssa. Ele convenceu Ash que ela o odiava e que não queria ter nada a ver com ele enquanto dizia à sua irmã que Ash estava bem e feliz. Se Styx se importou o suficiente para ir atrás de Ash para libertá-lo, Estes definitivamente teria impedido Ash de se lembrar disto para que jamais tentasse partir, e ele se certificaria que Styx fosse castigado de forma grave o suficiente para que ele nunca tentasse libertá-lo novamente.

Lágrimas encheram seus olhos conforme olhava fixamente para os diários fechados e puxava Tory para dentro de seus braços para confortá-lo.

— O que foi, querido?

— Tory, se eu fiz o que acho que fiz, não sei como viverei com isto.

23 de junho de 2012 d.C.

Styx congelou quando entrou em sua tenda e encontrou um demônio Charonte sentado em seu saco de dormir olhando fixamente para ele com grandes olhos vermelhos. A última vez que viu Simi, ela o retalhou e o deixou... morto.

Movendo-se o mais lentamente que podia, pôs sua mão no 38 que mantinha em um coldre na base da sua coluna. Não a mataria, mas daria tempo para que fugisse dela caso o atacasse novamente. Também fez questão de manter Skylos lá fora onde o demônio não poderia machucá-lo tanto.

Para sua completa surpresa, ela sorriu calorosamente.

— Oi, akri-cópia.

Cauteloso além do necessário, Styxx olhou para ela.

— O que você quer?

Ela suspirou fortemente.

— Simi vem para dizer que ela se arrepende do que fez com você. Mas olha só, você machucou meu akri e Simi ama seu akri, então qualquer um que atacar seu akri consegue ser comido, até aqueles que se parecem com akri, entendeu?

Para falar a verdade não.

Ela se levantou.

Aumentando seu aperto na arma, Styxx imediatamente recuou.

O demônio inclinou sua cabeça e franziu o cenho.

— Você parece tão estranho assim. Por que você usa maquiagem nos olhos, akri-cópia?

Ele deu de ombros.

— Protege meus olhos do sol.

— É por isso que se usa óculos de sol, tolo. Ninguém contou isso pra você? — Ela se curvou e levantou sua mochila vermelha em formato de coração com asas pretas de demônio. Ela enrugou seu nariz para ele. — Ela não é fofa? O Akra-perigoso me deu de Natal. Agora me deixe ver... — Ela remexeu até que tirou uma garrafa de molho de churrasco com uma fita amarrada ao redor dela. — Feliz aniversário, akri-cópia!

Quando ele não se mexeu para pegá-la, seu sorriso sumiu. Ela andou em sua direção e ele depressa deu dois passos para trás.

Seus ombros e asas caíram conforme ela fazia beicinho.

— Por que você é tão arisco com Simi?

— Eu não sei. Pode me chamar de estúpido, mas da última vez que nos encontramos, você me matou.

Suas asas caíram ainda mais.

— Eu sei. Foi errado fazer aquilo com você. Mas isso foi antes de você salvar akri e akra-Tory, e dar ao bebê Bas seu cavalo que ele adora brincar. Então a Simi fica contente que você não ficou morto, e prometo que não vou matar você novamente. Amigos?

Styx não estava certo do que fazer com a filha demônio do seu irmão. Ele sabia pelas memórias de Acheron que ela era desesperadamente dedicada a seu irmão. Diferente de um humano, ela não era desonesta, conivente ou até mesmo complicada. Simi era muito branco e preto. Ou ela odiava ou amava.

Soltando a arma, ele agarrou o molho de churrasco.

— Obrigado, Simi.

Suas asas revoaram à medida que um sorriso curvava seus lábios.

— Ele é o favorito da Simi, que só dá às pessoas muito especiais. Olha... — Ela apontou para o rótulo. — Quente, quente... apesar daqui ser quente, você pode não precisar disto. Mas ele é bom em tudo. — Ela abriu um sorriso gigante para ele.

Ele inclinou sua cabeça para ela.

— Adorei. Muito obrigado.

Ela inclinou sua cabeça novamente e franziu o cenho.

— Por que você está tão triste, akri-cópia? Está sentindo dores em seu coração?

— Estou bem, Simi.

Com seu cenho franzido aprofundando, ela olhou ao redor da barraca.

— Quem está vindo para comemorar com você?

Styx suspirou.

— Eu não comemoro aniversários.

Com os olhos arregalados, ela ficou boquiaberta.

— Não! Aniversários são sempre uma causa especial que é quando você dá boas-vindas ao mundo e as pessoas ficam todas felizes quando os bebês nascem.

É... não em sua experiência.

Styxx colocou o molho de churrasco ao lado de sua mochila no chão.

— Você provavelmente devia voltar para Acheron antes de ele sentir sua falta.

Ao invés disso, ela se sentou no seu saco de dormir.

Agora foi a vez de Styxx franzir o cenho.

— O que você está fazendo?

Ela abriu sua mochila.

— Akri tem um monte de gente que comemora com ele, e akri-cópia não tem ninguém. Isso faz com que Simi fique triste por akri-cópia. Ninguém deve estar sozinho em seu aniversário assim... — Ela tirou um pacote de Ding Dongs e os estendeu em direção a ele. — Temos bolo de aniversário!

Styxx sorriu com o gesto inocente.

— Nunca tive bolo de aniversário antes.

— Nunca?

Ele balançou a cabeça.

Ela pressionou seu dedo indicador nos lábios em uma expressão adorável.

— Precisamos de velas, mas você é tão velho que teríamos que ter bolo do tamanho de um... navio de guerra... Hmm... está tudo bem. — Ela procurou na mochila e retirou um glowstick⁵². — Vamos fingir que isto é uma. Você não pode soprar, mas vamos fingir que você sopra. Tá certo?

— Certo.

— Okay. Agora akri-cópia se sinta.

Styxx se sentou em frente enquanto ela cuidadosamente abria o pacote e deixava os bolos na embalagem. Então estalou o glowstick e o sacudiu.

— Agora você faz um pedido e sopra a vela. — Ela segurou o glowstick no alto em frente ao seu rosto.

Styxx o soprou.

Ela estreitou seus olhos para ele.

⁵² Bastão luminescente.

— Você não fez um pedido, não é?

— Eu não tenho nada para pedir. — As coisas que ele queria não podia ter, e nada mais realmente parecia importante.

— Todo mundo tem desejos, akri-cópia.

— Eu não sou todo mundo.

Είμαι Κανείς

Eu sou Ninguém.

Simi tomou sua mão na dela então colocou um bolo nela.

— Então a Simi fará seu pedido por você. Simi quer que você seja feliz como Simi e seu akri.

Ele sorriu por seu deslumbramento infantil e ponto de vista.

— Obrigado, Simi.

Ela tocou em seu bolo para ele então o comeu.

— Você tem que comer o seu pedaço todo em uma mordida. — Ela disse com a boca cheia.

— Porque não temos vela para soprar, você tem que comer de uma vez só para o desejo se realizar.

Ele não conseguiu evitar riu e empurrou o bolo em sua boca.

Simi lambeu os dedos e assentiu.

— Bom, né?

Ele engoliu o bolo.

— O melhor da minha vida.

Simi se levantou de joelhos, beijou sua bochecha e então o abraçou.

— Se você quiser, akri-Styxx, Simi pode amar você também. Porque corações são coisas incríveis. Eles conseguem ficar muito grandes para dar espaço para amar novas pessoas ao lado das antigas pessoas que você ama. — Ela bateu levemente no peito. — Simi consegue muito espaço para amar você também... se você quiser.

Styxx estava impressionado com ela. Seu irmão teve sorte por ter Simi ao seu lado por todos estes séculos.

— Eu gostaria muito.

Ela o abraçou novamente e deu um tapinha em suas costas.

— Ok, Simi tem que ir agora, mas ela voltará para te ver logo. E lembre-se akri-Styxx, que desejos são poderosos, são coisas poderosas que se realizam quando você acredita neles. E Simi acredita que você será muito feliz, muito em breve. Adeus. — Então ela se foi.

Sorrindo por causa de sua visita inesperada, Styxx levantou a embalagem e jogou fora. Ele deixou Skylos voltar para a barraca e ainda não estava certo do que fazer com o aparecimento de Simi. Sem dúvida seu irmão teria um ataque se descobrisse que ela veio vê-lo.

Mas foi uma agradável surpresa. Ninguém se lembrou do seu aniversário desde que Bethany esteve com ele. Ele nem sequer saberia que era hoje se Simi não o visitasse. Não que importasse. Na sua idade, realmente, qual era o ponto em contá-los?

25 de junho de 2012 d.C.

— Onde diabos está meu irmão?

Urian fez uma pausa em seu jogo para olhar inexpressivamente para Acheron.

— Você precisa modular essa ira injustificada, amigo. Não sou sua puta e você não é meu cafetão.

Um tique começou no maxilar do Acheron.

— Desculpe. — Mas seu tom contradisse seu pedido de desculpas. — Por acaso você sabe onde Styxx está?

Urian tomou um gole de sua cerveja.

— Eu sou guardião do seu irmão?

— Você deu a Tory seu e-mail. Presumo que isso significa que você está mantendo um olho nele.

Urian clicou de volta no jogo e teve que morder a língua para impedir sua mordacidade de dizer algo que faria com que Ash o explodisse por uma parede.

— Aonde você quer chegar?

— Fui ao seu apartamento três vezes este mês e ele não estava lá. Pelo que posso dizer ele não esteve por lá há algum tempo.

Ótimos poderes de observação, deus Atlante. E só precisou o que? Três anos e meio para perceber que seu irmão partiu?

Só por isso, ele quis esmurrar Ash.

Abstendo-se daquele particular nível de estupidez, Urian pigarreou.

— Talvez devêssemos colocar o rosto dele em uma caixa de leite e ver se alguém tem informações sobre sua localização. — Ele franziu a testa. — Eles ainda têm caixas de leite? Agora que penso nisso, não vi uma a um bom tempo.

— Estou falando sério, Urian.

— Estou vendo. — Ele disse, descontando sua raiva em seu oponente on-line ao invés de seu chefe. — Quero dizer, droga, como meu irmão de onze mil anos de idade se atreve a não estar exatamente onde eu o coloquei três anos e meio atrás depois que ele me fez um enorme favor e salvou minha vida e da minha esposa. Que bastardo imundo. Cachorro irreverente! Talvez devêssemos trazê-lo de volta e o espancarmos por deixá-lo tão preocupado.

— Qual é o seu problema?

Hora de beijar a parede.

Urian saiu do jogo e removeu seu fone de ouvido. Levantando a cerveja, ele enfrentou Acheron.

— Você sabe que eu morreria por você. Coloco minha bunda no fogo por você o tempo todo sem falha ou vacilação. Inferno, às vezes sou até agradecido que você salvou minha vida. Mas você não é perfeito, Ash. Nenhum de nós é, e quando se trata do seu irmão, você é um maldito idiota.

A ira tingiu as bochechas do Acheron enquanto seus olhos escureceram.

— Você não conhece meu irmão como eu.

— Sêrio? — Sua voz gotejava sarcasmo. — Quando foi a última vez que você se sentou e teve uma conversa de verdade com Styxx? Oh, espere... — Urian fingiu uma risada quando deu um tapa em sua coxa. — Eu sei essa. — Ele ficou sério e aqueles olhos azuis perfuraram Ash com desprezo. — Você tinha sete anos de idade na época. Então isso é o que? Você é da mesma idade do meu pai... então isso te faria mais velho que o merda e o bisavô da merda... o que seria apenas cerca de 11.553 anos atrás, e mais algumas horas... Sim, você está certo, isso faz de você um baita especialista em tudo a ver com Styxx. Por que eu sequer questionei isto? Que estúpido que sou.

As bochechas do Ash ficaram ainda mais vermelhas.

— Não se atreva a me julgar em algo que você não sabe nada.

— Por que não? Você julga Styxx o tempo todo em coisas que você não sabe nada.

— Estou te avisando, Urian.

— E eu sou suicida, chefe. O fator medo realmente não funciona em um homem que não está nem aí para vida. Mas... você conhece seu irmão, você diz? Certo, especialista, então me responda uma pergunta básica, fácil sobre ele.

Urian fez uma pausa para efeito.

— Qual era o nome da esposa dele? Você sabe, aquela que você nem sabia que ele tinha? Ele teve um relacionamento sério com ela de cinco anos antes de morrer enquanto você vivia na mesma casa com ele e ganhou toda sua perícia a respeito dele... e você o conhece tão bem. Ela é a única mulher que ele já amou. Não saber o nome dela é como reivindicar que me conhece e não saber da Phoebe. No que diz respeito a esse assunto, não é como se ele não tivesse esculpido o nome dela e do filho no braço 11.556 anos atrás.

Os olhos do Ash se tornaram um vermelho vibrante.

— Ele tentou me matar. — Ele rosnou.

— Sim, eu sei, porque conversei com ele. Cerca de uma década atrás em Nova Orleans. Cercado por Dark Hunters você estava bem acordado e um deus Atlante com todos os poderes que dispunha quando Styxx atacou por desespero para escapar do inferno eterno que ele foi amaldiçoado. Não é o mesmo que ser um menino humano na cama dormindo profundamente quando alguém mergulha um punhal no seu coração e o deixa caído no chão, em uma poça de seu próprio sangue para morrer sozinho.

— Ele estava tentando matar seu próprio pai. Ele te disse isto? Tramando uma conspiração contra ele e me culpando por isto.

— Ele estava? Porque você sabe, as pessoas nunca mentem sobre merdas assim. Nunca.

Ash endureceu.

— Sim, elas mentem, Urian. Então por que está acreditando em Styxx quando sei o mentiroso que ele é?

Encarando de cara feia com raiva, Urian colocou sua cerveja de lado.

— Como sabe? Você ainda não respondeu a pergunta mais fácil no planeta sobre ele... se você não sabe mais nada sobre seu irmão, você devia saber o nome da esposa dele.

Acheron desviou o olhar para longe.

Urian sacudiu a cabeça. Quando falou, seu tom era baixo e desaprovador.

— Todos esses poderes que você mantém e não pode responder a isto. Era Bethany, só para você saber. Eles iriam chamar seu filho de Galen depois que seu mentor morreu em seus braços quando ele era criança. Um mentor que deu sua vida para salvar Styxx quando alguém diferente de você tentou assassiná-lo enquanto ele estava comprando o anel de casamento da sua esposa. Agora me deixe te contar o que eu sei sobre o homem...

Ash rangeu os dentes enquanto lutava para não socar Urian por sua evidente estupidez.

— Eu não quero ouvir isto. E para sua informação, não sou o único que o odiava. Você não tem ideia de quantas pessoas o queriam morto em sua vida humana. — *Quantas vezes fui espancado e fodido com rancor por homens que desprezavam cada respiração que ele dava.* Ash se encolheu nas memórias que ainda queimavam. Porque Styxx era o príncipe eles não podiam tocá-lo. Mas Acheron era um puto desprezível e eles pagavam um preço alto para fingir que era seu príncipe para que pudessem abusar dele no lugar do Styxx.

Aquele tipo de ódio era baseado em alguma coisa.

Sem falar Ryssa. Ela era amável, bonita e uma alma gentil e odiava Styxx com cada parte do seu ser.

— Será que Styxx te disse que ele não tinha nenhum amigo... porque ninguém podia suportar o arrogante bastardo?

— Arrogante? Meu Deus, Ash, você é tão cego no que diz respeito a ele. Você alguma vez falou com ele?

— Vou sair daqui. — Ash rosnou.

Urian avançou para alfinetá-lo com um olhar feio e impiedoso.

— Saia e vou fazer Tory segurá-lo até ouvir o que eu tenho a dizer. Coisas que você precisa saber.

— Você não ousaria.

— Tente-me... Porque hoje à noite quando se deitar na sua cama e sua esposa se aconchegar e você sorrir de felicidade, quero que tome um minuto e imagine de manhã quando você acordar naquela mesma cama e for agarrar seu calor, ele se foi. Para sempre. Que nunca conhecerá outro minuto de ter seus membros entrelaçados aos dela. Nunca acordar e sentir seu corpo pressionado ao dela. Então imagine entrar no quarto do Bas e achá-lo vazio também. Todos os planos que você tinha para ele, desapareceram para sempre. Então quero que tome um minuto e imagine o tipo de amor e decência que Styxx precisou ter para ir comigo a Kalosis e abraçar a mulher que os assassinou. Por você, Acheron. O irmão que o odeia até o fundo do seu ser.

Urian fez uma pausa para deixar aquelas palavras caírem fundo.

— Agora eu admito que não sou um grande homem como você, Ash. Mas posso te dizer nesse instante, eu não mijaria no meu pai para salvar o mundo, quem dirá abraçá-lo para impedir meu irmão de compartilhar a dor que sinto cada vez que penso em Phoebe... que é a cada instante. Eu sou um filho da puta vingativo. Porque depois do ajuste onde você o lançou pela parede somente alguns momentos antes de irmos para Kalosis, eu teria destruído sua mãe pelo que ela tirou de mim. E aqui tem outra coisa que você não sabe. Ela sussurrou algo para ele antes de abraçá-la, e não tenho ideia do que disse, mas conhecendo sua mãe como conheço, não foi amável. A bondade não é algo pelo qual a deusa da destruição é conhecida.

Bufando, Urian cruzou os braços na altura do peito.

— E aí, depois que ele desceu até lá para salvar sua esposa e te impedir de passar o resto da eternidade no inferno, ele tomou uma punhalada por você do meu pai. Eu estava lá, Acheron. Eu vi. Sem mentira. Verdade. Sim, você o curou, e então deu as costas e pôs o homem que acabou de salvar sua vida e da sua esposa, completamente fora da sua mente. Você virou a porra das suas costas para ele. Fui eu quem o levou para casa naquela noite e você nem uma única vez perguntou sobre ele novamente até hoje.

Urian sarcasticamente mordeu os lábios.

— Ah, e por falar nisso, você esqueceu-se de puxar o veneno dele quando curou seu ferimento. Durante dois meses ele ficou em coma queimando em febre e delirando, e tive que levar Savitar para ajudá-lo porque quando te pedi, você me disse que ele estava fazendo isto para chamar atenção. Então apesar de amar você como um irmão, considero Styxx minha família também, e ao contrário de você, Styxx não tem mais ninguém neste mundo. O pobre bastardo ficou preso comigo sozinho. Pode imaginar esse pesadelo?

Puxando uma respiração irregular, Urian curvou seu lábio com desgosto.

— Ele deixou aquele apartamento uns dias depois que Savitar tirou-o do coma mais de três anos atrás. Ele salvou sua vida e de Tory, e você levou três anos e meio para perceber que ele partiu. — Ele aplaudiu sarcasticamente. — Bom trabalho, irmão. Bom trabalho.

Ash queria manter seu ódio por Styxx. Ele precisava disso. Mas agora...

— E sabe o que sempre achei fascinante, Ash? Você nunca me perguntou como conheci seu irmão.

Ash olhou para longe à medida que a vergonha o enchia.

— Foi em Katateros, só para que saiba. Eu saí para uma caminhada na praia e ouvi algo no templo abaixo do seu. Eu o achei lá dentro sozinho na escuridão, com sobras para comer, e quando perguntei se havia qualquer coisa que poderia levar para ele, sabe o que seu irmão bastardo arrogante me pediu?

Ash sacudiu a cabeça.

— Água fresca. Isto é tudo o que o Sr. Egoísta queria. Ele estava tendo dificuldade em dessalinizar a água salgada do rio para beber. Agora sei que você não gosta de comer, mas da próxima vez que estiver em casa, quero que leve Tory, dê uma volta na sua ilha e peça para apontar os alimentos comestíveis que ela achar. Não existem muitos.

— Imaginei que um de vocês estava levando comida para ele.

— Você imaginou muitas coisas sobre ele que não é verdade. Como me dizendo que ele estava nos Campos Elysian durante onze mil anos. Ele não estava. Artemisa o colocou na Ilha Desaparecida completamente sozinho. Ninguém para conversar, e novamente, sem qualquer suprimento. Nem mesmo um martelo.

— Não foi isso o que ela me disse.

— Porque Tia Artemisa nunca mente. Nunca. Sobre nada... como tendo um relacionamento de onze mil anos com você que resultou no nascimento de uma filha da minha idade. Artemisa é a fonte da verdade absoluta, especialmente no que diz respeito a você. Foi por causa dos cuidados amáveis e benevolentes dela todos aqueles séculos que Styxx não reclamou

quando você o largou em Katateros. Foi como ele soube como sobreviver lá com nada. Mas a verdadeira pergunta é por que ele partiu?

— Presumi que ele ficou chateado.

— Lá vai você de novo com as hipóteses. — Urian deixou seu olhar cair até a tatuagem no corpo de Ash onde sua filha Charonte dormia. — Nossa preciosa pequena demônio Simi o atacou sem ser provocada e... bem, ela o matou. Mas ele não permaneceu morto, obviamente. Agora antes de você chamá-lo de mentiroso também, quero que saiba que ele nunca me contou essa história. Escutei-a de Simi quando ela estava se vangloriando para sua irmã sobre esfaquear sua cópia ruim que tentou ferir seu akri. De fato, Styxx nunca disse uma palavra contra você. Nunca.

— Ele contou a você que o apunhalei.

— Sim, uma noite quando ele estava realmente abatido e bêbado, e eu estava perguntando a ele sobre algumas das cicatrizes em seu corpo. Apesar da maior parte delas serem muitas e bem feias, a enorme irregular no centro do seu peito diretamente em cima do seu coração tende a se destacar.

Ash franziu a testa às suas palavras.

— Que cicatrizes?

— Deuses queridos, Ash... você nunca olhou para seu irmão? Elas estão por toda parte dele. Até no rosto.

Não, ele nunca viu cicatrizes em Styxx. Mas como Urian assinalou, nunca realmente olhou para ele.

Apenas através dele.

— Onde ele está?

Urian estreitou seu olhar.

— Por quê? Para que possa machucá-lo novamente? Esqueça. Ele foi para algum lugar seguro para que você não tenha que se preocupar com ele escurecendo a porta da sua casa novamente.

— Sim, ele é tão altruísta com sua conta bancária de bilhões de dólares.

— Você está falando sobre o dinheiro que instalou para ele quando o abandonou sem um segundo pensamento? Ele transferiu de volta para sua conta antes dele deixar Nova Iorque. Ela também foi fechado há três anos.

Enjoado deste jogo, Ash olhou de cara feia para ele.

— Sabe, posso achá-lo sem você.

— Machuque-o, Acheron, e juro pelos deuses que eu abomino que vou te arrebentar por isto. Pelo menos uma vez na vida, poderia não pensar nele e simplesmente deixá-lo em paz. É tudo que ele quer. Você já o esqueceu por três anos. O que são outros trezentos?

Aquelas palavras eram duras. Mas ainda mais dura era a verdade por trás delas.

Ash engoliu em seco.

— Eu quero conversar com meu irmão.

Urian suspirou.

— Certo. Ele está no Saara. Literalmente. Vivendo como um beduíno. Jantei com ele um mês atrás e não ouvi nada desde então. Isto é tudo que sei.

Inclinando sua cabeça, Ash deixou Urian e foi localizar Styxx.

* * *

Tomando cuidado para ficar invisível, Ash assistiu Styxx alimentar seu cavalo e camelo. Urian não tinha exagerado os horrores da existência miserável de Styxx nem um pouco. Mas para os vívidos olhos azuis que estavam pintados de Kohl, Styxx facilmente passaria por um beduíno. Vestido todo de preto, ele tinha seu keffiyeh puxado por cima de sua boca e nariz, escondendo completamente seu cabelo e feições. A única cor em seu corpo era a bainha marrom de sua cimitarra e o turbante vermelho envolvido ao redor do seu keffiyeh preto. E as duas bainhas couro marrom no braço para as facas que elas continham.

O cavalo mordiscou a bolsa de couro preto no quadril de Styxx.

Styxx riu.

— Ah, você me pegou. — Ele coçou as orelhas do cavalo e deu um tapinha no seu pescoço. — Sim, elas são para você. — Ele abriu a bolsa e retirou fatias de maçã que ele foi alimentando seu cavalo com a mão. — Bom, não é? — Seu cavalo realmente assentiu e bufou.

O camelo fez um som de aborrecimento.

— Não se preocupe, Jabar. Eu não te esqueci. — Styxx foi dividir alguma coisa com sua outra montaria.

Uma vez que os animais estavam alimentados e seguros, e depois que lavou as mãos no pequeno oásis, Styxx se dirigiu para dentro de uma minúscula tenda preta.

Ash o seguiu e ficou chocado com o que achou. O “príncipe” tinha um modesto saco de dormir em cima de um tapete persa gasto onde um grande cachorro marrom dormia ao lado de tigelas de metal de comida de cachorro meio comidas e água. Ao lado do saco de dormir tinha um iPhone acoplado a um pequeno auto falante que estava tocando “Disturbed Criminal” baixo o suficiente para ser ouvido na tenda, mas não tão alto para abafar o som de alguém se

aproximando do lado de fora. Uma mochila, alforjes, quatro lanternas solares médias, um rifle e nada mais.

Sem saber da presença de Ash, Styxx se despiu até sua akarbey⁵³.

Droga, Urian não estava brincando. As cicatrizes no corpo do Styxx eram horríveis de se olhar. Quando, onde e como Styxx as conseguiu? E quando Styxx se agachou no canto para procurar em sua mochila, Ash ficou com a respiração presa na garganta quando viu o símbolo do sol do Apollo que se estendia por todo o comprimento dos ombros do Styxx.

Como um deus, Ash sabia exatamente qual o significado de uma marca assim e todos os horrores que implicavam...

Propriedade feroz.

Era um aviso para qualquer deus que a visse que Apollo lutaria duro para manter Styxx como seu escravo. E Apollo não fez isto ligeiramente. O deus olímpio nunca marcou Ryssa como sua propriedade. Ele não se importou o suficiente com ela para fazer isto. Aliás, Artemisa nunca marcou oficialmente Acheron, e eles estiveram milhares de anos juntos antes de Tory libertá-lo.

E conforme Ash encarava a marca, o último dia de Ryssa com seus gritos de como Styxx seduziu Apollo, assumiu um tom ameaçador. Apesar de que Ash pode ter errado sobre muitas coisas que fez com seu irmão, a única coisa que ele sabia com certeza era que Styxx era completamente e incondicionalmente heterossexual.

Mas Apollo não era. E se Styxx tinha lutado por sua propriedade, Apollo teria retaliado com uma vingança. Olhe o que o bastardo fez para seu próprio povo...

Seu próprio filho.

O próprio Acheron.

As palavras de Tory sobre os deuses em forma humana tocaram uma possibilidade assustadora. Ele sempre se perguntou como Styxx pôde ser tão cruel com ele. Como seu próprio irmão gêmeo pôde essencialmente agredir a si mesmo sempre que ele atacava Acheron.

Apollo castrando-o fez muito mais sentido que Styxx fazendo. O olímpio iria querer se vingar de Ash por ter dormido com Artemisa e a "contaminado". A selvageria daquele ataque sobre Artemisa fazia muito mais sentido que Styxx atacando por uma mulher que ele não podia ter se importado menos.

Pondo uma maçã na boca e segurando-a lá com os dentes, Styxx levantou-se com duas garrafas da água morna, um caderno de desenho e lápis. Ele se sentou no saco de dormir sem perturbar o cachorro, então abriu a água para tomar um gole. Enquanto comia a maçã, ele virou uma página no caderno onde havia um esboço de uma mulher que estava sentada em um belo

⁵³ Calça.

prado segurando uma criança nos braços. A mão do bebê estava em seus lábios como se ela sorrisse para ele. Embora fosse apenas um desenho, o amor em sua expressão era assombroso.

O olhar de Ash foi para a mão esquerda de Styxx que segurava a maçã, em seguida até os nomes de sua esposa e filho que Styxx meticulosamente esculpiu em sua própria carne.

Um tributo final. Não era algo que um homem teria feito por nada.

A magnitude total do que Styxx perdeu e o quanto seu irmão amava sua família bateu nele com tal força que por um momento pensou que estava doente.

Styxx colocou a maçã de lado, enxugou a mão na coxa, então se debruçou para que pudesse desenhar. Ash estremeceu enquanto assistia o modo como Styxx teve que usar sua mão esquerda para calçar o lápis no aperto de sua mão direita danificada de forma que ele pudesse usá-la. O modo como Styxx fez isso dizia o quanto estava acostumado a fazer acomodações para sua mão parcialmente paralisada que ele nem pensava mais sobre isto.

Lágrimas toldaram os olhos azuis de Styxx enquanto ele amorosamente passava sua mão direita ferozmente cheia de cicatrizes pela página.

— Sinto sua falta, Beth. — Ele exalou antes de começar a preencher mais detalhes. Empurrou o caderno de volta um pouco à medida que trabalhava, e foi só então que Ash percebeu porquê.

Ele estava protegendo-o.

De vez em quando uma lágrima fortuita caía conforme Styxx trabalhava. Em silêncio e focado, ele a enxugava em seu ombro e continuava desenhando.

Impressionado pelo coração e talento do seu irmão, Ash caiu de joelhos para assistir aos traços experientes e precisos de Styxx. Ele não tinha ideia que seu irmão podia fazer tal coisa.

Assim que acabou, Styxx fungou de volta suas lágrimas silenciosas e folheou o caderno que estava cheio de retratos da mesma mulher e do bebê em várias idades que variavam de recém-nascido até a idade adulta. Era como se Styxx tivesse criado as memórias de sua esposa e filho que queria ter.

Memórias que foram roubadas dele.

Pela mãe de Acheron.

Mas o que arrancou o coração do Ash era o quanto o menino parecia com Bas. E quando Styxx fez uma pausa em um desenho de Styxx segurando sua esposa e filho, Acheron teve que partir.

Soluços o rasgaram conforme as palavras de Urian voltaram para golpeá-lo e pensou em tentar viver sem Tory e Bas por até mesmo um dia. Quem dirá séculos.

Como pude pedir a ele para salvar a vida da minha esposa e abraçar a assassina deles?

Urian estava certo. Ele era um maldito idiota. E não sabia nada sobre seu irmão.

Apertando as palmas das mãos nos olhos, Ash lutou para se controlar quando viu o desenho que Styxx fez do menino segurando um ursinho de pelúcia. Se ele não soubesse, juraria que seu irmão encontrou seu filho.

Agora que pensava sobre isto, até suas esposas eram mimadas o suficiente para serem relacionadas.

Seria possível que permitiu que seu ódio por Estes e o ciúme de Ryssa em relação a Styxx o contaminassem completamente e colorissem suas próprias opiniões? Certamente ele não teria sido tão facilmente influenciado.

Poderia?

Todas as vezes em sua vida ele pregou para os outros que sempre havia três lados para cada evento, seu, deles e a verdade que estava em algum lugar no meio.

No entanto, quando se tratava de seu irmão...

Emoções não têm cérebros. Ash sabia disso melhor que ninguém.

E enquanto estava em pé na duna solitária olhando para o vasto e quente deserto, ele se lembrou do quanto Styxx odiava estar sozinho quando criança. Quantas vezes ele entrava sorrateiramente no quarto de Acheron e foi espancado por isto. Mas Styxx não se importava. Ele vinha para Acheron de qualquer maneira.

Irmãos. Para sempre e sempre.

Styxx tinha tentado fazer as pazes. Ele estendeu a mão e Acheron deu-lhe um tapa afastando-o. Repetidamente. Pior, Ash se afastou de Styxx por séculos e nem mesmo lhe deu um único pensamento.

Nenhuma vez.

É incrível o dano que fazemos a nós mesmos e aos outros quando tudo que estamos tentando fazer é nos proteger de sermos feridos. Quantas vezes disse isso a um Dark Hunter?

Porém conselho era sempre mais fácil dar do que seguir.

Precisando definir isso direito, Ash voltou à tenda. Ficou do lado de fora por vários minutos, debatendo a sanidade disso.

Mas não era um covarde.

Respirando profundamente por coragem, Acheron abriu a ponta da tenda.

— Styxx?

O cachorro se agachou e rosnou pra ele.

Seu irmão estava agora sentado adiante, segurando um pano encharcado de sangue comprimindo seu nariz enquanto acalmava o cachorro ao lado dele.

— Eu não fiz essa porra.

Perplexo, Ash franziu o cenho.

— Fez o que?

— Seja o que for que você está aqui para me acusar. Eu não sou um deus. Não posso viajar daqui para onde quer que você vive em um piscar de olhos. Eu levaria uma semana inteira para chegar até uma modesta aldeia. — A raiva e ódio o queimavam.

E Ash sabia que merecia isto.

— Eu vim para agradecer pelo presente que você enviou para Sebastos.

— Um e-mail teria sido suficiente.

— Você o teria lido?

— Eventualmente.

Ash estreitou o olhar quando viu os outros dois panos encharcados de sangue no chão.

— Você ainda tem enxaqueca também?

— Sim, e a maior de todas mal passou pela minha porta. — Styxx puxou o pano de volta para verificar a hemorragia que ainda estava derramando. Ele dobrou o pano e voltou com ele para seu nariz. — O que você quer?

Perdão. No entanto, ele não tinha nenhum direito de pedir isto a este homem. Urian tinha razão. Styxx tentou matá-lo, mas veio a ele abertamente. Inferno, ele nem o avisou que o tinha na mira.

Ele, por outro lado, atingiu Styxx pelas costas. E ambos golpearam pela mesma razão. Só queriam um fim para seu sofrimento.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Sim, — Styxx rosnou, — você é um babaca e eu sou um desgraçado. Que porra está errado com os homens da minha família que sempre querem me interrogar quando estou com dor e sangrando?

Ash deixou seu olhar cair na fila de cicatrizes que corriam por todo o comprimento da lateral do Styxx. Elas começavam em sua axila onde nenhum cabelo podia crescer por causa da carne queimada danificada e desapareciam embaixo da sua cintura. Até seu mamilo foi severamente desfigurado. Aquelas cicatrizes sem igual mexeram com a memória de Ash e trouxeram à tona um ato há muito tempo suprimido de estupidez da parte da Ash. Encolheu-se quando se lembrou de quando tinha visto as cicatrizes que cobriam a virilha e coxas do seu irmão em Atlântida.

O que você fez? Masturbou-se com um ferro em brasa?

Em vez de esmurrá-lo como deveria ter feito, Styxx tinha se enrolado em uma bola e não disse nada. Só olhou fixamente para a parede.

Ash desejou que pudesse voltar no tempo e se esbofetear por aquela crueldade. Era óbvio que alguém torturou seu irmão.

E Styxx as ganhou quando era uma criança.

Antes de ir para batalha. Só que na época Ash não se importava. Perdido em sua própria miséria, não gastou três segundos para considerar as de Styxx.

Só porque o que você tem é ruim, Acheron, não quer dizer que o que eu tenho é bom. Não é de espantar que Styxx tinha rosnado para nele.

Repetidamente. Mas a cicatriz que realmente torturou seu irmão era aquela diretamente em cima do seu coração. A que Ash deu a seu próprio irmão...

— Por que você ainda está aqui? — Styxx perguntou. — Você me queria fora de sua vida. Estou fora. Me desculpe por que enviei a porra do cavalo que não queria mais olhar. Não vou mais incomodar qualquer um de vocês novamente. Apenas vá!

— Por que você o enviou?

Um tique trabalhou na mandíbula do Styxx.

— Porque prometi a você que não deixaria nada acontecer a ele, e ao contrário do que você pensa de mim, não quebro as promessas que faço.

Ash fechou os olhos quando a dor tomou conta dele. *Por que não conversei contigo quando estava em Katateros como você me pediu?*

Porque ele estava com raiva. Ferido.

Principalmente com raiva.

— Eu só queria dizer que sinto muito, Styxx.

Styxx deu a ele um olhar atônito.

— Oh, okay. — Seu tom gotejava sarcasmo. — Que bom que você conseguiu tirar tudo isso do seu peito. Tchau!

Você é um babaca.

Então e se for justificado?

Ash suspirou.

— Antes que eu vá, gostaria de ver uma foto de Sebastos com seu presente?

Quando aqueles abrasadores olhos azuis encontraram os seus, a angústia crua neles bateu em Ash como um chute na virilha.

— Você acha que conhece a dor? Não conhece. Confie em mim. Vivi a porra da sua vida, lembra? Sei cada único detalhe dela. E desde que Artemisa tinha me trancado naquele inferno e vi por que você me odeia por nenhuma razão e por coisas que não participei, levou tudo que tenho para não te odiar por isto, e pelo que sua mãe fez comigo. Por tudo que ela me roubou. Mas se você me mostrar uma foto do seu filho perfeito e saudável, não serei responsável pelo que fizer contigo. E antes de você vir como Ryssa para cima de mim e me dizer o quanto realmente sou egoísta... não invejo você, sua felicidade ou sua família. Não tenho espaço em meus pensamentos para isso enquanto estou ocupado demais sofrendo pelos meus. Agora vá!

Concordando, Ash saiu da tenda.

Ele ouviu o berro angustiado de Styxx de fúria desatada. Era o mesmo som de injustiça que ecoava sempre que um Dark Hunter morria como humano. Era o som que convocava Artemisa do Olimpo para perguntar a eles se gostariam de vender sua alma para ela por um ato de vingança contra a pessoa ou pessoas que os prejudicou.

Acheron jamais pensou que alguém faria isto por causa de suas ações contra eles.

E nunca teria sonhado que viria da garganta de seu próprio irmão. Ele esteve tão envolvido em sua própria dor e raiva que nunca considerou a de Styxx. Vista de fora, a vida de Styxx parecia tão perfeita.

Príncipe amado. Herói de Didymos. Herdeiro de um vasto império.

Mas uma casa podia parecer nova pelo lado de fora e ser infestada de cupins que corroíam suas estruturas até que desabava da tensão de tentar se manter sob seu brutal ataque.

E um único sorriso podia esconder uma dor profunda.

— Eu sinto muito, Styxx. — E desta vez, ele realmente queria dizer isso.

Precisando sentir paz, Acheron se dirigiu à ilha de Savitar. Já que estava anoitecendo ali, achou seu mentor e velho amigo em um traje de banho preto molhado sentado na arrebentação

ao lado de sua prancha de surfe assistindo o pôr do sol sobre o oceano. Inclinado para trás em seus braços, ele tinha suas pernas esticadas e cruzadas nos tornozelos.

Savitar gemeu no minuto em que o viu.

— Jovem surfista vindo perturbar meu relax. O que está pegando, meu irmão?

Ash transformou suas roupas em um traje de banho molhado para que pudesse se juntar a Savitar na arrebentação. Ele se sentou. Curvando seus joelhos e envolvendo os braços ao redor de suas pernas, ele suspirou fortemente.

— Urian disse que você tirou Styxx do coma.

Savitar assentiu.

— O que você sabe sobre seu passado?

O antigo Chthonian deu de ombros despreocupadamente.

— Você era seu irmão. Deve saber.

— Não brinque comigo, Sav. Não estou com humor.

Ele levantou o olhar pra Ash.

— Eu realmente não sei mais do que um punhado de detalhes.

— Tipo?

— Você sabe que eu era o Chthonian de Atlântida, assim só sei o que aconteceu lá.

Sav mentia muito, mas Ash não diria isso em voz alta agora.

— E?

— Eu sei o que você fez... que Styxx liderou seu exército para as margens atlantes e arrasou eles a ponto de seus deuses serem forçados a fazer um pacto com Apollo antes que Styxx os derrotasse completamente.

Ash franziu o cenho ao ouvir isto.

— Entretanto não foram os deuses que fizeram o pacto. Foram os reis gregos. Eles ofereceram minha irmã a Apollo.

— Não exatamente.

Ash odiava sempre que Savitar usava aquelas palavras. Nunca era bom.

— O que você quer dizer?

— Não era sua irmã que Apollo realmente queria. Styxx tinha a mesma beleza sobrenatural e atração sexual, cortesia de Epithymia, que você, e Apollo ficou apaixonado por Styxx desde o momento que o viu pela primeira vez... como você e Artemisa. Os deuses de Atlântida tinham que tirar Styxx de suas margens antes de ele acabar com eles. Disseram a Apollo o que fazer para conseguir. Mas todos sabiam que o rei de Didymos nunca concordaria em entregar publicamente seu herdeiro para ser o amante de Apollo. Então Apollo usou Ryssa como um artilheiro para chegar e controlar Styxx.

Lamentavelmente, aquilo explicava muito.

E fez o estômago de Ash queimar com culpa e dor.

— Já que era o Chthonian, sabe sobre a outra vez que Styxx veio para Atlântida?

Savitar deu a ele um olhar fixo inexpressivo e frio.

— Seu irmão esteve em Atlântida quatro vezes em sua vida.

Ash ficou boquiaberto. Não, não era possível...

— Quatro?

Savitar assentiu.

— A primeira foi quando era menino para livrar você de seu tio. Estes o pegou e o levou em custódia.

— E você não o deteve?

— Eu não sabia sobre isso naquele momento.

— O que você quer dizer?

Com um olhar atormentado, Savitar se debruçou adiante e passou a mão pelo seu cabelo úmido.

— Sua mãe blindou meus poderes quando você era jovem para que não pudesse vê-lo ou seu gêmeo. Eu não sabia que ele tentou libertá-lo até que o tirei do coma.

— O que fez você olhar então?

— Eu vi a palavra “prostituta” em grego antigo e o atlante “tsoulus” junto com a marca de escravo do seu tio na sua virilha. Eu tolamente quis saber como ele conseguiu aquilo. Que te sirva de lição sobre olhar para o abismo.

Ash fechou os olhos quando a dor o acertou tão duro que mal podia pensar direito.

— Por favor... diga-me que você está mentindo.

— Você sabe que é verdade. Foi por isso que Styxx invadiu Atlântida com tanto rancor. Ele fez. Seu tio o manteve e o vendeu, exatamente como fez com você. Inclusive perfurou a língua de Styxx... como fez Apolo.

O fôlego de Ash o abandonou em uma onda amarga de simpatia.

— Já que você viu, como meu tio o capturou?

— Não faça perguntas se não quer as respostas.

Mas Ash não escutou.

— Eu quero saber. — Ele precisava saber.

Savitar o cortou com um olhar duro.

— Já deveria saber, Acheron. Você estava lá quando aconteceu.

— Mentira! — Ash fez uma pausa. — Mostre-me.

Savitar balançou a cabeça negando.

— Existem algumas recordações que ninguém necessita.

Mas Ash não o escutou.

— Artemisa castigou Styxx com minhas memórias. Ela o forçou a viver minha vida e em vez de fazê-lo me perdoar, isso alimentou seu ódio por mim e quero saber por quê. Por favor, Savitar. Preciso ver como ele foi levado.

— E me recuso a mostrar a você, — ele disse duramente... em um tom amargo que nunca usou antes com Ash. — Basta dizer que ele teria escapado se você não tivesse arrastado seus pés e chamado seu tio para dizer a ele onde estava. Você podia ter escapado voluntariamente com Styxx, mas estava com muito medo de tentar. Pior ainda, enquanto Estes o segurava, você riu e se regozijou com o que eles fizeram com Styxx. Constantemente. Você jogou isso na cara dele o tempo inteiro que esteve em Atlântida contigo e ajudou a prepará-lo para servir aos homens para quem seu tio o vendeu. Você inclusive o segurou enquanto era marcado com ferro como uma prostituta.

Ash arquejou quando a realidade o atingiu. Ele sufocou em negação.

— Eu não fiz isto.

— Sim, fez.

Ash sacudiu a cabeça.

— Eu não sou esse tipo de pessoa, Savitar. Eu não sou.

— Todo homem, mulher e criança é capaz de prejuízos extremos e absoluta crueldade quando se sentem justificados em seu ódio. Certo ou errado. Nós todos somos capazes de dar coices quando estamos sofrendo. Ninguém, nem mesmo você ou eu, é imune a isto. Como dizia Platão, seja amável com todos que você conhece pois todos lutamos batalhas difíceis. E sim, você pensou que era divertido ter o amado príncipe e herdeiro marcado a ferro como uma prostituta e um escravo e vendido para os mesmos homens que pagavam para te foder. Em sua defesa, você era jovem, drogado e perdido em seu próprio inferno.

— Isto não é desculpa. — Ash piscou de volta suas lágrimas.

— Não, não é desculpa. É só a dura e mordaz realidade. — Savitar soltou uma risada amarga. — Já se perguntou por que os deuses criaram o homem, surfistinha? Eu pessoalmente acho que somos o reality show original. Estavam tão aborrecidos que nos criaram para que pudessem se sentir melhor consigo mesmos.

— Você não é engraçado.

Savitar suspirou.

— Não. A tragédia nunca é. Nossas vidas são marcadas e formadas por nossos arrependimentos. Coisas que todos queremos recuperar e não podemos. Em um mundo perfeito, nunca faríamos mal a quem amamos ou deixaríamos que sofressem. Mas o mundo não é perfeito e nem nós.

Mesmo assim, Ash não podia se perdoar pela forma que tratou Styxx todos estes séculos atrás.

— Tenho medo de perguntar sobre a segunda visita de Styxx.

— Você estava lá também.

— Quando eles me expulsaram. — E depois ele propositadamente atraiu e zombou de Styxx.

E de seu pai.

Savitar assentiu com a cabeça.

— A propósito, você sabe como Estes morreu?

— De derrame ou ataque cardíaco enquanto dormia.

Lentamente, Savitar balançou sua cabeça novamente.

Uma terrível sensação de temor atravessou Ash quando a realidade a golpeou. Algo que nunca havia parado para pensar antes...

Seu irmão fora um soldado treinado para matar.

— Styxx?

— Sim, — Savitar suspirou. — Estes tinha planejado vender sua irmã para um príncipe de Atlântida. Para protegê-la e a você, depois de ter sido brutalmente estuprado em grupo, Styxx se soltou de suas amarras para sufocar Estes enquanto dormia. E depois, cheio de culpa, pânico e medo, foi com o pai que ele odiava até Atlântida para libertá-lo.

E eu o insultei por isto.

— Eu não sabia.

— Claro que não. Se Styxx tivesse dito uma palavra para alguém, teria sido executado. Brutalmente. Mas pode imaginar ser um menino e levar essa quantidade de medo e culpa com você?

Não, ele não podia. Não é à toa que Styxx fora tão calado e quieto. Algo que todos eles zombaram.

Ele é bom demais até para conversar com alguém. Olhe pra ele, caminhando por aí como se fosse tão importante. As duras observações e condenação de Ryssa eram muito diferentes deste novo ponto de vista de Ash. Em retrospectiva, já não via vaidade e arrogância em seu irmão, e sim esgotamento e tristeza.

E ele se lembrou de Bethany. Vagamente. Mas aquelas recordações caíram mal quando se lembrou de quanto ressentimento sentiu sempre que via Styxx com ela. Porque Artemisa havia se negado a reivindicá-lo publicamente, o fato que Bethany sorria e abraçava Styxx sempre que o via fez com que Acheron os odiasse ainda mais.

— E as outras duas vezes? — Ash perguntou tentando encontrar um pouco de paz consigo mesmo.

— A vez seguinte não foi tão ruim. Styxx tinha seu exército com ele. Mas tinham poucos suprimentos e martelavam a cada passo do caminho pelos atlantes que os queriam mortos e queimados. Mesmo assim, saiu vitorioso.

E ele foi brutalmente atacado em seu caminho para casa por gregos ciumentos.

Savitar arranhou sua bochecha e o imobilizou com um olhar frio.

— A última vez que ele esteve ali que foi a pior.

— Pior que Estes? — Ash perguntou aturdido e incrédulo.

Ele assentiu devagar.

— Sabe sobre marca de Apollo em suas costas?

— Sim. Eu a vi antes de vir aqui.

— Seu irmão não levou bem a escravidão. Lutou com Apollo amargamente, a tal ponto que Apollo decidiu quebrá-lo violentamente. Quando não pôde fazer isto sozinho, pediu ajuda aos outros. Styxx passou um ano em Atlântida como prisioneiro de guerra. Primeiros os deuses foram para cima dele, e então o entregaram para a rainha de Atlântida e seu povo em Aeryn.

Ash estremeceu ao ouvir isto.

— Eles o torturaram.

— Oh, fizeram muito mais do que isto.

Ash se encolheu. Tendo sido o bode expiatório de seu irmão em um bordel, só podia imaginar quanto teria sido pior quando eles realmente tiveram Styxx em suas mãos. Uma coisa sobre o mundo antigo era que sua crueldade fora criativa.

E dura.

Entretanto, Ash não podia se lembrar de um tempo quando Styxx não esteve por perto.

— Fora a guerra, quando ele se foi por um ano?

— Você já sabe a resposta, Acheron. Foi no ano em ele agiu de maneira tão estranha. Quando se misturou com as pessoas em público e se divertia. Não era Styxx.

Claro que não. Até Ryssa comentou como a guerra deve tê-lo mudado porque estava agindo fora do normal.

— O ano que estava comprometido com Nefertari. — O mesmo ano que Acheron foi castrado, torturado e aconteceu a conspiração contra seu pai.

Savitar acenou com a cabeça.

— Apollo estava atrás de tudo. Como eu disse, ele queria Styxx quebrado. Então tirou Styxx do palácio e deixou um de seus lacaios ali para impedir que alguém soubesse o que ele fez... Seu objetivo era arruinar a vida e a reputação de Styxx. Pôr todo mundo contra ele.

E sem dúvida conseguiu.

— Quando Styxx retornou a Didymos?

— Você sabe isto também.

Ash olhou para longe. Quando Styxx foi obrigado a se ajoelhar nu na frente de Apollo em um templo repleto de cidadãos rindo...

Você devia ter visto, Acheron, a voz de Ryssa ecoou em sua cabeça quando ela lhe contou mais tarde. Ele mereceu depois de insultar Apollo com sua arrogância.

Arrogância... lutar contra a propriedade de Apollo.

E como os demais, Acheron se divertiu com a humilhação pública de Styxx que foi parecida à que Acheron recebeu, cortesia de Apolo e Artemisa em seu templo.

Não era de se espantar que Styxx odiasse a todos eles.

Savitar suspirou novamente.

— No caso de não ter culpa suficiente jogada sobre você, deixe-me foder sua cabeça mais uma vez.

O estômago de Ash encolheu com medo.

— O que?

— Você sabe que todo Chthoniano nasce de mortais? Que se supõem que nenhum vem dos deuses?

— Sim? — Ash era a única exceção àquela regra.

— Styxx não roubou sua progeneratura, surfistinha... você roubou a dele. Era ele quem deveria nascer um Chthoniano. Mas quando te puseram no útero com ele, você absorveu todos os seus poderes principais e o deixou com alguns subprodutos bastante ruins.

As hemorragias nasais, as enxaquecas e a habilidade de ouvir os pensamentos das outras pessoas.

E nenhuma maneira de se proteger disto.

Merda.

Ash estava tão nauseado por causa disso tudo que não tinha certeza de como conteve o vômito.

— Como posso endireitar isso, Savitar?

— Essa, meu irmão, é a questão. E se eu soubesse a resposta, jogaria na loteria.

08 de agosto de 2012 d.C.

Styxx reduziu a velocidade do seu cavalo enquanto se aproximava do modesto acampamento beduíno aonde vinha todo ano nesta época para negociar. As meninas e mulheres estavam cuidando do rebanho de cabras e ovelhas e cozinhando, junto com outras tarefas. Usavam suas burkas já que seus exploradores os avisaram de sua abordagem muito antes de ele chegar. Os homens cuidavam dos cavalos e dos camelos. Esses homens podiam ser vistos facilmente, de qualquer modo. Styxx tomou nota dos que estavam escondidos como guardas e exploradores à sua entrada. Para a maioria dos viajantes, eles passariam despercebidos, mas muito pouco escapava do escrutínio de Styxx.

Assim que os membros do acampamento averiguaram sua grande altura, souberam quem ele era. Com exceção dos atlantes e dos deuses, Styxx sempre se elevou acima dos demais. Mas desde que os beduínos tendiam a ser mais baixos que a média, sentia-se ainda mais como um gigante monstruoso sempre estava perto deles.

Alcançando o centro do acampamento, Styxx abaixou o keffiyeh do seu rosto, deixou-o cair sobre o ombro então desmontou. Acariciou Skylos para acalmá-lo e acenou com a cabeça um agradecimento às boas-vindas a vários dos membros da tribo que o saudaram.

Um menino avançou para tomar as rédeas do seu cavalo e camelo.

— Oi, Sadur. — Styxx disse para o menino quando discretamente lhe entregava uma barra de chocolate Hershey.

O rosto do Sadur se iluminou.

— Obrigado, meu senhor!

Styxx inclinou a cabeça para ele. Ele barganhou pela barra na semana passada com um grupo de excursionistas que passou por seu próprio acampamento. Embora ele tivesse apreciado o chocolate, sabia que o menino adoraria mais. Skylos seguiu Sadur enquanto ele conduzia o cavalo e o camelo de Styxx até a água.

Rahim, um primo do Sheik Saif que governava esta tribo, saiu da tenda maior com um sorriso no rosto. Ao contrário das vestes negras simples de Styxx, a de Rahim tinha belos bordados dourados, vermelhos e brancos para que os outros soubessem a que tribo, classe social e estado civil pertencia.

Styxx colocou a mão acima do coração como sinal de respeito e humildade.

— Salaam alaikum. — A paz esteja com você.

Sorridente, Rahim o abraçou então segurou sua mão.

— Príncipe Styxx, é tão bom ver você novamente.

Styxx tomou sua mão e teve que se curvar para que pudessem tocar os narizes três vezes. Rahim segurou sua mão depois que se cumprimentaram como sinal de amizade e boas-vindas.

— Confio que o Saara foi bom para você este ano? — Rahim perguntou.

— Muito bom, realmente. Vejo que você tomou uma esposa. Parabéns.

— Ah sim, minha Yesenia. Finalmente a conquistei e ela me disse apenas ontem que estará me dando um primogênito no próximo novembro.

Styxx sorriu com as notícias.

— Mais uma vez, parabéns, meu amigo.

Rahim sacudiu sua mão direita fazendo um gesto para Styxx entrar na tenda do seu primo. Ele o levou para o local onde o sheik permanecia com os membros importantes da sua tribo e família.

Saif imediatamente avançou para abraçá-lo.

— Príncipe Styxx! Salaam alaikum!

Embora Styxx desprezasse seu título, a posição social era extremamente importante para o povo do deserto e lhe dava uma vantagem necessária quando vinha negociar. Era a única coisa que seu nascimento real servia.

— E com você, meu amigo.

Saif fez um gesto para que se sentasse em uma das elaboradas almofadas borgonha em cima do tapete persa que forrava o chão e participasse do café turco e do pequeno banquete que foi preparado quando foram avisados da abordagem de um estranho.

Colocando a mão sobre o coração novamente, Styxx deu ao sheik uma reverência.

— Obrigado, Sua Alteza. Estou honrado.

Com um sorriso brilhante, Rahim passou uma tigela de tâmaras e iogurte fresco, que eles sabiam eram os favoritos do Styxx.

Saif tomou a xícara do Styxx e saboreou o café primeiro como uma forma de avisar a Styxx que era seguro, depois a baixou para que ele tomasse.

— Minha filha queria que soubesse que ela preparou esse iogurte especialmente para você.

— Dima?

Saif assentiu.

— Ela agora é velha o suficiente para casar e está um pouco enrabichada por você, temo. Como estava se aproximando sua visita semestral, ela me deixou louco me implorando para falar dela enquanto está aqui.

Styx x sorveu seu café.

— Estou de verdade honrado e humilhado pelo seu afeto, Sua Alteza. Mas embora ela seja uma mulher muito bonita, não seria justo com ela dividir meu coração com minha primeira esposa. Dima merece um homem que possa amá-la com todo o seu ser.

Saif sorriu.

— E é por isso que ela te admira tanto. Você é honrado e franco.

— Eu tento humildemente.

Rahim passou um pedaço de cordeiro para Styx x poder cortar um pedaço da carne para comer.

Styx x agradeceu.

Saif se recostou com sua xícara. Havia uma luz em seus olhos escuros que não pressagiava nada bom para Styx x.

— Você veio na hora certa, príncipe.

— Como assim?

— Temos turistas que logo invadirão nosso acampamento. Se nos ajudar a negociar com eles, ficarei mais do que agradecido em te pagar pelos seus serviços.

Styx x preferiria ter batido a cabeça com um martelo pesado, repetidamente. Mas ele sorriu, sabendo que faria de qualquer modo. Saif e sua gente foram muito bons para ele ao longo dos últimos quatro anos e os ajudaria no que pudesse.

— Seria minha honra e privilégio ajudar você e sua gente, Sua Alteza.

— Bom. Estes turistas me deixam louco.

Styx x acabou de terminar sua terceira xícara de café quando ouviu os sons que anunciavam a chegada dos turistas que deviam ser europeus ou americanos para que o sheik pedisse sua ajuda.

A expressão no rosto de Saif disse que ele compartilhava o mesmo entusiasmo de Styx x pela sua chegada. Porém eram um mal necessário para a tribo. Os turistas ricos podiam pagar uma pequena fortuna pela mercadoria e artigos feitos à mão que Styx x trocava por couro. E as

companhias de turismo gostavam de acampamentos como este onde podiam trazer seus grupos com segurança e saber que não sofreriam nenhum dano.

Saif mostrou um sorriso sardônico para Styxx.

— Hoje você prova sua amizade para minha gente, Sua Alteza.

Sim, ele demonstrou.

Já temeroso, Styxx seguiu Rahim para fora para encontrar dois ônibus carregados de curiosos que estavam tirando fotos do acampamento beduíno. Tarde demais, Styxx se lembrou de que tinha o rosto descoberto.

Merda.

E por causa de sua grande altura, ele se destacava do resto da tribo. As máquinas fotográficas e telefones se voltaram na direção dele como se fosse a celebridade que reinava no clube mais quente de Hollywood.

Cobrindo o rosto, deslizou seu olhar para Rahim.

— Diga a seu primo que o preço para meus serviços acaba de dobrar.

Rahim riu, sabendo que Styxx estava brincando.

Uma das mulheres guinchou enquanto mostrava uma foto em seu telefone para outra mulher que estava com ela.

— Oh meu Deus! — Ela disse em inglês. — Esta vai para o Facebook assim que eu tiver sinal. Eles vendem seus homens como suas mulheres? Quantos camelos precisamos para comprá-lo?

— Esqueça comprar, poderíamos alugá-lo por uma hora?

Aqueles foram seus comentários menos lascivos. E sem contar os pensamentos lascivos dentro de suas cabeças. Era suficiente para fazê-lo querer agarrar seu rifle para impedir as lobas de atacar.

Styxx parou ao lado delas.

— Senhoras, eu falo inglês. Fluentemente.

Elas não podiam ter ficado mais vermelhas se tivessem caminhado nuas pelo Saara por um mês.

Ignorando-as, Styxx foi até as tendas onde a tribo colocou as mercadorias que eles tinham à venda. Enquanto ajudava Farid a negociar o preço de um tapete com um banqueiro rico, sentiu um leve puxar na sua manga.

— Oh, Beth, não faça isto!

Seu coração apertou com o nome. Abaixou o olhar para um par de olhos avelãs brilhantes e arregalados de uma menina de cinco anos cujo rosto era emoldurado com tranças negras.

— Você é um gigante? — Ela perguntou, ignorando a advertência da sua mãe. — Come criancinhas como um troll?

Agachando, Styxx expôs seu rosto para ela ver que ele não era realmente assustador.

— Não, pequena. Mas quer saber como eu cresci até esse tamanho?

Ela acenou ansiosamente com a cabeça.

— Eu comi todos os meus legumes e bebi um montão de leite.

— Sério?

Styxx levantou seu olhar para ver sua mãe sorrindo para eles.

— É verdade mesmo. — Empurrando a manga para trás, expôs os pequenos cordões que ele costumava usar para prender suas bainhas de braço no lugar, ele puxou um vermelho. — Onde eu cresci, é costume dar um presente para a menina mais bonita que nós já vimos. — Ele estendeu o cordão para ela e então o amarrou ao redor do seu pulso minúsculo. — As Beths sempre são contadas entre as mais belas de todas as mulheres.

— Obrigada. — Ela fez uma reverência para ele.

Styxx cobriu seu coração com a mão e curvou a cabeça.

— Obrigada. — sua mãe repetiu. — Desculpe o trabalho que ela te deu.

— Está tudo bem. Ela não me aborreceu nem um pouco. As crianças são nossos presentes mais preciosos e deviam sempre ser estimadas. — Styxx cobriu seu rosto e voltou para ajudar Farid.

Depois de alguns minutos, seu nariz começou a sangrar pela dor de seus pensamentos gritando na sua cabeça. Por que ele passou tanto tempo sozinho, perdeu a prática em se proteger.

Styxx meteu a mão no bolso e tirou um lenço. Ele se desculpou e saiu para a parte de trás da tenda para cuidar disso.

— Você está bem?

Ele se virou ligeiramente para achar uma jovem em torno dos vinte anos.

— Estou bem. Isso acontece comigo o tempo todo.

— Sim, comigo também. Especialmente aqui com este ar tão seco. — Meteu a mão na bolsa e tirou uma caixa coberta de celofane de spray nasal então deu a ele. — Realmente ajuda a prevenir. Pode ficar com esse, eu tenho mais três. Sim, sou das que tem TOC.

Styxx sorriu para ela.

— Obrigado.

— Sem problema. — Ela o deixou e se juntou aos seus amigos.

Assim que sangramento nasal parou, retornou à tenda para terminar as transações.

Quando a mulher que deu a ele o spray de nariz foi comprar uma pulseira, ele disse a Farid em egípcio para colocar na sua conta.

Farid sorriu para a menina então respondeu em mal pronunciado inglês.

— Para você... nada. Tome. Tome.

Ela agradeceu então virou um olhar suspeito para Styxx.

— Você acabou de comprar isto para mim?

— Uma boa ação merece outra.

Ela sacudiu sua cabeça.

— É demais. O spray não é caro.

— Na minha cultura, o preço do presente não é o que importa. É o coração atrás dele, que faz com que o spray seja muito valioso para mim.

— Isto é bonito. É um costume do deserto?

— De Didymos.

Ela franziu o cenho para o nome desconhecido.

— Onde fica isto?

Infelizmente, estava atualmente no fundo do Egeu, cortesia de seu irmão.

— Uma província da Grécia.

— Você é grego? — Ela resplandeceu de felicidade. — Minha bisavó era de lá.

Styxx sorriu sem querer.

— Que coincidência. Assim como a minha.

Ela riu.

— Ei, Mindy? Acha que podemos conseguir uma foto com seu novo amigo?

Styxx se encolheu com a pergunta.

— Você se importaria? — Mindy perguntou esperançosamente.

Como ter meus olhos arrancados.

— Está bem.

Gritando, suas amigas se amontoaram ao redor dele para tirar fotos.

— Podemos tirar uma com seu rosto exposto? Por favor!

Styxx teve que se forçar a não fazer careta.

— Quem precisa de uma alma nesses dias?

— Doce!

Rahim chegou a rir enquanto as mulheres faziam turnos para posar com Styxx.

— Você devia cobrar, meu amigo, — ele disse em egípcio.

Fingindo riso, Styxx dobrou seu dedo médio para baixo e gesticulou atrás dele.

— Oh, muito agradável para ensinar aos turistas. Muito agradável!

— O que eles estão dizendo? — Ana perguntou a Mindy, quem deu de ombros.

— Ele estava corrigindo meu comportamento — Styxx explicou —, e expressei com gestos meu desgosto pela sua censura.

— Ohh — disse uma das meninas —, ele é inteligente e tudo o mais.

— Eu adoro seu sotaque. Você é árabe?

— Não.

— Você é um bandido?

— Ele é um príncipe de sangue azul. — Os olhos das garotas se arregalaram ao comentário fortuito do Rahim enquanto ele passava de novo junto a elas.

Styxx rosnou do fundo da sua garganta antes de falar em egípcio.

— Obrigado, Rahim. Que todas as pulgas do deserto descansam em seus lugares mais privados.

— E os mesmos desejos de felicidade para você, meu príncipe. — Ele respondeu em inglês.

Agora as mulheres o bombardeavam com perguntas e apalpadelas.

— Gente! — Mindy estalou. — Parem de agir como um bando de rainhas pornô. Deixe o pobre homem em paz. — Ela o puxou para longe delas. — Desculpe. Nós somos de Minnesota, que fica no...

— Sei onde fica. — A cunhada de Urian vivia lá e era onde Urian passava parte do ano.

— Oh. Desculpe. De qualquer maneira, nós não chegamos a encontrar príncipes onde vivemos. — *Especialmente uns que parecem com você. Esqueça William, você faz com que ele pareça uma cabra enrugada.*

Porém a respeito do William comentado, ele não sabia nada.

— Sem problema.

Enquanto se afastava, Mindy tomou seu braço.

— Qual o seu nome?

— Styxx.

— Como a banda?

Um sorriso curvou os cantos dos seus lábios.

— Como o rio no submundo grego do qual a banda e eu somos chamados.

— Oh. Isto é legal... de qualquer maneira, estamos voando de volta para os Estados Unidos em dois dias. Nossas aulas de outono começam na semana que vem. Hmm, se você gostar de almoçar ou algo assim antes de irmos embora... — Ela mordeu o lábio esperançosamente enquanto deslizava a mão ao longo das bordas de sua camiseta com rendas que expunha a curva de seus seios grandes.

Pela primeira vez em muito tempo, Styxx sentiu uma agitação em seu corpo. Ela estava começando realmente a excitá-lo.

Antes de poder se deter, afundou a cabeça até capturar seus lábios. Gemendo, ela embrulhou seus braços ao redor dele e o atraiu contra seu corpo voluptuoso.

Styxx cerrou os olhos enquanto saboreava a sensação de ser abraçado novamente. Passou tanto tempo...

Mas quando o aroma de seu perfume o atingiu, sufocou seu desejo. Esta não era sua Bethany. E embora saboreasse a sensação de ser tocado fisicamente, não era o que ele ansiava. Sem falar do pequeno fato que se Mindy visse as cicatrizes que o cobriam haveria perguntas que ele não queria responder. Recordações com as quais não queria lidar.

Ele se puxou para trás e emoldurou sua bochecha na sua mão.

— Foi agradável te conhecer, Mindy. Tenha uma viagem segura para casa. —
Desconsolado e solitário, deu meia volta e se afastou.

Malditos sejam vocês, deuses. Entre eles e a crueldade de seus pais e tio, não só arrancaram seu coração como tomaram sua alma.

E ainda que finalmente tenha encontrado paz no deserto, ele nunca encontrou felicidade ou aceitação em qualquer outro lugar que não fosse nos braços de Bethany.

03 de setembro de 2012 d.C.

Por horas agora, Styxx viu os abutres circulando algo. Desde que continuavam a sobrevoar, sabia que sua vítima ainda estava respirando. Mas não foi até que se aproximou do topo de uma duna e Skylos decolou latindo, que percebeu que a refeição pretendida deles era humana.

Ele chutou seu cavalo adiante puxando Jabar atrás dele, enquanto fechava a distância para ver um corpo meio enterrado na areia.

Depois de desmontar, aproximou-se devagar. Às vezes bandidos usavam isto como ardil para prender as vítimas. Mas desde que Skylos continuava ocupado com homem no chão e não estava correndo ao redor para advertir sobre outros, isto era uma boa aposta de que o homem estava sozinho.

Porém, deslealdade e artifícios eram frequentemente uma parte necessária da sobrevivência no deserto. Com uma mão na arma escondida na base de sua coluna, Styxx fechou a distância cautelosamente.

Era um homem alto, frágil cuja pele pálida estava devastada pelo sol forte.

Cuidadosamente, Styxx colocou a mão no empolado ombro exposto do homem.

— Você é egípcio?

— Sim. — A resposta foi tão baixa, que ele não tinha certeza de que a ouviu. Sem truques aqui. O homem estava praticamente morto.

— Não pretendo lhe fazer mal. — Styxx puxou seu aba⁵⁴ para fora para cobrir a pele em carne viva, devastada pelo sol do homem. — Vou rolá-lo lentamente, certo?

Ele não respondeu.

Tão suavemente quanto pôde, Styxx cavou o corpo do homem para fora da areia. Ele amaldiçoou quando viu a estaca e as correntes enferrujadas que foram usadas para prender as pernas dele no chão. Inseguro se isto foi como castigo tribal ou foi feito por salteadores, Styxx puxou seu cantil e o abriu. Ele ajudou o homem a beber.

— Devagar e com calma. — Se ele bebesse muito rápido nestas condições, somente adoeceria.

Styxx o deixou tão confortável quanto possível.

— Eu voltarei. Preciso pegar um alicate para livrá-lo.

⁵⁴ Peça de vestuário larga sem mangas feita de pelo de camelo ou cabra, usado tradicionalmente pelos árabes.

Com a respiração irregular, o homem não disse nada enquanto Styxx o deixava para buscar sua mochila em Jabar. Assim que encontrou a ferramenta que estava procurando, Skylos começou a latir novamente. Ele olhou para cima para ver um muro de areia aproximando-se a vários quilômetros de distancia.

Merda...

Estalando a língua para enxotar seu camelo para frente, ele puxou Jabar em direção ao homem e fez o camelo sentar para que os dois ficassem do lado sotavento do mesmo.

— Wasima! — Disse bruscamente para seu cavalo, chamando-a para que pudesse deitá-la no chão para se preparar para a tempestade que se aproximava.

O pânico estava nos olhos do homem quando Styxx retornou para ele.

— Simoon⁵⁵. — Ele explicou enquanto cobria a boca e olhos do estranho, para protegê-los da tempestade de areia que vinha na direção deles.

Skylos corria de um lado para outro, latindo para alertá-lo.

— Aqui garoto! — Styxx gritou, tentando fazer o cachorro se acalmar o suficiente para sentar perto do homem, para que o camelo pudesse proteger o cachorro também.

Ele mal tinha cortado o aço e puxado o homem contra o camelo, e coberto a ele e Skylos com um cobertor, antes da tempestade abater. Desde que não havia espaço suficiente para eles debaixo do cobertor, Styxx abaixou a cabeça enquanto o vento forte e a areia rasgavam suas roupas e a pele exposta.

Felizmente, foi uma pequena tempestade e acabou em aproximadamente vinte e cinco minutos. Depois de sacudir a areia de si mesmo, Styxx cavou os animais e o homem para fora. Jabar beliscava furiosamente seu ombro enquanto Styxx o ajudava a se levantar

— Eu sei. Desculpe velho amigo.

Wasima não estava muito mais feliz, mas Skylos não se importou. Ele rolou de costas para que Styxx coçasse sua barriga. Ele afagou-lhe gentilmente as costelas rindo das brincadeiras do cachorro.

— Mais tarde Skylos. — Ele tinha que dar uma olhada no homem.

A gratidão brilhava nos olhos do homem.

— Obrigado. — Ele suspirou.

⁵⁵ Um violento vento quente e forte carregado de areia, sobre o deserto do Saara e os desertos árabes.

— De nada. — Styxx retirou uma barra energética e pressionou-a nas mãos dele. — Arrumarei um acampamento assim que puder.

Ele atacou a barra enquanto Styxx foi desempacotar as coisas. Como Styxx ainda estava em movimento em direção ao seu acampamento habitual, ele normalmente não teria armado a barraca ou parado no início do dia, mas o homem precisava de cuidados antes de viajar ou ele não aguentaria.

Assim que Styxx tinha armado a barraca e tirado o saco de dormir, carregou o homem para deitá-lo enquanto terminava os preparativos.

— Meu nome é Styxx. — Ele disse enquanto dobrava o cobertor ao redor dele.

O homem colocou a mão em seu coração e curvou a cabeça.

— Seti.

Styxx cobriu a mão dele com sua.

— Descanse. — Ele puxou a mochila para Seti. — Tenho mais comida e água aqui. Coma devagar e me avise se precisar de qualquer outra coisa. Tenho mais algumas coisas para fazer e os animais para cuidar, em seguida voltarei.

— Obrigado, Styxx.

Ele inclinou a cabeça antes de partir para cuidar dos animais e desempacotar o resto de seu suprimento.

Quando retornou, Skylos estava deitando ao lado de Seti, que parecia muito melhor do que estava antes. Ele ainda estava empolado e esquelético, mas agora havia vida em seus olhos azuis.

Seti sorriu quando o viu entrando na barraca.

Styxx puxou seu keffiyeh para expor seu rosto. Ele colocou o kit médico ao seu lado no catre e ajoelhou-se do lado de Seti.

— O que aconteceu com você?

— Fui atacado por um bastardo cruel e sua vadia e deixado para morrer. Que eles apodreçam por toda a eternidade.

Fazendo uma careta em simpatizante dor, Styxx entregou-lhe uma garrafa de gel de aloe vera.

— Isso ajudará com a queimadura do sol.

Seti pegou a mão dele e franziu a testa com a visão dos cortes em sua pele por causa da tempestade.

— Sinto muito por ser a causa de suas lesões.

— Não se preocupe sobre isto. Estou contente que o encontrei antes do golpe de simoon.

— Eu também.

Styxx instalou as lanternas, mas não as ligou. Parou quando viu seu caderno de desenhos no chão perto de Seti. Ele estava dentro da mochila com sua comida.

— Os desenhos são seus?

— São. — Envergonhado que outra pessoa os viu, Styxx pegou o caderno e o devolveu para a mochila.

— Você é muito talentoso, meu amigo. A mulher... ela é sua?

— Minha linda esposa, Beth.

Seti inclinou a cabeça respeitosamente.

— Você é um homem de muita sorte.

— Fui realmente.

— Foi.

Com o coração doendo, Styxx olhou para os nomes em seu braço enquanto fechava o zíper de sua mochila.

— Ela morreu muito tempo atrás.

Por um momento, os olhos de Seti escureceram como se estivesse sentindo dor pela morte dela tão profundamente quanto Styxx sentia.

— Sinto muito por sua perda.

— Obrigado.

— E o menino? Era seu filho?

Com uma respiração irregular, Styxx levantou-se.

— Sim, mas nunca o conheci. Minha esposa estava grávida quando a perdi.

— Novamente, sinto muito, muito mesmo.

Styxx retirou um novo batom de bálsamo e o deu para Seti.

— E quanto a você? Tem uma esposa?

Seti franziu o cenho para o bálsamo como se nunca tivesse visto nada como isto antes.

— Tive muitas. E você... tem outra?

— Não. Apenas uma.

— Você é um homem jovem. Por que apenas uma?

Styx sorriu melancolicamente.

— Você não pode melhorar a perfeição Seti, e nunca haverá outra mulher que se equipare a minha preciosa Bethany. Mas tenho certeza de que suas esposas ficarão contentes por tê-lo de volta. E seus filhos também.

— Infelizmente, não tenho filhos. Não mais. — A tristeza na voz de Seti dizia que eles compartilhavam a mesma dor.

— Sinto muito. — Styx pigarreou e mudou de assunto. — Tenho café e chá. Qual você prefere?

— Eu sacrificaria uma cabra por um café.

Ele soltou uma pequena risada com o desespero na voz de Seti. Ele mesmo tinha estado lá.

— Café então. Voltarei com isto em breve.

Styx não demorou muito para fazer o café e retornar até Seti, que estava escorado em seu saco de dormir, esfregando as orelhas de Skylos.

— Então o que o trouxe para o deserto, meu jovem amigo?

Styx entregou-lhe uma caneca de café grego espesso.

— Estou em paz aqui. — Pelo menos era o que pensou até que o sinal em suas costas começou a formigar...

— Você está bem?

Styx olhou ao redor. Apollo estava por perto? Ele se voltou na direção de Seti e sorriu.

— Tudo bem. Apenas uma... sensação estranha que não sentia há muito tempo.

Uma que lhe dizia que algo mal estava espreitando. Ele apenas não sabia o quê.

Ou quem.

08 de setembro de 2012 d.C.

— Zakar!

Styxx desacelerou enquanto Seti gritava. Quando Seti lhe disse onde seu irmão vivia, esperava um acampamento ou uma pequena aldeia. Não era este o lugar onde estavam.

— Seu irmão vive em uma caverna?

— Realmente, ele vive. — Seti desmontou de Wasima e levou Styxx em direção à pequena abertura.

Havia algo muito peculiar sobre este lugar. Além do fato de que era antigo. Enquanto Seti entrava para procurar seu irmão, Styxx deu água aos animais. Tinham viajado a maior parte da manhã, e sozinho ele nunca teria viajado esta longa distância sem uma pausa para eles. Mas Seti estava louco para que seu irmão soubesse que estava vivo.

Um pequeno grupo de cabras veio pelo lado da colina balindo para ele. Na verdade, elas queriam água, também.

Rindo da ansia delas, Styxx retirou outra tigela e deu-lhes um pouco. Ele tinha acabado de terminar quando Seti retornou com um homem que era quase da mesma altura de Styxx. Isto era algo que não se via todo dia, especialmente com as pessoas do deserto.

— Styxx, conheça meu irmão. Zakar... Styxx.

Muito mais jovem do que Styxx esperava, Zakar tinha olhos e cabelos pretos ondulados, que eram muito diferentes dos cabelos ruivos e olhos azul bebê de Seti. Não eram nada parecidos, mas Styxx não iria mencionar isto. E agora pensando sobre isto, Zakar o lembrava muito o genro de Acheron, Sin.

— É um prazer conhecê-lo, Styxx. Obrigado por libertar meu irmão. Comecei a me desesperar que jamais o veria novamente.

— O prazer é todo meu. Estou meramente agradecido que tenha chegado a ele a tempo como fiz.

Os irmãos trocaram um olhar estranho e foi então que Styxx percebeu que não podia ouvir quaisquer pensamentos deles.... Como tinha estado sozinho por tanto tempo, não ficou claro para ele que não conseguia ouvir os de Seti, até agora.

Hummm, peculiar.

Zakar gesticulou em direção à caverna.

— Tenho café fresco e iogurte, bem como algumas frutas e húmus com bolachas.

Embora preferisse estar a caminho, Styxx sorriu e rendeu-se ao costume e a hospitalidade do deserto.

— Obrigado, isso seria maravilhoso e muito apreciado.

Ele os seguiu para dentro para encontrar uma surpreendente casa. Por fora, parecia escassa e sem atrativos. Do lado de dentro, era um palácio. Descobriu seu rosto enquanto olhava ao redor para os ornamentos e a mobília cara.

— Você tem uma bela casa.

— Obrigado. — Zakar foi buscar café e refresco, enquanto Seti o levava até um sofá real e cadeiras.

Styxx suspirou quando afundou em uma extremamente confortável poltrona reclinável.

— Bom né?

Completamente pasmo, Styxx assentiu.

— Não uso nada assim luxuoso. — Isto parecia tão bom, que ele teve que lutar para ficar acordado e engolir um bocejo.

Seti disse algo, mas honestamente estava muito sonolento para entender. Styxx tentou manter os olhos abertos, mas a próxima coisa que percebeu, foi que estava apagado.

Zakar depositou o café e curvou a sobrancelha.

— Ele é uma oferenda?

— Não! — Seti estalou.

— Mas ele está marcado por Apollo.

— Ele não foi marcado por escolha e não é amigo de nosso inimigo.

Zakar franziu o cenho.

— É por isso que o trouxe aqui?

— Não. Eu o trouxe aqui para que nós pudéssemos usá-lo

21 de dezembro de 2012 d.C.

— Simi... você tem certeza de que isto é uma boa ideia?

— Absolutamente. — Simi sorriu para sua irmã Xirena enquanto entravam pelo portão do templo de akri em Katateros. — Agora onde está o interruptor.

— Não existe um. — Xirena expirou fogo sobre uma velha tocha coberta de teias de aranha. Imediatamente uma luz acendeu e se espalhou por todas as outras na sala de mármore escuro. As chamas dançavam ao longo da parede, adicionando sombras arrepiantes no ambiente já assustador.

Simi recuou ao número de estátuas que estavam alojadas ali. Apesar de saber que foram colocadas aqui séculos e séculos atrás, ela realmente nunca as visitou especialmente já que deixavam seu akri muito infeliz.

— Simi não se lembrava de haver tantas... Akra realmente arrebentou com todo este povo desclassificado.

— Eu lembro. — O tom de Xirena era baixo e ofegante. — Não foi um dia bonito.

Simi curvou uma sobrancelha.

— Você estava lá, Grande Sissy?

Xirena assentiu.

— Xedrix, também. — Xedrix era o irmão delas, que foi o mais favorecido Charonte de Apollymi depois da morte da mãe delas. Mas Xed tinha desviado... não, desertado, quando akri Styxx abriu o portal em Nova Orleans e o deixou sair. Agora ele possuía um clube em Nova Orleans, aonde Simi ia para comer muitos frutos do mar deliciosos.

— Uou, então o que aconteceu, Grande Sissy?

— A deusa vadia da Apollymi estava furiosa. Morreram todos gritando. Com exceção de dois.

— Quais dois?

— Dikastis e Bet'anya. Ela tentou impedir a deusa vadia de matar seu bebê, mas a deusa vadia não a escutou. Ela arrancou-o diretamente de sua barriga, e então a transformou em um destes.

Simi tocou em sua própria barriga com dor simpatizante.

— Por que akra foi tão má?

Xirena encolheu os ombros.

— A deusa vadia sempre foi má. Ela gosta apenas de você e do filho dela... e de akra Kat e Mia-Mia.

Simi subiu na mulher mais perto dela e cutucou seu globo ocular de pedra.

— Qual delas é esta?

Xirena cuspiu no chão aos pés da estátua.

— Epithymia. Ela é a mais vadias das deusas. Costumava arrancar as asas dos Charontes que a aborreciam.

Simi se encolheu, em seguida cutucou com mais força o olho da deusa, esperando que ela pudesse sentir isto.

— Qual foi a que perdeu seu bebê? Ela é a que Simi precisa.

Xirena caminhou ao redor delas, olhando-as de cima abaixo, até que encontrou uma nos fundos.

— Esta é Bet'anya.

Simi encabeçou ao longo, em seguida ofegou.

— Ela parece como os desenhos de akri Styxx. Ela é aquela que ele amava tanto. — Mordendo o lábio, encontrou o olhar de sua irmã. — Ela era boa?

Assentido, Xirena tocou a mão de Bet'anya.

— Ela estava sempre muito triste, entretanto. Mesmo quando estava feliz, ela parecia muito triste. Como se algo não estivesse certo em seu coração. A deusa Chara costumava dizer que era porque eles tiraram algo dela há muito tempo atrás, que não deveriam ter tirado.

Simi deu a sua irmã um olhar compreensivo.

— Isto é porque ela não tinha seu akri Styxx. Ele a ama e é por isso que este é o presente de Natal de Simi para ele. Eu lhe disse em seu aniversário que seus desejos se realizariam, e o desejo dele é que sua akra volte para casa com ele.

— Sim, mas Xiamara, isto... — Xirena balançou a cabeça. — Não penso que devíamos.

— Nós devemos Grande Sissy. Este o único momento que estas coisas de portais se abrem. Se nós não fizermos isto agora, akri Styxx terá que esperar um longo, longo tempo, e ele já esperou tempo demais. Simi não gosta de vê-lo tão triste. Ele nunca ganhou presentes e Simi quer dar-lhe o melhor presente.

O chão sob os pés delas retumbou. Os olhos de Simi arregalaram.

— O que foi isso?

Com os olhos esbugalhados, Xirena encolheu os ombros.

O relógio de Simi vibrou, deixando-a saber, que estava na hora. Ela tinha menos de um minuto para libertar a deusa. Usando suas asas, ela pairou e colocou o anti-aima sagrado nos lábios da deusa. Quando akri foi congelado naquela época em Nova Orleans, ela e akra Kat usaram isto para libertá-lo, de modo que estava esperando que funcionasse na akra de Styxx, também.

Hummm...

Outro estrondo atravessou a sala. Algo semelhante a uma sombra escura disparou e voou passando sobre a cabeça de Simi.

De repente, a outra deusa vadia que Xirena não gostava abriu os olhos. E em seguida, foi Archon...

Uh oh.

Simi correu para sua irmã.

— Vá buscar ajuda. Simi os segurará!

23 de dezembro de 2012 d.C.

Savitar parou enquanto observava a silhueta de Styxx contra o sol, em cima de uma pequena duna. Ele não usava nada além de calças largas e botas, enquanto jogava Frisbee com seu cachorro. Mais e mais, Styxx ria pegando o Frisbee e elogiando o cachorro, depois esperava o cachorro correr de novo, para que pudesse jogá-lo para o cachorro saltar, pegá-lo, e retornar.

Era a primeira vez que via Styxx à vontade. Com a guarda baixa. Aliás, foi a única vez que tinha visto o príncipe brincar.

Ou rir.

E enquanto observava Styxx com o cachorro, não enxergava o feroz comandante militar que aterrorizou um panteão e uma nação, ou o príncipe rígido que exalava decoro em todos os momentos. Ele nem sequer via um homem. Ele via o menino a quem nunca tinha sido dada a oportunidade de viver. Aquele que fora tolhido no auge de sua juventude e privado de uma vida normal, mortal.

Devido à forma como Styxx e Acheron agiam, a maturidade, a responsabilidade e a dor que mantinham estava muito além de seus anos, era fácil esquecer o quão jovens eles eram quando morreram. Mas Savitar via isso agora.

E a injustiça queimava dentro de seu coração.

Eu não tenho direito de pedir-lhe isto.

Nenhum deles tinha. O remorso o dilacerava quando se lembrou da infância e da vida que Styxx teria se eles não tivessem interferido. Styxx teria sido aquele príncipe amado, querido e mimado que todos achavam que foi.

E ele teria sido um orgulhoso guardião Chthoniano para o mundo...

Para salvar e proteger Acheron, todos tinham pegado um rumo que arruinou Styxx. Athena confirmou isto no nascimento deles. Quando Apollymi juntou suas vidas, ela ordenou que os males que fossem cometidos contra Acheron fossem feitos à Styxx. Só que para Styxx, seria muito pior... Savitar sabia que deveria ir e deixar o rapaz em paz. Styxx queria apenas ficar sozinho e certamente conquistou este direito.

Mas ele não podia. Acheron era muito importante para o mundo.

Acima de tudo, era muito importante para o próprio Savitar.

Savitar esperou até Styxx despejar água em uma bacia para o cachorro, antes de aparecer ao lado dele.

Antes que ele pudesse piscar, Styxx tinha uma faca em uma mão e uma arma na outra. Ambas anguladas com a cabeça de Savitar.

— Impressionante. — Savitar nem sequer sabia que Styxx estava armado.

Foi-se qualquer indício do garoto que estava brincando com seu cachorro apenas momentos antes. Este era o general rígido que liderou exércitos e lutou ferozmente contra deuses e guerreiros treinados em uma arena, com tanta força e astúcia, que seus inimigos foram forçados a recorrer a truques e armadilhas para derrotá-lo.

Styxx encarou-o com ódio.

— O que você quer?

— Que aponte isso para outro lugar.

Ele abaixou-os para a virilha de Savitar.

— Espertinho.

Sorrindo, Styxx enfiou a arma no coldre nas costas e devolveu a faca para a bainha em seu antebraço.

— Seja o que for que você quer, não tem nada a ver comigo.

— Alguns dos deuses atlantes voltaram.

— Como eu disse, não tem nada a ver comigo.

— Eles querem vingança.

Styxx abaixou-se para puxar água para fora sob seu aba.

— E daí?

— Sobre Acheron.

Styxx tomou um gole de sua garrafa de água antes de tampá-la.

— Nada a ver comigo.

— Então é assim? Vai apenas deixar seu irmão morrer? E ele irá... Não há nenhuma maneira de ele sobreviver a isso.

Styxx engoliu a dor dentro dele.

— Você é surdo? Os deuses sabem e Acheron já disse isto o suficiente. Não tenho um irmão.

— O mundo como você conhece vai acabar.

Ele riu amargamente disso.

— O mundo como eu conhecia acabou no momento em que minha esposa foi morta. E qualquer coisa remotamente relacionada com a vida que vivi, acabou quando fui mantido em isolamento por mais de onze mil anos. Não sei nada sobre este lugar e não tenho nem um cachorro nessa luta. Isto não tem nada a ver comigo. — Ele repetiu. Dirigindo-se para seu cavalo e o camelo.

— Tory está grávida novamente.

Styx congelou quando essas palavras o transpassaram rapidamente.

— Bom para ela... e Acheron.

— Você realmente vai condenar uma mulher inocente e seus dois filhos a viverem sem seu marido e pai?

— Isso não é justo. — Ele rosnou, encarando o Chthoniano no qual queria atirar.

— A vida assim como a guerra, não é justa. Ela apenas é. Não foi isso que Galen ensinou-lhe?

Styx estremeceu com a lembrança de tudo o que perdeu... por causa de seu irmão e dos deuses que odiava desde o momento de seu nascimento.

— Você não está ajudando sua causa lembrando-me da traição de Apollo, Chthoniano.

— Tudo bem, então. Fique aqui no seu deserto. Pelo menos terá o conforto de saber que a viúva de Acheron e seus órfãos serão capazes de se solidarizar com sua dor.

Virando-se furioso, Styx jogou a garrafa de água nele.

Savitar abaixou. Deveria tê-lo acertado, isto teria ajudado.

— Odeio todos vocês! — Styx rosnou do fundo de sua garganta. A garganta, que ainda estava danificada por causa de Acheron e dos deuses que nunca o deixaram em paz.

Foda-se tudo...

Não, fodam-se todos eles.

Nenhum deles jamais teve pena dele. Era jogado de lado e esquecido como lixo.

Até que precisassem dele.

Tudo o que sempre quis foi uma família. Uma pessoa que o tratasse como se fizesse diferença para eles. E tudo o que conseguiu foi decepção.

Estapeado no rosto e esfaqueado no coração. Por todos eles. Levou séculos para chegar a um acordo com o simples fato de que ninguém poderia ou iria amá-lo.

Que diferença esta porra faz? Sério? Ele não tinha uma vida. Ele nunca teve.

E com uma maldita certeza, não tinha uma esposa e um filho...

Esqueça as duas crianças.

Vá em frente e morra já. Não haveria ninguém para lamentar sua morte.

Raiva, mágoa e dor sobre um fato que nunca foi capaz de mudar, Styxx puxou o aba, em seguida, pegou sua mochila do chão. Com a respiração ofegante, encarou Savitar com ódio.

— Você irá se certificar que meus animais e equipamentos sejam entregues a alguém que precise deles, e que meu cachorro não seja comido por seu novo dono?

Savitar ficou chocado.

— Você concorda?

Styxx desviou o olhar enquanto milhares de emoções acumuladas o impeliam, ao ponto de que realmente não sabia o que sentia. Exceto dor e solidão.

Mas isso não era novidade para ele.

Ele encontrou o olhar lavanda impassível de Savitar.

— Nunca fui o bastardo que todos me rotularam. Você sabia que não eu conseguiria deixá-lo morrer, caso contrário não teria vindo aqui.

— Obrigado, Styxx.

— Pelo quê?

— Por ser o homem que eu sabia que era.

— Vá se foder, Savitar. Apenas me leve para onde preciso ir e pare com a besteira sentimental, que não significa nada para você, antes que eu ceda à vontade de socá-lo até a merda.

* * *

Tory queria jogar seu marido no chão.

— Daria qualquer coisa para ter poderes divinos por cinco minutos, para sufocá-lo. Você não pode fazer isso.

— Sota...

Um clarão brilhante no canto cortou as palavras dele.

Tory ofegou bruscamente, quando Savitar e Styxx apareceram na sala da casa na ilha de Savitar, para onde ele os tinha levado em segurança até que esta última ameaça fosse resolvida. Alexion e Danger estavam na parte de trás da casa, cuidando de Sebastos enquanto ela tentava colocar um pouco de juízo em seu obstinado marido.

O queixo dela caiu quando os dois homens se juntaram a eles. A última vez que viu Styxx foi brevemente naquela noite em que ele a salvou de Satara. Naquela ocasião ele estava idêntico a Acheron.

Agora...

Todo vestido de preto com roupas de beduíno, parecia alguém saído do filme A Múmia. Seus ondulados cabelos loiros curtos, estavam desbotados pelo sol e sua pele profundamente escurecida. Apesar de Acheron nunca ter sido pálido, ele parecia assim em comparação a seu irmão gêmeo. E como os olhos de Styxx estavam circulados de Kohl, estavam de um assombroso azul vibrante, como a parte mais profunda do mar Egeu. Sem a camisa por baixo do aba, estava coberto de cicatrizes horríveis que testemunhavam um passado brutal do qual sobrevivera. A visão delas fez o estômago dela revirar em simpatia.

Ash rosnou com o aparecimento inesperado dele.

— Isso não tem nada a ver com ele.

Savitar bufou.

— Ó deuses, não sei por que brigam o tempo todo. Não são só parecidos na aparência. Sabe o que isso me diz? Que não se suportam a si mesmos e ambos sabem como são idiotas... é por isso que não se dão bem.

Simultaneamente, os dois lhe deram um olhar divertido semelhante, que a levou a rir.

Até que eles se voltaram para ela.

Isso a fez rir mais.

— Eles são como complementos, suporte de livros em movimento, não são?

Um tique começou na mandíbula de Acheron.

— Você não é engraçada, Sota.

— Estou perguntando a Savitar sobre isso.

O olhar de Styxx caiu na barriga dilatada dela. A absoluta tristeza e a miséria naqueles olhos traídos apertaram o peito dela. Por ver aquele tipo de agonia em um rosto que era idêntico à pessoa que era tudo para ela...

Ela queria acalmá-lo, mas sabia que não deveria tentar. Nem seu marido, nem Styxx apreciariam isto.

Piscando, ele inibiu seus olhos e olhou para Acheron.

— Pare de ser estúpido. Diga-me o que preciso fazer.

— Vá para casa.

— Tudo bem. — Styxx encolheu os ombros. — Ficarei mais do que feliz em consolar sua esposa e criar seus filhos na sua ausência. Tenho certeza que depois de uma noite em minha cama, Soteria nunca mais vai se lembrar de que você existiu.

Gritando de raiva, Ash o atacou. Ele jogou Styxx no chão e começou a bater com a cabeça dele contra o chão. Styxx rolou e o golpeou, em seguida chutou Acheron para trás.

— Parem com isto! — rugindo Savitar colocou-se entre eles, quando Ash avançou para mais. Ele deu uma expressão irritada, quase paternal para Tory. — Já viu isso antes? — Ele perguntou.

— Não. Será que eles sempre fazem isso?

— Sim. — Disseram os três homens ao mesmo tempo.

Styxx amaldiçoou quando seu nariz começou a sangrar. Tirou um lenço branco do bolso que usou para comprimir as narinas fechadas.

— Incline a cabeça para trás. — Tory instruiu.

Styxx suspirou.

— Para frente é melhor.

— Você tem certeza?

— Tenho isto desde que nasci.

E ele tinha arruinado vários vestidos de sua irmã com isso. Algo que Ryssa teve contra ele por toda sua vida. Tory quis chorar por ele.

— Posso trazer-lhe alguma coisa?

— Onde é o banheiro?

Ela apontou para a porta a direita do lado de fora da sala.

— Com licença. — Ele os deixou para cuidar do sangramento.

No momento em que ele se foi, Tory espreitou seu marido.

— O que há de errado com você?

Ash olhou para trás para seu irmão.

— Ele sempre sabe exatamente o que dizer para me irritar profundamente.

Tory cruzou os braços sobre o peito.

— Sabe, meu pai tinha um velho ditado: As facas mais afiadas cortam nos dois sentidos.

— Você o está defendendo?

— Não, querido. Nunca defenderia alguém sobre você. Eu o amo com cada parte minha. Mas também sei melhor do que ninguém, que isto não é sobre salvar Styxx. Trata-se de punir a si mesmo. Sempre que se sente culpado, você ataca. E se for até eles e morrer, não estará se punindo ou ajudando Styxx. Estará punindo a mim e a Bas. — Ela pegou a mão dele e segurou-a em sua barriga, para que pudesse sentir seu filho se mexendo dentro dela. — Isto é realmente o que quer fazer?

Ash olhou para além dela quando Styxx retornou. O assombrado olhar atormentado nos olhos de Styxx enquanto olhava para a mão de Ash na barriga de Tory era de cortar o coração.

Ele trancou um olhar com Acheron.

— Sabe, há muito tempo meu mentor me ensinou que há apenas uma razão para ir para a guerra. Para proteger as pessoas que você ama. Mas a vida me ensinou que algumas vezes, proteger não se trata de deixá-los. Trata-se de estar aqui quando precisarem de você. Não é preciso coragem para morrer, Acheron. É preciso coragem para viver e lutar.

— E é preciso muito mais para perdoar. — Ash deixou-a para aproximar-se de Styxx. Ele estendeu a mão para ele. — Irmãos?

Styxx hesitou. Então balançou a cabeça lentamente.

— Não deixarei que faça isso comigo.

— Fazer o quê?

— Enviar-me para morrer em seu lugar com remorso. Como se atreve. Nunca tentou ser um irmão para mim, agora isto já não importa. Precisei de meu irmão onze mil anos atrás. Implorei por um irmão, e então em 2007 e novamente em 2008, e você virou as costas para mim e foi embora sem pensar duas vezes. Todas as vezes. Não tenho perdão dentro de mim para você. Não mais. — Styxx parou depois riu. — Tem razão Acheron. Sou um bastardo egoísta. Tive que ser, porque ninguém nunca fez porra nenhuma por mim, exceto eu mesmo.

Acheron franziu o cenho.

— Pode ouvir meus pensamentos... Esqueci que pode fazer isso.

— Você esqueceu um monte de coisas que eu gostaria de poder. — Ele olhou para Savitar.
— O que preciso fazer?

— Preciso levá-lo até Apollymi para que possa se passar totalmente por Acheron.

Ele ficou rígido, como se não conseguisse respirar. Depois de um minuto, expulsou um suspiro amargo.

— Claro que precisa. Porque a minha vida já não é miserável o suficiente.

Um tique pulsava em sua mandíbula antes de voltar os frios olhos azuis para seu irmão.

— E sim Acheron, sei o quanto você daria para ter sua mãe lhe abraçando. O mesmo tanto que eu teria dado para ter a minha me abraçando. Não me apunhalando no coração, porque você nasceu. — Ele puxou o aba mais apertado em torno de seu corpo. — Leve-me até ela. Acabe com isso antes que mude de ideia.

— Styxx...

Ele ergueu a mão para silenciar Acheron.

— Se você me agradecer por isso, juro pelos deuses que detesto que vou colocar meu punho através de seu rosto, e não me importo com o quanto isso vai doer em mim quando fizer isto.

Savitar os levou para fora da sala.

Tory esfregou as costas de Ash.

— Você está bem, querido?

— Na verdade não. Estou me odiando seriamente agora, quando me lembro das coisas que me esqueci de propósito. Coisas que nunca deveria ter me permitido enterrar.

— Como assim?

Os olhos dele se encheram de lágrimas.

— Todas às vezes, quando éramos pequenos, e Styxx tentou me proteger. Houve uma época em que estávamos brincando e correndo, e eu acidentalmente derrubei o busto do avô de Styxx. Quando seu pai veio correndo pela sala, Styxx me enfiou debaixo da mesa e disse que fora quem o derrubou. Ele enfrentara um inferno por ser irresponsável e imprudente. E depois quando foi enviado para seu quarto sem jantar, escapei para vê-lo. Estava machucado desde o meio das costas até os joelhos. Vergões horríveis que eram de dez centímetros de espessura dependendo do chicote que usavam nele. Perguntei por que não contou a verdade a seu pai. Sabe o que me disse?

Ela balançou a cabeça.

— É o que os irmãos mais velhos fazem.

Ela puxou-o para seus braços enquanto suas lágrimas silenciosas caíam.

— Shh querido, está tudo bem.

— Não está tudo bem, Sota. Tenho me enganado e não sei como consertar isto. Como posso deixá-lo fazer isso por mim?

— Não sei. E honestamente, sou muito egoísta para que me pergunte... não quero que Styxx se machuque, não mesmo. Mas não posso viver sem você. Então, o meu voto é para sacrificá-lo para salvar sua vida.

— Sim, mas sou o irmão mais velho agora...

* * *

Styxx parou na frente da porta do pátio, enquanto avistava Apollymi sentada em um banco de pedra em frente à uma fonte escura. O cabelo na parte de trás do seu pescoço arrepiou, quando o velho ditado didymosiano passou por ele. *Um homem em silêncio é um homem que pensa. A mulher silenciosa é uma mulher a um passo da raiva...*

E as mulheres silenciosas tinham o péssimo hábito de esfaqueá-lo quando não estava olhando.

Mas esta não precisaria de uma faca para esfaqueá-lo no coração. Para não mencionar que Apollymi nunca foi misericordiosa com ele.

A última vez em que se encontraram, foi breve e com uma audiência que observava atentamente todos os seus movimentos. Na ocasião, não se atreveu a se permitir concentrar-se nela com medo de que se fizesse isto Urian poderia se morto.

Esta era a primeira vez que realmente olhava para a mulher que tirou sua esposa e filho.

A mulher que levou tudo dele.

E tudo para salvar a vida de seu próprio filho.

Ele provavelmente deveria odiá-la só por isso, mas dado o fato de que teria vendido sua alma para ter uma mãe que reconhecesse sua existência com algo que não fosse um profundo ódio, como poderia? A despeito do que pensava Acheron, o amor incondicional e irracional de Apollymi por seu filho era a única coisa que Styxx sempre cobiçou.

Este e o de Ryssa.

Styxx engoliu em seco quando a velha ferida rasgou e o inundou com dor. As últimas palavras de Ryssa para ele foram tão duras e cortantes, de várias maneiras. Fez tudo o que podia fazer para que sua irmã o amasse, mas seu ciúme injustificado e o amor por Acheron, a impediram

de vê-lo como algo além de um inútil, mimado e egoísta. Um incômodo indesejado. Apesar de fazer o seu melhor absoluto para proteger e blindar Acheron, Ryssa impiedosamente o culpou por coisas das quais não tinha controle.

Por coisas que ele não tinha feito.

Mas não pensaria sobre isso. O passado é história antiga. Literalmente.

Aqui era o presente, e mais uma vez, Acheron precisava dele. *Mas que diabos? Não que eu tenha qualquer coisa pela qual viver de qualquer maneira...*

Wasima e Jabar não se importariam muito com quem os alimentasse. O cachorro também.

Respirando fundo, Styxx estudou a deusa que desprezava ainda mais do que a sua a própria mãe e irmã.

Seu cabelo loiro era um contraste com seu vestido preto, ambos fluindo em torno de seu corpo perfeito. Ironicamente, a deusa atlante da dor e da destruição tinha que ser a mulher mais bonita que já viveu.

Os salpicos de água faziam um som suave, apesar do fato de que ambos estavam atualmente no inferno de Atlântida. O isolamento dela o golpeou duramente, quando sua própria lembrança bateu nele, e despertou um horror que deu seu melhor, a cada minuto de vigília, para enterrar para sempre. Não havia nada pior do que existir em um buraco apertado, onde a única companhia que tinha era a visão de seu próprio rosto em um reflexo frio, que lhe mostrava o quanto odiava a si mesmo.

Mas, ao contrário dele, Apollymi não se sentava sozinha em sua prisão.

Seu olhar caiu sobre os dois Charontes que estavam nos lados opostos dela. Apesar de não falarem, eram pelo menos mais uma forma de vida nas proximidades. Sem mencionar que ela tinha todo um exército Daimon para servi-la e fazer-lhe companhia.

Ele estremeceu ao lembrar-se de todos os séculos em que gritou por alguém, qualquer um, para ter misericórdia para com ele e apenas falar para que pudesse ouvi-los. Nem sequer tinham que falar com ele. Apenas falar.

Onze mil anos difíceis de viver.

Onze mil anos de solidão absoluta...

— Então você não é um covarde, afinal de contas.

Ele estreitou o olhar sobre Apollymi, quando seu ódio subiu para engolir cada último resquício de sua dor.

— Já fui chamado de muitas coisas na minha vida, mas nunca de covarde.

Ela levantou-se com os mesmos movimentos lentos e graciosos que agora estava tentando duplicar. Quando se virou para encará-lo, seus olhos explodiram do espiralado prateado para um profundo e vibrante vermelho, outra coisa que ela dividia com seu filho.

— Você não me engana, cão. Vejo o que realmente é.

Styx deixou escapar o riso amargo habitual. Como um ser humano, esse tipo de resposta teria feito seu pai arremessá-lo contra a parede. Mas Apollymi não podia matá-lo.

Apenas Acheron podia, e o bastardo nunca foi tão misericordioso.

— Acho isso difícil de acreditar. — Nem uma única vez em toda sua existência, alguém além de Galen ou Bethany já tinham visto seu verdadeiro eu. E isso estava ótimo. Há muito tempo se acostumou a ser subestimado e desprezado.

Antes que pudesse piscar, ela desapareceu, depois reapareceu ao lado dele... Assim como Apollo costumava fazer com ele. Ela afundou a mão profundamente em seu cabelo loiro curto e puxou com força.

— Mas por meu filho, tenho seu coração na minha mão agora.

Ele não vacilou ou reagiu à dor.

— Mas pelo meu irmão, eu a extirpo onde está.

Ela riu da ameaça dele, em seguida, apertou mais a mão em seu cabelo.

— Você não passa de uma cópia de segunda categoria dos meu Apostolos. A mera sombra do homem que ele se tornou. Ninguém nunca irá confundir você com ele. Como poderiam?

Estranho ouvir sua própria ladainha duvidosa saindo da boca de outra pessoa. Ela poderia muito bem ser seu pai, dizendo como ele nunca seria bom o suficiente para governar. Como deveria ter se sufocado no momento em que nasceu.

Ou esmagado a cabeça.

Quando ele não respondeu, ela sussurrou-lhe, mostrando suas presas.

— Eu o odeio.

Styx sorriu.

— O sentimento é totalmente recíproco.

Ela puxou seu cabelo tão forte, que ficou surpreso de que não tivesse arrancado fios sangrentos. Com os olhos cintilando novamente, puxou-o contra ela e afundou suas presas em seu pescoço.

Ele engasgou com a implacável dor da mordida dela. A dor que ela sentia prazer em dar. Era da mesma maneira como Apollo fazia com ele, repetidas vezes.

Pelo amor dos deuses, por favor, rasgue minha garganta. Talvez, então, por alguns minutos pelo menos, poderia realmente estar em paz.

Mas, enquanto ela bebia, começou a segurá-lo suavemente e a dor diminuiu. Dentro de alguns segundos, isto mais parecia como um abraço de mãe. Não que se lembrasse da sensação de estar sendo abraçado. Na verdade, poderia contar em uma mão quantas vezes em toda sua existência foi abraçado por qualquer pessoa.

E nenhum delas jamais veio de sua própria mãe.

Apollymi recuou para olhá-lo com uma expressão sombria. O sangue dele manchando seus lábios. Para sua completa surpresa, ela passou a mão suavemente sobre a ferida que deixou em seu pescoço.

— Não tinha ideia. — Ela disse em uma voz embargada.

Styxx afastou os braços dela para longe. Não queria ou precisava da bondade ou compaixão de ninguém, e especialmente, não dela.

— Sim claro, todos nós temos uma merda para lidar, não é?

Ela estendeu-lhe a mão, mas ele recuou. Não era mais um garotinho implorando por um pouco de carinho de alguém. Aprendeu quando era criança que estava sozinho neste mundo. E, honestamente, agora preferia deste jeito.

— Está feito? — Ele perguntou.

Apollymi deu um aceno sutil.

Bom. Agora, poderia passar para sua próxima prisão e acabar com isso... ou melhor ainda, morrer. Limpou o sangue de seu pescoço e virou-se para sair.

— Styxx?

Ele parou, mas não falou. Ironicamente, foi a primeira vez que ela o chamou pelo nome e não por um insulto.

— Obrigada por fazer isto por Apostolos. — Ela sussurrou, sua voz cheia de emoção. — E se isto ajudar sinto muito pelo que aconteceu com você por causa de minhas ações.

Desculpa... esta simples palavra fez com que os lábios dele enrolassem.

Desta vez, deu rédea solta ao seu bufo desdenhoso.

— Todos estão tristes com alguma coisa. — Ele a prendeu com um olhar irritado. — E há algumas coisas, minha senhora, que não valem a pena corrigir.

— Espere!

Ele começou a ignorá-la, mas parou por algum motivo desconhecido.

Antes que pudesse dizer uma palavra, Apollymi apareceu em suas costas. Colocando a mão em sua testa, puxou sua cabeça em direção ao ombro dela e novamente afundou as presas profundamente em sua jugular.

Styx engasgou quando sua cabeça começou a girar, não com dor, mas com um aumento inacreditável de poder. Tudo se tornou mais vibrante, mais vivo. Sempre foi capaz de ouvir vozes, mas estavam mais altas agora.

Mais claras.

Ofegante e fraco, ele não conseguia respirar quando ela tirou os lábios de seu pescoço, e o segurou nos braços.

— O que fez comigo?

Ela acariciou os cabelos dele como se ele fosse o filho que ela amava.

— Eu lhe dei os meus poderes. É apenas temporário. Mas não quero que se machuque.

— Não entendo.

Ela beijou seu rosto e reforçou seu domínio sobre ele.

— Você concordou em fazer isso e nem sabe o que estamos lhe pedindo. Tudo o que sabe é que seu irmão morreria se não fizesse. Que meus netos ficariam órfãos... — Suas palavras romperam em um soluço. — Volte disto, Styxx. Sobreviva e prometo-lhe que terá o que mais deseja.

— Não acredito em você.

Sentiu as lágrimas quentes em seu rosto, enquanto ela continuava a abraçá-lo.

— Eu sei querido. Mas sou uma deusa atlante. Tenho que manter minhas promessas ou morrerei. Pode confiar nisso. — Ela beijou seu rosto mais uma vez, em seguida, o soltou.

Ainda tonto Styxx estava com medo de se mover. Sentia-se tão estranho... fraco e forte ao mesmo tempo.

— Deve saber que foi Apollo que começou isso, despertando meu panteão com o sangue da mãe dele. Sua intenção era matar Apostolos, trazer de volta todo o panteão atlante, e depois vir pegá-lo. Originalmente, marquei-o apenas o suficiente para que ele soubesse que era você e

deixasse meu filho em paz. Mas a partir de agora, você é meu filho tanto quanto Apostolos. Tem os mesmos poderes que ele. Apollo nunca saberá a diferença, a menos que lhe diga. Ninguém saberá. — Com os olhos tristes e atormentados, segurou o rosto dele nas mãos. — Sua coragem e seu coração estão devidamente marcados, m'gios. E nunca serão esquecidos.

— Ele está pronto?

Sem saber o que dizer para Apollymi, Styxx se virou quando Savitar juntou-se a eles.

No instante em que o Chthoniano olhou para ele, Savitar recuou.

— Isto é estranho como o inferno.

Styxx fez uma careta para ele.

— O quê?

Savitar conjurou um espelho e o segurou para que Styxx pudesse ver o cabelo preto ondulado, que caia logo abaixo de seu queixo, e os olhos prateados espiralados. Sim, isso era estranho. Suas roupas também foram substituídas por calça jeans preta e uma camiseta e jaqueta de couro preta, a mesma roupa que Acheron estava usando na casa de Savitar. Não foi à toa que Apollymi foi tão gentil com ele. Assim, estava absolutamente idêntico a Acheron. Isto deve ter mexido com os instintos maternos dela.

— Lembre-se, é apenas temporário. — Apollymi repetiu. — Quanto mais do meu poder usar, mais rápido o deixará exposto sobre quem é realmente. Então, por favor, use quando realmente precisar dele.

Styxx inclinou a cabeça para ela, em seguida, falou para Savitar.

— Para onde estamos indo?

— Katateros.

— Espere!

Styxx arqueou uma sobrancelha ao ouvir o som do grito feroz de Urian, enquanto vinha correndo na direção deles, com um homem loiro a reboque.

Savitar rosnou.

— Não temos tempo para isso.

Urian bufou indiferente.

— Leve-o para o chefe. Foi ele quem me enviou com um pedido de tempo. Acheron reuniu uma equipe antes de fazermos nosso jogo final.

Savitar soltou um suspiro exasperado.

— Lembre-me de cancelar sua assinatura da ESPN. — Ele olhou para Styxx com um brilho estranho nos olhos, que Styxx não conseguiu entender. — Tudo bem.

A próxima coisa que Styxx soube foi que os quatro estavam de volta na ilha de Savitar, com Acheron e Tory, que estava dando biscoitos para o filho deles. Danger e Alexion, junto com Simi, Xirena, a filha de Acheron, Katra e seu marido Sin.

Então, seu irmão decidiu fazer uma reunião de família, enquanto ele morria em seu lugar...

Realmente, um toque agradável.

— Eles não vão esperar o dia todo. — Savitar alertou Acheron.

— Eu sei, mas quando estava analisando a situação com todos, e tentando chegar a um plano alternativo, que não deixasse Styxx cortado em pequenos pedaços sangrentos, Urian me lembrou de que faltava mais um membro vital em nossa equipe. — Acheron fixou seu olhar em Styxx. — O zagueiro que realmente subiu contra os deuses de Atlântida e os jogou na merda.

Styxx fez uma careta, quando todas as cabeças se voltaram para ele. Honestamente, isso o assustou. Não estava acostumado com muitas pessoas olhando para ele daquele jeito, a menos que estivessem prestes a jogá-lo vivo no trilho do metrô.

Ele deu de ombros para o grupo.

— Uma vez que ninguém se preocupou em me dizer para onde estou indo, não tenho nada.

Ash olhou para Simi, que corou e sorriu timidamente.

— Bem, veja akri Styxx, tudo começou quando Simi decidiu que lhe daria a promessa de seu aniversário no Natal. Entende?

— Claro como uma tempestade de areia de trezentos quilômetros por hora.

Ash deu uma risadinha sinistra.

— Simi decidiu acordar os deuses de Atlântida para você.

Styxx franziu a testa.

— Por quê?

Simi suspirou profundamente.

— Bem veja, não deveria ser todos aqueles deuses. Deveria apenas ser uma única. Mas ela não se levantou. Muitos dos outros se levantaram e ficou feio rapidamente, e Simi ainda não sabe por que a única que tentei acordar, continua dormindo quando é tão importante que ela se levante e fale. É tão confuso.

Sim, sim, era.

Antes que Styxx pudesse comentar, Sin virou-se para Savitar.

— Tenho dois deuses e um semideus pedindo permissão para entrar em sua casa, e se juntar a nossa reunião.

Savitar deu-lhe um olhar que questionava a sanidade dele.

— Quem?

— Meu irmão, Seth, e o seu deus menos favorito de todos os tempos.

— Noir?

— O segundo menos favorito. — Sin rapidamente alterou.

Savitar fez um som de desgosto supremo.

— Pensei que aquele bastardo estava morto.

— Aparentemente não.

Um tique começou na mandíbula de Savitar.

— Por quê?

Sin deu de ombros.

— Eles dizem que podem ajudar com isso.

Com as mãos nos quadris, Savitar olhou para Acheron e Kat.

— Apollymi me deve. Muito. E você também. — Ele voltou o olhar para Sin e deu um breve aceno de cabeça.

Styxx ficou ainda mais confuso do que antes, especialmente quando Set apareceu ao lado de Acheron, com um homem idêntico na aparência à Sin, somente com o cabelo mais comprido. O outro recém chegado tinha uma notável semelhança com o homem que Styxx resgatara no deserto.

O que diabos estava acontecendo?

O sócia de Sin riu e cutucou Set olhando para Styxx.

— Agora surgiu uma expressão fotográfica, se alguma vez houve uma.

Com um sorriso irônico, Set transformou-se no homem ruivo que Styxx resgatara há alguns meses no deserto, e Zakar em seu irmão, então eles voltaram rapidamente para suas aparências imortais.

— Por mais de quatro mil anos atrás. — Set explicou. — Apollo e a puta da mãe dele usaram meu filho Seth, — ele indicou o homem ruivo como eles, — para me prender no deserto sem o conhecimento dele do que estava lhe sendo feito e porquê, e restringiu meus poderes para que os gregos pudessem assumir o meu panteão e entregarem meu filho ao meu pior inimigo. Mas se não fosse você, Styxx, eu ainda estaria lá, acorrentado no deserto, lutando contra urubus, humanos e animais. — Ele olhou para seu filho e seu olhar suavizou instantaneamente. — E meu filho ainda estaria me odiando por algo que tentei o meu melhor para poupá-lo.

O cenho de Styxx se aprofundou.

— Por que não me disse quem era quando o libertei?

— Você estava angustiado o suficiente sobre Beth. Não queria piorar as coisas para você, enquanto pensava que não poderia fazer nada para consertar isto ou ajudá-lo. Especialmente depois que me fez um favor tão grande. — Set inclinou a cabeça para o irmão de Sin. — Zakar e eu fomos aliados um dia, foi por isso que tinha que ser levado para a casa dele para me recuperar. Desde que partiu, estamos tentando encontrar uma maneira de reviver minha filha sem despertar os outros atlantes.

Quanto mais eles falavam, menos claro tudo isso se tornava. Por que se preocupar com outro panteão?

— Mas Bethany era egípcia, não atlante.

— De mim sim. Sua mãe é Symfora.

O estômago de Styxx se agitou quando uma imagem daquela cadela de sangue frio, passou por ele e ficou perfeitamente claro o verdadeiro nome de sua esposa.

— Bethany é Bet'anya Agriosa?

Set assentiu.

— Por uma razão óbvia, ela estava com medo de lhe dizer a verdade. Estava com tanto medo que não pudesse perdoá-la pelo que fizeram a você sem o conhecimento ou aprovação dela, que estava planejando desistir de sua divindade totalmente, em ambos os panteões, para viver uma vida mortal com você em Didymos. Sua tia já havia misturado o soro que teria lhe tirado tudo, para que pudesse estar com você e não machucá-lo.

Lágrimas nublaram sua visão, quando Styxx se lembrou de Bethany dizendo-lhe a verdade, depois que o libertou em Atlântida, e a firmeza dele. Em sua mente, isso não pareceu viável naquele momento. Agora...

— Não teria me incomodado. — Pelo menos não depois que tivesse a chance absorver tudo isto.

— Bom. Porque se a quer de volta, terá que sangrar Apollo e ter a pior batalha com os deuses atlantes por ela.

— E não irá lutar sem nós. — Maahes e Ma'at explodiram na sala, ao lado de Savitar.

Savitar rosnou.

— Mais alguém que queira trazer para a festa?

Maahes sorriu insolentemente.

— Mãe, posso?

O olhar no rosto de Savitar mostrava que Maahes estava a apenas um passo de se transformar em um tapete de leão no chão de Savitar.

Ma'at levantou-se na ponta dos pés para dar um beijo no rosto de Savitar.

— Lembre-se, você gosta de mim.

— Não gosto de quem invade minha casa sem ser convidado, Mennie.

— Você vai superar isso. — Ela voltou sua atenção para o grupo. — Tudo bem, crianças. Onde estamos?

— Pelo que estou ouvindo... fodidos. — Styxx cruzou os braços sobre o peito, considerando tudo o que disseram. — Vou parar por um momento, pois estou tendo problemas para entender tudo isto... Bethany pode ser trazida de volta. Certo?

Ma'at e Set assentiram.

A dor explodiu dentro dele com a notícia. Todos esses séculos que fora forçado a viver sem ela desnecessariamente... Ele olhou com fúria para Acheron.

— Por que ninguém me disse isso antes?

Seu irmão levantou as mãos em sinal de rendição.

— Não tinha ideia de que sua Bethany era Bet'anya ou que ela estava no porão do meu jardim de estátuas. Essa é a verdade. Estava um pouco perturbado e desorientado a onze mil anos atrás, quando minha mãe me levou para Katateros pela primeira vez. Depois que teletransportei as estátuas para o porão, tranquei a porta e nunca mais cheguei perto desta área novamente.

Mesmo assim, levou tudo que Styxx tinha para não socar Acheron onde ele estava. Seu irmão nunca se preocupou em conhecê-la ou falar com Styxx por cinco batimentos cardíacos, assim poderiam ter resolvido isto há séculos atrás.

Você, estúpido filho da puta...

Ele olhou para Set e Ma'at. Por que eles não lhe contaram?

— Querido, cada um de nós achou que ela estava morta. — Ma'at disse gentilmente. — Acredite em mim, se soubéssemos que estava congelada em Katateros, teríamos libertado-a com todos os nossos esforços.

— Bem, teríamos tentado. — Set suspirou. — Provavelmente teríamos falhado. Foi o alinhamento do vigésimo primeiro ano que tornou isto possível... isto é o demônio. — Ele voltou seu olhar para Simi.

Simi abriu um sorriso feliz para Styxx que o derreteu no local. Como algo tão letal e frio, poderia ser tão adorável e fofinha, desafiava seus melhores esforços para explicar. No entanto, ela conseguia.

— Eu disse que os desejos podem se tornar realidade, e não apenas na Disney World. O mundo real faz um bom trabalho também, às vezes.

Acheron fez uma careta para a familiaridade de Simi com ele.

— Quando é que vocês dois se tornaram amigos?

Ela torceu o nariz.

— Em seus aniversários, akri. Você sabia que akri Styxx não tem ninguém para passar seu dia especial com ele? Apenas ele sozinho, e foi por isso que Simi foi pedir desculpas e ficou sua amiga também, para que não estivesse sozinho em seus dias mais especiais. Mas ele partiu meu coração e agora é meu outro akri bebê como o Bebê Bas e akra Kat. Simi foi oficialmente adaptada a ele... não... o adotou. — Ela sorriu largamente, suas presas brilhando.

Em vez de ficar com raiva, Acheron riu e beijou seu rosto.

— Tudo bem Styxx. Seu show. Como vamos fazer isso?

Styxx olhou em volta para os deuses e demônios.

— Continuo a ser o único humano na sala. Não sei o que estamos enfrentando ou contra o que estamos lutando. Preciso de mais informações.

Acheron estendeu as mãos para frente e um esquema de seu templo em Katateros apareceu na parede, mostrando o porão e as estátuas alojadas lá. Enquanto ele falava, uma animação ilustrava suas palavras.

— Uma dúzia de deuses acordou quando Simi estava no porão com Xirena procurando Bet'anya. Como eu estava em Las Vegas com Sin e Katra lutando contra o pesadelo de Ren, e Tory estava com minha mãe em Kalosis, as duas demônios estavam sozinhas para criar travessuras bem-intencionadas. Assim quando os deuses começaram a se mexer, Xirena correu para contar a

Alexion e Danger. Três deles agarraram Simi e a deixaram escapar para que Savitar soubesse o que tinha acontecido

— Foi quando me chamaram em Minnesota. — Disse Urian. — E me disseram para não voltar para casa por alguns dias, pois tínhamos antigos intrusos em Katateros que provavelmente não iriam dar uma festa de boas vindas.

Acheron suspirou.

— Também estamos voando às cegas. — Ele gesticulou para sua decoração de parede. — Temos isso com base nas lembranças de Simi. Depois que Simi e a equipe desocuparam a instalação, Archon e os outros bloquearam nossas sforas⁵⁶. Nenhum de nós pode ver onde estão ou qualquer coisa dentro do templo principal.

Styx assentiu enquanto absorvia tudo.

— Sabemos o que vamos enfrentar?

Acheron olhou para Simi antes de responder.

— Não estamos cem por cento certos. Porque Simi era uma criança quando eles governaram, ela está um pouco confusa com algumas de suas identidades e foi a única pessoa que os viu. O melhor que podemos imaginar é que... — Ele voltou-se para as imagens na parede, para um que mais parecia com o Detona Ralph, do que um verdadeiro deus... segundo Simi. — Dikastis, Ilos, Isorro, Asteros, Epithymia, Diafonia, Nyktos, Paidi, Teros, Phanen, Demonbrean, e sabemos de fato que Archon está com eles, enquanto ele é o único de que estamos falando. E claro, o porra favorito de todos, Apollo.

— Grande. — Styx rangeu os dentes, quando antigas lembranças remexeram. — Minha lista ideal de convidados... para uma festa no inferno. — Quem é quem dos deuses que tinham um rancor pessoal contra ele, e que deixaram da maneira deles, uma cicatriz em sua alma. As Parcas estavam definitivamente zombando dele com isso.

Deixando escapar um suspiro exasperado, Styx passou deles para os outros, para que soubessem com quem estavam lutando. Ao contrário de Simi, ele sabia os nomes e os rostos de cada um deles... mesmo o Detona Ralph também conhecido como Demonbrean. Eles ficariam gravados para sempre em suas lembranças.

Styx usou o diagrama dos deuses que Acheron fez para destacar cada um deles.

— Apollo não é um problema. Ele é um fodido idiota quando se trata de coisas como esta. E é um valentão sem coragem que irá recuar diante de alguém mais poderoso. — Que infelizmente, não era ele. — Ele não estará liderando a batalha, mas vai ficar para trás até que possa acertar um soco com segurança. Infelizmente, Archon não é nada disso. Ele é afiado e

⁵⁶ Globo mágico que os habitantes de Katateros usam para observar os acontecimentos em outros mundos, inclusive o humano. Algumas vezes os que estão sendo observados começam a senti-los.

mortal. Vingativo como o inferno. Brutal. Mas fora da lista, Epithymia e Asteros... — ele os destacou... — são os dois que temos que neutralizar imediatamente. Não os subestimem, especialmente Epithymia.

Ele passou o olhar em torno dos ocupantes da sala.

— E não deixe que a vadia o toque... Demonbrean é ainda mais burro do que Apollo, mas também é do tamanho de uma porra de uma casa. Sua pele é blindada e vive para esmagar coisas. Trate-o como um píton⁵⁷ e não o deixe colocar os braços a sua volta. Dikastis vai ficar para trás, para obter um reconhecimento da situação e não pode lutar contra nós. O resto são seguidores. Letais, mas peões, no entanto. Foram criados por Misos para a guerra, e fazem apenas o que lhes for dito para fazer. Derrote Archon e eles vão desistir... Agora o que sabemos de suas estratégias?

Savitar soltou um grunhido amargo.

— Porque eu era o Chthoniano deles, Archon me contatou não sabendo de minha relação com a equipe. Eles querem Acheron em sacrifício, para que possam usar o sangue e o coração dele para trazer de volta o resto de sua banda alegre, exceto Bethany. Archon a culpa por isso, como se ele não fosse o único que causou a maldição de Acheron... O que estava me contando sobre a inteligência dele?

— Ferrenha negação não é o mesmo que inteligência. — Styxx esfregou a testa, enquanto digeriria a pequena pepita de ouro que ninguém se preocupou em contar-lhe, quando lhe pediram para ser Acheron. — Só por curiosidade, qual era o plano de jogo de vocês uma vez que me enviassem para morrer, e eles descobrissem que meu sangue e coração não poderiam trazer de volta seus mortos?

Savitar encolheu os ombros com indiferença.

— Comprar-nos tempo para reunir Chthonianos suficientes para derrotá-los.

Porque os Chthonianos eram dessas pessoas conhecidas por agradar... sim. Seu lema oficial: “Não jogue limpo com os outros. Não se misture com a população em geral ou com as pessoas. Ponto”.

E seja o que for que você fizer não os alimente depois da meia-noite ou em qualquer outro momento do dia, pois eles pegariam a mão que os alimenta e a enfiaria em um lugar desconfortável de seu corpo.

Styxx estava tentado a rir se não estivesse tão puto.

— Graças aos deuses que nenhum de vocês esteve entre os meus conselheiros militares. Teríamos nossos rabos devolvidos para nós. — Ele murmurou baixinho. Em seguida, mais alto. — Eles estão com força total?

⁵⁷ Um dragão ou serpente que era o demônio tutelar do culto do oráculo de Delfos até serem mortos e desapropriados por Apollo.

Acheron encolheu os ombros.

— Não faço ideia.

— Vamos supor que sim. — Styxx percorreu os fatos. — Então nossos números são basicamente os mesmos. O elo mais fraco no nosso grupo sou eu... Quais são os nossos pontos fortes?

Simi abriu a bolsa e pegou o molho para churrasco.

— Demônios prontos para comer, Sr. Akri Styxx! Manda Ver!

Rindo de entusiasmo de Simi, Acheron apontou o queixo em direção a sua outra filha.

— Não quero Katra em perigo, mas ela é uma sifon⁵⁸.

Era um poder bom de ter, especialmente quando estava do seu lado e não do deles.

— Também sou um soldado treinado, pai. — Kat revirou os olhos para Acheron, em seguida olhou para o marido, Sin, e o advertiu com o olhar para não dizer uma palavra. Ela se virou para Styxx. — Fui a principal kori de minha mãe, e ao contrário de meus superprotetores pai e marido, ela...

— Colocava o rabo dela em perigo todo o maldito tempo com um flagrante desrespeito pela segurança dela que ainda me irrita. — Sin rosnou.

Kat sorriu e acariciou seu rosto.

— Sim querido, mas se ela não fosse tão descuidada, eu não teria você. Agora o que eu faço?

Ele resmungou baixinho.

E, assim como Bethany, Kat nascera de dos dois panteões contrários. Uma clara vantagem.

— O que mais temos que eles não sabem?

Set cruzou os braços sobre o peito.

— Por milhares de anos, meu filho foi o alto Guardião de Noir em Azmodea.

Seth assentiu.

— Estou acostumado a lutar com deuses irados. Também posso obter uma visão panorâmica de tudo o que precisa. O que uso, eles não podem bloquear.

— E graças a Davyn. — Urian disse, indicando o amigo que trouxe com ele de Kalosis. — Nós temos isso. — Ele ergueu um colar que não significava nada para Styxx.

⁵⁸ Infiltra-se nos sonhos para sugar as emoções alheias.

No entanto, os olhos de Set arregalaram com o reconhecimento.

— Como você conseguiu isso?

Urian bufou.

— O inimigo do meu inimigo é meu maldito melhor amigo. Davyn pegou emprestado de meu pai, que estava mais do que feliz em emprestá-lo e quer que façamos um laço em torno do pescoço de Apollo.

— O que é isso? — Styxx perguntou.

Set riu baixinho e perverso, e não fez nenhum movimento para tocá-lo.

— O olho de Verlyn. Isso irá esgotar os poderes de qualquer deus com que entrar em contato direto.

Styxx olhou para isto com um novo respeito.

— Por quanto tempo?

— Assim que isto tocá-los, eles serão eliminados. Em seguida, depende de quanto tempo ficar em seu corpo e quão forte eles são. Por muito tempo, isso irá matá-lo.

Styxx sorriu e inclinou a cabeça para eles. Isso era um brinquedo legal.

— Isso funciona apenas em sangues puros ou quaisquer outras espécies?

Set encolheu os ombros.

— Não sei.

Antes que alguém pudesse reagir, Simi agarrou sua irmã e colocou a mão dela sobre isto.

— Ei! — Xirena virou-se para a irmã.

— Você ainda tem poder?

Xirena disparou uma rajada de fogo nela.

Sorrindo e esquivando-se, Simi olhou para Styxx e soltou Xirena.

— Isso não funciona em nós.

Urian riu.

— Sou apenas um quarto de semideus, e não parece me afetar.

— Acho que sou o único verdadeiro semi então. — Seth corajosamente pegou-o em sua mão e esperou. Depois de alguns minutos, sacudiu a cabeça. — Nenhum efeito sobre mim, também.

— Desde que meus poderes são emprestados de Apollymi, não vou arriscar. Vamos assumir que preciso ficar longe disto. Urian, vamos deixá-lo em sua custódia. — Styxx hesitou quando outro pensamento lhe ocorreu. — A pedra pode se desmembrada ou duplicá-la?

Set balançou a cabeça.

— Não sem destruí-la.

Styxx franziu o cenho para Acheron, que era uma incógnita em tudo isso. — Será que a pedra apenas sugaria seus poderes de deus e deixaria o resto intacto?

— Isso é o que geralmente acontece. Por quê? Está pensando em me dar um presente de Natal antecipado?

— Não me distraia ou tente. — Styxx percorreu o resto de seu arsenal e o esquema do templo de Acheron. Definitivamente usariam Seth para dar uma olhada para onde estavam indo.

Mas primeiro...

— Minha pergunta mais importante afinal... Onde está minha Bethany?

* * *

Quando Styxx estendeu a mão para a maçaneta da porta, Katra colocou a mão em seu braço.

— Sei que esta é a primeira vez que nos encontramos Styxx, mas prefiro que não entre aí sozinho. Alguém deveria estar com você.

A preocupação e a compaixão nos olhos verdes dela o chocaram.

— Como pode ser filha de Artemisa?

Kat sorriu.

— Ela não é tão ruim quanto pensa... Apollo, no entanto, é provavelmente pior.

Simi estava de seu outro lado e se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

— Nós vamos ficar super quietas. Akri-Styxx nem vai notar que estamos aqui.

Urian colocou a mão no ombro de Styxx.

— Não se preocupe. O que tiver que acontecer, acontecerá e não vamos pensar nada sobre isso. Vamos estar aqui por você, se precisar de nós.

A bondade deles o engolfou. Não estava acostumado a ninguém se preocupando com ele. Não desde Bethany e Galen.

— Obrigado.

Respirando profundamente para acalmar suas emoções vertiginosas, Styxx abriu a porta do quarto. As janelas, do chão ao teto, estavam abertas, deixando entrar a suave brisa do oceano. Mas foi a enorme cama de dossel no centro do quarto, que chamou sua atenção. Cortinas de linho branco estavam puxadas para trás por fios de ouro, obscurecendo a maior parte do conteúdo da cama.

Tudo o que podia ver era um calombo debaixo das cobertas completamente brancas.

Pouco antes dos atlantes atacarem Katateros, Simi pegou o corpo de Bethany e a trouxe para cá por segurança, até que encontrassem uma maneira de acordá-la.

Ele não tinha certeza do que esperar, mas cada passo que o levava para mais perto dela, fazia seu coração bater mais forte.

E assim que viu o rosto pacífico de Bethany, ele congelou como se seu corpo inteiro travasse com tantas emoções, que não podia sequer começar a defini-las. Ela parecia como da última vez que a viu...

Perfeita.

Exceto seu estômago plano. Com a mão tremendo, ele puxou as cobertas para trás e viu o sangue que ainda estava em seu vestido, onde Apollymi a agrediu. Jogando a cabeça para trás, ele gritou de raiva e dor ao ver o que a vadia havia feito com o coração dele. Incapaz de suportar a culpa de não estar lá para protegê-la, pegou o corpo dela em seus braços para que pudesse finalmente abraçá-la novamente.

Ela estava gelada.

— Beth. — Ele suspirou contra seu rosto, enquanto embalava a cabeça dela em seu ombro, como fez todos aqueles séculos atrás, quando só estavam os dois. — Por favor, volte para mim. Por favor. Preciso tanto de você...

Mas ela não se moveu ou respirou. Ela simplesmente ficou em seus braços em silêncio.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto seu coração se quebrava mais uma vez. Isto foi exatamente como quando a perdeu da primeira vez. Sentia-se tão perdido e sozinho. Inútil.

Quebrado.

Por que os outros acordaram e retornaram, e não ela? Por quê? Isso não fazia sentido.

E isso não estava certo.

Sentiu uma grande mão em seu ombro. Esperando que fosse Urian, ficou surpreso ao encontrar Acheron com ele, enquanto os outros estavam em silêncio no quarto. E a visão de seu irmão o atingiu como um ferro quente em sua pele. Queria o sangue do filho da puta por isso.

Gentilmente, ele colocou Bethany de volta na cama.

Com um berro furioso, ele se virou para Acheron com um grande soco. Acheron bloqueou-o e o puxou para seus braços. Styxx tentou lutar, mas Acheron o abraçou contra ele com um punho de ferro.

— Está tudo bem, Styxx. Sei que dói.

Mas Acheron não sabia. Seus filhos estavam vivos e bem. Tory estava saudável...

Ninguém iria matar o bebê dela e deixá-la congelada e sozinha assim por séculos.

Mas algo dentro dele estilhaçou, quando sentiu Acheron finalmente, abraçando-o. Styxx não os via mais como homens. Ele os via como desesperadas crianças odiadas, que tinham apenas um ao outro.

E isto o queimou no âmago de sua alma, que Acheron se atrevesse a abraçá-lo agora, depois de todo esse tempo.

— Eu odeio você. — Ele grunhiu no ouvido de Acheron.

—Eu sei irmão... Eu sei. — E ainda assim Acheron o abraçou do jeito que costumava fazer, quando eram apenas os dois contra o mundo que lhes negou suas próprias vidas. Quando o único carinho que podiam contar era com o amor e o respeito de um irmão. — Queria mais do que tudo, que pudesse ter tudo de volta. Tudo. — Acheron suspirou. — Que eu ouvisse e seguisse os conselhos que dei aos outros. Machuquei você e o abandonei, e isto foi errado. Estava errado e estou tão incrivelmente arrependido.

Styxx queria rasgá-lo em pedaços. Ele queria. No fundo, precisava sentir o sangue de Acheron em suas mãos.

E ainda assim...

Aquele pedaço de seu coração, que só queria o irmão de volta saboreava este momento. Muito antes de Bethany, isso era o que desejava. Isso era o que procurava quando foi para a Atlântida, doente, apavorado, e sozinho para salvar Acheron.

Apesar de tudo e de todos, até mesmo eles e sua própria estupidez, ainda amava seu irmão.

— Por que não posso apenas odiá-lo?

Os braços de Acheron apertaram ao redor dele.

— Porque é um homem melhor do que eu. Sempre foi.

Mas isso não era verdade e Styxx sabia. Nunca seria capaz de fazer para os Dark Hunters o que Acheron fez. Apesar de seu irmão ter sido um idiota completo para ele, Acheron foi a graça salvadora e o único campeão para inúmeros outros. E fez isso com uma dignidade e bondade que Styxx sabia que foi duramente conquistada, dado seu passado brutal.

Ambos foram putos marcados, que foram usados, traídos e jogados fora como lixo...

Seu irmão superou isto e construiu uma vida, apesar de todas as pessoas que tentaram destruí-lo. E Acheron ainda mantinha-se forte.

Acheron recuou e encostou a testa na de Styxx, como costumava fazer quando eram crianças. Gentilmente agarrou o cabelo na nuca de Styxx e olhou em seus olhos. — Nunca mais vou virar as costas para você novamente, irmão. Eu...

Styxx cobriu a boca dele com a mão, cortando suas palavras.

— Não faça promessas que não pode cumprir. — Ele iria matá-lo se ele o fizesse. Enxugou as lágrimas no rosto de Acheron.

— Nossa, parecemos duas velhas. — Styxx cerrou os punhos no cabelo de Acheron, que já não caia mais por suas costas. Pelo contrário, agora ia apenas um pouco abaixo de seu queixo. — Mas pelo menos você finalmente tem um corte de cabelo decente.

Acheron riu.

Tanto ele como Tory cortaram os longos cabelos e doaram para a caridade, em homenagem ao primeiro aniversário de Sebastos. Enquanto o de Tory estava agora pelos ombros, Acheron manteve o dele no mesmo comprimento que Styxx usava, antes de ir para a guerra.

Com uma respiração irregular, Acheron o soltou.

— Você não tem ideia do quanto senti sua falta quando Estes o levou embora, Styxx. Não pude suportar isto. Literalmente, chorei até adoecer. Foi por isso que tive que enterrá-lo. A dor de me dizerem que você me odiava e não tê-lo, foi mais do que pude suportar. E tudo o que Estes fazia era dizer repetidas vezes que não me queria com você. Que queria o amor de nosso pai apenas para si mesmo, e que você foi a única razão por eu ter sido levado de casa e dado a ele. Que nunca pensou em mim ou perguntou sobre mim em momento algum. Deveria ter percebido. Mas queimei com uma vergonha furiosa, e um ódio cego que não pode nem imaginar. Em minha mente, você recebeu todo o amor, conforto e respeito que me foi negado.

Styxx bufou.

— Conheço a sua dor. Tenho não só minhas memórias, mas as suas também.

Acheron deu-lhe um feroz olhar implacável.

— E agora tenho as suas. — Lágrimas brotaram de seus olhos novamente. — E garoto, nem me sinto estúpido. No meu pesadelo mais selvagem, nunca imaginei que Estes ousaria prostituí-lo. Sem falar no que Apolo e os atlantes fizeram... o que eu fiz. — Styxx foi brutalmente usado e vendido três anos a mais do que ele. — Honestamente, não sei como pode falar comigo de novo.

Mas, Acheron sabia. A culpa de Styxx. Sentia-se responsável pelo que tinha lhe acontecido. Por não ser capaz de fazer alguma coisa para poupá-lo de seu tio e de seu pai.

Por colocar a segurança e bem-estar de Bethany, antes dele.

— Se isso o faz se sentir melhor, Styxx, eu a teria escolhido em vez de mim, também. — Especialmente tendo em conta o passado deles e o que Acheron dissera e fizera com ele. O amor era um presente tão raro, que ambos sabiam melhor do que ninguém, que desperdiçá-lo ou conceder a uma pessoa forte o suficiente para dar o que tão poucos tinham. — Você não estava errado em protegê-la. E vamos trazê-la de volta para você. Eu juro.

Styxx enxugou seus olhos enquanto enlaçava suas emoções em redenção. Não tinha certeza se podia acreditar nas palavras de Acheron, mas isto era o mais próximo que confiava em séculos.

— Prometa-me apenas uma coisa. Se isso não funcionar, você finalmente me matará.

— É isso o que quer?

Styxx pegou a mão de Bethany na sua e assentiu, enquanto girava seu anel de casamento no dedo dela.

— Ela estava tão feliz quando o coloquei na mão dela. Ainda posso vê-la sorrindo... — Ele vacilou em agonia. — Deuses, Beth, por que não fui com você quando partiu?

Acheron pôs a mão no ombro de Styxx.

— Não teria importado. Se ela tivesse tomado o soro, minha mãe ainda a teria matado. Pelo menos desta maneira, temos uma chance de trazê-la de volta.

Antes que Styxx pudesse responder, algo brilhante apareceu.

Os dois se viraram prontos para lutar, apenas para se surpreenderem com o aparecimento súbito de Artemisa na sala. Franzindo a testa, ela fez o mais estranho ruído com a visão deles juntos.

Styxx inclinou a cabeça para trás para falar com Acheron.

— Acho que nós a assustamos mais do que ela nos assustou.

Acheron suspirou.

— O que está fazendo aqui?

Ela começou a falar, em seguida, fechou a distância entre eles para que pudesse cutucar cada um deles no ombro.

— Isto apenas... não está certo. Diga alguma coisa, então saberei qual de vocês é Acheron.

— O que é Artemisa?

— Há este tom irritado que detesto. — Ela virou de costas para Acheron, para que pudesse falar com Styxx. — Trouxe-lhe presentes.

Isto o assustou mais do que qualquer outra coisa.

Sempre tome cuidado com presente de gregos, especialmente quando se era um deus.

— Por quê?

— Estará enfrentando meu irmão e o resto dos animais... Quero que ganhe, e o faça sangrar. Muito. Baldes e baldes cheios até que jorre e encha todo o salão.

Styxx encontrou o olhar de Acheron por cima do ombro dela.

— Devo ter medo da sede de sangue?

— Estou apavorado. — A testa de Acheron se aprofundou. — O que Apollo fez?

— Atacou Nicholas enquanto ele estava enfraquecido. Não vou perdoar isso. Desde que não estou forte o suficiente para machucá-lo, quero que vocês dois chutem a perna dele.

Acheron revirou os olhos.

— Você quer dizer o rabo, Artie?

— Qualquer parte do corpo que lhe agrade. Não pode matá-lo, mas pode fazê-lo sofrer. Muito. Duro. Dolorosamente. Dei a Savitar uma variedade de armas que mergulhei no rio Styxx. Isso vai enfraquecer Apollo ao ponto de ficar como um mortal. — Ela lançou seu olhar de ódio por Apollo para Styxx. — Se fosse você, eu o castraria lentamente e com uma grande quantidade de...

— Vovó! Vovó! — Do nada, uma criança de cabelos escuros em torno de quatro anos de idade, apareceu no quarto e pulou nos braços de Artemisa.

Com seu discurso imediatamente esquecido, Artemisa deu à criança um abraço gigantesco, enquanto a balançava para longe deles.

— Mia Bella! Como está a minha preciosa hoje?

A menina gritou.

— Vovó, Vovó, Vovó, adivinhe? Adivinha só! Simi vai colocar chifres na minha cabeça como os dela e de Papa. E ela disse que eu poderia escolher a cor que eu quisesse, e que estaria ligado o tempo todo e eles podem brilhar no escuro também.

Com os olhos esbugalhados, Artemisa parecia tão horrorizada com a ideia quanto Styxx.

Acheron riu e esfregou as costas de Mia.

— Que tal se Simi lhe fizesse um par, que pudesse sair?

Mia franziu o nariz para ele.

— Papa! Não! Quero os de verdade. Como os seus e de Simi e de Xireni.

Artemisa bufou uma rajada de ar.

— Você sabe que Papa só os tem quando está zangado, não é?

Os olhos de Mia se arregalaram.

— Sério?

Ambos concordaram.

A atenção de Mia finalmente foi para Styxx. Seus olhos se arregalaram.

— Quem clonou Papa? — Ela sussurrou.

Acheron sorriu.

— Ele é meu irmão... seu tio Styxx.

Antes que Styxx percebesse o que a criança estava fazendo, ela se lançou em seus braços e o beijou.

— Você parece como meu Papa. — Então ela colocou as mãos no rosto dele e esfregou o nariz nele. — Isso é como dizer Olá em Charonte. Mas apenas se eles gostarem de você. Caso contrário, eles te comem com ketchup ou molho de churrasco, ou se for como o meu tio Xed, pimenta malagueta que são muito quentes, também.

— Não assuste seu tio na primeira vez em que o conhece, belle boba. — Artemisa a puxou de volta para seus braços e fez cócegas nela.

A porta se abriu. Kat e Sin entraram na sala fazendo sons de pais irritados, mas aliviados.

— Sinto muito. — Kat pegou a filha de Artemisa. — Ela saiu do cercado, quando tirei os olhos dela durante três segundos. Ela deve ter sentido que você estava aqui. — Abraçando sua mãe, deu-lhe um beijo no rosto enquanto Sin pegava sua filha de Kat.

Styx reprimiu um sorriso com a forma como passavam a pobre criança, como uma bola de futebol. No entanto, ela não parecia se importar nem um pouco.

Mia fez uma cara adorável para seu pai.

— Estou em apuros, papai?

Sin teve a mesma reação que Styx teria. Ele se derreteu e sorriu.

— Não, queridinha. Mas não deve desaparecer assim sem nos dizer para onde está indo. — Era tão incongruente ver um homem tão robusto e severo como Sin, segurando o que basicamente equivalia a uma brilhante fadinha delicada. A parte superior de seu vestido estava cheia de flores de tecido rosa e branco, algumas das quais decoravam a longa saia armada de tule amarelo. Suas pernas estavam cobertas com meia calça igualmente rosa, e sapatos de verniz cor de rosa. A criança estava até mesmo usando um par de minúsculas asas de fadas de tule rosa. — Você tem que voltar para a tia Tory, Danger e tio Kish, e ficar com eles por um tempinho, ok?

Ela fez um beicinho adoravelmente e assentiu.

Artemisa parou Sin antes que ele pudesse levar Mia.

— Vovó irá daqui a pouquinho ler para seu bebê belle uma história, ok?

Mia sorriu e pulou.

— Podemos passear em sua carruagem de cervos, também?

— Apenas se mamãe e papai disser que está tudo bem... e você terá que colocar um suéter. — Artemisa deu-lhe um grande abraço e um beijo. — Estarei lá assim que puder.

Ela assentiu, em seguida, ficou rígida nos braços de Sin.

— Espere! Espere! Papa!

Sorrindo, Acheron deu-lhe um abraço apertado.

— Eu também estarei de volta assim que puder.

— Então, nós vamos assistir Megamente?

— Claro querida.

Ela plantou um estalado beijo molhado no rosto de Acheron. Em seguida, Kat a pegou de volta de Sin.

— Vou levá-la de volta para seu quarto e trancá-la lá dentro.

Sin beijou o topo da cabeça de Mia antes de virar-se para eles.

— Realmente sinto muito pela intromissão. — Ele seguiu sua mulher e filha.

Sozinho agora com Artemisa, Acheron encontrou o olhar de Styxx.

— Você está bem?

Na verdade, não.

Styxx engoliu em seco contra a dor dentro dele.

— Você tem uma linda neta e realmente não invejo você e sua família, Acheron. — Ele olhou para Bethany e sentiu as lágrimas arderem na parte de trás de seus olhos. — Quero apenas a minha.

— Isso não vai ser fácil.

Ambos franziram o cenho para Artemisa. O jeito como lhes disse isto, dizia que ela sabia de algo que eles não sabiam.

— O que você quer dizer? — Perguntou Styxx.

— Você sabe que meu irmão era apaixonado por ela, certo?

Styxx ficou boquiaberto com algo que ninguém jamais havia mencionado. — Bethany?

— Bathymaas. — Artemisa alterou. — Ele e minha mãe são aqueles que te ratearam.

Ele não conseguiu entendê-la.

— Ratearam?

— Delataram... você. — Acheron corrigiu em um tom cheio de dor.

Ela suspirou.

— Que seja. Apenas não entendo idiotas modernos.

Styxx reprimiu uma risada enquanto concordava silenciosamente.

Acheron pigarreou.

— Acho que ela quis dizer idiomas.

Ela virou um olhar irritado para Acheron.

— Não, desta vez, entendi isto direito. Idiotas modernos. Enfim, minha mãe a odiava porque cobiçava os poderes de Bathymaas e porque Bathymaas não impediu Hera de ser tão vadia conosco, e nos deixou com a maldição dos sugadores de sangue e eu realmente queria arrancar os olhos de Hera fora... e quando Apollo se apaixonou por Bathymaas e ela se recusou a ter qualquer coisa com ele, ficou furioso. Ele não conseguiu suportar. Então, quando descobriu que ela não só

estava apaixonada por um atlante chamado Aricles, mas também dormindo com ele, ficou rachado⁵⁹.

— Louco⁶⁰.

— Que seja. — Ela rosnou para Acheron e suas correções contínuas. — Apollo foi aquele que a enganou para matá-lo, assim como ele fez comigo com Orion. Ele é um bastardo, filho da puta. Isso a destruiu. Mas você jurou-lhe, que mesmo que levasse dez mil vidas, encontraria seu caminho de volta. E estou feliz que tenha feito, mas Apollo não vai ficar muito feliz, uma vez que perceba quem você é.

Styx estava começando a ter uma de suas melhores enxaquecas.

— Estou completamente perdido novamente. Bethany não é Bathymaas. Bathymaas nasceu de uma fonte primitiva.

— Sim. Set.

— Set? — Styx repetiu.

Artemisa assentiu.

— Ela ficou... — Ela fez um trejeito perverso para Acheron. — Insana. Muito semelhante como Apollymi ficou quando Apollo matou Acheron. Mas ela ficou fora do puxador⁶¹...

— Botão ou interruptor? — Acheron realmente não parecia ser capaz de parar de corrigi-la. Styx estava começando a pensar que seu irmão fazia isso apenas para irritá-la.

Ela torceu o nariz e continuou falando.

— Desligá-la foi muito mais difícil do que à Apollymi. A única maneira de parar Bathymaas foi fazê-la renascer sem a memória de Aricles. É por isso que sua mãe é Symfora, sofrimento, e porque Bethany não queria se casar ou se envolver seriamente com os homens. Mas, estranhamente ela sempre ia pescar onde vocês haviam se conhecido todos aqueles séculos antes. Como se estivesse esperando que você voltasse para ela, mesmo que não tivesse nenhuma lembrança sua ou dele.

Styx sempre se perguntou por que Beth tinha escolhido aquele local para pescar, e por que foi tão leal a isso. Agora fazia sentido.

— Em Didymos?

— Não era chamada de Didymos, na época, mas sim. Aricles nasceu em uma pequena casa de pedra quase idêntica à que você comprou para Bet'anya, e foi onde se conheceram quando foi

⁵⁹ No original, **crackers**, também significa biscoito.

⁶⁰ **Nuts** que também significa nozes, como Artemisa não entende muito bem o idioma moderno, vive trocando as gírias.

⁶¹ No original **Knob**, que também pode ser botão, o que Acheron corrige na frase de baixo com **Button ou Switch**, que também significa puxador, mas acrescentado de **Off** significa desligado ou interrompido.

recrutá-lo para seu Eperon. De qualquer forma, ela montou sua sede na ilha correspondente onde você, como Styxx, foi criado. Bathymaas sempre procurou ficar perto de Aricles, e muitas vezes o espionava quando tinha tempo livre. Mesmo que fosse o melhor guerreiro que nunca segurou uma espada na mão, Aricles permaneceu mais agricultor do que soldado. Sempre que podia, isolava-se dos seus irmãos e ia pescar em silêncio no mesmo córrego onde você a conheceu. Por ser uma deusa, nunca tinha visto ninguém fazer isso antes e estava curiosa sobre isso. Conforme ele a ensinava a pescar e passavam mais tempo juntos, apaixonaram-se.

— E foi por isso que não o ataquei no dia em que nos conhecemos.

Styxx virou-se para olhar para Set que se juntou a eles na sala.

— Assim que coloquei os olhos em você, soube que era Aricles. Que de alguma forma, conseguiu manter sua palavra e encontrá-la de novo, e tenho certeza de que foi isto que atraiu Apollo para você, também. Por isto ele ficou tão obsecado em fazê-lo sofrer.

— Não. Foi o idiota do meu outro irmão que mostrou Styxx para ele. Você dá muito crédito a Apollo. Ele é como uma criança mimada... muito... brilhante... pretensioso. Mais ou menos como o demônio de Acheron. — Artemisa encontrou o olhar de Styxx. — Bathymaas foi o primeiro amor do meu irmão e a rejeição dela o esmagou, pelo menos é o que ele afirma. Por causa disso, minha mãe amaldiçoou vocês dois a nunca ficarem juntos.

— É por isso que Bethany não consegue acordar?

— Em parte. — Set disse. — Mas, principalmente é porque ela tem apenas metade de seu coração. Para trazê-la de volta e permitir que estivesse sã e não se tornasse uma alma vingativa depois que Aricles morreu, tive que remover a parte do coração dela em que você estava, e apagar tudo sobre você da memória dela.

Acheron franziu a testa.

— Isso é biologicamente impossível.

— Não. Bath não é humana de qualquer maneira, nem nasceu de um útero. Ela foi um presente para mim, para me ensinar compaixão pelos outros. Desde o Mavromino nasceu do primeiro Malachai, o Kalosum criou-a para me impedir de virar as costas para aquilo para o qual nasci para fazer. É por isso que ela nunca deveria conhecer o amor de um homem. Seu dever era permanecer pura e manter a ordem no meu caos. Ela é a justiça. Fria e inflexível, sem quaisquer interesses pessoais ou com a capacidade de conceber favores. Aricles mudou tudo isso. Quando seu coração se partiu ao meio após a morte dele, as lágrimas dela foram o que a transformaram em alguém cruel, insensivelmente vingativa. Ela perdeu todo o equilíbrio e nada mais importava, a não ser fazer o mundo pagar pelo mal que fizeram a ela e Aricles. Ironicamente, foi isso que me fez perceber mais do que qualquer coisa, porque precisava manter o controle sobre meus próprios poderes. Por pior que ela fosse, eu seria muito pior se deixasse Mavromino me controlar.

Styxx olhou de volta para Bethany.

— Então, como a desperto?

— Você tem que trazer de volta seu coração para ela.

— E onde isto está?

Set suspirou.

— A última vez que soube, foi dado a Epithymia. O lado feio do desejo é o ciúme cobiçoso. Epithymia queria Apollo e pensou que se roubasse essa parte de Bet, isso a ajudaria a seduzi-lo.

Artemisa zombou.

— Não funcionou. Ela foi uma grande vagabunda para meu irmão. Ele tem alguns critérios.

— Então, ela é aquela em quem temos que colocar o colar. — Depois de beijar a mão de Bethany, Styxx puxou as cobertas sobre ela. Roçando a parte de trás de seus dedos em sua bochecha macia. *Não vou falhar com você, Beth.*

O que fosse preciso fazer, ele faria para despertá-la. Mesmo que tivesse que morrer para fazê-lo.

Ele deu um passo para trás e olhou para eles com uma expressão determinada.

— Vamos acabar com isso.

23 de dezembro de 2012 d.C.

— Você sabe que isto não vai funcionar, certo? — Styxx perguntou a Acheron.

— Já tive probabilidades piores.

— Eu também, mas a maioria das vezes não acabou bem pra mim. — Temendo o fato de estar a mercê dos outros, Styxx permitiu a Acheron teletransportá-los para o quarto de seu irmão em Katateros.

Antes do casamento de Acheron, o quarto estava escassamente decorado em preto e marrom. Agora era de um azul pó de arroz com animais de circo dançando nas paredes e um berço próximo a uma grande cama... um resquício da paranoia e culpa de Acheron sobre Apollodorus.

O filho de Acheron, Sebastos, nunca dormiu sozinho. O bebê tinha quase um ano de idade antes de Acheron permitir que dormisse em qualquer lugar que não fosse no peito de seu pai.

Mas Styxx não podia culpá-lo por isto. Ele seria assim também, se não pior, com seu próprio filho.

Styxx congelou com este pensamento.

Esta foi a primeira vez em séculos que pensou sobre a perspectiva de ter um filho novamente. Que isto de repente fosse uma possibilidade real...

No entanto, recusou-se a ser feliz. Não até que Beth voltasse aos seus braços e isto estivesse concluído. Até lá, qualquer coisa poderia acontecer e não estava disposto a trazer má sorte para si mesmo.

Pode me ouvir?

Ele franziu o cenho para os pensamentos intrometidos de Acheron nos dele, então assentiu.

Bom. Acho que é melhor nos comunicarmos assim durante algum tempo.

Styxx assentiu novamente. Ele foi para a porta e escutou os outros. O espírito “pássaro” de Seth mostrou-lhes que os deuses estavam todos reunidos na sala do trono, onde alardeavam sobre o que pretendiam fazer assim que tivessem Apostolos sob custódia deles.

Nada disso era bonito e o deixou muito contente, que Acheron reconsiderou enviá-lo como seu duplê.

Acheron juntou-se a ele na porta.

— Eles sentiram nossos poderes. — Algo que queriam que os atlantes fizessem já que podiam golpeá-los.

Pronto? Styxx perguntou.

Absolutamente não.

Styxx revirou os olhos ante o humor distorcido de Acheron.

Travando olhares, Acheron estendeu a mão oferecendo-a para Styxx. Este olhou para o berço e sentiu seu estômago revirar. Acheron era tão provável entregá-lo aos seus inimigos quanto lutar por ele. Apesar de seu irmão se mostrar forte e firme com seus irmãos Dark Hunter, nunca hesitou em lançar Styxx debaixo de um ônibus.

Mas esta era sua única chance de trazer Bethany de volta. Gostasse ou não, ele tinha que confiar em Acheron para lutar por e com ele.

Respirando profundamente para arrumar força, pegou a mão de Acheron e deixou seu irmão teletransportá-los para a sala do trono.

Styxx soltou-se de Acheron e tomou posição nas costas dele. Enfrentando Archon, Apollo, e Epithymia enquanto Acheron enfrentava o resto.

Archon ergueu-se.

— Bem, isto não é inesperado? — Ele sorriu ironicamente para Apollo. — Não teremos que perseguir seu mascote afinal. Que gentil da parte deles nos poupar tempo. — Ele olhou para Styxx. — Qual de vocês é Apostolos?

— Sou eu. — Eles disseram simultaneamente.

Archon rosnou baixo, o som vindo do fundo de sua garganta.

— Seus olhos. — Apollo disse rapidamente. — O de Styxx é azul.

Acheron virou-se para ficar ao lado de seu irmão. Quando eles falaram, eram como um.

— Não mais.

Archon estreitou o olhar neles.

— Então mataremos os dois.

— Não. — Apollo rosnou. — Este não era o acordo.

Epithymia fez um som de desgosto supremo.

— Parem, vocês dois. Há um modo fácil de chegar à verdade.

Styxx não gostou de como isso soou. Onde estava Urian e seu apoio?

Epithymia puxou o cordão preto em volta do seu pescoço para mostrar-lhes um pequeno frasco de cristal. Ela o tirou por cima da cabeça e colocou no braço da cadeira de Archon, em seguida conjurou um martelo.

— Este é o coração de Bathymaas. Se o verdadeiro Styxx não der um passo adiante, eu o destruirei. Para sempre.

Um pânico gelado irrompeu dentro de Styxx e quando isto aconteceu, trouxe sua calma da batalha, a qual desmentia seu estado volátil. Sabia que era melhor não reagir.

Nunca deixe seus inimigos verem sua vulnerabilidade.

Styxx nem sequer olhou para Apollo, que deve ter contado que ele era Aricles. Senão como os outros saberiam que o coração de Bathymaas era importante para ele?

— Então você não a ama? — Suspendeu o martelo sobre o frasco. — Sério?

Styxx usou os poderes de Apollymi para mascarar sua voz.

— Faça isto e perde todas as vantagens que tem sobre nós. A vida dela é a única coisa que a mantém viva neste momento.

Uma luz faiscou.

Esperando que fosse Urian, Styxx e Acheron tiveram que se esforçar para não reagir com a aparição súbita de Artemisa ao lado do irmão dela.

— Oh! — Ela exclamou quando olhou para eles. — Estou interrompendo?

Apollo agarrou seu braço.

— O que está fazendo aqui?

— Vim ver Acheron. Esta é a casa onde ele vive. Tenho permissão para visitar.

Archon berrou com a afronta.

— Esta não é a casa dele!

Acheron e Styxx trocaram uma expressão intrigada. Nenhum deles tinha ideia do que Artemisa estava fazendo aqui. Ela não fazia parte do plano deles. Nem um pouco.

Mas, inadvertidamente ela encontrou a vulnerabilidade de Archon. Não se refira a casa dele como de Acheron. Pena que o antigo deus não tivesse sido tutorado por Galen ou saberia disso.

Piscando os olhos, Artemisa deu ao atlante mais velho um olhar inocente.

— Não? Então por que está sentado no trono dele? Isto não é seu, você sabe. Eu estava com Acheron quando ele o escolheu e o trouxe para cá.

Não, ela não estava.

Styxx conteve um sorriso com o pensamento indignado de Acheron. *Continue, Artemisa.* Ela estava aqui para chicotear as emoções deles e esmerilhá-las. E a julgar pela cor pálida no rosto de Archon, estava fazendo um trabalho excelente.

— Por que ela está aqui, Apollo? — Archon perguntou rangendo os dentes.

— Não tenho nenhuma ideia.

Epithymia ficou rígida.

— Algo não está certo...

— Isto é porque ela não é minha filha.

Styxx e Acheron se viraram para observar Leto, a mãe de Apollo e Artemisa, entrando por uma porta lateral. O medo transpassou Styxx. Se esta não era Artemisa...

Tinha que ser Katra.

Merda.

— Mamãe. — Apollo disse irritado. — O que está fazendo?

Ignorando a pergunta de Apollo, Leto sorriu ironicamente enquanto os abordava.

— Realmente, Katra? Estou tão desapontada com você. Mas tudo bem. — Ela olhou para Archon. — Não precisamos mais dos gêmeos agora. Katra é a filha de Artemisa e Acheron. Ela tem a linhagem do Destruidor e é realmente mais forte do que seus pais. — Agarrou Kat e segurou um punhal na garganta dela. — Então, Acheron, quem nós mataremos? Você ou sua filha?

Antes que pudessem piscar, uma explosão sônica atravessou a sala. Uma tão feroz que varreu todos de seus pés e jogou Leto contra a parede.

Artemisa apareceu imediatamente e puxou Kat para a segurança.

— Como você ousa. — Ela enunciou cada palavra lentamente enquanto enfrentava sua mãe. — Ninguém ameaça meu bebê, nunca! Sua vadia! — Ela atacou sua mãe tão ferozmente que Kat teve que puxar Artemisa para longe para impedi-la de matar Leto.

Acheron aproveitou-se da distração para usar seus poderes para puxar o frasco da mão de Epithymia. Ele o enviou para Styxx.

Com um aceno de cabeça mútuo, eles atacaram os atlantes mais próximos a eles. E Acheron rapidamente entendeu por que panteões não gostavam de guerrear entre si. Devido ao

fato que todos extraíam seus poderes de uma fonte comum, lutavam em uma posição debilitada e seus poderes não funcionavam corretamente. Era por isto que deuses que pertenciam a mais de um panteão eram mais fortes. Podiam chamar estes poderes adicionais e não ficavam debilitados.

Pior, isto estava bagunçando com sua visão e seus olhos ficavam lacrimejando.

— Katra! — Styxx chamou quando viu Epithymia vindo por trás dela.

Ela virou no instante que Epithymia aproximou-se para tocá-la. Em vez de recuar, Kat a puxou e sugou seus poderes dela.

— Você não vai precisar disso, vadia.

E enquanto ela puxava os poderes de Epithymia, seus dentes alongaram e seus olhos ficaram de um vermelho demoníaco. Sua pele começou a espiralar como a de Acheron.

— Acheron! — Artemisa gritou. — O demônio está assumindo controle de Katra. Ajude-a!

Com o rosto perdendo a cor, Acheron encontrou o olhar de Styxx.

— Ela é mais importante do que eu. Tire-a daqui. — Disfarçadamente deu a Acheron o frasco com o coração de Bethany. Liberte Beth mesmo se eu não conseguir voltar.

Pela primeira vez em sua vida extremamente longa, viu a hesitação nos olhos de Acheron, enquanto seu irmão debatia se deveria ou não deixá-lo lutar sem ajuda de Acheron. E isto por si só já significava tudo para Styxx.

Mas no fim, Acheron tomou a decisão certa.

Ele correu para sua filha para levá-la a um lugar seguro.

Styxx conjurou seu hoplon e o usou para desviar os raios dos deuses enquanto dava cobertura para Acheron e Katra recuarem.

Eles se teletransportaram para fora com Artemisa, deixando-o sozinho para enfrentar os demais.

Um sorriso lento e lascivo curvou os lábios de Archon.

— É como nos velhos tempos, não é príncipe? E tenho que dizer que tem um aspecto muito gostoso.

— O que está planejando fazer? — Apollo rosnou.

Um sorriso diabólico curvou os lábios de Archon.

— Hoje à noite vamos nos divertir às suas custas novamente.

Recusando-se a reagir àquelas palavras, Styxx conjurou sua armadura e espada. Usaria os poderes de Apollymi enquanto os tivesse, mas no fim do dia era assim que sabia lutar melhor. Não como um deus, mas como um homem. Estreitou os olhos neles, avaliando as habilidades... e fraquezas de cada um, as quais eram muito poucas para realmente importar.

Sim, isto deixaria uma marca.

E esta seria mais sangrenta do que qualquer batalha que já conheceu.

Que assim seja. Estava acostumado com a dor. E não desistiria sem uma boa briga. Esta noite estaria tomando sua vida de volta e a agonia para quem tentasse detê-lo.

Abaixando o queixo, ele sorriu para eles.

— Venham, suas putas.

* * *

Acheron entregou sua filha inconsciente para Sin.

— Alguma coisa da velha mordida do demônio interagiu com os poderes de Epithymia. — Ele explicou. — Eu a drenei, mas ela precisa se alimentar.

Sin assentiu sombriamente enquanto a pegava e desaparecia.

Acheron ficou horrorizado a encontrar os outros no quarto, pois deveriam estar lá para ajudá-los a lutar.

— O que aconteceu?

Set rosnou.

— Fomos bloqueados. Se não for grego ou atlante, esqueça. Só Katra teve a capacidade de chegar até você. E mesmo assim não foi fácil para ela se teletransportar.

Urian assentiu.

— Não pude entrar também. Você é tudo o que ele tem, chefe.

— Simi, retorne para mim.

Ela imediatamente se colocou acima do coração de Acheron como uma tatuagem em forma de dragão.

Xirena mordeu o lábio.

— Eu também, akri?

— É óbvio.

Isso conseguiria que os demônios entrassem.

Acheron olhou ao redor para seus aliados.

— Estou enfraquecido, cada vez que os ataco, uma parte de meus poderes de deus é drenado, e as armas que Artemisa trouxe poderiam funcionar em Apollo, mas são uma merda sobre os atlantes. Estamos sobrecarregados e não mentirei, está feio. Então, quem quer tentar entrar comigo e salvar a vida do meu irmão?

Todos eles deram um passo a frente.

— Certo. Aqui vamos nós. — Fechando os olhos, Acheron convocou tudo o que tinha e os teletransportou de volta para Katateros.

Durante vários minutos ele também foi bloqueado. Quando finalmente atravessaram o que quer que Archon usou para proteger o templo, Acheron estava completamente despreparado para a visão que os esperava. Havia sangue em todos os lugares. Parecia a fase de produção da Madrugada dos Mortos Vivos. Mas o que mais o assustou foi a visão da fênix no escudo de Styxx. Retorcido e deformado, isto estava no meio da maior poça de sangue. O sangue estava manchando as portas como se um corpo lutando tivesse sido arrastado por elas.

Demonbrean e Ilios estavam caídos gemendo no chão próximo a Apollo, que não estava em melhor forma. Styxx deve ter dado uma surra no deus grego, antes de ser dominado. Epithymia ainda estava soluçando incontrolavelmente e não se movia do local onde tinha caído, depois que Kat drenou seus poderes.

Como Styxx predisse, Dikastis estava serenamente em pé nas sombras e parecia não ter participado da luta.

Inseguro da lealdade ou das intenções do deus, Acheron foi em direção a ele primeiro.

— Onde está meu irmão?

Uma raiva primitiva chamejava nos olhos do deus.

— Eles o levaram para a arena do templo.

— Por que não foi com eles?

— Sou um deus da justiça. Não participarei de algo que está errado e não é merecido.

— Você lutará conosco então?

Dikastis assentiu sem titubear.

* * *

Com a respiração ofegante, Styxx estava tão golpeado e ferido a esta altura que não estava certo por que ainda estava consciente. Conseguiu nocautear três deles e debilitar o resto, mas no final, estava em menor número e não foi páreo para uma dúzia de deuses que estiveram adormecidos e descansando durante séculos.

Apesar do esforços de Styxx, Archon e Asteros o arrastaram para o templo que Acheron o confinou anos atrás... para a arena onde eles uma vez fizeram da sua vida um absoluto inferno. Rindo o tempo todo, eles o amarraram ao poste que usaram para espancá-lo e outras coisas que o deixaram sangrando por dentro pela eternidade.

Fodam-se.

Archon agarrou o cabelo encharcado de sangue de Styxx e o puxou para trás.

— Você não vai ser derrotado tão cedo, não é príncipe?

Como se estivesse. Ryssa batia mais duro do que Archon.

— Foda-se.

— Como eu gostaria, mas infelizmente iremos sacrificá-lo. — Archon o amordaçou então olhou para Leto. — Convoque nossa dama da vingança.

Leto riu enquanto se aproximava de Styxx.

— Você realmente não achou que Epithymia tinha o coração de Bathymaas, não é? Acredite em mim, eu mesma o conservei. Agora vou terminar o que comecei há quatorze mil anos.

E quando eu terminar de destruir o que restou dos gregos, vou despedaçar os atlantes como fiz com os sumérios e os egípcios. Ninguém vai me impedir. Ninguém.

Os olhos de Styxx se arregalaram quando ouviu os pensamentos dela alto e claro.

Leto puxou uma faca e cortou o rosto de Styxx para que pudesse encher um frasco com o sangue dele. Murmurou palavras que ele não entendeu enquanto misturava seu sangue com outro composto. E enquanto fazia isso, a cabeça dele começou a rodar.

De repente, ele se lembrou de ser Aricles.

Viu Bethany ao seu lado enquanto ela se agarrava em seus bíceps.

— *Não lute com Apollo por minha honra. Não vale uma única gota de seu sangue. Fuja comigo, Ari. Vamos deixar tudo isso para trás e nunca mais voltar.*

— *Não posso, e nem você pode, Bathia. Temos muitas responsabilidades. Muitos a proteger. Não podemos abandonar este mundo nas mãos cruéis deles.*

— *Já não me importo com nada disto. Você é tudo o que prezo agora.*

Com a fúria e a dor correndo por seu sangue, Aricles pressionou o rosto no dela e abraçou-a.

— *E você é tudo que importa para mim. Não terei sua reputação manchada por aquele porco. Você não fez nada de errado. — Os dois se casaram secretamente e queria a garganta de Apollo pelas mentiras que o deus grego e a puta da mãe dele disseram contra Bathymaas. — Derrubarei aquele bastardo por você, minha deusa. Não tema.*

Ela enterrou a mão nos cabelos dele enquanto as lágrimas caíam por seu lindo rosto.

— *Você é o coração que eles alegam que nasci sem. É por isto que não posso mais ser a alma da justiça. Você me mudou para sempre... e não pode me deixar neste mundo terrível sem você.*

Ele beijou sua testa.

— *Deixe-me ganhar sua honra e então iremos onde quer que deseje.*

— *Jure para mim.*

— *Por minha alma eterna. Sempre estarei com você, Bathia. Nada vai me tirar de você, nunca. Nem sequer os deuses. — Ele ergueu o amuleto egípcio ieb do peito dela e beijou-o, em seguida colocou-o de volta entre seus seios.*

Styxx ofegou quando entendeu completamente o que Set lhe disse. Bathymaas foi criada pela Fonte, não nasceu de uma mãe...

Sem nenhum batimento do coração, foi totalmente indiferente a qualquer tipo de emoção, até que Aricles a ensinou a amar.

O amuleto em forma de jarro egípcio era o coração que Set tinha dado a ela quando era uma garotinha, quando perguntou a seu pai por que não tinha batimento cardíaco como os outros. Era parte do mesmo amuleto que Bethany lhe deu para protegê-lo na batalha.

"Isto mantém meu amor por você, filha, e apesar de não poder entender isto, saiba que assim que usá-lo, levará um pedaço vital de mim com você. Meu coração tem grande poder e a manterá segura e aquecida em minha ausência."

Foi assim que Leto destruiu o panteão egípcio e prendeu Set no deserto. Uma vez que roubou a metade do coração de Bathymaas que Set escondeu em seu domínio, ela usou o DNA de Set e o sangue de Seth para prender o deus primitivo.

Erguendo a cabeça, Styxx viu o fragmento quebrado do ieb no pulso de Leto que combinava com o que Bethany lhe deu. Enquanto sua metade mantinha o emblema de arco e flecha de Bethany, o de Leto tinha o símbolo da fênix de Aricles. Duas metades de um todo. Era tão óbvio agora, mas a menos que você soubesse como um coração egípcio parecia, nunca adivinharia suas origens.

Ou seu significado.

Leto despejou o sangue do frasco sobre os dedos e balançou o ieb sobre ele. Então o esfregou por seu rosto abaixo.

— A história sempre se repete. Pobre de você por morrer duas vezes pela mão da mulher que ama. E uma vez que estiver morto, ela destruirá os deuses por mim. — Recuando, soltou um forte e penetrante trinado... um som usado em sua época para chamar a presença de um deus quando um sacrifício estava sendo oferecido a ele.

De repente, um vento feroz veio percorrendo a arena. Abriu portas e atravessou o corpo dele. Leto cambaleou por causa disso.

Um uivo sinistro soou um momento antes de um turbilhão espectral se juntar a eles. Monstruosamente enorme, algo flutuava pelo vento usando um manto vermelho sangue. E quando se aproximou de Styxx, ele percebeu que isto era o espírito vingativo de Bethany, que tinha nascido depois que Apollo a enganou matando seu amado.

Com a mordaça no lugar, ele não podia dizer uma palavra para adverti-la. Da mesma maneira que eles fizeram quatorze mil anos atrás, Apollo e Leto armaram para derrubar Bethany. E fazê-la sofrer.

Leto apontou para ele enquanto falava com Bethany.

— Contempla o filho bastardo de sua inimiga que custou a vida e a existência de seu príncipe. Vingue-se pelos dois! Arranque o coração de Apostolos!

Bethany gritou em furiosa agonia.

Os olhos de Styxx se arregalaram quando percebeu que ela iria matá-lo e não havia nada que pudesse fazer para impedi-la.

* * *

Acheron parou na entrada do templo. Era o mesmo em que ele confinou Styxx quando o trouxe para cá.

— Que lugar é este?

— É nossa arena. — Dikastis respondeu. — É onde mantemos os jogos e competições, e para onde trazemos aqueles que precisam ser castigados e ensinados humildade.

Ash estremeceu quando imagens das memórias de Styxx misturaram-se com as dele.

E eu o deixei aqui para apodrecer...

Apenas por isto mereço ter meu nome gravado na cova mais funda do inferno.

Como pôde ter permitido que sua própria dor o cegasse sobre Styxx tão completamente? O conhecimento de que Styxx tentou ajudá-lo quando Acheron esteve preso e que nunca, nem uma vez, estendeu a mão para seu irmão quando Styxx esteve em cativeiro o deixava doente. Como pôde ter sido tão frio? Tão insensível?

O que falava mais alto do caráter de Styxx era que nunca buscou crédito por suas ações cada vez que fizera algo por Acheron ou até mesmo por Ryssa. Tinha dado simplesmente porque era a coisa certa a fazer, e a glória pessoal nunca importou para ele. Nem uma vez.

Apesar de que tanto Acheron quanto Ryssa bateram nele por isso. Repetidamente. Não era de se admirar que Styxx estivesse tão ávido para matá-lo em Nova Orleans. Ele mais do que merecia o ódio de Styxx.

Mas não falharia com Styxx desta vez.

Ash varreu seu olhar sobre Urian, Davyn, Dikastis, Seth, Set, Maahes, Ma'at, Zakar e os demônios.

— Não sei no que estamos nos metendo, mas vamos manter o plano original de Styxx. E o que quer que aconteça, salvem meu irmão.

Eles assentiram de acordo, exceto Dikastis.

— O que você quer de mim? — O atlante perguntou.

— Ajude-nos do modo que puder.

Mas o que mais preocupava Ash era o fato de que nenhum dos atlantes vieram desafiá-lo em sua chegada. Eles tinham que saber que estavam aqui. Então por que estavam tão quietos quando tinham a tantos deuses estranhos em seus domínios?

Seu coração batia forte de medo do que os aguardava quando entrou no edifício. Dentro do corredor escuro, um vento atroz uivava e emplastrava as roupas deles contra seus corpos.

Levou vários minutos para chegarem até a arena, lutando contra o vento para que pudessem ver o que estava acontecendo. Os atlantes estavam todos encurralados.

No momento em que Ash localizou Styxx, seu estômago desabou no chão. Uma imagem fantasmagórica vestida de vermelha estava embrulhada ao redor dele e segurava um punhal sobre seu coração.

— Bathymaas! Não! — Set gritou.

Sem a mais leve vacilação, ela afundou o punhal profundamente no peito de Styxx até o cabo, então lançou a cabeça para trás e rugiu de satisfação. Quando ela falou, usou somente o idioma atlante.

— Pegue seu bastardo de volta, Apollymi. Agora venha e me enfrente, sua vadia filha da puta, para que eu possa me banhar em seu sangue pútrido! Saboreie minha vingança, puta, e sufoque nela!

Horrorizado, Ash olhou para Set cuja expressão era tão cheia de dor quanto a dele.

Eles chegaram tarde demais.

Novamente. Styxx estava morto e desta vez era definitivo. O revestimento daquele punhal mataria a qualquer um com batimento cardíaco. Até Styxx. Não importava que suas forças vitais estivessem vinculadas. Não importava que Styxx mantivesse os poderes de Apollymi. A seiva do ypnsi não discriminava. Era absoluta.

Lágrimas encheram os olhos de Acheron quando falhou com seu irmão pela última vez. Agora nunca mais poderia fazer as pazes e mostrar a Styxx o quanto estava arrependido realmente pelas coisas que fez com ele. E até este momento não percebeu o quanto amava seu irmão afinal. Styxx estava certo. Eram duas metades de um todo, e a dor pela perda de Styxx bateu dentro dele mais forte do que jamais poderia ter imaginado que seria possível.

Desejando com todos os poderes que tinha que pudesse trazer seu irmão de volta, Ash sentiu uma única lágrima deslizar pelo seu rosto. *Sinto tanto, adelphos. Deveria ter sido o irmão que você foi para mim.*

Uma imagem de sua mãe apareceu. Era a mesma sombra etérea que usava sempre que visitava Acheron.

— O que você fez?

Bathymaas se lançou para ela e então a atravessou.

— Você tem medo de me enfrentar?

Com uma expressão de profunda tristeza, Apollymi balançou a cabeça.

— Você não matou Apostolos. — Os olhos dela se encheram de lágrimas enquanto olhava para o corpo de Styxx. — Ainda estou presa em Kalosis. O homem que você matou é Styxx de Didymos.

— Não. — Bathymaas ofegou. Com os olhos arregalados de descrença ela se voltou em direção a Styxx e empalideceu. — Você mente!

O sangue gotejava do ferimento que ela infligiu, e quando fez isso os poderes de Apollymi drenaram de Styxx. Seu cabelo retornou ao loiro, sua pele escureceu e as cicatrizes que estavam escondidas reapareceram em seu corpo.

O riso de Leto encheu o lugar.

— Pobre Bathymaas... você foi condenada outra vez por sua própria mão. — Ela se materializou atrás de Bathymaas e puxou o colar de onde Styxx o colocou, antes de mandá-la para o Egito para esperar por ele.

Set correu para eles, mas antes de poder se aproximar, Leto juntou os dois pedaços.

— Agora serei a alma da justiça e você... — Leto franziu o cenho quando o amuleto se recusou a unir. — O que? Por que isto não está funcionando?

Ash encontrou o olhar de Urian e apontou seu queixo em direção aos deuses encurralados.

Urian assentiu em entendimento e fez seu caminho em direção a eles com Davyn a reboque.

Ash mal tinha começado a ir em direção a Styxx quando de repente Styxx ofegou e arqueou as costas, como se algo o tivesse possuído. A faca que Bathymaas enterrou em seu peito disparou pelo ar e aterrissou de maneira inofensiva no chão. Uma luz fluiu para fora do ferimento, lacrando-o. No próximo segundo, uma onda de choque atravessou a sala arrancando todos de seus pés, exceto Ash, que tinha visto isto duas vezes antes.

A última vez foi em Nova Orleans.

Um sorriso lento se espalhou pelo seu rosto quando percebeu que Styxx finalmente recebia seu poder Chthoniano, o qual impedia que qualquer deus o matasse. Isto era um renascimento Chthoniano e era doloroso, demais. Mas a desvantagem era que seu irmão não teria nenhuma ideia de quais eram aqueles poderes ou como usá-los. Sempre que se manifestassem, tomariam o controle sobre seu mestre e eram difíceis de usar ou lutar.

Especialmente na primeira vez.

As correntes que prendiam Styxx no lugar quebraram, enviando estilhaços em todas as direções. Styxx ergueu-se pairando acima do chão.

— O que está acontecendo? — Archon rugiu.

Ninguém respondeu à medida que relâmpagos disparavam do corpo de Styxx, estourando as janelas e arrancando as portas das dobradiças. Os raios trespassavam os olhos e a boca de Styxx. Eles explodiam pelo corpo dele, fortalecendo-o e trazendo-o de volta de sua morte imerecida.

Simi começou a ir em direção à Styxx, mas Ash a puxou de volta. Como ela não era a Charonte de Styxx, ele poderia machucá-la sem querer.

Só havia uma pessoa naquele lugar que podia deter isto, e ela estava a ponto de cometer o terrível equívoco de atacar Styxx.

Ash convocou o máximo de seus poderes que pôde e se teletransportou até onde Styxx estava suspenso. Sabia que era um movimento idiota, mas não tinha alternativa.

No momento em que Bathymaas viu Ash, suas narinas dilataram de raiva.

— Você!

Quando ela se moveu para ele, Ash a prendeu com seus poderes.

— Mate-me e Styxx morre também. É isso que você quer?

— Mate a ambos! — Leto gritou, ainda tentando juntar as duas metades do coração egípcio.

Bethany levantou-se como se fosse obedecer a Leto, mas em seguida seu olhar foi para Styxx e ela se acalmou imediatamente.

— Como faço para salvá-lo? — Ela perguntou a Ash em um tom angustiado.

— Precisa fazê-lo descer. Torne-o ciente do que e de quem ele realmente é, sem seus poderes.

— Como?

Ash balançou a cabeça.

— Foda-se se eu sei. Tentarei segurá-lo, mas precisa alcançá-lo ou aqueles poderes o rasgarão em pedaços e destruirão a todos nós.

Assentindo, ela deu um passo atrás e abriu caminho para Ash se lançar em Styxx. Quando seu irmão foi acertá-lo, Ash o abraçou com toda força que tinha.

Styxx berrava furiosamente enquanto tentava se soltar.

Tomando a forma de Bethany, ela apareceu na frente de seu irmão e segurou o rosto dele em suas mãos.

— Styxx? Pode me ouvir?

Outra explosão atravessou a sala quando algo parecido com um furacão varreu com força suficiente para jogar Bethany para trás. Ash agarrou Styxx e segurou Bethany antes que isto a carregasse para longe.

Bethany tremeu quando todas as suas lembranças se fundiram com as de Bathymaas, e foi totalmente restaurada. Ela se viu com Styxx e com Aricles, e lembrou-se de tudo que os deuses fizeram para ambos, para separá-los e afastá-los um do outro.

A cólera surgiu, mas se esforçou para dominá-la. Mais tarde contabilizaria isto. Agora tinha que salvá-lo. Não importa como, não podia permitir que ele sofresse outro dia ou morresse nas mãos desses bastardos.

Ou nas dela.

Ele empurrou Acheron e se voltou para ela com um brilho assassino refletido em seus olhos azuis. Assustada e insegura, fez a única coisa que conseguiu pensar.

Ela o beijou.

Styx congelou quando o cheiro de eucalipto e lírios invadiu sua cabeça. Conforme a suavidade novamente enchia seus braços, ele se lembrou de como era ser parte de um todo. Aquele doce e precioso toque imediatamente o acalmou.

Temendo estar sonhando, recuou muito lentamente para olhar para baixo, para a mulher em seus braços. Era real? Ela era real?

— Beth?

Ela deu a ele um sorriso que o endureceu imediatamente.

— Você está comigo, akribos?

— Não tenho certeza. Estou morto?

Ela riu.

— Não sei. Eu estou?

— Não! — Leto gritou enquanto corria para eles.

Sem hesitar, Ash a interceptou. Mas assim que se aproximou dela, ela o apunhalou no estômago com o mesmo punhal atlante que misturou com a seiva ypnsi que Bethany usou para matar Styxx. Embora o veneno fosse fatal para os mortais, era um potente miasma para os deuses, e era o mesmo soro que Apollymi usou em sua família para trancá-los no limbo semelhante à morte quando os confrontou pela morte de Acheron.

Ash cambaleou para trás e caiu de joelhos.

Styx correu para ele.

— Acheron?

— Simi! — Ele chamou, ignorando seu irmão.

— Simi aqui, akri! — Ela desapareceu.

O corpo de Acheron estava rapidamente ficando acinzentado com a propagação do veneno do ferimento para o resto do seu corpo. Seus olhos faiscaram vermelhos enquanto ele segurava Styxx pelo rosto e o puxava para seus braços.

Antes de Styxx perceber o que Acheron pretendia, seu irmão afundou as presas em seu pescoço e deu-lhe seus poderes para Styxx usar. Assim que estava feito, Ash se jogou para trás e trancou seu olhar no de Styxx.

— Chute o rabo deles, irmão.

— Com prazer. — Deitando Acheron no chão, Styxx viu Urian lutando com Phanen. — Urian, a postos.

Urian avançou, em seguida amaldiçoou quando viu as condições de Acheron.

— Vigie e o proteja. — Styxx ergueu-se devagar enquanto deixava o peso do poder de Acheron e o seu próprio recentemente adquirido se misturarem. Droga... as habilidades de Acheron ridicularizavam as de Apollymi. Se Katra realmente fosse mais forte que seu pai...

Isso era uma perspectiva assustadora.

— Styxx?

Ele hesitou com o medo na voz de Bethany. Ela era a única pessoa nesta sala que nunca machucaria voluntariamente. Tomando sua mão na dele, puxou-a para mais perto para que pudesse protegê-la, e ela pudesse segurá-lo caso seus poderes ficassem fora de controle novamente.

— Estou bem. — Ele assegurou. — Desde que esteja comigo.

Ao redor dele os deuses batalhavam.

Leto veio para eles com o punhal levantado. Styxx entrou na frente de Bethany para confrontar a kuna que por duas vezes tentou destruir sua esposa. Estava na hora de acabar com isto e com ela, de uma vez por todas. Leto saltou sobre ele. A força do ataque dela desequilibrou-a. Ele a empurrou para frente e desarmou com uma única torção no pulso dela.

Mas apesar de tudo que a vadia fez com eles, não conseguiu golpeá-la. Foi ensinado por Galen que não havia nunca, jamais, qualquer razão para um homem bater em uma mulher, não importa o que ela fizesse para merecer isto. Homens eram muito mais fortes.

Leto riu quando percebeu que ele não ia golpeá-la.

Até Bethany se aproximar com um brilho sinistro determinado refletido em seus olhos.

— Eu tenho esta vaca.

Styxx recuou e a deixou dar vazão a quatorze mil anos de vingança sobre a deusa que ambos odiavam. A deusa que fez o melhor que podia para destruí-los.

E falando em ódio e retribuição...

Ele virou em direção a Archon que estava lutando com Zakar. Conjurando sua espada e escudo, Styxx dirigiu-se a eles.

— Zakar?

O sumeriano olhou além de Archon em seguida recuou quando Styxx se moveu para lutar com o deus atlante.

Archon riu.

— Sério? Acha que obtendo poderes emprestados me assusta, garoto? Limpei minha bunda com seres mais altos e guerreiros melhores do que você.

— Concederei com seres mais altos, mas deve se lembrar, Archon, que jamais nasceu um guerreiro melhor do que eu. Foi por isso que você ajudou Apollo e Leto a trapacearem a fim de matar Aricles. Sabia da dívida que devia a Apollymi pelo seu favor e que mais cedo ou mais tarde eu viria até você.

Zombando Archon bateu seu machado no escudo de Styxx. Styxx investiu com sua espada. O deus mais velho dançou para longe quando Styxx virou com um golpe que retalhou o braço dele.

Archon gritou de dor.

Styxx o fez retroceder enquanto Archon lutava para repelir seus golpes. E viu o medo nos olhos de Archon quando o deus percebeu que não ganharia esta rodada.

— Vá em frente. — Archon provocou. — Ponha-me para dormir de novo. Vou ficar livre novamente. E quando o fizer, virei atrás de vocês três. Não há nada que possa fazer para me deter. Eu retornarei.

— Não. — Styxx disse firmemente. — Você não vai. — Ele driblou para a direita e quando Archon se moveu para se defender, revidou com um balanço bem praticado que cortou a cabeça do deus em um golpe certo.

Todos na sala congelaram quando perceberam o que Styxx fez. E mais precisamente, ficaram cientes do que ele realmente era.

Um Chthoniano assassino de deuses. Somente eles tinham o poder de destruir um deus e enviá-los ou o poder deles de volta para a Fonte, sem destruir a estrutura do universo. E embora matar um deus os enfraquecia, ainda eram os piores fodões do Reino Inferior.

A única coisa que poderia matar um deles era a Fonte, um de seus servos, soro ou outro Chthoniano.

Neste momento, os atlantes fizeram o que tinham feito em Halicarnasso quando perceberam que Styxx não seria derrotado... deixaram suas armas cair imediatamente e ficaram de prontidão.

Exceto Bethany e Leto que continuavam a lutar. A sede de sangue nos olhos de sua esposa era uma coisa assustadora.

— Devemos separá-las? — Urian perguntou quando se juntou a Styxx.

Antes de ele poder responder, Set interveio agarrando Leto em uma gravata feroz. Assim que ela desmaiou, jogou-a por cima do seu ombro.

— Apesar de respeitar sua necessidade de bater nela, filha, tenho um rancor muito maior contra ela. Não apenas pelo que fez a você, mas pelo que fez ao seu irmão. — Ele se inclinou para beijar o rosto de Bethany. — Voltarei logo e não tema... apesar de não me dignar a bater em uma dama, está aberta a temporada de caça a esta puta. — Ele fez um pausa para olhar de relance para Zakar, que sorriu com uma antecipação perversa.

Em seguida os três foram embora.

— Irmão? — Bethany sussurrou confusa enquanto se virava para Styxx. — Que irmão?

Ele apontou para Seth do outro lado da sala.

— Seth nasceu muito depois que Apollymi congelou você em Katateros.

Bethany foi conhecê-lo pela primeira vez, enquanto Styxx se ajoelhava ao lado de Acheron. Ele estava cinza como uma pedra da cabeça aos pés. Franzindo o cenho, Styxx olhou para Urian.

— O que causou isto?

— Aima. — Dikastis respondeu, ajoelhando-se ao lado de Styxx.

Styxx começou a avançar para Dikastis para acabar com ele, mas Urian o deteve.

— Ele está do nosso lado.

— Tem certeza?

— Ele apunhalou aquele ali. — Urian apontou para Teros. — E salvou meu rabo.

Maahes se juntou a Seth e Bethany, enquanto Ma'at se moveu para ficar ao lado de Styxx. Ela colocou uma mão reconfortante no seu ombro.

— Acheron vai ficar bem. Assim que Simi trazer o antídoto, ele vai acordar.

Styxx queria acreditar nisso.

— Você tem certeza?

Ela assentiu.

— Caso contrário, Apollymi não estaria tão calma.

E ela estava calma... assustadoramente. Mesmo quando Simi retornou com as três folhas da Árvore da Vida que só crescia no templo da Destruidora em Kalosis, Apollymi permaneceu extremamente reservada e duvidosamente em silêncio.

— O que faço com isto? — Styxx perguntou a Simi.

— Torça-as até que estejam úmidas. — Apollymi disse. — Então pingue nove gotas na boca de Apostolos.

Styxx hesitou.

— O que acontece se eu pingar dez por engano?

— Melhor não descobrirmos.

Devidamente anotado.

Bethany retornou ao seu lado enquanto ele contava cuidadosamente.

Assim que a nona gota caiu nos lábios de Acheron, a cor lentamente retornou ao corpo inteiro dele. Acheron abriu os olhos gemendo, em seguida fez uma careta.

— Da próxima vez, alguém adicione aroma de menta. Este é o sabor mais desagradável de merda do planeta.

Styxx zombou.

— Você não está reclamando a sério que eu te trouxe de volta. Não é?

— Sim e não. Sinta o gosto disso você mesmo e vai ser uma vadia também.

Bufando, Styxx estendeu a mão para seu irmão. Acheron pegou-a e permitiu que ele o pusesse em pé.

Eles olharam fixamente um ao outro, unidos completamente pela primeira vez desde o dia em que Estes levou Acheron para Atlântida. Irmãos para sempre e sempre.

Até mesmo através da idiotice mútua.

Acheron o abraçou apertado, em seguida deu um passo atrás para deixá-lo com Bethany.

Ainda esperando que tudo isso fosse um sonho distorcido, Styxx girou e abraçou-a. Ele encostou sua cabeça contra a dela e respirou fundo enquanto seu cheiro e calor o preenchiam como mais nada fazia. Embora ele tenha aprendido a ser inteiro sozinho, não se comparava ao que ele sentia como uma metade do seu todo.

— Eu disse que ia voltar para você, minha deusa. Que nada me impediria.

— Sim, mas você tinha que arrastar seus pés? Sério?

Ele riu apesar da dor da sua provocação torcer dentro dele conforme apertava seus braços ao redor dela.

— Temo que você vai ter que se acostumar a viver comigo aqui mesmo. Eu nunca mais deixarei você ir. Só me considere uma extensão maior do seu corpo.

Com seus lábios tremendo, ela sorriu para ele enquanto suas próprias lágrimas fluíam.

— Estou tão contente por ter você de volta. Só gostaria que tivéssemos nosso filho conosco.

— Eu sei, preciosa. — Ele deixou escapar um suspiro.

— Hmm... a respeito disso.

Styxx levantou o olhar ante a voz trepidante de Apollymi que ela de repente encontrou de novo. O medo substituiu sua felicidade enquanto ele temia aquele tom nervoso.

— O que?

— Lembra-se de minha promessa para você, Styxx?

Que ela endireitaria tudo se ele sobrevivesse.

— Sim?

— Eu não matei seu filho. Eu queria. Desesperadamente. Mas quando olhei para aquele lindo bebezinho, vi Apostolos e não pude machucá-lo.

Bethany ofegou.

— Ele vive? Onde ele está?

O olhar de Apollymi foi para Urian que deu meia volta para olhar atrás dele.

O queixo de Styxx caiu quando compreendeu.

— Urian é Galen? — E no entanto uma pequena parte dele soube disso na primeira vez que eles se encontraram. Sentiu aquela conexão e amor. Agora fazia completo sentido.

Urian balançou a cabeça.

— Não é possível. Nasci antes de morrerem.

— Não, você não nasceu. — Apollymi sorriu com tristeza. — Strykerius disse isto porque não queria que soubesse que você e seu irmão foram os primeiros Apollitas nascidos

amaldiçoados. E isto foi minha culpa. Intencionalmente escolhi a esposa de Strykerius porque achei a vingança perfeita que Apollo deveria cuidar do filho de Styxx por causa do que ele fez... em ambas as vidas. Eu não tinha ideia que Apollo amaldiçoaria todos vocês por causa da morte de uma mulher que ele realmente não podia suportar. Como Apostolos e Styxx, seu sangue misturou com o do filho verdadeiro do Strykerius, e isso tornou você uma parte de Strykerius também. Você, criança, é o único ser vivo que é parte humano, atlante e apollita... e você leva em suas veias o sangue de três panteões e deuses.

Urian ficou espantado.

— Stryker sabe disso?

Ela assentiu.

— Eu contei a ele há muito tempo, depois que você estava crescendo e ele se perguntava sobre algumas de suas habilidades exaltadas, que você era muito especial para este mundo, mas não quem eram seus pais de verdade. Foi por causa de sua linhagem única que as almas do mal com as quais viveu não te contaminaram nem um pouco. Por que você podia aguentar mais tempo entre as alimentações do que outros de seu tipo, e como seu sangue sustentou Phoebe enquanto ela viveu. Também é por isso que Strykerius cortou sua garganta em vez de te apunhalar no coração. Ao contrário dos outros Daimons, você não teria morrido de um ferimento no coração. Só a perda de sangue poderia ter matado você naquela época.

Urian olhou para Acheron.

— Você sabia disso?

— Eu sabia que era estranho Stryker cortar sua garganta em vez de te apunhalar, mas não. Eu não tinha ideia que você era meu sobrinho. Minha mãe... — ele passou um olhar irritado nela — nunca mencionou isso para mim.

Urian franziu o cenho.

— Cara, estou confuso agora. Meu melhor amigo é meu pai? O homem que idolatrei quando criança... cuja tatuagem está no meu braço... e ele é mais novo do que eu. Sim, não acho que eu possa lidar com isto. Alguém me faça uma lavagem cerebral... por favor! Onde está o dragão do Santuário? Simi, vá buscar Max. Preciso dele.

Mordendo o lábio, Bethany se aproximou timidamente de Urian. Seu coração batia forte enquanto ela procurava confirmação física para o que Apollymi disse. Apesar do cabelo dele ser mais claro que do Styxx, era da mesma cor de Aara. Ele não era tão alto quanto seu pai, mas tinha a mesma expressão agora que Styxx costumava usar sempre que estava irritado ou confuso. Ela colocou uma mão suave em sua bochecha enquanto olhava fixamente para ele.

— Vejo seu pai em você. Meu lindo bebê. Exatamente como eu soube que seria. — Ela o puxou em seus braços e o segurou apertado enquanto mil emoções a rasgavam. Mas a única coisa

que ela não podia negar era a alegria em seu coração por tê-lo com eles. Apollymi finalmente aprendeu o que era compaixão e bondade.

— Odeio que perdi ver você crescer, mas eu te amo... Urian.

Apesar do que Urian disse, ele se agarrou a ela como se o tivesse criado. Styxx passou os braços ao redor de ambos como doía para fazer por séculos. Ele não podia acreditar que isto fosse real. Que eles estavam realmente com ele.

Finalmente.

Uma parte dele estava duplamente furioso que Apollymi não contou a ele sobre Urian anos atrás. Mas agora mesmo, ele estava tão contente e agradecido por tê-los que não queria passar um único momento lamentando um passado que não podia mudar. O inferno já possuiu muitos séculos de sua vida. Tudo que queria agora era esquecer o que aconteceu e se concentrar no futuro, que era finalmente um de esperança e amor.

E família.

As únicas coisas que sempre importaram realmente para ele.

Sim, a vida era dura para todos, mas era muito mais quando você lutava sozinho. E embora Styxx fosse poderoso por si só, era muito mais forte com seu irmão às suas costas e sua esposa e filho ao seu lado.

24 de dezembro de 2012 d.C.

Styx se afastou de sua família para perceber que todo mundo deixou a arena.

Exceto Apollymi. Suas lágrimas de cristal brilhavam nas suas bochechas pálidas enquanto os observava.

— O que fiz a todos vocês foi imperdoável. Ataquei com raiva e dor, e o que pensei que era vingança, nada mais era que inveja egoísta. Porque sabia que nunca poderia segurar meu bebê, tirei esse prazer de vocês dois, e por isto, eu realmente sinto muito. Mas é por causa do seu filho que salvei os Apollitas. Assim que minha raiva esfriou, percebi o quanto fui errada em afastá-lo de sua mãe e seu pai, eu o mantive a salvo para vocês dois.

Styx olhou de cara feia para ela.

— Não posso nem começar a colocar em palavras o quanto estou enfurecido por que eu estava vivo e encarcerado, e perdi ver meu filho crescer...

Apollymi acenou com a cabeça.

— Eu sei, Styx.

E sabia. Ela sabia exatamente como se sentia. Só pôde ver seu filho depois de vinte e um anos.

Aliás, Acheron também compartilhava sua dor. Artemisa e Apollymi fizeram a mesma coisa com ele. Até cinco anos atrás, Acheron não tinha conhecimento de Katra, e às vezes ao longo dos séculos, Acheron inclusive esteve no mesmo lugar com ela sem nunca saber que era uma parte dele e de Artemisa.

Isto também foi a sangue frio.

Styx encontrou o olhar de Apollymi com um olhar franco e aberto.

— Curiosamente, Apollymi, não posso encontrar nenhum ódio por você neste instante. Estou muito agradecido por tê-los comigo para perder um minuto pensando em qualquer outra coisa.

Bethany assentiu.

— Provavelmente te odiarei de manhã, Pol. Mas hoje à noite, estou com Styx. Só quero estar com meus garotos e esquecer todo o resto.

Apollymi inclinou sua cabeça para eles.

— Os outros fizeram seu caminho discretamente de volta para o templo principal e deram privacidade a vocês três. Saibam que se precisarem de qualquer coisa... estarei aqui para vocês. — Ela retornou a Kalosis.

Styx se sorriu para sua esposa e filho.

— Eu daria qualquer coisa para passar a noite conversando com vocês dois. Mas...

— Tem merda pra fazer. — Urian disse por ele.

Bethany fez uma careta ao seu filho.

— Quem te ensinou a falar?

Urian se encolheu visivelmente.

— Ela terá uma surpresa desagradável com todas as mudanças e coisas modernas, não é?

Isso aprofundou o cenho franzido dela.

— Quanto tempo estive fora?

Styx consultou o relógio.

— Eu soltei sua mão faz 11.539 anos, 183 dias e aproximadamente dez horas, mais ou menos alguns minutos... atrás.

Bethany ficou plantada no piso por um longo tempo. Mas mais do que isso...

— Você realmente contou os segundos.

Styx deslizou a manga de volta pelo seu braço.

— Oh Beth, você não faz ideia.

Lágrimas a sufocaram quando viu a cicatriz onde ele entalhou seus nomes em sua própria carne para que sempre os tivesse com ele. Ela beijou o nome de Galen então ergueu seus lábios para os dele. Não teria pensado que pudesse amá-lo mais, mas logo em seguida... tudo que queria fazer era passar o resto da noite com ele dentro dela, mostrando a ele exatamente o quanto adorava seu nobre príncipe.

Urian assobiou baixo.

— Sabe, isto seria estranho se vocês não fossem meus pais. A designação parental aumenta o fator ecat exponencialmente.

Rindo, Bethany se afastou do beijo para franzir a testa para ele.

— Estou desesperada para conhecer você. — Ela tornou a olhar para Styx. — E você e eu temos muito para conversar. Mas...

— Temos deuses para atender. — Styxx suspirou.

Ela acenou com a cabeça.

— Quero ter certeza que eles nunca nos ameaçarão novamente.

— Eu não poderia concordar mais.

Com o coração inchado de orgulho e amor, Bethany tomou suas mãos e os teletransportou para o templo principal. Ela prendeu o fôlego bruscamente aos sinais de batalha e a quantidade de sangue nas paredes e no chão. Horrorizada, ela encontrou o olhar embaraçado de Styxx.

— Por favor, diga-me que não é o seu.

— Um pouco é, mas a maior parte é Demonbrean. Aquele bastardo sangra como um porco no matadouro.

Quando ela começou a avançar, Styxx se recusou a soltar sua mão. Ela se virou com uma careta.

O medo agonizante nos olhos dele cortou seu coração.

— Eu soltei sua mão uma vez quando eu não queria, e foi o maior erro da minha vida. Um que nunca pretendo cometer novamente.

Ela entrelaçou seus dedos com os dele e o puxou em direção a Acheron que estava sentado no trono preto do Archon. Isto já era chocante o suficiente, mas a presença de Artemisa e o deus Sumério Sin realmente mexeu com a cabeça dela.

Eu perdi tanta coisa...

A maior parte dos deuses foram embora agora. Os únicos que restaram eram Ma'at, Urian, Sin, Artemisa, Seth, dois demônios e um homem que ela não conhecia.

Ela se deteve perto do trono. Styxx se pressionou nas suas costas e embrulhou seus braços ao redor da sua cintura, então descansou o queixo em cima da sua cabeça. Houve um tempo quando ela teria se irritado com a constrição.

Esta noite, nada poderia ter agradado mais a ela.

Acheron olhou para eles.

— Pode nos atualizar? — Styxx perguntou.

Simi deixou escapar um suspiro irritado.

— Akri não me deixa comer nenhum desses deuses sujos. Onde o mundo vai parar quando um demônio tem que implorar por petiscos... nem mesmo um sanduíche de dedo ou uma única junta. Trágico. Terrivelmente trágico.

Rindo da confusão de Bethany, Styxx sussurrou em seu ouvido.

— Explicarei Simi mais tarde.

Acheron soltou um sonoro “ei” acima das palavras de Simi então falou com Styxx.

— Bem, depois da forma como você cortou a cabeça do Archon, o resto está mais do que feliz em ser devolvido a forma de estase. Mas eu estava pensando em permitir que alguns deles sejam desviados para Kat para que seja feita a transição para o mundo dos humanos.

Styxx hesitou.

— Quais?

— Eu não ia fazer a oferta sem conferir com você primeiro. Sei que eles foram menos que gentis contigo enquanto esteve aqui, e se você quiser estripá-los, eu vou te ajudar.

Bethany inclinou a cabeça para trás para olhar fixamente para Styxx com uma careta.

— Quando vocês dois se tornaram amigos?

Styxx beijou a ponta do seu nariz.

— Cerca de cinco minutos antes de você acordar.

Seu cenho franzido se aprofundou. Ela definitivamente tinha muitas perguntas para mais tarde.

— Dikastis — Acheron continuou —, eu o deixaria em paz... contanto que você concorde. Ele parece ser decente o suficiente.

Bethany assentiu.

— Ele é extremamente confiável e leal desde que nenhuma regra seja quebrada.

— Epithymia conseguirá seus poderes de volta? — Styxx perguntou.

Sin riu ruidosamente.

— Não, caralho. Confie em mim. Quando Kat remove seus poderes, eles se vão. Tecnicamente, em teoria, Kat poderia devolvê-los. E odeio falar da minha esposa quando ela não está aqui, mas tenho absoluta certeza que Epi vai aprender a ficar sem.

Pelo modo que ele disse isto, Bethany suspeitava que Sin tinha experiência em primeira mão em perder os poderes para sua esposa.

Acheron prosseguiu.

— Leto está com Set e não vou me meter nisso. Especialmente por que Seth e Artemisa me contaram sobre ela e o que fez para todos vocês.

Artemisa ergueu seu queixo orgulhosamente.

— Sim, nós a lançamos sobre o bondinho.

Acheron revirou os olhos.

— Debaixo... do ônibus, Artemisa. Você lança pessoas debaixo de um ônibus.

— Que seja. Minha mãe ameaçou meu bebê, e minha lealdade é para Katra e Mia e ninguém mais... até que Katra tenha mais filhos, e eles tenham bebês. Mas é isto! — Ela apertou seus lábios. — Oh espere, tem mais, mas isso realmente é tudo e digo não para a vaca que ameaçou machucar minha menina. Nenhum deles. Já que eu de bom grado cedo minha mãe para Set, quero Epithymia para minha coleção pessoal.

Acheron encontrou o olhar de Styxx.

— Se uma pessoa pode fazer a vida de alguém um inferno, eu pessoalmente posso atestar a perícia de Artemisa.

Styxx teve que morder de volta uma risada pelo eufemismo de Acheron e o olhar que Artemisa deu a ele. Seu irmão estava certo. Artemisa definitivamente sabia como castigar alguém. Considerando algumas das coisas extremas que ela fez para Acheron a quem alegava amar, não podia imaginar o que faria para alguém ela realmente odiasse.

— Estou de acordo.

— Eu também. — Ma'at concordou.

— O que nos deixa com Apollo. — Acheron fez uma pausa para varrer o olhar ao redor da sala. — A maior parte de nós tem um rancor igual contra ele assim não tenho ideia de como ser justo a respeito do seu destino.

Artemisa suspirou.

— Embora eu adoraria isto, você não pode matá-lo.

De repente, como uma velha lembrança uma ideia o atingiu, e Styxx começou a rir sinistramente.

Bethany franziu a testa.

— Por que isso me assusta?

— Porque tenho o presente perfeito para alguém. Até Simi aprovará.

* * *

Apollo gritou indignado ao redor de sua mordança enquanto lutava com a rede de Artemisa que o segurava mais apertado que uma mosca em uma teia de aranha. Se ele tivesse seus poderes normais poderia escapar. Mas o colar de Urian os mantinha drenados.

Urian riu como um vilão de desenho animado ruim.

— Lembre-me de nunca, jamais deixar meu pai puto. E não quero dizer Stryker. Porra, papai. Isto é tãããão frio.

Artemisa sorriu.

— Sim, bem, a vingança é uma gata.

Acheron suspirou e esfregou a cabeça.

— Eu desisto absolutamente.

Ignorando a exasperação do seu irmão, Styxx arrastou Apollo colocando-o em pé.

— Tudo bem. Uma entrega especial muito atrasada a caminho. — Ele beijou Bethany antes de olhar de cara feia para Acheron. — Cuide da minha garota. Voltarei logo. — Ele virou para Urian. — Está pronto?

— Depois de você.

Embora soubesse que não estava “acabado”, Styxx teletransportou-os diretamente ao jardim de Apollymi onde ela se sentava na sua fonte.

Ofegando de indignação, ela se levantou.

— O que é isto?

Styxx forçou Apollo a se ajoelhar diante dela. Totalmente nu e amarrado como Styxx esteve quando o bastardo o entregou para Archon para torturá-lo, Apollo não tinha nenhuma escolha exceto obedecer. Styxx sentiria pena do olímpio se o bastardo alguma vez tivesse mostrado um pinga de misericórdia ou compaixão.

Mas como Artemisa disse, a vingança é uma gata. E esta aqui tinha garras ferozes.

— Venho trazendo presentes, minha senhora. Como Aricles, prometi a você que entregaria Apollo à sua custódia assim que eu o tivesse derrotado... Desculpe ter demorado tanto tempo para manter minha palavra. — Ele deu um passo atrás para que Urian pudesse remover o colar de Apollo.

— Devolverei isto para Davyn e já volto.

Apollymi ficou boquiaberta.

— Eu não entendo.

— Acheron e eu decidimos que Apollo ferrou com nossas vidas por tempo demais. E apesar de não poder matar Apollo, pensamos que poderia achá-lo um brinquedo divertido que possa te ajudar a passar seu tempo aqui.

Um lento sorriso sádico curvou seus lábios quando ela saboreava a ideia.

— Oh, confie em mim, Styxx, prometo que não o matarei. Isso seria um fim muito gentil. Não, não, não... planejo apreciar cada minuto disso. — Ela fechou a distância entre eles e beijou Styxx na bochecha. — Obrigada pelo meu presente, m'gios. E por favor, dê a seu irmão meu mais profundo amor e adoração.

As portas francesas abriram, mas em vez de Urian, a esposa do Stryker, Zephyra, entrou com olhos famintos.

— Oh. — Ela riu avidamente à visão de Apollo. — Eu sabia que o senti. — Seu olhar fechou em Apollymi. — Avise-me quando eu puder ter uma vez com o seu presente.

Um calafrio percorreu a coluna de Styxx enquanto Apollo gritava e se debatia. Por um segundo, Styxx quase se sentiu mal. Mas a sensação passou depressa.

O sorriso de Apollymi se alargou à medida que ignorava Apollo e falava com Zephyra.

— Não se preocupe, filha. Vou me certificar de retribuir o amável favor que Apollo uma vez fez com Styxx. Todo mundo que quiser ir com ele pode tê-lo. Afinal, temos bastante tempo.

— Troo a peridromo. — Coma até se empanturrar, disse Styxx, usando as exatas palavras que Dionísio usou quando ofereceu Styxx a primeira vez para Apollo. Ele virou quando Urian se juntou a eles.

Junto, eles se teletransportaram de volta para Bethany, quem estava segurando Sebastos enquanto conversava com Tory e Ma'at. A visão dela com um bebê loiro acertou-o como uma marreta na virilha. Era exatamente como os sonhos que ele teve... Por um minuto, ele não pôde respirar.

Até que ela olhou pra cima e sorriu para ele.

— Aqui está ele. Bas, diga oi para o tio Styxx.

— Oi, tio Six! — Ele disse rindo e saltando nos braços de Bethany.

Ela fez cócegas na barriga dele. Guinchando, ele a beijou enquanto sua mãozinha se emaranhava nos cabelos longos dela.

— Você está bem? — Acheron perguntou quando surgiu atrás de Styxx.

Styxx encontrou o olhar de Urian e acenou com a cabeça.

— Estou. — E pela primeira vez em séculos, ele realmente estava.

Fechando a distância entre ele e sua esposa, Styxx passou a mão sobre os cachos de Sebastos então ajudou a desenredar a mão do bebê do cabelo de Bethany.

— Oi, Bas.

— Você quer segurá-lo? — Tory perguntou.

Apavorado com o simples pensamento, Styxx sacudiu a cabeça.

— Eu poderia quebrá-lo e irritar Acheron.

Tory e Bethany riram.

— Você não pode quebrá-lo, doçura. — Bethany disse.

— Eu não sei. A última vez que segurei uma criança dessa idade, devo ter quebrado por que ela vazou em cima de mim.

Bethany riu tanto que teve que devolver Bas para sua mãe antes de deixá-lo cair.

Tory beijou a cabeça do Bas.

— Você está certa, Bethany. Ele é hilário.

— E agora que ele está de volta, — Ma'at disse — precisamos terminar uma coisa. Vocês nos desculpam?

Sem saber do que ela precisava, eles permitiram que ela os levasse para a casa de Savitar.

Bethany ficou perplexa ante o local.

— Onde estamos?

Ma'at respondeu acenando para ela entrar no mesmo quarto que Simi levou seu corpo originalmente.

A respiração de Styxx ficou presa quando viu o corpo de Bethany ainda na cama onde ele a deixou mais cedo. Não era à toa que seu vestido estava limpo agora. Mesmo assim...

— Eu não entendo... o que está acontecendo?

— Set disse a você. Ele dividiu seu coração. Ela não esteve inteira desde o dia que Apollo a enganou para matar você. Quando Leto convocou a parte vingança dela, ela tinha apenas aquela porção de Bet que tinha amado Aricles. — Ela apontou para Bethany em pé ao lado dele. — Esta aqui.

— É por isso que o amuleto não se juntou?

Ma'at sacudiu a cabeça.

— Como um vínculo para Bethany e Bathymaas, o amuleto era inútil uma vez que foi quebrado pela morte de Aricles. Bathymaas disse a si mesma, muito tempo atrás. Você é o seu coração. Ela o entregou para você como Aricles, e renasceu com você e só você. É por isso que ela não podia sorrir ou rir até que te encontrasse novamente. Set vinculou o coração dela à sua alma para ter certeza que você manteria sua palavra para retornar a ela. — Ela se moveu em direção à cama. — Agora venha, Bet. Vamos colocá-la de volta, de uma vez por todas.

Bethany hesitou.

— Eu serei diferente?

— Não, preciosa. — Ma'at deu-lhe um sorriso amável. — Exceto que poderá ser capaz de ser completamente feliz novamente.

Mordendo seu lábio que estava tremendo, ela olhou para Styxx.

Ele esfregou seus ombros.

— Eu estou bem aqui, Beth. Não vou a lugar nenhum.

Relutante, ela o deixou e foi para a cama.

— O que eu faço?

— Só deite-se em cima de você mesma.

— Só isso?

Ma'at assentiu.

Esperando que isto funcionasse, Bethany se deitou em cima de seu outro corpo. A princípio ela não sentiu nada. Então uma lenta queimadura começou. Uma que se espalhou por seu sangue até que ela viu estrelas. No instante seguinte, ela caiu e abriu os olhos.

Ela se sentou e olhou em volta.

— O que aconteceu?

— Você está de volta. — Ma'at beijou sua bochecha. — E estou fora daqui. Savitar está na praia e não vai retornar até depois do amanhecer. Não tem ninguém para perturbar vocês dois e sei que ambos querem algum tempo a sós. — Ela riscou para fora.

De repente inseguro e cauteloso, Styxx se sentou na beirada da cama.

Bethany o observou olhando fixamente para ela. Havia uma luz em seus olhos azuis que disse a ela que ele estava apavorado que isto não fosse real. Que acordaria sozinho novamente.

Na verdade, ela estava desorientada por tudo isso. Foi um dia estranho. Mas agora...

Ela estendeu a mão levando o dedo até o buraco em sua camisa onde sua faca passou por ele. Doente com o que Leto a fez fazer, ela fez uma careta.

— Eu sinto tanto, Styxx. Agora cada membro de sua família tentou matar você.

— Exceto Urian.

Ela tentou reprimir um sorriso e falou miseravelmente.

— O dia ainda é uma criança.

Ele riu.

— Se isso significa ter você de volta, Beth, pode cavar meu coração e servi-lo em uma bandeja.

Ela deu a ele um olhar suspeito.

— Você realmente não esteve com uma mulher em todos estes séculos?

— Confie em mim, você está prestes a descobrir. Se eu durar tempo suficiente até para estar dentro de você, será um milagre... — Seu olhar assombrado a queimou tanto que ela engoliu em seco. — Isto é, se você me quiser.

E isso era o que ela mais amava nele. Apesar de toda sua confiança e poder, ele ainda tinha momentos de profunda timidez e incerteza. Não muitos, mas suficiente para ser simpático e falível.

Ela tirou a camisa dele e pôs a mão na cicatriz no centro do seu tórax.

— Eu me sinto tão má para você. Para mim, parece como se estávamos juntos apenas ontem. Não faço ideia de quanto tempo dormi. Mas para você...

Ele colocou os dedos acima de seus lábios.

— Não importa.

No entanto, importava, e ela sabia disso. Enquanto ele esteve fora entregando Apollo para Apollymi, Tory e Acheron contaram a ela sobre seus cadernos de desenhos. Sobre o quanto ele esteve torturado e miserável todos estes séculos sem ela. Ela não tinha ideia de como ele podia ter mantido sua fé e fidelidade. Como conseguiu encontrar força para continuar e sobreviver. Mas estava tão contente que ele conseguiu. Por outro lado, seu Styxx nunca foi um covarde. Ele era, e sempre seria, um herói guerreiro inabalável. Imperfeitamente perfeito. O guardião do seu coração. Querendo agradá-lo, ela se moveu para escarranchar em seus quadris.

Styxx inspirou fundo bruscamente ao sentir o corpo suave contra o seu. Ele tremeu perante a única coisa que esteve mais desesperado. E ainda assim, não podia acreditar que ela estava realmente aqui em seus braços. Ela afundou as mãos no cabelo dele e deu-lhe um beijo que fez

seu ser inteiro queimar. E quando arrastou uma mão por seu peito abaixo até o botão de sua calça jeans, ele pensou que morreria da necessidade de sentir as mãos dela em sua pele nua.

Puxando para trás e deslizando ao seu lado, Bethany fez uma careta quando puxou sua braguilha.

— O que é esta coisa?

Ele riu.

— Zíper.

— O que é um zíper?

Ele sorriu, lembrando-se do quanto esteve confuso quando Dionísio o levou pela primeira vez a Nova Orleans.

— Segura as roupas no corpo. — Ele desatou as botas e deixou-as cair ao chão, então mostrou a ela como trabalhar o zíper e o botão em sua calça jeans.

— Sinto falta de sua túnica. Era de fácil acesso. — Ela empurrou sua calça jeans para baixo até que ele ficou exposto à sua mão questionadora.

Sua respiração ficou áspera. Styxx fez o melhor que podia para pensar em qualquer outra coisa que não fosse nela o tocando. Mas quando ela passou a mão para baixo pelo comprimento de seu pênis e o cavou, ele perdeu a batalha em um piscar de olhos. Contra sua vontade, ele gozou em um ofuscante doce momento de pura felicidade.

Seu corpo ainda estava estremeando quando ele enterrou sua cabeça debaixo dos travesseiros e gemeu em absoluta agonia e constrangimento. Ele estava certo. Não só não fez isto dentro dela, como nem conseguiu chegar perto.

— Eu sou desprezível!

Ela continuou a acariciá-lo e provocá-lo quando puxou o travesseiro do rosto dele.

— Não, Styxx. Você não é. Não duvidei de você, mas isso me mostra o quanto me ama, e o fato que foi tão fiel quanto me prometeu que seria. — Enrugando o nariz de brincadeira, ela sorriu para ele. — Além disso, conheço você. Vai passar as próximas vinte e quatro horas mais do que compensando isto. Você não é nada além de um perfeccionista.

Ele estendeu a mão para brincar com uma mecha do seu cabelo.

— Eu sou este, Beth, mas só para você. — Então ele puxou sua túnica e a rolou para cima para que pudesse saborear a visão dela nua em sua cama. Seu coração batia com força à medida que a indecisão de por onde começar o paralisou. Queria devorá-la.

Então começou com seus lábios, logo foi baixando para seus seios.

Bethany embalou sua cabeça contra ela quando ele meticulosamente ia saboreando cada polegada dela enquanto seus dedos acariciavam e exploravam, e aumentavam a necessidade dolorida que ela tinha por ele. E quando sua boca substituiu os dedos no centro do seu corpo, ela gritou em êxtase.

Ele deu uma risada profunda que saiu do fundo de sua garganta.

— É isso aí, Beth. Goze para mim. Preciso te provar.

Aquelas palavras a enviaram acima da borda. Jogando a cabeça para trás, ela gritou quando o prazer a rasgou e seu corpo se contraiu com puro êxtase rítmico. E mesmo assim ele mordiscou e provocou até que arrancou cada última gota de orgasmo dela.

Então lentamente mordiscou seu caminho de volta para seus lábios. Ele se ergueu em seus braços para olhar fixamente para ela enquanto seu longo corpo duro se acomodava entre suas pernas.

Bethany emoldurou seu rosto em suas mãos quando sentiu seu pau já endurecendo contra seu estômago.

— Olha, eu sabia que você estaria de volta aos negócios.

Sorrindo, ele beijou seus lábios, a seguir deslizou para dentro dela. Eles gemeram em uníssono quando ela embrulhou seu corpo ao redor dele enquanto ele começava a empurrar contra seu quadril.

— Senti tanto a sua falta. — Ele respirou em sua orelha. — E não só disso. Eu podia me afogar em seu cheiro e calor.

— Eu sou sua para sempre. Literalmente.

— E eu sou eternamente seu.

Desta vez, Styxx sabia que nada poderia separá-los novamente. E se alguém ou qualquer coisa fosse burra o suficiente para tentar, eles aprenderiam a lição que ele deu tanto à Archon quanto à Apollo. Styxx de Didymos lutava por aquilo que queria. Ele não voltava atrás. Não desistia. Não perdia.

Mesmo quando isso significava voltar dos mortos. Ele não seria detido e nunca mais viveria sem sua parte mais vital.

Bethany.

28 de dezembro de 2012 d.C.

Azura entrou no escritório de Noir sem bater, encontrando-o no meio de uma penetração em uma de suas servas.

— Guarde isto, amor. Tenho negócios para discutir.

Noir rosnou pela sua intrusão.

— O que é tão importante que...

— Rezar retornou.

Ele empurrou a mulher para fora do seu colo e meteu apressadamente o pau de volta nas calças.

— O quê?

Ela acenou com a cabeça e observou enquanto a serva fazia uma saída rápida. Cruzando os braços no peito, ela enfrentou seu irmão.

— E Bathymaas se reuniu com Aricles.

— Então a profecia é verdade...

— É o que parece. — Azura enrugou seu nariz para ele. — Neste exato momento, Escuridão está cobrindo a Luz.

— Como sabe tudo isso?

— Nosso escravo fez um relatório.

Noir considerou isto.

— Ele já encontrou Braith?

— Não. Ele ainda está procurando. Mas com Bathymaas livre...

O Malachai não estaria muito atrás. O equilíbrio sempre deve ser mantido.

E eles estavam para deixar cair o próprio inferno sobre os desprevenidos humanos...

Noir não podia esperar.

09 de fevereiro de 2013 d.C.

Acheron estava esperando que seu irmão o encontrasse, portanto quando a porta do seu quarto abriu, ficou surpreso ao encontrar o antigo deus do sonho, Arik, ali. Já que Arik era o marido da prima de Tory, Geary, não era incomum para ele visitar.

— Tory não está em casa. Foi fazer compras de roupas de bebê com Bethany.

— Não estou aqui para ver Tory. Queria te perguntar uma coisa.

Ash puxou o cobertor para cima de Bas que estava no meio de seu cochilo da tarde.

— Claro. O que você precisa?

— Quantos anos tinha Tory quando seu pai morreu?

Essa era uma pergunta estranha.

— Dez.

Arik balançou sua cabeça em negação.

— Quando conheci Tory pela primeira vez em 1996, Geary me disse que ela tinha seis anos quando seu pai morreu.

Ele franziu o cenho para aquilo.

— Eu tenho fotos dela com seu pai nos seus aniversários até seus dez anos. Você deve estar enganado.

— Não. Não estou. Até Geary agora tem lembranças dele estando com Tory mais tempo do que isso... e temos retratos que nunca existiram até recentemente.

Ash xingou ante o significado do que Arik estava dizendo a ele.

— Quem está mexendo com a sequência do tempo?

— Eu não sei. Mas já que está afetando a pessoa mais próxima e mais querida do seu coração...

O mais provável é que envolvesse Acheron de alguma maneira. Ele estremeceu de apreensão.

— Então seja o que for que foi alterado tinha que ter ocorrido entre 1996 quando você a conheceu e 2008 quando eu a encontrei.

Arik assentiu.

— Estou pensando que esta brecha de tempo, mais do que o alinhamento cósmico em dezembro, é o que desatou Tiva e Zev. — Tiva era a deusa original do final dos tempos e seu irmão Zev era o próprio tempo.

Caos e Ordem...

Ash quis amaldiçoar.

— Eu vi Tiva em dezembro. Ela estava atrás da Pedra do Tempo.

— Onde a pedra está agora?

— A salvo. De volta nas mãos de seu guardião. — Nem Kateri nem Ren permitiriam que nada acontecesse com ela. E Ren sabia que era melhor não deixar Tiva perto da Pedra.

— Fico feliz em ouvir isto. Mas com Ordem e Caos soltos...

E não apenas Zev e Tiva. Set e Bethany eram também Ordem e Caos. E estavam soltos agora também.

É... isto estava parecendo ruim.

— Alguma coisa está vindo, Acheron. E não sei o que é.

— Nem eu. Mas pelo menos estamos prevenidos sobre isto. Vamos ver se podemos achar outras brechas e flutuações. Talvez possamos desfazer o que foi feito.

Arik assentiu.

— Informarei o que eu descobrir.

— E eu farei o mesmo.

Assim que Arik partiu, Ash virou para observar seu filho dormindo enquanto o medo impregnava cada parte de seu ser. Nada bom acontecia quando algo ou alguém mexia com o tempo. Embora Artemisa tinha seus momentos de profunda loucura, ela não se atreveria a mexer com isso.

Talvez um dos Were Hunters...

Ou algo muito mais mortal.

O que ou quem quer que fosse, Acheron os encontraria e os faria pagar por isto. Acima de tudo, ele os impediria antes que eles liberassem o mal que nada poderia derrotar.

21 de setembro de 2013 d.C.

— Olhe para eles, Apollymi. Você já viu algo mais patético que dois guerreiros imortais crescidos tão apavorados com algo tão pequeno? Eu nem sei quem está mais nervoso com o nascimento... o pai ou o tio.

Em sua forma de sombra em Katateros, Apollymi não podia concordar mais com Ma'at enquanto observavam Styxx e Apostolos juntarem lascas de gelo.

— Nós deveríamos fazê-los ferver água?

Athena riu.

— Talvez seja minha presença que eles achem mais inquietante. Afinal, da última vez que participei de um nascimento foi o deles e... Bem, felizmente este vai sair muito melhor. Eu acho.

Styxx alfinetou as três deusas com uma cara bem feia.

— Sabem que nós podemos ouvir vocês, certo?

Athena riu.

— Claro que sim, amor. Não seria tão divertido se você não pudesse.

— Styxx! — Acheron vociferou. — Venha aqui. Agora!

Ignorando as deusas, Styxx correu para Bethany com o gelo.

— Estou bem aqui, Beth.

Deitada em sua cama no seu templo, ela tomou sua mão e a apertou enquanto gritava de dor. Styxx estava tremendo de medo enquanto Simi segurava uma luva de baseball à espera do nascimento do seu filho.

Artemisa revirou os olhos para Simi enquanto fazia um gesto com a mão para Ma'at assumir o comando do processo de nascimento.

— Ele está quase aqui. Tenho certeza que você quer entregar este aqui.

Tory enxugou a sobrancelha de Bethany.

— Respire, doçura. Só mais alguns minutos.

Acheron estalou a língua fazendo um tsc.

— Estou com tanta inveja, Styxx. É neste momento que Tory normalmente começa a gritar de raiva das Fúrias por me castrar.

Tory passou um olhar pelo seu marido que dizia que ele passaria a noite no sofá.

Bethany riu, a seguir gemeu.

— Mais um empurrão, filha. — Ma'at disse.

Fechando os olhos, ela obedeceu.

Feliz e apavorado além do que se possa imaginar, Styxx prendeu a respiração quando seu filho entrou no mundo. Ele não respirou novamente até que ouviu o grito saudável do menino. Tremendo tanto quanto Bethany, ele apertou sua bochecha na dela. Ambos estavam rindo através das lágrimas.

Finalmente eles conseguiram...

Antes mesmo de limpar o bebê, Ma'at envolveu-o em um cobertor azul claro e o entregou para sua mãe.

— Eu sei que não devo fazer vocês dois esperarem nem mais um minuto para segurar seu bebê.

Ele era a coisa mais linda que Styxx já tinha visto. Perfeito e adorável, ele tinha um tufo de cabelos negros como sua mãe e um par de olhos dourados. Styxx colocou uma mão trêmula sobre seu filho enquanto beijava a bochecha de Bethany.

— Como nós vamos chamá-lo?

Por causa do que tinha acontecido com Urian, eles foram muito supersticiosos desta vez para dar nome ao bebê antes de ele chegar.

Ela deitou a mão suavemente no maxilar do Styxx.

— Aricles Galen?

Ele hesitou quando uma onda de medo passou por ele.

— Será que vai trazer má sorte?

Athena estalou a língua fazendo tsc para eles.

— Não desta vez, querido. Ele deixará seus xarás orgulhosos.

Uma batida forte soou na porta.

— Este é o meu mais novo neto que ouço?

Eles riram da voz impaciente de Set. Ele ficou tão abalado durante o trabalho de parto de Bethany que Ma'at baniu ele, Maahes e Urian do quarto.

Abrindo a porta, Athena deixou Set entrar. Ele atravessou o quarto riscando para se certificar que Bethany e a criança estavam bem.

Set beijou a bochecha de Bethany então arrulhou para seu neto.

— Tem uma sala cheia de seres que querem conhecer este rapazinho. Inclusive sua outra tia e tio, primos, e irmão mais velho.

Ma'at riu.

— Deixe-me limpar e vestir o pequeno Ari então pode começar a mimá-lo muito.

Nenhum deles queria soltar o seu filho, mas sabiam que Ma'at estava certa. Mais cedo ou mais tarde, eles teriam que deixar outra pessoa segurá-lo. Styxx deu um passo atrás para que Ma'at pudesse recuperar Ari.

Styxx cobriu Bethany com um cobertor.

— O que posso fazer por você?

Seu sorriso o deslumbrou.

— Nada. Só não deixe Ari fora de sua vista.

Ele riu.

— Não se preocupe. — Ele inclinou sua cabeça para Simi que estava microgerenciando cada passo do processo de banho e deixando Ma'at maluca. — Desta vez ele tem sua própria mamãe galinha demônio que comerá qualquer um ou qualquer coisa que se aproximar dele.

Soteria a beijou na bochecha também.

— Nós deixaremos você descansar, mas se precisar de qualquer coisa, avise-nos.

Acheron deu um leve aperto na mão de Bethany então abraçou Styxx.

— Parabéns, irmão. Não posso esperar para ver Theron e Bas brincarem com ele.

Nem Styxx. O filho de Acheron, Theron, nasceu em maio passado. Apenas quatro meses os separavam, seus meninos seriam mais como gêmeos do que primos.

E seus filhos todos teriam a infância cheia de mimos que ele e Acheron deveriam ter tido.

Assim que Ari foi limpo e vestido com um suéter de algodão branco, Ma'at o devolveu a eles.

Com seu coração estourando de emoções que ela não podia nomear, Bethany sufocou. E seu olhar nadou com a visão de seu bebê perfeito e saudável quando ele olhou fixamente para seus pais.

— Nós finalmente conseguiremos criar nosso filho.

Styx devolveu seu sorriso.

— Coitadinho. Nós dois vamos sufocá-lo.

Ela riu.

— Absolutamente. Faremos Acheron e Tory parecerem negligentes. — Ela beijou o topo da cabeça do seu filho então o estendeu para Styx. — É melhor você dar uma volta com ele.

Mais petrificado do que já esteve antes, Styx hesitou.

— Eu não sei nada sobre isso. Ele é terrivelmente minúsculo.

Ela fez um tsc para o seu medo.

— Você precisa aprender a segurá-lo em algum momento.

— Prefiro enfrentar um exército de deuses com nada além de uma faca e minhas mãos nuas. — Mas ela estava certa e ele sabia disso. Respirando fundo para arrumar coragem, Styx permitiu que ela colocasse seu filho em seus braços.

— Olha, você não o quebrou.

Intimidado e espantado, Styx olhou fixamente para seu filho minúsculo e precioso. Nunca em toda sua longa vida ele teve uma visão mais incrível que seu menino em seus próprios braços.

— Deseje-me sorte.

Bethany o beijou, então permitiu que Ma'at o puxasse para fora do quarto para exibir seu filho. No instante que eles abriram a porta, Skylos latiu todo feliz e passou correndo por Styx para pular na cama e tomar seu lugar habitual ao lado de Bethany. Rindo, ela deu um tapinha na cabeça dele. Ele a lambeu duas vezes então se acomodou para dormir.

Athena ficou para trás para ficar com ela.

— Como você está indo?

— Eu nunca estive mais feliz... ou mais assustada.

Ela riu.

— Isto se chama vida.

Não, Bethany pensou enquanto via seu marido através da porta aberta sorrindo orgulhosamente com os dois filhos. Era chamado amor. A coisa mais difícil no mundo de encontrar e manter, mas a única coisa que fazia o pior inferno que se possa imaginar ser tolerável. Mais que

esperança, era verdadeiramente a luz que guiava os perdidos para segurança e os mantinha sãos no meio do completo caos.

E ela nunca mais escolheria qualquer obrigação acima de seus filhos e marido. Eles eram sua família, e só por eles, ela mataria ou morreria. As coisas neste mundo não tinham importância. Só as pessoas. E este era o modo como a vida deveria ser sempre.

Para sempre.

* * *